

um  
Diário  
das Ruas

(completo)

2015-2018

Gavin Adams

## **Um Diário das Ruas 2015-2018 (completo)**

**Escrito ao longo de 2017 e ilustrado por Gavin Adams em novembro de 2018**

### **Licença Creative Commons:**

Reprodução e distribuição permitidas com citação

Uso comercial vetado

### **Créditos das imagens fotográficas utilizadas nas colagens:**

Alice Vergueiro

Marcos Muzi

**Um Diário das Ruas**

**2015 - 2018**

**(completo)**

**Gavin Adams**







A leitora presente está certamente no **FUTURO** em relação ao volume que tem em mãos. Hoje, dezembro de 2018, tememos pelo porvir, e espero que o seu agora não seja catastrófico. Sabemos que tudo passará e vai ter vida e vai ter **BRECHA**, e, não fosse o sangue, a promessa é que o Brasil seguirá o libreto jeca de uma bufa ópera rock cíbertropical afrofuturista.

Quis fechar e reunir em um único volume PDF todos os Diários passados, para então poder iniciar um outro tipo de registro **SENSIVEL** neste próximo ano de 2019.

O presente livro agrega os 3 volumes previamente lançados: os Diários de 2015-2016, 2017 e 2018 (até o 2o Turno). Assim, são três anos de anotações quase diárias acerca da atividade política de rua e institucional (2015-2018). Mantive os formatos originais tais quais, com suas capas e tudo. Adicionei ao presente volume completo esta apresentação, um quadro analítico estatístico e uma **NOVA IMAGEM** de capa.

Ao perceber o grande volume de páginas resultantes, e guiado pela minha própria prática ao lidar com tamanha quantidade de informação, pensei que poderia convidar a leitora a usar este volume como uma **BASE DE DADOS**. Com a **FERRAMENTA** de busca usual do formato PDF é possível ler o texto transversalmente, buscando efemérides, palavras-chave, lugares, pessoas e eventos. Poupa-se, assim, o esforço de ler tudo do começo ao fim e inauguram-se novas **APROXIMAÇÕES**.

Aqui está, então, o **ENTULHO** de qualidade que foi possível produzir a partir de meu lugar.





## QUADRO ESTATÍSTICO ANALÍTICO

Apresento aqui algumas estatísticas de **INCIDÊNCIA** de termos nos diários de 2015 a 2018. Julguei que seria interessante adiantar algumas tendências da narrativa desenvolvida desde dezembro de 2015.

Ao preparar o texto total do Diário das Ruas 2015-2018, ficou claro de pronto

que **NINGUÉM** leria todo o texto do começo ao fim, mais de 1.000 páginas. Pelo menos não no presente. Talvez um futuro pesquisador alucinado ou

um dedicado **ARQUEÓLOGO** do porvir, dispostos a peneirar o entulho de qualidade que espero ter produzido.

Assim, adiantei parte da atividade

de **FILTRAGEM** e enquadrei alguns padrões de incidência.



É muito importante colocar de início um aviso: os números apresentados se referem à incidência de termos no texto, e não de eventos no **REAL**. Assim, a alta ocorrência do termo “**MANIFESTAÇÃO**” - 694 – não indica que ocorreram 694 encontros políticos públicos. Significa que discuti ou apresentei o fenômeno da manifestação tantas tais vezes. Mesmo assim, o **CONTRASTE** deste termo com outros como “filme” ou “concerto” ou “luau” provavelmente indica que o então presente me proporcionou ocupar-me mais de eventos públicos na rua do que eventos de arte.

Assim, temos que lidar com o fato de que o ódio venceu estatisticamente o amor.

Tenho carinho por alguns resultados estatísticos **INESPERADOS**. Que “sonho” seja mais muito mencionado que “pesadelo” (63-6) me dá certo alento no sentido de indicar que a narrativa, apesar de tudo, não está descolada do espírito que a escreveu.

**SONHO** **63**  
**PESADELO** **6**

Ao final, o texto lido tanto como um **ROMANCE** quanto como uma **BASE DE DADOS**, será sobre o narrador em seu presente. No futuro, próximo ou distante, as duas coisas – os reais e suas narrativas – poderão vir a grudar, o que será lastimável em termos da complexidade do **AGORA**, mas uma dádiva em termos da hermenêutica possível do passado no **FUTURO**.



É inútil tentar esconder que a apresentação de resultados estatísticos busca

também **EROTIZAR** o texto para o leitor contemporâneo. Sabemos que parte da diversão de engajar com arquivos textuais está na busca pueril de

termos **ESCATOLÓGICOS**, sei lá, do tipo “**PEIDO**”, “buceta” e “caralho”.

Atesto que há no presente Diário recompensas para a curiosidade deste naipe, mas também

para outras **CURIOSIDADES**, que construirão um tecido todo particular para o

pesquisador que engajar as seus próprios **DESEJOS** semânticos.

**SEXO**<sup>26</sup>  
**SEXO ORAL**<sup>6</sup>  
**SEXO ANAL**<sup>3</sup>  
**SURUBA**<sup>2</sup>

Enfim, a despeito do título algo **ENGANOSO**, apresento nas páginas seguintes alguns resultados estatísticos, reduzindo a análise ao mínimo. Isto é, ficará claro de pronto o **VIÉS** de certos binômios de busca: “nova esquerda” x “velha esquerda”, “petralha” x “coxinha” etc. Mas não

escrevi texto separado com as **CONCLUSÕES** obtidas de tais buscas.

Assim, convido a leitora a se aproximar do trabalho tanto como **TEXTO**/romance quanto como **ARQUIVO**/base de dados. Em ambos os casos, quiçá, surpreendentes resultados sensíveis e/ou rigorosos estarão disponíveis à interatora dedicada.

128

70

**AMOR** **ÓDIO**

(AMOROSX NAMORO NAMORADX) (ODIOSO ODIENTO)

(GAY, LÉSBICX, TRANS, VIADO)

**LGBT**

150

**DEUS**

136

(JESUS, EVANGÉLICX, CRISTÁX, CATOLICX)

79 LARGO DA BATATA  
193 CONSOLAÇÃO  
212 SE  
283 MASP  
370 PAULISTA



ZONA LESTE 8  
ZONA OESTE 5  
ZONA SUL 3  
ZONA NORTE 1

**CENTRO**<sup>223</sup>  
**PERIFERIA**<sup>64</sup>  
(PERIFÉRICX, QUEBRADA)



384 FORA  
TEMER!

30 ELE NÃO!  
9 FORA PT!  
6 FORA DILMA!



**DIREITA**<sub>430</sub>  
**ESQUERDA**<sub>948</sub>

**VERMELHX**<sup>249</sup>  
**VERDEAMARELX** 47

**COXINHA**<sup>325</sup>  
**PETRALHA**<sup>234</sup>  
(PETISTA)

**"NOVA  
ESQUERDA"**  
**28**      **12"VELHA  
ESQUERDA"**



RACISX<sub>35</sub>  
NEGRX<sub>266</sub>

496  
100  
10  
MINAX  
FEMINIX  
MULHERX  
HOMEX 367  
MACHISMIX 31  
MASCULINX 11  
MACHO 5

1265 PPM  
200 MPL  
19 P2 (MOVIMENTO PASSE LIVRE)  
(POLICIA MILITAR, POLICIAL)

203  
138

**SECUNDA**  
**ALCKMIN**  
(GOVERNADOR)

**(SECUNDARISTA)**





CERVEJEJA 44

MACONHA 36

SELETA 17

DREHER 15

CACHACA 15

BOAZINHA 6







UN  
**DIÁRIO**  
das  
**RUAS**  
2015 • 2016

Gavin Adams





Um Diário das Ruas

2015 - 2016

Gavin Adams

São Paulo 2018

## **Um Diário da Ruas 2015-2016**

Escrito, editado e ilustrado por Gavin Adams em São Paulo, 2018.

Crédito de fotografias usadas nas colagens:

Alice Vergueiro

Henrique Parra

Marcos Muzi







*E em tentado me achar, nem sempre] entendendo  
tudo, Eu também fui os meus o bla do ple. E ja' não  
você procurar o ele, mas quem me dá apoio,  
quem é amigo. fui  
re opido, amigo não  
Drai, não dia quem  
em...*

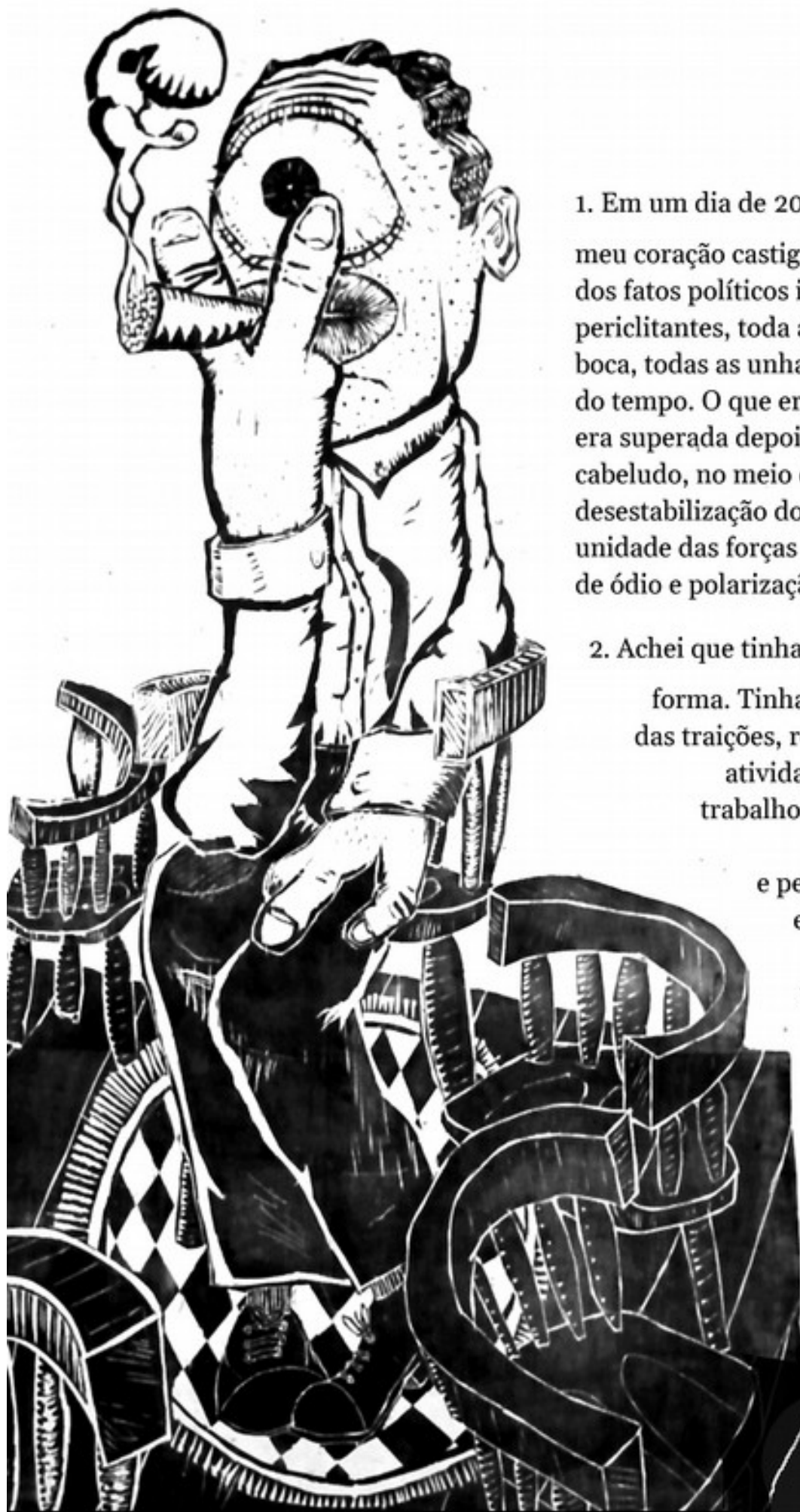


## história aos pedaços

Henrique Parra

Gavin tem realizado um rigoroso trabalho de observação, registro, coleta e interpretação de diversas manifestações de rua que vêm ocorrendo desde o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Seus relatos são documentos preciosos sobre o atual momento histórico; uma observação fina no nível da rua, olhar de formiga construindo análises a partir de fragmentos. Na melhor tradição etnográfica ativista e num esforço benjaminiano, Gavin vai recolhendo tudo, como que tentando antecipar o pior porvir, deixando assim um rastro para o aprendizado de futuros intérpretes sobre nossa catástrofe

## TIPO UM PREFÁCIO



1. Em um dia de 2015, percebi que as memórias daquele meu coração castigado pelo fluxo **VERTIGINOSO** dos fatos políticos iam se perder. Todas crises periclitantes, toda a ansiedade vivida com o coração na boca, todas as unhas roídas, tudo ia se esfumar no curso do tempo. O que era uma bomba decisiva numa semana era superada depois por outro escândalo ainda mais cabeludo, no meio da forte movimentação de desestabilização do governo Dilma, num contexto de unidade das forças que que-riam destituí-la. O clima era de ódio e polarização.

2. Achei que tinha que registrar tudo aquilo de alguma forma. Tinha a **RUA** e tinha novos atores, além das traições, reviravoltas, valentias e hesitações da atividade política mais institucional. Mas o trabalho de registro dos fatos políticos já era feito por jornalistas, analistas e pesquisadores. Achei que o que faltava era um relato a partir da rua, dos rés do chão. Já havia quem fizesse vídeos de dentro das manifestações, alguns muito bons. Mas achei que mais um vídeo-testemunho adicionaria muito pouco à massa audiovisual (quem é que vai assistir tudo isso?), especialmente na chave militante faccional, e então busquei a forma escrita/diário, meio arcaica, talvez, **INSUFICIENTE**, certamente.





3.

Depois de **2013**, ficou claro que certos acontecimentos políticos escapam ao radar da imprensa ou da academia, e que, quem ficou no gabinete, não entendeu nada. Igualmente, percebendo que as interpretações e avaliações acerca de 2013 ainda estão em disputa e que os documentos acabam por dominar a formação dos vereditos, achei que seria assim com o golpe também. Por isso desgosto de artistas que geram documentos da luta a partir de formatos gerenciais.

Em outras palavras, uma tarefa urgente do presente é gerar **ENTULHO DE QUALIDADE** para os futuros, que, através de seus arqueólogos (na real já presentes entre nós), peneirem o lixo e se apropriem de nós. Os novos incipientes caros ao futuro poderão estar aqui, prefigurações ou vislumbres do que virá ser o passado para elas, ainda que provavelmente venha a ser muito pouco muito tarde.

A polarização política e discursiva do país, por outro lado, não deixava certas nuances aparecerem no embate público de idéias. Principalmente, a própria esquerda está dividida sobre a avaliação do governo do PT e dos passos a seguir. O ruim da crise institucional era ver uma discussão importante, cheia de nuances, ser chapada pelo **FLAXFLU** do golpe/governo. Assim, decidi registrar meu entorno e mapear, como fosse pessoalmente possível, as discussões e movimentações públicas do momento, que de alguma forma refletiriam o que não iria achar domicílio nos registros hegemônicos. Encontrar os corpos, talvez conscientemente, fora do Facebook e das redes. Ali onde a polícia bate e onde nos sentimos expostos e frágeis, mas também potentes em expansão no asfalto público. Eu não era insider de nenhum grupo, então não busquei privilegiar intrigas sectárias ou informação privilegiada que desse “a real” ou a totalidade da luta política. Busquei assumir as limitações do relato tipo diário.





4. Seria maravilhoso reler este diário no futuro e encontrar nele graça literária, *insight* histórico e aporte filosófico, à maneira benjaminiana. Seria lindo. Como no livro/guia *Le Diable a Paris*, ser um **DEMONÍACO** *flaneur*, a retratar a cidade e suas lutas.

Seria lindo se tipos e personagens do Brasil aparecessem aqui rascunhados de tal forma que não apenas uma sociologia das forças do golpe fora possível, mas também que uma nova forma de escrever emergisse disso tudo, condizente com as transições e fechamentos de ciclos que parecemos testemunhar agora. Talvez uma coleção de **FICHAS E CIFRAS**, talvez um *game*, talvez um hipertexto em abismo. Talvez. Seria lindo. Mas o que aqui temos, afinal, é apenas eu e muita repetição, algum trivial, as oportunidades

perdidas, as **OMISSÕES** e os vazios sem significado histórico, além de certa feiúra literária.

O que, paradoxalmente, acaba por compor um andaime afetivo e expressivo dos tempos que vivemos, mas de forma côncava e de viés, um **HOLDE SEM MATÉRIA**, específico a um mundo tal qual descrito, portanto passível de legibilidade limitada, mas real.

Assim: não encontrar-se-á (à maneira temeriana) aqui o dantesco cicerone, mas apenas um **DEMÔNIO MENOR**, de lume limitado.





Achei que ilustrar o **DIÁRIO** com

minha própria arte gráfica

seria um **CORRELATO** relevante com os diaristas que admirei.

Também: a ingenuidade das primeiras páginas que muda ao **LONGO DO** caminho.





5. Quis que o diário fosse a respeito da rua, de estar na rua num convulso histórico e testemunhar as manifestações públicas de idéias políticas manifestadas em corpos em movimento. Lembrei de outros diários e biografias, tais como a do anarquista Victor Serge, cuja vida incluiu participação na Revolução Russa de 1917. Ou ainda o diário de Restiff de la Breton, conhecido como “o

**CORUJA**”, ou ainda “o Voltaire da Sarjeta”, conforme apelido dado séculos depois pelo surrealista Andre Breton.

Ou mesmo testemunhos e diários de gente como Léon Werth na França e Victor Klemperer na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Ao contrário de Anne Frank, estes últimos puderam interagir mais intensamente com a vida fora de suas casas e anotar, em seus diários, o desenrolar do conflito global tal como se apresentava no cotidiano de seus locais. Admirei Klemperer em particular, pois ele cuidadosamente anotou como a língua alemã se transformava sob o nazismo, registrando quais novas palavras tinha ouvido de qual boca, numa espécie de lexicografia social do fascismo. Já o tipógrafo e literato Restiff de la Breton, que tinha por nêmesis o seu contemporâneo o Marquês de Sade, trabalhava em sua oficina tipográfica de dia, e, de noite, percorria as ruas da Paris então em plena ebulição revolucionária. Ele encontrava pessoas da rua, da luta, da noite, testemunhava crimes e amores, frequentava a nobreza e os esgotos... Acabou por perfazer uma história incompleta, libertina, individual, **FRAGMENTADA**

**E SAFADA** da Revolução Francesa. Como escritor, adicionou ao seu testemunho histórico narrativas de seu próprio punho, como a dos sete irmãos que se apaixonam por sete irmãs da mesma família.

É claro que o que resultou de minhas caminhadas pela São Paulo do golpe será desapontadoramente muito menos.



Mas a sonzago é de uma extrema vertigem  
que se realiza em  
explode e se f  
sigão dos ant. li.  
explosiva Mas a son  
UNS ~~plode~~ plode  
QUE A exigão, plo.  
da NOR ~~plode~~ plode  
VREM ~~plode~~ plode  
ESTA ~~plode~~ plode  
e SIM ~~plode~~ plode  
Mas ~~plode~~ plode  
acred ~~plode~~ plode  
que o evento  
se ~~plode~~ plode  
o impedimento  
das ~~plode~~ plode  
PARA ~~plode~~ plode  
INSTITUCIONA  
Sim, ~~plode~~ plode  
a ~~plode~~ plode  
o ~~plode~~ plode



ARRROS

3JE  
DEE

52  
TA

LO  
FOR  
EM  
NAO VAI

6. Tranquilei-me acerca de não conseguir realizar um artigo, uma pesquisa ou livro analítico sobre o **PRESENTE** momento político. Mas literalmente ninguém está, agora, conseguindo realizar análises totalizantes ou plenamente satisfatórias. E escrevi então estes relatos, que eu enviava para as pessoas por e-mail, por um tempo, então uma lista de ao redor 100 pessoas, como cartões postais de algum Brasis, paralelos mas distantes. Quem buscar um entendimento dos loucos anos do Golpe, aqui achará um testemunho realizado pela omissão, hesitação, perda, covardia e cegueira, **QUICA** parcialmente compensados pela persistência de ir pessoalmente a todos os atos políticos possíveis em São Paulo.



Talvez



a formulação mais geral que inspirou este diário foi a percepção de que um longo ciclo se fecha na esquerda, e que a parceria neoliberalismo/socialdemocracia desmorona globalmente. A renovação e criação de novas formas a partir de novos atores hoje é evidente, **HA EFERVESCÊNCIA** crítica e criativa (dificultada pelo estado de sítio ao Partido dos Trabalhadores, o que impede uma avaliação mais serena de seus erros), mas talvez aqui neste texto apenas poucas evidências estejam disponíveis.

Se a leitora encontrar aqui farta documentação de tal transição do campo popular, será um sinal claro de que **ALGUM CATACLISMO** aconteceu e este nos separa, você de mim, restando a ti apenas umas poucas sombras dos nossos hojes, disponíveis aí para teus dias, famintos de devires passados.

Em **SETEMBRO** de 2018, eu ainda não sei em que ponto terminar este relato/diário. Espero e hesito.

**PARECE QUE O FIM NÃO ACABA NUNCA.**





UMS DIZEM QUE ESTE É O MONDO REAL

[ Ao editar este diário (em 2018), excluí ]  
[ passagens e também fiz inserções entre ]  
[ colchetes para facilitar a compreensão ]  
[ do leitor do futuro. Mas resisti alterar ]  
[ o texto onde existem o que hoje são ]  
[ claros erros analíticos. No geral, ]  
[ evitei mudanças que me colocassem ]  
[ melhor na fita, o que preservará certos ]  
[ **RIDÍCULOS**. Tentei corrigir ]  
[ equívocos factuais, mas os erros ]  
[ abundarão mesmo assim. Paciência. ]



dezembro

2015



**NÃO VAI TER GOLPE!**

...imentações do golpe já em andamento, velocidade  
...nosa de fatos jornalísticos e manobra  
...de ódio a

**Secundaristas**

**ATO dos 100 mil**

**manifestação do MBL**

**ATO PRO-DILMA**



## **9 de dezembro 2015 – Secundaristas vitoriosos contra o governador Alckmin**

Estive no ato dos estudantes secundaristas contra a reorganização da educação no estado. *[Estes vinham de recente vitória contra o governador Alckmin, que teve que retirar seu plano de reforma e fechamento de escolas. As ocupações foram o fenômeno mais interessante da política atual, indicando uma força transformadora não institucional que parecia superar os pobres dilemas da esquerda institucional].*

Encontrei a S ainda na Paulista e ela expressou alegria pela movimentação dos estudantes. De fato o ato estava muito belo, engrossou no caminho e estava cheio de secundaristas eles mesmos, sem lideranças de fora e com forte presença de autonomistas. Fiquei um pouco surpreendido com sua indiferença com a sorte de Dilma e do PT. “Intriga palaciana”, expressou. Este sentimento ecoou por outras bocas no correr deste fim de tarde, e me parece que os novos movimentos sociais não se sentem envolvidos na defesa do PT ou mesmo da institucionalidade. A crise institucional do governo não parece sensibilizar essa parte da esquerda que ganhou as ruas de São Paulo nesta quarta-feira. S citou a Lei do Antiterrorismo como um exemplo de como o partido se alienou das causas populares e arquitetou sua própria queda. A sensação geral nesses setores, equivocada ou não, é que o governo não conseguirá superar sua guinada à direita que deu na sua própria trajetória. O ajuste de cunho neoliberal contribui para tornar Dilma indefensável para as forças na esquerda que sentem que estão se reconhecendo nas ruas e se organizando de maneira eficaz fora dos formatos vanguardistas, fora dos formatos partidários. Eles não lamentarão a morte da esquerda institucional, não tentarão salvar o acordão social-democrata que parece redundar em perdas para o movimento social.

Já os petistas, ausentes da manifestação, apontam para os perigos da aventura legal que representa o impeachment, para o perigoso precedente aberto pelas forças reacionárias. Para eles, está ardentemente claro que a própria idéia de eleição está sendo deslegitimada, e que pelo menos parte do processo de impedimento é um esforço de recuperação do poder por forças que não aceitam os princípios mínimos do jogo político democrático. Um enfraquecimento das instituições democráticas, por imperfeitas que sejam, é o custo por demais alto do impeachment. Os petistas



entendem assim que esse processo afeta toda a esquerda e forças populares, e eles têm dificuldade em aceitar que parte destas se lhe são refratárias nesse momento.

Agudamente contundente está para o PT que não se trata apenas de alternância de poder, de substituição de projetos na governança do país. Está claro que está em andamento a destruição do PT e de suas lideranças. A seletividade da Lava Jato é escancarada e se limita a atingir petistas e sua base aliada. “Um a um, os líderes do meu partido estão sendo abatidas”, expressou M, petista. A prisão de Lula é um fantasma que se recusa a dormir. Os perigos de um cenário de exceção legal e de desaparecimento de uma frente partidária de esquerda são por demais periclitantes. Por mais inconstante que a relação seja, o movimento popular, a esquerda não-social-democrata e um partido como o PT necessitam-se mutuamente, avaliam os petistas. Pelo menos um partido de esquerda forte é necessário no parlamento, para o bem do campo popular, seja na oposição ou governo. Sem representação parlamentar e institucional, estaríamos à mercê de forças reacionárias que os liberais dessa frente de oposição ao governo não terão condições de segurar.

Os petistas nutrem assim pouco entusiasmo por aquilo que muitos no campo dos novos movimentos horizontais vêem como superação dos modos hierárquicos e vanguardistas e o futuro das lutas sociais. A crítica da representação política é válida, parecem dizer, mas não assim e não agora. Apontam a Primavera Árabe como exemplo da imaturidade dos novos movimentos sociais, que acabariam por redundar em situações ainda piores. Ou ainda o caso espanhol, em que as movimentações dos Indignados rodaram em falso, viabilizaram a vitória da direita e acabaram por redundar na formação de um partido (o Podemos), o que equivale a dizer que buscaram fundar um partido como o PT, ou pelo menos como o PT já foi. Assim, mesmo aceitando que há uma crise geral do formato representativo, é difícil para eles entender por que é só o PT que está a desmoronar. A crise da representação não parece ter destruído os partidos à direita do PT, apontam.

“Por quê a greve dos professores foi derrotada mas as ocupações dos estudantes foram vitoriosas?”

Tenho perguntado isso a várias pessoas. “Ah, por causa da Bebel da APEOSP”, respondeu um professor em conversa noturna na frente da escola Fidelino em Santa

Cecília. “Os sindicatos não dão conta do recado e estão na mão da mesma liderança faz tempo”, conclui. “Legitimidade”, afirma P, ao caminharmos no viaduto sobre a praça 14 Bis durante a manifestação. “A APEOSP está na mão do PT, e os estudantes lograram uma legitimidade que os partidos não conseguem”, completa. A avaliação aqui é de que a própria política partidária está em crise, que o protagonismo social evoluiu para outros atores em novos formatos.

É notável o arco de apoios que o movimento dos estudantes conseguiu: pais, professores, vizinhos, juízes e advogados. A vitória foi incrível, um recuo público de um governador preparando sua candidatura à presidência. No mínimo o adiamento de um processo de privatização do ensino, prenunciado na privatização das prisões estaduais agora em curso.

O formato ocupação talvez tenha sido um elemento crucial, um que difere radicalmente dos formatos preferidos pelos sindicatos, e que poucos professores ousariam realizar. Talvez tenha sido fundamental que a ocupação arquiteta fóruns ao invés de aparelhos. A escola ocupada como ágora ativa na auto-organização e condução do movimento me parece um elemento importante exclusivo de formatos não-hierárquicos inacessíveis a estruturas vanguardistas. Aliadas às redes digitais, a ocupação como fórum pôde acolher forças múltiplas e se fortalecer na diferença.

A pergunta embute uma questão talvez mais ampla que é a do protagonismo social dentro da esquerda. Com o colapso do PT, ficam claros os limites da “esquerda tradicional”, ou “institucional”, e o problema do enfraquecimento das lutas do tipo laborais e classistas. Mas nada parece obviamente tomar seu lugar. Na verdade, os lugares eles mesmos parecem ter mudado, parece que há uma reorganização geral do campo político. O reconhecimento de que forças estão a atuar, de quais conformações são as mais efetivas, de quais horizontes estão a se desenhar é uma questão que preocupa atores políticos.

A julgar pelo contraste das lutas docente e discente no estado de São Paulo, o futuro parece estar nas novas lutas.

Um ato desse tipo me pareceu uma viagem: muitos meninos e meninas, gritar em passeata e descer a 9 de Julho por cima do viaduto da 14 Bis. intensificou no lusco-

fusco, quando o sol começou a se por. As luzes da cidade se acenderam, mas a luz natural ainda não se havia desfeito, e o cenário do devaneio era a cidade percorrida a pé no leito carroçável do carro, no viaduto, na faixa exclusiva. Depois, a exaustão do final, os corpos suando juntos, e as vozes. Descendo a avenida, o som se amplificava debaixo dos viadutos. Ali a multidão reconhecia sua própria voz e cantava novas palavras de ordem.

## **12 de dezembro – Conversa com petistas**

Fui à casa de M, a convite de L. Todos ainda em pânico, petistas históricos que são, apavorados com a evolução do clima político. Muita gritaria. Ela faz pesquisa de opinião e em geral sabe de tendências mais profundas e ocultas do eleitorado, mas desta vez ela não via horizonte democrático. Há um desânimo com o que pode ser o fim ignominioso do PT, sem apoio e alienado de suas próprias bases. Muito medo com as consequências de um tapetão tipo impeachment, um perigo para a república e um refluxo de talvez décadas em termos de formação de uma oposição de esquerda. Um consenso que cimentou a política desde 1988 parece estar se desfazendo. O esgotamento do projeto lulista parece deixar poucas alternativas a Dilma ou ao partido. Há muito em jogo para esquerda em geral, já que se o impedimento se confirmar, fica claro que nem mesmo um projeto social-democrata de redistribuição sem conflito não é possível.

Mencionei o artigo de André Singer acerca do espaço de aliança possível com a burguesia industrial contra a burguesia financeira, modo pelo qual tem sido historicamente possível fazer avançar pautas de esquerda. I me mostrou um email de um conhecido na cúpula do partido, quando eu expressei dúvidas e ansiedade em relação a exatamente de quantos votos o governo dispõe no congresso, já que o vai e vem de declarações e contra-declarações de deputados deixam muita margem de dúvida. Este email dizia algo assim: “o governo calcula que tem 200 votos. Mas eles já erraram antes.” O governo precisa de 177 votos para barrar o impeachment. As pessoas lá reconheciam os erros do PT, mas também ponderavam se teria sido possível ser muito diferente.

Lembramos da denúncia contra o esquema de corrupção na Petrobrás feita por Paulo Francis nos anos 90. Ele morreu em consequência da pressão [*que recebeu dos*

*interesses corruptos ligados à estatal*]. A corrupção [*na estatal*] existe desde então, pelo menos. Reconheceu-se que a atuação das feministas, especialmente a movimentação anti-Cunha tem sido crucial, com protagonismo jovem.

### **13 de dezembro – Coxinhas na Paulista**

Vim da manifestação pró-impeachment. Pouca gente, considerando os números anteriores. Contei 8 carros de som, andando desde a Consolação até o Paraíso. A manifestação mais espalhada pela Paulista, com espaço tranquilo para caminhar, sem esbarrar nas pessoas. Como nas outras manifestações, chama a atenção que nenhum carro de som é de partido e todos são sites na internet. Classe média presente em peso, mas a mistura social era a mesma das outras manifestações [*de direita*].

Alguns grupos e indivíduos curiosos: “3º Encontro dos Marombas”, uns 40 meninos bombados ou em processo de bombificação, em camisetas, fazendo selfies em frente do Trianon. Vi pequenos bonecos infláveis o Lula e do juiz Moro, bonecos de Lula e Dilma, além do pato da FIESP. Uma torre de petróleo paramentada com bonecos [*fazia referência à Petrobrás*]. E uns homens vestidos de uniforme militar. Vi um homem [*anti-coxinha*] desafiar um discursante e ser hostilizado pela multidão. Ele não se intimidou e por pouco não foi agredido pela massa. A polícia teve que escoltá-lo para mais longe, de onde ele seguiu seu caminho. Vi alguns slogans anti-comunistas, do tipo “Bolivarianismo = Islã”.

O ódio e nível dos discursos é talvez maior dessa vez, e também monotemáticos: poucos projetos ou visões de futuro e muito chumbo centrado no impeachment. Pouco se falou no Cunha ou Temer. Apenas um orador que ouvi tentou distanciar o movimento do Cunha, dizendo que são contra todos os ladrões. Mas levantou um ponto interessante, dizendo que ele não tinha votado no Temer, mas a Carta Capital – e os petistas – sim. Este orador me fez lembrar que não é a primeira vez que vejo críticas à imprensa vindo da direita, como se os jornais e veículos defendessem o governo ou o PT. Existe algum contingente que se encontra hoje abrigado nesses movimentos que não gosta da imprensa. Passaram a chamar a manifestação de “esquenta” para dar conta do inexpressivo número de pessoas.

Estava sol e abafado. A polícia presente, mas não acintosamente confraternizadora.



## **16 dezembro 2015 – Manifestação dos 100 mil**

Fui à manifestação pró-Dilma. Chegando pela Paulista pelo lado do Paraíso já dava para sentir que a coisa ia ser grande na avenida, fechada desde a Brigadeiro, de onde vim a pé. No caminho, muitas camisetas vermelhas. Em frente à FIESP, um curiosíssimo grupo de evangélicos pró-Dilma rezavam em voz alta, como que exorcizando a Federação das Indústrias. Cheguei ao MASP e procurei evitar os carros de som, buscando a batucada do Levante Popular da Juventude, muito mais legal. Dei um giro, e reparei que, curiosamente, havia muitos fumantes. Muito militante da CUT e MST, mas também visivelmente muitos homens e mulheres de minha geração, soltos, talvez órfãos do PT mas teimosamente de esquerda. Um repórter da globo caminhava pelo ato com seu câmara, hostilizado pelos manifestantes.

Notei com certo alívio que havia muito mais gente do que eu esperava. Sob a influência do tenso clima político institucional, foi com alegria que vi que ainda existem forças de esquerda ativas e que talvez seja possível exercer influência a partir das ruas. O PT já não se apóia nos movimentos sociais, mas pelo menos parte da esquerda popular julga que é necessário segurar o pior, por mais difícil que seja apoiar por tabela as políticas de Dilma. O ambiente aqui é de defesa da República – e evitar a destruição do partido.

Vi, entre outras, bandeiras da CUT, MST, MTST, UJS, muitos sindicatos, feministas (Marcha Mundial das Mulheres), da luta anti-manicomial - e muitos jovens, que eram os únicos a confrontar a polícia e pedir a desmilitarização da PM. A variedade étnica era muito maior do que no domingo dos coxinhas. Foi importante cartada mobilizar mais gente que no domingo anti-Dilma. Recuperar em parte as ruas e negar às direitas esse palco público foi importante no geral, e momentaneamente deslegitimou a mobilização anti-governo.

O ato saiu em passeata pela Consolação, já muito claramente enorme. Reconheceu-me e me chamou F, amigo de HP. Recordava-me dele apenas vagamente, mas conversamos acerca do momento político. Ele é professor universitário e colaborou com as ocupações das escolas. Está atento e sensível às novas formas de organização e mobilização da esquerda, “depois do susto de 2013”. Ele vê com alguma esperança essas novas formas – apesar da tensão presente.

Desci a Consolação com a multidão. Pensei no contraste entre as manifestações dos secundaristas e esta onde eu estava. O carro de som é um aparato clássico do sindicato e da “esquerda tradicional”. Por um lado ele tem potência para levar a palavra para além dos limites da passeata, irradiando a mensagem para a cidade. Por outro lado, o carro de som separa muito a liderança dos liderados. Quem detém o microfone detém o significado da caminhada. É muito opressivo para a militância marchar ao lado do carro de som, ensurdecida pela retórica vanguardista. A proibição de carro de som, operada pelo MPL e por muitos outros movimentos, garante uma horizontalização das várias manifestações que compõem o ato. Sem o som, é possível conversar. O jogral e a voz humana multiplicada pelos corpos ganham força mais orgânica. E se desmonta o jogo de micro-poder do púlpito móvel que carrega a liderança. Todos com pé no chão. Tentei imaginar como teria sido se os professores da APEOSP tivessem feitos ocupações e não passeatas com carro de som.

Uma notável exceção era um carro de som animado por um MC, que improvisava um rap, minimamente dialogando com os manifestantes (acho que do MTST). É um começo.

Vozes dentro da manifestação clamavam: “veja quem te defende, Dilma!”. Fiquei parado no canteiro da Consolação observando o fluxo por uns 45 minutos. Avaliei umas 100 mil pessoas, era muita gente.

Encontrei M, de passagem pelo Brasil, professora universitária, dentro da passeata. Um carro de som que carregava um conjunto irradiou a canção “Caminhando e Cantando” de Geraldo Vandré, já passada a praça Roosevelt. Andamos juntos até o fim do ato, na praça da República. Depois fomos até o boteco Nova Fogazza, pertinho da estação Anhangabaú. Conversamos sobre o clima tenso do momento, a sensação de acuo e refluxo, o ódio nas redes sociais e como alguns de nossos mais antigos amigos sucumbiram à irracionalidade reacionária. Falamos da política no México e das mobilizações estudantis lá. Falamos da crise na esquerda marxista e social-democrata, o problema dos novos protagonistas e da possibilidade de discursos e ação esquerda não-classistas, ou que pelo menos dêem conta das transformações na economia. O boteco estava tomado de manifestantes, e quando a televisão ligada deu as imagens do ato, visivelmente monstruoso, todos entoamos em viva voz: “não vai ter golpe!”.

## 17 dezembro

O bloqueio do Whatsapp foi o tema das conversas nas ruas [*O aplicativo ficou fora do ar durante todo o dia*]. Ouvi mais de uma conversa relacionada ao acontecimento que de um apagão no aplicativo. Mas a notícia política do dia foi a conclusão do voto do STF acerca do rito do impeachment, que jogou um balde de água fria nos ímpetos mais golpistas. O procedimento prescrito pelo tribunal favorece o governo no sentido de que dificulta e torna mais pública a votação do impedimento. A sensação é de que o golpe foi barrado por ora. Os acontecimentos vinham se desenvolvendo com velocidade estonteante, manobras e cartadas políticas se sucediam num ambiente volátil e vertiginoso. O governo e o PT pareciam realmente estar à beira de receber um golpe fatal. A surpresa no STF foi que os ministros não seguiram o voto do relator Fachin, o que surpreendeu muita gente na imprensa e gerou extremo desânimo e desalento nas direitas e oposição. Os sites pró-impeachment registravam muita frustração, clamando contra suposta inconstitucionalidade dos votos.

Tenho tentado achar brechas nos discursos anti-governistas. [*O bloco anti-governo ainda não deixava aparecer diferentes tendências de direita que depois ficaram mais distintas. A natureza e tipologia da oposição era objeto de muita discussão. Com o tempo, algumas pesquisas quantitativas elucidaram e sofisticaram o que parecia uma parece reacionária. Os novos atores de direita estavam ainda em ascensão, e sua real extensão e natureza não estavam claros*]. A análise é de que também na oposição e na direita deve haver uma crise da representação e da política parlamentar. Também entre eles deve haver trabalhadores da economia digital em apuros e também dentre eles alguém deve estar à procura de protagonistas políticos. Li [*nesse ambiente de direita*] algumas chamadas “de esquerda”, tipo conclamação à greve geral, críticas à imprensa e corporações, e chamadas pela ocupação das ruas parando o trânsito mesmo. É natural que discursos fascizantes deslegitimem a política representativa, mas deve haver alguma margem de manobra para achar lugares de expansão de uma plataforma pública e solidária [*dentro desta insatisfação mais geral*]. Isto é, deve ser possível trabalhar a indignação de pessoas que no momento ocupam canais que chamamos direitistas.

Caminhei de novo a esmo pelo centro e vim dar no bar de esquina na Luz. Tomei um Dreher com coca-cola e fui para casa.



## **18 dezembro 2015 – Debate no CEBRAP**

Fui junto com T a um debate sobre a situação política no CEBRAP. Tomamos o metrô até a estação Ana Rosa e descemos a pé a rua França Pinto. No caminho muitos prédios novos dentre as casinhas que ainda resistem.

No debate dois intelectuais [*um deles o Marcos Nobre*] examinaram a situação presente, ainda sob o impacto das decisões do STF do dia anterior. O primeiro fez uma exposição mais pró-governo, tentando destrinchar os argumentos que se usam contra o PT, tal como o suposto plano de hegemonia autoritária. Defendeu o impeachment como tentativa de golpe e, no FlaxFlu predominante, se colocou do lado do PT. O segundo tentou tecer críticas que fugissem à polarização. Entre outras coisas chegou a afirmar que o MPF tinha um DNA petista, mas que os juristas desse corpo passaram a ser contra o governo a partir do episódio do assassinato de Celso Daniel, quando, sem perder seu protagonismo, passaram a combater a corrupção. Ambos se referiram às movimentações de 2013, com vieses um pouco diferentes. Ambos, creio, foram um tanto preguiçosos e empobrecedores ao tratar daquela combustão social de extrema riqueza. Achei o debate muito bom, ainda que hoje não me recorde bem dos detalhes – nem de seus nomes. Mas foi bastante esclarecedor das posições do jogo institucional do momento.

## **21 de dezembro – Secundaristas e conversa na chuva**

Fui à concentração dos secundaristas no vão do MASP. Fim de dia chuvoso. As ocupações nas escolas ainda se mantinham, mesmo depois do recuo do governador, já anunciado. Os meninos e meninas exigem, não obstante, garantias do governo. Muitas mães e pais presentes nesse ato.

Encontrei S e seu marido R. Ela relatou o ato da manhã, que foi realizado na Faculdade de Direito da USP, a São Francisco, e que reuniu vários intelectuais contra o golpe. Ela não deu muita importância ao evento, onde a defesa da ordem era o tom predominante. Ela citou, porém, o pessimismo de Paulo Arantes, que disse estar lá “em solidariedade, como a solidariedade de 2013 quando apanhamos juntos na Paulista”. Ele mencionou a lei antiterrorismo do governo, que criminaliza os movimentos sociais e dá poderes extraordinários à polícia. De outra forma, S expressou pouco interesse pelo cenário nacional institucional e pela recente

manifestação pró-Dilma. Mas contou muitas histórias das ocupações das escolas. Relatou como os estudantes puderam experimentar outras formas de educação e participação, inserindo esse movimento no contexto da crise mais geral da educação como um todo. P passou pelo ato também.

Não segui com a passeata, mas deixei o MASP a pé sob a chuva e desci a rua Augusta em busca de antigos colegas da faculdade de direito. Encontrei GP e M. R chegou depois, adoentada. Lamentamos todos o clima de FlaxFlu na política, que impede certas nuances na discussão política. Críticas pela esquerda à Dilma, por exemplo, não acham lugar e são prontamente taxadas de golpistas. Igualmente, a defesa de certos pontos a favor do governo geram imediata reação dos coxinhos. Muita gente na esquerda se vê obrigada a defender um governo que não contempla suas pautas. Para quem trabalha com reforma agrária, ambientalismo, aborto e questões indígenas, a sensação de traição é grande. Durante as eleições, nos dois pleitos de Dilma, houve um intenso chamamento por parte do PT para que se defendesse a plataforma petista contra o retrocesso, contra as forças de direita que poriam a perder todo o projeto progressista. Mas, no governo, nessas áreas, o próprio PT operou retrocessos.

GP é advogado ambientalista, e nessa área as conquistas do petismo são escassas. Ele relata que o PT optou por um desenvolvimentismo que é predador e destruidor dos recursos naturais, e que a sua aliança com o agrobusiness tem levado a desastres nessa área. Belo Monte é um assunto altamente contencioso por causa dessa conduta governista. A demissão de Marina Silva e a ascensão de Dilma dentro do governo simbolizam as escolhas feitas pelo partido. Discorreu sobre o que é um socialismo ambientalista, sobre como o meio-ambiente é agora um elemento inescapável da prática e reflexão políticas. Parece que percebemos a morte de velhas formas, mas não está claro como o futuro se desenha.

A estação da Luz pegou fogo nesse mesmo fim de tarde.

## **22 de dezembro – Conversa de bar**

Encontrei o amigo M. Ele enxerga a aguda crise que a esquerda passa e tem intervido nessa discussão a partir de sua posição no mercado editorial. Recentemente editou um livro de Vladimir Safatle, que precisamente tenta alçar pontes teóricas entre o pensamento da Teoria Crítica e a Filosofia Contemporânea Francesa. M não se sente

particularmente comovido com o governo, mas, no geral também teme pelo pior cenário, de fechamento à direita do país. Lamentamos o esgotamento do modelo do lulismo e ele também não enxerga espaço para uma “guinada à esquerda” no governo Dilma. Ele lamenta a recente perda de discussão mais específica sobre o Brasil. Desde a emergência do pós-modernismo, a pauta mais tradicional dos intelectuais de esquerda no Brasil, a tradição da USP, CEPAL e CBRAP, tem negligenciado a análise do “problema Brasil”. Assim, ele sente falta de análises atuais e sofisticadas sobre a especificidade brasileira. Mesmo os mestres da USP nem sempre dão conta do momento atual: Paulo Arantes, Roberto Schwartz, Chico de Oliveira, Luiz Felipe Alencastro etc.

### **30 de dezembro - Outra**

Encontrei M de novo e bebemos uma cerveja na Paulista. M se preocupa com a sorte de Dilma, mas não vê futuro no PT. Ele relata que Roberto Schwarz crê que há gente suficiente para formar um novo partido de esquerda.

Mais tarde encontrei G no Halim. G Saiu faz bastante tempo do PT e o critica pela esquerda, tendo se aproximado do PSOL. Ela diz que entende as tribulações de Dilma mas não se vê na obrigação de defendê-la. Falamos da crise e de nossos amigos.

### **31 dezembro de 2015 - Reveillon**

Passamos o ano novo com a família R. O clima geral mais calmo, depois da decisão do STF, que jogou tudo para depois do carnaval e de forma geral barrou o ímpeto golpista com ritos que desencorajam o tapetão. Eu e T conversamos muito com L sobre os tempos presentes. L parece reconhecer uma crise no modelo do protagonismo do proletariado e a derrocada da teoria revolucionária. Mas ele não se anima muito com as novas formas, e tem dúvidas se a economia mudou tanto assim a ponto de justificar uma revisão importante da análise marxista. Afirma que a ferrovia e o avião sim mudaram a produtividade capitalista, mas o computador não. Ele é algo cético em relação à revolução digital abrindo novas configurações sócio-econômicas. Entende que as novas formas de fazer política não serão suficientes ainda para barrar as soluções clássicas do capitalismo: guerra e fascismo.





# JANEIRO 2016

3,800 O POVO NÃO AGENTA

MPL

autonomista P2

passé livre

repressão brutal

cassetete

black - Block

Passate

intimidação

caveirão

bala no olho  
violência

Ato

cavalaria Polícia Militar

manifestação bala de borracha

avenida 9 de Julho Brasil

## **7 de janeiro de 2016**

Conversa com T no Halim: ela relata que o MPL tem ala mais nova que favorece a aproximação com movimento social, tipo o MST, MTST e CUT, em detrimento do trabalho de base nas escolas. Hoje a movimentação política explodiu nas escolas e deu gás a quem defendia o trabalho de base, onde é possível trabalhar mais claramente com idéias e práticas autonomistas, que por vezes encontram resistências nesses outros movimentos hierarquizados. Falamos da critica que o Haddad e a esquerda governista fazem aos movimentos autonomistas, que, segundo estes, por não almejarem a gestão do estado, acabariam por se tornar portas de entrada para as forças de direita – como teria acontecido em 2013. Esse vácuo entre as esquerdas “nova” e “antiga” me interessa como espaço necessário de convivência e comunicação entre as duas forças, por insolúvel que isso pareça.

## **8 de janeiro – 1º Ato do MPL**

A manifestação do MPL saiu do teatro municipal no centro. É a primeira manifestação desse movimento depois do aumento para R\$3.80. O ato começou com umas 3 mil pessoas, mas cresceu e chegou ao Anhangabaú com umas 10 mil. Vi fotos depois que confirmam o número. Notei ao chegar pelo cruzamento da S. Luis com a Xavier de Toledo e Major Quedinho que a polícia já tinha isolado a área. Comi um pedaço de pizza, de pé no boteco e fui até a frente do teatro. No caminho vi umas bandeiras e jovens do PT. Em 2013 a Juventude do PT rachou com a direção e participou das manifestações. Vi depois bandeiras da UNE e UEE, mas não da CUT ou MTST. Mas predominantemente autonomistas e libertários sortidos, de preto. Vários skatistas e algumas bicicletas. Os secundaristas se concentraram em um outro local e se juntaram ao ato mais tarde. Metroviários presentes.

Logo encontrei a S, que sempre vejo nas manifestações. Conversamos sobre ano de 2015, difícil para os trabalhadores autônomos criativos, sem dinheiro e sem trabalho na economia do ajuste – e sem o dinheiro estatal, Petrobras incluída, dos editais. Falamos a respeito do clima na manifestação, que estava alegre mas meio tenso. Recordamos 2013 e da “super-quinta” de forte repressão, da festa da vitória na paulista e recordamos as divisões e a emergência dos coxinhas nesse ato, marcando o início da oposição aberta anti-dilma. Ainda poucos secundaristas à vista. Ela relatou

como é dar aula na GV: seu departamento é mais de esquerda, mas cercado de neoliberais por todos os lados. Mas assim tem menos competição entre seus pares. Ela falou do mal-estar que testemunhou nas PMs mulheres em frente às escolas ocupadas. Combinamos de fazer acontecer os encontros acerca dos rumos da esquerda.

Encontrei o P e o R, conversamos bem pouco. Também a E. P previu um ano difícil à frente. O CMI fazia um streaming a vivo.

O ato saiu em passeata, demos a volta pela praça do Paissandu e descemos ao Anhangabaú. O dia estava quente e muita roupa leve. O ambiente onírico novamente me assaltou, a paisagem urbana vista da rua no calor intenso, a ausência de carros na área central, e principalmente essa sensação das pessoas, estranhos e conhecidos, que aparecem e desaparecem sem despedidas, flutuando no mar de corpos jovens. Certos rostos se repetem, outros não. E alguns jovens se reencontrando efusivamente, se abraçando e gritando. Encontrei o E assim, e foi assim que ele também sumiu. Evitei os grupos de mascarados, just in case. Tinha um senhor na janela de um edifício com a camisa do Brasil, de cara fechada, mas no prédio ao lado um trio comemorava a passeata. Um palhaço anti-Dilma arengava os manifestantes no Anhangabaú. Como de costume no MPL não havia carros de som, apenas batucadas. Vi no Anhangabaú um dos blindados israelenses comprados pelo estado, muito intimidador. Parecem enormes carros de guerra medievais. Tecnologia de contenção de movimentos sociais marca israelense, desenvolvida na Palestina ocupada.

Ao tentarmos entrar na 23 de Maio pela Praça da Bandeira, a polícia reprimiu o ato com bombas. Subi correndo a Ladeira da Memória até a Xavier de Toledo. A manifestação deve ter explodido em mil pedaços. O momento da repressão saiu do padrão mais usual, que é atuar ao final da marcha, quando tem menos gente, ao escurecer. T viu a tv Globo de casa e comentou a sincronia entre a repressão e o noticiário ao vivo.

No caminho até a Consolação, muita gente correndo/andando, entre eles um jovem que parecia um homem de negócios chinês, de roupa formal, uma camisa social passada sem paletó e conduzindo uma maleta de rodinhas. Enquanto corria, filmava com seu celular a confusão atrás. Vi em seu rosto um sorriso amplo, nervoso. Assim é a adrenalina desses momentos. Quando se dá a dispersão, a sensação de sonho se



aprofunda, com o ruído das bombas e a névoa ardida que desliza pelas ruas. Correr de projéteis que podem te acertar pelas costas, mesclado ao receio de cair em uma emboscada policial, de encontrar uma barreira ou um grupo de meganhas com licença para agredir.

Andei até a praça Roosevelt, onde parte do ato buscava se reconcentrar. Fomos dispersados e tomei um ônibus na Augusta.

Depois em casa li que a atividade repressiva foi muito grande e as prisões numerosas. Vi um vídeo da polícia plantando material na mochila de manifestantes detidos. Foram muitas prisões. O caráter intimidatório da repressão foi forte, e há uma convergência de interesses de Haddad e Alckmin na supressão do movimento. Muito espancamento, muita violência. O Haddad cedeu o Teatro Municipal para a PM fazer uma base. Também uma ocupação de sem-teto ligada ao PSDB foi usada pela PM para lançar bombas na manifestação. Capturei uma lista com links:

“A polícia agrediu com bombas de estilhaço (cinicamente chamadas de "efeito moral") arbitrária e gratuitamente quando a manifestação chegou na avenida 23 de maio (<<http://goo.gl/FxyvfH>>). Depois, o centro assistiu um festival de ataques brutais com bombas, espancamentos e prisões. Policiais forjaram flagrante, colocando bombas na mochila de estudantes presos (<<https://goo.gl/aes4yh>>); jornalistas que documentavam os abusos foram presos e tiveram suas fotos apagadas (<<http://goo.gl/ljc5Bt>>), policiais infiltrados à paisana agiram na manifestação espancando pessoas (<<https://goo.gl/eb3g4o>>). Boa parte da cobertura da grande imprensa inverteu ou omitiu a ordem dos fatos e silenciou sobre o abuso policial, mostrando correria e quebradeira, sem explicar por que o caos começou”.

## **9 de janeiro – Black Blocks**

*[A ação dos Black Blocks no cenário das manifestações dividiu muito a esquerda. Por um lado, representavam um gesto de resistência mais radical do que as infundas e por fim inócuas manifestações de rua, indicando a vontade de ruptura das bases contra burocracias sindicais e partidárias; por outro, parecia um ato irresponsável flertar com a violência política em um momento de grande instabilidade. Para a esquerda institucional, um grupo incontrolável de jovens tomando decisões*

*estratégicas no dúbio modo da ação direta; para os autonomistas, uma ação de defesa e contra-violência para opor a repressão policial, que de fato agredia sem ter sido ameaçada. Para a esquerda petista, uma ruptura dessa ordem no que restava da ordem democrática poderia ser fatal, especialmente sem um plano de pós-insurreição; enquanto os autonomistas viam cegueira e/ou covardia dos partidos em insistir na preservação da mesmíssima ordem que os condenava e esmagava, barrando a vontade popular de renovar as estruturas, tal como expresso em 2013.*

*Eu mesmo estava muito ambíguo quanto à eficácia política dos BB.*

*Minha resposta a F, que recebera a página acima do meu diário, o relato da manifestação do MPL]:*

“Toda vez que eu discuto o assunto com pessoas do movimento, emergem dois tipos de argumentação e uma consideração. A consideração é que a estrutura geral desse tipo de movimento [tipo MPL] não tem uma instância de proibição ou de autoridade decisória que os impeça de agir (ainda que desautorizar a violência em público seja um caminho possível).

O primeiro tipo de argumentação é em termos de legitimidade, que eu acho ambíguo. É muito comum na discussão surgirem argumentos do tipo "a violência é do estado", "a revolta é reação espontânea legítima", "é auto-defesa contra o estado". O argumento da legitimidade pode ser também um cheque em branco para qualquer tipo de ação de direital. A legitimidade da reação violenta serve também para o fascista, que se vê acossado pelo “estado judeu”, e, na sua fantasia, por seus aliados esquerdistas homossexuais. Para ele está legitimada a violência também como defesa legítima contra o Estado.

A segunda argumentação acho mais viável, e é a do cálculo político frio. A ação deles serve para elevar a temperatura política e o custo político de decisões administrativas. E esse argumento se apóia nas vitórias de 2013, que aconteceram com os black blocks, e não sem eles. Mas acho que o ponto central desse argumento tático é que, para uso efetivo da violência no movimento, é necessário que seja possível ao mesmo movimento ligar e desligar os black blocks conforme a estratégia combinada em assembléia. O que não é o caso, parece, a ação dos BB

nem passa por assembléia. Acho que o BB, altamente infiltrável, pode vir a crescer e se tornar algo realmente incontrolável. Sem a disciplina de acatar decisões da assembléia, não diria os BB não servem de maneira segura às posições do cálculo político.

Seria possível ao MPL enunciar o caráter pacífico de suas manifestações, e achar formas de contornar as ações do BB que não seja uma proibição que não tem condições de realizar. Parece que em Porto Alegre o MPL fez um exército de palhaços que vinha às manifestações. Isso e outras ações isolaram o bb e resignificaram o mascaramento.

Tem uma última questão que tem a ver com o formato partidário. Me parece que na esquerda marxista é mais normal o movimento social ser pacifista e somente o partido deter o monopólio da violência, na sua eventual ala militar. Assim ficam separadas as funções. Mas em movimentos autonomistas, a violência individual espontânea, de ação direta, ganha relevo. Assim, sem a separação vanguardista de funções, o movimento sim assume sua porção de resistência pela força. Não acho super útil, mas essa formulação aparece muito nas discussões nos movimentos autonomistas.

Enfim, acho que a discussão dos BB vai acabar emergindo de uma forma ou de outra, e desconfio que no MPL aparece toda hora, a cada manifestação. Não sei se essa questão deve se sobrepôr a outras, tais como a legitimidade do movimento em si ou a crítica dos argumentos da esquerda governista quando administra a contenção do movimento social. Mas entendo que esta será uma pedra no sapato de qualquer aproximação entre as novas esquerdas e as antigas.”

## **12 de janeiro – Segundo Ato do MPL**

Ajudei um amigo com sua mudança em Higienópolis durante a tarde e decidi subir a pé até a praça do ciclista para a manifestação do MPL. Pude ver assim a forte presença policial nas travessas da Consolação, e quando cheguei na praça, um número muito grande de soldados se postava de modo a forçar um itinerário específico para a manifestação. O quarteirão entre a estação Consolação do metrô e a igreja São Luís estava vedado aos pedestres, que tinham de contornar pela rua Antonio Carlos e voltar



para chegar ao local da manifestação. A Consolação estava coalhada de policiais de ambos os lados, ostensivamente bloqueando qualquer passagem que não fosse descendo a mesma avenida. Muita tensão no ar. Cheguei às 5 e meia, e apenas umas duas mil pessoas contrastadas com uns tantos outros policiais que vi lá e no caminho. Procurei não me deixar envolver pelo nervosismo e busquei achar alguém conhecido. Pouquíssima gente da minha idade, e fiquei na nóia de achar que me julgassem ser policial infiltrado. Demorei a encontrar alguém. Achei E, com quem conversei um pouco. Resignados à óbvia pancadaria vindoura, conversamos sobre o cenário institucional. Ele disse que até acompanha o noticiário e dá o apoio mínimo a Dilma, mas afirma que aposta tudo na política que víamos à nossa volta. Ele acredita que o que vai crescer é a política de resistência não institucional, pois o PT já traiu o seu próprio projeto e conseguiu criar para si um cenário golpista. Traiu também suas bases, ou seja, não há volta possível ou redenção ou guinada à esquerda em vista. Comparou os petistas a mortos vivos. Ele aposta todas as fichas nos cenários onde a resistência no agora é a luta que importa e que é possível. A derrocada do PT vai sim deixar um vácuo no campo da centro-esquerda, e que esse espaço vai ser tomado pela direita. Mesmo em situação de alternância democrática de poder, acredita que o PT vai ser varrido. Perguntei do cenário universitário e ele acredita na radicalização, já este ano. Ele prevê que os cortes nos orçamentos federais vão atingir o salário dos professores e que esse cenário favorece extremismos. Ele não acha absurdo um desenvolvimento futuro do tipo espanhol, onde o 15M e os indignados deram condições para a emergência do Podemos, mas isso seria tarefa de vários anos adiante.

Imaginei então que uma passeata é como um avião em pleno vôo, e perguntei a ele que lugar da manifestação ele acha mais seguro no momento da repressão. “Atrás”, disse. “As bombas sempre caem do meio para a frente.”

Perdi E quando fui comprar uma água com gás com uma nota de 10 que achei na carteira.

As presenças pareciam ser as mesmas das manifestações anteriores, muitos jovens com sua coragem e carga erótica, muitos coletivos e alguns poucos partidos ou frações. A maioria autonomistas. Conteí três grupos de batuque. Curiosamente vi não uma, mas DUAS camisas do Juventus. Poucos mascarados. Continuei a procurar alguém conhecido.

Sentei na calçada até que trombou comigo um ex-aluno meu da universidade, que me levou onde estavam vários colegas da mesma instituição. Já eram mais de 6 horas da tarde e conversamos um pouco todos, V, V, P, E e outros. A pesada presença policial nos deixava a todos nervosos, e os manifestantes discutiam o trajeto, já que era evidente que o caminho imposto pela PM era uma armadilha e que no mínimo direcionava o ato para a prefeitura. Desde a manifestação anterior, 17 prisões tinham sido feitas, muitas sem mandado de busca.

Até as 7 horas estávamos num impasse. Discutia-se com a polícia e entre nós o que fazer.

“Nos lados”, disse V. “É sempre melhor estar dos lados e não no meio da manifestação, para poder correr.” Assento da janela, então, avaliou ela sobre a questão do lugar mais seguro numa passeata.

Já eu acho que o mais seguro é ou muito na frente com a imprensa ou bem atrás. Meu corpo já não aguenta confrontações e consigo apenas correr. Por isso busco a ala dos idosos.

Fizemos um jogral, que é sempre impressionante. A mensagem falada é replicada pelas pessoas em voz alta. Assim o conteúdo da fala chega a todos. O jogral informou que a 23 de Maio fora bloqueada por outros manifestantes. E que o itinerário escolhido era o de descer a Rebouças até o largo da Batata.

Então, às 7 e quinze, a manifestação, já com umas 5 mil pessoas, se moveu na direção da linha de motocicletas que bloqueava o acesso à Rebouças. A polícia reforçou a linha. Antes que essa brecha se fechasse, consegui passar com umas 10 pessoas, o que me isolou da massa principal. Fiquei do lado de fora, junto com a imprensa e outros gatos pingados. A tensão subiu com o cara-a-cara mexicano, muito empurrão. Impasse de uns 15 minutos. Nessa linha de contato, o foco muda para o lado daquele monumento da lâmpada vazada em concreto, ao longo do caminho que recentemente foi aberto aos ônibus, ligando a Paulista e o fim da Angélica. Tentaram passar a linha policial nesse ponto, e a polícia lançou bombas e golpes de cassetetes, além do infame spray de pimenta. Imediatamente o cerco se fecha, a Consolação é bloqueada e as linhas de policiais todas convergiram para conter a massa de 5 mil pessoas que buscou refúgio colado ao Instituto Cervantes. Envelopados no “caldeirão”, o chamado *kettling*, os

manifestantes eram atacados com bombas de gás e de concussão. Ouvia a batucada dos manifestantes ao fundo. Parece haver uma quantidade MUITO grande dessas bombas à disposição. Esse confinamento com bombardeio durou meia hora. Provocar o terror era a óbvia intenção – já que não houvera nenhuma depredação ou agressão por parte dos manifestantes.

Eu pouco via de onde estava, no ponto de ônibus da Consolação. Alguns repórteres estavam comigo, mas fomos alvejados por bombas que nos afugentaram para longe. É fácil se apavorar com essas bombas, pois às vezes elas vêm de cima e você não sabe para onde correr. Estavam caindo muito perto e junto com o barulho tem a concussão, que é como uma onda de impacto que te atinge.

Esperei um pouco e voltei para testemunhar, ora no meio da avenida, ora atrás do dito monumento da lâmpada. No quarteirão fatídico da Paulista, muita gritaria e muito gás, um horror. Depois dessa meia hora a polícia foi soltando pequenos grupos, que então alvejava com bombas no estilo “corredor polonês”. As pessoas eram direcionadas pelos soldados para a Consolação. Parece que outro contingente saiu pelo lado da Paulista.

Derrotar o inimigo é encantá-lo. O encantamento é um vetor desse tipo de acontecimento na rua. A polícia tenta encantar a massa pelo terror, tornando-a dócil e previsível. A manifestação tenta conjurar um corpo recombinate que se recomponha sempre. As bombas de efeito moral são para assustar, dar a impressão ao corpo que ele corre perigo, quanto mais irracional o sentimento melhor. Mesmo o gás lacrimogênio tem um fator encantatório. Ele faz uma nuvem grande, mas também pode agir invisível. Quando ele ataca, temos a impressão que ele vai comer os nossos olhos e rosto. Por isso manter a calma e esperar o momento em que o incômodo se estabiliza. Depois é só aguardar o efeito passar.

O efeito encantatório tende a diminuir com o tempo. O pavor recede quando aprendemos a julgar de onde vêm as bombas e quando achamos um padrão de conduta coordenada para as diferentes ações de repressão. Evitar o pânico e pensar e observar. Entender em que lugar do tabuleiro você está. Olhar sempre a retaguarda. Quanto mais tem repressão, mais se aprende.



Os policiais são sempre menos numerosos que os manifestantes. Então precisam quebrar e dispersar a massa para poder concentrar poder de fogo em locais específicos com clara vantagem numérica ou de fogo, em cima de grupos menores. Por isso a metáfora da passeata como um avião em pleno vôo que é obrigado à aterrissagem forçada. Quando atingida, a multidão se estilhaça e perde força, mas com velocidade inercial espiralando em diversos fragmentos. O ato tenta sempre se recompor de alguma forma, pois grupos menores são mais frágeis. Esse é o jogo do gato e rato da repressão: buscar grupos e dispersá-los pela agressão, de preferência dentro de um perímetro previamente desenhado.

Quando vi que o ato meio que continuava, esparso, agora descendo a Consolação, decidi juntar-me a ele. Soldados da PM estavam nas transversais e alguns deles ao longo do percurso. O ato agora tinha, nesse local, umas mil pessoas. Reencontrei E e descemos a avenida juntos. À altura da rua Sergipe o ato virou à esquerda, entrando no bairro de Higienópolis. De onde estava não vi se instados pela polícia ou não. Companheiros dias depois me garantiram que foram orientados por policiais.

Segui com o povo. Já quase perto da Angélica as pessoas estavam meio dispersas, muitas delas paradas pelas ruas. Ouvi sirenes e pressenti um fechamento. Caminhei para trás, buscando a esquina da Sergipe com a Sabará, afastando-me da aglomeração. Bem nessa hora chegaram viaturas e motociclistas, que fecharam o quarteirão que eu acabara de deixar. Chegou a linha de artilheiros, que bombardeia o grupo de manifestantes. Do outro lado a mesma coisa: uma imensa nuvem tóxica tomou todo o quarteirão com as pessoas no meio. Olhava a partir de um ponto um pouco mais para baixo na Sabará, com outras poucas pessoas, e fomos alvejados também. Corri pela Sabará, descendo em direção ao Mackenzie. Passei a caminhar quando me vi sozinho, o que julguei mais seguro. Notei que uma frota de umas 10 motocicletas descia a Veridiana e entrava em cada uma das transversais, varrendo aquele trecho do bairro. Estava quase na altura do Mackenzie quando um grupo de uns 15 meninos apareceu correndo, atrás de mim na mesma calçada. Em seu encalço, o tal grupo de motocicletas. Acabei no meio dos meninos encurralados. Os policiais desmontaram de suas motos, brandiram seus cassetetes e se aproximaram para nos bater. Nessa hora levantei os braços e busquei o espaço entre dois PMs. Deu certo e a pancadaria se deu

às minhas costas. Depois de um minuto ou dois, os policiais montaram em suas motos e foram em busca de novos agrupamentos.

Nunca tinha conhecido o bairro assim. Morei em Santa Cecília por vários anos e já percorrera esse pedaço muitas vezes. Mas os helicópteros, os gritos, as sirenes e bombas proporcionaram aquele clima de sonho que a manifestação oferece. Mas o nervosismo-pesadelo e a adrenalina-atenção não deixam muito espaço para a contemplação derivante. Muitos bares e estabelecimentos abrigavam empregados e clientes que testemunharam a repressão.

Busquei a Consolação com medo do massacre em curso nas ruas do bairro. Saí na altura da Casa Amarela, que é uma ocupação de artistas. Aliviado, fui buscar refúgio lá. Havia uma festa, paguei a entrada com o resto da nota de 10, tentando explicar o que acontecera. Um dub reggae muito bom dos anos 90 tocava no casarão ocupado. Ali consegui um contanto mínimo com Walter Benjamin. Comprei uma cerveja e dancei um pouco para acalmar. Acho que a menina desconfiou que eu fosse p2 ou algo assim, vieram me perguntar se eu estava bem. Saí para o jardim e contemplei a Consolação sem carros, com punhados de pessoas e muitos policiais em trânsito. Depois de um tanto deixei o local, recomposto, buscando o metrô.

No posto de gasolina oposto à rua Maria Antonia, encontrei amigos manifestantes. Decidiam o que fazer e me contaram que a dispersão era grande e que havia gente por toda a parte. Notícia veio que companheiros haviam bloqueado a Brigadeiro Luiz Antonio. Decidimos seguir para lá. No caminho, já escuro, parecia que havia ocorrido um terremoto, muita gente na rua, sentada ou em grupos. Polícia por todo o lado. Notei que não vi qualquer depredação, de nenhum tipo em nenhum lugar nesse dia.

Passamos pela Praça Roosevelt, onde muitos jovens se encontravam nas escadarias. Na frente deles, do outro lado da rua, uma linha de viaturas da rota. O contingente policial aumentava e também a raiva das pessoas. Quando achei que ia conflagrar, deixei o local sozinho e segui pelo viaduto 9 de Julho em busca da Brigadeiro. Se não houvesse nada, iria para casa.

Subi a Brigadeiro e não vi nada. Um cortejo de viaturas passou por mim, mas até a Pedroso nenhum sinal de atividade. Virei à esquerda e fui para casa.

Em casa capturei algumas informações acerca do ato. Dentre as reações, um chamamento potente para todas as forças progressistas e de esquerda, que precisam se manifestar contra esse tipo de ação da polícia. Amanhã a repressão será sobre o PT quando este estiver na rua, os petistas precisam se insurgir contra esse aparato repressivo de hoje. Sua juventude já o faz.

“O Movimento Passe Livre tinha decidido ir até o Largo da Batata e resolveu manter a determinação apesar do bloqueio, para não levar os manifestantes até a Consolação onde obviamente seriam massacrados. O movimento ficou rente ao cordão policial no sentido da Rebouças e a polícia então começou a bombardear os manifestantes, gratuitamente, como se vê nessas imagens aéreas (<<http://on.fb.me/1KcxYWZ>> e <<http://on.fb.me/1JJt6xB>>) ou nesse depoimento <<http://on.fb.me/1ShnQUF>>. Não havia acontecido nada, a polícia apenas bombardeou uma multidão e como não havia para onde correr houve dezenas de feridos. Alguns manifestantes fugiram por onde conseguiram e foram caçados por toda a cidade, na Bela Cintra, na Consolação, na Angélica, na Sergipe, no Teatro Municipal e até mesmo na Barra Funda. Há muitíssimos relatos de feridos: e há imagens muito fortes de pessoas que sofreram ferimentos graves <<http://on.fb.me/1N6nUyH>>, <<http://on.fb.me/1TTMjNj>>, <<http://on.fb.me/1P9RZP8>> e <<http://on.fb.me/1UNAzMF>>, perderam dentes <<http://on.fb.me/1RBMCPPE>> e tiveram fraturas expostas <<http://on.fb.me/1ZjC3zp>> e <<http://on.fb.me/1ZjGLNR>>; há ainda o dramático relato de uma mulher grávida que perdeu o bebê <<http://on.fb.me/1PVPa7D>>. Até as 10 da noite eram contabilizados 25 feridos no Hospital das Clínicas, 3 feridos na Santa Casa e 24 feridos atendidos na rua pelo GAPP (Grupo de Apoio ao Protesto Popular). Apesar da avassaladora evidência de abuso, o Secretário de Segurança Pública convocou uma coletiva de imprensa para dizer que a conduta da polícia foi adequada e que como o MPL não havia comunicado o trajeto, a polícia se deu o direito de defini-lo e que vai agir da mesma maneira na próxima manifestação (<<http://bit.ly/1Q42QiI>>). Uma jurista condenou a medida como antidemocrática e ilegal <<http://on.fb.me/1N6nurS>>, assim como a Anistia Internacional <<http://on.fb.me/1P0ckwz>>.”



## **14 de janeiro – Terceira Manifestação do MPL**

Cheguei na Sé pela Liberdade e já se via o contingente policial. Ao lado da catedral, várias viaturas e soldados da PM. Esperava encontrar os estudantes secundaristas já reunidos nas escadarias, pois estava marcada uma concentração antes do ato do MPL em frente ao Teatro Municipal. Havia uma aglomeração mais perto do Marco Zero, mas era uma feirinha de sem-teto sendo varrida por três policiais. Os pregadores evangélicos de costume continuaram sua pregonária na praça. Mas vi poucos estudantes, e, como era muito cedo, decidi dar um giro pela cidade. Estava muito ansioso com o que poderia acontecer hoje, dada a catástrofe da terça-feira. Achei que fazer uma caminhada longa ajudaria a suar esse medo para fora de meu corpo. Cruzei o Viaduto do Chá, anotando a presença de dois ou três blindados do Choque na Patriarca. Eram 3:30 e os policiais já tomavam suas estações. Não obstante, o centro de São Paulo prosseguia com seu bulício diário. Cheia de gente, a cidade já em plena atividade, negociando suas contradições. Os calçadões e galerias me encheram de alegria e me lembraram que a atividade humana é indomável. Sentei numa das mesinhas do corredor da galeria Coelho e comi um sanduíche americano de uma lanchonete lá dentro.

Caminhei até a Luz para ver o estrago do incêndio, mas a estação estava fechada e não vi nada. Voltei pela avenida Prestes Maia e entrei no Anhangabaú. Muita polícia ao redor do Teatro Municipal, palco da manifestação marcada para as 17h.

Voltei à Sé em tempo de pegar a marcha dos secundaristas saindo da praça. O grupo seguia pelo Pátio do Colégio ao longo da rua Boa Vista. Fiquei meio desapontado com o tamanho da marcha, esperava muito mais gente. Havia uns 500 secundaristas, acompanhados de um bom batuque. O contingente policial que escoltava o cortejo era desproporcional e cercava completamente os jovens manifestantes. Motocicletas na frente, mais viaturas atrás e duas colunas de soldados com escudos totalizando uns 250 homens e mulheres uniformizados.

É preciso admirar a coragem dessa meninada. Sua alegria e disposição são indomáveis, e, mesmo envelopadas pela repressão, sorriam e cantavam.

Tempos atrás, lá pelo anos 2000, eu ouvia muito certas críticas à “esquerda tradicional” no contexto das artes e dos coletivos de arte. Uma delas era que esta

esquerda era “ressentida”: não viera a revolução, não viera a redenção e então apenas lhe restava estragar o prazer dos outros, daqueles que enxergavam seus caminhos e que não se detinham por comandos de “não pode” ou “não deve”. Tinha algo de tucano nessa crítica, mas punha o dedo na ferida da crise do protagonismo político na esquerda: a classe operária não vai liderar mais o movimento revolucionário. Os caminhos assim se abriam e novas formas surgiam. De fato, a própria nomenclatura esquerda/direita estaria caduca. Quem tinha que correr atrás era a esquerda tradicional. Isso era antes do governo Lula, que recolocou essa denominação no cenário político com sentido diverso, a tal ponto que hoje um grupo de direita se sente à vontade para se nomear Revoltados Online, invertendo os polos do ressentimento.

A outra crítica que ouvia nessa época era que minha geração e as mais velhas eram as gerações do medo. Isso sim achava mais verdadeiro. O impacto da resistência à ditadura foi tal que parece que um medo central da autoridade se instalara entre nós. Se isso é bom ou não, se é ciência do perigo ou fantasia defensiva, não sei. Mas que a meninada parece ter superado esse medo, isso lá é verdade. Outros medos poderão se instalar, mas aqueles por ora se evaporaram no meio dessa moçada.

Quando a passeata passava entre os altos prédios da rua Boa Vista, sua voz encontrou maior ressonância. E a meninada entoava: “Não, não à repressão, o povo está na rua contra o aumento do busão!”. “Não tem arrego!” Várias pessoas às janelas, mas nenhuma adesão entusiasta. A essa altura notei que o deputado Gianazzi do PSOL estava entre nós. E um menino com violão à tiracolo.

Tomamos a Líbero Badaró e seguimos pelo Viaduto do Chá. Antes, uma parada e algumas palavras de ordem dirigidas ao prefeito. A chegada ao Municipal foi muito bacana: fomos saudados pelos manifestantes e nos fundimos em frente ao teatro.

A concentração estava pequena. Já eram 5 e meia e apenas umas mil pessoas lá estavam, talvez um pouco mais. O clima bem pesado, muita polícia em volta. A Fanfarra do MAL firme no batuque. Vi o CMI fazendo seu streaming. Soube que o itinerário tinha sido divulgado pelo movimento, e isso me acalmou. Mas a nuvem negra desencadeada na terça ainda pesava sobre nós. Um cheiro de vinagre se espalhava pela multidão. Procurei alguém conhecido sob a garoa que engrossava, mas

fui procurar abrigo no portão do teatro ainda sozinho. Lamentei não ter um celular. Nessas horas ajuda muito.

A composição da manifestação não parecia diferente de terça: a mesma maioria autonomista ou independente, alguns partidos e coletivos também, incluindo os poucos jovens petistas. Os metroviários novamente presentes.

Acabei por encontrar colegas professores da universidade e me juntei a eles. Lá pelas 6 e meia saímos, tomando o Viaduto e seguindo pela Líbero Badaró em direção à Brigadeiro Luiz Antonio. Já éramos em número bastante digno, umas 3 talvez 4 mil pessoas. Quando paramos em frente à Secretaria de Segurança Pública do Estado, o ex-senador Suplicy desceu e se juntou ao movimento.

Conversando com colegas contei do projeto deste diário. Pergunto sempre sobre os cenários institucionais e não-institucionais. M diz estar mais à vontade com a separação das lutas. Diz que ainda está sensível a chamamentos do PT contra o retrocesso em situações eleitorais, mas que aposta na construção dessa luta não-institucional na rua. Parece haver algum consenso que o PT está acabando e que as ruas crescerão, com ou sem o partido. Mas permanece o vácuo entre a manifestação de rua e a gestão do transporte. O MPL não vai gerir o estado nem gerar representantes, mas V colocou que ao redor da pauta se reúnem várias forças que, juntas, conseguem forçar pelo menos uma mudança de enfoque do problema, e também uma mudança na disposição da administração. É notável que depois do MPL a pauta dominante seja a mobilidade urbana, mesmo em fóruns de direita. E o Haddad não vai conseguir sozinho desmontar o esquema dos transportes, especialmente pelo fato de que a família Totto lhe organiza a atividade parlamentar. Esta família domina os transportes na cidade e tira sua força do status quo nessa área. O empurrão precisa vir de fora. Partes do leque de forças ao redor da pauta contemplaria em algum momento a questão da gestão do estado, talvez reunindo o conhecimento necessário para formar atos administrativos, mas não é exatamente tarefa do MPL garantir a viabilidade do Estado. Pareceu-me que esse é o projeto, em termos bem gerais.

Apesar da chuva, a passeata ia bem. Estávamos bem atrás na marcha, na cauda do avião. Uma faixa púrpura nos separava dos policiais à retaguarda, o que estranhamente me reconfortou. A Brigadeiro sobe íngreme nos primeiros quarteirões,



e foi possível ver de baixo a extensão do protesto, muito boa. Pelo celular as pessoas se informavam a respeito da outra metade da manifestação, que partira do Largo da Batata em direção ao Butantã. Falava-se entre 2 e 3 mil pessoas. Nada mal.

O movimento depende do crescimento do número de apoiadores e da rede de solidariedade à sua volta. Por um lado a rua é importante, mas a rede de apoio dentro da sociedade é que garante a sobrevivência do movimento. P avalia que foi isso que garantiu o sucesso dos secundaristas.

Na subida da Brigadeiro, uma bomba explodiu, gerando uma mini-comoção. Depois vim a saber que se tratava de um policial infiltrado querendo gerar confusão. O equilíbrio emocional de uma passeata é bem frágil, e em outro momento poderia ter causado estragos.

Chegamos finalmente à Paulista, e alguém notou que percorrêramos uma meia-São Silvestre. O clima era ótimo, de alívio e para mim de exaustão. Dobramos à direita e a passeata foi até o MASP encerrar o ato.

Julguei que já tinha testemunhado o suficiente e retornei em direção ao Paraíso, buscando minha casa.

Companheiros que seguiram ao MASP relataram que o encerramento foi emocionante, com um poderoso jogral. Ao contrário do que possa parecer de fora, encerrar um ato grande em paz é extremamente potente e faz o movimento crescer.

Em casa olhei rapidamente a internet para acompanhar a segunda parte da manifestação que é a guerra informacional telemática. Em conversa com T fiquei sabendo que a dispersão dos dois atos não foi tranquila. As estações do metrô na Paulista e no Butantã estavam fechadas, e as rotas de ônibus encerradas. Então não havia como ir embora. Os manifestantes ficam à toa e com raiva.

Na Paulista, a confusão começou na estação Consolação. T apontou que a sincronia da violência com o Jornal Nacional novamente aconteceu e isso levanta suspeitas a cerca da autoria da violência. É difícil saber quem começou a quebradeira que parece ter ocorrido na Consolação. Podem ser policiais infiltrados, podem ser manifestantes enraivecidos, conforme o que eu sei agora sem internet. Existe uma discussão no

movimento acerca da violência legítima e a ação dos Black Blocks, mas não vou tratar disso hoje.

Mas T aponta um contraste muito interessante entre duas reações possíveis ao cerco das forças de segurança nesse tipo de cilada (remover o transporte). No Butantã, ao se dar conta que a estação do metrô estava fechada, os secundaristas (viva!) se sentaram no chão em frente das catracas e começaram a cantar. Tropas de choque enfileiradas a poucos metros, encarando. O impasse prosseguiu nessa toada até que o metrô liberou as catracas e todos puderam ir para casa sem problemas (exceto os grupos de manifestantes que caminhavam para casa, após o encerramento, que foram espancados na rua pela polícia na região da ponte Euzébio Matoso, incluindo sofrendo abuso sexual contra mulheres).

Já é de manhã e estou sem luz, encerrarei por aqui sem informações da internet.

### **19 de janeiro – Quarto Ato do MPL**

Estava em Pinheiros para deixar uns remédios com minha mãe e então descii a rua Cardeal Arcoverde para chegar ao 4º Ato do MPL contra o aumento da tarifa. Passei pelo Largo da Batata e tudo estava absolutamente normal, exceto por um caveirão estacionado. Não gosto da estação do metrô Faria Lima: é profunda e a relação entre escadas e fluxo não é boa.

O lugar da concentração era meio inusitado. O espaço entre as esquinas das avenidas Rebouças e Faria Lima é muito grande e a manifestação ficava assim meio exposta. Mas tinha muitos passantes e era possível panfletar transeuntes, ao contrário do que às vezes ocorre quando estamos no centro.

Chegando ao cruzamento, passou por mim um grupo de jovens a caráter, cheios de falsos ferimentos e sangue de mentira. Achei um jeito bem humorado de lidar com a ameaça de violência policial. Ao antecipar-se e teatralmente produzir os resultados da pancadaria, os meninos e meninas como que exorcizavam o nervosismo (eu mesmo estava muito nervoso). Lembrei-me do dia de Finados e da marcha de outros jovens fantasiados que vi nessa data. Andava pelo centro da cidade nesse dia e de repente vi um cortejo de uns mil jovens fantasiados de zumbi, caminhando tropegamente pelas ruas. Celebravam à sua maneira o Dia dos Mortos. Há muita discussão nos meios

acadêmicos sobre a figura do zumbi no capitalismo. Para Zizek e outros, o zumbi é o indivíduo na sociedade capitalista, seja consumidor sem cérebro próprio seja um trabalhador híper-alienado que entra e sai de trabalhos precários e informais, sem vida digna do nome. Pensei à época que os jovens sabem que ingressam no mercado de trabalho como quem entra no inferno, no vórtice da desproteção e da flexibilização. Então para eles o dia do trabalho é o dia dos mortos. Assim, se no futuro a tradição laborista se perder totalmente frente a uma nova realidade do trabalho precário, o desfile que hoje é no 1º de maio se dará no dia 2 de novembro, quando os trabalhadores, agora todos precários, marcharão juntos, ensanguentados.

A Faria Lima estava fechada a partir da Arthur de Azevedo, e skatistas tiravam vantagem do leito carroçável livre para evoluções. Ao chegar ao meio do cruzamento meu nervosismo aumentou: muito pouca gente, realmente me senti desprotegido pela multidão esparsa. Eram 17:45. Uma fotógrafa da Folha piorou a situação ao relatar a uma companheira que o comandante no local tinha dito que não ia deixar a manifestação sair. Resisti à ansiedade de sair repetindo isso por aí e avisar as pessoas. Tentei confirmar com alguém, mas ninguém sabia o que ia acontecer.

O ato estava acertado de se dividir em dois, uma parte rumando em direção ao palácio do governador e a outra para a prefeitura. O MTST chamou dois outros atos paralelos, um no terminal Itaquera e o outro no Capão Redondo. Achei o apoio significativo, ainda que alguns companheiros tenham chamado a atenção para o fato deles não estarem juntos lá conosco. Mas julguei que a tática implícita não era má: dividir os atos em quatro foi um modo de esgarçar as forças policiais, que também tiveram de se dividir.

Olhando mais friamente o desenho do contingente policial, vi que não estávamos cercados e o que Choque estava longe. Tentei me acalmar. O itinerário havia sido divulgado previamente.

Encontrei S e L, conversamos. Falamos da ação dos black blocks no contexto da luta do MPL. Também dos esforços de expansão do movimento. Impactados pelo baixo número de manifestantes, ponderávamos os rumos futuros da campanha da tarifa e quais os próximos passos. Com outros professores, a conversa foi a respeito do recorte etário nas manifestações recentes da cidade. As manifestações coxinhas reúnem

majoritariamente pessoas de mais de 35 anos, afirmou C, um professor. Já as do MPL atraem muitos jovens. Lamentou que as estruturas sindicais não estavam permeáveis às novas formas de luta.

Muitos secundaristas à nossa volta. A escola Fernão Dias é lá perto, e muitos de seus alunos estavam entre nós. No mais, as mesmas forças de sempre. O jornal El País acusa crescimento do movimento, e parece haver umas 8 mil pessoas que estão a vir a todos os atos.

A saída demorava e dei um giro, encontrando P com jornalistas justamente do El País. Esse jornal tem uma boa cobertura nacional que não se deixa contaminar pelo ódio reinante na imprensa brasileira. Tem sempre uma cobertura equilibrada dos atos e manifestações sociais. Leio sempre seu site, que ademais não bloqueia notícias ao leitor não-pagante. Um secundarista nos abordou e disse que estava conversando com pessoas da imprensa perguntando como era o movimento social de antes. Ficamos de nos falar outro dia.

Um silêncio impressionante se fez para o jogral. As vozes ecoaram por aquelas esquinas. Sentados no chão, procurei absorver o momento raro. Depois o ato saiu. Uma parte dos manifestantes saiu pela Faria Lima, dirigindo-se ao Palácio do Governo. Era pouca gente frente ao aparato policial, só umas 500 pessoas. Eles acenavam ansiosos para nós que ficamos para ir ao centro, encorajando-nos a juntarmo-nos a eles. De coração meio apertado, não fui. A caminhada até o Morumbi é puxada e depois não tem como voltar. Admirei a coragem e disposição da moçada. Depois T me contou que mesmo os manifestantes mais governistas, que reclamam sempre que o MPL poupa o governador em detrimento do prefeito, não quiseram acompanhar este cortejo até o palácio, que era essencialmente formado de meninas e meninos adolescentes, preferindo a ida ao centro.

A previsão de confronto na saída não se realizou e iniciamos a caminhada subindo a Rebouças. No máximo umas 3 mil pessoas ao todo na saída, avalei. Curiosamente, as passeatas têm chegado mais numerosas do que quando partem. Vários companheiros notaram esse fenômeno. Arriscamos analisar que se trata de um acontecimento pós-celular. A exemplo de eventos sociais que enchem depois das pessoas presentes



falarem aos seus telefones móveis, chamando quem está de prontidão em outro local, o nosso ato engordou no caminho.

A polícia não conseguiu ou não quis envelopar totalmente o ato, e dessa vez não desenhou um perímetro esvaziado dentro do qual a ato de movia. Roçávamos na cidade, e ela roçava de volta. Subimos por uma via da avenida, mas os carros trafegavam normalmente no sentido contrário. Havia muitos pedestres, tanto no cruzamento quanto na própria Rebouças, e também na Paulista. Ao contrário do centro esvaziado, o contato com a cidade era mais vivo e de repercussão mais legal nesse trajeto.

Sem a presença ostensiva da polícia, o ato ficou mais relaxado. Exceto quando um grupo de manifestantes espirrou para a pista ao lado, ameaçando parar o trânsito que descia. A polícia interviu, sem bater, e eles voltaram. O coração foi na boca.

T disse que um amigo tem um amigo que trabalha no metrô de São Paulo, e ele é da Força Reservada. Seu trabalho consiste em acompanhar manifestações e informar ao metrô as rotas tomadas pelas manifestações de modo que as estações possam ser fechadas. Esse funcionário disse que muitas estações do metrô estão cobrando R\$3.50 (alegando falta de moedas para troco) e que haveria uma disposição da prefeitura para rever o aumento.

Muitas são as palavras de ordem e cantorias dessas manifestações. Não anoto muitas delas, achando que o formato vídeo dá conta melhor desse tipo de registro. L discorda, dizendo que é preciso registrá-las por escrito sim. Nesse dia pensei que seria incrível se alguém tivesse compilado as palavras de ordem da Revolução Francesa. T afirma que os secundaristas trouxeram nova onda de cantos e palavras de ordem, incluindo funks. Avistei de novo um violão na mão de um adolescente, desta vez o instrumento era rosa.

Para quem atenta para as contaminações da manifestação política e do carnaval, a clássica marchinha que diz “você acha que cachaça é água...” foi reescrita com a seguinte letra:

“você acha que o Haddad é gato, Haddad não é gato não. Haddad aumenta a tarifa, e reprime com o Geraldão”

Outra boa que anotei dizia:

“É gás, gás, gás lacrimogênio, eu não me engano, é perfume de tucano”

Os jovens cantam muito na cara da polícia também. Algumas preferidas:

“Não, não à repressão”

“Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar”

Companheiros na passeata me garantiram que esse sentimento existe entre soldados e cabos, que se ressentem do teto de vidro inerente à separação das carreiras da soldadesca e do oficialato. Um canto que acho ruim o ouvi hoje:

“Não estudei, tem que estudar, se não vou pra a polícia militar”

Um vendedor passeava entre os manifestantes vendendo apitos e vuvuzelas verde e amarelas. Outros vendiam água e havia mesmo um carrinho de milho cozido.

Chegamos à avenida Paulista no lusco-fusco, hoje com lua. Dobramos à direita para atingir o MASP e de lá tomar a 9 de julho. Eu estava pronto para encerrar, cansado que estava. Já na concentração o nervo ciático reclamava...

A batucada é como o coração da manifestação. Ela dá pulso e cadência, mantém o espírito e ajuda a formar um corpo movente. Havia pelo menos três delas.

Muita gente nos prédios ao longo da 9 de Julho, muitos vibrando – apesar de uma única panela que era batida com insistência, presumivelmente anti-Dilma. Teve mesmo um menino que, chamado pelas pessoas (“vem, vem pra rua vem”), desceu e se juntou a nós, aplaudido. Nessa parte do caminho alguns rojões e bombas de baixo impacto. Assustam bastante, mas não causaram maiores consequências. Não sei bem quem faz isso, mas faz subir a temperatura emocional. Debaixo dos viadutos, a voz ficava mais ampliada, gerando novas palavras de ordem.

Subimos à prefeitura pela rua Dr Falcão Filho e a manifestação se concentrou na frente do prédio. Apesar da presença policial aqui muito forte, fez-se o jogral e o ato se dispersou. Fui com alguns companheiros ao restaurante peruano da rua Aurora.

## **21 de janeiro – Quinto Ato do MPL**

Saí da estação Sé do metrô que já baixara parcialmente suas grades. Desci pela Rangel Pestana em direção ao terminal Parque D. Pedro, para o quinto ato do MPL contra a tarifa de R\$3,80. Notei que o terminal havia sido fechado e que havia uma movimentação grande de gente pelas imediações. Percorri a rua que ladeia o terminal até a praça Ragueb Chohfi do outro lado. Essa rua está sempre cheia de gente. O terminal ativa a região imediatamente ao redor de si, com muitos restaurantes e prostíbulos. De madrugada, quando o terminal fecha, a movimentação de carga e descarga do Mercado Municipal gera bolsões de consumo e socialização na região.

Já dava para notar alguns cartazes distribuídos pelo MPL entre os populares ao longo do caminho. Cheguei à concentração às 5:45. Tenho tentado chegar mais tarde aos atos, mais perto da hora de sair. Mal sabia que hoje demoraríamos muito a começar a caminhar. Encontrei E, que me falou que já ia embora. Tinha chegado muito cedo e vira o terminal fechar e esvaziar às 4:30.

O ato começou pequeno, de novo. Sair na rua busca ampliar a visibilidade e apoio, mas os atos não parecem estar aumentando em número. Calculei depois que umas 3 talvez 4 mil participaram do ato, já quando caminhávamos. Quem acompanha as redes sociais diz que o número de adesões nas páginas do movimento tem caído.

Achei M da universidade e conversei com um moço que faz pesquisa para a Folha. Falávamos do crescimento e expansão do movimento, e perguntei se a chamada “nova classe média” não estaria sensibilizando-se com o MPL, já que a qualidade e custo do serviço público lhes seriam de interesse. Ele disse que esse segmento não vai às manifestações coxinhas, que são claramente da velha classe média e de recorte etário maior (conforme pesquisa que fez); mas também não votam mais no PT. E que de alguma forma a mensagem do MPL não está chegando neles. Falamos da ubíqua distância entre as esquerdas institucionais e os novos movimentos.

Parece-me que todo o movimento está pensando como reativar as grandes mobilizações de 2013 em um novo contexto. Está claro que não vai haver uma explosão como a daquele ano, já que o Brasil mudou e que muitos daqueles que foram às ruas então acharam seus nichos de mobilização e suas reivindicações não se canalizam mais pelo MPL. Mas a situação econômica está pior, há o precedente do

sucesso das mobilizações anteriores, a pauta da mobilidade urbana foi imposta à política de maneira vitoriosa, há sangue novo na forma dos secundaristas... Por que não há adesão da sociedade? O MPL tem pedido muito aos ativistas que façam atos espontâneos em seus bairros, trancamentos menores mais espalhados pela cidade, de modo a evadir os impasses dos atos maiores. De fato houve pelo menos um, hoje de manhã, na avenida 9 de julho.

O zumzumzum, porém, era mais imediato, sobre qual trajeto o ato deveria seguir. A polícia avisara que o itinerário anunciado pelo MPL não seria permitido. O caminho inicial proposto acabava na Assembléia Legislativa, alcançada pela 23 de Maio depois de um giro pelo centro. Para o comandante, a passeata acabaria na Praça de República. Para o ato, tratava-se de um impasse importante. Era um flagrante desrespeito ao direito constitucional e um aviso claro de que haveria violência por parte da polícia. A questão, tal como parecia na hora, era de fazer valer o direito constitucional e marcar, tal como ficara evidente na Paulista, que a polícia ilegalmente impedia uma manifestação de acontecer.

Para mim, foi uma decisão boa. Apesar do alto custo em termos de violência policial, o ponto é que o itinerário havia sido sim anunciado, e que a manifestação acontecia conforme o exigido pela lei. O mote das avaliações posteriores e da cobertura da imprensa teria necessariamente que passar pela questão do poder discricionário da polícia em definir trajetos para a manifestação democrática. Não seria possível atribuir a violência aos Black Blocks, ficaria evidente que a questão é de toda a sociedade e que a posição da PM é insustentável. Assim julguei.

Muito tempo foi dedicado às negociações com a PM e com assembléias e votações. Eram 7:30 e ainda não havíamos saído. A tensão era palpável e cansativa. Mas a última assembléia decidiu quase por unanimidade manter o trajeto e sair apesar da hora avançada.

O medão ficou denso, faltava agora ganhar as ruas. Eram 8 horas e saímos pela General Carneiro, subindo em direção à rua Boa Vista – cercados pela polícia, pela frente e pelos lados, e também por trás. Na partida, notei um moço de vestido, estampado, de algodão. Caía-lhe bem. Também uma pequena palhaça vestida e



maquiada de rosa. Havia algo de exu nela, mas, da calçada, nos desejava boa sorte e força.

É difícil descrever o nervosismo destes momentos, insidioso. Sabíamos que o ato acabaria antes do esperado, mas, onde? Depois da experiência na Paulista, esperávamos um ataque a qualquer momento. Cada quarteirão do centro poderia se tornar o lugar do infame “caldeirão de Hamburgo”, realizado pela PM em Higienópolis e na própria Paulista: confinamento e bombardeio da multidão – com corredor polonês no final.

Reconheci imediatamente a sensação que M agora me relatava: parece que nos atos o olfato fica mais agudo. Hoje mesmo, marchando, senti pelo menos duas ondas de um odor muito intenso, cuja natureza não soube identificar.

Parada e jogral na rua Boa Vista. Pequeno incidente e começo de corre-corre na Líbero Badaró. Três meninas de uma academia em seus colãs comemoravam a passagem da multidão. O Choque na Patriarca, de prontidão, de uniforme, mas sem colã. Passado o viaduto, contornamos o Teatro para chegar à São João, e de lá até a Ipiranga. Os helicópteros insistentes por cima. Chegamos à República, onde a PM bloqueava o caminho. A passeata parou.

A hora desgraçada tinha chegado, a hora da verdade. O ato se sentou e fez-se um jogral à vista do contingente repressivo que cercava a praça. Uma pesada linha de soldados da PM bloqueava a S. Luís, por onde a passeata deveria prosseguir. Outras colunas fechavam as vias de acesso ao local.

Negociações com a PM. Eram 21:20.

Com o nervosismo já apitando, e tentei identificar rotas de fuga. Admiro muito aqueles que vão à linha de frente e que seguram a faixa na vanguarda dos atos. É preciso muita coragem para se postar em frente aos escudos sabendo que a primeira carga de bastonadas vai cair sobre suas cabeças. Os manuais da polícia militar do Espírito Santo e do Choque de São Paulo, disponíveis na internet, afirmam que as armas não-letais não representam ameaça à vida apenas se respeitados certos parâmetros do fabricante, tais como observar estritamente uma distância de 20 metros para o disparo de bombas, granadas e balas de borracha. Ficar na linha de contato te expõe à prática do

tiro à queima-roupa. Um manifestante hoje recebeu uma bala de borracha entre os olhos, machucando-o muito. Nesta noite, os tiros eram para matar – só a munição era dita não-letal.

O impasse durou uma meia hora, e uma nova assembléia decidiu tentar seguir o trajeto original, de braços erguidos e gritando “sem violência”. Aqui me separei dos bravos e fui à retaguarda, o coração na boca.

A multidão levantou os braços, deu um passo e a polícia atirou.

Há uma mistura curiosa de guerra medieval com alta tecnologia na repressão de rua. O comandante no quartel vê e interpreta as imagens tomadas pelos helicópteros e observadores. Para ele, a operação é como um game. Ele detém o domínio visual do tabuleiro e consegue trabalhar com uma simulação da totalidade do teatro de operações. Ele age na simulação e seus movimentos são replicados no campo físico.

Mas para os soldados e manifestantes, enfim, para os corpos no chão, não existe essa clareza e muito menos uma visão do geral. Ali impera a bruma da guerra, o dito *fog of war*. No contexto dos corpos, o contato físico entre duas linhas que se encaram à espera do embate reencena uma formação milenar da guerra de infantaria, típica de sociedades agrárias pré-pólvora.

Mas a comparação com a guerra não se sustenta, pois se trata de um combate assimétrico demais. Não há “confronto” entre a polícia e os manifestantes, mas sim um massacre. A palavra é *ataque* e não “reação” da polícia. “Tiro ao alvo” ou “caçada humana” são termos mais adequados à situação. Como já anotei, a dispersão da multidão prepara a formação de grupos menores sobre os quais as colunas policiais podem agir com superioridade de fogo. Com licença para agredir à vontade, na certeza absoluta da impunidade, a PM realmente sai dos trilhos e abate os cidadãos como gado. É algo assustador testemunhar na pele a suspensão de direitos fundamentais, realizada por uma mistura de planejamento estatal e maldade humana .

Vi certa vez um filme, talvez “400 contra 1”, ou mesmo “Tropa de Elite”, não lembro bem. Mas uma cena da fita exibia um grupo de homens que fugiam da polícia pelas ruas de uma favela. Buscando as rotas desimpedidas, eles estavam na verdade sendo

guiados até um campo de futebol, onde atiradores à espreita abatiam todos que chegavam correndo.

Essa é a tática geral da polícia nesses eventos. A insistência em roteiros pré-determinados advém dessa vantagem de poder montar de antemão o teatro de operações. O cercamento da manifestação dentro de um perímetro controlado, de onde é possível atirar de fora para dentro, é o desenho ideal para a repressão.

Análoga à suspensão dos direitos fundamentais em situação de repressão é a suspensão onírica. Já falei do encantamento como instrumento de guerra. “O conceito de realidade é sempre a primeira vítima da guerra”, comenta Virilio.

No imaginário militar essa suspensão de realidade coincide com a liberdade de ação dentro desse perímetro de violência permitida. Tanto o treinamento em geral quanto a preparação para a ação pontual trabalham com um estado de prontidão, nervosismo e agressão, que deve ser construído no corpo do policial. Uma vez em “estado alfa”, em transe, fica possível realizar ações de violência injusta e extremada. A violência repressiva deve envolver uma super-adrenalina, deve parecer um super-jogo excitante para o soldado enlouquecido.

Mas eu, correndo pela Praça da República, percorria também uma bizarra paisagem de sonho. Tinha umas mil pessoas correndo pela praça, todas ao mesmo tempo e na mesma direção sob a luz amarela. Assim, parecia que estávamos todos parados enquanto uma paisagem muito louca corria sob nossos pés. Era como ser simultaneamente um ator e um espectador de um cinema vivo. Na relativa escuridão sob as árvores, muita gente tropeçava nas gradinhas e falhas do calçamento. A praça se revelava para mim como um interminável labirinto cheio de voltas. Julgava correr em uma direção, mas, como Alice no País do Espelho, acabei por dar no lado oposto ao desejado.

Corri muito, tentando evitar formar grupos que atraíssem bombas da polícia e buscando achar alguma saída desobstruída. Acabei por sair na São João à altura da rua Aurora, e de lá andei para a Luz, julgando que outras estações mais próximas estariam fechadas. Tomei o trem e fui para casa.

Em casa tomei conhecimento do saldo final de feridos, uma loucura: foram dezessete manifestantes atendidos no Hospital das Clínicas e na Santa Casa e outros dezesseis atendidos na rua pelo GAPP.

A esquerda em geral e a sociedade precisam acordar para esse tipo de repressão. O estado está se militarizando e a polícia ganha grandeza de exército. Esse é, inclusive, um legado da Copa e das Olimpíadas. Acordar agora, pois os anos à frente serão difíceis e de luta num cenário hostil. Petistas, seus vínculos com o poder vão acabar! Vocês estarão na rua também amanhã! E o presidente do Brasil pode ser o mesmíssimo Alckmin de hoje.

### **23 de janeiro – Numa escola secundarista**

Fui a um debate na escola Fernão Dias, de manhã. O debate é parte das atividades de reposição das aulas perdidas durante as ocupações. Cheguei cedo (na hora) e esperei até a atividade começar. Muitos alunos lá estavam, e a atividade do momento era uma aula de dança ministrada por um estudante. Havia também uma oficina de instrumentos musicais. Fui bem recebido e uma professora contou um pouco sobre as ocupações e pediu para que ficássemos de “anjos da guarda” dos meninos e meninas quando estivéssemos nas ruas. Ela contou que conviveram com a PM durante vários dias quando esta sitiava a escola. Afirmou também que alunos eram seguidos e ameaçados quando saiam da escola e caminhavam pela vizinhança.

O tema do debate era militarização e democratização. Eram três os debatedores, um jornalista, um professor e uma estagiária da Defensoria Pública. Acompanhou também o debate um policial à paisana, depois me indicaram. As falas foram boas, mas não sei se no geral acertaram o vocabulário e apresentação, tendo em vista o público presente. A plateia de uns 50 jovens tinha de 13 a 18 anos. Só o professor conseguiu uma narrativa mais adequada ao momento: começou com uma história, dava dois ou três sinônimos para palavras difíceis e fazia perguntas.

No geral aprendi no debate que 40% dos soldados da PM afirmam que sofreram tortura e humilhação no quartel. E que 70% da PM concorda com a desmilitarização de sua força. Vim a saber também que a famigerada força chamada Gladiadores do Altar, um corpo paramilitar criado pela Igreja Universal, foi treinada pelo BOPE. As



perguntas dos alunos foram interessantes e levou o debate para o lado de como falar a um policial que também sofre como indivíduo.

Os debatedores também trouxeram elogios à ação dos estudantes, já que estes não apenas se insurgiram contra uma medida injusta mas também lograram gerir democraticamente um espaço coletivo. Também trataram do avanço do capitalismo militarizado para outras áreas da vida como o trabalho, a produção e a escola.

Sáímos para almoçar em grupo que incluía um debatedor, uma professora da escola Fernão Dias, uma amiga ativista e outros. A amiga A tem agora uma Kombi a partir da qual realiza atividades de apoio às escolas e outras atividades militantes. Trabalhou na área de mediação de conflitos e formou um grupo de apoio aos secundaristas durante as ocupações. A professora contou do clima na escola. Disse que a relação aluno-professor melhorou muito, mas o diálogo com a direção está tenso. O novo secretário da educação foi anunciado pelo governador e preocupa os progressistas, já que se trata de um jurista reacionário – ainda que tenha, enquanto magistrado, impedido a reintegração de posse das escolas pela PM. Intuí pelas conversas que tive no dia que o corpo docente se encontra medicado para dar conta das tarefas escolares. Mencionaram rivotril e anti-depressivos. Mas diziam como a ocupação tinha transformado o humor e espírito dos professores, revertendo o quadro de depressão. Contaram também que a experiência da ocupação deu a alguns alunos o desejo de sair de casa e morar em coletivos. Os pais participaram ativamente das ocupações.

Perguntei ao grupo que incluía quatro ativistas próximos ao MPL por quê esse movimento não lograva apoio da sociedade. Mencionaram que o grupo era pequeno e que rachava a toda hora. Além disso, estavam falhando na comunicação. Ouvi de outras fontes que o MPL de São Paulo tem dificuldades em manter sua transparência horizontal e sofre um processo de centralização. T me conta que o MPL-SP acaba por tratar mal os seus aliados. Um desses grupos apoiadores, que sempre engrossa as passeatas, reclamava que a imprensa escrita sabia do itinerário do ato antes deles. Ademais, o MPL-SP não compareceu a uma plenária chamada pelos aliados metroviários e outros grupos apoiadores.

Mas parece que, para os movimentos autonomistas, as ocupações são consideradas uma continuação de 2013 e um salto qualitativo em relação às marchas daquele ano. A

experiência de gestão coletiva de espaços ocupados e a qualidade da organização – aliada à incontestável vitória – traz grande esperança para os ativistas. Os secundaristas agora estão envolvidos em outras lutas e o autonomismo preza muito experiências de base sem a participação cooptativa de agremiações partidárias.

Um dos ativistas à mesa disse que tinha decidido não mais pagar tarifa e ver até quando conseguiria levar essa resolução adiante. Relembramos que, faz muitos anos, era comum ver pessoas passando por baixo da catraca nos ônibus da cidade. O cobrador frequentemente deixava isso acontecer. Isso antes das câmeras de vigilância dentro dos ônibus.

Ouvi da mesa que a queda do Whatsapp semanas atrás foi um teste para futuras interrupções estratégicas das comunicações em casos de emergência social. E que a resistência indígena, a despeito de suas lideranças corruptas e cooptadas, está ativa inclusive com ações armadas. Lembramos que hoje em dia não se vê mais o que já foi comum: militares de esquerda.

Saí do restaurante e fui tomar um ônibus na Rebouças.

## **25 de janeiro – Política geral e repercussões MPL**

O país está de férias, e a política institucional ainda não voltou ao noticiário. Espera-se que a atividade política partidária e parlamentar recomece apenas depois do carnaval. Assim, pouca coisa de novo nesse cenário: Temer trabalha para se reaproximar do governo, o impeachment parece mais distante (conforme admitido na imprensa conservadora), restando apenas a decisão do TSE (que pode levar à cassação da chapa governista e precipitar novas eleições) e alguma eventual prova de crime originando na operação Lava Jato. O MBL e outros movimentos de direita marcaram um ato apenas para o dia 13 de março. Todas as denúncias que têm surgido na imprensa são diz-que-diz-que vazados de depoimentos iniciais de delatores. Esmiúça-se muito a vida financeira de Lula e sua cabeça é o prêmio que toda a oposição deseja. Quem é otimista diz que, se houvesse algo decisivo contra o ex-presidente, já teria sido encontrado e divulgado. Não obstante, a operação de desgaste de seu nome continua. Nas redes sociais, as denúncias a partir de vazamentos tomam ares de provas finais e são retransmitidas como fato. As citações de FHC e Aécio são rapidamente abafadas e não prosperam na imprensa em geral. O jornal El País escreve que não haverá

investigações sobre os crimes da era FHC, pois, segundo os magistrados da Lava Jato, esta operação está concentrada em casos que levem a condenações. Os crimes da era FHC vão todos prescrever, o que os retira da mira do juiz Moro. Assim, a natureza seletiva da Lava Jato incomoda muito os petistas e aliados, pois são os alvos quase exclusivos das investigações. Quando eu era jovem, havia um programa humorístico na TV que trazia como personagem um macaco, o Sócrates. Vendo-se envolvido em várias situações punitivas, dizia seu bordão que era “mas só sou eu? Cadê os outros?”. Assim parece ser com os petistas. Combater a corrupção é bom, mas só eu aqui na prisão?

Acabo de ver na internet que houve demonstração contra o prefeito e governador na saída da missa na catedral da Sé por militantes do MPL. O silêncio do prefeito frente à repressão policial e a sua molecagem de comparar as reivindicações do passe livre a uma viagem à Disneylândia caiu muito mal entre os ativistas. O fosso entre governistas e as outras esquerdas está cada vez mais profundo. O MST reclamou publicamente que o governo Dilma foi o que menos assentou famílias e ensaiou aproximação com o governador Alckmin. O MTST também marcou posição de cobrança. Um certo nervosismo governista não deixa ver que o PT cavou sua crise própria e se afastou da base.

A trolagem na seção de comentários dos jornais, revistas e blogs online no Brasil e ao redor do mundo está muito forte e o ódio impera sobre a razão. É raro ler uma discussão ponderada e produtiva, que certamente era a idéia inicial desse tipo de espaço.

Recordo que algum artigo de jornal equiparava o PT e o PSDB: os dois em crise e em extinção ou rumo à irrelevância. Em abraço de afogados, os dois se digladiam mas caem juntos, incapazes de sensibilizar a sociedade. Isso é consistente com o diagnóstico que tanto o neoliberalismo quanto a socialdemocracia estão em crise e foram ambos gerentes do mesmo processo capitalista. Quem privilegia narrativas econômicas de continuidade a partir dos anos 1980, não distingue muito esses dois braços. Apesar de alguns tímidos avanços na área social, o sentimento de que o PT não confrontou problemas estruturais do país é forte na esquerda hoje. Bastou uma recessão para por a perder uma boa parte das conquistas sociais dos governos do PT.

Fui tomar um café e uma cerveja com F. Falamos muito da situação atual. É simpatizante do MPL e atento para novas esquerdas, mas tem críticas ao Movimento Passe Livre. A questão dos Black Block e a tolerância do MPL com eles parece ser uma questão que intimida muito outras forças simpáticas que acabam por não aderir. A violência orquestrada pelo governador e pela imprensa conservadora achou neles o alibi perfeito. F analisa que essa jogada de associar indelevelmente o BB ao MPL já manchou toda a mobilização, e que será difícil reverter. Avalia que o movimento parece ter sido já envelopado e impedido de crescer, e que sua derrota é inevitável, apesar da boa reivindicação. Apontei como um artigo no Guardian deixa entender que o problema da lerdeza do fluxo no metrô de Londres não resulta de suas escadas rolantes, mas sim das catracas. Mencionei a conta da FIRJAN, que calculou o prejuízo causado pelos congestionamentos no Rio e SP: aproximadamente R\$30 bilhões em cada cidade. Ora, se o passe livre universal custaria 8 bilhões, como afirma o prefeito Haddad, então claramente o Passe Livre é um bom ato administrativo. E nem precisa taxar a riqueza.

F não vê futuro para o PT. Comentou da entrevista de Delfim Netto no jornal Valor. Prevê muita atividade política para 2016. Acha que o impeachment perdeu força e que a decisão do TSE não vai dar em impedimento. Falamos também da crise teórica da esquerda e do problema do protagonismo da luta. Ele se interessa pela questão ambiental e como ela perpassa toda a discussão política.

Amanhã tem um ato do MPL na Luz.

## **26 de janeiro – Sexto Ato do MPL**

A Secretaria de Segurança Pública decidiu um trajeto para o sexto ato do MPL e o divulgou faz pouco (16:30). Não sei qual a reação do movimento ainda. O MPL pediu diálogo, segundo os jornais, com o governador e o prefeito para esta quinta-feira. Faz um calor abafado na rua.

Tomei o metrô com intenção de descer na estação São Bento. Não gosto de descer nas estações muito próximas ao ato, pois é sempre um gargalo vigiado. E quis ter uma visão mais geral da força policial mobilizada para a manifestação. O trem demorou muito a andar perto da estação Sé. O sistema todo estava congestionado e a viagem tomou mais tempo do que eu previra. Na estação São Bento, desci do trem e subi as



escadas para a rua Boa Vista. Vi muita gente sentada nos degraus e perguntei se havia algum problema. Os usuários apenas comentaram que era sempre assim e que aguardavam o sistema esvaziar um pouco. No caminho até a superfície, vi mais de três casais se beijando apaixonadamente, dois deles de garotas. Já havia notado antes que é comum ver jovens se beijarem muito no metrô. Não sei se é porque se trata de um espaço seguro ou pouco vigiado, ou se é o último lugar de encontro antes das derradeiras viagens para as respectivas casas. Fato é que pelos cantos do metrô muito amasso acontece. Tomei a coisa como um bom augúrio.

Saí na rua já pelas 18:20 e atravessei o viaduto Santa Efigênia, sem maiores novidades. A Casper Líbero tinha um contingente policial e atiradores nas transversais. Cheguei na Luz e a região estava cheia, muita gente pelas ruas e calçadas. Muitos policiais e viaturas. Contornei a estação para chegar ao Parque, a fim de me juntar à manifestação. Cheguei no meio do jogral, a multidão em silêncio. Na hora, achei que tinha pouca gente e me senti inseguro. A polícia novamente cercava e intimidava os manifestantes, como já está à vontade para fazer sempre.

O jogral fazia uma homenagem a um companheiro recentemente falecido. E também discutia e votava o itinerário a ser seguido. Três helicópteros sobrevoavam o local acintosamente, um deles realizando rasantes sobre a massa. Não achei ninguém conhecido e senti-me solitário. Aliviado, achei um antigo líder sem-teto que eu conhecera na época da primeira ocupação Prestes Maia. Ele se lembrava de mim e conversamos um pouco. Ele me contou que estava na ocupação da rua Mauá; Disse que o prefeito desapropriara o imóvel, e que a briga agora era para reformar o prédio. Despedimo-nos e busquei algum outro rosto. Acabei por trombar com o D do CMI. Estava registrando o evento. Ele contou que o celular com o qual o CMI fazia o streaming ao vivo das manifestações fora roubado em plena transmissão na praça da República, no último ato. Estavam portanto sem transmissão ao vivo hoje. Contou também do momento fatídico na Praça da República, quando a passeata encostou nos escudos da polícia. Disse que a manifestação estava de braços levantados, e que se aproximou muito lentamente da linha policial. Disse que encostaram nos escudos e que pararam. Alguns manifestantes fizeram a contagem regressiva a partir do 5, e que quando pronunciaram o número um, as bombas choveram.

Os batiques recomeçaram e com eles a preparação da alma para a marcha. À saída do ato o amigo do CMI se perdeu na multidão e eu fiquei de novo sem ninguém por perto.

Ainda muito nervoso, busquei pessoas-talismã. É como se eu acreditasse que, se ficasse perto de certas pessoas, eu estaria a salvo. O itinerário havia sido imposto de antemão pela polícia, uma flagrante violação das liberdades sociais que foi pouco comentada pela imprensa e pela esquerda governista. Assim, a manifestação saiu sem eu saber bem se iríamos sofrer um ataque ou não. Eu não tinha conseguido compreender o jogral muito bem, e as pessoas ao meu redor também não. Então, supersticiosamente, atentava para esses manifestantes-talismã. Um menino caminhava maquiado, de lápis e rouge, com uma capa verde brilhante. Outro moço barbado andava de saia. Passou um cangaceiro, e depois um dândi de roupa branca e chapéu do Tom Jobim. Também nas imediações estava um frade franciscano, a caráter, alegre entre os manifestantes. Ele vem sempre. Acabei colando por algum tempo em um velhinho de camiseta vermelha, que já vira na linha de frente, segurando um cartaz contra a violência policial.

Sáímos contornando a estação queimada, com suas janelas carbonizadas. O cercamento da polícia de costume, pela frente, por trás e pelos lados se formou também. A sempre presente equipe de filmagem da PM estava lá, registrando tudo em vídeo, também acintosamente. Na última Bienal de São Paulo, um artista conseguiu obter da polícia alguns de seus filmes. Ele descobriu que a polícia filma não apenas os rostos, mas também os sapatos de manifestantes. A idéia é que o rosto pode ser coberto, mas os sapatos não mudam e facilitam a identificação. O filme que ele obteve, assim, mostrava rostos e sapatos.

Eram 19hs. Senti de novo a sensação de olfato aguçado, enquanto caminhava. Passamos pela frente da ocupação Mauá. Muita gente pela Luz, na calçada devido ao calor. Os cortiços em geral eram solidários e acenavam para a passeata. A moçada animada como sempre, muitas jovens mulheres e secundaristas. Não vi mais bandeiras da juventude do PT, e calculei que no total haveria umas 2 mil pessoas, o que é um encolhimento. Numa saída do metrô Luz via três soldados da PM, farda cáqui clara, portando sub-metralhadoras.

“Quem não pula quer tarifa!”

Essa palavra de ordem é sempre acompanhada de pulos reais dos corpos na rua. Algumas outras delas, recolhidas por T ou ouvidas no ato:

“Se você paga, não deveria, pois transporte não é mercadoria”

"Deixa passar, a revolta popular "

"Ai, ai ai ai, ai ai ai ai ai ai ai ai, tarifa cara do carai"

"Dança Haddad, dança até o chão, aqui é o povo unido contra o aumento do ônibus "

"Eeeeeeeeeeeeeeu tô boladão, não vou deixar Haddad aumentar tarifa não, não vou deixar Geraldo aumentar a tarifa não"

Ao contrário do que afirmam apaixonadamente alguns governistas, o Haddad não é alvo preferencial. As palavras de ordem e outros materiais do MPL têm por alvo os dois administradores. Isso era evidente hoje. Dizer que o movimento poupa o governador é o mesmo que afirmar que o MPL é financiado pela CIA ou pelo PSDB, como já li por aí.

Seguimos pela Ipiranga e cruzamos a São João, que estava fechada por uma coluna de escudos e atiradores. Estava muito quente, e havia bastante gente nas calçadas. Um homem jovem na frente do cine privê (cabines individuais 24h) comemorava muito a passeata. Da Ipiranga dobramos à esquerda na São Luís e de lá para o viaduto Nove de Julho em direção à Câmara Municipal.

Encontrei G do movimento dos ciclistas. Não o via há muito. Ele contou que, onde mora, em Sapopemba, também teve ocupação da escola local. Comemorou muito as ocupações em geral, mas anotou que lá a ocupação fez emergir fortes contradições locais. Disse que a estrutura era bem precária e que relativamente poucos alunos dormiam na escola. Mas que testemunhou o crescimento político de muitos alunos, que nunca mais serão os mesmos.

G relatou como o movimento dos ciclistas se encontra no momento. Diz que o movimento tem duas tendências principais, que são os horizontais e os institucionalizados. Apesar dos horizontais terem obtido maior expressão no início, ele acha que há hoje uma simbiose entre os dois grupos. Os horizontais são mais radicais e menos afeitos à sua inserção na economia e insistem em formatos associativos

coletivos e colaborativos. No geral desgostam de lideranças e do consumo associado à bike. Sua crítica ao carro se funde com a crítica ao capitalismo. Já os institucionalizados formam associações do tipo .org e .com, praticam o empreendedorismo associado ao estilo de vida ciclista e não têm problemas com a exposição na mídia e construção da imagem pública de lideranças.

Ao analisar com um colega seu as eleições municipais deste ano, G avaliou que as conquistas do movimento não correm perigo. Ele calcula que com Haddad reeleito teríamos uma continuação de pequenos avanços. Os dois candidatos mais refratários aos ciclistas, Dória e Matarazzo, não conseguiriam desmontar as ciclovias de imediato, eles precisariam de pelo menos dois mandatos para reverter o quadro. G está muito confiante que os ciclistas estão organizados e prontos a impedir quaisquer perdas que venham a ser impostas. Há muita gente que vive para a bicicleta, há uma economia ao redor da bicicleta que movimenta dinheiro e mercadorias, uma ecologia por demais consolidada. As redes estão azeitadas, há boa e massiva comunicação entre os ciclistas e diversidade suficiente para capilarizar na sociedade como um todo. Disse que o movimento ganhou muita confiança com as sucessivas vitórias. E principalmente avalia que as duas tendências ciclistas se uniriam num ápice se um inimigo comum configurar-se na pessoa de um prefeito antagônico.

G lamenta que o MPL pareça hostilizar os ciclistas. Disse que um meme supostamente produzido pelo Passe Livre circulou ontem entre os ciclistas. O meme afirmava que a bicicleta era um meio de transporte de elite. Estranhei muito que o MPL tivesse feito isso, mas não tenho como julgar.

Lamenta também que o MPL não tenha conseguido romper o cerco discursivo e virado o jogo. Lembrou a Marcha da Maconha que, quando proibida pela polícia, logrou se transformar na Marcha pelo Direito de Expressão, ampliando seu apoio e legitimando seu pleito perante a sociedade.

Falamos também da trajetória do PT a da “conjunção maldita de planetas” que veio assombrar o partido hoje. Analisou que a crise internacional acabou por atingir o Brasil, não mais como marolinha, no momento em que a Dilma tentava forçar uma baixa de juros. Disse que ela e Mantega preparavam um modelo econômico alternativo



de esquerda quando a conjunção desfavorável se configurou, anulando o coringa-mor que a presidenta tinha na manga: o pré-sal.

Ele lembrou, ademais, como o MTST logra adicionar pautas vizinhas à moradia, fortalecendo-se e que foi à manifestação pró-Dilma apenas porque o MTST fez o chamamento para esse ato “contra o ajuste”. Disse que a CUT não faria isso e que não tem mais paciência com a essa central sindical.

A manifestação chegou à Câmara Municipal. Fizemos um jogral e encerramos. A dispersão se deu sem problemas, mas pesadamente vigiada. Comi um sanduíche e tomei um dreher com coca-cola na Nova Fogazza, meio que aguardando alguma novidade, mas nada aconteceu. Tomei o metrô no Anhangabaú e fui para casa.

## **27 de janeiro**

O amigo LR trouxe uma imagem para descrever as diferentes correntes e grupos envolvidos nas recentes manifestações: estes seriam como peixes ornamentais abrigados em uma piscina natural na praia, enquanto no horizonte nem tão distante um tsunami se desenha ameaçador. Ele é petista.

## **28 de janeiro – Sétimo Ato do MPL**

Embarquei na estação Vila Madalena do Metrô em direção ao sétimo ato do MPL, o Ato Reunião com o prefeito e o governador. No vagão entraram também três jovens músicos, dois violinos e um acordeão. Tocaram “trabalho nosso autoral” e passaram o chapéu. Eram bons. A atividade comercial nos trens da CPTM é muito intensa, a ponto dos vendedores chamarem-na de “Shopping Trem”. No metrô, por contraste, a atividade é muito menor. Mais uma vez tomei a aparição de jovens como bom augúrio para o dia.

Desci na estação Consolação e, enquanto percorria o detestável Corredor da Morte, pensava qual seria a causa do curioso deslocamento operado pelo Metrô: a estação Paulista fica na Consolação, e a estação Consolação fica na Paulista. Saí do sistema na República em direção ao Largo do Paissandu. Tentei percorrer o máximo de galerias que pude até lá. É possível caminhar da Biblioteca Mário de Andrade até o Paissandu percorrendo apenas galerias. Tomei a Galeria dos Brinquedos a partir da 7 de Abril. Essa passagem tem vitrines com brinquedos antigos, além da Galdino Numismática,

um café, um cabeleireiro e relojoeiros. Saí na Barão de Itapetininga e busquei a Galeria Itá. Ao fim desta desemboquei na Galeria do Rock, que atravessasse até o Largo.

Eram 17:45 e tinha bem pouca gente. Dei um giro no Largo e fui checar a loja de discos usados lá pertinho. Comprava muito LP lá nos anos 2000, quando as rádios do interior desovavam seus acervos vinílicos na capital, tendo substituindo-os por CDs e meios eletrônicos. Foi uma festa.

Voltei e chequei o aparato policial que cercava a manifestação. O de costume. As vias não estavam bloqueadas aos transeuntes, mas havia colunas de PMs em todas os acessos. Não achei ninguém conhecido e sentei para esperar, ao som da única fanfarra com batuque que havia. Notei o cine Art Palácio em frente, hoje uma ocupação. Certa vez entrei nessa ocupação, e o espaço é muito viajante. As cadeiras foram removidas do auditório, mas não a tela. O espaço tem muito recônditos.

O tempo passava e o Largo encheu um pouco mais, mas não era possível negar que o movimento se esvaziara. Mesmo sendo um Ato Reunião, a presença hoje era desapontadora. Nacionalmente o MPL até acumula conquistas. As cidades de Recife, Teresina, São Caetano, Caruaru, entre outras, derrubaram o aumento. Mas em São Paulo a coisa murchou por ora.

Vi a equipe de filmagem da PM. A polícia publicou em seu site hoje fotos de um manifestante que identificaram através da calça e dos sapatos. Ele foi preso.

Foi feito um jogral e saímos para a prefeitura às 18:30. Descemos a S. João, atravessamos o Anhangabaú e ganhamos a Líbero Badaró. Estávamos escoltados pelo numeroso contingente policial: viaturas na frente e atrás, a Tropa do Braço pelos lados. Helicópteros por cima.

Achei mais legal sair assim cedo, o comércio está aberto e as pessoas passando. A passeata parece que muda de tamanho, como Alice. Na Líbero Badaró ela parecia mais encorpada, provavelmente devido à arquitetura...

Encontrei O de bicicleta. Não o via fazia uns anos. Ele contou que deixara o MPL. Perguntei a ele por quê o MPL fracassava e os secundaristas venciam. Ele respondeu “é essa a pergunta que eu me faço também!” Disse que o MPL está muito sectário e que tem tratado mal seus aliados. Relatou que a relação com o MTST sempre foi

complicada, e já houve desavenças sérias com grupos muito próximos. Conversamos sobre como o Alckmin é mais habilidoso que o Haddad e tem manobrado o prefeito para dentro de situações desfavoráveis. Para o movimento, Haddad aceita e acaba avalizando a repressão. Uma alternativa digna seria o prefeito tomar a iniciativa de fazer da CET a autoridade competente na questão das manifestações. Ao aceitar a militarização da questão, Haddad se humilha ao ceder à PM estadual a gerência da cidade e passa a ser cúmplice da violência sobre a qual não tem nenhum controle. E deixa passar a criminalização dos movimentos sociais, o que é imperdoável para um homem de esquerda. Ponderamos que a repressão aprendeu muito desde 2013. “Chegar até o lugar do ato já é difícil”, disse a respeito do cerco policial.

Chegamos à Prefeitura sob forte tensão. Fomos cercados por todos os lados, e os helicópteros baixos sobre a multidão. O cenário da “reunião” foi montado: três cadeiras, duas delas vazias. A idéia geral do ato como uma tentativa de reunião e diálogo é boa, mas quiçá tivesse sido mais eficaz em outro momento.

O ato começou com falas de vários manifestantes, dentre eles um metroviário demitido e L Gregori , criador do projeto Passe Livre na gestão Erundina do PT. O som do aparelho era muito ruim e não se entendia nada, a partir de onde eu estava. Pela primeira vez, desde o primeiro ato do MPL, me entediei. Mas tinha decidido ficar até o encerramento e assim dei um giro para observar a cena. Alguns grupos de policias, 3 ou 4, passeavam pela multidão, de cassetete ou fuzil de bombas em punho. Um menino negro, de uns 8, anos pegou uma bandeira vermelha e dançava em frente às colunas policiais. Ficou um tempão fazendo evoluções molecas, ora chegando perto e ora se afastando da força. Outro moço se deitou no asfalto, braços e pernas abertos, barriga para cima e lá ficou.

Encontrei M da universidade e conversamos no lusco-fusco. Eram umas 20h. Lamentamos o FlaxFlu da discussão política atual que estreita o debate e arriscamos previsões acerca da eleição municipal. Uma das grandes perguntas que sempre aparece é se Haddad tem chances de reeleição. Parece que o PT quer investir nessa campanha. Ciente que nacionalmente o partido sofrerá grandes derrotas, manter São Paulo teria grande valor simbólico. Diz-se que esta é a posição de Lula, que avalia a possibilidade de vitória de Haddad frente a candidatos muito fracos da oposição. De fato, o PSDB não consegue capitalizar a evidente baixa do PT. Mas resta saber que

forças exatamente sairiam em favor do atual prefeito. Suas bases tradicionais já se esvaziavam e fica cada vez mais difícil atender a chamamentos contra o retrocesso.

A dispersão lenta começa antes mesmo do ato acabar. Até a câmera da PM vai embora. O moço que ficou deitado no asfalto por quase uma hora também se levantou. Um jogral encerra oficialmente o ato, marcando uma nova manifestação para o dia 25 de fevereiro, e os manifestantes deixam o local.

Vou para a estação Sé onde os seguranças estão nervosos e cercam as catracas. Tomo o trem e vou para casa.

Soube depois pela internet que uma manifestação pela intervenção militar parou a marginal Pinheiros hoje por quatro horas e causou um congestionamento de 10km. A SSP se negou a comprovar que essa manifestação foi precedida de aviso prévio. A grande imprensa ignorou o fato e não se discute a seletividade das demandas policiais sobre o MPL.

Amanhã vai ser maior.

## **29 janeiro – Cerveja e Ecosocialismo**

Hoje fui tomar uma cerveja com GP, advogado ambientalista. Conversamos bastante sobre o ambientalismo e a esquerda. A figura da deputada Luísa Erundina, ex-prefeita de São Paulo, apareceu na conversa. Ela está a iniciar um movimento-partido, o Raiz. Apesar de simpáticos à idéia geral e à maneira como este incorpora pautas ambientalistas e contempla a crise do formato partido, acabamos por discorrer sobre o que não figura bem no site do Raiz: nenhum outro nome além de Erundina ganhou biografia, as pautas são meio genéricas e de modo geral sentimos falta de um debate melhor.

Mas GP relata a dificuldade que tem sido fazer ver a certa esquerda que a crise ambiental é um tema político importante e implicitamente progressista. O ecosocialismo vem a recolocar a crise do protagonismo social da classe trabalhadora: a crise ambiental seria uma crise interna ao capitalismo, mas não do jeito que a ortodoxia marxista entende. O esgotamento dos recursos coloca a superação do capitalismo de maneira inadiável, com ou sem liderança do proletariado.



Falamos sobre as várias vertentes do ambientalismo e também do ecossocialismo, e também de sua premissa básica: o capitalismo não é sustentável e vai destruir o planeta. Não é possível fazer valer um capitalismo verde. O problema está na raiz do sistema, na expansão infinita do capitalismo e na forma lucro.

Mas o problema é que também o socialismo e comunismo clássicos são desenvolvimentistas e danosos ao planeta. O ecossocialismo, por outro lado, pensa em decrescimento, fim da sociedade de consumo, reorganização da produção. Como o faz em termos coletivistas e de colaboração ao invés de competição, há ampla margem para práticas e pensamento de esquerda nessa área. GP lamenta que o PT seja desenvolvimentista e que sua política econômica tem assim privilegiado o agronegócio e o desmatamento, tolerância ao trabalho escravo e o consumo de energia fóssil.

GP é escritor de ficção e tem vários livros publicados, tanto técnicos quanto romances. Ele contou como iniciou sua atuação na política ainda no segundo grau, quando foi alvo de denúncia e investigação policial do DOPS de São Paulo, por causa de um jornalzinho estudantil que fazia com colegas. Lembra que foi interrogado pessoalmente pelo então delegado Romeu Tuma, no Palácio das Indústrias no Parque D. Pedro. Na São Francisco, a FADUSP, dos anos 70 fez agitação cultural e política estudantil. Recordar-se de como o PC ainda era presença hegemônica no cenário político e também da presença dos grupamentos trotskistas.

Lamentamos a progressão em direção à imobilidade ou conservadorismo de vários colegas e conhecidos de quem nos aproximamos no contexto das lutas dos anos 70 (ele) e 80 (eu).

Relatei que entrei na Faculdade de Direito em 1984 mas nunca terminei o curso. Era o ano das Diretas Já, cujo maior comício ocorreu a uma centena de metros do Centro Acadêmico. O cenário político havia mudado um pouco desde os anos 70. Graças à Anistia, havia uma mistura de novas e antigas forças no campo da esquerda. No sindicalismo havia novas expressões como Lula e Jair Meneghelli, e a CUT fora fundada muito recentemente, como alternativa à CGT do Joaquinão.

Em termos muito gerais uma “nova esquerda” estava emergindo na sociedade e no movimento estudantil, que na faculdade abarcava o recém-fundado PT, trotskistas sortidos, libertários e alguns democratas mais liberais. O PC e o PC do B tinham chapa

própria. As direitas estavam em retração, mas tinham chapa também. Assim, a chapa ThePravda venceu as eleições daquele ano para o XI de Agosto, tendo como presidente o hoje jornalista Eugênio Bucci. Seu presidente seguinte, do mesmo grupo, foi o atual prefeito de São Paulo Fernando Haddad.

### **30 de janeiro – Discussão jurídica**

Relato aqui uma recente e interessante troca de emails com o amigo CL, jurista de esquerda, acerca da legalidade dos atos do MPL:

#### **MPL, geometria, temporalidade e uma potencial temeridade**

Esta vai só para você, porque há coisas aqui que é melhor que não sejam ditas antes de muita reflexão e mais elementos que as suportem.

Vou tentar um exercício para alinhar parâmetros do debate sobre o direito de manifestação, para depois analisar algo de que o MPL pode vir a ser acusado.

Primeiro, fala a Constituição:

A dicção constitucional é esta:

"Art. 5º XVI - todos podem reunir-se pacificamente, **sem armas**, em locais abertos ao público, **independentemente de autorização**, desde que não **frustrem outra reunião** anteriormente convocada para o **mesmo local**, sendo apenas exigido **prévio** aviso à autoridade competente;

A partir desse texto, a solução da questão está, por um lado, na geometria do aviso: avisa-se um ponto ou uma linha? E, por outro lado, na temporalidade do aviso; esse tempo é pontual e absoluto ou linear e relativo?.

Como já enrolei muito, let's cut to the chase:

1. Impor trajeto é inconstitucional.
2. Definir trajeto no curso da manifestação também é inconstitucional

A conclusão 1 está embasada na vedação constitucional de condicionar a manifestação a autorização.

A conclusão 2, primeiramente na violação da garantia de direito de reunião a eventuais outros grupos no mesmo local; e, secundamente, na tal geometria do aviso. A conclusão 2 é sustentável também na sua condicionalidade temporal.

Na interpretação literal daquele dispositivo, o prévio aviso à autoridade competente deve conter **onde** a reunião vai se dar. A razão primeira é a de que esse **onde** é necessário se explicitado para que não haja conflito de agendas entre reuniões num mesmo espaço público, num mesmo dado momento.

Para que assim seja, o **onde** pode ser ponto ou ser linha. É ponto, se duas manifestações serão feitas na praça Roosevelt no mesmo dia e hora. É linha, se a manifestação se porta como a do MPL, movendo-se pela cidade. Esse movimento é linha, justamente porque pode tangenciar, secar ou seguir em paralelo a outra reunião marcada para o mesmo local, sendo mesmo local qualquer ponto daquela linha ou a linha toda ou parcial ela mesma.

Pode-se argumentar que, como toda manifestação deve ser **previamente** autorizada, então a autoridade saberá onde poderá haver tangenciamento ou interseção de uma com eventual outra.

Porém! aqui entra o aspecto temporal da questão: **previamente** pode ser, a rigor, qualquer tempo **antes** da manifestação, donde não haver como impedir a frustração de manifestação efetivamente avisada por outra apenas potencial, se não se avisa à autoridade o ponto ou a linha onde ou por onde a parte interessada pretende manifestar-se.

Ainda na temporalidade da coisa, **iniciada a manifestação, o local** avisado à PM **não pode ser alterado**, porque qualquer aviso nesse sentido **deixará** por isso mesmo **de ser prévio**.

Esses são os tais balizamentos. Concorde-se ou não com eles, noto que não alcanço uma razão para p MPL deixar de avisar a linha que pretende seguir. Manifestação é presença, ímpeto e conteúdo voltado a um impacto. O impacto pode, sim, ter relação com o local ou o trajeto. Mas a avaliação de qual local (linha ou ponto) terá maior impacto pode muito bem ser feita de antemão, em tempo para avisar a PM.

À distância, a leitura que se pode fazer é que o MPL não avisa a linha e procura mudá-la de caso pensado. Pode-se alegar que porque despreze autoridade, mas também se pode argumentar que porque conte com a mão truculenta da autoridade para repetir o processo de 2013, quando essa truculência gerou comoção pública e adesão em alta escala às manifestações que se seguiram.

Na indesejável hipótese de essa ser a estratégia em curso, o MPL poderá ser visto como jogando seus seguidores às feras, numa tática que já se terá mostrado ineficaz e, desde o início, temerária e de todo reprovável, com o objetivo de mobilizar a cidade.

Eu:

Oi C

Obrigado pelas considerações. Acho importante a questão que você coloca. Vou tentar ser sucinto. Digo de saída que a argumentação da linha e do ponto é interessante. Acato-a com um proviso. Mas preciso antes enquadrar a discussão em um âmbito mais amplo, *data venia*.

Em ordem inversa, vou primeiro comedir a sua consideração final.

Como o MPL não tem liderança, não existe a separação que você implica quando fala em jogar seguidores às feras. Uma organização hierárquica e vertical sim tem essa divisão de tarefas. Minha mãe, por exemplo, chamava-me de “inocente útil” do PT, pois eu levava meu corpo às manifestações enquanto as decisões eram tomadas à minha revelia em outra instância. Mas a assembléia no local, que decide o que fazer na hora, reúne a totalidade dos participantes e nenhum manifestante é obrigado a acatar suas decisões, ao contrário do que rezaria a disciplina partidária. Eu, por exemplo, afasto-me sempre do foco de violência, e teria tempo mesmo de sair fora totalmente se assim desejasse. Existe a questão do uso político da violência sofrida, mas ela não é imposta aos participantes.

Preciso a seguir afirmar que há uma multiplicidade de interpretações acerca do texto constitucional. A constituição não foi acompanhada de lei regulatória, então



há espaço para discussão política, isto é, espaço para aventar interpretações legais e legítimas que são desenvolvidas pelas diferentes forças sociais. Entendo que o que estamos a fazer aqui é conseguir estabelecer alguns parâmetros de legalidade seguros, fora da *doxa*, que possam embasar a ação de todas as partes. Mas temos algumas contradições inerentes à discussão, como por exemplo o direito de manifestação contra o direito de ir e vir. Minha posição geral é de não dar ao Estado poderes adicionais ou excessivos de coerção (*in dubio pro libertas?*).

Entendo que cada ato do MPL propôs diferentes situações, cada um deles testando um ou mais aspectos da legalidade da ação policial e dos manifestantes. As condições impostas pela polícia mudaram várias vezes, assim como suas justificativas para o uso da violência – e também o MPL se deslocou no tabuleiro conceitual. Fica claro o âmbito político do jogo de interpretações. Digo isso para evitar que, ao eventualmente estabelecermos a obrigatoriedade do aviso por parte do MPL, acabemos por legitimar todas as ações da polícia, incluindo seu uso ilegal de força desproporcional, prisões irregulares, infiltração de agentes, cercamento da passeata, falta de identificação dos agentes de segurança, “caldeirão de Hamburgo” etc. Como observador preocupado com o acato do termo da lei em geral, não posso deixar de testemunhar a ilegalidade contumaz das ações da polícia e o cinismo de suas interpretações da lei.

Resistirei à tentação de discutir aspectos que acho estão abertos à interpretação, tais como quem é a autoridade competente e como avisá-la.

Finalmente, então, podemos focar na autorização/aviso. Coloco a barra entre os dois termos que é para afirmar um princípio geral que acredito estar expresso no dispositivo constitucional: aviso não é autorização. Parece-me claro que nenhuma autorização é necessária, e que se a prática do aviso for tornada equivalente a uma autorização, fere-se o texto e o espírito constitucionais. Aqui há amplo espaço para a defesa contra argumentações policiais que pretendem operar esta equivalência, abertamente ou não.

Julgo que o MPL tentou explorar politicamente esse princípio. Aceitou que o aviso era necessário, mas foi diminuindo o tempo entre a divulgação do trajeto e a saída do ato, forçando a polícia a assumir o aspecto coercitivo autorizante de suas demandas por aviso prévio, esgarçando ao máximo o que seria entendido por prévio. O MPL argumenta que prévio é qualquer momento antes da saída. Os contra argumentos da polícia são razoáveis em termos administrativos (organizar a cidade para a realização da manifestação), mas não constam do texto constitucional.

Dito isso, seu argumento do ponto e da linha é forte. Ainda que inicialmente seja possível argumentar que o local precisa ser avisado mas não o trajeto, como a linha é feita de pontos sucessivos, o ato ocupará lugares em série que precisam sim de especificação prévia. E também é verdade que sair do percurso é desobedecer a obrigatoriedade do aviso prévio. Sei que o MPL lamenta muito isso e se sente cerceado, mas o texto da lei assim comanda. Desta forma, mesmo que não haja outra manifestação na cidade e que a colisão de trajetos seja impossível, prevalece o princípio do aviso prévio (não entraremos na discussão do legal e do legítimo).

Forte também é sua argumentação no caso de duas ou mais manifestações, que a autoridade deve manter separadas. A argumentação é boa e prevalece a necessidade do aviso prévio conforme o texto constitucional. No mesmo respiro, porém, é preciso afirmar imediatamente que o uso desse princípio pela polícia foi espúrio, já que a primeira manifestação (dos perueiros) já havia terminado e a situação prevista na constituição não se configurou.

Enfim, são estas as considerações que queria fazer. É sempre um prazer.

Abs

Gavin

[Um p.s. no diário:]

Adiciono a questão que a atual interpretação da polícia de que o aviso é necessário é inédita, e que desde 1988 que não se faz essa exigência. Também a questão da autoridade competente é preciosa, já que os motivos alegados para o aviso prévio (preparação da cidade para o ato) competem à CET e não à polícia militar. Trata-se de um posicionamento político: aceitar a autoridade da polícia na gestão da cidade e a conseqüente crescente criminalização do movimento social ou afirmar o caráter civil da administração municipal.

Adiciono ainda que mesmo a obrigatoriedade de informar o percurso à polícia pode ser contornado da seguinte forma: o movimento marca uma passeata e informa o trajeto; chegado ao destino, o movimento faz assembleia e marca outra passeata a partir de onde está, a iniciar-se imediatamente; comunica-se o novo trajeto, que não depende de autorização; chegado ao segundo destino, nova assembleia, novo percurso e novo aviso; saída, chegada, assembleia, novo trajeto etc...)

# REVEREIRO



cozinha

sindicalista

petralha Lula

batalha da Barra Funda

chora petista, bolivariano,

verde/amarelo bandeira

2016



gás  
CUT



## **1 de fevereiro**

Vejo na imprensa que começou a caça a Lula. O Estadão, a Folha e Veja e outras revistas iniciam campanha que beira o difamatório. Manchetes muito gritantes com conteúdo pífio, mas venenoso. As alegações são ridículas, mas o clima geral é que o Lula é a bola da vez. Parece haver um consenso que se trata de uma campanha de desgaste, com vistas a inviabilizar sua candidatura em 2018. Os otimistas garantem que nada mais pode ocorrer além disso, pois a vida financeira de Lula é extremamente investigada faz muito tempo. Mas hoje mesmo li uns três blogs petistas chamando mobilização geral se houver a prisão política de Lula, o que me deu um medinho. Parece que a movimentação o da oposição parlamentar pelo impeachment de Dilma murchou mesmo.

## **2 de fevereiro – Olhando a direita**

Tenho checado os sites anti-PT (revoltados online, MBL e vempraru), e todos estão em plena campanha anti-Lula. Parece mesmo que o impeachment murchou, se fala muito pouco nele.

Mas vi algumas rachaduras interessantes. Uma delas, no MBL, é de gente reclamando da evidente mentira de certos posts, como uma foto do barco de Marisa esposa de Lula. “Gente. Assim não dá!!! Se vamos mentir igual aos petralhas, estou fora!!! Isso aí é mentira, o barco não é esse...”. Outra rachadura é um curioso antagonismo entre o deputado Bolsonaro e o comentarista Reinaldo de Azevedo. Este destratou o primeiro em programa de televisão. Os comentários se dividiram entre apoio e ataques. Uma outra pessoa em post separado se declara socialdemocrata antifascista e anticomunista.

Uma coisa desconcertante é o forte discurso anticomunista. Muito prevalente e disseminado, é também um erro crasso de análise, já que o comunismo encolheu e não é hegemônico na esquerda há pelo menos 35 anos. Para um esquerdista, isso parece um sinal de que há uma vontade de perpetrar a violência generalizada e irracional contra tudo o que for levemente progressista. Os liberais precisam acordar para isso.

Vi também chamados da direita para ir ao Fórum da Barra Funda no dia 17 de fevereiro, quando Lula vai depor. A CUT também está convocando ato para mesmo dia e horário. Vou lá checar.

### **8 de fevereiro – Transição na esquerda: conversa**

Almocei com H. Ele formula muito bem a situação, tarefas e diagnóstico da nova esquerda. Ele analisa que capitalismo hoje está em uma fase corporativa, isto é, as corporações detém um poder enorme e controlam os estados nacionais. Estamos em um cenário de fragmentação e dispersão do indivíduo, inserido em novos modos de produção e relação que isolam ao mesmo tempo que conectam através de plataformas intermediárias do tipo Facebook. A intervenção e regulamentação da vida, a biopolítica, parece ser a nova fronteira de resistência.

O problema para o campo progressista é que não há ainda expressão política que dê conta dessas novas mudanças. “Há esporos de resistência”, há experiências alternativas pontuais que prometem um devir, mas a tarefa passa por criar modelos eficientes, replicáveis e transmissíveis entre diferentes grupos dispersos. Então temos tentado compreender os processos de transformação e buscado colocarmo-nos em lugares estratégicos para poder intervir de modo importante nesses novos processos.

Falamos também da decadência da simbiose movimento popular-partido-estado e de experiências como a boliviana, que recolocou de modo importante a relação do movimento popular com o estado. Lembrei do debate de lançamento do livro do Vladimir Saftle, onde ele colocou uma interessante definição prática do espectro da política hoje: as ideologias de direita preferem a regulação estrita da vida (aborto, gênero, sexualidade) mas desregulação na economia; já a esquerda quer mínima interferência oficial na vida mas forte regulação econômica pública.

H conta que conhece uma pessoa na administração do Podemos em Madri. Esse amigo é de um grupo de juristas que busca brechas legais no ordenamento jurídico administrativo municipal. A compreensão é que muito das transformações que eles querem realizar não é possível pela legislação vigente e que renovar o ordenamento jurídico geral vai demorar demais, e é preciso transformar já. Lembramo-nos da gestão da Erundina em São Paulo, que enfrentou problemas similares. Recordo-me que os

mutirões de construção de habitações, depois de um começo muito bom, acabaram por ser declarados ilegais pela legislação vigente.

Ligado à educação, H vê experiências interessantes na rede particular, mas que a educação pública está mal municiada de práticas democráticas. Vê a esquerda universitária como conservadora. Ele se pergunta se vale a pena insistir no cenário universitário ou se é melhor desenvolver trabalho alhures.

## **9 de fevereiro – Blocos de carnaval**

No metrô hoje presenciei de novo com alegria grande concentração de foliões nos trens e nas estações.

Não tenho ido aos blocos de rua. Apesar de reconhecer que estamos em pleno renascimento do carnaval de rua em São Paulo, não me animo muito em sair na rua nesse feriado. Tem um lado muito interessante nesse novo fenômeno, que mobiliza uma energia bem diferente daquela dispendida no desfile oficial do Sambódromo. Mesmo o desfile ao vivo na avenida, muitas vezes mais intenso do que aquele meramente assistido pela televisão, não me apaga o tédio inerente à parada. O samba-enredo é provavelmente a modalidade historicamente mais pobre e rasteira do samba, e não suporto a cadência acelerada em que se encontra hoje em dia. Sei que a atividade da escola de samba não se limita ao desfile e que importante produção cultural e afetiva se dá ao redor destas agremiações, mas acompanhar o desfile da avenida é algo que já não faço faz tempo. A intrusão e hegemonia das emissoras de televisão sobre o desfile são odiosas e deletérias.

Então o bloco de rua viria precisamente eliminar a competição do desfile com seu implícito reconhecimento da autoridade oficial branca, o expertise *fake* dos jurados, a celebridade brega das famosidades, a segregação espectador/folião e a grandiosidade patrocinada dos carros alegóricos. Fazer a própria fantasia, traçar o próprio percurso e experimentar a cidade a partir da festa e da caminhada molenga ao som da marchinha é certamente mais interessante.

Mas parece que tudo o que o paulistano toca vira mauricinho. Há algo de forçado na alegria compulsória do esforço carnavalesco, uma gente muito igual – e branca – com suas fantasias compradas ou alugadas. Acabo por achar que a energia do bloco de rua

paulistano é mais de extravasamento e de normalização da opressão diuturna do que uma retomada radical do espaço urbano, pelo menos na zona Oeste e também no Centro.

Sei que me apontarão exceções e casos particulares, talvez o Ilú Obá ou o Foice e Martelo, mas a imagem da gerência policial e administrativa dos blocos, que tenta normalizar a cidade como um cenário de consumo não me sai da cabeça. A irrupção e o descontrole parece-me que passam longe dos blocos de rua de São Paulo hoje.

Sei que sou mal-humorado e estraga-prazeres, e talvez eu tenha me tornado um velho sem graça, invejoso de quem se diverte. Pode ser.

Mas vi muito mais potencial momesco na multidão colorida de corpos jovens e velhos ainda dentro do metrô, testando sua própria voz nos ecos subterrâneos, segurando as portas dos trens e reconfigurando o fluxo vigiado desse espaço, do que na rua andando atrás do carro de som, de onde a música emitida é invariavelmente ruim.

### **11 de fevereiro – Coletivos de arte dos anos 2000**

Estou traduzindo uns textos para a FV, que é uma velha amiga dos tempos dos coletivos de arte. Os textos são de várias datas a partir de 2005. Este era o tempo dos coletivos de arte de São Paulo como os conheci. O que mais me ficou da leitura de seus textos é o forte entusiasmo de então com novas formas de fazer arte e de se relacionar com a rua, com os grupos, que não estavam muito claras ainda. Tateávamos muito, mas sabíamos que estávamos rompendo com as barreiras institucionais que não estavam dando conta das efervescências das ruas. Para ela, para mim e para muitos outros, junho de 2013 é a prova irrefutável de que estávamos certos. Neste ano o establishment foi pego de calças curtas por um processo geral que vinha maturando há tempos e que não acusou no radar institucional ou no radar sensível de artistas institucionais.

Gosto de preservar desta jornada surpreendente o fato de que TODOS estavam a se perguntar: “o que está acontecendo?” A luta pela definição de significados e narrativas explicativas foram todas posteriores, na hora não dava para saber – e o significado das jornadas de junho ainda estão em disputa. Mesmo assim, o desconcerto e desconforto



da totalidade das forças institucionais era evidente: algo muito claramente grande tinha se formado fora da sua linguagem e de seus consensos - e não tinha nome ainda.

Bienal de 2010 e a confusão: motim contra curadores, contra a normalização, montadores e lumpesinato da arte, mais ambientalistas contra a segurança. Artistas ausentes, um movimento tectônico que anunciava 2013. Artistas que supostamente estavam na crista do zeitgeist estavam apenas regurgitando o patrimônio artístico institucional, inserindo-se sem crítica na cadeia alimentar de seus zeladores e comentadores.

Para quem já estava rua, no entanto, a surpresa pode ter sido menor. O MPL, por exemplo, tem dez anos de atividades nas ruas e nas escolas. Certos coletivos de arte e de outras naturezas trabalhavam com o movimento social desde os anos 2000 pelo menos. E quem participou das lutas anti-globalização não tinha dúvidas que uma nova política estava em gestação, desde pelo menos o Fórum Social Mundial, e que a política institucional e o estado não estavam acusando desenhos de forças que estavam a acumular pressão ainda dentro de formatos não adequados.

É uma pena que a esquerda institucional não tenha tido mais carinho por essas mobilizações, pois importantes experiências sociais geraram muitas ferramentas e práticas que hoje são parte do vocabulário de lutas: ocupação, organização coletiva eletrônica, capilaridade e horizontalidade. A internet, por exemplo, já foi muito mais aberta e democrática, e o conhecimento dos meios digitais de produção (se é que isso existe) estava nas mãos de programadores de vocação libertária. É quase como se o conhecimento necessário para a construção das fábricas no final século XVIII estivesse nas mãos dos operários e não da burguesia! O Twitter, por exemplo, é de criação de dois anarquistas. O Facebook, Google etc. são frutos da cultura digital livre. A corporação apenas dá escala global e potência exponencial em termos de capacidade. O software livre demonstra que a corporação não é necessária para desenvolver tecnologia de ponta. Em outras palavras, o software livre, com todas as suas questões, prova que a colaboração e não a competição pode criar a diversidade e conhecimento necessários para uma sociedade livre e complexa; isto é, o capitalismo corporativo não é inevitável.

O fechamento da rede e a implantação de um estado de vigilância está em pleno curso e pode ser que a vocação libertária da rede não mais seja relevante. Mas parece evidente que há certas lições dessa nova luta que merecem mais atenção da esquerda institucional.

Também é notável que certos coletivos de arte, que ostensivamente trabalhavam nesse tenor de produzir o novo, não tenham produzido transformação. Muitos dos coletivos que ainda atuam no cenário da arte hoje musealizaram suas produções, isto é, inseriram-se exatamente no sistema que criticavam na rua. Estes coletivos fazem trabalho a respeito de novas formas, mas ao mesmo tempo preservam formas antigas de trabalhar. Há vários coletivos cujo trabalho é sobre a gentrificação que participaram de processos gentrificantes; o trabalho é sobre auto-gestão mas sua própria organização é hierárquica gerencial. Estimulam formas compartilhadas e democráticas de produção no movimento social mas preservam a autoridade do curador e do pagador. Assim vendem o conhecimento que adquiriram nas ruas para o estado e o mercado, azeitando os processos de captura oficial.

## **15 de fevereiro**

O ano político começou. Alguns sites da direita estão chamando pesado para o dia 17 na Barra Funda.

## **16 de fevereiro**

Encontrei T no restaurante árabe, acompanhada da amiga P. Conversamos e ela disse, como autonomista, que o destino do PT interessa a toda a esquerda, mas que ele mesmo não se renova ou se refunda, impedindo assim uma superação com crescimento. Do jeito que está o PT só parece querer ficar no poder a qualquer custo e fica apontando o dedo a qualquer crítica progressista como se fosse jogo da direita, forçando uma cisão cada vez mais profunda. A transição e saída do governo pode ser traumática e isso importa, mas a esquerda toda acaba obrigada a considerar cenários pós-PT. O PT precisa admitir que o lulismo se esgotou e que a relação privilegiada (e corrupta) com a corporação precisa ser reavaliada. Sem mudança de pele nem o PT nem a esquerda vão avançar.

Hoje a valente Laerte publicou um cartum que fura o bloqueio da imprensa oficial acerca do envolvimento de uma empresa investigada pela Lava Jato na mansão dos Marinho em Paraty. Ao propor uma “permuta” entre esse imóvel e o famoso tríplex de Lula no Guarujá, Laerte coloca de maneira inteligente a seletividade da imprensa na atual caçada ao Lula.

### **17 de fevereiro – A Batalha da Barra Funda**

Já ontem de noite a imprensa deu que o depoimento de Lula na Barra Funda foi suspenso. Várias organizações cancelaram seus atos, mas mesmo assim decidi ir ao Fórum Criminal para ver o que vai acontecer.

Desci no metrô Barra Funda e logo na saída vi um grupo de três jovens que levavam um estandarte de maracatu – achei que eram da UNESP, que tem uma escola de arte. Já fui lá algumas vezes, uma delas para uma sessão de desenho de modelo vivo, mas onde são os próprios desenhistas que posam em turnos. Desci a rua Quirino e passei em frente ao Fórum Trabalhista da Marquês de São Vicente, segui e virei à esquerda na Abraão Ribeiro. Deu para ver de longe um buchicho vermelho e branco – percebi que ia ter ato sim, e bem grandinho. Eram 9:45.

A calçada em frente ao Fórum estava tomada de manifestantes, pró e contra Lula. Acho que naquela hora eram no total umas 600 ou 700 pessoas, uns 500 pró e 200 contra. O sol já esquentava, e notei que do lado “vermelho” tinha algumas árvores generosas que jogavam uma sombra amiga nesse campo. Do outro lado, o sol inclemente. O portão do Fórum estava no meio dos manifestantes e grades móveis separavam cada lado do acesso de entrada. Apoiados nos gradis móveis, frente a frente, um grupo insultava o outro, com palavras de ordem ou xingamentos variados do calão brasileiro.

Muito sindicalistas e militantes do lado progressista, vários deles mulheres e jovens – um pouco como a passeata pró-Dilma. Do outro lado, gente de mais idade e mais de classe média. Chamou-me a atenção a quantidade de camisetas com mensagem anticomunista – e também as faixas. O pessoal pela intervenção militar lá em peso, muita calça de estampa de camuflagem, bonés e botas. Além de bandeiras do Brasil, algumas de São Paulo. Pensei como é que certo renitente pensamento regionalista conservador paulistano consegue lidar com movimentos nacionais, isto é, como impor

a supremacia de São Paulo em um contexto movimento nacional de oposição? Além de faixas variadas, o boneco inflável pequeno do Lula, dito pixuleco. Mensagens de apoio ao juiz Moro e à Lava Jato apareciam bastante. Havia uma máscara do Lula zumbi. Dilma figurava pouco.

A presença policial era visivelmente modesta. Somente uns 100 soldados e alguns gradis separavam os manifestantes. Nada de cercamento, nada de perímetro vazio dentro do qual a tropa dispersa e agride manifestantes. Ficou claro que tudo aquilo que a polícia e a esquerda governista exigiu do MPL era chantagem política: não houve cancelamento por causa de duas manifestações antagônicas marcadas para o mesmo lugar, houve invasão da rua e interrupção do trânsito da avenida, houve mudança do lugar da manifestação, houve depredação de equipamento público (as plantas), houve violência física... Nenhuma dessas ações motivou repressão nem gerou objeções de governistas. O que é isso? O curso da vida na região foi fortemente desregulado e não houve resposta igual? A criminalização dos manifestantes do Passe Livre, tolerada pelos governistas, não teve igual expressão frente às desordens de hoje, nem se exigiu dos militantes dos dois grupos o comportamento que foi exigido do MPL. Hoje teve soco na cara e o problema é Black Block quebrando vidro?

Não vi ninguém conhecido no time vermelho. Vi bandeiras do PT, da CUT, PC do B, PDT e de vários movimentos sociais. Lamentei o clima um tanto severo da manifestação e senti falta de mais carnaval, dos tambores da batucada das novas esquerdas. Mas o clima era outro, a disposição era de confrontação e de disputa. Minha avaliação é de que a jornada combativa do ano presente se inicia e que haverá uma luta pela supremacia nas ruas. Apesar da luta simbólica e relacional na rede ser importante e a política parlamentar e institucional ser talvez impreterível, as ruas guardam grande importância. O próprio juiz Moro convocou o apoio do público para as ações da Lava Jato. E o PT sabe que pode barrar desastres maiores mobilizando o que lhe resta de apoio dos movimentos social e popular. Parece ser possível capitalizar um provável refluxo das grandes manifestações coxinhas, tomando as ruas e assim tentar aumentar o custo político de uma eventual prisão política de Lula. A ameaça de um levante popular nacional barraria o encarceramento ilegal do líder petista, parece ser a avaliação. A aposta anti-governista é o oposto. Tal é a lógica das massas na rua.



Por isso reavaliei a presença do odiado carro de som. Ao melhor estilo sindicalista da velha escola, havia um carro de som no time vermelho martelando sua mensagem sobre todos os manifestantes. Porém, quando fui ficar um pouco do lado coxinha, percebi que a barreira sonora inibia a expressão desse lado. A massa sonora ocupava um espaço sensorial importante, o que fisicamente deslocou parte dos verdeamarelos mais para longe, em busca da rua e abandonando o duelo de apupos. Ouvi mesmo um manifestante reclamar com um policial “como vocês autorizam um carro de som assim?”

Outro aspecto interessante do carro de som é que permite que muita agente fale, um de cada vez. Então dava a impressão de que muita gente de muitas partes do Brasil tinha convergido para o ato. O conteúdo não mudava muito nem o estilo era atraente, mas depois de três horas de falas de companheiros sortidos, você tem a impressão de que os aliados são numerosíssimos. Por outro lado, quando os tambores da UJS chegaram e deram um clima festivo para a concentração, o carro de som tentava coreografar sua batucada, não aceitando competição sonora.

Senti, também, como a disciplina partidária e a organização sindical fazem diferença no embate de rua. Quando a polícia atacava e lançava bombas, o carro de som funcionava como uma cabine de comando, irradiando suas orientações para todas as pessoas. Pelo microfone chamou-se a multidão para perto do carro quando as bombas choveram sobre os corpos vermelhos, e isso evitou a dispersão no pânico da hora, propiciando o reagrupamento da multidão frente à força policial. A linha de frente era mais organizada e disciplinada. Notei a figura de um líder que se destacava na linha de fricção, negociando e agitando a um só tempo. O trabalho da polícia foi dificultado no sentido de que ela estava sempre a lidar com um corpo que se refazia.

Era evidente o grau de improvisação do lado time verdeamarelo, sem irradiação central. Apesar de toda a sua retórica militarista, este grupo tinha dificuldades em se contrapor ao avanço do time vermelho, em reunir as pessoas e bandeiras em um lugar específico, formar linha de frente etc. A polícia lhes servia de escudo e lhes servia de organizador.

“O depoimento foi mesmo cancelado? Achei que era blefe da UOL mas vim assim mesmo”, disse um manifestante do lado coxinha. Mais uma vez notei como eles

também não necessariamente reconhecem a imprensa como sua aliada. A Globo mesmo foi hostilizada por um ou outro coxinha. Tinha bastante imprensa no começo, incluindo os Jornalistas Livres e um maluco filmando com um drone. Não falo da imprensa alternativa, mas os repórteres são como abutres, se lançam sedentos sobre qualquer promessa de sangue. O relato posterior nos veículos é sempre preguiçoso e padrão. Hoje não foi diferente.

Tinha pouca gente do lado coxinha. Se Lula tivesse vindo talvez fosse diferente, mas na real acho que eles experimentam um refluxo de mobilização. Talvez tenha caído a ficha da complexidade dos resultados do impeachment e da variedade de posições de oposição acerca de um cenário pós-PT. Havia uma fila para entrar no Fórum, essa sim formada de populares. Houve momentos em que havia mais gente na fila do que no time verdeamarelo. Mas há que se conceder que eles são coxinhas aguerridos.

Estava em curso então o primeiro *round* da luta pelas ruas. A grande narrativa dessa manifestação foi o crescimento do campo vermelho em número e no espaço, enquanto, ao longo de quase 4 horas, encolheu o time verdeamarelo. Uma virada importante poderia ter ocorrido quando chegou o bonecão inflável do Lula. Conseguir encher o grande inflável seria uma importante vitória simbólica para eles, e certamente seria a imagem dominante de todos os noticiários. Se o boneco fosse enchido e se pusesse ereto, a batalha propagandística do dia estaria vencida, não obstante o número pequeno de partidários. Ser expulso da calçada do Fórum também teria significado uma grande derrota. Então havia bastante em jogo ao redor da subida do pixuleco.

O crescimento do campo pró-Lula foi lento e inexorável, apesar da barreira policial. Provoações e arremesso de objetos de todos os lados. O time vermelho ia se espalhando, ocupando uma pista da avenida, e já avançava em direção ao campo coxinha. A tensão aumentando. Eu estava do lado coxinha, de onde se observava melhor a linha de frente. Vi um cidadão com 7 caixas de ovos. Por outro lado, uma chuva de também ovos nos atingiu a partir do lado oposto. Muita palavra de ordem e contra-cantos. A merenda do Alckmin foi profusamente lembrada pela equipe rubra, que a todo o momento defendia Lula e seu legado. O grito de guerra de 1989 foi muito lembrado: “olê-olê-olê-olá, Lula Lula”. Do lado coxinha, uma palavra de ordem na cadência clássica do “a verdade é dura, a rede Globo apoiou a ditadura” foi reescrita assim: “a verdade é dura, o PT é uma ditadura”. Isso vindo de quem pedia a

intervenção militar. Também cantavam a música que tem uma coreografia tipo axé, famosa na internet, mas ninguém dançou. Uma outra clássica é “a nossa bandeira, jamais será vermelha”.

De repente, seis homens grandes que conversavam em grupo fechado do lado coxinha, começaram a ser hostilizados vivamente. Perguntei o que havia, pois eles tinham estado lá por pelo menos duas horas, e me disseram que eram seguranças da CUT. A polícia veio retirá-los, ao som de uma multidão que gritava irada à sua volta: “Viva a PM”, “revista”, “tira”. Ao final de muitos minutos acabaram por sair, seguidos pela turba iracunda. Também de repente apareciam umas pessoas do time petista do lado verdeamarelo, curiosamente uma e depois outra senhora. Às vezes voavam sopapos. Aposto que o mesmo acontecia do lado de lá. O carro de som reclamava de ovos e pedras arremessadas a partir do lado onde eu estava. A fila do Fórum continuava impávida, esperando o início dos negócios jurídicos lá dentro.

O time vermelho já tomava as ilhas centrais e metade da avenida e praticamente tinha fechado o acesso ao Fórum. O estandarte de maracatu que tinha visto na Barra Funda apareceu ali. O choque chegou para ajudar na contenção e separação dos grupos. Os coxinhas, já uns 30, estavam prestes a ser expulsos do lugar, e comemoravam a PM. Alguém soltava bombinhas, o que aumentava a tensão. Chegaram mais reforços policiais ainda.

Nessa hora aconteceu uma negociação. A linha de frente estava muito quente e pronta para o enfrentamento, quase já vazando totalmente para o outro lado. O boneco inflável no chão, sem ar, agora corria perigo. A negociação era com o comandante da operação. Se compreendi bem, o time vermelho recuaria para deixar o acesso ao Fórum livre, essencialmente abrindo mão de tomar o outro lado. Mas a contrapartida seria, se narro corretamente, que o bonecão não seria inflado. Ouvi isso muitas vezes do carro de som: “vocês não vão subir o boneco, temos um acordo com o comandante”. A Folha deu que era apenas uma recomendação da polícia ao Revoltados Online, que trouxe o inflável. Assim a coisa arrefeceu um pouco. Já eram mais de 12h. Vejo o comandante falar algumas vezes com o dono do boneco. Ouço alguém passar ao meu lado, dizendo ao telefone que “o pixuleco vai subir às 13h”. Vejo que o processo de enchimento do dito boneco já tinha começado.

Alguns militantes do time vermelho conseguem chegar perto do boneco e uma briga de socos e pontapés começa. A polícia joga bombas de gás para o lado dos petistas, distribui cacetadas e se reposiciona na avenida, protegendo o inflável, além de separar as duas manifestações. O carro de som da equipe esquerdista se enfurece e começa a gritar que a polícia estava protegendo a subida do boneco, quebrando o acordo firmado. Também consegue orientar os manifestantes para que se agrupem e não se dispersem. A temperatura emocional aumenta e o cheiro do gás ainda faz arder ao sabor do vento. Os coxinhos apenas uns 15, e o time vermelho com umas 200 pessoas. A multidão vermelha toma toda a avenida, encarando a linha policial. Todos assistindo o boneco se encher de ar muito lentamente, cercado pela polícia, que testemunha tudo indiferente aos protestos irados vindos do carro de som.

A tensão é insuportável. O calor bombando e fazendo subir um bafo quente do asfalto. Só a fila daqueles que iam ao Fórum é que andou e desapareceu para dentro do prédio. Outra bombinha explode perto e me irrita de novo, assustado. Mas desta vez vejo quem as solta, era uma mulher coxinha de boné e óculos. “Tem que assustar os caras também!”.

Continuo suando, ainda do lado verdeamarelo. De repente, nova confusão ao redor do pixuleco, uma violenta confrontação. Vejo algumas camisetas vermelhas no meio do aceso melée, militantes que trocavam socos e chutes com coxinhos. Integrantes do time vermelho tinham conseguido evadir o cerco policial e chegar no boneco. A polícia de novo surta, lançando gás sobre a altercação e sobre os vermelhos em geral. Mas, desta vez, o semicheio pixuleco começa a murchar suavemente, sua pele vinílica rasgada.

O time vermelho vibra, e pelo menos a tensão se desfez. Muita celebração e cantos. Os dois lados estão exaustos, já são mais de 13 horas, e o ato se desfaz. A sensação do lado pró-Lula é de que venceram. Esse time trouxe mais gente, dominou simbolicamente o espaço e conseguiu impedir a subida do boneco. Nesse primeiro *round*, o time vermelho pode cantar vitória. Parece que a tecnologia de tocar enfrentamentos de rua está no momento com a esquerda, mas isso é algo que se aprende fazendo. Resta saber se vai ser sempre assim.



O fechamento do ato poderia ter sido com um vibrante “não vai ter golpe” que foi entoado ao final. Mas alguém no carro de som começou a cantar o hino nacional – as duas partes! Sei que isso tem um lado simbólico que é de não deixar que a esquerda vire um vilão antibrasileiro e é para que o PT em particular exercite suas credenciais patriotas. Mas a esquerda internacionalista tem problemas com o nacionalismo como forma de resistência, preferindo falar de uma luta anticapitalista global. Fica a questão clássica para historiadores e acadêmicos: o nacionalismo é incontornável para a esquerda na América Latina?

Pensando nisso, voltei a pé para o metrô e comprei uma água com gás.

### **18 de fevereiro – Figura do Lula**

L avalia que o ato de ontem foi “importante recado para o andar de cima: pode haver confusão”. Para eles isso seria um problema já que estão na onda do discurso da ordem.

M avaliou que a luta institucional é que vai pegar, no congresso e no parlamento, mas que Dilma deve se salvar. O impeachment murchou, o deputado Picciani foi eleito líder da câmara, o Eduardo Cunha deve ser defenestrado. Além disso, a presidência do TSE foi para a Rosa Weber, o que não é uma vitória Tucana.

Mas M acha que talvez Lula venha mesmo a ser preso, impactado pelas acusações que se acumulam contra ele. Avalia que a torre da Oi perto do sítio vai ter mais desdobramentos.

Ele vê que a importância mesmo de Lula vai sendo ofuscada pelo correr do tempo, isto é, que a conjuntura de consumo realizada pelo ex-presidente vai se revelando um legado pobre. Completa: “Acho que a história com H maiúsculo vai recolocar Vargas no posto de melhor presidente que tivemos.”

### **20 de fevereiro – Política de Comunicação**

Encontrei S em sua casa. Tinha uma festa com conhecidos seus, boa parte professores. Ouvi um pouco das agruras desses profissionais no mundo flexibilizado do ensino privado. Precariedade e baixos salários predominam, e falta tempo remunerado para pesquisa e preparação de aula. Assim, ligar o piloto automático e se contentar com o

mínimo torna-se regra. Modelos de avaliação de produção quantificadores estão a predominar na gestão das escolas.

Veterano ativista e programador, O avalia que há uma fragmentação muito grande das lutas de hoje e que não vê convergência. Na área onde atua, a criptografia, vê atividade intensa, mas não vê pauta.

O blog Brasil 247 afirma que no dia 17 na Barra Funda houve comunicação entre o comandante da polícia militar e o líder dos Revoltados Online e o secretário de segurança pública, por telefone. Apesar do comandante recomendar que o boneco não fosse inflado pois não poderia garantir a segurança dos manifestantes, depois da conversa e presumida ordem do secretário o boneco foi inflado.

O buchicho do momento são as entrevistas da ex-amante de FHC. As revelações caíram como bomba no FlaxFlu atual. Para o lado petista, fica exposta a hipocrisia de quem presume crime nas relações do Lula com empresas que prestam serviço ao governo. O relacionamento de Mirian e FHC ou o filho que teriam tido ou não nem são relevantes. Mas o envio de dinheiro ao exterior por meio de concessionária pública e troca de favores com empresas jornalísticas ficaram evidentes – a Globo teria conseguido um empréstimo do BNDS ainda sob FHC. E ainda por cima a nomeação da irmã da amante para um cargo fantasma no gabinete do senador Serra. Para a vida do brasileiro médio acho que isso não muda muito, mas pode ser que signifique uma reação do campo lulista, aumentando o cacife da aposta. A Veja e a Globo ignoraram o fato.

É notável que essa notícia tenha originado na rede, e também que se tenha rompido o acordo que preservava FHC. Lembrei de como era antes da internet, quando a informação era realmente um monopólio de poucas famílias. A construção do PT se deu sob essa sombra midiática, onde era impossível rebater calúnias ou romper o bloqueio noticioso. Guardo na memória a lendária armação da PF, vestindo os sequestradores de Abílio Diniz com camisetas do PT a dias da eleição em 1989. Não foi possível rebater na hora, e apesar da crueza da armação, fez algum estrago. O ardil mais emblemático, porém, será para sempre a edição maliciosa da Globo do debate entre Lula e Collor, realizada para beneficiar o alagoano.

A campanha eleitoral e seu horário gratuito obrigatório era assim a única oportunidade de furar o bloqueio. O PT sempre saía nessa ocasião dos seus 7% nas pesquisas para ir alcançando 15%, 20%. Lembro também do último programa eleitoral de Leonel Brizola, outro excluído da mídia, no primeiro turno de 1989. Acho que ele nem falou, eram apenas imagens aéreas de seu último e monstruoso comício com passeata no Rio de Janeiro. A narração, se me recordo bem, era do ator Paulo José. O impacto das imagens era muito forte, pois nenhum noticiário tinha dado aquilo. De repente, Brizola parecia ser seguido mesmo pelas massas em nome de quem falava, agora reunidas em torno de si. Era um povo que parecia sair das margens e dos rincões do Brasil para convergir na praça pública sob a liderança do gaúcho.

Então a internet permite a geração e publicação de informação alternativa. Apesar da enorme quantidade de lixo e também do fato de que as redes reproduzem e repassam conteúdo jornalístico da grande imprensa, não dá mais para segurar certo tipo de notícia. Um dos mais importantes tipos de registro para mim é o de abuso policial. Antes era só relato, hoje tem imagem e som que são incontornáveis. O controle cidadão da atividade do estado é possível assim – resta fazer com que as ouvidorias e o MP atuem como deveriam. Na Espanha virou crime tirar fotografia de ação policial.

Muitos apontam que o PT nunca conseguiu montar uma estrutura de comunicação viável que conseguisse falar ao país através e apesar da grande imprensa. Citam o exemplo de Getúlio Vargas, que enfrentou exatamente o mesmo problema. O ex-presidente chamou Samuel Wainer e pediu a este que montasse um jornal governista, que foi o Última Hora. Cobra-se muito do partido que este não confrontou a Globo, especialmente quando esta estava frágil, nem impôs uma Lei dos Meios de Comunicação ao estilo argentino (ou britânico). Mas alguns petistas afirmam que exatamente isso foi tentado com a nomeação de Franklin Martins para ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social, mas que não foi politicamente possível fazer passar as regulações desejadas.

### **23 de fevereiro – Imaginando 2018**

Prenderam hoje o João Santana, marqueteiro de campanhas do PT. É tudo muito confuso, pois blogs governistas têm dado que um delegado da PF já afirmou que nenhum dinheiro ilícito foi usado na campanha de Dilma. Parece ser um factóide para

esquentar o processo do TSE que julga o financiamento da campanha de Dilma, cujo relator é o Gilmar Mendes. Isso poderia reacender a chama do impeachment. Curiosamente, o tríplex já perdeu destaque.

Acaba que ficamos blasé em relação a todas essas armações. Mas parece não ter fim, e imaginar mais dois anos e meio disso é um pesadelo.

Saiu uma pesquisa que traz um aumento da rejeição a Lula, que teria chegado aos 61%. Hoje em dia é difícil dar crédito à informação desse tipo. Mas o fato é temperado pelo aumento nas filiações do PT, que tem ainda 4 vezes mais simpatizantes do que o PSDB. E Lula ainda chega ao segundo turno, ganha de Serra mas perde de Aécio.

De toda a forma, avalia-se que a economia é que é a chave para 2018. Sem alguma recuperação, o eleitorado deve rejeitar o PT, mesmo com Lula. Difícil saber o tamanho real da crise pela imprensa, mas o cenário não inspira confiança.

Li ontem uma entrevista do prefeito Haddad acerca de 2013 e da ação da polícia. Ele na época questionou a ação da PM. Como represália, esta se ausentou da cidade numa data que não sei recuperar. Nesse dia, uma grande manifestação passou pela frente da sede da prefeitura e alguns manifestantes atacaram o prédio, e também o Teatro Municipal. Se este é o ato correto, me recordo de estar lá também – tentando conter a depredação até onde foi possível. Nessa hora muito tensa não conseguia distinguir quem era Black Block e quem era P2 ou fascista.

Hoje teve panelaço. No meu bairro, estava mais pesado que nunca.

## **24 de fevereiro**

Ontem fui à celebração do aniversário e bota-fora de F. Não conversei muito com ele, mas troquei algumas palavras com um seu amigo. Perguntei se ele também fora trotskista, mas ele disse que não, fora maoísta. Falamos um pouco da Revolução Cultural e de alguns elementos interessantes desse fenômeno, tais como a rotatividade de cargos, a anti-burocratização e as questões de gênero que faziam parte desta movimentação da Revolução Chinesa. Falamos do teórico Badiou, que também foi maoísta e do projeto dele de redefinir o indivíduo para superar impasses da acomodação social democracia-neoliberalismo e recolocar o protagonismo em novos termos.



## **26 de fevereiro – Governo petista**

Li hoje que o PT está chamando atos e atividades de apoio ao ex-presidente Lula. Acho que este ano a rua vai esquentar mesmo. A manifestação coxinha de 13 de março parece que está sendo reacendida com o processo no TSE, isto é, a oposição parlamentar está articulando suas ações e da Lava Jato segundo o calendário das ruas. Há jornalistas que avaliam que teremos um surto de atividade política no primeiro semestre, já que as Olimpíadas e as eleições (quando ninguém pode ser preso) tomarão o espaço político e midiático. Os depoimentos de João Santana e sua mulher dominam o noticiário. Fico achando que não vai dar em nada, já que foi uma campanha pós-mensalão. Imagino que todo mundo tomou cuidado. Sei lá.

Petistas apontam que a Lava Jato busca desfazer também a política externa de Lula e, ao envolver as campanhas internacionais de Santana, coloca em questão as eleições em outros países. A novela FHC passou em branco.

A mudança na exploração do pré-sal foi aprovada ontem, e redefine a participação da Petrobrás na divisão do trabalho e dos ganhos. José Serra encabeçou a iniciativa. É uma grande derrota para o PT, e há vozes dizendo que Dilma, ao defender os termos do novo acordo, está quase conseguindo fazer do partido seu mais novo inimigo. A iniciativa do Planalto em mexer na Previdência, aumentando a idade de aposentadoria caiu muito mal em setores laboristas.

Li um blog (Brasil 24/7) que afirma que obteve acesso a material vazado pelo juiz Moro onde este ordena a quebra de sigilo bancário de Lula, Marisa, seus filhos e outros. Diz que os dados já vazaram para a imprensa “aliada” e a operação será detonada na segunda ou terça que vem.

## **27 de fevereiro - pós-PT**

Encontrei M e tomamos uma cerveja no Kintaro. Disse que o PT não tinha crítica do capitalismo e por isso soçobrou. Marcuse, Adorno, Benjamin, Kurz e outros pensadores foram lembrados em relação ao problema das crises cíclicas do capitalismo e a promessa de sua superação. O Capital como sujeito do capitalismo e sua inversão no proletariado de Marx. A derrocada do PT pode liberar as pessoas para um novo projeto de esquerda. Mas precisa ter movimento social. Estou com desânimo, pode ser

que a casa caia mesmo. A trolagem está no máximo, e o blog Brasil 247 avalia que a pior investida da Lava Jato vem agora com a vinculação de pagamento da Odebrecht a João Santana. Seria o vínculo suficiente para avançar o processo de impeachment da chapa Dilma-Temer.

M gosta dos blocos carnavalescos e participou deles este ano. Comentou que o bloco ao qual ele está mais ligado cresceu e que este ano havia muitas mulheres, mais do que em carnavais anteriores. Ele diz que no ano passado, em contraste, dominava um público folião mais gay.

### **28 de fevereiro – Mick Jagger come coxinha**

Fui ao show dos Rolling Stones com os antigos colegas da faculdade de Direito. T não acha que vai ter impeachment nem prisão de Lula, mas está mais preocupado com o afastamento de Dilma do PT. Está confiante nas chances de Haddad nas eleições vindouras. S menos confiante, lamentou mais a situação e o ódio em geral desse FlaxFlu. No estádio lotado, teve um comecinho do coro “Dilma, vai tomar no cu”. Depois, vingança, Mick Jagger, que ensaiava várias frases em português, afirmou estar “meio devagar porque comi umas coxinhas”!

### **29 de fevereiro**

Repercussões: saída do Ministro da Justiça, do discurso de Lula e do suposto afastamento entre o PT e Dilma. S escreve que o problema não é o PT estar morto há tempos, mas sim a guinada à direita e a falta de alternativas à esquerda. T, na universidade, comentou da tensão e alta temperatura na imprensa contrastadas com a normalidade da rua.

Os blogs petistas tem dado a impressão que Lula reage e contesta arbitrariedades processuais contra ele.

### **2 de março – Bresser Pereira sobre Jango**

Acho que nunca na minha vida, nem mesmo nos infundáveis anos Sarney ou no deserto intelectual do pensamento único da década neoliberal pós-1989, teve um único mês de meus dias que não fosse informado pela promessa de um porvir melhor. O PT pequeno mas em crescimento, a ascensão no compasso do progressivo fracasso do

neoliberalismo, novas formas radicais progressistas, revolução digital informando novas formas de resistência, renovação do pensamento de esquerda; todos os dias apontavam para um amanhã mais generoso. Hoje não.

Leio agora o Bresser Pereira, e um pouco de sua história político-econômica do Brasil. Não super me linho com seu pensamento, mas ele dá uma interessante perspectiva da história do Brasil sob a perspectiva desenvolvimentista. Sobre o momento pré-golpe:

“A esquerda nacionalista moderada, representada pelo presidente João Goulart, ficou sozinha, sem apoio nem de um lado, nem do outro; (...) Logo, o rompimento do Pacto Nacional-Popular de 1930 tornou-se inevitável. A esquerda moderada e os empresários industriais progressistas viam que a revolução nacional não estava terminada, mas o processo de radicalização política pelo qual passaria o Brasil (...) enfraqueceria a posição dos moderados. (...)

Já o conservadorismo liberal negava a necessidade de mudanças com a profundidade demandada pelos reformistas sociais. Para os liberais, o que o Brasil necessitava era de mais educação (embora, quando no poder, nada tivessem realizado por ela) e de mais moralidade administrativa. (...)

O alarmismo, será, pois, o grande instrumento de radicalização a serviços dos líderes mais extremados da direita. (...) Espalhavam-se, inicialmente, afirmações de cunho aparentemente derrotista: ‘A revolução comunista está às portas!’; ‘Não dou um ano para a revolução comunista no Brasil’; (...) Eram frases sem fundamento real. (...) Mas eram frases que, por traduzirem a emergências das esquerdas como força política autônoma, encontravam ressonância e começavam a ser repetidas.”

Aiai...



2016

incita o ódio contra o PT.  
Chico Buarque desautoriza o uso

MARÇO

ligação ortogonal  
da internet com a rua  
encontro anarquista

Fomos à FIESP checar a ocupação coxinha.

tchau  
querido!



CONDUÇÃO COERCITIVA DE LULA



### **3 de março - Análises**

L analisa cenário atual: *“a esquerda radical não tem projeto, tem apenas não-projeto (meu muro caiu...). A direita barbarizou. Não existe centro liberal, apenas indecisos e hesitantes, com um olho no bolso outro na democracia. Antes, semanas atrás...eu achava que o único avanço possível agora seria o institucional... a moça terminar o mandato.*

*Agora, diante do projeto de extermínio sem freio da dupla moro-gilmar (psdb) que não vai deixar pedra sobre pedra, acho que ela tinha que renunciar e enunciar as forças ocultas.*

*Não tem mais jeito.”*

M diz que *“estamos num fim de linha mesmo. Mas, diferente de 1964, não há a Guerra Fria distorcendo tudo. O Jango era mais radical que o Lula. E a esquerda mais radical tinha uma visão do Brasil, equivocada, mas coerente. A direita é que parece não ter mudado...”*

A suposta delação do senador Delcídio está em plena ebulição neste fim de tarde. Foi muito estranho, surreal mesmo acompanhar o caso na internet. A UOL dando o acordo de delação e as supostas revelações do senador não só como se fossem verdade, mas também como se as acusações contra Dilma e Lula estivessem sendo feitas naquele momento pelo próprio Delcídio. Também veiculadas eram as reações da bolsa e da oposição, que pedia a renúncia de Dilma. Ora, o site Brasil 24/7 dava, ao contrário, que Delcídio não fazia nem ia fazer a delação, e que preparava nota com esse efeito. Então um site declarava que Delcídio não ia fazer delação enquanto em outro o mesmo senador fazia em tempo real as ditas delações. Depois a UOL começou a citar a fonte, que é uma reportagem da Istoé. E de fato o senador negou em nota todas as afirmações da revista e negou delações. Ainda agora (17h) a UOL relata as alegações da revista como declarações de Delcídio.

Li palavras de Boulos do MTST que já ouvi ecoar também pelo PT: o preço que Dilma paga para ficar no poder é alto demais – previdência, direito de manifestação, pré-sal...

### **4 de março – Condução coercitiva de Lula**

Acordei com um grito na minha rua: “chupa, Lula!” Tinha dormido mal, com alergia e espirrando muito. Saí da cama sobressaltado e liguei o computador: notícia era que Lula de fato fora preso em S. Bernardo do Campo e levado a depor no aeroporto de Congonhas.

Fiquei checando as notícias nos blogs e sites, sem televisão. O clima muito tenso, notícias meio desconstruídas, um clima de conspiração. Li a notícia de um enfrentamento entre apoiadores e opositores de Lula em frente à sua casa. A certa altura vi um chamado para ir ao aeroporto de Congonhas apoiar o presidente. Saí de casa e fui de metrô ao Jabaquara. De lá segui ao aeroporto.

No caminho tentei ler nos rostos das pessoas a inscrição dos fatos do dia. Muita gente consultava seus celulares, mas não conseguia saber se estavam todos ligados nos acontecimentos da hora ou se apenas tocavam a vida íntima como de costume.

Cheguei ao aeroporto meio tarde, quase 13 horas, e Lula já havia sido liberado. Algumas pessoas ainda por lá, e muita polícia. Nada demais, o acontecimento já se consumara. Tomei um ônibus e fui para casa. Chequei mais notícias e falei com várias pessoas por telefone. Confusão e ansiedade.

Eram 17:45 quando saí de casa para ir ao ato-plenária de apoio a Lula, checar o que estava rolando no campo petista. Ia ser na rua Tabatinguera, no centro, na quadra dos bancários. Decidi ir a pé desde casa e sentir o clima geral na rua.

Desci a avenida Liberdade até a praça João Mendes. Achei que tinha muita sirene e muita viatura nas ruas. Não sabia se era projeção minha ou se de fato havia certa tensão no ar. As pessoas inescrutáveis em seus percursos, mas os malditos helicópteros insistiam sobrevoar essa região da cidade. Amigos mais tarde confirmaram a mesma sensação, acusando intensa e anormal presença de sirenes e helicópteros sobre os céus da cidade em vários pontos. Talvez intimidação, talvez receio por parte das forças de segurança de um levante geral, sei lá. Mas já perto da praça João Mendes cruzei três jovens da UJS que provavelmente iam ao ato também. Estavam animados.

Cheguei na rua Tabatinguera e esta estava fechada ao trânsito por motos da PM. Já dava para ver as pessoas na rua, em frente à quadra dos bancários. Dei um giro e não

vi ninguém conhecido. Não vi a tensão que esperava nos rostos, o clima era leve. Entrei. Bastante gente dentro, contei no total umas três mil no total da noite. Muita bandeira e faixas, o clima era de partida de futebol, com CUT, PCdoB, MTST, UBES, MST, PDT, UNE, UJS mais outros e batucadas. Muita palavra de ordem e cantos por parte da torcida.

Achei um lugar e sentei. Várias falações e depoimentos, todos de apoio ao Lula e repúdio à condução coercitiva. No geral estavam a organizar a reação dessa parte da esquerda à deterioração do ambiente político. Por um lado uma energia muito forte, e uma vontade de romper a letargia, propondo algum tipo de resistência ao iminente golpe. A detenção de Lula fez acordar as lideranças e agora não há tempo a perder para construir alguma unidade na esquerda. Declarou-se um “estado permanente de mobilização” e já foram marcados 3 atos em todo o Brasil: dia 8 de março (com a Marcha das Mulheres), dia 18 e dia 31 de março. Já tem gente fazendo vigília permanente em frente à casa de Lula em São Bernardo.

Achava tudo isso bom, mas a tarefa mais urgente é conseguir falar ao público em geral, mais do que mobilizar a militância já decidida. O movimento deve conseguir trazer às ruas seus 100 mil em São Paulo, como fez em dezembro em favor de Dilma. Mas vai ser necessário capilarizar para dentro da sociedade e obter mais apoio ainda, o que vai ser difícil. Os coxinhos sim podem aumentar o teto de suas manifestações, mas o PT vai achar difícil furar o cerco comunicacional dentro do qual se encontra.

Estavam lá o prefeito Haddad, Lindberg Farias e muitos outros. Alguém afirmou que o ato tinha 50 mil acessos no streaming da Fundação Perseu Abramo. Anunciaram que o Lula estava presente e que ia falar.

Ainda é impressionante ouvir o Lula discursar. Desde que deixou a presidência tem uma certa tendência a repetir as histórias que conta, mas ele é um fenômeno da comunicação. Sabe formular conexões com sua audiência e construir uma relação de intimidade com a multidão. Ele é muito habilidoso em se construir como resultado do outro, como resultado do movimento popular. Explora sempre sua condição de pouca formação, dizendo que “sou semi-analfabeto, mas aprendi tudo o que sei com vocês”. Numa clássica relação populista, o ouvinte acaba achando que tem mesmo uma ligação

pessoal e de luta com o líder. Muitas ovações e palavras de ordem, aclamação e festejo. “Olê, olê olê olá, Lula, Lula”; “Lula, guerreiro, do povo brasileiro”; “Não vai ter golpe”.

Lula desfiou as conquistas de seu governo e relembrou as inúmeras vezes em que foi atacado. Chamou de “sequestro” a detenção de hoje e disse que já foi mais de três vezes depor voluntariamente, e que iria de novo. Afirmou que nem o sítio nem o apartamento são dele e que tomou como ofensa pessoal essa ação policial. Repetiu a metáfora da cobra que foi pisada no rabo e não na cabeça e reafirmou a disposição para a resistência. Disse que vai percorrer o Brasil se necessário para fazer a oposição ao golpe: “vão ter que me enfrentar nas ruas!”. Ele se dispôs a ir a qualquer atividade chamada pelo movimento popular.

Achei o evento um sucesso. Se animar a militância e disparar a organização era a principal tarefa, acho que aconteceu. Eu pelo menos saí de lá menos desorientado e solitário: vai ter resistência e dá para aumentar o preço político de uma prisão ilegal e da destruição do partido. A posição não é mais de passividade mas de oposição ativa ao golpe. Talvez a maior transformação tenha sido mental: certamente a exemplo dos militantes à minha volta, consegui vislumbrar forças progressistas na rua com Lula, uma afirmação clara de defesa e afirmação do processo democrático. Essa imagem faltava formar. Se isso vai se realizar na rua é outra história, mas já tem agenda de atividades e um foco claro.

Também, na presente radicalização, o evento da detenção de Lula provocou uma reação contra o golpe fora do círculo petista. Para a esquerda não-governista, é difícil tomar posição nesse FlaxFlu. Se é clara a perseguição ao PT, por outro lado o partido não discutiu a questão da corrupção francamente. É difícil apoiar as políticas de Dilma, especialmente a austeridade, então a continuação a qualquer custo de seu governo não faz sentido. Para estes a urgência do momento é menor, mesmo que a aflição seja grande. Talvez agora o discurso da defesa da República e da normalidade passe a ser mais relevante e seja possível ampliar a defesa contra um golpe judicial, e principalmente romper com a letargia e solidão do esquerdista. Claramente a movimentação partirá de Lula e não de Dilma. Tenho ouvido de muitos petistas o desejo de que a presidenta renuncie, nomeando as forças ocultas que a assaltam e chamando a unidade da esquerda. Mas não vai rolar.



O mercado financeiro deu um mês até o golpe. As elites têm muito medo do MST, MTST e CUT, mas mobilização coxinha ainda é uma incógnita. Por um lado a detenção de Lula vem fomentar a movimentação para o dia 13, mas há elementos interessantes quando estudamos melhor o campo da direita. Vozes importantes e bem informadas da esquerda não-governista avaliam que houve um refluxo nas mobilizações coxinhas toda vez que a política institucional avançou no sentido do impeachment. Em outras palavras, a avaliação é que nesse campo também há uma crítica muito forte da política institucional e que o alinhamento com o PSDB e com o golpismo institucional não é automático. Um importante e numeroso grupo dentro dos coxinhas se ressentem dos partidos. Aliar-se a Cunha para derrubar a corrupção não é uma formulação que contempla esse campo.

Enfim, vai ser um mês quente. A mobilização massiva é a última cartada da esquerda governista e também das forças democráticas. Não há outra saída. Começa dia 8.

Fui depois do ato à casa de L. Muita emoção e ansiedade. Todo mundo com o coração na boca ao mesmo tempo que se sentem impotentes. Há uma armadilha que é difícil evadir: ficar hipnotizado com a inexorabilidade da marcha do golpe. O cerco informacional é muito forte e isolar-se te poupa do pior, mas também te mantém desconectado do mundo. Eles relataram como o assunto da detenção de Lula apareceu em vários momentos do cotidiano, no taxi, no condomínio ou na academia. E que no facebook vários amigos foram desconectados por causa dos posicionamentos que as pessoas têm tomado no calor da hora.

Mas, reflito agora, também é notável que os coxinhas não tenham tomado as ruas em festa. E comentou na lista de advogados que chegou a ver uns 50 deles no vão do MASP, mas que a repercussão era mínima e não houve adesão. Blogs de direita tentaram muito, noticiando uma carreata em São Paulo e a tal concentração no MASP, mas os coxinhas falharam em ocupar o espaço público e dar apoio àquilo que poderia já ser o primeiro passo do golpe. Alguns comentaristas perceberam esse fato e analisam que pode ter sido um clássico tiro no pé de Moro: tinha que ter sido prisão em Curitiba, ou então depoimento light. Do jeito que foi, apenas cutucou-se a jararaca sem matar.

A sensação é às vezes de solidão e esmagamento. Falamos do imbróglio Delcídio e das ligações do ex-ministro Cardozo com a repórter que vazou o depoimento (sua amante). Relatei o ato de Lula. Os atores do golpe estão claramente delineados, mas quem está realmente a comandar o espetáculo? L aposta em Moro e Gilmar Mendes. Diz que FHC já está praticamente gagá, mesmo. Fiquei abobalhado em saber que a ministra agora presidente do STF Rosa Weber é cunhada de Aécio Neves! Todos lamentamos o estilo e políticas de Dilma. Ela está custando caro demais à esquerda. Aventamos como seria a saída do PT da base aliada. No plano municipal, MR, alta sacerdotisa das artes das pesquisas de opinião, sentença que Haddad não deve se eleger, mas que Marta também não, pois sua rejeição é muito grande. Quem tem a maior chance é Russomano, que soube ocupar o lugar deixado por Lula: o de defensor dos pobres. Ela diz que só se o Russomano for impedido de se candidatar é que ele não leva.

### **5 de março – PSOL, PT e Lava Jato**

Conversando com T no boteco Monte Carlo, ela salientou que os chamados de unidade da esquerda devem repercutir na nova esquerda e mesmo com os autonomistas, mas que precisa ser ao redor de uma *pauta de esquerda*. Ela avalia que Lula conseguiu explicitar a perseguição e melar a imagem de isonomia republicana da Lava Jato.

A posição do PSOL parece interessante nesse sentido. Pouco sensibilizados por chamados de unidade e de apoio do PT, eles defendem a Lava Jato. A avaliação é de que essa operação vai acabar por atingir todo mundo e que se trata de uma valiosa oportunidade de julgar TODOS os corruptos e chegar ao âmago do capitalismo corporativo que é como as corporações gerem o estado através da corrupção. Mas precisa ser todo mundo, se não de fato fica uma armação golpista.

Essa é uma questão interessante que não vejo muito discutida por ai: quando é que a Lava Jato vai acabar? Ela vai prosseguir além do Lula e começar a pegar o PSDB? O PT é alvo natural apenas por ser o partido no governo? Trata-se de um tribunal permanente, um poder ao estilo revolucionário? L traz que as Mãos Limpas na Itália, modelo de Moro, ao final estava fora do controle e ninguém conseguia terminar o operação, que, como um vírus, não tinha botão desliga ou mandato fixo. A coisa só teve fim a partir do assassinato dos juízes.

Então a pergunta onde acaba a Lava Jato é importante. Quem desliga e quem decide quando será suficiente? Moro? O Congresso? Gilmar Mendes? A Globo?

Além disso, o que embaça um pouco a limpidez cruel da avaliação do PSOL é que, com as delações premiadas, os empresários (os corruptores) não vão ficar na cadeia. Eles e os operadores (como o Youssef) vão se livrar das grades, mas só os políticos, e potencialmente só os de esquerda, é que morrerão na prisão. No final das contas na Itália, quem veio a dominar o cenário político por quase uma década depois foi justamente um empresário, e justamente um da área da comunicação e entretenimento: o Berlusconi. E olha que o ex-deputado Jeferson, condenado e hoje na prisão pelo mensalão, foi recentemente perdoado e vai sair. O Genoino não.

### **6 de março – Repercussões da condução**

Tem sido interessante acompanhar as repercussões da condução coercitiva de Lula. Passado o susto, algumas coisas vieram à tona: a pesquisa Vox Populi e a fala de Lula na televisão. A pesquisa parece coincidir com as avaliações petistas, então é fácil projetar na realidade uma vontade de que tudo sai errado para o golpe. Sabemos que pesquisa é sempre melhor olhar com cuidado.

Essencialmente Lula logrou fazer o episódio passar por injustiça e perseguição. Seus detratores diriam que o ele conseguiu ocupar o lugar da vítima. Se o objetivo da ação fosse desgastar ou destruir a imagem do ex-presidente, é forçoso dizer que isso não aconteceu, quicá o inverso.

Só vi a fala de Lula na televisão por internet depois, mas mais de 60% dos 15 mil entrevistados da pesquisa responderam que assistiram ao vivo. Essa fala repercutiu mais do que o discurso nos bancários ao qual assisti. O conteúdo foi mais ou menos o mesmo, mas o discurso foi mais trabalhado e mais claro. De qualquer forma, Lula parecia abatido na televisão. Ouvi críticas de duas pessoas reclamando que ele falou ou não falou disso ou daquilo, mas achei no total uma fala razoável onde conseguiu se colocar como injustiçado e perseguido. Sei de várias pessoas até então hesitantes no apoio ao Lula que se decidiram pela solidariedade. Acho que no total foi possível cavar uma imagem de homem acossado politicamente e não de um criminoso em fuga. Trata-se de uma construção delicada, pois todo mundo prefere ser contra o arbítrio e

não ter que apoiar um corrupto que, não obstante, “é o nosso corrupto”. Isso sim recoloca a questão da unidade da esquerda.

A pesquisa, ademais, revela que a própria Lava Jato não está com a bola toda e que mais gente acredita na inocência de Lula do que em sua culpa. Isso deve ser um baldão de água fria no processo do golpe. Parece que o PSDB tem agora por linha oficial não falar nada de Lula e apenas tratar de Dilma. Lula é com a polícia.

Ler os jornais de hoje sob a luz da pesquisa é muito interessante. Ela não é mencionada no Estadão impresso que li. A linha oficial é ainda desgastar a imagem do ex-presidente. Mas é no suplemento onde fica visível a implosão do projeto de destruição de Lula. O editorial geral do jornal teve que se adaptar ao relativo fracasso da operação. Mas o suplemento, que tem preparação mais demorada, parece ter saído ainda com a operação antiga montada. Assim, quatro artigos grandes se dedicam a explicar porque Lula foi destruído, incluindo um texto no mínimo dúbio de Eugênio Bucci.

De qualquer forma, parece mais claro que o levante coxinha não aconteceu, e que será possível ao PT avançar na percepção de que é perseguido e mobilizar resistência.

Li agora que a Globo está chamando os militares a intervir e dá entender que o exército está de prontidão para agir. Parece mesmo que o episódio da condução coercitiva não deu certo e o golpe ganhou outro itinerário.

Depois escrevo mais.

## **7 de março - conjuntura**

C:

“Meu caro,

A situação está fora de controle. Rasgaram o abdomen do País, suas vísceras estão expostas e não há quem saiba fazer a necessária sutura.

Esperava-se para hoje outra operação de grande porte. Ministros do STF e procuradores reunidos. Policiais federais à centena despachados para vários pontos.



Nada disso aconteceu. E isso é o que mais me preocupa. Pode ser indício de que as instituições não se veem mais em condição de assegurarem em suas fundações.

Já é corrente a percepção de que, no horizonte (próximo) despontam convulsão social e intervenção militar para manutenção da ordem.

Dia 13 dirá.

De novo, os tais Idos de Março.”

Já M diz que

“sou menos otimista que você. Acho que o Lula vai ser preso. As evidências de ligações anti-republicanas com as empreiteiras são cada dia maiores. Os filhos do Lula receberam valores altos da empresa de palestras do pai. Uma vez que o Lula seja preso, a Dilma vai ficar sem qualquer sustentação. Vai cair de podre, porque as denúncias contra o João Santana atingem o coração do governo - e configuram crime, certamente.

Vi algumas reações por aí, no fim de semana: em um restaurante, gente de classe média que não foi às manifestações coxinha dizendo que agora vai. Na feira de domingo, um diálogo de feirantes parecia ser favorável ao Lula: "ele avisou que, quando saísse, os home partiria para cima dele". São Paulo não é o Brasil, lembremos.

Na Folha de domingo, uma reportagem com grandes empresários, depondo sob anonimato, mostrava que a Dilma perdeu apoio entre eles, que agora preferem a saída da presidente. abraços”

Ele:

“O ‘todo mundo’ não virá pelo João Santana. Virá pelas delações das empreiteiras. O Marcelo Odebrecht autorizou seus executivos presos a fazerem delações. O Leo Pinheiro da OAS já falou bastante. São coisas que comprometerão a todos. Tudo indica que o pior ainda está por vir.”

Eu:

“pois é, eu preferia que o modelo de governo do PT não tivesse sido a de síndico do capitalismo corporativo. Assim haveria mais espaço para uma defesa confiante do Lula. Mas até agora não teve prova cabal, e com prova cabal eu abandono Lula. Mas antes não. De fato as reações foram, de lado a lado, de radicalização. As manifestações vão dar uma cara e tamanho para essas novas configurações. Difícil prever se dia 13 vai bombar. Só espero que não haja provocação em cima dos coxinhas, o discurso da legalidade precisa ser da esquerda. Um cadáver agora seria a justificativa para a restauração da ordem pela força.”

XXXXX

Fui ao sindicato dos jornalistas de noite para o ato contra a censura da Globo e contra a ação dos delegados federais da Lava Jato contra a Blogosfera. Cheguei de ônibus pela Consolação e desci a Rego Freitas. Esperei a súbita chuva passar num boteco para depois subir ao terceiro andar do prédio. Bastante gente no auditório, um calorão e poucos ventiladores. Muitos homens de óculos, da minha idade – mas mulheres presentes também. Sob o olhar do Vladimir Herzog, que fitava o auditório de mesmo nome a partir de seu retrato na parede, busquei uma janela e fiquei de pé: estava muito quente.

Tinha chegado meio desanimado, pensando nas perspectivas políticas atuais. Vozes da capital contam que em Brasília as instituições já estão soltas e sem rumo, tudo movediço e à deriva. M traz que não há forças socioeconômicas apoiando Dilma. Só uma parcela dos trabalhadores, alguns intelectuais e estudantes. As burguesias e as classes médias estão unidas contra o governo, e o povo em geral não deve se levantar a favor de Dilma ou o PT. Parece que chegou a hora de ir ao banco da simbologia e transformar em moeda corrente o quanto valha hoje a mística transclassista de Lula no coração do povo. Pode ser muito, pode ser pouco. Pode ser apenas a promessa de um pote de ouro ao final do arco-íris – valiosíssimo mas inalcançável. A esquerda não tem projeto de governo e precisa urgentemente de melhores economistas. Não estamos em situação pré-revolucionária. Defender a normalidade democrática no confronto se necessário é sua única saída. Ainda por cima, estamos numa situação onde a lisura do governo no relacionamento com a corporação não é cristalina. O que resta é a defesa

do processo judicial devido, do rito democrático e da alternância administrativa normal como barreira contra o esmagamento.

Também é certo, porém, que haverá um cenário pós-convulsão. Qualquer novo governante vai ter que se ver com sua ilegitimidade e com o movimento social. Como anotou o amigo J, a Argentina é um caso a observar. O Macri encontrou muita resistência, existe vida pós-tsunami. O capitalismo vai continuar com as suas contradições e o neoliberalismo já soçobrou como receita de desenvolvimento econômico. E vem aí uma crise geral do capitalismo mundial, vai ter brecha e aberturas. Não é pouco, e somos muitos. É preciso evitar o pior e segurar a avalanche, mesmo que se perca o governo. A vida prosseguirá depois da convulsão, o capitalismo continuará a se realizar em contradições. Mas a esquerda vai ter que rever suas estratégias e análises. A nova esquerda já tem discussão acumulada. É só aprender com a menina.

No ato, a avaliação geral dos jornalistas e blogueiros é, sem muita surpresa, de que o cérebro do golpe é a Globo, que encarna o monopólio da informação. Para eles o protagonismo do conglomerado é claro e eles, blogueiros, têm sido alvos de ataque da emissora, irada com as investigações da mansão em Paraty e o seu papel no *affair* FHC. A Lava Jato acusou um blog de ter vazado ilegalmente informações da operação. Isto é, plantaram o vazamento no site e acusaram-no de ilegalidade, pois vazarem detalhes de operação judicial é crime! Assim, para os jornalistas, o mestre dos marionetes se chama Marinho.

Toda a blogosfera, aquela que investiga e denuncia, avaliam, está em perigo. A legitimidade dos blogs independentes e o exercício da liberdade de expressão e informação está contrastada com o monopólio da informação corporativa e corruptora. A internet foi muito colocada como nova instância que dribla a censura.

Estavam presentes a senadora Jandira Feghali, o senador Requião, a vice-prefeita Nadia Campeão, Lindberg Farias, muitos jornalistas e blogueiros, incluindo P H Amorim, Cafezinho, Viomundo, os Jornalistas Livres, Tijolaço e muitos outros. A Erundina não pode vir, mas mandou mensagem. UNE, PCdoB, CUT, Mídia Ninja, MST, UJS, UBM (Mulheres).

A senadora do PCdoB Jandira fez um mea culpa e disse claramente que o governo não fez o enfrentamento estrutural do monopólio da mídia, e agora todos pagávamos o preço. Disse que “sexta não foi um teste, o cerco está em andamento e é para valer”. Avaliou que a mobilização de sexta foi boa, aguda, mas que vai ser preciso muito mais. Afirmou também que Dilma e Lula, especialmente a presidenta, têm uma dívida de gratidão com os blogs, que essencialmente a elegeram contra os robôs e trolls direitistas. Finalmente ouço palavras de reconhecimento para com esses ciber-guerreiros da informação, pensei. Ela também fez uma defesa vigorosa da Petrobrás.

Já o senador Requião, com seu sotaque articulado defendeu vigorosamente a mesma Petrobrás e deu uma bronca aberta no Planalto que mandou a base aliada votar pela entrega do pré-sal, por ordem direta de Berzoini. Maior bafon, gerou tanto aplausos como embaraço.

O Lindberg Farias relatou uma história que lhe contara o mesmo Requião. O senador paranaense foi a Lula no começo de seu primeiro mandato para apresentar os planos de uma televisão pública. Lula gostou e disse: “vai lá no andar de cima e fala com o Dirceu”. Requião foi e explanou o projeto da televisão pública novamente. Dirceu teria dito: “ué, mas nós já temos uma televisão governista!”. Requião: “é mesmo, mas qual?”. “A Rede Globo!”, respondeu Dirceu, confiante.

Várias outras falas foram ouvidas no abafado ambiente, entre eles um advogado que afirmou “nada mais perigoso que uma legalidade que mascara ilegalidade”, referindo-se à Lava Jato.

Brizola foi lembrado repentinamente, para ovação dos presentes. Ainda rutila em minha memória a carta-resposta do ex-governador lida ao vivo no Jornal Nacional por Cid Moreira. Está no Youtube. Já Marina foi muito apupada ao ser citada. Parece que ela teria pedido intervenção militar contra as “milícias do PT”. Muita vaia.

A agenda da semana militante inclui, na quinta-feira, o encontro “Humor em Tempos de Cólera”, parece que no sindicato dos engenheiros, com a presença da cartunista Laerte. Eu vou. No dia 13 tem esse ato na Praça Roosevelt- “Sem medo de ser feliz”. Mas NÃO É PARA IR À PAULISTA!! A direção do PT não quer confronto nesse dia. No dia 18 de março tem o mega ato. Muita gente quer fazer em frente à Globo.



Saí do ato e procurei um bar. Abri uma latinha de cerveja enquanto andava pela Rego Freitas na escuridão. Fiquei mais feliz depois do ato. Mesmo as avaliações mais realistas e sombrias não podiam apagar o fato incontestável de que é legal não estar sozinho. É fácil cair hipnotizado pela figura narrativa do golpe. Fiquei feliz de ter saído de casa, onde ficava checando obsessivamente as notícias lendo as entrelinhas das entrelinhas. É importante não ficar sozinho, buscar os amigos e companheiros qualquer que seja o cenário. Busca a mão do teu companheiro.

## **8 de março**

Respondi ao email de F. Ele questiona a falta de transmissão entre a velha e a nova esquerda e diz que “a meninada” também tem que aprender com a velha esquerda, e que o purismo tem estragado boas novas mobilizações.

“que bom que o diário te traz uns minutos de alento. Para mim tem sido bom escrever.

Muitos amigos que lêem o diário também me cobram mais realismo. De fato acho que me deixo levar pela emoção e otimismo. Mas também é verdade que busco escrever a partir desse lugar entre o que provisoriamente chamo de velha e nova esquerdas. Como você, identifico uma falta de transmissão entre essas gerações, e busco relatar o que uma faz para que a outra parte conheça. ‘Aprender com a meninada’ é mais para passar uma idéia de continuidade da luta para as pessoas que estão paralisadas achando que o mundo acabou.

Dito isso tem uma questão incontornável que a velha esquerda não conseguiu resolver, que se expressa na presente derrota do PT. O caminho institucional da social-democracia soçobrou, a revolução socialista implodiu e há uma crise aguda no agenciamento da construção das forças de esquerda: a economia manufatureira está sendo ultrapassada e o operariado está diminuindo. Em outras palavras, se o PT não deu certo, o que vai dar? Vamos construir outro partido e dessa vez escolher as pessoas certas? Dessa vez vai ter um economista que vai saber gerenciar o capitalismo? Assim, dou valor à gente que está a experimentar outras formas e que precisam de espaço não-institucional para ação e cultivo de novas ferramentas de análise. O purismo de fato atrapalha, mas também o PT teve que demarcar território quando a outra esquerda (PSDB) clamava por unidade.

Vou checar as entrevistas de que você fala. O PT no RGS tem características muito progressistas e interessantes. Os dois petistas de que falamos são de fato excepcionais.”

De L:

“Gavin, os elementos químicos já estão no frasco, mas a reação química ainda não aconteceu, ou esta acontecendo lentamente. vou da esperança (pequena) à desesperança. acho que o golpe avança, e a reação é incognita... ninguém parece ter coragem de barrar o insano moro... ainda que muitos concordem que estamos na exceção, e que o arbítrio é ruim pra todos. dia 13... ai ai...”

Eu:

“pois é, uma câmera lenta angustiante. Já não sei qual narrativa é a que vale, tantos atores em tantos papéis diferentes em palcos múltiplos.

Talvez as manifestações dêem novos elementos, mas meu medo é que elas sejam inconclusivas. Vou hoje à manifestação das mulheres na Paulista, sentir a temperatura. Se a CUT aderir, aí eu acredito. No dia 13 tem que ser pacífico e separado. Não sei bem quem está puxando essa do dia 13, pode ser que não seja a direção do PT.”

De M:

“Até sexta vai ficar mais claro quem está puxando o ato. Acho que temos agora que defender as ideias (digo, as velhas) do PT, mas não o partido. Esse está comprometido até a raiz dos cabelos. Foi um veículo historicamente importante. Está sendo um massacre, mas em grande parte o partido cavou a cova com os próprios pés. Não podemos posar de vítimas. E concordo com a Jandira Feghali (já falamos sobre esse assunto - agora não adianta reclamar da Globo). A reconstrução do campo da esquerda será longa, em parte com os mesmos atores, mas não creio que será difícil dada a natureza letal do capitalismo hoje. Temos que olhar para frente e não o imediato.”

Excelente artigo de Tarso Genro:

“...Mais do que bloquear uma nova candidatura de Lula, este movimento de determinados setores autoritários da burocracia estatal - articulados com a

maioria da mídia tradicional - visa "ressecar" a esfera da política, apropriar-se desta esfera "impura", que está contaminada por partidos que se corromperam e por políticos que só pensam em si mesmos.

Esta é nitidamente a orientação que está no despacho do juiz Moro - nitidamente de "exceção" - que converteu a prisão temporária de João Santana e de sua esposa, em prisão preventiva. Lá ele diz que, como a corrupção é sistêmica e profunda "impõe-se a prisão preventiva para debelá-la, sob pena do aguçamento progressivo do quadro cri-minoso..." Nada de individuação de responsabilidades de maneira consistente, para manter a prisão de pessoas que vieram do exterior para depor. Apenas o combate em abstrato à corrupção."

### **Marcha das Mulheres na Paulista**

Fui à manifestação da Marcha das Mulheres na Paulista. Cheguei a pé pelo Paraíso, mas tomei o metrô para chegar a tempo no Conjunto Nacional. Deu para dar uma sentida na coisa e estava de um tamanho razoável. No café do Conjunto Nacional já esperava S, que tomava um café. Esperamos mais e apareceram E, E e GP. A passeata já havia partido e aguardamos que ela passasse na frente do edifício para juntarmos a ela. Perdemos GP e E que foram à livraria, mas descemos a Augusta eu, E e S com a multidão. No total achei que estavam presentes uns 20 mil corpos.

A maioria esmagadora das presenças era de mulheres, de todas as idades, mas muitas jovens. Duas batucadas animavam a passeata

S e E reclamavam que faltava vibração e beleza ao ato. De fato não havia muita animação, e se me recordo de outras Marchas, esta estava sem brilho. Por um lado, tenho estado feliz com qualquer aglomeração progressista, então achei a manifestação de um tamanho bom. Mas minhas expectativas eram maiores, então me frustrei um pouco e pensei que vai ser preciso muito mais do que isso para barrar o golpe.

T me contou depois que os grupos que tradicionalmente fazem a Marcha se ressentiram do "aparelhamento" da passeata pelo PT. O feminismo é um movimento diverso, e o PT figura dentro dele. A presidenta ser uma mulher reverbera bem entre elas, mas certas escorregadas de Roussef puseram tudo a perder: a negação pública da possibilidade de regulamentação do aborto em plena campanha e repetida capitulação frente à bancada evangélica. Isso afasta as mulheres do PT de outras correntes importantes e mais combativas dentro do movimento feminista. E parece que não foi bem combinado antes com todo o movimento a adição das mensagens de defesa de

Lula e oposição ao golpe. GP depois contou que acompanhou o pedaço da passeata que foi em direção ao Paraíso.

Então me pareceu que não havia uma super sinergia entre os movimentos da passeata, e havia algumas caras fechadas. É comum passeata da dita nova esquerda não constituírem massa uníssona, em geral se prefere concentrações mais diversas e multivocais em vez do binômio massa/microfone. Mas mesmo assim esta marcha saiu fragmentada.

Eu me aflijo com a posição do PSOL de não apoiar o PT e de se evadir de uma frente de esquerda, mas lembrei também que eles saíram do PT exatamente dizendo que o partido estava na mão de bandidos que poriam tudo a perder. Estavam certos. Eles arriscaram muito ao sair.

Fico cada vez mais convencido de que só a CUT, o MTST e o MST vão conseguir trazer números significativos à rua. Espanta-me que já não tenha sido o caso. Devem estar em negociação com o PT e Dilma, ou então há divergências a respeito do que fazer, inclusive no apoio à presidenta. Em dezembro do ano passado essas organizações foram à rua em defesa de Dilma, em uma massiva e importante demonstração. Mas o retorno político foi péssimo: reforma da previdência e o novo desenho do pré-sal.

A impressão que tive no ato com Lula era de que estávamos todos unidos e que o dia 8 estava combinado como atividade da frente popular. E também que todas as organizações presentes iriam a todos os atos. Não parece ser o caso. Falta liderança e direção na organização da resistência ao golpe. Para barrar o pior vai precisar de muito mais. Talvez a esquerda não tenha mais interesse na defesa do PT e que já contem com a derrota.

Está também em pleno curso uma guerra de informação, da qual a boataria desenfreada é parte integrante. Mas mesmo assim está difícil saber qual é a programação dos atos. Dia 13 não é para ir à Paulista, mas tem ato na praça Roosevelt. Quem está puxando parece que são simpatizantes e não a direção do PT. Os atos do dia 18 e 31, combinados no ato com Lula, não vejo amplamente divulgados, nem no site do PT.

A passeata virou à esquerda no final da Augusta para ganhar a Consolação na boca da Maria Antonia. Por um momento achei que a passeata poderia seguir em frente e passar pelo Mackenzie. Isso teria sido ousado e explosivo. Não aconteceu.



Da praça Roosevelt eu, S e E partimos em busca de um bar e abandonamos a marcha. No boteco da Nestor Pestana trocamos impressões sobre o cenário político atual e a configuração ideológica do sistema judiciário, em geral muito retrógrado. Vai demorar muito para reformá-lo. Conteí que me pego às vezes me despedindo da cidade e do Brasil como os conheci. Dou adeus a um período excepcional de vida democrática na história do Brasil, que coincidiu com a nossa existência. Seria muito triste termos nascido e crescido sob uma ditadura para morrer em outra.

Nem sei se vai acontecer o pior de um fechamento tipo militar. Mas um golpe branco e uma ditadura branca são muito prováveis. Tipo a Lava Jato começa a investigar sindicatos e centrais de trabalhadores, dentro de um novo consenso jurídico de exceção.

Enfim, as cervejas foram boas e geladas na abafada noite paulistana. Conversamos muito e, a certa altura, uma mesa de jovens perto gritou “não vai ter golpe!”. Imediatamente nos juntamos ao coro e muitos ao redor cantavam também: “não vai ter golpe!”.

## **10 de março – Debates de humoristas e perseguição a Lula**

*[A tensão a agressividade contra o PT, o governon e a esquerda em geral estava insuportável. A criminaliação do partido e de toda a política se aliava ao moralismo anti-corrupção que parecia conseguir marcar o petismo mas não Eduardo Cunha e outros. Era comum ouvít falar ou testemunhar agressões na rua pelo uso de camisa vermelha ou mesmo cabelo comprido para homens. As movimentações dos então novos movimentos, como o MBL, ROL e Vempraruá estavam crescendo e ninguém sabia muito seu tamanho real e capacidade de mobilização. Ainda se apresentavam como refratários a toda a política e partidos]*

A desinformação e boataria acirram a sensibilidade supersticiosa. As relações de causa material e efeito se desfocam nas tentativas de entender as informações que trespassam o ar em velocidade vertiginosa.

Já não arrisco prognóstico para domingo. Por um lado parece claro que vai encher de gente; mas por outro tem essa questão do Aécio estar cada vez mais envolvido em citações e delações. Talvez seja apenas o eco de vozes governistas que batem muito nessa tecla, mas deve haver rachas no campo coxinha também, isto é, gente que não aceita o aparelhamento do movimento por políticos suspeitos de corrupção. Há quem avalie que nesse campo há uma vontade de renovação política fora da

institucionalidade viciada, gente que, até por ser jovem, vê principalmente o PT como o establishment podre. Mas não é peessedebista e nem propriamente fascista em busca de um messias salvador. Pablo Ortellado tem estudado o assunto e traz importantes reflexões nesse sentido. Não tenho conseguido olhar sites coxinhas, me dá tristeza, mas vou dar uma olhada hoje e ver se há essa tensão nas entrelinhas.

Ainda na linha supersticiosa, quando saio à rua me pego adivinhando se a pessoa à minha frente é coxinha, petralha ou indiferente. Já não puxo assunto na rua mais por receio de agressão. Mas fico antenado nas conversas alheias, especialmente no transporte público. Hoje andava na Paulista e entreouvi brevemente uma conversa de três homens de uns 30 anos, trabalhadores de escritório. Um deles dizia que “ele fez um discurso de homem inocente”. A interpretação desse fragmento me dominou a manhã.

A história dirá quais acontecimentos foram relevantes ou laterais nas futuras narrativas dessa transição. A sexta-feira dia 4 provavelmente renderá muitas interpretações. O depoimento de Lula está eivado de mistérios e versões. Há insistentes relatos de que a Polícia Aeroportuária não deixou Lula ser levado pelos delegados. Outra versão diz que foi o deputado Luisinho que impediu a prisão. Ou ainda o ministro do STF Mello estaria de passagem e sustou a operação. De qualquer forma, parece estranho, a esta altura que estamos dos acontecimentos, que Lula tivesse sido apenas levado a depor em Congonhas e não para a segurança de Curitiba. Tiro no pé? Erro de Moro? Cálculo preciso para dar um gás às manifestações do dia 13?

Talvez a frente da direita não seja tão homogênea assim e que nesse campo também haja interesses e interpretações conflitantes, equacionamentos e convergências difíceis de realizar.

### **Debate sobre humor e política**

Fui hoje ao debate “Humor em Tempos de Cólera” no sindicato dos engenheiros perto da Câmara Municipal, organizado pelo Barão de Itararé. Os debatedores eram o cartunista Laerte, O Gregório Duvivier da Porta dos Fundos e Benvindo Sequeira.

O clima estava tenso para começar. Eu mesmo tinha visto numa televisão de bar a chamada para o Jornal Nacional e fiquei gelado. Já esperava algum factóide que aquecesse o ato do dia 13, mas essa prisão preventiva me apavorou. No boteco da rua Maria Paula ouvi que a prisão havia sido justificada porque Lula estava incitando a população através de sua máquina político-partidária, sua “rede de violência”. Que

estava obstruindo o cumprimento da Justiça. A acusação principal é que seja proprietário do apartamento em Guarujá. Mas a justificativa da agitação me transportou para os tempos da ditadura e das suas acusações de subversão. A juíza só vai emitir parecer na segunda. Depois vi as reações e repercussões, e cheguei a ler o pedido de prisão. Acalmei um pouco, pois a coisa é estapafúrdia e malfeita.

Mas mesmo assim é inegável que parte do aparato jurídico do Estado brasileiro está criminalizando a atividade política, a livre manifestação e a defesa dos direitos. Há perseguição política incontornável a uma liderança de esquerda cujo crime está configurado não como corrupção mas como chamar a resistência ao arbítrio. O fato de que não há consenso político suficiente para que a ordem seja cumprida é meramente circunstancial. Todas as forças anticapitalistas precisam entender a gravidade disso.

PO analisa [*em sua página nas redes*] que “talvez o pedido de prisão não seja apenas tosco, mas estratégico. Ele impede Dilma de designar Lula ministro da Casa Civil, o que poderia caracterizar obstrução à justiça”. Nos jornais a análise é de que o acontecimento “joga lenha em todas as fogueiras” – nas manifestações coxinhas e na vitimização de Lula. O ato do dia 13 está sendo chamado como uma defesa de Moro e da Lava Jato, o que deve ofuscar as consequências do impeachment, potencial divisor da forças da direita.

No sindicato dos engenheiros, muitas pessoas com seus celulares conectados à internet liam as últimas notícias. O debate abriu com o Renato Rovai dizendo que hoje era o dia de “maior cólera” e que a peça jurídica que pedia a prisão preventiva de Lula em si conduzia ao riso. Ele citou a passagem de “Marx e Hegel”, amplamente explorada por memes na internet. Ele também divulgou um ato de solidariedade a Lula na Praça da Sé, amanhã sexta-feira.

Duvivier disse se sentir ilhado e que aquele auditório era um dos únicos lugares em que se sentia à vontade. Afirmou também que “a dúvida é a crença do humorista, e o ódio é da direita, não pode ser nosso”. Ou nas palavras de Sequeira: “os fascistas são enfezados, o humor é o clister que vai relaxar seus intestinos”.

No passado, Sequeira fez a luta armada e sobreviveu. Ainda é marxista. Bateu forte no tema da conciliação de classes, dando a entender que esta é uma ilusão pela qual o PT paga hoje. Mas ponderou também que não dá para analisar a história ao mesmo tempo que se a faz: “é como transar e narrar a transa ao mesmo tempo, não dá”.

O mesmo Sequeira disse ainda que a prisão não deve assustar. “A prisão é uma escola”. Também definiu que ser preso “é estar solto no meio deles”. Ele relatou também que, quando um companheiro seu, no momento de ser detido por dois policiais que haviam dado ordem de prisão, levantou-se, ofereceu os braços e ordenou: “acompanhem-me!”. Duvivier entrevistou e contou que Juca Chaves também fora preso durante a ditadura. Na ocasião, o músico estava em seu camarim. O policial chegou e comandou: “acompanhe-me!”. Juca tomou o violão e perguntou: “em que tom?”

Muito se discutiu acerca do humor de direita e de como uma migração da esquerda para a direita teria acontecido hoje. Não houve acordo aqui, mas Duvivier definiu que “quando o humorista bate nas mesmas pessoas que a polícia, algo está errado”. Ou ainda, em termos mais teóricos: “o humor deve rir do poder, e não das potências”.

Henfil foi lembrado e Laerte contou que aquele já se desiludira com o caráter da transição conservadora dos anos 1970-80. Achava que aceitar a Lei de Anistia do modo que foi feita era capitular, e que a ditadura lograra fragmentar a unidade da resistência que havia então. Achava que as Diretas Já resultaram em golpe nas forças populares.

Sequeira é mais velho (“53 anos de atividade política”), assim como Laerte. Mas Duvivier foi saudado como a continuação da luta humorística. A luta dos secundaristas foi também saudada, assim como das feministas e o LGBT; e ainda as formas criativas de resistência, como a farofa no triplex dos Marinho, as placas contra a Globo nas transmissões ao vivo e ainda o churrasco diferenciado em Higienópolis.

Houve um começo de bate-boca com Sequeira e um homem da plateia, que ele conhecia, mas tudo acabou no abraço e no aplauso.

Duvivier contou ainda uma muito antiga mas boa anedota:

Um homem procura um médico e reclama de depressão e desânimo. O doutor pergunta “Por quê você não busca um hobby? Isso relaxa e impede a obsessão”. “Doutor, já tentei. Não deu certo.” “Que tal exercício? Por quê você não faz ginástica? Sabe-se que o exercício aumenta a endorfina no sangue”. “Mas doutor, eu também já tentei isso e de nada valeu”. “Ah, já sei”, exclama o médico. “Você tem que ir ao circo e assistir o genial palhaço Grimaldi. Nenhuma depressão nesse mundo resistirá à atuação desse palhaço!”. O homem cai no choro e diz “Doutor, *eu* sou o palhaço Grimaldi!”.



## 11 de março

Fui ao ato de apoio a Lula na praça da Sé, que ouvi chamarem no evento do “Humor em tempos de cólera”. Estou à procura de eventos de resistência ao golpe, e vou a qualquer acontecimento que seja de esquerda (vou também aos megaeventos coxinhas). Sensibilizado pelo ato na quadra dos bancários com Lula, fico achando que há resistência unificada em todos os lugares.

As evidências mostram o contrário. A direção do PT parece paralisada e não há agenda muito unificada. Eles demoram a se manifestar e no site nunca tem informação recente. Encontro muita gente querendo sair na rua, mas pouca coordenação. Parte deve ser fragmentação e desunião da esquerda nesse momento, parte diferenças entre as estratégias de Lula e Dilma. Mas a ausência dos grandes movimentos sociais até agora é gritante.

Desci na estação do metrô da Praça da Sé e imediatamente vi que tinha muito pouca gente. Era 11h e chovia. Deu para entender que não ia decolar. Fiquei bem decepcionado .

Fui à Leitaria Americana que é lá perto para esperar e refleti um pouco. Para os amigos que curtem o teórico Toni Negri e certos ciberativistas, estamos no fim do longo ciclo laborista-industrial. Estamos a testemunhar o fim da luta classista, dentro de um cenário pós-fordista e pós-industrial. Em termos mais concretos, a CUT e sua base no operariado manufatureiro estaria a perder força e relevância, e também o “trabalhador” do PT estaria a perder força frente a novas formas de trabalho e novos recortes sociais. O precariado, os trabalhadores de serviço, desempregados e subempregados são novos segmentos ainda não contemplados por sindicatos. Outras formas totalmente não ligadas ao trabalho também estão a achar expressão política importante.

Lembrei de um post da acadêmica Ivana Bentes que dava uma bronca nos deleuzianos, que também pensam cenários pós-fordistas, que não estariam a se posicionar na atual crise. Deleuze é um pensador contemporâneo que, entre outras coisas, busca superar certos impasses da esquerda tradicional, redefinindo e recolocando noções de ação coletiva e indivíduo.

Voltei à praça e vi um batalhão de policiais, de calções e camisetas passarem fazendo um cooper e cantando em uníssono. Muito surreal, vê-los correndo na praça molhada

de chuva passando pelos poucos sindicalistas molhados. Eram uns 300 manifestantes, valentes embaixo da chuva que ficou forte.

Os pregadores evangélicos continuavam, impávidos, a sua pregação. Enquanto descia as escadarias do metrô em direção à plataforma da Sé, pensei no capitalismo de hoje que se apresenta como religião.

Soube depois que o ato do dia 18 vai sim ter a presença de Lula e pelo jeito também da CUT, MST e MTST. Agora sim. Vamos ver o que dá. Responsavelmente, Dilma está pedindo que petistas não saiam à rua no dia 13 nem aceitem provocações.

## **12 de março**

A tensão insuportável. Ouvi no supermercado pessoas dizendo que não iriam à Paulista amanhã porque os petistas iam lá fazer confusão. A direção nacional já desautorizou confronto e mesmo o ato da praça Roosevelt, que parece havia sido chamado de maneira independente, foi desmarcado. Soube hoje que vai ter um ato grande no dia 18 terça-feira, com a presença de Lula. M disse que sai nas ruas de Pinheiros e disse que amanhã deve bombar, as pessoas têm comentado eu vão. A raiva está grande.

Separação dos discursos, cada campo com sua versão. Contra-informação na internet, PT e anti-PT, plantação de notícias generalizada.

A Lava jato é republicana ou não? Essa pergunta é crucial mas ainda não está clara. Parte da esquerda acha que vai sair bem do golpe e aposta nessa operação. Será que o PSOL vai crescer ao fim de tudo isso? Já agora nas eleições municipais.

Achei que foi muito hábil que a chamada do ato tenha sido pró-Moro. O terno contra o macacão.

Mas parece que há também um certo recuo, sinalizações de negociações e posições extremas da mídia recuaram um pouco. Aécio foi citado pela Veja.

Li avaliação petista que afirma que 2013 foi responsável pelo surgimento da Lava Jato. Esta análise ainda parece por aí, culpando o MPL pela emergência da direita. Este discurso também reduz a oposição ao governo à classe média e elite. Na polarização extrema talvez seja possível este engano, mas estas forças são mais diversas e contraditórias. Pablo Ortellado tem buscado pesquisar e compreender esse público, suas motivações e composição.

## 13 de março – Grande ato pró-impeachment

Fui ao ato contra a Dilma na Paulista.

Primeira coisa: bem, bombou. Muita gente na avenida, nas ruas laterais (Santos e S. Carlos do Pinhal). Muita gente, muito coxinha. [*Os organizadores falaram em 1 milhão, o DataFolha estimou ao redor dos 500 mil*]

Segunda coisa: os políticos – Aécio, Alckmin, Marta, Matarazzo – foram hostilizados e vaiados. Não conseguiram falar. A manifestação celebrou um protagonismo policial e judicialista muito preocupante. As forças não parlamentares de oposição, que celebram a polícia e o Moro no sentido de destruição da atividade política estão com um milhão de aderentes.

Desci a Fradique Coutinho e entrei na estação do metrô. Minha mãe, já idosa, pediu-me que a levasse ao ato então fomos juntos. Na estação, uma fila enorme de manifestantes que não tinham seu Bilhete Único carregado amargavam imensa fila. O que vi ali resumiu parte do problema com essa classe média: a estupefação de quem não usa o transporte público habitualmente se deparando com a realidade estrutural do serviço. E brigando com o funcionário do metrô que não deixava ela passar sem pegar a fila.

Metrô cheio já às 14hs. Descemos na Paulista, saída pela Consolação perto do novo Riviera. Bastante gente na avenida. Minha mãe não aguentou muito, a multidão meio excessiva e barulhenta. Chegamos na Augusta e viramos para voltar. Pus ela num taxi e voltei à manifestação.

Já na esquina da Paulista com a Consolação tinha uma cena emblemática. A Tropa de Choque posando paramentada na avenida. Caveirão e tudo, mais cavalos e cães. Não é novidade, mas tinha muita gente mesmo tirando selfie e fotografias com os policiais. Tinha manifestante tentando fazer os soldados segurarem cartazes e faixas. Eles negavam até onde eu vi, mas na internet tem exemplos do contrário. O caveirão estava aberto para a visita, e muitos manifestantes lá entravam.

A classe média lá em peso, a multidão muito homogênea. Vi apenas três negros em três horas. Uma empregada de uniforme. A família toda veio: avô, avó, as tias e tios, os filhos. Não havia uma variedade muito grande de cartazes e mensagens e faixas. Apoio a Moro, contra Lula e Dilma.

Alguns analistas apontam que a presença de jovens nas manifestações coxinhas e governistas não é grande, e que Junho de 2013 ainda não está representado nesse FlaxFlu. De fato a maioria era de tiozões e tiazinhas com seus pimpolhos, mas vi alguns jovens sim.

Saí pela Augusta e tomei a alameda Santos. Buscava chegar nos carros de som, interessado especialmente em ouvir os discursos que falassem da política parlamentar e da combinação rua-PSDB. Tentei subir a Casa Branca e não consegui chegar na Paulista. Tentei voltar para a Santos, e coleí atrás de uma mulher que usava uma máscara de Dilma zumbi virada para trás. Foi muito surreal andar muito lentamente por quinze minutos com a Dilma mutilada bem na minha frente, de olhos vazados. Eram 3:30h. Consegui chegar na Santos e alcancei a Pamplona.

Esta estava muito cheia, vazando para baixo uns três quarteirões. Desci a Pamplona e virei na primeira à esquerda na Jaú buscando subir em direção à Santos de novo. O hino nacional por vezes ecoava no ar, e era cantado pelas pessoas – exceto a segunda parte toda e na ordem certa, que ainda não consegue se inscrever no cancionário coxinha.

Subi pela Campinas e cheguei na esquina da Santos, ainda cheia. Aqui ouvi uma banda na avenida acima tocando Cazuzza, Que País é Esse? Numa rua dos Jardins, em frente a restaurantes chiques, cercado de coxinhas, lembrei-me de como o cantor sempre me pareceu pelego.

Segui pela Santos. Alcancei a Brigadeiro com alguma dificuldade e consegui subir até a Paulista. Cruzava a avenida para alcançar o Extra e comprar uma cerveja. Enquanto negociava um caminho pelo cruzamento, ouvi uma música ao longe que me transportou aos carnavais de minha infância, uma marchinha de carnaval melancólica de doce cadência. Ao aproximar-me da fonte, que era um carro de som, percebi que era uma marcha militar mesmo, emitida pelo alto-falante de um grupo pró-golpe militar.

Já os tinha visto antes, inclusive na Barra Funda no dia do embate com a CUT e o PT. Hino Nacional, continência, visual paramilitar, discurso de ódio... e muitos aplausos e fotos da massa. O homem que discursava dizia quer havia 7 milhões na avenida. E que Lula tinha levado objetos do Palácio do Planalto. Além de pertences do general Costa e Silva, o ex-presidente teria furtado um Jesus de banhado a ouro.

É difícil estabelecer quem estava assistindo qual carro, já que havia muita gente e era difícil se mexer. Acabou que só vi esse carro pró-intervenção militar e não pude

observar a reação que o povo presente teria frente aos políticos que compareceram a outros locais. Vi depois na internet. Caminhei para o Paraíso sem novidades, exceto por um episódio muito curioso: os manifestantes acenavam e aplaudiam o helicóptero da polícia que sobrevoava a massa.

Cheguei em casa, tentei compreender o que vira e li um pouco.

Por um lado parece que a manifestação foi grande e significativa, mas a sinergia com o Congresso não se deu. A grande aliança que alavancaria o impeachment no parlamento não rolou. As manifestações por um lado parecem ter sido atingidas pela propaganda do PT que exigia isonomia para a Lava Jato, e dessa forma o PSDB foi hostilizado. Alguns anotam cartazes como “Não tenho corrupto de estimação”. O MBL está trabalhando na construção de candidaturas para as eleições e na construção do ultraliberal Partido Novo. Pode se queimar.

Grupos extremistas de direita são tolerados nesses atos. O ator pornô Marcos Frota mandou saudações aos carecas de São Paulo num carro de som. A presença dos militaristas nos atos nunca foi negada.

Mas o que mais chocou foi essa celebração da polícia. Parece que um discurso anti-política, contra todos os políticos e a atividade política, está casada com a comemoração da figura do policial. Acho que tem um novo super-herói, um policial que é o juiz e executor. A classe média está indicando que vai tolerar a violência policial e que vai se calar frente à sua corrupção. É um pacto de violência política que é firmado a céu aberto. Esses manifestantes estão indicando que apoiam uma solução de força. Que vão tolerar o arbítrio e virar o rosto quando as forças de segurança fizerem o serviço sujo. Tem muito vídeo de policial fardado e armado discursando um protagonismo das forças de segurança na internet. O entendimento da Lava Jato para eles é nesse sentido, é uma luta do super-terno contra o macacão sujo. Agora está claro que há uma vocação golpista e que os coxinhas vão aceitar um estado policial.

Chamou-me muito a atenção na Barra Funda, quando houve o confronto, que os coxinhas e militaristas não tinham organização de rua e se só organizavam a partir da posição dos policiais. A PM organiza a presença deles na rua, organiza seu posicionamento político. A classe média depende da PM para estar à rua.

Como resumiu T: na manifestação podia falar mal de político, só não podia falar mal da polícia. Tem um vídeo que mostra uma mulher na manifestação que joga uma garrafa no chão em direção ao caveirão da Tropa de Choque. Ela gritava muito “Lula é



ladrão”. Ela foi hostilizada pelos manifestantes e foi a *única* detenção que a polícia fez na manifestação. A única pessoa em um milhão.

### **Um relato posterior enviado por quem conhece a relatora e T:**

“Estava andando atrás de uns 15 PMs que levavam um casal de homens gays para uma rua completamente deserta, um cara simplesmente começa a gritar comigo do nada: - Sua puta, aposto que é petista, vai filmar os gayzinhos, é sua vaca? Deixa a polícia trabalhar, eles têm que apanhar mesmo, gay é tudo petista. Ao que eu respondo que eu tendo o direito de fazer o meu trabalho, começa a chamar aos berros os outros verde-amarelos que estão passando pela Alameda Santos: - petista, essa porca é petista, vamos dar um couro nela! Saio correndo e chamo duas PMs femininas que simplesmente ignoram o meu relato. E viva a PM, viva o Choque, viva o Brasil!”

### **14 de março – nova conjuntura**

A juíza a quem foi entregue o mandado de prisão de Lula passou o documento a Moro. Há grande ato pró-Lula na sexta, pode ser que venha uma prisão antes. A manifestação de ontem repercutindo nos sites e na imprensa.

Lula acaba de ser nomeado ministro da Casa Civil. Pode ter sido por causa da juíza que, ao dar parecer sobre o mandado de prisão a Lula, passou o abacaxi ao Moro. Espero repercussões. A direita pode surtar.

C: “Muita movimentação em Brasília. Lula parece ter estado com Temer esta manhã. São as únicas duas pessoas que contam no tabuleiro. Não há roteirista de House of Cards, nem de Game of Thrones, que dê conta de imaginar esse diálogo.”

Teve notícia hoje de invasão da PM ao diretório paulista do PT. Vi no Brasil 247, não há muitos detalhes. Os policiais perguntavam sobre uma manifestação pró-Lula lá dentro.

Estou lendo o depoimento completo do Lula ao MP em Congonhas. É uma peça interessantíssima, digna de se tornar uma peça de teatro. Já vi outros textos legais representados dramaticamente e por vezes dá muito certo. T foi ver uma peça do recente Festival do SESC em que os personagens falavam por meio de discursos, havia atores na platéia que repentinamente desafiavam os atores no palco... e pouco a pouco você percebia que estava no meio da Revolução Francesa, e que você fazia parte das discussões públicas da época. Ao longo de 4 horas, a trama te levava das assembleias de bairro até a Assembléia Geral, presentes o rei e demais deputados. Muito pirante.

Tem uma outra peça semelhante, é o julgamento de um ativista irlandês acusado de terrorismo no século XIX. Desta vez, um único ator fazia todos os papéis, o acusado, as testemunhas, o juiz, os advogados... O texto dramatizado era estritamente a peça legal, uma mistura de arqueologia forense e teatro de rua, fortíssimo.

Da mesma forma, acho que o futuro vai pirar numa representação teatral ou leitura dramática desse depoimento de 200 páginas. Não porque esse texto demonstre que Lula é inocente, mas exatamente porque é ambíguo e complexo. Tem um pouco de discurso populista, tem evasivas e broncas, rasgos de estadista e de líder sindical; tem a incompetência e esperteza policiais nos questionamentos; tem capitalismo corporativo e corrupção, tem protagonismo comercial, tem Estado empresarial, tem dilemas da esquerda; tem justicialismo e coerção; tem um inquérito policial baseado em reportagens da imprensa golpista; a polícia fica registrando a aproximação do movimento social ao aeroporto como uma ameaça... muito pirandão.

Recomendo muito a leitura e um dia queria fazer uma leitura dramática dessa peça.

C escreveu:

“Há muitas partes móveis: Dilma, Lula, PT, PMDB, Temer, Renan, Cunha, PSDB, Moro, MP e PF da Lava Jato, STF, TSE, TCU, movimentos sociais, movimentos à direita - MBL, VPR.

Tudo considerado, Lula entra apenas para conduzir a transição até eleições antecipadas Apresenta pacote de medidas emergenciais, enquanto se negocia a saída de Dilma.

Não vejo outra saída. Dilma, hoje, é um risco para a classe política. Enquanto ela estiver no poder, a Lava Jato prossegue. Se a Lava Jato prosseguir, as instituições vão à ruína e em cascata

.  
Especialmente depois de ontem, todos a querem fora. Não é mais uma questão de tomada ou manutenção de poder, mas sim de sobrevivência da classe política em sua atual configuração. A crise de representatividade deixou de ser de Dilma e do PT, agora afeta toda a classe, pelo que se viu ontem.

Conter a crise é quase impossível, e o seria, não fosse a nossa classe política da ordem dos blatários mais encarapaçados dentre os da espécie Periplaneta americana.

O PSDB passa a ser crucial para conter a Lava Jato - tem ascendência sobre promotores e a PF. Mas não entra na equação sem a garantia de que Dilma sai logo, ainda que gradualmente. Não pede a cabeça de Lula, porque, sem ele, ninguém contém os movimentos sociais, donde o cafuné da direita em Lula, depois do pedido de prisão feito pelo MP/SP.

PMDB sai do governo, mas apoia posições de Lula pontualmente, assim como a Oposição, sem que percam o discurso confrontacional.

Como fica Cunha? Do mesmo lado que Renan: o daquele que calar ou arrefecer a Lava Jato.

Em 2016/7?, Lula vem com o discurso de ter salvado a Pátria em meio à maior crise política da Nova República. O PMDB, idem. E o PSDB, com o de que foi quem derrubou Dilma.

E estamos conversados.

TSE e TCU ficam em seus cantos, manietados pelo STF, para quem o que importa é a ordem social e a prevalência das instituições. A direita vai bater panela quando for anunciado que haverá eleições antecipadas, mas não volta às ruas, porque, antes do anúncio de novas eleições, PSDB e outros mais à direita entrarão em acordo com MBL, VPR et caterva: Vocês ganharam, agora é hora de assumirem sua parcela de responsabilidade - e benesses - de estar no poder.”

Li hoje também que a o recurso do policial federal conhecido como Japonês da PF não foi acatado e sua condenação por corrupção permanece.

### **15 de março – Tese de Sérgio Moro**

<http://jornalggn.com.br/sites/default/files/documentos/art20150102-03.pdf>

Muito interessante esse artigo do Moro sobre as Mãos Limpas na Itália, e bastante revelador daquilo que está acontecendo no Brasil. Tento caminhar essa fina linha entre impedir a destruição maliciosa do PT e ser sempre contra a corrupção, então o caráter da Lava Jato é de crucial importância. Se ela for republicana, temos uma oportunidade

única de limpar a política da corrupção, malgrado a derrocada de Lula e do PT. Mas se ela for uma ferramenta de destruição da esquerda, temos um golpe em curso.

Me peguei pensando qual posição eu teria tomado se estivéssemos na Revolução Russa ou mesmo em uma situação revolucionária no Brasil. Me pego hoje cheio de dedos com o processo devido, com a normalidade jurídica e a presunção de inocência. Mas se eu estivesse convencido a priori de que estávamos a julgar o inimigo, talvez eu não tivesse a mesma atitude. Alguns argumentos do Moro poderiam ter sido sustentados por um revolucionário criticando a farsa do parlamento burguês e o sistema judiciário como proteção dos privilégios de classe. Mesmo assim, sinto hoje que o respeito à legalidade é de capital importância.

Vou então entrar pela seara da legalidade mas vou fazer considerações políticas, tentando ser sucinto. O tema principal é a relação da operação com a imprensa e suas consequências.

No geral o artigo de Moro explana bem como foi a operação Mãos Limpas, ainda que não tenha satisfeito minha curiosidade em saber como ela acabou, quem a desligou, em que momento ela parou e quem ficou preso e quem ficou fora no final das contas.

Achei a análise sociológica do autor é bem primária, e isso tem consequências importantes. Ele não define muito bem “a classe política” ou “poder público”, e acaba sendo bem pouco cuidadoso em não deslegitimar a atividade representativa em favor de uma moralidade tecnicista. De fato, ele afirma que o descrédito foi ferramenta essencial da operação:

*“O processo de deslegitimação [da classe política] foi essencial para a própria continuidade da operação mani pulite”*

Ele aponta a magistratura como um corpo neutro legitimado diretamente pela sociedade através da “opinião pública”, que deve substituir a classe política por força de sua estatura moral:

*“Ao mesmo tempo, especialmente na luta contra o terrorismo e a Máfia, a magistratura exercita um poder pró-ativo, em substituição a um poder político*

*impotente. A coragem de muitos juízes, que ocasionalmente pagaram com suas vidas para a defesa da democracia italiana, era contrastada com as conspirações de uma classe política dividida e a magistratura ganhou uma espécie de legitimidade direta da opinião pública.”*

Essa legitimidade direta suporta o “terceiro turno” brasileiro, isto é, a noção de que a pesquisa de opinião de alguma forma é mais legítima do que o resultado da eleição.

O autor coloca a imprensa no lado da “sociedade” e da “opinião pública”. Não há menção ao fato dela própria, a imprensa, ser peça dos esquemas de corrupção política. Quem admite essa participação é o ex-primeiro ministro do PSI Bettino Craxi, citado no texto:

*“Os partidos e aqueles que dependem da máquina partidária (grande, média ou pequena), de jornais, de propaganda, atividades associativas ou promocionais... têm recorrido a recursos adicionais irregulares.”*

No trecho abaixo uma crucial diferença com o Brasil, que é a do relacionamento da imprensa com o governo:

*“Os responsáveis pela operação mani pulite ainda fizeram largo uso da imprensa. Com efeito: Para o desgosto dos líderes do PSI, que, por certo, nunca pararam de manipular a imprensa, a investigação da “mani pulite” vazava como uma peneira. Tão logo alguém era preso, detalhes de sua confissão eram veiculados no “L’Espresso”, no “La Repubblica” e outros jornais e revistas simpatizantes.”*

Malgrado qualquer corrupção do governo, não é possível dizer que este tenha manipulado a imprensa. No caso brasileiro esta certamente tem participação no poder e é de fato contra o governo. “Os jornais e revistas simpatizantes” são parte da corrupção, no Brasil, e de nenhuma forma podem constituir uma “opinião pública” democrática.

Vale lembrar que o vazamento de informações de processo legal é estritamente criminoso.



Mas para Moro existe uma opinião pública que é co-presente com a imprensa e que perfaz uma superioridade moral em relação à representação política. As empresas de imprensa são colocadas sem mais no campo da democracia:

*“Talvez a lição mais importante de todo o episódio seja a de que a ação judicial contra a corrupção só se mostra eficaz com o apoio da democracia. É esta quem define os limites e as possibilidades da ação judicial. Enquanto ela contar com o apoio da opinião pública, tem condições de avançar e apresentar bons resultados. Se isso não ocorrer, dificilmente encontrará êxito. Por certo, a opinião pública favorável também demanda que a ação judicial alcance bons resultados.”*

Aqui a opinião pública/imprensa como substituição do processo legal devido:

*“Ademais, a punição judicial de agentes públicos corruptos é sempre difícil, se não por outros motivos, então pela carga de prova exigida para alcançar a condenação em processo criminal. Nessa perspectiva, a opinião pública pode constituir um salutar substitutivo, tendo condições melhores de impor alguma espécie de punição a agentes públicos corruptos, condenando-os ao ostracismo.”*

Eventuais abusos são admitidos:

*“Há sempre o risco de lesão indevida à honra do investigado ou acusado. Cabe aqui, porém, o cuidado na desvelação de fatos relativos à investigação, e não a proibição abstrata de divulgação, pois a publicidade tem objetivos legítimos e que não podem ser alcançados por outros meios.”*

Fica óbvio que pelo menos parte da corrupção do “poder público”, a que toca a imprensa, não vai ser investigada pelos magistrados, pois as empresas de comunicação constituem instância da operação. A magistratura, assim, na minha opinião, não tem como se constituir o corpo séptico neutro e republicano que Moro deseja para a Lava Jato.

Enfim, essa relação opinião pública e imprensa me chamou mais a atenção. Fica É possível criticar a prisão preventiva de extensão indefinida e a delação premiada, mas não vou fazer essa discussão.

Só fecho frisando esse papel da imprensa lembrando que Berlusconi, resultado das Mãos Limpas, é precisamente um empresário da comunicação.

No fim da tarde fui encontrar J, que não via há uns dez anos. Ela até pouco trabalhava em Brasília com travestis de todo o Brasil, na área de medicina preventiva. Ela contou um pouco de como é trabalhar com programas sociais e de saúde no governo. Ela era o número quatro na escala a partir do ministro da saúde. J disse que não era um programa considerado importante, pois não dá votos, então por um lado não tinha muito dinheiro, mas por outro ela tinha ampla liberdade de trabalho. Contou que os travestis formam um grupo de alto risco e o programa buscava diminuir essa vulnerabilidade, dando bolsa para educação, formando-as em tecnologia para que formem redes de proteção, de trabalho e em geral para que se tornem autônomas em detrimento de cafetões.

J avalia que as instituições públicas estão falidas no geral. A eficácia de um programa social depende de inúmeras instâncias políticas que têm a ver mais com lutas intestinas de poder do que com coerência ideológica. Trabalhar com o PT permite que esse tipo de programa se realize, mas que também certos hábitos que o partido desenvolveu no poder acabam por destruir iniciativas progressistas. O cuidado com a coisa pública não é exemplar. Revelou que foi ela a autora do chamado “kit gay”. Este material ia ser distribuído nas escolas quando a bancada evangélica conseguiu barrar a iniciativa. O governo capitulou e os livros foram incinerados em Brasília. J contou também que uma das atividades que desenvolveu com as travestis em São Paulo contou com a presença de Suplicy e do prefeito Haddad. Era uma aula de dança de salão, e ela alocou parceiras para os dois políticos, que dançaram uma valsa. J faz também um doutorado e lê muito Butler e Foucault.

## **16 de março – Ato pela Democracia**

Fui ao Ato pela Democracia no TUCA em Perdizes. Tomei o metrô e desci na Sumaré; peguei um ônibus. Cheguei cedo porque achei que ia encher. No noticiário hoje predomina a nomeação de Lula: nos blogs petistas e a delação de Dulcídio nos

jornalões. As delações envolvem o ministro Mercadante e mesmo Dilma. O blogs de esquerda dão também muito destaque às acusações contra Aécio.

Já tinha uma fila grande às 18h. Conversei com uns jovens da fila. Uma moça fazia direito e dizia que não apoiava o governo, mas defendia a legalidade. Dizia que não mais almoçava com sua família no domingo, pois sempre dava briga. Contou que o pai chegou a levantar a mão contra ela a chamá-la de comunista. Isso foi quando ela disse que ele também era corrupto, como provava a fotografia em que ela aparece bebê no colo de Maluf. O pai e o político tinham sido amigos. Ela perguntou a outro menino da fila que era do PSOL porquê a esquerda estava tão apática. Ele disse que era difícil apoiar as políticas de Dilma e que o governo PT não foi um governo de esquerda. Mas que a onda conservadora de fato está a ameaçar toda a canhota, então ele veio para apoiar.

Ninguém acredita em intervenção militar, mas todos se preocupam com a atitude das forças de segurança que estão se sentindo à vontade para atuar ideologicamente e sem freios. A manifestação de domingo deixou todo mundo preocupado. Houve discussão acerca de quantas pessoas realmente havia, em comparação com outros atos da história recente. Eles tinham estado nas mobilizações de 2013 e achavam que na segunda maravilhosa tinha mais gente que no domingo.

Fui entrevistado pelos Jornalistas Livres na fila.

Consegui entrar e sentei na plateia. Uma tela trazia algumas imagens em movimento, tipo slideshow, e quando a figura de Brizola apareceu, foi muito aplaudido. Especulei como seria a situação atual se Brizola estivesse vivo. Ou se tivesse vencido em 1989.

Recebi na entrada um panfleto dos organizadores do ato e também um papelete que traz um Hino da Legalidade: “...Protesta contra o tirano, Recusa a traição!” Deve ser da época da Rede da Legalidade, de 1964.

Presentes estavam, entre outros, André Singer, Tata Amaral, L Felipe Alencastro, Maringoni, Fernando Moraes, Konder Comparato, Laymert Garcia, R Mussi, L G Belluzzo, Wagner Freitas da CUT, Rui Falcão, prof. Bandeira de Melo, vice-prefeita Nadia Campeão, Aldimar Assis presidente do sindicato dos advogados, Bresser Pereira, Jamil Murad, UNE.

O ato foi apresentado por Sergio Mamberti. Mal começou a falar e o grito “não vai ter golpe!” imediatamente ressoou pelo auditório. Aí foram lidos vários manifestos pela legalidade. O tom foi no geral de ativismo, enfrentamento e protagonismo, muitas palmas e palavras de ordem. Havia uma grande multidão fora do auditório.

Foi dito à platéia que houve a divulgação de um grampo ilegal da conversa entre Lula e Dilma por Sérgio Moro. Eu não sabia.

Fernando Morais disse que nomeação do Lula era “o começo da virada”. Um provocador da direita na plateia gritou “Ladrão!” quando Dirceu foi lembrado. “É só um coxinha!”, diz a platéia. Morais continuou.

Comparato: menciona a compra de votos de FHC para a reeleição. Cita o 1% da população mundial detém metade da riqueza.

Belluzzo: “só quem perde a democracia lhe dá valor. Eu perdi-a aos 21 anos.” Wagner da CUT chamou a mobilização de rua. A posse de Lula foi adiantada para amanhã. Chamou para o dia 18, aqui em SP com Lula e Haddad.

Bandeira de Melo, professor da PUC, fala da imprensa golpista. “a verdade é dura, a rede globo apoiou a ditadura” concordou a platéia. Frisou os abusos legais da Lava Jato. Falou contra a delação premiada e o dedodurismo.

Aldimar de Assis, do sindicato dos advogados, chamou a mobilização para dia 18. Bresser Pereira contou que a direita diz que a Constituição de 1988 não cabe no PIB brasileiro. Ele criticou a política econômica do PT. Mas percebe a emergência da direita e a necessidade de defesa dos direitos dos trabalhadores.

Um professor da PUC disse que era necessário “retomar o programa eleito nas ruas”. Disse que quem elegeu a Dilma no acirrado segundo turno foi a esquerda. A presidenta da UNE lembrou o atentado à sede da UNE em 1964. Chama para as ruas e para o dia 18.

O Maringoni se confessou tenso. Falou que o Jornal Nacional teve edição de agitação. Diz que as passeatas coxinhas não devem ser menosprezadas e que o centro político foi tomado pela direita. Disse que existe uma insatisfação com a situação econômica, e que o ajuste não foi programa de eleição. 54 milhões votaram em Dilma pela

democracia e pelo desenvolvimento. Precisa haver sinal de mudança de rumo para sensibilizar as pessoas, uma mudança de rota. Essa é a única saída.

Passaram um vídeo dos artistas que apoiam o ato. Suplicy chegou, e falou a Maria Rita Kher, seguida por Bruno Ramos e a Liga do Funk. Cantaram um montão, incluindo aquele velho funk da Felicidade. Prometeu o apoio da favela.

Por último falou Marilena Chauí. Aí mostraram um vídeo com mensagem do presidente Mujica. Ao final, com as pessoas deixando o auditório, Sergio Mamberti começa a cantar o Hino da Legalidade, que de fato era a canção janguista de 64. O clima ficou meio estranho, trata-se de um hino à moda antiga, meio bizarro.

O ato como um todo foi para a militância, mas senti que não está sendo possível rebater argumentos golpistas e que está difícil de sensibilizar o resto da sociedade. Acho que estamos a falar para nós mesmos e a barragem informacional da imprensa está impossível. A presunção da culpa genérica, mesmo sem crime, está bastando para mobilizar e indignar as pessoas. A linhada defesa da legalidade está ofuscada com o verniz judicialista das ações ilegais de Moro.

Saí e a grande multidão ainda estava lá, com um batuque. Muita animação e palavras de ordem. O helicóptero da Globo chegou e iluminou a multidão, certamente achando que era uma concentração golpista. Perguntei para uma pessoa onde estavam as manifestações coxinhas naquela noite e me disseram a Paulista. Decidi ir para lá.

Tomei um ônibus na Cardoso de Almeida e segui em direção à Paulista. Ao invés de entrar nessa avenida, o coletivo foi desviado para a Santos. Desci logo no começo da Paulista e segui a pé. Eram umas 22:45. Muita gente na avenida, voltando no contra-fluxo. A maioria de verdeamarelo, mas muitos de preto. Fui chegando ao MASP e já tinha bastante gente. No total devo ter visto umas 5 mil pessoas. O recorte social era o mesmo do ato do dia 13, mas havia bastante jovens, muito mais do que no domingo. O bonecão do Lula presidiário estava lá, além de muitas bandeiras e camisas da CBF.

Tentei achar um centro ou um carro de som, mas não havia propriamente um comando. Havia um palco na FIESP, e uns 7 jovens estavam lá. O palco sem luz, e um som tinha sido montado – mas ouvia-se muito pouco, não pude saber o teor das falações. Muita animação por parte dos coxinhas: “Lula na cadeia”, “Olê, olê olê olá, o



Moro vem aí e o bicho vai pegar”. A Marilena Chauí tinha mencionado a “multidão em busca de um líder”. Pareceu-me que era o caso. O helicóptero da Globo era saudado e aplaudido, ficou parecendo que a liderança vinha de lá. Cheguei mesmo a ouvir de dois jovens que “estava faltando alguém para liderar”.

Achei muito emblemático que o prédio da FIESP estivesse todo aceso com a inscrição “Renúncia Já”. Aqui ficou claro para mim que a burguesia industrial já fechou com o golpe. Não deve haver espaço de manobra econômico para uma retomada com Lula. Ouvi um moço dizer que estavam todos no MASP, mas que, quando o prédio acendeu, a manifestação migrou para lá.

“Quem não pula é petista” foi gritado pela massa que também pulava. Nessa hora, achei mais seguro saltar também... “Moro, Moro”; “Ei, Lula, vai tomar no cu”; “Renuncia”; “Eu vim de graça”.

Fiquei uns 40 minutos e caminhei para casa. Ainda não conhecia o teor dos grampos, mas achei que foi uma reação de Moro à indicação de Lula, que poderia ter sido uma virada no jogo. Senti que o apoio ao golpe está se capilarizando pela sociedade e aumentando seu alcance social. É evidente a atuação da imprensa como player importante. Li o artigo que Moro escreveu sobre a operação Mãos Limpas e ele sublinha o papel da imprensa na obtenção de apoio da “opinião pública”, construindo desta maneira uma legitimação direta para o protagonismo da magistratura. A Folha, Estadão e Globo juntos na condução do processo.

Pode ser muito petralhismo de minha parte, mas o conteúdo dos grampos não é cabal. Li as transcrições e não parece haver nada que em um contexto sereno não fosse até trivial. Tanto que notei no noticiário que poucos trechos são citados, e tem predominado apenas um auê geral. A ilegalidade da divulgação do grampo não provoca muita reação nem comentário. A idéia de que uma situação de exceção é desculpável para pegar quem já é culpado prevalece sobre tudo, inclusive em parte da esquerda.

O clima está péssimo. Há várias chamadas para concentrações no dia de hoje. Acho que vão tentar mobilização permanente de algum tipo. Tem uma curiosíssima chamada para uma greve geral no dia 21, uma paralisação da economia. Saiu no jornal

que tem empresário propondo sonegação em massa de impostos. A manifestação de domingo deu um gás que eles estão a aproveitar.

Isso me alarma em relação ao ato do dia 18 na Paulista. A presença de Lula agora pode ser inflamatória, e pode ser mesmo que se tente impedir a marcha da esquerda de se realizar. Talvez os coxinhas consigam os números suficientes para barrá-la. Tenho enorme interesse em saber como a PM vai reagir em relação a dois atos marcados para o mesmo dia. Pode ser o conflito final, a cortina que fecha esse dramático espetáculo.

### **17 de março – Levante e acampamento coxinha na Paulista**

Tive uma noite de sono inquieto. Levantei e chequei as notícias na internet. Vi que a imprensa golpista continua a chamar a mobilização contra a posse de Lula. Vi uma nota dizendo que a Paulista estava com manifestação e decidi ir lá checar.

O momento parece ser decisivo e o golpe parece apostar em um levante popular. A mobilização coxinha ainda está quente de domingo e a nova posição de Lula parece ter instado Moro a dar esta última cartada. Em seu texto sobre as Mãos Limpas, ele já falava nas vigílias e concentrações de manifestantes como auxiliares da operação. Junto com os três jornais e a Globo, Moro tenta realizar um levante geral.

A coisa toda parece levar o STF a não poder se furtar de tomar posição. A pressão é grande e este órgão nem sempre esteve à altura de sua posição.

Andei do CCSP até perto da praça Osvaldo Cruz. No caminho parei em uma padaria de esquina e vi o novo ministro da justiça fazer uma defesa do governo. Um fato novo. Pedi um café e assisti um pouco da Globo nesse lugar. Longe da Paulista gentrificada, este é um boteco popular na esquina da Maestro Cardim com a rua do Paraíso. Mas muito curiosamente, as manifestações de 2013 marcaram o bar na forma de um cartaz escrito à mão, que o proprietário do bar pendurou alto na parede, certamente recebido de algum manifestante então. A cartolina diz: NON DUCOR DUCO. É o lema de São Paulo, “não sou liderado, lidero”. Está lá até hoje, uma mensagem dúbia aos muitos trabalhadores imigrantes que lá consomem.

Vi na TV as falas de Gilmar Mendes, que apostava no caos dizendo que a nomeação de Lula era o mesmo que nomear um preso condenado na Papuda ou em Curitiba. Já o ministro Mello foi mais cauteloso e questionava a legalidade das ações de Moro.

Saí e tentei pegar um ônibus para ir À FIESP. Mas o trânsito já estava lento e segui a pé. A polícia fechou enorme seção da Paulista, e a multidão estava concentrada só em frente à Federação. Ao contrário de outras manifestações como a do MPL, desta vez não se exigiu aviso prévio e nem foi “contida” pelo aparato. A PM está claramente apoiando o ato. Ninguém reclama do transtorno à cidade.

A pé pela calçada vi um agito com bandeiras, câmeras e discurso. Logo me aproximei, curioso com esta primeira pequena manifestação. Mas as bandeiras eram coloridas e as camisetas pretas. O orador falava em um tom conciliatório e agradecia a todos os presentes de maneira muito bizarra para uma fala política. Percebi depois que se tratava da inauguração de uma loja, a Hirota, que, à maneira japonesa, mobilizava os seus trabalhadores em eventos comemorativos. Quando saquei o desencontro, saí pela avenida, rindo.

Quando cheguei à FIESP, devia ter umas mil pessoas. Se ficar assim, foi um auê mas nada demais. A aposta é que aumente e se torne incontornável. Até agora, o levante geral popular não aconteceu.

As pessoas eram mais ou menos as mesmas de ontem à noite, muitos jovens. Uma tenda, representando um domicílio do programa Minha Casa Minha Vida, trazia o cartaz: “se liga PT, vc vai se fuder”. Havia um senhor vestido de soldado constitucionalista paulista. Pensei talvez que estava numa multidão contemporânea, onde as pessoas estão ligadas à rede e à ela reagem, e não a um líder ou orador presente. Eram 10:30h.

Fui tomar um café e voltei meia hora depois: muita animação: “Lula cachaceiro, devolve meu dinheiro”; “daqui eu não saio, daqui ninguém me tira”; “vem pra rua vem”. Aumentou um pouco o número de pessoas, e algum colégio grande deve ter liberado os alunos, pois de repente tinha mais adolescentes. O transtorno é tal na Paulista, fechada desde a Consolação até a Brigadeiro, que só pode atrair mais pessoas. Cortesia do Alckmin.

Na Campinas havia uma espécie de linha de frente, que gritava para os carros que cruzavam a avenida. Ali parecia ter certa tensão que apenas parcialmente identifiquei. Ouvi duas moças de megafone gritando muito que não queriam carro de som naquele lugar. “Sem carro de movimento, este ato é nosso!”. Vi quando nesse momento chegou

o chefe do Revoltados Online, o Marcelo Reis, com seguranças. Ele veio de alguma negociação com outros movimentos, incluindo as moças. Achei que tinha uma disputa pela liderança do ato naquele momento.

Já um homem meio solto ficava incitando ao quebra-quebra. “Eu estou na rua todo o dia, só ficar batendo palma não adianta”. Foi contido em um canto, mas aplaudido no outro. Chegou um maluco vestido de farda/camuflagem, com um menino de 5 anos vestido assim também. Tinha um cartaz altamente dúbio, um desenho de Dilma com uma suástica e 666 grafados sobre ela.

Os malditos helicópteros sobrevoando a avenida.

Achei que ia ficar meio desse jeito por algumas horas ainda, voltei para casa almoçar e fiquei de voltar mais no final da tarde. Espero que amanhã eles já tenham ido embora, pois tem o ato às 16h. Quero ver como a PM vai lidar com isso.

Em casa vi que um juiz suspendeu a nomeação de Lula. Fora isso, nenhum fato novo, ainda repercussões dos grampos e a mobilização aberta da imprensa. O PT assumiu abertamente o antagonismo contra Moro.

De noite escrevo mais.

Li em casa que o secretário de segurança de São Paulo Moraes foi vaiado e hostilizado na avenida. Ele parece hesitar em desobstruir a avenida para o ato de amanhã. Será muito interessante ver como isso se dará. Se uma expressão anti-PM se confirmar na avenida, se houver confronto entre policiais e manifestantes, vou ser obrigado a rever minhas interpretações do que sejam esses coxinhas.

Sentei num bar para tomar uma água com gás, em uma mesa perto da fila do banheiro. Muitos manifestantes vinham se aliviar ali. Ouvi diálogos muito curiosos. Dois moços falavam de Ayrton Senna como paradigma deste momento. Outro veio com a pérola: “Isso não é caganeira, são lágrimas de um cu apaixonado.”

Voltei para casa e descansei. Retornei para a avenida às 17:30h. Tinha muita gente lá, um pouco mais do que de tarde. Parece que eles vão conseguir ficar. A Paulista ainda fechada em sua quase totalidade para os manifestantes. De longe vi muitos guarda-

sóis, e achei que tinha virado um acampamento. De perto vi que eram ambulantes com seus carrinhos. Havia realmente muitos deles.

Apesar de maior capilarização desse momento da ocupação, com mais gente de classe média baixa, era visível que os negros e mulatos presentes estavam trabalhando a vender mercadoria para os manifestantes. Há um carroceiro que já vi muitas vezes. Ele puxa a carroça com a família de 5 crianças, ele e os rebentos vestidos de verdeamarelo. Esse personagem gera muito selfie com o pessoal.

A multidão é muito barulhenta e de muita animação. Eles devem virar a noite lá. Vi umas dez barracas montadas no chão, na esquina da Pamplona.

Um foco é criado pelas câmeras da imprensa no mezanino da FIESP, para quem os manifestantes se dirigem. E de novo o helicóptero da Globo é muito celebrado, quase parece que adoram um deus alado. Muitos, mas muitos aparelhos eletrônicos portáteis.

A FIESP está acesa e seu aparato de som montado em um palco que tem do lado de fora (estava fechado) tocava canções patrióticas tipo o hino à Bandeira. Quando cheguei, via de longe o imenso pato amarelo inflável da campanha anti-impostos da Federação enchendo devagar, ao som do Hino Nacional. Se fosse um filme eu diria que a imagem era óbvia demais...

A ciclovia, em certo trecho, foi pintada com os dizeres: “a ciclovia mais cara do mundo”. Quando já ia embora às 19h, vi um carro de som do Endireita Brasil. O orador falava como era caro ter carro, o ipva e a gasolina eram proibitivos e era preciso se revoltar. O bonecão inflável do Lula estava lá também, assim como outro carro de som, acho que dos ROL.

Fui à casa de L com T para uma pizza. Ele estava meio transtornado com a caminhada que fez por Higienópolis. Ele reclama também de sua vizinhança, que é de direita. Esses espaços com muitos prédios fazem o som ressoar vivamente Assim, panelaços, gritos e vaias reverberam muito. A tensão geral está muito alta, e parece que estamos no meio de um levante coxinha. Da casa de L se ouve o barulho na Paulista, há muita sirene e helicópteros nas ruas. É muito exaustivo.



Falamos do momento atual e da jogada desesperada de Moro. L avalia que há alguma divisão ou racha entre Moro e a PF, dada a trapalhada que foi a divulgação dos grampos ilegais. Ele aponta a falta de projeto político na oposição, seja a parlamentar ou aquela das ruas e o surto coletivo que estamos a viver. E como consequência o único líder restante no Brasil é Lula, que é objeto de um ódio e obsessão sem precedentes. Hoje está claro, do lado da esquerda, que não é sobre a corrupção nem sobre justiça. O Moro grampeou o telefone da presidenta ilegalmente e colocou um microfone no planalto. Há sérias críticas a seus métodos inconstitucionais. Para quem está convencido da culpa de Lula, vale o conteúdo dos grampos – que é pífio. Mas há de ficar cada vez mais evidente que combater o crime com o crime não pode dar certo e o Moro está jogando a cartada da instabilidade institucional – como escreve em seu artigo, a “opinião pública” contra os políticos.

Avaliamos também que Lula teria como tarefa agora ministro de gerenciar a transição institucional para um governo de oposição. Não vai haver guinada à esquerda mas sim uma concertação mais ampla, que é a forma de aplacar o país. Discutimos se haveria um preço para isso, talvez a cabeça de Dilma. Falamos dos jornalistas PH Amorim e Nassif. Um mais escrachado, bem informado e sintético; o outro mais analítico e extenso – e parece que Nassif tem uma ligação com José Serra, quem sempre inclui nos cenários de solução que o jornalista desenha.

Também falamos dos números na Paulista do dia 13 de março, e as análises estatísticas sugerem que havia pelo menos um representante de cada família de classe média em São Paulo.

Voltamos a pé para casa e ainda havia bastante gente na avenida. Eram 22:20h. Caminhamos para casa.

### **18 de março – Ato da CUT na Paulista**

Vim de Pinheiros a bordo do ônibus Armênia, subindo a Teodoro. Um cobrador muito simpático e falante trabalha nesse coletivo. Ele conversava com todos os passageiros e peguei um assunto de amor ao próximo. Fiquei aliviado de ouvir conversa sobre a gentileza e amor. Tomei como bom augúrio, pois as notícias não eram muito boas. Havia uma sugestão muito forte de conflito na avenida. A ocupação dos coxins já estava lá a umas 30 horas e não parecia que ia sair. Alckmin hesitava em se posicionar

no sentido de remover aquela manifestação para dar lugar àquela que já vinha marcada, que é a da esquerda. Temia pelo pior.

Cheguei na Paulista de metrô, estação Trianon-MASP às 10h. Vi que os manifestantes haviam saído e que havia muita polícia. Fui a um grupo de pessoas que estavam na calçada e vi que era um dos líderes da ocupação que havia sido dispersada. Ele era entrevistado pela Globo e contou o que acontecera uma hora antes. Disse que o Choque dispersou a manifestação com jato de água e que eles vão voltar a ocupar a avenida às 9 da noite de hoje.

A fala de outro manifestante me fez pensar que deve ter havido um desentendimento entre eles acerca da desocupação. Por um lado havia os que queriam resistir e não ceder o espaço, forçando um problema político. Outros se ressentiram da ação policial, para eles excessiva. Outros aceitavam obedecer à polícia sem mais. Também lamentavam o dano à imagem do movimento, que agora era associado à desordem. O fato de obedecer a polícia e manter a ordem ao mesmo tempo que apostam na ruptura institucional e na tolerância da ilegalidade no combate aos crimes de corrupção perfaz uma contradição que deve provocar divisões.

Fiquei de novo impressionado com o assunto levantado por uma liderança, um nissei de camisa laranja, que confrontou a repórter da Globo dizendo “você já nos traíram antes. Agora estão vindo para o lado certo.” Eu ainda não compreendo bem essa reclamação.

Tenho tentado entender essa ocupação. Ela parece ser mais horizontal, isto é, não há carros de som nem hierarquia massa/líder. O clima é mais de balada e acampamento do que de passeata. Relatei ontem dessas moças que gritavam contra a presença de carros “de movimento”. Protagonistas como VemPraRua e MBL não estão em evidência nessa ocupação, que pode estar a atrair uma outra faixa de descontentes com o governo. Achei que tinha muitos jovens. Talvez sejam os jovens de 2013 que finalmente saíram às ruas.

Vi agora que o Marcelo Reis do Revoltados Online foi atacado e chamado de comunista e vendido ao Aécio pelos próprios manifestantes. Muito interessante este fato. Talvez na avenida hoje entre os coxinhos aja uma divisão importante entre “horizontalistas” e aqueles ligados a movimentos. A hostilização aos políticos e ao secretário foram

significativas, e no geral elas poderiam caber num formato mais fascista clássico de repúdio à política em geral. Mas esse racha é importante, pois esse ROL é bem fascista.

Eu achava que havia um vácuo de poder, uma disputa pelo significado dessas manifestações que não são politizadas. Mas na ocupação da avenida algo diferente pode estar aparecendo. Tem isso de responder à mobilização chamada pela Globo que é despolitizante, mas começo a pensar se também entre os coxinhas está a emergir algum horizontalismo ou coisa assim que é a expressão de um novo e não o velho reacionário e louco.

### **Ato da CUT**

Estamos no meio de uma blitzkrieg, de uma guerra total: todas as frentes estão ativas – as ruas, o judiciário, o parlamento. Se for possível resistir a essa onda, alguma normalidade voltará à cena e possivelmente o golpe terá sido evitado.

A quebra da legalidade propiciada pelos grampos ilegais de Moro, que mandou escutar as conversas dos advogados de Lula e as de Dilma, é parte deste vale tudo. A figura de Janot acaba aparecendo como o comando da Lava Jato. Gilmar Mendes acaba de negar a posse ao Lula e a devolver o processo a Moro. Eduardo Cunha, ainda solto, está a encaminhar o processo do impeachment na Câmara. Parece que já não há mais dúvida do caráter não-republicano da Lava Jato. Lula no governo significa uma possibilidade de costura política que restaura alguma normalidade no processo político.

Parte das manobras deste embate se deu esta tarde na avenida Paulista. Fui lá conferir o ato pró-Democracia.

Andei para a Paulista a partir do Paraíso. Passei pela praça Oswaldo Cruz com seus Foodtrucks. Hoje reparei que tem um Beertruck. Achei a idéia boa. Eram 15h. Andei livre pelo leito carroçável a partir da Brigadeiro, e já da Gazeta deu para ver os balões e colorido da manifestação. Andava aliviado de sentir um clima menos opressivo e de ver a avenida livre de militantes pró-impeachment.

Cheguei à FIESP e notei a enorme diferença com o dia anterior, quando esse trecho estava tomado de manifestantes verdeamarelos. Na frente do prédio, já estavam

alguns militantes, muitos da CUT, irados com a Federação. O apoio aberto desta associação às mobilizações coxinhas contra o governo caiu muito mal na esquerda.

“Cadê o pato pataqui-patacolá? Cadê o pato pra FIESP sonegar?”, cantava um jovem na rua, referindo-se ao símbolo da campanha contra impostos da Federação. “Golpistas!” e “imprensa golpista, sensacionalista!” eram outros gritos direcionados tanto à FIESP quanto aos jornalistas empoleirados no terraço do prédio. Já outra pergunta dirigida à FIESP fazia referência ao fato da federação ter oferecido comida aos manifestantes verdeamarelos, segundo o jornal Valor: “cadê o filé mignon?”

Deixei esse grupo para trás e andei até o MASP, onde o carro de som principal estava montado. Muita gente chegando. Nessa hora vi muitos jovens também, e tive certeza que o ato ia bombar. Em contraste com outros atos aos quais eu fui, este realmente parecia que seria significativo em termos de número. Vi que a CUT, MTST e MST tinham mobilizado seus militantes e se engajado de verdade. Fez enorme diferença. A guerra dos números dirá mais tarde quantos vieram, mas claramente vai ser enorme.

Sei que já é um clichê petralha, mas já havia uma evidente diversidade humana nesse ato. Gente de muitos jeitos e tipos, menos branca, menos classe média homogênea. Vi a batucada da UJS passar, muito alegre enquanto eu me dirigia ao Conjunto Nacional.

Lá na frente encontrei quatro meninas e meninos da Fanfarra do MAL (Movimento Autônomo Libertário). Essas pessoas são aguerridos militantes autonomistas que sempre acompanham mobilizações sociais. Estiveram com as marchas do MPL e já os ouvi tocar firmes enquanto as bombas da polícia pipocavam no asfalto. Como são libertários, muitas vezes suas demandas se chocam com as práticas e políticas da esquerda institucional. São pouco compreendidos pela esquerda marxista e socialdemocrata, mas eles estão na linha de frente da política contemporânea e fazem discussões e constituem práticas importantes para todo o campo progressista. São eles também o alvo da maldade de Haddad quando fez referência à “Disneylândia”.

Achei que eles estavam um pouco murchos e fui falar com eles. Agradei de cara a presença deles, sabendo que era uma decisão muito difícil para um libertário estar presente num ato desse tipo. Eu sabia que o PT não reconhecerá esse gesto, então eu disse, mesmo não sendo mais petista: “de um velho petista: obrigado por ter vindo. Nesse momento a sua grandeza é muito significativa para a esquerda”.

Conversamos um pouco e comentamos sobre o ambiente geral da violência e da polarização política. Uma moça disse que está sentindo o ódio direitista e está assustada de ser agredida e chamada de comunista. Contaram-me também que estavam ainda decidindo se ficariam ou não. De fato os carros de som estavam conectados e irradiavam os discursos de maneira muito estridente: era um clássico ato partidário. Despedi-me achando que eles não iam ficar, mas uma amiga mais tarde me contou que eles ficaram e participaram. Vi depois nos Jornalistas Livres um desmentido dessa participação. Não sei detalhes.

T e P me contaram depois que muitos anarquistas e autonomistas vieram ao ato, exceto alguns grupamentos da USP e também o marxista PSTU, que analisa que Lula abafa a luta de classes e é preciso acirrará-la.

Eram umas 16h e muita gente continuava chegando. Os discursos continuavam sem descanso ecoando pelo ar. Novamente ponderei sobre esse formato de ato com carro de som. Por um lado tinha certeza que a voz da manifestação estava sendo ouvida no bairro adjacente dos Jardins. Mas a estridência da retórica é meio esmagadora para quem está perto. No ambiente atual de confronto e luta, esse esgarçamento da voz tem algum sentido, mas ao longo das horas fica cansativo.

Já com muita gente, as palavras de ordem eram incessantes: “Não vai ter golpe” era a mais ouvida. Quase todos os oradores puxaram este canto. “Olê, olê, olê, olá, Lula, Lula” foi também muito entoado. A Globo foi bastante citada e aparecia muito nos cartazes também. O locutor disse que os ônibus que traziam manifestantes estavam sendo impedidos de chegar.

Voltei à FIESP e vi que o grupo em frente tinha aumentado muito. A ira não tinha diminuído e os cantos se sucediam: “ei FIESP, vai tomar no cu”. Na cadência de “o povo acordou”, cantavam “Ô, o Lula voltou, o Lula voltou”. Essa percepção de uma segunda vinda do ex-metalúrgico é muito prevalente.

Aí encontrei o grande amigo M, que não via há muito tempo. Nos abraçamos emocionados e conversamos um pouco. Ele estava de bicicleta e disse que não veio de vermelho com medo de agressão na rua. Ele mora em Moema. Ele trabalha com vídeo e ele é uma espécie de gênio malucão do audiovisual. Lamentei muito quando ele foi trabalhar no programa Pânico, que acho fascista. Ele produziu verdadeiras pérolas de



edição e montagem para esse programa no curso dos anos em que trabalhou lá. Ele já deixou o programa.

M me disse que sente muito a falta de um projeto de TV pública, e que precisaria ter o nível técnico da Globo mas não suas inclinações golpistas. Sua esposa é uma russa que conheceu pela internet. Conteí a ela que um grupo de amigos planeja comemorar a chegada de Lênin em São Petesburgo, refazendo o percurso do russo em 1917, de trem. Ela disse que as passagens aéreas para essa cidade, de onde ela é originária, estão muito baratas agora, mas essa janela vai fechar logo.

Encontrei L, M, T, I, S, O e W. Estávamos todos muito animados com o tamanho da manifestação e aliviados de poder percorrer as ruas com segurança. Todos temos sentido a tensão emocional muito alta. Decidimos andar ao Conjunto Nacional.

Ao som da Metamorfose Ambulante do Raul Seixas, fomos vendo os grupos que chegavam: os artistas com batuque, as mulheres vendedoras ambulantes, além dos Sem-teto e muito outros movimentos sociais. A galera LGBT presente. Ouvi um moço que dizia “hoje eu quero casar com um petista!”. E outros jovens que pediam o fim da polícia militar.

Nas conversas falamos da despolitização das mobilizações oposicionistas. Não há um projeto visível alternativo de Brasil. Nem do PSDB, nem das ruas. Parece que o ponto é retomar o poder a qualquer custo. Reconhecemos, porém, que, simetricamente, defender a legalidade também implica uma certa não-politização do embate. Assim é o presente FlaxFlu.

Chico César se apresentava no palco, quando chegamos ao Conjunto Nacional. Um grupo de capoeira animava uma roda. Tomamos um café no Center 3 e voltamos ao ato. Nessa hora quis me enfiar mais para perto do palco e me despedi. Notei um carro cheio de abacaxis.

Fui chegando mais perto do palco. Muita gente mesmo. Aqui parece que a narrativa muda de modo. Dos amplos espaços da avenida, agora só o horizonte imediato de pescoços e cabeças. Tentei achar um lugar razoável e fiquei num ponto de onde podia ver o telão. O calor humano era sensível. Eram 18:15 e Lula falaria às 19h. Vi de onde eu estava um cartaz do Black Panther Party. Uns meninos na minha frente fumavam

maconha. Não achei ruim, só lembrei que isso não teria acontecido em 1989. O som continuava estridente e um pouco confuso. Mas diversos oradores se sucederam ao microfone.

Falaram, entre outros: Boulos do MTST, o líder Gome do MST. Este último se dirigiu a Lula e pediu ao ex-presidente que pensasse no povo agora à sua frente quando empunhasse a caneta ministerial. Rui Falcão, presidente do PT disse que esta era “a verdadeira posse” de Lula, o “Ministro da Esperança”. O prefeito Haddad fez um discurso pela legalidade e buscando amplo apoio. Não fez a defesa de Lula, mas sim da Constituição. Um grupo perto de mim gritava, um tanto hiperbolicamente, “puta que pariu, o Haddad é o melhor prefeito do Brasil!”. Falou também o presidente da CUT.

Nessa hora percebi que atrás de mim havia uma comoção, e no centro dela estava o senador Suplicy. Ele tentava chegar ao carro de som principal. Era uma tarefa árdua, dada a concentração de corpos no local. Ele passou rente a mim e trocamos um aperto de mão. Vi depois de meia hora que ele alcançava finalmente o carro de som.

Atrás de mim havia um jovem quieto que, como eu, escrevia num caderninho. Perguntei a ele se era jornalista e ele disse que sim, era dos Jornalistas Livres. Conversamos um pouquinho e dei a ele meus parabéns pelo trabalho do grupo.

Finalmente falou Lula. Foi muito ovacionado pela multidão. Ele falou uns 40 minutos. Lembrou de todas as eleições que perdeu e que sempre aceitou o resultado. Criticou o PSDB que não se conformou com a derrota nas urnas e imediatamente começou a trabalhar contra o mandato de Dilma, atrapalhando o governo. Relembrou as conquistas de seu mandato, e insistiu no papel protagonista do PT em relação à pobreza e desigualdade no Brasil. No geral cacifou o movimento dos trabalhadores e o movimento social como participantes necessários da política do Brasil.

Mas talvez o mote principal foi aquele da conciliação. Disse que reassumira o “Lulinha Paz e Amor” e que seu espírito era o da reconciliação nacional. Esse parece ter sido um recado para a imprensa e para o Brasil em geral – só ele poderia conciliar as forças centrífugas que estão a destruir o país.

Mas foi a primeira vez que ouvi da boca dele o que as multidões entoavam a toda hora: “Não vai ter golpe!”. Assim terminou sua fala.

Esperei abrir espaço na massa e contornei a Paulista pela Santos: queria checar a FIESP. Manifestantes pró-impeachment tinham prometido voltar de noite ao local, e fui sentir a temperatura. Lá, havia um grande contingente esquerdista, ainda gritando contra a Federação. “Cadê a merenda?”; “Golpistas, fascistas, não passarão!”; “Fora Cunha!”. Tinha um batuque bom, e também um moço que vendia pizzas na rua. Por R\$10, ele tirava uma caixa de hexagonal de papelão de sua mochila térmica e entregava a pizza lá mesmo, cortada à carioca. Notei um moço com uma camiseta muito boa: um retrato de Machado de Assis com um enorme Afro.

Achei que a dispersão ia demorar e decidi ir para casa. Encontrei T e caminhamos para casa.

*P em seu site:*

*Desde o começo dos protestos, tenho feito um grande esforço para olhar com empatia os manifestantes que pedem o impeachment. Eu entendo e compartilho a indignação com a corrupção na Petrobrás e simpatizo muito com a disposição de protestar contra o poder estabelecido. Apesar disso, acompanhando profissionalmente as manifestações desde o final de 2014, muitas coisas me impedem de ver como um avanço democrático essas mobilizações: para começar, há muito preconceito de classe nas críticas ao ex-presidente Lula e ao MST, assim como há muito machismo nas críticas a presidente Dilma; há muita intolerância antidemocrática ao pensamento de esquerda; há uma perigosa conivência com a participação dos setores ultraconservadores e antidemocráticos, como os defensores da intervenção militar e os skinheads neofascistas; mas, fundamentalmente, há muito pouca politização, o que permite que a justa indignação contra a corrupção seja abertamente instrumentalizada pelos empresários que querem pagar ainda menos impostos, pelos políticos que querem ascender ao poder e enterrar a Lava Jato e pelos grupos ultraliberais que querem desmontar os direitos constitucionais a saúde e a educação. Mas, o mais importante, é que acompanhando as mobilizações de perto, não vejo qualquer sinal de reflexão autocrítica com esse estado de coisas. É como se nada disso fosse um problema ou incomodasse quem vai lá, ainda que essa não seja a opinião da maioria das pessoas. Se, por um lado, grupos mais moderados como o Vem pra rua vem ganhando uma liderança mais clara,*

*deixando às margens grupos ultraconservadores; por outro, a medida que o tempo passa e a polarização vai acentuando, o preconceito, a intolerância e o ódio vão se tornando mais correntes.*

Relatou E o ato de defesa da democracia contra o golpe na São Francisco: ficou bem lotado. Foi ato bom. Ouvi uma pessoa mais tarde chamar o ato de “rebelião dos juristas contra o estado de exceção”.

### **19 de março – Encontro e discussão de anarquistas**

O amigo L deu um toque e fui ao CCSP conferir um encontro de frentes anarquistas.

Cheguei cedo no CCSP sem saber onde seria a reunião. O Centro Cultural é usado por muitos jovens, incluindo vários grupos de dançarinos que ensaiam suas coreografias olhando sua própria imagem nas vidraças do prédio. Não sabia se ia conhecer alguém então me aproximei de qualquer grupo maior do que 5 pessoas. Cheguei a me aproximar de um grupo que no fim era da Atlética da FMU. De repente trombei com um grupo de pessoas entre as quais estava M, da universidade. Também me reconheceu E, dos tempos do coletivo autonomista Ay Carmela, que ficava no centro da cidade.

Achamos por fim um lugar para a reunião. A idéia era juntar anarquistas e outros coletivos para saber o que fazer frente aos acontecimentos recentes. Quem chamou foi um grupo que é uma página no FB: Anarquismo e Movimento. Fiquei interessado nas análises que se fariam nesse campo acerca do cenário político institucional.

Havia umas 200 pessoas, na maioria jovens. Abriram-se as inscrições e começaram as falações. Os grupos não se conheciam entre si e portanto os muitos coletivos e indivíduos presentes se apresentavam pela primeira vez. Isso teve por consequência que as falações eram mais uma declaração de princípios do que análise de conjuntura, como eu teria gostado mais. Esperava também identificar práticas mais contemporâneas, talvez diagnósticos políticos e econômicos mais ousados, especialmente das conquistas de 2013.

No geral pareceu-me que há uma lucidez de se afirmar fora do debate PTxPSDB ou petralhascoxinhas. Isso foi bastante afirmado. Os mais extremados diziam que não há diferença entre o PT e o resto dos partidos e que ambos sustentam a ordem capitalista,

que nenhum dos dois apresenta uma saída exclusiva dos trabalhadores. Alguém afirmou que o rompimento dos trabalhadores com o PT é iminente. Para alguns, não tem o menos pior. O PT só pensa em conservar o poder e está do lado dos latifundiários. Estes anarquistas não defendem a legalidade e não há a percepção de que houve uma ruptura na ordem institucional que os afete, nem mesmo no sentido de aproveitá-la politicamente.

Reconhecem no geral a ameaça direitista, mas não querem diminuir toda a insatisfação com o governo à etiqueta “cozinha”, malgrado a despolitização desse campo. Por um lado vêem o fascismo no aparato de estado e na produção capitalista estatal, incluindo as obras públicas e o mandato do PT, e por outro reconhecem o avanço da extrema direita fascista, na figura de carecas e neonazis.

Insistem na necessidade de ação e de organização, de buscar apoio na sociedade e de se apresentar como alternativa. Um orador apontou que o FB articula, mas não resolve e que é preciso sair para a rua.

Um metroviário disse que os partidos da ordem atacaram os direitos trabalhistas, e citou também a Lei antiterrorismo. Mas quem está crescendo na insatisfação é a extrema direita e a extrema esquerda. Dia 13 foi de direita sim. Já o ato do PT foi mais diverso, mas muito envelhecido. Era uma manifestação da burocracia sindical e não da base trabalhadora. Viu nesse ato uma esquerda acuada e sem pauta reunida ao redor de coisas em que não acredita muito. Chamou a unidade anarquista e com outros setores da esquerda revolucionária.

Uma oradora foi mais interessante ao apontar a experiência mexicana dos Zapatistas e de outras lutas, como a indígena e a dos povos da floresta. Falou de resistência como a desobstrução do estado castrador de iniciativas que nascem todos os dias. A potência do anarquismo está na criatividade e no livre pensamento. As pessoas não mais têm comunidades e é preciso formá-las. São contra o cidadão consumidor resultante das políticas sociais do PT. A precarização e a situação dos terceirizados são tão ruins que eles conseguem se organizar mesmo em circunstâncias muito difíceis, a coisa é tão pesada que força a ação. Os autonomistas buscam organizá-los.

Enfim, falaram umas 30 pessoas. Senti falta de mais análise histórica, e de história do Brasil, mas o modo declaração de princípios e apresentação não deixou muita margem.



Fiquei um pouco amuado com a falta de solidariedade ao PT e com a esquerda governista, pois, se por um lado é possível equivaler o PT ao fascismo, nesse momento parece simplificador demais. Entendo a centralidade da crítica ao estado, mas o partido foi uma escolha do movimento dos trabalhadores e foi o projeto que deu para criar e que agora se esgotou. Penso sim em cenários pós-PT, mas tento manobrar para que este cenário seja o mais propício possível. Isto é, é melhor ter ao final do processo um governo burguês e bundão do que uma ditadura policial-judicialista. No primeiro, o trabalho de organização pode ser realizado com alguma liberdade, no segundo não.

Saí e tomei uma cerveja com M.

Trocamos impressões acerca do encontro. M se envolveu bastante com o movimento dos secundaristas. Ele também falou da internet como vertical e horizontal ao mesmo tempo, isto é, ela permite a comunicação entre os usuários mas também permite o controle e vigilância verticais nunca antes vistos. Coloquei a novidade de hoje em relação às lutas sociais de outras décadas: a tecnologia. M discorreu sobre o que chamou de ligação ortogonal da internet com a rua, e citou as ocupações da Espanha, e o Ocupasampa de 2011 como formadoras e como exemplos inaugurais de um fenômeno de rede espirrando para a rua. Ele disse que relação movimento-partido deve ser como a presença de homens em reunião feminista: pode vir, mas a agenda é nossa – é necessário instrumentalizar o partido. Falou ainda que o desenvolvimento da criptografia de ponta hoje está no campo autonomista. Comentou que ele e colegas tentam desfazer o recente equívoco de igualar Snowden a Moro.

Fomos à FIESP checar a ocupação coxinha. Estava muito animada e barulhenta, mas ocupava uma só via da avenida. Estimamos umas 300 pessoas. Achei pequeno e um refluxo significativo em relação à semana passada. O recorte etário menos jovem. O prédio estava de novo iluminado com verde amarelo e os dizeres “impeachment”. Vimos um homem fantasiado de Batman e outro de Tio Sam com uma bandeira dos EUA. Vi também que a polícia não deixava que vendedores ambulantes trabalhassem na área. Vi também 3 policiais enquadrarem um menino negro que teve que mostrar sua identidade antes de ser liberado.

Nos despedimos e caminhei para casa.

## **20 de março**

Vi hoje na tela do supermercado, eu na fila, que Snowden declarou não acreditar que Dilma, depois dos 3 anos da denúncia de escuta pela NSA, não tivesse criptografado seu celular. Li o mesmo no Estadão.

A Gaviões da Fiel tem estado muito ativa nos estádios, estendendo faixas contra a máfia das merendas no governo estadual e contra a Rede Globo e a CBF. Eles têm sido duramente reprimidos pela PM. No ato do dia 18, após o fim dos discursos, eles estenderam uma faixa grande com os dizeres “Democracia Corinthiana”, lembrando o ano de 1984. Esse clube tinha nos anos 80 uma experiência de democracia interna, capitaneada por jogadores como Sócrates, Biro-biro e outros. Durante a campanha das Diretas, o time foi a campo com a palavra Democracia às costas onde normalmente se escreve o nome.

Lembrei do que disse L, ao se referir ao som dos helicópteros e gritos anti-esquerda: sentir-se um prisioneiro político.

## **21 de março**

O buchicho da interrupção da peça no SESC de BH está no ar: uma fala política contra a Dilma por um ator (Cláudio Botelho?) provoca a reação da plateia que grita “não vai ter golpe”. A peça não prossegue. No áudio gravado depois do espetáculo, no camarim, CB faz comentários racistas e incita o ódio contra o PT. Chico Buarque desautoriza o uso de suas canções no musical. A imprensa golpista dá como se fosse o ataque à peça Roda Viva nos anos 60.

A defesa de Lula entrou com um pedido de Habeas Corpus.

Agenda:

22 de março: secundaristas no metrô Butantã

24 de março: MTST "Saída pela Esquerda". Largo da Batata.

24 de março: Sarau do Binho. “Periferias contra o golpe”. Taboão da Serra. 21h.

31 de março: Ato antigolpe.

1 de abril: atos nacionais contra a Globo. Sede da Globo em São Paulo.

30 de abril: Marcha antifascista. Autonomistas e anarquistas.

Manifestação em Dublin parece ter unido o discurso anti-golpe com o anti-PT. A internet traz cartazes tanto contra a violência policial quanto pela prisão dos corruptos.

A PF parece que ameaça renúncia coletiva se mudar a cúpula [*rezava o boato que o Ministro Cardozo ia fazer isso*]. O STF cancela as sessões ordinárias da semana: vai ter sessão extraordinária ou o tribunal está fugindo?

Do amigo M:

“Impressões de fim de semana, parte fora, parte dentro de casa.

Sexta, final de tarde, fui ao Sabiá com Chacal, poeta dos marginais cariocas, e colegas da 34. Depois de uma reunião longa à tarde, ele estava visivelmente relaxado. Contrato assinado. O chope relaxou ainda mais. Contou de Londres, 1972, quando viu Allen Ginsberg recitar poemas num auditório lotado. Os outros poetas estavam de paletó e gravata, recitando naquele tom meio solene. Ginsberg veio de macacão jeans e, como tinha quebrado o pé, com uma muleta. Foi uma sensação. Naquele dia, Chacal percebeu qual era a sua. Seguiu o modelo quando voltou ao Rio e a poesia marginal foi o que foi. Chacal não bebe mais a quantidade que bebia - depois de duas hepatites, o fígado já não funciona bem. Mas saímos do Sabiá às 2h e ainda tomamos a última no Filial. No caminho para o hotel, ele dormiu no banco de trás. Voltei para casa às 4h. Ele continua um hippie : vegetariano, anda de bicicleta pelo Rio, não tem TV em casa. Vive com pouco. Mas parece um solitário. Grande parte de sua geração foi ganhar a vida por aí e abandonou os velhos ideais.

No Sabiá, encontro M [autonomista] - que não foi ao ato e explica à mesa por quê. Explico ao Chacal quem ela é. Ele se mostra então um velho petista, mas sensível aos novos movimentos. Mais tarde, chega muita gente do ato e o bar fica lotado. Todos com o ar de alívio.

Na feira de domingo, vejo algo que nunca tinha visto. É comum topar com

meninas adolescentes na Oscar Freire (rua de cima) candidatas a top model. Elas têm aquele tipo físico característico: esguias, magérrimas. Percebi que um grupo delas parava certas pessoas e pedia algo. Logo vi que era comida ou algum dinheiro. Não eram, claramente, de classe média. Pareciam mesmo de origem humilde. E fiquei pensando se elas não poderiam ser um símbolo das ilusões dos anos Lula, que incorporaram muita gente pela via do consumo. Isso agora está fazendo água e já tem gente dizendo que vamos para uma depressão como nunca se viu no país.

Vou ao supermercado e fico alguns minutos na fila do açougue. Há uma mulher - provavelmente uma empregada doméstica - que conversa animadamente com os açougueiros. Fazem piadas sobre o Lula, imitando a voz dele. O fato confirma o que leio na Folha depois de voltar para casa: 68% da população pede o impeachment. Lendo o jornal, os dados e as informações não apontam uma saída favorável nem para o PT, nem para a oposição. Há matérias e reportagens cujo tom é de reprovação aos últimos atos do juiz Moro. Há quase unanimidade entre os juristas de que ele agiu contra a lei. Teori Zavascki, ministro do STF, comentou abertamente com os colegas nesse sentido. Vladimir Safatle e André Singer são vozes divergentes no meio de colunistas abertamente reacionários. Uma pesquisa revela que a rejeição a Lula é grande, mas isso tampouco joga água para o moinho dos tucanos. Marina Silva aparece em primeiro lugar em todas as simulações para as presidenciais de 2018, mas tampouco ultrapassa o índice que ela sempre teve. Entrevistas com empresários de peso deixam claro que o governo não tem mais apoio nesse segmento. Outra entrevista, do novo ministro da Justiça, deixa claro que o governo vai trocar a cúpula da PF. Na coluna da Mônica Bergamo de hoje fala-se em renúncia coletiva na PF. Esse é um ponto importante. Outra peça no xadrez: o STF não vai funcionar essa semana, aumentando a margem de incerteza quanto à posse de Lula como ministro.

m.”

*Aí eu:*

“oi M

A G disse o mesmo! [concordo com os anarquistas]

Mas a leitura histórica deles parece meio pobre, e na real boa parte dos discursos ainda eram laboristas ou individualistas. Esperava mais ousadia nas novas formas e consciência dos avanços de 2013. Mas enfim, eles buscam ficar mais próximos aos princípios, mas o tsunami vai esmagá-los também. Eram muito jovens.

Tento ler a suspensão das sessões ordinárias como uma abertura par uma sessão extraordinária do STF que jogue alguma autoridade sobre as aventuras justicialistas. PF contra STF seria o showdown da década.

Tudo está por um fio, e tenho certeza que o apoio ao impeachment será esmagador no congresso pois só a saída de Dilma vai parar a Lava Jato. Se ela ficar, continua, e a classe política como um todo está em pânico.”

M:

“Gavin,

a leitura histórica é um déficit de toda a esquerda brasileira - incluindo o PT, que acha que zerou as lutas dos trabalhadores quando surgiu. O velho Partidão tinha uma leitura histórica, equivocada, como se viu em 1964. O PT nunca ligou para isso... A direita também não tem leitura histórica. Mas eles não precisam disso, já que defendem que tudo fique como está desde Pedro Álvares Cabral. Ainda acho que o Supremo terá, como está tendo, um papel fundamental, de equilíbrio, nisso tudo, apesar do Gilmar Mendes. A coluna da Mônica Bergamo hoje ressaltava que vários dos ministros do STF reprovam os últimos atos do Moro. Há duas frentes de negociação com o PMDB: com Lula e com José Serra.

O xadrez continua. Teremos muitas emoções e reviravoltas pela frente ainda. Vamos marcar uma cerveja.

abração  
m.”

Eu:

“oi M



é verdade: a falta de leitura histórica afeta os dois lados, e isso explica a despolitização do FlaxFlu. Mas acho limitado deles neste momento taxar o PT de fascista. Claramente neste exato instante a burguesia não está com o PT e que ela confronta o partido não porque ele realiza o que ela quer.

Tenho muito interesse em conhecer o cenário pós-golpe, em saber que composição de interesses prevalecerá. O neoliberalismo de antes já ruiu em 2008, e uma agenda estritamente reacionária não vai dar conta do recado. Então vai ter em breve um momento 68: ou se endurece e se radicaliza o regime ou haverá aberturas democráticas para conciliar interesses mais amplos. Em todos os casos a massa mobilizada vai para casa.

Também jogo todas as minhas fichas no STF, mas ele já se acovardou antes. A renúncia de PF é que me assusta. A classe média já indicou nas ruas que fecha com as forças policiais e aceita a sua violência seletiva. Imagino um contingente de federais sublevados e armados, nas ruas, legitimados, junto dos cozinhas na Paulista e em todo o Brasil. Se isso acontecer não será possível restaurar a República e realmente nos fodemos.

Cerveja sim!

abs

Gavin”

## **22 de março – Ato dos secundaristas**

Estive nos primeiro ato dos secundaristas pela volta da merenda e contra o fechamento de escolas.

Acordei cedo e fui de metrô à estação Butantã. Cheguei às 7 horas da manhã pela linha Amarela e tinha bem pouca gente na calçada. Fiz uma nota mental para não chegar mais pontualmente em atos assim. Fui à padaria em frente e pedi um pão na chapa e uma vitamina. Tenho evitado tomar café por causa da gastrite que voltou a incomodar, dada a tensão reinante. Vi a FIESP na tela da TV, com poucos manifestantes também. Esperei uma meia hora, dei um giro para checar o entorno e anotei que a presença da polícia era bem esparsa. Vi duas ou três viaturas, sem Choque.

Já umas 100 pessoas iam acumulando na calçada quando chega um grupo de uns 15 estudantes, que são comemorados ao sair do metrô com cartazes. Mas achei tudo meio

improvisado, nada de faixas grandes ou cartazes impressos. O forte eram as palavras de ordem, bem diferentes das que tenho ouvido em outras manifestações e atos recentemente.

“Estão acobertando, a merenda que os tucanos estão roubando”

“Pai, afasta de mim este Alckmin”

“Se a merenda não voltar a cidade vai parar”

De repente, o grupo pula para a Vital Brasil e toma a avenida. Saí correndo atrás e acompanhei o cortejo, que atravessou a ponte e tomou a Rebouças. Muita animação e palavras de ordem, muita confiança na caminhada. A polícia parece que foi pega meio de surpresa. Achei muito significativa a ausência de aparato repressivo, era muito evidente que eles tinham ordem de pegar leve. Ameninada fechou cruzamento, fez o trajeto que quis, infernizou a região por quase quatro horas e nenhuma ação repressiva aconteceu. Avalio que ter liberado a Paulista para os verdeamarelos obrigou a PM a não negar a outros manifestantes a mesma liberdade de não avisar itinerário e a liberdade para bloquear o trânsito.

“Trabalhador, presta atenção, a nossa luta é por educação”

O cruzamento da Faria Lima com a Rebouças, por exemplo, ficou trancada uma boa meia hora. Eu ouvia as buzinas perto e longe, calculando que o congestionamento deve ter atingido um raio de 3 quilômetros. Eram 8:45.

“Acabou a paz (olha o capeta), mexeu com estudante mexeu com Satanás!”

Noto uma faixa que não tinha visto: “hoje a aula é na rua”.

“Ei, Geraldo, vai tomar polícia, pois tomar no cu, eu garanto, é uma delícia!”

A comoção foi grande, muitos passageiros de ônibus tiveram que descer e seguir a pé. O clima não estava super amigável, e algumas pessoas vieram hostilizar. A simpatia que os estudantes tiveram no ano passado não estava muito mobilizada naquele instante. É notável a diferença entre as reações do público. As manifestações verdeamarelo quase nunca provocam as reações “vai trabalhar vagabundo” ou “estão prejudicando o trabalhador”. Apesar de muito claramente não haver a presença de partidos e o preto predominar como cor, os secundaristas são vistos como “baderneiros” e “comunistas”. Mesmo quando eu dizia, perguntado sobre quem eram

os meninos e meninas, “fecharam a escola e eles foram para a rua”, parecia haver pouca simpatia.

Ouvi de uma mulher que passava: “a Dilma tem que apanhar”. “Vocês não tem o direito!”, gritava outra.

Uma faixa grande agora perguntava: “quem vai punir o ladrão da merenda?”

Depois de uma assembléia na rua às 9:15h, subimos a Rebouças e viramos à esquerda na Pedroso de Moraes. A passeata foi ao Fernão Dias, uma escola que foi protagonista das ocupações do ano passado. Eles chegaram cantando e criaram uma mini-comoção no local. Tomaram o portão e pularam em cima da estátua do bandeirante Fernão Dias que fronteira o edifício. Há tempos que a escultura tem um saco de lixo que lhe cobre a cabeça. Alguém pôs fogo no plástico. Não queimou muito bem, mas deixou uma fumaça forte, o que fez parecer que Fernão Dias pensava muito intensamente, de cuca fumegante.

“Pula sai do chão quem defende a educação”

“Se o povo se unir o Geraldo vai cari, vai cair, vai cair”

A PM apenas observava.

Sáimos pela rua e dobramos na Teodoro Sampaio, subindo em direção à Dr. Arnaldo. Eram uns 300 alunos a esta altura, que então viraram à esquerda e chegaram à escola Godofredo Furtado, outra protagonista das ocupações. Entendi que eles estavam querendo que os alunos se juntassem à marcha.

“Vem, vem pra rua vem, contra o Geraldo”

Pouco depois eles invadem a escola e vão para dentro gritar pelos corredores. Eu fiquei de fora.

“Ei diretor, cara de pau, você é capacho do governo estadual!”

Eles saem, são engrossados por alunos dessa escola e seguem adiante. Já são mais de 10h horas e estou exausto. Mas a animação não arrefece e eles seguem adiante pela João Moura, em direção à Vila Madalena.

“A merenda ele pegou, a escola ele fechou, o Geraldo é só caô ô, ô, ô.

Na porta de uma escolinha, um grupo de criancinhas esperavam seus pais. Foram muito aplaudidos pela passeata! Chegamos afinal à outra escola, a Antonio Alves Cruz, que é perto da Heitor Penteado. Chegaram de surpresa e tentaram invadir o prédio. Se compreendi bem, eles buscavam que a diretora liberasse os alunos para a passeata.

Nessa hora encontrei S, um professor de uma universidade federal que acompanha a movimentação dos secundaristas. Ele contou um pouco de como a mobilização desses alunos está. Ele disse que as ocupações hoje não são pauta urgente e que eles estão dando prioridade à formação de grêmios. Na volta às aulas, os ativistas ficaram meio isolados, pois são numericamente minoria. Disse que os comandos das escolas, dos secundaristas, não estão a se falar muito bem. As reformas e fechamentos do Alckmin continuam de forma mais velada mas inexorável. Relatou ainda que há um trabalho muito interessante em andamento nos comitês de pais.

Enquanto os alunos ficavam ao portão esperando conversar com a diretora, falamos um pouco do cenário nacional. Ele teme o pior e já está na tarefa de reconstrução da luta e de articulação desses novos movimentos. Vê com esperança as movimentações dos jovens, mas aposta no médio prazo.

A mobilização dos estudantes parece boa, e foi notável que nenhuma referência à política nacional foi feita. Eles têm um grau muito grande de autonomia em relação aos partidos e apontam para novas formas de luta. Muita esperança é depositada nesses meninos e meninas pela esquerda nesse momento. Mas também é incipiente e vai precisar construir.

Eram mais de 11h, e, como nada acontecia, decidi pegar o metrô da estação Sumaré e deixar os secundaristas para trás.

De noite, estive com um amigo no Kintaro. Ele não está envolvido no noticiário e prefere acompanhar meio de longe e não pira nas últimas notícias e boatos. Diz que prefere submergir e ver passar a onda por cima da cabeça. Acha a palavra golpe forte demais e que o STF vai impedir qualquer quebra de institucionalidade.

Fiquei sabendo depois que houve confronto na PUC entre manifestantes pró e contra governo.

### **23 de março – Não é só contra o golpe!**

A bomba noticiosa e o buchicho do momento é a lista de pagamentos da Odebrecht. Ainda que não haja prova de que os pagamentos correspondam a propinas, o impacto

foi grande. Saberemos mais adiante dos desdobramentos, mas me parece que de imediato um governo Temer está inviabilizado, pois numerosas figuras de vários partidos, incluindo Cunha, Aécio e outros, são nomeados na lista. Ninguém terá legitimidade para compor um governo de coalizão.

Os sites coxinhas estão furiosos com a decisão de Teori Zavaski de tirar o processo de Lula das mãos de Moro e chamam a multidão para ir à sua casa e pressionar. Lobão, o cantor, teria publicado o endereço do filho do ministro para que as pessoas o assediassem. O Brasil 247 diz que a PF já reforçou a segurança de Zavaski e do STF. O MBL pede a ocupação do STF, mas o tucano VempraRua só fala no impeachment e em seu mapa de deputados. Está circulando também uma suposta declaração do general-de-brigada Paulo Chagas, reclamando do andamento do processo político.

A junção dessa ira com a degola de liderança parlamentar recoloca questão da condução de soluções para essa massa de mobilizados. Parece que a tese das eleições imediatamente após um impeachment ganha força. Resta saber quem sobrar para tomar o bastão da política representativa, pois não há uma geração mais nova pronta assumir o congresso do país. A soçobra do centro e da política parlamentar traz à tona lideranças extremistas. Moro poderia, se quisesse, ser um candidato de impacto. Não sei quem gostaria de pegar esse abacaxi do Brasil como está. Temer faria exatamente este trabalho sujo da transição (com o mesmíssimo ajuste em curso), liberando o caminho para a estabilidade já feita para o sucessor.

Vi no site do MBL: “Tosco achar q panelas e apitos espantam terroristas. Tosco achar q fechar paulista no domingo ameaça bandidos. Tosco mais ainda esperar q a justica prevaleça por meios eticos. Por isso somos chamados de coxinhas...nao sabemos desobedecer”

Saí de casa e tomei o metrô na Vergueiro, rumando para a Trianon-MASP. Eram 17:30h e queria olhar como andava a movimentação em frente à FIESP. Saí meio nervoso, mas tranquilizei-me imediatamente: as vias da avenida estavam desimpedidas, havia muito pouca gente na calçada e a FIESP apagada, sem luminoso. Não aconteceu o levante pró-Moro. Desde a manifestação pró-Democracia do dia 18 que essa ocupação vinha perdendo muita força. A PM tinha reservado a avenida inteira para eles, e parcialmente isso funcionou como um chamariz. Mas já no dia 19 a presença era bem menor.

Avalio que a lista da Odebrecht impactou as mobilizações coxinhas. De repente a máquina do golpe teve sua cabeça parlamentar cortada. O discurso anticorrupção



agora não admite aliança viável no Congresso. A Globo repercutiu pouco a lista e acho que não sabe como lidar com esse fato novo. Até onde sei a emissora não mobilizou para as ruas. Acho que isso dividiu os movimentos pró-impeachment e trouxe certa confusão a esse campo.

Tomei um ônibus e depois desci a Consolação até a Maria Antonia. Atravessei a avenida e entrei na afamada rua. O ato que buscava era dos alunos anti-golpe do Mackenzie, marcado para as 18h. Mais uma vez foi um erro chegar na hora, pois tinha pouca gente ainda. Fui buscar algo de comer. Comi um pedaço de pizza ao lado de um policial num boteco da Cesário Mota. Voltei para a Maria Antonia e encontrei E, com quem conversei um pouco. Este amigo é um antigo militante que conheci no contexto do CMI e dos grupos autonomistas.

Chovia, leve, mas insistentemente, e já tinha umas 250 pessoas. Encontrei S e conversamos sobre a campanha de 2002. Ela lembrou de como já nessa época o partido havia mudado. Fomos à posse em Brasília, mas uma vez lá encontramos o espaço todo seccionado segundo uma coreografia que nos fazia massa no curral. Não vimos Fidel nem mesmo o Lula discursar, eles estavam inacessíveis à multidão que ocorreu à cerimônia. Mas ainda guardo o “kit Lula” – camiseta, boné, adesivos e coisinhas numa sacola.

Também lembrei do último comício da campanha no Campo de Marte. Tradicionalmente, um derradeiro evento desse tipo era de culminação e intensa massificação. Eu e S nos fantasiávamos de Porco Capitalista e a Diabinha da Inflação. Estávamos muito animados, ainda com os comícios de 1989 na cabeça. Mas o evento no final foi pequeno, xoxo, e éramos os únicos fantasiados, ao contrário de outras manifestações. Recordo-me de Duda Mendonça, o marqueteiro da época, que dizia: “a militância assusta o eleitor. Manda o militante ficar em casa.” O PT obedeceu.

Despedimo-nos na chuva e mergulhei no ato, agora cheio de gente se apertando na portaria do prédio antigo prédio da USP. Umas 600 pessoas. As palavras de ordem cantadas com muito brio, a energia boa e com certa alegria. A já obrigatória chamada “não vai ter golpe!”, que de agora em diante registrarei como NVTG, foi muito cantada. Além dessa:

“1,2,3, Moro no xadrez!”

“Pode chover, pode molhar, mas o golpe não vai passar!”

“Nem chuva, nem vento, impede o movimento!”

“Golpe é o caralho, abaixo da ditadura do Judiciário!”

“AVÉD, ARGAAD!” (a verdade é dura, a rede Globo apoiou a ditadura!).

“A nossa luta é todo dia, não vai ter golpe, vai ter democracia!”

A coisa seguia nessa pegada. Dei um giro para checar se havia hostilidade ou grupos opostos, enfim, algum sinal de confronto iminente. Não vi nada, apesar dos bares cheios de gente que não estava envolvida no ato.

Nessa hora chega o carro de som dos comerciários. A potência do ato se multiplicou, mas com ele também rolou o achatamento dos manifestantes. Decidi doravante chamar o carro de som de Carro de Guerra Sonora. Pois é isso que ele é. Não é fórum nem ponto de encontro, é uma máquina de conflagrar conflito sonoro.

Aí os manifestantes tomaram a rua e impediram o trânsito. A rua explodiu em mil buzinas e certo caos. O locutor gritava muito, então decidi deixar o local nessa hora, para evitar o carro de som e também para conferir uma reunião de resistência no centro. Na caminhada ouvi algumas panelas batendo em protesto contra o ato.

Passei pela igreja da Consolação e segui até o Viaduto 9 de Julho. De lá desci as escadarias para a Álvaro de Carvalho, buscando o restaurante Al Janiah, que é gerido por refugiados sírio-palestinos. Fiquei sabendo que esses palestinos são refugiados na Síria desde os anos 40, e agora de novo tiveram que deixar seus lares. Parece que há uma ocupação na Liberdade com vários refugiados levantinos.

Cheguei na hora de novo. Mas imediatamente encontrei HP e D, com quem conversei acerca da situação atual. D contou um pouco da história recente do ponto de vista de quem tem hoje uns 30 anos e é autonomista. Ele disse que para quem foi jovem nos anos 90, parecia que a história tinha mesmo chegado ao fim, conforme a predição de Fukuyama e o sentimento expresso no espírito punk. Os movimentos antiglobalização do fim dos anos 90 e começo dos 2000 fizeram acordar um pouco dessa letargia, mas a cooptação que o PT no governo fez das forças de esquerda em geral a partir de 2003 pesou muito forte sobre ele. Foi uma hegemonia muito intensa. Mas foi a experiência do Ocupasampa em 2011, da Primavera Árabe e do Churrasco Diferenciado que despertaram uma perspectiva mudancista antes invisível. O Junho de 2013 foi o ponto culminante dessa movimentação e abriu definitivamente uma política que acolheu novas formas.

A reunião foi chamada para discutir a situação, agregar forças de resistência e montar uma agenda de esquerda além de Dilma, Lula ou o PT. Como aflorou depois no encontro, o ponto é afirmar que “Não é só contra o golpe”: é pela defesa de direitos e pela possibilidade da liberdade. Estavam presentes coletivos da cultura, alguns movimentos sociais, anarquistas, PSOL e petistas. Muitas pessoas falaram, então é difícil resumir.

O encontro em geral foi muito bom, um misto de terapia de grupo e confessionário, mas com maturidade e um senso de praticidade. No geral estão todos afinados com a necessidade de não deixar que se revertam os direitos sociais conquistados na última década, e com a percepção de que a crise atual afeta toda a esquerda de modo muito profundo. A perda de território para a direita foi muito comentada, perdemos a capacidade de mobilizar o imaginário das pessoas para o diferente e para o novo. Precisamos nos mobilizar na imaginação e na ousadia, derrotar o fascismo derrotando o medo.

A sensação de isolamento é grande, “sequer o governo nos apóia”. Ou ainda: “eu sou e sempre fui petista, mas é o PT que não é mais”.

Mas li também uma sensação de que há a necessidade de superação de certas práticas e estruturas partidárias. A necessidade da autocrítica construtiva da trajetória do PT foi muito afirmada, e reconheceu-se que o argumento da governabilidade sempre adiou esse processo. Mesmo o ato do dia 18, que foi bonito, ainda foi em um estilo que não dialoga bem com as novas formas de participação e gestão coletivas. É preciso ampliar os horizontes da esquerda para além dos partidos. Essa autocrítica vai ter que ser sincera, pois a próxima esquerda é horizontal e plural, não vai ter dentro e fora, não vai ter hierarquia vertical. A primavera feminista foi lembrada pelas discussões acerca do poder que são feitas nesse campo. E o espaço sindical não está acolhendo essas novas formas. Há um aspecto geracional, nas reuniões do PT “só tem velho”. Alguns ainda apostam, se não no partido, nas vias institucionais do voto como campo incontornável.

Outra pessoa levantou que estamos vivendo um vórtex alucinante de informação e que a luta simbólica pode ser importante, mas já está limitada. Qualquer solução institucional será desastrosa, com impeachment ou não.

Lá estava T, que é militante ciclista, agora envolvido em tempo integral nesse campo. Conversamos depois das falas e ele tem muita confiança na viabilidade e continuidade desse movimento das bicicletas. Ele relatou como esse grupo evoluiu ao longo dos

anos, partindo de uma turma de passeio para chegar à militância pró mobilidade urbana. Os ciclistas aos poucos construíram uma consciência da necessidade de se ligar a pontes institucionais maiores e de dominar conhecimento acerca das políticas públicas desejadas. Perguntei como que os ciclistas cresceram e o MPL não. T apontou que o ciclismo consegue se inserir em movimentações do capital, tipo participar de processos de gentrificação e também gerar uma economia concreta ao redor da bicicleta. Além disso, os ciclistas lograram criar um espaço de convivência fora da política, o que não foi alcançado pelo MPL. Também apontou que o ciclismo conseguiu inserir suas demandas em processos públicos e privados para a cidade, enquanto o MPL teria mantido o discurso e práticas anticapitalistas e refratárias.

Uma interessante análise do cenário eleitoral paulistano apareceu na percepção de que a associação Haddad-Alckmin pode ser mais forte do que se imagina. O prefeito estaria ciente das limitações de uma futura candidatura por demais colada ao PT e entendeu que só poderia administrar a cidade com a ajuda de Alckmin. Ademais, Haddad estaria preparando sua candidatura à presidência, que entende só pode acontecer depois de dois mandatos sucessivos de Alckmin à frente do país. Assim, Haddad se cacifou junto a Alckmin nesse projeto derrotando o MPL e aumentando a tarifa em ano eleitoral. Em troca, o governador teria imposto ao PSDB o péssimo candidato João Dória, um cavalo de Tróia que facilita a reeleição de Haddad.

Tomei um taxi com T e descemos na Paulista. Checamos a FIESP e verificamos nem dez pessoas lá. Fui para casa e dormi.

*Do MBL:*

*Melhor manter a calma para que o movimento não perca a razão de ser. O governo está apostando justamente que aconteça uma desordem generalizada para que ele tenha o respaldo legal para decretar um "Estado de Sítio" no país conforme aconteceu na Venezuela. Muita calma nessa hora pessoal. Não percam o foco. O movimento está bonito e produzindo resultados. Portanto, não se deixem cair nessa armadilha de "Rebelião Civil" que é tudo que eles querem. A revolução tem que ser através das ideias e até agora está funcionando. Desordem, desobediência as leis, quebra-quebra deixem com o lado dos vermelhos. Reflitam sobre isso e retirem ou mudem esse tipo de incitação.*

**24 de março**

*De CL:*

For your eyes only. Apenas um exercício especulativo, como sempre.

Note que Moro começa a ser desconstruído. É uma condição para o acordo funcionar.

Cairão: Cunha, Dilma, Aécio e Lula. Todos entregarão uma cabeça ou duas. Azeredo pode ser desenterrado só para cair - Mensalão Tucano. Edinho Silva, em SP, será a cabeça Alckimista, parece.

PT está fora do acordo, mas a queda de Dilma e Lula é necessária para conter o ódio da classe média. Alguns pequenos e médios poderão cair no caminho, mas será rebarba para mostrar serviço.

Com Temer assumindo no atual estado de tensão social e articulação dos media, os movimentos sociais já não assustam. Se Lula cair, Temer estará "legitimado" para decretar Estado de Defesa.

Se o acordo não funcionar e Moro prosseguir, cai gente demais - Dilma, Temer, Cunha, e então Lewandowski poderá vir a ser o capitão das próximas eleições, a serem antecipadas. Ou Rosa Weber, se demorar o bastante para a presidência do STF mudar de mãos.

A crise, da perspectiva de Temer, é preciso que acabe logo. Mais 9 meses e ele não poderá assumir a presidência, será apenas interino para as eleições antecipadas.

O xadrez segue complexo, mas as opções começam a rarear.

### **Povo Sem Medo na Batata**

Fui ao Largo da Batata para o Ato Povo Sem Medo, puxado pelo MTST. A manifestação tinha por mote "A saída é pela esquerda" e se propunha a defender uma agenda progressista para o governo, além de ser contra o golpe.

Tomei o metrô e a partir da República embarquei na Linha Amarela. Desci na Faria Lima e logo dei de cara com a multidão. Eram 18:45 e a passeata já estava em movimento. Era muito mais gente do que eu esperava. Na minha cabeça ia ser um ato parado, com palco e discursos. Mas não, a torrente já estava em movimento quando saí do metrô e fui lembrado que a passeata ia até a Globo. Avaliei umas 15 mil pessoas. Os oradores diziam 30 mil.



Não era surpreendente que houvesse uma maioria de militantes do MTST. Inúmeras ocupações vieram com suas faixas: Maria Bonita, Nova Palestina, Pinheirinho Embu, Carlos Marighella, Che Guevara e muitas outras. Vi o Boulos na linha de frente. Mas também pessoas avulsas como eu, da minha idade e mais jovens, além de partidos e outros movimentos. Vi uma bandeira do PSOL. Esperava ver a Gaviões da Fiel, o que tinha sido indicado por um companheiro do MTST no dia anterior. Essa torcida está tendo um protagonismo muito importante na luta política, com suas faixas de denúncia em jogos. Mas rolou que não vi.

“Fica ligeiro, fica ligeiro, se não pode com formiga, não atíça o formigueiro!”

“Ai, aiaiai , aiaiaiaiaiai se chutar o ajuste cai”

“Pela abertura dos arquivos da ditadura”

A maré seguia pela Faria Lima, menos lulista e mais por direitos trabalhistas. O mote era de resistência. Achei muito bom o alvo da passeata ser a Rede Globo, que está claramente ativa no modo golpista, mas sua sede fica isolada prá lá da Berrini, no fim do mundo. A caminhada é longa e passa por lugares progressivamente ermos, no fim dá uma sensação que você é parte de uma tropa perdida na selva. Ademais, quando acaba o ato, você está num lugar notoriamente mal servido de transporte público, competindo por um lugar no coletivo com as outras 800 pessoas do ponto.

Mas no começo pelo menos a presença da massa na avenida, ainda cheia de movimento, era forte. Passamos em frente ao Shopping Iguatemi, que tinha cerrado suas portas e posicionado viaturas de seu exército particular. Vaias e palavras de ordem: “ei, coxinha, vai tomar no cu!”.

Não pude deixar de lembrar 2013, na segunda-feira maravilhosa de um milhão de manifestantes por todas as ruas de São Paulo. Também saímos do Largo da Batata, e recordo-me de ter colado na Fanfarra do Mal. Seguia com G pela avenida e no fim acabou que fomos até a Globo, fazendo o percurso idêntico. Foi uma pena que o PT não captou a importância daquelas mobilizações.

Ou ainda o incrível ato pela democratização da mídia, o Ocupe a Mídia, puxado por um arco muito particular de protagonistas, juntando autonomistas (como por exemplo o CMI) e petistas (sua juventude e o Intervezes), uma aliança tão importante quanto rara. Era Julho de 2013 e também fomos à Globo.

“NVTG!”, “NVTG!”

Como a passeata era grandona, deu para percorrer vários espaços da multidão. Havia dois carros de som interligados. No começo lamentei a presença dos Carros de Guerra Sonora, temendo novamente ser esmagado pelos discursos. Mas não teve muita falação e até mesmo rolou música. Assim, cruzamos a Cidade Jardim ao som de “Andar com fé eu vou, que a fé não costuma falhar”. Achei bom, e recordei-me de ser jovem nos anos 80 ao som dessa canção. Muito maluco ter 50 e estar em 2016 na rua pela legalidade, ao som da mesma melodia. A sensação foi aumentada quando vi uma bicicleta branca amarrada ao poste, alto. Uma homenagem a ciclista que morreu naquele ponto.

A certa altura o som do microfone falhou, recortando a fala do orador em pedacinhos abstratos e incompreensíveis. Como tinha um fundo musical, o resultado era um incrível rap tipo beatbox, um verdadeiro toast jamaicano, aquela fala percussiva em cima de batida arrepiante.

Busquei um batuque e segui com a multidão. A Nova Faria Lima tem muitos negócios de luxo, como uma concessionária Mercedes Benz. Muitas pessoas, frequentemente os seguranças de pé nas calçadas, registravam a cena com seus smartphones. Um cheiro de comida no ar. Viramos à direita na avenida JK. A luz já era baixa, e um cenário corporativo de vidro e luz envolvia os sem-teto. Um deles disse: “aqui parece que é o palácio do governo”.

“Lutar, criar, poder popular!”

“Aqui está, o povo sem medo, sem medo de lutar!”

Eram já 20h quando passamos pelo Shopping JK, também fechado e com viaturas privadas à porta. Seguimos pela Funchal e pegamos a Berrini. Já meio cansada, a multidão estava mais calada, ainda que determinada. Muitas senhoras nessa marcha. Ao longo do caminho até tinha gente que apoiava e vibrava, como esses meninos no andar de cima da lanchonete, empregados do local. Mas em outra esquina uns 6 meninos e meninas de preto faziam troça da passeata. A Berrini não acaba nunca!

Chegando perto da Globo, deu para ver pichações condenando a emissora, assim como a presença policial mais forte. “Golpistas, não passarão!”. “Maldita Rede Globo!”. Nessa hora vi um bandeirão anarquista.

A chuvinha fina persistia quando chegamos finalmente ao destino. A massa se adensou ao redor dos portões. Sentei um pouco. Ao redor do Carro de Guerra Sonora um grupo acendeu aqueles fogos de artifício que soltavam fumaça vermelha e luz vermelha.

Outra viagem no tempo. A música desse momento era “Eu quero é botar meu bloco na rua”, de Sérgio Sampaio – do tempo da minha infância. Um orador fez um discurso final e encerrou a passeata. Eram mais de 21h. Saí rapidamente e consegui achar um ônibus Ana Rosa. Sentei e li até meu destino.

A passeata foi um sucesso e os números expressivos. Afirmar uma saída pela esquerda foi muito importante. Mas um companheiro do MTST revelou como tem sido difícil manter o apoio a Dilma nas bases do movimento. A situação política só tem alternativas escabrosas. Assim parece.

Hoje também aconteceu o evento Periferia Contra o Golpe, no Sarau do Binho. Foi no Taboão. Não pude ir. Parece que lá foi cunhada a frase: “não vai ter luto, vai ter luta”.

## **26 de março – acampamento coxinha**

Fui à Paulista checar a movimentação em frente à FIESP. Eram 19:30. A “ocupação” lá continua. Em termos de continuidade, é bem notável. Mas, em termos de números, refluíu muito desde a manifestação esquerdista do dia 18 de março na avenida. Contei 30 pessoas e mais de trinta barracas. Isso sugere que as barracas são cenográficas e não vivendas de fato. A FIESP está acesa e com “impeachment” inscrita na fachada.

Tento acompanhar essa ocupação pelo fato de que ela não é, aparentemente, liderada pelos sites Vemprarua, MBL ou ROL, que são os protagonistas das grandes manifestações como a do dia 13 de março (e também os intervencionistas militares). Pode haver um interessante contingente horizontalista e conversável nessa ocupação. Eles em princípio parecem compreender a crise do sistema representativo.

Mas notei que lá na Paulista tem um posto de recolhimento de assinaturas para a “autonomia da Polícia Federal” frente às investigações de corrupção. Quero alertar os democratas que o ministro da Justiça tem tentado peitar a PF no sentido de acabar com os vazamentos ilegais e alertar também que a PF ameaçou renúncia coletiva caso o ministro mude o chefe desta Polícia. Conclamo os democratas de todos os matizes a imaginar a PF insubordinada na rua, com suas viaturas e armas colando nas concentrações coxinhas. A classe média já indicou que venera a polícia e vai tolerar seus abusos. Os vazamentos são ilegais e só tem acontecido por leniência e covardia do antigo ministro da Justiça José Cardozo. A insubordinação contumaz da PF constitui um flerte aberto com a instauração de um estado de exceção policial. Não precisa de exército. Está acontecendo agora.

Só para sublinhar a fragilidade da posição coxinha, a Odebrecht é membro da FIESP. A FIESP é agente da corrupção da política parlamentar. A lista da Odebrecht, que a Lava Jato já indicou que não vai levar em consideração, é a realidade do parlamento brasileiro. Nenhuma moralização virá da Lava Jato, das mobilizações coxinhas ou do Cunha. A restauração autoritária é o projeto da oposição, malgrado qualquer erro, bobeira, incompetência ou mesmo corrupção do lado governista.

Falamos de golpe, golpe, golpe. Os democratas precisam acordar e se pronunciar. É melhor gritar “é golpe” hoje do que amanhã chorar “foi golpe”.

T contou que bonecos de Lula e Dilma foram malhados e queimados em frente da FIESP na sexta-feira. Agora lembro que vi as manchas de queima no chão da ilha central.

Comentário no Nassif: “O que Dilma poderia fazer, neste momento, é demitir o ministério, extinguir a maioria deles, e nomear para os 10 ou 12 ministérios restantes figuras de primeiro nível - patriotas que aceitassem o peso imenso de um gesto simbólico que duraria um mês, ou pouco mais do que isso. Poderia afastar todos os servidores comissionados, fazendo com que as chefias setoriais fossem escolhidas por votação dos futuros subordinados. Poderia mandar um projeto por dia ao Congresso propondo reformas fundamentais, indiferente ao fato de que elas cairiam no vazio. E disparar um podcast todos os dias no final da tarde pela internet com o Brasil inteiro sem esse tom de discurso que torna suas falas constrangedoras, mas apenas explicando, com calma e um sorriso no rosto, que fez o que pôde, mas não vai colaborar com a farsa desse golpe que a direita preparou contra ela.”

## **28 de março – outro encontro anarquista de conjuntura**

Fui a uma roda de conversa de avaliação de conjuntura de vários grupos e militantes anarquistas e autonomistas. Desci a 13 de Maio a pé desde a Praça Oswaldo Cruz na Paulista – o transporte para esta região não é direto e acaba sendo mais rápido caminhar.

Diferente da reunião do CCSP, este grupo se dedicou a conversar sobre a situação política nacional e tentar traçar algum plano de ação. Os presentes eram mais experientes e um pouco mais velhos, digamos 25-30. Eram pessoas que atuam em coletivos da luta pela descriminalização das drogas, da tarifa, secundaristas, um ou outro professor e sindicalista. Foram muitas falas com vieses diferentes, mas retive o seguinte.

É muito forte a sensação de não se encaixar em nenhum dos lados do FlaxFlu, mas também há a percepção de que algo deve ser feito. A imobilidade parece ser ainda a regra e uma sensação de estar perdido ou sem alternativas claras de ação parece pesar sobre essas pessoas e seus grupos. Não se vêem em condições de chamar ato ou ir para a rua, mas “parece irresponsável não fazer nada”. Falou-se em “abstenção ativa”. Em outras palavras, há um entendimento que os movimentos devem manter as pautas e as lutas, manter a luta concreta de sempre, especialmente na teia da resistência ao nível do microfascismo e não se envolver no cenário nacional.

O diagnóstico comum é que o PT morreu mas há uma variedade de opiniões do que acontece agora. Estaríamos acordando do longo sonho da hegemonia do PT e estamos a descobrir que há outras formas.

A percepção de continuidade do governo do PT com seus antecessores é muito forte. Tendo nascido e crescido na ditadura, as narrativas de descontinuidade e excepcionalidade do período democrático pós-1988 são para mim muito mais explicativas e menos simplificadoras. Mas para novas gerações e para certa contabilidade feita a partir do ponto de vista dos movimentos sociais acerca do PT no poder, malgrado avanços sociais, as imobilidades do partido em relação a questões indígenas, ambientais, de violência policial e de fato a falha na proteção dos direitos trabalhistas desqualificam o partido como um avanço esquerdista e o colocam apenas como gerente do capitalismo. A oposição liberalismo/desenvolvimentismo significa pouco para este grupo. O estado é a ditadura da burguesia. O presente embate PTxPSDB é um conflito institucional para ver quem melhor fará o ajuste.

O governo do PT bateu ou virou a cara quando a polícia espancava os manifestantes anti-Copa. O custo desse evento colocou o partido firmemente CONTRA os trabalhadores, os trabalhadores dos megaprojetos em greve, os moradores removidos à força, a favor das empreiteiras no esquema de corrupção.

A pauta do antifascismo foi discutida. Uma movimentação de enfrentamento do fascismo na rua evitaria o FlaxFlu, malgrado sua possível cooptação pelo PT. Mas alguns não reconhecem crescimento da extrema direita, dizem que ela está apenas mais visível, e que se trata de um fantoche do PT ficar amedrontando a esquerda.

Uma análise colocou que a tarefa é de formar um quarto campo, alternativo. O primeiro e segundo campos são formados pelo governo e pela oposição: o Povo Sem Medo e o grupo pró-impeachment. O terceiro campo é formado pelo PSTU e outras agremiações como o CONLUTAS que são de anticapitalistas mas institucionais, e se



opõem ao governo. O quarto campo seria um de crítica aos três outros, propondo um viés anticapitalista não institucional. Esse campo deve se apresentar como alternativa aos outros campos e comunicar que a presente crise é a do modelo que sustenta a política de estado.

O movimento precisa atuar nas lutas por pauta específica mas não deve se restringir a elas, precisa atuar por meio delas para obter ganhos organizacionais. A marcha da merenda pode mobilizar um público não tocado pelo FlaxFlu. A luta por direitos é a luta que deve pegar agora, e não a luta pela gerência do estado.

Os anarquistas e autonomistas estão à frente do socialismo institucional em muitas frentes, como por exemplo na organização de trabalhadores entendidos no sentido mais amplo: precários, donas de casa, autônomos, informais, camelôs etc. Eles se dedicam à organização desses setores. Mas parecem enfrentar duas questões.

A primeira é algum tipo de articulação entre os movimentos libertários. Já acompanho há uns 10 anos alguns grupos desse tipo e sempre ouço a mesma coisa: é preciso unidade, é preciso articulação entre nós. A variedade e poder dessas iniciativas são notáveis pelo arrojo e poder diagnóstico. Mas de alguma forma a horizontalidade e singularidade parece impedir a formação de frentes mais amplas, antes mesmo do problema da institucionalidade se apresentar.

A segunda foi colocada por um dos participantes. Os anarquistas e autonomistas conseguem organizar e mobilizar onde nem o estado nem os partidos chegam, mas não conseguem traduzir ganhos de mobilização em ganhos de organização. O ano de 2013 foi lembrado nesse sentido: a inédita mobilização de números nunca antes vistos a partir de uma ação do tipo autonomista não redundou em crescimento proporcional de organização. Mais de uma pessoa se queixou da mobilização dos secundaristas, de clara inspiração autonomista, que no final redundou em ganhos de militância para os partidos marxistas ou de esquerda que colaram mais tarde quando a mobilização já tinha sido lograda pelos autonomistas.

Após o encontro, subi a 13 de Maio a pé e fui para casa.

## **29 de março - Não é só contra o golpe 2**

O processo político migrou para o congresso e a contagem de votos pró e contra o impeachment domina o noticiário, no esteio da saída do PMDB do governo. É difícil saber quais são as chances reais do impeachment passar. O consenso na grande imprensa é a do rolo compressor que vai amassar o governo, mas petistas e alguns

blogueiros apontam que o ônus está com a oposição, eles é que precisam juntar os 340 votos. A saída do PMDB do governo liberou 7 ministérios e 10 mil cargos comissionados, e Lula agora faz a negociação política no Planalto. Os partidos nanicos que sempre foram preteridos pelo PMDB e pelo PT agora fariam a festa, e muitos deles têm base eleitoral no nordeste do país, onde o sentimento pró-Lula ainda seria significativo.

Parece que uma nova agitação e animação toma conta do campo antigolpe. A atividade em torno desse tema aumentou na internet e há uma enxurrada de manifestos e abaixo-assinados. O campo governista e democrático têm mobilizações marcadas, especialmente na quinta-feira, quando esperam reunir um número expressivo de pessoas. O MTST tem agora uma ocupação na Praça do Patriarca. Mas é difícil dizer se essa atividade está capilarizando para a sociedade ou se são apenas os já convertidos se comunicando. A clivagem entre os dois campos, pró e anti impeachment, está de tal forma profunda que a diferença entre boato e notícia se esfumaça. Há um tal nível de paranoia em todos os lugares que desacreditar de tudo parece ser a única posição saudável.

Fui ao segundo encontro do grupo que chamou o “Não é só contra o golpe”.

Vim da Zona Leste de trem e saí na estação Anhangabaú. Era cedo então jantei no Nova Fogazza. Gosto da comida do Estadão, que é perto, mas não tem mesa e seus bancos não nos convidam a ficar. Pedi um PF. Depois descí as escadarias do Viaduto 9 de Julho e descí ao Al Jannah.

A reunião é uma iniciativa que busca reunir pessoas em torno de uma pauta positiva para a esquerda, para além da defesa antigolpe. Estamos acuados e queremos romper o cerco. Mas a conjuntura é complexa e de difícil transformação em pauta de mobilização. Há um reconhecimento de que há um excesso de criatividade e práticas que transbordam o atual debate polarizado. Por um lado parece haver o entendimento que há uma onda conservadora à qual é preciso se opor, e por outro parece haver uma sensação de que um ciclo se fecha e que outro está a se abrir. Como será esse novo ciclo, como será essa “próxima esquerda”, está em construção hoje. Alguns já pensam no cenário Fora Temer que pode unir as esquerdas na rua em defesa dos direitos.

O encontro é muito diverso e de muitas opiniões, além disso não havia uma agenda pré-fixada. Então teve algo de fórum, de confessionário, de laboratório de idéias e de grupo de ajuda. Reconhecemos que há várias conversas semelhantes acontecendo em vários lugares na cidade. Retive algumas coisas que tento relatar.

Uma das percepções mais presentes foi a da urgência. Grupos e pessoas na linha do antigolpe e da defesa do governo têm uma pressa muito grande em produzir eventos e acontecimentos de difusão de resistência ao impeachment. Falou-se em guerrilha e luta simbólicas, de estar nas ruas, fazer o embate nas redes: a tarefa prioritária é defender Dilma contra o impedimento. Associada a esta pressa está uma tendência a não ouvir muito e acaba que a diversidade, horizontalidade e multiplicidade de vozes são entendidas como oportunidades de passar a mensagem única de defesa do governo. O curto prazo predomina e o problema é de difusão e de explicação. Esse vetor apareceu por vez ou outra, meio difusa em algumas falas.

Achei que para outros a mensagem parece ser que a superação do PT e do governismo é condição necessária para a composição da “próxima esquerda” – o que por sua vez constitui a melhor defesa contra o golpe, agora e sempre. De maneira bem tosca, seria como se a melhor forma de amar sua mãe é deixar de ser filho. Estamos no processo de abandonar a mãe PT, o que está sendo doloroso. Mas alguns entendem que isso é um processo de médio prazo e que agora há uma outra questão urgente de dias.

Outro vetor parece que reconhece a urgência do momento, mas entende que o problema é menos a enunciação da mensagem a ser transmitida e mais a própria afirmação dos valores de diversidade e de radicalização democrática. A palavra de ordem é menos importante, e as formas de organização mais significativas.

Um outro vetor ainda busca pensar na continuidade de médio prazo do grupo, na resiliência das iniciativas diversas ao redor da resistência democrática. Entende que a organização de encontros está em construção e busca lançar protótipos organizativos, novas redes e novos desenhos participativos para caminhar juntos com nossas diferenças. A tarefa é criar artefatos políticos viáveis e participativos que viabilizem a variedade de iniciativas inerentes à criação política. A organização não se deve dar em termos principistas mas ao redor de protocolos de relacionamento, estabelecendo apenas um mínimo denominador comum para a convivência. A abertura de novas possibilidades deve prevalecer, tecer redes de poder distribuído com outras conversas em outros lugares. Reter a diversidade mas viabilizar a articulação na construção de ferramentas de estar juntos.

Um outro vetor frontalmente critica a formação de símbolos e da ilusão de protagonismo, defendendo algo que entendi ser uma difusão das forças criativas em encontros já existentes na vida.

Um assunto que surgiu foi a exploração de canais internacionais. Há um entorno regional muito interessado no que vai acontecer no Brasil, então a produção e difusão de material informativo para esse público foi lembrada.

Foi relatado que os secundaristas fizeram a sua marcha hoje. Foram até a Assembléia Legislativa e entraram no plenário (na audiência). De lá subiram a Brigadeiro e tomaram a Paulista, passando em frente à FIESP. Houve hostilidade dos coxinhas, e o Choque, que parecia estar na garagem da FIESP, apareceu para separar os manifestantes. Os secundaristas foram ao MASP encerrar o ato enquanto os coxinhas se mobilizavam para fazer número e enfrentá-los. O ato se dispersou antes que algo pudesse acontecer.

Conversei um pouco com R e HP depois do encontro no Estádio e trocamos impressões. Nos despedimos e fui à Praça do Patriarca checar a ocupação. Era mais de meia-noite e o acampamento estava cheio, principalmente de sem-tetos. A GCM tinha 3 viaturas lá, a PM não estava presente. Conversei um pouco com uma senhora e segui meu caminho. Segui a pé pela Sé até a Liberdade e de lá subi para Vergueiro.

### **30 de março – Pato da FIESP era plagiado**

Vi da janela do ônibus Terminal Pirituba a manifestação no MASP, do audiovisual. Meio pequena mas valente presença. A concentração em frente à FIESP, a seu turno, estava bem vazia. O ministro Mello do STF usou a palavra golpe para descrever o impeachment sem crime e disse que Dilma tem razão. As mensagens do celular de Katia Abreu foram fotografadas por um repórter. Nos textos aparecem as manobras dos ministros do PMDB que vão ficar no governo. Há gente otimista em relação à votação do impeachment no Congresso. A noção de que de fato se trata de um golpe parece ter pegado.

Vi o artigo da BBC que onde um artista acusa a FIESP de ter plagiado sua escultura, um pato de banheira gigante... “Não vou pagar o plágio” é como a campanha da Federação foi rebatizada.

### **31 de março – Ato anti-golpe na Sé**

Fui ao ato antigolpe da Praça da Sé. Era cedo e estava em Santa Cecília, então decidi caminhar até a Faculdade de Direito onde encontraria amigos. Passei pela Praça do Patriarca para checar a ocupação do MTST. Estava lá, firme, mas não era massiva. Achei boa a idéia da ocupação, pois ela não apenas se contrapõe à da Paulista, mas também sinaliza uma presença permanente, resistência ativa e recusa de se

invisibilizar: existimos e precisamos ser parte da solução. Mas o formato não é arrebatador. Um microfone e alto-falante de volume muito alto estão ligados na praça. Os discursos são ainda no modo esquerdista-beligerante. Esta ocupação é mais um posto avançado e menos um fórum público. O clima está mais para guerra do que para a criação política.

Uma moça relatou ao microfone que fora atacada no caminho por dois homens que a xingaram por usar uma camisa vermelha. Relatos desse tipo se multiplicam em todos os fóruns: ouvi no mesmo dia que uma mãe fora hostilizada pelo vermelho da roupa da filha – um vestido da Minie! As pessoas têm relatado que as agressões se estendem ao cabelo, barba ou “jeito”. T relata que os manifestantes secundaristas, definitivamente não partidarizados, foram chamados de “fraldinhas do PT” na Paulista.

Eram 15h quando cheguei na praça. Já havia bastante gente, os balões grandões dos sindicatos estavam a subir: dos químicos, dos enfermeiros, dos professores, dos bancários... Muita gente da CUT. Vi o cartaz de um grupo que dizia: “Ilhabela pela democracia”. Veio gente de longe. Alguns manifestantes já se animavam e cantavam em rodas. A chamada NVTG! foi certamente a mais entoada de toda a tarde. O leitor deve imaginar um fundo sonoro constante com essa mensagem.

Senti-me à vontade para vestir a camisa vermelha que trazia na mochila. Agora rubro, busquei a Faculdade de Direito. Ao caminhar me recordei do poder que é estudar no centro. Essa experiência tive durante as Diretas Já. O centro acadêmico XI de Agosto fica a apenas a algumas centenas de metros da Praça da Sé, onde importantes comícios dessa campanha se realizaram. Assim, uma simbiose muito poderosa de política estudantil e cidade pode emergir. Tirar a capital da república da agitação da cidade do Rio de Janeiro para colocá-la no autismo do planalto teve o intuito de ilhar o poder federal.

Recentemente visitei a faculdade de noite, e notei com alegria que entrar no prédio ainda é fácil e que ele todavia guarda sua vocação pública: sem-tetos ainda dormem na fachada, o banheiro masculino do térreo ainda é disputado pelo povo, a cidade ainda insiste em escorrer para dentro do edifício.

Lá encontrei S, E e SP, antigos colegas da faculdade. Parecia que a escola está em greve, uma ruidosa batucada animava os andares internos. Conversamos um pouco e fomos à OAB, onde advogados se encontrariam para protestar contra a deliberação em favor do impeachment liderada pelo presidente da entidade.



Vimos que a praça ia enchendo. Em frente da sede da OAB, inteirei-me das objeções ao presidente Lamachia. A decisão de apoio ao impeachment não passou pelo processo consultivo devido e não representa a vontade de seus associados. Além disso, advogados progressistas já têm preparados pedidos de impeachment contra 14 governadores, caso a presidenta Dilma seja deposta – pois todos eles realizaram as pedaladas fiscais. Preparado está inclusive o impeachment de Temer, que, quando presidente interino, assinou as ditas pedaladas.

É sempre interessante acompanhar advogados pelo Centro Velho. Eles parecem conhecer muito bem os recantos da cidade, inclusive onde há bom café e bons banheiros. Além disso, encontram muita gente e conversam na rua.

Falamos sobre a história do PT e de como progressivamente fomos deixando o partido, desiludidos. Tentamos entender como teria sido possível fazer diferente e de como seria possível hoje corrigir os rumos do PT. Lembramos a fundação do partido e figuras como Telma de Souza, Genoíno, Erundina e Paulo Frateschi. Discutimos a virada arquitetada por José Dirceu.

O Vitão do Departamento Jurídico do XI de Agosto apareceu, muito festejado, e conversou animadamente com o grupo.

Subimos ao primeiro andar da livraria Saraiva em frente à praça João Mendes para um café. Lá conversamos com uma senhora e seu filho da mesa ao lado. Ela dizia que mora no Butantã e que se lembrava do Lula discursando em um caminhão de carga no bairro, ao lado do Henfil e Bete Mendes. Notei que até agora na manifestação eu vinha vendo muita gente de minha idade, gente da geração da construção do PT. Uma viagem meio nostálgica, que depois foi agravada pela canção “Caminhando e cantando” de Vandré, irradiada pelo carro de som.

Vimos na tela da TV imagens da praça lotada, em São Paulo e em outras cidades. Estava bonito.

Demos um giro pela manifestação ao som do toque de 5 horas da catedral. A praça bem cheia agora, mas conseguimos cruzá-la pela escadaria. Muitos ambulantes com seus carrinhos: churrasco, milho, água e cerveja, capas de chuva... Vi cartazes trazendo fotos de militantes mortos pela ditadura de 64, eram do PCdoB. Muitas imagens e mensagens anti-Globo. A Frente de Luta por Moradia chegou com um carro de som portátil, empurrado por militantes. Outro cartaz dizia “Mackenzistas contra o golpe”. Um momento muito bizarro se deu quando um representante do movimento

Evangélicos pelo Estado de Direito discursou, combinando o NVTG com um Pai Nosso! Por outro lado, vi uns três moços de saia, bandeiras do arco-íris LGBT e pelo menos outras três pessoas fantasiadas. Já se escutavam alguns batuques, sempre com muitos jovens no meio da fumaça vermelha. Agora via proporcionalmente menos “velhinhos” na multidão. S encontrou um amigo da filha, bandeira na mão. Vi muitas camisas do Corinthians, e também vários cartazes com a imagem do jogador Sócrates.

Ficamos sabendo que havia uma concentração da Gaviões da Fiel na Liberdade. Achei que viriam à Sé, o que seria lindo de ver, mas eles estão na jornada de campanha pela punição dos ladrões da Merenda, então se dirigiram à Assembléia Legislativa. Que pena. Curiosamente, porém, vi nada menos do que *três* camisas do Juventus ao longo da manifestação, certamente um milagre estatístico fora da rua Javari.

Eram 18h e escurecia quando uma fina e bem-vinda chuva começou a cair. Olhei à minha volta e me senti tranquilo. O número de pessoas era grande, a multidão se espalhava pelas ruas transversais. O locutor deu que eram 60 mil pessoas.

Achei a manifestação melhor do que a da Paulista, apesar de menos cheia. O lugar é muito mais acolhedor do que a avenida, tem mais acessos e mais saídas. Apesar das malditas fontes que impedem aglomerações realmente massivas, a Sé recebe melhor as pessoas, mesmo que o vão do MASP seja excepcional. A concentração de pessoas era tal que o ato se quebrou em várias partes. O Carro de Guerra Sonora dominava apenas uma parte do evento, abrindo espaço para várias batucadas e, mais importante, rodas de conversa. Muita gente falando da situação política, e o tom geral do ato era mesmo de resistência de esquerda e menos lulista adventícia, o que predominou na Paulista. Vinha sentindo falta do tipo de reunião que a “próxima esquerda” sabe fazer e que eu conheci nos primórdios do PT: mais festa e diversidade. Quando o partido era uma federação de núcleos e diretórios, os encontros na rua traziam muitas vozes e jeitos de estar juntos. O militante pago e o material da campanha padronizado foram produtos da marketização da política. Essa vocação para o encontro e a troca públicos para a criação política é mais encontrada na dita nova esquerda, e certamente indica o futuro dos encontros políticos. Falo sempre do carro de som, pois ele é uma face visível do que precisa ser superado. Todas as falas da noite eram intercambiáveis, pois foram a reiteração do mesmo. Mas no chão era diferente.

Então ver nesse momento a movimentação antigolpe tomar a forma de um enorme fórum de conversa e escuta me encheu de esperança. As direitas conseguiram crescer e capilarizar o suficiente para fomentar espontaneamente focos de criação dentro de

suas redes. As esquerdas partidária e sindical precisam abraçar novas formas e escutar mais.

Descendo a praça encontrei uma vibrante roda de capoeira com uma dúzia de berimbaus. “Golpe só de capoeira” dizia uma camiseta. Foi muito bonito achar esta brecha na manifestação, uma fenda onde corpos jovens coreografavam belos movimentos. À maneira das rodas de capoeira, um cantador entoava a chamada e os participantes respondiam. “A vovó e a titia”, canta a roda, “eu luto pela democracia”, retorque o cantador. Notei nessa hora que este local onde se jogava capoeira era o mesmíssimo ocupado pelos pregadores evangélicos durante o dia. “Fica ligeiro, fica ligeiro, se não pode com formiga não assanha o formigueiro!”. Esse canto já tinha ouvido como palavra de ordem. Ficou bonito.

Cercado de gente conversando, encontrei D, dos tempos dos coletivos de arte. Fazia muito tempo que não o via, e fiquei feliz de saber que está a atuar na Zona Sul e que estuda novas formas de luta e resistência sob a luz do pensador Kurz. Ele disse que tinha encontrado HP na multidão e relatou um pouco de seu trabalho. Como muitos outros, D estava lá na chave antifascista, receoso também do nível de ódio disseminado pela sociedade hoje. Resistir à onda direitista é preciso. Trocamos votos de nos vermos em breve e nos despedimos.

Dei um giro pelas bordas da manifestação e pude testemunhar uma tensão no portão do metrô, que tinha sido fechado pela segurança. Depois de muita gritaria acabaram por abrir o acesso novamente. As ruas Senador Feijó e Benjamin Constant, transversais à Sé, estavam cheias de animadas rodas, e também os bares com muitas camisas vermelhas e bandeiras. Os discursos tinham acabado e predominavam as conversas.

Lá encontrei S, que vejo sempre nas manifestações do MPL. Como outras, ela não estava lá sem questões de consciência e posicionamento, mas resolvera vir assim mesmo devido à urgência do momento. Fiquei muito feliz que a geografia deste evento fosse mais receptiva a essa gama de opinião, que podia comparecer sem ter que adorar a figura de Lula, por exemplo. Ela comentou que, quando pergunta às pessoas se têm confiança na derrota do impeachment na Câmara, elas nunca dizem “não sei”, mas respondem sempre com um absoluto “sim” ou um absoluto “não”.

M passou perto e parou para conversar. Falamos um pouco sobre as coisas em geral e sobre seu trabalho na televisão, onde tentava contrabandear pautas políticas. Ele relatou que viu Delfim Neto na TV dizer que a sociedade nunca tinha experimentado

uma baixa da economia sob o PT, e isso podia causar uma raiva devida mas superdimensionada. Mas agora conhece um pouco da Rússia e conta como o comunismo deixou certa infraestrutura da qual o país ainda se serve. A educação ainda é predominantemente pública, e há dois canais estatais de televisão. Sua esposa diz que estranha muito a atuação dos âncoras do Jornal Nacional, com seus sorrisos falsos e narração emocionada. Ela estranha também as relações pessoais e de trabalho no Brasil, informadas pela herança escravagista.

Às 20:45 a praça aos poucos se esvaziava. Notei o senador Suplicy caminhando pela calçada, cercado de muitos admiradores que a todo o momento faziam-no parar para tirar selfies e também para abraçá-lo e beijá-lo. Tomei o caminho do metrô e descii à plataforma da estação Sé.

Na padaria, onde comi um salgado marrom, vi o Jornal na Globo, sem som. Vi imagens das manifestações por todo o Brasil e achei bom. Pareciam grandes e certamente fizeram alguma marca política. Mostrar mobilização é importante nessa hora, não apenas para sensibilizar parlamentares e furar o cerco da mídia golpista, mas também para preparar um cenário pós-impeachment. Sinalizamos que um governo Temer seria ilegítimo e enfrentaria enormes dificuldades.

Fui dormir rememorando a manifestação. Recordei uma pequena placa que algum manifestante amarrou a um poste na Praça da Sé. Nela estava escrito “Vem, vem pra sauna gay, ô Bolsonaro!”.



**ABRIL**

**FORA CUNHA!**

**mulheres**

**IMPEACHMENT**

**ARRASTAU DOS BLOCOS**

**'HEM 'UH YASSU AIKAS**

**FOLIA DA DEMOCRACIA**

**GOLPE NUNCA MAIS!**

**SECUNDAS**

**despolitização**

**o FlaxFlu.**

**GAVIÕES DA FIEL**



**2016**

**réproué de toute a esquerda brasileira**



## **1º de abril**

Lula atacado na imprensa no primeiro de abril. Fui jantar na casa de LR, e ele avalia que o Brasil não consegue ser apenas colônia, por seu tamanho e riquezas, mas tem dificuldade em se aformar como país. Ele relatou o que ouviu do encontro de Assange, Maricato, Podemos, e Syriza: o caso do Brasil é crucial – trata-se de um BRIC com petróleo. Lembrou que Snowden deu a dica: Serra é ligado à Chevron; a cota do pré-sal para a educação foi a gota d'água para as forças internacionais que apoiam o golpe. Pior pode ter passado, como escreve Nassif, uma Estalingrado que provocou uma desaceleração do golpe. A saída Temer já teria melado, o STF vai ser a instituição que deve ser, os votos no congresso não serão suficientes; apara a esquerda um problema. MR garante que aeronáutica não deixou Lula ser transportado para Curitiba quando foi conduzido coercitivamente a depor. Ela afirma que Lula preso é bom: trata-se de um mártir vivo. Se Lula assumir um ministério no governo e por tudo nos eixos, ele vence em 2018 – mas a direita não vai deixar. A notícia recente envolvendo Celso Daniel como a última cartada. Direita muito ruim, achou que seria fácil, acostumada que está a deixar que o exército arrume a casa. A esquerda se uniu e há uma percepção de que os ganhos a defender são significativos e que não pode haver volta. Não pode haver volta à senzala e isto está ficando claro. MR avisa que a luta por direitos une a esquerda, mas o que mobiliza o povão é a economia.

PSTU põe 3 mil pessoas na rua: “Que se vayan todos”.

## **3 de abril – Ato pró-impeachment**

Fui na Paulista checar o ato pró-impeachment, batizado de “Muro da vergonha”. A idéia era nomear os deputados de São Paulo que estão indecisos para que estes sejam pressionados a votar a favor do impedimento. O local foi o acampamento em frente à FIESP, que já está lá há semanas.

Desci na estação Trianon-MASP e saí para a avenida. Fechada ao trânsito aos domingos, a Paulista estava ensolarada e com bastante gente aproveitando o dia. O ato em si tinha umas mil pessoas, e depois encheu um pouco mais, talvez uns 1500 manifestantes. Cheguei na hora marcada e não havia nada acontecendo. Estava em preparação um telão onde apareceria o mapa do impeachment. Este é um programa que permite o acompanhamento da estimativa da votação, com o nome, foto e endereço de todos os deputados e suas posições a favor, contrárias ao impeachment ou indecisas, além de gráficos com o aumento do patrimônio de cada parlamentar. Tem um mapa interativo que indica em cada estado quais são os representantes e suas

posições. Assim fica fácil que cada estado controle e pressione os deputados de sua região. Está bem disseminado, acho que a iniciativa foi do vembrarua.

A FIESP apostou muito nesse ato, inflou o seu pato gigante na avenida e também distribuiu inúmeros balõezinhos com a efígie do pato anti-impostos. Assim, havia uma pequena maré amarela a dois metros do chão. Vi que o ato não seria monstruoso, mas decidi ficar um pouco mais e ver se captava algo de interessante.

Por um lado esse tipo de ato é maçante e opressor, pois é apenas o outro lado do FlaxFlu. Assim, não é um lugar de discussão ou elaboração política, é também a reiteração do mesmo, de agitação e motivação – além da oportunidade de fazer a foto para as redes. Ademais, a tônica é invariavelmente a do ódio e do ressentimento sem projeto, que configuram uma restauração fantasiosa de direitos perdidos. Não se busca a diversidade, mas, ao contrário, o homogêneo no namoro com a violência punitiva.

Mesmo assim, quis evitar atentar apenas para os horrores e diminuir tudo à caricatura coxinha. Acaba que não converso muito, então tentei observar os cartazes. De cara um deles saiu da regra e logo me chamou a atenção: “Respeitemos a democracia, é hora de refletir”. Nada mal para o momento polarizado em que vivemos. Mas nenhum outro era assim ponderado: “Viva as FF AA” e “Fim dos partidos comunistas”. A tolerância dos movimentos antigovernistas com a presença da extrema direita e intervencionistas militares é muito desconfortante (mesmo sabendo que nem todo “coxinha” é direitista, por quê os militaristas são tolerados?). “Lula na cadeia” escrito em letras enormes dominava o espaço. “Casa civil é a puta que o pariu”, “Teori, golpista, a serviço do PT”, “Celso Daniel está em nossos corações” eram outros cartazes. Fora isso, alguns pró-Moro e anti-Dilma.

As pessoas podiam deixar mensagens escrita no patão da FIESP, e, além dos insultos de costume, achei um único “Fora Cunha”. Menos mal. As pessoas também podiam tirar fotos numa placa onde suas cabeças apareciam acima do corpo um agente da PF uniformizado ao lado do Moro. Continua a coleta de assinaturas em apoio à PF. Vi também um papa anti-Lula.

A única formulação mais interessante da manifestação foi “não vai ter golpe, vai ter impeachment”. É uma maneira de se contrapor à noção de golpe em curso martelada pelo campo anti-impeachment. Uma tentativa de nuance. Falaciosa.

Um locutor animava a concentração – o repórter Nilo Campos – e este entrevistava alguns dos manifestantes, incluindo crianças de 8 e 11 anos, que se declaravam lá

“contra o PT”. Um coronel da PM aposentado, do Choque, clamava contra “os bandidos do PT”. A PF e Moro muito lembrados e celebrados. Rolou uma discussão acerca da posição do deputado Tiririca, não se sabia ao certo se ele é a favor ou contra o impedimento. Foi anunciada a presença de Vila, o radialista da Jovem Pan. Foi ovacionado, mas ele não falou. Achei que vi sentado na calçada um menino que tinha visto falar em um vídeo do Castor, que sempre filma as manifestações dos dois lados.

As palavras de ordem de sempre: “Fora PT!”, “Lula cachaceiro, devolve meu dinheiro” e “Eu vim de graça”.

Enfim, já pensava em ir embora quando a locução mudou e uma líder de um movimento tomou o microfone. A fala foi mais militante e ela perguntava: “tem algum petista aqui? Olha que eu estou vendo petista daqui” Nessa hora dá um gelinho na barriga, pois fico na neurose de não ter sorrido o suficiente, de ter errado na roupa, de ter dado bandeira demais de alguma forma... “Tem petista aqui? Então vamos ver se tem: ‘quem não pula é petista, quem não pula é petista’”. Pela segunda vez em menos de um mês, achei melhor saltar também.

Nessa hora reparei em um sem-teto que cambaleava meio erratically pela multidão. Ele não era militante, mas um morador de rua solto na avenida Paulista, e vestia uma puída, quase cinzenta camisa canarinho da CBF – empunhando um pano vermelho. O tecido rubro destoava estridentemente do cenário verdeamarelo, e quando a locutora perguntou se havia petistas no local, ele agitou o pano acima da cabeça. A locutora não pareceu ter reparado, nem as pessoas à sua volta. Como era sem-teto e parecia estar meio fora do ar, ele gozava daquela invisibilidade social que certos corpos ganham na miséria. Eu gelei, achando que ele corria perigo. Mas, em seu transe bipartidário, ele passeava a contrapelo, indiferente às paixões políticas da multidão, celebrando alguma euforia interna.

Mas seu comportamento acabou por incomodar um manifestante, que tentou arrancar o pano vermelho do morador de rua. Só que, ao fazê-lo, ofereceu também uma nota de R\$2. O sem-teto aceitou a nota, mas não largou o tecido. Quando ele entendeu que o manifestante estava comprando a sua independência bicolor por dois reais, devolveu a nota e puxou o pano rubro para si, contrariado. Saiu cambaleando pela massa, com seu tecido vermelho e com sua camisa encardida. Desapareceu na multidão.

Isso me fez lembrar das agruras dos amigos que estão na posição chamada de “isenta” ou “acima dos muros”. Essa presença simultânea do sem-teto, tanto na rua quanto fechado dentro de sua própria cabeça, pareceu-me uma metáfora pra esse dilema de

quem não quer se reduzir ao FlaxFlu dominante, insistindo numa posição individual de independência, num misto de lucidez louca, embriaguez e coragem.

Saí pelo metrô às 16h e fui para casa.

## **6 de abril- Conjuntura e eu de cama**

Estive de cama por três dias e não fui à rua. As atividades políticas públicas continuaram. Há muita movimentação antigolpe. Na terça dia 5 teve o Sarau Mulheres em Defesa da Democracia Contra o Golpe, com a participação do Ilú Obá, na Praça Roosevelt. Há movimentações e atividades na periferia também. Depois eu teria ido à reunião em torno do #nãoésócontraogolpe. Eles marcaram aula pública com Zé Celso e outros no Minhocão para o domingo, na altura da Marechal Deodoro. Hoje eles foram colar uns lambes pela cidade.

Hoje teve ato dos secundaristas na praça da República. Eles estão em plena campanha pela merenda, fora da agenda antigolpe. Teve repressão policial ao movimento.

Na segunda teve também o ato de Lula no sindicato dos metalúrgicos no ABC. Vi um pedaço ao vivo de casa. A fala foi combativa e de campanha presidencial. Falou contra a Veja, a Globo, o Temer e o Moro. Chamou ele mesmo o NVTG!. Chamou também o povo para as ruas no dia da votação do impeachment. Achei corajoso. Preciso decidir onde quero estar nesse dia, na Paulista com os golpistas ou no outro campo. A palavra de ordem do momento é “O Lula voltou, o Lula voltou-ô”

Na mesma segunda teve o ato dos juristas pró-impeachment em frente à Faculdade de Direito de São Paulo. O S me ligou para avisar, mas doente como estava não fui. Todos os eventos deste ato foram ofuscados pelo discurso de Janaina Paschoal, que é uma das autoras do pedido de impeachment ao lado do reacionário Reale Junior e Hélio Bicudo. Essa performance viralizou na internet e ganhou muitas versões, incluindo um cover heavy metal. A moedora de carne que é a internet não perdoou o episódio, e o divertido e o abjeto mais uma vez dominaram as conversas. Para o campo antigolpista, trata-se de uma clara demonstração da irracionalidade e ódio coxinhas, uma ilustração daquilo que é preciso combater. E também uma vingança devida contra a capa da IstoÉ que atribuiu a Dilma descontrole emocional.

Na chacina moral da rede, passou muito comentário preconceituoso, acerca de sua suposta anormalidade, o caráter evangélico da fala ou de um suposto transe. Foi bem ruim. Mas talvez o dano mais significativo tenha sido aos juristas presentes, filmados

aplaudindo os disparates da advogada. O discurso de Janaina apagou do noticiário qualquer outra pauta que o ato tenha tentado emplacar. A Globo não deu nada.

O ministro Cardozo recebeu pela primeira vez em anos elogios de blogs petistas por sua atuação na defesa de Dilma frente à comissão de impeachment. O processo de impedimento parece que vai murchando. O ministro Mello do STF forçou a Cunha que aceitasse o pedido impeachment de Temer, pelas mesmíssimas razões arroladas no pedido de impedimento de Dilma. Ou seja, se cai ela cai ele também. O STF tem finalmente se pronunciado e brechado aventuras judiciais e mesmo o Moro parece enfraquecido. A Folha parece ter adotado a tese das eleições gerais ao invés do impeachment, ao contrário da Globo, que jogou tudo no impedimento, como a Veja, e não tem como recuar.

Os Panama Papers fizeram algum estrago no cenário nacional, mas como não envolvia ninguém do PT, não foi sequer mencionado pelo JN. Mas políticos de vários partidos, e também o filho de FHC e as organizações Globo têm movimentações em paraísos fiscais. O Joaquim Barbosa também teve que explicar duas offshores em seu nome. Há quem aponte que se trata de um jogo de interesses norte-americanos, já que os países atingidos são principalmente aqueles emergentes ou inimigos dos EUA. Parece que não constam nomes americanos, além da escolha dos veículos de informação para a divulgação foi bem estranha – uol, Rede TV, Estadão... O Conversa Afiada achou referência ao envolvimento da Globo, citada por um jornal holandês que investigou os documentos.

Está bombando um ótimo vídeo do Porta dos Fundos, chamado Delação. Um policial da PF interroga um deputado que faz a sua delação premiada. Indiferente às informações que envolvem o PSDB, o agente encerra a sessão quando acredita ter incriminado Lula. O vídeo viralizou e enfureceu os coxinhas.

Do amigo GP [*um excelente texto sobre as pessoas na conjuntura*]:

Andei conversando com algumas pessoas do meu trabalho e percebi que essa ideia de Fla-Flu não é bem assim. Tem posições que não acabam mais.

Angélica quer que se apresse o julgamento pelo TSE da ação do PSDB que pede a anulação das eleições de 2014. Entende que só uma nova eleição em 2016 poderá salvar o país (talvez ela vote na Marina, mas tem certa resistência: ela já foi senadora pelo PT do Acre e ministra do Lula).



Coutinho é a favor de uma intervenção militar (golpe militar), dissolução dos partidos de esquerda e prisão dos comunistas. Para ele, o país está assim por conta dos vermelhos corruptos e imorais. É a favor da censura e da perseguição de homossexuais. Quer o fim imediato de programas assistenciais como Bolsa-Família ou de projetos como Pro-Uni ou Educafro.

Laurindo defende o impeachment, com ou sem base legal. Está pouco se lixando se alguns chamam isso de golpe civil. Embora não tenha simpatia pelo Temer, considera-o o mal menor: "O importante é afastar de vez os petralhas do poder, colocá-los todos na cadeia. Depois, se der, a gente completa a limpeza".

Dionísio entende que é possível uma renúncia espontânea de Dilma e Temer e pedir a convocação de novas eleições. Para ele, os dois vão perceber que não resta outra alternativa, já que seus governos serão inviáveis. Perguntado sobre quem assumiria o poder enquanto não ocorressem as novas eleições, ele não acredita que Cunha daria algum trabalho, pois o país inteiro estaria pressionando para que ele conduzisse corretamente o novo pleito.

Renata defende a renúncia espontânea de Dilma e a posse de Temer. "Temer é um constitucionalista e é muito ponderado, tem trânsito pelo PMDB e saberá governar o país com serenidade", diz ela, preparando-se para ir buscar a filha no Colégio Porto Seguro. "É tão desagradável aquela mulher continuará no poder!".

Claudionor não entende muito bem de política. Quando a Dilma aparece na TV, vai bater panela só pra zoar. Mas achou bacana também a manifestação pró-Dilma na Paulista: "Tinha música e animação". Alguns o viram gritando "não vai ter golpe!", sorrindo e tentando agradar uma moreninha com camiseta da CUT.

Lucas já foi petista, hoje está decepcionado e é eleitor do PSOL, apesar de não seguir a linha do partido. Defende que é possível sim a realização de impeachment de Dilma, desde que surjam provas concretas de que ela cometeu crime de responsabilidade. Não acha que pedaladas sejam essa base legal necessária, mas podem surgir outras provas mais robustas.

Ariosto quer o julgamento e a condenação criminal dos quatro nomes na linha sucessória (Dilma-Temer-Cunha-Renan). Isso obrigará a realização de novas eleições e, quem sabe, a partir daí o país volte a crescer e a ter paz.

Nelson diz não ao impeachment: "Não vai ter golpe!", diz ele, que entende ser impossível qualquer julgamento isento no atual contexto. Guarda uma coleção de notícias sobre demonstrações de parcialidade do Juiz Moro e de desrespeito às garantias constitucionais pelo MP e pela PF.

Joaquim quer que Dilma decrete estado de sítio e determine a imediata investigação da origem do dinheiro dos grupos pró-impeachment. "O que aquela banana está esperando? A Constituição prevê a decretação de estado de sítio exatamente diante de quadro como esse". Para ele, existe uma conspiração internacional para privatização da Petrobrás e liberação do pré-sal para o capital estrangeiro e ela não pode continuar vacilante.

Leonice diz "não a todos". Considera o PT e os partidos de oposição todos eles a favor da burguesia. Propõe a tomada do poder pelo povo em armas e a instauração de um regime socialista revolucionário.

Henrique não se identifica com ninguém. Perguntamos o que é que ele acha então da situação política atual e ele responde, peremptório: "Não consigo achar nada. Está tudo perdido e não vai ter mais volta. Aquilo que a gente chamava de Brasil acabou, as pessoas estão se odiando e interesses pessoais prevalecem sobre a verdade".

## **7 de abril**

De M:

“Acho que o fenômeno principal é a crise das instituições. No lado coxinha isso se expressa mais em desconfiança com todo o sistema político (não apenas PT) e no campo governista isso se expressa mais na desconfiança com os meios de comunicação. Vejo uma recusa a hierarquias entre os pró-impeachment ligado a

isso e há uma promiscuidade com grupos autoritários (skinheads e defensores da ditadura), mas acho que tem um todo um campo de coxinhas que sente a crise das instituições, mas não traduz isso em saídas autoritárias, simplesmente está insatisfeito e não sabe qual seria a saída. Acho que muitos dos que foram nos últimos atos em 2013 compõe essa massa.

Eu tendo a dividir o campo mobilizado em três. A divisão é simplificadora, mas acho que merece ser explorada. Há o campo da "nova direita" que se mobiliza contra a corrupção (e com razão) e, como já conversamos, é puxada por uma mistura de dinâmica de redes sociais e a legitimidade dos meios de comunicação. Há o campo da "velha esquerda" que só tem reagido a nova direita com medo de perder ainda mais direitos conquistados no ciclo do lulismo. Por fim, há a "nova esquerda" que despreza a disputa de poder político e que está aprendendo a lutar por direitos. A dinâmica das mobilizações parece ser de alternância: ora a "nova esquerda" toma as ruas, ora meio que ao mesmo tempo a "velha esquerda" e a "nova direita". Ou seja, a polarização de certa forma abafa esse terceiro campo. Então respondendo mais diretamente, acho que a nova esquerda (que acredito ter sido quem mobilizou em 2013) fica acuada nesses momentos.

Tenho observado três tipos comportamentos dentro do campo da "nova esquerda" nesses momentos de polarização: há aqueles que se omitem e esperam a poeira baixar (esse acramento que descrevi); há aqueles em alguma medida se veem obrigadas a se posicionar em um dos polos (principalmente mais velhos que viveram e temem os tempos pré-PT); e finalmente há aqueles se veem forçados a se posicionar contra o jogo político. Os secundaristas, por exemplo, que não estavam se posicionando em relação a isso, consistentemente tem sido forçados a dizer que essa briga é de poderosos e que ela não lhes diz respeito. Um autonomismo mais radical do que eles estavam mostrando no começo da luta.

Enfim, muitas dessas coisas são hipóteses, mas tenho lido o mundo desse jeito ultimamente.”

## **8 de abril – Arrastão dos Blocos**

Hoje fui ao centro de São Paulo procurando pelo 1º Arrastão dos Blocos de São Paulo pela Democracia, e também por um debate sobre a situação política na FESP em Santa Cecília.

Desci de um ônibus no Largo da Pólvora e caminhei até a Praça da Sé. No caminho vi o Boulos do MTST conversando com um grupo na calçada. Eram 17hs e busquei a Praça Ramos. Passei pela Praça do Patriarca e chequei a ocupação do MTST. Estava lá, e ela cresceu muito, espalhando-se na forma de umas 170 barracas dispostas em toda a calçada esquerda do Viaduto do Chá. A paz reinava sem discursos ao microfone, e apenas uma viatura da GCM vigiava o local. A prefeitura não estava isolada e permanecia aberta.

Achei que teria sido legal se o Arrastão começasse entre os sem-teto. Deixei o local e fui à Praça Ramos em frente ao Teatro Municipal. Não havia nada lá ainda, só um ‘performer’ popular apresentando a clássica mão decepada que se mexe sozinha. Quase ao lado uma estátua humana prateada atraía a curiosidade dos passantes. Os músicos bolivianos que se viam muito pela cidade parecem ter deixado as calçadas, mas as estátuas vivas permanecem no centro mesmo após tantos anos.

Dei um giro pela cidade e voltei às 18h. Agora sim tinha gente. Um animado grupo de pessoas cantava ao redor de um carrinho de som. Ainda estava claro, e umas 70 pessoas se aglomeravam à volta dos instrumentos. Achei a idéia de juntar blocos na rua muito boa, claramente se fazia um agito muito mais acolhedor do que um carro de som sindicalista ou militante institucional. Curiosos e passantes vinham ver o que se passava.

O desfile principal será no sábado que vem, a partir da Praça do ciclista na Paulista e irá ao Largo da Batata. Por ora, um esquentar ao som da marchinha de carnaval composta para a ocasião.

“Tire seu ódio e vista sua fantasia”

Como é costume com marchinhas de carnaval ouvidas na rua, a gente demora um pouco a entender a letra. Era boa:

“Justiça mercenária, congresso obscuro, eles acham que são machos mas nós temos grelo duro”

Foi enchendo e encontrei E, com quem conversei, e ele me contou que Lula está falando no Anhembi em um encontro cujo tema é a educação. Pensei em ir, mas o acesso é ruim e é pouco provável que ele fale algo de novo. Li depois na internet que foi fala combativa etc. Há muitas atividades acontecendo em todos os cantos, o que é bom: isso multiplica as vozes e as falas. Aí chegou G, dos tempos do CMI e de 2013. Conversamos sobre a próxima esquerda e além. Falamos do delicado posicionamento de quem não é a favor de Dilma mas que vê a democracia em perigo.

Chegou a hora de ir e eu e E deixamos a Praça para trás. Às nossas costas, a marchinha continuava:

Arrastão dos blocos  
Nem um passo atrás  
Folia da democracia  
Golpe nunca mais

Quando o bloco vai pra rua  
A massa loka gruda atrás  
Não tem coxinha, pato, nem filé mignon  
Tem bandeiras coloridas, nheco nheco no baphon

Tira seu ódio, vem vestir a fantasia  
Desce do Moro, rala o Cunha até o chão  
Justiça mercenária, Congresso obscuro  
Se eles se acham macho, nosso grelo é duro

Caminhamos para a FESP, atravessando a Praça da República. Escurecia quando chegamos à rua General Carneiro. Subimos.

A conversa foi boa. J falou de política e justiça. Começou com a pergunta “quem governa hoje é o judiciário?” Ela acha que sim, via o direito penal, o dificulta a formação de saídas políticas. O DP é conservador e individualiza condutas, e por isso perigoso para resolver assuntos políticos como se fossem problemas de ações



individuais. O conflito hoje é um problema de financiamento de campanha, mas o combate à corrupção do modo como está sendo feito contempla apenas as condutas individuais. DP só vai tirar alguns jogadores do jogo mas não mudá-lo, não serve para isso. Está havendo um uso político do punitivismo penal, que agora passou à esfera política. O noticiário político e policial hoje se confundem. Lava Jato é como o combate ao PCC: é levado de maneira arbitrária e não resolve o conflito ou reforma o sistema. Propostas: reforma política, controle social das empresas (inclusive as de mídia), expansão do estado de direito, controle social dos atos de governo.

FS: focou na atual colonização dos discursos políticos pelo discurso especialista. O sistema judiciário foi dos três poderes aquele que menos conseguiu dialogar com os avanços democráticos de 1988. Há um embate da democratização do Judiciário em andamento, e sua reforma difícil. A imprensa tem a mesma dificuldade: não-monopólio e democratização. A Lei dos Meios seria simplesmente o cumprimento da Constituição. A crise de hoje é uma crise do ciclo de 1988, condensado na Carta de 88. Uma frase de Sarney em 1988 ou 89: “a Constituição federal não cabe no orçamento”, hoje é ressuscitada para descrever a argumentação de forças conservadoras que querem regredir politicamente e restaurar uma situação pré-1988 ou mesmo pré-getulista (em termos da proteção do trabalho).

J trouxe as mobilizações de 2013 como um início de novo ciclo político que apresentou dados inéditos à política. O humor da população mudou desde 2013 e os anseios mobilizados foram tanto para a esquerda quanto para a direita. Ficou claro também que o Brasil tinha mudado e estava a expressar novos anseios. A política desde então, e muito agora, foi para a rua, há uma politização geral da sociedade. A velha esquerda não conseguiu dialogar com as novas vozes de 2013, apesar de algum aceno de Dilma, por exemplo. Mas em setores do PT existe ainda uma compreensão que foi 2013 o culpado das dificuldades do governo. Importante hoje é a ampliação da criatividade política e dialogar com as outras esquerdas. As mobilizações anti-golpe são muito importantes e já impediram o que acharam que ia ser um golpe fácil.

HP trouxe uma perspectiva da ciber-política. Nesse momento estão em discussão no congresso leis que regulamentarão o uso da internet no Brasil. Depois das conquistas do Marco Civil da Internet, as propostas em discussão são um enorme retrocesso em termos de privacidade e proteção de direitos. Ele também desenhava um cenário que envolve o uso de Facebook, os grampos e a prisão preventiva, articulando estes três elementos sugerindo que eles estão a formar um campo vigiado de subjetividade. Muito interessante essa articulação, e um pouco assustadora. Trata-se de um estado de

vigilância, uma cultura autoritária, onde todos vigiamos todos, e onde somos suspeitos por definição.

Depois tomamos uma cerveja e fui para casa.

## **9 de abril – Pesquisas e análise de fluxo nas redes**

Fui à FESP de manhã para uma conversa sobre os resultados da pesquisa de opinião desenvolvida pela equipe com PO, MM e ES durante as manifestações dos dias 18 e 31 de março. Eles têm tentado entender melhor a composição dos dois blocos opositores, pois estes não correspondem aos discursos dominantes.

Desci a Consolação a partir da Paulista. Nessa esquina vi uns cartazes contra a pobreza, mas não percebi ninguém por perto. Peguei o ônibus e descii na altura da Maria Antonia. Lá vi uns meninos de cartaz na mão e cara pintada. Achei meio estranho e fui ver o que era. Eles eram de uma ONG de combate à pobreza, que tinha copiado o estilo das manifestações para sua campanha de divulgação. Conversei um pouco e aprendi que a ONG chamava-se Teto.

Desci até a FESP e busquei o oitavo andar. A conversa focou nos resultados da pesquisa concluída recentemente. No correr da conversa compararam-se os dados obtidos com a pesquisa da Datafolha. O El País publicou os resultados do grupo faz poucos dias. Não fiz um resumo completo, mas anotei algumas questões interessantes.

As novas gerações não estão participando muito das manifestações, e a polarização extrema que vemos está localizada em camadas mais velhas, contemporâneas da fundação do PT. Os jovens que saíram às ruas em 2013 não estão saindo de forma significativa hoje. Para mim, a maior revelação é a composição do campo coxinha. A interpretação da pesquisa formula que esse campo não é de direita, mas sim despolitizado e liderado pela direita. A equipe tenta identificar esta posição intuída a partir das posições a favor de serviços públicos universais e gratuitos declaradas no campo coxinha, a despeito do discurso direitizante das lideranças.

Da mesma forma, as mobilizações pró e anti golpe não são populares, desde 2013 as camadas populares não saem à rua. A diversidade étnica e de renda é maior no campo legalista, mas não parece ser dramática (teria sido mais significativa na marcha do MTST). Esse campo está com dificuldade em capilarizar à sociedade como um todo. A

nova pesquisa da Folha, que vi no domingo, parece indicar que aos poucos a mensagem está sendo recebida (diminuiu o apoio ao impeachment).

Apesar de o reconhecimento da crise do sistema representativo parecer ser geral, o campo anti-impeachment busca a radicalização das formas de participação democráticas, enquanto que o campo pró-impeachment busca uma força de fora do sistema para reformá-lo. A 'esquerda' parece confiar muito mais em seus partidos e líderes.

Um item muito interessante foi a aderência dos boatos nos dois campos. Parece que acreditar em boato não é privilégio de um ou outro campo. E a crença em boatos aumenta com a idade.

Outra coisa interessante é que o Facebook se constitui na fonte de informação principal (56%), seguido do Whatsup 21% e Twitter 11%. A grande imprensa conta pouco em si.

Ao final da conversa, M relatou que a última manifestação dos secundaristas foi à assembléia da APEOESP e causou lá dentro, sequestrando o microfone e dominando as falas...

Sáímos e fomos almoçar perto. Peguei o metrô e fui para casa.

Teve aula pública na Praça Roosevelt, não pude ir.

## **10 de abril – Imaginando a próxima esquerda na Batata**

Fui ao Largo da Batata para checar a ocupação lá e o show do povo da cultura. Diversos produtores e artistas decidiram tomar a praça 24hs até o sábado que vem: #ocupeademocracia. Cheguei às 18hs, a coisa estava esquentando. O clima era de passeio, muitas famílias e crianças.

A recente reforma do Largo é uma fraude e fez muito mal ao espaço, mas um movimento muito interessante de usuários locais assumiu a praça e ocupou o local. Fizeram mobiliário de convivência e de descanso, além de desenvolver inúmeras atividades. Lembro que fui com Rh visitar essa praça numa sexta-feira do ano passado. Estava tendo um casamento, com cerimônia, anéis e doces. Tudo no meio da praça, malucão. Este era o cenário local hoje, com música ao vivo e convívio.

Encontrei HP, J, A e vários outros amigos. Das conversas em geral deparei um pouco da atmosfera política à minha volta.

Por um lado, vejo no campo anti-golpe certa confiança e alívio no fato de que as manifestações pró-legalidade têm se multiplicado e pouco a pouco a idéia de que impeachment sem crime é golpe se espalha. A sensação de isolamento e de vulnerabilidade retrocedeu. Parece que esse campo conseguiu barrar o pior do trator golpista e se colocar como força inesmagável. Nenhuma solução política pode ignorar o campo unido da esquerda. Isso não era claro antes e agora está posto à sociedade. Mas ninguém sabe o que vai acontecer no Congresso, a mais fosca das caixas pretas. Apesar de buscar muito contagens e previsões, não acredito em nenhuma. Mas tenho achado muito significativo que o campo pró-impeachment esteja dividido. A Veja admitiu que o impedimento não vai passar, a Folha passou a apoiar as eleições gerais como solução, não vejo um consenso acachapante pró-impeachment. O MBL está indo às casas dos deputados cobrar posição, a Globo saiu para o tudo ou nada. Mas a opção das eleições gerais para presidente e parlamento ganhou correntia, o que pode indicar esvaziamento do processo de impeachment.

O que tem me interessado é a formação da próxima esquerda. Já que qualquer resultado na votação do impeachment é ruim, o que conta é a organização do futuro próximo. Em qualquer cenário a auto-defesa e protagonismo de resistência terá que ocorrer. Mas tem sido difícil agregar as forças governistas e as esquerdas outras. A urgência da defesa de Dilma e a colocação de Lula como líder incontestado do campo esquerdista acabam por alienar outras formas de esquerda, que esperam renovação das práticas e discursos tradicionais já. Apesar do respeito à capacidade de mobilização das centrais sindicais e movimentos sociais governistas, a sensação de que estas são estruturas viciadas que precisam ser modificadas é muito grande. Para quem viveu 2013 e outros tipos de mobilização contemporânea, é chato ter que se reduzir à condição de massa para decisões tomadas por lideranças nos gabinetes. A experiência de democracia radical e participativa, basista, é muito real para novas gerações de ativistas. Os seus sucessos foram conquistados à revelia da esquerda institucional, em contato direto com o movimento social.

Os atos governistas têm sido diferentes. Verticalizados, material visual padrão, militância disciplinada reduzida a máquina de aplauso. Tenho tentado acompanhar

iniciativas de ampliação do espectro da esquerda, de diálogo entre as forças progressistas. Mas a ânsia petista tem dominado os encontros, e quem não é governista não se sente muito incluído, por vezes vai aos atos meio por obrigação. Ainda que recentemente haja uma multiplicidade maior de vozes, como neste ato da Batata, a superação de formas tradicionais de esquerda parece que vai ter que esperar.

Apesar de me contar entre os ansiosos anti-golpe, tenho tentado escutar com muito respeito e interesse os chamados “isentos” ou “acima dos muros”. As críticas advindas desse campo perfazem o futuro próximo da esquerda, e alguma hora o PT vai ter que fazer a auto-crítica necessária e esse campo só vai se reconfigurar quando o partido abandonar o discurso da governabilidade. Tento conter o grito desesperado “eu sei que as críticas são importantes, mas não agora!”. Tento também evitar invocar a “marcha da história” para impor a toda a esquerda uma escolha incômoda.

Mas não posso deixar de notar que há uma situação muito curiosa que decorre da posição dita isenta. Esse campo frequentemente se refugia na declaração de princípios formulada como posição individual. De alguma forma a objeção individual prevalece sobre uma posição, sei lá, sistêmica ou política entendida de maneira mais ampla. Me chama a atenção que ouço sempre “*eu não me sinto representado no FlaxFlu*”, e nunca “a força social x não se sente representada no FlaxFlu”.

Dito em outras palavras, se os diagnósticos do ‘terceiro campo’ são tão bons, se os isentos são de fato o futuro da esquerda, se realmente estamos a falar de uma superação dos modos antigos em favor de novos, como é que essa terceira via ‘acima dos muros’ não está bombando? Por que é tão difícil a estes se colocar como alternativa? Por quê é que as forças ditas renovadoras da esquerda estão em retirada, esperando que o momento histórico se resolva por si só enquanto assistem tudo de casa pela internet? Se estamos em plena derrocada do sistema representativo, das estruturas piramidais, da política laborista, porque é que as alternativas libertárias, autônomas, negristas e deleuzianas não estão crescendo em termos de movimento social e, ao contrário, se recolhem no confinamento de dilemas individuais? Por quê elas se isolam dizendo que não lhes toca a presente configuração histórica?

Em outras palavras ainda. Fui ao debate de lançamento do livro de Vladimir Safatle, no SESC em 2015. Grosso modo, o autor busca um diálogo entre a Teoria Crítica



marxista e a filosofia contemporânea francesa para fins de ação política. Um dos tópicos em discussão era a necessidade da reformulação e superação da noção de indivíduo liberal, por demais preso à idéia da propriedade e presente sem a devida crítica no marxismo. Presente na mesa estava Jorge de Almeida, pensador adorniano. Depois de uma defesa de um novo indivíduo, distribuído e aberto ao mundo exterior, feita por Safatle, Jorge apresentou a seguinte crítica, que formulei assim: “Vladimir, seu livro está eivado de expressões como ‘precisamos encontrar, ‘urge agir’, ‘é necessário renovar’ etc. Mas, eu pergunto, quem é esse sujeito? Quem é esse ‘nós’? Esse não é o novo indivíduo do qual você fala!” Acho que estamos em uma crise do sujeito na política, e isso está expresso no dilema daqueles que dizem estar ‘acima dos muros’.

Enfim, este e outros foram os teores das conversas que tive no Largo. Chico César se apresentou no palco, e me contaram que ele foi gestor de cultura na prefeitura acho que em João Pessoa. Nem sou super fã de sua música, mas respeito sua trajetória e militância. Ele tocava um reggae muito embalante, a famosa canção Mama África. Para minha grata surpresa, ele emendou “Brilho de Beleza”:

“O negro segura a cabeça com a mão e chora, e chora, sentindo a falta do rei”

Me fez recordar dos anos 90 e uma fita cassete onde eu tinha gravado uma versão dessa música. Ouvi muito essa canção, cabeça encostada ao travesseiro de um quarto alugado em algum imóvel da Zona 3, longe de casa e choroso pela língua portuguesa.

“Quando Bob Marley morreu foi um chororô na Vila Rosental. Bob Marley pra sempre estará, no coração de toda a raça negra”

Só que aí ele emendou em cima desta “Para não dizer que não falei de flores”, sem perder o embalo, na mesma pegada reggae. Essa canção é de uma geração imediatamente acima da minha, e também ganhou detestável versão coxinha. Por um tempo eu a achava meio brega e superada, mas hoje em dia, na atual atmosfera política, voltei a gostar dela, especialmente no ritmo reggae imprimido por Chico César. Ressoou pela praça, as pessoas cantando e pensei que as lutas nunca acabam.

Saí do Largo e tomei o metrô para casa.

## 12 de abril – Ocupações pela cidade

O zunzum do noticiário é o áudio ‘vazado’ de Temer, seu discurso de posse pós-impeachment. O PP declara que não votará com o governo. Teve um ato bonito no Rio de Janeiro com os artistas. Fora isso e a prisão do ex-senador Gim Argello, certa calma reina.

Fui à Praça do Patriarca checar a ocupação. Ela aumentou muito, toma agora todo o viaduto do Chá, que está fechado. O sindicato dos bancários tem várias tendas lá, e quando cheguei às 18h passavam um filme. Umas 200 pessoas assistiam. Vi uma programação de curtas brasileiros que estão exibindo. Um sem-teto disse que há várias atividades marcadas e que diferentes grupos vêm desenvolver trabalho no local: artistas, trabalhadores da saúde, sindicatos e movimentos sortidos. Hoje o Padilha, secretário da Saúde, iria marcar presença lá. Disse que a ocupação vai ficar lá até o dia 16. Perguntei se ficariam para a votação do impeachment e disseram que não, o Anhangabaú seria o local da concentração. A presença policial é bem discreta, só a GCM.

Encontrei E e trocamos informações acerca do calendário ativista. Tem muitas atividades diferentes acontecendo em muitos lugares. É bom ver que o pessoal tomando as ruas e fazendo conversas. Há quem reclame que as atividades são muito de agitação e propaganda. O ideal seria algo como a abertura de fóruns, de focos de irradiação de inscrições e menos palco/assistência. Enfim.

Decidimos ir até o Largo da Batata checar a ocupação dos artistas e produtores culturais. Caminhamos até a República e tomamos o metrô. Me peguei de novo fazendo despedidas à cidade. Sei que é meio derrotista, mas às vezes me assalta a síndrome da última vez: a última vez em que ouço Lula na praça, a última vez que ando numa ocupação do centro, a última vez que caminho sem medo pela Barão de Itapetininga à noite, a última vez que ouço NVTG! Nesse fim de ciclo, nesse esgotamento do impulso de 1988, fico recordando a vez que ouvi L C Prestes discursar no palanque, já velhinho, sua última aparição pública, e também Leonel Brizola na Cinelândia em 1989, sua vibrante retórica de inflexão meio à antiga.

É comum cobrar do PT a falta de uma reforma política e dizer que isso veio a colocá-lo na situação em que se encontra hoje. Isso é verdade, mas também é verdade que esse

problema surgiu no momento da convocação da assembleia constituinte em 1988. Os movimentos populares e democratas exigiam a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, exclusiva para a redação da carta – depois ela se dissolveria e eleições para o Congresso seriam realizadas. Ora, a transição conservadora produziu o Congresso Constituinte, isto é, os deputados eleitos é que escreveram a Carta e depois passaram a legislar. Legislando em causa própria, eles não inscreveram as reformas necessárias, situação que nos assombra hoje. Lembro que o PT não quis de início assinar a Constituição, por causa disso e por causa da frase “sob a proteção de deus”.

O Largo já estava meio cheio e o palco ativo. Ao todo umas 550 pessoas. A noite era quente e agradável. Achemos o lugar da conversa da noite e esperamos seu início. O clima em geral bem ameno, mas era notável que a maioria das pessoas era de classe média.

O formato era de aula pública e participavam Hugo, um jurista, Paulo Arantes, Cibele do teatro e Laís do cinema. As condições sonoras eram meio precárias, já que o som do palco principal vazava para dentro.

Hugo discorreu sobre as minorias e seu lugar na política democrática: as minorias garantem a democracia, e não as majorias.

Já Paulo Arantes trouxe uma nota pessimista, que lhe é peculiar. Afirmou que golpe é uma palavra otimista, progressista até e que não descreve a situação atual. Relatou como o golpe de 1964 surpreendeu a todos, que achavam que ia ser uma quartelada apenas. Mas que depois instalou a tortura e morte como política de estado. Mas tratava-se de um estado com projeto desenvolvimentista, violentamente imposto, que visava extirpar a possibilidade da alternativa então disponível – o comunismo. Disse que o golpe de 1964 foi um sucesso, já que continua até hoje e ainda não temos alternativa ao capitalismo. Temos tido recalls periódicos, lembretes de que certa linha não pode ser cruzada, e que 1989 foi um tal lembrete e um golpe. Lula foi então domesticado, e hoje estamos recebendo mais uma vez o mesmo recado.

Mas hoje não há alternativa substancial, há muito pouco a defender. Sabemos no fundo que tudo pode acabar num arranjo, o que seria pior que apanhar e ir para a cadeia. A crise que hoje temos é uma crise de abstinência da burguesia política, isso é insuportável para eles, o revezamento que esperavam não aconteceu, ela quer sua

parte no consórcio de negócios. Estamos defendendo as empreiteiras montadas na ditadura.

Estamos em plena segunda guerra fria que divide o mundo: de um lado o capitalismo de estado (de laços) e do outro o capitalismo de mercado. O assalariamento acabou, somos todos precarizados. Há algo degradado que não reconhecemos, que está de volta: a luta de classes, que se apresenta degradada, hoje é um salve-se quem puder, dentro de um país fraturado.

Há várias guerras em curso, entre elas a chamada guerra contra as drogas, que é seletiva e serve para aumentar a população carcerária. Análoga a essa guerra internacional tem outra igualmente global, a guerra contra a corrupção, também seletiva. A lei nunca é simétrica ou universal, ela é seletiva, a máquina punitiva seletiva está em pleno vapor.

Lais, a cineasta, lembrou da campanha de 1989. Ela passou otimismo e certa superficialidade, mencionando a internet e a multiplicação de vozes. Acredita em pequenos movimentos de expressão e na necessidade de aumentá-los.

Cibele foi mais angustiada. Disse que há várias manipulações em curso e que o golpe nunca foi embora, ele continuou em nós e nos símbolos. Estamos e continuaremos na luta.

O jornalista Trajano lembrou que o golpe de 64 aconteceu em 61, mas foi impedido através do rádio, com Brizola, Julião e Arraes. Disse que Brizola instalou no palácio do governo em Porto Alegre as metralhadoras no telhado e a rádio no porão. Trajano chamou a concentração no Anhangabaú. Lembrou a clássica frase de Brizola: “digas o não rotundo que tu guardas no peito”.

Outras falas lembraram o cenário internacional, a necessidade da luta simbólica e da disputa da narrativa.

Cibele então se levantou para ler um poema de Brecht. Nessa hora, algum sistema de som ao lado de nossa barraca soltou a velha canção Serra da Boa Esperança, na voz de Francisco Alves. A justaposição foi incrível, melhor que Zé Celso.

“Serra da Boa Esperança, esperança que encerra/ No coração do Brasil um punhado de terra

No coração de quem vai, no coração de quem vem/ Serra da Boa Esperança meu último bem...”

Tomei o metrô e fui para casa.

### **13 de abril – De novo na Batata**

Vim do centro da cidade pela estação República até a ocupação do Largo da Batata. Saí no metrô ao som de “Mas que nada”, cantado por João Gilberto. A noite está quente de novo (não chove há semanas) e tem bastante gente. Muitos jovens, a mesma composição de ontem: maioria de classe média com alguns militantes do MTST e vários corintianos da Democracia Corintiana, muitos deles meninos e meninas.

Achei o E que comprava uns *buttons*: Brecht, Passe Livre e Lênin (“agora eu sou anarco-leninista”, brincou). Juntos aguardamos o debate que ia rolar mais tarde.

Soube hoje que a Gaviões da Fiel vai ocupar o Anhangabaú no sábado, e os funkeiros do Furacão 2000 um local x do Rio de Janeiro. A idéia é mobilizar o setor que está até agora ausente: o povão. Se der boa concentração, acirra-se o discurso da luta de classes e favorecemos a luta atual.

Tenho tido contato com quem é pessimista e teme conflagração séria no domingo. Um governo Temer será ilegítimo de saída e terá que se impor pela defesa da ordem, com guinada à direita.

Mas agorinha o clima é de liberdade e de expressão livre. Não há polícia e fala-se abertamente de resistência ao arbítrio. Camisetas e bandeiras vermelhas circulam livremente , um moço vende gravuras no cordel, muitos fumantes conversam tranquilos e o ambiente é de balada. Vejo incontáveis bermudas e bonés, vestidos curtos estampados, estou cercado do erotismo indomável da juventude no espaço público.

Estou sentado no banco de madeira e sinto-me no último verão do amor da era democrática, na última brisa benfazeja do consenso de 1988. Estou em paz, cercado de corpos amigos, mas também pessimista.



Olhei para cima e vi a curiosa cruz azul fosforescente da igreja de Pinheiros que domina o céu escuro, apesar de pequena. Lamentei internamente a destruição da experiência da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base pelos papados conservadores de João Paulo II e do nazista Ratzinger, o papa Bento. Essa política de erradicação da Igreja progressista na América Latina nos anos 90 resultou no domínio dos tele-evangélicos, espero que o Vaticano seja destruído e incendiado por hordas protestantes teleguiadas. O Cunha é resultado do reacionarismo do papa Wojtila, do “papa que ri”, do canalha João Paulo II (o João Paulo I era radical distributivista e ia confrontar a burocracia financeira do Vaticano, mas foi envenenado por causa disso). A bancada evangélica é resultado do conservadorismo do Vaticano e mesmo o ridículo Padre Marcelo não conseguiu reverter, pela direita e pela ginástica aeróbica, os estragos provocados pela derrocada da opção pelos pobres da igreja latino-americana. A tradição de padres radicais no Brasil é longa, a começar pelo Frei Caneca. O baixo clero da igreja foi um criadouro de idéias e práticas radicais para a política progressista nacional.

Achei essa ocupação do Largo da Batata muito boa, tem sido super importante estar na rua e juntos, não ficar em casa olhando a internet. Tem sido legal ver a variedade de leituras da situação, a variedade de posições de esquerda. Mas não pude deixar de notar diferença de ser jovem em 1984, quando ingressei na universidade e hoje. Encontrei o grande mundo no ano das Diretas Já, que, apesar de derrotada, indicou um tipo de ocupação da cidade que eu só tinha lido a respeito na literatura fantástica. E as escolhas políticas eram mais claras, o establishment era violento e a invenção e liberdade estavam na oposição democrata radical. Mas a luta que vem aí vai exigir muito mais dos jovens de hoje.

Admiro os jovens hodiernos, pois eles têm que lidar com uma situação mais delicada, onde a defesa da ordem é a defesa da invenção. Procuro não contaminar os jovens com minha nostalgia regressiva, e tento a todo custo vencer a tentação de encerrar minha luta aqui, de passar o bastão e me recolher à vidinha burguesa para criar pequenos indivíduos herdeiros de meu patrimônio. Mas que o próximo ciclo de lutas vai ser longo, isso vai. Só espero ter a humildade de reconhecer nas novas lutas algum tipo de posicionamento que eu possa chamar de esquerda.

Finalmente começou o debate. Presentes na mesa Anelise Assunção, Juca Kfourri, Letícia Sabatella, Sakamoto e Boulos. Esse evento foi organizado pelo Povo sem Medo, que é de resistência e que tenta levar o governo à esquerda. Umhas 2500 pessoas ocupavam o largo agora.

Sakamoto: logo de cara ele disse que há duas coisas indefensáveis no Brasil hoje: o governo Dilma e o impeachment. Sua sinceridade caiu bem. Disse também que quando o movimento social promete resistência, vira caso de polícia. Mas quando a FIESP se manifesta, apenas um dos lados é criminalizado. Fez aguda crítica ao PT no governo.

Anelis Assumpção, compositora e filha de Itamar Assumpção: ela relata as conversas que faz entre os artistas, e falou do pai, que estaria resistindo, poeticamente. Essas semanas passadas são muito importantes, diz ela, e falou que estamos anestesiados, sua geração está paralisada, mais que a de sua filha de 14, que se envolve mais. Afirma que é preciso romper esse isolamento, buscar entender. Pede paciência e calma, baixar a ansiedade e chorar quando necessário.

Juca Kfourri: descreveu-se como jornalista corintiano democrata, de uma geração que lutou pela democracia contra ditadura. O golpe de hoje é mais sutil do que em 64, liderado pelo bandido Cunha, enquanto Dilma não figura em nenhuma lista de corrupção. “Fora Cunha”, grita a multidão. Não estamos defendendo um governo, diz ele, mas a democracia e o estado de direito. No domingo, se perdermos, não podemos permitir que Temer governe. NVTG! Achei que houve certa admissão de derrota na votação do domingo. Chamou a refundação do pensamento de esquerda no Brasil: sem compromisso que fira princípio. Dirceu está preso, mas o Jeferson não está, isso foi resultado de ferir princípios em nome da governabilidade.

“Fora Cunha!” chamou a multidão.

Letícia Sabatella: falou do ódio e revolta cegos. Anotou o preço do desenvolvimento a todo custo. Falou em tentar o desarme desse esquema do bode expiatório. A calúnia impera, e ter agenda para desenvolvimento sustentável.

“O povo não é bobo, abaixo a rede Globo!”

Boulos: diversidade na resistência está aqui. Temos o desafio de barrar o golpe até domingo. O que está em jogo não é a substituição de governo. Cita o Temer do 1% e

que ele não vai governar. Tem o que vem junto com o golpe, que é a perda de direitos sociais e perda do ambiente democrático: vide os atuais ataques e agressões. Os governos de PT não são de esquerda, mas o antipetismo é de direita e está ativo. Mas o governo é indefensável. Segundo desafio: se esgotou a vida do pacto conservador, a conciliação está falida, falamos de um sistema político capturado, do machismo e da matança nas periferias, no movimento contra a diversidade sexual. Luta por uma nova saída, que jogue a conta no andar de cima, pela taxaço de fortunas, pelo aprofundamento da democracia. Depois de domingo as praças precisam estar cheias. A polarização do Brasil não nasceu hoje; a violência não é de hoje. E a política voltou às ruas, não permitir que ela volte aos gabinetes. Chamou para o Anhangabaú no domingo.

NVTG! NVTG!

Enfim, esta foi mais uma atividade de resistência. Confesso que eu já penso no médio e longo prazos, acho que a luta até domingo está perdida. Encontrei R que trabalha com pesquisa e sondagens, com íntimo relacionamento com a alta hierarquia do PT. Ela presente a derrota do campo legalista. Creio estarmos no cenário pós-derrubada. Não vou espalhar, mas estamos agora em plena reorganização da esquerda pós-PT. Será preciso analisar com amor e desprendimento o legado do partido dos trabalhadores.

As ditas novas esquerdas precisam se transfigurar em alternativas de poder e as análises novas do capitalismo precisam vir à baila nos debates. Não bastará fustigar as escolhas passadas do PT, será necessário formular de verdade junto com as instâncias que clamamos estar fora do radar institucional.

A tarefa é ENORME.

Tomei o metrô fui para casa

*[A votação do impeachment se aproxima e a tensão explode. O cerco discursivo e político é total. O Ministério Público, STF, PIG, Polícia Federal e Congresso manobrando abetamente contra Dilma, Lula e o PT. A convergência para o impeachment dá muita força, e tanto a rua como as instituições rebeladas injetam inércia fortíssima às movimentações conspiratórias de rua e de gabinete. A fragilidade da esquerda é extrema e o evento da votação é aguardado com muita*

*ansiedade. Não estava claro ainda qual é a realidade da contagem de votos pró e contra.]*

De C:

“A mensagem abaixo é tétrica, mas é o que consegue sair de mim agora.

Não recomendo ir às ruas. É uma batalha perdida. Tão mais perdida, se Dilmam se mantiver no cargo, o que, hoje, quarta-feira, 13 de abril, já sai do campo das probabilidades e vai para esse beco úmido e escuro que é o campo das possibilidades.

Teremos dias dolorosos e anos tristes pela frente. A direita venceu. Antes fossem meros conservadores, neoliberais cheios de planilhas, mas não: é uma direita raivosa, vingativa, bárbara, sem projeto, sem visão de Estado, sem visão de País, apenas uma multidão inundada de ódio contra um ente abstrato, que é o PT.

Nasci no dia da posse de Castelo Branco. Farei 52 anos a dois dias do horror. A estrela vermelha amareleceu.

Shabbat shalom.”

E ainda:

“Haverá mortes neste domingo, independente de resultado. Acho que segunda-feira será feriado bancário. O povo começa a falar em Estado de Defesa – bola cantada faz tempo aqui na lista e no blog.

.  
Estou dormindo à base de remédio. Este País pode explodir semana que vem. Imaginem isto: Dilma fica. Convulsão social em São Paulo, PM não dá conta. Dilma decreta Estado de Defesa. Alckmin não aceita. Comando Militar não aceita ou impõe-se. No plano geral, seria o PT intervindo no PSDB. A partir daí é guerra civil ou golpe à vera.”

## **15 de abril – Gaviões no Anhangabaú**

Hoje fui ao Anhangabaú para ver o protesto da Gaviões da Fiel. Há várias atividades hoje de noite, debate na Batata e na FESP também. Parece haver bastante atividade no campo anti-golpe em geral: muitas chamadas e encontros. No Rio tem Funkeiros contra o Golpe (Furacão 2000) em Copacabana, onde também se realiza o “Mortandelaço Democrático”, no mesmo dia. Amanhã tem o Arrastão dos Blocos aqui em São Paulo. Continuam as ocupações do MTST e dos artistas na Batata.

Mas o acirramento dos discursos está em pleno enchimento, e promessas de radicalização multiplicam-se por todos os lados. Há muito de blefe, pois nem todas as forças estão com essa bola toda. A esquerda tem um nível de organização e coesão importantes, mas ela não está em seu momento mais forte. Vai demorar um pouco para se fortalecer. Tanto um governo Dilma quanto uma administração Temer sofrerão oposição forte e potencialmente desestabilizadoras. Há quem tema já no domingo uma conflagração inaugural dessa tensão. A Globo e o PIG está mobilizando forte para o domingo, e o campo anti-golpe também. É tudo ou nada.

De qualquer forma, reina a boataria a mais vertiginosa de todos os tempos. Não houve fato novo notável desde ontem, e todo mundo fica divulgando placares discordantes, notícias requentadas e opiniões tendenciosas. Tudo isso estafa muito, não dá para ter certeza de nada. Até quero acreditar em recente virada pró-esquerda, mas pode ser tudo balão.

Mas já decidi que quero estar no Anhangabaú durante a votação. Vou checar a Paulista antes, e se tivesse certeza da derrota do impeachment, ficaria entre os verdeamarelos, por curiosidade de saber o que fariam se perdessem – ocupariam a FIESP? Mas com o placar apertado não quero arriscar estar entre coxinhas em caso de vitória do impeachment.

Mas tem dado certa estafa, a repetição das pautas em voz alta é o que tem prevalecido. Por vezes dá a sensação de estar vendo as mesmas pessoas sempre num presente perpétuo escabroso. A tensão em São Paulo está insuportável.



Encontrei D na estação Liberdade e caminhamos até o Anhangabaú. Chegamos pela Líbero Badaró e descemos uma escadaria que dá acesso ao Vale.

“Não roubei merenda, não sou deputado, trabalho todo dia...”

A festa estava boa, muitas bandeiras e fogos de artifício. Parece que as torcidas organizadas sabem coreografar eventos desse tipo, distribuindo os adereços e corpos no espaço para máxima eficácia visual. Muito batuque e palavras de ordem, fogos de artifício em grande número. Faixas contra Globo, Alckmin e Capez. Calculei umas 5 mil pessoas no total.

No carro de som, algumas falas interessantes. Todas muito rápidas – e o som era ruim, não dava para entender muito. Mas “falência do Estado” e “somos contra o futebol moderno” se destacaram em meus ouvidos. Apesar da formulação política por vezes ser incipiente, a atitude desses e outros torcedores é admirável. Torcedores homens abraçarem a pauta da merenda, tradicionalmente uma tarefa imputada às mulheres, é uma novidade incrível no cenário político em geral. Furar o bloqueio midiático imposto aos estádios na forma de faixas explicitamente políticas também configura novidade importante num contexto que tradicionalmente é de alienação. Isto é, compreender como o sistema do futebol contemporâneo opera e se posicionar contra ele é em si um movimento sísmico que precisa ser abraçado.

Encontramos E, M e outros amigos do MPL. Achei muito bacana eles estarem lá. As pautas são complementares e a audiência a mesma. O Passe Livre decidiu falar no carro de som e foram colocados na fila de oradores. Esperei para vê-las, mas demorou e não fiquei. Mas ouvi um pouco da discussão sobre o que falar: a catraca do ônibus é a mesma catraca do estádio... bela formulação.

Sáimos para tomar uma cerveja no calor da noite. Os bares do Vale lotados, subimos para o Paissandú. D e eu falamos muito de novas formulações do capitalismo, novas análises que precisam informar a esquerda. Ele está na linha da crise do trabalho do pensador Kurz, tentando compreender como não é mais apenas o trabalho que define as pessoas na sociedade. Falamos também do momento atual e dos perigos do retrocesso.

Encontrei T e fomos para casa.

## **16 de abril – Arrastão dos Blocos**

Fui ao Arrastão dos Blocos contra o Golpe na Praça do Patriarca. Saí do metrô na Liberdade e caminhei cortando pela praça da Sé. O dia continuava quente e tinha passado a manhã na internet tentando separar o boato da notícia. O zunzum do momento é uma suposta debandada de deputados dados como pró-impeachment de Brasília. Temer, que tinha ido a São Paulo, voltou “às pressas”. Consta que um grupo de deputados, constrangidos com o apoio implícito a Cunha na defesa do impeachment, querem afirmar o voto “nem Dilma nem Temer”, ausentando-se no domingo, abrindo assim um rombo no campo golpista, que certa imprensa estima em 30 deputados. Lula chamou governadores para ajudar a influenciar as bancadas estaduais. Cunha estaria reconsiderando a votação amanhã devido a esse novo cenário desfavorável.

Da rua nada disso se vê, então segui caminhando pela praça. Neste exato momento havia muitos moradores de rua espalhados pela praça ao redor do Marco Zero, e achei que notei um certo nível de insanidade no ar. Diz-se que especialistas estão detectando uma notável elevação da ansiedade e depressão no país. Vários amigos e conhecidos estão transtornados com as incertezas do cenário político. Eu mesmo tenho tido mais pesadelos do que de costume. Neste momento achei que a concentração de pessoas encerradas em suas próprias histórias era grande na Sé, o relativo vazio da praça preenchido de gritos e vozes, uma energia estranha no ar. Um moço exigia do policial “prende aí, esse é do mensalão”; outro homem se jogou aos pés de um passante e simulou engraxar seus sapatos; outro ainda gritou “escoteiro nunca mente, não é mesmo?” justamente para um grupo de escoteiros que passava por lá. Bizarro. Segui.

Na praça do Patriarca, pouca coisa se via: um carro de som tocava um rap anti-golpe para umas 150 pessoas, incluindo transeuntes. Resolvi dar um giro e me demorar uma hora. Eram 16h e temi que o ato fosse um fracasso.

A cidade estava plena de atividade, com boa parte do comércio aberto, mas sem a multidão de trabalhadores da semana. A maior parte parecia usufruir da cidade como consumidor, turista ou envolvendo-se em alguma atividade cultural. Um grupo de break dance fazia evoluções rente à lateral do Teatro Municipal, um ônibus de dois andares levava turistas a passeio, enquanto a Galeria do Rock atraía e magnetizava

uma multidão de jovens. Do lado de fora, a Torcida Jovem do São Paulo descarregava sua bateria no calçadão. Um cinema pornô da Dom José de Barros trazia vários cartazes afixados à sua fachada, e em um deles se lia “filmes com histórias incríveis”, quase uma contradição em termos, tratando-se do pornô. Na esquina, à vista do Largo do Paissandu, uma vibrante aula de dança de salão, provavelmente de “soltinho”. Skatistas completavam a cena. Voltei pelo Viaduto do Chá e de longe ouvi a excelente marchinha composta pelos blocos emergindo da Patriarca: “arrastão dos blocos, nem um passo atrás! Folia da democracia, golpe nunca mais!”

Agora sim, tinha umas 1500 pessoas ao redor de um bom número de músicos e percussionistas. Muitos estandartes e vários bonecos, gente fantasiada e alegria. Reconheci a bateria do Ilú Obá, que é só de mulheres, e também a Batucada Popular Carlos Marighela. “Tira seu ódio, vem vestir a fantasia”. Fiquei muito feliz de encontrar essa energia que tanto destoa de outros encontros anti-golpe a que tenho ido, mesmo no Largo da Batata. Sem palco, de pé no chão, interagindo com a cidade, sem discurso retórico... deveria ser sempre assim, pensei. Esta é uma energia que convida e acolhe, que não agride o passante. E passa a mensagem mesmo assim, a mensagem da alegria e criação frente ao fechamento. Os sem-teto acampados se somaram aos corpos girando festivos, isso sim é aliança de classe para a luta! A canção tema foi pano de fundo incessante, e achei que trazia sim os pontos dogmáticos da luta, mas com alguma poesia: “sai do Moro e rala o Cunha até o chão”. Nada mal. O NVTG até figurou muito, mas não foi opressor como pode ser na voz do dirigente gritando ao microfone.

Além disso, o NVTG era seguido de “Vai ter o quê? Vai ter bacanal pelo fim do capital, sexo anal pelo fim do capital, sexo oral pelo fim do capital, sexo buctal pelo fim do capital, sexo lateral pelo fim do capital, assexual pelo fim do capital!”. Quero ver o dia em que a CUT assumir uma pauta de luta assim!

Encontrei o E, que está em todas as manifestações, veterano de todas as lutas e testemunha do início do PT. E também F, físico, que não via há muito tempo. Ele estava um pouco mais pessimista, “voltamos a ser minoria, como sempre fomos”. Uma nota sóbria na euforia do lugar. Acenei de longe para M do MPL. Despedimo-nos e fui ouvir o manifesto dos blocos, lido em jogral.

Em seguida saímos em passeata. Uma das faixas da frente lia “Temer de Cunha é rola”. O batuque era excepcional de bom, um *blend* de vários agrupamentos. Já umas duas mil pessoas desfilavam pelo Chá, com alguns metais e um clarinete. Vi um papa em uma saída de banho, vários homens de saia, e uma incrível ‘Janaína’ - um rapaz magro de cabelos longos e pano rosa que girava com energia acima de sua cabeça. Um topizinho com a bandeira do Brasil em gliter fechava o figurino.

“Quando o bloco vai pra rua  
A massa loka gruda atrás  
Não tem coxinha, pato, nem filé mignon  
Tem bandeiras coloridas, nheco-nheco no baphon”

O cortejo parou em frente ao Teatro Municipal e o povo subiu as escadarias e lá dançou. Mais uma vez foi lido o manifesto, que achei pouco petista e mais amplamente esquerdista:

“Nós, Blocos de carnaval, estamos sendo arrastados pela história, que nos traz às ruas neste carnavato...”

“...Por isso estamos aqui hoje sem ódio, em contradições, para carnavalizar, desmoralizar e escandalizar a família, a tradição e a propriedade.”

O amigo M já me havia alertado sobre o fenômeno dos blocos em São Paulo. Acabei não conferindo nenhum este ano, mas ele está convencido de que existe um tipo de ocupação de rua envolvido no bloco carnavalesco que tem enorme potência. Hoje vi que é verdade.

O cortejo seguiu e encontrei o Z, músico e autêntico folião, veterano de muitos carnavais de rua. Passamos pelos fundos da Galeria do Rock, já no Paissandu. O usual grupo de jovens roqueiros que se reúne lá na hora de fechar a galeria teve que mudar o lugar da sua conversa: o cortejo parou na frente e ficou um tempo. Eu estava sem voz e tive dificuldade de explicar a um passante qual exatamente era o ponto da passeata. Uma senhora segurava uma bíblia rosa acima de sua cabeça e rezava em voz alta, caminhando pela calçada ao lado dos foliões a contrafluxo. As janelas dos cortiços e ocupações quase sempre acenavam alegres.

“Justiça mercenária; Congresso obscuro,  
Se eles se acham macho, nosso grelo é duro”

Já a essa altura, o cortejo contava com vários bêbados e loucos da rua, prova insofismável do sucesso do arrastão. Um gari dançava de uniforme, interagindo com a moça do vestido vermelho de diabinha, os dois perigosamente bailando à solta na frente do carro de som. Outro maluco seguia atrás, trôpego, como que hipnotizado pela luz de dentro do carro. Acompanhei-o por alguns minutos, temendo que ele corresse perigo. Pareceu-me bem e segui adiante. O cheiro de charuto que senti vinha, percebi, da baiana que rodava à minha volta. Notei que muita gente já se beijava e se agarrava na rua.

Alcançamos a República lá pelas 19h e paramos. O ato foi fechado com mais batuque, de novo o manifesto:

“Viemos fantasiadas, purpurinadas, cheias de tesão, fazendo política com o carnaval, e lutando pelos nossos corpos livres”.

Já escuro, ladeado pelos prédios do centro velho da São Paulo iluminados por uma lua meia cheia, entoamos muitas vezes, apoiados por vigoroso batuque: “NVTG! NVTG! NVTG!”.

Acertou-se que o ato continuaria dentro do metrô, rumo ao Largo da Batata. Falou-se em pular a catraca. Entrei na estação e aguardei um pouco para ver chegar todo mundo. Nada acontecia e voltei para casa. Vi na internet depois que teve certa confusão na hora de pular a catraca, mas parece que o povo seguiu até o seu destino. Escrevi estas linhas e fui dormir.

## **17 de abril – Votação do Impeachment**

Então é hoje... Acordei cedo, às 6h, e já fui checar notícias. Nada de novo, só fato velho requentado e opiniões multiplicadas. O dia vai ser quente de novo, já dá para sentir.

Agora que escrevo já sei qual foi o resultado, e fica difícil expressar a grandeza da incerteza do dia, das horas que passavam sob o esmagador peso de não saber o que o viria a seguir. Saí para a rua às 14:30h e estava em Pinheiros. Decidi tomar um ônibus para a Paulista e ficar umas duas horas por lá para checar o ambiente – depois seguir para o Anhangabaú.

A incerteza me fazia procurar sinais e augúrios em todos os lugares. Nenhuma camisa amarela na subida da Teodoro – achei significativo. Nenhum helicóptero na Dr. Arnaldo - achei revelador. As pessoas, para meu desespero, não deixavam escapulir



nada em suas faces e trejeitos: a normalidade mais acachapante dominava as ruas da cidade.

Saí sem roupa vermelha e sem nada na mochila que me identificasse de um ou outro lado. Tinha medo de conflagração na rua, e achei melhor sair leve. Desci na Consolação com a Paulista e busquei comprar um chocolate grande, estava ansioso. Percebi muitos vendedores de bandeiras, mas logo vi que o ato coxinha não ia ser monstruoso. Apesar da avenida estar fechada desde a Consolação, a concentração de pessoas só estava grossa entre o MASP e a FIESP.

Logo de cara, em frente ao Conjunto Nacional, vi uma cruz de madeira grande que decorava a performance de uma banda gospel. A canção discorria sobre o amor de Jesus, e muitos assistentes se colocavam no modo contrito/comovido, mãos para o alto, cenho franzido e lábios apertados. Tomei como um mau augúrio e busquei o banheiro da Livraria Cultura.

Lá dentro estava meio vazio, e não tive dificuldade em usar o toalete. Na livraria vi um cliente de camisa canarinho e peruca verde e amarela. Perto de mim, vi também uma máscara do Anonymous, aquela do Guy Fawkes, embalada para venda, em exposição. Achei muito peculiar as contradições que faiscavam desse encontro.

Ganhei a avenida e de cara vi um personagem que vejo quase todo domingo na Paulista, que é um Elvis fake. Ele é até divertido, e lembrei que tenho ainda o VHS de um antigo aluno meu, o Elvis Elder Presley. No passado dei aulas de inglês em escolas de reputação muito duvidosa, e numa delas tive como aluno esse cantor cover do Elvis. Ele fora metalúrgico em Santo Amaro, mas ficou desempregado na recessão dos anos 90. Ele começou a imitar o Elvis em festas e sua carreira decolou. Ele me deu esse vídeo-portfolio que ainda guardo comigo, que traz várias de suas apresentações, incluindo um casamento coberto pelo Amauri Jr, uma aparição no programa da Ana Maria Braga e uma inesquecível viagem ao México. Lembrei-me dele porque ele também não falava inglês e simplesmente enrolava nas letras – como fazia esse jovem Elvis da Paulista. O Elvis Elder entrou no duvidoso curso “Inglês em 8 semanas”, onde eu lecionava, para aprender a língua. Largou no meio. Só retive tudo isso porque no palco do MBL tocava uma banda de rock. A canção era “We Will Rock You”, do Queen. Apesar de mauricinhos, também o inglês dessa banda era fake.

O público parecia ser exatamente o mesmo das outras manifestações na avenida: classe média, branca, mais velha. Em todo o tempo que fiquei, os negros e mulatos que vi eram todos vendedores. Três policiais enquadravam dois camelôs na calçada, e a

classe média presente passava incólume, virando a cara para a ação policial. Não pude deixar de ver mais uma vez a tenda do PMB, o partido militarista brasileiro.

Não vi muitos cartazes, mas um deles me chamou a atenção: “tchau, querida”. Esses dizeres conseguiram me irritar profundamente, pois sua fonte são os vazamentos ilegais feitos por uma polícia federal insubordinada. De longe vi o pato da FIESP, grandão. Na ciclovia, no chão, eu vi escrito “o povo com Lula”. Sorri sob o sol quente.

Perto da FIESP, dois bonecões, um do Lula e outro da Dilma. Aqui a multidão era compacta, e um telão montado na calçada alternava entre a TV Câmara e o palco montado na Federação das Indústrias. Um moço animava a massa. Foi difícil passar pela concentração, andei apertado por uns 15 minutos antes de espirrar para o outro lado. No caminho, um vendedor, negro, gritava: “o remédio do povo! Olha o remédio do povo – água gelada olhai!”.

Enquanto isso, o locutor chamava: “uma vaia para o PCdoB! Uma vaia para o PSOL! Uma vaia para Jean Wyllis!”. Adicionou: “Eles vão chorar muito! Chora PT!” A massa respondia, entoando também os já tradicionais “Fora PT” e também o “Vai ter impeachment”, cantado na cadência do NVTG. Muitos balões amarelos do pato da FIESP. A Federação está apostando pesadamente no impeachment.

Na altura da Campinas, havia menos gente. O Hino Nacional tocou de novo. Sei que é malicioso, mas ver quem posa de patriota se enrolando na segunda parte do *ovirundum* é delicioso. Passei por uma enorme bandeira do Brasil imperial aberta na avenida. Achei curiosíssimo e fiquei para ver um pouco. Não havia discurso nem microfone, mas muita gente parava e tirava uma fotografia ou selfie defronte o pavilhão do império brasileiro. Hesitei entre reconhecer a profundidade do reacionarismo envolvido na presença desse movimento monarquista e atinar para a superficialidade da vida entendida como turismo, mais ou menos indiferente ao conteúdo do cenário fotografado.

“Não vamos aceitar que Dilma acabe com a Lava Jato”

Fiquei muito surpreso com essa formulação que ouvi, já sentado na calçada. Percebi que perto de mim havia um carro do “Movimento São Paulo Não Pode Parar”. Prestei mais atenção nos discursos, pois eles tinham alguma formulação ideológica, ainda que amalucada.

“Vamos tirar o presidente que quisermos, na hora que quisermos”. “A ciclovia é um absurdo, ela não permite o estacionamento de clientes na Paulista e prejudica os

negócios”. “Os 30k por hora na Lapa são ruins, é infernal”. “A nossa bandeira jamais será vermelha!” e “Bolsonaro presidente, viva Sérgio Moro!”.

Até aí tudo bem, são pautas reacionárias, mas nenhuma novidade. Mas depois “Somos contra o FMI, contra os juros e contra os bancos”! Realmente bizarro, um delírio fascista. O clima surreal aumentou quando o carro de som do movimento tocou a canção “Eu te amo meu Brasil”, de Dom e Ravel. Essa cançoneta tocou muito na ditadura militar-civil de 1964 e descreve como no Brasil “mulatas brotam cheias de calor”. Depois desse flashback pirandão ainda pude ouvir o locutor convidar a multidão a participar da retomada do Brasil ao o som da música-tema do Senna – que tocou em seguida.

Ainda sentado na calçada, tive medo. Medo que essa classe média vá ficar em casa quando o governo Temer guinar à direita, quando o presente consenso direitista se desfazer, quando a Lava Jato for abafada, quando o Cunha for anistiado.

Cansei da Paulista, nada acontecia ainda e era tudo muito igual. As mesmas camisas, as mesmas pessoas, a reiteração do mesmo. Tomei o metrô até a estação Sé.

De lá saí de novo buscando presságios da hora vindoura. A praça estava vazia mas vi um homem com uma bandeira do PT às costas. O centro de São Paulo tem atividade no domingo, muita gente faz turismo e passeia pelas ruas desimpedidas. Chegando à Praça do Patriarca, vi que o MTST continua acampado lá, mas os bancários já se retiraram. O Viaduto do Chá estava bem cheio. Um pagode tocava no acampamento e vi umas bandeiras do PSOL. Muita gente tirava fotos do Vale do Anhangabaú a partir do Viaduto. Cheguei ao parapeito e observei a cena lá embaixo: muito bonito, bem cheio. Calculei que o melhor jeito de chegar lá em baixo seria pela São João, então decidi contornar o Teatro Municipal. Vi no caminho dois caveirões do Choque. No geral havia muita polícia, ao contrário da Paulista.

Vi também muitos cartazes novos nas paredes: um dizia TV Golpe, com o logo da Globo e outro que dizia “somos mulheres, não somos mercadoria”.

Cheguei no Vale pela São João e juntei-me à multidão. Vi de cara muitos sem-teto, um contingente da Gaviões, e inúmeros Cutistas. Vi um marionetista que trouxe seu marionete para o ato – já o tinha visto ontem no Arrastão dos Blocos.

Encontrei M, arquiteta que conheci no contexto da moradia no centro de São Paulo. Falamos dos movimentos de moradia do centro, do estado atual da teoria de novos

movimentos (Lefreve/Castells), além dos impasses do momento atual. Ficamos de conversar mais acerca dos novos movimentos sociais.

De onde eu estava não ouvia carro de som ou discurso, o que dava ao encontro um ar de passeio e de festival muito agradável, com famílias. Uma palhaça de tranças que vejo sempre estava presente. A variedade da fauna humana muito maior do que a endogamia da Paulista. Talvez faltasse um contingente mais expressivo de jovens. Eram 17h e relaxei.

Tentei localizar os amigos advogados, mas acabou que não conseguimos convergir. Desconfio que estávamos muito perto. Encontrei J e sua companheira, e me contaram que o Paulo Arantes estava lá também. Conversamos um pouco. A votação começou e fui buscar T em frente à faculdade de direito. Cruzei novamente o acampamento do MTST e um reggae muito bacana tocava em alto volume. Embalei na canção e curti o Viaduto no lusco-fusco, subindo a Líbero Badaró.

Buscamos o telão no Vale e encontramos S e R. Todos muito tensos, essa era a hora da verdade. O clima geral era de incerto otimismo, mas eu mesmo estava bipolar.

O telão me fez recordar a votação da emenda Dante de Oliveira em 1984. Essa emenda estabelecia a votação direta para presidente e era a culminação da campanha das Diretas Já. Não tinha internet e a transmissão da votação era feita por telefone e irradiada por alto-falantes instalados na Praça da Sé. O locutor era o Orestes Quércia, falando de Brasília. Acho que tinha um placar que era atualizado manualmente. Eu então era estudante da Faculdade de Direito e estávamos todos lá em peso. Comigo estava meu amigo JdeA, então estudante da FFLCH. Um outro amigo afirma que viu nesse dia de grande expectativa um boné que trazia inscrito “Tancredo 1985”, indicando que a derrota no Congresso já havia sido negociada pelo regime com a oposição em troca da candidatura indireta de Tancredo Neves. De fato foi o que ocorreu, a emenda perdeu. Já era tarde da noite e parte da multidão irada incendiou uns cartazes e clamava por Revolução, ao som de Quércia que pedia calma a todos.

Voltei para casa, mas depois me arrependi: O XI de Agosto se reuniu e declarou assembléia permanente, varando a noite e marcando o primeiro ato pró-Diretas pós-emenda Dante de Oliveira do Brasil para o mesmo dia, de manhã. O ato de fato ocorreu, mas o acordo entre o PDS e o PMDB de Ulysses Guimarães e Franco Montoro, então governador de São Paulo, não previa atos desse tipo ou a continuação do movimento pelas diretas. O resultado foi que a manifestação em frente à Faculdade foi reprimida violentamente pela PM do PMDB. O espaço em frente da Faculdade de

Direito foi declarado Território Livre há muitas décadas, ou seja, toda a manifestação política lá é livre. A última vez que o Território Livre fora invadido tinha sido pela polícia de Getúlio Vargas. O Secretário de Segurança que autorizou a operação foi o Michel Temer, ex-aluno das arcadas! Consta que o famoso P2 Kojak, irmão do futebolista Serginho Chulapa, participou da repressão e agrediu o nosso colega FS. No fim, ganhou a transição conservadora e o resultado foram 5 anos de Sarney.

No Vale do Anhangabaú continuava a votação. As primeiras abstenções me deram grande esperança, pois a imprensa anti-golpe se fiara nesse tipo de voto para a virada. Mas a realidade foi um show de horrores. As justificativas se alternavam entre escabrosas e previsíveis. Muitos deputados dedicando seus votos a suas famílias, ou a deus, ao Brasil. Alguns brilharam em seus desafios abertos a Cunha, apontando-lhe o dedo. Mas outros ofuscaram a vida humana, tal como Bolsonaro que dedicou seu voto à memória do torturador Brilhante Ustra. Ivan Valente fez incrível fala, assim como seu colega do PSOL Braga. As perorações contra a corrupção eram especialmente irritantes, vindas de notórios corruptos. E muitos estritamente contraditórios: “contra Cunha, voto Sim!”.

T foi embora e fiquei um pouco mais no Vale. Mas quis beber e sentar um pouco. Já pressentindo o pior e oprimido pelos pronunciamentos, busquei um boteco na esquina da São João com o Paissandu. Sentei ao balcão e pedi um Dreher com Coca-cola. Muita gente no bar acompanhava a votação. Vi os votos de Benedita da Silva, Sérgio Reis, Maluf e de Tiririca. As litâneas se alongavam e meu humor despencou: a derrota era já inevitável. Perdi o foco e me envolvi em conversas laterais. Depois de uma hora e tanto, decidi sair e ir para casa.

Atravessei o viaduto para ir ao metrô Sé. Notei muita PM por todo o lado. Achei que a era de ouro da presença social no centro sem aparato policial acabava exatamente hoje. Detive-me no parapeito para ver o Vale lá embaixo, ainda cheio da multidão de vermelho que assistia os últimos votos. O acampamento ainda fazia tocar uma melodia de axé, bem alto. Caminhei sob a luz amarela entre as barracas no chão, na noite paulistana. Curiosamente, havia um telão eletrônico de LED portátil no acampamento, onde se lia: “Apoios: Motel Paraíso, Robocop Realização de Som, Mercadão das Carnes, Bazar da Moda, BDN-Cards”.

Peguei o metrô ainda aberto e fui para casa. Na minha rua, ao caminhar os últimos metros até a casa, ouvi vozes no ar que se desafiavam como dois fantasmas distantes: “Fora Dilma!”; “Não vai ter golpe!”. Abri a porta e fui dormir.



## **21 de abril – Ato anti-coxinha espontâneo**

A ressaca da derrota pegou feio. Não tenho lido muitas notícias e não tenho tido paciência para discussões políticas nesse momento. Os prognósticos para o futuro são os piores.

Mas T alertou-me hoje que as redes sociais estavam dando uma manifestação anti-golpe na Paulista. Parece que a manifestação foi espontânea, ou pelo menos não tinha sido chamada por nenhum partido ou frente.

Tomamos o metrô e fomos para lá. Descemos na estação Consolação e pegamos a rabeira da passeata. Foi difícil saber de onde eles vinham, mas eram muitos: umas 1500 pessoas. O mais incrível era que eram muito jovens, de 16 a 26, exatamente a fatia etária que vinha faltando às manifestações. Estava calor e eram 19:45h. Sem carro de som, poucas bandeiras, mas com muita agitação: uma bandeira do Brasil, uma da CUT, uma da campanha da Dilma.

Seguimos em direção ao MASP pela pista da direita. “NVTG! VTL!” foi muito entoado, e também “Golpistas, fascistas, não passarão!”. Um trio de cordas que tocava na calçada acompanhou em seus instrumentos a cadência da meninada. Fiquei muito admirado com a idade e disposição da manifestação, foi talvez o mais próximo que já vi em tempos recentes das jornadas de 2013. Um clima de caminhada e muita conversa sobre a situação política, tudo muito distante da militância Cutista ou do MST. Não era como o Arrastão dos Blocos, mas era mais solto do que atos lulistas.

Não consegui saber de onde eles tinham vindo, parece que já tinham fechado a avenida antes de eu chegar. Chegamos ao MASP e entramos embaixo do vão. A laje faz o som ecoar de maneira intensa:

“No meu país, eu boto fé, porque ele é governado por mulher!”

“Fica, querida!”

T avaliou que o ato foi chamado na onda da Primavera Feminista, pela galera LGBT, Marcha das Mulheres ou a Marcha das Vadias.

Sentamos no chão de pedra e um jogral foi feito. A luta LGBT foi lembrada, assim como a das mulheres negras e dos jovens da periferia, e em geral a defesa de direitos do indivíduo sobre seus corpos foi o mote das falas. O ato se desfez e decidi checar o acampamento da FIESP, ver como estavam.

Na calçada, ainda no MASP, um cartaz com as figuras de Temer, Cunha e Bolsonaro estava no chão, com os dizeres “Cuspa aqui”. Contribuí e segui.

Andamos os poucos metros até a FIESP e notei que sua fachada estava apagada, sem a usual mensagem “impeachment”. Parece que a prefeitura conseguiu fazer valer finalmente a proibição da veiculação de imagens não estritamente artísticas, conforme reza o alvará de funcionamento do painel luminoso. As barracas estavam lá, e um punhado de pessoas. Nada demais acontecia e íamos embora quando um rumor do outro lado da avenida chamou minha atenção.

Atravessei a rua pela estação do metrô e fui ver quem era. Era o pessoal anti-golpe, umas 300 pessoas que vinham da manifestação que acabara de se encerrar.

“Não vai ter pato!”

Essa foi a primeira vez que ouvi essa chamada, e achei que esse sangue novo que faltava pelo menos renovou o cancionário das chamadas. O pato, que segundo a BBC foi plagiado de um artista holandês, foi lembrado mais vezes:

“Fura o pato! Fura o pato”

“O patinho vai murchar, olê olê olá!”

“Tudo contratado, até o pato é roubado!”

A tensão era bem grande, os cozinhas eriçados mas em minoria, a galera anti-golpe muito combativa e ameaçava tomar a ilha central. A polícia chegou (parece que um contingente do Choque fica na garagem da FIESP) e foi imediatamente apupada:

“Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”

A força policial ficou meio de lado e não se envolveu.

“Bolsonaro, Bolsonito, você fala e eu vomito!”

O duelo de palavras de ordem continuava intenso, e avenida em seu fluxo normal. Um caminhão de lixo passou buzinando e três garis atrás dançavam pendurados e acenavam para a multidão do nosso lado. Passaram também entre os dois grupos duas limusines dessas com festa dentro. Em uma delas, a branca, estava escrito: “Luisa 16 anos”. No geral ignoraram a rua.

“Ei coxinha, cadê sua dancinha?”

“FIESP, golpista, não passará!”

“Ei, Skaf, cadê meu filé mignon?”

“Ei, Veja, vai tomar no cu!”

E Temer e FIESP e Cunha. Esperei um pouco ver se a coisa crescia, mas o lado coxinha não inchava e o lado anti-golpe deu uma esvaziada. Decidi ir para casa.

Achei notável que essa fatia da sociedade esteja mobilizada agora. Se for um início da saída desse contingente que até agora parece ter ficado em casa, podemos estar frente a um fenômeno bem interessante e transformador. Impedir o impeachment acho que não é mais possível, mas as novas mobilizações vão dar o tom e o alcance da amplitude de ação do governo Temer. É só que a CUT e o MST não vão segurar sozinhos, precisa de muito mais gente nas ruas e se organizando já dentro da resistência. Será preciso trocar o pneu com o carro andando.

Mas a julgar por esse ato que eu vi hoje, a energia está posta, e há todo um grupo de atores que não vinha vindo à movimentação que pode estar aparecendo.

Tomei o metrô e deixei a Paulista. Os jovens anti-golpe gritando para os coxinhas:

“Falta purpurina!”

## **22 de abril – Desapontando na ONU**

Ouvi a Dilma na ONU. Teve muito auê na imprensa governista antes do discurso, mas a fala dela mesmo foi péssima. Genérica e suave. Talvez a avaliação de como fazer a fala tenha mudado com a reação de dois ministros do STF que condenaram a possibilidade dela chamar o golpe de golpe. A repercussão do processo todo do impeachment na imprensa internacional tem favorecido a noção de se tratar de uma remoção política realizada pelo atraso e que não tem nada a ver com a luta contra a corrupção.

A polarização continua forte, mas o espetáculo da votação parece ter tido algum impacto nos democratas genuínos. Pode ser apenas wishful thinking, mas para quem está realmente contra a corrupção, ficou claro que o governo Temer não é solução. Moro declarou em Chicago que a Lava Jato vai acabar em dezembro. Cunha manobra

para capitalizar a recompensa por ter passado o impeachment e ser anistiado. O MP retoma acusações contra Lula. O STF há mais de 170 dias não faz andar a investigação contra Cunha.

Soube que foi lançado um manifesto de circos e palhaços contra o voto do Tiririca.

### **23 de abril – Passeata fantasma no Centro**

Soube de uma manifestação de jovens estudantes marcada para o Anhangabaú às 16h, fui checar.

Quis ver se essa novidade que detectei no dia 21 de abril ia se espalhar: se de fato temos uma nova onda de atores jovens que antes não vinham vindo às ruas. Há muita notícia de mobilização e atividade, mas nem todas desabrocham. Ontem parece que houve uma concentração na frente da FIESP, com presença da Democracia Corintiana. O Largo da Batata vem mantendo discussões regulares acerca de novos horizontes. Eu diria que existe sim um impulso de mobilização mais jovem, mas que também o campo governista tenta disparar uma Primavera Vermelha, algum tipo de mobilização de massa semelhante a 2013, inesperada, jovem, espontânea e enorme.

Além disso, acho que o PT e outros partidos já lograram apropriar muita militância no movimento dos secundaristas. Originalmente de inspiração autonomista, parece que outras agremiações têm conseguido se inserir e obter ganhos de organização a partir desse movimento. De qualquer forma, as mobilizações anti-golpe parecem se chocar com a insistência da cúpula do PT em tentar salvar o governo pela via institucional. Isso atrasa o deslanche de mobilizações mais amplas. O desgaste e deslegitimação do governo Temer é a ordem do dia para os governistas, e menos a reconstrução da esquerda em bases de democracia radical.

Os sites coxinhas têm se concentrado no seguimento do processo no senado, mas muitas vozes de seguidores insistem na ampliação do escopo da luta para incluir os outros corruptos mais. Será interessante ver como eles reagem ao fim da Lava Jato. Há indícios de rachas no campo golpista, dentro do PSDB se discute participar ou não do governo Temer. Serra é a favor, mas não Aécio e Alckmin. A proposta de chamar eleições gerais para presidente poderia dividir ainda mais esse campo, mas não há consenso na esquerda também.

Fiz uma nota mental de buscar encontros que se propusessem a criar novas instâncias de comunicação e mobilização. Isto é, continuar indo às mobilizações de massa como o

1º de maio, mas principalmente tentar detectar onde se está a construir essa tal próxima esquerda.

Cheguei ao Anhangabaú pela Praça Ramos. Contornei o Teatro Municipal pelo Paissandu e fui atraído pela música de berimbau que vinha de um palco no Largo. Era um show, parte da Festa de São Benedito, promovido pela prefeitura de São Paulo. Este local tem sido palco de eventos ligados à cultura Afro. Fiquei até o fim da performance e desci pela São João. Um pequeno *sound system* irradiava um bom reggae muito alto. Na descida chequei os discos de vinil à venda na calçada. Tinha um Tim Maia Racional. Sentei na estrutura de cimento que está no Vale do Anhangabaú bem na boca da São João. Olhava os jovens ao redor da barraca do som quando notei um cartaz novo: “A desigualdade salarial é uma dívida da democracia. Não ao golpe. Marcha Mundial das Mulheres”.

Com o reggae nos ouvidos, olhei para ver se achava alguma concentração no Vale. Não vi nada. Eram 16:30h e nenhum sinal da manifestação, exceto um muito pequeno grupo de jovens. Senti que não ia decolar. Decidi subir pelo Chá e ir até a Sé. Quem sabe achava alguma coisa no caminho. No Viaduto notei que o MTST levantou acampamento. Na Praça do Patriarca, os sem-teto não organizados voltaram a ocupar o espaço embaixo da canhestra estrutura de Paulo Mendes da Rocha. Uma dúzia de pessoas mudaram para lá, entre elas algumas travestis - e uma bandeira da CUT e outra do Brasil.

Peguei o metrô na Sé para ir à Paulista e ver se havia algo por lá. Desci no Trianon-MASP e de cara vi o acampamento coxinha em frente à FIESP. Na mesmíssima situação de antes. Pouca gente, desanimada e provavelmente paga. Andei até o MASP e notei que a ciclovia tem recebido muitas inscrições políticas, dos dois lados do espectro.

No MASP vi um cartaz grande, feito por algum artista gráfico. Trazia as fotos de Temer e Cunha, com os dizeres “Máfia: exposição interativa”. Virando o rosto, notei o cartaz da Veja na banca: a face demoníaca de Cunha dominava o entorno. O vão do MASP estava vazio de pessoas exceto pelos montadores de barracas que erguiam as estruturas da feira de domingo. Nada de mobilização também. Eram 17:30h.

Vi uma faixa vermelha presa a uma das colunas que sustentam o museu, grande, com a inscrição “Venceremos”. Mal ajambrada, ela caiu em câmera lenta até o chão.



Tomei um ônibus. Uma passageira, quando o veículo parou no sinal defronte à FIESP, comprou um pixuleco pequeno do Lula presidiário para o filhinho, do vendedor na calçada.

Desci no Paraíso e fui para casa.

## **24 de abril – Domingo na Paulista: encontro e confronto**

Fui checar uma concentração marcada para a Paulista às 16 horas. Subi a Teodoro e desci na Consolação junto ao fim da Paulista. Caminhei entre o povo que lá acorria, bastante gente. Muitas bandas musicais nas calçadas, o que dava um ambiente sonoro diverso e interessante. De outra forma, acho a Paulista meio triste aos domingos.

Esperava pouco da manifestação, impactado por não ter encontrado nada na cidade ontem. Mas em frente ao MASP já havia um bom número de pessoas reunidas, me animei. De manhã teve um café da manhã em frente à Gazeta, e essa atividade agora fechava o dia. Estimei que umas mil pessoas participaram da atividade no total da jornada. O ato foi chamado pelo #ocupeademocracia.

O formato era de assembléia e o objetivo era tirar atividades e reunir pessoas para realizar ações na cidade e na rede. Depois de falas iniciais ao microfone, três grupos (intervenção urbana, multiplicação de assembléias e guerrilha na rede) se reuniram e tiraram propostas de atividades que depois foram relatadas ao grupo todo. Isso demorou uma hora mais ou menos.

Encontrei J, A e M e conversamos sobre a situação atual. Um tema urgente do momento é a rápida organização que tem que ser realizada pela esquerda. Está muito interessante acompanhar como os ganhos e aprendizados das jornadas de junho de 2013 no Brasil e as experiências das ocupações por todo o mundo vão informar as formas emergentes nas ruas. Há muita discussão e práticas acumuladas nas formas mais abertas e horizontais de organização que trouxeram enormes ganhos para a luta. Mas sua inserção nos grupos e coletivos que se vão se formando não é homogênea.

Parece haver um certo consenso que a esquerda precisa se reinventar: pensar além do desenvolvimentismo, das hierarquias e associações piramidais. Novas formas de estar juntos precisam informar as mobilizações. Sabemos que a reinvenção da democracia virá da juventude e de atores antes não hegemônicos. Mas certos hábitos partidários e a pressa de formar fileiras tem provocado fricções nesse processo.

J relata que o coletivo Arrua, responsável por esse ato e outras ações, está dividido entre petistas (DS), psolistas e uma terceira força que não é nenhum dos dois. E que esse conflito de procedimentos está colocado no cotidiano desse coletivo.

A oportunidade de introduzir novas formas na política é de ouro e talvez nunca se repita. Os autonomistas mesmos estão ausentes das mobilizações enquanto grupos. Mas algumas de suas ferramentas estão a ser usadas. Outras não. Não consigo deixar de pensar ser um erro estratégico ficar em casa nesse momento, nem pela questão de defesa do governo, mas pela oportunidade de pleitear que seu diagnóstico estava certo e que as suas formas de fazer política é que respondem a esse momento de colapso do conhecido.

Terminada a assembléia, o ato se fez passeata e caminhou pela Paulista em direção à FIESP. E já estava entre nós. Uma faixa abria a comitiva: “Temer-Cunha, conspiração e golpe”.

“Bate panela, pode bater, na ditadura a Dilma lutou por você!”

“Fica Querida!”

A passeata chegava perto da FIESP gritando essas palavras de ordem e se aproximando do acampamento coxinha, seguindo pela via da direita da avenida. Venho notando que o acampamento não se renova e está minguado. Talvez isso seja um sintoma do impasse geral das mobilizações coxinhas e da aliança que animou o campo golpista até agora. Realizado o impeachment e preso Lula, uma questão de semanas, o comando desmobilizará as massas e o PIG não mais precisará dos corpos na rua. Um governo Temer terá que desativar a bomba da mobilização anti-corrupção entregando a cabeça nordestina de Lula. Esse será o sinal para que todos vão para casa, não exigir a punição de Cunha ou de Temer e aceitar o fim da Lava Jato. Avalio que esse processo já está a acontecer em parte. As ambiguidades do impeachment como solução para a corrupção podem ser grandes demais para sustentar as mobilizações nos níveis anteriores.

“Golpistas, fascistas, não passarão!”

“A verdade é dura, a FIESP apoiou a ditadura!”

A passeata parou em frente ao acampamento e gritou palavras de ordem. Poucos acampados no local, um dúzia no máximo. A multidão de pelo menos 600 pressionava muito e ia chegando mais perto. Foi inevitável que a linha se rompesse e o

acampamento fosse tomado de manifestantes. Os placares do acampamento foram rasgados e a calçada foi pichada: “FIESP golpista” e “Cunha Ladrão”.

Muito empurra-empurra e cara vermelha de ódio. Muita ameaça e gritos. Um manifestante teve dois dentes quebrados por uma cotovelada. Rolou que apareceram uns pedaços de pau do lado coxinha com os quais fomos ameaçados. A coisa toda durou uma meia hora, e já havia muitos manifestantes tentando encerrar a parada e continuar a caminhada. Eles vieram atrás da passeata, acarretando mais bate-boca e empurrões. Os acampados afirmaram que um manifestante machucou uma menina do acampamento, o que deixou um moço deles irado.

A passeata seguiu, fez um jogral mais adiante e se dispersou. Duas viaturas acompanharam de longe.

Pensei sobre o ocorrido com sensações ambíguas. Por um lado finalmente o acampamento foi confrontado e as agressões sofridas por pessoas de vermelho que passavam por lá foram devolvidas. Foi um puta sustão em quem pisou no formigueiro. Não me parece que eles têm conseguido mobilizar apoio para fortalecer o acampamento. Mas por outro lado achei irresponsável da organização da manifestação ter passado por lá sem acordar qual o comportamento a ser adotado. É muito perigoso jogar manifestante na caldeira da violência física sem combinar antes.

Ademais, é uma caixa de Pandora. Abriu uma vez a caixa da violência e ela nunca mais ela fecha. Entendo a vontade de confrontar e de se defender de agressões, mas tem que ter muito controle para não deixar a coisa sair do controle. E se tem um maluco com um revólver? E se tem P2 infiltrado?

Agrupamentos abertos e horizontais são especialmente ruins para confronto violento. Ações individuais reativas e emotivas se sobrepõem ao cálculo frio do perigo real, tudo fica uma confusão e alguém realmente se machuca. Dessa vez foi do lado deles, uma moça – que vai estar em todas as redes sociais como prova da criminalidade esquerdista. Olha a energia que isso vai despertar no campo coxinha, que hoje conta com a extrema-direita em suas fileiras.

Lembro-me agora do confronto na Barra Funda em 17 de fevereiro deste ano. Já relatei nesse diário como me impressionei com o expertise de confronto da CUT. Ao contrário dos atos autonomistas, o ataque de bombas da polícia não dispersou a multidão totalmente. A linha de confronto era disciplinada e tinha agitadores “sargentos” levando e administrando a tensão. O carro de som garantia comando unificado para os

manifestantes, que sabiam assim para onde ir onde se abrigar e onde reagrupar. Desse modo, a linha de frente sempre voltava e se recompunha, apesar do gás e das bombas.

Embarcar na militarização da política vai levar a consequências bem específicas que eu não recomendo à esquerda. As manifestações têm que ter uma clara posição em relação a provocações e violência, na minha opinião de repúdio. O MPL sofreu muitas perdas políticas por causa dos black-blocks... a pauta da violência acabou por colar neles e justificou a ação repressiva da polícia aos olhos da sociedade.

Tanto Temer quanto a esquerda tem o confronto em suas agendas. A esquerda quer confrontar o golpe e se defender quando for atacada. Temer é ilegítimo e vai precisar se legitimar pela imposição da ordem. A ele interessa a desordem seguida de feroz repressão.

Mas quem dirá por último “Tchau, querida?”

## **26 de abril – Conjuntura pós-facto**

Parece que há uma pausa geral. Muitos esperam as trevas. As notícias do desmonte futuro aparecem na imprensa. Para aqueles que disseram não ter diferença entre o governo do PT e qualquer outro, uma nota sóbria.

As atividades anti-golpe continuam a passo forte, mas o noticiário agora é todo focado em Brasília, tanto nas maquinações do futuro governo Temer quanto na votação do Senado – e a palavra do ausente STF. Eu tenho tido dificuldade em sair de casa e ir às atividades de resistência: por um lado a mobilização não é de massa e por outro há a reiteração do mesmo que não parece estar capilarizando muito. Parecemos estar em estranho intervalo entre as votações da Câmara e do Senado. Há várias aprovações presidenciais passando a toque de caixa neste momento, tais como demarcações de terras indígenas e leis que só esperavam assinatura da presidenta ou de ministros.

O PIG joga o jogo da normalidade e da desmobilização. Temer é apresentado como a sucessão natural de Dilma. O empresariado comprou este projeto e dá capa às revistas. A esquerda tenta furar esse discurso.

Ontem teve plenária contra o golpe na quadra dos bancários, e hoje tem a Marcha Mundial das Mulheres contra o golpe. Não fui. Vários outros grupos e coletivos continuam suas ações. Deslegitimar ao máximo o governo vindowo é a meta, elevar o preço político do golpe ao máximo.

A mobilização coxinha está a zero, até a votação no senado não deve tirar muitos corpos de casa.

Na esquerda o desânimo é geral. Muitos manifestos e abaixo-assinados. Tenta-se sensibilizar a opinião pública internacional. Vários veículos de comunicação estrangeiros tem dado o impeachment no mínimo como duvidoso.

A PEC das eleições diretas está em preparo: novas eleições para o executivo. CUT e MST parece que são contra. A idéia é boa, pois força Temer a confrontar sua própria ilegitimidade e repercute no campo coxinha entre os democratas genuínos descontentes com a solução do governo do vice-presidente. Por outro lado, dá um aval ao golpe.

## **28 de abril**

Hoje o MTST fez trancaço em várias rodovias do país. A mídia deu pouco.

Depois da votação do domingo, achei que ia ficar transtornado com coxinha se gabando. Mas o que mais me tem desafiado os nervos são os chamados isentões e “acima dos muros”. Ouvi de A uma descrição muito boa dessa posição: *sommelier de conjuntura*. Trata-se do indivíduo que tem excelentes e finos diagnósticos sobre a situação política– mas faz rigorosamente nada exceto ficar em casa e escrever na internet.

Ontem teve ato dos secundaristas no MASP. Parece que foi grandinho. No facebook tinha rolado antes uma tensão dos secundaristas com a UBES que queria impor uma agenda federal sobre a agenda local deles (autonomistas x petralhas?).

Sábado tem a Marcha Antifascista dos anarquistas. Pode ser interessante.

## **29 de abril – Ocupação secundarista do Centro Paula Souza**

Decidi hoje realizar o que já vinha ensaiando faz algum tempo: comprar um canetão e escrever por aí: “é golpe!” Desde os 17 anos eu não pensava coisas assim.

Saí da Luz e andei até o Centro Paula Souza na rua dos Andradas. Fui ver a ocupação dos estudantes secundaristas. Cheguei pela avenida Casper Líbero e contornei o prédio novo. Vi várias pessoas dentro e aproximei-me do portão. Muitas faixas nas grades e janelões de vidro: “somos estudantes famintos de investimento”; “tem dinheiro pra



banqueiro e não para a educação”; “apoio aos professores da rede pública”. E uma faixa preta na grade: “não é só pela merenda, secundaristas unidos”.

Tinha um grupo de alunos lá e perguntei se podia entrar para ver a assembleia. Tomaram minha identidade para escrever o meu nome numa lista. Eles não querem jornalistas da grande imprensa nem P2. Devolveram o documento e entrei.

A assembleia já tinha começado – na hora, um evento incrível na luta política brasileira! Contei uns 200 corpos em grande roda. Não tinha microfone e não tinha mesa, mas havia muita concentração e atenção. As pessoas se auto-inscreviam e falavam sentadas mesmo. Isso é tecnologia autonomista e oxalá filtre pelo movimento social como um todo. A crítica do micro-poder e suas tecnologias começou fora do marxismo e precisa transformá-lo para o bem.

Achei a assembleia notável em sua condução – curta, concisa e livre. As meninas e meninos tinham grande lucidez do que estavam fazendo: “galera, ocupação não é rolê”. “Esta ocupação não é como ocupar a nossa escola”. De fato, ocupar uma instituição como a Paula Souza é sair do âmbito mais periférico em termos da burocracia estatal e ameaçar orçamentos e aparatos mais entrais ao Estado. O Paula Souza treina técnicos para a produção, é um pulo conceitual da luta bem interessante e mais incontornável para o governo do estado do que a tomada de equipamentos periféricos. Além disso, os professores do estado estão em mobilização salarial. A convergência entre os dois movimentos é poderosa em sua potência. Precisa ainda ser construída, são afetos que precisam se encontrar na arena pública, mas a fatura política é das mais transformadoras.

As questões da assembleia foram basicamente organizativas, acerca das comissões e atribuições, mas num clima que eu achei tranquilo e sem recriminações – tudo isso sem nenhum adulto! A outra questão da assembleia foi o relacionamento com os professores. Parece que havia pressão para que deixassem 20 funcionários entrar para realizar o pagamento dos docentes. Ficaram de resolver depois.

Alguns alunos relataram que sair sozinho do prédio não é seguro, pois as viaturas estacionadas perto estavam enquadrando e perseguindo estudantes. A atual distância que a PM parece manter dos protestos sociais não se aplica muito a movimentos não-partidarizados.

A comida que lhes foi doada, fria, estava disposta sobre o balcão da recepção. Anotei alguns cartazes: “somos estudantes famintos de investimento”; “tem dinheiro pra

banqueiro mas não para a educação”; “apoio aos professores da rede pública”; e o saboroso “professores são parça, sem eles nós não passa!”.

O mais interessante achei: “não vai ter corte”, rimando com a palavra de ordem do momento no âmbito federal. Notável que esses secundaristas não estão entrando no mérito do golpe.

Soube então que havia uma passeata dos professores que vinha vindo para dar apoio aos estudantes. Saí e esperei no bar em frente.

Breve chegou a passeata da APEOSP, umas 200 pessoas, com balões e boa energia (tinham caminhado desde o MASP!). O encontro dos grupos foi vibrante, muita palavra de ordem em comum, uma festa:

“o professor é meu amigo, mexeu com ele mexeu comigo”

“Unificou, unificou, é estudante, funcionário e professor!”

Essa convergência não estava dada. A APEOESP já tinha recentemente se indisposto com os secundaristas na Praça Roosevelt. A companheira D relatou que era uma aula pública dos professores, à qual se juntou um contingente de estudantes secundaristas, que chegou em passeata. O diálogo não foi bom, o microfone foi cortado quando os estudantes falavam e eles foram expulsos do lugar por seguranças ou pela PM. As relações ficaram muito estremecidas. Mas parece que a Bebel, presidente do sindicato, percebeu que a campanha salarial deste ano precisa do apoio dos estudantes. Deve ter ficado claro também o contraste das lutas dos docentes e discentes de 2015: os professores foram derrotados, mas os secundaristas venceram.

“Eles estão ensinando a gente”, ouvi de uma professora na rua.

Os estudantes: “Bebel, guerreira, não me representa!”

Acho que o impacto da fricção de dois tipos de movimento tem sido sadio, no sentido de trazer aos sindicatos uma demonstração às bases de que é possível repensar e refazer a luta sindical, radicalizando a democracia interna para benefício da luta. O ponto é que não apenas novos atores se fazem representar em estruturas já existentes, mas sim que estes trazem consigo algumas práticas democráticas já testadas e consolidadas.

“Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”

“Que contradição, tem dinheiro pra PM mas não tem pra educação!”

A certa altura, um grupo de 7 percussionistas da Gaviões se juntou à movimentação e começou a tocar. Ao contrário do que dizem os reacionários de gabinete, há uma movimentação democrática importante nas torcidas organizadas, possivelmente um basismo que poderia vir a democratizar também estas instituições. Esse encontro de torcedores e movimento social é muito notável.

“Não tem arrego, você roubou minha merenda e vou tirar o seu sossego!”

D avalia que a ocupação da Paula Souza é um passo grande e que mexer com autarquia do estado vai provocar reação forte do governo. Os alunos e funcionários desse centro não exatamente têm dado apoio unânime aos secundaristas. Ela teme reintegração de posse violenta a qualquer momento.

“Acabou a paz, mexeu comigo mexeu com satanás!”

“A verdade é dura, a Rede Globo apoiou a ditadura!”

“Eu tô boladão, não vou deixar o Geraldo roubar a merenda não!”

D também avalia que por um lado os secundaristas não são cooptáveis e que burocracias estudantis não têm conseguido realmente aparelhar o movimento, a despeito de líderes estudantis institucionais aparecerem ao lado de Lula. Isso garante legitimidade e força ao movimento, mas por outro lado eles não têm uma idéia mais geral acerca da política.

“Se a merenda ele roubar, a cidade vai para, se os secundas se unir, o Geraldo vai cair, vai cair, vai cair...”

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro, se não pode com formiga não atça o formigueiro!”

No geral, fiquei muito contente com esse encontro. Ele precisa frutificar rapidamente, e as partes precisam entender suas forças e limitações. Eu espero muito que as estruturas sindicais em geral venham a absorver e se modificar com novas práticas democráticas e que pressões basistas venham a informar a luta política como um todo.

Saí pela Casper Líbero e fui até a Luz. Tomei o metrô e fui para casa.

### **30 de abril – Anarquistas na Sé**

Saí da estação Sé em busca da Marcha Anti-Fascista na praça. Senti uma movimentação nervosa dos seguranças do metrô, mas de outra forma nada acontecia lá dentro. Subi a escada rolante e ganhei a praça. Deu para ver lá de baixo as bandeiras e faixas na escadaria da catedral.

Subi a praça, passando por uma feirinha de sem-tetos que acontecia lá também. Eram 17:30h e havia umas 1.500 pessoas, talvez 2.000. A maioria jovens de 20-30 anos. A predominância era claramente anarquista. Muita bandeira negra e vermelha, roupa preta. Um pesquisador provavelmente anotaria uma grande maioria branca. Ao pé da escadaria, um carro com um som. Quando cheguei, o locutor lembrava o episódio histórico de 7 de outubro de 1934, quando os integralistas de Plínio Salgado foram escorraçados desta mesma praça por anarquistas e comunistas.

Não acompanho os grupos anarquistas, e não sei bem quem chamou o ato. Mas vi uma certa variedade de tribos: punks, estudantes de moletom, mascarados, skatistas, muito jeans e camiseta preta, feministas. Tinha uma fanfarra e alguns batuques. As faixas e cartazes muito combativos:

“São Paulo será a tumba do fascismo”

“Que a ditadura da burguesia e seu estado fascista vão tomar no Cu-nha”

“O fascismo se combate nas ruas”

“O Brasil precisa de uma grande revolução”

“Nem a guerra entre os povos, nem a paz entre as classes!”

E uma referência à luta dos secundaristas:

“ETCs unidas pela merenda”

Não achei surpreendente que não houvesse menção ao golpe ou aos eventos da política institucional. De fato, algumas mensagens mantinham distância da política parlamentar como um todo:

“PTPMDBPSDB Abaixo a farsa eleitoral! Movimento Feminino Popular”

Uma palavra de ordem dizia mesmo: “ô ditadura, cadê você? Tá disfarçada de PT e PCdoB!”. Outra: “não leve a mal, mas estou cansada de campanha eleitoral”.

Nesse começo de ato temi que a tônica fosse essa de uma luta meio abstrata contra o fascismo. Isto é, os grupos fascistas existem e estão ativos, mas como falar de fascismo hoje sem olhar para o horizonte histórico imediato do Brasil? Temi que a figura do fascista fosse um espantalho que acabasse por aliená-los de um cenário mais amplo. Essa sensação se desfez um pouco ao longo da manifestação.

A palavra de ordem que mais ouvi: “fascistas, fascistas, não passarão!” (doravante FFNP!)

Havia uma mulher que destoava muito de todos, portando um cartaz que pedia ao STF que julgasse Cunha e com broches da Dilma. No começo achei que era provocação, mas não, era uma vontade genuína de trazer a discussão do golpe para essa manifestação. Ela discutiu um pouco com alguns manifestantes, mas não foi hostilizada. Ela estava tão à vontade que ia reclamar com as pessoas que seguravam faixas com as quais não concordava. Soube depois por T que o ato também foi chamado no circuito anti-golpe, mais governista, e de fato achei depois cobertura do evento no Mídia Ninja e Jornalistas Livres. Isso deve ter atraído também pessoas ansiosas com o golpe.

Esse desconforto com a questão do golpe senti também nas palavras de uma senhora, que foi guerrilheira durante a ditadura de 1964. Sua fala ao microfone tentou fazer um paralelo entre os golpes de 64 e hoje, mas não achei bem colocado. Defendeu a “democracia mesmo que capenga”. Ela insistia na defesa do estado de direito, o que não é má pauta, mas de pouca repercussão naquele ambiente. Há maneiras mais efetivas de buscar o campo anarquista. Mas enfim, ela foi aplaudida ao final quando pediu unidade. O tom da manifestação já era de união e não de sectarismo, dado que na Batalha da Sé, foram tanto comunistas quanto anarquistas que bateram os integralistas.

Depois de cantar a Internacional, o que me tocou (já não sei mais a letra!), saímos em passeata pela rua Direita, ao som de FFNP! Sem carro de som, só palavras de ordem e chamadas.

As lojas ainda estavam abertas. Avançamos até a Patriarca e cruzamos o Chá. Contornamos o Teatro e ladeamos o Largo do Paissandu. Tinha um show em andamento e fui atraído pelo som de um violão elétrico que tocava à maneira das



Guitarradas paraenses. Vi um pouquinho do show e retornei à passeata que subia a São João. Em frente ao Bar Brahma, a multidão entoou: “ei burguês, vai tomar no cu/a culpa é de vocês”, alguns cantando o final de um jeito e outros do outro. Já em frente à Igreja Universal, poucos metros adiante, o mote foi “Fora Bolsonaro!” Me foi relatado depois que moças feministas levantavam suas camisetas exibindo seus seios nus aos fiéis estupefatos. Muitos aproveitavam a massa para pichar o chão e as paredes da cidade.

“Lutar, criar, poder popular!”

“Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”

“Globo, fascista, sensacionalista!”

“FFNP!”

Não pude deixar de notar certa surpresa nas pessoas que olhavam de fora. Pareceu-me que nem todos os que viam a passeata passar entendiam o que estava acontecendo. Talvez acostumados ao binômio verdeamarelo/vermelho, não conseguiam localizar essa turma do vermelho e negro no radar político do momento. Exceto aqueles que, em pelo menos duas oportunidades, jogavam coisas da janela em cima do ato. Ocorreu-me que talvez a nomenclatura “fascista” não seja super familiar ao transeunte médio.

“Sem estado sem patrão, anarquia e auto-gestão!”

Encontrei amigos na marcha e conversamos um pouco sobre a situação. Estão todos ativos na militância autonomista e a tônica é a preparação da próxima esquerda. Eles certamente não estão indiferentes ao noticiário nacional, mas também não se entusiasma com soluções institucionais. Estão a viver esta contradição, não sem agonia, mas seus horizontes imediatos estão deslocados em relação ao petismo. Nesse momento, a ansiedade governista de atrelar toda a movimentação da esquerda à defesa de Dilma acaba atrapalhando a construção dos próximos passos. O diálogo na esquerda não está muito fácil, e pode ser que tenhamos que esperar o fim do governo do PT para que o governismo deixe de ser pauta e que se comece a reconstruir a esquerda. Para o petista, no entanto, é um erro crasso achar que essa defesa e construção devem começar em algum ponto futuro. Já corremos perigo agora e amanhã será tarde demais.

N disse que considerava a passeata um sucesso, um ganho de organização. Ponderou que a “nebulosa” anarquista, essa nuvem díspar de dissidências e divergências, não é

fácil de juntar. C relatou que ocuparam uma escola em Pinheiros e estão a desenvolver atividades relacionadas à educação.

A polícia acompanhou a passeata por toda a sua extensão com umas 5 viaturas, mas não interveio, a despeito de motocicletas nervosinhas. Parece que a trégua geral da polícia em relação a protestos políticos, temporária, estende-se também aos autonomistas.

O cortejo alcançou finalmente seu destino, o Memorial da Resistência, o antigo DOPS. Ficamos um pouco lá, mas a marcha seguiu pela Luz, tomando a Casper Líbero e entrando na rua Washington Luiz. Quando vi o prédio do Centro Paula Souza, compreendi que a passeata ia acabar na ocupação dos secundaristas. Achei a idéia ótima: dar um apoio à meninada e diminuir a solidão da ocupação. A chegada foi muito bonita, já de noite. A ocupação de repente acordou, os estudantes acorreram aos portões, subiram nas grades e cantavam junto com a multidão embandeirada do lado de fora.

“Unificou, unificou: estudante, funcionário e professor”, rima só possível no falar brasileiro.

Foi muito bonito e isso quase apagou a minha sensação de que os movimentos anarquistas estão perseguindo um espantalho dos anos 30 e se furtando à luta atual do campo esquerdista. Eles estão de fato ligados às lutas contemporâneas e fazem parte da próxima esquerda. Suas críticas e práticas serão úteis na hipotética superação e renovação do PT. Ainda acho que a defesa do PT nesse instante é a defesa de toda a esquerda, e que tem um enorme buraco incontornável ao anarquismo no que diz respeito à sua estratégia revolucionária e entendimento de seu lugar da luta dos trabalhadores como um todo. Mas dialogar diretamente com o movimento social real representa lucidez política importante desse campo.

Andei até a Luz e fui para casa.



Ei, psiu, a Dilma já caiu!

FUNARTE

Cordão da Mentira

Fora Temer!

Fora  
CORPO



RUA

LEB

Anti-Capitalist

MULHERES

SEGUNDA DAS TRÁS

Marcha da Maconha



2016



## **1º de maio – Manifestações diversas**

Saí com T para a Rebouças e tomamos um ônibus para ir até a Paulista: quis checar as comemorações de 1º de maio marcadas pela cidade. Eram 14:30.

As informações que coletara se revelaram desencontradas. Tinha o ato do Conlutas (PSTU) na Paulista, um ato convocado pela FIESP, que não se materializou, outro ato na Sé e o grandão no Anhangabaú. Achei que veria todos de uma só tacada, mas acabei perdendo alguns lances. Soube depois que a Força Sindical realizou outro ato na zona norte, onde Marta teria sido vaiada. É difícil julgar nesse ambiente de noticiário polarizado, mas pode ser que ela tenha errado irremediavelmente ao mudar de partido: seus antigos eleitores não a perdoarão, e seus novos amigos não a aceitarão.

O ato do PSTU tinha acontecido de manhã. O amigo E, que esteve lá, depois me contou que vieram umas mil pessoas. Quando eu cheguei, só bandeiras de plástico no chão e o carro de som, onde uma banda de rock tocava. Vi o cartaz “Contra Dilma/PT, Cunha, Temer e Renan/PMDB e Aécio, Serra e Alckmin/PSDB”. No cartaz não figurava o “por uma alternativa dos trabalhadores, da juventude e do povo brasileiro” que completa a mensagem no panfleto. Estão convocando uma greve geral.

Adiante cheguei a FIESP, e só havia um concerto no palco deles. O acampamento coxinha estava lá, mas foi deslocado para o lado. Notei no dia seguinte que eles não estão mais exatamente em frente da FIESP, mas meio apertados na esquina. Será que a Federação agora não precisa mais deles e vai descartá-los?

Pegamos o metrô na Brigadeiro e descemos na República. Ao caminhar em direção ao Teatro Municipal, vimos já algumas camisetas vermelhas. O som do palco no Vale aos poucos se fazia ouvir. O centro de São Paulo distorce o som ambiente de maneira muito interessante. A locução ao estilo velha esquerda que vinha do palco foi tomando forma conforme avançávamos pela Barão de Itapetininga. Uma massa indistinta aos poucos se decanta em palavras e sentenças. Há um momento onde só a cadência é audível, o sentido das palavras ainda não aparece, e o discurso fica em um limiar humano/máquina.

Chegamos ao Viaduto do Chá e demos uma olhada no Vale lá de cima. Cheio de balões, ainda com bastante gente. Muitas pessoas no entorno, muita camiseta e avental vermelhos. Fomos até a Sé ver se havia alguma coisa, mas estava vazio, exceto pelos pregadores evangélicos. Depois E relatou que houve sim um ato chamado com o PSOL



e MTST, acho que chamado pela Frente Brasil Sem Medo, entre outros, que depois foi para o Anhangabaú. Voltamos ao Vale.

Muitos balões e barracas, um clima geral de festival. Vi gente ou bandeiras do CUT, PCO, MST, PDT, PCdoB, PSOL, FLM e as meninas e meninos do Levante Popular da Juventude, fantasiados para performances no meio da multidão. Eles têm sido de longe o mais interessante na “velha esquerda”, uma expressão de novas marés ainda dentro das estruturas mais hierárquicas. São eles que fazem escrachos na casa do Temer e outros. Havia também outros batuques, jovens que estão lá mas estão na deles, fazendo seu som no meio das pessoas, como a Batucada Popular Carlos Marighela. A banda Pequenos Cidadãos tocava no palco, vestidos de garis.

Perguntamos se Lula já havia falado e soubemos então que só Dilma já discursara. Lula não falou por trazer a voz rouca, disseram. Haddad falou também. Perdi todas as falas.

Apesar da manifestação não ter sido monstruosamente massiva, estar ao ar livre entre iguais é reconfortante. Cercado de sindicalistas, militantes e populares, a solidão diminui e pensei que somos muitos, há organização e mobilização mínimas, isso não pode ser apagado facilmente. Sei que a CUT está em encolhimento e que as mobilizações das grandes organizações populares não estão fáceis, mas, refletindo ao entardecer desse domingo, não há de cessar a luta.

É curioso também estar em uma manifestação da esquerda laborista como consumidor. T anotou que em manifestações autonomistas, a primeira coisa que se faz ao chegar é colocar seu nome na lista de tarefas: limpeza, comunicação, cozinha. A CUT tem campanha contra a terceirização, mas certamente para o ato ela contratou empresas terceirizadas. Li uma celeuma do Facebook acerca da colagem de cartazes do PSTU convocando o ato do 1º de maio. Parte da colagem se deu em cima de um muro todo grafitado da avenida Paulista, estragando a imagem. O PSTU se desculpou, alegando que a colagem tinha sido feita por empresa contratada...

Então assistir show, assistir discurso, é meio longe do que poderia ser um espaço de vivência não-capitalista, ou um espaço de troca, sei lá. As mobilizações anti-golpe têm sido um pouco cansativas por causa disso. Onde precisa fórum de escuta, tem microfone e palanque. A desejada capilarização de uma Primavera Vermelha não vai se dar na chave do esclarecimento, mas sim da invenção. Sei da urgência do momento, mas a invenção precisa ser parte da resistência.

Encontramos E e ele relatou que foi à manifestação LGBT no Largo da Batata, onde também tinha um ato pró-Bolsonaro. Parece que não eram manifestações super numerosas e que se mantiveram separadas.

Encontramos também E, de roupa e batom vermelhos, e conversamos um pouco. Falamos da situação atual e também dos anos 1980, traçando um paralelo entre a irrupção do PT contra a hegemonia do PCB e a dos jovens hoje contra o PT. Ela relatou um pouco da política estudantil da Libelu (Liberdade e Luta) e como esta tendência se destacava por sua liberdade comportamental, contrastada com a carece dos PCs à época.

Andamos juntos até a Sé e nos despedimos. Tomei um trem na Linha Azul e fui para casa.

### **3 de maio**

Vi ontem na sala de espera do dentista que a PM invadiu o Centro Paula Souza. Li depois que a Justiça mandou ela sair, pois não tinha mandado. Os secundaristas continuam lá. No Rio de Janeiro as ocupações estão crescendo em número. Essa luta deve bombar.

No noticiário, a PGR avança no processo contra Aécio. Há quem diga que é só cortina de fumaça para legitimar as delações de Dulcídio, fonte da denúncia contra o mineiro. Fala-se nas prisões de Lula e Dilma.

Tenho lido análises sombrias sobre a situação. Há toda uma gama de notícias fragmentadas sobre atos de exceção: aumento da matança de lideranças no campo, de indígenas, proibição de debate de estudantes sobre a política nacional em BH... Parece que há um vácuo de poder que está sendo preenchido com arbitrariedades. A indefinição desse intervalo político que vivemos está a criar monstros, filhos do “clima de ódio”. Há quem analise que não há um comando central forte no golpe e que este envolve um número muito grande de interesses a contemplar depois de consolidada a manobra. Haverá um acerto de contas, além de uma onda de vendetas e pequenas vinganças, repressões locais, arbitrariedades de chefetes e caciques locais contra a esquerda em geral. O ambiente de cinismo e o cobertor do silêncio já estão em funcionamento: o PIG tenta passar o clima de normalidade, e as classes médias já sinalizaram, nas selfies com policiais, que vão tolerar toda a violência que não precisarem enxergar. Esse clima de descontrole institucional vai atingir todo mundo, incluindo os “isentões”. Já está em andamento.

#### **4 de maio - Resistências**

Imagino a manchete: “PM baleado por militante do MTST de folga”. Maluco, não? Quem ia acreditar no “de folga”? Olha a celeuma que ia ser. O oposto ocorreu hoje, foi uma manifestante que foi baleada por um policial em São Paulo. A imprensa deu pouco destaque. Falávamos ontem desse relaxamento institucional que autoriza escalões médios e inferiores a dar vazão à violência, dentro do ambiente criado pelo “domínio do fato”. Pode escalar.

A cisão no noticiário cria uma sensação muito particular: por um lado, o verniz da normalidade golpista, por outro, a atividade febril de resistência. No final a gente se sente que está num processo de explosão: a vertigem é acachapante, mas não saímos do lugar, congelados na pose da explosão.

Do lado anti-golpe, as notícias são de eclosões de resistência por todo o Brasil. Nem tudo é verdadeiro e há uma vontade de fazer parecer que a coisa é massiva. Não é. A capilarização para fora da bolha petista é penosa e lenta.

Mas há sim um tipo de resistência que está, parece, a se espalhar: justamente os secundaristas e jovens. Eles conseguiram perfurar o silêncio do PIG que teve que noticiar a crise no projeto coxinha. A Assembléia Legislativa de São Paulo está ocupada por estudantes, num lance de ousadia e lucidez política. Apesar de liderado por organizações mais “governistas” (UEE, UNE etc.), o movimento da merenda é assim: não precisa de comando, vai e faz; vai e ocupa. Parece que tem um pessoal agora no Senado. A imprensa petista tem chamado esse evento de ocupação. Uma ocupação de verdade do Senado ia ser lindo. Parece que os Guaranis ocuparam uma secretaria na Paulista...

A mobilização coxinha está em baixa, o governo de São Paulo hesita em agir e dá respiro aos estudantes. Esse interregno de anomia relativa que vivemos bem que poderia fazer soprar uma Primavera Vermelha... Sei que haverá a guinada Temer, que, ilegítimo, terá que se impor pela ordem.

Sexta tem Criptorave no CCSP. São os programadores e techies progressistas que se dedicam às práticas libertárias e públicas. Serão 24 horas de programação a partir da

sexta. Tem muita palestra malucona. São Hackers no sentido lato de preservadores da liberdade na internet. Na mesma sexta tem ato na Roosevelt do MTST. Eu vou.

## **5 de maio – Duas mobilizações secundaristas**

Não consegui ficar em casa só lendo notícias e fui para a rua checar as ocupações dos secundaristas. Eram 10h.

Saí do metrô Luz e andei até a rua dos Andradas. Havia a ameaça da reintegração de posse da ocupação do Centro Paula Souza. No final, o juiz autorizou a ação, mas impôs uma série de restrições à operação de despejo: exigiu a presença do Secretário de Segurança Pública, que a PM não usasse armas, e a presença de vários agentes da justiça. Isso acabou por inviabilizar a ação, pois aumentou o custo político para aquele que espera possível nomeação para ministro da justiça. Desta forma, o impasse postergou qualquer desalojamento por ora.

O clima era meio de festa, sem o banzo e a tristeza que por vezes acomete o ocupista – vide FIESP. Muita gente do lado de fora, apoiadores, jornalistas e funcionários públicos. Por um estudante soube que o Suplicy, Erundina e o Padre Lancelote tinham passado por lá. Ao contrário da reclamação veiculada pela Globo no dia da presença policial dentro do prédio, o comércio da rua fazia vibrante negócios com tanta gente lá fora.

Alguns cartazes da grade da ocupação: “sorria você está sendo manipulado”, “Sem caos não há mudança”, “não tem arrego”, e outro que trazia uma palavra de ordem muito cantada pelos alunos: “a escola ele fechou, a merenda ele cortou, o Geraldo é só caô-ô-ô”.

De fora dava para ver uma parede com informes e também reportagens de jornal. Em uma reportagem da Folha, a manchete foi corrigida pelos estudantes: “Secundaristas OCUPAM a ALESP”. A palavra mudada foi “invadiram”.

Encontrei imediatamente E e J. Trocamos informações acerca da situação dos secundaristas e também das homenagens do dia ao falecido Vladimir Rossi. Entrei na ocupação e dei um giro. Dentro havia uns 200 estudantes, em grupos espalhados pelo salão da recepção. Um grupo tocava violão, outros digitavam em seus laptops, muita conversa e descontração. Achei tudo limpo e asseado.

Anotei mais alguns cartazes: “nem PT nem PSDB”; “poder popular”.

Saí e decidi checar a ocupação da Assembléia Legislativa. Nessa hora chegam três estudantes com várias marmitex com comida, e são muito aplaudidos.

Saí pela Santa Ifigênia e notei como esta rua é um dos últimos lugares onde minha idade parece diminuir: “posso ajudar, jovem?”, me pergunta o vendedor de rua na calçada.

Caminhei pela República até o Viaduto 9 de Julho e fui dar ao pé da Brigadeiro, onde tomei o 5154 que sabia fazer a curva à esquerda em direção ao antigo Detran quando no Ibirapuera. Lá está a Assembléia Legislativa.

Ao chegar ouvi o carro de guerra sonora do sindicato. Um grupo pequeno de apoiadores estavam acampados na rua lateral da ALESP. Lamentei de novo o arranjo sonoro propiciado pelo carro. O espaço cognitivo de conversa era esmagado pela locução. Algumas barracas na calçada e um painel com os deputados envolvidos no esquema da merenda compunham o local. Vi bandeiras da UNE, UJS, UPES, CMP. Uma faixa trazia: “não tem arrego, você tira minha merenda e eu tiro seu sossego”.

É muito interessante observar as diferenças e semelhanças entre as duas ocupações. A da Paula Souza é de inspiração autonomista, mais horizontalista e apartidária, pouco simpática às entidades estudantis que entendem como aparelhadas por partidos. Já a ALESP tem liderança, tem entidades e se alinham mais à política institucional. Parece que as duas formas estão se falando e lutando juntas. Certas práticas autonomistas, como a ocupação e ação direta sem liderança, assembleísmo e democracia radical, estão de alguma forma filtrando para os movimentos de entidades. Ver democracia direta em ação é contaminador.

Conversei com um sindicalista e um apoiador. Falamos da situação em geral e um deles me falou que ele tenta fazer a luta pelo Facebook, alcançando quem ele chama dos não “odientos”. Ele é professor e tenta dialogar com amigos e parentes, mesmo que inicialmente postem coisas fortes contra a esquerda. Ele é do PSOL. O sindicalista contou como o governo do estado achava no início que era a APEOESP que fazia as ocupações e ameaçou multá-la em 100 mil. Eles apoiaram, mas foi iniciativa dos estudantes.



Lá dentro, 70 estudantes estão ocupando o plenário, impedindo a votação de qualquer coisa. Eles exigem a abertura de uma CPI para apurar o caso da merenda. Eles buscam persuadir deputados a assinar o requerimento, e agora quase têm as firmas necessárias. De tarde faltavam 5. Capez está em uma situação difícil. A remoção violenta parece que é politicamente sensível, pelo menos por agora. O sindicalista ao portão me disse que o PSDB já rifou o Capez e ele está isolado. Ele conseguiu uma liminar que determina a saída na sexta até as 16h, sob pena de multa de 30 mil reais por dia por aluno.

De outra forma, todo mundo calmo e confiante. Essa ocupação tem sido um sucesso e outras ocupações estão acontecendo pela cidade: ETECs, algumas Diretorias, e muitas escolas pelo Brasil afora. As autoridades parece que estão cuidadosas e não querem um junho como em 2013.

A falação ao microfone tinha parado e música tocava no acampamento. A fita formou um túnel do tempo: ao conversar, ouvia a voz de Elis Regina falar da “gente que partiu num rabo de foguete”, e Chico perguntar “o que andam suspirando pelas alcovas?”. Mas a viagem dimensional no tempo se abriu no espaço quando ressoou na baixada do Ibirapuera o cantor Ivan Lins “com força e com vontade, há de se espalhar, com toda a intensidade”. Essa veio direto da adolescência, sem escalas.

Peguei uma carona nesse furo dimensional e fui para casa.

## **6 de maio – Desocupação do Centro Paula Souza e Cryptorave**

Levantei cedo para estar presente na desocupação do Centro Paula Souza às 6 da manhã. O governo havia obtido nova determinação onde o juiz permitia a posse de armas pela polícia e prescindia da presença do Secretário de Segurança.

Desci na Luz e caminhei para lá. O acesso já estava fechado na rua Washington Luís. Dei a volta em direção a outras paralelas para poder chegar mais perto. Depois de outro bloqueio, cheguei à avenida Casper Líbero, de onde se via os fundos do Centro e a retaguarda da PM: viaturas, caveirão, carro de bombeiros e alguns soldados. Uma padaria na esquina exibia o noticiário da Globo que incluía o acompanhamento da desocupação. Falava também na crise da polícia do Rio, que não tem dinheiro para arcar com suas despesas, incluindo salários. Fiquei um pouco lá, mas quis chegar mais

perto. Busquei uma das esquinas próximas ao portão do Centro, a da Andradas com Timbiras.

Tinha um punhado de pessoas atrás da linha de isolamento, incluindo advogados, uns 30 corpos. Além da linha, viaturas e a coluna da Tropa do Braço, mascarada, escudos e aparato repressivo, incluindo uma motosserra e um alicatão. O equipamento parecia meio excessivo, mais de 200 soldados do choque, fora PMs avulsos.

Via também que duas colunas de PMs fechavam a rua, uma em cada esquina, reservando assim a via isolada em frente ao portão. No meio da rua, muita atividade, policiais e apoiadores, acho que advogados e oficiais de justiça. Também estudantes, se enxerguei bem de onde estava. A imprensa toda atrás das linhas de isolamento.

Havia muita tensão no ar, pois não se sabia como a PM agiria. Poderia ser com violência exemplar, para dar sinal ao movimento social. Ou poderia ser cautelosamente, com medo das repercussões políticas. Mas na hora não dava para saber, e existia o componente espetáculo da repressão, os uniformes, a coreografia bélica, que é desenhada para produzir “choque e terror”.

Um fotógrafo que dizia ter um passado militante lamentava o desfecho de resistência, ponderando que os secundaristas tinham que já ter desocupado o prédio. Curiosamente, insistia muito que as lideranças eram irresponsáveis por deixarem os meninos sozinhos nessa hora. Tentei argumentar que essa ocupação não tinha liderança de fora, mas ele não acreditou e foi ríspido. Essa é uma vantagem democrática do horizontalismo, que vi em ação nas manifestações do MPL. Enfrentar ou não a polícia é decidido na hora em assembleia, não há separação liderança/militante. Lembro-me de minha mãe quando ela me chamava de “inocente útil do PT”. Para ela, meu corpo servia de massa para decisões tomadas em gabinete, em outra instância. Além disso, não há nos movimentos horizontalistas o centralismo democrático, típico de organizações hierárquicas: quem quiser desobedecer a assembléia e sair fora, pode.

Ouvia palavras de ordem dos estudantes e também dos apoiadores na outra esquina:

“Eu não vou parar, enquanto a educação não melhorar”

“Ocupar, resistir”

“Sem violência!”

“Fica ligeiro, fica ligeiro, se não pode com formiga não atíça o formigueiro”.

Vi a coluna de invasão da PM se posicionar para o ataque. Eram 50 homens mascarados, de escudo. Foram até o portão e entraram no prédio. Nessa hora, na outra esquina, a multidão de apoiadores conseguiu romper a linha de policiais e a rua se encheu de gente gritando. Achei muito interessante, pressionar de fora o perímetro policial, e de muita coragem também. Os estudantes foram literalmente arrastados para fora e empilhados no chão na frente do Centro. Cantando palavras de ordem, agruparam-se e saíram dali caminhando em direção à Luz. Um dos secundaristas, um moço de saias, gritava para os policiais: “minha arma é minha caneta!”. Corri para o outro lado, contornando o quarteirão.

O grupo de uns 300 secundaristas subiu a rua dos Andradas e desapareceu. Fiquei um pouco mais para ver o que acontecia. Um moço me falou que eles estavam indo à FATEC da Tiradentes, que está ocupada. Saí em busca deles e fui topar com a jovem multidão na altura da Pinacoteca. Lá eles entraram na avenida Tiradentes sem nenhum medo ou receio. Correndo perigo de vida, eles bloquearam uma ou duas pistas e seguiram em passeata. Caminhei pela calçada e acompanhei as meninas e meninos. Andando no meio da avenida, eles passaram na frente do quartel da Rota: “não acabou, tem que acabar eu quero o fim da polícia militar!”, gritavam. Fecharam o cruzamento grande da Tiradentes com a Ribeiro de Lima por alguns momentos. Depois seguiram caminho, arrastando consigo aqueles cones gordões da rua.

A presença policial era pequena, só algumas viaturas tentando acompanhar a meninada. Chegando em frente à FATEC, a multidão saiu da avenida e vai em direção ao portão. Cinco policiais de escudo bloqueiam o acesso e a tensão escala, muita gente pressionando pela entrada, mas de nada adiantou. A linha policial ameaçou bater algumas vezes, mas se conteve.

“Chega de chacina, eu digo a PM é assassina!”

Para os ônibus que passavam:

“Trabalhador, presta atenção, a nossa luta é por educação”

Eram 7:20 e a tensão diminuiu, pois seria muito custoso forçar a entrada. Aqui um momento que me parece típico de mobilizações de rua horizontalistas. Após momentos intensos e ativos, sobrevém uma pulsão de inatividade e dispersão. As pessoas vão formando grupos menores, conversando e sentando na calçada. Achei que um movimento hierarquizado – com carro de som – veria esse momento como fraqueza e indisciplina, e buscaria refocar e reengajar a atenção dos manifestantes imediatamente ao redor da enunciação única. Com a avenida fechada naquela via, em frente a uma escola ocupada, achei que sentar no chão e conversar era em si uma atividade política.

Por fim foi feito um jogral. O tom era de vitória e de emoção com a desocupação da manhã. Claramente eles não vão parar. Eu já repreendi amigos meus que depositam nos secundaristas toda a esperança futura da esquerda, o que eu acho excessivo e injusto com a meninada. Mas de pé na Tiradentes, cercado dos jovens sem medo, comecei a ter fé também que esse movimento é sintomático de algo maior. Ele parece indicar que há sim uma movimentação tectônica em curso, que ainda não achou muito expressão política definida, mas que está sim em erupção.

Encontrei A e J, e eles notaram os cabelos dos jovens como uma espécie de signo de uma condição pós-gênero, onde eles parecem ter superado a dualidade luta política/desbunde. Eles fazem os dois ao mesmo tempo. A crítica do micropoder tem gerado práticas democráticas e basistas importantes, há que se aprender com eles.

A essa altura já havia mais viaturas e também um policial que filmava acintosamente a manifestação. Os jovens estenderam uma faixa: “Pela educação, professores em greve e nós ocupa”. Mas no geral a atmosfera era de calma.

Eram já 8:15 e decidi ir embora. Deixei as meninas e meninos na rua, tomei um metrô na Tiradentes e fui para casa.

De noite fui conferir o debate na praça Roosevelt e depois fui à Cryptorave. O calendário anti-golpe está bem variado e cheio.

Desci na estação República e caminhei para a Roosevelt. Cheguei na hora e não havia começado ainda. Encontrei E e fomos comprar uma água com gás. Voltamos e esperamos a coisa começar. O debate trazia Guilherme Boulos, a economista Laura,

Sakamoto e Gregório Duvivier. Falou também a secundarista Carol da UBES, que estava na ocupação da ALESP. Os secundaristas decidiram sair da Assembléia hoje.

Desde ontem o noticiário tem sido sobre a queda de Eduardo Cunha. Muitas análises e opiniões perfazem um universo de informação enorme que acaba por nos esmagar. Não me parece que haja consenso acerca das consequências da queda do deputado. O certo é que ele já fez o trabalho sujo e pode ser descartado.

O evento na praça foi meio curto, sem falas muito longas. Tinha umas 2 mil pessoas. No geral foi bom, no sentido de que certas angústias foram expressas e uma análise mínima da conjuntura foi feita com viés de futuro. Pareceu-me que, pelo menos no discurso, a construção da nova esquerda está em curso. A fala de Boulos foi bem assim, tentando construir vias possíveis de ação e resistência a partir da compreensão de que o ciclo de 1988 se fechou, que a era da conciliação se esgotou. Insistiu que o PT não volta mais e é preciso reinventar o projeto de esquerda. Ele considerou também o chamado de eleições Diretas Já como válidas e também chamou um dia nacional de paralisação na semana que vem.

Ouvi da boca dele uma expressão que já ganhou sigla em outras instâncias: EGT. Essa sigla quer dizer *Eventual Governo Temer*. Parece que em Brasília só se conversa assim: “o cenário do EGT”, “nossa atuação no EGT”...

Uma conversa com M após o encerramento temperou esse otimismo das falas. Ele sugeriu que essa esquerda parece estar muito atrás da renovação necessária e que em termos de prática e mesmo de expressão simbólica há muita transformação a sofrer. Parece que a dita “velha esquerda” reconhece a potência da dita “nova esquerda”, mas não compreende bem o quanto essa potência advém de práticas que transformam profundamente seu poder tradicional.

Peguei o metrô com E e fomos à Cryptorave. Esse encontro é totalmente auto-financiado e nenhuma empresa subvenciona essa iniciativa. O evento foi no CCSP e estava muito bonito. Chegamos às 9:15h e a palestra em curso estava cheia. A sensação aqui era de que existem de fato novos movimentos se organizando em novas instâncias e em novas bases. Ao abrigo da compreensão mais imediata da esquerda marxista (e também da economia corporativa), os ativistas digitais e hackers tiveram que compreender cenários inteiramente novos de trabalho e de liberdade coletiva e



individual. Elas e eles tiveram que inventar novas formas de resistência e organização. Alguns aspectos do que a sociedade veio depois a conhecer como “economia digital” eles já conheciam e têm discussão acumulada para oferecer à sociedade. Como as corporações demoraram uns dez a quinze anos a se interessar pela internet, historicamente pôde desenvolver-se uma vocação colaborativa e libertária (com toda a dubiedade envolvida no termo) de produção.

Pode ser apenas romantização minha, mas me parece que esses programadores estão muito perto do que seriam os “meios digitais de produção”, se é que isso existe. O Twitter, Youtube, Facebook e outros aspectos da rede são oriundos da cultura livre da rede. A corporação apenas dá potência em escala global. O Software Livre demonstra que a corporação não é necessária para a geração de uma economia complexa. Em outras palavras, a experiência da rede demonstra que é a colaboração e não a competição que gera conhecimento na complexidade necessária. Nada mal para as bases de uma sociedade anti ou pós-capitalista. Então esse ponto de encontro onde o conhecimento necessário para produção está na mão de quem trabalha traz consequências potenciais incríveis para a organização anticapitalista.

Assisti a várias palestras interessantes e instigantes. A descrição e compreensão da tecnologia de vigilância é um campo importante desse meio. Alguns cenários atuais descritos são assustadores. Esse campo do digital está sob forte assédio corporativo. A realidade dessa economia é muito cruel, e a aliança estado-corporação aparece muito. A privacidade e vigilância são temas urgentes para a sociedade como um todo.

No geral a compreensão de que novas formas de sociedade pedem novas formas de atuação estão bem consolidadas nesse meio. Mas o histórico da capilarização de novas formas dentro da “velha esquerda” é pobre. Essa sensação foi ecoada por M. Ele relatou um episódio envolvendo a ADUSP e a condução de uma ação de comunicação. A hierarquia sindical deseja os resultados da descentralização mas não consegue operar essa mesma descentralização para si. Soa meio Harry Potter, mas para ganhar o novo poder é preciso perder o velho poder.

O ponto não é o uso das redes sociais na mobilização, redução muito repetida por aí, mas a construção de ferramentas que envolvem o tanto o maquínico quanto as pessoas. A tecnopolítica tenta dar conta dessas formas, e ativistas, programadores e

intelectuais estão a pensar novas formas de construir proximidade, mobilização e trabalho dentro das formas propiciadas pelo digital. Muito além de divulgar uma atividade no facebook.

Desci com J a pé até o centro da cidade para a festa do coletivo ARRUA: Dançar sem Temer. Fiquei um pouquinho e fui para casa.

### **7 de maio – Escracho nos coxinhas da FIESP**

Eram 15:45 e fui checar um escracho contra a FIESP em frente à sede deles. Sabia dos preparativos, mas a comunicação falha acabou me privando dos detalhes. Esperava encontrar o grupo em preparação no MASP mas eles já estavam em ação na Federação.

Ao chegar vi dois patos de terno em cima de caixas de sabão. Eles discursavam para os passantes e uma pequena plateia de apoiadores. O discurso era uma colagem de idéias constantes do discurso liberal e do programa de Temer.

“Viva o golpe!”. “Abaixo a CLT!”. “Fora Chico Buarque!”.

Enquanto os patos descascavam os direitos trabalhistas e pediam a diminuição da hora do almoço, alguns coxinhas do acampamento ao lado vieram olhar. Achei incrível que eles não conseguiam muito intervir, pois na real concordavam com os enunciados.

“Fora comunistas!”. “Privatiza a educação!”.

Eles ficaram meio irados e interferiram no ato. Acabei discutindo com alguns deles, enquanto a turma cantava a sátira do pato:

“Lá vem o pato golpe aqui golpe acolá. Lá vem o pato seus direitos quer roubar”

Ficamos um tempo lá, fizemos um auê e foi legal. Ao final, ovos voaram em direção à fachada e estouraram contra o concreto e vidros da Federação.

Sáímos cantando pelas calçadas da Paulista, de alma lavada.

“O pato amarelo, nasceu na FIESP, juntou os coxinhas, bateram as panelas, beijou o PM no selfie quadrado, ai que saudades de 64.

O Cunha, o Temer, com todos os comparsas, com a mídia golpista, montaram a farsa, comprou a justiça e o STF, cadê a justiça, nos fez de pateta...”

## **9 de maio – Quase anulação do impeachment!**

A jornada do amante traído. Hoje foi um dia de altas emoções, euforias e caídas por terra... como um amor louco.

De manhã li que o ex-ministro Mantega foi conduzido coercitivamente a depor. PHA afirma que Lula será preso na quinta-feira, depois da votação do afastamento de Dilma. Para mim e para minha geração, começar tudo de novo tudo bem, vir a direita tudo bem, rolar golpe tudo bem, mas Lula preso sem prova de crime não! Impossível não recair na certeza de que a destruição do PT e da esquerda se dará de forma cruel e solitária, sob o olhar complacente dos isentos.

Vi também que várias torcidas têm exibido faixas contra o golpe.

E aí veio a bomba: o chefe da Câmara Maranhão suspendeu a sessão do impeachment de Dilma! Reviravolta total! O dólar subiu e a Bolsa caiu, indicando que devia ser sério. Esse fato recolocava toda a situação política: a mobilização anti-Dilma teria que recomeçar do zero, agora com um Congresso diferente e sem Cunha. Temer estaria ameaçado com iminente um impeachment só para si.

Com o passar do dia, a dimensão mais real da coisa foi aparecendo: o senado podia ignorar a decisão e mesmo o STF não estava obrigado a interferir. Foi um sustão malucão. A imprensa de esquerda estava dando que movimento social já tinha ocupado o Planalto, convocado que fora para um evento sobre a Educação. Que iam ficar lá. Que se iniciava uma jornada gloriosa de legalidade recolocada. Eu fiquei eufórico. No final do dia, parece que o ganho máximo será um parecer do STF sobre o mérito do processo de impeachment. Ninguém sabe o que pode vir a ser.

Como um amante traído, mas ainda apaixonado, eu já me prometera nunca mais me deixar levar pelos blogs governistas. Eles já tinham dado a impressão de que a votação do impeachment no Congresso tinha virado, e que havia votos suficientes para a derrota do golpe. A realidade foi amarga, e me dei uma bronca por me deixar levar por promessas de amor daqueles que me sussurravam ao ouvido apenas o que eu queria ouvir: ia dar tudo certo.

É que essa virada do Maranhão foi também uma poderosa promessa de amante sem escrúpulos que arranca ainda mais uma noite de carícias, mesmo tendo traído

inúmeras vezes: todas as minhas loucas esperanças contempladas em um único beijo. O xeque-mate do mestre que zerava tudo e recolocava a luta de forma favorável. O desejo mais louco que a razão já tinha descartado volta com volúpia incontável: eu sou teu, toma-me, possua-me, que me importa o amanhã, esse momento é mágico... que importa-me o despertar?

De qualquer forma, era de tarde e fiquei de checar a manifestação coxinha marcada para as 19h na Paulista em defesa do impeachment.

Fui a Pinheiros com o Terminal Lapa a partir do Paraíso, às 15:25. À altura da FIESP, o reduzido acampamento tentava levantar barricadas e tomar uma faixa da avenida. Mas havia pouquíssimos militantes, e o trânsito seguia mais ou menos normal. Uma placa identificava o grupo: “Resistência Paulista”. Havia muitas viaturas e soldados, mas eles não fechavam a via. Pelo menos até agora não houve levante coxinha nem muito buchicho popular. Nenhuma camisa amarela. Nada comparado à prisão de Lula, quando a direita saiu às ruas e fechou a Paulista.

Retornei à avenida às 18:30 pelo metrô e a partir da Consolação o trânsito parecia normal. A esta altura já sabia que o episódio consistiu apenas de um soluço, uma reviravolta sem resultado jurídico, quiçá político. O único ganho seria a intervenção do STF julgando o mérito do pedido de impeachment, se isso de fato ocorrer. Se.

Ainda 18h, comi um bolo de banana e um café ao mesmo tempo que checava os blogs (banda larga para todos, gratuita e de qualidade tem que compor uma plataforma socialista!). O senado parece estava a julgar o andamento do impeachment e Renan deveria ainda se pronunciar sobre a decisão de Maranhão.

Às 18:45 caminhei até o MASP, onde fui surpreendido por um animado contingente vermelho e branco. Ao contrário do que eu esperava, umas 900 ou mil pessoas dançavam em frente ao Museu, fechando a avenida. Vi muita alegria, batuque, dança e ... purpurina! O ambiente era claramente de celebração, de diversidade e de juventude. A maioria era de jovens, de 20 a 30 anos, muitos de coroas, com batuque, confete e serpentina pelo chão... O coração tremeu.

Quando cheguei, estavam a entoar na cara dos policiais que faziam um cordão de isolamento: “não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”. Esse

grito nunca é da CUT ou mesmo do MTST. É sempre da juventude. “No meu país, eu boto fé, ele é governado por mulher!”.

Um faixa na rua lia: “Não vai ter golpe UJS”. No microfone, não muito alto, alguém cantava o samba de Beth Carvalho “não vai ter golpe de novo”. Achei incrível e percorri a multidão. “Ai, aiaiai , aiaiaiaiaiaiai, o Lula fica e o Cunha cai!”.

Me deixei levar por um tempo e decidi checar o lado coxinha. A Paulista estava fechada da Campinas até acho que a Ministro Rocha Azevedo, claramente dando mais lugar aos direitistas, como a PM já fizera ocasiões anteriores, reservando um espaço da Paulista muito maior do que o realmente ocupados pelos coxinhas. Quando cruzei a Casa Branca, que era guardada por duas linhas policiais, uma de costas para a outra, encarando os manifestantes, vi um contingente de 200 coxinhas vindo em direção ao MASP, a partir da FIESP. “Moro, Moro” cantavam ao caminhar. Estacaram à linha policial e ficaram lá, meio distantes dos vermelhos mas entoando seus refrões: “Pé na bunda dela, aqui não é Venezuela!”; “Eu vim de graça” e “A nossa bandeira, jamais será vermelha!”. Ainda a melodia mexicana do Cielito Lindo: “aiaiaiai, está chegando a hora, o dia já vem, raiando meu bem, e a Dilma já vai embora”. Cantos favoritos do cancionista direitista: “Lula na cadeia!”; “Eu vim de graça!”; “Não vai ter golpe, vai ter impeachment!”;

Eles depois recuaram, em menor número, muito homem branco de 25-40 anos, e também uma quantidade notável de camisas sociais dentro da calça, muitos com malha por cima dos ombros. Cashmere Revolution.

Acompanhava os coxinhas de volta à FIESP, mas uma grita geral me levou ao campo vermelho. Lá, as pessoas celebravam e corriam pelo asfalto. Procurei alguém com celular e perguntei se havia notícia nova. Disseram-me que Renan havia barrado o processo do impeachment.

Fiquei exultante e de novo voltei a acreditar no atalho anti-golpe. De alguma forma, contra todas as previsões, Renan havia decidido acatar a decisão de Maranhão! Pulei com a galera e decidi checar o campo coxinha por vingança... Corri pela linha policial e cheguei lá. Mas notei que eles também celebravam e que um locutor dizia que os petistas tinham tentado o golpe, mas que Renan tinha dado curso normal ao processo. Caí em mim e percebi que algum balão militante tinha animado os vermelhos por



algum tempo. Eu fiquei meio jururu e caí na real. Amuado com a nova esperança esmagada, observei o campo à minha volta.

O painel da FIESP estava desligado, ainda bem. Mas as luzes do palco estavam acesas e líderes coxinhas se revezavam ao microfone. Alguns cartazes, entre eles “FFAA socorro”. Outro dizia “Não vai ter cuspe”. Um bonecão inflável da Dilma já cheio e ereto. Outro em enchimento, depois vi ser uma mortadela gigante. A tal “resistência paulista” estava lá em cartaz. Na ciclovia estava pichado “Fora Haddad”.

Fiquei alternando entre os dois campos. Uma certeza me sobreveio: não houve o levante coxinha. Ao contrário do dia em que Lula foi preso, os direitistas não acorreram às ruas. Apesar dos chamados e da urgência apenas relativa, avalio que esse campo agora perdeu poder de mobilização, pois estão a pedir que as pessoas saiam às ruas para propiciar Temer. O ônus da corrupção governista agora está com eles, eternizado na exata mesma base parlamentar ladravaz. Se por outro lado há de fato um levante popular nacional contra o golpe é outra história. Há quem confie no efeito que a votação do impeachment teve sobre os ditos isentos. Há quem indique que o apoio ao golpe no nordeste é muito menor do que no sudeste. Mas esse momento é ainda de alta indefinição.

Não pude deixar de notar que o boneco de Dilma estava postado bem ao lado de um banner que homenageia personagens do samba. Eles estão pendurados em toda a Paulista. Apareceram de repente no Primeiro de Maio, e foram patrocinados pela central sindical UGT. Quase à mesma altura que o boneco de Dilma, está a foto de uma mulher negra, acompanhada dos dizeres “Tia Clara abriu os terreiros e garantiu o samba frente à repressão”. Já o verso desse banner traz a figura de Chico Buarque, com os dizeres “Apesar de você, amanhã há de ser outro dia”. Sua imagem foi maculada por lama atirada por alguém. Em frente à FIESP, os logos da central sindical foram arrancados dos banners. Mas continuam lá, contrapontos curiosos ao acampamento da FIESP.

Na frente do Shopping Cidade de São Paulo, bem pertinho da FIESP mas do lado oposto da rua, uma pedinte ficava de joelhos na calçada, mãos postas, calado.

Voltei ao lado vermelho e a multidão aumentara um pouco. A animação continuava. “Juventude quer revolução, juventude e revolução!”, agora num batuque muito

embalado. Vi máscaras de pato, alusão à FIESP golpista. Meninos de coroa de princesa, moças de purpurina e uma viajante máscara do Temer, oriunda de outros carnavais. #ocupeademocracia, #musicapelademocracia.

“AVÉD, ARGAAD!” (A verdade é dura, a rede Globo apoiou a ditadura!)

“Fica, querida!”

Retornei aos verdeamarelos. Os discursos ficaram realmente odientos. Mencionavam Mercadante como um criminoso, assim como Dilma por ter obstruído a justiça. Até agora pouparam Temer e mesmo Cunha. O ódio a Lula é mesmo impressionante e assustador. Há também uma reiteração do “trabalhador de verdade”, do “brasileiro de verdade” e de quem “leva o país nas costas” contrastado a quem se beneficia de privilégios, seja os derivados da corrupção administrativa seja os dos programas sociais. “O gigante está de pé”, bradava um orador. “É proibido desistir”, instava outro. “Golpistas são eles”, “são comunistas que querem dominar tudo!”. “Os movimentos sociais são terroristas!”, gritava outro, referindo-se àqueles agora no Planalto.

O hino nacional foi tocado, como é costume entre eles, mas desta vez o orador pediu que todos pusessem os braços nos ombros da pessoa ao lado. Enquanto o hino preenchia a avenida, quatro homens caminhavam portando bandeirões do Brasil. Um deles, animado com a situação, ensaiou uns passos de ganso, à moda militar alemã. Gravei na memória. Depois do “hino mais bonito do mundo”, uma mulher falou como o Brasil bom era o “Brasil limpo”.

Muitos oradores são jovens, como de costume, mas pela primeira vez em manifestações coxinhas vi homens mais velhos no palanque, tipo de uns 40-50. Vi uns três, um deles de terno e gravata.

Finalmente alguém citou Temer. Garantia que os manifestantes se manteriam na rua se ele montasse ministérios fisiológicos e se não cortasse os privilégios. Quero ver.

Senti que nada mais ia acontecer e cansei do ódio. Eram 20:30h. Caminhei em direção ao Paraíso e fui para casa, pensando que não está fácil para ninguém, como diz LR. O golpe deveria ter sido rápido e fácil, mas agora arrasta-se de sobressalto em sobressalto. O EGT já foi desmerecido nas páginas do Estadão e da Folha, a falta de apoio parlamentar de Temer está escancarada na molecagem de Maranhão. O

ministério de notáveis foi uma fantasia e ele mesmo corre perigo de processo. Os investidores não devem estar contentes. A barafunda jurídica só aumentou. Mas a esquerda pena e tenta conjurar o elusivo fantasma da mobilização popular.

Ao caminhar pensativo pela Paulista, eu ouvia a turba atrás de mim: “Ei, psiu, a Dilma já caiu!”.

Andei até o Paraíso e fui para casa.

### **10 de maio – Protesto de taxistas faísca no Centro**

Hoje vi de tarde no dentista, na TV que ela tem dentro consultório, uma movimentação no Anhangabaú. De boca aberta e sem som na TV, só pude adivinhar do que se tratava. Tinha visto o dia todo as paralisações, ocupações e fechamentos anti-golpe na internet. Achei que poderia ser relacionado e saí da Marechal Deodoro para o Anhangabaú quando terminei a consulta.

As paralizações e protestos se deram o dia todo em todo o Brasil, incluindo o bloqueio da 23 de maio de manhã. O processo foi nacional e sinalizou que a resistência vai ser importante. A destruição do PT incorre na perda de via institucional para o movimento social em geral, o que implica em turbulência até o estabelecimento de vias democráticas de interlocução. Não sei se a esquerda em geral se ligou nisso ainda.

Saí do metrô e imediatamente achei o auê. Eram taxistas, uns 300, que quase fechavam o acesso entre o vale do Anhangabaú e a 23 de Maio e a Praça da Bandeira. O mesmo local onde o MPL foi atacado com bombas e cassetetes pela PM.

Misturei-me aos taxistas, que protestavam contra a determinação de Haddad em favor do Uber. Na hora em que cheguei, umas 19h ou mais, estavam todos concentrados lá, deixando um fio de carros passar. Todos homens, todos de 30-50 anos de idade. Uma repórter fazia sua matéria nessa hora, e um grupo grande taxistas se postou atrás dela gritando “Haddad. Ladrão, roubou a profissão!”. Duas ou três bandeiras do Brasil tremulavam sobre os condutores, e o coro “Fora PT” ecoou forte. Temi nessa hora que o protesto dos taxistas se transformasse num ato anti-PT de grandes proporções, tipo um contraponto às inúmeras manifestações que pipocaram Brasil afora – estas contra o golpe, pouco noticiadas na grande imprensa.

Vi quatro homens queimarem aqueles fogos tipo sinalizador a partir do viaduto, sem bomba mas com fogo contínuo. Um deles vestia um terno com gravata, outro um uniforme que de longe temi ser da Polícia Federal, preto com distintivo. Ao segurar os fogos, os quatro homens estendiam seu braço em saudação fascista. O brilho pulsante dos fogos na luz amarela da rua, os gritos dos taxistas, tudo isso me fez lembrar de um cenário tipo Allende: a greve dos caminhoneiros que antecedeu e acelerou o golpe lá no Chile.

A polícia estava presente, e o Choque na dobra da esquina. Percorri a manifestação um pouco e depois fui buscar o carro de som que irradiava um discurso enraivecido. Até achei que poderia ser alguma força de esquerda do outro lado do Vale, mas era um carro de som dos taxistas, com poucas pessoas em volta, à porta da prefeitura. O discurso contra Haddad era duro. “Você é corrupto e não vai se eleger nem a síndico de prédio mais”. “Vamos parar o aeroporto de Congonhas e vamos parar o aeroporto de Guarulhos!”. O orador também falou contra as ciclovias.

Ao observar os taxistas no Anhangabaú a partir do viaduto do Chá, fui abordado por uma moça que disse ser estudante da Faculdade de Direito. Ela perguntou se eu era jornalista e eu menti parcialmente dizendo que sim e que era blogueiro. Internamente saudei a faculdade de Direito, que proporciona um contato com a vida diversa da Babilônia que é o centro da cidade de São Paulo. Essa moça estudante estava à vontade de abordar um homem no Chá de noite. Viva a FADUSP!

Do viaduto do Chá observei que a concentração ia saindo do trecho entre o Anhangabaú e a Praça da Bandeira. A tensão diminuiu e decidi caminhar para casa.

No caminho parei no boteco que está ao lado da praça João Mendes e de onde se vê os fundos da Catedral da Sé. Notei que de novo havia helicópteros no céu e que estes tinham dado um tempo nas últimas semanas. Pedi um Dreher e coca-cola e vaticinei que a lua de mel do protesto de rua com a PM acabava na quinta do afastamento de Dilma. Lula será preso, os helicópteros não sairão dos céus, a PM voltará a reprimir e os isentos continuarão a se calar.

Estou de novo no modo “a última vez”. Para mim, a inauguração da nova era de arbítrio se dará com a prisão de Lula, vaticinada para o primeiro dia do governo Temer. Hoje me despeço da Catedral da Sé, à frente da qual testemunhei o último

comício das Diretas Já e o enorme ato da campanha de 1989 – a massa se estendia da praça até o MASP, ininterrupta, tomando toda a Brigadeiro. Foi ali também que ouvi Luís Carlos Prestes em sua última aparição pública, num comício do PT. Percorri de novo as ruelas do centro onde eu, estudante de 18 anos do curso noturno da Faculdade de Direito, caminhei bêbado e calouro nos estertores da ditadura.

São 20:15h e vejo da mesa do boteco os fundos da Catedral na noite paulistana, ainda túrgida do fluxo de pessoas e veículos. Muito trânsito, sirenes e buzinas, a porra dos helicópteros, as pessoas e os desejos se roçando no bulício incessante dessa metrópole incontável. Sinto o cheiro de comida que é sempre a mesma (combinações de queijo tomate e presunto e pão), passo os olhos pelas mesas ao lado, os casais conversando, o trabalhador solitário, estudantes praticando o tabagismo, os homens de pança ao balcão, as duas telas de tv com o mesmo jogo de algum campeonato europeu, os pedintes das ruas e suas desgraças, o garçom de uniforme e boné quase sempre nordestino...

Miro tudo isso e não consigo evitar de cantar no meu teatro interno uma cançoneta anarquista italiana, dos prisioneiros anarquistas que abandonam, presos, a cidade de Lugano, na Suíça que antes os acolhera – *Addio Lugano Bela*. O italiano é delicioso, especialmente quando é próximo ao português e tudo se entende. “Anônimos companheiros, amigos que ficaram, a verdade social, propagai em alto e bom som, esta é a vingança que pedimos a vocês!”. Em português coloquial não mais usamos esse imperativo “propagai”, mas isso persiste em outras línguas latinas de quem somos aparentados e nelas não soa antiquado (*da forte propagate!*). Mas essa forma figura na bíblia em português, infelizmente, pois isso dá um ar de solenidade e autoridade que não é o caso na família latina.

“A paz entre os oprimidos, a guerra ao opressor!”.

Nessa toada subi a avenida Vergueiro a pé a partir da Liberdade, desejando o melhor aos jovens estudantes das universidades particulares do caminho em direção ao Paraíso que se derramavam pelas calçadas.

Em casa vi o vídeo onde as meninas e meninos secundaristas em manifestação na avenida Tiradentes paravam em frente ao quartel da ROTA e gritavam contra a estrutura militar da polícia. Tenho certeza que pagarão por isso no futuro próximo,



quando for tarde demais para os isentos intervirem. A ousadia envolvida nesse ato envergonha o PT e seus militantes, que já foram vítimas de borrachadas da polícia em tempos passados.

Cheguei em casa em meio a esses devaneios, escrevi estas linhas e fui dormir.

### **11 de maio – Confirmação do impeachment no Senado**

Estive na sala de espera de um hospital aguardando minha mãe realizar exames. A televisão do local estava na Band News, cuja programação era totalmente dedicada à atividade no Senado. Foi muito opressivo, o viés golpista era esmagador: só anti-governistas eram entrevistados, somente uma opinião foi legitimada, as falas eram extensas e enviesadas. Já falaram 3 parlamentares da oposição ao longo de 30 minutos. Iniciamos o longo período da Operação Cobertor da Normalização.

Teve chamado de concentração na Paulista, mas não consegui reunir as energias para ir. Não assisti nada também na TV. Mas bebi um monte e fui dormir, à procura de um abraço.

### **12 de maio – Ato pró-Dilma no MASP**

Acordei de uma noite inquieta com fogos e buzinas. Achei que era o Lula sendo preso, pois não tinha visto que a votação do impeachment se estendera madrugada adentro. Conferi na internet e entendi que era a consumação do golpe no Congresso. Logo acabou o barulho, exceto por um maldito motorista que ficou rodando o quarteirão com a mão na buzina. Mesmo ele uma hora desistiu.

Depois, de novo na sala de espera do hospital vi parte do discurso de Dilma fora do Planalto. Notei que ela chamou o golpe de golpe. De resto, não assisti nada.

Passei o dia de mau humor. Resolvi umas coisas na rua e fui conferir um ato chamado para a Paulista às 17h. Saí na estação Trianon-MASP e dei uma olhada no acampamento coxinha. Vazio como sempre, mas tinha muitos policiais.

Esperava pouco desse ato de resistência e achei que ia para casa logo: o golpe já se consumara, a Operação Normalidade já estava em curso. A noite vai ser longa e a reconstrução demorada. Mas fiquei surpreendido de ver tanta gente no vão do MASP. Já tinha umas 3 mil pessoas e eram exatas 17hs. Vi poucos estudantes de classe média

e muitos sem-teto. Grande número deles eram senhoras. Dei um giro e vi os estandartes e faixas das ocupações: Maria Bonita, Nova Pinheirinho do Embu, Che Guevara, João Goulart, e o bandeirão palestino da ocupação Faixa de Gaza. Vi que o ato tinha sido chamado pela Frente Povo Sem Medo. Presentes o MTST, PCdoB, UJS, UNE, UEE e a Intersindical. Não vi ninguém do PSOL. Acho que eles estiveram em um outro ato marcado para hoje, a inauguração de um memorial dos Crimes de Maio.

Senti que ia demorar um pouco para começar e sentei para comer o chocolatão que comprara: precisava afagar minha carência emocional. Do meu lado, um casal de meninos se beijava e comentava sobre as pessoas que viam. Perto de mim uma senhora fumava e assistia a novela em uma tevezinha portátil de mão. Grupos conversavam e faziam tremular as bandeiras.

O carro de guerra sonora já estava estacionado na avenida, mas ainda sem locutor. Ouvíamos muita música, entre elas Adoniran Barbosa e algumas canções latino-americanas. Pensei se a escolha das músicas era aleatória ou se havia programação deliberada. Desconfiei que o DJ tinha minha idade. Recentemente tenho ouvido em manifestações de certa esquerda músicas da minha juventude, o que me transporta para o outro extremo do período político que se encerrou hoje. Tipo ‘Maria Maria’ do Milton Nascimento, depois ‘Gracias a la Vida’, e ainda ‘Volver a los 17’, ecoaram pelo espaço livre do MASP e além. São clássicos da esquerda hoje matrona, mas nos anos 80 *Maria, Maria* era inédita e vibrante. Ainda adolescente, descobri a canção latino-americana de protesto. As letras eram fortes, falavam do presente, muito mais contundentes do que as canções em português que a censura deixava passar. E o parentesco da língua espanhola, que eu entendia apenas em parte, parecia realizar a análise e o projeto da esquerda então: a América Latina tem um passado em comum e uma vocação na unidade das lutas anti-imperialistas.

A certa altura até “Besta é tu” com Moraes Moreira tocou, misturado com algumas outras salsas e merengues. E uma cumbia ou duas foram irradiadas, o que me deixou muito contente.

Levantei para sacudir essa chave nostálgica de dentro mim: tenho medo de contaminar com muito saudosismo quem está na rua e é mais jovem do que eu, e tento

me manter disponível para entender que as lutas mudam também. Fora que esse saco da nostalgia não tem fundo.

Notei que a manifestação tinha enchido bem mais, e que muitos jovens agora estavam misturados aos sem-teto. As locuções já se faziam ouvir mais, e nada mudou no formato carro de som: a voz estridente, a retórica gritada, enfim, definitivamente um modelo a superar. As palavras de ordem do dia ensaiadas nessa hora: “Fora Temer!” e “Aqui está, o povo sem medo, sem medo de lutar”. A multidão já tensionava a rua, indicando que ia fechar a pista. A polícia acompanhava de longe, mas filmou todo o ato com uma câmera nova que eu nunca tinha visto.

Vibrei quando a multidão se movimentava e ouvi alto na rua “Estava durumindo, Kangoma me chamou”. Era essa incrível canção com Clementina de Jesus: “Disse levanta povo, cativo já acabou”. A luz do dia morrendo, eu apertado por 10 mil pessoas na Paulista ao som de Clementina. Isso me consolou um pouco das dores do dia.

Encontrei V na rua. Trabalhei com ela no teatro anos atrás. Ela desenvolve muitos projetos com jovens de todas as regiões de São Paulo. Conversamos um pouco sobre as durezas do dia e ficamos de tomar um café.

Logo antes de sair começou a tocar “Sangue Latino” dos Secos e Molhados, daquele disco das cabeças cortadas sobre a mesa. Pirei.

Encontrei também os advogados T e S, ela muito emocionada com os eventos do dia. “Não podemos deixar um golpe como esse passar”. Comentamos que o ato estava bem cheio e falamos da angústia presente. Eles contaram que sua filha atua no coletivo RUA, presente no ato.

Caminhamos até o prédio da FIESP. Dentre as faixas e bandeiras, uma meia dúzia de patos amarelos apareciam sobre as cabeças da multidão. A locução dizia 30 mil pessoas, um claro exagero, mas umas boas 15 mil estavam lá sim. O tom geral das mensagens era sobre a ilegitimidade do governo Temer, resultado de um golpe, e a disposição de resistir a qualquer retrocesso e perda de direitos. Não reconhecer Temer como presidente é pauta. A questão dos direitos foi muito reiterada, e parece que o MTST e as entidades estudantis querem fazer disso a pauta da vez. Os direitos

trabalhistas foram muito citados e o discurso classista “pós-conciliação” muito duro, mas as pautas “jovens” foram cuidadosamente atendidas. “Aqui tem diversidade, não tem só classe média que traz a empregada!”. O locutor afirmou que Temer teve que entrar no Planalto pela porta dos fundos porque havia um grupo de mulheres acorrentadas na porta da frente. Não sei se é verdade. A pauta LGBT foi bastante prestigiada também.

Avalio que essa esquerda (“pós-governo”?) tem que achar um jeito de ficar na posição moralmente potente de ‘golpeado’ mas ao mesmo tempo não se isolar enquanto a sociedade avança. Ser o “campeão moral”, como diz F, não servirá de nada. E sozinha como está, sem enorme capilaridade na sociedade, ela corre grande perigo. A operação abafa já está em andamento [chequei a cobertura deste ato no PIG e nada saiu] e a figuração institucional do arbítrio já sendo montada: o novo SNI e também a reintegração de posse sem autorização da justiça. Resta saber o quanto das entidades estudantis e jovens têm de legitimidade e aderência em suas bases para realizar esse rompimento.

Também tem demonstrar força. As falas eram bem duras, na linha de “vocês quebraram o pacto da institucionalidade”. Aumentar a temperatura política e o custo das políticas anti-sociais é a meta das mobilizações dessa esquerda. Ir à porta da FIESP, “o quartel general do golpe”, foi para isso. Lá na frente, ou melhor, meio de lado porque a PM fez um cordão e impediu o avanço, de repente subiram chamas de uma fogueira grande na rua. A massa apartou e os patos amarelos foram jogados na pira que ardia no asfalto. Queimaram sob os aplausos da multidão. O locutor dizia que estavam a “assar os patos do golpe” e que não iam deixar que os direitos trabalhistas fossem feridos. A imprensa que estava lá se atirou feito abutres à vista do fogo. É o tipo da imagem que reportagem gosta. Fogo na FIESP! O carro de som chegou a tocar a canção “O pato pateta (pataqui patacolá)”, que a multidão cantou junto.

“Fascistas golpistas, não passarão!” foi muito entoado, e a tensão aumentou. “Deixa passar, a revolta popular!”. A PM agora preocupada, nervosismo na linha de frente. Nessa hora de novo notei a diferença entre atos hierárquicos e os horizontalistas. Esta passeata tinha ‘sargentos’ do movimento disciplinando a linha de frente, formando corrente humana, chamando a atenção de quem estava desgarrado e agressivo. Gritou-se muito nessa hora “NA,TQA,EQOFDPM (Não acabou, tem que acabar, eu quero o

fim da polícia militar)”, na cara da PM, mas ninguém saiu da linha. Em manifestações horizontais, a linha de frente é mais explosiva e imprevisível, menos tática.

Ainda na frente da FIESP, a Liga do Funk subiu ao palco do carro. Foi muito bacana, eles deram “o recado da favela”, incluindo os clássicos “Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci”. A galera cantou junto. Eles puxaram várias palavras de ordem, incluindo “eu beijo homem, beijo mulher, tenho direito de beijar quem eu quiser!”.

Depois de uma meia hora, o carro foi voltando em direção à Consolação, ainda ao som do funk, agora na voz da DJ Cacau, incluindo uma música das “mina do grelo duro”. “É som de preto, de favelado, mas quando toca ninguém fica parado!”. A passeata chegava ao Conjunto Nacional, que tinha muitos pedestres ainda, ao som da toada “o gigante acordou”, mas que a multidão cantava “Ô, a favela chegou, a favela chegou”.

Agora a passeata parava em frente ao prédio do Escritório da Presidência em São Paulo. Encorajados pelo carro de som, manifestantes faziam o trancamento simbólico do lugar. As portas de vidro foram muito pichadas, e cartazes colados por cima: “Fora Temer”, “Povo sem medo”. Eram já 20:30 e aqui a ilegitimidade de Temer era muito reiterada, a quebra do pacto da institucionalidade mencionada repetidamente.

Achei que o ato ia acabar e fui caminhando lentamente em direção ao Paraíso. Agora que a manifestação se dispersava e eu estava fora do alcance imediato do carro de som, vi que os diferentes grupos falavam entre si, faziam jograis e reuniam rodas de batuque. Quis que o ato todo tivesse sido assim.

Senti que a solidão esmagadora dos últimos dias tinha evaporado um pouco, e que há disposição de resistência. Não vai ser super fácil, mas uma fase ruim, a do limbo, passou. Pelo menos não será mais necessário defender o governo Dilma, dá para concentrar em uma pauta de esquerda. Hoje foi um dia difícil para a velha esquerda e petistas, o coração pisoteado e a sensação é de ter sido abandonado por todos. Isso vai passar.

À altura do MASP agora vazio, vi que o Choque tinha estado a postos. Ouvi também o distante carro de som: “pisa ligeiro, pisa ligeiro, se não pode com formiga não atça o formigueiro”.



Cheguei em casa e fui dormir.

### **13 de maio – Cordão da Mentira**

Fui ao centro da cidade para o Cordão da Mentira que iria sair do Largo São Francisco em frente à FADUSP.

Cheguei cedo pela estação Sé e caminhei até o Largo. Não tinha muita gente ainda e entrei no prédio da faculdade. Os funcionários da USP estão em greve. Uma reunião de moças acontecia no pátio, creio que eram feministas e uma delas relatava sua experiência na faculdade de medicina. Havia um projetor que mostrava um powerpoint. Lembrei nessa hora de um suposto arrependimento de Hélio Bicudo em relação à sua atuação no golpe. Não sei bem os termos de sua retratação, mas ele teria expressado reservas ao governo Temer. Igualmente Cristóvão Buarque.

No saguão da escadaria havia uma exposição “Golpe Ontem e Hoje”. Ali, algumas frases e manchetes de 1964 eram destacadas, como esta do JB: “as Forças Armadas violaram a Constituição para poder salvá-la”. Recordei-me que algde agostouém colou várias capas da Veja do período da Ditadura numa parede da rua Heitor Penteado. A linguagem de então é a mesma de hoje, a celebração dos militares e demonização e ridicularização da esquerda. Uma outra faixa, na escadaria, dizia: “Em luto pela democracia”. Atrás da escada, duas esculturas: dois perus meio escondidos aguardavam, presumo, a hora de sair à rua em procissão em data futura.

No geral tem caído a ficha geral do retrocesso trazido pelo governo Temer, e tem sido libertador não ter mais que defender Dilma, mas a angústia e tristeza não se dissiparam de todo. Eu mesmo estou muito cansado e quase não aguento mais ir a manifestação. Há uma certa indefinição no ar. Há um refluxo da mobilização coxinha das ruas.

Por isso foi legal ver o Cordão. Agora com mais gente, umas 600 pessoas, era um encontro típico da “nova esquerda”: batuque, variedade de vozes, alguns fantasiados, recorte geracional bem diverso, jovens de 20-30 mais senhoras e senhores de mais idade. Vi vários índios Guarani e Kaiowá, além do estandarte do coletivo “A Vulva da Vovó”. A pauta geral parece atravessar vários interesses sociais: a violência do estado. Então havia gente ligado à Comissão da Verdade e grupos da periferia, que são alvos

preferenciais da atual PM. O carro de som no tom certo, as falas contundentes mas não histéricas, com poesia e depoimentos. Hoje estavam a recordar os Crimes de Maio, que foi a ‘retaliação’ da PM à tomada da cidade pelo PCC em 2006. A polícia matou mais de 500 pessoas como vingança.

Não obstante a lembrança, havia pouca polícia em volta, e o clima era muito relaxado. É muito bom poder vocalizar posições em grupo sem a ameaça de repressão. Veremos o quanto isso dura.

Não saí com o Cordão. Achei mais importante ir à Paulista checar uma passeata dos secundaristas, que tinham acabado de ter sido expulsos de suas escolas ocupadas, com violência. Temi que pudesse haver mais repressão. Peguei o metrô e desci na estação Consolação. Eram 18:30h.

Quando cheguei à Praça do Ciclista eles estavam saindo, umas 2 mil pessoas. Pouca polícia, umas motos na frente e cinco viaturas atrás. Como deveria ser sempre, a CET coordenava o trânsito. Fecharam uma via da Paulista, que não foi previamente obstruída. Ouvi muita buzina nessa noite, pois era sexta-feira e tinha muito carro na rua.

Havia muitos jovens, a maioria, mas também apoiadores de todas as idades. Vi coletivos feministas, grupos e indivíduos anarquistas, bandeiras da UNE, UMES, PCdoB, DCE-USP e muitos pavilhões negros e vermelhos. Muita faixa colorida, dando um ar mais interessante ao encontro. Vi umas duas ou três camisas do Corinthians. Vários skatistas. Como sempre, uma energia incrível e disposição de luta, invejáveis. Não havia carro de som, então as muitas palavras de ordem, simultâneas e conflitantes dominavam a paisagem sonora, ao som do batuque.

“Governador, fala a verdade, a educação nunca foi prioridade”

“Lutar, criar, pode popular”

“Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!  
(NA,TQA,EQOFDPM!)”

“Trabalhador, preste atenção, a nossa luta é por educação!”

Uma faixa: “Não à repressão”.

A desocupação que acaba de ocorrer foi violenta e trouxe muita preocupação aos movimentos. Não apenas pelo fato de que o governo conseguiu que as desocupações ocorram sem autorização judicial (as instituições funcionam normalmente também no arbítrio), mas também pelo fato de que há um relaxamento institucional em curso. A PM tocou horror nas meninas e meninas, ameaçando sexualmente as moças, eles parecem estar à vontade para agredir exemplarmente. Em Osasco escolas foram desocupadas por carecas que chegaram com facas. O número de lideranças e militantes assassinados ou agredidos desde o impeachment é expressivo, e é cuidadosamente monitorado pelos movimentos. É preciso ouvi-los.

Duas moças jovens que trabalham na loja da Hering estavam à porta de loja e comemoravam muito a passeata. Havia hostilidade também, carros que passavam xingando e alguns pedestres irados. Um jogral foi feito nessa hora, em frente à loja, e depois prosseguiram.

“Pula sai do chão, quem defende a educação!” – isso acompanhado de saltos no asfalto.

“Acabou a paz, mexeu comigo, mexeu com satanás!”

“Th, fudeu, estudante apareceu!”

Não havia menção específica ao golpe, mas vi uma ou duas camisetas da Dilma, uma bandeirola do MST. E muitas chamadas contra a PM e contra Alckmin.

Chegando à esquina da Augusta, a passeata parou um tempo. O buzinaço atingiu níveis estridentes, e os secundaristas cantavam “quem buzina apóia a luta!”. O auê aqui foi interessante, a presença deles era incontornável mesmo para os pedestres que tomavam esse cruzamento. Depois de um tempo os manifestantes retornaram à Praça do Ciclista pela mesma Paulista. Achei que tinha crescido para umas 4 mil pessoas.

Conversei com uma senhora e sua filha que estavam visitando a cidade. Ela perguntou o que era tudo aquilo e disse que eram os secundaristas protestando. Ela disse que era professora no Pantanal e que estranhava a dureza da paisagem urbana de São Paulo. Relatou que tinha um pomar em casa e que a natureza era parte de seu cotidiano.

Um carro passou perto buzinando muito, gritando muito também “é preciso lutar!”.

A passeata seguiu pela Consolação, descendo a avenida em direção ao centro. Nessa hora deixei as meninas e meninos, prevendo que a caminhada seria longa e energética. Parece que essa passeata encontrou o Cordão no centro, deve ter sido legal.

Eram 19:30h e eu seguia pela Paulista no ônibus em direção ao Paraíso. Reparei que, mesmo sem a passeata, as buzinas ainda cortavam o ar frio da noite, histericamente: trânsito normal.

Desci do ônibus no Paraíso e fui para casa.

### **14 de maio – Marcha da Maconha**

Fui à Marcha da Maconha. Seu lema este ano é “Fogo na bomba e paz na quebrada”. Desci a Paulista a pé a partir do Paraíso. Eram 16h.

No caminho encontrei um grupo de adolescentes que também iam ao MASP e acabou que nossos passos coincidiram. Ao ver uma viatura estacionada na calçada mais adiante, um deles disse: “olha só, ele tá me furando!”. Entendi que o soldado deveria estar olhando fixamente para eles. De fato, ao passar ao lado, vi que o PM fitava intensamente os jovens, que caminharam indiferentes ao “furo”.

Ao chegar no MASP, havia já bastante gente sob o museu. O clima era de festa e celebração. Vi muito adolescentes, de 16-20, além de jovens de 20-25. Havia também vários tiozinhos como eu. Misturei-me à multidão. Fumava-se muito e abertamente. Pelos aromas, havia maconha de toda qualidade. Notei vários estilos de segurar o baseado: escondido na mão, beliscando o toco, entre os dedos como um cigarro de tabaco...

Vi muita camiseta preta, mas também uma ou duas da CUT, PT e MST. Duas camisas do Corinthians. Tinha um homem fantasiado de gorila coroadado que tirava foto com a galera. Vi uma bandeira da Argentina. Outra do arco-íris LGBT. Notei também que o Henrique Carneiro estava lá. Um batman fantasiado encontrei depois na rua. É notável que muitos jovens de periferia acorreram ao ato. A fila de visitantes que iam ao MASP era grande e chegava na calçada. Muitos sorriam, a maioria indiferente à festa ao lado. Alguém distribuía folhas de cannabis de plástico, pois uma seção do asfalto parecia plantação.

Tinha batuque e muita faixa e cartaz:

“Legalize já”

“Pela liberdade de pensar”

“LSD olê olê”

“Todo louco vive pouco, mas o pouco que vive, vive louco”

“Por uma vida sem grades”

“Cultive a liberdade para não colher a guerra”

“As flores vencendo o canhão”

“Ventre livre e cabeça feita”

Eram umas 16:30h e muita gente ainda acorria ao MASP. A multidão foi tomando a rua e lotou a pista. Um moço de saia escocesa passou perto e reconheci o padrão: clã Stuart, um clássico. Estandartes: “Mexeu comigo mexeu com todas” e “Bloco da Liberdade”. A presença policial discreta.

Não havia menção específica ao golpe, mas o clima de desobediência civil era evidente: quando a manifestação virou passeata, nuvens de fumo se elevavam ao céu como de uma locomotiva humana. Uma Kombi que levava um grupo tocando um belo reggae se deslocou e acompanhou a massa. De outra forma, não havia carro de som, e era possível conversar e ouvir as várias vozes, cantos e jograis que ocorriam durante o percurso. Nessa hora vi a publicidade da revista Veja e sua capa. A figura de Lula derretido na revista reacionária rodeado de 20 mil pessoas fumando maconha em público...

No caminho, a palavra de ordem entoada como o canto coxinha “eu sou brasileiro...”:

“Eu sou maconheiro, com muito orgulho, com muito amor”

Ainda:

“Ei, polícia, maconha é uma delícia!”



Caminhei pelas calçadas e notei reações diversas dos passantes, que eram bem variadas, desde apoio até raiva. Mas o fato incontornável era que uma expressiva parte da sociedade exigia mudanças. Esse tipo de manifestação é bem transversal e toca vários pontos sensíveis: luta anti-carcerária, contra a violência do Estado, a biopolítica em geral, apenas fracamente classista. O recorte etário e social da manifestação mostra que a escolha da pauta dos direitos e a forma de condução de um movimento mais distribuído podem chegar onde outros movimentos não chegam. Nessa hora de resistência e afirmação dos direitos em perigo, esse nível de mobilização só pode contribuir na construção das novas frentes de luta. É evidente que este tipo de pauta está a mobilizar os elusivos jovens, e especialmente os jovens da periferia.

No geral uma posição firme pró-liberdade e anti-repressão policial/estatal foi fortemente afirmada. O intervalo entre a luta política institucional anti-golpe e a luta anti-repressão estatal em geral ficou em aberto, mas as convergências não são desprezíveis. É fácil desmerecer a luta daqueles que elegeram o corpo e a oposição ao estado como campo de luta, mas eles escapam a certos impasses da esquerda institucional, no sentido de, por exemplo, eles não precisam defender a Copa como legado positivo para o país. A guerra às drogas na verdade fortalece o estado policial do qual o Temer, o Telhada e Moraes se beneficiam. Eles já sabiam que o governo ia criminalizar os movimentos sociais. Como eles têm uma crítica ao aparato estatal da violência, eles puderam antecipar o cenário que agora o PT vive em relação ao Moraes no ministério da justiça.

A passeata seguiu pela Consolação abaixo e de novo não segui com eles. Ainda exausto de tanta movimentação, deixei essa barca fumegante descer a avenida. Fui ao centro e dei um giro.

### **15 de maio – Ato pró-Dilma espontâneo**

Fui encontrar T na Paulista e trombamos com a manifestação anti-golpe. Corremos até o MASP e pegamos a manifestação quase na FIESP. Eram umas 18h. Parecia que a manifestação já vinha ocorrendo a algum tempo e este era seu final. Umhas boas 10 mil pessoas na avenida, cantando contra o golpe e contra Temer. Até onde pude saber, ela era espontânea, isto é, não era chamada pela Frente Povo Sem Medo ou pela Frente Brasil Popular.

Encontrei S e T e eles já vinham acompanhando a manifestação. Disseram que a UJS protagonizou o ato. Foi legal encontrá-los em outra chave que não a da derrota. É bom ter um ato assim depois do desastre.

A noite já chegando quando a multidão se aproximou da FIESP. Muita palavra de ordem contra a Federação, que notoriamente teve parte na condução do golpe.

“Fascistas, golpistas, não passarão! (FGNP!)”

“NA,TQA,EQOFDPM!”

A multidão ficou muito tempo em frente ao prédio, pressionando o acampamento coxinha, que por sua vez não reagia com muita força. Somente o cordão da PM, do Choque, os separava da massa. Eu acho que esse acampamento um dia vai ser varrido por alguma manifestação. Eles são muito poucos, a Federação não mais os quer, e nunca vem ninguém em seu socorro quando a coisa aperta. São até meio raivosos, mas as passeatas estão aumentando e eles diminuindo.

Enquanto eu checava o acampamento, T foi atacada por uma mulher que caminhava pela avenida com seu cachorrinho nos braços. Ela puxou sua orelha e cabelo, chamando-a de “vadia petista”. A jornada do ódio ainda não passou.

Acho que estamos em uma curva de crescimento das manifestações de esquerda. A realidade do governo Temer fez muita gente vencer a letargia e sair em defesa da possibilidade de ser diferente. Agora que a governabilidade deixou de ser um imperativo, muita energia criativa foi liberada para a resistência e para a construção de novas lutas. A cisão prévia que eu via separar as esquerdas parece ter sido superada: defender o governo contra construir a “próxima esquerda”. Parece que a construção está se dando na resistência, isto é, se reconhece o golpe, mas olhamos para a frente. Aqueles que vaticinaram o isolamento daqueles que afirmam a ilegitimidade do governo Temer podem estar errados. Afirmar que o golpe aconteceu sim (o que não é defender a volta de Dilma) agora vai junto com as várias resistências que constroem o cenário progressista. A mobilização coxinha, por sua vez, está num impasse, e deve perder as ruas para a esquerda.

Intuindo ainda mais atos e manifestações nos próximos dias, deixei a avenida e fomos para casa.

## **17 de maio – Ocupação da FUNARTE**

Fui a uma reunião daquele grupo que procura pensar caminhos à esquerda, antes de visitar a FUNARTE ocupada na Barra Funda. O grupo é heterogêneo e não constitui movimento. Sua primeira formulação foi “não é só contra o golpe”. A resistência ao golpe e a construção da “próxima esquerda” não estão em conflito: o novo já é consenso.

Desci a pé da Vergueiro, cortando pela Major Diogo desde a Brigadeiro até o final, em busca do Al Jannah embaixo do viaduto 9 de Julho. Eram 19:30.

O cenário geral é de grande mobilização, que parece estar aumentando. Parte disso é subterrâneo, mas parte já está na superfície. Há várias sedes da FUNARTE em todo o país sendo ocupadas, com grande apoio da classe artística. As manifestações anti-Temer não diminuem, mas estão a crescer. Muitos falam sobre e praticam a desobediência civil. Avalio que a esquerda detectou fraqueza no governo interino e o consenso ao redor do golpe. Há um evidente refluxo nas mobilizações cozinhas, o que deixou espaço para crescimento. Alguns apontam que é preciso rapidamente tomar e reter esse lugar de ser contra o governo Temer, antes que, como em 2013, a direita se aproprie desse espaço e monopolize-o. Sites de direita gostam de sublinhar que Temer veio ao poder na chapa de Dilma.

O espaço discursivo da esquerda não parece estar mais restrito à defesa do PT, mas sim se expande na direção dos direitos em geral contra o retrocesso, o que tem permitido, parece, capilarização maior na sociedade. A possibilidade da invenção para além do governismo está em pauta e em disputa. Parece haver nova energia militante liberada pelo ocaso do governismo. Existem sim aqueles que trabalham pela volta de Dilma, mas são minoria. Além disso, há consenso que ela não conseguiria governar e provavelmente apenas chamaria novas eleições.

A grande imprensa está apostando ainda na normalização do golpe, mas algumas rachaduras aparecem nos editoriais e notas dos Jornalões. A nomeação de ministros investigados, a ausência de mulheres e negros no ministério e a extinção do MINC pegaram muito mal. Além disso, Temer tem dificuldade em achar uma titular para a secretaria da Cultura. Quatro mulheres teriam negado assumir o posto, entre elas

Marília Gabriela, Bruna Lombardi e Ivete Sangalo. O Teatro Oficina tem protagonizado importante resistência.

A reação internacional também está desfavorável a Temer, muitos veículos importantes questionam o processo de impeachment e a legitimidade do interino. O bafon do momento é Cannes, onde a equipe do filme brasileiro Aquarius protestou no tapete vermelho, chamando o golpe de golpe. Constrangimento para o atual governo. A imprensa internacional repercutiu bastante.

Da reunião no Al Jannah, retive algumas coisas, formuladas por diferentes pessoas em diferentes momentos:

“Olá, meu nome é V, eu sou comunista e quero tomar o poder”, apresentou-se uma pessoa. “Meu nome é A, eu sou artista e sou contra o poder”, retorquiu outra. Risos.

Este encontro já é o terceiro ou quarto, e procurava-se a escuta das vozes ativas nesse momento.

A ocupação foi colocada como signo dos nossos tempos. Achei a figura forte e de fato tem a ver com atuar no próprio espaço de vida, com abrir brechas no cotidiano e aqui e agora. Ocupar implica também na gestão coletiva do lugar criado, fazendo-a diferente do aparelhamento.

A pauta do momento não pode ser apenas de restauração de status perdido, tipo o Minc. A luta não pode parar se o ministério for reinstituído, temos que avançar nas formulações e ações, radicalizando o horizonte do possível. Radicalizar a democracia em todos os níveis e “armar discursivamente a nova geração”, produzindo na linguagem que os jovens dominam: o vídeo. Negar ao neoliberalismo a condição de realidade, figurando o impossível.

Alguns caminhos: a tecnopolítica e o trabalho com o poder distribuído; o direito à cidade, novas aberturas para novos protagonistas e movimentos; debate da questão carcerária (pensamos no contraste entre as formas ocupação e a forma prisão); cultura e arte: ação direta, luta simbólica e intervenção urbana. Dizer aos petistas: “junho é vocês”, em outras palavras, os petistas precisam abraçar junho de 2013 e incorporar os avanços e críticas abertos pelos eventos desse mês. Nós amamos vocês!

Depois da reunião pegamos uma carona esperta e fomos à alameda Nothman visitar a recente ocupação da FUNARTE de São Paulo. Já na chegada, ainda na calçada, ouvi os gritos de ambulantes junto a seus isopores: “cerveja fora Temer a cinco reais!”; “olha a água contra o golpe!”

Entramos sem problemas e encontramos a assembléia em pleno curso, a primeira desde a ocupação. Umhas boas 5 mil pessoas lotavam o local. A questão então debatida foi se a ocupação deveria permanecer aberta ou fechada durante o dia. O debate foi meio exaustivo e parece ser uma discussão inicial importante, pois ela propõe um tipo de relação com a rua e com a sociedade. Na última ocupação deste mesmo espaço, acho que em 2011, essa questão pegou fogo (decidiram fechar). Há receio de ação policial de desocupação, ou mesmo de ataques fascistas. Um moço relatou que uma escola em Diadema foi desocupada à força por carecas munidos de facas. O medo não prevaleceu e foi decidido manter o espaço aberto. Achei ótimo.

Várias falas se sucederam ao microfone, incluindo moças e moços da periferia que trouxeram seu apoio, mas apontaram algumas contradições do movimento da cultura: “o MinC não chega na periferia”. Saíram cedo para pegar o metrô. Um secundarista falou também e trouxe mensagem de apoio e do papel da arte na luta.

Outro moço trouxe a notícia que a FUNARTE de Brasília tinha sido ocupada.

Passada a meia-noite, consegui tomar um ônibus noturno e fui para casa.

## **18 de maio**

Tenho estado muito cansado e, passada a adrenalina do afastamento, veio um desânimo meio grande, a despeito da expressiva e incontornável mobilização que ocorre em todo o lugar. Mil grupos fazem mil atividades. Mas não tenho ido muito à rua. As reações das pessoas ao golpe variam bastante, desde raiva e tristeza ao alívio e otimismo. As mobilizações têm sido muito importantes para virar o humor de quem está borocoxô.

Hoje o ato dos secundaristas foi reprimido pela PM e parece que a polícia tem cercado mais as manifestações de rua. Passei pelo MASP a bordo de um ônibus e vi uma manifestação anti-manicomial. Tinha umas 3 mil pessoas, e um telão que mostrava quem falava ao microfone.



## **21 de maio – Virada Cultural**

As manifestações anti-golpe e contra o fechamento do MinC estão se sustentando e crescendo. Houve uma em BH bem impressionante. Dilma esteve na cidade. Rolou um boato que Dilma estaria sitiada no Palácio do Planalto, mas é apenas meia verdade: o acesso a esse palácio é controlado do Jaburu, de onde despacha Temer, e há um contingente militar restringindo o acesso de visitantes a Dilma.

Hoje em São Paulo teve a Virada Cultural, um evento importante na cidade. Esperam-se muitos protestos durante os espetáculos, há um clima entre a gente da cultura, que não vai deixar barato. Tive vontade de estar na rua quando algo assim acontecesse, mas não gosto muito da Virada. Gente demais, os shows não são tudo isso, e o modo consumo de alguma forma abafa a potência da multidão andando pelo centro por toda a madrugada. Além disso, a Virada consome a maior parte do orçamento municipal da cultura, em uma única noite.

Fui de ônibus à Praça da República para dar uma passada na ocupação da FUNARTE. Andei até a alameda Nothman. A programação de atividades lá é extensa e muitas apresentações estão a acontecer. Era cedo, umas 19h, e havia uma boa quantidade de gente. Muitas crianças tanto no espaço reservado a elas quanto pelo espaço em geral. Rodas de conversa aconteciam e um grupo de Cavalos Marinhos se apresentava no pátio. Achei o espaço organizado e o clima relaxado. Não há discursos ou irradiação central. Diria que a maioria tinha entre 25 e 35 anos, e, a despeito de uma roda que reunia uma dúzia de pessoas negras, eram principalmente brancos e de classe média.

Anotei alguns cartazes. Alguns mais previsíveis:

“Fora Temer”

“Eu não reconheço esse golpista como presidente”

“Rede Golpe de Televisão”

“Taxação de grandes fortunas”

“Vai ter luta!” #artepelademocracia

Mas alguns eram mais poéticos:

“Mais cultura, menos viatura”

“Nada a Temer”

“Temer Trama Trevas”

“Sou livre porque penso” #greloduro

“O golpe será cromático, jurídico, midiático, policialesco” #artepelademocracia

“Hienarquia brasileira: quem ri por último”

Este último cartaz trazia uma imagem onde o Temer e seu ministério posavam para uma foto, todos com uma cabeça de hiena colada sobre seus ombros.

Renan Calheiros e o jornalista Reinaldo Azevedo sinalizaram que o MinC pode ser reinstituído. Acho que as ocupações deveriam continuar mesmo assim, talvez exigindo agora que todos os ministérios sejam restaurados. Ou então que nenhuma conversa é possível com Temer e ponto final.

Saí da ocupação e decidi caminhar pelo centro um pouco. Logo no largo do Arouche eu testemunhei o que queria. O palco trazia uma competição de lip-synch, ou de dublagem. No tablado, duas trans moviam seus lábios e reboavam ao som de Pity. A galera cantando e dançando junto. Quando acabou, as 10 mil pessoas da platéia gritaram: “Fora Temer! Fora Temer! Fora Temer!”. Agora sim!

Vibrei muito, e, sorrindo, caminhei até a Sé, tomei o metrô e fui para casa.

## **22 de maio – Testando o golpe**

Estava numa conexão ruim de internet tentando acompanhar o ato do MTST na rua da casa do Temer. Um grande número de manifestantes foi até lá de tarde, umas 20 mil pessoas. Foram barrados pela PM antes de chegar bem em frente à casa dele. A tensão era grande agora de noite. Eram 12:30, mas agora não sei se o que eu via era realmente ao vivo. A internet tem isso de presente perpétuo, de repetição infinita da imagem do vídeo que borra a noção de história.

O ato do MTST é uma escalação da luta, e estão a testar o verniz do golpe. Parece que estão a dizer “não vamos esperar sentados s normalidade autoritária. Que caia a

máscara agora”. O que rola é que há um crescendo de insatisfação e de manifestações contra Temer, nacionalmente.

Parece que quem fez o cálculo que as manifestações anti-golpe iam morrer estavam errados. Elas estão explodindo por aí em todo o país, e as ocupações estão acontecendo em várias áreas. As pessoas vão lembrar de quem saiu e lutou e quem ficou em casa achando que essa briga não era sua. Quem esperava desfrutar da nova normalidade sem o PT vai ter que pensar de novo.

### **23 de maio - “Com o Supremo, com tudo...”: áudios**

A bomba atômica do dia foi detonada pelos áudios do senador Romero Jucá, ministro do planejamento do governo Temer. Neles, o peemedebista fala abertamente que o golpe foi um golpe para barrar a Lava Jato. Cita o envolvimento dos militares assegurando a contenção do movimento social, da imprensa com sua campanha anti-Dilma, de ministros do STF... O maior bafafá, um desprestígio e humilhação para o governo e para todos os atores do impeachment. O próprio processo do impedimento está em perigo agora.

O PIG tentou abafar o caso mas a desordem institucional é evidente: Jucá disse que todo o governo configura uma operação de obstrução de justiça. Por menos o Gilmar Mendes impediu a posse de Lula. Temer está nu.

O caso também divide os coxinhas em seus sites. Tem gente que se sente muito traída nesse momento, aqueles que lutaram contra a corrupção e não acreditaram que estavam a facilitar o golpe, apesar de amplamente avisados – NVTG!

Dentro da esquerda, aqueles que acreditaram que a narrativa do golpe era vitimismo ou má fé petistas certamente estarão a rever suas posições, pois, além do papa (!), agora até os golpistas chamam o golpe de golpe. E golpe clássico, com militares e o Judiciário.

Lamento sempre a pobreza do presente FlaxFlu, e já escrevi muitas vezes como respeito a opinião de quem não se sente contemplado pela configuração algo infeliz da luta política atual. Mas tenho estado sensível à urgência do momento e à necessidade da defesa da esquerda em geral. Reconhecer os erros do PT é tão importante quanto

reconhecer que há um golpe em andamento. Então as linhas a seguir são mais duras do que de costume, mas não se dirigem a nenhuma pessoa em particular, por favor.

Refletindo sobre isso, recordando as recentes ações da polícia contra os secundaristas, lembrei dos atos do MPL do início deste ano e da feroz repressão resultante. Lembro que tive dificuldades em entender como muitos amigos esquerdistas ou petistas ficavam indiferentes à sorte do movimento nas mãos dos policiais, chegando a concordar com a PM quando esta inconstitucionalmente exigia autorização prévia para o percurso das manifestações. Chamou-me a atenção a argumentação isenta desenvolvida por eles. Isto é, havia um lugar de onde era possível dizer: “tem a opinião de um e a opinião de outro, eu estou no meio”. A forma mais acabada dessa posição era “veja bem, a polícia pode ter se excedido, mas houve violência das duas partes”. Os Black Blocks era sempre invocados, mesmo quando não estavam lá e havia repressão da mesma forma, como foi caso na Praça do Ciclista.

Esta posição isenta e ponderada repousava sobre uma falsa equidistância, que era possível apenas através da mídia. Eu ia às manifestações e testemunhava que tinha havido um ataque policial, eu via com meus próprios olhos e dizia isso aos amigos. Mas na imprensa saía a foto do fogo e do mascarado. E a vontade de equidistância podia então produzir a isenção daquele que evita tomar posição no aparente FlaxFlu do MPLxPM. Mesmo eu jurando ter visto o ataque da PM, a posição isenta é tão moralmente reconfortante que ninguém saía dela, preferindo levantar mil questões acerca de mil assuntos paralelos que nunca tinha a ver com a pauta dos transportes ou com a luta por direitos – e tudo a partir de relatos da imprensa.

Não é difícil perceber que esta posição isenta é produzida pelo poder, nesse caso uma combinação de polícia e mídia. O objetivo dessa fabricação é produzir a imobilidade. Para ser isento, basta não fazer nada. Esse é o ponto da produção da isenção. A Polícia faz o trabalho.

Eu ficava aflito porque entendia que se pode não concordar com o MPL e sua pauta ou seus métodos. Mas não era possível negar-lhes o status de movimento social ou negar-lhes defesa frente à agressão policial. Não socorrer o MPL enquanto esquerda era permitir a destruição das próprias fileiras, da própria carne, mesmo que não se concordasse com eles.

Para quem estava na rua não havia dúvida nenhuma: a PM agredia o movimento social ilegalmente, sem mitigação, sem desculpas, sem atenuantes. O movimento era vítima, ponto. A situação era de unilateral desrespeito ao direito de manifestação. Mas a posição isenta acaba criando um espaço de igual peso para “o outro lado”. E cria também um deslizamento discursivo, que é “o MPL cavou a própria cova” e “mereceu apanhar”. “Pedi para apanhar. Aliás, eles buscavam apanhar”. Esse deslizamento culpabiliza a vítima. Esse é um discurso do poder que opera junto com a posição isenta.

Então tem uma bronca aos petistas: o mesmíssimo secretário de segurança Moraes é o ministro da justiça de Temer, agora com a Lei Antiterror ofertada pelo PT. Ele criminalizou o MPL e agora vai criminalizar o PT, a “organização criminosa” da Lava Jato. Tinha que ter defendido as meninas e meninos do MPL. Comparar o MPL à Disneylândia foi uma molecagem de muito mal gosto.

Mas por outro lado, tem a dita posição isenta ou por cima dos muros em relação ao golpe. Fico muito intrigado que essa posição dita isenta tem por luta não fazer nada ou não se envolver, achando que de alguma forma a coisa não lhes diz respeito.

Acho que temos uma produção do isento semelhante àquela que descrevi em relação ao MPL, só que agora com os papéis trocados: o PT agora é que é acusado de ter “cavado a própria cova” e ter chamado ou merecido ou propiciado o golpe. Acho incorreto, a despeito de quaisquer erros ou traições que o PT possa ter cometido. Ficar de fora atribuindo todas as variáveis da complexa equação às ações do PT é no mínimo equivocado e no seu pior reacionário. Agora que ficou incontornável que o golpe é golpe, fica insustentável afirmar que a Dilma o mereça.

No caso dos secundaristas, a produção da isenção é a mesma: as instituições aparentemente estão funcionando. Pois não é mais preciso reintegração de posse, o rito judicial foi observado. A PM tem dito que usa a força progressivamente. As ocupações são invasões ilegais e cabe ao Estado recuperá-las. A imprensa apenas faz o que sempre fez e dá cobertura enviesada. A normalidade parece imperar, mas todos sabemos que há uma repressão ao movimento social em curso.

Enfim, o fato é que a reação ao golpe não diminuiu até sumir. A reação ao golpe ser fraca e derrotada era o projeto de muita gente. Agora o novo está pipocando também



no meio dessa luta anti-Temer. Saber que alguém saiu e lutou é importante para a próxima esquerda.

## **24 de maio – Ato discente e docente, resistência fantasma**

Saí do metrô República em busca da assembléia dos professores e secundaristas na Praça. Chamou-me a atenção que os dois movimentos tivessem marcado um evento conjunto e fui verificar. E tem me fornecido os roteiros dos atos. Não tenho Facebook, e os calendários hoje parece que gostam e circulam por lá.

Cheguei na hora marcada e não havia quase ninguém. Dei um giro pela praça mas só o carro de som tinha chegado até a frente da Secretaria da Educação. Lembrei que Vladimir Safatle dava uma aula pública na Praça das Artes lá perto e caminhei para lá.

Cheguei às 14:20 e a aula pública já havia começado. Safatle falava de pé ao microfone para umas 1.500 pessoas, na maioria jovens de idade universitária. A aula é parte das atividades da greve dos funcionários e alunos que sustentam na USP. Não sei bem se os professores já estão em greve também. A situação financeira da USP pós-Rodas é péssima.

Quando cheguei, Safatle lembrava que todas as aulas na USP são públicas, e qualquer um pode ir assistí-las. Esta aula no centro da cidade era parte do curso Ler Marx Hoje, e tinha por tema a ideologia em Marx. Assisti uma hora tanto da aula, que achei boa. Uma idéia inicial foi de que o nosso tempo não é só o tempo presente, pois esse tempo é um tempo controlado. A filosofia serve para abrir o tempo para múltiplas camadas.

A aula continuou nessa toada, e eu estava mesmo no modo reflexão. A aula se deu no vão desse edifício típico das gestões tucanas: uma bela edificação funcionando com orçamento exíguo. O som da rua e os ruídos ambientes se misturavam à muito leve microfonia da irradiação. Um homem perambulava meio perdido entre os alunos e às vezes berrava. A certa altura, um moço de terno e óculos gritou do portão: “comunista de merda!” e saiu andando.

Saí e busquei a Praça da República. Ainda na São João, ouvi a narração gravada na loja:

“Sabe aquela sua mala favorita que você gosta de levar em viagens? Não estou falando de sua sogra não, falo da mala onde você leva as suas roupas!”.

Era a Casa Massi Grande, “desde 1905 vendendo malas ao público de São Paulo”.

Na República, uma multidão de umas 2 mil pessoas se espalhavam em frente ao carro de som. Eram 15:30 e os oradores tinham acabado de começar. Imediatamente vi um grupo de alguns secundaristas no meio da multidão, meio de lado. Não acompanho as lutas da educação, então não soube ler as filigranas das falas. Alguns falavam contra Alckmin, outros pediam greve geral, outros ainda lembravam o cenário federal e insistiam na oposição ao Temer, citando o cancelamento do dinheiro para a Educação do pré-sal e também a reforma da previdência.

Uns 5 balões da APEOESP e um boneco inflável do Alckmin balançavam no vento. Um batuque mais de lado estava louco para tocar, mas comedia a cadência e volume de seus tambores para deixar o som do carro prevalecer. Apesar disso, do outro lado, um morador da rua tocava um engenhoso xilofone de panelas de cozinha, indiferente à movimentação sonora à sua volta. Ouvi um pouco. Uma faixa dizia: “Vaza Temer”. Um passante cortou a praça com uma tábua à cabeça, equilibrando uma feira de 30 garrafinhas PET cheias de água. Vi um drone filmando a manifestação a uns 5 metros do chão. Mais adiante, um vendedor ambulante tinha um carrinho de supermercado cheio de meias coloridas.

No geral achei meio desanimado. No pouco que testemunhei, a apoteose do encontro de professores e secundaristas não se deu da forma festiva que eu fantasiara. Um orador inclusive falava precisamente da dificuldade da mobilização. Achei que não ia mudar muito e saí em busca de um boteco, aguardando para ir à Praça Roosevelt para o evento dos metroviários. Queria ainda checar um encontro independente no vão do MASP.

No caminho vi várias pichações “Temer Jamais” nas jardineiras em frente ao Edifício Itália. Na padaria, vi na tela de TV que havia uma concentração de manifestantes na Consolação e na Paulista, que julguei ser os metroviários e ferroviários. Deu para ver um manifestante, pequenino na tela, fazer gestos obscenos para a câmera. Fui checar a rua.

Cheguei à praça Roosevelt guiado pela voz irradiada de um carro de som. Ainda na frente da igreja da Consolação, ouvia o locutor listar várias cidades americanas ao som de... The Monkeys! Essa banda é dos anos 70 e essa canção que tocava era seu carro chefe: I'm a believer. Viajei na trilha sonora de novo, achando que os metroviários precisavam mudar a música se quisessem engajar a juventude.

Engoli minhas palavras quando vi, na praça, uma muito grande multidão de jovens skatistas lotando o local. Achei excepcional que um sindicato tivesse esse poder de mobilização e capilaridade na juventude, realmente muito impressionante. Até perei nas conexões simbólicas entre o veículo metrô e o veículo skate.

Os seguranças de preto me fizeram perceber que não se tratava do evento dos metroviários, mas sim de um evento privado de uma empresa ligada ao skate. O som era deles, a locução tinha a ver com o tópico, e a meninada curtia mesmo era um rolê skatista.

Procurei o evento sindical na praça, mas nada. Decidi subir a Consolação para ir ao MASP, para o encontro dos independentes. No caminho, em frente ao tribunal trabalhista, estava o grupo que tinha visto na TV. Eram trabalhadores da Fundação Casa com reivindicações trabalhistas em frente ao TRT.

Cheguei a pé no MASP às 17:30 e nada. Ninguém do encontro independente estava lá. Sei que os encontros atrasam segundo inescrutável lei, mas quem marca tem que estar lá. Tinha convidado outra pessoa e tive que esperar o não-evento acontecer. Fiquei puto e ponderei sobre essa distância curiosa que tem entre a rede e a rua. Achei que os autonomistas estão a meter sua cabeça na areia e a negar a realidade do cenário político. Achei muita irresponsabilidade de um evento marcado na rede não ter sido honrado com presença real na rua. Eventos confirmadíssimos na internet simplesmente não ocorrem na real, e eventos minúsculos na rua aparecem como de grande porte na rede.

Encontrei D no MASP. Ele chegou na hora e no local marcado. Falamos um monte sobre novos rumos para a esquerda e nos despedimos felizes. Aprendi um monte com ele. Com o outro encontro dos autonomistas imobilistas nada aprendi.

Tomei o metrô e fui para casa.

## **25 de maio – Fora Temer no MASP**

O pensador direitista Olavo de Carvalho, vedete coxinha, admitiu que a operação governo Temer constitui um golpe. Ele diminuiu Kim Kataguiri do MBL, Janaina Paschoal e o jornalista Reinaldo Azevedo, a quem acusa de saber e gostar que o golpe tenha recuperado e garantido a corrupção. Deu nos sites petistas, mas foi um tweet da conta de Carvalho. Acho que é evidência do que se vê em outros fóruns: o campo direitista está dividido, o golpe tem que dar conta de muitos interesses distintos, e os coxinhas que são democratas genuínos, no mínimo devem estar a se perguntar o que foi que sua mobilização veio a propiciar.

Alerto os amigos e conhecidos não de esquerda que certos protagonistas da mobilização anti-Jango em 1964, como Carlos Lacerda, foram perseguidos e exilados no segundo momento do golpe que apoiaram. Lacerda foi depois encontrar Jango no exílio, os dois arquiinimigos reconciliados nas agruras da vida fora do Brasil. O ministério de notáveis de Temer foi uma fantasia e hoje Alexandre Frota opina sobre a educação em nível federal.

Saí na estação Trianon-MASP do metrô em busca de mais uma manifestação anti-Temer. Era meio cedo e dei uma checada no acampamento coxinha na FIESP. Vazio como sempre, mas adornado de cartazes anti-PT. Nem uma mensagem contra Temer ou Cunha ou Jucá. No caminho para o museu, vi um menino de uns 19 anos tremulando uma bandeira do PT com muita confiança. Sua camiseta trazia o rosto de Dilma.

Chequei ao MASP às 17h e estava meio vazio. Muito curiosamente havia uma espécie de praça de esportes montada no vão do museu: cama elástica, pista de ginástica olímpica. Dentro do espaço cercado, vários jovens praticavam uma variedade de atividades físicas e acrobáticas. Já havia alguns manifestantes do ato contra o governo Temer, e a música poderosa que dominava o ambiente sonoro era clássica trilha de academia: um poperô semi-house motivacional que dava um clima muito felliniano ao ambiente – o mais improvável dos encontros. Era o Dia do Desafio, uma iniciativa esportiva do SESC-São Paulo.

Fora do cercado, muitos cartazes escritos à mão ainda no chão aguardavam seus suportes humanos. Dois balões da central sindical CTB flutuavam sobre a multidão. Vi

no chão os instrumentos de percussão do Batuque Popular Marighela. Vi bandeiras do PCdoB, UNE, Levante Popular da Juventude, CMP e UJS. A música de academia ainda dominava o ambiente, “there is no stopping us now”. Mais de 500 manifestantes no local então, mas a presença da PM era ostensiva e se contava na casa das centenas.

Abordou-me S, que me conhecia de uma festa na casa de M. Ele relatou um monte de sua vida, entre elas o episódio de 1978, quando estive no estádio da Vila Euclides no ABC para as assembleias operárias. Ele contou como os helicópteros do exército voavam tão baixo que dava para ver os olhos dos artilheiros que fitavam a multidão através da mira de suas metralhadoras.

“Lutar sempre, Temer jamais”, dizia um cartaz. É uma coincidência feliz que o nome Temer se preste a tantas modulações poéticas. A música dos esportistas mudou de chave e atacava agora de MPB com um beat contemporâneo: “olha o bananeiro, olha a banana”. Mais um clássico da juventude remixado no contexto da luta política de rua que me perseguia.

O ato foi enchendo, e já passavam dos mil corpos.

“Vaza áudio, vaza carta, vaza Temer do Planalto!”, entoava um grupo, agora acompanhado de batuque. Não havia carro de som, o que adorei. “Jucá, ladrão, seu lugar é o camburão!” entoou a multidão. Outra muito repetida: “nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!”. Além disso, a agora já clássica “AVÉD,ARGAAD!” foi repetida várias vezes.

Vi que a PM formou cordões nas duas extremidades do quarteirão. Temi que estivessem a conter o ato. Desde a manifestação do MTST na rua de Temer, tenho certeza que alguma hora a repressão vai recrudescer. Hoje parecia que seria o caso. Um faixão foi levado à frente do ato, bem rente à linha de policiais. Eu contava agora uns 2 mil manifestantes, talvez mais. Era muito notável a presença de jovens de 18-25, muito mais do que vinha testemunhando antes da votação do impeachment. Talvez tenhamos cruzado a linha que a juventude hesitava cortar. Além deles, muitos tiozinhos sozinhos como eu. Bastante mulheres, até porque o ato foi puxado também pela Marcha Mundial das Mulheres.



A multidão foi para a rua, ainda cercada pela frente e por trás pela PM, uns 50 soldados de cada lado. Três faixas grandes compunham “Levante Contra o Golpe”. Ficamos na avenida por um tempo até que a linha de PMs se deslocasse e abrisse o caminho para a passeata. A multidão se movimentou e notei que um grupo grande ficava para trás, ainda no vão. Um moço ao megafone esclarecia que um encontro dos secundaristas marcado para o mesmo local permaneceria no MASP.

O ato estava bem encorpado. Apesar de não ser massivo como gostaria que fosse, achei que não há refluxo nas mobilizações. O PIG abafa, mas o humor das ruas está a mudar. Notei na reação dos passantes na avenida e depois na Augusta: há muito menos ódio e a mensagem da ilegitimidade do golpe não é uma fantasia petista. Há um campo crucial a disputar que é a oposição a Temer. A esquerda precisa dominar este campo e não deixar a direita se apropriar dele se o presidente soçobrar. A sociedade está vendo quem está lutando na rua.

Temer não ousará mobilizar o campo coxinha, pois isso pode reverter contra ele, como foi o caso com Collor. Ele traiu muitos daqueles que foram às ruas contra a corrupção. Isso aparece nos sites coxinhas.

Nada está certo e não se sabe o que vai acontecer. Mas e se a onda anti-Temer bombar? E se a insatisfação se alastrar e lotar as ruas? Convido os amigos autonomistas a ponderar esta possibilidade. Estar de fora de uma mobilização massiva de defesa dos direitos e das liberdades pode trazer isolamento. Disputar espaços e tecnologias de mobilização dentro das mobilizações é que vai trazer crescimento. Não participar só pode levar ao olvido.

“Vem, vem pra rua vem, contra os golpistas”

“GF,NP!” [golpistas, fascistas, não passarão!]

Encontrei S e nos abraçamos na avenida. Seguimos os três pela avenida. Na calçada, um guitarrista tocava o hino nacional em seu instrumento. Agora sempre desconfio de símbolos nacionais em público, e também a experiência Roger-Lobão demonstra que a rebeldia rock nem sempre redundava em progressismo, mas este moço assumiu o Fora Temer, pegou um cartaz e gritou Fora Temer para sua audiência. Firmeza.

Caminhamos pela Paulista até a Augusta, onde quebramos à direita para descer essa rua. A galera seguia animada. Seguíamos perto das mulheres com sua faixa roxa. Os restaurantes da rua já cheios, foi uma bela caminhada. Notei que a Augusta abriga numerosas academias. Vi novos cartazes: “Esquerda, uní-vos!”.

Notei um cartaz grandão com o rosto de Jesus em um muro da rua. Peguei o canetão que comprara e tentei dar a JC sobranceiras purpurinadas e um par de lábios mais provocantes. Escrevi “Fora Temer” em sua testa.

“FT!” foi de fato a chamada mais ouvida. No geral foi uma “passeata contemporânea”: sem carro de som, várias vozes e grupos, dava para conversar, material todo feito à mão, sem liderança mas com muita animação. Muitos jovens mesmo.

A certa altura, a manifestação parou em frente a um prédio, de cuja janela um moço estendia um largo pano estampado. A multidão entoou: “eu beijo homem, beijo mulher, eu beijo só quem eu quiser!”. Ele respondia jogando beijos e também rosas lá do alto. Alcei a mão e consegui agarrar uma rosa branca em pleno ar. Vibrei e agradei o presente. Dei a flor a S que juntou-a a seu cartaz “Fora Temer”.

Descemos até a praça Roosevelt, abandonamos o cortejo e achamos uma cerveja. Conversamos um pouco e me contaram como uma facção criminosa que atua em São Paulo foi mobilizada para desocupar escola em Paraisópolis. O atual ministro da Justiça tem vínculos com a tal facção. Se esse for o braço armado do golpe, ao invés dos tanques, estamos perdidos.

Peguei uma carona esperta e andei um pouco até minha casa.

## **26 de maio – De novo na FUNARTE ocupada**

Relaxamento institucional propiciado pelo golpe atinge níveis de barbarismo inauditos. Aqueles que acham que as instituições estão funcionando bem não enxergam a anomia que foi aberta pelo golpe. As feministas há tempos alertam para o estupro como ferramenta de guerra. Atenção, esquerdistas imobilistas... a anomia derivada do amadorismo e incompetência do golpe está se espalhando... pelamordedeus ouçam quem monitora a violência estatal e para-oficial...

O Alexandre Frota, novo conselheiro da educação, apareceu no programa do canalha Rafinha Bastos em rede nacional como autor de crime de estupro previsto na lei. Ele reencenou como piada um estupro que cometeu recentemente. Outro estupro coletivo exemplar aconteceu no Piauí! Atenção democratas de todos os matizes, estamos à frente a um relaxamento institucional que é intolerável! A barbárie está à porta! Estupro coletivo como corretivo da esquerda está chegando! Defender as conquistas da existência contra o fascismo! Nenhum cu está a salvo! Agora! Aqui! Sempre! Homens de todas as inclinações, defender o corpo humano contra a violência! Nenhuma agressão deve ser tolerada! Somos todos mulheres!

Desci na estação Praça da República para ir até a ocupação da FUNARTE. Tinha uma reunião lá. A discussão era a respeito de atividades culturais de resistência. A reunião foi boa e atividade vai ter foco no judiciário.

Durante a reunião e na cachaça em Santa Cecília que se seguiu, retive algumas questões e apontamentos.

Interessante foi ouvir relatos da vida na ocupação da FUNARTE, que está forte. Lá tem muita atividade acontecendo todos os dias, e o viver juntos parece que está a friccionar os corpos de maneira bem produtiva. Por um lado as assembleias são longas (uma teve 7-8 horas) e as discussões acesas. Mas por outro o aprendizado e laços formados são fortes e de longa duração.

Parece-me que há uma (natural) sobreposição da urgência de resistência por cima ou por baixo da necessidade da reinvenção e ousadia de novas propostas. Mas a ocupação é sempre um laboratório de produção de conhecimento. Senti uma vontade de sair do espaço ocupado em direção à rua. Muita gente do teatro está envolvida na ocupação, e as iniciativas em espaço público têm sido numerosas. A Virada Cultural foi um desses palcos.

Foi relatado que o protagonismo das moças e moços pretos tem sido muito forte, e que eles trouxeram uma capilaridade muito grande à ocupação, no sentido da periferia da cidade estar presente no local. Há certa tensão produtiva no sentido de que eles, como outros grupos tais como as feministas, insistem que suas pautas sejam parte integral das decisões coletivas e não um tema de grupo de trabalho separado.

Cento e vinte pessoas têm dormido no local, incluindo secundaristas, e diariamente passam umas mil ou duas mil pessoas. Eles esperam a reintegração de posse para a semana que vem. A luz já foi cortada na FUNARTE de Brasília. Eles ainda não sabem o que farão nessa hora.

A questão do relacionamento institucional acaba sempre aparecendo nas conversas. Muitos a evitam como que para não contaminar esse momento basista ou diminuir a ousadia da reformulação do futuro. Outros se concentram na restauração desse status institucional para a esquerda. Tem também quem esteja no meio disso, tentando fortalecer os movimentos e desenhar práticas alternativas ao mesmo tempo que tentam imaginar o que seria um relacionamento renovado com as instituições.

Uma formulação forte desse campo seria algo como #OCUPAPT! Uma situação onde a militância do PT e forças esquerdistas ocupam as sedes do partido e se declaram em assembleia permanente, barrando a direita que vai tentar pegar uma carona. Talvez isso acontecesse numa situação onde Lula é preso e o partido é proscrito.

Tomei um ônibus noturno e fui para casa.

## **28 de maio – Coxinhas na Paulista**

LR formula, em relação aos áudios vazados, que estamos a viver os inícios da sociedade sem privacidade. Nada mais do que é dito reservadamente fica secreto. Os rastros de tudo que falamos e escrevemos ficam por aí.

As repercussões do estupro coletivo continuam, mas os culpados ainda não foram presos. Há muita discussão e contra-informação, incluindo a culpabilização da vítima.

Repercute também que o MBL foi financiado por partidos políticos na campanha pró-impeachment. Vi na página deles vários comentários a respeito, mas eles mesmo não emitiram posição oficial, até onde eu sei. Eles sempre se declararam apartidários e tentaram pegar uma carona na radicalidade anti-institucional do MPL, este sim genuinamente não-institucional. Há quem tenha reclamado do financiamento no site do MBL, mas há também os que estendem o argumento “foi preciso se aliar ao mal para derrubar o mal maior”. Tem bastante trolls petistas agora nessa página.

Estava no ônibus hoje na Paulista e vi uma concentração de coxinhas em frente ao MASP. Estavam se manifestar contra Lula e contra Dilma. Estavam muito animados, mas a reação da rua era fraca. Fiquei algo aliviado da pauta deles ser essa. Ficaria preocupado se eles tomassem para si a pauta Fora Temer e buscassem ganhar o patamar moral da anti-corrupção que já hegemonizaram um dia. Defender o governo interino exige o abandono dessa posição e não converge para mobilização de massa. Tinha um agito pequeno também no acampamento em frente à FIESP.

Não me contive e gritei contra eles: “golpistas!”. Aí uma moça e um moço de uns 20 anos começaram a gritar junto comigo. Depois, começamos a conversar e eles estavam na onda Fora Temer. Pudemos falar alto livremente no ônibus, até um outro homem veio se juntar a nós na conversa. O clima geral mudou. Desci no Paraíso.

A pauta Fora Temer é boa e permite a adesão de quem não é dilmista. Estou sentindo que esta pauta vai mesmo bombar: o ódio na rua está muito menor, a direita vai ter que insistir na defesa de Temer e assim perder o manto mágico da anti-corrupção, liberando quem é democrata mas apoiou o impeachment. Para a esquerda, este tem que ser o momento de formulação de novas práticas e também novas formulações políticas: o que exigir, por exemplo, de um novo governo legítimo?

GM relata que no Parque da Aclimação tinha um stand do Partido Novo. Ela viu o material e sua apresentação parece ser algo na linha liberal. Conheço um financiador este partido e ele é muito rico.

Hoje tem a Marcha das Lésbicas, que participam da Parada do Orgulho LGBT mas gostam de também afirmar suas pautas em separado. De fato, a cidade toda fica tomada pela diversidade sexual desde sexta-feira. Muita gente de fora da cidade acorre a São Paulo e frequenta seus espaços no curso do final de semana.

## **29 de maio – Parada LGBT**

Peguei o metrô para descer na estação Consolação em busca da Parada do Orgulho LGBT na Paulista. Fazia tempo que não ia, e resolvi conferir a temperatura política lá também.

Ainda no metrô, cedo, umas 12hs, vi uma moça de guirlanda nos cabelos, de pé. Na conexão da estação Paraíso, ouvi o rumor de grupos de jovens que gritavam, alegres.



Gritar no metrô é muito legal, a voz ecoa de maneiras diferentes em cada estação. Fiquei muito aliviado da multidão não ser coxinha. Essa pauta da identidade LGBT realmente libera publicamente uma carga erótica das mais interessantes.

Desci na Consolação e estava já cheio de gente. Muitos penteados e figurinos diferentes, grupos e indivíduos esperando seus encontros no saguão em frente às catracas. Subi até a rua e busquei a barraca do #ocupeademocracia, que ia estar lá na praça do Ciclista.

Eu já tinha sido avisado que a Parada não é anticapitalista. Ela tem sim um caráter forte de liberdade, mas é mais uma balada do que uma manifestação. É libertador afirmar a diversidade de modos de existência em plena avenida, é incrível estar cercado de gente que leva sua liberdade a sério e a proclama. Caminhei feliz até a Praça, cercado de centenas de balões coloridos. Mas, ao observar o meu entorno, entendi porque as lésbicas fazem questão de realizar sua própria marcha. Havia seguranças, os vendedores eram todos cadastrados, e, de repente, vi uma passeata de uns 100 jovens de camiseta e bandeiras da... Google!

Achei bizarro, mas depois vi outras empresas que tinham ações de marketing semelhantes, como as mocinhas de shortinho e camiseta apertada do Hooters, que é uma empresa escrota que veste seu staff feminino desse jeito para atrair clientes homens ao seu negócio, que se não me engano é uma empresa aérea (ou um bar?).

Sempre tive como ponto de honra que a Parada Gay tem que mobilizar mais gente que a Marcha para Jesus que acontece na semana seguinte. Sempre é o caso, e qual não foi minha surpresa quando vi um grupo de jovens evangélicos muito ativos na multidão. Uns 20 deles ficavam de pé embaixo de um cartaz que dizia “Você quer um abraço? Jesus te ama”. Mais para frente, outro grupo uniformizado fazia uma coreografia ao som do pesado tecno que ecoava na avenida. Todos jovens, naquela felicidade militante do converso.

Claramente a fila andou enquanto estive ausente. Por um lado há a incontornável normatividade conservadora da religião contaminando qualquer vida cristã. Por outro lado, a luta que estes jovens levam dentro de suas igrejas certamente é na direção da liberdade e tolerância. Politicamente eu apoiaria seus projetos contra o Malafaia. Se é possível um evangelismo libertário de esquerda, é outra história.

De qualquer forma, no caminho até a barraca do #ocupeademocracia, vi várias camisetas “Fora Temer”. Vibrei. Lá na barraca, já umas 50 pessoas estavam fazendo o buchicho. O pessoal tinha trazido vários estênceis com dizeres do tipo “Amar sem Temer”, mote geral da ação. Achei o mote muito bom, bem apropriado para a Parada, positivo e para frente – com amor e sem medo. Tinha também “Não pise na democracia”. Imprimiam camisetas e também cartazes para as pessoas. Tinha fila e deixei para depois imprimir minha própria camiseta.

Saí para dar um giro. Queria conferir o que rolaria em frente à FIESP, checar se se o acampamento coxinha tinha saído ou ficado.

Ao caminhar, saboreei a variedade de roupas e looks. Todos os tipos e todas as tendências. Vi uns cães guias muito afagados na calçada, um homem-diaba que entretia um bebê no carrinho, ao mesmo tempo que uma galera dançava animada ao som de um trio nordestino que lascava um forró arretado. Dentre os dançarinos, uns 5 funcionários uniformizados e precarizados de uma padaria local, que certamente estavam prestes a assumir seus turnos de trabalho. Vi alguns cartazinhos “Fora Temer”.

Cruzei a Augusta e cheguei perto do MASP, ainda em frente do Tribunal de Justiça. Estava marcado para lá uma presença da ala “LGBT de Esquerda”. De fato estavam lá, em bela figura. Uma faixa dizia “LGBT tem Classe”. Outra proclamava “LGBT Comunista” e ainda “Bloco de Esquerda”. Achei legal, umas 200 pessoas. Mas não pude deixar de notar que os meninos evangélicos de camiseta padronizada estavam a marcar sua mensagem mais fortemente, pelo menos em termos de marketing presencial. Dito isso, como pano de fundo de tudo, lia-se na faixa pendurada lá trás: “Amar sem Temer”. Bingo!

Decidi seguir em direção à FIESP e também decidi celebrar toda a mensagem anti-Temer que eu visse na minha frente. Passei pela frente do carro de som central em frente ao MASP e vi no chão vários cartazes e cartolinas brancas. Um cartaz convidava: “cartaz grátis”. As mensagens eram variadas, entre elas “Contra a cultura do estupro” e (uhú!) “Fora Temer”. Notei que o som estava super alto e atingia meu corpo de forma fisiológica. Nem super curto a música, mas entendi o potencial transe das ondas sonoras. A galera pirando na dança no asfalto.

Nessa hora vi um maluco completamente nu – vestindo apenas um par de tênis sem meias. E um pintão de plástico na virilha, além da peruca maravilha. Achei muito bom, uma espécie de contrário da montagem, uma desmontagem que escondia ao mesmo tempo que ampliava os genitais. Fez muito sucesso e certamente bombou nas redes sociais.

Para minha profunda decepção, o acampamento coxinha da “resistência paulista” estava lá e tinha se travestido para marcar presença na Parada. Escamoteando seu fascismo e intolerância, novas faixas adornavam as barracas – além dos indefectíveis “Lula Ladrão” e “Fora Dilma”. Entre elas, “Amor é para todos”, “Saia do armário e lute por um país melhor”, “Estuprador não tem perdão”. Nada contra Temer, contra Cunha ou Calheiros. Tive que temperar minha euforia anti-Temer e aceitar que eles acharam um jeito, falacioso que seja, de ficar lá na Parada.

Decidi andar até a extremidade da Parada e também comemorar abertamente com as pessoas que trouxessem mensagem anti-Temer ou anti-golpe, não mais apenas celebrar internamente. Recebi nessa hora um panfleto evangélico que joguei fora. Vi adiante um ajuntamento de pessoas e de câmeras. Tentei ver o que era e vi uma travesti cercada de um sócia do Jean Wyllis e outro do Bolsonaro. Eram filmados. Um vendedor me perguntou “Quem é essa cara?”. Eu respondi “Não sei”.

Segui pela avenida e percebi um grupo que dançava na grade de ventilação do metrô. Cruzei a Brigadeiro e vi muita gente chegando para a Parada. Eram já umas 13:15. À altura da Maria de Figueiredo, vi escrito no asfalto a giz: “#todos podem mudar”. Notei nessa hora um panfletinho comercial que fazia a promoção “coxinha em dobro”. Sorri.

Decidi retornar pelo mesmo caminho que tinha percorrido. Notei desta vez os carros de som. Em um deles uma filmagem estava em andamento, uns três personagens eram filmados por duas câmeras no topo do carro de som, auxiliados por um rebatedor de luz. A galera no asfalto curtiu, deveriam ser conhecidos, e canhões de purpurina enfeitaram a tomada. Já o carro da CUT um pouco desanimado, mas era cedo ainda. Outro carro era do “Trio da Visibilidade Trans”.

Não pude deixar de recordar da campanha de 1989, quando se escolhia um vice para Lula. As alas mais progressistas do PT fechavam com Fernando Gabeira, do PV. Mas aparentemente, o chefe da CUT da época, o Jair Meneghelli, teria vetado Gabeira e

bancado o deputado Bisol, do PSB, que acabou escolhido. Teria dito que “Bisol é menos expressivo, mas não tem foto dele de sunga de crochê na praia” – que era famosamente o caso de Gabeira. Os tempos mudaram.

“Fervo também é luta”, dizia a faixa em outro carro. Vi uma Dilma no asfalto com microfone na mão. Incerto de se era a favor ou contra a presidenta, segui adiante. Cheguei perto do carro de som central na frente do MASP. Muita gente apertada. Custei uns 20 minutos de amasso para conseguir passar. Algumas pessoas desmaiaram e foram socorridas.

Nesse ínterim, ouvias as falas irradiadas a partir do carro. Eram mais políticas, e o “Fora Temer” e o machistério foram muito lembrados. Falou o Orlando Silva de seu projeto da “Família do Século XXI”, que contempla todos os tipos de relações afetivas. Falou o Suplicy também, que começou bem, mas que depois entrou numas de falar do papa Francisco e a pirar na maionese. Outras falas sublinhavam as políticas públicas conquistadas e os avanços da prefeitura de São Paulo: “nenhum passo atrás”.

No aperto geral, um menino fantasiado de anjo tirou suas asas e as segurou por cima da cabeça, tamanho o esmagamento. A polícia enquadrava um vendedor não cadastrado. Um menino segurava um cartaz que dizia “meu cu é laico”, perto de uns jovens cristãos. Fiquei tranquilo. Vi no chão uma pichação que agora parece de outra era geológica: “Não vai ter golpe!”.

Vi a seguir, já fora do aperto, os meninos que davam cartazes tipo “Amar sem Temer” para as pessoas segurarem e se deixar fotografar. Vi depois na internet o resultado. Cheguei na barraca do #ocupeadocracia e havia muita gente lá. Uma fila grande me desanimou de ter minha camiseta impressa. Deveria ter feito isso antes. Mas tinha um agito muito legal e encontrei alguns conhecidos de outros rolês. Um deles relatava que “na ocupação da FUNARTE tem uma assembleia que nunca vai acabar. Eles já estão lá há horas e a assembleia é sobre como conduzir uma assembleia”.

Deixei a Parada e desci a Augusta para encontrar T. Ela demorou e pude observar o movimento desta rua. Muita gente subindo, outros colando cartazes, e ainda pichações anti-Temer nas lixeiras e muros. Vi uma pichação feminista “teremos realmente direitos iguais?”.

Estava muito feliz de estar do lado da afirmação da liberdade sexual e feliz da luta ter puxado a esquerda para esse campo. As lutas da Maconha, da Parada, dos Secundaristas vão bombar, e, se o pior acontecer, vamos todos convergir para essas manifestações quando o laborismo for impossível de sustentar. Em termos bem toscos, fechar a CUT é relativamente fácil, basta uma CPI e a força bruta, mas impedir a liberdade sexual é outra coisa.

Depois de almoçar no centro com T, buscamos o cruzamento da Consolação com a Maria Antonia. Esperamos um pouco e pegamos a chegada da Parada que descia a Consolação. Eram 16:30.

Foi bonito de ver.

De maneira bastante significativa, o Levante Popular da Juventude abria a Parada com uma enorme faixa “Temer Golpista”. Achamos muito incrível que este grupo esteja com a moral tão lá em cima que até mesmo a Parada tenha tolerado que eles abrissem o cortejo com essa mensagem explícita. Não é sempre o caso e este grupo construiu sua legitimidade ao longo de muitas lutas.

Eu, que estava em busca de sinais que a mensagem “Fora Temer” estivesse se capilarizando e se legitimando nas ruas, tive a total certeza que esse grito vai reverberar em todos os fóruns progressistas e vai bombar na sociedade em geral. Apesar dos erros do PT, a luta pela liberdade acha seus caminhos e há de se renovar em outros contextos. Convido a todos os petistas a abraçarem o novo nas ruas. O projeto original do partido se renova no asfalto, e é uma moçada muito incrível. Vamos encontrá-los, abraçá-los e dialogar.

Ficamos na calçada vendo a Parada passar. Várias mensagens anti-Temer, celebramos cada uma que passava. “Volta Querida” rolou também. “Marta Traíra” também apareceu. Eu sou para sempre agradecido a Marta pelo Bilhete Único, mas acho que ela pisou na bola total ao ir ao PMDB e se aliar à bandidagem. Vai pagar por isso, golpista. Vem pra luta.

Apesar de eu ter sido tranquilizado que neste ambiente a mensagem “Fora Temer” está reverberando, eu também baixei um pouco a crista militante e entendi que mesmo os GoGoBoys exaustos dos carros de som levam um tipo de luta que nem sempre acha



expressão partidária ou institucional. No colapso da política congressual, o que resta pode ser mesmo a questão de como como eu propicio meu orgasmo. “Il sesso anale abate il generale”, como diziam os operáistas italianos.

Vi na internet depois que o “Fora Temer” repercutiu muito e que a sempre fotogênica Parada gerou muitas imagens para a resistência anti-golpe. Fiquei muito otimista em relação ao momento político: tudo é periclitante, os retrocessos são reais e legalizados, mas a onda da resistência está afinada com as novas lutas. Temer jamais. Venceremos, claramente. Confia e luta.

Já na saída da Parada, passando em frente ao Copan, caminhando em direção à estação República, vimos uma enorme faixa amarela vertical que recortava mais da metade da fachada: “Amar sem Temer”. Somos muitos, não passarão!

### **31 de maio – Conjuntura [erroneamente otimista]**

3 x 0. O bafon do momento é a deposição do ministro da transparência de Temer. Ele caiu devido aos áudios onde ele teria sugerido o abafo da operação Lava Jato. As gravações clandestinas apavoram Brasília, e todos esperam o dia que Temer será implicado em algo cabeludo. Colou no governo a pecha de golpista.

Vi Aécio na TV, sem som, na padaria. É consenso que ele está queimado, possivelmente por obra de Serra. Gilmar o protege, mas sua viabilidade soçobrou. O PSDB está sem candidato viável. Dora Kramer do Estadão sinaliza que eleições diretas já seria um desastre para o projeto golpista, pois eles não têm expressão eleitoral. E tem o fantasma eleitoral de Lula. Mesmo preso, poderia apoiara um vencedor de esquerda, tipo Ciro.

Fala-se pouco de quem está vazando estes áudios. Alguns notam que Serra aparece pouco e se beneficia de todo esse imbróglio. Alguns comentaristas reúnem a trinca Serra/Gilmar/Janot como os responsáveis pelo derretimento do governo Temer. Fala-se em golpe no golpe, dado pelo PSDB. A esquerda comemora, tentando deslegitimar o golpe atual. O PIG está meio afásico, reconhece a fraqueza de Temer, mas tem ojeriza pela possível consequência: a volta de Dilma. Esta é uma realidade, já que alguns senadores têm sinalizado que podem rever seus votos. Mas a volta de Dilma humilharia o golpe de tal forma que criaria por si uma crise política insuperável. A

única saída para Dilma é chamar novas eleições e uma reforma política. Imediatamente. Sem composição ou tentativa de governar.

Na rua e nas redes, o Fora Temer cresce muito. Temos já umas três versões da música clássica anti-Temer: Carl Orf, Beethoven e Handel. Vídeos na internet bombam com a orquestra que executa estes compositores adaptados à luta anti-golpe. As ações e ocupações se multiplicam em todo o país.

Fico muito feliz de ver essa multiplicidade onde antes só havia mobilização coxinha. A inventividade voltou à esquerda e a direita está ´paralisada.

Vi Aécio de novo na TV da padaria. Sem som, li as legendas. Parece que ele se desculpa e se justifica, mas tenho certeza que ela já foi carbonizado pelo PSDB.

Tentei escrever com o canetão por cima da publicidade da Veja no ponto de ônibus no caminho de casa, mas a superfície molhada de chuva impediu a inscrição.

Fui para casa e dormi.



Este concerto da con...  
W. de Brant: o discurso...  
a orquestra copenga, mas...  
movera nificie papergaio de...  
dança do coral das mulheres no...  
JUNHO

# JUNHO



2016

AL O MPL APARECEU COM SU... BATUQUES.



E ASSIM CHEE O...  
PRACIA JAMA IPAO NO...  
TIRADORES DE... OSO...  
DES JA ARESNTARAMUMA...  
QUEIXA DE CANIL, QUE...  
PASSAOS E...  
PREENCHER OS...  
SPACUS DO ESPACO...  
POLICIA USIENSIVA...  
AMEACADORA, AS...  
PESSOAS FILAM...  
TIK...NDI...  
GRIPANOS DI...  
BUSCAVAM...  
SA DO METRO...  
OS...ES DE...  
ITOP...UO E HAUMA...  
S...E FOLOS...MB...  
SALD...ENTAR...  
ANSUN...DIES

VIG... QUEM QUE SO PODIA SER UM P2.



## **1 de junho – MTST ocupa o prédio da Secretaria da Presidência**

Gente, as ruas estão bombando e senti que tem uma onda irresistível que vai varrer o país! Vi na internet que a coligação Povo Sem Medo ocupara a Secretaria da Presidência da República. Vi também que a PM tinha reprimido o ato e pensei que esse era o placar final. Mas uma confusa checada no site dos Jornalistas Livres me fez ir até lá pessoalmente.

Desci na estação Consolação que é pertinho de onde fica o escritório da Presidência da República em São Paulo. Foi esse escritório que o MTST ocupou hoje. Achei o gesto muito ousado, pois a secretaria é muito perto da figura do presidente. Estão a dizer “não reconheço este presidente”. É uma posição forte e explosiva... Lendo as notícias pensei que definitivamente a lua-de-mel do governo com os movimentos tinha chegado ao fim. Mas hoje entendi que existe uma hesitação de Temer em usar o aparato repressivo. Tenho certeza que isso vai acontecer, mas se ele ousar isso no interinato vai se dar mal. Ele não vai ousar, e se o fizer vai errar a mão. O fantasma da volta de Dilma pela votação favorável no Senado parece ser uma realidade. Depois do massacre midiático a Dilma, depois da criminalização dos movimentos, há uma disposição de não deixar passar em branco esse golpe. Há um ar de Primavera Vermelha no ar. Está nas ruas e pulsa loucamente nos movimentos que crescem a cada saída para a rua.

Ainda na estação notei um nervosismo dos seguranças do metrô. Subi para a avenida e logo vi a aglomeração dos Sem-Teto na calçada em frente à Secretaria. Muita gente na calçada que também é em frente a um hotel. Eram 17:50.

Cheguei até a entrada da Secretaria e vi que havia muita gente no saguão de entrada. As paredes e vidro pichados, além de cartazes colados: “Temer sai e direitos ficam”.

Julgo que as ocupações hoje têm a mesma importância que a greve teve em outros tempos. Atualmente são muitas por todo o país. Elas criam um fato político incontornável para o governo.

Perguntei a uma mulher no saguão se havia gente nos andares. Ela disse que não. Ela também relatou que a polícia tinha tentado tirá-los de lá, mas que recuara depois de ver que não ia conseguir. Segui adiante até a esquina da rua Augusta com a avenida. À



minha direita, muita gente na calçada. Um pequeno carro de som dava instruções ao povo aglomerado, que quase espirrava das calçadas para a rua. O cruzamento continuava aberto para os carros, mas a tendência da massa era ocupar o lugar do trânsito.

Estruturas de bambu e lonas pretas dominavam a esquina oposta ao Conjunto Nacional, perto da saída do metrô. O forte fluxo de transeuntes negociava seu curso entre os ocupantes. A guarita da PM dessa esquina estava vazia. Mais manifestantes ainda se aglomeravam na ilha central da avenida. Chutei umas 6 mil pessoas no total, mas era difícil avaliar.

A PM tinha presença discreta. Dois times policiais filmavam a manifestação. O cruzamento da Augusta com a Paulista estava uma loucura de gente se espalhando pelos quatro cantos, atrapalhando mas ainda não fechando o trânsito. A tarde já caíra, as luzes e as sirenas da avenida compunham um viajante quadro visual, intensificado pela guitarra de um músico de rua que, dolente, cortava a noite.

Caminhei em direção ao Paraíso, passando pela frente do Center 3. Vi um grupo de secundaristas que chegava cantando em uníssono ao local.

Aí eu vi uma gigante passeata de mulheres que vinha em direção à Augusta e os Sem-teto. Sua presença era fortíssima, umas 10 mil mulheres juntas, fechando uma via da avenida. Ouvia um rumor de ecos e contra-ecos de palavras de ordem, gritos e chamadas que só posso descrever como *demoníaca*. Um enorme cortejo de manifestantes enraivecidas estava prestes a se juntar com a ocupação dos Sem-teto. Muita gente chegando nessa hora, a sensação era de que toda a cidade convergia para aquele local. Tremi de emoção com esse encontro.

“Nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!”

“Não temeremos!”

Muitas jovens mesmo, várias com bebês no carrinho, muitas desafiadoras com os peitos de fora, incontáveis cartazes feitos à mão. “Ser mulher sem Temer” diziam vários deles. “Estupro nuca mais”. Uma faixa rosa trazia a mensagem “Mexeu com uma mexeu com todas”.

“Ô seu machista, eu quero ver, a mulherada não tem medo de você!” rugia a mulherada. Além disso, “Fora Temer!” figurou potente na voz das moças. Vi uma bandeira do Brasil.

Notei que várias policiais eram mulheres, e pensei como seria que as pautas anti-violência de gênero repercutiam nelas.

Em frente ao Center 3, elas sentaram e fizeram um jogral, grandão e emocionante. Acompanhei nessa hora uma tensa negociação com a PM. Três soldados discutiam com um grupo de meninas qual o itinerário a seguir. A PM queria muito que elas descessem a Augusta e não se juntassem aos Sem-teto, com quem tinham algum contato agora na rua, se vi bem. Elas estavam refratárias a ordens.

Fiquei muito tenso, pois haviam uns 50 PMs alinhados com escudo, fechando a Paulista logo à altura da Augusta. Só que eram muitas mulheres, e havia massa suficiente para amassar o cordão policial. Ao mesmo tempo, seria uma violência enorme, um verdadeiro massacre por parte da PM.

As meninas ficaram de fazer um jogral para decidir por onde seguiriam, mas acho que não rolou. Fui checar a linha policial que estava lá com escudos em punho. Tem um lugar muito canalha de ficar que é fora do corpo da manifestação, a salvo do ataque policial, mas de onde se vê tudo, sem participar. A imprensa ocupa sempre esse lugar. Para eles, obviamente seria incrível se houvesse violência.

Achei um lugar digno, de onde vi a manifestação avançar em direção ao cordão policial. Gelei achando que elas tinham optado pelo pior e por se expor ao ataque policial. Mas a passeata chegou a dois metros da linha e parou.

Aí aconteceu o que já registrei sobre atos horizontais. Chega-se a uma espécie de impasse, a um intervalo, uma pausa onde nada acontece, mesmo quando a tensão é insuportável como aqui. O ato então se quebrou em mil conversas, grupos e dispersões. Um ato hierarquizado organizaria esse momento e imporiam uma direção, vendo esse momento como fraqueza.

Mas esse estado indefinido de alta tensão se prolongou por muito tempo. Parte do ato de fato desceu a Augusta, mas um contingente grande fazia frente ao cordão policial, incluindo uma moça muito jovem que tinha os seios à mostra, bem no nariz dos PMs.

Muita gritaria, engrossada pelos Sem-teto que acorreram à linha de frente. A multidão confrontava o cordão policial.

“Deixa passar, a revolta popular!”

“Aqui está o povo, o povo sem medo de lutar!”

“NA,TQA,EQOFDPM!”

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro, se não pode com formiga não atça o formigueiro!”

Vi bandeiras negras e vermelhas, do Levante Popular da Juventude, da UNE, PT, PSTU, entre outras. Um grupo de PMs abordou e deteve um manifestante que hostilizava carros na avenida. E também um skatista que agredia passantes. O movimento percebeu e ficou alerta, mas essas pessoas não eram do MTST e não houve reação dos manifestantes.

A esta altura, uma divina confusão reinava no cruzamento. Apesar de algumas faixas livres, mais de 15 mil manifestantes perambulavam pela Paulista, ora apoiando a meninas, ora engrossando a ocupação. O clima era uma mistura de rave e réveillon, com direito a churrasquinho e cerveja gelada, vendidas por ambulantes. Fiquei uma hora nesse ambiente, sentindo que a coisa crescia, gente que continuava a acorrer para o local. Senti que quem vai levar a luta são as feministas, os sem-teto e os secundaristas. A CUT e MST vão contar e estar juntos, mas enquanto estes se exaurem, os novos movimentos demonstram vitalidade e confiança.

Senti também que o governo Temer é uma farsa. Ali na rua, o poder do ministério dos homens brancos era uma farsa, o golpe é tosco, não há projeto e o rei está nu. O que vem a seguir pode bem ser o fechamento e a ditadura, mas a presente configuração de poder é um improviso mambembe e roto. Há um enorme potencial de crescimento para as pautas populares.

Li em casa que o governo Temer teria recuado e restaurado perdas na política de moradia, dando ganho à mobilização que eu vi na rua. Se for o caso, apenas mais uma humilhação para o golpe. Quatro a zero.

Fui tomar uma cerveja perto com um amigo artista que abandonou o fazer arte e que reencontrei na avenida. Discutimos muito sobre trabalho, arte e escrita. Na volta, já

umas 23h, passei pelo cruzamento da Augusta com a Paulista. A ocupação continuava lá, mas com um menor contingente. As meninas tinham seguido à Praça Roosevelt. Um vigoroso batuque animava os ocupantes no saguão da Secretaria.

Tomei um ônibus e me senti à vontade para gritar muito aos coxinhos do acampamento da FIESP: “Três a Zero! Fora Temer! Fora golpistas!”. Os poucos acampantes mal me deram atenção. Ensaíaram um gesto e foi tudo.

Desci no Paraíso e fui para casa.

#### **4 de junho – Mobilização autonomista**

Estava em Pinheiros e subi de ônibus até a Paulista. Houve uma reunião de um grupo de autonomistas que visa atuar no espaço ativista fora da dicotomia “impeachment x golpe”. A reunião foi de trabalho e foram discutidas várias atividades para marcar presença na cidade com essa pauta. A idéia é que há um espaço de atuação que não é nem coxinha nem petralha, isto é, há uma parcela da população que não está mobilizada em torno do embate que domina os noticiários e as ruas no momento. A avaliação é de que há grande espaço de crescimento, não apenas entre a esquerda não ex-governista, mas também entre aqueles que saíram às ruas em 2013 e ainda não se mobilizaram nem se sensibilizaram com o atual estado do debate. A iniciativa terá o nome de “Democracia na Real”. Homenagem à quebrada e ao 15M espanhol.

Saí de lá e fui ao encontro na casa de M, Brigadeiro abaixo. Foi delicioso, discutimos muito e bebi muito.

#### **6 de junho – Quase no Oficina**

Saí na estação Brigadeiro e descí a avenida Brigadeiro de ônibus, destino Teatro Oficina. Haveria um debate lá com Zé Celso, a Sonia Guajajara e Boulos do MTST. Cheguei na hora, às 19h, e havia muito pouca gente. Vi que ia demorar e decidi tomar um Dreher com coca-cola em algum boteco lá perto.

Achei um estabelecimento desse tipo e pedi a bebida. A ubíqua tela de TV sintonizada no Cidade Alerta. Curiosamente, o apresentador tinha um cartaz anti-Temer montado no estúdio, além das atrocidades narradas de costume. Não dei atenção ao homem que tentava conversar comigo no balcão e pensei nas notícias do dia.

O jornal New York Times deu a manchete: “Medalha de Ouro para o Brasil em corrupção”. A imprensa local tentou lidar com isso de várias formas. Temer perde a batalha de encurtamento do prazo de julgamento do impeachment no Senado. Parece mesmo que isso vai ser decidido com as Olimpíadas em curso. O prefeito do Rio perguntou “qual presidente vai abrir os jogos”? Rui Falcão, presidente do PT, está chamando greve geral para o dia 10. O partido tem estado muito silencioso nessa crise toda, e creio que um gesto assim arroubado deve ser por causa da delação de Cerveró, que afirma que Dilma negociou propina pessoalmente. Um dos boatos do dia sustenta que há um acordo para livrar Lula da prisão em troca do encarceramento de Dilma. Um ministro e uma secretária do governo Temer estavam com seus cargos em risco, acusados de envolvimento em irregularidades.

Nessa hora vi um anúncio publicitário na TV que faz equivaler o aumento de impostos ao aumento da criminalidade.

Voltei ao Oficina depois das 19:30 e ainda sem sinal de início. As pessoas ainda estavam fora do teatro, de pé. Porém, notei que Boulos e um pequeno grupo de pessoas que tinham chegado às 19h já tinham entrado. Fiquei irritado com isso. Começar tarde tudo bem, mas separar a liderança do rebanho achei ruim. Senti que os organizadores do evento não hesitariam em nos fazer esperar de pé até que o máximo de público fosse reunido, negando-nos o contato horizontal com os palestrantes, que foram para a sala VIP.

Subi a Brigadeiro a pé e fui para casa, antes do debate.

## **7 de junho**

Percebi que ando meio desanimado com tudo. Chove muito e faz frio, cruel combinação. Hoje houve um Rolezinho contra Temer no Shopping Center Iguatemi. Queria ter ido, mas acabei perdendo. Eles saíram em passeata para a frente do prédio do Michelzinho, também nos Jardins. Foram reprimidos pela polícia. Na Paulista, o Ilú Obá saiu em cortejo, parece que com o Coralusp. Deve ter sido malucão. Li também de um ato sindical Fora Temer.



## **8 de junho – Medão do porvir**

Hoje o bafom do momento são as repercussões do vazamento do pedido de prisão a Jucá, Renan e Sarney. O ministro Gilmar Mendes reclamou do vazamento, que só pode ter sido feito por Janot da PGR. Avaliações na imprensa hoje são de que o STF não deve acolher todos os pedidos, já que a alegada obstrução de justiça é de difícil prova pelo menos no caso de Sarney e Renan. Fala-se em tornezeleira para Sarney.

E tem o fato novo da briga PGR/STF, uma dupla até agora em concertação.

É tentador vibrar com o fato (eu vibrei), mas o padrão é conhecido. O pedido de prisão corria em sigilo, o vazamento é ilegal, as alegações podem nem ser verdadeiras e a cumplicidade criminosa da grande imprensa é visível. O grau de interferência do Judiciário no Legislativo é de tirar o fôlego republicano.

Mas o PMDB foi atingido muito fortemente, e por tabela o governo Temer. E se Renan fosse preso, a presidência do Senado iria para um senador do PT, o que seria uma revolução nesta Casa que está prestes a votar o afastamento de Dilma. Antes “carta fora do baralho”, Dilma pode muito bem retornar, graças à total incompetência desse golpe mal ajambrado. Isso seria uma reviravolta incrível, a humilhação pública do golpe, mas ao mesmo tempo significa a recondução de uma presidenta que não tem condições de governar. Eu acho que ela tem que chamar e fazer campanha nacional pela Reforma Política e Eleições Gerais (Presidente e Congresso). Nem acho que a esquerda ganha um montão com isso, mas normaliza o país e garante campo legal de ação possível para a esquerda no futuro próximo. E que não advirá uma ditadura jurídico-militar/policial de longa ou média duração.

Quando criança, passei noites sem dormir depois de ler os relatos de marinheiros Aliados no Pacífico que tinham sido lançados ao mar por ocasião do afundamento de suas belonaves. Boiando na água salgada, em grupos de às vezes centenas, eram atacados por tubarões. Os tubarões predavam o bololô dias a fio. Sem saber de onde viriam os ataques, todo mundo ficava a pensar qual seria o lugar mais seguro de ficar. E, no pânico de ver colegas puxados para baixo pelos predadores e de testemunhar braços e pernas arrancados sob a água, cada um ficava a agradecer a deus que, pelo menos daquela vez, não fora ele o escolhido.

Assim vejo o paradoxo da Lava Jato. Se ela continuar até o fim (que ninguém em nenhum lugar sabe dizer qual é), ela terá sido republicana. Mas se parar antes, se parar só com a prisão de Lula, ou se livrar o Serra, ou o DEM, ou os evangélicos, ou Bolsonaro, ou FHC, ou Maluf, ou o Cunha, ou o Malafaia, ou o Aécio, ou a Marina, ou o Alckmin, ou o Bradesco, ou o Itaú, então ela terá sido partidária. Mas aí será tarde demais. Ademais, eu já sei que a Globo não será presa nem enlameada, nem a Veja, nem a Folha, nem o Estado, nem a IstoÉ: eles são cúmplices desse estado de excepcionalidade jurídica. Eles são atores do poder e da maracutaia que nunca serão atingidos: mas quem vai vazar que a Globo deve ao fisco? Quem vai vazar que a publicidade estatal sustenta a Veja e o Estado e a Folha e a Globo? Quem vai vazar que o Estado e outros veículos se sentaram à mesa do golpe?

Acho curiosíssimo que a Lava Jato mira em quem está no exercício do poder. Não era melhor ter derrubado Renan, Sarney e Temer antes? E Lula e Aécio? A instabilidade é por demais periclitante! Ou tem alguém muito maquiavélico por trás ou são múltiplos tabuleiros letais em competição sem nenhuma coordenação! Anomia e desastre!

Então quem acha que está no camarote da não-institucionalidade e que vai se safar, cuidado. Os leões estão a devorar os mais gordos agora, mas você também está na arena, e não nas arquibancadas... Um dia a PF vai prender Black Blocks, baseada em delações... nem todo mundo vai protestar ou vir em socorro de quem ficou em casa nessa hora que eles vêm buscar a oposição institucional. Os tabuleiros são agora digitais, e a vigilância também. A “culpa” é coletiva.

Não consigo deixar de pensar na atuação da IBM no holocausto nazista. Um dos fatores que distinguem o fascismo dos anos 30 do resto da triste história do autoritarismo é o alcance da repressão estatal. Em outras palavras, a concepção e construção de Auschwitz foi inédito e aterrorizante, mas... como os nazistas sabiam quem tinha pai ou avô judeus? Ou comunistas? Ou era homossexual? Essa informação foi gerada nos censos da República de Weimar, democrática, imediatamente anterior ao regime de Hitler. Em outras palavras, a coleta de dados se deu na democracia, mas a turbinação do poder de computação inédita se deu no estado totalitário. Não apenas a identificação dos indivíduos, mas também a organização do fluxo ferroviário, das estadias e pernoites, números de guardas e de soldados necessários, condutores, maquinistas, carcereiros, quantidades de gás, tempo de exposição nos chuveiros...

tudo isso tecido dentro da disponibilidade imposta pelos movimentos de tropas, da produção para a guerra e da normalidade civil... O fascismo 2.0 será inédito em seu alcance e ferocidade. E em sua configuração geral. Alerta aos libertários de todos os matizes que se furtam à luta comum!!!

Hoje saiu a pesquisa de opinião CNT: Lula no ganha no segundo turno, a aprovação do governo atual em 11%, das eleições diretas mais de 50%. Pouco destaque na mídia, que não tem feito ela mesma pesquisas. Recordo-me de que o IBOPE, creio, fez pesquisa do apoio a Jango em 64, e ele tinha aprovação expressiva. As Reformas de Base não eram veleidades governistas impopulares, mas isso nunca foi divulgado na época.

A provocação #OcupaPT tem repercutido muito entre petistas. A idéia de um rearranjo de rumo forçado por ultimatos democráticos impostos por militantes de base fisicamente tomando o partido é deliciosa... Mas CL alerta isso que tem que ser feito antes da prisão de Lula, para não parecer hipócrita e realmente afirmar refundar um novo PT que terá superado o populismo carismático desse líder em favor do basismo intransigente que afirma defender... quem ousaremos?

## **9 de junho – Japonês da Federal vai preso**

Teve um ato Todos por Elas no MASP. Não pude ir.

O bafom do dia é a prisão do Japonês da Federal, por corrupção. Um processo contra si chegou ao fim e ele foi condenado. Muito celebrado no campo direitista, ele era a expressão da narrativa da justiça dura e inflexível, parte do que às vezes chamam de Liga da Justiça. Essa prisão faz a delícia da esquerda anti-Temer, pois reforça a idéia de que o golpe foi dado por bandidos travestidos de uniforme e toga, esvaziando a retórica do herói nacional, tão cara aos coxinhas. A imprensa vermelha anotou muitos sites de personalidades que apagavam seus selfies com o policial, incluindo o do Bolsonaro. Minha foto favorita é quando ele vestia verde e amarelo, de pé num palco creio que do MBL em frente à massa reunida perto do MASP.

A despeito da condenação, ele recebeu tornozeleira e punição branda.

## **10 de junho – Fora Temer! no MASP**

Saí na estação Trianon-MASP do metrô para o Ato Fora Temer marcado para lá. Eram 16h e estava acompanhado de dois amigos, um deles fotógrafo. Era cedo, mas M quis aproveitar e prestigiar o evento Fotógrafos Contra o Golpe, que acontecia também no MASP.

M foi fotojornalista em diversos veículos, incluindo a antiga Manchete. E depois virou fotógrafo geral. Sua profissão foi muito impactada pelo digital. A transição do analógico para novas formas não apenas exigiu investimento em novo equipamento, mas também mudou muito a natureza do trabalho. A difusão e dispersão da fotografia desmontou oportunidades de trabalho que antes eram exclusivas desses especialistas.

Chegamos ao MASP. O carrão de som já estava lá e uns mil sindicalistas da CUT. Um grupo de sindicalistas chegou gritando “Uh, ABC! Uh, ABC!”. Vi vários balões de diversos sindicatos e centrais. Vi um grupo com uma faixa “Autogestão” e cartazes da economia solidária. Um cartaz trazia “Fora Temer, fica SEMAES”. Um senhor idoso segurava um poster com a mensagem “eleições gerais”. Os vendedores do jornal Causa Operária sempre presentes, quase sempre jovens. Havia um carro-palco onde um pessoal da cultura se apresentava. Vi uma camiseta da Mafalda.

Andamos um pouco e já achamos os fotógrafos reunidos ao lado de um cordel onde ficavam penduradas as fotos que vendiam a R\$3,80, o preço de uma passagem de ônibus. Eram fotos boas, doadas pelos próprios fotógrafos. Vi uma imagem bem interessante, da Parada LGBT, onde três trans posavam na grade de um trio elétrico. Um delas segura o agora popular A4 com “Fora Temer”. A imagem não seria excepcional se uma das trans não usasse uma máscara muito maluca: uma face com cabeleira ruiva, mas de ponta-cabeça! O efeito era de uma mutação humana radical em pleno curso ao lado da ambiguidade sexual de suas colegas – e o cartazinho FT! meio de lado, completando a composição. Deixei para comprar depois e é claro que ela já havia sido adquirida por outrem e fiquei sem. Mas comprei outra foto, onde uma curiosa composição reunia uma fileira da Tropa do Braço e os balões de movimento social bem rentes ao chão entrando em um túnel. Um moço numa propaganda completa a composição.

M conversou muito com seus antigos colegas, mas eu e L demos um giro pela avenida. Ainda vazia, fomos checar o acampamento coxinha. Ainda vazio, estavam a remover os cartazes mais provocadores – exceto aquele que dizia: “precisamos de doações”.

Vi mais tarde um grupo de dançarinos jovens que faziam uma coreografia no asfalto, ao som de uma banda que os acompanhava. Um panão azul demarcava um grande círculo onde eles faziam suas evoluções. A esta altura os discursos já tinham começado, a todo volume, e quis que o ato só tivesse som local como desse grupo. A retórica sindical irradiada pelo carro de som é ainda opressora e precisa ser superada. Perto, vi uma faixa preta escrito: “Unidade Popular pelo Socialismo”. Vi um estandarte “Quem Tem Boca Vai a Roma”, várias camisas do Corinthians, alguns Volta Dilma. Em um outro ponto, alguém puxava o coro na melodia da Cabeleira do Zezé: “olha o congresso nacional, será que ele é, será que ele é... golpista!”

Despedi-me e fui encontrar os amigos advogados no Conjunto Nacional. No caminho o som oficial agora tocava um rock inglês dos ano 80. Apesar da confusão semeada nas combinações, achei GM e SP. Esperamos um pouco e caminhamos pela avenida. Falamos bastante sobre a situação política.

Vimos algumas bandeiras do PSOL, e também os cartazes de um curioso grupo de “religiosos e religiosas contra o golpe”. O grupo parecia incluir ritos africanos também. “Religiosos pelo Estado laico”, dizia um cartaz. Outro: “Pela fé sem Temer”, e “Fundamentalismo religioso, não em nosso nome!”. Discutimos sobre a possibilidade de um evangelismo de esquerda, impulsionando o movimento progressista em geral tal como fez a Teologia da Libertação. Parece já existir um movimento gay dentro das igrejas e mesmo com igreja própria. Pode ser que haja uma juventude religiosa forçando mudanças por dentro.

Já em frente ao MASP encontramos S com um grupo de amigos. Conversamos um pouco e ninguém conseguiu muito prever o que vai acontecer. O plebiscito divide opiniões, tanto por sua pertinência quanto por sua relevância. Achamos todos o ato meio vazio, não estava apertado e a concentração maior estava lá na frente do Museu. A certa altura sentimos uma irritação nos olhos e nariz. X relatou que policiais frequentemente caminham pelas manifestações acionando o spray de pimenta



escondido, de modo a provocar irritação. S falou da ocupação de uma fábrica no Capão Redondo. Ficamos de visitar um dia.

Nos separamos e continuei com GM e SP. Na caminhada vimos o batuque da UJS, animado: “eeeeeu tô boladão, não vou deixar o Temer governar o Brasil não!”. Vi um cartaz que dizia “Saída pela Esquerda”, e ainda outros “PTMSDB FORA!”, “Vaza Jaburu”, e mais o popular “Amar sem Temer”.

Fomos ver como estava o acampamento em frente a FIESP. Dois carros de combate enormes da PM estavam lá na frente da Federação. O acampamento igual. SP se aproximou e conversou com os acampantes. Disse que eles relataram que não têm relação com a FIESP. SP avalia que a articulação deles é muito baixa e eu acho que eles não teriam por si força de organização política, isto é, existe alguma liderança que não fica lá.

GM se despediu e segui com SP. Esperamos o discurso de Lula, que finalmente falou lá pelas 19:30h. Sua voz estava muito rouca, e a avenida cheinha. O locutor estimou 100 mil, mas acho que menos.

Seu discurso foi interpretado de várias formas na imprensa e nas redes. Por um lado ele procurou sublinhar a combatividade e a resistência. Deu cor à sua fala com as tiradas de costume. Sublinhou muito o viés social de seu governo, “pobre deixou de ser problema e passou a ser a solução”. Mencionou a possibilidade de sua candidatura nas eleições vindouras. Usou o termo “coxinhas” e disse que eles estavam hoje com vergonha do que tinham feito. Disse que o governo Temer não sabe governar, só sabe vender e privatizar.

Um drone voou bem em frente de Lula, só uns 4 metros acima dele.

Mas não havia muito uma visão do que seria um novo projeto, nem mesmo se este seria de esquerda. Não falou do plebiscito, não falou do PMDB, não mencionou Temer pelo nome, nem mesmo citou Dilma. Correm boatos que há um acordo em curso que salvaria Lula e os caciques do PMDB em troca de Dilma.

O Partido parece estar em um modo de salvação institucional e sua posição frente ao golpe é meio ambígua. Ele avalia ainda se sua preservação é mais provável na continuação do governo Temer, que se desgastaria no correr do tempo. Então há

setores do PT que não estão no Fora Temer de coração. Alguns esperam a volta de Dilma com guinada à esquerda, mas acho pouco provável. Se guinada houver, ela tem que acontecer agora, *antes* de um EGD (eventual governo Dilma).

Enfim, foi uma fala motivacional mas não de luta. Acho que ele aguarda os acontecimentos sem se comprometer com nenhuma posição irreversível.

Saímos do ato em direção à estação Trianon-MASP. Estava cheia, e a multidão entoava na fila da catraca: “FT! VQ!” e ainda “Catraca livre!”. A voz ecoa muito bem nas estações do metrô, é emocionante. SP me levou à lanchonete Ypê, em Ana Rosa, e pudemos ainda testemunhar um espontâneo “FT!” vindo de uma mesa ao lado. Junto com outros clientes, gritamos também.

Peguei o metrô e fui para casa.

### **11 de junho – Arrastão dos Blocos**

Saí na estação Consolação para ir ao Arrastão dos Blocos. Tinha a melhor das memórias da participação do Arrastão de antes do golpe, muita alegria na chave da liberdade. Eram 16h e andei até a Praça do Ciclista. O fim de tarde estava muito frio e com algum vento.

Mesmo assim os foliões reunidos estavam muito animados já no batuque e cantoria. Achei que ia encher mais depois e fui buscar um chocolate para combater o frio. Voltei e estava mais cheio, creio que umas mil pessoas. Dei um giro.

As roupas de frio predominavam, mas algumas pessoas arriscaram fantasias. Um espaço improvisado recebia crianças, que desenhavam. A batucada creio que era principalmente da Democracia Corintiana, mas vi batuqueiros com camisetas do ACS Treme Treme e também do Levante Popular da Juventude, além de instrumentistas avulsos. Os organizadores contavam que mais de 40 blocos fazem parte do Arrastão. Vários estandartes entremeados na multidão se destacavam: Bloco da Liberdade, ACS Treme Treme, Bloco do Pequeno Burguês, Bloco Meu Santo é Pop, Quem Tem Boca Vai a Roma, Cordão Cheiroso, Bloco Black Pholha, Bloco Vai Quem Quer.

Nenhuma bandeira de partido, só algumas camisetas da Dilma. Havia um carro alegórico com figuras de Temer monstro e demais ratos do poder, no total de quatro manequins. A PM contribuiu com três viaturas com luzes piscantes.

O agora clássico “ai, aiaiai, aiaiaiaiaiaiai, se empurrar o Temer cai!” foi cantado. Não sei bem a origem deste canto, mas lembro-me das mulheres entoando essa chamada na sua “primavera feminista”, quando elas quebraram a paralisia da esquerda com sua jornada anti-Cunha. Vi um moço cego passando entre as pessoas, levado pelo braço por uma moça. Eram quase 17h quando fizemos um jogral-manifesto. A marchinha deste novo ato já ressoava na Paulista:

“Se liga que a história é agora, desliga essa TV e vem se ver”

Sáimos em passeata pela Paulista e dobramos à esquerda na Bela Cintra. Éramos uns dois mil e quinhentos malucos e malucas. Primeiro os estandartes, depois o carrinho de som, seguidos dos cantores e cavaquinho, aí a batucada e depois os foliões. Parece que esse tipo de cordão carnavalesco deriva no Brasil das antigas procissões da igreja católica, com andor de santo, nobres e profissões desfilando devidamente esparsados – e os escravos no final, com o batuque. O desfile de carnaval de hoje seria o resultado do crescimento do batuque e da hegemonização da cultura negra neste tipo de procissão. Os nobres e profissões foram para as arquibancadas e os padres assistem tudo pela TV. Segue na avenida a cultura negra no carnaval, agora senhora da rua. Na Grã-Bretanha, esse tipo de procissão sobreviveu nas marchas sindicalistas da esquerda trabalhista, onde ainda se carregam os estandartes das guildas e associações profissionais. Sem batuque.

“Só pra refrescar sua memória, tem ratos e vampiros no poder”

Esse contraste do carnaval de rua que se libertou da procissão religiosa fiascou aos meus olhos quando passávamos a todo volume pela imponente igreja de São Luís, cujo lado dá para a Bela Cintra onde caminhávamos. Imaginei se havia um culto em andamento e se eles nos ouviam lá de dentro. Uma janela lateral da igreja se abriu e um vulto espiou para fora. Logo fechou.

“Vamos Fazer Temer Tremer! (3x)”

Ao dobrar à direita na rua Luís Coelho, não pude deixar de relaxar. Agora já era evidente que havia muita simpatia dos transeuntes nas ruas, e que o ódio à esquerda baixou no geral. O refluxo coxinha é evidente no asfalto. Também não pude deixar de anotar o contraste com o ato da CUT da sexta-feira em frente ao MASP. A alegria de hoje era muito mais contagiante a despeito da forte posição anti-Temer. Acho que o problema da ampliação da mobilização que assombra a esquerda hoje não é uma questão de esclarecimento. Para mim é claro que há enorme simpatia pela pauta Fora Temer, mas o Volta Querida não é sua consequência necessária. Deve ser possível tocar o coração de quem é democrata mas não é Dilmista, mesmo entre os coxinhas. Qualquer retorno eleitoral futuro ao poder vai ter que falar com esse contingente. Esse tipo de mobilização carnavalesca parece muito mais efetivo e toca os corações de muito mais gente, com mensagem forte, não é só balada.

“O arrastão dos blocos está passando, anunciando esse ritual”

Viramos à esquerda na Augusta e vi o cozinheiro do restaurante Ragazzo batucar nas suas panelas em apoio ao ato, de barba e camiseta preta, no segundo andar. A galera pirou e comemorou muito. A esta altura, eu já tinha aprendido a letra da nova música do Arrastão, e cantava ao mesmo tempo que empunhava um cartaz Fora Temer. Era um sulfite A4, daquele tipo sobre o qual uma atriz disse “carrego sempre na bolsa, nunca se sabe quando vai dar para usar”. O circuito vermelho da internet está cheio de vídeos de “perfurações” que as pessoas conseguem fazer nas transmissões ao vivo da Globo. Tem um vídeo hilário onde um repórter global tenta inutilmente evitar os manifestantes Fora Temer aparecer na tela na passagem da tocha olímpica por uma cidade do Nordeste. Bomba nas manifestações e nas conversas a frase “primeiramente, Fora Temer”, que são as palavras de um estudante ao vivo na Globo, que viralizou na rede. Tem no youtube.

“O povo não aceita retrocessos desse machistério colonial”

Para minha alegria, cantamos também a marcha do Arrastão passado, de antes do golpe, aquela que menciona o grelo duro, certamente uma contribuição capital ao anedotário esquerdista para sempre:

Arrastão dos blocos  
Nem um passo atrás

Folia da democracia  
Golpe nunca mais!

(...) Justiça mercenária, congresso obscuro, eles acham que são machos mas o nosso grelo é duro!

Havia muita gente na calçada em frente ao cinema do Itaú, e o eco estava excelente para gritos e chamadas. Paramos e gritamos muito Fora Temer! A receptividade foi muito boa. Um jovem casal veio da calçada e se juntou ao cortejo, meio tímidos. Mais abaixo, passamos pelo Comedians, berço dos escrotos Rafinha Bastos e Danilo Gentile, onde as pessoas em frente foram mais frias na resposta. Passamos pelo enorme Jesus impresso sobre o qual eu tinha desenhado com canetão na semana anterior. Os cílios longos e o Fora Temer na testa que eu adicionara estavam lá ainda. Alguém escreveu abaixo: “Jesus era comunista”. Uhú!

Nessa hora vejo o jovem cego e sua acompanhante caminhando entre nós, marchando juntos no molejo da marchinha. Tinham vindo conosco desde a Praça do Ciclista. Ele já sabia a letra e cantava a canção toda com a multidão. No segundo andar de um cabeleireiro, as pessoas limpavam a condensação do vidro embaçado para melhor ver o cortejo. As academias e prostíbulos parece que davam menos retorno entusiasmado, mas todo mundo filmava com o celular. Um casal com um bebê era muito fotografado. Tenho notado que esse tipo de imagem da mãe manifestante com filho de colo (pai não necessariamente presente) tem aparecido muito na rede recentemente. Acho uma imagem meio piegas e coxinha. Tenho meus problemas com a sacralização da maternidade como tarefa de resistência, mas enfim, anoto o fenômeno.

“Vem, vem ,vem, com garra, força, amor e carnaval, fazer um bom caldo deste caos.”

Passamos pela janela de onde na semana passada se jogavam rosas brancas para os manifestantes. Um vulto desenhado pela luz vinda de dentro do aposento tinha enorme pano arco-íris no ombros, que se derramava pela janela afora. Um leque manuseado com perícia ibérica completava o figurino celebratório. Fora Temer!

É sempre uma delícia descer a Augusta em passeata. Muitos moradores da rua fazem questão de comemorar a passagem de manifestantes, e tem restaurantes onde é possível testar a receptividade mais larga das mensagens políticas do momento.



Claramente a diversidade da Babilônia paulistana é uma força progressista a se cortejar e incorporar, por arisca e difícil de seduzir que seja.

O arrastão parou e ensaiou a palavra de ordem que me encantou nos tempos do PG (Pré-Golpe), antes do EGT (Eventual Governo Temer):

“NVTG! Vai ter o quê? Vai ter bacanal pelo fim do capital, sexo anal pelo fim do capital, sexo oral pelo fim do capital, sexo buccal pelo fim do capital, sexo lateral pelo fim do capital, assexual pelo fim do capital!”

Chegamos à Praça Roosevelt, destino final da manifestação. Muitos adolescentes acorreram ao agito, muitos deles vestidos apenas de shorts e camiseta, menos roupa do que seria razoável na minha idade: claramente o erotismo do corpo jovem desafia a mera configuração meteorológica do momento. Fizemos mais um jogral com o manifesto, além de uma performance virtuosa da bateria, que mostrou sua arte.

Conversei um pouco com as pessoas, mas ninguém sabe o que vai acontecer. A necessidade da resistência está posta, mas o futuro próximo ninguém arrisca prever.

O frio ainda castigava a multidão quando caminhei, saindo no ar gelado, ouvindo as palavras e sons finais dessa bela manifestação ecoando pelo espaço da Roosevelt. A praça desse lado meio vazia, o blasé paulistano nos rostos e posturas das pessoas nas filas, mas o Fora Temer é incontornável. É uma formulação feliz. Como enunciou a marchinha:

“Vamos Fazer o Temer Tremer! (3x)”

Tomei um ônibus na Consolação e fui para casa.

### **13 de junho**

Desci a Consolação de ônibus para ir ao ato de comemoração de Junho de 2013 na esquina da Maria Antônia. Cheguei cedo demais e fui buscar um bar para passar o tempo. Retornei às 19:15 e já havia bastante gente, umas 500 pessoas. E também muita viatura, motos e mesmo uma linha de policiais com escudos e bombas de gás. A PM tinha claramente tirado a noite para ostensivamente botar pressão sobre o ato. O trânsito fluía mais ou menos normalmente, mas a tensão era forte. Depois de uns 20

minutos a força policial foi desescalando o aparato e acabou por sair ao longo de meia hora.

O ato em si era composto por um microfone com amplificação e uma mesa onde se faziam cartazes com spray e stencil: “O choque cega”, uma referência ao repórter Sérgio Silva que perdeu um olho devido a uma bala de borracha atirada pela PM, parece que naquele local.

Ouvi algumas falas, uma delas começando “primeiramente Fora Temer”, bastante aplaudido, seguido do FT! geral. A violência policial foi lembrada como um fenômeno geral que continua desde os governos Lula e antes. Um grupo de 4 secundaristas fez uma performance ao microfone, de olhos vendados por uma fita preta e amarela. Muito bacana. Vários integrantes do MPL estavam na audiência.

Chegou E que tinha ido ao teatro Arena, que tem uma ocupação de 48 horas em andamento. Chegou emocionado com as falas de mulheres que davam testemunho de suas lutas anti-ditadura. Contou também que estivera no lançamento da candidatura de Erundina pelo PSOL, nos Bancários, dias antes. Estava cheio. A se juntou a nós, e depois M. Conversamos acerca do problema do protagonismo social num ambiente de luta distribuída e desaceleração da mobilização laborista. Notamos uma diminuição do entusiasmo anti-Temer, talvez se tenha chegado a um limite. A coesão da esquerda não está fácil. A relata que o MTST pede ajuda todos os dias, pois tem 10 ocupações pelo centro precisam de professores para fazer formação.

M relatou do primeiro dia da ocupação dos autonomistas no MASP. A idéia é estar lá todos os dias a partir das 18:30 para debater e marcar posição fora da dicotomia golpe/não-golpe e buscar apontar novos rumos para a esquerda. Cada dia tem um tema e sábado tem um encontro maior.

## **14 de junho – Diretas Já**

Andando pela avenida Vergueiro vi um adesivo do PSTU: “greve geral para botar fora todos eles! Eleições gerais já! Por um governo socialista formado por conselhos populares”. Vi quase na mesma hora um cartaz todo negro com escrita em branco: “Resolve no voto, porra! #todospelovoto”.

A tese das eleições ainda este ano ganham força em certos terrenos, mas nem de longe é uma unanimidade. Os golpistas não as querem, e de fato há dificuldades grandes a serem vencidas: tudo isso precisaria ser aprovado pelo Congresso. Mesmo na esquerda não há consenso. Dilma encampou a pauta, mas ela não é a pessoas que vai incendiar o Brasil com a idéia de renovação geral pelo voto, um reboot nacional.

Chamou-me a atenção que essas duas pautas boas – greve geral e eleições gerais – estão sendo protagonizadas por aqueles menos habilitados em fazê-las acontecer.

## **15 de junho**

O ministro do STF Teori não aceitou o pedido de prisão contra Renan, Sarney e Jucá, mas Cunha foi derrotado no Conselho de Ética. O caso de Lula foi devolvido a Moro. Espera-se a prisão a qualquer momento. Um novo conflito inesperado para mim emergiu: Gilmar x Janot. O que se passa? Pela primeira vez em anos, perdi o pé no noticiário: não consigo mais desenhar grandes tabuleiros.

No MASP a ocupação autonomista continua. Vim de casa e tomei um ônibus até a estação Trianon-MASP para um debate sobre a reintegração de posse sem mandado judicial, uma inovação jurídica do governo de São Paulo. Chequei o acampamento coxinha e ele permanece o mesmo. Parece que ele regrediu a um alojamento lúmpen de sem tetos com a mais tênue coloração ideológica. Eles afirmam não ter nenhuma relação mais com a FIESP – no passado eles tinham crachá da instituição e, segundo reportagem do jornal Valor Econômico, eram alimentados com filé mignon pela federação. Seus cartazes pedem doações e são muito genéricos agora.

No MASP, muitos jovens sentados no parapeito que dá as caras à 9 de julho. Uma concentração importante de pessoas sensibilizadas pelo massacre do Orlando se reunia no vão. O evento dos autonomistas dialogou com essa iniciativa e se entenderam na chave da complementaridade das lutas. Ponderei que a construção do edifício do MASP foi um sucesso obtido por Lina Bo Bardi, que projetou o edifício. Antes do Museu de Arte, existia lá um Belvedere, ou seja, um “belo mirar”. Pontuações arquitetônicas neoclássicas convidavam os visitantes a passear e observar o panorama descortinado pelo intervalo cênico na avenida proporcionado pelo Belvedere. Quando este lugar público se tornou o sítio de um museu de arte, foi exigido que a futura edificação respeitasse essa vocação de olhar. Lina projetou então o arrojado edifício

que conhecemos hoje, onde o espaço desimpedido para a visão também contempla a aglomeração de pessoas. Na melhor tradição progressista publicista, o espaço de livre acesso público deveria aceitar e fomentar o livre encontro de pessoas. Quando visito edifícios assinados por Niemeyer e outros modernistas, digamos em Higienópolis, vejo a liberdade de circulação proporcionada pelos pilotis vedada por cercas posteriores ao projeto.

Foi assim que eu encontrei o MASP. Apesar de ser território coxinha (Jardins e Bela Vista), é bem servido de transporte público e aberto em seu convite ao encontro. Muitos grupos de vários matizes se sentem à vontade de se encontrar sob o Museu, um espaço que tanto permite a contemplação da paisagem quanto o encontro público. Raros em São Paulo são espaços assim.

Três palestrantes falaram ao microfone e depois a audiência se dividiu em vários grupos pequenos para discussão. Após um breve intervalo, os grupos se misturaram mais duas vezes. Isso permitiu uma boa discussão e fiquei encantado que o nível geral da conversa era muito boa e se sofisticava no mesmo passo que as pessoas mudavam de grupos. Eu peguei especialistas do direito em pelo menos dois grupos, o que foi muito informativo e tirou a coisa do nível do achismo. Achei o formato ótimo, infinitamente melhor do que apenas uma palestra com perguntas. Ao final de três reagrupamentos, eu estava informado e apto a discutir alternativa de forma consequente.

A pegada é bem prática também, no âmbito do “o que podemos fazer agora para atuar nessa situação?”. Assim, ao invés de discussões abstratas infinitas, dois ou mais grupos de ação e trabalho já saíram com propostas de atividade, numa energia derivada da participação com poder decisório universal, o que não aconteceria numa estrutura partidária.

Achei que ninguém mais na esquerda está fazendo coisas assim, e que a construção da luta a partir dessa lógica e prática reconfiguram toda a estrutura da atuação política como um todo. Existe a possível eterna crítica da ausência de projeto ou desenho institucional para o qual esta luta evoluiria, isto é, faltaria pensar como isso se desenha no contexto da luta pela hegemonia na instituição ou Estado. O ponto é exatamente que não o faz. A aposta está mais desenhada em torno de dispositivos replicáveis em

qualquer ambiente do que na construção de um organismo grande que abarque e dê sentido às iniciativas locais. É possível acusar esta posição de espontaneísmo, mas o cuidado democrático na formação de grandes frentes é preciosa.

A inserção dessa luta na luta da esquerda em geral também é uma questão candente, mas não contamina esse campo. Eu mesmo hesito em considerar as vantagens de não participar do Fora Temer ou de ficar à margem enquanto um golpe destrói a possibilidade de um certo tipo de esquerda, como se esse cenário não afetasse o campo autonomista. Pode ser um erro grave. Por um lado entendo que uma atividade do tipo que desenvolvemos no MASP não poderia acontecer na vibe Fora Temer, que frequentemente se torna Volta Querida ou Lula 2018. Por isso se ausentar desse campo ajuda no desenho mais delicado de exercer a horizontalidade no próprio movimento, ao invés de isolá-la como um tema de debate político. A energia Fora Temer transmutado em Volta Querida destrói essa possibilidade, e captura energias que de outra forma iriam construir o futuro da esquerda em geral, a despeito das urgências institucionais do PT no momento. Em termos bem toscos, a sobrevivência institucional desse PT de agora não coincide com a possibilidade da esquerda em geral.

Por outro lado, o desenho institucional que está a se formar contra os esforços do petismo como um todo, entendido seja como governo seja como movimento (desde 1980), cancela e reverte não apenas os direitos conquistados pelos movimentos. O derretimento geral das instituições pode dar um frisson apocalíptico na hora, mas o vácuo de poder é sempre preenchido pelo arbítrio. Se houvesse uma sociedade autogestionária pronta para substituir o estado, ou uma rede já ativa de soviets e de ocupações por todo o Brasil, eu largaria a mão da política institucional sem problemas. Mas acho que não é o caso.

### **16 de junho – Democracia na Real (autonomistas no MASP)**

Machado cita Temer como envolvido em propina. A resposta do presidente é tibia. Caiu um terceiro ministro, o dos Transportes. O Rio de Janeiro decretou estado de calamidade. Recebeu assim ajuda federal.

Fui ao MASP de novo para a ocupação autonomista. Hoje não teve palestra, a coisa foi mais de organização e de realização das propostas geridas nos debates. Foi legal.



## **17 de junho**

Desci do ônibus logo antes do MASP, buscando a ocupação autonomista que tem atividades hoje também. O debate é sobre as mortes de frio da população de rua em São Paulo.

Os dois primeiros palestrantes são de um coletivo de trabalhadores e usuários dos serviços público de ação social, o CATSO. Achei muito potente essa aliança usuário-trabalhador dos órgãos públicos, o potencial democrático transformador é muito evidente, especialmente na chave não-sindicalista, que teria dificuldades em absorver o usuário na sua luta classista. De cara, a primeira palestrante desse movimento chamou essa iniciativa que acontece no MASP para vir às ocupações de sem-teto no centro, que têm carência apoio, de atividades e de debate informado. Esse chamamento das ocupações do movimento social carentes de formação de seus quadros já replicada em outros quadrantes.

Esse coletivo tem uma clareza muito aguda do processo de terceirização dos serviços públicos e sua privatização, eles precisam ser ouvidos pela esquerda em geral. Esse coletivo também tem contato diário e muito próximo com aqueles que a esquerda marxista chamaria de lúmpens inorganizáveis, além da organização social significativa. O CATSO, mais autonomista, prova que não é o caso. Eles têm sim capacidade de organização, de auto-gestão, de resistência a solidariedade. Os processos de gentrificação dos espaços públicos, a privatização da gestão do Estado são muito agudamente sentidos e articulados pela população de rua.

## **18 de junho**

Quem assiste a Globo diz que na sexta ela abandonou o governo Temer e decretou seu fim. A revista época traz a manchete “Dr. Michel e Mr. Temer”, uma referência ao clássico do horror vitoriano “Dr. Jekyll and Mr Hyde”. A Veja traz capas não políticas e ninguém faz sondagem de opinião. Cunha deve renunciar na segunda-feira. A Odebrecht promete uma lista de mais de 150 deputados e 13 governadores. O tiroteio está generalizado, todos contra todos, e eu perdi o pé do noticiário. Não dá mais para saber quem está do lado de quem. O derretimento das instituições é completo.

Estive com LR para um café. Falamos dos rumos da esquerda e do capitalismo. Ele não está otimista. Ele no geral descrê daquilo que eu vejo como a próxima esquerda, tal como representada pelo movimento estudantil da USP em sua unidade. O lugar mesmo da esquerda como a entendemos hoje está em perigo, as novas mutações do capitalismo podem muito bem cancelar a possibilidade da esquerda tal como a compreendemos e recolocar a questão da resistência em termos inteiramente novos. O que dizer da construção de alternativas ao capitalismo? LR trouxe o pensamento de Jessé de Oliveira, quando ele diz que a inserção hoje na sociedade capitalista não mais se dá pelo trabalho, mas sim pela violência. A atividade política se dará pela chave da violência, nem mesmo pelo consumo. Lembrei de outros autores que falam da mexicanização do Brasil. Lembrei de Paulo Arantes que fala de um cenário dominado pelo embate entre um capitalismo de mercado (EUA) e um capitalismo de Estado, também chamado de capitalismo de compradrio (China), onde a possibilidade da esquerda não está dada.

LR trouxe como, no Brasil, o embate atual tem a luta de classes sim, mas também e principalmente é a luta de estamentos, de setores gerenciais do Estado. Jessé de Oliveira teria trazido como o embate principal no Brasil se dá no tipo da mobilização do Estado. O que teria trazido a queda do PT de forma tão ignominiosa seria a solução estatal, a mobilização de ferramentas estatais para a diminuição, mesmo que tímida, das desigualdades sociais. Em outras palavras, o dogma contra a instrumentalização do Estado para fins de ação social prevaleceu na derrubada do PT em favor da privatização explícita do mesmo. Essa discussão envolve uma questão sociológica clássica, que é se o Estado Nacional ainda é um instrumento de redução das injustiças sociais no Brasil. Na Europa a infra-estrutura já foi montada, e o Estado poderia ser diminuído, mas, e no Brasil? E no Paraguai? E em Honduras?

Encontrei AM na Paulista. Ele trabalha no MASP e relata como todos os dias tem manifestação que sai de lá. Todos os dias. Teve fanfarra da PM lá em baixo, ele conta. O AM é veteranos da Verdurada e de outras iniciativas autonomistas. Ele estudou os coletivos de arte e novas formas da política em seu doutorado. Participou das lutas anti-Globalização dos anos 2000. Prometemos nos falar.

## **19 de junho – Festival dos Refugiados no AL Janiah**

No MASP todo domingo agora tem o Domingo Contra o Golpe. Não fui.

Mas estive na rua Álvaro de Carvalho em frente ao Al Janiah, que é aquele restaurante/bar de refugiados palestinos em São Paulo. Eles organizaram um festival na rua, com vários grupos de refugiados, entre eles do Congo, Haiti, Colômbia e Palestinos. Cheguei de ônibus pela Consolação e desci quase na esquina da São Luís. Desci o escadão do Viaduto 9 de Julho e alcancei a Álvaro de Carvalho.

O encontro refugiados/sem-teto tem gerado incríveis resultados. O MTST nem sempre compreende e acolhe a diferença proporcionada pelos refugiados, mas muitos deles participam e realizam ocupações no centro de São Paulo. A organização e politização dos refugiados no cenário do centro de São Paulo é incrivelmente potente. Este festival aqui na rua dá um vislumbre dessa potência. Estou em um boteco próximo (a fila para o AL Janiah é proibitiva) e tomo um Dreher com Coca-cola.

Saiu no Estadão uma reportagem de uma página, no Aliás, sobre o Al Janiah. Parece que eles passaram a receber ameaças de gente que é contra imigrantes.

Voltei à frente do Al Janiah e encontrei M, autonomista e matemático sedento de novas formas para a liberdade social. Percebi uma bandeirona palestina pendurada no viaduto, e também um cartaz Fora Temer! Tinha uma amiga com ele. Falamos da Filosofia da Matemática da formação da ideia de Ocidente. Falamos da queda do império Romano e da falácia da continuidade da tradição democrática ocidental grega via Império Romano e sua expressão tardia no Sacro Império Romano Germânico, patrocinado pela Igreja Católica. Falamos da indeterminabilidade derivada das hipótese de Groedinger acerca da natureza da luz (onda ou partícula?). Colou um moço que se declarou estalinista e que defendia o capitalismo de estado chinês.

Toda a vez que trombo com a questão da imigração, como na imprensa britânica que acompanho, penso como essa questão envolve certa hipocrisia fundamental. O capital viaja pelo mundo sem restrições: meu investimento no Bradesco da agência Sumaré pode gerar lucro em Hong Kong ou mudar-se para Dubai sem que eu saiba. Mas se eu trabalhador quiser mudar para a Argentina onde pago menos ICMS, eu sou impedido por regulações internacionais. O trabalho não desfruta da liberdade permitida ao

capital. Isto é, a democracia dos mercados não é a democracia das pessoas. Por isso o capitalismo chama capitalismo: ele privilegia a saúde do capital. O socialismo privilegia o viver juntos: as pessoas vivendo em sociedade. A saúde das pessoas é mais importante que a saúde do dinheiro. O capitalismo cuida da saúde do dinheiro. Por isso chama Capitalismo.

Saí depois de um grupo de rap haitiano e outro do Congo se apresentarem. Fui até o metrô Anhangabaú e fui para casa.

## **20 de junho – Ocupação autonomista no MASP**

Peguei um ônibus no Paraíso e fui ao MASP para a ocupação dos autonomistas. Hoje tinha um piquenique e o tema era a crise do frio e seu impacto da população de rua. Estava bem frio mas a atividade estava boa, umas 40 pessoas acabaram por acorrer ao local.

Antes de começar comecei a conversar com um moço que trabalha na EBC, na televisão pública. Ele contou que o clima lá é de incerteza. Disse também que a tentativa de formar uma agência de notícias pública foi boa, mas que acabou por ficar perto demais da Presidência, arranhando sua independência e vocação públicas. Ele também não tem idéia do que está por vir na política institucional.

Começamos as com um jogral dirigido a todas as pessoas do lugar, que estava bem cheio. Formamos grupos menores e começamos a conversar. As motivações que levaram cada um àquela iniciativa são variadas, mas parece haver um consenso na busca de novas formas. Não parece haver pressa na formação de uma alternativa ou contraposição à política institucional. Uma das idéias é “esvaziar o sistema”, construindo o que for possível da vida fora dele, talvez na linha zapatista. Há um foco bem claro no “o que precisamos fazer agora?”.

Saí um pouco antes de acabar e fui conversar com D. Falamos muito da situação política e questões mais gerais como a crise do trabalho e os impasses da política laborista. Discutimos bastante o MPL, junho de 2013 e os limites do estado social-democrata.

## **21 de junho**

A política tem estado meio chata, a rua perdeu um pouco do fôlego. Parece que é difícil competir com Brasília, de onde vem uma bomba a cada dois dias. Estou na situação mais brochante de todas, que é ficar na internet lendo quem a Lava Jato diz que vai prender hoje.

Cunha não renunciou mas a imprensa está dando que o Planalto abandonou definitivamente o senador. Temer articulou apoio dos governadores através de facilitação do pagamento das dívidas estaduais. A prometida austeridade administrativa simplesmente não aconteceu. A posição do governo é muito frágil, mas tem alguma coisa poderosa escorando Temer. Ele precisa desesperadamente de indicadores positivos na economia, para que, segundo avaliação de alguns jornalistas, ele possa navegar as investigações como Lula em relação ao Mensalão uma vez que provar que consegue conduzir a economia. Bolsonaro vai ser julgado pelo STF por incitação ao estupro.

## **22 de junho – Coxinhas e autonomistas no vão (separados)**

Vi na internet o rebatismo da praça Conde de Barcelos, agora chamada Praça do Golpista. Genial!

A PF prendeu o ex-ministro Carlos Gabas, da Previdência e o ex-ministro Paulo Bernardo, do PT. A sede do partido foi alvo de busca pela Polícia Federal.

Saí de casa e tomei um ônibus para o MASP, para a ocupação diária desse espaço. Chequei o acampamento coxinha da FIESP e anda igual: parece abandonado e sem cartazes explicitamente políticos. Ainda pedem doações.

Desci na rua Itapeva e andei até o museu, perto das 18:30hs. Na ilha central em frente ao MASP, um grupo muito barulhento de coxinhas fazia algazarra. Eram umas 15 pessoas. Lembrei da imagem do dia que foi dois policiais federais com uniforme de guerra e fuzis na frente da sede do PT, que fora invadida e vasculhada horas antes. Temi a volta das recentes jornadas do ódio. Muitos carros buzonavam um montão. “Eu vim de graça!”; “Ei, petista, vai ter que trabalhar!”; “O PT acabou!”. Minha cabeça ficou em parafuso tentando entender como essa inversão se tornou possível, do campo do trabalho ter sido sequestrado pelos rentistas e empreendedores.



Atordado, busquei a movimentação esquerdista. É sempre legal ver o MASP de noite com muitos jovens que vêm curtir a noite em público. Cheirão de maconha no ar, grupinhos conversando e hoje tinha um moço com um saxofone. Achei o grupo que buscava e me aproximei.

Hoje não tinha aula pública e formamos grupão e depois grupinhos menores para avaliar as atividades desenvolvidas até agora. É interessante testemunhar a formação de novas práticas de esquerda e a construção mesmo de práticas horizontais que não levam necessariamente ao resultado partido. A noção de que é preciso, agora na base, impedir a formação do autoritarismo interno e ao mesmo tempo ser eficiente na condução de ações coletivas, é muito forte. A tecnologia adquirida e construída ao longo de inúmeras ocupações e fóruns, incorporada pelos participantes dessa iniciativa, vai se consolidando em resultados e práticas reais. É bonito ver isso se formando. Há um cuidado grande com a metodologia e com o acolhimento do diferente, pulverizando os micropoderes típicos de outras formações humanas. Tentar definir encontros decisórios horizontais e conseguir produzir ação coletiva imediata é um grande avanço. As análises do que será necessário num futuro próximo, daquilo que será preciso em um novo cenário para as forças anti-capitalistas são ricas e instigantes.

Perto de nós chegou da rua um grupo de manifestantes pela demarcação das terras indígenas. Gritavam “Fora Cunha!” e outras palavras de ordem. Traziam faixas que depositaram no chão. Fizeram um jogral e uma dança em roda, à maneira indígena, com chocalhos. Durou uns 20 minutos.

Seguimos com nosso encontro. Eu não conseguia deixar de pensar no teatro encenado naquele local: a nossa comunicação era difícil, abafada pela algazarra dos coxinhos na avenida. Era difícil conseguir falar acima do ruído, das buzinas e palavras de ordem. Fiquei um pouco transtornado pela indiferença que este e outros grupos de esquerda têm pela sorte da esquerda institucional. Não falamos uma única palavra sobre a movimentação que nos impedia de comunicar naquele momento. Nenhuma palavra sobre a invasão da sede do PT. Com o olhar fixado no horizonte mais adiante, parece que não importa o que pode vir a ocorrer no cenário institucional de agora. “Não é a nossa pauta”. Entendo o receio da captura de energias para a conservação da ordem institucional, que é o que faz o PT. Compreendo a delicadeza da construção da escuta e

horizontalidade, avessa ao embate partidário. Lembro-me de Malcolm X, quando perguntado sobre Martin Luther King e a diferença do discurso entre os dois: onde Malcolm confrontava, King convergia. Malcolm X dizia: “o escravo doméstico chora quando a casa grande pega fogo e ajuda a apagar o incêndio. Mas o escravo da lavoura não, ele ri muito quando vê as chamas subindo”.

Mas é impossível deixar de considerar que a demonização PT é a demonização da esquerda em geral. Se fiar num suposto contingente progressista que não se manifesta mas aparece nas estatísticas da pesquisa de opinião é muito temerário. Achar que as jornadas do ódio e as inovações jurídicas vão apenas atingir o PT é um terrível engano. Isso a despeito do erro crasso de Haddad e outros petistas ao desmerecerem o MPL e outras plataformas de luta claramente progressistas – as tiradas do “nenhum almoço é grátis” e da “Disneylândia” foram especialmente acintosas contra um movimento social legítimo e combativo. Fora a tolerância com a polícia então comandada pelo agora ministro golpista da Justiça.

A nossa atividade continuava quando ouvi os gritos “Fora Temer!”. Levantei e fui checar. Um grupo de uns 5 jovens negros fitava os coxins no meio da avenida. “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”, bradavam. Os coxins pouco depois se recolheram.

Voltei ao grupo e terminamos a atividade. Tomei um ônibus e fui para casa.

## **24 de junho – o jornal hoje**

Li hoje que Renan jantou com Temer e senadores. Parece que o presidente interino está consolidando seu poder, depois de ganhar os governadores e o judiciário com aumentos e renegociação de dívidas estaduais. Os governadores detêm grande poder juntos aos senadores, que é quem vão votar o impeachment. O cenário se completa com acerto de rumo da Lava Jato, operado na reunião do ministro da Justiça Moraes com o juiz Moro. A operação voltou a mirar preferencialmente o PT, cuja sede nacional foi invadida, propiciando fotos de policiais com fardas camufladas e fuzil na mão em frente da porta. De novo temo pelo pior depois da segunda votação do impeachment. O exército monitora os movimentos sociais e também a figura de Lula.

Evo Morales está sendo alvo de escândalos... é a bola latinoamericana da vez. Cristina Kirchner sofre pressões judiciais. A Grã-Bretanha votou por sair da Europa. Terremotos...

Tenho pensado muito sobre a perda do protagonismo da classe trabalhadora na luta social. Ela não mais consegue trancar a produção como antes conseguia nas greves. Na atual configuração de encolhimento da manufatura e de domínio do financeiro, só é possível trancar o capitalismo em outros níveis, tal como na cidade. Será que só o hacker é quem consegue hoje trancar a produção?

## **26 de junho - pichações**

Na baixa geral da mobilização, tenho notado os cartazes e pichações da cidade. Eu mesmo tenho contribuído ao escrever Fora Temer nos ônibus e nos painéis da Veja sempre que posso. Além disso, tive o prazer de grafitar o FT! no banheiro de um Habibs. Essa cadeia aderiu ao golpe e seu dono saiu na capa de revista enrolado na bandeira do Brasil. Não de pagar por isso.

Notei na subida da Teodoro Sampaio, no tapume do penúltimo ponto de ônibus, 4 tipos de cartaz. Ainda permanece o chamamento do dia 13 março para a manifestação coxinha da Paulista, que foi monstro. São muitos papéis, perfazendo um tapete agora descascado e roto: “Contra a corrupção!”, convocam. “Se gritar ‘pega ladrão’ não fica um, meu irmão”, clamam, ainda. Tempos do PG (Pré-Golpe)! Lembrei de Paulo Arantes que afirma que não tem coxinha envergonhado em casa não, eles não saem à rua agora é porque *venceram!*

Outro cartaz clamava contra o roubo da merenda do governo tucano de Alckmin. Ainda outro, não estritamente dentro da agenda política, trazia “A cabeça cheia de medo não deixa espaço para os sonhos”. Já outros, mais recentes, chamam: “ocupa tudo!”, “ocupar e resistir!”.

Já na Rebouças, vi outros que diziam “Fora Gilmar”, questionando seu papel na normalização do golpe e também questionando o comportamento dos magistrados em geral face ao aumento de 41% em todos os salários do Judiciário concedido pelo governo Temer.

## **28 de junho - Brexit**

Tenho lido muito sobre a saída da Grã-Bretanha da UE. Não há um recorte claramente de direita/esquerda nesse acontecimento sísmico. Há sim um ganho concreto para a extrema-direita, mas é também um claro grito de alerta no sentido de que a concertação neoliberalismo/social-democracia está a ruir. O país está em polvorosa, e os dois principais partidos estão em guerra interna. No partido Trabalhista, o atual líder, marxista, está sofrendo um golpe interno da ala direitista hegemônica até pouco, cujo símbolo é Tony Blair. Trata-se de uma guerra entre a bancada parlamentar e os filiados do partido. Houve um influxo de 60 mil novos membros desde a deflagração desse golpe, cuja maioria presumivelmente apóia Corbyn, que foi eleito com uma maioria esmagadora desse eleitorado faz apenas um ano. Está em jogo o que pode ser uma renovação à esquerda do Labour com uma plataforma anti-austeridade muito clara.

Uma consequência muito interessante do Brexit, além da releitura da atividade política, é a possibilidade real da Escócia se separar e permanecer na UE. A Escócia aparece como um retrato fiel do abandono do Partido Trabalhista de suas bases e de sua ideologia fundadora, operada por Tony Blair, que retirou da constituição do partido o seu compromisso com o socialismo. A adoção trabalhista do ideário neoliberal permitiu a este vencer algumas eleições, mas, na Escócia, recentemente provocou uma reação em massa. Esse país sempre votou consistentemente contra os conservadores e o neoliberalismo, e castigou o Labour nas últimas eleições, elegendo praticamente em todos os seus distritos eleitorais candidatos do SNP nacionalista, expulsando os trabalhistas da Escócia que sempre lhe garantiu assentos e eventuais maiorias no parlamento britânico em Londres.

Em resumo: há uma possibilidade forte de se firmar um país socialista antineoliberal, com educação gratuita e estado de bem-estar social – a Escócia independente.

Estive à noite no Al Jannah, saindo de Pinheiros, para uma discussão do tazurucum, que é este encontro de idéias e pessoas pensando e agindo a “próxima esquerda”. A discussão foi interessante, hoje com um viés dado por anarquistas e autonomistas.

Conversei com um ativista anarquista americano. Ele recentemente esteve em Paris e descreveu a luta atual nas ruas. Há uma interessante aliança entre a CGT, central

sindical tradicionalmente comunista e a luta da rua, que envolve também muitos autonomistas e anarquistas - Blackblocks. Uma das pautas é a resistências às reformas trabalhistas liberalizantes propostas pelo governo socialista de Hollande.

Ele relatou também da visita que fez à Rojava no Curdistão. Nessa região, experiências sociais muito interessantes estão a se realizar. Os curdos estão a se organizar e lutar em bases libertárias e solidárias, incorporando e realizando estruturas ligadas a idéias anarquistas, feministas e ecologistas. Sua organização social é de larga escala e consegue avançar procedimentos democráticos radicais eficientes. A experiência não é muito conhecida no ocidente, mas atrai grande atenção nos círculos libertários.

A certa altura do encontro, um maluco entra no Al Jannah com uma daquelas placas de LED retangulares pendurada às costas. Algumas mensagens passavam pelo mostrador, escorregando da esquerda para a direita: “Primeiramente, Fora Temer!; e “É preciso resistir ao golpe!”

Saí de lá e fui para casa.

### **30 de junho – a rua esfria**

Desenrola-se a repercussão das pedaladas fiscais, figura-chave para o impeachment: a perícia do Senado declara que não houve pedalada de Dilma. Segundo nota publicada no painel do leitor na Folha, o advogado de Dilma, Eduardo Cardozo, afirma categoricamente que a perícia demonstra que não houve crime de responsabilidade nem nas pedaladas nem nos decretos de crédito suplementar, e que a Folha errou. O jornal não desmentiu. O PIG disfarça e disse que o resultado foi um empate. As notícias a respeito são bem difíceis de destrinchar, escritas muito escorregadamente. Teria que ler o relatório.

Temer tem dado aumentos para o judiciário e da Bolsa Família para garantir a continuação de seu mandato. O PIG bufa (Catanhêde e Sarderberg), mas ainda apóia o presidente interino. Repercute a reunião de Cunha com Temer no domingo, e também o fato da PGR ter declarado que sua confissão (de Cunha) não importa: “de que valem as acusações contra 50 deputados do baixo clero?”. Também repercute o habeas corpus concedido pelo ministro Tófolli ao ministro Bernardo, que fora preso dias antes sem acusação. Os coxinhas babam de raiva.

Fiz uma rápida pesquisa na internet para confirmar o que eu já desconfiava: a deposição de Jango em 1964 *foi legal* e sancionada pelo STF.: ele foi deposto “pelo conjunto da obra”, como se diz de Dilma hoje. Os militares não tomaram o Congresso no dia 31 de março, apenas foram às ruas “garantir a ordem pública”. O Presidente do STF se alinhou ao golpe e empossou regularmente o deputado Ranieri Mazilli no Planalto, declarando que a Constituição tinha sido respeitada. A posse do general Castelo Branco, dias depois, foi também legal e sancionada pelo STF.

A sessão do Congresso que depôs Jango só foi anulada em 2013. Ela valia até essa data.

Talvez forçando demais um paralelo, provoco aqueles que ainda hesitam em aceitar o golpe como tal. A provocação é perguntar então quando foi que o golpe de 1964 se tornou golpe? A deposição de Jango, que foi legal e sancionada pelo STF, ela faz parte do golpe ou este instaura-se somente com o Ato Institucional 1 e o primeiro presidente militar?

Sei que a questão chave é determinar se Jango tinha ou não abandonado o governo. Ele ainda estava no país (Porto Alegre) quando a sua ausência de Brasília e do governo foi declarada pelo Congresso em sessão legal. Mas teria Jango abandonado o *governo*? Para seus detratores e defensores do golpe, sim: tanto era que ele fugia para o Uruguai, que de fato foi sua destinação final. Darcy Ribeiro declarou o contrário, mas o processo de deposição “é mais político do que jurídico”, não estritamente técnico, não é mesmo? O “conjunto da obra” de Jango é bem ruim: corrupção (“o crime da mala”), baderna e quebra da hierarquia militar. Ele não tinha condições políticas de governar e o Congresso simplesmente encurtou o sofrimento.

Provoco afirmando que todas as instituições funcionaram normalmente no processo golpista de 1964. O STF passou um verniz constitucional em tudo. A deposição de Jango foi *legal*. E a de Dilma?

Sei que insistir nessa pauta é cansativo, quiçá *passé* e desmobilizante, mas o futuro precisa saber: fora do campo pós-governista, chamam o golpe de golpe: Temer, Jucá, Renan, o filósofo Habermas, o papa Francisco, o presidente Mujica, a líder do governo interino Rose de Freitas, Elio Gaspari... Todos eles usaram a palavra golpe e os historiadores do futuro precisam apontar que isso foi uma questão para os democratas.





# JULHO



Chegando no Largo da Baixa, não longe uma canção  
do brega antigo, romântico, me lembrei que fosse da  
manifestação Fora Temer que eu estava indo para o  
Largo. A canção era triste e eu não queria ouvir  
queria evitar nesse momento. Por isso não fui  
vinha de um boteco/restaurante e eu não  
menino garçom comia o almoço de uniforme, sua boina



# 2016

## **1º de julho**

Repercute a prisão de Lúcio Funaro, cuja delação premiada faria grande estrago em Temer, Cunha e Geddel. As futuras delações são muito festejadas mas nem sempre se materializa a bomba propalada. A revista Carta Capital traz em sua capa os delatores premiados que obtêm pena leve, como Machado, que serve sua pena em prisão domiciliar, uma mansão com piscina em Fortaleza. Além do que declara a propaganda judicialista, a Lava Jato pode muito bem acabar com os empresários em liberdade e os deputados de esquerda na prisão. Os delatores-empresários no geral se safam se falarem.

A sede do PT foi atacada com uma bomba e vandalizada, como já foi o Instituto Lula no passado recente. Dirceu vai morrer na prisão, condenado sem provas na força da controvertida tese do *domínino do fato*. Nenhum deputado do PSDB foi condenado, a despeito da citação de Aécio Neves em pelo menos 7 delações.

## **2 de julho – Relatos de Espanha**

Desci do ônibus na Consolação à altura da Maria Antônia e busquei a Cesário Mota. Lá falaria o espanhol Javier Toret, que foi do 15M, numa conversa organizado pelo Arrua. Toret é militante e também estuda as novas formas de política possibilitadas pelo digital.

Seu mote geral é de que há hoje uma crise profunda do sistema eleitoral e que novas formas estão a se formar. Revoltas de Paris e Hong Kong, México, EUA: já há exemplos em todo o globo, essa crise é global. As revoltas de Junho de 2013 no Brasil, porém, constitui o único caso onde a direita dominou as redes. Ele tenta teorizar a experiência espanhola das mobilizações do 15M (“indignados”), mas para ele, precisamos de novas ferramentas analíticas para um novo fenômeno. Para compreender estas configurações, ele mobiliza figuras como o enxame e outros sistemas complexos.

Ele falou da dinâmica de mobilização a partir da rede, da interação rede-rua, de auto-organização em rede. Toret também mobiliza ferramentas analíticas do Big Data, já que as redes sociais contém dados interpretáveis de comportamento em rede em relação a fatos sociais grandes. O ponto é captar como se comporta a “inteligência



coletiva”. Por exemplo, ele relatou que, na Espanha, 18% dos manifestantes tinham usado a rede para ir à rua. No Brasil: 40% dentre aqueles que tem internet foram às ruas, isto é, usaram a internet para se organizar.

Para Toret, existem identidades coletivas digitais. A comunicação produz sujeito. Ciberativismo fica na rede. Já há uma difusão massiva de ferramentas de organização digital, as pessoas já usam a internet e outras plataformas para organizar suas vidas e ações políticas.

“Estamos em vantagem porque somos nativos do digital e o poder chegou mais tarde lá”

Com as eleições em crise, novas formas participativas de campanha e de gestão emergem. Democracia direta, plataformas coletivas de gestão, apropriação do conhecimento para mudança social estão em pauta.

Toret anotou como é baixo o custo de mobilizar nacionalmente pelas redes. E não apenas a organização pré-manifestações se dá pelas redes, mas também a transmissão ao vivo do evento na rua é inédito. O live streaming revolucionou a presença na rua, pois não só permite a comunicação imediata dos eventos, como também retroalimenta a própria multidão na rua, que recebe informações acerca do evento pela rede distribuída.

Hong Kong, placares luminosos de LED já substituíram o cartaz nas manifestações de rua!

Toret também relatou a experiência da formação do Barcelona Encomú e os desafios de administrar a cidade a partir de uma perspectiva coletivista e digital. Falou das tentativas de se repensar a relação movimento-partido. Também falou do Podemos e de seu DNA latino-americano, isso de adotar um certo populismo, com liderança.

Depois do encontro, uma cerveja por perto possibilitou algumas conversas. Um moço na calçada analisou que o Fora Temer não é suficiente, e que a nova pauta tem que ser eleições já, com referendo e reforma política. A Frente Povo Sem Medo quer assim; eleições gerais ou apenas presidenciais, o que for possível. Mas o MST não deixa, e o PT não parece querer, talvez temeroso de ser varrido do cenário eleitoral.

PM invadiu hoje a Fabrica da Cultura em Brasilândia, que estava ocupada.

### **3 de julho**

Dilma conseguiu mais de 500 mil reais, em vaquinha, para viajar pelo Brasil. Atos na Paulista, pró-Bolsonaro, e, na Sé, anti-fascistas. Na avenida, a polícia faz formação, posando para selfies dos coxinhas.

### **7 de julho – Como resistir?**

Sinto que estamos em uma agonizante e longa espera... A mobilização social arrefeceu e não se solicita mais a presença na rua. Até a ultra-direita voltou à Paulista. A esquerda está dividida e paralisada, incapaz de falar ao público em geral. O refluxo da rua é grande, e atinge também todas as mobilizações do espectro político. O golpe parece irreversível.

Tem quem sustente que a luta agora está sendo travada no Facebook. Pode ser, eu não acompanho, mas as opiniões se formam parece que nesse ambiente. As ruas nesse momento estão fracas. Como a rede é um campo meio abstrato de luta, estamos na mão dos adivinhos da rede, aqueles que clamam poder ler e adivinhar as tendências políticas nos gráficos de fluxo digital. Haveria, segundo eles, um contingente de pessoas, jovens, que saíram às ruas em junho de 2013 e que não voltaram às ruas desde então. A perseguição a esse afeto, a essa motivação e essa força está em aberto. Pode ser que esse protagonismo em favor do serviço público universal seja apenas uma sombra estatística. A ver.

De alguma forma aquela posição que detesto passou a vigorar em mim: fico em casa e acompanho as ações dos promotores da Lava Jato. Assisto os magistrados castigarem a corrupção como um evento de voyeurismo erótico-político: oferece-se ao espectador o distanciamento mais o autogozo perverso do desastre alheio. Tenho certeza que essa é a posição favorita do poder, que aloca um misto de inação e de masturbação perversa a seus descontentes, especialmente àqueles que poderiam estar nas ruas.

A espera, porra, essa espera!

Tenho essa forte sensação de que as opções democráticas se esgotam. Novas eleições perfazem o sonho louco democrático do momento, numa tentativa de normalizar a

exceção que experimentamos no momento: tudo interino, tudo provisório, tudo pior amanhã, tudo no compasso de espera. Sinto falta da rua, não quero ser um sommelier de conjuntura. O que parece prevalecer é o híbrido normalidade/arbítrio, o pragmatismo defeituoso do golpe/normalização.

Cunha renunciou hoje da presidência da Câmara, de tarde. Não renunciou ao mandato. Na mesma hora, o congresso votou a cessão do pré-sal a empresas estrangeiras. Fala-se do envolvimento do planalto em uma solução sem condenação para Cunha.

## **8 de julho - Giro internacional**

A repercussão do dia foi o lapso verbal do presidente da CNI, que admitia a proposta de aumento da jornada de trabalho para 80 horas semanais. Vi nos Jornalistas Livres o fracasso da festa junina do MBL, no clube da Medicina.

Nos EUA, três atiradores mataram 5 policiais durante uma marcha do Black Lives Matter. O ambiente já estava carregado com os assassinatos recentes de dois jovens negros, rendidos por policiais. Os vídeos dos assassinatos correram a internet. São muitos os casos de abuso estatal/policial, e é muito evidente que acontece sempre e normalmente. Imagino a tensão nos movimentos de defesa dos direitos e contra a discriminação racial: eles coletaram pacientemente os casos de abuso e mortes por anos a fio, fizeram as marchas, fizeram os vídeos, pressionaram o judiciário, pressionaram o executivo, elegeram um presidente negro.... De nada adiantou. Agora algum maluco saiu revidando a agressão policial em termos incontornáveis. Isso pode abrir uma fissura alarmante em um país onde o porte de arma é disseminado.

Imagino como essa notícia vai repercutir aqui no Brasil, onde temos a nossa própria questão do abuso policial.

É difícil navegar a avalanche de informação, e é sempre possível compor um mosaico conspiratório baseado em eventos da internet. Mas no universo da repercussão do Brexit tem me chamado a atenção o reconhecimento de que a globalização capitalista criou uma situação calamitosa que o antigo consenso capitalista está a desabar. Isso aparece em todos os espectros ideológicos (do SWP ao Financial Times). Para quem viveu os anos 80, essa admissão do erro é de grandeza existencial.



O relatório sobre a guerra do Iraque feita na Grã-Bretanha coroa esse processo, provando que Blair mentiu para o país. Desmorona a reputação de quem levou o partido Trabalhista à direita ao encontro do neoliberalismo. A presente liderança esquerdista de Jeremy Corbyn ataca exatamente esse legado. No momento há um golpe interno da bancada parlamentar contra Corbyn, que se apóia em sindicatos importantes e principalmente nos filiados. Desde o Brexit, 100 mil novos filiados vieram ao partido, fazendo a contagem total de membros do partido crescer para 500 mil, o que faz do Labour o maior partido social-democrata da história. Isso a contrapelo do crescimento negativo dos outros partidos locais. A bancada parlamentar trabalhista esperava forçar sua renúncia, mas ele ficou firme e quer uma votação geral do partido, de onde deve sair consagrado. Nesse momento, os campos estão “em conversações”. Acho que esse golpe falhou e vão ter que conseguir algum tipo de acordo. Isto é, a bancada “centrista” é parte do problema e a nova onda expressa nas novas filiações – e ocupações e mobilizações jovens - vem renovar as possibilidades de um movimento trabalhista centenário recolocado na sua vocação histórica que é o anti-capitalismo. Corbyn é sensível aos novos movimentos e à “próxima esquerda”, além de prestigiar os sindicatos, que foram alienados do partido por Blair. Se isso é uma renovação real ou se é o estertor de um institucionalismo natimorto, não sei. Na dúvida, eu apóio esse campo onde existe uma crítica ao neoliberalismo, dentro do centro hegemônico mundial.

A bancada parlamentar trabalhista atual está associada ao “blairismo” ou o “centro” hegemônico no partido até agora. Recordo-me de Margareth Thatcher, quando perguntada qual teria sido o maior legado de sua gestão, ela disse: “New Labour”. Isto é, ela operou a conversão da social-democracia local ao neoliberalismo, sob liderança posterior de Tony Blair. Nenhuma privatização foi revertida e a igualdade, pauta dos movimentos operários desde a Revolução Francesa, foi requalificada como “oportunidade na competição”, em substituição ao serviço público universal. A recolocação da classe operária como consumidora ou como empreendedora (e como marginal) falhou, e veio a estragar o sonho europeu no Brexit, denunciando o fracasso do capitalismo e da austeridade. A destruição dos sindicatos e das comunidades trabalhadoras aparece agora como o ressentimento dos despossuídos contra o cosmopolitanismo de Londres. Pena que a pauta imigração tenha ganhado a batalha das narrativas, pois o vilão é na verdade a austeridade e o desmonte do público.

Recordo-me que a crise de 2008, que foi estritamente capitalista e financeira, não causada pelo subsídio de salários nem atribuível à crise do estado de bem-estar social, mas que também propiciou *meas culpas* em todos os espectros ideológicos. Falava-se muito em reforma, novos rumos, e as críticas à financeirização da economia abundavam nos jornais – mas, ao final, nada foi feito (isto é, fora os 3 trilhões que globalmente saíram da economia real para salvar os bancos) em termos de reforma financeira, e os bancos novamente lucraram com a crise.

Foi nessa época que Lula disse a Gordon Brown sua famosa frase sobre os “banqueiros de olhos azuis”. No Brasil, então presidente, Lula adotou políticas anti-austeridade, anti-cíclicas e que livraram o Brasil do pior dessa onda da recessão mundial por vários anos. Se por um lado a recolocação dos trabalhadores como consumidores teve consequências picantes depois, por outro a austeridade neoliberal foi evitada pelas políticas de Lula e Mantega. Só veio a explodir depois com Dilma em 2014, seis anos depois. Quase 10 anos de pleno emprego no Brasil foram propiciados pelas medidas anti-austeridade, e isso quando o mundo todo estava afundado na austeridade neoliberal. O trabalhismo e socialismo europeus já tinham abdicado desse tipo de política anti-cíclica que o Brasil adotou com sucesso.

Enfim, soluções armadas para a resolução de gargalos raciais paralisantes na América, críticas aos resultados da globalização por todo o mundo, impotência tanto da social-democracia quanto do neoliberalismo para segurar a meleca que propiciaram, a ruína da representação e da democracia do voto... vejo isso em todo o mundo, a crise é geral no ocidente. O fascismo claramente melhor posicionado do que a esquerda, que hoje não tem o projeto generalizante comunista do passado, nem nada parecido. Parece que temos apenas uma crítica geral do poder, algumas práticas interessantes na micro-esfera, tais como a afirmação de direitos, que são experiências interessantes mas fragmentadas... Será que o fascismo+digitalização chegou para ficar? O que será que é isso? Ser campeão moral (nas palavras do militar técnico brasileiro Cláudio Coutinho) não bastará para a esquerda. Precisamos superar o que conhecemos e gerar algum novo horizonte de liberdade.

Recordo-me de A, um amigo do colegial agora executivo que discordava nos anos 80 da tese de que o neoliberalismo iria redundar no fascismo, e não na liberdade racional progressiva dos mercados, como ele sustentava. Hoje está claro como os partidos

conservadores serviram de chocadeira para a extrema direita e como seu neoliberalismo criou a exclusão e miséria de que se alimenta o fascismo, a quem não conseguem confrontar, pois o fascismo apenas agudiza as contradições do liberalismo. A centro-esquerda foi incapaz de segurar ou reverter esse processo, ao aceitarem a inevitabilidade do capitalismo neoliberal...

## **10 de julho**

Fui a uma festa de aniversário com T. Foi bem interessante. Vários universitários lidando com os sintomas do desmonte da universidade pública: a nova política de bolsas, o novo financiamento da pesquisa e condições de trabalho. No geral uma clareza aguda dos problemas, mas igualmente uma sensação de impotência frente ao rolo compressor neoliberal armado pelo golpe.

Mesmo os blogs petistas estão aceitando que o golpe venceu. Dilma parece que está dedicada a desenhar sua reputação para a história futura, e não a restauração da legalidade. A bancada do PT considera fechar com o DEMo contra o Centrão no congresso. Trata-se de uma manobra parlamentar razoável, mas desprestigia os movimentos sociais que seguraram a esquerda quando todo mundo correu para longe. Parece que mesmo Lula já desistiu, a despeito das manchetes que o contrapõem a Temer nas negociações e conversas com senadores e deputados.

Vai ser uma longa jornada. Lembro-me agora de F, que encontrei na primeira saída do Arrastão dos Blocos contra ao golpe (“NVTG!”), na praça do Patriarca, registrado nesse diário. Ele dizia “bem, a esquerda voltou a ser minoria, como sempre foi”. Cercado de batuques e estandartes, ao som da bateria que mesclava vários movimentos, achei que seu pessimismo era exagerado e que o Brasil não falharia em reconhecer onde estava a liberdade e em lutar por ela. Hoje não tenho certeza.

Cunha segue em liberdade, e muito se especula sobre seu destino. Talvez ele se safe, e com ele o governo Temer.

Lembro-me também do antigo lento crescimento do PT nas pesquisas eleitorais. Dois por cento nas primeiras contagens de 1982, depois 12%, o teto de 15%, o crescimento excepcional a 20% nacionalmente, mais os 20% presenteados por Brizola em 1989,

perfazendo o máximo de 45% mais ou menos. Para quebrar essa barreira, veio Duda Mendonça, o príncipe das Trevas, o Propiciador das Porcentagens.

Como vai ser o crescimento da próxima esquerda, não sei. Nem acho que o padrão de espalhamento vai ser o mesmo. Mas claramente precisamos crescer na sociedade. Estamos isolados. Campeão moral não basta.

## **15 de julho**

Pouca repercussão no PIG sobre o parecer do MPF que inocentou Dilma de pedalada fiscal, isto é, não se trata de crime de responsabilidade. A imprensa petista deu muito destaque, pois de fato isso cancela uma das bases do impeachment, mas os jornalões e revistas desconversaram: “a decisão coincide com a defesa de Dilma”. Parece-me que falta ainda estabelecer se as despesas feitas sem aprovação do Congresso, a última alegada irregularidade, constituiu crime de responsabilidade.

Repercute bastante a eleição do novo presidente da Câmara. A imprensa pinta como vitória de Temer e derrota de Cunha. Discussão na esquerda se o PT fez bem ao votar nesse candidato.

Golpe de estado na Turquia. Deu um friozinho na espinha. Comparações e contrastes com o Brasil são inevitáveis.

## **20 de julho – Memes e nus**

T diz que com o afastamento de Dilma dá para sentir mais as tendências mundiais: em todos os países é a mesma coisa – crise da representação, ressentimento com as perdas e estragos do neoliberalismo, ascensão da extrema direita, mobilizações e falta de um projeto amplo de resistência. A narrativa da exceção brasileira com Lula foi muito forte.

Ela diz também que aumentou no Face os memes anti-Temer, em preparação para o ato do dia 31 de julho.

Vi hoje as fotos muito bizarras da doleira condenada Nelma Kodama, que teriam saído na Veja. Ela posa de tornozeleira em um ensaio sensual... estranhíssimo.

## **21 de julho**

Repercute na imprensa de esquerda a fraude da pesquisa do Datafolha, que rendeu manchetes pró-Temer faz poucos dias. Glen Greenwald denunciou no Intercept: as perguntas foram capciosas e os números não sustentam a manchete, tendo o jornal ocultado resultados desfavoráveis a Temer. A Folha admitiu que o número de entrevistados que querem eleições diretas é 63% e não os 3% divulgados.

## **23 de julho – Tocha olímpica**

Soube que Laerte vai levar a tocha num trecho da Sumaré no domingo. Saiu na Carta Capital que Cunha teria tentando gravar conversa com Temer. Moro soltou documento em que se declara isento para julgar Lula, ao contrário do que afirma a defesa do presidente do PT. Moro diz que já poderia ter preso Lula e não o fez, o que não parece ser correto.

## **24 de julho**

Fui com T na avenida Sumaré ver se conseguíamos testemunhar a Laerte passar com a tocha. Difícil obter informação precisa. Acabamos por ver a tocha passar, mas nada de Laerte.

## **25 de julho**

Suplicy preso hoje resistindo a reintegração de posse, bombou nas redes. Plano de governo de Temer lançado: só retrocesso e privatização.

## **26 de julho – Cachaça de conjuntura**

Conversei com C, que voltou de um ano de trabalho nos EUA. Ela diz que sente a diferença do humor nas ruas. Quando saiu do país, as pessoas discutiam muito política e conversavam na rua. Hoje ela vê as pessoas silentes e derrotadas.

Tomei uma cachaça com A e o ânimo das pessoas foi também mencionado: os esquerdistas estamos desanimados e ficando doentes. A consolidação do golpe parece inevitável, inclusive pela posição dúbia de Lula, PT e Dilma. Eles parecem estar numa busca de sobrevivência institucional. Nenhum deles aposta na próxima esquerda e na verdade não há um projeto nacional de esquerda em nenhum lugar. Na verdade, nem



de direita. Quem é liberal sabe que o muro de Berlim deles caiu em 2008, isto é, o Estado salvou o capitalismo contra o fundamento central de sua ideologia: o mercado falhou em evitar o colapso e as economias reais tiveram que bancar a conta. A austeridade que assombra a Europa e EUA apenas pune quem não criou a crise. Há experiências muito interessantes, mas tudo parece fragmentado e parcial – usa-se a palavra “pré-figurativo”. Mesmo a tese das eleições, que está em pauta na imprensa de esquerda, não parece incendiar o país.

A direita que tomou o poder não tem projeto, é só saque. Ninguém tem um projeto viável. A incompetência do golpe aliada à pequenez de Temer só consolida um novo normal que é a crise, porcamente gerenciada por uma mistura de autoritarismo e verniz institucional, reativo e pusilânime. São os ‘capatazes que, com sua burrice, farão jorrar sangue demais’.

Já A contou da aliança que o MTST está fazendo com professores para a formação de sua militância. A experiência é das mais interessantes e contempla certas questões organizacionais urgentes, tais como a renovação, continuação e produção do conhecimento no movimento. Ela crê que apesar das incertezas e periclitâncias, é preciso estar juntos, já que não é a formulação teórica a priori que resolve os impasses. Falamos do trabalho e do sofrimento. Notamos que o tempo está nos sendo roubado, que está até difícil descolonizar a nossa disponibilidade diária. Falamos também do feminismo e da crítica do poder desenvolvida nessa campo, especialmente útil na discussão do micropoder.

Não deixa de ser perversamente irônico que seja a direita que está a capitalizar o descontentamento com os efeitos do neoliberalismo ao redor do mundo. Essa pauta deveria ser nossa, sempre foi.

Fala-se muito do fim do Lulismo e de sua política de conciliação, mas, quando recordo-me dos anos 80/90 e da ascensão do neoliberalismo – e da queda do muro de Berlim – eu penso, quem é que conseguiria fazer frente a essa reorganização da produção que parecia ser isomorfo à realidade? O que apontávamos como consequências inevitáveis das políticas neoliberais – a concentração de renda, punição dos perdedores, divisão e erosão do senso de comunidade, aumento da vigilância e do poder policial, eram pintados de arcaísmos de quem insistia em negar a nova realidade. O digital parecia

anunciar e viabilizar essa nova realidade. Muitos ativistas digitais, certamente muitos artistas pós-modernistas, foram cúmplices desse processo, afirmando que o digital transformaria o trabalho de tal forma que novas formas de liberdade emergiriam. Acabaram apenas por legitimar o neoliberalismo – e enriquecer seus currículos Lattes, mesmo os deleuzianos.

## **27 de julho – Datafolha fraudados resultados contra Diretas Já**

Repercutiu também o editorial do Estadão, relativizando a fraude da pesquisa da Folha. Seu editorial é titulado “A maioria também se engana” e diz que não importa que Temer seja rejeitado pelo país. O que importa são as reformas propostas e a derrota do “lulopetismo”. A possibilidade das eleições diretas são rejeitadas pelo jornal enfaticamente.

Almocei com H e falamos da situação atual. Todo mundo parado, e ele acredita que nessa falência das formas representativas é o momento de gerar pensamento e novas formulações. Ele sempre sublinha a necessidade de gerar experiências com capacidade de resiliência, de movidas com algum grau de sustentabilidade, quiçá com economia própria.

Lamentamos que a universidade está fragilizada e prestes a sofrer privatização. Mas não há nenhuma experiência alternativa progressista em gestação dentro dela, e parece que nenhuma força com legitimidade para traçar outro rumo.

## **29 de julho**

Li que Lula protocolou um pedido na ONU contra a atuação do juiz Moro, que considera imparcial. Busca ser julgado por alguém isento. Há certa repercussão na imprensa internacional. A reação veio na forma de foto e documentos acerca da reforma no sítio de Atibaia vazados para a imprensa. Li também que o ministro Marco Aurélio Mello do STF falou contra o pagamento de 10% de dinheiro recuperado para a PF e o MPF, como quer Moro.

O Brasil247 dá grande destaque ao início da delação premiada da Odebrecht.

A passagem da tocha até que criou oportunidades de protesto, de vários matizes. O Rio de Janeiro promete ser mais incisivo.

Vai ter manifestação anti-Temer no dia 31. O MBL já tinha cancelado o seu.

### **31 de julho – Atos Fora Temer! na Batata e pró-golpe na Paulista**

Saí pela rua Cardeal Arcoverde na altura da Joaquim Antunes. Notei que os ipês tinham florido e vários trechos da rua tinham flores caídas no chão. O sol estava brilhando e a tarde de inverno razoavelmente quente. A rua mesmo estava silenciosa, e a única atividade vinha dos empreendimentos imobiliários que pontuam a rua: dois daqueles tubos de pano animados por um ventilador de ar faziam evoluções na calçada, e, mais para baixo, um palhaço em pernas de pau apitava para os passantes na frente do terreno em obras, onde as casas tinham sido removidas para dar lugar a três ou quatro vendedores entediados dentro de uma estrutura de exposição e vendas. Notei que alguém pintara o asfalto com estênceis de várias formas e cores. Nas paredes e muros ao longo da rua, muitas pichações e uma série de puídos cartazes “Não Vai Ter Golpe, Fora Cunha!”.

Chegando no Largo da Batata, ouvi ao longe uma canção do brega antigo, romântica e ardida. Temi que fosse da manifestação Fora Temer que tinha sido marcada para o Largo. A canção era triste e envolvente, tudo o que eu queria evitar nesse momento. Percebi pouco depois que vinha de um boteco/restaurante popular, onde um menino garçom comia o almoço de uniforme, sua boina sobre a mesa.

Cheguei mais perto do largo e já vi as viaturas da PM, umas 11 delas. Escutei um batuque e vi um grupo de dançarinos afro que dançavam na beira da manifestação, cantando também. Achei bonito e tomei como um excelente augúrio para a tarde À frente. Notei nessa hora uma pichação grande “vote Moro 45171”.

Mergulhei na manifestação. Eram 15h e meio cedo ainda. Queria ver também a Paulista hoje, mas antes passei na Batata.

Fiquei muito tocado com a variedade e diversidade do encontro. Muitas mulheres, muitas famílias e militantes, gente de todo o tipo. Muitos jovens também, ainda que mais claramente do MTST. Várias meninas e meninas de classe média passeando entre as pessoas, muitos tomando fotos ou manejando aparatos eletrônicos. Muitas faixas e cartazes, principalmente dos movimentos que compõem a Frente Brasil Sem Medo, que chamou a manifestação. A Copa do Povo estava lá. Assim como a UJS, PCdoB,

UNE e um grupo do PDT – Foco de Resistência Brizolista. Várias ocupações do MTST estavam presentes: Palestina, Faixa de Gaza, Dandara, Carlos Marighela. Uma faixa dizia “Contra a Reforma da Previdência”. Um panfleto pedia FT! e eleições gerais já (do Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista – MAIS). Vários balões grandões da CTB.

A minha recente imensa solidão passou um pouco junto de toda essa gente. O Fora Temer não incendiou a sociedade, a enorme potência da resistência miou nos corações brasileiros. As últimas três ou quatro semanas foram muito vazias de mobilização, então encontrar as pessoas reunidas na praça pública foi muito gratificante, queria abraçar todo mundo que encontrava.

Uma faixa grande trazia: “Marta golpista, devolve o meu voto!” Muita camiseta vermelha e muito selfie com e sem cartaz FT!. Lamentavelmente, havia um carro de som central que irradiava os discursos militantes das lideranças. Porém, quando a uma oradora chamava aos gritos a palavra de ordem cadenciada do “Aqui está o povo sem medo, sem medo de lutar”, duas moças na multidão imediatamente se puseram a dançar a palavra de ordem como se fosse um funk pancadão. Lindas, precisas, sacaram a relação microfone/massa e reinventaram a peroração militante com seus corpos negros.

Entrei num espaço mais fechado, com muitos bancos de madeira: “Espaço Amar Sem Temer”. Outro espaço distribuía bexigas com o Fora Temer Olímpico, os aros coloridos da competição prolongando o Foouoora Temer. Uma banca vendia filmes revolucionários, tal como o Outubro de Eisenstein, todos embalados com imagens de xerox PB. Vi um faixão gigante da Frente Povo Sem medo no chão, ao lado de um outro que traz a imagem de Jesus. Já tinha visto essa segunda faixa na ocupação da Secretaria da Presidência da República na Paulista, naquela noite malucona onde 10 mil mulheres gritavam iradas na avenida, a poucos metros da ocupação do MTST, separados por uma fina linha de PMs.

Decidi checar a Paulista. O MBL tinha cancelado sua participação, e achei que ia apenas rapidamente registrar o fracasso coxinha. Não foi bem assim: as jornadas de ódio continuam firmes, como testemunhei.

Tomei o metrô da linha amarela na estação Faria Lima. Descendo até a plataforma, fiquei bem feliz de ver muita gente subindo para a superfície, cantando o FT! Um maluco corria pela estação com a tocha com o Fora Temer grudado, e o FT! ecoando pela plataforma quase me fez chorar de alegria.

A bordo do trem, me oprimiu a decoração publicitária dentro do vagão, que promovia o filme Tarzan. Esse tipo de publicidade toma toda a parede e janelas do vagão, apagando a vista para fora, confinando o passageiro a uma sufocação cognitiva extrema. Notei algumas pessoas mais velhas com a camiseta amarela e verde do Vem pra Rua, a caminho da Paulista.

No Corredor da Morte da Paulista/Consolação, vi várias pessoas também com a camisa verde e amarela, na maioria velhos de 50-60. Alguns adolescentes com a família, mas havia sim uma meninada de 20-25. Já num reverterio emocional, intuindo que a Paulista estava a mobilizar mais gente do que eu julgara, deslizando na esteira rolante da odiosa passagem entre as linhas do metrô, compartilhando a faixa rolante com vários indivíduos de camiseta da CBF, eu ouvi um maluco que gritava: “Tá feliz?”. Tomei o grito como o confronto de algum libertário que desafiava no espaço público a complacência coxinha frente ao golpe. Pode ter sido apenas uma ilusão auditiva, mas tomei como alguma resistência anônima num contexto de transição de espaços cognitivos.

Testemunhei várias pessoas com a camisa do SPFC, mas elas não tiveram nenhum peso narrativo neste dia. Ignorei.

Desci na estação Trianon/MASP e subi à avenida.

Entendi na hora que os coxinhas não estão em casa envergonhados. Deduzi uma separação importante: os coxinhas de “centro” talvez estivessem ausentes, mas isso precisamente bomba a atuação dos extremos. A extrema direita está mobilizada e dá fôlego ao golpe. Recordei de Paulo Arantes que afirmou que os coxinhas não ficaram em casa por quê estão embaraçados com Temer, eles estão em casa PORQUE VENCERAM! Não é que estava super cheio, mas não estava vazio. Obviamente o apoio a Temer é muito menor do que a movimentação pró-impeachment, mas tem gente sim saindo de casa para apoiar a exceção.

Desci a avenida em direção ao Paraíso para depois voltar tudo até a Consolação. Eram umas 15:45.

A primeira coisa que eu vi foi o carro de som do Vem pra Rua, em frente à FIESP. A Federação mesmo fechada e ausente (ainda que repórteres do PIG estivessem em seu mezanino). A mensagem geral era “Fora PT” e “Força Lava Jato”, mas nenhuma palavra sobre Temer. A pauta prisão para Lula foi muito prevalente, acompanhada de apoio à Lava Jato. Achei que tinha umas 2 ou 3 mil pessoas ao redor desse carro. O locutor no carro de som prometia uma incrível surpresa para os presentes que fossem pegar suas bexigas brancas no carro de som.

O acampamento coxinha em frente À FIESP continuava igual, raquítico e pedindo “contribuições”. Curiosamente, testemunhei uma briga de dois homens no meio das barracas. Nessa hora vi umas daquelas faixonas compridas verde/amarelas sendo conduzidas por cima das cabeças das pessoas.

Notei um pequeno e pirante cartaz preso a um poste de luz: “Fora Lewantrotski”. Tenho lido um monte sobre a campanha de Trump no EUA, e estou achando que o embate político hoje não se dá mais em nível de argumentação, estamos na guerra de classes nua, na guerra social pós-derrocada do neoliberalismo e pós-derrocada da social-democracia.

Vi outro cartaz chamando o “voto distrital já”, tipo uma opção parlamentarista para anular avanços sociais. Ouvi o locutor do VPR dizer que o historiador Vila, que escrevia na Veja, ia falar. Uma grande faixa clamava pelas “Dez Medidas Anti-Corrupção”, uma iniciativa que está a angariar assinaturas.

O carro seguinte era do movimento “Avança Brasil Maçons”. Pirante como uma coisa como os maçons encontrem expressão pública. Mas, enfim, é o Brasil real de hoje. Vi uma outra barraca “PF contra a Corrupção”, que angariava assinaturas pela “autonomia da PF”, sem menção, é claro, do ‘Japonês da PF’, ícone coxinha condenado por contrabando.

Na esquina da alameda Campinas notei chocado que um prédio grande está praticamente todo demolido. Fiquei perturbado com o cenário apocalíptico e os discursos de violência que ecoavam pela avenida. Outro cartaz: “ONU we want Lula in



jail”. Mais perto da Brigadeiro estavam dois carros dos intervencionistas militares. Vi pessoas carregando cartazes que pediam abertamente intervenção militar. Um bonecão inflável de uns 10 metros trazia a figura de um soldado em uniforme de combate, batendo continência com uma faixa verde-amarela com os dizeres “o Brasil acima de tudo”. Aqui as locuções eram as mais surreais. “Não vamos parar com o impeachment”, “a mídia prostituta e marxista”. A fala era uma mistura de fundamentalismo cristão e militarismo salvacionista. “Lula provocou uma invasão islâmica terrorista no Brasil”, “a pretexto de aceitar refugiados “. O locutor pediu o fechamento de todas as mesquitas de São Paulo, ou pelo menos “uma investigação”.

Ao percorrer a manifestação notei como se consolida um discurso judicialista/policial/cristão. O poder judiciário tem recebido aumentos e deu nos blogs de esquerda que pelo menos duas associações de magistrados pediram que juízes condenados (também por corrupção) não percam direito à aposentadoria integral. Sérgio Moro pediu também que parte do dinheiro recuperado em ações judiciais da Lava Jato fosse dado ao MP e à PF. A única voz contra essa operação ilegal e potencialmente monstruosa foi o ministro Aurélio de Mello. Essa aliança não seria propriamente militar no sentido de tanques na rua, mas sim um tipo de semi-ditadura de magistrados e policiais, semi-legal, um cancro no corpo do Estado. A batalha por orçamentos já começou e eles estão obtendo suas “bolsas-golpista”. Essa aliança já se desenha, ritualizada nas ruas. Pessoalmente creio que a liberdade ou prisão de Lula é o muro do dique: se ele for preso sem provas, inaugura-se o vale-tudo contra toda a esquerda. Os professores já temem o Escola Sem Partido, que sinaliza com a demissão por motivos ideológicos.

Girei o corpo na altura da Brigadeiro para retornar até a Consolação. Notei um drone no ar. Havia mais gente chegando. Tenho que dizer que vi duas negras, com camisetas do Olodum. Era verdade que a grande maioria das pessoas lá eram os mesmos brancos mais velhos e de classe média, e que os vendedores ambulantes eram predominantemente negros, mas vi pelo menos uns 5 manifestantes negros. Vi pouquíssimos daqueles que julgo ser algo como uma classe média baixa recém-imigrada; estes seriam paulistanos recentes de todo o Brasil que abraçam com muita energia o ideário liberal local e autoritário, assalariados ressentidos ou micro-empresários cheios de ódio. Para estes, Lula seria o contraexemplo da vida virtuosa. Mas vi também um pedinte deficiente que se locomovia por meio de um veículo-

bicicleta que operava manualmente. Negro também, recebia esmolas. Fiquei meio perturbado de novo. Ele não estava feliz.

Nessa hora passou o pavilhão do império brasileiro. Era um bandeirão carregado por umas 15 pessoas. Visivelmente minoritários, não discursavam nem traziam cartazes. No carro do Vem Pra Rua, a comediantes Joice Hasselmann discursava. Ela dizia que estava falando em todos os carros, e que ela estava pregando a união de todos os movimentos. Ela foi alvo recentemente de vaias em um show seu, cujo vídeo viralizou. Ao seu lado duas mulheres idênticas a ela, loiras de óculos escuros. “O Brasil é Sérgio Moro”, gritou. “A nossa bandeira não é vermelha como a do PT, que é uma bandeira vagabunda e corrupta”.

Caminhei em direção ao MASP e ouvi ainda algumas falas do VPR. Tive a sensação de que as jornadas do ódio não vão passar e que a normalização do golpe vai liberar forças extremistas. Assim como a mídia já está a fazer, também a extrema direita vai cobrar a sua parte na condução da mobilização pelo golpe. Claramente é a mobilização dessa gente que assegurou o sucesso do impeachment.

“Eles matam, eles são assassinos!”, gritava Joice. Ela citou Renan Calheiros, mas não consegui compreender exatamente em que contexto. Ainda no carro do VPR, o locutor disse que o presidente do centro acadêmico XI de Agosto ia ler a mensagem de Hélio Bicudo em apoio à manifestação. Vi um buchicho e percebi a figura do historiador Vila.

Em frente ao MASP, estava o carro do Movimento São Paulo Não Pode Parar. Bastante cheio na frente, o locutor defendia Alexandre Frota e o Escola Sem Partido. Bradava contra o kit gay e a ideologia de gênero. Curiosamente, ele, jovem, incorporava algumas pautas de esquerda: “somos todos iguais, brancos, negros, gays...”.

Adiante, um carro trazia mensagens meio ambíguas: “Quero me defender”, era o mote principal. Ainda em frente ao Trianon, tentei decifrar essa esfinge. Achei que era um carro extra-oficial da PF, dando uma linha tipo direito ao porte de arma, naquele contexto uma chamada para a formação de milícias de cunho classista. Achei que era algo como um pedido de intervenção policial ao invés de uma intervenção militar. Tenho certeza de que há algo no ar.

Segui e vi um grupo que portava estandartes da TFP, ou melhor, estandartes que celebravam Plínio Correia de Oliveira, “orgulho nacional”. Uns quatro meninos de terno tocavam gaitas-de-fole escocesas, muito peculiar. Ouvi bastante na infância os discos de meu pai, que incluíam várias bandas escocesas. Há enorme potencial emotivo nesse ancestral instrumento, no caso escocês ligado também ao campo de batalha. No caso da música irlandesa, onde também figura a gaita-de-foles, prevalece uma cultura cortesã, e a sua gaita-de-foles é mais lírica. Há algo de caricato e ultrapassado nesses meninos da TFP, meio Glauber Rocha, não sei se os enxergo como potência de mobilização. Mas há que se perguntar aos liberais como é que esse tipo de extremismo é tolerado.

Mais preocupante e mais visivelmente fascista é o Revoltados Online. O carro deles estava na altura da Ministro Rocha Azevedo, ladeados por dois bonecões infláveis de Dilma e de Lula presidiário. Um cartaz grande anunciava a presença de Joice. Quando cheguei, tocavam a música “Chora petista” que bombou nas redes e nas ruas em 2015. Essa versão era de um coro masculino com tambores militares, muito nazista mesmo. Tocou muito. Chamou-me muito a atenção que o líder do ROL, Marcelo, estava ao microfone cantando a música junto com a fita, ao mesmo tempo que transmitia sua própria imagem e voz através de uma câmera acoplada a um pau de selfie.

Apesar da cena ser meio ridícula, ele filmando a si mesmo em público, achei que Marcelo está entendendo a linguagem da internet e do live streaming. Ele talvez seja o que temos de mais próximo do fascismo local: bad boy, ele vai à linha de frente e briga com esquerdistas, levou os pixulecos para a frente da casa do Lula e mobiliza uma respeitável massa. Apesar de ter apanhado e ganhado um olho roxo em frente ao Fórum da Barra Funda, ele confrontou os soldados da CUT. Foi ele que acompanhou Alexandre Frota ao Ministério da Educação para entregar o projeto Escola Sem Partido. Foi ele que entregou a petição pelo impeachment de Janot. Ele fala a linguagem da rede. Seu movimento conta com muitos policiais de todas as forças, aposentados ou não.

Na avenida, ele pediu um minuto de silêncio para os PMs mortos em ação. Depois puxou um parabéns para Sérgio Moro que fazia aniversário nesse dia. E ainda rezou em voz alta um Pai Nosso. De novo, desenhou-se essa tríade contemporânea que ainda há de configurar o poder no Brasil: polícia/juiz/jesus.

Mais adiante, na calçada, uma ratoeira gigante tinha como isca um maço de dinheiro, com os dizeres “Pega geral” e “Moro conte comigo”. Um estranho cartaz dizia “Bolsomito oprime Lula na cadeia”.

Cheguei ao Conjunto Nacional às 16h e vi um grupo de uns 6 meninos de uniforme de combate segurando um cartaz, em silêncio: “a bandidagem só prospera entre os covardes”.

Vi muita gente sentada numa esquina e achei que fosse alguma reunião ou assembléia. Isso me assustou, pois todo o espetáculo que eu vira até agora era chocante, mas esperado. Agora, que a extrema direita estivesse conseguindo reunir e organizar pessoas na rua, construindo fóruns horizontais de discussão política no espaço público, isso teria me surpreendido e alarmado. Mas não era o caso. Era uma guitarrista que tocava sua música. Mais adiante na esquina da Augusta, o mesmo acontecia com outros músicos. Aqui a manifestação já estava rarefeita. Vi um sem teto deitado, desacordado de cara no chão. Na altura da Bela Cintra, outro ainda, também desfalecido.

A caminho da Consolação, vi mais gente chegando para o ato.

Peguei o metrô e retornei ao largo da Batata. Cheguei bem na hora em que a multidão saía em passeata. Tinha muito mais gente do que antes, certamente umas 40 mil pessoas. O carro de som na frente, tocando Racionais. Vi alguns batuques, um de mulheres. Senti enorme alívio de ter deixado a Paulista, mas não pude de projetar certa tristeza nessa passeata.

Caminhamos pela Faria Lima em direção à Praça Panamericana. Não sabia ainda qual o nosso destino final, e perguntei a um moço ao meu lado, encorajado pelo baseado que ele trazia à orelha. Ele não sabia. Relaxei e marchei com a multidão.

Helicópteros da PM passavam muito baixo, com seu barulho infernal. As palavras de ordem foram todas entoadas: o hit “Fora Temer!”, “Volta Dilma”, o clássico “Pisa ligeiro, pisa ligeiro, se não pode com a formiga não atija o formigueiro” e ainda o “Golpistas, fascistas, não passarão”. Vi uma camiseta “Xô Temer” e um cartaz “Temer Jamais”. Ouvi só uma vez a “NA,TQA,EQOFDPM” (não acabou, tem que acabar, eu

quero etc). Não pude deixar de notar que não havia canto ou palavras de ordem novas, como que revelando que não há projeto novo de futuro, só de defesa.

Nessa hora notei que uma força ausente era precisamente o PT! Nenhuma faixa, cartaz ou camiseta que eu tenha visto. As agendas divergentes de Lula, PT e Dilma têm tido grande impacto negativo sobre a resistência e as mobilizações.

Passamos pelo Instituto Tomie Ohtake. “Ei Temer, vai tomar no Cunha!”. “Criar, criar, poder popular”. Vi uma bandeira do Raiz, tenho alguma esperança nesse movimento.

T e S me encontraram e caminhamos juntos. Falamos da eleição municipal e dos impasses que ela representa: salvar o PT ou apostar no novo? T acha que o pedido de Lula à ONU foi boa jogada. Lamentamos o vazio de projeto da esquerda e todos esperamos um tsunami conservador propiciado pela maioria no congresso. Chegamos à Pedroso de Moraes e avançamos. Vi nessa hora a faixona “Fora Temer” que abria o ato, enorme e negra. Dobramos à esquerda na rua Banibas e vi um cartaz que dizia “Teima Dilma”. A multidão cantou, “senado, honrado, respeita o eleitorado”. Ainda “ai, aiaiai, aiaiaiaiaiaiai, se empurrar o Temer cai”.

T e S foram reconhecidos por Nabil Bonduki e cumprimentados por ele. Viramos à direita na rua Batuíra e vi viaturas da PM. Fora o helicóptero acintoso, a força policial não acompanhava a passeata, mas fechava o acesso à praça do Golpista, a Conde de Barcelos.

Encontrei M, professora, e conversamos acerca da situação política. Está todo mundo desanimado e esperando o pior. Como docente, ela se preocupa muito com o Escola Sem Partido. Falamos da posição daqueles esquerdistas que não participam das lutas e que fazem jornadas separadas. Avaliamos que a perda gritante de direitos operada pelo golpe pode demorar anos até surtir resultado de resistência e mudança. Indicadores macroeconômicos favoráveis, blindagem da imprensa e repressão podem segurar o movimento social por uma década.

Chegamos à Praça Panamericana e paramos. Ficamos todos ainda por uma meia hora e a dispersão começou. Vi o jornalista Trajano esperar irritado seu motorista Uber.

Achei a manifestação correta e cheia: provavelmente umas 50 a 60 mil pessoas. Nada mal, especialmente depois de três ou quatro semanas sem nenhuma mobilização. Mas

está difícil superar a bolha e mesmo entre os mais aguerridos a sensação de derrota é grande. Ter ido à Paulista me fez mal. Se estivéssemos em uma situação de normalidade democrática, tudo não passaria de um revés passageiro. Mas parece que estamos vagarosamente a entrar em uma longa noite.

Tomamos uma cerveja, peguei o metrô e fui para casa.



# AGOSTO

O L O N G O

T I N V E R N O

## NÃO PENSE EM CRISE, TRABALHE!

Michel Temer



F O R A T E M E R !

Em todas as esquinas tinha lixo queimando. Um caveirão tinha um jato de água com o q  
debelar o fogo. Junto aos veículos, uma linha de uns 15 soldados de escudo e atiradores.  
Curiosamente, ao redor desse conjunto, umas 50 pessoas caminhavam juntas; eram principalm  
fotógrafos e aqueles que faziam registro em vídeo. Mas também muito manifestante gritan  
o que fazia da cena muito bizarra. Mantive minha distância e evitei grupos.. Paulista e q  
manifestantes tinham virado para dentro de Higienópolis. Decidi retornar à Paulista e fui a  
Ônibus. Na fachada defronte, um enorme cartaz dizia "Bem-vindo ao futuro." Suí. Con  
ouvindo estudantes do Mackenzie contando o que estava acontecendo na esquina das avenidas e encontrei P,

**FORA TEMER**  
**NENHUM DIREITO A MENOS!** FRENTE POVO SEM MEDO

Vi hoje que a condução da tocha no  
da Tocha escreveu "Fora Temer!" na b  
depois de arrancar sua bermuda e revela  
fogo. Junlista e que alguns manifestantes tinham virado para dentro de  
Higienópolis. Decidi retornar à Paulista e fui ao ponto de Ônibus. Na fachada defronte,



### **3 de agosto**

Vi hoje que a condução da tocha no Rio teve um episódio curioso. Um dos condutores da Tocha escreveu “Fora Temer!” na bunda! Se entendi o vídeo, ele quase foi preso depois de arrancar sua bermuda e revelar a mensagem escrita – depois da condução.

### **4 de agosto**

Predomina a agenda Olimpíadas: os jornais estão todos dedicados ao jogos, mas há notícias de bagunça na organização, protestos de moradores contra o prefeito e governador, Fora Temer!. C conta da delegação chinesa que ficou presa no trânsito com tiroteio. A delegação australiana sofre um monte, incluindo com um alarma de incêndio que tocou provocando a evacuação do alojamento. Na volta, perceberam que vários itens pessoais tinham sido roubados!

O PT, na figura de Rui Falcão, parece que prefere que Temer continue e é contra as eleições gerais já, quando teme ser varrido do mapa eleitoral. Lula aparece como vencedor em qualquer situação de primeiro turno, mas pode não ser suficiente para puxar bancada ou evitar o desastre eleitoral. Por outro lado, Gilmar Mendes ameaça com a cassação do registro do partido, e até mesmo falou de uma reforma política que acabasse com os partidos menores, que é uma posição onde o PT poderá se encontrar nos próximos anos.

O mesmo ministro Gilmar se encontrou com o presidente Temer e bancada ruralista em jantar. O PIG não deu nada. Imagine se Lewandowski, Dilma e Lula se reunissem com a bancada de esquerda e o MST em jantar, o escândalo que seria.

Pesquisas divulgadas mostram rejeição a Temer e grande preferência por eleições diretas. Dilma parece que encampou as eleições, mas ainda não divulgou a sua “Carta aos brasileiros”.

O ministro da Justiça Moraes divulgou vídeo onde corta pés de maconha no Paraguai. Bizarro. Aparece isolado, sem jeito.

### **5 de agosto – Chegam as Olimpíadas**

Os blogs dão que há muitos protestos e que a CUT e sindicalistas marcaram uma grande manifestação contra Temer para os jogos em Copacabana. Há buchicho de que

Temer pode ser vaiado. Não sai da garganta o “Dilma, vai tomar no cu” da Copa. O ministro Padilha ameaçou quem protestasse.

No Rio, artistas e trabalhadores da cultura ocuparam o Canecão faz uns dias. Ontem teve show com Jards Macalé, Zélia Duncan e Chico Buarque .

Na linha “volta aos anos 70”, Chico cantou no Canecão sua famosa canção “Amanhã há de ser outro dia”. Vi alguns vídeos, muito bonito. Este cantor tem tido atuação firme e clara contra o golpe. Já Caetano, muito mais ambíguo. Hoje aparece com cartaz Fora Temer, e também participou de show quando da extinção do Ministério da Cultura. Mas abandonou a luta quando o ministério foi reinstituído e foi recebido pelo ministro da Cultura em seguida.

Mônica Bergamo da Folha diz que clientes do Starbucks estavam a pedir que os funcionários escrevessem nos copos de café, ao invés dos nomes próprios como é usual, a frase “Fora Temer!”. Assim, ao chamar o nome da pessoa a quem o café era oferecido, os empregados gritavam alto: Fora Temer!.

## **6 de agosto – Vaia a Temer**

A vaia a Temer foi amplamente divulgada, inclusive pela mídia internacional. Eu não vi a abertura, mas parece que foi interessante. Pelo menos na rede, muitos foram os protestos, e no geral lavaram a alma que andava acabrunhada e escura. A grande manifestação da CUT bombou em Copacabana, algumas invasões “primeiramente Fora Temer” em reportagens ao vivo da Globo, o ato falho de Galvão Bueno, a tocha foi apagada três vezes e foi alvo de muito protestos. A polícia tentou reprimir, com prisões, bombas e spray de pimenta, mas muitos atos vazaram a vigilância e aconteceram. O Rio de Janeiro brilhou nessa hora, acossado que está com crises nas esferas municipal e estadual. Suas comunidades e tradição de protesto fizeram dos jogos um palco importante de expressão e de virada no ânimo.

O deputado evangélico Marco Feliciano foi acusado por militante do PSC de agressão e tentativa de estupro. Essa moça veio a público e tem provas como o printscreen de comunicação por rede social. As reações da sociedade não são tão intensas quanto se poderia esperar, o PIG não comprou a briga.

## 7 de agosto – Passeio pelo Centro

Saí de Pinheiros pela Teodoro acima e desci na praça Ramos de Azevedo. No caminho, notei que vários lugares na avenida fecharam: o pequeno teatro onde já atuei em um espetáculo, a concessionária gigante que sempre quis derrubar o teatro e incorporar o terreno, o centro da juventude onde foi lançada em uma eleição passada a candidatura/movimento da Mariana.

Quis evitar a Paulista, não me sinto mais muito bem nela. Até o querido Minhocão não quis visitar: preferi retornar à Luz e o entorno, que em outros tempos conheci bem. Fiz o trajeto a pé a partir do Teatro Municipal, talvez em busca de algum sinal, ou de algum conforto que não sei nomear.

Recortei as ruas e fui dar na Sala São Paulo. No caminho, alguma gente pelas ruas, solitários nas travessas, mas em grupos mais perto da Luz. Vi um ajuntamento fora de uma ocupação da FLM, uns jovens que pareciam felizes. Fiquei mais contente. O Cine Marrocos também está ocupado e estive no jornal recentemente, alegadamente envolvido com o tráfico de drogas na região. Não tenho acompanhado os sem-teto, não sei o que se passa.

Vi na banca o cartaz da Veja, que afirma que Temer e Dilma foram acusados de caixa 2, e que João Santana delatou que Dilma pessoalmente autorizou essa prática.

Pelo caminho ouvi música muito alto pelas calçadas. A primeira era mais um brega desses eternos, sem data, cujas canções são as mesmas desde 1950. Dobrando a esquina ouvi um axé evangélico, que vinha de um acampamento de carroceiros. Mais adiante, um forró “analógico”, isto é, de sanfona verdadeira e não de teclado eletrônico. Depois, um genérico dança tropical. Achei excepcional que o Brasil tenha uma indústria da música tão forte. Em nenhum momento da caminhada de uma hora ouvi música estrangeira.

Li o Estadão de manhã e *nenhuma* palavra sobre Serra e sua propina. É incrível. Lembrei do jornal Clarín na Argentina ter admitido que fez “jornalismo de guerra” contra os Kirchner.

Repercute nas redes a delação de Marcelo Odebrecht. Tanto Temer quanto Serra teriam sido citados na delação, ainda não oficializada vazada para a imprensa. As

reações são muitas: alguns predizem o fim do governo Temer, outro comemoram que a Lava Jato está a chegar em searas tucanas. Mas há os cínicos e incrédulos que esperam ainda que essa delação não oficial se torne condenação de fato. É um longo caminho e já estivemos aqui antes, quando Aécio foi citado (sete vezes), por exemplo. Nada avançou no sentido de condenação ou investigação. E Cunha permanece livre. Há também quem diga que trata-se apenas de uma isca, sinalizando que um ataque a Lula, Dilma e PT deve vir em seguida. E aí todo mundo esquece que Serra não vai ser investigado.

Blogs de esquerda apontam que todas essas “novas” acusações contra Serra eram de domínio público desde o lançamento do livro “A privatária tucana”, de Amaury Ribeiro Jr. As propinas delatadas e outras, de Serra e demais tucanos, estão arroladas no livro.

De qualquer forma, parece que o governo Temer pode ter sido abandonado por quem o colocou no poder. Fala-se em facção, em um estamento judiciário que abre vácuos políticos, então ocupados por diferentes facções partidárias. A imprensa relatou a vaia e alguns protestos contra Temer, quando poderia ter ficado calado, como já o fez antes.

## **8 de agosto - Melancolia**

Aprisionado na máquina narrativa do golpe, piro nas canções das resistências passadas. Assim como a *Addio Lugano Bella* que já mencionei, tem uma outra canção que ouvia quando jovem fora do Brasil, também na fita cassete que levei quando deixei o país. Saí do Brasil nos anos 90, depois da campanha de 1989. Nesses anos pré-internet, era difícil e emocionante coletar informação fora do circuitão comercial. Assim, canções de protesto anarquistas ou comunistas só se achavam em feiras correlatas ou se algum maluco gravava uma fita cassete de algum vinil que conseguira em alguma parada malucona. Nesse mundo pré-redes, as bibliotecas públicas desempenhavam o importante papel de repositórios de informação, uma espécie de *hubs* informacionais. As bibliotecas de bairro de Londres disponibilizavam incríveis coleções de música africana, indiana e jazz, de acordo com as comunidades que viviam ao redor. Gravei muitas fitas K7 a partir da novidade tecnológica da época, os CDs. Foi numa dessas que achei muitas canções de protesto italianas, tipo *Bella Ciao* e tantas outras. Entre elas, *Porta Romana Bella*. Como a letra não vinha com a música, era outra jornada entender o que dizia a mensagem da canção gravada.

Recordo-me de ir adolescente à Casa Manon no centro de São Paulo, em busca de letras para as canções que amava. Lá tinha o songbook do disco *Desire* do Bob Dylan, de que eu gostava muito. Mas Bob Dylan notoriamente canta enrolado, e as suas excelentes letras ficam incompreensíveis se apenas escutadas. Eu ia para a loja e, de pé junto à prateleira, tentava decorar as letras, lendo disfarçadamente a publicação que eu sabia que não ia comprar, especialmente a cortante faixa “One more cup of coffee”. Mas eu não conseguia reter a totalidade da letra na memória, ia correndo para casa de ônibus tentando não esquecer, e a diferença com a enunciação de Dylan e aquilo que eu conseguia lembrar era tamanha que não adiantava nada. Fiquei anos sem saber a verdadeira letra desse disco.

Uma experiência análoga a essa situação é a de ler as respostas de uma palavra cruzada. Quase nunca as palavras da solução são desconhecidas, parece muito fácil quando as lemos. Mas o diabo está nas perguntas. Assim era com Bob Dylan. Entendia quase tudo na hora que lia o songbook, mas na hora de relacionar com o que eu ouvia em casa...

Enfim, essa canção *Porta Romana Bella* foi assim. Entendia meio que a metade, mas, sem contexto, tinha dificuldade em discernir onde estava a resistência social do hino anarquista. Muitos anos depois de escutar infinitas vezes a canção em quartos alugados na cidade de Londres, muitas vezes a fio antes ou depois de turnos em pé nos salões de restaurantes da capital britânica, sozinho ou acompanhado embaixo de edredons baratos de nylon em camas geladas de bairros imigrantes, eu consegui montar um quadro interpretativo da canção, confirmado depois por várias fontes.

Trata-se de uma canção popular do século XIX com várias versões. Uma delas, a carcerária, a acho a mais tocante, e foi incorporada pelos anarquistas, cuja tradição soube manter também certa eroticidade das versões populares. Assim, crítica social, putaria e solidão são tecidas nas inúmeras versões que existem hoje da canção. A internet tem algumas, mas curiosamente foi preciso garimpar para decantar as estrofes de que mais gosto. Deixo que cada um ache a sua versão, mas destaco as duas mais emocionantes estrofes nesse agosto de 2016, sob o signo do golpe brasileiro.

Porta Romana é um lugar na cidade de Milão. Perto dela tem uma prisão. Nela, muitos prisioneiros anarquistas.



Ah, lua que ilumina os quatro muros [da prisão],  
Iluminai a minha cela que é tão escura,  
Iluminai a minha cela que é tétrica e negra:  
A juventude mais bela morre na prisão.

*O luna que rischiari le quattro mura,  
Rischiarà la mia cella ch'è tanto scura,  
Rischiarà la mia cella che'è tetra e nera:  
La giuventù più bella muore in galera.*

Na rua Filangieri tem um sino:  
A cada vez que ele soa, é um condenado que entra na prisão,  
A cada vez que ele soa, é um condenado que entra na prisão,  
Na rua Filangieri tem um sino.

*In via Filangieri c'è una campana:  
ogni volta ch'ella suona è una condanna,  
ogni volta ch'ella suona è una condanna,  
in via Filangieri c'è una campana.*

Já saíram das manchetes as acusações contra Temer e Serra. Parece que interessa aos magistrados um governo fraco. Temer vai sofrer e acho que certa oposição será tolerada. O governo está fraco, mas o golpe não.

## **9 de agosto**

Um juiz decidiu que o protesto Fora Temer! deve ser permitido nos estádios. A coisa agora vai bombar!

Vi que Bernie Sanders nos EUA se pronunciou contra o golpe no Brasil.

## **11 de agosto**

Li no jornal Valor que as cúpulas do Judiciário e Executivo estão negociando anistia da Lava Jato para políticos. A separação conceitual recente entre propina e caixa 2 agora valeria (não valeu para o mensalão). Isto é, caixa 2 é um crime menor, propina em troca de atos administrativos não. O PIG não deu nenhuma repercussão maior. Está

claro agora que depois do impeachment a Lava Jato vai acabar e que ela nunca foi republicana, tendo sido criada e gestada apenas para pegar Lula e Dilma. Há o perigo do PT ter seu registro cassado, e a prometida reforma política pode muito bem deixar o partido de fora da política para sempre: se cassado, não pode lançar candidatos. A reforma política então estabelece que só partidos grandes podem existir. Aí o PT não se qualifica como partido grande e, num sistema de voto distrital, nunca mais elege ninguém. Esse parece ser o projeto de Gilmar Mendes.

Há intensa negociação acerca da delação da Odebrecht e da OAS. O chamado efeito bomba da delação pode ser muito bem modulado para atingir seletivamente... o PT e um baixo clero dispensável. O próprio Temer parece ter um salvo-conduto apenas até dezembro, quando pode ser cassado no TSE (Gilmar Mendes) e ser substituído por um congressista. José Serra aparece nesse contexto. O parlamentarismo poderia ser adotado nessas circunstâncias.

Cunha permanece livre e pode muito bem sair sem grandes punições. Sua propalada delação nuclear acho que é só balão.

Joaquim Barbosa ontem falou contra os que querem permanecer no poder e promover o saque do país. Muito legal, mas acho que é tarde demais. Foi ele que propiciou a tese do Domínio do Fato no STF. Com ela, foi possível condenar Dirceu à prisão perpétua sem nenhuma prova, nenhum recibo, nenhuma gravação, nenhuma conta no exterior, nenhum registro de nada: valeu apenas o “ele não tinha como não saber”. Às vezes tenho a impressão que vai acontecer o pior: as pessoas de esquerda vão aos poucos admitir que foi golpe, mas aí será tarde demais: terá sido golpe.

A polícia de São Paulo reprimiu com violência a manifestação dos secundaristas hoje. Acho que a trégua vai acabar com o impeachment e talvez os meninos e meninas sejam simplesmente esmagados.

Houve manifestação Fora Temer!, que saiu da Paulista e desceu a Augusta. Parece que tinha umas 3 mil pessoas. Não pude ir, mas conversei com um moço que foi.

## **12 de agosto – Rumos da esquerda e do PT**

Fui jantar com T na casa de LR, petista histórico de minha geração. A caminho de sua casa, passei na Paulista onde dei uma checada no acampamento coxinha. Indigente

como sempre, notei que duas placas com mensagens diferentes perfaziam interessante comentário não programado acerca dessa iniciativa. Uma delas, grande, dizia “precisamos de doações”. A segunda placa dizia “acabou a mamata”. Juntas, parecia que eles agora precisavam de contribuições pois seu bem-bom acabara. Como se, sem o apoio da FIESP e do filé mignon antes servido pela Federação, eles agora precisam de doações. Sei que a mamata referida seria a do PT no governo, mas pela primeira vez atinei com essa conjunção reveladora. Curioso.

A conversa durante o jantar incluiu análises da situação. Outros convidados, também de minha geração ou um pouco mais velhos, falavam da opressão da situação presente e futura. O retrocesso em curso parece levar ao país não apenas a um estágio anterior à constituição de 1988, mas para uma situação de exceção que nossa geração nem conheceu direito. A geração que nasceu nos anos 60 testemunhou e participou da construção progressiva (lenta e errática) de uma onda democrática que encontrou algum tipo de inscrição institucional. Ver todo esse legado, não só do governo do PT, mas de toda a luta da redemocratização pós-ditadura, incluindo o voto direto, desmoronar, é muito desanimador. Nenhuma inscrição institucional parece ter sido incorporada pelo plano econômico do golpe, mesmo aquelas que mitigavam o capitalismo em seus próprios termos, como o Bolsa Família. À beira do fim de nossas vidas profissionais, não é possível olhar sem medo para um futuro de lutas que envolva mais de 10 anos, que parece ser o caso. Sair do país apareceu como uma opção possível. Envelhecer no Brasil do golpe vai ser degradante e doloroso.

Nem apenas por causa da reorganização da vida econômica em termo novos. O programa a ser aplicado pelo governo Temer e pelo golpe não vai induzir o crescimento. A austeridade com flexibilização de direitos não está a funcionar em nenhum lugar do mundo e causou a estagnação econômica de dez anos onde quer que tenha sido aplicada. A Europa e EUA estão a experimentar suas décadas perdidas. O neoliberalismo ruiu em 2008 e não há saídas democráticas para o capitalismo. Não há remédio neoliberal viável, doloroso ou não, para o Brasil. Só o fascismo e a guerra aqueceriam a economia.

No Largo da Bata, houve um ato de esquerda não-petista em defesa de direitos sociais. A análise desse campo não é má, no sentido de que prefere dar prioridade à construção de movimento ao invés de salvar os partidos ou o sistema representativo. Há uma

aposta de que não haverá mobilização e adesão da sociedade em geral ao redor de “partidos, camisetas ou projetos”. Mas que o potencial mobilizador e de resistência está nas pautas mais gerais dos direitos, que admitem adesões mais amplas sem entrar no mérito do golpe e que podem acolher pessoas normalmente rotuladas “de centro” genuinamente preocupadas com a qualidade do serviço público e com o problema da corrupção, que reconhecem também a falência da democracia representativa e que anseiam por estruturas novas radicais. Dentro desse campo também há interessantes experiências e práticas mais horizontais em termos de organização e participação. A invenção e o novo aí gestados prometem apontar para um futuro onde a problema da relação partido/movimento é repensada em termos radicais. A representação institucional não é uma questão que abordem nesse momento. Inspirados nos eventos de 2013, buscam explorar e capitalizar as novidades instauradas pelas jornadas de Junho, explicitamente abandonando o que vêem como velho. Ao focar na luta por direitos, buscam evitar o FlaxFlu imposto pelo ou Dilma ou Temer.

Este campo gerou uma iniciativa chamada Democracia Na Real, que se fia no potencialmente amplo contingente de pessoas que por um lado não querem Dilma mas por outro não são a favor de Temer. Não é uma má aposta, e de fato há muitas pessoas que saíram às ruas em Junho que ainda não se manifestaram. A luta institucional partidária não mobilizará a força e a potência de Junho, que terá que ser prescrutada de outra forma.

Resta saber se este campo de inspiração autonomista e anarquista vai conseguir compor com coxinhas de centro, se é que o golpe já não contemplou essas forças – ou ainda, se é que esse contingente não é uma expressão estatística sem existência no real. Além disso, a estratégia divisionista de não socorrer a esquerda partidária e se furtar a reconhecer a ruptura institucional provocada pelo processo do golpe apenas facilita a instauração do arbítrio que nos atinge a todos. Mais ainda, não me sai da memória o que disse uma especialista em pesquisa de opinião, do campo esquerdista: “a luta por direitos mobiliza a esquerda, mas não povo. O que mobiliza o povo é a economia”. Se isso é verdade, sem um projeto de gestão econômica e de colocação do trabalho, a luta por direitos vai ser derrotada pela ideologia liberal que vê o que chamamos de direitos sociais como privilégios estatais que distorcem o virtuoso empreendedorismo meritocrático que deve prevalecer como projeto de existência.

## 13 de agosto

Tomei uma cerveja com D e depois fomos à festa de aniversário de HP. Conversamos bastante sobre a crise do trabalho hoje e da premência de uma teoria do valor na era digital. O encontro foi interessante, e pude conversar com várias pessoas com perspectivas bem diversas – e ouvi-las discutir entre si.

D está bem na onda da crise do trabalho e numa leitura mais radical de Marx, sob a luz de Kurz e Postone. Para ele (e para mim), uma perspectiva da teoria do valor é crucial na navegação do contemporâneo. Já F lê Marx a partir de Artaud e tem uma pegada mais deleuziana/guatarrista. Parece não ter muita paciência com o marxismo tradicional e incorpora figuras como o corpo foulcaultiano na sua definição de capitalismo. Rh está mais numa linha, hm, sei lá, mais anarco-digital. A é do coletivo Arrua, que congrega uma variedade interessante de esquerdistas, que orbitam o PT mas me parece que estão no “efeito estilingue”, explorado por veículos espaciais: aproveitam a força combinada da atração gravitacional de um planeta com a translação desse mesmo corpo celeste, de modo a ser atirado em direção a novas órbitas ao tangenciá-lo. Ela parece diagnosticar o perigo da paralisia da esquerda e insiste no estar juntos para evitar a solidão petrificante. Já V se define como leninista, mas está além do PSTU ou PCO. Ele diagnostica que a vanguarda da esquerda hoje se compõe de uma aliança “hipster-preariado”. Ou seja, o trabalhador criativo urbano digital e as massas precarizadas da indústria de serviços.

Saí a pé e fui para casa.

Última festa da casa Mafalda, um coletivo anarquista. O problema da sustentabilidade no movimento autônomo é muito grave. Como sustentar coisas básicas como um lugar para se reunir e guardar material pagando aluguel? Acaba que fazemos tantas festas e outras atividades que não há tempo de fazer política. Como o objetivo não é atrair a atenção de um partido ou de uma instância governamental, acaba que reunir recursos exaure o movimento.

*[Esse problema ainda persiste nos movimentos de esquerda. O MBL, Fora do eixo, Vem pra Rua e outros conseguiram seus sustentos, essencialmente aproximando-se do poder.]*



## 14 de agosto

Subi a Teodoro Sampaio de ônibus e desci na Consolação com a Paulista. Buscava neste domingo algum evento relacionado com o Fora Temer! que tinha visto na internet.

No caminho, lembrei que tenho testemunhado dentro do espaço de uma semana mais de um incidente violento dentro do transporte público. Tenho ido andar no centro, na Luz e arredores em busca de divinação do está por vir. Hoje, decidi percorrer a Paulista e ver o que tinha lá.

Desci na esquina com a Paulista e saí na tarde de sol. Eram 15:15h, a sombra da barreira dos prédios deitava pela minha direita. No geral acho o fechamento da Avenida ao trânsito um sucesso. Muita gente acorre ao lugar, e há muitos músicos e outros artistas nas calçadas e asfalto. Mas nunca sinto-me bem de verdade nessa via, acho que tem algo de triste e bundão nesses domingos.

Logo na esquina da Augusta com a Paulista vi uma barraca do Fora Temer!. Tinha uma faixa no chão e umas 20 pessoas debaixo da barraca. Cheguei perto e vi que uma mulher da Gaviões da Fiel falava ao microfone para as pessoas sentadas debaixo da cobertura. Ela respondia a perguntas sobre o papel da mulher nessa torcida organizada. Achei muito interessante, e internamente louvei a iniciativa de estar todos os domingos lá na avenida. Depreendi que há um ciclo de debates programados com vários tópicos.

Uma hora passou um senhor de chapéu, e gritava “Tchau Petralhada”, muitas vezes. Mas, no geral, achei que a presença do FT! era percebida e reconhecida amistosamente pelas pessoas.

Saí fora depois de um tempo, e andei até a Praça Oswaldo Cruz. No caminho, nada demais. Uma moça estendeu uma rede na sombra entre duas árvores da calçada e lia um livro. Em frente ao MASP, o FT! estava pichado muitas vezes no asfalto. Nada mais a relatar da caminhada.

Está difícil não ficar deprimido. A contagem regressiva da votação do impeachment já começou. As Olimpíadas ainda dominam o noticiário, mas também chegam fiapos de outros acontecimentos. Dificilmente a votação dará vitória a Dilma, e Cunha ainda

articula no Congresso e a votação parece decidida. A tese das eleições gerais não prosperou. As manifestações do Fora Temer! ainda acontecem, especialmente nos palcos olímpicos. As redes estão cheias de memes e de fotos das pessoas que encontraram maneiras de burlar a vigilância nos estádios. Um vídeo mostra como o segurança permite o FT! mas reprime mensagens contra a Globo.

Mas é difícil evitar a constatação que a sociedade brasileira como um todo escolheu a opção autoritária. O cenário político está complexo, mas fica cada vez mais claro que o autoritarismo está avançando e inscrevendo-se institucionalmente. Está a passar no Congresso uma lei que estabelece que soldado que matar civil em ação será julgado por tribunal militar, ao invés de um corpo civil, como hoje é o caso: “licença para matar”. Vai passar na Assembléia Legislativa de São Paulo que o Ouvidor da PM não seja indicado pelo governador mas escolhido pela própria PM.

A imprensa acobertou o estupro do deputado evangélico Feliciano. A vítima vai ser processada pelo deputado, e pode ser condenada. Como claramente indicado nas ruas, a classe média brasileira vai tolerar o estado de exceção policial que vem aí. Se ela acredita que precisa acobertar Feliciano, o que dirá de futuros e presentes crimes. A ruptura institucional vai ser incorporada na organização do estado brasileiro sob o novo governo, e tanto a esquerda que hesita em aceitar que houve a ruptura institucional quanto a classe média e burguesia que não se importam vão propiciar esses novos tempos onde não haverá nenhum freio institucional ao retrocesso autoritário.

## **15 de agosto**

Al Jazeera denuncia o golpe no Brasil. Eles fizeram um documentário a respeito.

## **16 de agosto – Alguns diagnósticos e Ato Sindical**

Dilma leu sua Carta aos Brasileiros no Senado, propondo plebiscito para eleições já. A imprensa deu pouca repercussão, exceto os comentários depreciadores de Gilmar Mendes. Serra teria tentado subornar o Uruguai para que fosse contra a presidência da Venezuela no Mercosul. Foi denunciado a deputados uruguaios pelo chanceler desse país. Repercute também na imprensa de esquerda a piada de José Simão acerca de Sérgio Moro: o juiz contratou Usain Bolt para pegar Lula e Rubinho Barrichelo para

pegar Cunha. Haddad teria voltado atrás e assumido a palavra golpe. O site Sensacionalista deu que a frase “Fora Temer!” foi a mais digitada no tradutor do Google por turistas estrangeiros no Rio!

Fui à Paulista checar a manifestação unificada das centrais sindicais em frente à FIESP.

Tomei um ônibus no Paraíso mas desci já na praça Oswaldo Cruz: a avenida estava parada. Eram 10:15h e decidi andar o trajeto restante. De longe vi o cacho de balões coloridos das centrais no ar: CUT, Intersindical, UGT, CTB, APEOESP, NCST e Força Sindical. Como era de se esperar, a maioria da multidão era composta de sindicalistas, muitos homens, mas uma presença bem razoável de mulheres também. Muitas bandeiras e camisetas: os jovens da UMES, Fecomercitários, Fenatema, Químicos, Motoristas do Transporte Público e Bancários.

Notei que o acampamento coxinha ainda estava lá na calçada, só com cinco pessoas. Tinha muita gente da manifestação em volta deles. Ao longo da manifestação algumas erupções ocorreram nesse lugar. Mas por ora o ato ia apenas enchendo. Uma enorme faixa da Força protestava contra a PEC 4330. Pensei qual seria a atitude pública da base da Força Sindical depois que seu líder Paulinho não apenas apoiou Temer no golpe mas também se declarou amigo de Eduardo Cunha. Neste dia, não obstante, estavam na rua também.

O carro de som a toda, várias falas se revezando ao microfone, no modo gritado. A tônica geral era de luta pelos direitos trabalhistas, alguns insultos ao presidente interino, mas ninguém puxou um Fora Temer! A gafe da jornada de “80 horas” do presidente da CNI foi lembrada. A chamada da greve geral foi bastante repetida. Como o som era meio acachapante, nenhuma palavra de ordem era entoada pelos vários grupos que conversavam no asfalto.

Vi nessa hora uma faixa da Confederação Nacional de Mulheres do Brasil. De repente, um grupo de meninos e meninas gritou “Os estudantes de São Paulo, já tomaram a decisão, fora Temer, fora Dilma, e nova eleição!”. Eram os jovens da UBES e UMES, que também tinham trazido uma tesoura grande de isopor com o cartaz “Dilma = Temer”. Numa camiseta, “Eu ocupei minha escola”, #primaverasecundarista. Achei notável que houvesse clima para esse tipo de chamada não-petista. Aliás, o PT em si

estava ausente do ato. Caminhando pensativo pela multidão, pensei na hora que isso era algo ao qual eu deveria me acostumar – o partido não é mais hegemônico na esquerda, já valendo agora.

Dei mais um giro pelo ato em busca de diferentes agremiações. Um contingente da Força trazia grande faixa “Contra as reformas neoliberais”. Sorri irônico, mas deixei quieto. O PSOL comunicava em sua faixa “Fora Temer! Construindo a greve geral!”. O grupo Território Livre se postava debaixo da faixa “Não pagaremos pela crise”. O PSTU: “Fora todos! Greve geral já!”, e ainda: “Sapatão quer revolução”. Estava lá também o grupo MAIS.

Tinha um infeliz que trouxera uma daquelas buzinas diabólicas de tocar socando o pistão. O seu som é muito agressivo, ao contrário das dolentes vuvuzelas. Associo esse som opressivo aos ajuntamentos coxinhas. Ele não parou um instante.

Voltei ao acampamento coxinha e tinha grande tensão lá. É verdade que havia uma placa muito acintosa escrito “Dilma vai cair”. Mas era a única mensagem mais provocadora. Um cutista viu e foi tentar tirá-la de lá. Veio correndo uma moça de bandeira brasileira nas costas. A discussão que decorreu disso se arrastou por muitos minutos. Uma linha de 10 soldados da PM veio correndo a pedido dos coxinhas e se postou entre os dois grupos. Tinha mais de 20 mil pessoas ao todo na manifestação, e umas 3 mil ali ao lado. Rolaram sopapos e xingamentos, muita cara vermelha. Ficou um empurra-empurra ao redor da placa, questionando se ela ia ficar ou não. No final foi recolhida. Relaxei e andei um pouco mais por aí.

Vi um pixuleco do Temer de 3 metros subir na avenida. Notei pichado na ciclovia uma frase agora já velha: “a ciclovia mais cara do mundo”. Voltei ao acampamento e um grupo de uns 20 cutistas fazia pressão no perímetro das barracas. Muita tensão de novo, desta vez com tapas e copos de plástico cheios de líquido voando pelo ar. A PM chega com um comandante muito puto, gritando que era a última vez que vinha àquele lugar.

Achei provocação o acampamento ficar lá durante a manifestação. O número de manifestantes chegou aos 40 mil, teria sido meio fácil varrer as barracas. Os coxinhas lá são muito fracos, não tem nenhum apoio. Apesar de toda a pressão ter durado mais de duas horas e eles terem falado muito ao telefone, não chegou ninguém para apoiar.

Eles mesmos não tomaram as precauções básicas desse tipo de confronto: sempre gravar com o celular, se possível transmitir ao vivo. Eles não parecem ter retaguarda, não tem movimento por trás, não tem nada. É assoprar que voam.

Eram 11h e notei uma sem-teto sentada no lado oposto ao acampamento coxinha. Bermuda meio arriada, prato de alumínio com arroz virado na calçada e guarda-chuva aberto na mão. Indiferente à movimentação a seu redor.

Pouco depois, um dos balões da CUT se soltou e saiu voando descontrolado pelos ares. Notei um grupo do CONLUTAS, dos Aposentados e dos Eletricitários. Alguém anunciou o placar de um jogo de vôlei da Olimpíada.

Vi nessa hora uma bandeira da campanha de Dilma. Ela trazia uma contradição do campo petista que a direita não cessa de apontar. A bandeira trazia a imagem de Dilma e a inscrição “Dilma presidenta”. Logo abaixo, deveria estar “vice Temer”. Mas a moça cobriu o nome do interino e adicionou “povo brasileiro” depois da palavra *vice*. Vi uma camiseta do MTST e curiosamente três homens de cartola, fantasiados em cima do carro de som. Às 11:35h, vi um faixão gigante, colorido, estampado como um vestido de verão, com os dizeres “Só a luta garante”.

A multidão saiu em passeata. A locução tinha dito que iríamos até a Secretaria da Presidência, perto da Consolação, que o MTST tinha ocupado naquela noite faiscante da marcha feminista. Fiquei meio atrás para ver se haveria ainda alguma molecagem de cutistas em cima do acampamento. Esperei um pouco mas nada aconteceu.

Apressei o passo e alcancei a passeata na altura do MASP. Eram 11:50h e vi dois batuques, um do PSTU e ANEL, e o outro da Juventude do PT. No vão do museu, um grupo grande de calouros de alguma faculdade estava de pé, pintados no rosto e no corpo. Numa outra calçada, dois meninos vestidos de palhaço interpelavam um grupo de mulheres da CUT: “chega de palhaçada, né?”. O carro de som da CUT tocava um reggae brasileiro muito embalado, mas achei a letra meio evangélica, sei lá.

De repente entendi que a passeata se desmanchava e cada tribo foi buscar seu ponto de dispersão. Não chegamos à Secretaria como anunciado.

Avaliei que nem todos os grupos concordavam com a pressão sobre a Secretaria, por ser uma pauta por demais petista. A unidade sindical que ouvi ser celebrada pelos



oradores na real pode ser bem frágil. Não há escolha a não ser lutar juntos contra o retrocesso trabalhista, mas qualquer coisa fora do estrito entendimento laborista não vai pegar.

O ato foi bom, bastante gente, e a unidade é sim significativa. Mas parece que não está sendo possível furar o relativo isolamento das classes trabalhadoras. Não foi um encontro de celebração da luta e da expansão dos direitos sociais.

Tentei comer algo na alameda Santos, mas todos os lugares estavam lotados, inclusive de cutistas. Grupos grandes de sindicalistas esperavam seu transporte, de pé na calçada, atravancando o fluxo de seus colegas trabalhadores de escritório. Alguns destes xingavam os primeiros.

Tomei o metrô e achei meu caminho para a CPTM.

### **17 de agosto – Tipificação da Direita**

Há repercussões na imprensa da carta de Dilma e sua proposta para eleições. Ela deve ir ao Senado se defender no dia da votação do impeachment. Lula sobe a temperatura do embate com Moro e acusa Janot de não ter feito nada em relação ao grampo ilegal do qual foi vítima.

O MTST chamou uma manifestação Fora Temer para o Itaquerao. Os Jornalistas Livres deram 4 mil pessoas.

Fui a um debate no centro, no Tapera Taperá. O tema era “O triste fim da Nova República”. Os debatedores eram o Laymert de Souza e o Thales Ab’Saber.

Foi bem interessante. Falou-se de um projeto de apagamento da memória da luta popular em geral e do governo Lula e Dilma em particular. A elite está determinada a não apenas interromper os tímidos avanços mas também impedir sua frutificação na história do país. O retrocesso presente nos levará para além de 1988, parece que estamos a regredir aos anos 1940. Voltamos à matriz colonial. O desmonte do SUS, dos direitos sociais e trabalhistas, além do golpe parlamentar, assinalam que o pacto social que sustentou a Constituição de 1988 foi rompido. Nem o capitalismo de inclusão foi suportável para as elites.

Thales trabalha com a figura do transe, afirma que o Brasil está a experimentar um transe. Diz que precisamos pensar com novos conceitos e aprender com os erros. Ele tem estudado a direita e detectou quatro tipos:

- a) a extrema direita, que representa uns 20% da mobilização anti-Dilma. Começaram sua mobilização, via internet, a partir da Comissão da Verdade.
- b) Nova direita, que são os híperliberais, não são conservadores arcaizantes e acreditam na modernização do Brasil pelo neoliberalismo radical. Tipo MBL.
- c) Perversos oportunistas: o PSDB, que sabem que não se trata de combater a corrupção ou modernizar o país, e sim apenas de participar do poder. Entenderam que não poderiam oferecer o que o PT dava à sociedade (na Social-Democracia) e fomentaram a extrema direita que operou o golpe para eles.
- d) “pessoas de boa fé”, que acreditam no fim da corrupção.

Foi lembrado que as palavras hoje passaram a significar seu contrário, estamos em uma crise do significado. Só em Weimar houve um processo semelhante. Falou-se em uma regressão à República Velha, onde as milícias estaduais faziam a maior parte da repressão, e não o Exército.

O capital não consegue mais se reproduzir e perdeu os desenhos do real.

Estive lá com E e depois encontrei M. Tomei uma cachaça com E e falamos das mobilizações atuais, dos secundaristas e autonomistas. Ele também teme o porvir.

## **18 de agosto**

O confronto de certa esquerda com Moro evoluiu com a acusação por parte de sindicalistas que o modo de atuar da Lava Jato está a causar desemprego.

Comprei umas coisas ontem no pequeno mercado perto de casa. Meditava ao esperar como hoje em dia sempre tem fila, não importa a hora, em todos os estabelecimentos. Ouvi a conversa do comprador à minha frente com a moça do caixa, uma jovem negra. Ele dizia que Dilma era bandida. Ele pagou e se foi. Ela então disse à colega ao lado: “Eu gosto da mãe Dilma”. Achei coragem para dizer: “Eu também. O que fazem com ela é injusto”. Ela sorriu e fui embora.

## **19 de agosto – espalhamento do autoritarismo**

Justiça de SP culpa vítima por ter sido atingida bala de borracha, da arma da PM, que esfaqueou olho esquerdo de fotógrafo. Delegado denuncia a jornalista que acusou Feliciano.

Relatório da PF afirma que Lula não é o proprietário do triplex de Guarujá. O PIG não repercute. OEA pede explicações a Temer sobre o golpe. Veja afirma que empreiteira subornou o ministro Dias Tófoli. PSDB teria pedido a Temer que impedisse uma eventual candidatura de Meireles à presidência.

Vi na rua, na Paulista perto da Casa das Rosas, uns cartazes desenhados, em preto e branco: “Brasileiro! A pátria precisa de você!” É assinado pelo #patriaarmadanarua (ARMADA mesmo). Vi na tela do metrô um breve vídeo que levava a marca daquela “só a luta te garante”, fiquei na dúvida do que realmente se trata disso. Vi durante o dia uma camiseta com os mesmos dizeres no corredor da estação Paulista/Consolação. Chequei na internet e soube que se trata da campanha do sindicato dos bancários esse ano.

Relata-se luta nos morros com a polícia e forças de segurança no Rio de Janeiro. Faz uns dias, um soldado foi morto em tiroteio.

Percebi que o projeto “Escola sem partido” vai permitir que professores e funcionários sejam demitidos por razões ideológicas. Alguns colegas acadêmicos já começam a considerar a possibilidade de algum tipo de exílio.

## **20 de agosto**

Fizemos um jantar “Cíbermarx” em casa, foi muito bacana. Falamos bastante dos novos rumos da esquerda e de como pensar o movimento social dentro do contexto atual. Havia diversas posições e perspectivas, desde aqueles que acreditam em um programa dos novos trabalhadores de tomada do Estado até quem aposta na formação de estruturas fora do Estado.

## **22 de agosto**

Repercute ainda o vazamento da OAS e o suposto envolvimento do ministro Tófoli. Os blogs de esquerda avaliam que se trata de um jogo de cena para anular a delação e

livrar Serra e Aécio, que teriam sido também citados de maneira cabal nessa mesma delação. Gilmar Mendes critica a acusação e o vazamento.

Vi no blog do Sakamoto que na verdade há dois apartamentos no prédio em Guarujá e que o relatório da PF não exatamente inocenta Lula.

A Olimpíada acabou e Temer não foi ao encerramento por medo de vaias. Não passou o bastão ao primeiro ministro japonês.

Não vi nada dos Jogos Olímpicos. Só de longe na tela de algumas padarias e botecos. A ideologia da superação individual, a erotização da competição e principalmente o nacionalismo medíocre mediado pela Globo me afastam desse tipo de competição. As mesmas camisas verde-amarelas dos coxinhos festejando uma nacionalidade compartilhada via imaginação telemidiática...

E as contorções faciais de quem ganha, o pífio drama de eventos triviais, os clichês emocionais intermináveis. Acho que da mesma forma que as corridas automobilísticas são uma espécie de laboratório para a indústria do petróleo, onde combustíveis e lubrificantes são testados pelas grandes corporações, a Olimpíada é um grande campo de teste para a indústria farmacêutica, que inclusive conseguiu emplacar a delegação russa. Os Jogos são imensos eventos de medição pública de performances, de aferição de resultados de eficiência contra o relógio, só que em público e com torcida.

Foi muito bom ver o “Fora Temer!” aparecer bastante durante os Jogos Olímpicos, mas imagino como teria sido o discurso da esquerda petista se Dilma estivesse no poder ainda.

### **23 de agosto – Ato contra o golpe na Casa de Portugal com Dilma**

Eram umas 17:30h quando vim da Zona Leste pela CPTM e desci na Sé para ir à Casa de Portugal para o Ato contra o Golpe. Quando vi o tamanho do aperto na linha azul, decidi ir à pé da Sé até a Liberdade. Quis checar como seria o ato com a presença de Dilma. Era meio cedo mas apressei o passo assim mesmo, pois era em recinto fechado e poderia lotar.

Subi a avenida Liberdade a partir da João Mendes e cheguei perto. Já havia uma fila. Colei no fim desta linha, atrás de um homem de terno, e observei o entorno. Vi dois

meninos de uns 15 anos com camisetas pretas com os dizeres: “Lutar sempre, Temer jamais”. Ao nosso lado, uma barraquinha improvisada vendia camisetas vermelhas a R\$15 reais. Uma delas tinha a Mafalda gritando “Fora Temer!”, e outra a Graúna do Henfil. O moço de terno comprou uma e a vestiu na hora. A barraquinha também compartilhava um café, muito bem-vindo no fim de dia frio da cidade: “tem que aquecer a militância”, diziam. O clima estava meio gelado e prometia piorar.

Ouvi o som da barraca das camisetas, que irradiava o samba-tema da resistência ao golpe: “não vai ter golpe de novo, reage, reage meu povo”.

A fila andava como um estertor: irregular e inesperadamente. Vi muita gente de minha geração, mas também muito movimento social, além de uma presença feminina muito forte mesmo. Também jovens e crianças. Alguns cartazes, cujo teor principal era o FT!.

Atento às conversas ao redor, mas sem puxar assunto, como é de meu feitio, escutava o diálogo de um grupo atrás de mim. Um homem contava a história de como ele tinha trabalhado como metalúrgico nos anos 80 e que conhecia Lula do ABC. Ele fora também vidraceiro, mas, no final, emigrou para o Japão, onde trabalhou nas fábricas de Nagoia. Relatou que, comunista, trabalhou para organizar os trabalhadores brasileiros da diáspora nissei. Disse que eram mais de 220 mil brasileiros trabalhando nas ilhas nipônicas.

Quando Lula visitou o Japão depois de conquistar a presidência, ele e um grupo de trabalhadores brasileiros foram recepcioná-lo com uma faixa, tendo viajado x quilômetros para tal. Esse homem disse que Lula, vendo a faixa e reconhecendo sua pessoa dos tempos do ABC, abandonou a comitiva oficial e o cumprimentou, surpreso de encontrá-lo tão longe. Lula foi logo perguntando “quais são as suas principais reivindicações?”. Este senhor então relatou que disse ao presidente que o principal era a previdência. Os trabalhadores brasileiros normalmente voltavam ao seu país natal depois de vários anos de trabalho fora sem muito dinheiro e a reivindicação era de que os trabalhadores brasileiros no Japão pudessem contribuir com a previdência brasileira. Pelo que eu entendi de minha escuta clandestina, isso foi objeto das negociações oficiais do Brasil com o Japão e de fato algum tipo de plano previdenciário foi arranjado.

A fila andou até eu chegar no portal de entrada, onde tinha revista e detector de metais. Passei e ganhei um broche que deveria afixar ao casaco. Entrei dando boa noite aos jovens seguranças e procurei um assento. Já estava cheio a acabei por tomar uma cadeira de plástico meio mole, apertada numa fileira estreita. Entendi que ia demorar a começar. Olhei em volta.

Muita militância. Movimento social, sindicatos, centrais sindicais, movimento de mulheres e de negros, LGBT. Quando contrasto esse tipo de ajuntamento com a endogamia de uma manifestação coxinha, não deixo de admirar a diversidade racial e sexual, a insistência geral em se definir como povo, em enunciar que a diversidade gera a complexidade necessária à modernidade (isso não é dito desta maneira, mas serve mesmo assim).

Mas, contrastado com movimentos mais autonomistas e não-governamentais, fica tudo muito chapa-branca, onde as figuras da diversidade são celebradas mas não têm poder real. A separação público/palco faz da assistência mera figuração para o registro fotográfico e de vídeo.

Este foi um evento chapa-branca. UNE e UMES, CUT e CTB... Tudo muito ex-governista, restaurador da legalidade, e não propriamente revolucionário ou indicador do futuro. Mas teve a sempre cortante presença do MTST, que parece pensar no movimento popular num futuro com ou sem o PT. Eles já afirmaram que o PT não volta mais, e acho que tentam encontrar um caminho onde já não existe o partido dos trabalhadores. Aliás, vi somente duas bandeiras do PT, já meio perto do final. Mas, por outro lado, havia certa alegria no ar.

Não obstante, o tenor principal era o “Volta Querida”. Foi um evento dilmólatra e ponto final. Nas atuais circunstâncias, vai aí, vamos lá, insistir na legalidade, sublinhar a distensão institucional que está a periclitir a vida política do Brasil, colocar o golpe nas luzes internacionais, aumentar o custo político do golpe, denunciar a esclerose das instituições, posicionar Dilma como alvo de conspirações anti-democráticas... Mas algum dia precisaremos superar modelos caudilhistas e repensar a relação movimento/líder (ou talvez não, como indica o Podemos na Espanha).

Vi um cartaz “In Temer we do not trust”, e muita gente tirava fotos e selfies. Quase todos com alguma camiseta ou bandeira, vi inclusive uma de Cuba. Ao meu lado um



grupo de pessoas do Sindimar, os Sem-teto à minha frente e o CTB à direita. Anotei as presenças adicionais do MST, Brigadas Populares, UJS, do Guilherme Boulos, do Jamil Murad (que teria sido atacado em seu gabinete pelo MBL), Ruy Falcão, UNE, UMES, Marcha Mundial de Mulheres. Quando anunciaram a “Frente dos Evangélicos pelo Estado de Direito”, um homem da CTB atrás de mim disse “olhaê, os evangélicos, estamos aí!”. A presença de Dilma foi anunciada e a multidão se animou. Uma locutora puxou vários FT!s e VQ!s. Quando ela chega, é muito aplaudida. Eram umas 5 mil pessoas.

As falas começaram, e no geral foram combativas. Quase todos os oradores começaram com “Primeiramente, Fora Temer!”. Um deles, advogado, lembrou do prof. Goffredo da Silva Teles. Outro agradeceu Dilma pelas Olimpíadas. O movimento social prometeu muita mobilização. O orador da Central dos Movimentos Populares se estendeu e falou do prevalente clima de ódio, e sublinhou ainda que esta central foi a todos os atos de apoio a Dilma desde 2015. Mas defendeu tanto a Copa quanto as Olimpíadas, e também disse que quer ocupar as escolas com o partido. Boulos lembrou que Getúlio Vargas ficou na história e seu opositor Carlos Lacerda desapareceu na lata do lixo. O ex-senador Suplicy leu uma mensagem de Dalmo Dallari. Ele chorou muito e disse que tinha certeza que, olho no olho, Dilma conseguiria reverter os votos dos senadores. Marilena Chauí estava presente mas não falou.

Haddad chegou no meio das falas e fez-se um grande alarido. Ele foi muito aplaudido, mas Chalita, que é seu vice, não foi festejado. Os fotógrafos ficaram ensandecidos e bloqueavam a visão de quem estava sentado na frente. Na real, o evento todo parecia ser coreografado para ser registrado. Hoje em dia, tem isso do *live streaming* e a guerra das redes, então frequentemente um evento conectado perde sua força presencial em favor do evento virtualmente veiculado.

Haddad falou, bem, e depois falou Dilma. No geral ela está mais solta e não se enrola mais nas tangentes infinitas e explicações desnecessárias. Falou com alguma paixão e prometeu muita luta. Mas ela não é oradora inspirada. Disse que “a democracia não está garantida e a luta não tem data de acabar”. Lembou ainda que tivemos sucesso em fazer emplacar de que se trata de um golpe. Ela acabou se estendendo um pouco, e algumas pessoas começaram a sair. Ela recebeu um coração de pelúcia no palco.

A ossificação do evento foi aliviada por uma projeção extra-oficial, uma bolinha de luz que era disparada a partir de um projetor de mão. Como uma lanterna mágica do passado, a bolinha fazia aparecer mensagens como “não pise na democracia”, “jamais temer”, “estado, não se meta no meu útero”, “genocídio gera genocídio”, “mídia omite burro berra”. Quando Dilma falava, a bolinha acompanhava-a pelo alto “a que horas ela volta?”. A presidenta afirmou que nós é que pagaríamos o pato do golpe. Nessa hora a bolinha ganhou a cara de um patinho. Achei simpático, ainda que, para conseguir projetar, eles ficassem de pé na frente das pessoas, como a imprensa faz.

Caí de novo na chave “a última vez”. Foi a última vez que vi a presidenta falar. O impeachment avança inexorável, mas sem nenhum entusiasmo de nenhuma parte. Parece que todos querem começar logo a próxima fase.

O ato fechou com Dilma descendo do palco e cumprimentando as pessoas. Fiquei um pouco e saí. Quando alcancei a rua, vi que esta estava fechada e as pessoas se esparramavam pela via. Da Casa de Portugal se ouvia o som de um funk: “vem pra rua, larga essa panela, a Casa Grande pira quando chega a favela”. Tomei o metrô.

Perto de casa, parei no mercado para comprar uma coisinha e falei para a moça negra do caixa: “acabei de ver a Dilma”. Ela: “a Dilma, Dilma? A Dilma mesmo?”. “Foi”. Ela sorriu, eu também e fui para casa.

## **25 de agosto**

Repercute a briga de Gilmar Mendes e Janot. É difícil saber de fora o que realmente se passa, mas parece ser uma luta interna da magistratura com o golpe. A anulação da delação traz consequências importantes, entre elas livrar a cara de Aécio e Serra. Mas os ataques de Mendes à Lava Jato e aos procuradores foram fortes e incontornáveis. Até o projeto das 10 propostas contra a corrupção foi objeto de ataque pelo ministro do STF. Mas para quem é de esquerda, é especialmente acintoso que só agora delações sejam anuladas por causa de vazamento, e que só agora a arbitrariedade dos juízes da Lava Jato seja um problema.

Certa imprensa faz uma distinção entre os procuradores de Brasília e os de Curitiba, que estariam em desacordo quanto ao ministro Tofolli. Gilmar Mendes estaria em conluio com a Veja, com que tem relações há tempos.

Lula diz que vai ao senado com Dilma. Não tenho conseguido assistir nada ainda do processo. Conseguirei ver a votação final, mas nada mais. Tem ato chamado para segunda-feira na Praça do Ciclista.

A campanha municipal já começou, com Russomano na frente, Marta atrás. Erundina tem sido barrada de participar de debates na TV pois o PSOL não tem o número suficiente de vereadores e seu nome foi vetado por outros candidatos. Essa cláusula de barreira pode ser vista com desenho institucional operado por uma reforma política federal: a lei imporá um tamanho mínimo para os partidos, deixando o PT e a esquerda de fora, estilo americano ou britânico.

## **26 de agosto – Mais melnolia**

Lula foi indiciado hoje pela PF por supostos benefícios obtidos no apartamento em Guarujá. Sites coxinhas comemoram, um post dizendo “que impeachment mais chato, quero ver prisão!”. Três vizinhos vieram conversar no meu portão por causa de um transformador da rua que estourou e nos deixou sem luz. O ódio deles me contaminou e perturbou muito: o mito Moro permanece vivo e venenoso nos corações da classe média paulistana. Temer é de pouca importância. Se o PSDB espera governar num contexto pós-PMDB, pode se dar muito mal – e o país vai ter que lidar com uma ditadura de juízes e policiais.

Os malditos helicópteros voltaram a sobrevoar a minha região.

As alterações do Senado repercutem nas redes e o bate-boca entre Gleisi e Renan dominou o noticiário. Os blogs de esquerda dão agora que Renan se desculpou pelas suas palavras. Os sites coxinhas dão versões completamente diferentes, nem tento mais acompanhar.

Vi de noite que a Veja acusa Janot de ter engavetado a delação da OAS para acobertar Lula, Dilma, Aécio e Serra. Será que a panela de pressão já vai estourar e as facções do golpe vão se matar à faca? A facção Curitiba de Moro se rebela contra os brasilienses de Janot? Terá Gilmar pisado no tomate?

Relendo o diário lembrei do dia em que a Polícia Federal ameaçou renúncia em massa caso o chefe dessa força fosse substituído, conforme boato da época, acho que ainda no governo Dilma. Recordo-me que fiquei apavorado, pois a Paulista estava cheia de

coxinhas e o hoje mingüado acampamento em frente à FIESP estava bombando, repleto de gente irada com os vazamentos dos áudios de Lula e Dilma. Pensei que poderíamos ter cachos de policiais federais armados se juntando em festa aos coxinhas acampados e nas ruas. Era um cenário pesadelo que ficou por um triz na época, o equivalente dos tanques nas ruas. Hoje, me parece que é ainda um dos cenários possíveis: PF e juízes curitibanos, mais classe média, mais híperliberais e fascistas, em luta aberta contra a velha ordem do STF e dos partidos PMDB e PSDB. Algo como o Brexit e o Trump: a superação do comodato neoliberalismo/socialdemocracia pela via de um neo-fascismo.

O capitalismo não vai gerar mais crescimento, nenhum país que adotou a flexibilização do trabalho mais austeridade cresceu. Nenhum. A Europa e os EUA estão em recessão há quase 10 anos com crescimento pífio, apesar e por causa da austeridade. Até o FMI admitiu isso. Não há alternativa democrática para o capitalismo. O Brasil não vai crescer com o PMDB ou o PSDB. Hillary, Owen Smith, Aécio, Temer, é tudo mais do mesmo, e a sociedade no geral pede superação. A crise do PT é a crise do PSDB e do PMDB, e também da democracia representativa. O fascismo é um tipo de superação perversa do circo democrático parlamentar, pela via da liderança carismática que cultiva uma suposta ligação direta com as massas. O derretimento das instituições brasileiras prenuncia um tipo de arranjo desses. Quase fico torcendo para que a pizza final brasileira seja um híbrido autoritário ao velho estilo da Velha República, ao invés de um inédito integralismo hodierno justicialista policial evangélico. Tipo foi melhor ter Vargas do que Plínio Salgado. Prestes talvez concordasse, Olga Benário talvez não.

A minha solidão não é só a do velho petista que se despede do cenário político nacional. Dói muito ver o resto da esquerda achando que vai se safar. Cair sozinho vai gravar na memória: tem gente que ficou em casa questionando que não foi golpe de verdade, dizendo que o PT cavou a própria cova e que se colocou na onda do vitimismo. Mas a culpa imputada pela direita em cima de toda a esquerda será coletiva. E não temos superação de esquerda do capitalismo em vista, só promessas e experiências parciais.

Talvez nada disso importe no futuro. Talvez os cenários vindouros sejam totalmente diversos, e nos lembremos das lutas de hoje como nos recordamos da Balaiada, de Espártaco ou do Homem do Saco, sei lá: promessas, lendas, promessas. Talvez não

venhamos mesmo a ter direita e esquerda, talvez a liberdade seja definida diferentemente, talvez o futuro nem venha a se importar conosco.

Mas teve quem lutou e teve quem ficou em casa.

Do amigo M:

Gavin,

essa sua interpretação não está fechando. É preciso buscar outras possíveis. Uma hora o Gilmar Mendes está a favor dos tucanos, outra está contra. Por quê? Gilmar Mendes está em conluio principalmente com Toffoli, que se afastou do PT para salvar a própria pele. São sócios na Escola de Direito (aí perto da sua casa, na avenida Liberdade).

E não haverá tanques na rua sem o apoio das Forças Armadas, que - por enquanto - têm sido bastante neutras. O sistema político foi sensível - até por questões de sobrevivência - à direita nas ruas, mas a pauta dela é tão confusa que não é possível canalizar isso para uma mudança efetiva das coisas. O fica a pergunta: porque o PT não consegue mobilizar mais do que a direita? Talvez porque ele não tenha sido tão de esquerda assim. Historicamente, Plínio Salgado nunca foi alternativa ao Getulio. Era manipulado pelo Getulio.

Não podemos cair nessa de "quem lutou x quem ficou em casa". A história continua e a sociedade civil brasileira (da qual o PMDB foi um ator fundamental em certa época) é forte o suficiente para reverter esse jogo meio fascista. Mesmo porque a dinâmica da crise não passou pela rua, embora tenha sido alimentada por ela. Os lances mais importantes se deram nos bastidores da política, até onde posso ver. E ainda estão se dando. Mas concordo que há espaço para aventureiros fascistas com a implosão do sistema político.

Tenho ido a um bar pequeno, sem placa, na Pedroso de Moraes. Fica entre as ruas Arthur de Azevedo e dos Pinheiros. Chegar lá é fácil pra quem vem do metrô Fradique Coutinho. Ele abre de noite e tem umas lâmpadas penduradas numa árvore na frente do bar. Se puder, nos encontramos lá na quinta, entre 18h30 e 19h. Quem chegar primeiro pega a mesa (única) lá dentro.

## **27 de agosto – Crianças de rua pós-golpe**

É preciso dizer que entre aqueles que se furtaram à luta está o PT. O partido abandonou Dilma, está numas de auto-salvação institucional e não se dedicou a formar uma frente de esquerda. Não encampou a tese das eleições agora por saber que será varrido eleitoralmente e aposta em 2018. Não está a fazer uma avaliação dos seus erros e o partido impede o reposicionamento da esquerda como um todo. Não apóia o Fora Temer! e liberou as alianças com o PMDB em nível nacional. Há um incontornável fosso entre o PT e os petistas. Como já anotei, ouço as pessoas dizerem “eu sou e sempre fui petista, mas é o PT que não é mais”. A solidão deste velho petista também é essa.

Estive no boteco Monte Carlo com T. Este estabelecimento é um curioso cruzamento de várias tribos, dentre elas as comissárias e comissários de bordo que se hospedam nos hotéis da região. Vejo sempre muitos italianos lá, e amigos meus me informam que o lugar é conhecido como Viracopos.

Estávamos em uma mesa na calçada, e havia um grupo de crianças que vinha pedir dinheiro aos clientes. Tinha visto suas mães na calçada logo antes do Halim, que é perto. Mas a presença dessas crianças me fez meditar que o governo Lula fez sumir uma coisa que eu já tinha achado que era parte inelutável da realidade brasileira: a criança pedinte. Toda a minha infância e adolescência foi marcada por crianças no sinal pedindo esmolas, e também pelos famosos “trombadinhas” do centro, particularmente no Viaduto do Chá e cercanias. Isso evaporou nos mandatos do PT.

Esse grupo de uns 6 meninos e meninas pedia dinheiro ou comida. Quando me prontifiquei a comprar duas “quentinhas” de calabresa que haviam pedido, eles disseram que queriam comer à nossa mesa. O garçom não deixou, e depois veio o caixa da casa impedir que eu realizasse a compra para eles.

Acabei por negociar a compra e entrega das ditas “quentinhas” aos meninos, que foram comê-las atrás da banca de jornal. Os mais velhos dentre eles entenderam a troca, que implicava em ir comer escondido. Mas um menino de uns 7 anos, negro, insistia em querer comer à mesa conosco. Por nós tudo bem, mas a casa não aceitava de jeito nenhum. O menino não parecia entender como o direito básico de comer



sentado à mesa se lhe era negado. Ele não achava ok comer agachado na calçada, direto da bandeja de alumínio, como um animal.

Meditamos que ele tinha nascido e crescido na era Lula, e que tinha se habituado a comer à mesa com a família. A Bolsa Família, com seus defeitos e contradições, retirou crianças da miséria absoluta. O que este menino queria nem era a comida em si, mas a dignidade de comer à mesa como todo mundo. Ficou claro para nós que este menino estava sendo devolvido à indignância, e que seu senso de dignidade estava sendo violentado, e que ele, da maneira que seus tenros anos lhe permitiam, estava a perceber que ele e seus irmãos estão sendo devolvidos à miséria alocada pelo neoliberalismo. Sua tristeza e revolta eram cósmicas. A curva que o leva às margens já está operativa.

Li hoje que Chico Buarque vai ao Congresso com Dilma. Já Caetano, em contraste, que participou das manifestações contra a extinção do MINC, foi recebido pelo ministro da Cultura logo após a reversão da extinção da pasta. Isso aconteceu na figura de Paula Lavigne, que representava o “Procure Saber”. Ela foi recebida, mais “artistas”, pelo novo ministro. Ela disse que estava muito feliz com a atitude do ministro e que ele tinha um caderninho onde anotava as reivindicações e que isso era notável e encorajador. Um dos temas que foram tratados foi o do direito autoral. Eu atento ao contraste entre os dois músicos, dois projetos distintos de Brasil.

## **28 de agosto – Presença de resistência no domingo na Paulista**

Estive em Pinheiros a maior parte do dia, e decidi subir à Paulista checar o que havia por lá. Eram 17hs e tomei o ônibus Santana, esperando descer no primeiro ponto da Consolação. Mas, como esta linha normalmente cruza a Paulista, fechada aos domingos, o veículo passou direto pelo dito ponto e fez a demorada volta até cruzar a mesma Consolação pela Carlos Sampaio para ganhar a Angélica. O trânsito estava pesado e só cheguei no cruzamento da Augusta com a Paulista às 17:40h. Lá estava a barraca do Domingo Contra o Golpe.

Tinha bastante gente no geral, a avenida tomada de uma multidão que curtia a primeira tarde quente após vários dias de frio. A atmosfera bem agradável, nos limites do lugar.

Cheguei perto da barraca e de longe vi bastante gente conversando em rodas. O clima era relaxado e amigável. Fiquei feliz que essa presença anti-golpe tenha sido possível nesse lugar. Imediatamente vi o ex-senador Suplicy, cercado de gente. Muitas críticas são possíveis à sua pessoa, mas ele tem sempre tempo para conversar e tem uma vocação genuína para o diálogo. Lembrei de sua recente prisão numa reintegração de posse em São Paulo. Os memes que se sucederam ao fato traziam a mensagem: “ei, PM, vocês prenderam o Eduardo errado!”, referindo-se a Eduardo Cunha.

A barraca mesmo estava em desmonte, já que a hora era avançada. Mas coleí no ajuntamento e notei um bolinho de gente ao redor do Stédile, que estava lá conversando. Ele insistia na necessidade do trabalho de base, junto aos trabalhadores. “Não adianta fica aqui na Paulista. Quantos metroviários tem aqui? Tem que ir pras garagens”. Perguntado por uma das pessoas lá acerca do cenário futuro, ele afirmou: “o povo não vai aceitar ser que nem sapo debaixo da pata do boi, como dizemos lá no Sul”. Ele insistiu na figura do “lapso institucional” que o golpe representa e nas consequências que isso acarreta.

Nessa hora vi um grupo de bolivianos carregando seus instrumentos musicais, o que me fez lembrar que tinha visto, a partir do lento ônibus, três *chol*as na calçada da Consolação.

Recordei o que me contou um dia LE, de família boliviana, quando éramos adolescentes. Ele relatava como, em certa época de agitação social na Bolívia dos anos 80, as relações étnicas casaram com luta social. A elite boliviana é muito hispânica e branca, e os trabalhadores sempre descendentes dos indígenas locais. Ele, branco, contava como uma jornada de greves particularmente quente trouxe os trabalhadores índios das minas para o centro da capital La Paz. Esses trabalhadores traziam para as passeatas e manifestações seus instrumentos de trabalho, isto é, explosivos. Assim, a repressão policial tinha que se ver com a dinamite lançada das fileiras sindicais. A região central tremeu nessa jornada com explosões de cartuchos acesos por índios sindicalizados.

Nesse cenário de crise, LE me contou que, quem sabia na casa dele onde tinha comida para comprar, onde tinha posto de gasolina aberto, onde dava para passar e onde tinha bloqueio, era a empregada deles, que era índia Aimara. As rádio sindicais só

irradiavam em Quéchuá ou Aimara. Assim, os hispânicos não tinham idéia da logística urbana funcional do momento. Ele me contou que, criança, aprendeu a contar primeiro em Aimara com sua babá indígena, e só depois em espanhol.

Enfim, todas essas recordações me invadiram a mente na esquina da Augusta com a Paulista. Satisfeito que a presença anti-golpe existia em termos amistosos e pacíficos com o entorno, fui dar uma checada se havia alguma movimentação coxinha na avenida. Andei até o MASP em busca de algum equivalente de direita.

Não achei nada e me tranquilizei. Pensei que vou ficar realmente preocupado quando os coxinhas passarem a gritar “Fora Temer!”. Nesse momento saberei que há uma luta judicialista/policial/evangélica contra o tradicional coronelismo Velha República/Café com Leite/PSDB. Nessa hora ficará claro que esse partido golpista terá perdido o controle da caixa de Pandora que abriu, e que um novo corpo alienígena terá sido admitido na sistema nacional: uma renovação fascistizante via ultra-direita.

Recordo-me de uma peruana que conheci em Londres nos anos 90. Ela, de esquerda, lamentava que o Sendero Luminoso, grupo guerrilheiro marxista maoista, não tinha uma leitura viável do Peru e da América Latina, e acabava por impor uma prática agressiva contra as tradições de luta locais. De modo semelhante, o amigo M um dia se referiu ao MST de maneira análoga, dizendo que sua tradição positivista de “místicas” e de organização militar não consegue lidar com o fenômeno do Brasil como um todo. O PT, a seu modo, tinha, pelo menos, um projeto mais condizível com o Brasil real.

Voltei à esquina da Augusta e as rodas de conversa continuavam lá. Perguntei a um grupo se haveria concentração amanhã e eles confirmaram a Praça do Ciclista às 17h. Disse que era importante não estar sozinho nessa hora e eles concordaram. Tem também uma reunião/conversa no Tapera-Taperá, na av. São Luís. Vou checar.

Conclamo a todos os esquerdistas, não fiquemos sozinhos nessa hora, busca conversar e abraçar. Eu vou.

## **29 de agosto – Ato contra o golpe reprimido**

Vi um pouco do discurso de Dilma no Senado. Achei bom no geral, pelo menos ela deu nome aos bois. Já as suas respostas foram mais digressivas e menos claras.

De noite decidi ir à Paulista checar a concentração Fora Temer! que ia sair da Praça do Ciclista. Achei que ia ter pouca gente e que eu ia rapidamente tomar meu rumo ao centro para o Tapera-Taperá, onde haveria uma conversa “Radiografia do Golpe”. Mas os acontecimentos conspiraram direções diferentes.

A longa noite na avenida me deu uma impressão de que algo mudou na política nacional. Eu já estive espetacularmente equivocado na interpretação do ânimo da rua, como quando julguei que o Fora Temer! ia bombar a partir do encontro das feministas com o MTST que testemunhei na mesma avenida. Mas hoje vi algumas novidades que me fizeram recolocar algumas potências da rua. Tipo esta pode ter sido a primeira manifestação realmente pós-Dilma ou pós-PT.

Resumidamente, intuo que pode ser que estejamos em uma fase nova da manifestação de rua, ou, colocada em termos caricaturais, eu acho que vi a black-blockização da luta. Acho que vi a retração dos partidos e a ascensão dos coletivos e grupos independentes na levada da resistência. Todas as barreiras institucionais que se erguerem contra a esquerda partidária (cassação de registro, cota mínima de parlamentares etc.) vão jogar instabilidade nas ruas. Agora o “FT!” pode ter se desvinculado definitivamente do “Volta Querida”.

Nem de longe esta manifestação foi massiva, mas no momento ninguém consegue ainda levar multidões às ruas. Me parece que pode ser que as condições do efeito 2013 estejam agora colocadas, fora do radar partidário. Ou então é apenas o sinal de uma retração e um estreitamento da resistência que vai ser esmagada nesse formato até a formação de algo novo.

Achei muito claro que os manifestantes não eram a militância organizada dos grandes movimentos, a composição de gente era bem diferente do FT! até agora. E tinha muito jovem, muita meninada mesmo. Eles e elas avançaram sobre a linha policial, a peitaram e a romperam, 5 mil pessoas gritando palavras de ordem e cantando, com batuques. Sintomaticamente, o pequeno carro de som que acompanhava a passeata, depois de pedir calma aos manifestantes, deu a volta e sumiu.

Acho que tivemos também ensaiado o fim da lua de mel da polícia com as manifestações. Suspeito, igualmente, que a PM estava a encenar um show para a TV.

Saí de casa umas 18h e tomei um ônibus com T na Paulista. Tinha me interado que a votação não seria nesta noite, então achei que não ia ter muita gente, consistente com o desânimo geral. No caminho, todas as padarias e botecos traziam os trâmites do Senado na TV, com Dilma falando.

O trânsito estava moroso e desci logo depois do MASP e fiz o resto do percurso a pé. Cheguei na Praça do Ciclista quando a passeata estava a sair. Fiquei surpreso com o número de pessoas, contei umas 5 mil. E não eram as caras que eu tinha acostumado a ver nas manifestações FT!. Vi muitos jovens. A vibração era diferente da militância do MTST, por exemplo. Fiquei aliviado e feliz de ver gente se manifestando, aliviando a solidão política do momento.

Tinha dois batuques, e anotei a presença do MST Taboão da Serra, UJS, Brigadas Populares, UNE, o coletivo RUA, e o Levante Popular da Juventude. Também CUT, a Central de Movimentos Populares e até mesmo algumas bandeiras do PT. Notei também que havia só um carro de som, meio pequeno, que não dominava a movimentação. E ele irradiava música, não discurso.

“Golpão asqueroso”, dizia uma placa. Algumas bandeiras da campanha de Dilma e um balão da Intersindical.

“Bate panela, pode bater, mas na ditadura, a Dilma lutou por você”, entoava a multidão. “Volta Dilma!”, e “no meu país eu boto fé, pois ele é governado por mulher!”. Ainda: “eu já falei, vou repetir, é o povo que tem que decidir!”.

A presença da PM a essa altura era discreta e havia uma linha de 15 policiais que acompanhavam a marcha. Uma via da avenida estava fechada pela manifestação, mas a outra corria livre para os carros. À frente, na altura da Casa Branca, uma barreira de PMs. Atrás desta, duas outras fileiras, estes com escudos e atiradores. Eu tinha percorrido a marcha de ponta a ponta e estava à frente agora, no espaço entre a PM e a multidão. Atrás dos soldados, uma senhora de amarelo e com uma bandeira do Brasil nas costas arengava contra o PT e a esquerda, cantando a musiquinha do “olê olê, estamos na rua pra acabar com o PT”. Sozinha.

A marcha chegou a 10 metros da PM e para, acumulando os corpos no asfalto. “Aqui está, o povo sem medo, sem medo de lutar!”. Depois de um pouco, a massa avançou

sobre a linha e ultrapassou a barreira de policiais. Fiquei muito admirado com a coragem da menina.

Nessa hora chovem bombas lançadas pelos atiradores atrás. A definição “não letal” só se aplica se as instruções do fabricante das bombas forem seguidas: dar uma distância de 20 metros, o que não foi o caso. Ademais, os tiros são dados à altura das cabeças.

A multidão se dispersa. Como não havia cercamento, as pessoas se refugiaram nas transversais e no vão do MASP. Era muita gente, deu um medão da correria. Muita raiva também.

Nessa hora tive certeza que o ânimo mudou geral: a multidão se reagrupou e voltou a concentrar em frente à linha policial na Casa Branca, agora de uns 500 policiais, que voltou a lançar bombas. Isso aconteceu umas três ou quatro vezes, ao longo de umas 2 horas, antes do choque varrer a avenida até a Consolação.

Agora, depois da primeira salva de explosivos e gás, refugiei-me na ladeira ao lado do MASP que leva em direção à FGV. De lá observei a grande nuvem de lacrimogênio subir. Ficou meio um impasse, pois a PM não avançou nem as pessoas foram embora. Um grupo grande de pessoas tentava conversar com a polícia. Muitos gritos e “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar”.

De repente chegou R, que trabalha com pesquisa. Ela estava transtornada, tinha perdido os amigos com quem tinha vindo. Tentei acalmá-la e ela acabou por encontrar um conhecido. O carro de som já tinha ido embora e alguns manifestantes incendiaram o lixo que trouxeram para a rua, ainda na esquina da Casa Branca.

Os transeuntes que saíam do trabalho ainda conseguiam passar, e eu tentava ler em seus rostos o que lhes passava pela cabeça nessa hora. Vi um ciclista de cachimbo na boca dando voltas à minha frente. Outra skatista passou também, de fones de ouvido, parece que alheia ao tumulto. Muitos consultavam seus aparatos eletrônicos e alguém disse que a Globo estava cobrindo os acontecimentos e que um novo contingente policial estava a caminho.

A passeata de novo reunida gritava muito: “FT”!, “Aqui está, o povo sem medo, sem medo de lutar”, “Chega de chacina, eu quero o fim da polícia assassina”. Eram umas



19h quando nova salva de bombas foi lançada sobre a multidão. Tinha contado até agora mais de 15 projéteis.

De novo a passeata lentamente se refez. Como um duelo. Nessa hora decidi passar para o outro lado da linha policial e checar o acampamento coxinha e a FIESP, que a PM protegia. Vi a senhora da bandeira ainda gritando alucinada, sozinha entre duas viaturas na retaguarda.

No acampamento, uns dez homens e uma mulher. Fiquei um pouco. Tinha bastante gente na rua, incluindo alguns manifestantes. Um grupo de umas 7 meninas foi discutir com os acampantes, e depois de um pouco saíram gritando contra eles, que respondiam “Viva Ustra!” e “eu vim de graça!”. Ao longo dos 40 minutos que estive lá, vi muito bate-boca. A certa altura, três homens vêm bater numa mulher no meio da rua. Forma-se um bololô. Pouco depois, outra mulher, negra, desafia os acampantes que desta vez saem e peso, inclusive uma mulher. Muito soco, rasteira e xingamento. Fui tentar regatar a mulher que apanhava muito, e tentei separar a briga quando uma moça coxinha agarrou a mulher negra. Tinha quatro homens em cima da gente (elas estavam caídas no chão) batendo de mão fechada, e algum canalha me jogou spray de pimenta no rosto. Logo depois chegam uns 3 policiais, que apartam a briga mas não se envolvem. Logo em seguida, uma fileira de 10 soldados da PM chegam e isolam o acampamento, protegendo os agressores. Alguém em algum lugar batia uma panela.

Os passantes e fotógrafos estavam indignados e muito bate-boca rolou por mais 30 minutos. “FT!” e “FG,NP!” de um lado, “Viva Ustra” e “Eu vim de graça!” de outro. Ainda tinha uma provocação coxinha que já ouvi antes – essa sim põe o dedo em uma ferida interessante: “você votou no Temer!”.

Acalmados os ânimos, andei um pouco até a linha de policiais que ainda estava na Casa Branca, lábios e nariz ainda ardendo. Eram 19:40h. Vi que o povo tinha de novo concentrado em frente ao MASP, defronte à PM, umas mil a duas mil pessoas. O lixão no asfalto ainda ardia vivo. Cheirão de gás lacrimogênio no ar. Como a passagem de transeuntes estava liberada, havia bastante gente detrás da linha de soldados. Assim, uma aglomeração de gente também gritava “FT!” do meu lado. Em outras palavras, a linha policial se deixara cercar. Essa foi uma hora de muita tensão, fotógrafos sendo enquadrados por grupos de policiais, os motoqueiros da ROCAM, de capacete e

cassetete, invadiram a lanchonete da esquina e uns 25 PMs prenderam um único moço, curiosamente com camisa da Seleção. As pessoas ao meu redor começaram a gritar “FT!”, e os PMs ficaram nervosos. Saí de perto, e fiz o mesmo sempre que alguém berrava alguma mensagem assim. Na dispersão, fora da multidão, é difícil saber o que está à sua retaguarda. Testemunhei, mais de uma vez, gente que foi abordada por trás e detida ao gritar qualquer coisa. Igualmente, qualquer grupo que entoa palavra de ordem podia ser alvo de bombas e balas de borracha vindo de lugar fora do alcance imediato de atenção.

Mais uma salva de bombas e a linha policial avançou, batendo seus escudos. Muito gás. Segui atrás da linha que agora marchava em frente ao MASP. Vi que haviam dois caveirões mais à frente ainda e apressei o passo para alcançá-los. No caminho, encontrei um jovem que estuda administração pública e que achava que o conflito principal hoje era geracional e não mais esquerda/direita. Curiosamente, ao som das bombas, ele defendeu muito o voto distrital como solução geral da crise brasileira. Já um outro jovem brigava com uma manifestante, criticando a “esquerda caviar” e se definindo como Black-Block. Não estava mascarado.

Nessa hora encontrei M, que não via há muito tempo e a quem já dei aulas de inglês. Voltava de uma banca no Rio de Janeiro e estava perplexa com a cena. Testemunhei em seguida um jovem negro detido por gritar “FT!”.

Em todas as esquinas tinha lixo queimando. Um caveirão tinha um jato de água com o qual tentava debelar o fogo. Junto aos veículos, uma linha de uns 15 soldados de escudo e atiradores. Curiosamente, ao redor desse conjunto, umas 50 pessoas caminhavam juntas: eram principalmente fotógrafos e aqueles que faziam registro em vídeo. Mas também muito manifestante gritando “FT!”, o que fazia da cena muito bizarra. Mantive minha distância e evitei grupos.

A rua Augusta tinha sido liberada para o trânsito, então houve certa confusão nessa esquina. Chegando na Consolação, o aparato policial dobrou à direita e desceu a avenida. A via que leva ao Centro estava fechada, mas a que subia não, lotada de carros. Eu presumia que deveria haver um grupo de manifestantes que descia avenida incendiando lixo em todas as esquinas. O lançamento de bombas era intenso, mas

depois duvidei que houvesse realmente alguma massa na frente. Achei nessa hora que o espetáculo da ordem era pirotécnico e se deixava registrar para efeito de noticiário.

O cheiro de gás era forte enquanto descíamos a avenida. Um carroceiro veio descendo e foi parado por um policial que apontou seu rifle de bombas na cara do sujeito. Na altura do Sujinho, notei que os muitos clientes, garçons e transeuntes filmavam a cena com seus celulares. De um prédio, alguém gritava “FT!” e “Filhos da puta!”.

Na altura do cemitério, o Caveirão recolhe a tropa e os transporta mais para baixo. Continuo a descer, mas não os vejo mais. Desci até a Maria Antônia e perguntei a um repórter onde tinham ido. Ele disse que havia gente ainda na Paulista e que alguns manifestantes tinham virado para dentro de Higienópolis.

Decidi retornar à Paulista e fui ao ponto de ônibus. Na fachada defronte, um enorme cartaz dizia “Bem-vindo ao futuro”. Subi a Consolação ouvindo estudantes do Mackenzie contando que o gás tinha chegado dentro da sala de aula. Desci na esquina das avenidas e encontrei P, que conhecia dos tempos dos coletivos de arte. Parei e conversamos. Demos um giro pela avenida e vimos o cenário pós-motim: muito lixo, polícia e gente parada pelas ruas. Cachos de jovens gritando “FT!”.

Um moço andava pelo asfalto com um palmtop na mão, narrando a cena dantesca que registrava em vídeo: “depois eles vem dizer que a Zona Leste é suja. Olha só o lixo!”.

Tomamos uma cerveja e fui para casa.

### **30 de agosto – Ato pró-democracia no MASP**

Li de manhã que o MTST fechou várias vias de São Paulo, incluindo a Marginal Pinheiros. A novela do impeachment continua nos noticiários.

Fui à Paulista checar a manifestação anti-golpe marcada para hoje. Eram 18:30 quando descii na estação Trianon-MASP. No acampamento coxinha tinha umas 10 pessoas agitando bandeiras e uns cartazes amarelos. Lá estava também a senhora de ontem, com sua bandeira grande nas costas.

É notável que a culminação do esforço dessa gente, o impeachment, produza tão pouco entusiasmo. Depois de mais de 150 dias na calçada, nem uma dúzia de pessoas vêm

celebrar o que seria sua vitória final. O contraste com as grandes mobilizações pró-golpe é gritante. Veremos quantas painéis batem hoje ao resultado da votação.

Foi duro e desgastante, mas acho que houve sucesso na guerra narrativa de oposição ao golpe. O que seria um tapetão rapidão redundou em uma novela mexicana que acabou esgarçando alguns fatos, para o bem e para o mal. Primeiro, a noção de golpe pegou, a despeito do PIG e dos cétricos. A ida de Dilma ao Senado ficou muito bem na esquerda, e, apesar disso não ter feito dela uma oradora eletrizante, finalmente a esquerda institucional aparece resistindo e lutando.

Caminhei até o Museu e notei certa presença policial, ostensiva mas não agressiva. Duas fileiras vigiavam a multidão em cada lado da área livre embaixo do edifício. No vão, muitos jovens, uma composição parecida com a manifestação de ontem. Havia um definitivo ar de Junho de 2013 no ar: rodas de conversa no chão, feitura de cartazes e faixas, secundaristas passando de skate na mão. Nada de carro de som. Um grupo preparava um faixão de papel marrom: “It’s [a] Coup”. Se entendi a movimentação, estes eram jovens que atuam em diversos movimentos, mas que estavam a organizar essa mobilização por si. Assim, até havia bandeiras e camiseta da UNE, MST, bonés da CUT e bandeiras do PT, mas nenhuma liderança dessas organizações.

“Está cheio de petista”, disse um anarquista. “É tudo PCdoB”, disse um petista. Talvez essas respostas fossem sintomáticas do que estava a ocorrer.

Acho que tinha também um contingente importante de anarquistas e autonomistas. Parece que a configuração atual da política liberou uma energia que estava contida nesses campos: os grupos libertários sabem que é um golpe e estão indignados, mas não dava para salvar Dilma.

Parece que por um lado organizações como o PCdoB estão a ser transformadas pela base, a partir de práticas horizontais aprendidas nas mobilizações secundaristas e de Junho de 2013. Isso só pode ser bom, se prenunciar um período de radicalização da democracia em organizações políticas mais institucionais. Visto do lado autonomista, porém, pode ser interpretado como a vampirização da energia democrática basista pelas hierarquias institucionalizantes, que vão se transformar apenas o suficiente para sobreviver como instituição. Está em aberto e em disputa.

Muito FT! na interação da multidão com a rua, com os ônibus que passavam na frente: “vem, vem pra rua vem, contra os golpistas!”. Calculei umas 2 mil pessoas. De repente, os jovens tomaram uma via da avenida e param o trânsito. As colunas policiais se reposicionaram.

“Ô ô, o Temer é traidor!”; “Nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!”; “O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”.

Um grande jogral se inicia, todo mundo gritando “abaixa o cunha”, para que todos se sentassem. A decisão final foi esperar encher um pouco mais e descer a rua Augusta para alcançar a Praça Roosevelt. Houve uma defesa do confronto com a polícia, afirmando que “não adianta nada ficar gritando”. Certa confusão seguiu, e a proposta final dessa posição foi “marcar novo ato e só aqueles dispostos a tomar bomba e borracha devem vir”. Prevaleceu a primeira posição: ir até a Praça Roosevelt pela Augusta. Um trio de policiais gravava a votação com um palmtop.

A PM bloqueava pesadamente o acesso à FIESP, proibindo que a passeata tomasse essa direção. Fui checar a avenida mais adiante na direção da Augusta para ver se havia força policial já posicionada. Não vi nada muito assustador. Vi de longe as negociações com o comandante da operação. Vi nessa hora também o Grupo de Apoio ao Protesto Popular, que prestam primeiros socorros na rua. Encontrei M e conversamos sobre a alma.

Ao estilo do protesto jovem, muitas vezes se cantou muito forte: “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”. Os secundaristas em particular sabem que a PM está em guerra com eles.

Curiosamente, na frente da linha policial, de costas para os soldados, um moço de camisa passada arengava a meninada, defendendo a PM ardentemente. Muitos manifestantes tentavam discutir, mas a situação era muito estranha: 15 soldados de escudo e capacete guardando um pregador civil da ordem militar.

A passeata saiu, creio que já umas 3-4 mil pessoas. Muito FT!, “Fascistas, golpistas, não passarão!”, além do NA,TQA,EQOFDPM! Havia bastante gente ainda na Paulista, e não vi reações de ódio explícitas como já foi o caso. Em resposta à palavra de ordem

“Não estudou, tem que estudar, se não eu viro polícia militar”, alguém puxou: “Sem elitismo!”.

Encontrei G do movimentos dos ciclistas e conversamos sobre essa nova onda de mobilização. “A coisa só dá certo quando a meninada protagoniza”, disse. Mas alertou que a insurgência não é cumulativa e que a esquerda precisa achar caminhos de organização. No geral estávamos animados com a energia à nossa volta. Vi nessa hora uma camisa do Juventus. A aparição desse distintivo nas manifestações tem-me intrigado muito.

Uma repórter da Globo foi hostilizada na calçada, e a multidão cantava AVÉD,ARGAAD! Ao “vem, vem pra rua vem, contra os golpistas”, algumas pessoas das janelas respondiam com acenos e papel picado.

Augusta, sempre Augusta! Adoro descer essa rua em passeata: o eco é delicioso e tem uma variedade de estabelecimentos que respondem de maneiras contrastantes à manifestação. Alguns clientes de restaurantes petrificam, outros comemoram. As numerosas academias sempre guardam silêncio hostil, mas as casas de tatuagem são usualmente receptivas. Os prostíbulos, ainda abrindo, são algo indiferentes, no geral. Há pelos menos duas grandes faculdades na rua, e o encontro é sempre curioso: “ei, burguês, a culpa é de vocês!”; “Não vai ter arrego, ou sai o Temer ou não vai ter sossego!”. Nessa hora tive certeza que estar na rua contra o golpe é uma atividade anti-hegemônica fundamental. A narrativa do golpe não é tão forte assim. É importante ser visto resistindo em público.

Muita gente comemorava nas janelas. Cartazes improvisados, punhos cerrados. Na janela de onde um dia foi lançada uma rosa branca que agarrei em pleno ar, uma figura de vestido colorido de chifon trazia um turbante com luz piscante. A manifestação aplaudia.

Um trio de PMs acompanhava e filmava a manifestação, irreconhecíveis de capacete de motociclista. Vi cartazes como “Afasta de mim este cálice” e “Podres Poderes”, duas referências à MPB. Outra mensagem era “Lute como Dilma”, e, ainda, “Grelo Duro”. Pirei nesta cartaz que dizia “Cabanagem Paulista, Fora Temer!”. O que será isso?



A multidão gritando “ei, Temer, vai tomar polícia, pois no cu, eu garanto, é uma delícia”; “Eu beijo homem, beijo mulher, eu beijo quem eu quiser”. É sempre notável que esses jovens parecem ter superado a dicotomia desbunde/política que assombrou minha geração. Eles fazem os dois.

Nessa hora encontrei a querida A, acompanhada de sua mãe, e o combativo pessoal do Arrua. Pouco depois, cola um moço que acha engraçado eu estar a escrever num caderninho. Explico que compilo um diário e ele se interessa. Pediu para que eu ficasse junto a ele um pouco, pois estava de camisa amarela da seleção e tinha gente estranhando. Ele disse que sempre foi contra o PT mas que não aceitava o tapetão do impeachment. Partiu no fluxo pouco depois.

Um drone acompanhou a passeata por um longo tempo. Helicópteros também.

Passei para a frente da manifestação e vi um faixão da APEOESP. Também notei a presença da Democracia Corintiana, que me parece é um grupo dentro da Gaviões. Muita gente gritava “Vai, Corinthians!” para eles. Ainda “Ei, você, soldado, também é explorado”. Notei um bandeirão LGBT e outra negra.

Na esquina da Augusta com a Caio Prado teve outro jogral, e foi votado que seguiríamos até a Folha de São Paulo. Prosseguimos até a Praça Roosevelt, que tem um quartel da polícia também. Vi uns meninos e meninas subindo lenços e mascarando o rosto. Nessa hora fiquei receoso, pois ganhei a sensação de que não estava sabendo de algo que foi decidido fora da assembléia e que vai valer para todo mundo, isto é, confronto com a polícia que não foi discutido coletivamente.

Meio tenso assisti a chegada da multidão em frente ao quartel, ainda na Augusta. A Tropa do Braço está por trás, contidos pelo faixão “It’s [a] Coup”, e mais uns 100 PMs bloqueiam o avanço da passeata em frente ao quartel. Fiquei ansioso com a possibilidade de confronto. Seria um massacre. O impasse durou uns 30 minutos.

Nessa hora encontrei N, que não via desde aquela grande manifestação anti-fascista da Praça da Sé. Conversamos bastante sobre a situação política e sobre estas novas mobilizações. Ele achou muito significativa a mobilização do MTST, que fechou várias vias de São Paulo. Mas vê a esquerda ainda fragmentada.

No fim, a passeata seguiu através da Praça Roosevelt em direção à Consolação. Encontro JT que vinha de um debate na História da USP. Ele estava à mesa, falou, mas preferiu sair antes do final para vir à manifestação. No geral está muito animado com essas novas mobilizações e de alguma forma vê o espírito de Junho capilarizando nas movimentações. Cortamos a praça e a multidão fechou a Consolação. Eram 21h e seguimos pela Rego Freitas. A PM estava agora muito mais perto, e tentava envelopar a massa.

Avançávamos bem, e de algumas janelas se comemorava, mas de outras se hostilizava. Uma velhinha enlouqueceu no balcão de seu apartamento e batia panela. A resposta foi “bate panela, pode bater, na ditadura a Dilma lutou por você”. Ao passar pela sede do PCdoB, papel picado caiu dos andares. “É claro que esse percurso já estava combinado, né?”, disse irônico um anarquista, despeitado. Notei uns 15 tiozinhos numa esquina, olhando ou filmando com seus celulares, de bermuda e meia. A multidão: “ei, golpista, presta atenção, estamos reunidos pra fazer revolução!”. Alguns travestis que trabalhavam na rua reagiram bem, outras ficaram indiferentes.

Já quase no Largo do Arouche, algum morador lançou um rojão na manifestação. Relataram depois que também uma garrafa foi lançada nos manifestantes, desta vez a partir do prédio do Polícia Civil. Tinha certa tensão no ar, fechados no quarteirão por um cordão na frente, no Largo, e o Choque por trás. Temi muito o infame “caldeirão de Hamburgo”. Vazei pelo posto de gasolina e vi que a zona de contato da passeata com a fileira policial explodiu. De cassetete em punho, os PMs começaram a bater. As pessoas recuaram e eles vinham em grupo buscar pessoas para deter ou bater.

A multidão dispersou e se separou em vários grupos, o corre-corre generalizado. Cruzei o Largo e observei de lá. Os 150 PMs estavam agrupados e armados de escudo e cassetetes, mas não havia atiradores ainda. Em grupos, ao estilo da “tortuga” romana, eles avançavam em formações compactas protegidas por escudos sobrepostos, buscando manifestantes para bater. Chega o Choque com atiradores e as bombas começam a cortar o ar. Lixo incendiado em vários pontos, e muita gritaria. Atrás de mim, a atividade física continuava impávida na academia, e um maluco de camisa laranja fazia polichinelos na calçada. Uma irada moça de vestido apertado gritava, preocupada: “não estraga meu carro não, ainda estou pagando!”. Vi uma outra moça manifestante sendo atendida pelo Grupo de Apoio ao Protesto Popular.

Avancei com o Choque, uns 20 homens que cortaram o Largo pelo lado da floricultura. O cheiro ardido do gás estava muito forte, e eu ouvia muitas vozes distantes, sem corpo: “fascistas! Filhos da puta! Fora Temer!”. Entendi que as vozes soltas no ar vinham dos prédios à volta do Arouche.

O organismo ambulante do Choque avançava, atirando, em direção à São João, que foi cruzada para alcançar a rua General Osório. Ao seu redor, a mesma nuvem de jornalistas e curiosos. Subi a rua ao lado de uns fotógrafos e, na esquina da Barão de Limeira, duas meninas disseram: “vai lá filmar, estão espancando gente lá”. Dobramos na Barão à esquerda e vimos uns 10 PMs motociclistas com gente deitada na calçada. Eles imediatamente nos impediram de nos aproximar. Ficamos um pouco por lá e logo depois foi possível passar pela frente e dar uma olhadela rápida: 15 jovens prostrados no chão, mãos na cabeça.

Alcansei a Folha e reencontrei JT e outros que também conseguiram chegar. Tinha polícia. Ficamos um pouco e conversamos sobre o ocorrido. Passou nessa hora um vendedor de pizza, um ciclista: “pizza a dez reais, pizza!”. É a segunda vez que vejo esse tipo de vendedor na rua. Uma moradora gritava surtada de seu balcão: “vagabundos, comunas!”.

Decidimos buscar uma amiga em outro local. Depois, fomos procurar algo de beber. Acabamos por passar de novo em frente à Folha e havia agora umas 50 pessoas, manifestantes que lograram chegar ao jornal. Havia uma linha de 15 policiais do Choque, pesadamente armados e mascarados, protegendo o portão. O Caveirão estava estacionado ao lado. Ficamos lá uns 40 minutos. Mais gente foi chegando, e, no final, umas 150 pessoas se manifestaram contra a Folha: “a verdade é dura, a Folha apoiou a ditadura!”. Chegou notícia, pelas redes captadas por celular, de confrontos com manifestantes pró-impeachment, em algum ponto de São Paulo. A certa altura, os jovens decidiram escrever a palavra GOLPE com seus corpos deitados no chão. O segurança da Folha veio alertar que o comandante da coluna tinha dito a ele que tirasse os funcionários da rua pois poderia haver confusão.

Mas nada aconteceu, e o grupo decidiu encerrar o ato com um jogral. Eram umas 22:30h e saímos. Tomei ainda uma cachaça com JT e conversamos.

Saí em direção ao metrô Marechal Deodoro, entrei e desci à plataforma da estação. Busquei calcular qual a altura mais vantajosa de embarcar no trem, pensando na baldeação na Sé.

Aí vi um grupo de quatro rapazes, um deles com uma bandeira da Dilma. Compreendi que eles tinham estado na manifestação. Já eram 23:30 e achei lindo encontrar companheiros a essa altura dos acontecimentos.

Fui até eles e gritei Fora Temer! Eles reagiram com alegria e, nessa hora, reconheci um conhecido dos tempos dos coletivos de arte dos anos 2000. Abracei o moço emocionado, cujo nome só me lembrei mais tarde - G. Ele se lembrava de mim e trocamos votos de luta e de futuro. Na despedida, disse a eles o que gosto de dizer às vezes, “hasta siempre!”, que é bonito em espanhol e imediatamente entendido no português. Ficamos felizes eu e ele, os seus amigos talvez um pouco embaraçados pela efusão inesperada.

Tomei um vagão diferente do deles, e, sentado no assento azul dos idosos, chorei muito pela primeira vez neste ano difícil. Ele nem era um companheiro muito próximo, mas fiz desse encontro inesperado o ponto culminante do luto pela passagem e morte do PT. Consegui finalmente chorar pela derrocada um tanto ignominiosa do sonho da juventude que queria mudar o Brasil. Paciência que tenha sido assim, hoje temos novas lutas e novos encontros. O crucial é não ter raiva de jovem. É preciso abraçá-los e aprender com eles. Eu não tenho nem vou ter filhos, e acho mais fácil assim aceitar suas diferenças.

*Hasta siempre.*

Desci na linha azul e fui para casa.

### **31 de agosto – Coxinhas e Petralhas na Paulista**

De manhã acompanhei algumas falas de senadores, mas bobeei e perdi a curta votação. De repente, alguém na janela gritou muito Fora Temer!, alguns rojões – mas nenhuma panela batendo. Isso na Aclimação...

Ouvi uns helicópteros no ar e não aguentei ficar em casa: fui checar se havia alguma coisa na rua.

No percurso a pé até o Paraíso, a mais absoluta normalidade. Mas temia que a Paulista fosse palco de algum espetáculo deprimente, tipo a PM fechar e reservar a avenida toda para os coxinhas, como já fez antes. Eram quase 15h e apenas umas 30 pessoas no acampamento da FIESP. Comemoravam muito, e até tinha bastante motorista que buzina. Mas era uma movimentação bem pífia. Poucos PMs: uns cinco policiais ciclistas guardavam essa manifestação.

Retornei às 18h para a manifestação anti-golpe marcada para o MASP. Vi do ônibus, à altura da Brigadeiro, mais policiais e a CET. Deu um medinho. O acampamento crescera para umas 100-200 pessoas, e agora tinha um carro de som. Desci na frente e observei. Voltaram os intervencionistas - um homem segurava um cartaz “intervenção militar já” na frente dos carros parados. A música da festa era aquela cançoneta de que não gosto, acompanhada na trilha sonora de tambores e cantada por um coro masculino, muito fascista:

*Chora petista, bolivariano, a roubalheira do PT tá acabando.*

*Tua conduta é imoral, fere os princípios da CF nacional.*

*Olê Olê, Olê Olê tamo na rua pra derrubar o PT!*

Além disso, uma versão da “Banda” de Chico: “O Bando”. Chegaram dois pixulecos e começaram a enchê-los. De resto, só a reiteração triste do obtuso. Saí fora.

Cheguei no MASP e vi já bastante gente. Nessa noite, mais no final, chegou a 5 ou 6 mil pessoas. Houve certa confusão na convocação do ato, pois a Praça do Ciclista também tinha sido mencionada. No fim todos convergiram para lá. Convocando, tinha esse Luta pela Democracia, que acho são as meninas e meninos de ontem, mais a Democracia Corintiana e também a Frente Anarquista Anti-fascista. O povo tinha acabado de tomar a avenida e reinava certo caos. Encontrei T e dei uma olhada em volta. O PSOL e o Juntos estavam lá, além do coletivo da juventude anticapitalista RUA, UNE, UMES, Levante Popular da Juventude, umas bandeiras Roxas do PT, a Marcha Mundial das Mulheres, alguns autonomistas e anarquistas. Como ontem, predominavam os jovens, mas achei que havia a adesão de gente um pouco mais velha.

Muito FT!, e muita animação nas palavras de ordem: “Temer, vai tomar no Cunha!”, “NA,TQA,EQOFDPM!”, ‘Não tem arrego!’. Vi um guarda-chuva preto pintado com letras prateadas, muita bandeira e cartaz.

Não houve jogral e não se sabia bem o que ia acontecer. Ia enchendo e aguardávamos. Encontramos E e R, dos tempos do CMI e da tecnopolítica. Conversamos sobre o momento político e reconhecemos o potencial da movimentação. R falou um pouco do florescimento e das limitações da organização em rede, e detectou uma transição geracional na política atual. Lamentou também o recente fechamento da Casa Mafalda, um centro cultural anarquista, que existiu por vários anos em São Paulo. Avaliamos que esse momento FT! é de rua, os partidos irão a reboque, e R comentou a potência que uma chamada como FT! adquiriu.

Eram 19h e fui checar o lado coxinha. Muita polícia separando os dois campos, resultando que havia quase mais PMs do que manifestantes em frente a FIESP. Os pixulecos tinham subido, um da Dilma e outro, curiosamente, do Renan Calheiros. Avalio que a extrema direita esteja agora a se perguntar quais são as suas novas pautas. A levada anti-petista perdeu seu objeto imediato, e a da corrupção ficou muito mais complexa. Além disso, a frente anti-Dilma se desfez, e é evidente que a desmobilização dos coxinhas é a ordem geral do governo Temer. Não acho que ele arrisca colocar gente na rua que potencialmente questionaria seu governo corrupto.

Assim, a mensagem do bonecão inflável era ambígua: “Partido Canalheiros, meu partido sou eu”, e abaixo os logos de uns 30 partidos, todos os de esquerda mais outros. Achei que eles estão em dificuldade de formular algo além do ódio. Saí fora ainda ao som da mesma cançoneta fascista.

A multidão anti-golpe saiu em passeata às 19h, parece que puxada pelo Rua. T disse que viu o Boulos. O som na Paulista, sem carro de som ou liderança, era de um oceano rugindo.

Encontramos E na calçada, e paramos para conversar. Ela é veterana das lutas antiglobalização dos anos 2000, valente anarquista e potente organizadora. Foi muito legal estar num ambiente público onde esse campo se sintia à vontade para vir somar.

“Temer seu otário, seu governo continua temporário!”, “Ditadura nunca mais!”. A PM tinha presença discreta, umas colunas seguindo a passeata sem pressionar muito.

Às 19:45 parei na esquina da Consolação e deixei o povo passar por mim. Vi o Nabil Bonduki, muitos e muitos jovens. Cartazes: “Fuera, ya sabes quien!”, “Fuera Temer,



fuera Macri”. Uma camiseta: “Ser mulher sem Temer”. Vi uma bandeira do Coletivo LGBT Comunista. Vi um moço de batom vermelho vivo passar perto, um batuque, e também aquele moço de chapéu e look do Tom Jobim que eu vira na Luz com o MPL. Outro menino negro levava um belo turbante na cabeça. Algumas bandeiras coloridas do arco-íris LGBT.

Já um sem-teto, da rua, andava no contrafluxo, de braços cruzados sob a camiseta rota, inescrutável.

Fiquei parado uns 25 minutos, e o grande fluxo de gente muito jovem em situação de expressão política foi comovente. Eles são muito bonitos. Tem uma potência da multidão que é perder o horizonte e vislumbrar um encontro de pessoas sem fim, sem limites.

Respirei fundo antes de descer a Consolação: ela é longa e escura. Dobrei à direita e caminhei. Ainda tinha gente passando pela avenida, pedestres e carros: quase todos de celular em punho, filmando. Notei um cartaz rasgado e velho no ponto de ônibus: “Lula na prisão, traidor da classe operária”. Algumas janelas celebravam, e uma hostilizou. A multidão: “bate panela, pode bater, na ditadura a Dilma lutou por você”.

Tenho achado que há um carinho por Dilma que não tinha visto antes. Acho que, com o tempo, a figura de Dilma vai se descolar de seus erros no governo e vai permanecer como um ícone. Em outras palavras, é um enorme alívio não ter que defender suas políticas e estar na oposição criativa.

Mas a chamada mais ouvida é aquela contra a polícia. É muito frequente.

Descemos mais e tentei chegar na frente do ato. Já tinha lixo queimando na Consolação, bem em frente ao Corpo de Bombeiros, onde uma coluna do Choque montava guarda. Achei que ia ter ação policial. Dava para ver a passeata se alongar desde o cemitério até a rua Antônia de Queiroz. Quando alcancei quase a Maria Antônia, as bombas começaram. Muito corre-corre, e certa indefinição. Alguns diziam para avançar, outros buscavam se esconder. A passeata congelou. Bombas lançadas mais atrás, creio que a partir dos Bombeiros, fez a massa quebrar em muitos pedaços. A moçada ficou muito irada, cantando muito “NA,TQA,EQOFPDPM”. Essas meninas e meninos enfrentavam a polícia e voltavam sempre a se reagrupar. Eram 20:20.

Senti-me cercado e tratei de vazar por uma transversal, a Marquês de Paranaguá, especialmente quando vi as motocicletas da ROCAM. Acho-os muito do mal e já os vi barbarizarem grupos indefesos de manifestantes. Alcancei a Augusta e descí para entrar na Caio Prado e checar o grande cruzamento da Maria Antônia.

Fui contando as detonações que ouvia ao andar, e anotei um total de 25 até então. Muitos cachos de jovens descendo comigo, e pela primeira vez este ano ouvi uma chamada só tinha ouvido no MPL: “amanhã vai ser maior”. Tento me afastar desses grupos soltos, eles são alvos meio preferenciais de bombas e cassetetes. É meio covarde mas também safo.

No cruzamento, reinava o caos. Muita gente correndo entre os carros esperando o sinal, enormes nuvens de gás e barulhão das bombas. Deu para notar que o contingente policial principal já estava descendo para a igreja da Consolação, então atravessei a avenida para acompanhar. Chegaram as motos e todas as tropas se agruparam em frente a igreja e esperaram. Uns 500 soldados. Muita sirene e também o insistente alarme de uma agência do Bradesco, toda quebrada. Achei prudente não ficar parado de bobeira e buscar uma paralela e ir checar o centro. Muito lixo queimando na rua, aquele clima pós-apocalipse.

Descendo a Ipiranga, vi uma enorme fogueira em frente ao Edifício Itália, e o Bradesco lá perto também quebrado. Contornei a República e ouvi muitos gritos FT! ecoando pela cidade. Mas na real não vi mais ação policial, ainda que ouvisse as bombas. Não atinei de conferir o prédio da Folha. Parece que um grupo foi lá protestar. Vi a foto do portão fechado pichado.

A repressão foi violenta, mas noto uma diferença muito importante com a operação de esmagamento do MPL. O Passe Livre foi muito sitiado, e a polícia esvaziava a cidade ao redor da manifestação, completamente envelopando a passeata. Vi e relatei isso da PM atirar de fora para dentro de um perímetro de contenção, como um campo de tiro ao alvo.

Mas agora a repressão parece querer espalhar os manifestantes. Por um lado, é uma tática clássica: quebrar a massa e então buscar grupos menores sobre os quais têm superioridade de fogo. Mas de alguma forma parece que a dispersão acaba causando um descontrole gerencial da violência, espalhando pessoas por uma área muito

grande, não isolada, cheia de transeuntes e carros. Onde a repressão ao MPL foi muito planejada e de castigo exemplar, de contenção, agora parece que apenas espalha o caos.

Pode ser que o objetivo seja bem esse, de criar focos de depredação e fogo para justificar o discurso da ordem. Uma velha tática. Ou então o ministro do mal Moraes era o gênio da repressão e agora não mais está em São Paulo.

Ou ainda, mais realisticamente, estamos em pleno poker da contenção social. Eles vão ter que reprimir para fazer passar as reformas impopulares e injustas, mas, depois de 2013, existe o problema do errar a mão e causar um levante geral, uma Primavera Vermelha e Negra. Especialmente no atual ambiente de ilegitimidade.

A esquerda vai ter que falar sobre a tática Black-block.

Amanhã tem ato de novo no MASP, e domingo tem um grandão, também na Paulista.

Tomei o metrô na República e fui para casa.





Quando a presidente alcançou a avenida, ela foi atirada por bombas.

Quando os editoriais da Folha e do Estadão. Eles pedem a polícia reprimir com energia as manifestações Fora Temer. Veria o acampamento do livro "Escolas de Luta", ANTES DO ATO.

TEMER - ANS - TEMEROSI:

na "Temer" Volta

para a Imprensa passar

NO PT, ESTA UNIDAS ABERTAS ME.

para a Imprensa passar.

NHEI UM PROGRAMA DE ES... GRAN "CAZIN. BLOG DIARIO".

PERCUTE A PRISÃO DE PALOCCI. M

p. Estor: surpreso

que o acampamento coxinha

S ASSEMBLEIAS N' APEOESP, UM SINDICATO NOTO

RGINDO UMA NOVA MOVIMENTAÇÃO ENTRE OS PRO

SALA... ALIZA A ASSEMBLEIA OFICIAL.



FORA TEMER

GOLPE

DAMNEMER

PRE

SÃO

OS

A

T



## **1º de setembro – O Golpe Tabajara se normaliza e repressão a ato**

Hoje repercutem os incríveis tweets de Joaquim Barbosa, condenando o “impeachment tabajara”. Ele escreveu, em português e inglês, contra o processo que derrubou Dilma. Nos últimos dias, a Bolívia e Venezuela chamaram de volta seus embaixadores em protesto contra o golpe. Repercute ainda na imprensa alternativa a renúncia de Ela Wiecko da vice-procuradoria da República. Analistas agora tentam entender as lutas intestinas da aliança que derrubou Dilma e que fechou a Nova República, apontando essa renúncia como um indício de crise dentro dessa instituição.

Li o Estadão todo na casa de minha mãe e o clima é de página virada. Por um lado, há muita indignação pela preservação dos direitos políticos de Dilma. Parece que aumenta muito a sensação de que se preserva uma velha ordem corrupta e escorregadia, sensível à negociação de privilégios. Bom, agora o filho é deles. Resolvam aí a sua base corrupta. Mas há um investimento pesado na construção discursiva de um otimismo tipo “agora vai”. A linguagem que se usa para isso, porém, tem que lançar mão de termos como “promessa”, “perspectiva”, “indicadores”, “confiança dos empresários”. A FIESP publicou um anúncio de página inteira e se declarou partícipe do processo de derrubada. Cobra agora as “reformas necessárias”. Lula envia cartas aos presidentes e líderes mundiais denunciando o golpe. Temer está em viagem na China.

Dá para sentir na rua a fragilidade do governo Temer, encapsulado pela multidão: “Temer seu otário, seu governo continua temporário!”. Mas esta é apenas uma curva entre outras. Grande parte dos analistas de todas as listras apostam que só a recuperação econômica expressiva pode salvar o presidente. E tem o problema da data de validade: se ele cair depois de janeiro (pela mão do TSE que pode cassar a chapa Dilma/Temer), teremos eleições indiretas pelo Congresso. Se ele cai ainda este ano, há eleições diretas, algo arriscado para o golpe.

Decorre que a repressão ao movimento social e a tudo o que revele a natureza ilegítima de seu governo é uma cartada inevitável para Temer. A proibição da manifestação anti-golpe de domingo e a escolta da tocha paraolímpica pelo exército já indicam esta tendência. O GGN afirma que jornalistas estão sendo implicados nas delações da Lava Jato.



Tomei um ônibus para a Paulista na Teodoro Sampaio e fui até o MASP. Ainda era cedo, e andei a partir do Conjunto Nacional. Deu para ver uma presença policial muito numerosa. Tinha pouca gente lá, às 18:15, e decidi checar a FIESP. Estou surpreso que o acampamento coxinha ainda esteja lá. Seu projeto explícito era ficar até Dilma cair. Mas vão ficando, e agora acredito que eles não são um leve embaraço à FIESP, mas uma excelente barreira de proteção: se eles forem considerados uma manifestação política e tiverem submetido algum tipo de ofício à PM, fictícia ou verdadeira, nenhuma outra manifestação poderá se dar por lá. É sempre notável como a PM protege esse espaço, eles temem muito que a multidão se desloque para a frente da Federação e fique por lá. Hoje, eram apenas cinco pessoas no acampamento.

Voltei ao MASP e, contra meu receio inicial, foi enchendo aos poucos. No fim, quando saímos, chegou a 4 ou 5 mil pessoas. Não há refluxo ainda, mesmo que o dia de ontem tenha sido mais especial e mais numeroso. Achei que a composição da passeata mudou um pouco em relação à manifestação do dia anterior. Um tantinho mais velha, e talvez aquele ar de 2013 um pouco menos intenso. Um amigo avaliou que “60% é estudante da USP”.

Esqueci de dizer que ontem tinha um rapaz com um chapéu turco, chamado *fez*, aquele cone truncado com uma cordinha pendurada... Hoje tinha um outro maluco com um pano vermelho com o crescente e estrela turcos, mais a inscrição: “luta Brasil”.

Anotei as presenças da UNE, UBES e UMES, coletivo RUA, alguns anarquistas e depois autonomistas também. O Coletivo Democracia Corintiana marcou presença, com sua bela bandeira. PSOL estava presente com sua cor amarela. Um moço vestia a camiseta do MST. Vi também duas bandeiras LGBT, além de secundaristas e feministas, sempre presentes. Não havia MTST, CUT ou MST oficial.

Uma vendedora clamava: “olha a água, olhaí! Depois vem bomba, pega agora olhaí!”

Encontrei amigo anarquista N, que disse que a manifestação grande marcada para domingo foi proibida pela Secretaria de Segurança Pública por causa da passagem da tocha paraolímpica pela avenida. O ato tinha sido marcado para a frente da FIESP. Não sabemos ainda o que vai acontecer. O exército vai escoltar a tocha, um precedente perigosíssimo que faz das FFAA as guardiãs da segurança pública interna. Aos que acham ainda que não é um golpe clássico, um momento de reflexão.

Tentei anotar as palavras de ordem novas, mas não são muitas. A reiteração do FT! é de longe a campeã. Temos sempre a chamada das mulheres “Nem recatada, nem ÉDL,AMENRPL!”, e mais “AVÉD,ERGAAD!”, “GF,NP!”, “ai, aiaiai, aiaiaiaiaiaiai, SEOTC!”, “V,VPRV,COG!”.

A chamada contra a militarização da polícia, “NA,TQA,EQOFDPM!”, é também muito entoada, inclusive na cara da polícia. Tento imaginar como isso é recebido pelos PMs. Por um lado dever ter uma reação corporativa de insulto, certamente encorajada pela hierarquia. Mas tem também uma expressiva porcentagem dos soldados de baixa patente, segundo pesquisa que vi um dia, que são favoráveis à desmilitarização e que se sentem agredidos no quartel.

As novas chamadas desta estação pós-Dilma: o já citado “TSO,SGÉT!”, “Luta! Luta!”, “Temer, fascista, não governará!”, “Você, fardado, também é explorado!”, “ocupar, resistir!”. Os mais notáveis: “Diretas Já!” e “Eu já falei, vou repetir, é o povo que tem que decidir!”. Foi muito maluco ouvir de novo o DJ! na rua, depois de tantos anos, ecoando pelas avenidas centrais da cidade, em pleno 2016. Tenho cinquenta anos.

Quando o insistente helicóptero da polícia sobrevoou a multidão e lançou seu holofote sobre ela, muitos gritos e apupos, acompanhados de dedos médios mostrados à aeronave.

Notei que o prédio da FIESP acendeu por uns segundos.

Chegaram E e M. Também acharam que não estava muito cheio ainda. Assistimos o jogral e a decisão final foi a de ir até a Praça do Ciclista e pensar novo trajeto lá. Caminhei com M e perguntei de sua experiência nos movimentos indígenas e sobre o estado atual do campo autonomista. Ele relatou que reconhece maior movimentação agora depois do fim do Volta Querida, mas que no geral há a necessidade de mais plataformas públicas de difusão e de discussão de temas relevantes aos autonomistas. Disse que algumas posições ainda se ressentem do abandono do movimento popular pelo PT, que se ausentou quando da repressão brutal ao Passe Livre e, também, como governo federal, quando lançou mão do exército para pacificar as ruas em 2013 e 2014. Mas no geral a pauta FT! tem potência de aglutinação, intuindo que o dilmismo vai diminuir e a defesa dos direitos vai crescer como pauta comum óbvia. Falamos um pouco do entendimento que as diferentes etnias do movimento indígena têm de si

mesmas dentro da sociedade e frente ao poder público. Falamos do Podemos e da relação rua-partido.

A marcha estava boa, muita energia, apesar da presença claramente intimidatória da polícia. Vi uma fila de 15 mulheres em frente a um painel publicitário da Dermacyd, que distribuía esse produto gratuitamente. Chegamos à Praça do Ciclista. Sentamos para fazer um jogral. Agora éramos umas 4 a 5 mil pessoas. Boatos de que a cavalaria estava à espera percorriam a multidão. Depois de uns 30 ou 40 minutos, foi decidido caminhar até a sede do PMDB. A multidão se levantou para ir, mas parecia não estar claro o endereço exato. Certa dispersão e impasse se instalaram, pois as vias de acesso estavam bloqueadas pela polícia, exceto o caminho pela Consolação.

Nessa hora passou um trio de homens que cortavam a multidão, um deles meio agressivo. Chamei pela paz e eles me abraçaram, um deles me beijando a testa várias vezes. Um deles disse que eram de uma mesma família e pediu dinheiro para uma pinga, e se foram em seguida.

Fui checar essa saída da Consolação e notei que o posicionamento dos soldados da PM, choque e cavalaria era o mesmo da repressão ao MPL nesse exato lugar: o infame “Caldeirão de Hamburgo”. Apesar de desbloqueado o acesso à avenida Consolação, as forças policiais estavam prontas a rapidamente fechar o quadrado que cercava a manifestação, formando o perímetro de contenção.

Fez-se um novo jogral, onde as palavras foram repetidas em ondas sucessivas pelas pessoas sentadas progressivamente distantes da comissão organizadora, como em eco: “Pessoal, pessoal, pessoal”, “nós, nós, nós”, “estamos, estamos, estamos”, “cercados, cercados, cercados”, “por todos, por todos, por todos”, “os lados, os lados, os lados”.

O impasse continuava.

A mesma vendedora ambulante de antes passeava entre os manifestantes com a mesma pregonária: “daqui a pouco vem a bomba, olha a água, olhai!”. Tudo parado.

Mas a linha de frente mais quente estava na Paulista, na altura da Haddock Lobo. Uma agitação nervosa na cara da linha de PMs fechando a Paulista. Me posicionei longe de lá, temendo ficar preso no caldeirão. Eu e talvez E estávamos mais receosos. Achei que

M, mais veterano do Passe Livre, estava acostumado à repressão física e não demonstrava medo.

De repente a multidão saiu correndo, afastando-se daquela linha de atrito. Não houve detonação de bomba, mas acabou que a manifestação de fato se deslocou para a Consolação. Temia muito que fosse uma armadilha, como já aconteceu antes. A cavalaria estava de fato lá. Desci com E e sua amiga pelo outro lado da rua com a passeata. Houve alguns momentos de tensão, mas no geral a descida aconteceu sem repressão, apesar da ostensiva presença policial: caveirão, atiradores e escudos, as motos da ROCAM zanzando como abelhas enlouquecidas. Muita energia, muito FT! ecoando pelos ares. Vi nessa hora um cartaz que dizia “Fora todos”. A lista dos nomes arrolados incluía o de Dilma. Um transeunte dizia que novas eleições eram necessárias, e “aquele entrou é pior do que aquela saiu”.

Eram 21:30 quando chegamos à rua Maria Antonia. Muita viatura e soldados na frente da Igreja da Consolação. Vi também numa parede uma colagem de uma série muito boa, que mostra o Pelé de costas com a camisa 10 do Santos, abraçando algum personagem, tipo o David Bowie ou a Mona Lisa. Desta vez, o Atleta do Século abraçava o boxeador Mohamed Ali.

Seguimos pela Consolação até o cruzamento da S. Luís e Major Quedinho. Avançamos pela frente da Biblioteca Mário de Andrade e a manifestação desceu a rua João Adolfo, que é aquela que se separa da Xavier de Toledo e ladeia a Ladeira da Memória, alcançando a Nove de Julho dobrando-se à direita. Por todo o percurso, a PM filmava os manifestantes.

Quando a passeata alcançou a avenida, ela foi atingida por bombas. Eram umas duas mil pessoas. O contingente policial que vinha por trás fechou a rua a partir da Ladeira. Atiraram. Nessa hora muita gente gritando contra a PM, e também atirando pedras a partir da Xavier. DEPOIS da ação da PM. Ela não reagiu a nada. Eu vi. Alguns seguiram pela avenida, outros subiram a rua Álvaro de Carvalho, onde fica o Al Janhia. A passeata se dispersou pelo centro.

Tentei contornar o bloqueio para ver melhor, e subi uma passarela da Praça da Bandeira. O gás estava insuportável, ardia carcomendo o rosto e olhos, e só deu para ver a rabeira da polícia subindo a avenida no encalço de manifestantes. Conteí mais

dez detonações. Retornei à Ladeira e subi a Álvaro de Carvalho, alcançando o restaurante dos palestinos, que generosamente acolhia os passantes. Pensei em ficar no Al Jannah, mas estava cheio de gente que tinha vindo se refugiar no restaurante. Esperei fora. Havia lixo queimando embaixo do viaduto 9 de Julho, a uns 10 metros de lá. Muita moto da ROCAM subindo e descendo as escadarias, bombas e gritos ecoando pela cidade. Nessa hora me reconheceu o artista LB, que é da ala dos integrados ao mercado. Falamos um pouquinho e ele entrou no bar. Li depois nos blogs que a PM atacou o restaurante com bombas de gás depois, como tinha feito ontem também.

Subi a rua até a Augusta, e, na mesma Álvaro de Carvalho vi um mural de parede, retratando o Vale do Anhangabaú, que fora adicionado da pichação “Fora golpistas”. Mas acima, “Diretas Já!”.

Nessa hora lamentei não ter celular. Não fico sabendo onde as pessoas foram se reagrupar, e fico perguntando para as pessoas, vagando a pé pela cidade enlouquecida.

Chama muito a atenção as muitas camadas de normalidade da cidade. Nuvens de gás envolvem grupos que gritam a poucos metros da mais serena mesa de bar. Ônibus cheios em suas carreiras cotidianas no meio do tiroteio. Na própria Augusta, esquina com a Avanhadava, um restaurante de esquina abrigava uma banda que tocava impávida: baixo acústico, guitarra elétrica e piano. Na rua, ruídos de bombas e sirenes, gritos, o helicóptero por cima de tudo. A luz amarela da iluminação pública. Além disso, tinha os gritos sem corpo, os Fora Temer! que insistiam em cortar o ar. Como as janelas do restaurante eram vedadas, eu não escutava a música, nem eles nos ouviam. Fiquei um de pé lá um instante, até minha presença chamar atenção do segurança nervoso ao walkie-talkie.

Seguindo até a República pela São Luís, vi uma concessionária de motos e uma agência do Banco do Brasil depredadas. Ainda tinha muita gente na rua, estudantes e trabalhadores indo para casa. Algum lixo queimando. Também cachos de manifestantes, jornalistas e fotógrafos. Encontrei o pessoal do Grupo de Apoio ao Protesto Popular no caminho. Falaram que havia gente na República e na Folha. Já cansado, não fui até o jornal. Mas vi na internet depois o vídeo de uma menina, em frente à Folha, que picha a fachada com spray as palavras “Temer golpista”. Em certo

momento do vídeo, sai do prédio um segurança que abre o portão onde ela escreve. Ele se assusta e sai fora. A moça completa a pichação. Valeu, amiga!

A caminho da praça, em frente ao antigo prédio do antigo Diário Popular, na confluência da Consolação com a São Luís e a Martins Fontes, havia um grupo de jovens meio avulsos, e muitos carros parados. Eram 23h e passou a ROCAM em suas máquinas, em busca de manifestantes para reprimir. Enquanto as 10 motos negociavam sua passagem por entre os automóveis parados ou em movimento, de repente, as meninas e meninos, bem na cara deles, muito perto, gritaram “fascistas! Fora Temer!”. Muitas vezes. Os policiais pararam, hesitaram e avaliaram que não conseguiriam reagir. Saíram acelerando as motocas. Há uma coragem muito importante nas ruas que é preciso reconhecer. Talvez não reste nada depois, mas agora tem gente sim enfrentando. Eu testemunho e respeito.

Caminhei até a República, nada vi, tomei o metrô e fui para casa.

## **2 de setembro – Votação da (não) cassação dos direitos políticos de Dilma**

Li muito assustado os editoriais da Folha e do Estadão. Eles pedem que a polícia reprima com energia as manifestações Fora Temer!. A Folha separa manifestante de baderneiro, a quem coletivamente chama de “fascistas”. Mas o Estadão não faz essa distinção e claramente culpa Dilma pela violência, criminalizando a oposição ao novo governo. Chega inclusive a desqualificar a PM e Alckmin como protetora da ordem, claramente legitimando uma ação do exército. Dois editoriais assim, em 2013, fizeram com que a polícia rodasse a baiana na repressão às manifestações, atacando inclusive a imprensa. Naquele ano, foi o dia da virada, a noite da gota d’água. A sociedade se indignou e saiu à rua depois de ver o horror.

Além disso, continua o jogo de pôquer acerca do domingo. O MTST declarou que vai sim fazer manifestação na Paulista e que não cabe à Secretaria “proibir” o evento. Achei muito importante não aceitar esse tipo de cerceamento é fundamental nessa hora, especialmente quando a cartada militar foi dada. Ser visto nesta hora na rua é de suma importância. Tem um vídeo do Boulos muito preciso nesse posicionamento.



Tomara que domingo bombe, mesmo que uma negociação tenha adiado o início do ato e que comece na frente do MASP. Ir para a frente da FIESP tem que estar nas cartas. Tomar o lugar com um acampamento permanente pode ser interessante.

Repercuta também as reações à não cassação dos direitos políticos de Dilma. A direita está irada e faço a seguinte avaliação: foi um gigantesco tiro no pé que fez um estrago enorme no golpe e precipita conflitos internos que seriam resolvidos ao longo dos meses.

Parece-me que o PSDB, DEM, MBL, ROL, VPR e outros perceberam que sua base ficou incandescida com o lance, que revela que o aliado PMDB e os parlamentares do golpe são bandidos e vendidos, legislando em causa própria e sem nenhuma vontade de combater a corrupção. E agora os partidos precisam ser vistos impetrando recursos e indignando-se frente às câmeras. Das quatro direitas estudadas por Thales Ab'Saber, três caíram no buraco: os oportunistas perversos (o PSDB e DEM), a Nova Direita (MBL e outros híperliberais) e a extrema direita (conectada e antibolivariana). Aqueles cidadãos “de boa fé” ficaram órfãos.

Mas todo mundo sabe que não vai rolar a revisão da votação. O Estadão sabe, Temer sabe, Aécio sabe e já o declararam. O fatiamento da votação foi exaustiva e tecnicamente blindada por Lewandowski. Na prática, as votações indicam que Dilma não cometeu crime (segunda votação), mas foi condenada assim mesmo (primeira votação). A Janaína apareceu no noticiário pedindo pelo amor de deus que todos retirassem seus pedidos de revisão da votação no STF pois isso coloca em risco o impeachment como um todo. Essa escorregada narrativa arruína a criminalização da esquerda e de Dilma.

Qualquer ação, recurso ou inação é desastrosa para o campo coxinha. Não fazer nada os deslegitima frente às suas bases e a população em geral. Rever a votação não apenas traz o perigo do STF se proferir a respeito do *mérito* do impeachment, do qual estudadamente se esquivou, como pode gerar situações do tipo ter que reinstaurar Dilma como presidenta e realizar nova votação. De toda forma, a precariedade e fragilidade de Temer se estenderia por várias semanas, uma delonga insuportável.

Além disso, cria um problema constitucional gordo e monstruoso. O STF reverter uma decisão soberana do Senado abre um precedente de alta instabilidade, colocando-o

acima do Legislativo. Uma meleca constitucional. E o STF seria visto tomando uma posição pública, arrastado para a fogueira da crise institucional, o que vinha evitando.

Assim, avalio que há uma situação nova de enorme importância política: há nesse momento um racha profundo no campo da direita, que está a perder sua legitimidade aos olhos daqueles que saíram às ruas contra a corrupção, que compraram a tese do impeachment, mas não são fascistas ou mesmo conservadores necessariamente.

No atual MPD (Mundo pós-Dilma), não tem PT para culpar, não tem Dilma para canalizar o ódio (eles vão tentar assim mesmo). O PIG está chamando de golpe do PT, mas depois de tanto esforço em negar essa narrativa “golpe”, de Temer proibir a alcunha golpista, qualquer indignação pró-democracia e anti-golpe vai encher a maré Fora Temer!.

Avalio que é crucial manter e fazer crescer a mobilização FT!, e receber este contingente que está puto e que pode defender Diretas Já. O guarda-chuva FT! pode vir a acolher uma virada histórica, MAS NÃO PODE SER VOLTA QUERIDA! Tem que ser para frente, radicalizar a democracia e barrar o golpe. Em outras palavras, não é tarefa dos movimentos renovar o PT, ele precisa fazer isso sozinho.

Por isso a enorme importância de enfrentar as intimidações e bombar no domingo e sempre, especialmente após a cartada militar. Ser visto protestando com coragem vai ser muito bem recebido na sociedade e por aqueles que estão meio perdidos na guerra de narrativas, órfãos no tiroteio em busca de uma pauta democrática de normalização. Este tem que ser o FT!, Isolar a direita.

Como retaliação ao fatiamento e como tentativa de recuperar a onda Moro, mais um factóide Lava Jato contra Lula ontem. Mas efetivamente a direita perdeu a força de mobilização, esse racha está a impedir qualquer movimentação de massa.

Repercute também o vídeo do espancamento do advogado Mauro Rogério Silva dos Santos no Rio Grande do Sul. É tão assustador quanto usual esse tipo de comportamento policial. O advogado foi indiciado e recebe ameaças de morte. No vídeo, ele é abordado na rua por policiias que emseguida o espancam de cassetete, ele no chão. De repente, o seu filho aparece no quadro e chuta o rosto de um policial que pratica a tortura cotra seu pai.

O ex-presidente Mujica se posicionou contra o golpe, dizendo “eu tinha aqui um envelope, uma carta do Lula que chegou para mim antes de ontem, que tornei pública. Curiosamente não apareceu na imprensa...acontece ... não tive sorte”.

Saí de casa para ir conferir uma manifestação FT!. Ela foi organizada por “mulheres negras, com a intenção de chamar todo o movimento negro e a esquerda”. Ia ser no Largo da Batata. Além disso, tinha chamamento para uma concentração na Praça Panamericana, de ciclistas: “Pedalar Não É Crime”.

Por força do hábito, chequei o acampamento coxinha em frente a FIESP. Tem agora três barraquinhas e uma barracona. Três pessoas, guardados por dois PMS ciclistas. Segui de ônibus pela Rebouças em busca da Faria Lima. Dentro dele, ouvi o cobrador dizer que já havia manifestação na Batata. Sempre atento a sinais de capilarização do FT!, fiquei bem animado com isso. Achei significativo que um protesto FT! fosse mencionado sem adjetivos negativos.

Eram 18:30 quando cheguei, e havia um número razoável de pessoas. Muita viatura em volta. Dei um giro.

De novo, muitos jovens, e o ar 2013 estava de volta. Muitas meninas e negras e negros. A idade média era bem baixa, a ponto que imediatamente notei uma mulher da minha idade que carregava um cartaz. Nos falamos e comentamos como é estar de volta às ruas depois de tanto tempo. Anotei as presenças do RUA, MAIS, Juntos/PSOL, muitos secundaristas, grupos de teatro, autonomistas e anarquistas, além de um grupo chamado Faísca. Estes faziam uma roda muito animada e estavam a criar novas palavras de ordem, o que me deixou muito feliz, ver a rua como criadouro da poesia militante: “sou contra o golpe, até o final, trabalhador unido pra fazer greve geral!”. Enfim, inícios promissores. Uma faixa trazia os dizeres: “Negritude pelo Fora Temer!”. Vi uma enorme faixa com os dizeres “Diretas Já!”.

Mais para baixo na praça construíram uma arena de teatro, de madeira. Um grupo de atores encenava uma peça, com som ao vivo. Muita gente assistia, inclusive uma mulher sem-teto, de pé quase no palco. Ao lado, os bares cheios ao som de forró/pop.

Encontrei JT e conversamos um pouco. Ele também notou a juventude e energia dessa manifestação. Ele contou também que o Al Jannah foi alvejado no dia 1 por bombas a

partir do viaduto 9 de Julho. Quando esse estabelecimento foi objeto de reportagem grande no Estadão, parece que passaram a receber ameaças anônimas. Parece que eles estão no radar da direita. Sua amiga, L, discorreu sobre a geopolítica da Bessarábia no contexto de sua família.

Chegaram então S e R. Falei da importância da brecha que se abriu com o racha da direita ocasionado pela votação fatiada no Senado. Mas parece que eles não estão tão otimistas e de alguma forma temem pelo futuro próximo. Tudo continua muito incerto e a repressão policial está a assustar muita gente que viria às manifestações de outra forma.

Nessa hora chegou M, com suas amigas e amigos atores secundaristas.

Fomos eu e JT tomar uma cachaça rápida no bar da esquina e encontramos um grupo, jovens de 25 a 30 anos, que conheciam JT. F avaliou que os atos precisam de alguma forma se renovar ou evoluir, pois estão a se repetir, e assim podem perder força e esvaziar. Avalia também que a pauta unificadora da esquerda deve passar pela defesa dos direitos de 1988, que estão em perigo.

De repente a passeata sai do Largo e corremos atrás. Mas ela foi imediatamente barrada por uma linha policial na Faria Lima, na altura da Teodoro, efetivamente confinando a multidão na praça. Todas as saídas estavam bloqueadas, havia dois caveirões por perto e o Choque estava a postos. Contei no geral uns 200 soldados e pelo menos 30 viaturas, mais umas 50 motos. Pelo menos uma equipe policial de filmagem fazia seu registro. Havia, porém, aparente acesso para a Marginal pela Teodoro.

Nessa hora, frente ao impasse, aconteceu um jogral. O ato foi convocado por mulheres negras, parece que ligadas ao PSOL, que negociavam com a PM. No jogral, essa moça disse que o golpe era um golpe contra os negros. Éramos agora umas 6 mil pessoas.

O tempo ia passando e não saíamos do lugar. Muita palavra de ordem, muito grito e nervosismo. NA,TQA,EQOFDPM foi entoado muitas e muitas vezes. Evidentemente que o FT! dominou. Uns quatro meninos muito jovens faziam a pose do Usain Bolt para uma selfie. Alguns mascarados perto da linha de frente, mas nenhum tensionamento acintoso. Ali conversei com uns 5 meninas e meninos. Um deles disse

que entrou para a política nas jornadas de Junho de 2013, “quando eu tinha só 13 anos”. Ele lamentava que não estava ocorrendo a insurgência que ele esperava, como a de 2013. Disse a ele que o rebelde é como um surfista, precisa contar as ondas e calcular qual vai ser a boa, ser paciente e ousado ao mesmo tempo. Uma menina da mesma idade me explicava como o medo na verdade não é lógico, pois, se o inimigo o sente também, não faz sentido senti-lo (!?).

A certa altura, as moças da organização procuravam livrar a frente do ato, ou espaço entre a faixa principal e a linha policial. Anunciavam que “não queriam homens brancos e ricos na frente da faixa, eles não podem tirar as mulheres negras de seu lugar na luta”. Contornei a frente e fui à retaguarda. Cumprimentei um moço, ciclista de jaqueta verde brilhante, que conheci no “Não é só contra o golpe”. Eram 20:50.

De repente a multidão começou a se deslocar para o lado oposto, ainda na mesma Faria Lima. Havia uma barreira de motos, umas 50 delas, impedindo o acesso à Cardeal Arcoverde. Nessa hora a multidão, umas 4 mil pessoas, levantaram os braços e avançaram em direção à linha policial.

”FT!, deixa passar, a revolta popular!”. Frioção no estômago ao testemunhar esses jovens se lançarem assim desta forma ao fogo. “Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com formiga não atíça o formigueiro”.

Pararam super em cima dos motoqueiros. “Luta, luta!”. Novo impasse, novos gritos, mais palavras de ordem. Super tensão. Bem alinhado à formação policial havia um painel publicitário luminoso. O anúncio brilhava a mensagem de um filme de animação: “a armadura é o vestido preferido da princesa”. O trânsito da Cardeal fluindo normal atrás das motocicletas, os ônibus em sua busca pelo Sul da cidade. Vi uma menina muito jovem que segurava um cartaz “Primeiros Socorros”, mas sua camiseta dizia: “morte aos porcos!”. Também notei nessa hora, logo ao lado da linha de confronto, a Lanchonete Luzes de Miami, iluminada por brilho esverdeado e animada pela música da máquina de karaokê.

Uma moça ao meu lado contou que esta era a sua primeira manifestação desde que voltara de uma viagem longa pela Ásia. Disse que esteve em Timor Leste e que eles estão a reconstruir a partir do nada, do completo vazio. Contou que conseguiu falar algum português lá, mas só com os mais velhos.

Novo impasse. A PM não ia deixar a passeata sair. Esta é uma situação tensa, pois como pode se dar a dispersão se a multidão está cercada? Devo passar sozinho pela linha, em trios ou em grupos de dez?

Eram 21:10 e a multidão começou a se desfazer, a maioria voltando à praça. Um jogral tentou encerrar o ato. Tentei pensar o que fazer, talvez contornar a presença policial por outro caminho.

De repente, muita gente começa a correr em direção à esquina da Teodoro com a Cardeal. Estas duas ruas estão entre as paralelas mais clássicas de São Paulo, uma subindo e a outra descendo. Elas formam um par ao nível de Cosme e Damião, o Gordo e o Magro, Barbie e Bob. Foi só já adolescente que vim a perceber maravilhado que elas na verdade se cruzam no Largo de Pinheiros. Nesse dia, nos idos dos anos 80, declarei essa esquina como um pólo psicogeográfico da maior intensidade, uma espécie de infinito de asfalto enodado. Chequei no mapa hoje e vi que o recente redesenho da Batata parece que mutilou a continuidade da Cardeal, mas a esquina ainda existe, com os nomes das vias intactos.

Pois as meninas e meninos tomaram essa via em direção à Eusébio Matoso, correndo. Temo sempre ser encurralado pelo “caldeirão”, então não segui com eles nesse trecho da Cardeal, mas tentei chegar na Eusébio por outra via e reencontrá-los nessa avenida.

Lembrava que havia uma rua que leva direto à Eusébio, antes de precisar contornar pela quase Marginal. Correndinho pela Teodoro, virei à esquerda na rua São Manuel, que julguei ser aquela que leva incontinenti à Eusébio. Intimamente congratulei a mim mesmo por ser tão conhecedor das ruas da região, e atribuí o fato a ser pedestre em contraste a ser motorista. A rua era comprida e, depois de muita marcha acelerada, cheguei a seu fim – era sem saída! Fiquei muito puto comigo mesmo pelo tempo perdido, e me senti um tanto humilhado por ter por companheiros de engano dois meninos muito novos. Eles também julgaram que atingiriam a Eusébio por aquela via, mas eles tinham 9 e 11 anos, mais ou menos. Lamentamos juntos o fim-de-linha, e, ao caminharmos de volta à Teodoro, conversamos um pouquinho. Eles me perguntaram “você está na manifestação?”. Quase correndo, de pés moídos na via pública, eu tentei formular minha posição de um jeito conciso que fizesse sentido a esses meninos tão jovens. Hesitei e só consegui sair-me com esta: “tô sim, sou Vermelhão”. Foi ridículo,



eu sei, mas foi o que saiu. No fim da via, junto à esquina, chequei a placa que de fato dizia “Rua sem saída”. Maldição!

Dobrei à esquerda e desci o que agora era a rua Butantã. Dobrei de novo à esquerda na rua Prof. Carlos Reis. Acabei por desaguar na Eusébio à altura da passarela em frente ao Shopping Eldorado.

Muita gritaria e policiais, mas sem multidão. O trânsito caótico, dos dois lados, muita buzina. Uma barreira de lixo queimando quase fechava a avenida. Subi a passarela para ver melhor. Havia bastante gente lá em cima, gritando irada contra os policiais que zanzavam por baixo. Uma coluna do Choque passou lá embaixo, vindo da Faria Lima, com escudos e atiradores. Uma moça gritava muito contra eles. O comandante percebeu e olhou para cima, parou, e avaliou a possibilidade de subir a passarela. Acabou por seguir em frente, mas apontaram o rifle de bombas em nossa direção antes de seguir.

Fui checar o lado da marginal, ainda em cima da passarela, onde ardia o lixo. Bem ao lado do fogo, no asfalto, estavam de pé três meninos, um deles com uma bandeira negra. Estavam muito tranquilos e não beligerantes. Claramente não tinham acendido o fogo e estavam de bobeira e não fugiram quando a coluna chegou andando. Foram detidos.

Ainda na passarela, nesse momento, uma bomba é lançada contra um ônibus parado no ponto cheio de gente. Três policiais detêm uma moça jovem. Eram umas 21:45h. Pelo que eu soube depois, parece que essa moça foi direto ao presídio e está lá até agora. Parece que ela foi alvo, como outros militantes autonomistas e anarquistas, de prisões seletivas e de intimidações. T relata que outra ativista foi abordada na rua, em seu bairro, por policiais que a pressionaram muito acerca de sua presença em manifestações. T teme pela meninada que se abre na rede, que está agora bem monitorada pelas inteligências militar e policial.

Desci à ilha central da Eusébio. Muitos fotógrafos e manifestantes soltos à volta dos muitos policiais, que pareciam estar a se reunir e desmobilizar. “FT!”, “você aí fardado, também é explorado”.

A bomba contra o ônibus e as pessoas do ponto fez uma mulher explodir de indignação e ela berrava muito contra os policiais, que estavam a poucos metros dela. Ela gritou por mais de 20 minutos:

“Vocês não podem fazer isso, as pessoas estão indo para casa! Vocês são analfabetos funcionais!”. Um PM gritou “vai tomar no cu” para ela. Ela ficou mais incandescente ainda, e gritou: “eu vou mesmo, você acha que é insulto, isso é uma questão opcional! Eu conheço policial digno e vocês são muito burros!”.

A tensão era grande, e quando vi que um moço foi até ela tentar desfazer o confronto, fui ajudar. Conseguimos acalmá-la um pouco e deixei-os conversando. A galera em volta gritando muito em volta: “Fora Temer! Volta Tite!”, “é golpe!”, “guerra aos porcos!”.

Já estava no ponto e aproveitei para pegar um ônibus para subir até a Paulista. Eram 22:15 e meu pé já doía e o ciático reclamava. Busquei subir a avenida Rebouças de olho nas transversais, mas nada vi. Tive a confiança de escrever Fora Temer! nas costas do banco à frente, à vista de um menino de 20 anos.

Desci e tomei o Aclimação, onde novamente escrevi FT! duas vezes. Nada acontecia na avenida, o acampamento coxinha tranquilo e diminuído.

Desci no Paraíso e fui para casa.

### **3 de setembro**

Ouvi alguém gritar “golpista!” na janela, duela com alguém que também grita. Será um pronunciamento? Alguém bateu panela, depois duas... “Golpista corrupto, corrupto!”. Outras vozes... será que é contra o golpe ou alguma reação coxinha?

O marqueteiro Elsinho Mouco cria logo e campanha “Bora Temer!”!

Fui almoçar da casa do C, amigo do D formado em economia. Discutimos muito sobre capitalismo e colapso o papel do trabalho. Depois fui tomar um café com F, que esteve muitos meses fora na Itália.

#### **4 de setembro – Tocha Olímpica e ato Fora Temer! na Paulista**

Fui checar a Paulista e ver a tocha paralímpica passar. Apesar das negociações entre os movimentos e a Secretaria de Segurança terem pacificado o clima, achei que valia a pena estar lá quando a tocha passasse, especialmente para ver se a presença do exército, tal como prometida, se materializaria.

Saí da estação Brigadeiro do metrô, e a avenida estava fechada como é usual aos domingos. Não estava cheia e deu para perceber imediatamente que o evento não despertaria maiores emoções. Um homem falava ao telefone e dizia como “tem mais de mil caçando Pokemon aqui!”. Um grupo fazia aeróbica na esquina da Itapeva, imitando a coreografia de três instrutores num tablado. Vi no total apenas três camisas verde-amarelas. Achei bem pouco, considerando o clima político e o evento esportivo.

Chequei por hábito o acampamento coxinha da FIESP e estava do mesmo jeito, apenas acrescido de um cartaz de plástico “intervenção militar já!”.

Grupos musicais faziam suas performances como de costume, incluindo um Roberto Carlos que cantava sucessos do Rei no asfalto. Mas, a seu lado, estava uma figura bem curiosa. Usava um chapéu desses de bobo da corte, verde-amarelo, como a sua camisa da CBF. Trazia um cartaz “Rede Golpe de Televisão”, com o logo da Globo. Além disso, um cajado completava o figurino, que sustentava uma máscara do Cunha, adornada por asas de morcego.

Achei a mensagem política meio ambígua e fui conferir. Cheguei perto e disse Fora Temer! Ele apenas sorriu e ficou onde estava, ao som do Calhambeque. Achei muito peculiar essa mistura de símbolos “coxinhas” e “petralhas”.

A passagem da tocha mesmo ocorreu sem grandes manifestações. Até havia um grupo de 5 senhoras de bandeiras brasileiras e cartazes anti-Lula. Anotei os dizeres do cartaz: “a verdade: são atletas são heróis”. Outro dizia “luto pela CF rasgada”. Elas não gritaram nada.

O cortejo da tocha em si é meio bizarro, carros de som com gente vestida de lycra se mexendo ao redor. Um moço correu um pouco ao lado do cortejo com um cartaz FT!, e uma outra mulher também tinha uma mensagem assim. Só um rastafari da avenida

que, quando houve uma parada para a troca da tocha, subiu na grade e xingou muito as Olimpíadas.

A antecipada presença do exército protegendo a tocha não se materializou. Tinha uns 30 homens de roupa bege em volta da tocha, mas nada explícito. Nem sei se eram soldados. Em contraste, um moço vestia uma batina adornada com símbolos do Corinthians e andava serenamente pela avenida.

Almocei com T no Halim e retornamos à avenida às 16:30h.

De longe deu para ver que já tinha muita gente. O clima estava ameno e parcialmente nublado. Fomos andando em direção ao MASP. A aeróbica continuava, com umas 70 pessoas engajadas no exercício. Recordei-me que o padre Marcelo era instrutor desse tipo de ginástica, e que seu primeiro vídeo se chama precisamente “Aeróbica com Deus”.

Notei uma camisa do Brasil, e na manifestação como um todo tinha outras também. O acampamento coxinha idêntico, desta vez com 4 pessoas. Ninguém hostilizava.

Muita gente chegando, e uma multidão já volumosa enchia a frente do MASP. Até tinha um carro de som, mas não ficou ligado o tempo todo e não teve discurso! Fiquei muito feliz que a rua fosse mais rodas de conversa do que platéia para a liderança. Achei o público bem variado e de todas as idades. Houve uma clara capilarização na sociedade. Muita família. Achei que os militantes organizados eram minoria.

Houve quem, em conversas, relativizasse a presença de secundaristas e mesmo a diversidade racial. Discordei em parte. Vi sim que secundaristas estavam presentes, apenas não eram maioria. Então havia sim bandeiras e faixas da CUT, Frente Brasil Sem Medo, MST, MTST, CTB, PSOL, MAIS, Democracia Corintiana, NOS e outros. Mas não era um ato lulólatra ou de celebração da liderança, nem de esmagamento narrativo.

O carro de som acendeu e tocou “Apesar de você”, do Chico. Olhei em volta e anotei alguns cartazes. O FT! predominava, grafado de inúmeras maneiras em inúmeros suportes: no braço, na cara, na camiseta e na cartolina. “Golpista” também figurou a mil, e todas as variações “foi golpe”, “golpe tabajara” etc. Também “Luto pela democracia”, “Sorria, você está sendo manipulado”, “Fora = STF partidário, Congresso

corrupto e mídia criminosa”. Outro cartaz trazia o rosto de Temer encimado por uma coroa: FT!

Havia uma maioria de gente avulsa lá, e avalio que há nesse momento um enorme contingente de pessoas órfãs de expressão política. Esta é a hora de falar de radicalização da democracia, de repensar a relação movimento/partido, de processo decisório horizontal. Há um esgotamento das formas tradicionais que é rico em possibilidades, mas precisa engajar e captar essas pessoas que estão ocorrendo àquilo que está mais visível: o Fora Temer!.

Esse é o campo onde vai ter gente disposta a repensar as práticas políticas, esse é o campo que tem potência transformadora agora. É preciso estar aqui divulgando e demonstrando a força e atualidade da “próxima esquerda”. Fazer jornada separada agora é um equívoco gigante. Tem muita gente disposta a repensar a prática política. O PT não vai fazer essa crítica, pelo menos não por si, e se os movimentos não demonstrarem que há outras formas, perde-se a oportunidade. Agora este é o momento do movimento. Os partidos virão a reboque, preocupados que estão com as eleições municipais.

É claro que Diretas Já! redundará em disputa partidária, mas o guarda-chuva FT! está a permitir a discussão em larga escala com quem se desiluiu com a representação. Vai ter que discutir com outras forças, hierárquicas, que já estão na rua. Será preciso discordar em público e informar que há outras vias.

Arrisco dizer que o espaço da antiga hegemonia do PT na esquerda está mais arejado e plural, pelo menos na rua. Nunca mais haverá uma oportunidade como essa.

Vi um homem da minha idade segurando uma grande bandeira do Brasil, vestido de preto. Fui conversar. Disse que gostava das manifestações de esquerda porque “as pessoas sorriem”. Mas tive dificuldade em entender qual era a sua jornada, parece que havia um ressentimento geral que o impedia de engajar com outras formas de expressão.

Vi também o moço da mensagem ambígua, o do cajado de morcego. Ele agora andava na multidão, meio que em transe, gritando “coxinha, unido, jamais será vencido!”. Já um outro homem, de feições duras e recortadas, carregava um cartaz, fumando: “Feliz

Ano Velho”. No verso, uma mensagem longa, parece que algo recortado de uma publicidade de auto-ajuda. Será que são expressões de uma vontade política que não consegue achar guarida na luta institucional – mas que não aguentam ficar em casa?

Encontrei E e conversamos um pouco.

O grupo “Nossa Tribo” tocava berimbau, perto de um outro batuque. Um grupo de meninas e meninos da UJS tiravam um selfie coletivo. Vi o estandarte do coletivo RUA. Encontrei S, advogada, que, feliz, tirava uma foto de um grupo que trazia cada um uma letra de papelão da frase... Fora Temer!. Outro maluco trazia um cartaz do tipo lambe-lambe, que dizia “Mais amor por favor”. Esse lambe é antigo, já tem alguns anos, mas nunca o tinha visto avulso. Uma faixa trazia “Rifondazione Comunista Italiana”. T reconheceu um ator da peça “Pedra” que vimos no TUSP. Ele usava batom vivo. Um faixa enorme, no solo, escrevia: “MTST – revolucionários do Brasil, fogo no pavio!”. Vi muitos anarquistas, sozinhos ou em grupos. Também roqueiros e mais de uma camiseta do Ramones. Vi uma bandeira da Unidade Popular, vermelha. Outro da Central dos Movimentos Populares. Havia também inúmeros grupos feministas e vários sem-teto. R que trabalha com pesquisa me cumprimentou, e depois M da Fundação Perseu Abramo.

Na grade central, “Porcomunas: palmeirenses contra o golpe!”. O guarda-chuva preto escrito em letras prateadas estava de volta, aberto na multidão. Em frente ao Conjunto Nacional, outro faixa: “Diretas Já!”. Ao lado, “Geólogos pela democracia”. Passou um grupo levando a faixa “Pompéia contra o golpe”. Comemorei com eles. T relatou que o cover do Roberto Carlos ainda cantava na avenida. Mas, ao entoar o famoso “Jesus Cristo”, a platéia emendou um FT! em cima da melodia da canção. Dois rappers que já vi antes na Paulista no domingo hoje embalavam um rap FT!. Outro cartaz dizia “Temer é cunha e carne com a corrupção”.

Vi um adesivo da Erundina e notei como vi pouquíssimo material de campanha eleitoral. Uma equipe da PM registrava em vídeo o evento. No geral, a presença policial apenas moderada.

Tinha a idéia de retornar em direção ao Paraíso e varrer de novo a manifestação e checar se havia tensionamento do acampamento coxinha ou da FIESP. Mas um



contingente grande do ato se deslocou em direção à Consolação e desceu o túnel em direção à Rebouças. Fiquei surpreso, na hora achei que era um racha ou coisa assim.

Aí passei pelos companheiros do Democracia na Real, na Praça do Ciclista. Conversamos bem pouquinho, e fui acompanhar aquele movimento do ato, mas alcancei a Rebouças por cima, chegando na altura do HC. Não vi nada: eles tinham sumido! Perguntando, soube que estavam a esperar o resto do ato dentro do túnel. Passou o GAPP dos primeiros socorros.

Eram 18h e a multidão emergiu no túnel da Rebouças muito grande, com batuques e muita palavra de ordem. A frente do ato trazia um faixa gigante. Atrás dele, reconheci o Boulos, o Suplicy, o Nabil, o Lindbergh. Escrevendo e andando de costas, tropecei no lixo da rua: atralhei-me e eles riram de minha confusão.

“Recua, direita, recua, é o poder popular que está na rua!”.

O NA,TQA,EQOFDPM foi cantado *muitas* vezes. Uns 150 PMs caminhavam do lado da manifestação, mas o volume de gente era tamanho que eles não ousariam reprimir.

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com formiga não atça o formigueiro!”

“Temer seu otário, seu governo continua temporário!”

“V,VPRV, contra os golpistas!”

Eram umas 18h e passamos em frente a churrascaria Vento Haragano. Muitas vaias e “ei, burguês, a culpa é de vocês!”. Uma outra: “O Choque na rua, é a nova ditadura!”.

Subi à ilha central quase na Brasil e observei a passeata passar. Eram 18:30h. Dava para ver que toda a Rebouças estava tomada, e um mar de gente passou por nós. Era muito legal não ter carro de som, a diversidade ficava mais manifesta. E não tinha Volta Querida, as pautas são para a frente, na levada “próxima esquerda”. Estava muito grande, incontornável, alegre, massivo. Vai pegar, acho que está virando. O tráfego na via que sobe estava intenso. Alguns poucos carros comemoravam, mas a maioria fechava a cara. Para um coxinha, devia ser um espetáculo bem marcante: a esquerda voltou.

Vi uma camiseta do Chapolim. Muitos batiques passaram, com várias conformações de coordenação. Um menino tinha um cartaz “to the left, to the left”. Outro dizia: “mais ou menos 40 pessoas”. “Foi golpe sim”, “Rede Golpe de Televisão”, “Miniprotesto”, “Fora Temer, saída pela esquerda”. Vi uma faixa do Círculo Palmarino e outra bandeira do Brasil. Passou um moço tocando flauta transversal. G dos ciclistas chegou e se foi gritando uma palavra de ordem malucona. Chegou E e se juntou a nós. Ele contou que as campanhas do PT estão com dificuldades de arrecadação, e só o Freixo no RJ é que conseguiu capitalizar a sua campanha na internet. Passou um moço barbado pintado à maneira indígena, que seguiu com a passeata. Uma camisa vermelha soviética CCCP. Duas bandeiras LGBT e pelo menos dois moços de saia. Na parede, uma pichação: “o capital é uma merda”. Passou a senhora que tinha encontrado ontem no Largo da Batata. Reconheceu-me e nos acenamos.

Vi passar o Henrique Carneiro. Fui a ele e perguntei se ele lembrava de uma manifestação pela descriminalização da maconha, em 1986. Ele disse que sim, ela foi no Largo São Francisco, em frente à faculdade. Nessa ocasião, segundo-anista, participei do ato, que foi reprimido. Ele lembrou dos companheiros FS, EB, hoje jornalista, e do próprio Haddad, que não se envolveu no ato mas que era presidente do XI de Agosto então.

Muitos cartazes e faixas pediam Diretas Já! Acho que vai pegar. Nem é minha pauta favorita, mas é a última alternativa democrática que resta a este país.

Como chegava o carro de som (!), seguimos para escapar. Eram 19:20h e a passeata ainda não tinha terminado de passar. Compramos uma água com gás na rua Pinheiros e retomamos a Rebouças.

Nas transversais, muito carro parado. Em algumas esquinas, o povo segurava a impaciência de certos motoristas. “Bateu panela, tem que esperar! Bateu panela, vai ter que buzinar!”, gritavam os manifestantes...

Encontrei o amigão fotógrafo MM e o L, que trabalha no Maurício de Souza. Um grupo UFABC Sem Temer. No painel luminoso em cima da entrada do túnel da Rebouças, os dizeres brilhantes: “Criança segura na cadeira do banco de trás”.

Viramos à direita na Faria Lima e seguimos para o Largo. Muita gente na via, e alguns grupos já retornavam para suas casas. Na Batata, muitas rodas de conversa, um clima relaxado e sereno. Despedi-me de T e E, que tomaram o metrô. Estimei umas 3 mil pessoas, mais a forte presença policial. O helicóptero sobrevoava o local. Um caixão do Temer ardia no asfalto, mas sem ódio. Nabil e Lindbergh davam uma entrevista pertinho. Uma projeção desenha o FT! nos lados e fachadas de prédios. Um pequeno palco recebia uma banda de rock que começou a tocar sua música. Os bares à direita e ao fundo do Largo estavam cheios de gente, que se espalhavam pela calçada. Clima de balada ao ar livre.

Entrei no único bar que não estava cheio de gente, um pequeno boteco bem indigente à esquerda. Pedi um Dreher e uma coca e sentei-me. O Largo seguia pacífico em clima de festa. Uma tela estridente lá dentro exibia algum programa de televisão que canibaliza vídeos de internet. Ninguém assistia, mas o som era dominante. Muitos estabelecimentos hoje funcionam assim.

Vieram pelo menos 7 PMs usar o banheiro, além de alguns manifestantes. Os encontros entre os dois na fila eram algo divertido de ver, sem nenhuma tensão.

No segundo Dreher, depois de uns 40 minutos, ouvi bombas no Largo. Paguei rapidamente e saí na calçada. O maldito helicóptero iluminava com seu holofote a praça de guerra abaixo e ouvi duas bombas detonarem. Havia vários pontos de tiro dos PMs. Avaliei uns 4 ou 5 destes ao redor do Largo. Parecia que era um trabalho de dispersão simples: desfazer grupos e direcioná-los às vias de acesso e depois mandar as motos achar grupos menores e bater. Os muitos bares do lugar receberam os manifestantes, que se espalhavam pelas suas frentes e por todo o entorno da praça. Fiquei atrás de um grupo de PMs, que não tinha atirador, mas era uma coluna de infantaria. À minha frente, uma coluna do Tático lançava bombas contra uma concentração de jovens na frente de um bar. Curiosamente, as luzes públicas se apagaram, talvez alvejadas pela polícia.

Essa é a parte mais difícil de relatar, pois é o clássico melée da literatura bélica: as manobras são claras até o embate de corpos e dispersão das forças pelo campo de batalha. Depois vira multifocal e não há narrativa central possível. Assim, muita gente

espalhada em confusão, umas 15 viaturas percorrendo o perímetro do entorno. Gás forte no ar.

Parece que o pior foi dentro do metrô, teve gente que sufocou no gás e que foi atingida por golpes de cassetete, além dos tiros de borracha.

De pé perto da Teodoro, ao lado de uma coluna de PMs, vi uma mulher gritar muito indignada com os policiais. Eu e outro moço nos aproximamos e tentei dizer a ela que não adiantava discutir com soldado, ele só obedece. O importante é sobreviver e testemunhar. E voltar amanhã. De olhos ardendo, ela meio que entendeu, e acompanhei-a para mais perto da Faria Lima. Dois meninos me perguntaram se havia uma farmácia perto, pois uma moça precisava de gaze e água oxigenada. Indiquei a rua dos Pinheiros como a mais provável via, mas avisei que vão precisar passar por uma linha policial.

Muitas viaturas passeiam pelo entorno, os dois caveirões movimentam suas carcaças blindadas. Grupos ou indivíduos gritam muito, “fascistas”, “filhos da puta!”. Vou ao centro da praça e há um pequeno grupo de jornalistas ao redor de um colega ferido, com capacete da imprensa, tratado pelo Grupo de Apoio ao Protesto Popular. Ele relatou que tomou uma bala de borracha na perna. Uns 30 profissionais de imprensa à sua volta murmuram preocupados, mas só um deles vocaliza a revolta abertamente.

Cortando a praça, muito grito contra a presença policial. “Covardes, fascistas!”, “Fora Temer!”, cruzam o ar noturno sob a luz amarelo do que restou da iluminação pública.

Fiquei esperto e não me demorei junto ao grupo, este é claramente um alvo preferencial de projéteis policiais. A banda de rock desmontava seu equipamento no pequeno palco, cabisbaixa. Nessa hora reparei em uma faixa vermelha que estava estendida entre dois postes, sozinha no meio da praça conflagrada: “Fora Temer! Eleições gerais já! Socialismo ou barbárie”. Mais bombas foram detonadas, umas 7 delas. Vazo para perto dos bares, e me posiciono à sombra de um poste.

De minha nova posição de observação, notei a coluna de 40 homens do Choque ganhar o Largo. Perto de mim, um lambe-lambe dizia: “dê flores aos vivos”. Um menino sentou-se a 10 metros da coluna, desfraldando uma bandeira da campanha de Dilma, com o nome do vice recortado. Ficou lá um montão.

Decido pegar o metrô e voltar para casa, a praça estava agora meio vazia e as forças policiais pareciam se recolher parcialmente. Notei que dois moços desamarravam e recolhiam a faixa vermelha. Chegando na estação Faria Lima, que estava aberta, vi três seguranças do metrô e um moço na cadeira de rodas, com um daqueles cobertores brilhantes de alumínio. Também lá dentro no hall, uns 7 PMs, incluindo um atirador. Fiquei um pouco no topo da escada, observando o hall de entrada da estação.

Um homem de uns 50 anos exigiu respeito dos PMs, gritando com eles. Outros jovens gritavam contra a polícia descendo as escadas. “Fascistas!”. Um moço do Grupo de Apoio ao Protesto Popular atendia um ferido na cadeira de rodas.

Nessa hora, um homem mais ou menos da minha idade me aborda, e quase cochicha ao meu ouvido umas frases das quais só entendi: “você tem que aceitar uma coisa, o PT afundou o país”.

A movimentação política de massa na rua destampa uma energia muito louca. Como sabem os grupos de teatro que atuam no espaço público, a rua tem às vezes uma loucura randômica e de difícil acolhimento. Vejo muito em manifestações colarem figuras que não necessariamente estão afinadas com as pautas do movimento. Da rua ou da vizinhaça, pessoas de todos os matizes acorrem às manifestações. Não desqualifico as pirações de cada um, especialmente nesta babilônia que é a via pública. Pode ser que ele fosse um ex-petista ressentido, ou um P2, como saber?

Mas este homem que colou em mim me fez desconfiar. Parecia muito um provocador, um coxinha malicioso... Achei péssimo ele estar fuxicando à sombra da truculência policial. Irritei-me e gritei com ele: “covarde! Covarde! Covarde!”. Ele saiu fora e eu fiquei receoso de ter-me exposto assim na frente dos homens da segurança. Saí da estação e cruzei a avenida Faria Lima em direção à outra entrada do metrô.

Vi umas 25 viaturas, 150 soldados e umas 30 motos na rua. O helicóptero sobrevoava a praça ainda, mas havia grupos de jovens espalhados, alguns sentados em roda, gritavam muito: “fascistas! Filhos da puta! Fora Temer!”. Fiquei um pouco, mas entrei e desci pela escada à plataforma. Tinha ainda aquela figura na garganta, não conseguira engolir sua presença.

Na plataforma cheia, vi esse exato homem falando ao ouvido de um jovem. Irei-me e gritei, apontando o dedo: “covarde! Coxinha filho da puta! Fora Temer!”. Nessa hora, a plataforma toda ribombou e todo mundo gritou, umas 150 pessoas: “Fora Temer!”. Ele se cagou e saiu de fininho, enquanto a galera gritava com muita energia. Fiquei feliz.

Dentro do trem, muitos gritavam palavras de ordem, mas não no meu vagão – eu era o único. GF,NP! Gritei “amanhã vai ser maior!”.

Saindo na estação Paulista, muita energia boa e mais gritos FT!. Percorremos o Corredor da Morte, embalados pelas vozes ressoando as mensagens políticas do momento. O som era arrebatador, ecoando pelos corredores vigiados do metrô.

Vi os meninos que tinham procurado uma farmácia e perguntei a eles se a tinham achado. Eles reportaram que não, mas que tinham sido atendidos pelo GAPP.

Na plataforma da linha Verde, mais coros entoando as palavras de ordem. Dois meninos tentaram o clássico secundarista “Temer, vai tomar polícia...”, mas ninguém aderiu. Só eu emendei “pois tomar no cu, eu garanto, é uma delícia”, a plenos pulmões. Uma moça que caminhava atrás deles se emocionou tanto que veio me abraçar!

Já um moço de chapéu veio gritando “3,80 é o ovo!”. O que seria isso? Não obstante o mistério, sua mensagem encontrou eco na plataforma também!

Senti-me em sintonia com esses jovens: não há mais medo. A repressão só espalha a revolta e a indignação. A resistência ao golpe tabajara está a se espalhar. Caminhando nos caminhos subterrâneos do transporte público de São Paulo, não tive dúvida disso.

Dentro do vagão, uma mulher muito curiosa chamava a atenção das pessoas, discursando como fazem os vendedores ambulantes. Mas ela tinha uma batata nas mãos, e sua mensagem era política. Ao pegar um vibrador da sacola, pregou “quando falarem que te falta homem, você pode retrucar mostrando o vibrador”. Ela falou contra Cunha e respondeu bem ao meu “amanhã vai ser maior!”. Ela sorriu e despediu-se de mim, ao som de mais FTs! animados dos jovens na plataforma.

Saí do metrô e fui para casa.



## **5 de setembro – Os 29 de São Paulo**

Prisão de 29 ativistas antes do ato. Foram acusados de ter a intenção de praticar crimes. Dentre os pertences apreendidos, um chaveiro do Pateta. Eles ficaram incomunicáveis por muitas horas e os advogados não puderam vê-los. A polícia tomou depoimentos sem a presença de advogados. Tem vigília na Barra Funda por sua soltura. *[Esta foi uma armadilha colocada pelo Balta, o militar infiltrado no whatsapp das meninas e meninos. Depois ele viria a ser promovido e os moços e moças processados]*

Golpista! Conheci hoje este novo apelido de Temer, perfeito.

Notei muita polícia na região da Paulista e nas ruas adjacentes.

## **6 de setembro**

Repercutem os efeitos da manifestação. Foi muito grande. Os meninos detidos antes do ato foram soltos pelo Juiz Rodrigo Tellini, que falou da degradação da democracia. Repercute também protesto na abertura da Bienal.

Fui comer um pizza com LR e MR. L avalia que o editorial da Folha que pedia ação enérgica da PM contra os manifestantes, a quem chama de “fascistas”, teria sido escrito pessoalmente por Otavinho Frias. Esse texto foi desmontado por Duvivier, na mesma Folha, em sua coluna, dizendo que o fascismo emergiu na esteira precisamente da chamada à repressão aos supostos incendiários do Reichstag, isto é, aos “baderneiros” e “vândalos”. Falamos da humilhação internacional de Temer no G20. A suposta situação onde um homem de negócios chinês chamou acidentalmente o presidente do Brasil de “Sr. Fora Temer” provavelmente é mentira, mas circulou muito na rede, já que há uma reportagem a respeito na Telesur. Mas calou fundo a foto de Temer nas margens da foto oficial, mesmo que aquela outra onde ele está sozinho a mais de um metro distante dos outros deva ser fake também. Avaliamos que o FT! vai bombar, e as Diretas Já podem incendiar o país.

Parece que Russomano ainda está muito forte, mas que Dória pode passar ao segundo turno. A campanha do Haddad está sem grana, mas que sua rejeição está baixando.

Falamos também do inacreditável caso do “Japonês da Federal”: ele foi condenado a mais de 4 anos de prisão, mas cumpre pena domiciliar com tornozeleira. E agora ele também está trabalhando na condução de suspeitos detidos pela PF!

Repercute ainda a nova campanha do Elsinho Mouco, que tem novo lema: “Fora Ladrão”.

## **7 de setembro - Grito dos Excluídos**

Saí de casa em busca do Grito dos Excluídos, que é uma jornada do movimento popular que este ano vai ser também um FT!. Tem outro ato marcado para a Sé, mas acho que não vou.

Eram 10:15h. Ao lado do CCSP tinha uma unidade do GAE, com atirador. Andei até a Praça Oswaldo Cruz e cheguei no momento em que saíam em passeata. Achei bem cheio, umas 8 mil pessoas. Quem chamou foi a Central de Movimentos Populares. Muita bandeira deles e também da CUT e da Frente Brasil Popular. Vi uma outra do “Zumbi dos Palmares”, e também da União dos Movimentos de Moradia. MST presente também, e a bandeira LGBT estava pendurada no carro. Estavam lá representados o Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e a APEOESP. Vi uma faixa grande de um grupo Ação Petista. Vi uma bandeira do Brasil, e outro pavilhão nacional que trazia o negro ao invés do verde, e a faixa central dizia “não vai ter golpe!”.

Notei apenas uma bandeira da Dilma, e seu nome não foi lembrado. Acho que essa deve ser a regra daqui por diante.

A locutora no potente carro de som insistia que o veículo precisava ir na frente, e pedia passagem. Soube que depois tanto Suplicy quanto Haddad se juntaram à marcha. Na manifestação, uma grande maioria de militantes dos movimentos populares, muitas mulheres e algumas crianças. Em termos de “povômetro”, isto é, em relação à composição social da passeata, a baixa renda parecia predominante. No mesmo sentido, uma presença muito forte de negros e negras. Apesar de alegria no geral, percebi um certo ar solene que tendo a ver no movimento popular na rua.

Mas a passeata era um evidente sucesso e muito “FT!, nenhum direito a menos!” cortou ao ares. “Fora Globo” também foi lembrado, assim como o “Pisa ligeiro, PL,SNPCFNAOF!”.

Saí com eles pela Paulista, mas já sabia que os deixaria quando dobrassem a Brigadeiro. Tinha trabalho para fazer e queria poupar meus pés. Ganhei um calo que precisava tratar. O som era muito alto, mas, antes das falas das lideranças, música. Um violonista e cantor que não víamos entoou um par de canções. Começou com “Para não dizer que não falei de flores”, de Geraldo Vandré. Foi uma interpretação menos pesada do que é normal, e foi logo seguida de “Vermelho”, que gerou muito mais participação do povo reunido. Depois, arruinando minha tese de que Cazuza é um ícone coxinha, o cantor oculto também entoou “Que país é esse?”. O povo adorou.

Fiquei parado e deixei a passeata correr por mim. Havia sim umas boas 10 mil pessoas. Vi um ou dois candidatos com seu material de campanha. Vi nessa hora um cartaz “Cursinho Comunitário dos Pimentas- Guarulhos”, do Movimento dos Pequenos Agricultores, mais o grupo Juventude e Revolução com sua faixa. Outro cartaz chamava “Defender o SUS”.

Um homem de bicicleta achou engraçado eu estar a escrever à mão e me disse: “Nossa! Velha escola, não?”. Assenti e sorri. Reconheci a mulher de minha idade que primeiro vi na Batata, novamente na rua. Conversamos um átimo e ela seguiu.

Eram 11h quando a marcha dobrou à esquerda na Brigadeiro em direção ao Ibirapuera, observados por uma barreira de uns 40 motociclistas da ROCAM. Do alto de um prédio na esquina, alguns moradores hostilizavam. Estavam bem longe, não se ouvia nada, mas agitavam uma bandeira do Brasil e um deles um pixuleco do Lula presidiário. Esse prédio tinha ao todo umas 7 bandeiras nacionais penduradas dos parapeitos, e umas 4 janelas com pessoas reagindo à multidão.

No chão, vi uma bandeira de Cuba desfraldada ao lado de uma do MST, e ainda uma bandeira do México junto a outra que dizia “CNTE”. Um ciclista coxinha passou nessa rabeira de passeata gritando “vai trabalhar! Vagabundos, vai trabalhar!”. Um manifestante retrucou: “vai tomar no cu, playboy!”.

Já ia anotar que a presença da polícia era leve quando vi 6 colunas de 10 PMs de escudo em cada uma, e por trás mais de 7 viaturas. Eles seguiram com a passeata e eu fiquei. Caminhei e voltei para casa.

Eram 17h quando vi na internet uma notícia de que havia concentração na Paulista. Saí de casa e fui para lá, mas não havia mais nada. Acho que o “agora” da internet não perfaz uma localização precisa no tempo. Dei um giro pela Paulista e anotei pichações novas, no asfalto e nas floreiras: “os ratos agradecem aos cozinhas trouxinhas pela festa”, e “quem é esse impostor? Vampiro corrupto”. No exaustor da estação Brigadeiro, na calçada, vi tremulando no vento da estação que sai para a rua, um pano estampado azul, escrito “Temer não me representa. Diretas Já!”. Vi também as agências bancárias fechadas pela greve.

Notei com alegria que o acampamento coxinha se foi! A frente da FIESP agora está livre. Fiquei feliz.

Desci a Brigadeiro em busca da casa de M, onde amigos se reuniam. O clima era muito mais leve do que vinha sendo o caso em conversas sociais recentemente. Brindamos muito Fora Temer! Lá disseram que a concentração da Paulista que persegui sem sucesso era a passeata da Sé que subira do centro. Em todo o Brasil houve manifestações, e Temer foi vaiado tanto no desfile de 7 de setembro quanto na abertura da Paralimpíada.

M contou que tinha 15 anos quando Chico Buarque foi preso por ter sido júri em um festival de cinema em Cuba, nos anos 60. Chorando, pensava: “Não quero viver num país assim!”.

Peguei uma carona esperta, caminhei um pouquinho e fui para casa.

### **8 de setembro – Ato na Batata: Fora Temer!**

Saí no Largo da Batata às 17h a partir da estação Faria Lima, para a manifestação Fora Temer!. O ato foi chamado pela Frente Povo Sem Medo. No topo da escada rolante, 10 PMs de capacete faziam a revista de gente que chegava da plataforma. Não fui revistado e saí para a rua.

O clima estava péssimo: muita polícia, o Choque presente com 4 caveirões, a tropa com boina de comando, umas 80 motos da ROCAM e inúmeras viaturas piscando. No Largo, poucos manifestantes, só uns 500. Temi um refluxo. Dei um giro e vi muitos grupos e movimentos ligados a essa Frente, sem nenhuma surpresa. Vi um bandeirão do MTST no chão: “Revolucionários do Brasil, fogo no pavio!”. Mas vi ainda poucos

militantes desse movimento de moradia. Vi no geral poucas pessoas avulsas, ao contrário do domingo, onde a maioria não parecia ser militante, mas pessoas sem filiação. Aos poucos encheu, e até tinha uma gama boa de idade, bastante jovens de 20-30, mas achei que a maioria era ligada a algum movimento. Os indicadores da diversidade estavam todos positivos: diversidade étnica, de gênero, etária. Mas era definitivamente um ato militante.

Apesar disso, só vi duas bandeiras da Dilma em toda a manifestação. Nenhum grito lembrou seu nome.

Vi bandeira do PCdoB, PSTU, Unidade Popular, coletivo Rua e seu estandarte laranja, uma camiseta dos bancários “só a luta te garante”, o PSOL que pedia “eleições gerais sobre bases realmente democráticas”, a Ação Petista com “nenhum direito a menos”. Senti falta da presença massiva dos assentamentos do MTST, ainda não estavam lá. Encontrei A, filho de JdeA, que tinha um adesivo da campanha de Haddad. Vi a mesa de ping-pong em pleno uso, e também a estação do metrô sendo preparada para o isolamento com grades. Parecia que todo mundo no entorno sabia o que ia acontecer, menos nós manifestantes. Encontrei o fotógrafo MM e o produtor cultural M, trocamos impressões acerca do ato: temíamos o pior.

Enquanto esperava o amigo M na esquina da Teodoro com Faria Lima, passou M, do tempo dos coletivos. Ela me reconheceu e disse que dava aula de teatro perto e que, como artista, “estamos sempre ensaiando”. Chegou M e demos mais um giro.

Vimos os 9 bandeirões da CUT, muito grandes e muito altos, empunhados por sindicalistas corpulentos, ao lado do balão da Intersindical. Um lambe-lambe avisava: “não creia em tudo o que lê”. Chegamos a um carrinho de som (Trio Elétrico Peteleco) que irradiava um funk FT!. Vejo um menino de vestido branco. A seu lado, um senhor de boné e óculos escuros, sem um braço, que tirava um selfie. Havia vários batuques, alguns deles bons. Vimos um grande estandarte, da Imprensa Militante. UJS presente.

Muitos candidatos faziam notar sua presença: do PSOL, PT e PCdoB. Bandeira do LSR, da UPES, estandarte da Bateria Indignada, algumas camisas do Corinthians, faixa do MRT, da Rede Emancipa, da Política Econômica da Maioria, e outra roxa que dizia: “todo apoio à greve dos bancários”. Uma camiseta dizia: “xô golpista”. Uma roda cantava: “acabou a paz, fora Temer e eleições gerais”. Um panfleto trazia a mensagem:

Mulheres sem Temer. O “Bloco de Esquerda Socialista” presente com faixa negra, e o “Socialismo ou barbárie” de volta com sua bandeira vermelha. Vi uma única bandeira do PT, e somente umas três do Brasil.

Duas meninas vendiam brigadeiro vegano, e seu cartaz anunciava: “grite Fora Temer e leve dois por R\$4”. Encontrei o DJ EL, que também é ativo na resistência na área da Cultura. A Marcha Mundial das Mulheres presente também.

Chega um grupo do MST de Taboão da Serra, umas 600 pessoas com faixa e palavra de ordem. Juntam-se ao ato. Eram 18:30. A PM filma e tem duas equipes registrando a manifestação em vídeo.

O Largo enche pouco a pouco. A passeata demora a sair. A tensão ainda é grande, a presença policial é acintosa. Noto nessa hora que um dos bares do entorno se chama “Pau no Gato”.... Encontramos P com seu chapéu e o G do Arrua.

Guilherme Boulos discursa no pequeno carro de som. Chama vaia para Alckmin. O helicóptero sobrevoa a manifestação. Às 19h, o ato finalmente sai. Fiquei mais atrás e não vi a frente do ato, que parece teve Boulos e Suplicy.

Há uma discussão no momento que diz respeito ao formato das manifestações FT! em geral e a participação dos autonomistas e anarquistas em particular. Parece que o artigo do Boulos na Folha caiu muito mal entre os autonomistas, que se ressentem do que veem como um aval deste líder à repressão aos movimentos que não estão sob seu controle. Veem a CUT como uma força disciplinadora que impõe ordem na passeata como faz a polícia, impedindo que seus manifestantes cubram o rosto. Apesar de até certo ponto reconhecer que uma frente como o FT! está a se organizar nos termos que defendem – horizontalismo, sem carro de som, sem bandeira – não julgam ser o suficiente. Além disso, uma pauta como Diretas Já tem apelo bastante limitado para esse campo. Já os movimentos da esquerda “tradicional” não parecem aceitar que a ação direta seja espontânea e não passe por fórum decisório prévio. Veem como um risco um tipo de ação individual que afeta a todos que estão na manifestação. Avaliam que a ação direta afasta as pessoas e impede o crescimento das mobilizações para toda a sociedade. E não vão querer abrir mão de suas bandeiras.



A passeata agora tinha quase umas 10 mil pessoas. Chegou E, que nos contou que na Sé ontem tinha bastante gente e foi alegre. Ele disse que subiram pela Brigadeiro e percorreram a Paulista. Depois, ainda desceram pela Consolação, antes de acabar na República. Contou que tinha bastante gente avulsa e que não houve repressão. Ele notou que os carros de som estão diminuindo em tamanho e potência.

Encontrei E, ainda no Largo, que estava observando a movimentação. Ela fez algumas críticas ao FT!. Segui com JT e A. M nos deixou.

O destino da passeata era a residência de Temer. O caminho é longo e escuro, algo isolado. Muitos questionaram a propriedade da escolha desse ponto de chegada. Não havia muito pique, a energia estava meio baixa no geral. O helicóptero da PM continuava a sobrevoar os manifestantes.

Eram 19:30h e caminhávamos. Não ouvi nenhuma palavra de ordem nova: FT!, GF,NP!, bastante NA,TQA,EQOFDPM, “Ei Temer, vai tomar no Cunha!”, “Chega de chacina, eu quero o fim da PM assassina”. Só “Lutar sem cessar, lutar sem temer!” era nova, além da “Ei você fardado, está do lado errado”. Um megafone animava uma das alas da passeata e a certa altura anunciou: “pamonhas, pamonhas, pamonhas!”.

Encontrei nessa hora P, que tirava fotografias. Conversamos um pouco sobre a situação e sobre encharcar a barba de vinagre como proteção contra o gás lacrimogênio.

Às 20:15 dobramos à esquerda na Praça Pero Vaz, que dá acesso à rua Capepuxis – rente à Praça Conde de Barcelos. Enchemos essa rua, onde um bloqueio de grades fechava o acesso à praça. A presença policial agora não era pesada. Vi a moça que tinha o projetor de mão no ato pró-Dilma fazia projeções também lá. Vi também pela primeira vez um vendedor ambulante que tinha, além do isopor cheio de bebidas, duas máquinas de passar cartão!

Um curioso cartaz que não compreendi: “Temer Impala: it feels we are only going backwards, baby”. Uma pichação dizia “o kapital vai cair e o estado vai cair junto”. Outro cartaz: “mãe, não estou na Globo!”. Encontrei o jornalista que tinha sido ferido por bala de borracha na manifestação do dia 2.

Ficamos lá uns 40 minutos, e a dispersão já começava. Ainda chequei o carro de som, de onde alguns oradores discursavam: “vamos tirar o Temer na lei ou na marra!”. O ato foi encerrado. Às 21h comecei a longa caminhada de volta ao Largo. Houve certa tensão nos cruzamentos fechados pela multidão que retornava, pois motoristas impacientes buzonavam muito e queriam passar.

Já na Batata, uma barreira no meio da avenida, trazia pichado: “Golpão safado”.

Tomei o metrô só às 23h, pois comi uma coisinha no Largo. Dentro da estação, muito FT!.

Saí na linha Azul e fui para casa.

## **9 de setembro**

Passei na Paulista e vi que no espaço em frente a FIESP tinha uns 7 moços com uma enorme faixa de uns 15 metros, onde se lia: “intervenção militar já”. A infiltração de um agente militar de alta patente no grupo de meninas e meninos que iam ao ato no domingo indica que o exército está trabalhando contra os movimentos sociais. O ministro Moraes estaria a fazer a articulação das forças estaduais. Talvez uma nova configuração de vigilância e repressão.

## **10 de setembro**

Almoço em casa: ondas longas e ondas curtas do capitalismo; não há alternativas democráticas que restam o capitalismo: só recessão com esmagamento do trabalho.

## **11 de setembro**

Desci na esquina da Consolação e Paulista para o ato Fora Temer!, chamado pela Frente Brasil Sem Medo [*Esta Frente tomava maior protagonismo em relação à mais ex-governista Frente Brasil Popular*]. Eram 15 horas. Fiquei de encontrar M na Augusta. O dia estava ensolarado e agradável, a avenida cheia de gente. Muita bermuda e vestido. De longe vejo as bandeiras da CUT em frente ao MASP. Pertinho tinha umas 10 pessoas da campanha do candidato Levy Fidelis, com suas bandeiras amarelas.

Uns 15 PMs guardavam a esquina, perto de um grupo musical de 6 jovens que tocavam MPB na calçada. Muita gente assistia, e quando tocaram uma música do Pará, várias pessoas dançaram ou balançaram seu corpo. Duas moças se beijavam e várias pessoas seguiam para o ato. Vi passar uma bandeira da UNE e outra da Juventude e Revolução, Chegaram C e M e esperamos um pouco. Chegou MM de bicicleta, e passou por nós P, com seu chapéu.

Segui com C e M para a frente do MASP. Havia uma boa quantidade de gente, mas não foi uma repetição dos 100 mil de domingo passado. Vi bandeiras ou faixas do PSOL, PCdoB, UNE, CTB MTST, POR4, União Brasileira de Mulheres, aquela faixa da Liberdade e Luta. E informou que não se trata da antiga tendência trotskista, mas sim de um movimento originado na ocupação da fábrica Flaskô. Também o PDT e o MST estavam presentes.

Fiquei feliz quando vi uma bandeira vermelha e negra, achando que os anarquistas tinham vindo também. Mas uma lufada de vento revelou o distintivo do São Paulo FC... A Democracia Corintiana estava lá também, e vi pelo menos uma camisa do Juventus. Muitos cartazes FT!, e em menor número “Diretas Já!”. Um outro cartaz dizia “quem não tem voto caça com golpe”. No chão, uma moça vendia uma camiseta com os dizeres “Fora Temer gera Fora Temer”, `a maneira do profeta carioca Gentileza. Vi vários cartazes “vacine-se contra o golpe”. Uma pichação no chão anunciava “criar o poder popular”. Vi também um cacho de balões negros com pintura de caveira e ossos, à moda pirata, não soube dizer quem eram. Uma camiseta pedia “CPI da merenda já”. “É preciso arrancar alegria do futuro” foi outra mensagem.

Havia muitas crianças e famílias, e também a grupo da Cultura Racional com seus cartazes explicativos. Encontrei C, um vizinho, e fiquei muito feliz. Ele é antigo morador da rua, e sua presença aliviou minha sensação de cercamento em casa. As conversas que tenho ouvido na rua me assustaram um pouco pela sua virulência e ódio. Até os umbandistas do lado um dia faziam o coro “Moro, Moro”.

Encontramos P e sua esposa, e segui adiante. W tirava umas fotos perto do carro de som e ele me indicou onde estavam MR e R. Conversamos um pouco. Segui adiante e vi de novo o homem sério que segurava o cartaz enigmático na semana passada. Desta vez não tinha nada nas mãos nem fumava, mas seu cenho continuava franzido.

Mais perto da FIESP tinha esse homem que ficava recostado na grade central, com uma camiseta do exército. Alguns manifestantes vinham interpelá-lo. Um homem começou a discutir e juntou gente. Muito palavrão e empurrão, até que dois PMs acabaram conduzindo-o mais para longe. Vi depois que ele é do novo acampamento que está na frente da Federação, de intervencionistas militaristas. Eram 16:30h.

Voltei ao MASP e notei que de fato tinha pouca gente, umas 20 mil no máximo. Encontrei M, que achou esse número um fiasco. Mais à frente, encontro E. Seguimos juntos e fomos até onde estavam E e R. Sob o impacto do evidente refluxo do FT!, falamos do problema das mobilizações populares e sua verticalização. Essa é uma discussão que está muito forte nos círculos da “próxima esquerda”.

O campo autonomista avalia muito mal a verticalização da mobilização oposicionista. No geral a presença de partidos é ok, mas a presença de candidatos fazendo campanha irrita muito. O que tem potência como um movimento, mesmo com a formulação já meio torta Fora Temer!, seria o fortalecimento dos movimentos, e não o suporte de candidaturas. A sociedade em geral não vai reagir bem a esse aparelhamento da mobilização, a agenda precisa ser para a frente, e não o salvamento institucional do PT, nem mesmo uma carona para bombar bancadas de esquerda. Partidos podem até estar presentes, mas, campanha não. É importante que as mobilizações tenham um caráter apartidário. Precisa ser horizontal, se não, não vai crescer.

De fato o carro de som como de costume dominava o ambiente, e as falas eram todas no tenor esgarçado. Nos 100 mil, o carro de som ficou pequeno e veio a reboque. Foi melhor. Desta vez não tinha o clima de 2013 que havia no domingo passado, e mesmo no 7 de setembro. De novo foi um ato militante.

Mas, por outro lado, parece-me evidente que é preciso estar na rua e interferir nesse processo de verticalização. É um erro estratégico enorme deixar passar esta potência e ficar em casa ou se fiar no facebook. Se hoje tinha 20 mil pessoas e na semana passada 100 mil, é evidente que tem 80 mil pessoas que topam ir para as ruas, e na rua é que precisamos falar com elas. Não dá para ficar reclamando que partido abafa. Abafa mesmo, aparelha mesmo, mas não apresentar alternativa significa que as pessoas vão aceitar isso ou ficar em casa. Ambas são péssimas. Uma jornada separada nesse momento vai exigir muito trabalho para nada.

Recentemente uma professora me contou que nas assembléias da APEOESP, um sindicato notoriamente dominado pelo PT, está surgindo uma nova movimentação entre os professores, que fazem reuniões abertas na sala onde se realiza a assembléia oficial, dominada pelo microfone. Assim, o palanque fica desafiado e esvaziado. A direção fica chamando esse fórum para vir ao tablado, mas eles não vão. Meu ponto é que isso acontece dentro da assembléia. É possível recusar aparelhamento dentro da estrutura, mas precisa estar lá com as pessoas!

Pouco depois encontrei S e conversamos sobre o mesmo assunto. Antes do ato sair em passeata, eu e E decidimos tomar algo no boteco. Meu pé impedia que eu seguisse até o Ibirapuera. Eram umas 18h.

Achamos um boteco aberto na rua Pamplona e sentamos no fundo. Pedi um Dreher com Coca-cola. Ele pediu uma Boazinha com gelo. Falamos muito da esquerda. A certa altura entraram uns 4 intervencionistas do acampamento no bar, com suas camisetas negras. Compraram umas coisas e um cliente festejou-os. Saíram.

Depois de um tempo, umas 18:30h, buscamos a avenida e, na esquina, tinha um dos intervencionistas dando uma entrevista a dois jovens de celular na mão. Ele vestia uma camiseta preta da “Intervenção Já”. Seu discurso era meio populista, dizendo que ele fora cara-pintada no passado, da esquerda. Dizia que a intervenção que pediam era a intervenção do povo, eram contra os políticos que eram corruptos num sistema corrupto. Disse que foi pizzaiolo, motoboy, brasileiro batalhador, e que agora era militante tempo integral.

Dizia que o problema principal era o da educação, e que era preciso contemplar os pobres com a mesma educação que os ricos têm. Nessa hora não aguentei e intervi, dizendo que Dilma tinha alocado 5% do pré-sal à educação, e que agora estamos discutindo cortes. Ele ficou meio sem fala, mas como eu me sentia valente por causa do álcool, achei mais seguro sair fora.

Caminhei até o Paraíso e fui para casa.

## **14 de setembro**

Repercute muito a denúncia feita pelos procuradores a Lula. Um espetáculo foi montado e transmitido ao vivo pela TV. Mas parte expressiva da imprensa, incluindo a

Folha, vários colunistas e a Reinaldo Azevedo admitem que as provas são muito fracas e que não há novidade. A linguagem contra o ex-presidente é pesada, muitas manchetes e epítetos vão ficar rodando à sua volta. Mas a frase “temos a convicção mas não temos provas” ganhou destaque. Sabemos que ela não foi proferida assim, mas parece resumir a apresentação Power Point [*de daltan Dallagnol*]. PHA fica jogando lenha na fogueira, desafiando Moro a fazer a “canoa virar”.

Agora o dado foi lançado, e parece que a cartada destruir as chances de Lula começou definitivamente. O “golpe continuado” entra na sua segunda fase.

A movimentação sai das ruas e vai para o noticiário, o que é sempre ruim. Vou ver se há coisa na Paulista hoje ou nos dias a seguir.

### **15 de setembro – Entrevista coletiva de Lula**

Saí no metrô Anhangabaú em busca do Hotel Jaraguá, no prédio do antigo Diário Popular, na rua Martins Fontes. Lula falaria às 13h. Era meio dia e meia.

O dia estava morno e o asfalto soltava um bafo quente a partir do chão. A convocatória tinha sido feita meio em cima da hora, e havia pouca gente lá fora quando cheguei. De longe, ouvi um som percussivo, mas vi depois que vinha do *sound system* de um rapaz que vestia uma bombacha turca e, maquiado, aguardava o semáforo. Do outro lado, um guitarrista de cabelos longos tocava seu instrumento, dolente. A música era *Let it Be*. Cheguei na entrada do hotel e vi que grades impediam o acesso. Observei um pouco e entendi que a convocatória tinha sido para fazer número lá fora, no sol. Dentro, só convidados. Lembrando dos amigos autonomistas e anarquistas, lamentei a separação liderança/liderados inerente ao formato partido.

Reparei que o pessoal da imprensa entrava sem problemas e tentei fazer o mesmo. Julguei que o caderninho e caneta que trazia comigo à mão seriam disfarce suficiente. Quando perguntado se era da imprensa, eu dizia “sou blogueiro”, uma mentira apenas parcial. Funcionou. Ganhei um crachá onde escreveram “Gazin. Blog Diário”.

Na fila de jornalistas e cinegrafistas, ouvi o diálogo “eu também não consigo desvendar esse lance. Por um lado não tem prova consistente; por outro, entendo os procuradores, pois a corrupção não deixa provas”. No elevador, alguém observou “pouca gente lá fora...”. “Daqui a pouco enche”, respondeu outro. Fui seguindo o grupo



de repórteres e chegamos à sala da coletiva, mas atrás das cadeiras e atrás de uma barreira de câmeras. Temi ficar duas horas de pé sem ver nada. Vazei para o espaço dos assentos e tomei uma cadeira. Tinha umas 150 pessoas, quase todos homens. Achei o ambiente meio intimidador, aquela disputa por espaço, e a imponência dos equipamentos. Eu era a única pessoa que escrevia no papel. O menino ao meu lado tinha um notebook e dois celulares no colo.

Aguardei o início da coletiva enquanto a sala enchia. Vi vários patriarcas do partido, entre eles Jackson Wagner, Vicentinho e Jamil Murad (do PCdoB). Os espaços vazios foram enchendo por toda a sala, e mais de 400 corpos se apertavam agora no recinto, inclusive no tablado onde falaria Lula. Vi uma camiseta que só entendi depois: “Trago a pessoa amada em 5,4,3,2,1...”. O Suplicy chegou, depois o Lindbergh, o presidente da CUT, e também o Boulos com sua bolsa a tiracolo. Vi a senadora Gleisi.

Já eram 13:15 e nada de Lula. O Suplicy não achou lugar no tablado apertado e deitou-se no chão em frente. Um cinegrafista a meu lado disse, divertido: “só podia ser o Suplicy”. Os fotógrafos ficaram alucinados e todos tentavam registrar a cena do senador deitado. Havia grande tensão entre os fotógrafos profissionais que foram alocados mais atrás e as pessoas sentadas que erguiam seus celulares para gravar as cenas. Bastava uma mão levantada para arruinar uma boa foto. Os fotógrafos profissionais gritavam muito, protestando contra a elevação de celulares.

Entrou no recinto Rui Falcão e leu uma nota de repúdio da direção do PT. Aí chegou Lula, para grande comoção da sala toda, que entoava animada “Lula, guerreiro, do povo brasileiro!”, e também “FG,NP!”. Ele tomou o microfone.

Lula continua um fenômeno da comunicação. Apesar do clima geral de apoio, seu estilo populista cai muito bem até mesmo em plateias hostis. É difícil resumir sua fala. Ele começou com piadas e seu discurso foi bem digressivo. Parte é espontâneo, ele não usa teleprompter ou notas, mas parte são as mesmas histórias que repete frequentemente. No geral, contou a história do PT e a sua pessoal como resultado direto das lutas sindicais dos anos 70. Posicionou muito cuidadosamente os ataques contra si a partir dos avanços sociais obtidos por sua administração. Governo popular contra elites reacionárias. “Tenho orgulho de ter criado o mais importante partido de esquerda da América Latina”.

Imediatamente se colocou como cidadão indignado e não como celebridade. Lembrou que durante toda a sua vida foi investigado exaustivamente, inclusive quando Murilo Macedo, ministro da ditadura, foi checar as contas do sindicato dos metalúrgicos, em 1979. Além de não encontrar nada errado, “ele adotou o nosso modelo de contabilidade para todo os sindicatos, nacionalmente”.

Lembrou da campanha de 1989 e de como então havia candidatos de grande porte, sendo ele o novato: Ulysses Guimarães, Mário Covas, Aureliano Chaves, Afif Domingos, Leonel Brizola. Lula não falou, mas o Sílvio Santos foi também candidato por um curto espaço de tempo nessa campanha. Recordou como Brizola foi atacado pela imprensa e pelo *establishment*. Brizola era cotado para ser o próximo presidente, e tinha forças formidáveis contra si. Lula disse que, ao ganhar a presidência, tinha em mente o fracasso de Lech Walesa, sindicalista como ele. Este metalúrgico polonês, depois do primeiro mandato, concorreu às reeleição, mas obteve menos de 1% dos votos. FHC e outros previram o fracasso da gestão do PT, o que não aconteceu. Mas disse também que teve o cuidado de “não prometer o socialismo pleno e nem o fim da luta de classes”. Só prometeu que todo brasileiro teria o que comer de manhã, tarde e noite. Isso ele fez.

Tentou também contrastar a figura do concursado com a do eleito. Disse que o político pelo menos tem que enfrentar o povo regularmente, mas o concursado não. Lembrou Juscelino que teve uma infinidade de processos abertos contra si, e que o PCB também sofreu ataques que visavam exterminar a sua memória da história do país. Falou da criminalização pela manchete. Falou da violência da PM.

Lula tem clareza que o fim dessa operação da Lava Jato é acabar com sua vida política. Disse que as pastas que continham todos os seus discursos foram levadas pela PF do Instituto Lula, e que foram devolvidas vazias. “Vai ver que foi pra plagiar...”. Falou do helicóptero que carregava pasta de cocaína, ligado a Aécio Neves. Nessa ocasião, a PF “tinha provas mas não tinha a convicção”.

Chorou ao dizer que “tinha conquistado o direito de andar de cabeça erguida”. Lembrou de Tiradentes, que, apesar de morto e esquartejado, propiciou a independência do Brasil, pois as suas ideias não morreram. Também chorou quando

recordou passar fome “nos domingos de chuva junto com meus 5 irmãos em São Bernardo”.

Recordou Chico Mendes, quando ia a Xapuri ajudar na fundação do PT por lá. Mencionou a luta dos secundaristas e se declarou continuado nessa movimentação, “um milhão de Lulas multiplicados”. A plateia explodiu em “Lula, guerreiro, do povo brasileiro!”.

Tirou o paletó e mostrou a camisa vermelha do PT que usava. Beijou a camisa, “como fazem os jogadores de futebol”. “Petista tem que usar camisa vermelha e ser orgulhoso dessa cor. Tem que usar essa cor sempre em público”.

Falou bastante da política externa “ativa e altiva” de Celso Amorim. Contou anedotas da política internacional envolvendo Fidel e Chaves, imitando o espanhol falado pelos dois. Contou do G8 e de como Obama tentou muito penetrar em uma reunião dos líderes do BRICS. Disse que no fim permitiram que ele entrasse, mas não Hillary. Sublinhou muito a posição de referência global e da importância internacional que o Brasil adquiriu em sua administração.

Lula declarou estar “com muita disposição, não estou triste nem sofrido”. “A história mal começou, não é meu fim não, vou viver muito ainda”. “Tenho a convicção de que quem mentiu está numa enrascada. Quem mente pela primeira vez tem que continuar mentindo”.

Lula encerrou sua fala, e a plateia gritou “Lula é meu amigo, mexeu com ele mexeu comigo”. Ele foi simplesmente engolfado por uma multidão que lhe solicitava atenção, e os fotógrafos ao fundo da sala gritavam desesperados para que as pessoas sentassem. Inutilmente, pois todo mundo se levantou e o caos reinou. Nessa hora vi o Nassif no bololô.

Deixei o recinto enquanto os advogados de defesa tentavam restaurar alguma ordem para exporem como seria a sua estratégia de defesa. No caminho para a rua, vi que havia um bufê muito apetitoso oferecido aos jornalistas. Hesitei, achei que cairia bem, mas segui para a rua. Na entrada do hotel, estava a multidão que eu renegara em favor da exclusividade da coletiva, disfarçado de repórter.

A multidão de apoiadores gritava muito, e eram quase todas chamadas da campanha de 1989: “olê, olê, olê, olá, Lula, Lula!”; “Brasil, urgente, Lula presidente!”. Algum “Fora Temer!”. Vi um cartaz “Lula preso e Cunha solto: entendeu?”. Vendo do lado de cá da grade, de frente para a multidão, ouvindo o eco maluco que a garagem do hotel proporcionava, achei impressionante. Contei umas duas mil pessoas no local. A rua Martins Fontes estava fechada de tanta gente.

Morei um ano ou dois bem pertinho dali e sabia que essa garagem do hotel liga a Martins Fontes à rua Major Quedinho, para onde a saudosa lanchonete Estádio dá fundos. A ventilação deste estabelecimento dá para a calçada, e toda a gordura capturada pelo exaustor de sua cozinha acumula em fedorenta pasta na grade exposta nessa rua. Saí à esquerda por essa via e contornei o edifício para chegar à frente do hotel, onde estava a multidão.

Vi imediatamente um fusca verde e antigo, sobre o qual repousava um plástico gigante com a efígie de Brizola. Em cima do carro, um cubo com os dizeres “É hora de derrotar o golpe”. Achei muito pitoresca a referência ao líder pedetista hoje falecido, e também o fato de ser um fusca, uma rara relíquia da indústria fordista nacional, objeto inclusive de política produtivista do presidente Itamar Franco.

Lula e Brizola eram rivais disputando o mesmo eleitorado em 1989. Brigaram muito (Brizola famosamente batizou Lula de “sapo barbudo” nessa época), mas o gaúcho foi leal à esquerda e, no segundo turno dessa eleição, transferiu a Lula a quase totalidade dos votos que tinha obtido no primeiro turno. Às vezes penso o que teria sido do Brasil se Brizola tivesse chegado ao segundo turno em 89, foi por muito pouco. Ele teria certamente ganhado o debate com Collor, não obstante a edição criminosa da Globo. Ele teria peitado essa rede de comunicações. Ele peitou o golpe em 62 e adiou a quartelada final por dois anos, que, por valentia pessoal sua, veio a ocorrer só em 64.

Lembrei que fui ao comício final da campanha de 1989, no segundo turno, no Rio de Janeiro, na Cinelândia, com o amigo SC. Fomos e retornamos de ônibus no mesmo dia do evento, e recorde-me de lavarmos o sal do corpo, após visita à praia, na pia de um banheiro de um shopping, horas antes do comício. Levamos uma bandeira do PT, se não me engano uma que eu tinha feito à mão a partir de um lençol branco, onde pintamos com guache a estrela vermelha. Esta era a época em que o partido não tinha

material publicitário unificado em quantidades significativas, e cada núcleo ou diretório fazia o seu. Tinha pintado essa bandeira com LE, ainda no primeiro turno.

Chegamos cedo à Cinelândia, e obtivemos um lugar bom, de pé. Mas aí tinha que esperar um montão. Até hoje recordo-me que, recém-saído da adolescência e ainda muito tímido, eu via a praça como um incrível ambiente público de relacionamento humano. Moças cariocas estontantes e desconhecidas me tratavam como se eu fosse velho amigo, e eu pirei na eroticidade dessa familiaridade do espaço público tomado pela multidão.

Lula também falou nessa ocasião, mas o que se me gravou na memória foi Brizola em seu elemento: quase meio milhão de pessoas na praça pública, atentas à sua voz ao microfone. Lembrarei para sempre de sua pronúncia e enunciação.

Eu hoje coleciono discos de voz humana sem música: discursos, histórias infantis e narrações de jogos de futebol. Tem uma transição muito clara entre uma locução à moda antiga e o modo vernacular hegemônico de hoje. Teve uma geração de oradores públicos que se formou no rádio e no megafone, diferente da geração que se expressou na sensibilidade extrema do microfone de alta qualidade.

Na música dita erudita, tem uma discussão acerca da necessidade de cantar gritado, como é a tradição na ópera. Explica-se o caso como a consequência natural da voz ter que se projetar para audiências de massa no século XIX, antes da amplificação eletrônica. Assim, esse modo meio artificial da ópera e do bel canto acabou por se tornar obsoleto frente às conquistas do microfone. Eu pessoalmente detesto o bel canto e não consigo respeitar a celebrada cantora Maria Callas, por exemplo.

Mas, na MPB, é possível detectar a tensão entre um “moderno” e um “arcaico”. É só comparar a pronúncia dos Ts. Para a Tropicália e quejandos, incluindo o português imperfeito de Roberto Carlos (algo análogo ao mau português dos quadrinhos?), a pronúncia da geração do rádio era algo a ser superado. Vejo essa tensão nos Mutantes, que não se decidem entre o T pronunciado limpo, à maneira italiana/paulistana e do rádio, e o T sujo, tipo “Tchi”, que o Tropicalismo abraçou sem pejo. A Tropicália consagrou o T sujo, e o T cristalino morreu com Ulysses Guimarães e Brizola. E Adoniran Barbosa.

Desta forma, em 1989, Brizola era claramente o herói da resistência ao golpe de 64, mas, igualmente, tinha algo daquilo que assombrou a geração de opositores que retornou do exílio depois da Anistia: heróis sem dúvida, mas o Brasil que eles tinham conhecido havia mudado. Lula simbolizava o novo e a superação tanto do comunismo moscovita do PCB quanto do populismo nacionalista getulista.

Mas, de pé na Cinelândia de 1989, era muito impressionante ver um locutor carismático da velha guarda se relacionar no gogó com 500 mil ouvintes na praça pública.

A comunicação audiovisual de Brizola também lançou mão da linguagem populista clássica. Sua última peça publicitária no primeiro turno, na TV, eram imagens aéreas de seu grande comício e passeata de encerramento, no centro do Rio de Janeiro. A locução, econômica, era do malucão ator Paulo José, que, inclusive, participou, ao lado de Grande Otelo, do incrível filme Macunaíma, que assisti no MIS de São Paulo em alguma tarde perdida dos anos 80. Esse filme publicitário da campanha do PDT mostrava a massa brizolista varrendo as ruas do Rio de Janeiro, que, no imaginário brasileiro, parece ser um resumo do Brasil. Vi esse filme de campanha em São Paulo, na casa de meu tio conservador, onde eu temporariamente me hospedara, retornado de Londres para a campanha no Brasil. Eu pirei no populismo progressista das imagens, mas meu tio alucinou na ameaça da volta do comunismo.

Hoje é meio fácil tomar o lugar do analista visual e desconstruir o discurso massa/líder desse tipo de comunicação audiovisual. Mas, naquela época, não só não havia internet (e apenas 5 canais de televisão), como também estávamos saindo da época da censura. Assim, imagens de encontros de massa eram inéditos, ainda mais se tingidas de vermelho. Era uma perfuração discursiva em escala nacional só possível pela conquista da propaganda eleitoral obrigatória.

Em frente ao hotel Jaraguá, no meio da multidão, vi também uma bandeira do PT, mas esta era toda verde. Vi uma camiseta “Juventude metalúrgica, consciência e atitude”. Era no geral uma presença claramente militante, mas vi sim uns passantes e populares muito emocionados. Tinha muitos jovens e mulheres.

Eram umas 14:45h quando o Lula apareceu de repente, elevado por cima das cabeças, ainda do lado de dentro das grades. O povo vibrou muito, “LGDPB!”, muitas vezes.



Depois, rolou uma lenta dispersão. Nessa hora o fusca do PDT ligou o seu som, que era de canções patrióticas do tipo “Hino à Bandeira”. Lamentei o fato, mas ponderei que isso da celebração da nacionalidade é consequência natural do nacional-populismo, e que Brizola já em 1989 representava o passado.

Eram 14:50h e caminhei até o Nova Fogazza da Consolação, na esquina com a biblioteca Mário de Andrade. Comi precisamente uma fogazza, de atum e milho. No caminho até lá, vi que o moço da bombacha turca, que eu encontrara logo ao início da jornada, estava na calçada da “Galeria Árabe”, ao lado da Caixa Econômica Federal. Ele e uma moça loira faziam a performance publicitária para a galeria, era uma dança do ventre.

Peguei o metrô no Anhangabaú e fui para casa.

### **16 de setembro – Mais um ato FT!**

Hoje ficou claro que o braço-de-ferro final entre Lula e os procuradores de Curitiba já começou. Até temos algumas vozes dissonantes, como a de Reinaldo Azevedo, que afirma que não há provas robustas contra Lula. Outros colunistas do Globo e da Folha afirmam o mesmo. Até Janot estaria “desconfortável” com o procedimento dos procuradores curitibanos. Mas os cínicos dizem que isso só facilita o fechamento da Lava Jato APÓS A PRISÃO DE LULA. Assim, concluir-se-ia o ciclo de forma elegante: derrubada de Dilma e prisão de Lula. A repressão aos movimentos sociais estaria assim autorizada, ao mesmo tempo que a preservação da classe política tal como ela é ficaria garantida.

Fui ao MASP em busca do 3º Ato Fora Temer, convocado pela Liberdade e Luta e pela Periferia Revolucionária. O companheiro E tinha relatado que esse primeiro grupo é ligado à fábrica ocupada Flaskô, e foram eles que fizeram, parece, aquela boa passeata do 7 de setembro no centro, à qual não fui. Cheguei lá perto das 17:45h, mas só tinha um pequeno grupo. Fui à farmácia comprar algo para meu pé. Chequei a FIESP e não tinha nenhum acampamento coxinha por lá. Só um genuíno sem-teto.

Na volta, já 18:30h, menos gente ainda no MASP: um grupo de 7 jornalistas de capacete e uns dez jovens de bandeiras e um faixão ainda no chão. Fiz um curativo no pé e acabei saindo fora, era evidente que não ia rolar nada por lá.

Encontrei E no Extra da Brigadeiro e conversamos um pouco na fila do caixa. Ela também se irrita com campanha de candidatos em manifestação, e no geral não parece otimista. Concordamos que está difícil mobilizar hoje em dia e que a novela Lula vai dominar a pauta política até o natal. Ela não sabe bem se vai à manifestação de domingo. Ela também não tem facebook e nunca sabemos exatamente onde as coisas vão acontecer.

Comprei um gim e uma tônica, limão eu tinha em casa.

Peguei um ônibus na Paulista e, depois de apenas um ponto, desci à calçada e fui para casa.

### **18 de setembro – Mais um ato**

Subi para a Paulista de ônibus a partir de Pinheiros. Desci na esquina da Consolação e fui em busca do ato Fora Temer chamado pela Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo. Havia muita dúvida de como seriam as mobilizações vindouras, especialmente após a abertura do processo contra Lula.

O Fora Temer tem muita potência, mas é frágil também. A presença de candidatos da eleição municipal não ajuda. O potencial de crescimento está fora dos partidos, que ainda provocam extrema desconfiança e tendem a espantar as pessoas em geral, sedentas de novos caminhos para a política. A política representativa está em crise e o movimento não vai avançar se for visto como restaurador partidário. É óbvio que a luta eleitoral está em pauta e que os partidos vão fazê-la, mas nenhum partido pode “liderar” um FT! capilarizado e amplo o suficiente para derrubar Temer ou sustar o golpe.

Por outro lado, petistas não estão super prontos a confiar em uma movimentação geral apartidária sem liderança e direção claros. Do ponto de vista deles, em 2013 o movimento autônomo sublevou geral e depois caiu fora, subtraindo-se à mobilização que foi então capturada pela direita institucional, viabilizando o golpe. No atual ambiente político, a diferença entre o apartidário e o anti-partidário não está claramente posta e pode explodir pela direita.

Eram 14:45 e vi, lá embaixo no túnel que liga a Paulista à Rebouças, um DJ e uns dois moços na dançando. O eco valorizava o som e dava um clima legal à tarde. Estava

quente e havia bastante gente na rua – bermudas e vestidos à mancheia. Na esquina da Haddock Lobo um cantor acompanhava a si próprio com um violão eletrificado, cantando “Valeu a pena, ê ê”. Passou um veículo/bicicleta da “Batman Gibiteca Móvel Gratuita”. No lambe da parede, Pelé abraçava Bob Marley. Na esquina da Augusta, uma banda de rock dentro de um container tocava para um razoável público.

Vi nessa hora uma bandeira de um candidato do PT. Seu nome e número estavam inscritos no plástico, mas não a estrela do partido. Um homem de terno e sem cabeça estava sentado em cadeira na calçada – uma performance de artista. Os dois meninos do Rap de novo se apresentava na calçada. Na esquina da Peixoto Gomide, faixas grandes estendidas nas grades das esquinas: “em defesa da democracia” e “com Dilma contra o golpe”.

Já na frente do MASP, deu para ver melhor quantas pessoas tinham vindo para o ato: poucas. contei nessa hora umas 500. O carro de som estava lá, com uma banda em cima. Os bandeirões da CUT também presentes, assim como o faixão vermelho da “Liberdade e Luta”. Uma mesa vendia camisetas “Fora Temer”, “Lutar Sempre, Temer jamais” e também da Mafalda. Vi bandeira do PSOL, União Brasileira da Diversidade, Socialismo ou Barbárie, MAIS, CUT, PCdoB, a bandeira vermelha e negra das Brigadas Populares, Frente Brasil Popular e Frente Brasil Sem Medo. Uma bandeira do PT. Não vi nenhum símbolo ou pessoa autonomista ou anarquista.

Alguns cartazes chamavam “Diretas Já”, outro dizia “Globosta”, “Fora Temer Golpista”, “STF anula o impeachment”. Um cacho de balões roxos traziam o adesivo de uma candidata do PT.

Um trio da PM filmava o ato.

No geral desanimado, um refluxo claro depois dos 100 mil. Durante o dia a convocação tinha sido moderada, já prevendo baixa adesão.

Encontrei E e fomos tomar alguma coisa. Ele me atualizou dos debates nas redes sociais. As posições parece que continuam mais ou menos as mesmas, e os méritos e deméritos do governo do PT ainda são discutidos com calor. Às vezes penso que tanto a direita como a esquerda autonomista ainda não largaram mão do Lula. Ambos parece que, a despeito de todas as reclamações, não conseguem abandonar a

centralidade desse personagem. Para mim, estamos em plena era pós-PT, mas acho que não caiu essa ficha e o caminho adiante sem o PT ainda não foi imaginado e estão a se apegar ao demônio de ontem.

Havia uma mesa de flamenguistas conversando muito alto, ao lado. Eu e E falamos dos times de futebol de várzea que experimentam um certo renascimento, e muitos autonomistas e ativistas que gostam de futebol mas não aceitam o modelo atual de sua realização buscam esses ambientes mais interessantes, fora do espaço corporativo.

T juntou-se a nós e contou como a declaração do cantor Supla repercutiu nas redes: “meu pai é petista, minha mãe é golpista e eu sou anarquista. Não tá fácil!”.

Voltamos à avenida e tudo continuava meio igual, agora talvez umas mil pessoas. O helicóptero da PM sobrevoava a multidão. Encontramos O, que já foi do MPL e hoje está envolvido na campanha da Erundina, tendo contribuído com a pauta dos transportes e da mobilidade urbana. Ele reclamou da condução da campanha e das limitações legais à candidatura de Erundina (pouco tempo na TV). Agora está também ligado às Brigadas Populares.

Já eram 16:47 quando aconteceu um incidente do outro lado do carro de som, na esquina da Casa Branca. Um grupo de 4 PMs apreendeu o isopor de uma vendedora de bebidas. Foram truculentos e as pessoas se revoltaram e acorreram ao local. Acuados, os PMs lançaram gás de pimenta e chegaram a usar o cassetete. Suplicy estava lá e entrevistou, recebendo a pimenta no rosto. Jamil Murad também se envolveu. Muito empurra-empurra e tensão, o locutor pedindo calma. Chega um comandante e organiza um pouco as coisas. Os PMs se retiraram sob vaias e sob a chamada “NA,TQA,EQOFPDPM!”. O evento repercutiu muito nas redes. Difícil saber se foi provocação ou apenas o normal truculento da PM.

Tomamos o metrô na estação Trianon-MASP e fomos para casa.

## **20 de setembro**

Moro aceita a denúncia contra Lula e o faz réu. Uma moça na saída da estação Sé do metrô me deu um panfleto sobre a greve geral marcada para quinta dia 22. Era um material da CUT. Não boto muita fé, mas vamos lá.

Os indicadores econômicos não são bons e não há recuperação econômica.

A paralisação e incerteza são muito grandes, e fico alternando entre o desânimo e a vontade de luta.

## **21 de setembro**

Acordei cedo e chequei as notícias: agora acho que Lula pode ser preso a qualquer momento; Muito helicóptero perto de casa hoje de manhã, fiquei desconfiado. Apesar de Dellagnol ter sinalizado que não há necessidade da prisão de Lula, não acho que vá ser o caso necessariamente, acho que isso ainda está em disputa no campo do golpe. É aberto que o projeto é impedir Lula de ser candidato. Mas tem um contingente ultra-direitista que não vai aceitar menos que o encarceramento.

## **22 de setembro – Ato sindical**

Mantega foi preso de manhã, no hospital onde acompanhava a cirurgia de sua mulher. Horas depois, foi solto. Presume-se que por causa do papelão de tirá-lo do hospital sem necessidade. É difícil avaliar quem foi que comandou a soltura, e se o episódio todo foi de propósito ou se foi mesmo um desastre de propaganda. Mas é notável que há poucas semanas atrás havia um consenso geral na imprensa, onde uma ação desse tipo não causaria estranheza fora do círculo petista.

Da mesma forma, ouvem-se vozes contra os exageros da acusação PPT contra Lula, notável de certa forma, mas ninguém peita e dá um basta. Continua a forte sensação de que a Lava Jato vai acabar só depois que Lula for preso ou impossibilitado de se candidatar.

Peguei um ônibus no Paraíso para ir ao MASP ver o “esquenta” das centrais sindicais para greve geral a ser marcada. Ia encontrar GM em frente a FIESP às 16h. Ela se envolveu com a campanha de um vereador do PSOL, professor e ativista da educação.

O trânsito já tinha travado a partir da Brigadeiro e acabei por descer antes e ir a pé. Atrasei.

Encontrei GM na calçada conversando com seu candidato. Ele é da Zona Sul, mas do extremo Sul. Conteí que nasci em Santo Amaro, e ele falou que sua mãe se referia ao

Largo 13 como “a cidade”, e que ele veio a descobrir que “o centro” de São Paulo era na verdade a Praça da Sé e arredores só quando foi ser office boy aos 14 anos.

GM me contou que procura apoiar movimentos basistas dentro do PSOL. Ela inclusive lamentou um panfleto que nos foi dado, onde Gianazzi avalizava a candidatura de... seu irmão!

No geral, as campanhas de esquerda estão sem dinheiro e enfrentam dificuldades. Sei que não é o caso do PSDB. Há um medo de que uma reforma política maliciosa obstrua e exclua partidos de esquerda do pleito eleitoral.

Saí a pé com GM e fomos ao MASP. De longe deu para ver que um potente carro de som dominava o ambiente. Era opressivo, muitos decibéis de fala ao modo sindical.

É sempre notável o abismo entre o modo velho de fazer um ato e as formas mais horizontais de estar na rua, que já foram consagradas em várias mobilizações contemporâneas. Independente da crítica à liderança como um todo, é inescapável que o carro de som reitera a verticalidade e insiste na validação das posições da liderança a partir de sua irradiação unilateral em cima de corpos que não têm nenhuma chance contra a potência desse carro de guerra.

Arrisco que há um paralelo entre o carro de som e o projeto socialista do sindicato como antecâmara da gerência do Estado: os monopólios e grandes corporações capitalistas, como ápice da produção e riqueza capitalistas, foram os alvos preferenciais do socialismo histórico, que entendeu que era útil tomá-los mantendo sua estrutura produtiva, apenas distribuindo seus frutos através do Estado, o que por si constituiria uma sociedade comunista. O trabalho continuaria a ser opressivo e militarizado dentro da fábrica (com Trotsky e Lênin), mas o usufruto democrático e distribuído desse trabalho redundaria numa forma de socialismo. A tradição laborista anarquista, que também construiu a revolução de 1917, insiste, a contrapelo, no controle do trabalho por quem trabalha.

Assim, julgo que aceitar a variedade de discursos é o mais seguro caminho para a capilarização da defesa de direitos sociais na sociedade como um todo.

Em outras palavras, o capitalismo de hoje não é o capitalismo de 1910! Análises contemporâneas do capitalismo precisam informar a luta!



Eu tenho pirado muito numa pauta mínima de convivência pública das esquerdas. É evidente que estamos toda a esquerda em perigo, mesmo quando defendo a liberdade de Lula como um dique anti-fascista.

Tenho instado os amigos autonomistas a não se furtar às frentes comuns que percebo no horizonte imediato, isto é, o Fora Temer!. Mas reconheço que certos cacoetes da esquerda petista, antes hegemônica, precisam ser superados, mesmo no ambiente de urgência em que estamos. Minha geração não tem escolha senão abraçar o novo. O PT mesmo não tem escolha senão abraçar o novo, que por definição é diferente de si. A luta anticapitalista precisa lidar com essa contradição e crescer nela.

Então, como parte dessa pauta hipotética de convivência na rua, eu insistiria no simples cancelamento do carro de som: o lugar de liderança é na rua, conversando. A passeata precisa ser um laboratório de vozes díspares e múltiplas. Isso fortalece a mobilização e capilarização. A superioridade no orçamento publicitário não pode prevalecer sobre a presença física das bases.

Recordo-me sempre da campanha das primeiras eleições presidenciais desde 1960, no ano de 1989. Fui à praça da Sé para o último comício da frente que apoiava a candidatura de Lula e do PT. O PCdoB era parte dessa Frente. Ainda nessa época, antes da queda do Muro de Berlim e colapso da URSS, o PCdoB era de linha albanesa, isto é, se colocava como representante no Brasil do projeto de comunismo realizado na Albânia, liderado por Enver Hoxha. Era ultra-estalinista. Cheguei cedo na praça da Sé, se não me engano vestido de Papai Noel Vermelho e um saco de estrelas vermelhas que tínhamos feito com outros colegas da Faculdade de Direito – incluindo GM que encontrei hoje, e o insubstituível MO, além de S, o saudoso D, o hoje juiz G e a inesquecível A. Tínhamos também uma faixa presidencial que confeccionamos à mão, e que o companheiro O Pintassilgo conseguiu entregar ao candidato Lula atrás do palanque. Grande O.

Ora, nesse histórico e crucial comício, o PCdoB tinha uma enorme bandeira vermelha na frente do palanque, no meio da praça, que impedia a visão de umas duas mil pessoas de pé na audiência. De gorro natalino de pompom, barba falsa e roupão vermelho, em pleno verão sub-tropical, entendi a estratégia desse partido comunista. O ódio gerado pelo inconveniente da bandeira oprimindo a massa não era nada frente

à perpetuação do registro histórico da presença do então insignificante partido albanês na campanha. Tudo o que restou desse evento são fotografias, e nela aparece sempre o bandeirão do PCdoB, como se este estivesse na vanguarda do movimento, guardado por uns 5 militantes. Na realidade, o partido era então apenas um pet domesticado do PT, uma diminuta figura levemente embaraçosa, inclusive explorada por FHC, que apontou depois em campanha que eles ainda pregavam a ditadura do proletariado – o que era verdade.

Tenho ainda fotos dos papais-noéis vermelhos no meio da multidão, punhos cerrados ao alto no nublado mas quente céu paulistano. Mas as fotos que perduram nos arquivos históricos e jornalísticos de hoje registram o bandeirão do PCdoB bem na frente do palanque. Maldição!

Por isso a bronca dos autonomistas com bandeiras em atos: prevalece no registro quem produz o pinto maior. A diversidade de mensagens e a inventividade da militância têm que prevalecer contra o sloganismo da direção turbinada na gráfica oficial do partido.

Assim o carro de som. Este apaga as vozes locais e reitera a verticalidade da liderança que pode existir separada da massa. E ainda sai no vídeo como porta-voz da mobilização.

Enfim, chegamos à frente do MASP e vimos os balões das centrais sindicais: CUT, Intersindical, APEOSP, CTB, CONTAC. Vimos imediatamente um cartaz do PCO dizendo “Não à prisão de Lula”. Estranhamos um pouco, já que esse partido há pouco fazia acerbas críticas ao PT. Uma faixa pedia a reforma política. Vi bandeiras da CUT, do PCB, PCdoB, CNTE, da Unidade Classista, MAIS, PSTU, PCO, MRT, APROFEM. Vi feliz, meio afastada, uma bandeira negra com o A anarquista: eram os secundaristas que estavam lá, meio de lado, mas trazendo sua mensagem: “unificou, unificou, é funcionário, aluno e professor” - a rima só possível no falar brasileiro, como já anotei antes. Eram uns 40 jovens, que carregavam uma faixa “Secundaristas pela Classe, Fora OSs”.

Parece que havia uma assembléia dos professores em andamento. Votavam-se pautas. GM me falou das conversas do Bloco da Esquerda Socialista, em construção. Vi uma bandeira do Brasil, a única até o fim do ato. Um locutor defendia a ocupação do MEC,

ao modo gritado. Alguém depois mencionou o pato amarelo da FIESP. No geral a tônica era a defesa de direitos trabalhistas. Mas teve apoio a Lula em faixas e na locução.

Estavam lá o Levante Popular da Juventude, UJS, os bancários grevistas, o Sindicato dos Químicos e o Sindicato dos Enfermeiros, Movimento de Moradia do Estado de São Paulo. Vimos bandeiras da UNE e UPES, e também da Frente Brasil Popular. Nada da Força Sindical.

Eram 17:30h quando a passeata começou a andar. Fomos na frente, meio longe do carro de som. Vi um cartaz na forma de uma carteira de trabalho. No verso, “Não pense na crise, trabalhe. M Temer”. Alguns gritavam “olê, olê olê olá, Fora Temer!”, enquanto outros assopravam irritantes apitos, só toleráveis na intoxicação do carnaval.

Avaliamos em 15 mil, talvez 20 mil pessoas ao todo.

Achei que tinha muito trabalhador, muitos militantes e uma quantidade razoável de jovens (25-35 e também de uns 40). Bastante mulheres e moças. A animação era boa, mas não super contagiante.

“Temer seu otário, SGCT!”, e “FT!” prevaleceram. No geral não ouvimos novas palavras de ordem, exceto dos secundaristas, que arriscavam novas composições. “Vem, vem pra rua vem, COG” apareceu também. Uma que eu nunca tinha ouvido antes: “Governo tucano, governo ladrão; rouba a merenda e sucateia a educação”.

A presença da PM era light.

Na calçada perto da Haddock Lobo, um violinista de rua gritava ao microfone de seu instrumento: “Fora Temer!”. E, na calçada, um piloto de drone tentava fazer seu veículo subir. Na banca de jornal, o cartaz dizia “O livro do Abraço, Eduardo Galeano”. Será o mesmo de “Veias Abertas da América Latina”? Um abraço de veias abertas?

Nessa hora vimos os balões prateados, em forma de letras, desenhando na grade sobre o túnel que leva à Rebouças: “Dia mundial sem carro”. Paramos GM e eu na calçada para ver a passeata passar: a batucada do Levante Popular da Juventude, o PSTU ANEL, um pixuleco do Alckmin, uma faixa “Diretas Já” (a única), outra do SEDIN (educadores da infância), uma camiseta “educadores contra o golpe”.

No oitavo andar daquele edifício em frente a praça do Ciclista, um homem de gravata vermelha segurava um cartaz “Fora Temer!”. Passaram os secundaristas com uma bandeira da CUT pichada: um Xis anulava a sigla, e com spray escreveram em cima “Secundaristas Poder”. Tinham animada batucada. Três bonecões passaram andando: uma porca rosa, um boi preto e um galo branco. Foram até o final, na praça da República.

Notei que dois PMs filmavam a passeata, e depois, na igreja da Consolação, mais outra câmera de registro. Imagino se eles têm de fato a capacidade de processar tanta imagem. Talvez não. Nassif anota que a Lava Jato tem acesso a uma quantidade muito grande de dados, oriundos da Receita Federal e mais uns 3 órgãos federais. Mas falta a eles a capacidade de processar de maneira consequente tanta informação. Acho que o uso policial de imagens é mais pontual e menos totalizante.

Eu ainda viro a cara quando noto que sou filmado, por quem quer que seja. Amigos alertam-me que a essa altura o anonimato é impossível. Mas fiquei muito impressionado com o fato de que o agente do exército infiltrado Baltasar não aparece de frente em nenhuma foto feita pelos movimentos, mesmo quando ele foi à Casa Fora do Eixo para um evento onde foram tiradas centenas de imagens. Ele só aparece em uma delas, de costas. Virar a cara sempre pode, assim, diminuir a incidência do registro. Lembro agora do companheiro Rh, que por um tempo só vinhas às manifestações do MPL com óculos escuros, para evitar identificação.

Vi uma faixa grande: “Não há saída para os trabalhadores dentro da democracia burguesa – Liga Operária Internacionalista”. “Contra a reforma na educação”, trazia outra. “Nenhum direito a menos”, e outra ainda “Juízes de merda”.

GM se foi e desci a Consolação sozinho.

Fui checar no ponto de ônibus em frente ao Belas Artes o cartaz que me recordava de estar lá: “Lula traidor da classe operária”. Era assinado pelo grupo Território Livre. Mais recente, em cima destes, estava outro, punk anarquista: “03 de setembro. Johni, seu corpo adormece, mas sua rebeldia continua viva”, assinado por “SP sem WP [White Power, um grupo fascista]”. Um adesivo recente completava o arranjo: “Sou professor de luta. Não tenho medo de P2 da PM infiltrado no nosso meio. APEOSP”.

O carro de som irradiou um rap da “greve dos professores de 2015”. Nessa hora estou perto dos secundaristas que gritam “sem liderança!”, ao lado do cemitério da Consolação. O locutor saudou a presença do MST. Eram 18:15h.

Noto que o azulejo artístico da escola pública está de novo pichado. Trata-se de um mural que retrata o Anchieta evangelizando dois curumins. Esta imagem, na fachada de uma escola pública, vem sendo sistematicamente pichada há mais de dez anos.

Já perto da Maria Antônia, dez crianças do cortiço ao lado da ocupação da Casa Amarela, que eu acho que é o edifício do antigo Clube Inglês, gritavam juntas “Fora Temer!”. Divertiam-se. Logo ao lado, uma bizarra loja nova chamada “anurbanshop” vendia acessórios para o grafite e para o “urban look”. Muito gentrificação.

Acho que nessa hora vi o Gianazzi. GM tinha notado a ausência de bandeiras do PSOL na manifestação. No geral eles estão sempre presentes. Vi também uma pequena faixa da Marcha Mundial das Mulheres.

“NA,TQA,EQOFDPM!” ressoou uma ou duas vezes, não muito. Passando o cruzamento da Maria Antônia, vi dois Pelés na parede: um abraçava Dali e outro abraçava Muhamed Ali.

Chegamos à praça da República sem incidentes. Esperei um pouco e vi um cartaz “Sapatão resiste: amor sem temer”. Vi o carro de som chegar e dominar – decidi então sair fora. Fui até o Nova Fogazza perto da estação Anhangabaú, pedi um dreher com coca-cola e escrevi um pouco. Eram 18:30h.

Avaliei que, se eu fosse da direção, consideraria a manifestação um sucesso. Mas, como militante, achei meio esforçado demais, sem vida. O formato está errado, novas análises do capitalismo e novas formas de luta precisam contaminar a estrutura sindical. De baixo.

Comi uma fogazza de queijo, tomei o metrô e fui para casa.

## **23 de setembro**

Repercute ainda a prisão e soltura de Guido Mantega. Entende-se que sua prisão foi puramente cenotécnica e desnecessária em termos processuais. Mas que está valendo o teatro do arbítrio.

## **24 de setembro – Secundaristas autonomistas em livro**

Desci na estação República e busquei a sede do Instituto Pólis, onde haveria o lançamento do livro “Escolas de Luta”, coautorado por M, com A e J. Subindo a rua Araújo, depois de namorar os doces cremosos e úmidos das barracas na praça, vi três PMs enquadrando três jovens na calçada – meninos negros e pobres. Encontrei A lá fora e subimos juntos ao recinto. Uma mesa da editora exibia vários livros, incluindo outros títulos da série Baderna, além de quadrinhos e outros gêneros.

O lançamento contava com a presença de vários secundaristas na mesa, o que foi legal. Os autores falaram pouco e prevaleceram os testemunhos dos estudantes.

No geral deu a impressão de que a educação pública é uma bomba relógio. Por um lado houve suficiente mudança nas escolas para sentir que a luta valeu a pena. Uma delas agora tem um quadro público onde as despesas da instituição são descritas uma por uma, por exemplo. Mas por outro lado permanecem as falhas estruturais e permanece o intento governista de seguir adiante com a reforma, o que está acontecendo. A reformas propostas por Temer inflamam a situação, especialmente pelo modo pelo qual foram decididas. Os grupos de whatsapp deles continuam ativos.

O livro opera no sentido de fortalecer a memória da luta, já que é composto de várias entrevistas e testemunhos de secundaristas. A tônica é de autonomia em relação a pautas partidárias e de ‘empoderamento’ das bases. A ocupação serviu como um aprendizado muito potente de como fazer operar a própria luta e conduzir as decisões e trabalho em rede de forma horizontal e consensual. Falou-se bastante da experiência de gerir a própria educação, organizando aulas e eventos durante a ocupação. Houve alguns chamamentos Fora Temer!, mas nenhum interesse especial no noticiário Lava Jato. Trata-se de um exemplo vivo da “próxima esquerda”. Chama-me a atenção que na USP não há ninguém fazendo a prefiguração da educação que seja desejável e diferente do atual e negro futuro privatizado.

Parece que a conexão em rede com as outras escolas foi crucial, mas também a capilarização com a comunidade e com o entorno. O relacionamento com os pais foi muito citado, pois foi só depois do entendimento destes acerca da razão das ocupações é que passaram a apoiar o movimento. Uma secundarista contou a transformação depois que os secundaristas deram uma aula sobre a reforma do ensino para seus pais,



levando bancos e cadeiras para o lado de fora do portão. A repressão e brutalidade policial foi muito citada, inclusive o uso de P2. Disseram que “muito sindicato e partido quis colar depois”, mas que os secundaristas insistiram sua autonomia. Mas relataram que o MTST ajudou com “estrutura, tipo fogão e pandeiro”.

Um menino muito lúcido falou que luta ia continuar, mas que talvez a ocupação não fosse a melhor forma de luta. Disse que a rua já foi neutralizada pela PM, que aprendeu desde 2013. Disse que o bloqueio de ruas ainda era efetivo, mas que tinha quer ser de manhã, pois no fim do dia “o capital já girou e só tem trabalhador indo para casa. De manhã a gente tranca a produção antes dela acontecer”. Ele tinha uns 17 anos.

A maior parte da esquerda deposita enorme esperança nos secundaristas e nas formas que vieram a experimentar e executar. De fato, se não fosse eles, só teríamos acumulado derrotas no último ano. Vários ativistas autonomistas estavam lá, professores ou não. S é de um grupo de professores que monitora as reformas federais, tentando fazer sentido dos anúncios, recuos e atos administrativos de Temer. A dá apoio logístico e afetivo a ocupações, e se prontificou a ajudar qualquer nova ocupação (havia notícias de duas delas, recém deflagradas contra as reformas federais). Reconheci lá também JT, VX e PO.

Bebemos depois uma cerveja no boteco oposto ao Copan, já umas 18h. Falamos bastante das novas formas de luta e de resistência. Conversei com J, coautor do livro, e tentei colocar alguns argumentos da urgência em defender a esquerda institucional no contexto do presente Estado de Exceção crescente. Há um viés na esquerda autonomista que não se sensibiliza com a luta institucional atual.

Saí de lá e caminhei em busca da Sé. Passei pelo Viaduto do Chá, já umas 22h, e vi um ajuntamento curioso de quase mil pessoas, entretidas pela locução de um homem. Era um “racha” oficial de motocicletas, patrocinado pela Prefeitura, “free style motocross”. Sinalizadas pelo cartaz que uma moça loira trazia à mão, duas motos disparavam em séries de corridas de curta duração, nem chegavam ao fim do viaduto. Ao lado, uma corda dita tirolesa descia pessoas até o fundo do Vale do Anhangabaú. Um menino de rua veio me mostrar seu agasalho branco autografado por vários dos pilotos motociclistas: Stanley, Eric, Caio, Tintim.

Decidi entrar em um boteco da Praça da Sé para uma última cachaça. O som muito alto da canção sertaneja abafava a novela da Globo que a tela na parede exibia. Um papel de parede do estabelecimento trazia grande fotografia da Catedral da Sé em construção, e, a julgar pelos carros, na década de 1950. Minha mãe conta que o estilo do templo foi mudado a meio caminho, e que assim foram descartados inúmeras molduras, colunas, travessões e volutas já esculpidos pelos ateliês originalmente contratados. Assim, nos anos 70, ela ainda foi capaz de achar um enorme capitel de granito da catedral, que veio a adquirir e fez adornar seu jardim.

Desci à plataforma do metrô e fui para casa.

## **25 de setembro**

De pé na Avenida Pompéia, reparei de repente no nome da placa à minha frente: Rua Fora Temer! Nunca tinha visto ao vivo, só em foto. É muito bom, fica direitinho do jeito que a placa deveria ser. Lembrei que vi um projeto parecido na Teodoro Sampaio e Rebouças: as placas preservam os nomes das ruas, mas são negras, já que negros são os respectivos homenageados.

## **26 de setembro – Ato dos secundaristas no MASP**

Repercute a prisão de Palocci. Mas o assunto do dia é a suposta admissão do ministro Moraes de que tem acesso prévio às ações da PF na Lava Jato, o que é inconstitucional e desnudaria o caráter político da operação.

Desci na estação Trianon-MASP em busca do primeiro ato dos secundaristas contra as reformas na educação de Temer. Na parede antes do museu, havia um cristo gigante, de amarelo, igual àquele que grafitei na rua Augusta. Percebi hoje que esse cartaz é renovado regularmente, com figura idêntica, no mesmíssimo lugar. Assim, todas as imagens e dizeres a seu lado mudam, exceto sua figura, sempre relativamente limpa. Mas desta vez alguém colara um cartaz em sua testa: “mais vinho, por favor!”.

Cheguei no vão do MASP e vi pouca gente. Eram 17:30h, meio cedo, é verdade, mas mesmo assim. Caminhei um pouco. Vi uma faixa no chão: “reforma não, revolução sim”, com um quadrado diagonalmente dividido entre o vermelho e o negro. Notei que na rua passou um carro do MBL, em plena propaganda eleitoral. Um bandeirão adornava o carro, e do teto solar um moço ao microfone dizia sua mensagem de apoio

ao candidato X do MBL, que corria pelo DEM. Por outro lado, uma mulher com uma bandeira grande do Haddad que passava na calçada acabou se demorando por perto dos secundaristas, que não tinham bandeira nenhuma, exceto uma negra com o A anarquista dentro do círculo. Ela ficou ali, meio de lado, o que foi bizarro, dado o histórico das lutas secundaristas e autonomistas com o prefeito.

T trouxe imprimiu e trouxe para a manifestação um projeto gráfico de autoria de uma amiga: uma carta de tarô, mas que era o Temer. Ela se aproximava das pessoas e dizia: “olha, saiu uma carta para você. Ela não é boa”. Aí tinha o texto que explicava a carta, ligada à traição e a predominância do mal. Ela distribuiu várias delas.

Um homem do MRT vez, por sua vez, distribuía panfletos, e vi também o pessoal do Levante Popular da Juventude. Vi uma camiseta “bancários em greve contra as reformas”. Uma equipe de filmagem da PM, três soldados e uma câmera, estavam presentes.

Uns 300 PMs meio acintosamente guardavam os lados da manifestação. Eram agora umas 18h e os secundaristas fizeram um jogral. Votou-se ir até a sede do PMDB, que é perto da ALESP, no Ibirapuera. Encontramos E e M. Ficamos todos juntos.

A PM agora estava postada ao longo da calçada na frente do MASP, bloqueando o acesso à via, que seguia com trânsito normal. A faixa tentou sair por uma brecha na fileira, mas a PM impediu. Não estava claro o que a PM queria. A tentativa de intimidação era evidente. A moçada gritava muito “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”, e “Deixa passar, a revolta popular!”. Esse canto por vezes precede a agressão policial.

No fim, ganhamos a via, mas cercados de PM por todos os lados, metade de capacete e escudo. As meninas e meninos não se intimidam e cantam muito “Não vai ter arrego!”, e “Vem, vem pra rua vem, contra as reformas!”. Avaliei que chegamos a pelo menos 600 pessoas.

Afinal foi negociado um procedimento básico, onde a passeata seguiria pela via da direita da avenida em direção à Brigadeiro. Havia polícia na frente, dos dois lados e atrás. Seguimos pela Paulista.

Nessa hora noto um moço vestido a caráter como o Chapeleiro Maluco da Alice no País das Maravilhas, estilo Johnny Depp. Ele ficou na linha de proteção da retaguarda e permaneceu até o fim. Passamos por várias agências bancárias adesivadas pelos bancários grevistas. Tomara que vençam.

No geral nenhuma bandeira – exceto aquela uma anarquista - e poucos cartazes. Um deles dizia “Não reforme a educação, reforme o governo”. Mas alguma animação boa, e muitas palavras de ordem, agora já clássicas: “Não vai ter reforma, vai ter luta!”; “Pisa ligeiro, pisa ligeiro, se não pode com formiga, não atíça o formigueiro!”, um “Fora Temer!” e “Direita, recua, o povo está na rua!”.

JT se juntou a nós e viramos à direita na Brigadeiro. Eram umas 18:45h. Na altura do número 2692, vi uma janela aberta em uma casinha, no segundo andar. Uma moça jovem, muito maquiada e triste, contemplava a passeata. Acima de sua janela, uns azulejos portugueses antiquinhos adornavam a fachada, e, abaixo dela, um luminoso trazia “Ever Dream”. Uma tampa de bueiro recebeu uma pichação: “+ amor, – Temer”.

A meninada continuava firme na animação, e a certa altura um grupo começou a cantar, na melodia do notório funk “Atoladinha”: “Vai apoiar?”, “Não, não, vou derrubar!”, “Vai apoiar?”, “Não, não, vou derrubar!”, “Vou derrubar o Temer, vou derrubar o Temer, vou derrubar o Temer!”.

Ainda:

“Temer seu otário, seu governo continua temporário!”

“Trabalhador, preste atenção, a nossa luta é pela educação!”

“A nossa luta é todo dia, a educação não é mercadoria!”

Uma nova para mim: “É barricada, greve geral, é ação direta que derruba o capital!”

JT falou um pouco sobre seu contato com os antigos militantes da Oposição Metalúrgica, que eram do ABC nos anos 1980, mas não do grupo de Lula. Já de mais idade, eles continuam ativos na discussão e resistência (JT é jovem!).

Nessa hora passamos pela casa de M e N, que estavam de pé na calçada à sua porta. Fui correndo cumprimentá-los e conversamos um pouco. Eles notaram a forte

presença policial, e discutimos um pouco sobre o destino final da passeata. Trocamos votos de luta e segui com o fluxo.

Eram quase 20h e chegamos ao pé da Brigadeiro, viramos à esquerda antes do cruzamento com a Brasil, para ganhar a praça Pastor Rubens Lopes. Paramos um tempo por lá e parece que havia algum impasse. Acabamos por seguir em direção à República do Líbano, passando pelo Monumento às Bandeiras à nossa esquerda. Mas terminou que viramos na primeira à direita, o que nos levou de volta à Brigadeiro, só que depois da Brasil. Paramos de novo nessa esquina.

Aí teve um buchicho e fui ver o que era. Um moço reclamava que fora socado na boca por um P2. Tentei acalmá-lo e ele disse que esse mesmo policial infiltrado agiu em 2013 e causou um monte. Parece que esse P2 acabou por fugir, mas a comoção foi grande, pois nem éramos muitos na rua a esta altura – ainda cercados pela PM. O papel do P2 é muito covarde, causando a confusão que legitima a agressão policial. Mas a infiltração policial é tão antiga quanto a revolução, precisa ter muita calma e serenidade nessas horas.

Subimos a Brigadeiro, cruzamos a Brasil e... de novo viramos à direita em direção à praça Pastor Rubens Lopes. Configurou-se o círculo perfeito.

Um cínico esquerdista mais vanguardista provavelmente não perderia a oportunidade de apontar as limitações das mobilizações autogestionadas sem liderança: ninguém parecia saber onde a sede do PMDB ficava, e não havia condução clara. O resultado era que inexplicáveis paradas longas encorajavam a evasão. E, andar em círculos cercado pela polícia, acossado por infiltrados, parecia ser a metáfora perfeita para um movimento espontâneo mas sem rumo definido, perdido nas sendas da sublevação voluntarista.

Já ouvi muito frases do tipo “2013 prova que movimento sem liderança acaba provocando o resultado oposto ao desejado: a direita ocupa o vácuo e captura a movida”. A esquerda partidária não cessa de apontar que, se a mobilização de 2013 foi legítima e interessante de começo, também é inescapável que *o MPL abandonou a rua para a direita!* Assim, para eles, arriscar de novo um movimento de massa sem condução, mesmo um Fora Temer!, é arriscar produzir de novo o monstro direitista que ora nos acossa.

É possível, no entanto, retorquir: “de que vale a liderança se esta não soube reconhecer o maior levante popular dos últimos 50 anos, e só veio a apoiar a luta no final, quando era tarde demais, impedindo o florescimento de novas formas de luta?”.

T, M, E e JT decidimos então tomar um ônibus em direção à Paulista e maximizar as chances de transporte público às nossas respectivas casas.

M e T ficaram para uma pizza portuguesa sem presunto numa ruazinha que liga a Santos à Paulista. Falamos da eleição municipal, que não está a despertar enorme entusiasmo fora da esquerda mais estritamente institucional. Há um claro entusiasmo com os movimentos e não com os partidos, a essa altura. Falamos também dos méritos e deméritos do trabalho estatal na questão indígena, em contraste com o formato ONG.

Tomamos o metrô e fomos para casa.

## **27 de setembro – Quase demissão do Ministro Alexandre Moraes**

Repercute a quase demissão de Moraes, mas parece que Temer acabou por mantê-lo. Fala-se muito no fechamento do cerco ao alto escalão do PT, isto é, Dilma e Lula. Para comentaristas mais petistas, o cerco está se fechando na direção de um Estado de Exceção. Mesmo para aqueles que diziam que a Exceção já era a regra, está evidente que vai ficar pior, e que o PT de alguma forma, meio incompetente, segurava o pior: Palocci foi preso por não haver provas contra si, o TRF4 garantiu que a Lava Jato não precisa seguir a lei pois, as circunstâncias de sua ação são excepcionais e a operação trabalha por “um bem maior”, e a manutenção do Moraes garante que o uso político da Lava Jato não é um problema. A Folha, é verdade, publicou editorial contra sua permanência. Tem também o vazamento dos áudios, que ficou impune (na Espanha um juiz foi suspenso por 11 anos por causa da mesma coisa), e o exército atua cada vez mais na repressão interna, junto com as PMs. Não haverá tanques na rua, mas temos já oficiais militares infiltrados em manifestações. Isso junto com a Lava Jato pleiteando que 10% do dinheiro recuperado pelas investigações seja destinado a ela, o que a transformaria em uma gorda máquina de chantagem. Ninguém hoje tem coragem de peitá-los, mesmo depois que ela admitiu ter errado em atribuir a José Dirceu as iniciais JD em uma planilha da OAS. Ele está encarcerado sem provas e vai morrer na prisão. Genoíno é inocente e vai morrer atrás das grades também.



Recordo-me agora que o programa Pânico na TV foi para a frente da casa de Genoíno no Butantã fazer escracho na época do julgamento do Mensalão. Juntou muita gente, chamados ao vivo pelo programa. Nesse mesmo segmento eles pegaram um sócia de Lula e o colocaram deitado no chão, como se estivesse morto, na calçada da Paulista, para ver se alguém socorria. Canalhas!

## **29 de setembro**

Tomei um café e um doce com M, que mora no México mas é brasileira. Ela organizou o manifesto anti-golpe que contou com a assinatura de Habermas, Honneth, Charles Taylor e outros intelectuais. Ela está muito impressionada com a apatia no Brasil, onde a urgência demanda muito mais engajamento. Só pude concordar.

Teve debate entre os candidatos a prefeito, tarde da noite. Não vi.

## **30 de setembro – avaliações políticas e ato anarquista “Morra Temer!”**

Desci a pé a Brigadeiro desde a altura da São Joaquim para ir almoçar com F, na Mara, que é ao lado do Oficina. Conversamos bastante acerca da situação política do Brasil. relatei o que tenho ouvido e visto por aí. Antigamente ligado ao PT, hoje F busca outras sendas, e declarou voto em Erundina. Fez uma interessante colocação: o PT hoje exerce a mesma influência que o PCB já exerceu sobre a esquerda. Praticamente hegemônico na esquerda, com credenciais históricas irrefutáveis, grande capilarização na sociedade, influente no grande cenário nacional, por um lado; mas, da mesma forma, trata-se de uma força moderadora e asfixiante na esquerda, abafando ou desacelerando ímpetus transformadores de outros grupos.

Falamos bastante do atual estado da universidade e de sua fragilidade no momento. Lamentei muito que as forças progressistas da universidade não tenham sido capazes de formular e praticar uma forma alternativa de educação. A privatização vai acontecer e será saudada como um ganho de eficiência. Comentamos também das recentes prisões de Pallocci e seu assessor. Anotamos também a pichação do Monumento às Bandeiras e o Borba Gato. Estes amanhecera pichados, após a questão da pichação ter sido levantada no debate. Estranhei um pouco o formato da pichação, pouco usual nesse tipo de ação, mesmo as cores achei disparatadas. Duvidei que fosse de esquerda.

Saí e caminhei até a Praça da Sé para o ato “Morra Temer!”. Foi chamado pelo ELA, Estudantes Libertários Autônomos. Parece que são secundaristas da Zona Oeste.

Cheguei meio cedo, umas 17h, e havia bem pouca gente, umas 20. T já alertara que o nível de resposta no Facebook era bem baixo. A página nessa rede social foi derrubada várias vezes pela administração do FB, com base na mensagem “morra”. Na escadaria, muita gente do povo da rua. Estava frio, e duas viaturas mais 5 cavalos perfaziam a força policial, com uns 10 soldados ao todo. Notei uma mulher PM entre eles.

Dei um giro pela praça e encontrei dois moços, um dos Jornalistas Livres e um fotógrafo autônomo que sempre vejo. Trocamos umas palavras e chegou E. Conectados, eles me disseram que os trackings de opinião do PSDB estavam dando Haddad com 19%, o suficiente para deixar Marta e Russomano para trás. A arrancada de Haddad deu muita esperança ao campo anti-golpe.

Também repercutia naquele momento a proibição pelo MP do encontro na Praça Roosevelt do dia seguinte, o “Música pela Democracia”. Apesar de não ter filiação partidária, era de esquerda e foi considerado político pelos procuradores. Ainda se falava muito em ir mesmo assim e desafiar a ordem.

Uma sirene muito alta, muito perfurante tocou ininterruptamente por uns 5 minutos, bastante irritante. Depois, já umas 18h, em outra chave, tocaram os sinos da catedral.

A força policial variava em número e composição, passando por motociclistas, cavaleiros, GCM, soldados e sargentos.

Fomos checar de perto a multidão, agora já umas 50 ou 60 pessoas. Eram jovens de uns 20 anos, em sua maioria. Nenhuma bandeira e nenhum partido. Havia uma faixa no chão: “Reforma não, revolução sim!”, acompanhada de um quadrado colorido de negro e vermelho, as duas cores lado a lado, em diagonal. Havia também um boneco, uma efígie do ministro da Educação.

Um morador de rua passou gritando muito, imprecando contra a Globo, a Record, a maçonaria e a “macumba”. Em termos de psicogeografia, esta zona ao redor do Marco Zero é de muita potência. Qualquer movida de rua destampa essa energia muito louca que eletriza o centro de São Paulo.

Às 18:15h chega uma nova faixa, com os dizeres “Não votar! Viva a Revolução! MFP Movimento Feminino Popular”. Notei também umas meninas e meninos de camiseta negra, lenço vermelho ao pescoço, em cujo tecido se via também uma estrela amarela. Um moço muito jovem trazia, além do dito lenço maragato estrelado, uma braçadeira vermelha. Meditei que era talvez a primeira vez que eu via uma braçadeira e uniforme deste tipo fora do registro fotográfico histórico, assim ao vivo. Percebi junto a eles um bandeirão “Unidade Vermelha”.

Chegou N com o amigo G. Conversamos um pouco.

Lá pelas 18:30 fez-se um jogral. Foi lido um manifesto: “O governo Temer é ilegítimo como todos os outros”. Nós, “desmerecidos pela esquerda festiva”, “não queremos saber de reforma, queremos a revolução!”. Discuti-se a seguir se sairíamos em passeata ou não, já que não éramos mais de 100 na praça. Decidimos sair, mas só às 18:40h. O destino seria a Secretaria da Presidência da República na Paulista.

Recordei-me de como a expressão “esquerda festiva” na minha juventude se referia ao dito “desbunde”, isto é, aqueles que preferiam a insurreição comportamental à luta classista partidária. Claramente hoje a fila andou e esta expressão ganhou nova conotação.

Sáímos finalmente pelas ruas da cidade depois de meia hora, à maneira anarquista/autonomista: sem carro de som, sem liderança, meio carnaval - meio Game of Thrones. Descemos pela rua Direita ao som de palavras de ordem:

“Não me leve a mal, eu estou cansada de campanha eleitoral!”

“Ei, povão, quem pede voto é ladrão!”

“Eleição é farsa, não muda nada não; é organizar pra fazer revolução!”

“Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM!”

“Vem, vem pra rua vem, contra o governo!”

“Morra Temer!”P

Passamos pela Patriarca lá pelas 19h e o grupo de PMs lá teve que ouvir a multidão gritando o NA,TQA... Cruzamos o viaduto e passamos pela frente do Teatro Municipal. Um único tambor embalava a levada.

Conversei com G, que é bancário e faz atuação sindical mais basista e autonomista. Relatou que a greve vai indo, mas a inflexibilidade dos banqueiros prolonga a ação. Disse que há razoável adesão, mas que o sindicato historicamente perdeu o poder de mobilização que já teve.

Passamos pela Praça da República e ganhamos a Consolação na frente da Igreja. De um dos prédios, alguém jogou uma pedra ou um gelo que se espatifou no asfalto. Pouco depois, chega mais aparato policial, desta vez com viaturas e o trio de filmagem. Três ciclistas PM estavam mais à frente, provavelmente em sua ronda usual. Vi agora que tínhamos entre nós um bandeirão negro.

“Trabalhador, presta atenção, a nossa luta, é por educação!”

“Unidade, unidade da classe trabalhadora! O capitalismo, que morra, morra!”

“Eu já falei, vou repetir, eu quero o fim da polícia no país!”

“É barricada, greve geral, é ação direta que derruba o capital!”

“Ocupa tudo!”

Viramos à direita na Augusta e subimos. Na esquina da Av. Handava, onde estão os restaurantes finos: “ei, burguês, a culpa é de vocês!”.

Subindo a Augusta, notei um homem que batia nos vidros das agências bancárias. Parecia estar bem grogue. Fiquei de olho, pois ele era o único que agia assim. Temi por ele e por nós, tinha policial muito perto. Talvez fosse um P2.

“Um, dois, três, quatro cinco mil, lugar de fascista é na ponta do fuzil!”

As calçadas da Augusta estavam cheias de gente e de passantes: estudantes, trabalhadores e consumidores. As reações eram variadas. Um homem barbado de caixa de violoncelo às costas estava indignado, e cobrava dos policiais a repressão, “eles não são estudantes de verdade”. Já outro homem magro e amargo, de óculos, dizia a outro PM: “depois esquenta a orelha deles pra eles ver o que é bom”.

Já o homem grogue passou pertinho de mim e tentava arrancar uma pedra do calçamento. Estávamos na rabeira da passeata e tinha muitas viaturas ao lado. Tentei acalmá-lo e dissuadi-lo de por em risco a si e à passeata. Conversei com ele e entendi que ele estava morando na rua e que ia passar a noite ao relento. Ele não estava feliz. Acabou que tanto a passeata como os PMs passaram, e julguei que ele estava a salvo agora. Segui e corri para alcançar o movimento.

Chegamos na Paulista e o cruzamento foi fechado pela multidão. Eram 20hs. Muita buzina, mas a passeata parou e ficou. Numa das esquinas, havia uns 10 militantes da candidata Samia, do PSOL, com bandeiras grandes. Parte da movida foi hostilizar, xingando e gritando contra eles: “oportunistas!”, “fascistas!” e “Fora vermelho! Fora vermelho!”.

Fizeram um jogral e queimaram a efígie do ministro da Educação, e ficaram pulando a fogueira no meio do asfalto. Ficamos um tempo ainda lá, muito carro desesperado para passar. A PM observava. “Morra Temer!” foi muito cantado. Também “Queima Temer!” e “Fogo em todos eles!”. Vi uma camiseta “Abaixo o golpe”.

Na multidão de passantes, na calçada, um moço falava “aposto que foram eles que picharam o monumento!”, referindo-se ao recente evento midiático capitalizado por Dória. Uma moça ao lado disse “você não sabe se foram eles, você não pode falar assim”. Já outro gritou “vão trabalhar!”. Uma menina se aproximou e disse “estou no ensino médio e a nossa luta é por educação!”. Ele calou.

O ato se encerra com aplausos e gritos: “amanhã vai ser maior!”.

Desci com E para um boteco e tomamos uma cachaça. Ele me atualizou das discussões nas redes e ponderamos se a recente onda Haddad era verdade ou balão.

Tomei o metrô e fui para casa.







**Outubro**

**2016**

**IMPRENSA  
INCLUINDO CN  
ESTADÃO, FOLHA  
GLOBO.**

**A BANDA DE ROCA  
QUE ESTAVA LOG  
AO LADO RECOLHI  
SEU**

**INSTRUMENTOS  
TINHAM ACABADO  
DE TOCAR. DEPOIS  
AO LONGO D  
JORNADA**

"Lixo comunista", "Vai tomar banho!". A covardia desse campo é muito irritante, pois se escudam atrás de policiais.

**TRUMP** Sobre votos (nu...  
**"OCUPAR E RESI...** les para dar um belo centro sentar o crim... do dia da e...

**2016**

**VI... QUE ELE**



## 1 de outubro

Li o Nassif de manhã e deu quase pânico. Ele descreve a arquitetura da exceção se formando, e também como a tese da organização criminosa está a se estender para os blogs de esquerda. Tipo essa tese faz com que qualquer um que tenha tido contato com o PT ou tenha recebido dinheiro de qualquer forma seja cúmplice no crime, bobeia até filiado entra na dança. A proscricção do PT seria análoga à cassação do PCB no passado, quando ser comunista virou crime.

Desci na República em direção à Praça Roosevelt para ver se havia alguma concentração lá. Não tinha nada marcado, mas achei que ia juntar gente alguma hora. Perto da Estação, oposto à Praça da República, vi um cartaz que deve ser ligado à pichação dos monumentos que domina o noticiário. Ele trazia uma imagem do Monumento às Bandeiras e a mensagem:

“Fora bandeirantes do mundo: Rede Globo\*Record\*Bandeirantes, Cristianismo, Bancos, Agronegócio, Setor Energético, Mineração, Alckmin, Polícia Militar, Empreiteiras, Capitalismo Verde, Greenpeace, ISA. Esquerda que causa o progressismo desenvolvimentista e transforma o índio em trabalhador.”

Cheguei às 15:30h e tinha umas 100 pessoas. Aproximei-me de um grupo de jovens. Eles pareciam aficcionados que se reuniam para dançar e ouvir música, não estavam lá por causa política. Uma moça dançava ao som do funk “bunda, la bunda, mexe com a bunda”. Ao lado, uma espécie de oficina de luta de espadas ocorria, onde as armas eram fofas, de um tipo de isopor.

Dei um giro e vi duas bandeiras do Haddad empunhadas por apoiadores. Reconheci lá perto o G do Arrua e perguntei se ia ter algo. Disse que iam fazer uma caminhada, talvez até o Bixiga, e que esperavam o Arrastão dos Blocos. Decidi voltar depois e acabei dando na esquina da Nestor Pestana, no sítio do antigo Kilt, hoje um espaço vazio depois da demolição da infame casa noturna.

Um grupo de jovens ouvia um som Black que vinha de uma barraca montada na ilha. Uns 30 meninas e meninos negros faziam roda e conversavam e riam. Outras três moças pintavam uma faixa no chão. Dois PMs vieram perguntar o que havia e falaram um tempo com eles. Saíram depois. Diria que a média de idade era uns 25.

Uma moça me falou que este era um ato em memória aos mortos do Carandiru, mas que era o mesmo pessoal da Ocupação Alcântara, recentemente despejada. Lembrei que E já tinha me falado desse evento. Estenderam depois um faixao “Pelo fim das grades”.

Escrevi um pouco numa padaria e voltei à praça. Tinha um buchicho e era o Arrastão dos Blocos que já estava cantando: “tira seu ódio vem vestir a fantasia”. Umás 100 pessoas ao redor cantavam também. Vi Z puxando a cantoria ao microfone. Ele reconheceu-me e sorriu.

Depois de um pouco, o bloco sai. Passamos ao lado dos anarquistas da pracinha do antigo Kilt, agora com umas 50 pessoas – e a GCM, relaxada. A PM veio abordar, mas o séquito avançou. Eram principalmente pessoas de uns 30-40 anos, e 15 bandeiras do Haddad. Atrás, uma dúzia de ciclistas acompanhava a multidão. Não houve hostilidade entre os dois grupos de inclinações diferentes, e até vi umas moças negras do rolê com adesivos do Haddad. Fiquei para trás e deixei o bloco seguir, até perder os foliões de vista. Ainda deu para ouvir a canção por um minuto ou dois, progressivamente distorcida pelo eco. Lembrei de como foi divertido o bloco no Não Vai Ter Golpe, parece agora que foi há um século atrás!

Dei um giro pela micro-praça e li as faixas: “tentam nos enterrar, mas somos semente”. Anotei também alguns cartazes do entorno: “Eu me chamo Joice, e você sou eu também!” - com a imagem de uma travesti sem-teto. “Disco é cultura”, com a figura de um atleta negro. Outro trazia um manifesto lésbico e a chamada para uma festa. Muitas colagens maluconas, e uma pichação: “Sapatonas em luto por Luana”.

Eram 17:15h e busquei a Roosevelt de novo, onde uma pequena batucada reunia alguns jovens de 25 anos. Vi 5 bandeiras do Haddad.

Vi pichado na escada da praça estas palavras, uma frase em cada degrau, e quem subia a escada ia lendo:

Temer Traidor/Golpista/Fascista/Coxinha/Entreguista/Uó!/Não passará!.

Achei uma inesperada nota de R\$20 na minha carteira e decidi contribuir para o fundo do movimento pela memória do Carandiru, ali na barraca dos autonomistas.

Peguei o metrô e fui para casa.

## **2 de outubro – Alguma movimentação eleitoral do prefeito Haddad**

Saí com T para dar um giro pelo centro e sentir o clima do dia da eleição. Saímos na Sé e caminhamos em direção à República. Tudo muito calmo, e praticamente nenhuma boca de urna. Era cedo, umas 9:30h.

Na Barão de Itapetininga encontramos dois amigos de T, e trocaram impressões sobre o dilema do esquerdista hoje: marcar voto de convicção ou dar o voto útil ao Haddad?

Seguimos até Santa Cecília e passamos pela feira de rua. Havia uma equipe de TV entrevistando um feirante. Fomos até a escola Fidelino, mas tudo muito parado. A pasmaceira é geral.

Checamos a banca dos quadrinhos na Barão de Tatuí, fechada.

Peguei um ônibus e fui a Pinheiros. Nas costas do banco da frente vi o “Fora Temer!” escrito, duas vezes, com canetas diferentes. Já quando caminhava em busca da Dr Arnaldo, vi um cartaz pequeno que dizia: “só o orgasmo salva!”.

Peguei o Vila Mariana e fui para casa.

## **3 de outubro – Doria vence no primeiro turno das eleições**

Baixo astral geral com o resultado das eleições. Sensação total de derrota. Muitas análises e torcer de mãos com o recuo do PT e o não consequente crescimento da esquerda. Apesar de estar no segundo turno no Rio, e de ter acusado certo crescimento no geral, o PSOL não se firmou como alternativa. Já os votos nulos, brancos e abstenções ultrapassaram a votação dos vitoriosos no Rio e em São Paulo. Li que o (não) voto desencantado foi mais de esquerda, e que a direita apenas manteve sua votação normal. “38,48% (somando brancos, nulos e abstenções), não escolheu nenhum candidato (no rio está cifra chegou a impressionantes 42 %). [...] o grande derrotado foi o sistema político.”

A esquerda autonomista comemora como confirmação de suas teses. Mas agora temos que aguentar a direita que cresce e vivifica na abstenção.

A direção do PT não parece sensibilizada o suficiente para renunciar e dar lugar a gente nova. Fala-se em Lula como novo líder do partido. Tarso Genro não concorda. É absurdo Rui Falcão ainda ser presidente da sigla.

Repercutiu também um manifesto de saída de vários membros da Rede. Descontentes com os rumos do partido e com a não-realização da promessa de vir a ser uma estrutura política diferente e aberta.

De noite, em casa, ouvi alguém no bairro bater panela, enquanto outro gritava “fascista! Fora Temer!”. Soavam como fantasmas distantes de um universo paralelo e triste.

Do amigo F [*avaliação das eleições*]:

*Oi Gavin,*

*O desalento é geral, e o grupo do Lula não quer "entregar a rapadura"... Acho que houve certa falsa euforia em torno do PSOL, cujo avanço é milimétrico.*

*Veja em SP: o Fernando Holiday , MBL travestido no DEM, negro , gay e anti-cotas, 20 anos , foi eleito em 130. Lugar vereador paulistano com 48 mil votos. Um horror! Meu candidato Negro Belchior perdeu, ficou me 980. Lugar com 10,5 mil votos... Apesar de estar mais tempo na estrada, ser muito atuante na periferia e movimento negro e ser segundo suplente do Ivan Valente em Brasília (2014, 12,5 mil votos).*

*Mas vamos torcer por Belém e Rio no segundo turno. Acho bem viável o Edmilson ganhar na capital amazônica . Mas acho zebra total Freixo virar no Rio. Se isso acontecer (não impossível de todo) daí sim, devemos todos ir para a Guanabara, o PSOL e RIO serão os novos polos da resistência nacional.*

*A Rede acabou, pode enterrar. Se Marina sobrar em 18, será mais uma "personalidade " tomada pelos mesmos vícios centralizadores do lulo-petismo. Idem Ciro Gomes, ele nunca me enganou com seu personalismo algo neo-oligárquico cearense.*

*Vc deveria prestar atenção também no Flavio Dino, li uma longa entrevista dele transcrita no BR 247, vê se recupera. O PC do B ganhou 46 prefeituras no Maranhão , em terra dos Sarney isso é um grande feito... Nacionalmente foi de 54 para 80 prefeituras. Por favor: não tenho nenhuma simpatia particular por esse partido, bem ao contrário (apoiam oficialmente a ditadura stalinista da Coreia do Norte e estiveram à frente do novo código florestal do agro-negócio com Aldo Rebelo). Mas a visão do Dino me pareceu muito lúcida. Fala em frente de esquerda bem ampla, sem hegemonismo. Vale conferir. Ele chama a atenção para a seguinte contradição: a mesma cidade que colocou Freixo no segundo turno elegeu o Bolsonaro Jr., vereador mais votado com 133 mil votos e deu 15% para seu irmão na corrida à prefeitura , cerca de 3,5% a menos do que Freixo, apenas...*

*Ele disse uma coisa curiosa: quando deputado federal Flávio Dino foi colega, p. ex., do Russomano lá no Congresso. Conseguia discutir com ele temas básicos, estabelecer uma linha divisória e eventuais acordos pontuais . Com Jair Bolsonaro, absolutamente não : é a truculência pura já fora do campo da política , é o fascismo por inteiro onde palavra e argumento já cederam lugar à violência pura.*

*O Levante Popular também fez bela análise num documento divulgado. Só que no final valorizam e se restringem à Frente Brasil Popular, ignorando a Frente Povo Sem Medo, assim não dá...*

*Sobre votos não válidos (nulos, brancos e abstenção ): embora impossível para as esquerdas defenderem voto obrigatório , o fato objetivo e matematicamente indiscutível é a seguinte coisa: em S. Paulo, os 38% de votos inválidos garantiram perversamente, na prática , a vitória de João Doria no primeiro turno! Ao reduzir substantivamente a base de cálculo dos 100% de votos válidos , de onde os 53,3% do "João trabalhador" foram atingidos. Claro, outros fatores entram aí: Haddad roubou votos de Erundina (2% na pressão final do voto útil ) e da Marta, em quem bateu, mas deixou João Doria tranquilo na*



*liderança apostando ainda num milagre de 2o. Turno. É o Doria pegou também voto útil , no final, de Russomano e da Marta.*

*Mas é essa a perversão do atual sistema : os votos inválidos beneficiam quem está na frente da corrida. Independente das intenções de nossos amigos anarquistas e autonomistas...*

*Abraços,*

## **5 de outubro – Ato em memória do massacre do Carandiru**

Hoje houve uma manifestação de ciclistas em frente à casa de Dória. Exigem a continuação da idéia das ciclovias. Prometem não deixar que o projeto morra, e é um desafio para a “próxima esquerda” enfrentar o velho travestido do novo. O prefeito eleito já prometeu a privatização de parques e a queda do limite de velocidade imposto por Haddad. Vi Dória no programa do Datena, observando por vídeo imagens da Cracolândia. Na padaria onde estava não foi possível ouvir o som, mas conversaram uns 20 minutos.

Trevas sobre o Brasil? O STF permite que a PM entre em residências sem mandado, para buscar provas. Confirmada a prisão sem trânsito em julgado, isto é, na segunda instância. O avanço de um ambiente jurídico de exceção tem me tirado o sono. Tudo junto, fica armado um aparato legal de repressão que só foi possível na ditadura de 1964, esta também chancelada pelo STF. Se fosse só o cenário eleitoral desfavorável, eu não me importaria. Já tivemos administrações tucanas e reacionárias antes. Mas o esmagamento do campo popular parece ser a realidade incontornável. Não há projeto econômico propriamente, no golpe. Só a privatização e a flexibilização do trabalho. Isso vai demandar o cercamento e anulação da oposição, com violência.

A campanha lançada pelo governo federal é canhestra e sinistra: “vamos tirar o Brasil do vermelho”. Ontem coxinhas exigindo a prisão de Lula tomaram a Paulista – poucos mas significativos. Não tive ânimo de checar, estou acabrunhado e encolhido.

## **6 de outubro**

Saí na estação Tiradentes para o ato em memória do massacre do Carandiru. Eram ainda 17h, e havia pouquinha gente. Ajudei a descarregar o gerador e fui tomar um Dreher e coca-cola e esperar o início. Escrevi um pouco na padaria e voltei ao local.

Voltei às 18h e já tinha enchido mais. Vi uma moça que vendia livros, arranjando no chão sobre um pano. Entre muitos, tinha um chamado “Aos nossos amigos”, que tem repercutido na jovem esquerda por aqui. Uma história em quadrinhos situado no Brasil colonial. O livro Escolas de Luta, recentemente lançado.

Vi também uma faixa grande: “Nem redução, nem fundação, por uma vida sem grades. Outras faixas traziam fotos dos mortos pela PM, inclusive uma delas se referia a uma chacina em Osasco. Outra faixa dizia: “Terroristas vestem farda”, e ainda outra: “Mães de Maio: nossos mortos têm voz”.

A primeira parte das atividades tinha sido um debate lá perto, na Casa do Povo. Uma conversa com as Mães de Maio e secundaristas. Encontrei E que tinha estado lá e ele me contou um pouco de como foi. Mostrou também que o CMI estava irradiando o ato ao vivo. M chegou e já foi conversar com conhecidos do MPL. Uma pequena fanfarra já tocava ali ao lado. Eles também gritavam: “se Palmares não existe mais, faremos Palmares de novo!”.

Chegaram N e F. Conversamos bastante do relacionamento entre as esquerdas “velha” e “nova”.

Saímos acho que umas 18:45h. Tomamos a avenida Tiradentes e seguimos em direção ao centro.

“Foi, foi a UPP, que matou o Amarildo e o Gegê!”

“NA,TQA,EQOFDPM!”

Vi o moço jornalista do DNR, e ele me contou que ainda trabalha na EBC, mas que está tudo precário por lá. E indicou que se lembrava do edifício do antigo Presídio Tiradentes, do qual só o portão resta, visível de onde estávamos.

A PM ainda não estava presente. Seguimos pela avenida Prestes Maia, passando ao lado do prédio reocupado. Muitos pichavam as paredes e muros enquanto caminhávamos: “Polícia mata todo dia”, “Antifa FASH”, “O Estado é policial”. Uma

camiseta trazia “Lute como uma garota”. Vi outra que dizia: “Estive preso e me visitaste. Pastoral Carcerária.”

Caminhei com F e falamos bastante dos rumos do capitalismo.

“Chega de chacina, eu quero o fim da polícia assassina!” continuava a multidão. Atravessamos o viaduto Santa Ifigênia por baixo em direção Anhangabaú. “Carandiru, não esqueceremos!”.

Um cartaz que deve ser fascista foi pichado muito: um que clama “O Brasil precisa de você”, assinado por um #patriaarmadanarua.

A presença policial agora era maior, com viaturas atrás da passeata. Seguimos pelo Anhangabaú e viramos à esquerda na São João para ganhar a Líbero Badaró e subir até o Largo São Francisco. Vi nessa hora outra faixa: “Toda prisão é uma prisão política”. Colagem de cartaz: “Estado Mínimo”, com uma imagem sugerindo que devemos diminuir a força estatal de segurança. Outro dizia “Carandiru 111. PM mata preto pobre todo dia”.

Agora na Benjamin Constant, uma moça nos deu velas que acenderíamos mais adiante, em frente ao Tribunal de Justiça. Quando lá chegamos, passando pela frente da Catedral, paramos e escreveram à tinta no chão em frente ao Palácio da Justiça: “TJ SP Não esqueceremos 2/10/92”. Acendemos as velas e as colocamos junto ao texto, no chão, junto com alguns retratos ampliados de vítimas da violência policial.

Já bem escuro, por volta das 20h, à luz das velas e da iluminação pública, falaram algumas mulheres (“é tarefa dos vivos lembrar dos mortos”), e ouvimos muitas palavras de ordem: “Demônios de farda vêm pra fazer mãe chorar”; “Nossos mortos têm voz, nossos mortos têm mães”; “Quem foi que matou? Foi a PM e a caneta do doutor!”; “Este é um fato, o policial é capitão do mato!”.

Muitos silêncios e pausas. Ninguém queria ir embora. Depois do “Vidas negras importam! Vidas negras importam!”, achei E, e, com F, fomos tomar uma cachaça lá perto.

Entrei na estação Sé e fui para casa.

**9 de outubro – Nova e velha esquerdas**

[Eu em uma discussão na rede]:

“Oi S, acho a discussão importante e fico feliz que vamos fazer um debate mais amplo do que no final do ano, pois o formato eletrônico não comporta bem coisas mais longas. Nem estou polemizando com você em particular, acho que isso tem interesse geral. Então faço alguns apontamentos sem muita profundidade, tentando, como você, mapear esse debate para futuramente elaborar melhor. Ficou meio longo, peço paciência.

No geral não discordo de suas colocações. Mas me parece que a esquerda, ou o campo popular, ou algo assim, está frente a um dilema difícil, que é importante reconhecer, e que eu resumiria como uma tensão: houve uma ruptura importante na política brasileira e isso tem suscitado respostas diferentes em diferentes campos. Esse dilema coloca a difícil pergunta: vale a pena esgarçar essa ruptura e forçar o novo ou trata-se de uma restauração da velha ordem autoritária, portanto colocando a resistência cautelosa de preservação do mínimo como prioritária?

Acho que o que está em jogo é a análise desta ruptura e o que fazer em relação a ela. Acho mesmo que as figuras da continuidade e da ruptura podem ser boas para desenhar um diálogo, pois assim a figura da *transição* se define melhor.

Vejo uma miríade de narrativas no geral dessa discussão, frequentemente excludentes: o PT proporcionou uma interrupção de governos elitistas e foi uma continuidade da luta popular; O PT é uma continuidade com o estatismo desenvolvimentista predador getulista; o fascismo e guerra são continuação restauradora do capitalismo; a socialdemocracia é contínua com o neoliberalismo; Junho de 2013 foi uma ruptura inédita e inescapável, mas o PT e a esquerda apostaram na continuidade do sistema; a continuidade da crise perfaz uma nova normalidade...

Me parece que a atribuição de ruptura ou continuidade a um fenômeno qualquer tem a ver com a distância que se guarda dos eventos em questão e também com os resultados analíticos daí decorrentes. Assim, é possível, a certa distância, indicar a notável continuidade encapsulada na formulação “Escola Sem Partido”. Esse título serve tanto ao Alexandre Frota e os extremistas do ROL quanto aos secundaristas em ocupação.

É óbvio nesse caso que privilegiar a continuidade entre esses dois campos opostos é pouco frutífero e um tanto forçado, e que muito mais potente é se deixar tomar pelas rupturas contrastadas nesses dois campos.

Então aqui apenas apontaria o que eu acho que é um desenho de um aspecto do debate: a presente ruptura instutucional vai gerar o quê? Vai proporcionar a transição do velho para o novo? Vai restaurar a velha ordem brasileira? Vai continuar como crise permanente?

Eu mesmo acho que isso está em aberto e eu hesito entre as várias opções e descontroles, caminhos possíveis para a política. Mas uma coisa que tenho tentado fazer é evitar continuidades entre discursos de direita e objeções ao PT. Recordo-me de ouvir questionado em uma discussão recente se há humor de direita e humor de esquerda. Um moço falou então que “o humor deve desafiar o poder. Se o humorista bate na mesma pessoa em que bate a polícia, há algo de errado”. Assim com o campo popular. Se eu me achar formulando críticas idênticas à direita, me prometi parar e refletir. Eu tento separar o que é crítica necessária às escolhas do partido e aquilo que é ressentimento ou ódio ao petista. Assim, declino chamar o PT e a luta da classe trabalhadora historicamente possível a partir dos anos 80 como um ‘cadáver’ a ser enterrado e esquecido. A cassação do registro do PT e seu enquadramento como “organização criminosa” não podem ser celebrados e endossados por nenhuma esquerda. E isso não exclui o completo abandono do PT como alternativa viável, ou mesmo desejável, de política!

Tenho lidado com o problema dos erros do partido e a potência da ação política historicamente possível desde os anos 80 com uma frase que ouvi no contexto familiar a esta lista, do ‘Não é só contra o golpe’: alguém falou assim - ‘eu sou petista, mas o PT que não é mais’. Dessa forma, consigo produzir algum tipo de continuidade com a luta social que presenciei a partir dos anos 80 com as lutas atuais, mas ao mesmo tempo que busco lidar com o afastamento do partido de suas potências historicamente dadas – e estar aberto para novas formulações.

Talvez, em termos mais teóricos, tenhamos colocada diante de nós a seguinte questão: queremos produzir o novo ou queremos produzir o transformador? Para alguém como eu, diria que o novo não vai bastar. A prisão perpétua de Lula,

Genoíno e Dirceu pode ser o novo, mas não é transformador, dado o atual quadro da restauração autoritária.

O que certa esquerda mais institucional hesita em abraçar, me parece, é o novo sem horizonte transformador mais definido. Vejo isso expresso de várias maneiras, mas destaco uma que ouvi no campo autonomista: ‘por que é que os ganhos de mobilização não redundaram em ganhos de organização?’

Enfim, isso é o que eu consegui formular, de maneira mais geral e mais aberta. Há muito mais em muitas outras formas, mas para hoje foi isso que consegui.”

## **8 de outubro**

A escola Caetano de Campos, na Praça da República, foi ocupada pelos estudantes. Mas o Choque cercou o local no fim da tarde. Depois de negociações, a tropa se foi, e a escola foi desocupada pelos alunos. Seguem as outras 47 outras escolas ocupadas em outros estados, principalmente no Paraná.

## **10 de outubro – Ocupação da Secretaria da Presidência da República**

Hoje está ocorrendo a votação da PEC do teto de gastos, pesada campanha do governo e dos empresários nos jornais e no Congresso. Tem mobilização contra, mas acho que agora é tarde. Arde o boato que o Facebook teria sido ordenado a sair do ar por 24 horas para neutralizar a campanha contra a PEC do Fim do Mundo. Mas li depois que seria por causa de uma página relacionada a uma campanha municipal e não por causa do Congresso, e que a questão já foi resolvida.

Repercute uma mensagem da APEOSP que protesta contra o fato (ainda boato) de que a Polícia Federal prepararia para os próximos dias uma operação em sindicatos filiados à Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Hoje, na calçada do MASP vi pichações de estêncil “Valeu, Haddad”. Parece que teve ato com ele ontem lá, e seu nome já foi lançado para outras esferas.

Já na descida da Rebouças, na sede do CREA-SP vi escrito “Fora Temer!”, “Poder Popular” e meu favorito: “House of Caraglio”.

## **De noite**



Um e-mail de E alertou-me que havia uma ocupação da Secretaria da Presidência em São Paulo pelos secundaristas. Olhei o relógio e vi marcadas as 20h. Achei que valia apenas dar uma olhada.

Tomei o metrô e desci na estação Consolação do metrô. Eram 20:20h e ganhei a avenida Paulista. A primeira coisa que ouço é: “Rosas olhaí, débito e crédito, rosas olhaí”. Fiquei admirado de ver pela segunda vez na vida um ambulante, desta vez um florista, capaz de passar cartão, na rua.

Olhei para o outro lado da avenida e vi um agito bem em frente da Secretaria da Presidência em São Paulo. Ao contrário do MTST, que já estive aqui mais de uma vez, os secundaristas lograram entrar e ocupar o terceiro andar. Uma multidão de uns 60 apoiadores se aglomerava na frente. Uma linha de policiais de escudo e capacete guardavam a entrada, postados no hall que dava na calçada. Juntei-me ao bololô e procurei entender o que eu testemunhava.

Vi um homem muito irado, de chapéu branco e camiseta vermelha imprecar muito contra os PMs. “Abaixo a ditadura” bradava ele, meio de lado, mas com muita raiva. Ele tinha minha idade mais ou menos, e sua ira santa e visual anos 80 me fez pré-julgar que se tratava de alguma espécie de ira santa randômica destampada pela movida na rua.

A multidão continha uns 30 secundaristas que bradavam “Fora Temer!”, a ainda: “Coronel Telhada não vale nada!”, “A PM só mata só preto”.

No ajuntamento, uns 5 a 6 advogados estavam bem rente à linha de escudos. De ternos bem cortados e barbas bem tosadas. Uma militante informou que havia uns 20 secundaristas lá dentro, e que ocupavam o quarto andar – mas a PM estava no terceiro. “Tem pelo menos 15 menores lá dentro”, informou uma moça lá fora.

O comando da operação não deixava os advogados entrar, alegando que “não há ninguém preso e portanto não há a necessidade de advogados”.

As conversas dos advogados com a PM eram duras. Muita tensão no ar, os secundaristas lá fora gritando muito e agitando a multidão.

“Sou estudante, não sou ladrão, não vim pra rua pra sair no camburão!” gritavam, animados.

“Ocupar e resistir!”

“A PM é assassina, bomba nos cara, bomba nas mina!”

“É gás, é gás, eu não me engano, gás lacrimogênio, é perfume de tucano!”

Achei muito bom ouvir palavras de ordem mais variadas do que de costume. Mas algumas clássicas compareceram, tais como:

“Golpistas, fascistas, não passarão!”, além de muito “FT!”.

“Não vai ter reforma, vai ter luta!”.

“Chega de chacina, eu quero o fim da polícia assassina!”

“Vai avançar, vai avançar, a resistência popular!”

Um sem-teto falou que eles, os sem-teto, tinham feito um ato quando os secundaristas chegaram para ocupar, e que os dois juntaram no final. Nessa hora dois secundaristas saíram e relataram o que estava acontecendo lá dentro. O Choque cercara a garotada e os impedia de ir ao banheiro e que tinha gente passando mal e a PM pressionando. Havia uma comunicação em rede entre os secundaristas e os advogados na linha de frente. Pouco depois, um advogado puxou os três secundaristas para um canto e conversou reservadamente. Respeitei e vazei.

A meninada firme no tensionamento:

“Vai avançar, vai avançar, a resistência popular!”

“Temer, seu otário, seu governo continua temporário!”

“Acabou a paz, mexeu com estudante mexeu com Satanás (olha o capeta!)”

Nessa hora alguns puxaram “Ei, Temer, vai tomar no cu!”. Mas umas meninas imediatamente entoaram o “Ei, Temer, vai tomar polícia, pois no cu, eu garanto, é uma delícia!”.

Um moço vestia uma camiseta negra onde se lia: “live by a higher code”. Notei três seguranças do metrô, uniforme igualmente negro, de pé na entrada da estação. Recordei-me que, recentemente, um menino secundarista foi torturado por PMs dentro das dependências de uma estação do metrô.

Os advogados tentavam dialogar com o comandante da operação, tentando obter acesso às meninas e meninos, mas não havia diálogo. A multidão entoava “deixa passar, o advogado popular!”. A deputada estadual Márcia Lia do PT chegou e brigou muito por acesso ao prédio. Teve um empurra-empurra e a linha de PMs levantou os escudos e pressionou fisicamente a multidão, machucando a deputada. Os 5 ou 6 advogados presentes então ergueram suas carteiras da OAB por cima das cabeças, afirmando “elas não servem para nada!”. Tive certeza que esse gesto ia bombar nas redes, foi muito fotogênico e muito fotografado. Notei nessa hora uns 8 adesivos “Fora Temer” no vidro da Presidência.

A galera alucinou:

“Unificou, unificou, estudante e trabalhador!”

“Temer, golpista, você roubou a minha brisa!”

“Temer, seu safado, seu governo não vale um baseado!”

“Ocupar e resistir, assim a PEC vai cair!”

“Ei Rede Globo, vai se fudê, o meu país não precisa de você!”

Muitas pessoas miravam seus celulares, algumas delas falando aos aparelhos e implorando que se mobilizasse mais gente para vir. Temíamos o pior.

Eram 21:25hs e falaram que o Choque tinha chegado e estacionado na Augusta, virando a esquina, acessando assim o portão da garagem da Secretaria. Nessa hora olhei para a dita esquina em busca de um caveirão, mas o que vi me desconcertou: um rosto enorme de moça loira me fitava da lateral de um furgão: “Hortifruti Fortuna”.

Dobrei a esquina enquanto ouvia um moço arengar os passantes pelo megafone. Cheguei perto de um ciclista e um passante que discutiam: o moço da bicicleta argumentava com um senhorzinho de uns 60 anos, que dizia “a culpa é do Lula”. Já

me prometi nunca mais me envolver em discussões desse tipo na Paulista, pois não dá em nada e eu fico sempre alterado. Mas não consegui conter as palavras “cara, o Lula já passou, dirige teu ódio pra outro lugar!”. Os dois ficaram meio sem jeito, e tratei de caminhar Augusta abaixo.

Poucos metros além, de fato haviam muitas viaturas e dois micro-ônibus da PM. O Choque estava lá com uns 15 homens de capacete e escudo, com dois atiradores de arma em punho. Alguém falou que o comandante tinha dito que “ia levar todos os estudantes para a DP, com força ou sem força”.

Lá também havia uns 20 ou 30 estudantes, e fizeram um cordão de isolamento, entre o Choque e a garagem. Muita valentia das meninas e meninos.

Notei nesse momento de tensão um homem de camiseta vermelha, que olhava tudo muito atentamente, lá pertinho, mas de atitude algo distante. Ele tinha um olho estragado. Depois de um tempo percebi que o objeto estranho que ele trazia ao ombro era o apoio do pé de sua caixa de engraxate, pendurada em seu corpo. Ele era negro e aparentava uns 30 anos.

Os secundaristas não perderam a oportunidade de gritar muito na cara dos policiais pesadamente armados:

“Perigo pro Estado, estudante organizado!”

“São trinta anos sem ditadura, mas a repressão do Estado continua!”

“É barricada, greve geral, é ação direta contra o capital!”

“Com mortadela, e muito pão, a juventude vai fazer revolução!”

Um policial tirava fotos do cordão secundarista, escondido por trás das cortinas do micro-ônibus. Alguém conectado disse que “a PEC foi aprovada”. Outro disse que a linha de PMs na Paulista tinha agredido os advogados e deputada.

Experimentei nessa hora o dilema do repórter. Deveria ficar na garagem e surpreender a remoção forçada dos secundaristas ou deveria ir ver a pressão dos advogados lá na frente? Onde será que aconteceria o fato que articularia a narrativa até agora meio solta da noite?

Decidi ficar na garagem. Conversei com um moço dos Jornalistas Livres. Eles sempre estão presentes. Nessa hora vi que o homem de chapéu que eu vira na rua era na verdade um militante do MRT, e não um morador da rua irado contra o universo. Ele me deu um panfleto e seguiu seu caminho. Vi nessa hora três PMS do Choque que, mais longe dali, fumavam um cigarro, encostados na viatura.

Arrisquei voltar para a frente do prédio. Eram 22h. O bololô continuava, e a projeção das bolinhas de luz com slogans que tinha visto no ato com Dilma na Casa de Portugal estavam de volta: “Fora golpistas!”. Muitas pessoas apontavam para a bolinha e sorriam, inclusive um casal que estava no abrigo do metrô. Agora era um outro moço com camiseta da Mafalda “Fora Temer!” que pregava aos passantes, por megafone, na mesma esquina da Augusta com Paulista. Os advogados estavam em contato virtual com alguns secundaristas lá dentro.

Voltei para a garagem e vi no caminho três PMs na calçada, um deles com um fuzil pesado em punho, e cara de mau. Novas viaturas e a Força Tática. Lá na garagem, alguém protestava que “a TVT não veio”. No geral, não houve uma movimentação massiva de apoiadores. Afinal, 2 deputados e o Presidente da Comissão de Prerrogativa, conforme relatado por pessoas no local, chegaram na entrada principal. Mas não massificou. Os números totais giraram em torno de 150 pessoas ao longo da noite.

Ademais, achei que os secundaristas dessa ocupação eram ligados às entidades estudantis. Por um lado, o mínimo denominador comum desses estudantes é informado pelo autonomismo e basismo. Mas parece que há uma divisão entre os “libertários” e os “institucionais”. Não acompanho de perto esse movimento, mas notei umas meninas e meninos meio de lado, puxando palavras de ordem mais radicais, que guardavam uma atitude mais cínica. Uma moça dessas era negra e levava um skate nas mãos.

Conversei com um moço de 25 anos, da juventude do PT. Ele relatou-me que a liderança tem dado espaço a novas vozes dentro do partido. Disse a ele que achava que a militância tinha que ocupar o PT e demitir a liderança. Falamos do relacionamento da “velha esquerda” com os novos movimentos e ele chegou a me afirmar que o Podemos tinha se fundido com o PSOE. Achei a figura encantadora, mas não demorei

a perceber que era alguma linha cruzada. No máximo, esse novo partido teria feito uma coalizão com o partido socialista para formar governo. Mas nem isso acho que é verdade.

Rolou que eu fizera a aposta errada: os ocupantes não saíram subjugados pela garagem, mas sim celebrados e pela porta da frente, debaixo dos muitos aplausos da multidão. Quando percebi que isso acontecia, corri para a Paulista.

Cheguei no meio do jogral com os estudantes que tinham saído há pouco. Um moço de voz fina, de uns 20 anos, que já ouvira falar em outras ocasiões, puxava a falação. Defendeu a educação pública, falou contra as privatizações: “não destruirão nossos sonhos! Não destruirão nosso futuro!”.

Ele falava por cima das cabeças, sustentado por colegas. A linha policial tinha se aberto para deixar passar os secundaristas e agora se espremia nos lados. Notei a cara do comandante e dos 3 oficiais lá atrás da porta de vidro. Olhavam tudo com cara de bunda. Eram 22:40h.

Já a multidão vibrava e gritava “Ocupar, resistir!”, “FT!”, “nas ruas e nas praças, querem nos fazer sumir, mas o movimento está fervendo no Brasil!”.

A multidão explode em “Não tem arrego!”, “Amanhã vai ser maior!”, “Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM!”, “ai,aiiai,aiiaiiaiiai, ocupa tudo que ele cai!”

A bolinha de luz estava lá, e, como nos desenhos animados antigos televisados de minha infância, pulava no ambiente ao som das palavras de ordem. Tinha conversado com uma moça que fazia a projeção e ela disse que o aparato se chama “bazuca”.

As meninas e meninos acabam o jogral e saíram do hall de entrada, e a linha policial se refez por trás. Os ocupantes foram muito festejados ao sair, visivelmente felizes e aliviados.

Dividi-me entre o contágio e rejuvenescimento de minha geração pela luta atual e certa precaução: vi muita gente da minha idade parabenizando os jovens, e é legal ver que a “velha guarda” reconhece as lutas novas que não mais faz. Mas tem algo em mim que evita fazer pesar sobre esses jovens a salvação do Brasil e da esquerda partidária em



geral. Aprenderemos com eles, mas não devemos fazê-los alvos preferenciais da repressão.

Tomei um ônibus na Paulista e fui para casa.

### **11 de outubro – Ato contra a PEC do Fim do Mundo**

Vi no Guardian que a onda de palhaços que aterrorizam pessoas na rua chegou ao Reino Unido. Os palhaços profissionais desse país têm reclamado.

Chegam relatos na rede de execuções de jovens em vários pontos do Rio de Janeiro, e não só em Copacabana, conforme o PIG noticia.

M mandou-me uma carta da Federação Única dos Petroleiros (que aqui edito): “Como os prisioneiros de campos de extermínio, entrando na câmara de gás. O guarda grita que é apenas um chuveiro coletivo, e boa parte acredita, contra todas as evidências. Porque seria bom que fosse apenas um chuveiro. O discurso do guarda é, hoje, o discurso do Parente, da Diretoria, e gerentes da Petrobrás. Ele sabe que é mentira. E você sabe que é mentira. A verdade está nos fatos. Na prática. No que acontece hoje, dentro e fora da empresa: o DESMANCHE. A CÂMARA DE GÁS.”

E informou-me por e-mail que haveria um ato contra a PEC no MASP. Fui checar.

Foi chamado pela Frente Povo Sem Medo, parece que meio em cima da hora, uma reação à votação no Congresso. Parece que a aceleração da votação no Senado ocasionou a antecipação de outros atos chamados para datas mais distantes, agora concentradas na segunda-feira próxima.

Saí do metrô na estação Trianon-MASP e caminhei até o museu. Eram 18:30h. No caminho, notei que os dois cartazes gigantes com o rosto de Jesus continuavam lá, mas igualmente permanecia um cartaz menor colado em sua testa: “mais vinho por favor”.

Cheguei ao vão e vi umas 150 pessoas, achei que entre 25 e 30 anos. Vi também uns 10 PMs, de boina, lá embaixo. Dei um giro e vi um moço com uma camiseta do POEMA (Por uma Economia da Maioria). Outro menino tinha um jornal nas mãos, o Foice e Martelo. A bandeira negra que vi se revelou ser do Levante Popular da Juventude. No

geral não vi anarquistas ou autonomistas. Um batuque começou a tocar e seu som encheu o ambiente. Não havia carro de som. Vi bandeiras da UPES e da UNE, além do PSOL, Brigadas Populares e, curiosamente, DUAS bandeiras do PCB juntas, o que eu não via acontecer há pelo menos 30 anos. No chão, um faixão da Frente Povo Sem Medo.

Vi vários secundaristas que reconheci da ocupação de ontem. Também de ontem reconheci um oficial da PM, um cara meio bronco que lembrava ter visto discutindo com os advogados na frente da Secretaria da Presidência.

Encontrei T e E. Eles me falaram que o ato era nacional, mas que fora de fato chamado às pressas. Mas, apesar da intensa atividade relacional nas redes, quase exclusivamente ligada à votação da chamada PEC do Fim do Mundo, tinha pouca agente. A esquerda está em polvorosa com a tramitação acachapante dessa PEC, e potencialmente isso tem um poder mobilizador muito grande. Não é uma pauta Fora Temer propriamente, e toca a todos só cidadãos. Quando essa conta começar a doer na sociedade, deve haver muita revolta. Mas a esquerda quer antecipar esse momento e fazer visível agora as consequências desse congelamento. Em outras palavras, além da formulação “perda de direitos” cara à esquerda, tem o apelo econômico mais geral a favor. Mas é preciso furar o bloqueio ideológico do momento que coloca direito como privilégio estatal, em contraste com o mérito auferido pelo mercado. Também vai demorar a cair, e cair vai, a noção de que a “culpa é do Lula”. Um dia não vai mais ser possível fazer isso. Talvez demore.

Um megafone apareceu e as falas começaram. Muito Fora Temer! e posicionamento contra a PEC e a reforma educacional. Não ouvi muita novidade, certa reiteração das formulações correntes.

Nessa hora uns 60 PMs cercam o MASP, isto é, fizeram uma linha na calçada isolando quase a totalidade dos manifestantes da rua e do fluxo de pedestres. Acho sempre intimidador, pois fica muito fácil empurrar todo mundo para o fundo do Belvedere, onde um abismo liga o vão livre à via lá embaixo. A linha policial também impede a adesão espontânea das pessoas da rua ao ato.

“Não acabou, TQA, EQOFDPM!”

Encontrei AM, que trabalha no museu. Ainda estava na labuta e subiu depois de conversarmos um pouco. T se vai para o lançamento de uma publicação de quadrinhos na Bela Vista.

A PM se reposiciona e o ato ganha a rua. O destino final é a Secretaria da Presidência, perto da Praça do Ciclista. Achei que éramos agora umas 350-400 pessoas. Eram 19:45. Começamos a caminhar, mas E ficou para trás e se foi. Cerca de 200 PMs acompanhavam a passeata, atrás. Vi o trio de policiais filmando a marcha. Encontrei J, que não via desde 2013, no contexto das movimentações pela democratização da comunicação. Conversamos sobre a situação atual e também sobre os impasses da condução de mobilizações no contexto da horizontalidade.

Depois de curta caminhada chegamos na esquina da Augusta com a Paulista e a manifestação parou. Fizemos um jogral: “eles querem congelar nossas vidas, querem congelar nosso futuro!”. Este era um moço da UNE. Falaram também um secundarista e uma moça. “Nem um direito a menos!”.

Enquanto saía fora, o ato demorava a se dispersar. De longe, ouvi ainda: “quem não pula é golpista!”.

Fui a um boteco, tomei um dreher com coca-cola, escrevi um pouco e fui para casa.

## **12 de outubro**

Hoje teve dois atos: um dos secundaristas e outro não lembro. Não fui. Teve estudante preso e também dois membros dos Jornalistas Livres, eles tentaram ocupar um órgão da secretaria da educação. Nacionalmente, há mais de 200 escolas ocupadas, grande parte delas no Paraná. Em São Paulo a PM tem se fiado na jurisprudência recente de um juiz que decidiu não ser necessário um mandato para desocupação.

Ontem: ‘o juiz da Lava Jato Sergio Moro mandou carta ao jornal Folha de São Paulo, após Cerqueira Leite compará-lo ao frei dominicano florentino fanático e moralista do século 15, Girolamo Savonarola. "Moro não percebe, em seu esquema fanático, que a

sua justiça não é muito mais que intolerância moralista", disse Leite. Para o magistrado, o jornal deveria evitar "a publicação de opiniões panfletárias-partidárias e que veiculam somente preconceito e rancor, sem qualquer base factual".

Já os promotores que denunciaram e pediram a prisão do ex-presidente Lula (chamados Três Patetas) querem R\$ 600 mil da Folha de S. Paulo, em indenização, por terem sido objeto de uma reportagem que critica a fragilidade da acusação contra o petista.

### **15 de outubro – Boataria sobre prisão de Lula**

Boataria forte: bombou nas redes que a prisão de Lula será na segunda-feira. MST e CUT prometeram mobilizações. L avalia que o momento é propício para esta cartada golpista: a prisão de Cunha foi anunciada faz um dia ou dois, o PT está em baixa, as reformas de Temer ainda não morderam, as mobilizações oposicionistas costumam acontecer. Sinto que a esquerda não petista não vai se mover e vai ficar em casa.

Algumas análises mais à noite duvidam da informação e apontam que isso atrapalharia o segundo turno e o processo eleitoral em curso. Acho que é verdade, mas há diversas forças dentro do golpe, e várias direitas com agendas diferentes. A prisão imediata de Lula está na pauta de muitas direitas mais extremas: nas palavras atribuídas a policiais federais, depois das eleições, eles teriam afirmado “perdemos o medo”. Existe sim o diagnóstico que estamos no momento mais frágil possível da esquerda: o PT encolheu e nenhuma outra esquerda cresceu. Se Lula for preso hoje, não haverá levante, não haverá resistência, não haverá insurreição, especialmente se Cunha for detido junto para disfarçar a parcialidade da Lava Jato. O MST não consegue mobilizar contra Temer ou a PEC, nem a CUT. Se eu quisesse prender o Lula, eu consideraria já.

De resto, pouca movimentação neste final de semana.

Li nos blogs que um moço preso na operação Hashtag, relacionado a suposta ligação com o Estado Islâmico, foi espancado na cadeia e teve morte cerebral decretada. Cabe à família pedir desligamento do aparelhos que o mantém vivo. O que significará isso?

A UBES afirma que o número escolas ocupadas no momento em todo o Brasil é 437 .

## **16 de outubro – Fim melancólico de domingo inquieto**

Blogs afirmam que Lula não vai se refugiar em embaixada ou fugir do país. Donald Trump parece que terá manifestação de apoio nesta tarde, na avenida Paulista. Não sei se tenho estômago. Novamente li que a Netflix vai fazer uma série com a história da Lava Jato e Moro. Vai ser humilhante e vai ser impossível convencer as pessoas depois que certos fatos terão ocorrido na série e não na realidade: essa ficção ainda vai gerar efeitos jurídicos.

Quero acordar às 5 da manhã para checar se Lula vai ser preso ou não, e quiçá ir a Congonhas ver se ele será conduzido a Curitiba por lá. Mas a noite estava quente e percebi que só ia conseguir dormir com um goró.

Desci a escadaria da estação Vergueiro do metrô, e alcancei o viaduto Beneficência Portuguesa, logo abaixo do CCSP. Passando por cima da 23 de Maio, no calorão inesperado desse domingo pegajoso, caminhei com os pedestres que compartilhavam comigo a calçada sobre a avenida. Chegando quase ao fim, do lado da Bela Vista, vi duas mulheres que acendiam velas e as depositavam no chão, em um cantinho do viaduto. Promessa? Devoção? Não fiquei para ver, mas, no clima de luto em que eu me encontro, fui tomado por uma sensação de que era um velório público de apagamento e escuridão.

Já era meio tarde, e não tinha certeza se conseguiria achar um lugar por perto que não estivesse fechado. Nessa esquina da Maestro Cardim com o viaduto, achei o que buscava: um boteco popular, aberto e vazio. Pedi uma Seleta, que em estabelecimentos baratos vem em doses grandes no copo americano, por apenas R\$7.

Vi na ubíqua tela de televisão, sem som, o programa Fantástico: é odioso e escroto. Tudo é canhestro e falso. Percebi que não vou querer envelhecer no Brasil que se desenha.

Paguei a conta, atravessei a 23 e fui para casa.

## O primeiro buraco negro no diário (envolvendo várias datas)

*[os buracos negros deste diário são irrupções de emoção mais pessoal e existencial, sem relação direta a eventos políticos ou pautas do dia. Achei que eram pertinentes, algo sobre meu corpo de 50 anos na cidade]*

“Robinson vive como se diz que as pessoas viviam na antiga União Soviética. Ele ganha pouco, mas economiza a maior parte de seu salário.” Fiquei muito impressionado com esta frase de um filme que adoro, o semi-documentário *London*, de Patrick Kieler. Tem no meu hd “futebol”. Esse Robinson, no filme, viveu o desmonte do estado de bem-estar social britânico, nos anos 90. Seu apartamento é de BNH, a saúde é pública e gratuita, assim como a educação e o equipamento público de convivência. Ele tem todo o básico, mas não é proprietário. Ele caminha livre pela cidade acessiva, e, no filme, ele cartografa os caminhos urbanos e também os estragos do capitalismo sobre a cidade que ama: “Londres é a primeira cidade que desapareceu”

Lembro agora da celeuma ao redor de quanto ganhavam os médicos cubanos no Brasil. Diziam que era pouco e que Fidel os explorava. Pode ser, mas o que perdemos no capitalismo foi esse modelo de existência urbana – o cidadão não paga a conta da luz, da água, ou o aluguel, o transporte, a cultura e educação, e também não paga hospital. Não é proprietário, mas gasta muito pouco do seu próprio dinheiro.

Comparo isso com a vida de amigos meus, e também com minha própria. Nossos salários certamente são maiores do que em Cuba, mas a margem que fica depois do aluguel, seguro saúde, carro, filhos, luz, internet, gás... é muito pouca ou mesmo negativa. Somos menos livres e menos ricos do que o cidadão cubano. A economia da dívida nos subtrai as liberdades centrais da cidade, mesmo que nos encha de mais objetos.

Assim vivi minha vida: não pude acumular dinheiro e não tenho aposentadoria. Não tenho propriedade, nem vou herdá-la, vivo com



pouco e prezo a liberdade pública da cidade. Pago aluguel e guardo simplicidade, na roupa, na preferência por transporte público. Cruzei meu tempo sem explorar ninguém nem fui chefe de viv'alma. Não ter filhos só me libertou. Mas busquei me encontrar naquilo que eu achei que fosse o pensamento e a sensibilidade, li o que quis e acho que todos deveriam poder fazer o mesmo. A inteligência humana é malucona e merece atenção. Mas sei que não quero morrer na cama do SUS que se desenha no Brasil hoje.

Mas percebi cedo que essa vida que levo só seria possível até certa altura. Conta-se que os ditos *millennials*, dos quais os famigerados *hipsters* fazem parte, sabem que não comprarão suas casas nem farão carreira, pois esta e aquela não existem mais. Então investem em estilo, na tatuagem, na bicicleta legal. Não há futuro para o qual se guardar.

A sociedade brasileira claramente escolheu a via autoritária e não vou aguentar o nível de hostilidade e confronto necessários para sobreviver nesse futuro. Uma certa clandestinidade cansativa. Talvez feche geral, pode ter muita dor. Pode também não ter nada disso, e pode ser que esse projeto golpista sucumba antes de fincar raízes. Talvez.

Agora estou em um boteco do centro, e a tela do estabelecimento irradia um dvd ao vivo de MPB. No geral é ruim, mas agorinha toca uma música de Ivan Lins, na voz de uma jovem cantora que não conheço: “Desesperar jamais”. Tento resistir ao deslizamento em direção ao passado, mas esse tipo de canção explícita me transporta ao tempo da sensibilidade clandestina de minha adolescência, da mensagem cifrada da arte, à criptografia sentimental necessária sob a ditadura e sob o formato família.

Talvez no futuro próximo tudo o que sinto agora seja considerado apenas desespero desnecessário. Talvez eu seja o exemplo da morte e

**passagem de uma interpretação suicida que certa esquerda construiu para si própria. Talvez. Acho redutor, mas foda-se: a história é assim.**

**JdeA contou-me que, nos anos 1930, a USP trocava correspondência com Benjamin, negociando sua contratação como docente na FFLCH. Teria sido extraordinário. Eu teria sido ensinado por alunos dele, nos anos 1980.**

**Mesmo certo de que os PCs representavam o antigo a superar e que estávamos na nova onda com o PT, eu nunca comemorei a queda de companheiros comunistas. Bater palmas para o Lula preso é muito calhorda. Gritar “morra PT” com a direita e marchar com ela contra a corrupção é o equívoco do século.**

### **17 de outubro – Ato contra a PEC241**

Acordei às 5 da manhã e fui checar a internet. Tinha achado um *live streaming* que irradiava a partir da frente da casa do Lula, então deu para acompanhar em casa e saber se Congonhas ia acontecer ou não. Pouquinha gente na madrugada, mas já umas 100 pessoas pelas 6h em frente ao prédio. Certifiquei-me que nada acontecia, e, lá pelas 6:30h, dormi um pouco mais.

No fim do dia fui à Paulista checar a manifestação contra a PEC241. Este ato foi bem chamado pelas redes, mas fora do circuito mais partidário ou institucional. Há muitas iniciativas pipocando por todo o país, mas um chamado nacional de mobilização que não fosse Frente Brasil Popular ou Frente Brasil Sem Medo estava faltando. A esquerda está a buscar formatos e formulações que rompam a bolha das militâncias. O Fora Temer! não parece tê-lo feito de fato, apesar dos lindos 100 mil em São Paulo, então a aposta parece ter se deslocado para formatos inteiramente descolados da restauração da legalidade ou do governo anterior. O foco na pauta direitos busca exatamente ampliar o debate, procurando sensibilizar quem já saiu às ruas, como em 2013, mas não se sente representado no FlaxFlu que dominou a política.

Cheguei às 18h, o que era bem cedo. A avenida em seu curso normal e algumas pessoas já no vão do MASP, reunidas. Vi imediatamente três bandeiras grandes: do

Corinthians, Palmeiras e Santos. Em cada uma delas, o FT! tinha sido escrito. Elas foram muito fotografadas, deve ter sido amplamente divulgado em algum circuito. Vi uma camiseta “Por uma engenharia popular e solidária”. Vi também o homem de chapéu do MRT, e também o moço jornalista do EBC, que milita no Democracia na Real, que tinha chamado o ato. Achei o pessoal do DNR, M, D, e muitos outros. Fiquei por lá um pouco. Um faixão no chão fazia ler: “Contra a PEC 241. Não aos cortes de direitos.”

Encontrei V por lá. Ela não está otimista com a situação em geral e falamos do futuro profissional e de concursos. N apareceu e conversamos um pouco com amigos seus. Falaram da candidatura lançada pelos Zapatistas no México, cuja natureza não está inteiramente clara ainda. Esse movimento mexicano foi e é muito influente em certa esquerda, pois eles redefiniram uma série de conceitos e práticas progressistas em bases inteiramente novas e relevantes ao contexto latinoamericano, tais como a tomada do Estado, existir em território e em redes, com horizontalidade e eficácia organizacional, autonomia.

Dei um giro e vi uma camiseta da graúna do Henfil, com os dizeres: “Lula presidente” (lembança de 1989). Outra camiseta trazia o logo do POEMA, que é a Política Econômica da Maioria e vi faixas de sindicatos do CONLUTAS, ligados ao PSTU. Um outro cartaz dizia: “que os ratos paguem o pato”. Outro: “+ direitos – privilégios”.

Chegou E, com M, e conversamos um pouco. Depois fomos juntos checar a manifestação do MTST, que estava acontecendo na mesma hora lá em frente a Secretaria da Presidência da República. Eram 18:45 e caminhamos até lá e de fato tinha umas duas mil pessoas desse movimento. O trânsito fluía pela Augusta, mas não por uma das vias da Paulista. Os manifestantes se espalhavam para o lado oposto da avenida e também para a frente do Conjunto Nacional.

Muita bandeira vermelha e um pequeno carro de som, sem discurso, com um rap tocando naquela hora. Vi faixas “Portal do Povo”, “Ocupação Nova Palestina”, “Ocupação Hugo Chaves”, “Capadócia”. Muitas famílias e mulheres, o pessoal dos assentamentos realmente veio dessa vez. Vimos alguns grupos de ponto, isto é, filas para o preenchimento da lista de presentes. M explicou que a presença em atos dá a

cada indivíduo pontuação específica, que depois conta no acesso às moradias conquistadas.

A PM discreta deste lado: 20 motos da ROCAM e uma outra fileira guardando o portão de entrada do prédio cercado.

Voltamos ao MASP, e no caminho vimos um pequeno grupo da Marcha Mundial de Mulheres caminhando em direção à Augusta, pela calçada. Perto do Museu, recebemos panfletos explicativos contra a PEC. Achei bom ter gente panfletando passantes e transeuntes.

Visivelmente mais cheio, o ato inchava. Eram 19h. Achei que a média de idade era mais ou menos 25-30, moças e moços. Achei T e circulamos um pouco.

Vi uma bandeira negra tremulando, e também um homem de rua dormindo sobre um colchonete, no meio da multidão. Vi um faixão do MRT e também do MAIS, além da bandeira vermelha do 4FOR. Vi um pessoal do coletivo DAR (Desentorpecendo a Razão), e também do MPL. Fiquei sabendo que esse coletivo já marcou uma manifestação pelo Passe Livre. Vi o estandarte laranja do RUA. O PSOL estava lá, mas só com uma bandeira, que eu tenha visto. Vários secundaristas sortidos, bem à vontade. N avaliou que havia todo “o espectro do movimento autonomista”. Um belo batuque, a Fanfarra do MAL, já animava o ambiente.

A PM lá também pouco acintosa e pouco numerosa.

Nessa hora vi que a bolinha de luz com mensagens projetadas estava lá também. Vi também os Jornalistas Livres. Reconheci e cumprimentei V, diretora de teatro, que estava lá com seu filho. Conversamos um pouquinho.

No geral achei que a manifestação tinha uma diversidade interessante. Ausente estava a esquerda petista, e mesmo o Fora Temer! foi pouco entoadado. Bem à maneira autonomista, atos desse tipo permitem que nuances de opinião apareçam mais. A presente tensão da urgência em acertar a formulação que vai espalhar a oposição ao governo e às reformas estava presente de forma produtiva.

Assim, achei interessante ver como o relacionamento com a manifestação do MTST se daria. Por um lado parece absurdo que tenhamos manifestações separadas a esta

altura dos acontecimentos. Mas certas arestas precisariam ser aparadas, tipo o carro de som. Apesar de certas críticas serem injustas, como aqueles que têm casa criticar quem “está no esquema do Minha Casa Minha Vida”. Mas de fato os estilos de estar na rua são bem diferentes, o MTST é militarizado e pouco carnavalesco e ou diverso. Algum tipo de entendimento mínimo de convivência vai ter que rolar, já que é evidente que as lutas são mais fortes juntas.

O zumzum do momento girava em torno de quem ia sair e encontrar quem. Não ficou claro, naquele momento, se ia unificar.

Ao som de “não tem arrego!”, a multidão tomou uma via da avenida. Eram pouco mais de 19:30, e estimei umas duas mil e quinhentas pessoas. O jogral confirmou a pauta do ato: “nós que dependemos de serviço público”, “não pagaremos a conta que não é nossa”: “os ricos que paguem”. “Não à PEC do Fim do Mundo!”.

Nessa hora vi um moço de terno e uma máscara de rato. Trazia à mão uma maleta cheia de dinheiro. Ele caminhou com a passeata e foi até o fim, posando também em frente a FEBRABAN, já na Faria Lima. Foi legal incluir os bancos na pauta, pois fala-se em ajuste mas não se fala no pagamento de juros, que desfalca o orçamento federal todos os meses.

“Vem, vem, vem pra rua vem, contra a PEC!”. A multidão caminhava na avenida. Um moço acendeu um daqueles sinalizadores de fumaça vermelha, tingindo o ar da tarde quente. Vi um cartaz “É pau, é PEC, é o fim do futuro”.

Busquei ouvir as palavras de ordem. Algumas eram novas para mim, ou pelo menos eram novas versões ou adaptações:

“Ei, banqueiro, devolve meu dinheiro!”

“Vai ter SUS, vai ter SUS, vai ter SUS e a PEC vai cair!”, ao som do refrão do sucesso “Jesus Cristo” de Roberto Carlos!

“Se você paga, não deveria, pois seu direito não é mercadoria!”

“Não tem mulher, só tem patrão, esse governo não é do povo não!”

“Ajuste não, ajuste não, pega essa PEC e põe na conta do patrão!”

Ouvi uma palavra de ordem inédita que não compreendi:

“Fora TEC! Fora TEC!”

Levou um tempo para eu entender que era a mistura de dois cantos distintos, mas entoados de maneira idêntica, que se misturavam no ar: “Fora Temer!” e “Fora PEC!”.

Chegamos nessa toada à esquina da Augusta com a Paulista. O MTST estava lá, atento, mas o encontro foi menos apoteótico do que eu achei que ia ser. Predominou o silêncio, e achei que íamos descer sozinhos à FEBRABAN. Mas, já um ou dois quarteirões abaixo, olhei para trás e vi que os sem-teto tinham sim se juntado a nós, colando na rabeira da passeata. O carro de som não veio. O número total de manifestantes inchou para em torno dos 5 mil, achei.

Descendo a Augusta na direção dos Jardins, busquei ir percorrendo a manifestação de ponta a ponta, para sentir o clima geral. Levava E comigo, que forcei a marchar rapidamente!

O MTST estava animado e cantava muito, incluindo aquela canção que a Clementina de Jesus canta, que eu já tinha ouvido irradiada numa manifestação anti-golpe: “Disse levanta povo, cativo já acabou”. Vieram com suas faixas também, na maioria nomes de ocupações.

“1,2,3,4,5 mil, ou vem a nossa casa ou paramos o Brasil”.

“Michel Temer, pode correr, que os sem-teto vai aí pegar você!”

“Lutar, criar, poder popular”

“Fora Temer!”

Um moço do MTST pirou na minha caderneta e deixou o telefone para que eu o avisasse quando o diário for publicado.

A multidão parou em frente a uma igreja, a “comunidade evangélica Sara Nossa Terra”. Se me recordo ela é muito frequentada por jovens. Algumas palavras de ordem da pauta foram cantadas e seguimos. Vi o relógio luminoso marcar 20h e 30 graus.



Mais para a frente, vi o faixão vermelho do coletivo Liberdade e Luta. Vi uma bandeira vermelha e outra negra com o A anarquista. Vi uma camiseta da UJS, e um faixão preto “ZN na luta”. Também havia ciclistas e vários ambulantes. Outros moços seguravam a bandeira com uma inscrição em alemão, creio que “Ação Antifascista”.

Passou E e o moço do CMI. Ela nos informou que o Rio de Janeiro estava bonito: numeroso e poderoso.

“A nossa luta é todo o dia, nossos direitos não são mercadoria!”

“Contra a PEC, eu vou lutar, ocupar tudo junto com o Paraná!”

“Temer seu otário, o seu governo continua temporário!”

Viramos à direita na rua Estados Unidos para buscar a Rebouças. Passamos em frente a uma imobiliária, a G Lopes, em cuja calçada uns 7 funcionários filmavam a manifestação. O MTST cantava:

“Ô, a periferia chegou, a periferia chegou!”

“Ô Dória, pode esperar, que a sua hora vai chegar!”

“Fora Temer!”

Ficamos mais para trás da passeata e notei com atenção o aparato policial que nos seguia: uns 150 policiais de escudo e um punhado de viaturas. A clássica chamada NA,TQA,EQOFDPM! foi devidamente entoada ao longo da manifestação.

Chegamos à Rebouças às 21h e descemos em direção à Faria Lima. Encontrei uma professora que acompanha os secundaristas e ela disse que as escolas ocupadas são agora 528 em todo o Brasil. Mais de minha geração, ela interpretava a passeata mais como a promessa de “todos os partidos e movimentos juntos” do que um passo adiante na direção de um futuro sem partido.

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro, se não pode com a formiga não atíça o formigueiro!”

Uma janela de um prédio próximo piscava muito. Achei que era em apoio. Reconhecemos eu e E o fotógrafo A, que eu não via desde os tempos do Prestes Maia. Veterano do rolê anarco-punk, seu espírito não era de convergência das esquerdas.

Cobrou posição de enfrentamento e de acirramento da luta contra o capital, e estava irritado com a manifestação, que julgava bunda-mole.

Já no fim da Rebouças, acima da entrada do túnel, que contornamos à direita, o luminoso trazia: “Seja responsável, se beber não dirija”.

Chegamos à frente da FEBRABAN, logo depois da esquina da Faria Lima com a Rebouças. Havia uns 15 PMs na porta. A faixa de abertura de ato foi postada virada para a rua e várias faixas e cartazes menores compuseram um conjunto fotografável. O moço da máscara de rato estava lá, ainda com seu terno cinza. “Globo Golpista” dizia um cartaz, outro trazia a sigla FAL, com a foice e martelo mais o A anarquista.

“Fora Temer!” e “Morra Temer!” competiram por alguns segundos pelo espaço sonoro. Além dessas chamadas, muitas outras:

“NA,TQA,EQOFDPM!”

“Ei, banqueiro, devolve o meu dinheiro”

“Fora PEC!”

Um jogral fechou o ato: “existem alternativas aos cortes de direitos sociais”, “os ratos que paguem”. “Hoje foi uma vitória”, “aqui e em outras cidades: estamos crescendo”, “somos muitos”, e “amanhã vai ser maior!”. Passamos também em revista o calendário de manifestações próximas, incluindo a do MPL no dia 26.

Levantei do chão e dei uma última olhada na lenta dispersão. Vi uma roda de ciranda do pessoal do MTST. Ao lado queimavam uma efígie de Temer Golpista. Encontrei a fotógrafa A, que está sempre em todas as manifestações. Eram 21:45.

Buscamos eu e E uma cachaça para tomar, que achamos no Largo da Batata. Vimos, já sentados e ainda doloridos, um grupo do MTST caminhar pela avenida. Eles não eram muitos e temi que fossem à casa do Temer ou algo assim. Julguei que estavam desprotegidos.

Passou M com amigos, com quem conversei um pouco depois. Também vi M e o pessoal da DNR, e a avaliação geral da manifestação foi bem positiva, inclusive em relação com o MTST. Foi importante demarcar posição diferente e uma rota de fuga

possível para o impasse da esquerda no momento. A iniciativa de hoje não ‘massificou’, mas ninguém está conseguindo bombar de verdade ainda. Parece que a sociedade hesita em se posicionar.

Uma companheira lá relatou que fora abordada por um senhor na calçada, durante o ato, que perguntou a ela “qual é a cor de vocês? Onde está o vermelho?”. Talvez um indicador da situação geral.

O clima no total ainda é de ansiedade, as alternativas democráticas estão esgotadas e há um tensionamento progressivo que ninguém sabe dizer onde vai dar. Talvez a oposição popular só venha a espalhar com a continuação ou acirramento da crise econômica. Mas dá um medinho de ver que não parece haver projeto conservador para o Brasil, só rapinagem e repressão ao trabalho. E não há alternativa clara e forte de esquerda também.

Peguei o metrô e fui para casa.

## **18 de outubro**

Fui ao MASP checar a manifestação dos secundaristas contra a reforma do ensino e contra a PEC 241. Eram 9:30h da manhã e tinha uns 250 jovens lá. Tinham entre 15 e 20 anos. Muitos outros foram chegando depois.

Vi um faixão “ZN em luta”, outra “Não à PEC 241”, ainda “Fora com a reforma do ensino”. Vi uma camiseta da UNE e outras 7 com o nome “Einstein”. Outro menino vestia uma camisa da seleção de futebol. Vi uma outra camiseta do PSOL, uma da Juventude e Revolução, outra mais uma do Território Livre, vermelha, e ainda mais uma da ANEL.

Bastante animados, faziam faixas e um batuque bom. Cantavam muitas palavras de ordem, naquele estilo energético típico dessa meninada.

“É barricada, greve geral, é ação direta que derruba o capital” estava entre as mais militantes. Rolou também algum “Fora Temer!”.

“Pisa ligeiro, PL, QNPCFNAOF!”

“Sou estudante, sou radical, não sou capacho do governo federal!”

“Trabalhador, presta atenção, são vinte anos sem saúde e educação!”

“Dança Geraldo, dança até o chão, aqui é o estudante defendendo a educação!”

A fila para entrada no Museu crescia, e havia pelo menos dois grupos de escolares uniformizados, que pareciam um tanto surpresos de ver a atividade política de seus coleguinhas, tão fora do programa da excursão.

“Ih, fudeu, estudante apareceu!”

“Acabou o amor, isso aqui vai virar um Chile”

Fizeram um jogral, mas não saíram todavia. Encontrei o repórter L e ele avaliou que a tensão política está aumentando muito e pode explodir a qualquer momento, e que a guerra entre os três presidenciáveis do PSDB vai ser dura: Aécio será o primeiro a cair.

Conversas depois apontaram como os secundaristas na real estão isolados. Os partidos não dão apoio ou o condicionam ao aparelhamento, os movimentos sociais também não se relacionam bem com a meninada. Parece haver uma carência de formação para os estudantes, a despeito de sua garra. Por um lado há uma falta de perspectiva histórica por parte deles, mas por outro há perspicácia política quando eles não perdoam, por exemplo, a foto do Haddad com o Maluf. Há um intervalo geracional. Em Foz do Iguaçu parece que os universitários têm acolhido o movimento. São hoje mais de 600 escolas ocupadas em todo o país.

Eram 10:30h quando saíram à rua e fizeram um jogral para decidir o trajeto. Éramos uns 600 na avenida. Uma faixa no chão deixava ler: “Reforma não, revolução sim”. Vi no chão a pichação “valeu, Haddad”, agora velha. Notei uma camiseta do Joy Division e outra dos Ramones.

Vi também uma moça que, como eu, observava e escrevia ao caderninho. Fui conversar e ela disse que era antropóloga e estudava o movimento dos secundaristas. Preferia a escrita à mão em detrimento de outras ferramentas de registro, como o vídeo.

“Nós, estudantes organizados de maneira autônoma e horizontal” começou o jogral. O trajeto votado foi o de descer a 9 de Julho e ir até a Secretaria da Educação na praça da República. Saímos. Éramos talvez umas 600 pessoas.

Uma voz longínqua ao microfone se revelou ser uma manifestação sindical em frente ao Tribunal, a um quarteirão do MASP. Os secundaristas deram a volta pela via em direção ao Paraíso e contornaram o museu para descer pela frente da FGV. Eram 11h e o calor já mordida.

A presença policial era mediana, uns 5 soldados na frente e uns 15 atrás. Mas tinha um atirador e seu assistente. A maioria deles usava bermuda.

Havia muitos cartazes tamanho A3 com dizeres grandes: “Reforma Não”. Foram distribuídos aos montes logo antes de sairmos, então muitos deles estavam visíveis ao alto. Quem tinha feito a impressão era o Território Livre. Outro cartaz trazia “Escola se Temer”.

Alcançamos a 9 de julho e as palavras de ordem se sucediam:

“Tira a tesoura da mão! Tira a tesoura da mão! Investir em educação!”

“Não vai ter reforma, vai ter luta!”

“Pisa ligeiro, PL,QNPCAFNAOF!”

“Perigo pro Estado: estudante organizado!”

“Ô presidente, fala a verdade, a educação nunca foi prioridade!”

“Acabou a paz, mexeu com estudante, mexeu com Satanás! - olha o capeta!”

Ao passarmos por baixo do viaduto São Carlos do Pinhal, vi dois homens de rua dormindo em um colchão no chão.

Na janela da FGV, um menino de azul comemorou, mas a moça de laranja não. As janelas dos cortiços estavam quase todas tomadas de moradores que vinham olhar. Mas não nos prédios mais chiques como o “Maison Plaza I e II”. Duas funcionárias do Qualicorp, que me parece é uma empresa de seguro-saúde, filmavam tudo com seus celulares. O teatro da Fecomércio trazia um cartaz publicitário do filme “Forever Young”. Nessa hora achei muito melhor sair em protesto durante o dia do que ao fim da tarde. O diálogo com a cidade é mais aceso.

“A PEC, a PEC, é precarização, eu quero investimento em saúde e educação!”

“Eeeeeeeeeeu tô boladão, não vou deixar o governo fazer a reforma não!”

“Que contradição, tem dinheiro pra PM mas não tem pra educação!”

“Acabou a paz, MCEMCS! - OOC!”

Passamos ao largo do elevado da Praça 14 Bis, pela Dr. Plinio Barreto. Fechamos um cruzamento, e o trânsito alucinou na buzina. Eles: “Quem buzina apóia, quem buzina apóia!” E ficaram parados um tempo ainda só para marcar.

A esta altura, muitas meninas e meninos tiraram suas camisas e camisetas e levavam o dorso nu ou vestido com sutiãs. Achei notável como estavam à vontade, mesmo a moça que entregava panfletos aos passantes, e que pouca atenção dava ao visível efeito que produzia sobre alguns homens, intenso na oficina mecânica. Ao lado, uma senhora festejou a meninada, mas duas outras reprovavam silenciosamente.

Vi nessa hora o cartaz “Einstein na luta”. Agora sabia que se tratava de uma escola com o nome do cientista, mas saboreei as possibilidades poéticas propiciadas pelo cartaz.

Deixaram uma e depois outra ambulância passar, mas ficaram putos com as motocicletas que tentaram colar na sombra dos veículos de emergência. Eram umas 11:50h. Às vezes o trânsito preso fazia muito barulho. Além do “quem buzina apóia a luta” coletivo, ouvi de um secundarista, que gritava sozinho: “quem me beija apóia a luta!”

Os sem-teto moradores do espaço embaixo do viaduto foram amistosos, através da grade, e também os funcionários do Centro de Convivência Bela Vista que fica embaixo de um viaduto. Já estávamos de volta à 9 de Julho. Vi nessa hora um menino com um adesivo do PSTU: “Fora Temer Fora Todos!”.

Quando chegamos na Praça da Bandeira, o trânsito represado atrás pôde fluir para uma lateral. Um motoboy parou a sua moto e hostilizou muito a meninada. Dois africanos no terminal perguntaram de que se tratava e foram amistosos quando compreenderam.

Escorremos pelo viaduto em busca da Dr. Falcão Filho, que liga com a Praça do Patriarca e com a Prefeitura. Do viaduto, vi aquela esquina muito peculiar, no formato de uma fatia de queijo, do lado oposto ao Piques (o Largo da Memória). Nas fotos



antigas da cidade, do século XIX, o formato do prédio alto atual já aparecia desenhado na disposição das casas nesse trecho. Na fachada de um desses edifícios, tinha um luminoso tipo LED, aquele de letras animadas que percorrem o mostrador da esquerda para a direita. “Quinto pilar: a peregrinação”. Era a Mesquita Islâmica. Acalorado e de pés moídos, achei potente a conexão da mensagem com a nossa caminhada.

Ao lado, vi um tal “Monsters of Rock”, onde várias figuras macabras ao estilo Heavy Metal adornavam uma fachada.

Chegamos ao Viaduto do Chá e o percorremos de ponta a ponta. Contornamos o Teatro e chegamos ao Largo do Paissandu. Eram já 12:15h e notei pela primeira vez uma camiseta “Tropa de Elite: não fecha minha escola”. Era da UPES. Notei também um skatista, e acho que vi um pessoal que já estava lá se juntar a nós com a faixa “ZO na luta”.

“Poder para o povo, eu vou fazer um mundo novo!”

“Trabalhador, presta atenção, S20ASSEE!”

“Acabou a paz, MCEMCS!”

“Unificou, unificou é estudante, funcionário e professor!”

Chegamos à Praça da República via Ipiranga em pleno sol, e o ato parou lá, ainda no meio da avenida. Eram 12:30h e ficamos uns bons 20 minutos antes que um jogral encerrasse o ato. Fomos então informados que mais de 600 escolas nacionalmente estão ocupadas em todo o Brasil.

O ato foi dispersando e fui checar a estação do metrô, para onde um bom número de manifestantes se dirigia. Da escada deu para ouvir palavras de ordem ecoando pela estação.

“Não tem tarifa!”, gritavam uns 300 jovens, pressionando o lado de fora e de dentro das catracas. Um maluco de minha idade jogava as flores que tinha na mão na direção dos seguranças que estavam chegando. Eram uns 5 ou 6 ao todo.

“Se você paga, não deveria, pois transporte não é mercadoria!”. O fluxo de passageiros continuava normal, mas a algazarra sonora era grande. “Pula a catraca!”, “3 e 80, ninguém aguenta!”

Muitos jovens já tinham pulado, mas não tinha havido um estouro da boiada. A pressão era enorme. Os seguranças muito nervosos, tentando impedir. Mas eles eram poucos, e só conseguiam ir confrontar quem pulava, estava ficando cada vez mais claro que eles não conseguiriam barrar todo mundo. Durou uns 10 minutos assim. Muita discussão e bate boca.

“Metroviário, trabalhador, a sua greve, a gente apoiou!”

Aí rolou que um monte de gente começou a passar, por baixo e por cima da catraca. Os seguranças surtaram e foram engolidos pela massa. Duzentos a trezentos jovens fluíram pela barreira, empurrando os seguranças para longe das catracas.

“Trabalhador, presta atenção, a nossa luta é por saúde e educação!”

Aí alguns seguranças perderam as estribeiras e começaram a bater forte com os seus cassetetes, atingindo uma mulher e vários menores. Um deles, um homem branco de cabeça raspada, estava irado e descontrolado. Outro, grandão de barba, perdeu a noção e bateu muito. A multidão de meninas e meninos reagiu e acuou os seguranças num canto, perto das catracas. Ficaram cercados mais uns 15 minutos, e o reforço de mais 5 deles não mudou o equilíbrio de forças. A meninada estava irada e tinha muita gritaria. O careca descontrolado foi levado para trás da linha uniformizada e contido.

Conta-se nos movimentos que a segurança do metrô passou a recrutar carecas (fascistas) para suas fileiras. Há mais de um caso de violência deles contra manifestantes e secundaristas dentro das dependências do metrô, incluindo a tortura.

Tinha muitos fotógrafos e cinegrafistas em ação, deve ter bombado nas redes. O fluxo de passageiros ainda era intenso, difícil distinguir quem era o quê no bololô. Uma mulher viu-me de caderninho na mão e falou que era jornalista, mas que trabalhava para uma empresa. Disse que estava para se aposentar e que se lembrava da ditadura, e que era assim mesmo como testemunhávamos. Mas muita gente hostilizava a meninada e achava boa a violência contra eles.

As meninas e meninos fizeram um jogral e continuaram lá, informando que um deles, um menor, tinha sido detido e algemado pelos seguranças.

Chegou uma coluna de 6 PMs, e pelo menos estavam mais calmos do que os seguranças. Só que bem nessa hora uma moça de cadeira de rodas buscava acesso pela mesma entrada fechada com corrente. Foi muito bizarro observar a coluna de PMs enfileirada atrás da cadeirante, aguardando a abertura da passagem – e a meninada alucinada atrás.

“Libera o estudante!”, gritavam os jovens.

Ficou o impasse ainda mais uns 10 minutos, até que chegam mais uns 7 PMs de cassetete em punho. Eles fizeram um corredor de proteção para o menino detido que, agora ficava claro, ia sair por ali. Postei-me ao lado desse corredor e esperei. Depois de um pouco, sai o menino, negro, e uma escolta de uns 15 PMs mais 5 seguranças correm com ele para as escadas rolantes, sob as vaias dos manifestantes. Segui com eles.

Subiram para fora da estação e o conduziram a uma viatura, que em seguida saiu em disparada. Lá fora, desolação.

Um homem da rua xingava os meninos e gritava contra eles. Tentei muito não falar nada, mas não aguentei: “É, mas quando a tarifa ficou em R3 reais você pagou menos, né? Foram eles que fizeram você pagar menos, valentão!”. Fiquei arrependido na hora. O homem se calou e foi embora contrariado, mas percebi que eu confrontara quem era mais fraco do que eu. Eu deveria ter confrontado os seguranças, pelo menos.

Desconsolado, tomei a 7 de Abril e saí pelo centro.

## **19 de outubro**

Deu na internet que Moro prendeu Cunha. Será a vez de Lula? Muitas análises pipocam, desde os cínicos até os entusiasmados. A tese da parcialidade da Lava Jato fica enfraquecida. Mas já vi gente na Folha dizendo que há promotores céticos quanto à delação de Cunha.

Uma pesquisa eleitoral deu crescimento nas chances de Lula em uma eleição: 34%, tendo subido de patamar mais baixo. Duvido da real potência eleitoral de Lula, mas

serve de indicador que a campanha massiva de destruição do PT não consegue se realizar totalmente.

## **21 de outubro - Segundo Grande Ato (autonomista) contra a PEC 241**

Seguem as especulações sobre o conteúdo de uma confissão de Cunha. A PF realizou uma operação contra integrantes da Polícia Legislativa, entrando inclusive no Congresso Nacional. Dizem que esse órgão estava realizando serviços de contrainteligência para deputados acusados pela Lava Jato. O Japonês da Federal está agora sem tornozela e trabalha normalmente, e fala-se em possíveis candidaturas dele e do “hipster da Federal”, que prendeu Cunha (que não foi algemado).

Tomei a linha Verde do metrô para ir ao Segundo Grande Ato contra a PEC 241, na Praça do Ciclista. Foi convocado pelo pessoal da Democracia na Real, a mesma iniciativa da segunda-feira. Ainda no trem do metrô, vi entrarem 7 jovens fantasiados. Uma moça veio de cheerleader, outra de festeira genérica e purpurina no ombro, um moço de terno mas sem calças e cueca samba-canção, mais o microfone (portanto era o Sílvio Santos), um menino de anjo ao lado de um outro de diabo (eram namorados), e por fim um senador romano de toga. Chamavam a atenção dos passageiros e provocaram alguns sorrisos. Achei que talvez estivessem a caminho da Praça do Ciclista, o que seria incrível, mas desceram no Trianon-MASP.

Segui sozinho para a ponta da avenida Paulista e encontrei o pessoal. Eram 19:45h. As pessoas estavam em volta de duas faixas. Uma, negra, era a mesma da passeata passada: “contra a PEC 241, nem um direito a menos”. Já a faixa lilás trazia várias folhas de papel A4, que foram escritas na hora e afixadas com cola. Algumas mensagens: “K D a civilidade, elite urubu?”, “Fora todos eles!” com o A anarquista, “Juntos somos mais fortes”, “Devemos nos unir se não viveremos como ratos brigando por migalhas”, “Somos pais da revolução”, “Educação não é gasto, é investimento”, “Não reconheço governo nenhum”, “Avante proletários, avante juventude, avante mulheres!” e outros mais.

Encontrei S e V, e conversamos um pouco acerca do estado as esquerdas no Brasil. Vi o moço da EBC de novo lá, e depois chegaram E e M, N e E, com o moço fotógrafo do CMI de cujo nome nunca me lembro.

Vi duas bandeiras do MAIS, uma da UMES uma bandeira negra com o A anarquista e uma outra totalmente vermelha. Vi um moço com a camisa vermelha do PCB. Recebi um panfleto do Território Livre, e outro do POEMA, de um moço que vestia uma camiseta preta com uma foto e citação do Brecht. Ainda outra camiseta vermelha trazia a inscrição “Por uma engenharia popular e solidária”.

Havia pouca gente, umas 150 mais ou menos, um notável recuo comparado com segunda-feira. Já as confirmações do Facebook sugeriam uma baixa adesão. Havia também muita concorrência: lançamento de livro do DAR (Desentorpecendo a Razão, um dos principais organizadores da Marcha da Maconha, um ato contra a criminalização dos movimentos populares do Frente Brasil Povo Sem Medo, no centro. As pautas da esquerda não estão conseguindo convergir. Acho que estamos num momento mesmo de testar pautas e de flexionar os músculos após a queda da hegemonia do PT. Todo mundo quer saber qual é a real de suas força de articulação de que dispõe no momento. Ninguém parece ter a formulação mágica que vai seduzir a sociedade às ruas. Talvez demore um tempo ainda para que haja alguma espécie de consenso de uma nova configuração de forças. A pauta dos direitos é importante e une o campo popular, mas na real não parece mobilizar a sociedade em geral. Suspeito que só a crise econômica vai tirar o povo de casa. Assim, não deixa de ser um processo que deve trazer muita humildade à esquerda em geral, inclusive a anti-petista: Onde estão os democratas, aqueles que seriam a favor dos serviços públicos de qualidade? Onde estão os coxinhas que queriam educação padrão FIFA? A sociedade brasileira parece ter escolhido a via autoritária e do desmonte. Talvez a crise do PT seja a crise de toda a esquerda.

Fizemos um jogral e foi debatido o que fazer, sair em passeata ou ficar por lá e abrir discussões sobre novas atividades. Prevaleceu sair em passeata pela Consolação até a Praça Roosevelt.

Sáimos em direção à Consolação às 19:30h mais ou menos, e viramos à direita para descer essa avenida. Um batuque pequeno mas animado seguia conosco. Vi uma senhora muito idosa acompanhada de um senhor também. A companheira E me contou que eles são antigos anarquistas que vêm sempre às manifestações. Acho que não desceram toda a Consolação conosco.

A PM desceu atrás, na forma de uns 20 soldados. Éramos protegidos pela faixa lilás, que nos separava pela retaguarda da força policial (algumas motos seguiam na frente).

No cinema Belas Artes tinha um punhado de gente que veio olhar e festejar. Nessa hora passou moça vestida de anjo. No metrô tinha ouvido os jovens falarem da Medicina, mas durante a passeata ouvi a Peruada mencionada várias vezes. Suspeitei que os jovens fantasiados tinham a ver com esse evento da Faculdade de Direito.

Recordo-me de algumas Peruadas dos anos 80, quando elas foram ressuscitadas depois de proibidas pela ditadura por vários anos. A mais memorável, à qual não compareci, percorria o centro com um elefante de um circo local, e, já inebriado, o cortejo encontrou uma grande passeata da APEOESP. As duas manifestação caminharam juntas.

“Vem, vem pra rua vem, contra a PEC!”

“Nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!”

“A nossa luta, é todo o dia, pois a saúde não é mercadoria!”

“Fora Temer!”

De novo ouvi o funk “Atoladinha” reescrito:

“Vai apoiar o Temer? Não, não, vou derrubar! Vai apoiar o Temer? Não, não, vou derrubar! Vou derrubar o Temer, vou derrubar o Temer, vou derrubar o Temer!”

Caminhei com M e ele avaliou que presentes estavam secundaristas, alguns autônomos mas nenhum movimento social. Ele fez lembrar também a figura da curiosa inversão dos eventos políticos operada no Brasil. Ao invés de austeridade, lutas contrárias e afinal socialdemocracia, tivemos os governos do PT, o 2013 e agora austeridade!

Alguns carros celebravam na via que subia a partir do centro. Um moço distribuía panfletos aos passageiros e motoristas do ônibus que subiam, mas a maioria deles vinha vazio ou quase.

“Tira a tesoura da mão, tira a tesoura da mão, investir em saúde e educação!”

“Trabalhador, presta atenção, são 20ASSE!”



“Fascistas, golpistas, não passarão!”

Perto da Maria Antônia vi um moço fantasiado, vestido como algum tipo de Aladim, que subia a avenida e festejou muito. Era, quiçá, um egresso da Peruada. A casa amarela ocupada pelos artistas estava acesa e silhuetas nas janelas erguiam os seus punhos.

Já na altura da igreja da Consolação, às 20:30h:

“Pela vida e pela paz, militarismo nunca mais!”

“Acabou a paz, mexeu com EMCS OOC!”

“Pisa ligeiro, PL, QNPCAFAFNAOF!”

“Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM!”

Viramos à direita na Praça Roosevelt, causando certo auê entre os consumidores. Subimos à Praça e depositaram as duas faixas no chão. Ficamos um pouco lá e duas moças iniciaram uma performance. Não fiquei.

Fui para a Consolação, peguei um ônibus e fui a Pinheiros.

## **22 de outubro**

OS promotores de São Paulo reclamaram de Sérgio Moro, a quem acusam de ficar com um processo contra Lula fora de sua jurisdição. As duas investigações, conduzidas em diferentes comarcas, têm teses diversas acerca da culpa de Lula, cada um ligando o apartamento de Guarujá a diferentes fontes.

São agora mais de mil escolas ocupadas por todo o Brasil, incluindo universidades.

O embate das polícias repercute também. Uma das questões é sobre se a PL pode ou não remover grampos da PF no Congresso, assim atrapalhando a Lava Jato. Guerras faccionais dentro do golpe?

A contrapelo da marcha do autoritarismo, a justiça de São Paulo determinou a proibição do uso de armas menos letais, como bala de borracha e bomba de gás para dispersão de protestos pela PM (Polícia Militar). A decisão sentencia ainda o governo do Estado de São Paulo a elaborar, em um prazo de trinta dias, um protocolo de

atuação da polícia que regule o uso da força de modo a garantir o direito de reunião e livre manifestação. Além disso, condena o governo paulista a pagar R\$ 8 milhões em danos morais coletivos devido a “desproporcional violência empregada pela Polícia Militar” em oito protestos realizados em 2013.

Do amigo LR: “Acho que o governo cai por cima, não por baixo. Tá difícil manter o bonde andando...”

### **23 de outubro**

Fui no Carrão assistir uma peça com T. Foi interessante, era contra a especulação imobiliária.

Teve uma manifestação grande das mulheres no MASP. Não fui. Conversando depois com A, pensamos se esta não foi uma espécie de primeira greve global, e se, no futuro, o que hoje é o Primeiro de Maio será o 23 de Outubro, o início da resistência mundial organizada fora do âmbito do Estado nacional.

### **24 de outubro – Afinidades revolucionárias: anarquismo e marxismo**

O Hipster da Federal foi à televisão, no programa de Fátima Bernardes, onde afirmou que vota em Aécio. Os blogs petistas ficam fazendo alarido do que vêem como guerra faccional do golpe. Há declarações de Gilmar contra Moro, as divergências entre as Procuradorias de Curitiba e de São Paulo, a briga entre a PF e a Polícia Legislativa. Temer antecipou sua volta do Japão, para onde viajara, depois da prisão de Cunha.

Fui ao lançamento do livro *Afinidades Revolucionárias*, e um debate com Francisco Foot, Michel Lowy e Fabio Mascaro. O auditório encheu na última hora, com uns 120 assistentes.

Foi bastante interessante. Esse diálogo entre marxistas e anarquistas hoje é muito importante e é produtivo relembrar as afinidades entre os dois campos. As experiências da Batalha da Sé e da Revolução Espanhola foram lembradas como exemplos de união, mas o massacre do Kronstat permanece como ponto baixo do relacionamento entre os dois campos.

Dentre os vários temas levantados, o contexto atual foi tocado, na forma da discussão do poder local contrastado com os problemas da realidade da inserção global no

capitalismo. Também a questão da democracia e dos limites tanto da representação quanto do horizontalismo foram levantados.

*ML: abrir um diálogo entre os marxistas e socialistas libertários, desde a comuna de Paris e até o MPL, uma tradição que sempre existiu, e também os conflitos. Há os marxistas libertários, como Benjamin e Breton. Co-autor é carteiro e candidato às eleições na França. No Brasil, há o episódio da Batalha da Praça da Sé. Em 1943, Mário Pedrosa toma a iniciativa, comunista-trotskista, par formar uma frente anti-fascista, com anarquista e outras esquerdas e sindicalistas, incluindo o PCB. Tiros e pedradas rechaçaram os integralistas que queriam desfilar na Sé. Maurício Tratengberg foi lembrado como um exemplo de socialista libertário. A passeata dos 100 mil na paulista lembrado. Saiu na França e vai sair na Grécia, busca o diálogo.*

*Anarquistas votaram na Frente Popular na Espanha.*

*FF: atualidade da questão. Algumas questões das lutas dos ano 70 retornam com força e exigem novas respostas. Fala da unidade na ação da Revoada, destacou que entre 1906 e1935 como força dominante no movimento social e operário. Na cena brasileira contemporânea: FBP é mais verticalizado, e FPSM, mais “libertários”, como o MPL e secundaristas. O MTST é um movimento importante. Chamada pelo diálogo e maior disponibilidade para o diálogo, sem pautas fechadas.*

*2013 fez começar a crise e sinaliza a crise da escolha via eleitoral.*

*FM: fala sobre a vida e obra de Lowy. Credenciando-se como pesquisador. E pouco fala diretamente das questões do livro ou da pauta atual.*

*Isabel Loureiro: Kronostat, o episódio mais divisivo entre os dois campos (com a Guerra civil Espanhola), e os autores são intelectualmente honestos e não dogmáticos. A questão da democracia está em aberto, quando se opõe a democracia representativa, e os exemplos históricos não bastam mais. O que seria hoje a democracia real hoje? Poder sobre e poder fazer. Horizontalismo e consenso não garantem democracia. Avanços restritos nos movimentos como indigenistas e secundaristas, pois não confrontou os donos do capitalismo. Gerou descrença na esquerda e na luta eleitoral. O poder local seria a resposta, e recusa eleitoral tem sido outra delas.*

*Público: possibilidades práticas, e a aproximação dos marxismo ao anarquismo não vai acontecer do outro lado; a recusa do estado anima ou autonomismo e não deixa muito espaço diálogo. A questão da violência não um complicador da aproximação?  
ML: o problema é como usá-la bem.*

*[consenso forma pautas de convergência em momentos de perplexidade]*

*[poder local e as estratégias internacionais de inserção, o problema da inserção no contexto maior. Por isso, a conceituação da totalidade e a recursividade]*

*pergunta: poder local e separatismo. [como unir a e m, se nem entre os marxistas há união. Lenin quase anarquista (Estado e Revolução, vários Lenin)]*

*personalismo e pauta unificada em torno de Lula é um problema para libertários, e deve ser superado.*

## **25 de outubro – Negri na História**

Aloísio Nunes do PSDB, líder de Temer no Senado, já contesta Moro. "O juiz Moro, que se acha o superego da República, tem que dizer quais artigos do projeto da lei do Abuso do Poder (quando ficar pronto), impedem a ação da Justiça". Renan Calheiros o presidente do Senado diz "Tenho ódio e nojo a métodos fascistas. Como presidente do Senado, cabe a mim repeli-los. Um juizco de primeira instância não pode, a qualquer momento, atentar contra qualquer poder. É preciso que juiz demonstre que fatos gravíssimos que embasaram a prisão. Busca e apreensão no Senado só pode ser feita por decisão do STF". Gilmar Mendes já tinha tido que "deveríamos ter colocado limites nessas prisões preventivas que não terminam. Precisamos realmente mostrar que há limites para determinados modelos que estão se desenhando".

Fui à USP para ver o Antonio Negri falar no auditório da História. No geral foi bem interessante, com falas de Paulo Arantes e outros. No geral a presença do italiano conseguiu reunir alas bem distintas da esquerda, desde a tradição da Teoria Crítica, deleuzianos e pucquianos, autonomistas e anarquistas, além de militantes avulso e estudiosos jovens, antigos e médios. Encontrei muitos amigos e colegas, e também os corpos atrás dos nomes digitais em listas de discussão.

Nesse momento de paralisia e crise, uma formulação ousada e forte como a de Negri caiu muito bem, suscita umas discussões e, para mim, dá um sentido de adiante, de ir para a frente. Seus conceitos de extração capitalista, que supera a exploração, o comum, e outros conceitos ajudam a repensar as lutas.

## **26 de outubro – Ato do MPL**

Desci do metrô na Sé um busca do ato do MPL. Cheguei às 18h no Teatro Municipal. No caminho vi muitas viaturas e motocicletas no Vale do Anhangabaú. Na esquina da Xavier de Toledo, muitas motos, umas 30. Estava calor.

Em frente ao teatro, tinha pouca gente. Vi uns 50 jovens apenas. A faixa no chão dizia: “Por uma vida sem catracas”. Outra trazia a mensagem: “Que os ricos paguem a tarifa”. Vi uma camisa do Corinthians, várias do MPL e uma do POEMA. Uma bandeira vermelho e negro. Vi vários secundaristas. A cor negra predominava.

Encontrei R, que não via há muito tempo. Ele contou que está trabalhando na cozinha de um chef que aparece na televisão. Trocamos impressões sobre o trabalho de salão/cozinha. A cozinha é muito hierarquizada e com separação de funções muito rígida. Se o salão do restaurante é o reino do desejo e das relações amistosas (“o garçom é meu amigo”), da fantasia do desejo atendido, a cozinha é o reino da produção racional. Para essa produção funcionar, o chef dispõe de poderes excepcionais de repressão, e as falhas inerentes aos sistemas podem assim ser atribuídas aos trabalhadores. Tem muita humilhação e violência. R contou que, entre seus colegas, o nível de interesse político, tanto institucional quanto mais local, está muito baixo. Ele não conseguiu discutir nada esse ano.

Falamos também dos dilemas da esquerda e dos limites do autonomismo. Ele não está feliz.

Passou o tempo e vimos N e E lá pertinho. Fomos conversar. N é do movimento dos sem-teto e contou um pouco de como anda a mobilização desse lado. Está meio desanimado também, mas para eles o novo prefeito deve provocar alguma modificação nesse campo, eles aguardam as movimentações. Ele avalia que Dória não vai se arriscar a provocar muito conflito, para proteger seu padrinho Alckmin. São Paulo tem

que ser uma vitrine do que seria um governo federal alckmista. Chegaram M e seu amigo D. Lamentamos todos o pequeno número de pessoas.

Chegaram também 7 catracas de madeira, que os manifestantes enrolam em jornal. Chegam também uns 10 cartazes do tipo pirulito, e uns instrumentos de percussão. Já tinha enchido um pouco, umas 250 pessoas, mas avaliamos que esta era um comparecimento muito baixo. Ninguém está conseguindo mobilizar. Eram 18:45h.

Um homem passou gritando muito, “sai da rua, seu boiola, a rua é pra homem!”

A passeata saiu lá pelas 19:30h pelo calçadão da Barão de Itapetininga, ao som de palavras de ordem. A PM acompanhava a manifestação com 15 soldados do lado:

“Vem, VPRV, contra tarifa!”

“Chega de tarifa e de político babaca, a gente tá lutando por uma vida sem catraca!”

“Mãos para o alto, 3,80 é um assalto!”

“Se você paga, não deveria, pois transporte nunca foi mercadoria!”

Quase na esquina com a Praça da República tem um restaurante com muitas mesas na calçada. Algumas poucas mesas comemoraram, mas a maioria ficou indiferente.

Fechamos a avenida e paramos por um tempo na via em frente a Praça. Vi nessa hora 15 motos à frente da manifestação. Reparei dois ciclistas entre nós e também uns três homens de rua.

Avançamos para a esquina com a S. Luís, dobramos à esquerda e passamos ao lado da Biblioteca Mário de Andrade. Vi nessa hora que a bolinha de luz projetada estava de novo entre nós: o “Tarifa Zero” vinha projetado na fachada do Conjunto Zarvos. Chegamos ao múltiplo cruzamento da S. Luís, Consolação, Xavier de Toledo e Viaduto 9 de Julho. Fechamos esse lugar por uns 10 minutos, ao som de “Chega de chacina, eu quero o fim da PM assassina!”.

Achei no geral o clima tranquilo até agora, já que está valendo a proibição do uso de balas de borracha e de gás pela PM. Vamos ver o quanto dura.



Seguimos pelo viaduto 9 de Julho. Do lado do centro, em um prédio da avenida, tinha uma janelinha lá longe de onde duas moças festejavam a passeata. Do outro lado vi um grande grafite que cobria toda a empena cega de um prédio. A figura de um curumim ilustrava os dizeres: “Achei o último igarapé no fundo de meu coração e lá lavei minha alma”.

Chegamos à frente da Câmara Municipal e deu para ver todo o aparato policial. Era totalmente desproporcional: contei 10 viaturas por trás, piscando, mais as que já estavam lá. Muito soldado e, como de costume, vi o trio de filmagem da PM registrando o evento.

Chegamos à frente da Câmara. Havia uma coluna de 10 PMs com escudos guardando o portão de entrada.

“São 20 anos sem ditadura, mas a repressão ainda continua!”

As catracas foram posicionadas em linha na frente deles, e a faixa no chão atrás delas. Nessa hora vi E, e também um membro do DAR. Vi também uma camiseta “refugiados são bem-vindos”. Um moço fantasiado, de cartola e com uma pequena catraca na mão fazia uma espécie de performance, incorporando a figura de um empresário dos negócios que saía da Câmara.

“Não vai ter tarifa!”

Um moço de saia gritava “PM é capitão do mato!”

As catracas foram incendiadas e queimaram por um bom tempo. Os moços e moças pulavam o fogo. Muita foto nessa hora: já escuro, a imagem sempre fica dramática.

Foi feito um jogral: “Mais de um ano do 13 de outubro, quando viemos para a rua contra a tarifa”.

Depois do jogral, o ato já se dispersava quando alguém gritou, algo irônico: “Amanhã vai ser maior!”.

De fato a desmobilização é preocupante. O recuo do PT não produziu o avanço de outras esquerdas. A crise da social-democracia é a crise de toda a esquerda.

Nessa hora, estoura uma bomba: um grupo de jovens tinha lançado um explosivo que detonou bem em frente da coluna. Esta não se moveu nem o aparato em volta reagiu. Acho muito temerário esse nível e qualidade de enfrentamento. Seguramente não tem nada a ver com segurança. Esse ato impensado não aumentou a segurança de ninguém, ao contrário, nos colocou a todos em risco. Estávamos cercados e seria fácil realizar um massacre.

Peguei o metrô na estação Anhangabaú e, a certa altura, entrou no vagão um homem de uns 40 anos, vestido ao estilo palhaço, um pouco grisalho. Ele tinha um discurso um tanto genérico mas politizado e crítico. Usou as palavras poesia, revolução, resistência. Foi aplaudido por pelo menos 4 pessoas. Achei notável e meditei se a “volta às bases” e “novas lutas e comunicação direta” da esquerda significaria isso aí que eu testemunhava. Achei que ele, meio patético/meio ousado, com algo de derrotado mas também de invencível, velho demais para ser o portador da esperança de futuro mas guerreiro mesmo assim, era a minha cara no espelho.

Desci na Sé e ele ficou – eu fui para casa.

## **27 de outubro**

Fui ao terceiro encontro com Negri na USP. Foi legal e interessante. Algumas divergências entre os convidados apareceram mais, ainda que de forma codificada. Depois fomos ao Sujinho na Consolação, com o Negri, e bebi muito.

Peguei um ônibus noturno na Paulista e fui para casa.

## **28 de outubro**

Lula processa o policial que o identificou na lista da Odebrecht. Aliás, essa lista está ainda sob negociação e vai demorar a sair, se sair. A identificação de Serra como recebedor de 23 milhões da empreiteira repercute muito na imprensa de esquerda, mas não no PIG. São mais de mil escolas ocupadas em todo o país, e a tensão aumenta, pois tem Enem e também as eleições, que exigirão o uso de escolas. O discurso da estudante Ana Júlia bomba na internet e ela foi capa da Carta Capital. O MBL percorre escolas no Paraná para retomar escolas à força. Li no Estadão apoio aberto ou velado a esse movimento, e também chamada de embate com a esquerda em geral “enquanto eles estão na lona”.

A luta faccional entre os três presidenciáveis do PSDB parece estar determinando os rumos da política. Delações, vazamentos e aceleração da queda de Temer, agora já considerada mais abertamente, indicam que o PMDB pode ser queimado para que o PSDB, diz-se que na figura de um governo tampão com Jobim ou mesmo FHC, venham ao poder indiretamente. Daí as falas de freios à Lava Jato que temos ouvido de Gilmar Mendes e outros. A idéia seria recuperar a economia até 2018 e ter eleições, ou então não tê-las e fechar o tempo geral para um ajuste forte.

## **29 de outubro – Ato pró-Trump na Paulista**

Desci na estação Consolação e andei até o MASP. Tinha uma manifestação pró-Trump na Paulista e houve um zumzum de um encontro antifascista na mesma hora e mesmo local.

Caminhei e vi nos muros um cartaz com a foto do Lula. Os dizeres eram algo como: “Não à prisão de Lula. Contra o golpe”. Não trazia assinatura.

Cheguei às 13:45 no MASP e não tinha ninguém. Jovens avulsos e passantes sortidos. Fui até o beirame que faz ver a 9 de Julho e sentei-me. Vi chegar um fotógrafo que vejo muito nas manifestações. Ele me falou que a manifestação “dos fochos” já tinha umas 20 pessoas e era em frente ao Citibank. Ele disse também que tinha a ROCAM e outras viaturas nas redondezas. Eu não tinha visto nada caminhando a partir da Consolação.

Ele contou que vira um vídeo no Youtube de alguma manifestação passada na Paulista, onde eu o puxava por trás para longe de um policial irado. Aos poucos eu lembrei do episódio, e de fato eu o tinha visto argumentando com um PM. Eu julguei que ele estava vulnerável e sozinho, e achei melhor trazê-lo à segurança, puxando-o por trás.

Fomos ao Citibank e vimos os manifestantes. Eram apenas umas 20 pessoas, mais ou menos de 25 a 35 anos, com uns três mais velhos. Apesar do recorte coxinha/branco, tinha sim um ou dois negros. Eram 14h. Tinha muito fotógrafo, quase mais que manifestantes.

O que chamava mais a atenção eram as bandeiras: dois mastros com uma bandeira do Brasil cada, e mais uma bandeira de Israel e outra de São Paulo. Depois apareceu uma bandeira com “Direita São Paulo”, imagem que figurava também em camisetas. Um cartaz dizia: “Hillary is the American Dilma”, onde o “D” era uma foice e martelo.

Outros: “Jews for Trump”, “Women for Trump”, “Gays for Trump”, “Bolsonaro Presidente”. Uma faixa trazia a mensagem: Go Trump. Outros dizeres: “Olavo tem razão”.

Vi um outro cartaz que atacava a grande imprensa, incluindo CNN, Estadão, Folha, Globo.

A banda de rock que estava logo ao lado recolhia seus instrumentos, tinham acabado de tocar. Depois, ao longo da jornada, percebi que eles não tinham nada a ver com a manifestação pró-Trump, e que na real achavam tudo aquilo muito bizarro. Tiveram o azar de estar ali ao lado.

Uma viatura e uns 5 policias montavam guarda.

Os oradores ao microfone discursavam. O tom era até moderado, mas o discurso direitista está muito irracional. Bolivarianismo, comunismo e islamismo perfazem uma estapafúrdia visão de mundo. Mas tenho me esforçado para entender melhor esse ambiente conceitual. Os inimigos são bem definidos, mas as razões para o ódio não. A emoção e urgência estão no último grau. A sensação de uma missão a cumprir e de luta a fazer são também fortes. O golpe não foi a sua meta, sua meta é o poder e a destruição da esquerda. Sentem-se perdedores de uma conspiração esquerdista mundial. “O comunismo cresce no Brasil por causa da atuação Democrata nos EUA”. São contra o desarmamento civil e falaram muito contra as ocupações nas escolas e a “ideologia de gênero”. “Quem invade escola não é estudante, é militante!”.

Para mim, também eles pressentiram a ruína do neoliberalismo e sabem que serão chamados a manter uma ordem capitalista autoritária. Seu discurso é anti-globalista, e pela família. Um orador mais jovem depois sublinhou que opção sexual é questão individual e que cor de pele não deve importar.

Recordei-me da importante discussão da diversidade no nazismo. Na arte tem uma discussão se o Futurismo era fascista ou não. Os que dizem que não apontam como a arte oficial do Estado Fascista e Nazista foi o ecletismo neoclássico (o “bolo de noiva”) que nada tem a ver com as experiências futuristas, a despeito da celebração da velocidade e da máquina. Mas é crucial diferenciar o fascismo enquanto movimento e enquanto Estado. Enquanto movimento, o nazismo alemão incorporava em suas

fileiras inúmeras expressões modernas e diversas: gays, nudistas, artistas, vegetarianos, ocultistas, tarólogos, astrólogos... Alguns destes grupos foram contemplados quando tomaram o poder (domesticados ou não), mas outros foram esmagados quando o partido teve que negociar a gerência do Estado com a burguesia. Por exemplo, incorporar as gangues fascistas ao exército alemão não foi tranquilo. Os militares tradicionais se ressentiam do grande poder da SS, uma gangue do movimento. O caso mais emblemático foi a “Noite das Facas Longas”. Hitler, temeroso de se tornar refém de seu próprio aparato de violência, tinha criado para o partido duas gangues que competiam entre si: a SS e a SA. Essa última tinha um contingente de homossexuais muito grande. Isso contou contra o grupo, que perdeu a luta com a SS nesse processo de incorporação ao Estado. Hitler autorizou o massacre da SA pela SS, que depois veio a ser parte do Estado alemão. Assim, o Futurismo não veio a ser a arte oficial do Estado Fascista, que teve que contemplar a burguesia e classe média classicizantes. Mas a simbiose afetiva e profissional de artistas futuristas, aviadores, militares e dirigentes fascistas continuou mesmo assim.

Mas não sei bem o que seria um fascismo 4.0, hoje em dia. Mas a diversidade é apropriável, pelo menos inicialmente, pelo fascismo. Definir o fascismo apenas como centrípeto e a liberdade como centrífuga, à maneira de Foucault, não dá conta deste fato histórico.

Muita gente passava e não acreditava no que via. Muita careta e sorrisos descrentes, e alguns xingavam ao passar perto.

Vi nessa hora um cartaz: “Os anarco-petralhas são os verdadeiros fascistas”

Os oradores celebraram muito a PM, que “sempre estão na Paulista protegendo as manifestações democráticas”. Muitas vezes cantaram “Viva a PM!”. Leram uma carta em inglês também. Tocaram no som o tema da campanha de Trump. Uma mulher defendeu a irrelevância da “conversa de vestiário” e que “um homem não deve ser condenado por suas palavras” (lembrei na hora do áudio vazado de Lula).

Gritaram muito: “Trâmpê! Trâmpê!”

Um outro orador tinha tomado a palavra e avisou “olha eles chegando aí!”. Olhei para a rua e vi um grupo de antifas atravessando a rua. Dois PM de cassetete imediatamente

caíram sobre uns 3 autonomistas que estavam de lado, parados a uns 10 metros da manifestação, imóveis. “Sai daí, sai daí!”. Também uns 3 manifestantes coxinhas correram para esse lugar e começaram a agredir. Dois fascistas e um antifa se agarravam e caíram sobre um moço de cadeira de rodas, com uma camisa azul do Corinthians. O cadeirante e os moços que brigavam foram todos ao chão, bem na minha frente.

Sete PMs chegaram batendo, e também vários coxinhas. Um moço fascista, na calçada ao meu lado, gritava excitado: “eu adoro quando acontece isso!”. Virou pancadaria geral.

Na minha frente, um moço antifa foi agarrado por trás e derrubado por um fascista de camisa verde da seleção. Outro veio bater e caíram todos no chão. Um careca gordinho veio e ficou chutando o moço no asfalto. Tentei separar e chegou um polícia, que afastou dois agressores, mas *bateu com o cassetete no antifa caído!* O cara da camisa verde ainda o agarrava e gritava “estou dando voz de prisão!”. Esse autonomista foi preso. Vi que isso foi o geral da repressão: os fascistas e PMs batiam nos antifas. Vi pelo menos 3 outras prisões.

A situação acalmou, separados os grupos. A manifestação continuava e o orador puxava o “Viva a PM”. Os antifas, uns 200, ficaram na avenida, separados agora por uma coluna de 15 PMs de escudo.

Foi nessa hora que eu vi talvez a coisa mais significativa do dia: o moço de camisa verde falava com o comandante da PM e eles combinavam o BO que fariam na delegacia. O coxinha foi levado ao posto policial como testemunha do ato de agressão que ele mesmo perpetrara. Depois reparei que essas conversas continuaram a acontecer e que os direitistas apontavam antifas para os policiais.

A colaboração e capilaridade entre forças policiais, como a PM e a PF, e forças direitistas é muito alarmante. O MBL já foi convocado e pago para desocupar escolas (depois soube que estavam presentes nesse ato), o Revoltados Online abriga muitos policiais da ativa e da reserva. As manifestações anti-Dilma foram palco dessa confraternização, vi e relatei esse ritual de mútuo apoio ser encenado abertamente nas ruas. A outra peça que falta é o judiciário militante – e o aval do grande capital para um cenário de horror se completar.



Está claro que os liberais e centro-direitistas do Brasil não vão conseguir desativar essa aliança que precisam mobilizar para fazer os ajustes e reformas. Se eu fosse de extrema direita, estaria me preparando para posições no poder, aguardando a implosão do neoliberalismo e do capitalismo de crescimento, cujo projeto ruiu em 2008. Fazer-se útil agora e exigir maior presença no futuro próximo, e, quem sabe, com um judiciário radicalizado e com a alta burguesia sem alternativas, gerir o Estado.

Do lado antifa, guardo certas reservas, tanto táticas quanto estratégicas. Ir para o confronto despreparado como fizeram hoje é muito perigoso. O moço que vi ser agarrado e agredido estava de boabeira na avenida, de costas para os opositores.

Além disso, por um lado admiro a coragem e o fazer a direita visível, mas confrontar essa manifestação em particular não deu nenhum resultado visível. Os coxilhas mesmo agradeceram pelo fato. O ato deles passou de um mero constrangimento isolado na calçada para um embate com a esquerda global, do qual eles acreditam ter saído vitoriosos. Bombou o lado deles.

E também a escolha do momento achei péssima: tivemos recentemente um golpe no Brasil, um acampamento coxilha que durou 3 meses e mobilização inédita da direita – mas nessa hora os antifas ficaram em casa. E como é que atuar no contexto das eleições americanas é relevante agora?

Na avenida Paulista, ficou então um duelo de gritos e palavras de ordem, dos dois lados de uma coluna de PMs. “Fascistas, fascistas, não passarão!”, “Alerta antifascista!”. Uma moça de vestido estampado e batom muito vivo estava indignada e discutia com PMs e coxilhas, muito valente.

“Lixo comunista”, “Vai tomar banho!”. A covardia desse campo é muito irritante, pois se escudam atrás de policiais. Saudaram a PM de novo. O microfone deles acabou por prevalecer na batalha de vozes, ainda interrompidas por troca de socos esparsos. “Direita no poder, abaixo o comunismo!”, “Brasil, presente, Bolsonaro Presidente!”. Muitos xingamentos.

Chega uma faixa do lado antifa, que eles estendem. A avenida já estava fechada. O duelo de gritos continuou, e dois comandantes vieram pressionar para que os antifas fossem embora. Eram já 15:30h.

“Vai cortar o cabelo!”, “Viva Ustra!”, “Viva MacCarthy!” “Trâmpê!”, “Viva a família!”, do lado coxinha. Um locutor provocava as meninas do outro lado, dizendo “vamos fazer uma premiação aqui! Saiu o prêmio e vocês ganharam - um absorvente!”. E ficaram também pedindo “Tira, tira!”. “Ei antifa, vai ter que trabalhar, o Brasil não vai mais te sustentar!” e outras provocações do tipo “ei, antifa, seu pai é capitalista!”.

O lado antifa fez um jogral, a PM ainda pressionando. Depois, chamadas:

“1,2,3,4,5 mil, lugar de fascista é na ponta do fuzil!”

“Direita sem-vergonha, o seu filho também fuma maconha!”

Os pró-Trump resolvem fazer um jogral, com microfone. “Eles fazem, nós sabemos fazer também!”. E iniciam o coro.

Só que nessa hora, do lado antifa, bem em frente da linha de 20 escudos que dava as costas para os fascistas, apareceu um Michael Jackson! Trazia consigo seu filho de uns 5 anos, ambos caracterizados. A galera pira e festeja. O dançarino trazia um som que tocava sucessos do artista norte-americano, e ele realizou suas evoluções no asfalto. Os fotógrafos alucinaram e uma roda se formou ao seu redor. O performer passava muito rente aos policiais, e fazia também gestos de provocação na direção dos fascistas.

Isso esvaziou totalmente o jogral coxinha, que murchou. Depois ainda tentaram dizer que Jackson “era capitalista”. Eram 15:40h.

Dois jovens passantes chegaram e um deles disse: “Olha, uma manifestação contra o Trump!”. Eles se aproximaram e ficaram surpresos de ver que tinha gente contra e a favor.

A coluna policial então avançou e empurrou os antifas para a ilha central e para o outro lado da avenida. Os trumpistas formaram uma passeata e saíram pela faixa do ônibus em direção ao Paraíso. Eram 16h. Os coxas eram uns 40 e os antifas agora uns 50, espalhados pela área. Estes não acompanharam o cortejo.

“Ão, ão, ão, o Olavo tem razão!”

“Trump-Bolsonaro!”

“Lula na cadeia!”

Notei nessa hora um cartaz “Fora skatista e Hillary comunista!”.

A caminhada foi curta, até a esquina da Brigadeiro, onde tiraram uma foto e ficaram de dispersar. No caminho, as pessoas no geral muito chocadas com a defesa de Trump. Muitas riam. O batuque da Cásper Líbero que ensaiava na calçada achou mais prudente parar um pouco enquanto passava a passeata.

Na Brigadeiro, os agora 30 coxinhas entoaram o “Trâmpê!” e agradeceram de novo a atuação da Polícia Militar. Depois, começaram a cantar o hino nacional. Não fiquei para ver.

Saí fora e tomei o metrô na estação Brigadeiro.

Saí na estação Tiradentes para o encontro de Toni Negri com os movimentos. Foi na Casa do Povo. Cheguei atrasado mas não perdi nada, como é normal no Brasil. Ouvimos várias falas de muitas pessoas: diferentes gerações e posições estavam presentes. Fiz um apanhado arbitrário de pontos que me interessaram, sem nenhum rigor:

“Não somos representantes de ninguém, cada um representa a si mesmo. Como incorporar o lumpesinato urbano nas lutas? Quão grande será a sociedade civil não organizada? A esquerda brasileira é branca e precisa entender que o negro não ser automaticamente de esquerda não é uma traição. A questão racial, o colonialismo e o patriarcado são questões incontornáveis no Brasil e um ponto de vista negro precisa ser incorporado. Há uma necessidade de conseguir caracterizar as crises atuais e também o capitalismo atual. É preciso dar alguma atenção às instituições, senão o inimigo nunca mais sai de lá, não basta a exuberância nas bases sem contato com posições institucionais. O ponto é decidir quanta energia vai ser gasta em cada um dos campos. É preciso um programa mínimo, uma plataforma mínima de esquerda para ser defendida na luta política institucional. Chamamos a unidade do campo popular. Mas não há revolução em curso, há um devir revolucionário que não exige a construção da unidade. A transição ditadura/democracia da Nova República deixou intactas certas estruturas que garantiram a formação do estado de exceção por meios mais ou menos legais. A continuidade da estrutura do judiciário cancela qualquer direito que venha a ser conquistado pelo movimento. As jornadas de 2013 só deram fruto eleitoral este ano. Temos duas lutas a fazer: uma é a da sobrevivência, de barrar o

pior, de resistir e diminuir o efeito das crises que se apresentam, retardar o desastre e esperar a cavalaria (a juventude); a outra é instituinte, é criar e praticar as formas que queremos disseminar pela sociedade em direção ao futuro. Um companheiro alerta que o governador do Paraná autorizou a desocupação de todas as escolas e que a PM já mobilizou mais de mil soldados. A desobediência tem que se apresentar no local de trabalho. Talvez, se a democracia não consegue se nos apresentar de forma viável e duradoura, talvez seja a hora de ser contra a democracia. As torcidas organizadas têm um histórico ruim de violência e intolerância, mas há também um impulso de atuação política que tem crescido. A Gaviões se envolveu na luta pela merenda e faz oposição ao Capez, que está envolvido nesse escândalo e foi responsável pela repressão às torcidas no passado recente. Negri ganhou uma camisa do Corinthians. Os secundaristas cobraram apoio dos ativistas e se ressentem que escolas distantes não recebem a mesma atenção que a Fernão Dias. As periferias estão isoladas e a esquerda, como um todo ou de maneira mais massiva, não vai mais lá.”

Negri falou depois de todas as falas e discorreu sobre vários temas colocados, sempre numa perspectiva de sublinhar as novas configurações do capitalismo convidando a novas formas de resistência. No geral é otimista, acredita que a luta pelo comum reconfigura certas formas mais laboristas de organização. Sublinha sempre que a luta de classes existe, mas que a noção de trabalho agora se estende por toda a sociedade e por toda a vida, isto é, superou a fábrica.

Saí antes do final. Tentei ver com T uma peça de teatro no Jardim São Paulo, que é uma encenação da reunião de ministros que instituiu o AI-5, praticamente uma leitura tal e qual do registro da sessão. Mas rolou que não achamos o local.

Voltamos pela linha azul e fui para casa.

### **31 de outubro - Conjuntura**

Resultados das eleições saindo: derrota de Aécio em BH e de Freixo no Rio. Porto Alegre sai para o PSDB. Uma espécie de confirmação do primeiro turno.

Gilmar Mendes fala em reforma política. Provavelmente só partidos grandes e candidatos ricos. E se o registro do PT for cassado, como já prometeu, a esquerda nunca vai voltar ao governo.

O MBL foi mobilizado para desocupar as escolas à força. Isso e aquilo que relatei que vi na Paulista me fazem temer uma alternativa de extrema direita disponível para um projeto PSDB de hegemonia pelo esmagamento do trabalho.

Minha avaliação é que o golpe é do PSDB e que ele vai queimar Temer e assumir um governo tampão para ganhar eleições, de qualquer forma, em 2018. E se não tiver eleição tudo bem. Para isso vão depor Temer e detonar o PMDB, fazendo uma reforma política que os atarrache no poder. Os atuais deputados estão acuados e podem ser coagidos a qualquer coisa. Mas para que isso aconteça e para que possam navegar as águas turbulentas do capitalismo estagnado, vão precisar de força bruta, que vai ser exercida pelas polícias, mas também, de maneira importante, pelas gangues e milícias de direita. As direitas radicais entenderam que serão parte do poder, e a implosão do PMDB vai gerar um vácuo que poderão ocupar, e que a tarefa de esmagamento da esquerda vai lhes render posições de mando. A variável Lava Jato traz instabilidade para esse jogo, pois o PSDB/Mendes creem que podem domá-la e usá-la para derrotar o PMDB e instalar um novo regime totalmente novo e blindado. Mas desativar Moro pode ser mais difícil do que pensam. Se eu fosse de direita extrema eu apostaria que uma aliança com os procuradores e a PF, já desenhada nos Revoltados Online e MBL, junto com uma classe média revoltada e radicalizada com o inevitável baixo crescimento mas conivente com a repressão ao pobre. Estes extremistas têm uma chance inédita e real de chegar ao poder, surfando na crise do neoliberalismo (que é a mesma crise do PT). Um Moro e procuradores despeitados estariam ávidos por solução deste tipo. Só falta o Itaú e Bradesco darem o ok.

O MTST ocupou muitos imóveis pela cidade. O impacto foi importante. Vi na tela do boteco a GloboNews dando a notícia, sem som. Não ocorreu a desocupação em massa, mas ontem um ato do MBL foi rechaçado por alunos, pais e vizinhos da ocupação principal em Curitiba. Li que a grande mídia foi ao STF para impedir sites noticiosos estrangeiros independentes com serviço em português de atuar no Brasil. Isso atinge o ElPaís, BBC e Intercept, que são fonte de informação fora do jornalismo de guerra praticado pelo PIG.

Li agora que a UNB decidiu pela ocupação em protesto à PEC 241, que aliás mudou de nome.





NOVEMBRO

2016



EXERENTE a Retomada  
Previdência! #Fora Temer!

MOVIMENTO QUER? PREVIAS

“Viver e lutar” com um único e maior objetivo: acabar com o neoliberalismo (que é a mesma coisa que o capitalismo selvagem) e acabar de nomear o presidente eleito para seu chefe de gabinete. Lula está se preparando para



## **2 de novembro – Além do PT**

Saí na estação Barra Funda para o debate acerca do lançamento do livro Além do PT, no memorial. Tinha umas 130 pessoas.

Rui Braga: convite ao debate sobre esse tema. Luto do ciclo do PT. As origens da tragédia atual. Superar a acomodação de lideranças do movimento social pelo aparato de estado. Comparação com outras perspectivas latinoamericanas e os limites da estratégia neodesenvolvimentista. Autores marxistas atuais que pensaram a América Latina. Temer não empreender ou tecnologicizar o país para fora da crise, mas simplesmente garantir a espoliação com violência de estado. O saldo da hegemonia do PT é negativo.

Pedro Arantes: hoje dá para fazer a crítica sem cobrança eleitoral. A luta de classes voltou depois da suposta conciliação. Esquerda se acomodou, e ficou sem musculatura, depois do anos 90, onde houve muita luta. Batalha de narrativas atuais. MST como acolhedor do pensamento radical de esquerda brasileiro. Certa tradição não-desenvolvimentista e anti-capitalista da esquerda existe mas foi minoritária. Tivemos golpe sem reformas democráticas.

Fabio: o PT é co-responsável pela sua situação. O golpe não é ruptura mas sim aceleração de tendências já presente desde a ditadura (atual governo não dá diferença de sentido à política do PT). O PT se tornou desnecessário para a aprofundamento do neoliberalismo e não sua resistência. Hegemonia do PT pacificou a esquerda em geral. Os contra o golpe tendem a querer a restauração da velha ordem petista. O PT foi um freio em não um acelerador da onda progressista latinoamericana. Integração latinoamericana na verdade um projeto de liderança baseada na inserção no mercado global pela produção extrativista. Em nenhuma alternativa ao neoliberalismo na América latina. Debate para pensar os limites da reforma dentro da ordem. Articular a luta dentro da ordem a um horizonte de mudança fora da ordem. Elaborar uma economia do Bem-Viver.

Debate: pensar sobre a base social real do PT. A constituição abriga em golpes e retrocessos. Como luto se não há reconhecimento da classe trabalhadora por outro partido. Relação partido/movimento



### **3 de novembro**

FHC flutuou a idéia de um mandato seu como presidente-tampão. Os blogs petistas afirmam que caiu mal e ele recuou. Algumas pesquisas deram vantagem de Trump sobre Hillary Clinton. A bolsa despencou. Eu estava bem blasé com a possibilidade do Trump ganhar, e, à la Brexit, dizia a mim mesmo “que arda o circo”. Depois da manifestação coxinha na Paulista, não sei não. Sua vitória daria um gás à direita mundial, incluindo a brasileira.

Repercute a agressão de ontem da PM sobre a jornalista Marlene Bérghamo. Ela foi alvejada à queima-roupa por uma bala de borracha, no momento em que se identificava como jornalista. A repressão da PM tem aumentado muito, e os movimentos sociais estão se sentindo acuados. Parece que o relaxamento institucional está pondo forças de segurança e militantes coxinhas muito à vontade coma sensação de impunidade.

Algumas escolas desocuparam no Paraná, mas outras foram tomadas. O total ainda passa de mil, contando as 152 universidades, parece que incluindo a UNIFESP Guarulhos.

O Centro Paula Souza foi ocupado em SP por secundaristas, mas foi desocupado pela PM depois de uma hora.

### **4 de novembro – Polícia invade sede do MST**

A mobilização das ruas definitivamente murchou, ninguém está puxando nada. Em São Paulo, pelo menos. Os secundaristas estão meio isolados.

A Polícia invadiu com tiros a Escola Florestan Fernandes, em Guararema. Pôs o portão abaixo e invadiu o prédio de manhã. O clima é tenso e a sensação é de desproteção. Li agora que ações semelhantes ocorreram em dois outros estados, com oito militantes presos ao todo.

Alguns afirmam que não houve ruptura e que estamos apenas em um tipo de estado “mais acelerado” do que o pré-impeachment. Esse campo da leitura da continuidade está apostando que tudo se normalizará num pizzão à velha norma, e assim eles se configuram nos piores aliados possíveis. Mas está dando para ver que o relaxamento

institucional está liberando energias muito centrípetas que os arranjos palacianos não necessariamente controlam. Certamente a invasão do MST não é classificável como uma aceleração de política petista. Essa posição continuísta parece se fiar no caráter republicano da Lava Jato e ainda parece supor que a repressão vai preservar quem é da esquerda não petista.

## **5 de novembro**

Serra afirma que Lula está se preparando para fugir e pedir asilo político em alguma embaixada. O papa Francisco chamou os jovens a se rebelar e confrontar a ordem.

Já está em andamento o movimento Quero Prévias. Está bem ativo na rede e breve tomará a ruas.

## **6 de novembro – Peça teatral do AI-5**

Fui assistir a uma peça de teatro muito boa, fiquei muito tocado. São uns amigos atores que resolveram acompanhar uma tendência nas artes que acho das mais interessantes: vários grupos tem se apropriado de documentos textuais oficiais envolvendo algum momento político importante e realizando de alguma forma uma vocalização. Um coletivo de designers, por exemplo, pegou as transcrições de todos as falas da votação no Congresso do impeachment de Dilma e publicaram um pequeno volume. É muito impressionante e belo, além de um documento para os arqueólogos do porvir. O futuro precisa saber desses nossos dias, é preciso gerar documentação.

De forma análoga, estes atores decidiram reencenar, *ipsis literis*, a sessão do Conselho de Segurança Nacional de 1968 que discutiu a implementação do AI-5. Então temos uma mesa presidida pelo general-presidente Costa e Silva e demais ministros, e a peça segue quase exatamente a ata da reunião – que aliás é pública no site do governo. Um vídeo antes da reunião nos faz recordar que o estopim do AI-5 foi um discurso do deputado Moreira Alves, que encorajou as moças paulistanas a não dançar com os cadetes que se formavam naquele ano de 68. As falas são muito impressionantes, inclusive pelo único voto contrário do vice-presidente Pedro ALeixo, na primeira arguição. As falas se alternam entre o cinismo e a sinceridade, a defesa aberta do recrudescimento e da ditadura mais as ponderações atenuadoras, cínicas ou não.

Como o texto está fielmente reproduzido, apenas decrescido de algumas palavras, o elenco acha a liberdade para intervir nas atuações. Aos poucos, a seriedade das posturas se derretem em contida pantomima. Achei bem na medida, pois alivia o peso do texto mas não atrapalha a legitimidade da empreitada. Ademais, umas poucas mas decisivas adições fazem referência aos dias de hoje.

Recomendo muito que todos assistam a esta peça. Ela não é mórbida, é rigorosamente histórica, ao mesmo tempo que é tocante ver esse documento trazido à vida no momento em que vivemos.

### **7 de novembro**

Às 21:15h alguém bateu panela e gritou, muito, “Fora Temer!”. Um outro mais perto retrucou “Cala a boca, petralha!”, uma única vez. Mas a iniciativa desse valente, insistente, propiciou outras 3 panelas a bater, e mais duas vozes gritaram: “golpista”. Ficou assim, uns 10 minutos. Moro na região da Vergueiro.

### **8 de novembro – Rio em chamas e Temer ameaçado**

As forças de segurança do Rio, mais aposentados e servidores ocupam a ALERJ em protesto às duras medidas de austeridade encaminhadas pelo governador Pezão.

Vi o trailer do novo filme “Polícia Federal – a lei é para todos”. A ficção vai de novo vazar para a realidade e a criminalização da esquerda vai chegar a outras esferas.

Parece que não há atrocidade grande o suficiente para tirar as pessoas da pasmaceira. Normalizamos todas as hecatombes que se nos derrubam todos os dias.

Não consigo mais sair de casa. Não consigo mais interagir com as pessoas.

Teve greve geral e bloqueio de avenidas pelo MTST. Escolas e universidades ocupadas. Não teve a greve geral. Teve ato na Sé, não fui.

Os blogs de esquerda apostam na queda de Temer, citando o caso do cheque nominal a ele de 1 milhão de reais da OAS.

## **9 de novembro**

A bomba atômica é detonada sobre a Terra: Trump vence as eleições nos EUA. Teve comemoração na Paulista. Não fui.

## **11 de novembro**

Paralisação e passeata até a Sé. Não fui. A greve geral anunciada não aconteceu.

## **12 de novembro – Raiva**

Entendi que estou tomado de raiva. Uma raiva que espirra em quem não tem nada com isso. Mas no momento é tudo que eu tenho. Tipo House of Caraglio, sei lá. Acho que a raiva tem a ver com o passado, mas acabo vomitando no presente.

Estou lendo um segundo relato da Revolução Francesa. Fico fascinado com as pulsões e desigualdades do processo. Existe sim o modelão que conversa com a Revolução Russa e com a receita para as revoluções em todo o mundo. Mas eu adoro as acelerações e marasmos, impasses, dubiedades, contrapulsos, resistências, vazios, congestões... Sempre quis saber mais da Revolução Francesa e hoje entendo um pouquinho mais o porque que se celebra tanto esse evento.

## **13 de novembro**

Vi no noticiário na tela do boteco Monte Carlo, sem som, que Lula de novo é acusado de corrupção. A última acusação refere-se à piscina do planalto.

Está ficando claro que os 5 moços da periferia que desapareceram dias atrás foram assassinados pela polícia, que os conduziu a uma cilada através da internet. A polícia mudou de grau e está a atuar em todos os espectros. A guerra de hoje é espectral e criptográfica, além de corporal e posicional.

## **14 de novembro – Repercussões da vitória de Donald Trump**

Procuradores conseguem que eles não possam ser processados por abuso de poder, conforme projeto de lei na Câmara. Estou lendo sobre a Revolução Francesa e há vários exemplos do dilema político de se criar uma ditadura, parcial ou absoluta. Em outras palavras: se criar um corpo de executores/legisladores que devem estar acima



de confrontos e digressões parlamentares, legítimos segundo a lei mas contrários ao processo histórico que se julga em curso.

Continua o frenesi Trump na imprensa. Ele acaba de nomear um ultra-direitista para seu chefe de gabinete. Mas a imprensa e os liberais e democratas têm que se ver como conseguiram permitir a escalada desse homem. Uma pesquisa de boca de urna revelou que Sanders teria derrotado Trump por 10 pontos. O partido democrata preferiu a continuidade daquilo que está ruindo, e não apostou na renovação. Um gráfico que vi postado mostra que o voto republicano não mudou muito em termos numéricos, mas o voto democrata oscilou muito, nas últimas décadas (isto é, as derrotas e vitórias democratas variaram segundo suas próprias narrativas e não pelo incremento do voto republicano).

Saiu na imprensa internacional um artigo do comandante da OTAN alertando para as consequências do enfraquecimento da presença americana. Afirmou que os EUA devem à Europa o apoio dado por esse continente às reações pós-11 de novembro. O equilíbrio global de forças vai mudar.

A acomodação neoliberal/socialdemocracia ruiu, e suas estruturas mundiais podem cair também: Mercado Comum Europeu, OTAN, FMI, tratados de comércio... O que vem no lugar eu não sei. Curioso que os terremotos políticos mais violentos tenham ocorrido nos dois países que mais abraçaram o neoliberalismo: EUA e Reino Unido.

Fala-se que esse cenário vai acabar explodindo no Brasil também. A receita austeridade +flexibilização do trabalho, neoliberal, não vai produzir crescimento. Temer vai cair, mas o PSDB não vai produzir a transição para a prosperidade da burguesia, pelos mesmos motivos – sem contar as delações das empreiteiras, e se faz muito auê a esse respeito. Então o grande capital não vai ter alternativa senão bancar um aventureiro. Bolsonaro está de plantão, Carmen Lúcia já foi lançada pela Folha, tem ainda o Joaquim Barbosa, e no desespero o próprio Moro. Na esquerda, só Boulos seria o candidato anti-establishment, que faria frente a um bonapartista de direita. Eu preferia alguém mais solto e à vontade com as lutas contemporâneas, mas foda-se: ele não é o PT, é do movimento, é radical, é anti-capitalista. A candidatura Lula é uma ilusão, Ciro é insider demais.

Os petistas precisam entender que não há mais socialdemocracia para defender. Não há mais projeto ganha-ganha. Impedir a prisão sem provas de Lula é sim tarefa de resistência, mas vai ser preciso radicalizar e sair do centro. A todos os amigos petistas, estamos num momento onde toda a esquerda não tem escolha senão ser anticapitalista. Refundação civilizacional é o que está em jogo. Não é nem que o PT errou ou acertou, mas, a resistência, com o que resta da classe trabalhadora, precisa estar no lugar da transformação. A má notícia é que não há receita pronta. A boa notícia é que o neoliberalismo acabou, e que todo mundo sabe disso. A crise de 2008 finalmente produziu as rachaduras tectônicas de transformação. A vidinha possível nos 1990-2015 acabou. A troca da dignidade do trabalho pelo Netflix não vai mais rolar. Não bastará ser de ‘centro-esquerda’. Não há mais centro. Todos os argumentos de centro-esquerda serão vistos como defesa do indefensável. Tipo Hillary. Não é mais defesa de direitos, é refundação da existência.

### **15 de novembro**

Teve manifestação do movimento Quero Prévias, vão livre do MASP. Parece que tinha uma turma pro-Trump. Não fui.

Relata uma companheira que esteve lá, sobre direitistas trumpistas: “Se instalaram bem na nossa frente com caixa de som, bandeiras do Brasil, pixulecos e cartaz pro Moro. Acabamos juntando muitos passantes que vaiavam junto com a gente e se inteiraram sobre as prévias. Eles gritavam que éramos burros e manipulados, e que fascistas éramos nós, pois a CLT era coisa do Mussolini.”

### **16 de novembro – PSDB declina e ultra-direita emerge**

T conta que um moço anarquista de Goiânia foi morto pelo próprio pai, que se matou em seguida. Parece que discutiam acerca do papel do filho nas ocupações. Hoje de noite o grupo de direita Desocupa UFES foi repellido ao tentar desocupar à força essa universidade. “Recua, Direita, Recua”.

Anthony Garotinho foi preso pela PF. As manifestações no Rio estão a todo vapor, contra as reformas do governador para sanear as contas estouradas do Estado. Ao contrário de São Paulo, lá a coisa está pegando.

Vi agora que pelo menos dois soldados do Choque no Rio se recusaram a reprimir os manifestantes (que eram também policiais?) e abandonaram a praça. Parece que houve repressão forte mesmo assim. Impossível não recordar os eventos de 1964, quando os marinheiros em greve se alojaram no Sindicato dos Metalúrgicos no Rio. Os soldados enviados para reprimí-los deixaram suas armas no chão e juntaram-se aos grevistas. O presidente Jango se recusou a punir esses militares. O exército (o oficialato) entrou numas de afirmar que o presidente, como chefe supremo das forças armadas, tinha quebrado a hierarquia militar, portanto estava agora sujeito a deposição.

Já em Brasília o Congresso foi invadido e manifestantes pró-intervenção militar tomam o plenário. Gritam pelos militares e por Sérgio Moro. Tinham invadido a Comissão que avaliava o Escola Sem Partido, que aliás foi declarado inconstitucional. Será que os procuradores e policiais estão planejando um putsch? Será que vai ter um levante geral dos ultras? Com apoio da Globo eles fecham o Congresso. Talvez seja a proximidade da votação no Congresso das 10 medidas, que os deputados tentavam modificar. O STF provavelmente vai se calar frente a esse acontecimento, mas as imagens da confusão são fortes e devem repercutir. O derretimento das instituições agora é irreversível. O acirramento é ao longo da oposição moralidade/corrupção, política/judiciário. Congresso x juízes/PF.

Li agora que Meirelles quer “evitar o efeito Trump no Brasil”. Para mim é o mesmo que declarar que o neoliberalismo ruiu e que não há cenário favorável para a economia brasileira. Os liberais finalmente vão ter que se ver com o monstro que criaram. A vitória de Trump arruína o consenso neoliberal internacional, e todas as elites neoliberais do mundo se vêem agora com o problema do que fazer. A austeridade não vai funcionar, não vai ter boom das commodities com os EUA protecionista, a única saída para essas elites deve ser algo como um estatismo protecionista mas com poder corporativo exponenciado (ele já anunciou que vai desonerar as corporações de impostos).

No Brasil, o projeto Temer em transição para o PSDB acaba de ter sua morte decretada. É óbvio que Temer vai cair, só que não vai ter tecnocracia centrista ou liberal ou neoliberal para receber um país enxugado. A queda do Temer vai gerar um vácuo insuportável que o PSDB sozinho não vai ocupar. Só uma aliança com os

procuradores e a Polícia Federal pode formar um governo viável (e violento). Talvez até a totalidade do PSDB seja destruída pela Lava Jato, o que eu duvido. Acho mais provável que alguém como o Alckmin faça o pacto demoníaco: sacrifica todo mundo da política, incluindo seus rivais do PSDB e o Congresso como um todo. Restaria saber o resultado de uma “Noite das Cruzes Longas”, onde os evangélicos duelariam até a morte com os católicos liderados pela Opus Dei. Mesmo no caso de um bonapartismo aventureiro que alçasse um Bolsonaro ao poder, eles (ultra-direita) nunca teriam funcionários suficientes para preencher todo aparato de Estado. O que restasse do PSDB e do PMDB achariam lugar num regime policial/judicialista/cristão. Por isso a aliança com o resto do PSDB.

Temer talvez até faça um apelo ao pizzão geral, estendendo a mão a Lula inclusive, o que já sinalizou em sua entrevista no Roda Viva (aliás muito caricaturizada nas redes). Mas acho que é tarde demais. Ele não vai proporcionar nem o crescimento para classe média nem a segurança para o capital.

Um grupo de esquerda bloqueou uma das estradas de acesso ao Palácio do Alvorada, onde Temer fez jantar aos senadores para pressionar a aprovação da PEC 51, como agora é chamada. Pneus queimaram. O pneu chama pneu por causa do ar que o infla: “pneuma” quer dizer “respiração”, e em grego é a palavra para “alma”: o sopro, vento, espírito.

Cerveró e Yusef já estão a servir o restinho de suas penas em suas casas, que não foram tomadas pela Lava Jato. Na cadeia, só vão morrer o Dirceu e o Genoíno, e talvez o Lula. Nenhum empresário vai restar na cadeia, só políticos de esquerda.

## **17 de novembro**

O ex-governador do Rio Sergio Cabral foi preso de manhã. A crise política por lá aumenta mais ainda, pois detalhes de gastanças ilegais do ex-governador podem incendiar os protestos.

*[O Rio de Janeiro mergulha em crise institucional e social profunda. A repressão sobre o movimento social é intensa e dois policiais foram filmados abandonando suas armas para deixar a corporação. O esgarçamento político se dá em cima da fraqueza de Temer, sob suspeita de corrupção, e da ambição de grupos militaristas*

*ou jacobinos de direita que preferem a radicalização do cenário. Começa a ficar claro que o golpe não tinha o dono que se cria – PSDB – e que as forças liberadas dos esgotos para fazer número contra Dilma agora querem seu quinhão. O PT e a esquerda não conseguem canalizar esta insatisfação.]*

De C:

A invasão de ontem [do Congresso] foi uma bizarrice de oligofrênicos com cérebro desidratado nas centrífugas das redes sociais

Invasores foram presos e serão processados: ação para que isso não se repita - o que pode acontecer se não for exemplarmente rechaçada

Se o Moro falar, então estaremos na lama da vez. Não é atribuição dele, nem deve um juiz ser influenciador de processos políticos

PMs abandonaram o Choque por interesse pessoal, não por alinhamento com a vontade do povo.

A discussão é sobre salários, o que os afeta diretamente. Estão agora em prisão administrativa.

O STF (deveria) manifesta(r)-se apenas em autos de processo. Mas Gilmar Mendes é incontível midiólatra.

O País segue tenso, com instituições e vozes da sociedade alimentando essa tensão. Judiciário contra Executivo e Legislativo; Legislativo e Executivo contra o Judiciário. Grupos golpistas seguem movimentando-se, mas sem pauta pós-golpe, volume, organização, objetivos e metas. Temer deve ficar no poder até 2018, porque tem maioria na Câmara, o que garante que não será processado por crime.

Há ainda níveis mais complexos de análise, em especial o do Brasil nas suas relações internacionais pós-Trump/Brexit/Le Pen/Petry

Li de noite que a prefeitura da cidade de Duque de Caxias, no Rio, foi ocupada. Quiçá o Rio de Janeiro seja um lugar de faísca. São Paulo está sitiada e sufocada. Difícil não pensar que há uma disputa ideológica, simbólica e organizacional em curso. Num momento pós-partido, pode posicionar-se com maior vantagem quem mobilizar mais. As manifestações do Rio de Janeiro estão a recortar o cenário político em perfis imprevisíveis, ainda não claramente reacionários ou progressistas. A ambiguidade da deserção dos PMs do Choque para mim é o que imprime eletricidade insuportável aos eventos de hoje. Há possibilidade, no Rio de Janeiro, da insurreição popular estourar o vasilhame que contém a política ano momento. Mas tem que ser esperto dessa vez e não deixar o condomínio do poder (finança, burocracia e imprensa) cooptar e dominar a movida. O Brasil foi o único país onde a onda Occupy foi cooptada com sucesso pelo poder. Ficar atentas, camaradas! Insurreição e organização não são sinônimos!

### **18 de novembro**

Garotinho foi preso, e saíram as imagens de Cabral na cadeia. Muita gente celebrando e fazendo troça na internet, inclusive de esquerda. O vídeo dele resistindo entrar na ambulância para ir ao Bangu é muito impressionante.

Vi escrito com caneta Bic atrás de um banco de ônibus: “Jesus e seus prodígios satânicos. O prodígio é uma estrela má”.

### **20 de novembro**

Vejo na internet e nas redes o massacre de civis pela PM no Rio. Notícias de 14 baleados no hospital e 18 mortos. Não está saindo na mídia geral. Um helicóptero da polícia foi abatido e a corporação está se vingando a esmo contra a população pobre, mesmo que não aja provas que o aparelho foi de fato derrubado. Fala-se que o Rio hoje é o Brasil de amanhã...

Teve ato na Paulista em apoio às 10 medidas anticorrupção dos procuradores. Não fui. Teve também ato da Consciência Negra e houve confronto.

### **21 de novembro**

Vi notícias do Congresso do MBL e há disposição deles de fazer as desocupações das escolas e universidades. Tem ato deles na rua amanhã, parece que estão com um



programa de mobilizações. Temo o pior. O interminável filme em câmera lenta parece que tem ação no final do ano, possivelmente com um especial de natal.

Parece que o FlaxFlu acabou com a vitória do Flu, e a torcida deles vai invadir o gramado e bater no Fla e dissolver o campeonato.

Na Estação Paraíso do metrô vi dois meninos pularem a catraca. Eles tinham o rosto pintado de prateado e vestiam um boné de papai-noel. Ninguém saiu atrás deles, apesar de notados pelos funcionários. No fim do dia os vi num vagão vendendo coisas. Achei bom saber que a vigilância no metrô não é tudo isso.

Estava na Dutra quando vi, pichado em um muro, “Lula Ladrão Psicopata”, com o S invertido.

## **24 de novembro**

Votação das medidas anti-corrupção anima o noticiário. Foi adiada de novo. Por um lado é um escândalo a anistia que os deputados vão dar a si mesmos, mas eles querem incluir punição ao abuso de poder dos juízes. Os procuradores pressionam pelas medidas tais quais e politizam a questão, inclusive chamando por mobilização popular.

Uma avaliação do momento é que há um embate entre a direita e a extrema direita. Cabe parcialmente bem na luta Congresso x Judiciário. No cenário internacional, temos um realinhamento da geopolítica, onde o neoliberalismo deixou de ser o consenso e motor mundial e agora vem outra coisa. Se Temer e o PMDB/PSDB são o neoliberalismo, estarão em embate com uma alternativa de extrema direita.

A imprensa de esquerda faz muita pressão pela queda do Geddel. O ex-ministro da Cultura, Calero, agora envolveu o Temer na jogada. Geddel é peça importante no arranjo parlamentar e a temperatura sobe. A Globo pressiona por sua saída.

A delação do fim-do-mundo da OAS parece que vai sair. Mas já não acredito nesse hype. A da Odebrecht ia acabar com tudo, e também a do Cunha, agora essa. Nada aconteceu.

Repercutiu o programa de Fátima Bernardes, na Globo, onde ocorreu um debate ao redor da precedência no atendimento médico de feridos criminosos e policiais. O debate ganhou as redes e acabou com um desculpa no ar de Fátima, que afirmou então

que defende o atendimento preferencial de policiais. Bolsonaro pegou essa onda e gravou críticas a ela, que também foi alvo de ódio nas redes.

Explodiu o depoimento de Calero à PF afirmando que Temer o pressionou a favorecer Geddel. Aparentemente há gravações da conversa.

## **25 de novembro**

Repercute muito forte (na imprensa de esquerda pelo menos) o imbrólio Geddel. Lindbergh disse que vai pedir impeachment. Há quem diga que esse é o golpe no golpe, mas difícil ver como isso favorece o PSDB, que preferiria a queda em 2017. Se Temer cair agora vai ser uma meleca, ninguém dos grandes quer eleição direta. Eles preferem um parlamentarismo com um Congresso acuado.

Uma vitória para os procuradores, que devem ter detonado o processo, já que bagunça toda a atuação parlamentar do Planalto. A hipocrisia reina nos discursos do PIG.

Meme: “Temer será o primeiro presidente tombado pelo IPHAN”

Caiu o Geddel! Temer está mal na fita.

## **27 de novembro**

A oposição está batendo forte na tecla de impeachment, atenta na fragilidade do governo. Deve ser também o desejo do PSDB, já que o Calero foi candidato por partido. Aécio e Aloysio Nunes defenderam Geddel e falaram contra Calero, mas mesmo assim pode ser a fritura final de Temer. Tem gente que aposta nas Diretas, mas dificilmente não teremos eleições indiretas.

A emenda da anistia ao caixa 2 não vai ser votada. As reações na sociedade foram muito fortes.

## **27 de novembro – Ato contra a PEC do Fim do Mundo**

Fui à Paulista para a manifestação anti-PEC 55. Foi chamado principalmente pela Frente Brasil Sem Medo. A divulgação não foi massiva e Lula e Mojica desmarcaram suas presenças. Será que o recente enfraquecimento de Temer faria aumentar a até agora tímida movimentação?

Vim a pé do Paraíso e eram 15h. A avenida no seu normal de domingo, com gente andando e artistas nas calçadas. Não vi nenhuma movimentação lá de longe. Cheguei na frente do MASP e tinha pouca gente, umas duas mil no máximo. Lamentei os baixos números mas resolvi ficar assim mesmo. Dei um giro.

Tinha um carrão de som, mas ainda sem discurso. Vi o fotógrafo que sempre está nas manifestações e nos acenamos. Mais tarde vi também o moço dos Jornalistas Livres.

Vi uma camiseta (e depois o estandarte do coletivo RUA), outra com os dizeres “Viver é lutar”, com um foice e martelo. Tinha um bandeirão do Círculo Palmarino, além dos cartazes: “TV Lixo: novela, futebol e desinformação”.; “TV esgoto, recebeu 2 bilhões de Cabral”. Uns quatro meninos da Rede estavam lá com suas bandeiras verdes sem nenhuma dizer ou imagem, além de um cartaz “Anistia [do caixa 2] não”. Estava lá a UJS com bandeira, e também a UNE, UBES e depois vi uma pessoa do PDT. Num canto da manifestação, um batuque da Juventude do PT. Vi uma só bandeira do partido, e umas 3 do Brasil. Vi uma camiseta da CUT, mas soube que eles não vieram ao ato. O MST também não veio. Vieram o MAIS, UJC e o PCdoB. Um pouco depois vi o coletivo RUA com sua percussão.

Vi algumas mensagens pedindo eleições diretas e um ou outro Volta Dilma. Vi uns dois exemplares do “Jornal do Povo da Esquerda”. Uma outra faixa “Não à PEC do Fim do Mundo”.

Tinha muitas mensagens de homenagem a Fidel, incluindo o “Hasta siempre, Fidel”. Vi uma bandeira da Palestina na multidão. Um dos performers usuais da Paulista se misturava aos manifestantes: um ogro completamente coberto com sua fantasia, que incluía uma máscara tipo assassino. Trazia também um espadão e uma cabeça cortada. Fez muita foto com a galera. Vi uma camiseta vermelha CCCP e outra do Led Zepellin. Uma camiseta dizia Temer Jamais, e várias outras faziam menção ao presidente atual. Uma banca vendia várias delas com dizeres semelhantes, incluindo com a personagem Mafalda. O grupo Juventude Revolução tinha sua bandeira no chão.

Vi a Erundina no asfalto, ela chegou cedo. Havia bem pouca polícia. Vi um faixa da “Democracia Conrintiana contra o golpe”, além de uma bandeira da ANPG – Associação Nacional dos Pós-Graduandos.

Já umas 15:30 chega uma passeata grande do MTST, com um faixão contra a PEC e contra Temer. Era o pessoal das ocupações. Eram umas boas 2 mil pessoas, cantando “Aqui está, o povo sem medo, sem medo de lutar!”. Engrossaram o ato e anotei algumas faixas e estandartes: Ocupação Capadócia, Maria Bonita, Chico Mendes, Silvério, Esperança Vermelha, Portal do Povo, G5 Capão, G5 Embú, Che Guevara, Carlos Marighella, João Goulart, Nova Pinheirinho, Palestina, Anastácia, Dandara. Vi também uma bandeira da Central dos Movimentos Populares CMP.

Olhei o ato de novo e achei que tinha uma maioria militante, havia poucos avulsos. Muitas mulheres por causa do MTST. Diria que a militância dos sem-teto girava entre 25-30 anos, sem uma enorme presença de jovens e adolescentes, que por vezes é o caso com esse movimento. Já a militância mais de classe média estava entre 20-30, incluindo secundaristas mais jovens.

Estava muito quente e abafado, e ficou claro que ia demorar a sair em passeata. O carro de som irradiava música, depois de breve discurso associado à chegada do MTST. Era uma MPB contemporânea, mas tocou também o “Andar com fé eu vou, do Gil, e “Amanhã vai ser outro dia”, do Chico, e ainda um Jorge Ben.

Encontrei HP, G e LK. Conversamos um pouco sobre coletivos de arte e trabalho militante. Depois conversei com V e R. Discutimos a defesa ou não do estado de direito, a questão colonial e racial na Revolução Francesa, os limites do iluminismo e da república, além do estado atual da esquerda, fragmentado e de pouco diálogo. Fiquei sabendo que Simon Bolívar foi ao Haiti pedir um empréstimo para sua luta de libertação nacional. Ele conseguiu o dinheiro, mas sob a condição de que libertasse todos os escravos por onde passasse. O G do Arrua passou e nos cumprimentou.

O carro de som recebeu vários oradores, entre eles G Boulos, Ivan Valente, Lindbergh Farias. Estava lá também o Suplicy. Chico César cantou seu trio de canções também, incluindo o hit Mama África.

Lá pelas 17h a passeata saiu, ao som de Racionais. Achei que tinha umas 5 mil pessoas na avenida. As palavras de ordem eram as de sempre. Uma nova era: “ocupa tudo contra a PEC do Fim do Mundo!”. Em frente ao Conjunto Nacional, vi que um bloco de carnaval estava presente: o “Jegue Elétrico”. Estavam muito animados, mais do que a manifestação, agora sem som do carro. Juntou um grupo de uns 200 foliões ao redor

cantando muito. Vi que um ou dois moradores de rua dançavam nesse ajuntamento, sempre um sinal de que o carnaval é genuíno. Ouvi dois militantes do MTST discutindo se jegue e jumento são a mesma coisa.

No asfalto e na calçada, vi antigas pichações: “criar o poder popular” e “quem é este impostor? Vampiro brasileiro”.

Parei na esquina da Paulista com a Consolação para ver o povo passar. Estava bem maior do que eu imaginava, e achei que chegava a 10 mil pessoas. Fiquei uns 20 minutos parado.

Vi passar um batuque de meninas, muito Fora Temer! Um cartaz dizia “Meu Michel é Foucault”. Um balão amarelo trazia escrito nos lados opostos: “Rosa Luxemburgo” e “Fora Temer!”. Um moço com uma camisa do Juventus passou, além de várias homenagens a Fidel, incluindo um panão com seu retrato.

Na rabeira da passeata vinha o Jegue Elétrico, que ficou na avenida. Eu segui com a manifestação e descii a Consolação. No Belas Artes, um casal comemorava muito, na janela do primeiro andar. Alguns carros que subiam a avenida na outra via buzinaaram em apoio, incluindo um carro de bombeiros.

Numa parede do caminho, algumas pichações: “Cadê a merenda?”; “Fora Alckmin” e “Golpe é guerra”. Na altura de um novo prédio residencial, chamado London Residence, alguém disse “olha s’, estamos em Londres!”. Vi o pessoal do Arrua e a companheira A.

Eram 18:15 quando chegamos à Igreja da Consolação. A PM tinha presença discreta mas vi duas equipes de filmagem acompanhando a movida. Fechamos as duas vias em frente a Praça Roosevelt e deu para ver toda a multidão chegando. O carro de som disse que tinha 40 mil pessoas, o que era um exagero, mas certamente 15 mil, talvez 20. Nessa hora anotei chamadas “Volta Dilma”. Tem um pessoal nessa pegada, que eu acho é a pior alternativa possível. Não resolve nada, não agrega e só aumentaria a instabilidade. Olhar para a frente.

Fizemos um jogral de encerramento e fechamos a manifestação.

Os eventos dos dias seguintes acabaram por atropelar os sentimentos desta manifestação. Mas achei bem razoável o tamanho conseguido. Tirou um pouco do mau humor com a política que vinha me assaltando. Ver jovens caminhando pelo centro em pequenos grupos cantando palavras de ordem e energizados pela rua foi muito bom.

Mas falta talvez sair do beco-sem-saída em que a esquerda institucional se encontra e formar maiorias. Ser contra a PEC é bom, mas a questão da corrupção é espinhosa pois coincide com a construção de um estado de exceção pelos procuradores e está configurando perseguição política.

Já de noite, ouvi de novo o moço gritar Fora Temer! e Golpista! E duas panelas batiam. Outras vozes distantes se juntam a ela, umas quatro outras. Na Aclimação, e durou uns 10 minutos.

## **28 de novembro**

Na Paulista, lá pelas 18h, vi uns 5 manifestantes coxinhas na ilha central. Apitavam e gritavam contra Renan e Lula, e a favor de Moro. “Deputado Federal é ladrão profissional!”.

## **29 de novembro – Coxinhas chamam esquerda não-petistas para ir às ruas**

Em Brasília houve repressão forte à manifestação na esplanada. Muita gente machucada. Um grupo de manifestantes ocupou o Ministério da Educação pedindo a saída de Michel Temer.

Repercute muito o acidente aéreo envolvendo o time do Chapecoense. É o tipo de notícia que a imprensa gosta.

Também Temer fica cada vez mais frágil e sem apoio. Cunha fez 40 perguntas a Temer, sua testemunha de defesa e isso foi lido como pressão sobre o presidente.

O Vem Pra Rua chamou manifestação anti-corrupção e chamou a esquerda para vir. Enorme discussão na esquerda. O MBL não vai a essa manifestação (estão ainda na linha pró-Temer). Algumas vozes da canhota não petista não acharam um absurdo, dado os erros estratégicos do PT (não se posicionar claramente contra a anistia ao Caixa 2 e a corrupção, insistir em salvação institucional e não se alinha decisivamente com a esquerda em geral). A sensação é de que a presente narrativa do “matar o pai”



domina a esquerda não-petista, e um alinhamento com os coxinhos ajudaria nessa obsessão conjunta apagar a figura do Lula para sempre. e do PT. Ainda persistem dúvidas acerca do caráter republicano da Lava Jato entre eles, e tem muita gente que acha que o presente jacobinismo judiciário é válido. É muito difícil aceitar que autonomistas que não vão a atos Fora Temer achem ser ok ir a atos coxinhos.

### **30 de novembro**

Repercute o resultado da votação [*das 10 Propostas contra a Corrupção*] no Congresso. A direita irada com as emendas às 10 propostas do MP. Não saiu a anistia a caixa 2 mas os procuradores e magistrados estão sujeitos a penas em caso de abuso de autoridade. Carmen Lucia, do STF, Janot e Dellagnol protestaram contra a versão aprovada. Também a PEC 55 foi aprovada em primeiro turno no Senado.

Os procuradores ameaçam renunciar em massa caso a emenda que passou não seja revogada. Alexandre Frota está elogiando a esquerda que enfrentou as bombas da polícia em Brasília. Dellagnol afirma que Dilma tinha propostas contra a corrupção melhores do que o aprovado pelo Congresso.

A temperatura aumentou muito, e os fatos e posicionamentos se encavalam vertiginosamente. O embate congresso x judiciário está escancarado e o MBL chamou pannelaço a favor dos juizes. Parece que eles assumiram o Fora Temer. Na esquerda, parte dela assume a violência e o levante e os BB.

*[Anexei estes longos texto acerca do ato contra a PEC em Brasília. A fragmentação da esquerda era ainda muito grande e estilhaços analíticos cortavam o ar em várias direções. A falência do formato partido e do projeto socialdemocrata repercutia muito forte, e a futilidade de mais um ato-passeata Fora Temer começava a ficar muito clara. Os relatos abaixo apresentam alguns detalhes dos eventos ocorridos na Capital Federal, mas os achei de interesse principalmente pelo ponto de vista autonomista que apresentam, com análise de conjuntura, a organização e formas de luta correspondentes. O primeiro texto foi redigido por Niggark.]*

#### ***A Ação Direta que ilumina o Cerrado***

(um relato e reflexão sobre o ato do dia 29/11/2016)

Há cerca de uma década atrás adorava uma canção, inventada por alguns amigos que faziam irreverência à paranoia antiterrorista. Esta música, que foi cantada em muitas festas, manifestações, rodas de violão e cantigas pra ninar dizia mais ou menos assim

“Êê toca fogo no estado, que é pra iluminar o cerrado! É jogar bomba no mundo, morte à ordem e ao consumo!”

Há alguns anos não cantamos mais esta canção, pois nosso movimento cresceu de forma que estas brincadeiras musicais deram lugar a outras. Porém no ato do dia 29/11, contra a aprovação da PEC 241/55 (que criminosamente limita os gastos sociais, com efeitos deploráveis sobre a sociedade), esta música não parou de tocar em minha mente, como uma memória em looping eterno. Por meio deste relato, análise e avaliação tentarei explicar-lhes o porque disso.

A organização prévia da manifestação

A mobilização do dia 29/11/2016 foi articulada em um cenário que é reflexo do que é a esquerda brasileira hoje: composta por fragmentações, ações diversas em distintas direções, necessidade de unidade mas impossibilidade de horizontes comuns. A PEC 241/55 é uma medida assombrosa que desperta a necessidade da unidade não por questões ideológicas e sim pelos efeitos diretos que implica no conjunto da população. Ou seja, a aparente unidade gestada no ato de ontem não era fruto da convergência das esquerda, mas do retrocesso realizado pelos setores dirigentes da sociedade.

Destaco três setores que confluíram para o ato. Os sindicalistas (que, sem muito apoio das maiores centrais sindicais, colocaram verba e estrutura com poucos recursos por meio das direções de federações ou mesmo direções sindicais locais); o movimento estudantil que tem ocupado escolas/universidades em todo o Brasil; movimentos sociais de massa que fizeram ações pontuais, porém não dirigiram/protagonizaram o processo como em outros períodos (especialmente MTST e MST). Há também, por fim, uma participação específica da esquerda do Distrito Federal que cedeu alojamentos, fez eventos prévios de organização e discutiu táticas de luta.

De um ponto de vista analítico mais sucinto podemos definir que os dois principais campos em ação nas ruas eram Estudantes (em suas mais variadas organizações) e Sindicalistas (articulando um conjunto de dirigentes, parlamentares e entidades burocráticas). Os outros campos, por não realizarem ações que protagonizasse o cenário, podem ser inseridos como alicerces de um ou outro grupo, nesta análise específica. O movimento estudantil tem sido caracterizado por uma ampla gama de ações diretas e críticas ao modelo organizativo dos atos, sindicatos e táticas sociais-democratas dos partidos tradicionais. Simultânea e contraditoriamente quem estava realizando em grande parte o contato com as direções sindicais que participaram do ato eram justamente os estudantes das juventudes partidárias presentes nas ocupações. As tensões entre organizações de base e organizações partidárias (presentes nas ocupações) já começaram a se transferir por aí para a prévia da mobilização.

Dois conjuntos de reuniões foram realizadas para pensar taticamente a mobilização: o campo sindical fez reuniões de direções de centrais; o campo estudantil fez assembleias em suas ocupações e sub reuniões diversas pra pensar táticas de ação. Enquanto o primeiro grupo estava preparando-se pra uma mobilização tradicional (com carros de som, caminhada organizada até a esplanada, pouco tensionamento com a polícia e "vigília" contra a pec), o segundo se organizava com o horizonte claro da ação direta (grupos de afinidade, propostas ousadas pra impedir a votação no senado, articulação de batucadas, táticas de rua, piquetes, disposição ao enfrentamento e radicalidade). Estas duas estratégias de luta não dialogaram seriamente em nenhum momento, de forma que as delegações estudantis preencheram os ônibus dos sindicatos e fizeram o grosso da mobilização. Porém sindicalistas acreditavam que, como sempre, controlariam e dirigiriam o conjunto do ato; simultaneamente estudantes se organizavam para táticas de subversão (inclusive da própria manifestação).

O fato é que a manifestação não tinha nenhuma organização ou sigla que pudesse assumir-se como organizadora oficial da mobilização. A data e local do ato foram uma resposta coletiva à agenda do senado de fazer a votação no dia 29/11. Podemos observar, por exemplo, que ao invés de uma convocatória oficial à

mobilização, houve várias. Não foram reuniões entre lideranças de cinco ou quinze grupos políticos que definiram como se daria o processo de mobilizações sociais.

O ato propriamente dito - Uma descrição parcial

O ato mesmo começou com a concentração no Museu Nacional. Pra quem não é de Brasília, existe o seguinte desenho da rua da Esplanada: (Esplanada)->(Ministérios) ->(Catedral)->(Museu/Biblioteca Nacional)->(Rodoviária central do Distrito Federal), tudo isso entrecortado por uma via chamada "Eixo Monumental". A rodoviária tem sido palco massivo de protestos regularmente desde pelo menos as lutas pelo passe livre estudantil, doze anos atrás. A memória de lutas no local, porém, passa por muitos eventos relevantes da cidade, como o "Badernaço" de 1986 quando uma mobilização sindical foge do controle, carros são virados na rodoviária e o caos se instaura no setor (uma versão dos sindicalistas da época é bem expressa no filme "Badernaço: o dia que não acabou" (Disponível no online). Curiosamente, mesmo com os fortes indícios de que realmente houvesse infiltrados no Badernaço, a memória popular sobre aquele quebra-quebra é mais positiva e transgressora (da realização de uma revolta justa) do que de uma impressão de ter sido manipulada. Guarde essa dissonância cognitiva, voltaremos a ela depois.

Cerca de trinta mil pessoas estiveram nas ruas de Brasília dia 29/11 contra a PEC 241/55. Já na concentração do ato três coisas chamaram a atenção: 1) a diversidade dos grupos presentes e a desarticulação tática entre forças até então muito próximas, com a inexistência de uma assembleia geral das ocupações ou de todas universidades para se articularem; 2) a indefinição pública sobre qual seria a estratégia geral da manifestação quando chegássemos ao congresso (como já abordado acima); a pequeníssima presença (visível) da polícia nos arredores da manifestação, ao contrário do que tem ocorrido em todos os atos locais desde o processo junho/2013-copa/2014: não houve revista prévia, não havia policiais cercando o início do ato, nada de tropas próximas aos ministérios... tudo vazio; 3) a presença jovem em grande quantidade muito maior em relação ao movimento sindical, uma grande parcela da juventude negra e periférica que raramente

comparece às mobilizações nacionais do movimento sindical/estudantil... uma presença ativa e organizada que não tinha nenhuma característica de estar servindo como massa de manobra de grupos, organizações ou lideranças escusas.

Outra situação fora do normal dos atos da esplanada é que pouco mais de meia hora depois do horário marcado para a concentração, os grupos já se organizaram e saíram em caminhada rumo ao congresso. Normalmente a concentração do ato leva aproximadamente duas horas divididas entre ensaios de baterias, falar nos carros de som, acomodação e organização das delegações, espera de grupos que ainda não chegaram por algum atraso. Dado que a sessão do senado começou seus trabalhos às 16h e seguiu em votação até aproximadamente as 23h, era de se supor que a caminhada começasse mais tarde. Mas não foi assim que aconteceu; às 17:00 já estávamos chegando todos e todas no congresso.

Havia um expressivo setor com rostos cobertos, com palavras de ordem de incentivo e preparação para a ação direta, muita gente preparada para agir e reagir à aprovação da proposta. Para além disso, o clima geral da manifestação era o de radicalidade contra a PEC, talvez inclusive porque já se soubesse de prévia que a possibilidade dela não ser aprovada caso fosse colocada em votação era nula: só com uma grande ação a votação poderia ser paralisada ou influenciada. A radicalidade estava às portas.

Quando chegamos à esplanada um setor massivo (e não meia dúzia, como dizem certos políticos e analistas) foi para a linha de frente onde estava a polícia militar fazendo a barreira do congresso nacional. Sem sombra de dúvidas, milhares de pessoas foram ao enfrentamento direto com a polícia na intenção expressa de romper o cerco policial e entrar no congresso. Como dito acima, havia pouco efetivo policial visível, o que deu a impressão em muitos/as de que havia uma janela de oportunidade para este tipo de ação. Apesar do que algumas pessoas têm afirmado, a disposição em ocupar o senado era generalizada nos mais diversos grupos do movimento estudantil. Havia rumores de planejamentos distintos neste sentido vindos dos mais diferentes setores do movimento. Assim, quando um grupo - identificado com as táticas de ação direta mais tradicionais - avançou pelo flanco esquerdo da esplanada, a repressão começou, ainda

localizada e com baixa intensidade. O carro da Record estava no meio disso tudo. Não se sabe se quem começou a virar o veículo realmente foram possíveis infiltrados externos ao ato, mas eles seriam completamente desnecessários: a organização para ação direta, o início da repressão e um carro da imprensa corporativa, golpista, mentirosa e burguesa circulando em meio a isso são uma fórmula já mais que conhecida.

Por outro lado a repressão policial foi imediata e muito mais generalizada, ultrapassando o setor que estava à frente deste enfrentamento localizado e específico. Logo de início a repressão desencadeou-se para o conjunto do ato, na clara intenção de desarticulá-lo dispersando os/as manifestantes por completo. Assim sendo, a hipótese de que a repressão foi uma reação à violência dos manifestantes é um tanto parcial: em parte ela foi uma resposta à tática de - se não da maioria, de um setor massivo do ato - de ocupar o senado; por outro suas proporções grandiosas extrapolando o específico permitem afirmar que foi uma ação tática, coordenada e possivelmente pré planejada de repressão generalizada ao conjunto da manifestação. Muitas bombas de gás lacrimogêneo foram lançadas sequenciadamente em toda extensão da mobilização, fazendo com que as pessoas corressem em busca de um local pra respirar e, assim, recuassem da esplanada de volta à direção do museu nacional. A polícia jogou bombas progressivamente fazendo as pessoas recuarem e entenderem que não iriam mais voltar ao congresso nacional naquele dia.

A dinâmica que se seguiu após isso foi a da montagem de barricadas sucessivas pelos ministérios por parte da manifestação; as barricadas montadas garantiam uma resistência temporária e foram sucessivamente atacadas pela polícia, que avançava um pouco até próximo da outra barricada onde permanecia em conflito por um tempo. Até o final do dia contei cerca de oito barricadas neste processo constante de ataque e defesa e creio que a longa duração do ato mesmo sob constante ataque policial deveu-se à utilização desta tática. Além das barricadas, outras ações foram realizadas simultaneamente, como a ocupação, pichação e ataque aos vidros de diversos ministérios (em especial o de educação, onde o maior número de manifestantes deixou seu recado ao golpe da PEC). Alguns



carros foram atacados durante este período de maior tensão (um deles, um audi A3, foi incendiado ao lado da Catedral).

Neste momento, grande parte da manifestação que não havia efetivamente se preparado para a Ação Direta (quem não tinha nenhum suporte de proteção como vinagre, leite de magnésia, bandanas, etc) já tinha recuado quase totalmente ao Museu Nacional. Nas ruas ficaram o setor que fazia a resistência em barricadas, parte da juventude estudantil e sindicalistas/dirigentes de entidades próximos aos carros de som. Sobre estes últimos um comentário a parte: a tensão com a forma como os carros de som agiram no ato ocorreu desde o começo da mobilização e já são antigas - em parte fruto do próprio desgaste deste tipo de esquema de manifestações e em outra pela própria disparidade entre a perspectiva burocratizada de quem falava ao microfone e quem estava nas ruas. Quando se iniciou o conflito na esplanada, houve o começo da ruptura entre o setor de estudantes e o setor vinculado à burocracia sindical que organizava a manifestação: todas as falas do carro de som tinham muitas vaias e eram muito pressionadas. Entre as falas mais moderadas ou contrárias à mobilização ("não confrontem, a polícia é nossa amiga"; "Fiquem atrás do carro de som, a policia não vai atacar os manifestantes aqui"; "não deixemos meia dúzia de infiltrados acabarem com nossa mobilização") vez ou outra aparecia algum dirigente estudantil ou estudante de alguma coordenação regional buscando apaziguar com palavras mais aguerridas ou pacificadoras ("a polícia tem que parar de bater em estudantes pacíficos"; "nosso inimigo real é a PEC, não vamos nos dividir entre nós"; "o governo Temer é responsável por toda esta repressão"). Esta tensão se manteve durante todo o ato quando, próximo à catedral, o carro de som foi finalmente ocupado pelos setores de ação direta da manifestação. Dezenas de encapuzados/as subiram as escadas e tomaram o microfone, afirmando que a partir daquele momento o carro serviria aos interesses de quem queria resistir à PEC e à repressão policial; utilizando o carro de som pra convocar as delegações a irem para as barricadas, etc. Não muito depois a polícia cercou o carro para deter quem estava ao microfone.

A rodoviária do Plano Piloto, ao fim, foi esvaziada pela polícia e governo. Com receio de que a mobilização tomasse aquele cenário com quebra-quebra de ônibus, envolvimento de um conjunto maior de pessoas e nova perda de controle, todas operações de transporte foram deslocadas para uma área vizinha e a Rodô foi sitiada pela polícia. Sobrou uma barricada entre o Museu Nacional e a Rodoviária. Já se aproximava das nove da noite e muitas delegações começaram a voltar aos seus ônibus para retornarem às suas cidades. A partir de então percebeu-se o grande número de pessoas desaparecidas, numa lista de dezenas de diferentes cidades (pelos informes que tenho, a maioria dos desaparecidos só foram localizados hoje). Destaque para um desaparecido especial: Bruno Leandro de Oliveira Maciel, coordenador de juventude do MST e estudante da Universidade de Brasília foi encapuzado, espancado no carro e em outros pontos da cidade que desconhece e muitas horas depois levado à delegacia acusado de depredação de patrimônio. O mesmo argumenta que se aproximou da barricada somente para ajudar pessoas feridas. Todos os detidos, que foram percentualmente poucos em relação ao grosso da repressão, já foram soltos. Muitos militantes estão feridos, mas nenhum com risco letal. Todos os boatos de que um, três, cinco ou até vinte militantes haviam sido assassinados foram desmentidos paulatinamente pelas organizações.

A barricada final foi violentamente reprimida quando a maioria das delegações já tinham ido embora, finalizando a mobilização. Houve, quando tudo estava encerrado, um conjunto de relatos de pessoas sendo abordadas em diferentes pontos da cidade por policiais, de forma bastante agressiva. Alguns grupos de extrema-direita também apareceram ao final da mobilização, cercando e aterrorizando algumas pessoas que estavam de saída. Baculejos e baculejos por todo o DF. Chegou ao fim, então, o dia de lutas contra a PEC 241/55, que apesar de ter a sessão de votação interrompida duas vezes em função da manifestação, acabou aprovada por sessenta e um votos favoráveis contra catorze contra.

Fechado este longo relato, tenho algumas questões de avaliação para compartilhar.

1 - O conjunto da manifestação não foi desvirtuado por meia dúzia de manifestantes de direita infiltrados no movimento. A manifestação ocorreu como ocorreu porque ela é fruto de um substrato de lutas de ação direta que tem ocorrido no bojo das lutas estudantis recentes (ocupações de escolas/faculdades, trancamentos de vias, táticas de enfrentamento e resistência direta à repressão). Quem foi ao ato ontem é, majoritariamente, quem estava envolvida/o com a ação direta em suas faculdades/escolas. Então a forma política deste movimento, nas ruas, é igualmente uma forma de ação direta. Trata-se da forma/conteúdo do movimento. A provocação latente de que as ocupações de escolas não eram significativas (pois supostamente deveria mesmo era ocupar o congresso) foi colocada à prova. Avaliem os resultados.

2 - Os quatro fatos centrais da mobilização, do ponto de vista da ação direta, foram as Barricadas, os carros virados, quebra de vidros dos ministérios e a ocupação do carro de som. Estas são as táticas que centralmente serão discutidas e criminalizadas pela grande mídia, políticos, esquerda burocrática e estado. Independentemente de serem táticas acertadas ou equivocadas, elas tiveram um efeito de prolongar o debate sobre as formas de ação justamente porque fogem ao controle institucional e jurídico que a ordem propõe. Acredito que ao invés de abalar a imagem da manifestação, estas táticas tiveram o efeito de prolongar o debate sobre a forma de lutar contra a PEC 55 e, por conseguinte, acentuar a reflexão sobre a contrariedade à emenda constitucional.

3 - Destaque especial para a ocupação do carro de som. Em alguma medida se trata de uma ação inédita nas lutas recentes, uma vez que destitui os comandos anteriores da mobilização. Este evento é uma novidade política no Brasil de hoje (como os black blocs e a apropriação pela direita foram novidades em 2013). Uma novidade que permite à esquerda desenvolver um debate sobre a burocratização de suas organizações, as metodologias de organização e formas de luta. Por outro lado, abre a possibilidade a cisões e mesmo apropriações indébitas que ainda não é possível dimensionar.

4 - Há a possibilidade da repressão ter sido planejada pelo estado. Para além do absurdo da revolta que ela gera em quem esteve presente, existem alguns

elementos que colocam na ordem do dia a necessidade de maior repressão às lutas sociais. Em função das táticas empregadas ontem pode-se abrir um processo punitivista que resulte em ações diversas de desocupação das universidades, abertura de processos contra militantes identificados ou mesmo inventados e repressão ostensiva contra quem realizou a luta (inclusive os setores sindicais contrários à ação direta). Esta possibilidade futura mantém-se ainda que a repressão não tenha sido planejada, dada a capacidade da ordem em se apropriar do que de melhor se constrói contra ela. Este é o terreno em aberto.

5 - A questão central, a despeito da disputa entre Ação direta X Marcha Burocrática é: "O ato conseguiu interferir na aprovação da pec?" Do ponto de vista objetivo interferiu quando interrompeu a sessão de votação por duas vezes. No plano político imediato a derrota foi aterradora (sessenta e um votos contra catorze). Esta manifestação, independentemente de como ocorreu ou poderia ter ocorrido, foi ineficaz para barrar a aprovação em primeiro turno da proposta de fim do mundo. Abrem-se aí dois horizontes: ou ela foi capaz de gerar uma pressão que influa na política parlamentar e organize o movimento rumo ao próximo ato dia 13/12 (numa improvável reprovação da medida no segundo turno) ou ela serviu pra desenvolver e iniciar os gérmenes das formas de luta da conjuntura futura brasileira. Uma conjuntura de golpe.

6 - Não se vence uma guerra utilizando as mesmas táticas repetidamente em todas as lutas. Assim como o governo modificou seu arsenal recente, a criatividade e reorganização para os próximos enfrentamentos será vital para a nossa vitória. Devemos avaliar bem o que ocorreu de frágil e forte no processo e, sem preciosismo nem principismo e mobilizar o que tivermos em mãos para vencermos. Como diz o Bnegão, Nossa vitória não será por acidente.

As versões sobre o que ocorreu no dia 29/11/2016 serão muitas, rememoradas muitas vezes no decorrer do tempo. Tal qual o Badernaço de 1986, muitos interesses de distintos grupos estão em disputa neste contexto. Esta aqui é somente uma avaliação de um militante do movimento autônomo, que na última década e meia esteve envolvido em lutas e organizações as quais buscaram na Ação Direta ensinamentos para as nossas possíveis e necessárias vitórias

estruturais. Espero que, para além de insuflar alguns conflitos, ela sirva para que vençamos.

\*\*\*

Sobre aquela música, lá de cima.... Não, não era um hino de nossa luta. Muito menos uma mensagem objetiva e direta. Sempre que cantávamos, riamos muito depois. Não sei ao certo, não lembro, no quanto acreditávamos de fato nos enunciados daquela canção; o quanto aquilo nos divertia centralmente em função de sua mensagem herege e transgressora. Não se tratava de um programa, mas de uma provocação. O estado (junto ao capital) deve sim ser demolido mas pela construção de relações sociais livres, autogeridas. As imagens das fogueiras das barricadas junto às bombas jogadas pelos agentes do estado me trouxeram à contraditória mensagem daquela canção, que falava de Ação Direta popular e denunciava Terrorismos de estado. Pois quem joga as bombas no mundo são os estados... eles em quem as vezes tocamos algum foguinho.

Mas a fogueira há de crescer, contra todas as bombas.

Outro relato de Brasília. [Este menos *analítico e mais “orgânico” ou basista*].

*Leiam este relato! É de uma professora que estava próxima ao início do conflito no dia 29/11. Narra com riqueza de detalhes as ações realizadas e, fatuallmente, desmancha a hipótese de "meia dúzia de infiltrados".*

*Muito relevante e emocionante.*

### **Relato de uma professora da Universidade Estadual da Paraíba**

Saímos de Campina Grande- PB no domingo, dia 27. Éramos três professores: um do IF e dois da UEPB, e os demais 42 eram estudantes secundaristas e universitários. No dia da nossa chegada, nos concentramos na UNB.

No dia seguinte, fomos ao local das atividades. Após concentração e distribuição

do almoço no MEC, assistimos a fala da Maria Lúcia Fatorreli. Em seguida, caminhamos para a concentração no Museu e de lá caminhamos em direção ao Senado. Nunca tinha visto tanta gente na rua lutando pela mesma causa. Não sou a melhor pessoa para números, mas acredito que tínhamos 50.000 pessoas na rua. A energia era forte, uma mistura de determinação e esperança. Nosso grupo rapidamente chegou ao gramado que antecede o espelho d'água. Sem aparente identificação, os policiais já estavam posicionados para nos receber. Até então não tinha havido nenhum tipo de embate, apenas algumas pessoas dentro da água. Do lado oposto em que estávamos, uma mulher dizia algo para os policiais. Nesse momento tive a idéia de abrir a bolsa e pegar o celular. Nessa fração de segundo ouvi uma vaia generalizada e levantei os olhos: a mulher estava inerte na água. Todos se revoltaram com o fato do policial jogar spray de pimenta algumas vezes e ela não recuar. No entanto, a maior revolta foi a agressão física que a fez desmaiar na água: enquanto jogava o spray, ele a chutou no rosto. Lembrem-se que ela estava no nível mais baixo ( na água) e ele no terraço do Senado. Sim, a polícia provocou e começou as agressões. Aí tudo virou um caos. Um grupo virou um carro branco, acendeu o fogo e em seguida o empurrou em direção aos policiais, numa espécie de barricada para tentar resgatar a moça. Outras pessoas foram de mãos para cima para tentar negociar a retirada garota, mas também levaram spray de pimenta. Nesse momento, as bombas de gás lacrimogêneo começaram a cair por todos os lados. Uma caiu na nossa frente, saímos de lá com aquela sensação de queimor insuportável, mas, ao mesmo tempo, já estávamos com pequenas quantidades de vinagre ( já que este e o leite de magnésio são eficazes para barrar os sintomas que o gás causa). Todas essas recomendações recebemos e propagamos na viagem, bem como as estratégias de rota de fuga ( com uma montagem de um mapa do plano piloto) em caso de embate com a polícia, dispersamento ou desencontro.

A medida em que recuávamos, a polícia avançava. Ela não poupava ninguém. Quando o protesto começava a tomar corpo, já se aproximava do fim do expediente dos trabalhadores. Ninguém foi poupado. Vi idosos, mulheres com crianças, e nós, os militantes, apanharem muito. O desespero era fugir do gás e,



simultaneamente, retirar quem estivesse atingido ao lado: foi a maior lição de solidariedade que vivi.

Nossa janela de fuga ( sim, porque 95% das pessoas que lá estavam não foram preparadas para uma guerrilha urbana) foi proporcionada pelos Blacks BLOCKs. Eles retardaram o avanço da polícia e criaram, junto com alguns militantes mais experientes, barricadas para conter o avanço policial. Eles também apanharam muito. Carros foram queimados para distrair atenção dos agressores, painéis e alguns prédios de ministérios foram quebrados na tentativa de diminuir as agressões e salvar as pessoas feridas.

Nesse momento percebemos os helicópteros ( eu contei 4 diferentes). No início eu achei que era apenas para acompanhamento da movimentação da massa. Já no início da noite, algumas aeronaves começaram a fazer voos mais baixos e, logo em seguida, estourava uma nova bomba. Eu não vi cair nenhuma bomba dos helicópteros, mesmo porque o inferno estava no solo, mas a polícia estava muito longe para que as bombas chegassem a nós. O pior aconteceu quando a cavalaria entrou em ação. O pânico tomou de conta. As pessoas corriam enlouquecidas com medo de serem pisoteadas pelos cavalos. E o confronto seguiu nesse terror. Estávamos assustados demais para reagir e, em nosso grupo, a prioridade era proteger os alunos já que a maioria deles nunca tinham presenciado embates tão duros. Hoje percebo que o país inteiro não tinha vivido tão recentemente tamanha truculência.

Conseguimos enviar boa parte do grupo para o ônibus, mas ainda tínhamos que pegar os outros no nosso ponto de fuga. Criou-se assim uma espécie de equipe de resgate. Nesse momento trocamos de blusas, tiramos botons/adesivos e jogamos as bandeiras fora. O mais importante era restabelecer em segurança o grupo. E as bombas continuavam a cair. Um dos aspectos que a bomba causa é o impacto psicológico: elas tem um som ensurdecido e treme o chão quando toca o solo. Ainda assim, depois de juntarmos quase todos e o clima aparentemente ter

acalmado, ainha tínhamos os desaparecidos. Só tínhamos duas alternativas: hospital ou cadeia. A ajuda dos companheiros que não estavam no protesto foi fundamental. Eles nos ajudaram a localizar várias pessoas, entre elas, nossa companheira desaparecida que estava no hospital da UNB. Ela foi socorrida por uma enfermeira que tinha na mão o magnésio e a achou desacordada debaixo de uma árvore. Não sabemos seu nome, apenas que salvou nossa aluna. Para esta pessoa os meus mais sinceros agradecimentos. Não são todos que se dispõem a salvar a vida do outro, colocando a sua própria vida em jogo. Não podemos esquecer da equipe médica que a atendeu. Não tenham dúvidas de que foi um belíssimo trabalho, já que nossa aluna possuía uma fragilidade pulmonar que complicou os sintomas do gás em seu corpo. Obrigada equipe médica da UNB. Ao acordar, nossa aluna conseguiu passar as informações para o pessoal do hospital, que entraram em contato com familiares e professores de sua unidade de ensino que, por sua vez, entraram em contato conosco. Ela nos relatou que o hospital estava cheio e que, em sua maioria, mulheres eram as principais vítimas, sobretudo as que estavam com os seios desnudos. Impossível não fazer uma leitura sociológica desse fenômeno. Ela também nos relatou um caso de uma criança de (aparente) 10 anos. Ela e sua mãe estavam muito machucadas: a mãe com marcas roxas pelo corpo causado pelo cacetete, a criança com 15 pontos na boca em direção às maçãs do rosto. A mãe foi buscá-la na escola vestindo uma camisa do "Fora Temer" e, por azar, estava no olho do furacão. A mãe foi agredida pelo policial que, não satisfeito com o espancamento, partiu para agredir a criança.

Pude perceber que existia prazer em alguns policiais em agredir as pessoas, outros, nos indicavam com um olhar uma rota de fuga. Pessoas e pessoas. Não posso deixar de mencionar o papel de alguns cidadãos de Brasília. Mesmo não estando no protesto, eles nos indicavam os possíveis caminhos para fugir daquela insanidade. Muito obrigada.

Já passava das 21h e ainda tínhamos alunos desaparecidos. Ficamos sabendo que a polícia tinha fechado a rodoviária e estava prendendo militantes dentro dos

ônibus estacionados nas imediações da rodoviária. Ao mesmo tempo, dois dos nossos alunos estavam em outra localidade com uma delegação diferente. Decidimos pegar um táxi e entrar na rodoviária para procurarmos o último desaparecido. Para nossa sorte, recebemos mensagem de que ele tinha encontrado nosso transporte e estava a salvo. Assim retornamos ao ônibus e saímos de Brasília naquele mesmo momento.

Sentimos falta da presença da CUT e MST. Acredito que se eles estivessem lá o resultado poderia ser diferente. No entanto, as entidades que estavam, nos deram maior apoio possível, inclusive, de ordem tática. Não foi a toa que a polícia deu voz de prisão aos manifestantes que estavam no alto do trio elétrico chamando a militância a resistir ao avanços dos policiais.

Acredito que o protesto de ontem e seus desdobramentos deram início a outro momento na história do país. E o protagonismo será da juventude. Cabe a nós, os professores, o papel de elaborar proteger, orientar, salvar, zelar e agir por nossos jovens.

Me desculpem eventuais erros e equívocos, mas ainda estamos na estrada rumo ao nosso destino. Ao menor sinal de Internet, recebemos muitos pedidos de informações e, por este motivo, fiz esse relato.

Nesse momento, 20:56 do dia 30/11/16, em algum lugar desta enorme Bahia, decidi escrever esse texto como forma de informação, mas também de expurgo para a compreensão geral dos chocantes acontecimentos de ontem.”

É impressionante o crescimento individual deste grupo de alunos. Eles estão mais coesos e solidários. No início da viagem houve pequenos ruídos por causa dos posicionamentos de um grupo de alunos com outro grupo que tinha orientação lgbt. Neste exato momento estou sentada entre dois grandes grupos que estão debatendo questões específicas. Os rapazes mais conservadores estão discutindo

gênero com parte do grupo lgbt e o outro discutindo formas de exploração do trabalho. Se tornaram homens e mulheres, literalmente, do dia pra noite. Eu apenas os observo, afinal quem mais está aprendendo aqui sou eu. E meu coração está inundando de amor e felicidade.

A PEC passou e irá passar. Mas o sentimento de que fiz ( fizemos) tudo que estava ao meu (nosso) alcance me conforta, mas não me resigna. Saio mais convicta da necessidade da luta.

MF, Profa da UEPB

Outra análise autonomista do ato, com ênfase em formas de organização e panorama da esquerda:

Um texto sobre as presentes mobilizações das forças de esquerda (por Niggark):

***Organizando pra desorganizar, pela Ação Direta***

*(um relato e análise do ato contra a PEC de 29/11/2016)*

*“Posso sair daqui para me organizar;*

*Posso sair daqui para desorganizar”*

*Chico Science, Da Lama ao Caos*

*Quem não se organiza será organizado por outros. Se um grupo não se organizar para gerir sua vida, comunidade, sociedade, será organizado por outros setores que definirão os rumos da nossa vida em sociedade. É mais ou menos isso que o anarquista e revolucionário Errico Malatesta disse, em um famoso texto chamado “A Organização das Massas Operárias Contra o Governo e os Patrões”, de 1897. Como atualmente estamos em tempos de retrocessos políticos intuo que esta afirmação é mais atual do que nunca: não temos decisões efetivas sobre a forma e conteúdo de nosso trabalho; nossa alimentação é toda pré-definida por interesses do agronegócio; nossa educação é definida por interesses capitalistas e coloniais, com uma pedagogia autoritária; nossa saúde é destroçada por um ritmo de sociedade que não escolhemos e nosso tratamento é hierarquicamente decidido por uma medicina que nos enche de químicos que não compreendemos bem; mesmo nossos desejos, gostos,*

*sexualidades são definidos por interesses de cima - e a quem disso divergir está destinada uma bela repressão.*

*Esta organização da sociedade nos prejudica coletivamente; trás privilégios, riquezas e pleno gozo a uma parcela mínima dos bilhões de humanos habitantes do globo. Menos de um por cento. Há muito tempo as coisas estão organizadas assim. Mas há muito tempo também há luta e mecanismos de resistência. A Ação Direta, por exemplo, é um princípio revolucionário – herdeiro principalmente do movimento operário anarquista – que foi constituído como forma direta e imediata de simultaneamente resistir e atacar esta organização social; de fazer da destruição um ato criador.*

*Falo da Ação Direta porque no ciclo de mobilizações contra a recentemente aprovada Proposta de Emenda Institucional do teto de gastos (PEC 241/55) ela foi utilizada como principal metodologia de ação: seja nas ocupações de escolas/ universidades, nos atos de rua, nos ensejos de organização democrática e participativa. Falo também porque a Ação Direta nos trouxe algumas lições durante o ato contra a votação final da PEC da morte (outro nome carinhoso para esta medida ridícula) , ocorrido em Brasília no dia 13/12/2016. Gostaria de pedir, sabendo das dificuldades de ler longos textos presentes em nosso tempo, que você me acompanhe neste logo texto. Talvez ele contribua para a nossa reflexão.*

*Vamo que vamo.*

### ***Entreatos: da baderna do 29/11 à preparação do 13/12***

*As manifestações do dia 29/11 referentes à votação do primeiro turno da PEC 55 no senado tiveram enorme repercussão. Tanto as cenas da repressão policial como, principalmente, a das táticas de resistência empregadas por determinados grupos presentes no ato abriram um amplo leque de análises. Por um lado, o conjunto das avaliações da esquerda foram consensualmente críticas e de alerta à violência estatal generalizada contra manifestantes. Por outro lado, as análises sobre a composição e forma da manifestação foram mais diversas e críticas em relação aos métodos empregados pelos agentes em luta.*

*Defensores e críticos do método da ação direta tiveram um duradouro embate sobre qual o significado do ocorrido, protagonizando uma real "disputa de narrativas". O debate girou em falso sobre a mítica figura dos "infiltrados" - se eles existiram ou não, foram protagonistas ou mesmo desencadearam todo o clima de repressão. As diferentes posições sobre infiltração derivavam das diferentes concepções sobre ação direta.*

*A mídia hegemônica, como tradicional, criminalizou as manifestações. Houve uma ação de "reparo" às pichações contra a PEC que estavam no Museu Nacional de Brasília, capitaneada por grupos conservadores da cidade. As repercussões institucionais também foram relevantes. Tanto no plano federal como no governo local diversas reuniões e procedimentos ocorreram para dar resposta do estado ao ocorrido no dia 29/11. Obviamente, nenhuma movimentação foi no sentido de apurar abusos, violações de direitos humanos ou truculências. O problema que esquentava na mesa dos gestores estatais era de que aquela mobilização, mais do que demonstrar a força policial, abriu dúvidas sobre a capacidade do estado manter a ordem em manifestações radicalizadas. Havia muito medo sobre o que poderia ocorrer na iminente manifestação contra a PEC 55 que ocorreria na data do segundo turno da votação da proposta. Era necessário, assim, uma resposta incisiva e definitiva da capacidade de controle.*

*Por outro lado, para o conjunto dos participantes da manifestação, igualmente, as lições de uma polícia simultaneamente violenta e organizada; que age de forma incisiva e quase letal; que demonstra algum planejamento bem como determinação em desestruturar totalmente as táticas de manifestação também foram sentidas. Muitas avaliações projetaram sobre como teria sido o ato de 29/11 caso muitas pessoas estivessem de fato preparadas para o embate - não apenas nas intenções, mas nas ferramentas e organização. Cogitava-se inclusive que com uma tática melhor preparada poder-se-ia ter mudado os rumos da maldita aprovação da PEC 55. A vexatória e esdrúxula performance do senador petista Jorge Viana - quando da possibilidade de assumir a presidência do Senado e barrar a votação da PEC 55 - foi como um ultimato da chance de, por*



*meio das instituições, conquistar alguma mudança nesta conjuntura sombria de aprofundamento neoliberal. Após um ministro do Supremo Tribunal Federal determinar afastamento do presidente do senado Renan Calheiros, o senador petista poderia assumir a presidência da casa e postergar a data da votação para o próximo ano, dando um fôlego aos movimentos sociais em luta. Preferiu, ao contrário, se acovardar ao enfrentamento e inclusive atuar para que o STF revertesse a decisão anteriormente tomada. Ou seja, deu de ombros à luta e abraçou a ordem estabelecida. A sensação a quem lutava era: ou éramos nós por nós ou nada.*

### ***Preparação, indefinição e tensão***

*Se no dia 29/11 os chamados foram difusos, simultâneos e realizados por diferentes coletivos, para o dia 13/12 os chamados foram muito mais esparsos. Até alguns dias antes do segundo turno da votação da PEC pouco se sabia sobre a realização ou não de um ato. Comentava-se que as entidades haviam gasto muito dinheiro na manifestação anterior, sem capacidade de reposição com a mesma monta; que outras entidades não queriam apoiar as mobilizações por receio de que ela saísse do controle novamente. Simultaneamente havia notícias da constituição de atos locais simultâneos em diferentes cidades esvaziando um possível ato central na Esplanada dos ministérios.*

*Esta indecisão sobre a mobilização colocava à vista os próprios conflitos internos dos setores da luta. Por exemplo: ao contrário do que se supõe acerca de uma avassaladora hegemonia burocrática nas lutas sindicais, há um crescente setor independente, autônomo, classista que realiza lutas sindicais e disputas internas. Este setor tem conquistado espaço junto a algumas direções de sindicatos e, principalmente, constituiu – por meio das greves e piquetes - um foco de ação classista em oposição à política de austeridade. Sua intervenção nos Comandos de Greve - especialmente do campo da educação - forjou o contraponto sindical à criminalização (realizada pelas centrais sindicais) da ação direta de 29/11 e o impulso para a realização de uma nova mobilização em Brasília no dia 13/12.*

*Assim, o bloco inicial que constituiu a mobilização para os segundo turno da PEC 55 foi este setor que denominarei aqui como o Setor de Ação Direta: sindicalismo classista e movimento das ocupas estudantis. Em quantidade bem menor que no ato anterior, porém ainda significativa, ônibus de diferentes cidades vieram para Brasília para realizar a mobilização. Os financiamentos foram mais diversos, em algumas localidades manteve-se a articulação com direções sindicais tradicionais locais e, em outras, formas alternativas foram utilizadas para viabilizar o recurso: houve caravanas financiadas por rifas, pedágios e festas(!). A Frente Povo Sem Medo adotou a tática de realizar manifestações locais, mobilizando suas bases locais para a manifestação em Brasília. O Sindicalismo Tradicional oscilou entre mobilizar as categorias e participar de algumas articulações anteriores, mas sem destinar força real à mobilização.*

*Ao contrário da mobilização passada, ocorreram algumas reuniões de articulação do ato envolvendo participantes dos três setores principais da mobilização (Frente Povo Sem Medo, Frente Brasil Popular, Setor de Ação Direta). Além disso, plenárias internas anteriores foram realizadas pelos distintos grupos, planejando formas de ação na Esplanada durante o ato. Alguns militantes estudantis de outras cidades haviam ficado em Brasília no período entre as duas manifestações na intenção de articular melhor um segundo ato, fazendo a conexão estudantil nacional e também a articulação com outros setores. Junto às caravanas que chegaram antes do ato, foi realizada, na véspera, uma plenária de preparação para o ato. Lá foi apresentado um conjunto de planejamentos para que a mobilização constituísse uma linha política comum, diferente do 29/11. A programação era de que a concentração se desenvolvesse-se no decorrer da tarde, com indicações de uma crescente na esplanada até o começo da noite - quando o ato finalmente ocorreria em paralelo à votação da PEC. Avaliava-se que a antecipação do horário da votação pretendida pelo presidente do Senado era uma manobra que não daria certo e que a votação finalmente ocorreria no início da noite, como no ato passado. Assim sendo foi sugerido que as mobilizações mais radicalizadas fossem organizadas para o ápice da mobilização, numa tentativa de coordenar*

*a ação direta e a ação sindical em horários distintos. A longa duração da sessão do senado permitiria que o conflito entre os diferentes setores fosse contornado.*

*Como agora já sabemos, esta proposta partia de uma avaliação equivocada sobre a manobra do presidente do senado. Mas já na assembleia estudantil o plano não chegou a ser aprovado e, ao contrário, desencadeou um conjunto de cisões e debates acalorados entre os grupos/delegações presentes. Apesar dos esforços anteriores, a capacidade de articulação e confiança mútua entre os distintos setores do movimento estudantil ainda estava um tanto fragilizada. Diferentes avaliações sobre como lidar com a polícia, qual a política de articulação com outros setores ou mesmo se seria possível ou não barrar a aprovação da PEC 55 não produziram ambiente para uma melhor articulação geral estudantil. Talvez a única unidade fosse na impressão geral de que haveria confronto na manifestação e que deveria haver resistência. Foi deliberado, finalmente, que um bloco estudantil caminharia, fechando as ruas da cidade, da UnB até a esplanada (pouco mais de quatro quilômetros) e se somaria aos outros blocos para realização da manifestação.*

*Na manhã do dia 13, porém, a institucionalidade mostrou todo seu vigor: a manobra do Senado deu certo e a votação encerrou-se pouco depois das 13h; a operação policial amplamente divulgada pela mídia no dia anterior realizou revistas em todos os ônibus que vinham de outras cidades, apreendendo vinagres, pessoas e tudo o que pudesse ser considerado objeto de vandalismo. Um cerco enorme foi montado na esplanada para dar a clara impressão de que a ação estatal seria efetiva neste caso: um total de três mil e quinhentos policiais e demais agentes de segurança pública foram mobilizados e a esplanada foi fechada na meia noite da manhã anterior; toda cidade foi alarmada.*

### ***Um ato que explodiu e se dissolveu pela cidade***

*Nota: Como o ato teve um desenvolvimento pelo tecido da cidade, esbocei para fins do relato este mapa demarcando os locais por onde a manifestação passou ou alguns pontos de referência para quem quiser se localizar espacialmente no*

*relato. É um mapa desproporcional, mas que ajuda a se referenciar. Durante a descrição do ocorrido, sugiro que retorne a este mapa para que assim compreenda as trajetórias dos diferentes grupos.*

*A PEC da morte foi aprovada aproximadamente às 13h - uma hora antes do chamado para concentração do ato. Assim, a mobilização marcada para a tarde mudou radicalmente seu caráter. Qualquer planejamento sobre interferir ou participar do momento histórico da votação da PEC 55 foi aniquilado pelos fatos. A sensação nos primeiros momentos pós-votação era confusa: as dúvidas sobre os motivos de realizar um ato no exato momento da aprovação; a sensação de ser vítima de uma manobra dos poderosos; a constatação de que o retrocesso já estava aprovado. Muitos chegaram a cogitar, pelas redes sociais, se haveria ou não manifestação uma vez que a PEC já havia sido aprovada. Era como se estivéssemos vivendo um imenso delay histórico.*

*Às 14h, na esplanada, o ambiente era ansioso, esparso e com um vazio a ser preenchido. A presença policial era ostensiva e tomava conta de todo ambiente. As notícias da manhã eram de que todos os ônibus continuavam sendo parados e revistados violentamente na entrada da cidade, com algumas pessoas detidas e objetos apreendidos. Não se sabia quantas pessoas estariam presentes no ato nem de onde surgiriam. O Bloco Estudantil saiu do Campus da UnB em caminhada para a esplanada, fechando a via L2 Norte. Outros ônibus de outras cidades haviam chegado mais cedo e estavam meio perdidos, meio ilhados, espalhados em diferentes pontos da esplanada. Havia, no Museu da Nacional de Brasília, uma concentração dos setores sindicais, principalmente do movimento da área de educação. Caravanas do MST e MTST chegaram em bom número aproximadamente às 15h30.*

*Tratava-se de um ato muito diferente do anterior: os blocos eram mais organizados, a predominância dos setores de ação direta (tanto no movimento sindical quanto estudantil) era mais evidente e, em função da truculência policial, os carros de som não foram liberados para realizar o trajeto previsto. Os setores do movimento popular presentes participaram ativamente da mobilização, porém sem o protagonismo que exerceram em outras cidades -*

*talvez pela ausência do carro de som ou talvez a própria opção de alguns destes movimentos em realizar uma participação de suporte e apoio. Sem os alto-falantes e discursos amplificados, um grande silêncio tomava conta do momento da concentração. Nele estavam presentes muitas coisas: as dúvidas sobre como realizar o ato em meio a tanta vigilância; a reorganização do trajeto, como fazer uma mobilização contundente em um cenário de repressão, aprovação da PEC e menor número de manifestantes que o ato anterior. Centralmente, havia um bloqueio policial enorme logo após a catedral. Este bloqueio não deixaria ninguém passar sem ser revistado e ter objetos ou mesmo o corpo apreendidos. Ficamos parados por horas e a pergunta no ar era "o que diabos é possível fazer?"*

*Esta pergunta esbarrava no fato de que, nesta manifestação, não era possível algum burocrata dizer que 'havia uma minoria de vândalos/as infiltrados querendo desvirtuar o sentido original traçado pela manifestação' (SIC). Tratava-se de um ato composto principalmente pelos setores de ação direta, organizada para agir e resistir à violência capitalista/institucional. Às 17h, quando aproximadamente começou a movimentação do ato, suponho que havia algo próximo a cinco mil pessoas presentes. A polícia fazia questão de revistar a todas e todos, em fila. Para além da possibilidade de ser incriminado/a por motivos torpes, a revista consistiria de fato em uma humilhação estatal, um ato de suplício que determinaria quem teria o controle sobre a mobilização. Três opções circulavam entre os blocos: aceitar o baculejo policial, cedendo e realizando um ato simbólico na esplanada; forçar a passagem do bloco sem a realização da revista generalizada, a partir de pressão e negociação com o comando da mobilização; modificar o trajeto do ato, indo para outro rumo que não a esplanada.*

*A disposição espacial da mobilização era, neste momento: (Museu Nacional)-> Frente Brasil Popular -> Frente Povo Sem Medo -> Bloco Estudantil <- Bloqueio Policial - (Catedral). O bloco estudantil estava à frente, visualmente estruturado para a ação direta: o corpo todo coberto; máscaras de proteção do sistema respiratório e da identidade; organizado em grupos de afinidade*

*que se cuidariam nos momentos de tensão; com dinâmica de bandeiras em diferentes cores pra indicar quando prosseguir, parar, recuar, reagrupar; materiais para ressignificações urbanas; escudos, vinagre, leite de magnésia, comissão de primeiros socorros; organização interna para decidir como responder às investidas externas. Um jogral foi puxado por uma estudante. Ela informou sobre a decisão da PM da manifestação só prosseguir caso houvesse revista de todo mundo e da deliberação do movimento em realizar a manifestação sem ser revistado. Informou que a manifestação seguiria, que não seria revistada e que o ato seguiria à esplanada independente de qualquer decisão arbitrária da polícia.*

*As baterias ressoaram, as palavras de ordem ficaram mais incisivas, as balaclavas subiram ao nariz. Um cheiro de vinagre começou a se confundir com gás lacrimogênio. O bloco se aproximou e caminhou rumo à esplanada, chegando nariz a nariz com o bloqueio policial. "Deixa passar a revolta popular" foi uma das últimas palavras de ordem ouvidas antes das bombas começarem a estourar. O conflito inicial, entre as duas linhas de frente, foi composto por um brutal e bestial ataque da polícia. Policiais abriram mão de suas armas e atacaram com paus e pedras que vinham do lado de cá; roubaram os escudos e passaram a se defender com as madeirites pintadas com "Poder para o povo". O bloqueio da tropa de choque policial utilizou lacrimogênio, spray de pimenta, bombas de efeito moral, balas de borracha. Uma nova bomba, que faz barulho, emite luz e solta gás lacrimogênio como um buscapé também foi utilizada. A repressão policial abriu-se rapidamente.*

*Este primeiro ataque policial foi brutal e muito eficiente em desestruturar o primeiro momento da manifestação: as barricadas utilizadas dia 29/11 foram rapidamente desmontadas; as bombas de gás asfixiaram qualquer tentativa de reaglomeração e resistência na rua; o bloco policial não parou de avançar de forma que recuar tornou-se a única alternativa. Mas como a repressão policial não parava (contrariando uma possível ação tática de utilizar a força bruta para conter e dispersar rapidamente a manifestação), o ato desmembrou-se em vários blocos menores que seguiu distintos caminhos pela cidade, extrapolando*



*o espaço anteriormente previsto para a manifestação. Em suma, a repressão tornou impossível que o ato se dispersasse completamente, pois quem se desgarrava em grupos menores era perseguido e detido pela PM. Ficar organizado e em grupos grandes tornou-se também uma alternativa de autodefesa. Segue uma lista das trajetórias de alguns que parecem ter sido os principais blocos deste segundo momento da mobilização:*

*- Um grupo embaralhou-se à população na Rodoviária do DF, realizando atos e mobilizações ali mesmo junto a usuários e usuárias de ônibus. Um ônibus da viação TCB foi queimado nestas imediações (cujas fotos de um garoto acendendo um cigarro em seu fogo tornou-se símbolo do protesto). A partir daí este grupo ficou ilhado na rodoviária do DF, perseguido dentro dela e com pequenos focos de confronto. A polícia passou a revistar indiscriminadamente qualquer pessoa tida como suspeita e deteve algumas tantas para averiguação. Esta situação durou algumas horas.*

*- Outro Grupo foi para a Rodoviária da Região Metropolitana (entorno) do Distrito Federal, no outro lado da rua. Alguns ônibus foram quebrados e há relatos de que dirigentes das centrais sindicais burocráticas passaram a denunciar uma ou outra pessoa à polícia como vândalos. Este grupo, espremido pelas bombas de gás lacrimogênio, dividiu-se em dois caminhos: parte subiu as escadas da rodoviária rumo ao andar superior (que dava acesso ao CONIC) e outra parte seguiu pela lateral da rodoviária rumo ao Setor Bancário Sul.*

*- O grupo que subiu as escadas travou a via imediatamente a frente da escada, utilizando um ônibus como trava da via. Parte deste grupo seguiu para o Setor Bancário Sul e outra parte foi refugiar-se no CONIC. O CONIC, um conjunto de prédios comerciais com formato de galerias de comércio alternativo, foi sitiado pela polícia que passou a prender, espancar e perseguir quaisquer pessoas que pudessem ser identificadas como manifestantes. As lojas e prédios locais fecharam por receio de que a repressão adentrasse suas portas.*

*- Um grupo grande, vindo pelos dois lados da Rodoviária da Região Metropolitana, encontrou-se no Setor Bancário Sul. A imediata compreensão de que era o setor financeiro quem se beneficiaria da aprovação da PEC estimulou*

*a manifestação a se reorganizar e seguir, ali, realizando intervenções sobre os prédios dos bancos e outras organizações capitalistas beneficiadas pelo corte de gastos. Neste momento, por diferentes motivos (engarrafamento, dispersão, falta de planejamento) a polícia não tinha tropas direcionadas para este grupo, que era o maior remanescente da manifestação. Os/as manifestantes saíram do setor bancário sul rumo à W3 Sul, passando pelo Setor Hoteleiro/Comercial Sul. Neste caminho duas coisas simultâneas ocorreram: alguns bancos privados e sedes de partidos conservadores estavam no caminho. A resposta à repressão e aprovação da PEC 55 atingiu principalmente o Itaú Cultural, Banco Santander e Partido Trabalhista Brasileiro com sprays, paus, pedras. Não foi registrada no IML nenhuma ocorrência de vidros, prédios e placas com risco de vida. Apesar de suas instituições sugarem todo nosso sangue, edificações ainda não possuem sistema nervoso e, portanto, não podem ser vítimas de violência física.*

*- Chegando ao começo da W3 Sul foi sugerido que a manifestação ali presente caminhasse até a sede local da Rede Globo, localizada cerca de oitocentos metros dali, no começo da W3 Norte. Este setor da cidade estava todo engarrafado tanto pelo horário como pelo caos instaurado há pouco pela repressão. O bloco caminhou sem problemas aparentes até bem perto da sede da Rede Globo, onde uma operação policial estava armada para conter a manifestação. Vários grupos de carros e motos da Rotam e Bope dispersaram mais ainda este bloco, fazendo com que dezenas de pequenos grupos – indo de duas até de cinquenta pessoas - fugissem da repressão rumo às primeiras quadras da asa norte. Um grupo passou pela porta da concessionária da Citroen e entrou na Concessionária, que afirmou ter tido 20 carros depredados.*

*- Outro grupo correu da Globo para dentro da SQN 302, tentando sair do ato e caminhar rumo à UnB. Esta quadra e suas vizinhas são blocos destinados a parlamentares, ministros, e militares. Os blocos destinados a políticos são normalmente vazios, pois os mesmos utilizam a sua bolsa aluguel pra se hospedarem em resorts ou bairros mais luxuosos da capital. Tanto por denúncias dos moradores destes bairros elitistas como pela perseguição, estes pequenos grupos passaram a viver um jogo de pacman pelas quadras de*

*Brasília, com a diferença de não haver qualquer pílula que transformasse momentaneamente os fantasmas em seres inofensivos. Muitas pessoas conseguiram se esgueirar e fugir pelas quadras. Outras tantas foram detidas e jogadas ao escárnio público de moradores/as conservadores/as da cidade. Há que se ressaltar, porém, que muitos/as moradores/as ajudaram pessoas que fugiam, ofereceram abrigo, indicaram caminhos e filmaram arbitrariedades policiais. Para a mídia corporativa, obviamente, só os relatos conservadores servem e importam. O ato contra a PEC havia enfim se dissolvido na cidade.*

*Não foram poucos os casos de tortura, repressão e violência policial neste momento, espalhados em toda a cidade. Várias pessoas presas tomaram chutes, socos e pisões quando já algemadas e deitadas. Outras tiveram sprays de pimenta jogados diretamente em suas faces quando já rendidas. Outras tantas ouviram as mais distintas ameaças, recheadas de todos os preconceitos machistas, racistas, homofóbicos a depender de qual grupo social fossem identificados. Pessoas caminhavam pelas ruas com medo da mais simples presença policial, que podia tornar-se agressiva a qualquer momento e em qualquer local/hora. Durante muitos dias depois a sensação ainda seria a de se perceber-se perseguido/a por agentes da lei.*

*Pós-ato, vigília e tentativas de enquadramento*

*Neste momento, enfim, não havia qualquer foco de manifestação pela cidade. As pessoas foram trocando mensagens, tentando se localizar, compreender o número de detidos/as e organizar redes de apoio. As delegações de fora de Brasília estavam localizando se havia algum/a preso/a de suas cidades. "Você está bem? Onde você está?" devem ter sido trendtopics das agências de monitoramento das redes sociais. Muitas pessoas feridas estavam se tratando e tentando evitar maiores sequelas da repressão. Ao fim, foram localizados/as a maioria das pessoas presas. Estavam ou na 5ªDP, na Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA) ou no Departamento de Polícia Especializada (DPE). Com a exceção de um adolescente que foi mantido na DCA, todas/os detidos/as que não foram liberados imediatamente foram levados à DPE. Convocou-se então uma vigília de apoio aos manifestantes na porta da Delegacia.*

*Aos poucos foram chegando diversos militantes na porta da Delegacia. Não havia uma dimensão exata do número de pessoas detidas naquele momento, mas falava-se em um número que girava entre cinquenta e cem pessoas. Advogados/as chegaram e, após muita insistência, conseguiram entrar para encontrar as pessoas detidas. Chegamos ao número de sessenta e quatro pessoas presas quando a lista geral foi liberada pela polícia. Junto dela, também, a intenção de enquadrar todos/as detidos no artigo 20 da Lei de Segurança Nacional. Este, datado de 1983,*

*"Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, estabelece seu processo e julgamento e dá outras providências. Art. 20 - Devastar, saquear, extorquir, roubar, seqüestrar, manter em cárcere privado, incendiar, depredar, provocar explosão, praticar atentado pessoal ou atos de terrorismo, por inconformismo político ou para obtenção de fundos destinados à manutenção de organizações políticas clandestinas ou subversivas. Pena: reclusão, de 3 a 10 anos. Parágrafo único - Se do fato resulta lesão corporal grave, a pena aumenta-se até o dobro; se resulta morte, aumenta-se até o triplo."*

*Este enquadramento era altamente arbitrário pois não havia identificação nem flagrante das pessoas detidas cometendo qualquer delito; o enquadramento seria realizado coletivamente sem discriminação individual (de um conjunto de pessoas presas a esmo na manifestação); finalmente porque uma lei oriunda da Ditadura Militar para atacar grupos políticos tratados como terroristas não deveria ser utilizada nos dias de hoje. Caso isso ocorresse, estava aberto mais um precedente do estado de exceção para criminalização dos movimentos sociais.*

*A rede de apoio avolumou-se e fez diferentes atividades de pressão/solidariedade: muitos/as advogados/as foram contatados/as, ligações e articulações junto a setores de direitos humanos, agentes institucionais. Chamado a parlamentares locais e federais para realizarem intermediação na DPE e também pressão junto ao executivo local. A vigília uniu diferentes grupos à frente da DPE que, à sua maneira, faziam ligações e informes para outros*

*grupos, compravam comidas e suprimentos para as pessoas presas; montaram um conjunto de tendas para que se abrigassem madrugada adentro enquanto a acusação definia-se ou não em relação a quem fora detido/a. Toda esta pressão teve resultado: horas depois da entrada de parlamentares e representantes do governo para mediar com a polícia, foi retirada a acusação de violação da Lei de Segurança Nacional. Todos/as detidos assinaram um termo circunstanciado e foram, durante longas horas madrugada adentro, sendo liberados/as. Todas/os, ao sair, relataram todo o terror que passaram na mão da polícia desde suas detenções (quando muitos foram torturados/as, espancados/as e ameaçados/as de morte), ao tratamento humilhante que receberam na DPE e o terror da acusação ao qual estavam sendo acometidos/as sem nenhuma prova. Por força da mobilização, enfim, uma vitória foi conquistada e a Lei de Segurança Nacional foi retirada do caso.*

*Sobrou somente um adolescente preso. Este, um estudante paranaense, passou a noite dormindo ao relento na DCA, acusado de depredação de patrimônio. As possibilidades aventadas antes da audiência de conciliação era de que ele ficasse preso em Brasília até o fim do processo ou que ficasse em liberdade mas não pudesse sair dos limites do Distrito Federal rumo à sua casa. Novamente, em função de uma boa atuação das conselheiras tutelares envolvidas - junto a advogados/as, parlamentares, movimentos sociais e de direitos humanos - o jovem foi liberado para voltar a sua cidade natal e responder ao processo (com acusações bem mais brandas) em liberdade.*

*Os dias posteriores ao ato estão ainda constituindo seu legado. Os movimentos sociais estão refletindo internamente sobre a nova conjuntura e perspectivas de ação. O Estado afirmou estar investigando por meio de seus arquivos, vídeos e documentos diversos militantes presentes no ato com intenção de realizar processos posteriores. A PEC da morte foi aprovada com ampla reprovação da sociedade e em sua sequência já foram anunciadas as impopulares e cruéis Reforma da Previdência e Reforma Trabalhista. Os conflitos de 2016 seguirão por algum tempo.*

Outra análise ainda, esta focando no campo da Direita (PO):

A conjuntura se move rápido demais. Para entender os próximos desdobramentos da conjuntura é fundamental acompanhar a evolução do MBL ator chave em todo processo. O grupo que lidera hoje o MBL começou como uma ala liberal do movimento estudantil (que fez uma gestão de direita do centro acadêmico da Faculdade de Direito da USP) e depois se lançou numa audaciosa primeira aventura eleitoral, na campanha do Paulo Batista (aquele, do "raio privatizador"). Neste momento, o que viria a ser o núcleo do atual MBL era obcecado em aprender as técnicas de propaganda da esquerda, muito influenciados pela tese da hegemonia gramsciana da esquerda (o texto chave para essa interpretação era -- e ainda é -- o livro do Olavo de Carvalho). Depois de 2013, o grupo percebe uma conjuntura favorável e começa a apostar no discurso de mobilização, sempre voltado para a juventude, tentando tornar o liberalismo "sexy" (a "direita transante" do Pedro D'Eyrot é um efeito meio tardio dessa aposta que teve como antecessor a "Banda Loka Liberal"). Curiosamente, a aposta do MBL na juventude sempre foi mal sucedida e embora sua liderança seja jovem, sua base está mais tipicamente na casa dos 40 anos. No período de 2014-2015, o MBL tentou se afastar das questões morais como aborto e drogas tentando se concentrar no discurso econômico liberal. Sua única concessão era o apelo ao sentimento moral anticorrupção que sempre exploraram com destreza para construir sua base. Aos poucos, no entanto, o MBL foi se acomodando a conjuntura das guerras culturais e incorporando as questões morais, numa chave de negação dos novos movimentos negro, GLBTT e feminista e de afirmação do punitivismo. Fernando Holiday apareceu então como aposta política já não apenas ultra-liberal, como era no começo da sua carreira como youtuber, mas também contra a "vitimização" de gays e negros, curtocircuitando o conceito de "lugar de fala". Em seguida, o MBL respondeu as ocupações autônomas dos secundaristas e depois dos universitários com uma mobilização miliciana que apelava para o sentimento ultraconservador de agredir "os vagabundos e baderneiros do PT". Essas últimas movimentações aproximaram dois grupos originalmente diferentes do polo antipetista: o conservador e o liberal. No entanto, o pragmatismo do MBL, que tem um projeto de poder bem definido, fez com que se aproximasse demais do PMDB, primeiro, por meio de Eduardo Cunha, para viabilizar o impeachment; em seguida, com o



intuito de sustentar o governo Temer que estava promovendo uma ambiciosa agenda de reformas liberais. Essa última movimentação, no entanto, está colocando o MBL numa difícil encruzilhada. Com a anistia ao caixa dois e a desconfiguração das dez medidas de combate a corrupção, uma parte importante do movimento anticorrupção -- o Vem pra Rua e o Nas Ruas -- rompeu com o governo Temer e o PMDB e implicitamente acusou o MBL de governismo e complacência com a corrupção. Um pouco antes, os grupos que defendiam a intervenção militar e que tinham ocupado o Congresso também tinham acusado o MBL de colaborar com os corruptos. A resposta do MBL foi se retirar do ato do próximo dia 4 e acusar os demais grupos de se aliarem a "extrema-esquerda", enquanto reafirmava retoricamente seu compromisso com o fim do caixa dois e apresentava o recuo de Temer, Maia e Renan como uma vitória da sua abordagem pragmática. Resta saber em que medida uma base com disposição tão moralista e tão mobilizada pelas guerras culturais vai reagir a tamanho pragmatismo.





MBL VemPraRua M M monarquistas militaristas M  
MAS 2019 DEZEMBRO  
MULHERES MULHERES MULHERES MULHERES MULHERES  
AUTONOMISTAS AUTONOMISTAS VERMELHO VERDE AMARELO  
ISENTÃO COU COU NISTA LIBER LIBERAL POLICIA  
GUARDA MUNICIPAL P2 MULTIDÃO MULTIDÃO ""//  
12 3 4 5 6 7 2018 2017 2015 2016  
EXÉRCITO BRASILEIRO Exército Brasileiro Brasi  
Golpe golp golp CRISE Crise crise pe  
Presença autônoma sindicalistas sindicat  
socialista DES mobilização MOBI  
NACIONAL NACIONAL onde amarelo bandei  
Guarda Municipal DEMOCRACIA commi  
petraha pestis 2013 12  
12 13 14 15 16 IMPEACHMEN IL  
Lula convocação C BERNARDO  
Bernardo Sete par os trabal ab  
DOS TRABALHADOR TRADOREM O TRAD  
ANTI CAPITALISTA anti capitalista  
Capitalismo CAPITALISMO  
Temer Fora Fora For??  
ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ  
hh iikkjll é evidente que a superação vai ser necessária, mas nesse momento acho que  
NA, TQA, EDE  
DIÁRIO  
Fui a um debate  
RASTÃO  
ela se  
está ac  
on  
ad os online, monarquistas e carças



TARIFA ZERO PRA GERA

matar o pai

AGORA PR CONCENTRAÇÃO



TRABALHADOR NA PAULISTA  
ODIO  
COMUNICAÇÃO  
comendo pipoca



## **1 de dezembro**

Joaquim Barbosa falou contra o impeachment de Dilma e criticou o governo Temer. O funeral de Fidel apareceu na imprensa também.

Tomei uma cachaça com HP e ele contou um pouco das movimentações nas universidades federais. Quem teve acesso a vazamento de documentos oficiais conta que a polícia de Goiás vigia todos os espectros das ocupações estudantis, e que dossiês pessoais de alunos e professores existem (com dados cruzados do Facebook e internet); todas as atividades do movimento são monitoradas e registradas, todos os telefones são grampáveis. Falamos da presente radicalização de setores da esquerda e dos perigos do modo insurrecional. Ao lado da total falta alternativas institucionais de esquerda. O consenso global do neoliberalismo ruiu economicamente em 2008 e agora geopoliticamente com Trump. As elites mundiais vão ter que se realinhar, e no Brasil isso pode se desenhar ao longo das linhas tectônicas locais, tipo PSDB/Temer = esquema Clinton.

## **2 de dezembro – Joaquim Barbosa de novo**

Saiu que FHC defende eleições diretas. O Vem pra Rua convidou o juiz Moro a participar da manifestação no domingo. Aliás, a ameaça de renúncia e o esperneio todo deve ter sido para bombar o ato coxinha. Acredito que parte da direita deve ter visto a manifestação anti-PEC em Brasília como uma vitória da esquerda, que foi vista confrontando o poder. Foi muito mais forte que os intervencionistas militaristas da semana passada. Já ouvi muito em manifestações ou site de direita reclamações que “somos muito acomodados”, “só saímos no domingo”.

Vi hoje a interpelação de Lindberg Farias ao juiz Moro no Senado. Como já alertara LR, Moro é muito limitado e só soube repetir o mantra que a intenção de abuso de poder por parte dos magistrados é ser contra a Lava Jato.

Joaquim Barbosa troca farpas com colunista Reinaldo Azevedo.

## **3 de dezembro**

Vi na TV do quilo perto de casa o velório do Chapecoense . Chovia muito e Temer foi. Já o enterro de Fidel levou milhões às ruas.

#### **4 de dezembro – Medidas Contra a Corrupção na rua**

Subi a Teodoro Sampaio para o ato pelas 10 medidas contra a corrupção. Eram 14:45 quando cheguei à esquina das avenidas Consolação e Paulista. Estava quente e ensolarado.

Tinha decidido ficar o máximo que pudesse e se possível detectar diferenças e nuances desse campo. Achei que o consenso do impeachment já não vale e que a unanimidade da Lava Jato pode servir tanto a um quanto a outro projetos distintos. Parece haver umas 5 conspirações em andamento, e a convergência de todas elas contra Dilma agora se reconfigura em outros embates.

No entorno da esquina, vi uma jovem com uma bandeira verde da Chapecoense aos ombros. Ainda no ponto, reparei uma pichação Fora Temer! que fora emendada para ler Bora Temer!. Notei que não ia dar um milhão de pessoas. Dois caveirões e umas 5 viaturas estavam estacionadas na calçada.

Logo na Praça do Ciclista, tinha um grupo de umas 200 pessoas, uma barraca repleta de bexigas brancas. Era um povo contra a legalização do aborto. Mas até a Augusta, tudo bem vazio.

Chegando ao Conjunto Nacional, ouvi um carro de som irradiar uma canção do Cazusa. Tenho ouvido muito esse cantor nas manifestações coxinhas. Esse era o primeiro carro da avenida, e tinha pouca gente em volta. Uma faixa no carro dizia “Queremos um Brasil ético”. Alguns outros cartazes genéricos contra a corrupção adornavam o carro. Segui até o MASP, este trecho estava vazio. Os músicos e performers usuais da avenida estavam lá, e reconheci a banda de carimbó que já tinha visto em algum outro ato. Também o sócia do Roberto Carlos cantava na calçada, de verde e amarelo. Um grupo de jovens negros dançava uma curiosa coreografia que incluía gestos de continência e voz militar. Achei meio bizarro, mas talvez fosse crítico: eles eram do tipo de músico/dançarino que explora as palmas e sons percussivos produzidos em todas as partes do corpo. Uma outra moça equilibrista achava seu prumo numa corda amarrada entre dois postes. Resisti a desenhar metáforas entre sua performance e a situação política. Vi um Papai Noel verde e amarelo, com um cartaz que dizia “Lula na cadeia” escrita com aqueles cordões brilhantes de árvore de natal.

O segundo carro de som estava na esquina do MASP, e era do grupo “NasRuas”. Trazia uma faixa em defesa da Lava Jato. Também lá estavam dois pixulecos, bonecões infláveis, do Renan e do Lula presidiário. Do outro lado um faixa de pvc trazia os dizeres: “Apoio irrestrito à Lava Jato. Fim do foro privilegiado, Veta Temer (as emendas às 10 Propostas), Lula e Renan na cadeia”. Um cartaz emendava “Não abuso de autoridade”. Não lembro se havia orador ou só música. Havia pouca gente em volta.

Caminhei mais pela frente do MASP, agora sim mais cheio de gente, e vi um ajuntamento de pessoas que assediava o Ronaldo Caiado, umas 100 pessoas. Ele era muito solicitado e muitos gritavam seu nome. A dois metros dali, um performer fantasiado de Eddie Kruger exibia sua mão de lâminas e chapéu clássicos. Muitos faziam selfies com ele.

O terceiro carro ficava atravessado na avenida na altura da Casa Branca, pertinho do Museu. O espaço de passagem ficava super reduzido assim, e foi difícil depois atravessar para o outro lado.

Um orador inflamado nesse carro do Vemprarua dizia “Eu não votei no Temer, mas eu não vou falar Fora Temer! Estamos cuidando do Temer, com críticas, mas seria irresponsável derrubar o governo”. Vi nessa hora um moço com uma bandeira do Brasil Imperial – são os monarquistas. Vi depois na manifestação duas outras bandeiras e uma camiseta deles. Vi cartazes “Contra privilégios”, “Fora Tófolli”, “Fora Renan”. Achei que tinha umas três ou quatro mil pessoas ao redor desse carro, pelo menos deste lado.

Deu para notar a essa altura que o tenor geral da manifestação era a de Fora Renan!. O FR! foi muito reiterado, muito cartaz e muita palavra de ordem. Não houve Fora Temer! quase nenhum, e o endeusamento de Moro foi o outro eixo narrativo da manifestação. Claramente os diferentes grupos conseguiram convergir na demonização do Congresso, escolhendo a figura de Renan para malhar, mas preservando Temer, bombando a figura do juiz Moro.

Já dava para arriscar a composição etária da manifestação. O perfil era bem coxinha, isto é, muitos homens de 40-50, e mulheres idem. Tinha um número razoável de famílias e jovens (20 anos) soltos. A classe média e alta predominavam fortemente,



mas, como nos últimos atos contra Dilma, havia sim uma leve diversidade racial e social.

Decidi passar para o outro lado e continuar a caminhada, e me esmaguei na multidão tentando atravessar a Casa Branca. Enquanto negociava passar meu corpo, ouvi a Regina Duarte falar no carro de som. “Tem uma guerra no Brasil”, e que o inimigo é forte e rico de nosso dinheiro. No geral a sua fala era muito radical, fazendo equivaler a esquerda e a corrupção. O orador seguinte lembrou que Regina Duarte foi atacada quando apareceu na campanha televisiva dizendo que “tinha medo” do PT ganhar, e que no fim ela estava certa.

Consegui passar para o outro lado depois de 15 minutos e vi a multidão ali. Imediatamente notei um cartaz “Igreja Batista Betel. Somos todos Moro”. Um cartaz dizia: “Intervenção Militar: faxina geral e devolução do poder em 90 dias”. “Contra a corrupção e a favor do Brasil” dizia um outro cartaz, e uma faixa trazia “Somos todos Moro”, e outra “Contra os petralhas”. Ainda outra “Ai daqueles que promulgam leis injustas e que escrevem decretos opressores (Isaías 10:1)”. Outras mensagens escritas: “Fim do foro privilegiado”; “Não ao aborto”; “Intervenção Militar Já!”; “SOS Forças Armadas!”. Uma camiseta normal, de marca: “Pursuit of happiness”.

Um enorme faixa de uns 50 x 10 metros dizia “10 medidas da MPF já! Lava Toga urgente!”

Achei que tinha umas 4 mil pessoas deste lado do carro. Caminhei mais em direção ao Paraíso e notei que a via sob a sombra dos prédios estava cheia, mas aquela castigada pelo sol era fácil de caminhar. Passei pela FIESP sem dificuldade e vi como estava meio vazio até a Gazeta. Vi uma barraquinha parca que tinha um orador inflamado mas algo triste, ao rés do chão dentro de uma barraca. Notei camisetas do Revoltados Online penduradas, e parece que essa foi a sua única participação. Fiquei muito admirado que eles não estivessem lá em peso, com carro de som e transmissão ao vivo pela internet. Eles estavam sempre presentes em manifestações passadas. Depois fui informado que este coletivo, que agrupava policiais e militares da ativa e da reserva, e tinha em Marcelo Reis sua liderança, está inativo. Foram eles que levavam os pixulecos gigantes de Lula e Dilma não só aos atos coxinhas mas também para a frente do Fórum da Barra Funda, e também para a frente da casa do Lula em São Bernardo. Vi eles

enfrentando e se atracando com a linha de combate da CUT. Imagino onde é que seus seguidores acabaram indo aportar.

“Que país é esse? Ladrão pede prisão de juiz”; “Os vampiros agem na calada da noite”; “O STF rasga a Constituição”; “A classe política e alguns ministros me enjoam”, são alguns cartazes que vi.

Cheguei ao quarto carro de som da avenida, na esquina da Pamplona. Era um ponto de intervencionistas militares, que hoje contavam com dois carros de som em lugares distintos. O Estadão tinha dado que eles tinham sido “promovidos” a lugares centrais (no passado eles eram confinados às margens) depois de negociações com a PM. De fato agora os militaristas estão mais ao centro da pauta, ainda que o VemPraRua fosse o destaque maior. A passagem do endeusamento do herói Moro para o apoio um aventureiro bonapartista salvador da pátria está desenhado.

Dá para dizer que vi na avenida evidência da análise que existe hoje um embate entre a direita e a extrema direita, e que essa luta é a luta central no Brasil. Os militaristas que vi hoje e que vi na manifestação pró-Trump que bateu nos autonomistas (exatamente os mesmos) estão sacando que seu discurso anti-establishment vai reverberar num contexto de colapso da acomodação neoliberalismo/socialdemocracia (no Brasil PSDB/PT). O MBL disputa esse lugar, mas num discurso híper-liberal que no fim é apenas o discurso da globalização/financeirização. Os intervencionistas militares estão melhor posicionados para se alinhar ao justicialismo da Promotoria, mais evangélicos e policiais (e classe média) para se apresentar como arranjo local de a nova ordem mundial, ou pax americana trumpista protecionista, ao invés das elites globalizantes (PSDB).

No carro de som dos intervencionistas, as faixas: “Intervenção” e “Comunismo não”. “Agora é o povo contra a corrupção”, “Não ao Estado islâmico” eram cartazes que vi ao redor. Um senhor de terno e capacete da guerra dita constitucionalista de São Paulo contra Getúlio Vargas fazia selfies com manifestantes. Já o orador no carro de som fazia suas considerações. É fácil desprezar o seu discurso como estapafúrdio e equivocado, e é difícil tentar encadear relações de causa e efeito nas falas deles (eles também têm uma crítica da razão iluminista). Mas, a partir de um ponto de vista bem radical e distante dos consensos e arranjos liberais, democráticos e coronelistas, fora

da vontade democrática, talvez numa espécie de positivismo à la Clausewitz, a fala faça algum sentido. Eles não são anticapitalistas, mas têm uma crítica da globalização. Parece mais uma espécie de partido da ordem e da hierarquia, não importa muito o modo de produção, desde que seja nacional.

“Não teve impeachment”, afirmou o orador. “A Dilma não sofreu impeachment porque ela teve seus direitos políticos preservados. Por isso houve uma conspiração que impediu seu impeachment”, foi a fala que eu ouvi. “A Lava Jato precisa continuar e atingir os comunistas Lula, FHC e Aécio”, continuava. “O STF realiza a ditadura de esquerda no Brasil”, emendou. “O legislativo e o executivo estão tomados pelos comunistas”, e “os militares sempre foram pela democracia. Inclusive o general Figueiredo passou a faixa e tudo, saiu pela porta dos fundos, dizendo: ‘então eu vou embora, mas agora quero ver vocês aguentarem o Partido dos Trabalhadores’”.

Fiquei atento para ver como era a reação dos outros passantes e manifestantes. Um ou outro acharam graça, gritando “vocês estão loucos!”. Já um senhor de chapéu de couro à cabeça indicava com o polegar para baixo a sua reprovação. Mas, no geral, a insistência no bordão “que se vayan todos”, reiterando que toda instância civil é essencialmente corrupta, caía bem entre os manifestantes e passantes. Havia uma reverberação grande no clima salvacionista geral: a matriz bonapartista (o salvador de fora) era consistente com a manifestação como um todo.

Logo a seguir havia um outro carro de som, também intervencionista militar, mas este com uma faixa “Intervenção cívica constitucional”. Outra faixa identificava o grupo como “UDN – União Democrática Nacional”. Tinha umas 200 pessoas ao redor. Outra faixa no carro trazia: “Fora classe política traidora do Brasil”. Do outro lado do carro, as mensagens “Junta governativa transição democrática”, e “o nióbio é nosso: presidente, chega de contrabando”. Um pixuleco grandão parecia personificar o político (corruptos em geral): dentes afiados e jaqueta civil. O orador tinha o mesmo tenor que o outro carro. Dizia que “destituição constitucional não é golpe”. Apesar de ser um evidente sofisma, essa afirmação, que fundamenta toda a atuação dos intervencionistas, não é descabida: a constituição foi sim escrita de tal modo que em certas circunstâncias o exército pode garantir a ordem institucional. Como aprendemos com o impeachment, a legalidade e o golpe têm fronteiras tênues. Mas achei que aqui havia nesse carro pelo menos um esboço de programa: defesa das

riquezas nacionais, estado nacional desenvolvimentista, uma preocupação com arremedo de legalidade para a tomada do poder.

Vi nessa hora na multidão uma camiseta: “República de Curitiba: aqui se cumpre a lei”, trazendo também efígies de Moro. Um cartaz dizia: “Fora PCC: partido congresso corrupto”, e outro “Dedetização do Congresso já”.

Segui meu caminho e alcancei o carro de som seguinte, do MBL, e tinha então umas mil pessoas em volta. Depois encheu mais. Este coletivo demorou a aderir a esta manifestação e achei sua presença bem acanhada. Não estavam em posição central e o carro era meio pequeno, adornado com umas bandeiras do MBL ABC. Muito curioso para um movimento importante como o deles. Quando cheguei, tinha uns 10 jovens em cima do carro. A Folha afirma que eles recebem dinheiro do DEM, e que o governo Temer os chamou para difundir as reformas do governo. Eles aparecem em uma foto com Cunha na época do impeachment, e de alguma forma se ‘elevaram’ à política institucional. Lançaram vários candidatos por partidos estabelecidos (Holiday – negro e homossexual - se elegeu pelo DEM). Eles hoje têm dinheiro para viagens, cursos e formação de quadros. Sua plataforma é híper-liberal e anti-estatal.

O orador, de bermuda e óculos escuros, de uns 25 anos, falava contra Lula. Disse também “a Lava Jato é um meteoro que vai varrer os dinossauros da face do planeta, os dinossauros que querem nos manter na pré-história.” Ele invocou as mobilizações de 2013 e disse que então não havia um pleito claro, colocando as mobilizações de 2014 e do pró-impeachment como suas continuações naturais. “Não viemos com pautas vazias. Apoiamos a Lava Jato, somos contra o Renan, esse câncer, esse coronel, esse bandido. Apoiamos Moro, que enfrentou os poderosos, o dinheiro, os bancos”. Essa foi a única vez que ouvi, em qualquer manifestação coxinha, alguém falar contra o sistema financeiro. “E resta a PF, que defende o povo”.

Perto, bem ao lado, uma curiosa faixa:

“Mishel Temer, eu até lhe estava apoiando, mas eu estou decepcionada por você ter sansionado a vaqueijada que maltrata os animais. Você gostaria que um monte de peão te puxasse pelas pernas e te jogasse no chão arrastado? Sentindo muita dor sem poder se levantar? Pense nisso e revogue a lei o mais urgente possível pois a maioria da população exige”.

Eram 15:45 e segui adiante. Estava meio vazio até a Gazeta. Cartazes do caminho: “Brasil não será uma república ditatorial comunista” e “Aborto é assassinato de bebês”. Vi um grupo de umas 30 pessoas com duas ou três faixas. Era o SINDIFISCO NACIONAL, diretório São Paulo. Faixas: “Auditores fiscais contra a interferência política na receita federal do Brasil” e “Proteção à Lava Jato”.

Segui e vi um faixao “Parabéns juiz Moro e Polícia Federal”, na altura da Joaquim Eugênio de Lima. Nessa hora passou de novo um grupo intervencionista. Levavam um enorme tecido verde e amarelo com mensagem sobre as cabeças, formando uma espécie de cobra com outra faixa à frente: “Intervenção já”. Um dos manifestantes que segurava o tecido era um moço negro de uns 20 anos, com boina e farda. Assustei achando que ele estava regularmente uniformizado, mas vi que sua calça e calçado eram civis. Ele gritava muito “Viva a PM!”.

Já na Brigadeiro, deu para ver que não tinha mais carro de som, mas muita gente estava chegando. Fui até a praça Oswaldo Cruz e dei meia volta. Eram 16:15.

Na esquina da Escola Estadual Rodrigues Alves, reparei nas pichações do muro: “o desemprego é global”, “isso não é uma crise econômica, é a economia da crise ” e “Respeita o Nordeste, caralho”. Vi uma moto grande customizada e adornada com bandeiras de São Paulo e do Brasil, conduzida por um homem gordo, grisalho e barbado, cortar a avenida. Chegando pela calçada, um manifestante trazia uma panela que batia. Nela, estava escrito “Fora Temer e Fora Renan”. Foi uma das pouquíssimas menções ao presidente que eu vi.

Parei para ver os tapumes da esquina com a Leôncio de Carvalho. Tinha um daqueles Pelés que abraçam pessoas, e este aqui abraçava a Mona Lisa. Um lambe-lambe contava: “Podemos escolher o que semear, mas somos obrigados a colher o que plantamos”.

Encontrei os vizinhos C e P. Trocamos impressões e falamos um pouco de diferentes sistemas de representação. Segui pela avenida, agora no sentido Consolação. As sombras dos prédios tinham se alongado e estava mais fresco. Notei que a manifestação engrossara.

Vi uma camiseta amarela com os dizeres “#Vaipracima”. Um homem negro de boina militar arengava o público com seu megafone, enquanto outro moço mais jovem, também negro, segurava um cartaz: “Só a intervenção militar salva”, com um número de telefone para contato. Ninguém dava bola.

Cartazes de manifestantes: “Temer, você é o próximo”, “Contra o foro privilegiado”, “Gilmar Mendes, nós sabemos por quê assinamos as 10 medidas”. O ministro do STF se posicionara contra as medidas, ou pelo menos contra algumas delas. Aliás, o editorial do Estadão da segunda-feira também.

Ainda: “100% Moro”, “Eu sou Moro”, “Somos todo Moro”, “Apoiamos Moro”, “Parabéns Sérgio Moro”, “In Moro We Trust”, “Viva Moro”. Camiseta: ‘Meu partido é o Brasil’.

Mais adiante, em frente à Gazeta, vejo um ajuntamento de pessoas e uma força com a máscara do Lula por cima das cabeças. Era o jornalista Villa que era tietado pela pequena multidão. “Villa presidente!” gritou um. Muito selfie e sorriso.

Segui. Cheguei ao carro do MBL, e agora toda a sua liderança estava lá: Renan, Kim e os outros. Eles não estavam em cima do carro de som, mas num tablado bem baixo. Tinha mais gente assistindo. Achei que valia a pena ficar e ouvir as orações.

Falava um moço com cara de menino e boné virado. Chamou muito Fora Renan! e se referiu a ele como “coronel”. Disse que viajara pelas cidades mais pobres do Brasil e viu que no país há muitos pequenos Renans, no poder desde as capitânicas hereditárias. A tese geral é que o atraso brasileiro, do qual o coronelismo é parte, deve-se ao patrimonialismo do Estado. “É preciso acabar com o privilégio”, e as reformas sozinhas não adiantam nada sem derrotar a corrupção (“Moro, Moro” entoava a multidão). “A quadrilha vermelha destruiu o país”.

Continuou: “As ruas pertenciam ao lado vermelho, mas nós as tomamos de volta”. “Estamos cansados de propostas populistas, eles estão invadindo as escolas e universidades, incluindo a UNIFESP. A gente vai desocupar todas elas!”. A multidão gritava “Desocupa, desocupa!”. “Fizemos um trabalho e desocupamos escolas no Paraná, em Minas, Porto Alegre e um pouco em São Paulo.” “Vamos combater a corrupção na universidade!”.



Depois ele fez uma crítica aos supersalários do Judiciário. Elogiou Moro, mas disse que os juízes que recebem salários acima do limite constitucional precisam ser punidos, e o serviço precisa ser melhorado.

Um menino de 5 anos veio ao microfone e chamou um Fora Renan!

Falou então um líder do MBL, também chamado Renan. Brincou com ser xará de Calheiros. Ele era bem articulado, e ele disse que, no movimento, ele é quem conversa com deputados e faz pressão no Congresso.

Ele começou descascando qualquer aliança ou convergência com a esquerda na pauta anti-corrupção. Analisou que nenhuma esquerda tem legitimidade para falar de corrupção e que o que esta quer é manipular o movimento e produzir um Fora Temer! “Quando a extrema esquerda mandou seus bandos destruir Brasília, não foi contra o estupro das 10 medidas contra a corrupção, mas sim contra a redução do Estado pela PEC”. Criticou a afirmação de Alexandre Frota ‘a direita é frouxa’ e afirmou que eles eram ordeiros. “Não queremos ser manipulados pelo PT, que quer nos impor o Fora Temer!, para conseguir eleger o lixo da Marina Silva e o escroto do Ciro Gomes”.

Ele também citou um site “de extrema esquerda, com Jean Willys e FHC, o Quebrando Tabus”. Afirmou que o site agora celebrava as manifestações, querendo “que nós trabalhássemos para eles”. “Eu não saio com bandido na rua, aqui não vi ninguém de vermelho”. “E quando foi na hora de votar as emendas, as maiores parcelas de bancadas que votaram a favor foram do PT e PSDB.”

Incluiu a imprensa na tentativa de cooptação e manipulação. “Esta manifestação é a primeira em que não somos chamados de golpistas”, e que “os jornalista vermelhos da GloboNews tiveram que admitir que a manifestação é grande” e “eles querem nos conduzir para o Fora Temer!”. “Quando teve o impeachment, a imprensa era nossa inimiga. Mas vencemos na rua”. Acho difícil dar crédito a esse ataque, já que a Globo e o PIG em geral fizeram bombar a derrubada da Dilma. Mas de fato, no dia seguinte, o Estado não deu os números de manifestantes de hoje, e só citou a PM que avaliou em 15 mil, o que é mentira, tinha pelo menos 100 mil. A pauta da imprensa parece ser mais governista e menos movimento. Quando a repórter e câmera da GloboNews foram gravar lá na frente, um outro orador disse “olha lá, a Globo está filmando onde tem pouca gente, para parecer que não veio ninguém”. Imediatamente

umas 200 pessoas foram cercar a equipe gritando Fora Renan! Ficou meio tenso, e outro líder do MBL pediu para que as pessoas voltassem para perto do palco.

Numa linha mais liberal, ele falou contra os privilégios em geral e contra o judiciário em particular: “Apoiamos o Sérgio Moro, mas o judiciário não funciona”. Disse que as reformas propostas por Temer vão igualar todas as aposentadorias e combater o privilégio. “Precisamos vencer a casta que se instalou em Brasília”. “Defendemos a liberdade que a esquerda nunca defendeu!”.

Para lidar com o fato de que eles atuam na política institucional, afirmou que “nós usamos os políticos, e não o contrário”. Admitiram ter por amigos o deputado Marchezan Jr e também que o deputado Maia é do mesmo DEM do vereador eleito Holiday.

Um ciclista parou e ouviu um pouco, e aí reclamou que “eles nunca falam do PSDB”. Ao lado, vi uma camiseta “Jiu-Jitsu brasileiro”. Cartazes: “Minha bandeira é verde e amarela”, “abuso de autoridade é legislar em causa própria”, mais um “intervenção militar já” e “Somos 200 mil contra poucos ladrões”. Passou uma pessoa com um daqueles bonequinhos infláveis, mas este tinha a imagem do Japonês da Federal conduzindo Lula. Um maluco vestia um boné do Super Mário. Na frente da sua camiseta lia-se: “Mário, que Mário?”. Atrás, na altura dos ombros “aquele que...”.

A seguir falou o vereador Holiday. Não elaborou sobre a situação política, e focou totalmente sobre Cuba. Falou mal de Fidel e da Revolução, de Dilma e de Lula por terem ido ao funeral, de Aécio por não ter atacado o cubano. “O lugar de Lula não é em Cuba, mas nas frias cadeias de Curitiba”. Disse que Dilma merecia ser presa por seus crimes enquanto presidenta e também por sua militância “terrorista”.

Kim Kataguirí falou sem muito brilho ou novidade. “A velha política acabou”. Disse que “não importa qual o partido, político bandido tem que ir pra cadeia, todos eles, cada um deles”. A multidão: “Lula na cadeia!”. Falou outro moço, acho que um youtuber, chamado Artur. Disse que é preciso combater o discurso da esquerda, “que é sedutor e promete um lugar para todo mundo”, “mas eles escondem as limitações às liberdades econômicas. Defendemos as liberdades individuais mas também as econômicas”.

Aí veio um moço que é estudante e líder do MBL. Começou dizendo que existe sim uma empresa estatal que funciona: “a cadeia!”. Depois falou do que chamou de corrupção na universidade. Disse que a “UFRJ é um antro de comunistas, inclusive de todo o mundo. Vem gente do exterior por intercâmbio dizer que o socialismo funciona quando isso é mentira”. Afirmou que a UFRJ “elegeu um sindicalista do PSOL para reitor e ele tem que ir preso por ter dado direito a férias para as pessoas irem à manifestação em Brasília”. Quando o MBL foi fazer a “lavagem liberal da FFLCH”, onde ele estuda, “fomos chamados de viados”. “Eles aplaudem a Marilena Chauí que é o papagaio do PT”. A multidão, agora grossa, entoava: “USP livre! USP livre!”. “Eles são contra a PEC porque querem mais dinheiro para os políticos”. “Temos que ter cuidado com o que estão ensinando nas universidades e escolas”, pois lá estão “nossos filhos e nossos netos”. “As crianças estão sendo doutrinados para que se volte a ter um governo de esquerda”. “Fizemos um trabalho de desocupação em todo o Brasil”. “Como Bin Laden, eles se enfiaram no último refúgio que eles tem: a educação, pois perderam todo o resto.” “Tomamos muita porrada juntos, mas fizemos uma limpa”. “Eu sou de guarulhos e prometo ir expulsar os vagabundos da UNIFESP!”.

Eram 17:30 e passou o faixão dos intervencionistas. Um deles começou a gritar para o MBL: “Oportunistas! Oportunistas!”. Achei interessante essa tensão. Em tempos de realinhamento pós-neoliberalismo, deve haver uma disputa pelo protagonismo da nova ordem. Acho que o MBL se aproximou da política institucional e está na frente em termos de organização e capilarização. Mas sua sorte está selada com a sobrevivência do sistema, e o cetro jacobino pode passar aos radicais intervencionistas. Achava que o Vempraru fosse mais PSDB, mas fui informado que eles são “louções” e abraçam qualquer proposta que pareça boa. Se o MBL for genuinamente liberal-globalista, o espaço aberto por Trump será tomado por outra agremiação. Em todos os casos a esquerda será o Judas a malhar, os comunistas lato sensu.

Fiquei mais um pouco, só um orador mais. Além da arenga política, uma ou duas pontuações interessantes. Ele condenou o culto personalista e pediu mobilização “sem idolatria”. Afirmou também que “desde 2014 as reformas estão passando, é uma revolução no Brasil”. Disse também que o deputado Onyx teve a coragem de emendar as 10 Propostas do MPF em aspectos que de fato eram exagerados, como o Habeas

Corpus. Mas que a lei afinal votada não foi de sua autoria, e “a elite política estuprou as emendas”. Termina com “uma salva de palmas para a PM”.

Saí fora às 18h e continuei a caminhar em direção à Consolação. Vi ainda as mensagens: mais um “Lula na cadeia” e “Quando você se apaixona pelo partido, você acaba traindo o Brasil. Minha luta é contra a corrupção”. Vi os grupos encerrando suas manifestações e recolhendo o material nos carros de som. Um deles irradiava um Pai Nosso final. Uma barraca de intervencionistas recolhia assinaturas de apoio: “Precisamos passar o Brasil a limpo”.

Numa saída da estação Trianon-MASP do metrô vi uns 300 papeizinhos daqueles “post-it” colados no vidro. As pessoas tinham escrito mensagens ao senado e afixado-as lá. Era vistoso. Vi um homem fantasiado de presidiário com a máscara do Lula. Além disso, vestia um colar de latas de cerveja e tinha uma garrafa de pinga nas mãos. Observei o Villa de novo, agora perto do carro da VPR, ainda muito assediado.

Na ilha central em frente ao MASP um jovem de terno mas sem calças, de cueca e chinelos fofinhos com focinho de cachorro, deitado numa cama armada ali ao ar livre. De óculos escuro e gravata, abanava-se com notas de dinheiro. Na cabeceira, um cartaz: “Deitado em berço esplêndido, somente os nossos políticos”. Era muito fotografado.

Um homem na calçada tirava uma selfie com dois policiais. Um outro segurava um cartaz: “Veta Senado, senão o pau come. Renan, seu bostão!”. Já escurecendo, vi ainda um “Fora todos!”. Virei para retornar ao Paraíso no Conjunto Nacional, e pude reparar melhor no “Muro da Vergonha”, à altura da Casa Branca, que era um plástico grande com as figuras dos 15 senadores que votaram a emenda: “Quem votou pela urgência não merece nosso voto”. Vi uma camiseta: “Se o Moro chamar eu vou”, e um cartaz “Quero 513 clones do Moro”. Adiante tinha um bonecão daqueles de Olinda, e era a figura do Sérgio Moro. Muita gente tirando foto junto. Adiante, vi um carroceiro negro que tem 5 filhos e sempre aparece em manifestação coxinha, vestidos de verde e amarelo e com bandeiras brasileiras na carroça. Desta vez tinha dois cartazes, um “Fora Temer!” e outro “Fora todos eles!”. Nessa hora vi o Marcelo Reis do Revoltados Online, sozinho numa bicicleta com câmera acoplada. Eles parou junto ao carroceiro e interagiu com ele e as crianças, filmando.

Encontrei L dos Jornalistas Livres e avaliamos a manifestação em mais de 100 mil, um número expressivo. Ele me falou um pouco dos bastidores dos movimento envolvidos no ato. Segui adiante e vi à esquerda uma bandeira “Pátria Amada Corinthians”. Logo depois da Brigadeiro vi um senhor com duas bandeiras, penduradas na frente e atrás de seu corpo, do Brasil e da Itália. Levava ainda um cetro, uma coroa e vestia uma máscara de porco. Gritava: “Sou rei, sou rei, sou rei! Sou rei desta merda de país! Quem votou no PT tem que se fuder: tudo desempregado.”

Deixei-o para trás e no tapume adiante reparei no lambe: “Amor preso no trânsito”.

Virei na Praça Oswaldo Cruz para alcançar o Monte Carlo e beber alguma coisa. No caminho, sentada na calçada, vi uma família moradora de rua que já tinha visto outras vezes. Um dos pequenos meninos tinha nas mãos um pixuleco do Lula presidiário e outro do Super Moro.

Eram 18:30. Tomei uma e fui para casa.

## **6 de dezembro**

Ontem de noite caiu o Renan Calheiros. Ele perdeu seu posto de presidente por ser réu no Supremo. O ministro M Aurélio Mello acatou pedido da Rede. O boato agora de manhã é que seu vice, Jorge Viana do PT, vai barrar todas as pautas de interesse do governo. Renan disse agora que vai esperar a decisão do plenário do STF e segue na posição.

No Rio a votação do pacote de reformas acontece ao mesmo tempo que manifestantes protestavam na frente. Parece que havia muito bombas e gás, que chegavam até o plenário. Vi em um vídeo mascarados com rojões ao lado de homens com a camiseta da Polícia Penal. Vi outro vídeo de uma coluna do Choque, de escudos, seguido de uma multidão de uns 200 manifestantes. Comentários abaixo diziam que, ao contrário das vozes no áudio celebrando a combinação, não era uma deserção ou virada de casaca por parte dos policiais, mas que, quando a coluna chegou ao seu batalhão, virou e atirou sobre os manifestantes... Mas é verdade que muitos policiais estão com seus salários atrasados e a isenção dos militares das novas regras da Previdência teria deixado muito policial civil e federal puto.

Repercute também as imagens de PMs atirando balas de borracha e bombas no primeiro andar de uma igreja que invadiram. No Rio de Janeiro é tudo diferente.

## **7 de dezembro**

Domina o noticiário de manhã um suposto acordo no STF que manteria Renan no Senado. Talvez a percepção de deixar a presidência da Casa com o PT era um risco alto demais para o golpe. A imprensa deixou a sensação de que o PT talvez não se empenhe muito em barrar a PEC do Fim do Mundo. Rolou o boato que Viana renunciaria caso Renan seja afastado.

## **8 de dezembro – Balança Renan**

Reverbera forte por todos os lados o arranjo do STF: o Supremo não depôs Renan mas apenas o excluiu da linha sucessória. Ficou mal para todos os lados: o senador desafiou a decisão de Mello e não recebeu intimação sem ser punido. Gilmar Mendes atacou seu colega M Aurélio e pediu seu impeachment. Carmem Lúcia saiu como articuladora do arranjo (telefonemas na manhã do julgamento) e se desabona como presidenta-tampão. Os congressistas ficaram como protetores de um réu corrupto, mesmo que eles se vejam como barreira contra a interferência do Judiciário. O senador do PT Viana saiu como quem não aproveitou a situação para tomar a presidência e barrar a votação da PEC. Os argumentos jurídicos que não valeram para Dilma valeram para Renan.

De todo o lado que se olha, ficou evidente que a decisão foi para preservar Renan, que ainda é útil na condução da votação da pauta governista, ao mesmo tempo que garantiu que a questão dos supersalários do Judiciário fica enterrada.

A repercussão na direita foi de indignação mas também de perplexidade. Os comentários nos jornalões e em sites de direita deixam ver raiva, já que dias atrás a saída do Renan era pedida aos gritos. O que ficou evidente que há uma cumplicidade institucional entre os poderosos, e que na real a pauta Fora Renan! foi uma cortina de fumaça para iludir quem foi às ruas. Mas alguns comentaristas de direita avisaram que havia o perigo real do PT reverter as votações, um “golpe da esquerda”, e que o preço foi a manutenção de Renan. Mas certos movimentos mais próximos do poder, como o MBL, têm dificuldade em se explicar e em se posicionar. Para a direita, a política como



um todo é uma farsa e está sujeita a cancelamento. Só o Sérgio Moro está fora disso. O salvacionismo bonapartista fica cada vez mais viável.

Para a dita “pessoa de bem” (para usar a nomenclatura do Tales Ab’Saber) que não é necessariamente anti-petista e que é genuinamente contra a corrupção, ficou sem entender. O derretimento institucional ficou muito evidente para todo mundo (os poderes estão “harmonicamente em crise”), e o Fora Todos! ganha força em todos os campos. Para a esquerda, fica evidente que quem dá as cartas é o setor financeiro, que faz e desfaz instituições conforme necessário.

A esquerda não-petista impaciente e indignada com as hesitações da bancada parlamentar que deixou passar uma chance dourada de bagunçar a votação e forçar uma crise quiçá terminal do governo Temer. Teria sido possível barrar a votação da PEC, como defendeu Lindbergh, ainda que a crise institucional resultante pudesse ter consequências imprevisíveis. O PT teria tomado posição diferente de Viana e preferia ter forçado uma crise.

## **9 de dezembro – Cristina Kirchner em São Paulo**

Desci a rua Vergueiro a pé em direção à Casa de Portugal. Fui ver o encontro com Cristina Kirchner e Dilma. Nunca tinha ouvido CK falar em pessoa, e achei que poderia ser um contraponto mais leve e divertido à manifestação coxinha do domingo. Apesar de o evento ter tomado o formato de conferência, tratava-se claramente de um encontro militante, de tietagem explícita de lideranças. Mas, na linha do “a última vez”, achei que valia a pena checar.

Eram 17:30h e, caminhado pela avenida vi uma revista na banca, que era uma biografia de Fidel Castro. Havia outras com mesmo tema. Recentemente, nos últimos dois anos, tenho notado o crescimento no número de revistas desse tipo, relacionadas a Hitler e ao nazismo, nas bancas da cidade, incluindo publicações como a Super Interessante. Algumas são na linha “Grandes Vilões da História”, outros ainda exploram a linha mística com títulos do tipo “Hitler e o Ocultismo”. Mas várias delas são celebrações pouco disfarçadas. Acho que esse tipo de biografia histórica encontra eco em canais de TV como o History Channel, que entendem a história como o relato de vidas excepcionais. A política como novela é sua irmã-gêmea.

Caminhando para além da estação São Joaquim, lembrei que no metrô tinha visto um jovem casal negro se beijando dentro do vagão, de manhã. Ele vestia uma camisa bonita, de belo desenho ao estilo futebolístico. Nas costas, trazia um punho cerrado e abaixo a inscrição “Carlos Marighela”. Em cima, à altura dos ombros, “1969”.

Cheguei à Casa de Portugal e já tinha uma fila considerável. Fiquei muito admirado da maioria ser esmagadoramente jovem. Eram quase 18h, e tentei dar o golpe do caderninho para obter acesso restrito à imprensa. Conversei na mesa da imprensa, mas a moça disse que os crachás estavam contados, e anotou meu nome e telefone no caso de sobrar um. Conformei-me e peguei um lugar na fila.

Uma moça atrás de mim contava que viera da Assembleia Legislativa onde uma CPI dos Direitos Humanos, que fora chamada pelo Coronel Telhada, estivera em sessão. Uma mesa de camisetas perto da porta trazia retratos de Rosa Luxemburgo, Pepe Mujica e um Fora Temer!. Vi muito adesivo do PT e da Dilma colados nas camisetas das pessoas.

Lá dentro achei lugar nas cadeiras brancas de trás, mas o povo pressionou (“libera a cadeira! Libera a cadeira!”) e abriram o acesso para as cadeiras da frente. Fiquei num lugar bom. Como era cedo, dei um giro pelo salão e dei uma olhada nas pessoas. Meio a meio em relação a homens e mulheres. Muitos jovens de 15 a 25, incluindo muitos secundaristas. Também, vários velhos militantes ao redor dos 50. Faltava ainda mais de meia hora para começar.

Vi uma camiseta com a mensagem “La patria es el otro”, Uma camisa azul e branca da seleção argentina trazia também o logo do patrocinador: “Hipotecario”. Outra trazia “el lugar de un militante es junto al pueblo”, e outra ainda: “I Love Cuba” onde o coração substituíra o verbo. Uma moça de rosa vermelha no cabelo vestia a camiseta com a mensagem “Respeite as mina, as mana e as mona”. Vi uma bandeira do PT, duas da campanha da Dilma, e ainda uma outra da Argentina. A UJS estava presente em corpo e bandeira. Não vi nenhum movimento social presente, exceto a CUT na organização do evento.

Uma turma tinha vários cartazes que já vira em manifestações: “STF, anula o impeachment!”. Eles postaram vários cartazes ao pé da mesa e também ficaram de pé com suas mensagens viradas para o público. A bolinha de luz projetada pela bazuca

estava lá, levando suas mensagens ao teto do lugar: “Diretas Já”, o rosto de Lula, de Dilma e de Cristina. Ainda: “Lutar é um direito” e “Globo mente”.

Distribuíram um jornal, “Página 13”, que é da tendência petista “Alternativa de Esquerda”. Também recebi um leque simples de papelão, com a figura de Dilma. Achei a estética meio maoísta, o perfil da presidenta ao lado de um sol nascente que na verdade é meia bandeira brasileira, atrás de uma multidão vermelha. Um texto fechava o design. Atrás, um texto mais longo do “Coletivo Unidos Contra o Golpe”.

A bola de luz voltou com as mensagens “#Libertad a Milagro Sola”, “SOS SUS”, “Que os ricos paguem”, “Não à PEC 55”, “Hasta siempre Fidel”.

Um grupo de uns 30 jovens, de pé no corredor, começou a entoar palavras de ordem peronistas. Achei que não eram de fato argentinos, e depois ficou claro que eram um coletivo de estudantes do PT. Foram muito aplaudidos.

Eram 19h e chegaram Dilma e Cristina Kirchner, ovacionadas. Os meninos do PT puxaram “Dilma, Maduro, Evo e Cristina, fora o imperialismo da América Latina!”.

As muitas pessoas com smartphones e similares erguiam seus aparatos para fotografar, o que deixava quem está atrás putu.

Muito “Volta Querida!” e “Fora Temer!”. Difícil a esta altura não formular que o retorno de Dilma não tem nenhum sentido, a despeito da justiça jurídica que a restauração de seu mandato possa implicar. Ela teria o mesmo Congresso contra si, metade da população do Brasil indignada, e deus sabe qual seria o seu programa de governo e as alianças que faria para se manter no poder. Ela já deu uma guinada de 180 graus antes. Os mesmos problemas assombram uma eventual candidatura de Lula.

A mesa era toda de mulheres: Iole Ilíada (um nome formidável) da Fundação Perseu Abramo, Mônica Valente, a secretária das relações exteriores do PT, Dilma e Cristina. Iole falou primeiro e traçou breve histórico dos governos progressistas da América Latina nas últimas décadas. Saudou muitos dos presentes, incluindo o presidente do partido Rui Falcão. Esperava uma vaia ou pelo menos um aplauso diminuído, dada a sua atuação pífia na condução do PT durante a crise, impedindo o partido de honrar a sua história. Mas o aplauso sem reservas me fez cair em mim, entendendo que o

evento todo era bem chapa-branca. O partido não vai se renovar por dentro. Mônica falou um tanto e depois cedeu a palavra a Dilma.

Sua fala não foi empolgante, e foi fiel à sua retórica usual: meio atrapalhada, digressiva, certamente um pesadelo para as tradutoras presentes. Defendeu suas políticas sociais mas não traçou nenhuma visão de futuro. Enumerou os seus programas e repetiu o diagnóstico petista: o golpe foi uma reação à inclusão e aos avanços sociais logrados pelo partido. Posicionou a administração do PT como socialdemocrata (não usou este termo) contra o neoliberalismo, que achou maneiras de hoje voltar a ser hegemônico por vias golpistas. Poderia ter sido um discurso da campanha de 2014 (ou 2010). Nada parece ter aprendido com o golpe.

Depois de muitos minutos, Dilma recebeu um papel da mesa alertando que seu tempo terminava. Ela concluiu dizendo que era preciso taxar o capital e que isso não foi possível de fazer antes porque o Congresso não aprovaria. Chamou a reforma política e as Diretas Já ao concluir, agora já com um bolo de fotógrafos à sua frente, abaixo do palco.

Cristina tomou o pódio sob intenso aplauso. Ela fala muito bem, e, depois de Dilma, era verdadeiramente um bálsamo acompanhar um discurso bem urdido. O cabelo de Cristina, lendariamente impecável, estava belamente arranjado, e era objeto de frequente atenção de sua mão.

É sempre notável o paradoxo latinoamericano: nós entendemos o espanhol mas eles não entendem o português. Todos os latinoamericanos presentes (alguns deputados e burocratas de países vizinhos) tinham recorrido à tradução simultânea, em vez de encarar o português do Brasil. Mas Cristina falou sem tradutor e era possível entender quase sempre, exceto quando falava rápido ou carregava no portenho.

Apesar de mais articulada e hábil oradora, a exposição de Cristina foi essencialmente a mesma de Dilma: defendeu seus programas de inclusão (pelo consumo), suas políticas compensatórias, o modelo desenvolvimentista industrialista. Contrapôs sua administração à hegemonia neoliberal dos anos 90, sublinhando a inversão de prioridades em um e outro caso. Marcou bastante o contraste com os índices econômicos argentinos de hoje.

Mas ao final fez uma pergunta boa: “se as conquistas em termos de bem-estar e vantagens econômicas para a maioria foram tão marcantes, por que é que o projeto progressista foi derrotado?”. Suas respostas não foram muito boas, e recorreu à explicação pela ilusão do merecimento pessoal ao invés do reconhecimento da política governamental. Falou do poder do complexo midiático e seu poder de impor narrativas. Mas articulou claramente que é necessário recompor maiorias, criar frentes sociais amplas com aqueles agredidos pelas novas políticas neoliberais (e os “iludidos”), não só de resistência mas também de formulação. Disse que os partidos não são os únicos agentes nessa construção.

Terminou sua fala muito aplaudida, com apelos à militância continuada. Ela e Dilma se abraçaram, em meio a muitos sorrisos. Formou-se uma multidão na frente do palco, e Cristina e depois Dilma fizeram festa com os assistentes.

Saí e subi a Vergueiro lotada de estudantes. Passei pela estação São Joaquim, virei à esquerda e fui para casa.

## **10 de dezembro**

Vi hoje um vídeo do Bolsonaro onde ele acusa Miriam Leitão de ser comunista, e o prova com sua filiação, aos tempos do movimento estudantil, de entidade esquerdista. Ele a ataca por ter questionado o fato dos militares estarem de fora da reforma previdenciária. [*A antiga filiação de Míriam é verdade*] e dá um gás à lenda da Globo comunista”, que tanto anima a extrema-direita]

O site do MBL no FB me parece fraco de postagens e muito forte em comentários divergentes de sua linha principal. Muitos militaristas contra a reforma da previdência, um clima geral anti-Temer/Renan que a direção do movimento não parece conseguir contemplar. Dá a impressão que a liderança não mais cultiva a militância, de quem não precisa mais.

Um placar de votação de usuários no FB diz que com Dilma era melhor do que com Temer.

As delações da Odebrecht estão vazando e atingem Serra, Alckmin, Temer e aliados próximos ao presidente. A operação Zelotes, por outro lado, denuncia Lula e seu filho por tráfico de influência, mesmo sendo fora do mandato do metalúrgico. Há um boato

antigo de prisões de alto calibre para o natal (isto é, Lula). Há quem diga que agora não dá para dizer que a Lava Jato não atinge só o PT. Resta saber quem realmente vai para a cadeia – prisão perpétua para Dirceu mas tornozeleira na mansão para Machado. Denúncias há de monte.

Moro teria sofrido um escracho em palestra que deu em Heidelberg, na Alemanha. A ONU condena a PEC 55 por ser contrária aos direitos fundamentais da pessoa humana. Bomba nas redes memes com a foto do Aécio e do Moro juntos na premiação da Istoé.

Fui ver de novo a peça que é a encenação do texto da reunião do Conselho de Segurança Nacional de 1968, que discutiu o AI-5, desta vez no Casarão da rua Pedroso, na Bela Vista. Foi bem legal. Lá estavam E, R, G V e S.

### **12 de dezembro – Delações da Odebrecht**

O final de semana foi dominado pela lista da Odebrecht. Parece que Temer e aliados vão pedir a anulação das delações, pois estas foram vazadas ilegalmente. O ministro Teori ainda tem que protocolar as delações, então há vários passos antes que os processos realmente comecem.

Repercute a pesquisa Datafolha, que acusa um crescimento de Lula em termos gerais. Ele ganha em todos os cenários de primeiro turno e só Marina o derrota no segundo. Os tucanos declinaram em popularidade, e Temer e suas políticas afundam na rejeição. A PEC e a reforma de Previdência são muito mal avaliadas.

Viralizou nos sites de esquerda o vídeo onde Moro e a defesa de Lula batem boca. Para estes, é um exemplo da parcialidade da investigação, mas tenho certeza que na direita o mesmo vídeo circula com avaliação oposta.

### **13 de dezembro – Várias manifestações separadas**

A crise fica inchando e há tensão de todos os lados. Para o campo popular, só uma irrupção incendiária das ruas impediria a aprovação da PEC e os arranjos palacianos de sucessão, acirrando a presente crise.

Dá para ver que a direita está dividida: os movimentos de rua (MBL e Vemprarua) estão a hesitar entre a defesa de Temer e mobilizações jacobinas, e têm que lidar com



apoiadores seus putos com as novas regras da aposentadoria e defesa do governo (o arranjo Renan caiu super mal); o empresário Benjamin Steinbruch pede “imediate redução da Selic em pelo menos dois pontos percentuais”, afrontando claramente o sistema financeiro que até agora é o maior ganhador de todos; Reinaldo Azevedo dá bronca no que chama de “direita burra”, que bombou a popularidade de Lula ao criminalizá-lo e mobilizar o aparato policial-judicial (ao mesmo tempo que sugere que só a polícia agora vai pará-lo); a base do governo parece que está a se desintegrar, mas ninguém sabe se as reformas realmente correm perigo.

A imprensa de esquerda fica bombando diretas já, enquanto FHC diz que não é candidato. O PIG tem pressa de aprovar as reformas em pauta, e as eleições diretas são o pior cenário para eles depois de uma eventual renúncia-bomba de Temer.

Li no Nassif que nos últimos dias o Exército ocupou Recife, devido a uma greve de soldados da PM. Nas TVs locais, o comandante do Exército fala sobre a quantidade de soldados disponíveis para policiamento ostensivo nas principais capitais, incluindo Brasília.

A PEC foi aprovada agora de tarde. Repercute a queda do aliado de Temer, o Yunes. Morreu D. Paulo Evaristo Arns.

Saí da estação Sé do metrô em direção ao Tetro Municipal para uma série de manifestações. Tinha uma marcha da Frente Antifascista SP, que a seguir iria seguir para o Parque D. Pedro, onde haveria uma manifestação contra a PEC 55 chamada por autonomistas, como o POEMA, Democracia na Real e Terra Livre. Depois subiria à Praça do Ciclista na Paulista para o ato chamado pela Frente Brasil Sem Medo, também contra a PEC.

É de se lamentar que haja atos separados sobre a mesma pauta na mesma hora. É muito evidente que o momento é da última chance de tentar uma irrupção de mobilização geral contra o governo, que está cambaleando. Cada esquerda está com seu diagnóstico e busca mobilizar a população sem passar por seus colegas de campo. O fato consumado da votação da PEC também não ajudava o ânimo militante.

Cheguei ao Teatro às 17:30h e tinha um pequeno grupo ao pé da escadaria. Contei 40 pessoas, na maioria jovens ao redor de uns 20 anos, de classe média. Vi quatro

bandeiras, uma preta com “CAB” e o A anarquista, uma vermelha com a foice e o martelo “1917-2017”, e duas outras pretas e vermelhas.

Sentei na escadaria para esperar E, que se demorava. O centro estava no seu normal, com bastante gente andando pelas ruas, ao som de um cantor popular ali na frente. Ao lado, um moço fazia embaixadas com vários tipos de bola, no meio de uma roda de gente. Na Barão de Itapetininga, tinha um sofá com bonecos dos Simpsons: a idéia era você sentar e tirar uma foto.

Pouco depois de eu me sentar na escadaria, o grupo saiu e segui junto com eles, sem o E. Na esquina do Viaduto do Chá, encontrei o fotógrafo que sempre está presente e ele também não sabia onde íamos. Ele disse que tinha estado no Parque D. Pedro e não havia ninguém lá. O grupo mesmo discutia o que fazer, já que os atos esperados não pareciam ter materializado. Passou A, outro fotógrafo que conheço dos tempos do Prestes Maia. A coisa toda parecia dispersar e discutiam se iam para a Paulista ou não. Desisti de passar no Parque D. Pedro e saí em busca da Praça do Ciclista. Com receio do metrô lotado, fui até a Praça da República para subir a Consolação de ônibus. Logo peguei um Mercado da Lapa vazio e alcancei o topo da avenida.

Eram 18h e vi de longe os balões da APEOESP e CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação). Não havia carro de som (ufa!), e naquele momento tinha umas 100 pessoas. Vi apenas umas 10 motos da PM. Dei um giro e decidi checar o MASP, achei que talvez houvesse alguma coisa lá. Tomei um ônibus e voltei a pé, sem nada ver. Exceto um moço em frente ao Conjunto Nacional, que tocava músicas ao estilo das Guitarradas Paraenses – era o “Retirante Cósmico”. Quando eu voltava pela calçada, ele executava uma do Aldo Sena, e o povo em volta curtia muito. Ouvi um pouco e deixei uma nota de R\$2 no seu chapéu. Já perto da manifestação, um passante disse alto: “tem que fugir dessa manifestação aí, né?”. Tentei retorquir, mas passou o momento e ele sumiu na multidão. De resto, muito vestido estampado no calorzão paulistano. Passou um ônibus decorado com luzes natalinas.

A manifestação tinha engrossado e as pessoas iam chegando. Vi uma bandeira amarela do CONAM, uma do PT, duas do CMP (Central dos Movimentos Populares), uma do MDM da moradia, outra do Faísca Juventude e Revolução. Vários cartazes Fora Temer!, em diversas configurações, incluindo uma com o logo da Globo. Vi umas duas

camisas do Corinthians e mais outras do Coletivo Democracia Corinthiana. O PSOL estava presente em bandeira, camisetas e corpos, além de um faixão de plástico “Fora Temer! Diretas Já!”.

Achei que o recorte era clássico da Frente Brasil Sem Medo: a militância do MTST numerosa, dos assentamentos; muitos jovens organizados em coletivos e batuques, a maior parte universitários; e também velhos esquerdistas avulsos, homens e mulheres como eu, muitas vezes já grisalhos. Curiosamente, tinha um número muito alto de fumantes. As vias da avenida ainda estavam abertas, e vi pouca polícia e nenhum CET.

Dei um giro e vi bandeiras ou camisetas: do ULCM (Unificação das Lutas dos Cortiços por Moradia), Liberdade e Luta, MRT (Movimento Revolucionário dos Trabalhadores), CUT, INTERSINDICAL, MAIS (Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista), e um faixão da FBSM no chão. Um senhor com bandeira do PDT tinha uma camiseta com “Brizola Sempre”. Ele procurava conversar com quem quer que estivesse a seu lado: “Fora Temer não adianta, tem que ser contra o golpe!”. O Batuque Popular Carlos Marighella, do Levante Popular da Juventude, começou a tocar e animou o ato. Dois moços negros levantavam uma bandeira do Coletivo Palmarino. Outros jovens tinham bandeira e camiseta da Juventude e Revolução, outros da Juventude Vamos à Luta, que tinham também uma faixa “Fora Temer, Renan, Maia! Fora todos! Não à PEC 55”. Um cartaz do PCO trazia “Não à prisão de Lula”.

Uma banca de camisetas trazia mensagens como: “I see god and she is black”; “Eles passarão, eu passarinho”; “Verão da lata”, escrito como rótulo de uma lata mesmo; “Deixe a esquerda livre”; A outra banca de camisetas, do outro lado da praça, tinha peças com os retratos de Pepe Mujica, Frida Khalo, Rosa Luxemburgo, Mafalda, Marx, Che, Simone de Beauvoir e uma que dizia “Lugar de mulher é na revolução!”.

Um senhor tinha uma camiseta que dizia “Grow your own”. Vi um pirulito com “Fora Temer! Ação Petista”, além de uma camiseta da UJS, o estandarte laranja do RUA, uma bandeira da campanha da Dilma (o grupo riu muito quando alguém apontou que a legenda trazia “Vice Temer”). Um cartaz pedia “Auditoria da Dívida Já”. Vi F do teatro e cumprimentei. Uma bandeira do Brasil tinha sido grafitada com “Fora Temer!” e “Fora PEC!”. Vi dois moços do Território Livre, e tentei me recordar se era

este grupo o autor do cartaz “Prisão para Lula traidor da classe operária!” que ainda tem por aí. Chega o fotógrafo que encontrara lá no centro e trocamos algumas palavras. Vi o L dos Jornalistas Livres, que confirmou que nada aconteceu no Parque D. Pedro.

Cheguei perto dos militantes do MTST, concentrados em frente ao Instituto Cervantes. Muita animação e palavras de ordem: “Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga não atíça o formigueiro” e “1 2 3, 4 5 mil, ou chega a nossa casa ou paramos o Brasil”. Notei que tinha muitos homens entre eles, e não as mulheres e senhoras que são usuais no movimento. Achei que alguma coisa poderia rolar. Dois automóveis passaram buzinando e festejando. Isso aconteceu bastante durante o trajeto da passeata, mais do que eu já tinha visto este ano.

Eram 19h quando o ato saiu em passeata. O MTST abria o cortejo, e havia uns moços atrás da faixa da frente (“Não à PEC do Fim do Mundo”), de escudos feitos de compensado, cada um pintado com um letra: SEM MEDO. Chegaram E e M, que tinham estado no Parque D. Pedro e viram umas 100 pessoas, possivelmente o grupo do Teatro Municipal que lá chegara. Caminhamos juntos e tentei contar o número de manifestantes. Eu e E avaliávamos em voz alta os manifestantes em 2 ou 3 mil. Uma mulher que passava na passeata ouviu e disse “3 mil não, mais pra 2 mil”. Apesar disso, fechamos entre nós que tinha 3 mil.

Vi passar uma faixa “Por uma constituinte imposta pela luta! MRT!”, uma bandeira da UNE, um cartaz “Vacine-se contra o Temer golpista”, outro com “Diretas Já para presidente e Congresso”, a moça com o guarda-chuva vermelho onde ela escreveu Fora Temer!, uma faixa de plástico com “Veja os golpistas fascistas, nazistas do Brasil” e os retratos de Temer e outros 7 políticos, uma bandeira do PCB, uma da UJC, e outra do Movimento dos Atingidos por Barragens. Presentes a UPS (Unidade Popular e Socialista) e o Partido Operário Revolucionário. Vi o grupo que foi à Casa de Portugal outro dia: “STF Anule o golpe já”. São os dilmistas. Pirulito: “Diretas e Direitos Já!”. A Juventude do PT com seu batuque. Vi alguns companheiros do campo autonomista, avulsos. Um militante do MTST tinha uma camisa da CBF e uma bandeira do Brasil às mãos.

Havia uns três batuques e até tinha mais animação do que eu achava possível naquele momento. As palavras de ordem foram uma espécie de retrospectiva do ano: nenhuma delas nova, mas notei que a esquerda institucional, aqui bem representada, incorporou muitas das chamadas dos secundaristas e autonomistas. Dentre as muitas:

“Aqui está, o povo sem medo, sem medo de lutar”

“Criar, criar, poder popular!”

“Nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!”

“Ai, aiaiai, aiaiaiaiaiaiai, se empurrar o Temer cai!”

Ao som do funk “Atoladinha”: “Vai apoiar o Temer? Não,não, vou derrubar! Vou derrubar o Temer, vou derrubar o Temer, vou derrubar o Temer!”.

E muito “Fora Temer!”. A avenida estava cheia de gente, e notei vários transeuntes apoiando, além dos já citados carros que passavam em sentido contrário. É difícil extrair significado maior desse tipo de apoio aleatório, mas enfim. Encontramos N, PP e V.

No geral os companheiros acharam ok a mobilização, mas muito mais é necessário. Como a votação já fora consumada, a sensação de estarmos em um desfile de fim de ano era muito grande. O furamento das tramas institucionais pela rua não ocorreu. “Só quando a água chegar na bunda das pessoas é que vai ter rua forte”, avaliou M.

Lembrei de repente que alguém que estivera na manifestação coxinha de domingo ouviu uma oradora dizer ao microfone: “nós não somos gado! Nós somos os donos do gado!”. Vi antigas pichações anti-golpe no asfalto e nas calçadas. 2016 foi um ano intenso e cansativo.

Tínhamos cruzado a Augusta e passado pelo MASP. Em frente à FIESP, um grupo se destacou da manifestação e começou a forçar as grades da Federação. Alguns jogavam pedras e garrafas contra a longa vidraça que tem na fachada, além de fogos de artifício. A vidraça veio abaixo, igual aos filmes: ficou opaca de repente e caiu em pedaços. Os seguranças surtaram e não sabiam o que fazer. Muito rojão explodindo lá dentro, ribombando e faiscando uns clarões no meio do já escuro fim de tarde. As grades da FIESP tinham cedido e agora o alvo eram os vidros da porta de acesso aos

elevadores. Estes vieram abaixo também, e pouco depois os vidros do andar de baixo, onde foi a biblioteca. A palavra “golpe” foi escrita com spray na grade branca de fora. Tudo durou uns 10 minutos, sempre ao som das detonações, mas o local não foi ocupado. Na internet depois vi que um segurança lá dentro tinha uma arma em punho.

A passeata tinha se dividido em dois, e aos poucos se recompôs quando acabou a ação e o povo seguiu seu caminho. Ainda em frente a FIESP, os ativistas foram muito aplaudidos pela manifestação. A galera gritou muito “FIESP golpista!”. Notei que o Boulos tinha estado todo o tempo junto, com a faixa, desde o começo.

Seguimos pela avenida sem qualquer reação da PM, que tinha presença pouco numerosa. Passamos pela Gazeta ao som de “Aqui está, o povo sem medo, sem medo de lutar!”. As pessoas deram uma acordada e estavam energizadas com a ação. Esse ano ainda está preso na garganta. Vi nessa hora um cartaz: “A ponte caiu e o Temer nem percebeu”. No céu vi um helicóptero parado no ar.

Logo depois da Brigadeiro paramos e sentamos (“abaixa o cunha! Abaixa o cunha!”) na frente do Bar Domínio, com suas mesas na calçada. Eram 20h e fizemos um jogral, ao som das buzinas distantes, já totalmente escuro. Fizemos promessas de luta e votos de manter as mobilizações. “Diretas Já e FT!”.

A dispersão se deu muito lentamente. Uma coluna de uns 50 PMs, com dois atiradores, guardava a Brigadeiro. Ardia no chão a palavra “Luta”, escrita com lixo. Boulos dava entrevista atacando a FIESP. Vi um cartaz “Virada gourmet não!”. A bolinha de luz com mensagens estava lá de novo, levando mensagens às fachadas dos prédios: “FT!” e “Diretas Já!”.

Sáimos E, M e J para uma cerveja lá pertinho. M alertou sobre o pacote de maldades de Temer para os indígenas que vem antes do natal. O presente estado das esquerdas e do capitalismo foi também tema das conversas.

Lá pelas 21:30h chegou a notícia de que uma passeata chegara à frente da FIESP. Acharmos que era o pessoal do Parque D. Pedro. Li no jornal depois que houve ataque da PM na Brigadeiro do lado do centro. Em Brasília houve forte repressão aos manifestantes ainda na concentração. Muitas prisões e ameaça de usar a Lei de Segurança Nacional. Foi pesado. Em Recife o exército foi usado na repressão.



Caminhei pela avenida e fui para casa.

[Análise do mesmo Ato mas em Brasília, a partir do ponto de vista autonomista (por Niggark)]:

### *Legados e desafios*

*Seguem, enfim, algumas considerações finais sobre esta mobilização e questões futuras*

*1 - O ato do dia 13/12 de Brasília foi uma manifestação organizada em torno da Ação Direta; não foi um ato ordeiro desvirtuado pelos infiltrados. Ao contrário da manifestação passada, o setor que articulava um tipo de mobilização burocratizada e hierárquica não teve presença determinante na mobilização. Seja pelo aparato de segurança da polícia ter conflitado com o aparato instrumental destes setores ou mesmo por eles não terem investido seriamente na sua autoexpressão durante a mobilização. O conjunto de táticas, organizações, instrumentos e perspectivas da manifestação do dia 13/12 eram orientadas à metodologia de Ação Direta de Rua.*

*2 - A ação das forças do estado do Distrito Federal tomaram a cena mais uma vez. Em um primeiro momento, pela demonstração de eficácia, controle e rapidez na repressão à mobilização. Em um segundo momento, pela estranha ação de espriar os blocos de manifestantes pela cidade. Por fim, em sua capacidade de realização do terror urbano e persistência em perseguir manifestantes onde quer que estivessem. A polícia manteve o controle da mobilização, com uma vitória exemplar sobre a manifestação enquanto ela esteve na esplanada. Aparentemente perdeu a dimensão da ação tática quando a manifestação se espalhou pela cidade, entre engarrafamentos, blocos distintos e mudanças de trajetos. Todavia manteve-se em atividade firme mesmo quando aparentemente perdida taticamente.*

*3 - Junto à disciplina, equipamentos e organização tática, também ganhou destaque a crescente e latente expressão de ódio à manifestação, por parte dos policiais. Em diferentes espaços (seja nas mobilizações, redes sociais e na hora da detenção), agentes da polícia tem apresentado uma valoração pessoal odiosa*

*aos manifestantes, para além do exercício da lei. Este ódio expresso tem encontrado ressonância justamente junto aos setores nobres da população onde uma detenção massiva foi executada. Esta combinação de elementos deve sempre abrir um alerta a qualquer militante, pois carrega traços de violência política que leva a caminhos mais perigosos. Assim, os precedentes de criminalização pela Lei de Segurança Nacional e os relatos de tortura devem ser bem recordados pois podem indicar um acirramento muito mais radical que os que se vislumbra atualmente.*

*4 - A disposição à Ação Direta aparentemente foi a responsável pela manutenção da manifestação quando da primeira dispersão. Talvez, fosse um ato organizado com uma outra disposição, a resposta à primeira repressão violenta fosse de resignação. Todavia os ensinamentos e traumas do ato anterior foram convertidos em metodologias de resistência que, se não mantiveram o ato pela esplanada, espalharam-no pela cidade. Contraditoriamente, muitas pessoas relatavam que tentaram sair da manifestação mas em função da repressão direcionada não viram outra forma que não fosse seguir junto aos grupos organizados, como forma de autodefesa.*

*5 - Dado que a Ação Direta não é debatida abertamente por um amplo setor da esquerda há pelo menos algumas décadas, estamos em um estágio muito preliminar de suas dimensões. Esta característica crescente nas lutas atuais tem diversos méritos (defendidos por quem a emprega) e fragilidades (alardeados por quem a critica) que estão poucos baseados na experiência real vivenciada. Está em aberto a reflexão por parte dos grupos defensores da Ação Direta uma análise profunda sobre quais os possíveis limites e perigos destas formas de ação. Ao contrário de fragilizar, este debate pode trazer mais aprofundamento da perspectiva. Listando algumas questões, podemos refletir por exemplo sobre a contradição em realizar manifestações com métodos de ações direta antiestatistas e necessitar do apoio institucional para ser libertado/a da repressão (em algum momento a institucionalidade pode não comportar mais setores sensíveis às lutas). Também ficou a reflexão sobre como lidaremos com o perigo que enfrentamos: por sorte, algum cuidado dos manifestantes ou decisão*

*tática da repressão, nenhum manifestante se machucou mais seriamente. Por outro lado, o número de pessoas traumatizadas pós-manifestação é muito grande. A repressão à Ação Direta causou simultaneamente revolta popular e sequelas diversas em muitos/as militantes.*

*6 - Existem, na esquerda, três principais linhas de luta convivendo durante as mobilizações - expressas neste texto cada uma delas pela Frente Brasil Popular, Frente Povo Sem Medo e Setor de Ação Direta. Cada um destes três setores tem um trunfo específico que apresenta publicamente em suas lutas (infraestrutura institucional; capacidade organizativa; contundência na ação). Nas diferentes cidades brasileiras estes três setores tem convivido com mais cooperação ou conflito. Independentemente de quais fragilidades possam apontar um ao outro, todas estas estratégias tem sido derrotadas nas lutas objetivas.*

*“E com o bucho mais cheio comecei a pensar:  
Que eu me organizando posso desorganizar  
Que eu desorganizando posso me organizar  
Que eu me organizando posso desorganizar”,  
(Chico Science, da lama ao caos)*

*A Ação Direta não diz respeito somente a manifestações violentas; é um conceito que trata sobre romper com as mediações que sustentam a organização atual das coisas. As manifestações deste tipo atingem tanto o conteúdo da luta concreta (neste caso a pauta da PEC) como a forma da organização da sociedade capitalista. Ao propiciarem espaços de auto-organização, gestão direta das escolas/universidades, greves radicalizadas e ativas, espaços de luta não burocratizados ou hierárquicos, a luta contra a PEC da morte, ainda que derrotada objetivamente, possibilitou uma vitória que as lutas futuras não de herdar: aprendemos que nos organizando podemos desorganizar.*

## **15 de dezembro**

O ministro Fux determinou a devolução, para nova votação, do projeto das tais “10 medidas contra a Corrupção”, já modificado e aprovado por 313 deputados, para que seja novamente votado. Trata-se de uma interferência inédita do Judiciário. O

ministro Gilmar Mendes descascou a medida, chamando-a de “AI-5 do Judiciário”, dizendo que era o caso de fechar o Congresso e dar a chave à Lava Jato. Curioso recordar que foi Mendes que impediu Lula de ser nomeado ministro por causa de... vazamentos ilegais.

Panelas bateram no bairro contra Temer, às 20:30h. É o moço que sempre grita “golpista” e “FT!”. Acho que ele duela com outra voz que não ouço muito bem.

### **16 de dezembro – velório de D. Paulo Evaristo Arns na Sé**

Saí da estação Sé do metrô e olhei a praça. O corpo de D. Paulo Evaristo Arns ainda estava sendo velado na catedral. Antes de fazer outras coisas pelo centro da cidade, fiquei para ver.

A fila era grande, e chegava ao Marco Zero. Tomei meu lugar e imediatamente uma senhora veio ficar atrás de mim. Puxou conversa e desfiou suas memórias dos anos 70 e 80, mencionando D. Paulo, Ulysses Guimarães, José Dirceu e o PT. Mas nem todas as lembranças me pareceram confiáveis, pois ela afirmou categoricamente que D. Paulo era filiado ao Partido Comunista, o que não é verdade. Mas ela falou de algo de que me recordava, que era o comício das Diretas Já de 1984, quando D. Paulo falou do palanque, no exato lugar onde estávamos.

A grande maioria da multidão era de senhores e senhoras, perto dos 60-70. Mas havia também jovens, quase todos parte do que pareciam ser grupos católicos.

Afinal cheguei à porta de entrada e era possível ver o interior. A catedral estava lotada, iluminada de luz suave, e uma missa estava em andamento. Muitos telefones erguidos para registrar o evento em vídeo. Um coro masculino cantava uma melodia ao estilo gregoriano, mas o texto era em português. A fila onde eu estava avançava lentamente em direção à frente do altar, pelo corredor central. Lá estava o corpo de D. Paulo, deitado no caixão.

O oficiante pediu um aplauso para o D. Paulo. Toda a multidão aplaudiu, e a salva de palmas pousou sobre as cabeças como uma chuva leve.

Enquanto eu avançava lentamente pela nave central, uma lufada de vento lateral fazia a erguer os panos de uma bandeira branca lá na frente, perto do corpo. Por um momento achei que estava louco, mas a bandeira era mesmo do *Corinthians!* Pirei.

Cheguei perto de D. Paulo e passei do lado – não era possível parar. Paramentado, ele estava também meio amarelo. Dois dos três franciscanos ao seu lado pousaram suas mãos sobre a dele. A fila serpenteou para fora e ganhei as ruas.

Na praça do Patriarca, o grupo de teatro Pombas Urbanas tinha montado seu palco. Dentre a barraca, apetrechos e cenografia, uma placa: “Aki não é komédia”.

Almocei e fui para casa.

Li agora o artigo do general Rômulo Bini Pereira no Estado que alerta para o perigo da ingovernabilidade de um Brasil institucionalmente fraco. Sinaliza que as forças armadas podem intervir se a situação piorar: “um alerta”. Define os ativistas que invadiram o Congresso como pessoas que “Já não se intimidam com o patrulhamento e com o ‘politicamente correto’ tão apregoadado no Brasil”. Atribui a crise inteiramente ao PT.

Apesar da clareza da mensagem, não parece ter repercutido muito. Acho que prevalece ainda a noção de que “uma ditadura militar não seria tolerada pela comunidade internacional”. Hoje em dia, eu não sei. O esquema Clinton/Bush de fato não deixaria isso acontecer, mas o que dizer de Trump e seus falcões? Há muito em jogo no futuro governo tampão até 2018.

Repercute o incidente do ato da FBSM em Fortaleza. Desentendimento entre militantes autonomistas e do MTST acabaram em agressões aos anarquistas. Os relatos não deixam super claro o que aconteceu, mas parece que este grupo pode ter tomado a frente do ato sem combinar antes.

## **19 de dezembro**

O senador Lindbergh Farias perdeu seus direitos políticos por um ano por decisão de uma juíza de primeira instância. O STF já tinha julgado o caso e o arquivado.

Parece que as mobilizações contras as mudanças irreversíveis realizadas por quem menos tem legitimidade para fazê-lo (Temer e o Congresso) vão entrar no modo longa duração e abrimos um ciclo de 10 a 30 anos.

A esquerda segue fragmentada e cada campo delimita seu território e defende sua trincheira. Vai demorar para convergir ou para caminhar juntos na diferença. Há muitos recortes possíveis desse campo, mas diria que há certas forças gravitacionais detectáveis, grosso modo: petistas duros, ex-petistas desgarrados, pessolistas e demais agremiações socialistas, do lado da esquerda institucional. De alguma forma acreditam nos partidos e os veem como incontornáveis, mesmo que possam reconhecer defeitos no formato. Há movimentação para um novo partido, que parece que reuniria o PSOL, o MTST e a parte do PT ligada a Tarso Genro. Há também o reconhecimento de que os partidos e burocracias sindicais precisam de renovação e crítica, e que isso só virá de fora. O Quero Prévias contempla exatamente essa vontade, discutir plataformas e propostas antes de selecionar nomes. A esquerda não-institucional, autonomistas, anarquistas e deleuzianos, não priorizam o palco eleitoral e buscam outras formas de organização e luta. A figura da insurreição, ação direta e levante são prevalentes, no geral fiando-se que de alguma forma a luta institucional seja ultrapassada e algum tipo de organização emergja daí. Buscam capitalizar na crise da democracia representativa. Os secundaristas e 2013 são referências importantes. Dentre estes há a discussão mais intensa da busca de novas formas para a esquerda. Os movimentos sociais, notadamente o MTST busca a linha da defesa de direitos, comum à toda a esquerda, e tenta se afastar do PT. O Partido dos Trabalhadores está em uma posição que nem libera a via nem avança. Como superar o PT sem jogá-lo no matadouro do golpe e da direita, assim liberando a criminalização geral da esquerda?

Em um outro recorte, há busca de novas institucionalidades, algo que não nega a necessidade da inscrição social das lutas, mas também não toma o Estado como lugar preferencial disso. Dá para achar aí uma onda “municipalista”, isto é, abandonar por ora o cenário nacional e concentrar esforços na construção mais de longo prazo a partir de baixo, formando maiorias sem necessariamente usar formatos classistas ou laboristas. Esta frequência de onda reúne tanto “basistas” mais institucionais (“fazer novamente o trabalho de base”, “voltar à periferia”) quanto autonomistas que beberam nas experiências de democracia direta e radical das redes. Nesta órbita convergem



ideais de democracia radical e direta, e é especialmente valioso o cruzamento de procedimentos da rede eletrônica (evidentemente muito além do facebook) como estruturas de administração e participação.

A real é que nenhum dos campos ou recortes está conseguindo mobilizar e ocupar o vácuo deixado pelo PT. Ainda há muita disputa na esquerda, cada um testando seu diagnóstico. Mas ninguém consegue furar a bolha da militância.

*[Desabafo meu no modo petista frente ao isolamento do partido na esquerda e a fragmentação geral, quando as outras forças de esquerda buscavam crescer na derrocada do PT]:*

*Por outro lado, dá muito medo do campo autonomista, pois eles não tem pejo de repercutir pautas direitistas e clamar pela “morte de Lula” e “enterrar o cadáver que é o PT”. Em outras palavras, eles têm ficando de lado olhando a Lava Jato destruir a socialdemocracia. Eles aceitam a demonização e condenação sem provas de Lula “por que ele merece” e por que a destruição da esquerda institucional atende sua agenda. A gritante contradição de ser contras as leis Anti-Terror de Dilma (que é legítimo) mas a favor das Medidas Contra a Corrupção do MP (que inclui a validação de confissões sob tortura e a anulação do Habeas Corpus) é uma posição que certa “nova esquerda” não tem problema em assumir. A agenda de destruição do PT – a “morte do pai” - é claramente enunciada nos fóruns de discussão, e também no livro “Para além do PT” (um excelente texto com análises de superação da fase petista).*

*Tenho sempre defendido as mobilizações de 2013 como uma irrupção de pautas de esquerda dentro de um contexto de paralisação e domesticação das lutas do campo popular. Estive nas manifestações do MPL e defendi-os frente a companheiros petistas.*

*Mas não posso deixar de notar alguns analistas de números estão a perseguir um fantasma estatístico, um contingente que saiu à rua em 2013 e que não teria saído para o Fora Temer ou para o Não Vai Ter Golpe. Todas as mobilizações deste campo autonomista em 2016 redundaram em fracassos. Sua pauta não reverbera nesse segmento que foi identificado por pesquisas. Eles também não conseguem mobilizar e acabam isolando-se. Como não lhes interessa a inscrição*

*institucional, não parece haver nenhuma provisão entre a quebra de vidraças e a queda do Estado.*

*Para alguns, parece que basta um devir ou uma subjetivação. A teoria e prática da faísca fortemente propagada, mas como a inscrição institucional não lhes interessa, parece que a idéia de êxito os apavora, isto é, nada menos que a destruição do estado vai servir, e eles assim têm um medo atávico do sucesso, como ocorreu em 2013: o povo está sublevado e na rua nacionalmente, clamando por programa, e agora? Nesse momento, o MPL e os autonomistas saíram da rua e ficaram em casa.*

*Li recentemente sobre a Lava Jato como uma espécie de manifestação análoga ao Tenentismo dos nos 20-30 no Brasil. Achei interessante no sentido de ser uma reação contra o patrimonialismo do Estado mas ao mesmo tempo não ser a República Velha. Isto é, o Tenentismo conseguiu ser Republicano, anti-Café-com-Leite e ao mesmo tempo propiciar a ditadura do Estado Novo. Em outras palavras, ser um Partido do Estado contra o Governo (na época paulista-mineiro e corrupto).*

*É assombroso testemunhar alguma esquerda assistir aos eventos comendo “pipoca”, o que permite avaliar que esta esquerda tem horror ao êxito, isto é, ela precisa da derrota e esmagamento do campo popular para manter seu diagnóstico que tudo aquilo que é institucional é corrupto.*

*Em outras palavras, não se enxerga que quem está a esmagar a socialdemocracia é precisamente um partido do Estado, os procuradores. Como esse esmagamento contempla a pauta “matar o pai”, eles escrevem esse lugar “isentão” à parte do FluxoFlu, e assistem em casa a destruição daquilo que foi a luta possível. O maluco é que parecem se fiar em algum devir indeterminado, num ipo inominável de devir como futuro, negando que nem toda a insurreição, mesmo que legítima, gerou a superação da ditadura do presente.*

*Assim, por um lado ela festeja o esmagamento do PT, e por outro para ela bastará o “devir”, isto é, algum evento simbólico de possibilidade ao invés de relevância.*

*Estou com o incidente de Fortaleza na cabeça. [Este incidente foi a agressão de militantes autonomistas por seguranças da CUT em ato de rua. A FBP afirma que os BB não participaram da organização e a violência material não estava acertada e por isso foram impedidos de quebrar coisas. Os autonomistas reclamam que a violência, se não acertada, estava implícita e é legítima em qualquer caso, se ressentem muito das agressões sofridas]*

## **20 de dezembro**

O assassinato do embaixador russo na Turquia e o atentado em Berlim ficam dando a impressão de um mundo prestes a explodir.

Todas as nomeações de Trump reforçam o mundo das corporações e está claro que promessas de recuperação de emprego não vão ser cumpridas. Meio-ambiente, proteção trabalhista e saúde pública são alguns dos setores que vão sofrer retrocessos históricos. A política exterior ainda é um mistério, mas o confronto com a China já começou. O tipo de sociedade resultante só pode ser um de hiper-exploração com super-repressão, provavelmente com guerra externa.

## **22 de dezembro**

Temer baixa um pacote de natal com medidas que flexibilizam o trabalho, enfraquecendo a CLT.

Passei hoje por uma painel publicitário de ponto de ônibus onde, sempre que posso, escrevo Fora Temer! No geral dura uns 3 a 5 dias antes de ser apagado. Mas hoje alguém escreveu muito maior, tomando quase todo o luminoso: Fora Temer!

## **27 de dezembro**

Aécio Neves foi depor na PF no processo dos Correios, mas aconteceu sem nenhuma fanfarra ou coerção.

Li na rede sobre um vendedor ambulante que foi assassinado por dois homens na estação D. Pedro II. Ele tinha vindo em socorro de um morador de rua, que estava sendo agredido pelos mesmos homens. A imprensa se referiu a esta pessoa da rua tanto como “homossexual” como “travesti”. As imagens da câmera de segurança do metrô captaram o momento quando Índio entra correndo na estação, já machucado,

cai no chão em frente à bilheteria e é mais uma vez agredido a chutes e pontapés. Testemunhas e imagem corroboram o uso de soco inglês.

Li nos blogs que ia ter um ato pela memória do Índio, como Luis Carlos Ruas era conhecido. Peguei o metrô e fui à D. Pedro.

O dia estava muito quente e a cidade vazia. Baldeei na Sé e cheguei ao destino às 13h.

Logo vi o ajuntamento de pessoas lá fora, perto de uma árvore. Tinha umas 100 pessoas, que depois chegaram a 250. Tinha umas 3 câmeras de vídeo no tripé, e pareciam ser da grande imprensa. Vi um microfone da TVBrasil. Muita gente captava imagens com seus celulares.

No chão, uma bandeira do arco-íris do LGBT com os dizeres “Não faça de minhas cores um divertimento para seu preconceito. Respeite todas as formas de amar”. Uma faixa, que li de ponta-cabeça, trazia: “Família Stronger contra a homofobia”. Velas acesas ao redor compunham o arranjo. Ao redor da árvore, a bandeira do Brasil.

O clima geral de muita emoção, e um homem indignado falava muito alto contra o governador Alckmin e contra Dória, que “quer acabar com camelô e morador de rua”. Estava lá o padre Lancelote, paramentado de branco, um seu colega do Rio e o negro Franciscano que vi muito nas manifestações do MPL. Achei a composição da multidão bem variada, jovens e velhos, moradores de rua, donas de casa, universitários, travestis, todas as cores. Vi também a fotógrafa A., além de seu colega de profissão de quem sempre falo e cujo nome não sei.

Falou um moço que tinha organizado o ato pelo Facebook e ele disse que o metrô queria abafar o caso, e que o ponto do ato era não deixar o caso ser varrido para debaixo do tapete. Ele contou que o metrô se eximiu de toda a responsabilidade num post em sua página, dizendo que o assassinato tinha ocorrido fora da estação (o que não é verdade) e portanto fora da alçada da companhia.

Alguém na multidão gritou que “quando é estudante ou camelô na estação eles chegam batendo”, mas não fizeram nada nesse caso: “cadê a segurança?”. Falou o padre Lancelote e ele disse que devíamos ir em seguida para dentro da estação, e “se forem pegar que me peguem também”. Disse que o assassinato era inaceitável e chamou um minuto de silêncio em memória de Índio.

A seguir a manifestação caminhou para dentro da estação, e as faixas foram ficar rentes às catracas. Vi nessa hora um cartaz pequeno “Obrigado Índio. Justiça”. Vi também um moço com uma bandeira anarquista negra e vermelha, que vestia uma camiseta “Johni vive”. Três jovens do PSOL tinham camiseta e bandeira amarelas. Vi um button Fora Temer! e uma camiseta com a face de Martin Luther King. Tinha também um bandeirão da Pastoral do Povo da Rua, além de duas bandeiras da Aliança Antifascista de São Paulo.

Achei que as falas lá dentro traziam algumas tensões interessantes quanto ao espaço público e a segurança. Uns pediram mais polícia na rua, outro sublinhou o racismo a homofobismo dos agentes do metrô.

Falou um moço do movimento LGBT e ele manifestou a indignação com o ocorrido e que o “metrô dos mais caros do mundo não oferece segurança às pessoas”. Falou de novo o padre Lancelote e também um diretor do sindicato dos metroviários. Este trouxe a solidariedade do sindicato a Índio e ao movimento LGBT. Falou que o espaço do metrô era público e que o processo de privatização em curso degradava o serviço oferecido aos usuários. Disse que têm cobrado mais funcionários, mas que há um decreto de Alckmin que proíbe novas contratações em empresas públicas. Disse que há sempre ocorrências de agressões e suicídios, mas que os funcionários não conseguem dar conta.

“Alckmin assassino!”, alguém gritou na multidão. “PSDB fascista!”.

Falou outro diretor do sindicato e falou em nome dos agentes de segurança, dizendo que este eram solidários aos movimentos. Um outro moço disse que a área ao redor da estação era insegura e que muitos assaltos vinham acontecendo no entorno. Cobrou presença mais intensa da PM na área. Já uma jovem travesti foi mais radical e disse que “estamos sendo atacadas, existe um transfeminicídio em curso no Brasil” e que também os agentes de segurança do metrô eram preconceituosos e violentos. Cobrou a “imprensa golpista presente”. A multidão explodiu no “O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”. Lancelote sublinhou que a presença de moradores de rua não é permitida nas dependências do metrô.

A multidão gritou “Luis Carlos Ruas está presente!”. Notei nessa hora que duas viaturas da PM chegavam, além daquela uma que já estava lá. Dois PMs desceram,

falaram com os funcionários do metrô mas não houve tensão. Vi que a janela da bilheteria do metrô estava estilhaçada. Vi também uma última faixa: “Somos um povo que quer viver”.

Eram 14:45h quando o povo começou a dispersar. Tomei o metrô e fui ao centro.

Mais tarde, no ônibus, li escrito a caneta nas costas do banco à minha frente: “se os operários tudo produzem, a eles tudo pertence”.

Desci e fui para casa.

### **30 de dezembro**

Fiquei atento às redes para uma nova manifestação em memória de Índio, o camelô assassinado na estação D. Pedro II. Era às 15h e tomei o metrô.

Desci na estação D. Pedro II minutos depois das 15hs e vi a aglomeração lá fora. Vi uns 10 PMs de prontidão, fora da estação. Vi também uns 5 seguranças do metrô de uniforme. Grades daquelas auto-portantes estavam sendo posicionadas na frente e atrás das catracas.

Saí da estação para o pé da escadaria da passarela e juntei-me ao povo. Achei que naquele momento eram umas 150 pessoas, principalmente jovens de 20-30 anos. Havia uma roda de conversa ao centro da qual falavam várias pessoas, entre elas o Pe. Lancelote, a jovem travesti de terça-feira, vários moradores de rua e a viúva de Luis Carlos Ruas, a Cida.

Muitos cartazes: “500 anos de quê? Índia/os, o “A/O” sendo o A anarquista. “Bolsonaro, Malafaias e afins: suas mãos também estão sujas”; “Segurança do metrô passa pano pra nazi”; “Estação do metrô Luís Ruas”; “Nosso amor está de luto. #Justiça!”. Outro cartaz, feito a mão: “O ‘Santo’ da merenda está sucateando o metrô”.

Notei uma bandeira negra, a única durante toda a manifestação.

Vi o L dos Jornalistas Livres, a fotógrafa A e também aquele fotógrafo de sempre. O padre Lancelote estava lá, assim como o moço negro de hábito franciscano, agora de chapéu.



Achei que o tinha muito mais raiva no ar desde a terça-feira. A mídia e a polícia estão a negar o viés de ódio e racismo. O metrô continua na sua posição de suposta neutralidade. Tinha muito povo da rua, além da viúva e a família de Índio. A energia do povo da rua é muito particular, mais anárquica e indomável, não cabe muito no formato assembleia, é rebelde e incircunscritível. Assim era essa roda.

Um grupo, de uns 50, estava mais destacado dessa roda central, mais perto do portão de entrada. Eles começaram a tensionar e chamar palavras de rodem mais de confronto. A imprensa e manifestantes passaram para lá.

“Você está presente. Luís Carlos Ruas!”. Um jogral começou no calor da coisa: “Atacaram Brasil e Pandora [as travestis que forma agredidas primeiro pelos dois assassinos]”. “O metrô protege as catracas e não as pessoas!”. “Ruas resiste!”, e a multidão respondeu “Ruas resiste!” e “Luís Presente, o metrô é conivente!”.

Nessa hora a multidão entrou na estação e se aproximou das catracas, que estavam guardadas por uma barreira de grades. “Justiça Já!”, gritava o povo, e também “Não tem segurança!”.

Notei que tinha uns 5 funcionários do metrô uniformizados, atrás das catracas. Mas tinha também outros 5 que estavam de roupa civil, uns homens de 45-55 anos. Estavam tanto atrás como na frente da barreira de catracas. No correr da manifestação, notei que estes eram ao todo uns 10, inclusive um moço de barba e camisa fora da calça, que circulava pela manifestação pedindo calma. Ao contrário dos seguranças junto à s grades, ele não confrontava os manifestantes. Achei curioso que ele tinha cara de sindicalista ou de igrejeiro. Não ficou claro para que ele estava com o metrô até o final da manifestação, uma hora depois. Fiquei muito curioso sobre a posição desses homens. Ou eram gerentes mais graduados ou eram mão-de-obra subalterna e muito barata, já que por sua idade já estariam fora do mercado de trabalho.

Vi nessa hora de tensão a E do CMI, twitando em seu aparato. Vi que o Suplicy estava lá, e um cartaz dizia: “O ódio não vence o amor”. Vi uma única camiseta do PSOL. O tensionamento continuava, tinha muita raiva acumulada: “Justiça! Justiça!”; “Metrô, fascista, passa pano ora nazista”; “Defende a catraca!”. Vi nessa hora uma bandeira e uma faixa da Pastoral da Rua.

Dentre as falas no meio da gritaria, tinha a de um diretor do sindicato dos metroviários. Tentava canalizar a manifestação contra o governador Alckmin e seu projeto de privatização do metrô. Foi ele que na terça falou em nome dos agentes de segurança do metrô.

Um morador de rua chuta a grade e é repreendido por um segurança. A temperatura aumenta e o tensionamento agudiza. O segurança era um homem de barba grisalha que guardava a entrada.

“Luís, presente, o metrô foi conivente!”. Vi um cartaz: “Espancado até a morte”, e outro “-Homofobia, -Violência, +Respeito e +Empatia”; “O esquecimento é o adubo que nutre a impunidade”. Vi uma bandeira LGBTTT nas costas de um moço.

Eram 15:45 e muita tensão no ar, umas 300 pessoas em frente das catracas. Nessa hora chegamos a um impasse. Por um lado, esta segunda manifestação não poderia acabar como a primeira, isto é, muita emoção mas nenhum resultado.

Começaram a puxar as grades, gritando “Vamos invadir!”, e o povo todo ficou num cabo-de-guerra com as grades autoportantes, que tinham sido atadas e formavam uma espécie de corrente. Muita gritaria e empurra-empurra. Parte da corrente de grades se rompe. Os seguranças todos, agora uns 15, seguravam o povo. A imprensa toda assanhada com a confusão. O sindicalista confrontava seguranças.

Apesar da tensão inicial, o tumulto foi baixando e passou a comoção. O ato foi voltando para fora. Uma coluna de 7 PMs entra na estação e se posta na frente da barreira de catracas. Atrás deles, pendurado no teto, um luminoso apagado: Boas Festas.

Lá fora, muitas mensagens e flores numa homenagem improvisada ao pé da escada da passarela: “Povo unido causa a revolução”; “Obrigado índio, justiça!”; uma página de jornal com o ocorrido; “Você é um grande herói para todas”; “Descance em paz, te amamos. Cida”; “Aqui morreu um grande herói”; “Trans livres #Antifa”; “Até quando a intolerância vai andar armada?”; “Mexeu com um(a), mexeu com todas. Nós agradecemos”; “Meu irmão, você viveu como um herói, sua morte não foi em vão”; “Meu herói Luis Carlos Ruas”. Tinha um cartaz que era um abandeira do Brasil, com o

hina nacional impresso em baixo. Uma mensagem longa foi escrita à mão em cima. “Chega de tanto preconceito, justiça e Paz”.

Encontrei M a arquiteta, que hoje mora em S João del Rey. Conversamos um pouco sobre lá e aqui. Vi no chão uma faixa: “Anarcopunks na rua combatendo o racismo e o preconceito. Força Raissa. Guerreiro Luis Carlos Índio Presente!”. Outra do lado: “Mulheres negras e indígenas nas ruas combatendo a LGBTTfobia e o racismo. Força Raissa! Guerreiro Luis Carlos Índio Presente!”. Vi uma camiseta de um moço negro, de enormes cabelos afro: “Racistas, me deixem em paz”.

Muitas rodas de conversas e entrevistas à imprensa. Mas, a certa altura, o povo começou a hostilizar uma repórter da Globo, que nunca vi no ar mas vi na coletiva do Lula, que caminhava pelo ato com seu câmera e um segurança. “O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo!”, e “Golpistas!”. Eles foram cercados pelo povo, em direção à avenida. Vi de longe, mas parece que, chamado pela equipe da Globo, um carro encostou na calçada e eles entraram correndo, o carro saiu cantando os pneus.

Pouco depois, a equipe da Band também foi hostilizada. A família de Índio mesmo estava conciliadora, mas a raiva geral era difícil de conter. Um moço grande da Band confrontava e dizia que “se a gente não registra ninguém vê”. Mas um morador de rua dizia “é, mas seu chefe distorce tudo depois”. Ele não soube responder, e no fim todas as equipes, umas 15 pessoas, saíram de lado aos berros dos presentes. Só a TV dos Trabalhadores ficou. Um dos moradores de rua gritava aos repórteres do PIG: “Seus comédia!”.

Eram 16:15h e chequei o interior. Tinha 15 seguranças do metrô conversando, incluindo o jovem de 30 anos e camisa fora da calça. Agora, com as “Medidas contra a Corrupção”, vai ser legal a polícia fazer “pegadinhas”, isto é, simular uma cooptação criminosa para ver qual servidor público morde a isca. Para quem aposta no colapso do Congresso e de toda a representação, um aviso: o Judiciário está a consolidar uma situação onde o funcionário público (professores universitários federais e estaduais) estão à mercê de alunos do MBL que vão preparar pegadinhas para destruí-los. Entre o Legislativo renovável e o Judiciário concursado, sempre o Congresso. Aquele “infiltrado” que vi é um ensaio do que está por vir (vide o oficial do exército “Baltasar”).

No ato, vi um moço com uma camiseta do POEMA, e também outro jovem que distribuía panfletos do MPL, conversando com as pessoas esclarecendo que o governo aumentou a tarifa na integração ônibus-metrô. Vi um outro jovem que vendia a revista Ocas.

Nessa hora um homem fez que me reconheceu, e disse que fora livreiro na USP e que me reconhecia. Tinha a mais distante memória de tê-lo conhecido nos anos 90. Conversamos999mesmo assim. Ele tirou uma lata de cerveja da mochila (ainda gelada), ofereceu-ma e conversamos. Ele disse que se sentia acuado e com medo. Disse que também eu tinha medo do futuro imediato. Ele estava numas de “acompanhar os invasores reptilianos”. Não mais mora em São Paulo e teme a configuração política atual do Brasil. Ele tem uns 50 anos, como eu, e trazia consigo uma bicicleta. Tinha tomado uma carona de carro do Rio Grande do Sul e estava de passagem em São Paulo.

Em conversação com o livreiro da bicicleta, E relembrou de outros encontros malucões nos anos 2000, no contexto das lutas anti-Globalização, recolocando personagens hoje conhecidos sob novas luzes. As lutas anti-globalização, hoje, num contexto de implosão do consenso neoliberal/socialdemocrata, têm enorme significado.

Saí com E em direção ao centro para uma cerveja. Antes sair, olhei para trás e vi que, na fachada, o nome da estação D. Pedro II fora mudado por um plástico, de cor e tipografia idênticos ao original: agora líamos “Estação Luis Carlos Ruas”. Muito bom.

Sáímos em direção ao centro e tomamos uma cerveja na Quintino Bocaiúva, em frente ao mural de pastilhas do Portinari. E me contou de seu encontro com a comunidade Zapatista no México, em Chiapas, e da enorme grandeza dessa experiência. Falou muito ainda da luta dos Curdos de Rojava, que não apenas derrotaram sozinhos o Estado Islâmico como organizam uma economia matriarcal ao mesmo tempo que conduzem uma guerra exitosa contra o Estado turco e as potências ocidentais. O Estado turco busca a sua destruição.

Paulo Arantes fala da guerra na Síria como uma espécie de Guerra Civil Espanhola: prenúncio de conflito global, laboratório da viabilidade autonomista, playground bélico das potências do dia.

O garçom do estabelecimento soltou um fogo de artifício, cujo talo se rompeu e mandou o petardo na direção de nossa mesa. Eu me levantei e saí correndo pela calçada temendo a detonação. O estrondo não ocorreu e minha pose pública ridícula ficou sublinhada. Paciência, a vida é assim.

Despedi-me de E, tomei o metrô e fui para casa.

*I*



**CONTINUA: 2017, 2018**







[Eu me vejo como um homem branco de 52 anos, que saí do PT mas estou ainda sob a influência do partido (“não consigo deixar o ex”), mas acho sem dúvida que precisamos superar o PT e avançar na renovação radical da esquerda. Não tenho carro, telefone celular, Facebook ou aposentadoria, me formei na universidade e orbitei em torno dela, mas não segui a carreira acadêmica. Sou trabalhador precário, artista, tradutor ou professor, conforme exigem as ondas. Vivi 10 anos fora do Brasil e fui garçom por esse período. Temo pelo futuro.]

**Bônus:**

**Todas as vinhetas de  
2015-2016**

dezembro

2015



**NÃO VAI TER GOLPE!**

...imentações do golpe já em andamento, velocidade  
...nosa de fatos jornalísticos e manobra  
...de ódio a

**Secundaristas**

**ATO dos 100 mil**

**manifestação do MBL**

**ATO PRO-DILMA**







# JANEIRO 2016

3,800 O POVO NÃO AGENTA

**MPL**

autonomista P2

passé livre

repressão brutal

scassetete

black - Block

Passata

intimidação

caveirão

bala no olho  
violência

Ato

cavalaria Polícia Militar

manifestação bala de borracha

avenida 9 de Julho Brasil



# REVEREIRO



cozinha

sindicalista

petralha Lula

batalha da Barra Funda

chora petista, bolivariano,

verde/amarelo bandeira

2016



gás  
CUT



2016

incita o ódio contra o PT.  
Chico Buarque desautoriza o uso

MARÇO

ligação ortogonal  
da internet com a rua  
encontro anarquista

Fomos à FIESP checar a ocupação coxinha.

tchau  
querido!



CONDUÇÃO COERCITIVA DE LULA



**ABRIL**

**FORA CUNHA!**

**mulheres**

**IMPEACHMENT**

**ARRASTAU DOS BLOCOS**

**'HEH 'UH YASSU AIKAS**

**FOLIA DA DEMOCRACIA**

**GOLPE NUNCA MAIS!**

**SECUNDAS**

**despolitização**

**o FlaxFlu.**

**GAVIÕES DA FIEL**



**2016**

**réplicit de toda a esquerda brasileira**



Ei, psiu, a Dilma já caiu!

FUNARTE

Cordão da Mentira

Fora Temer!

Fora  
CORPO



RUA

LEB

Anti-Capitalist

MULHERES

SEGUNDA DAS TRÁS

Marcha da Maconha



2016



Este concerto da con...  
W. de Brant: o discurso...  
a orquestra copenga, mas...  
movera nificie papergaio de...  
dança do coral das mulheres no...

# JUNHO



2016

2016

E ASSIM CHEE O...  
PRACIA JAMA IPAO NO...  
TIRADORES DE... OSO...  
DES JA ARESENTARAM...  
QUEIXA DE CANIL, QUE...  
PASSAMOS E...  
PREENCHER OS...  
SPACIS DO ESPACO...  
POLICIA OSIENSIVA...  
AMEACADORA, AS...  
PESSOAS FILMAM...  
TIK...  
GRIPANOS OS...  
BUSCAVAM...  
DO METRO...  
OS...  
ITOP...  
E HAUMA...  
E FOLOS...  
SALDENTAR...  
ANSUN...

AL O MPL APARECEU COM SU... BATUQUES.



VIG... QUEM QUE SO PODIA SER UM P2.



# JULHO



Chegando no Largo da Baixa, não longe uma canção  
do brega antigo, romântico, me lembrei que fosse da  
manifestação Fora Temer que eu tinha ido para o  
Largo. A canção era triste e eu não queria ouvir  
queria evitar nesse momento. Por isso não  
vinha de um boteco/restaurante, eu estava em um  
menino garçom comia o almoço de uniforme, sua boina



# 2016



# AGOSTO

O L O N G O

T I N V E R N O

## NÃO PENSE EM CRISE, TRABALHE!

Michel Temer



F O R A T E M E R !

Em todas as esquinas tinha lixo queimando. Um caveirão tinha um jato de água com o q  
debelar o fogo. Junto aos veículos, uma linha de uns 15 soldados de escudo e atiradores.  
Curiosamente, ao redor desse conjunto, umas 50 pessoas caminhavam juntas; eram principalm  
fotógrafos e aqueles que faziam registro em vídeo. Mas também muito manifestante gritan  
o que fazia da cena muito bizarra. Mantive minha distância e evitei grupos.. Paulista e q  
manifestantes tinham virado para dentro de Higienópolis. Decidi retornar à Paulista e fui a  
Ônibus. Na fachada defronte, um enorme cartaz dizia "Bem-vindo ao futuro." Suí. Con  
ouvindo estudantes do Mackenzie contando o que estava acontecendo na esquina  
na esquina das avenidas e encontrei P, q

**FORA TEMER**  
**NENHUM DIREITO A MENOS!** FRENTE POVO SEM MEDO

Vi hoje que a condução da tocha no  
da Tocha escreveu "Fora Temer!" na b  
depois de arrancar sua bermuda e revela  
fogo. Junlista e que alguns manifestantes tinham virado para dentro de  
Higienópolis. Decidi retornar à Paulista e fui ao ponto de Ônibus. Na fachada defronte,



Quando a presidente alcançou a avenida, ela foi atirada por bombas.

Quando os editoriais da Folha e do Estadão. Eles pedem a polícia reprimam com energia as manifestações Fora Temer. Veria o acampamento do livro "Escolas de Luta", ANTES DO ATO.

Temer nos próximos:

na "Temer" Volta

para a Imprensa passar

NO PT, ESTA UNIDADE ABERTAS ME.

para a Imprensa passar.

NHEI UM PROGRAMA DE ESTUDOS "GRAN "CAZIN. BLOG DIARIO".

PERCUTE A PRISÃO DE PALOCCI. M

p. Estor: surpreso

que o acampamento coxinha

S ASSEMBLEIAS N' APEOESP, UM SINDICATO NOTO

RGINDO UMA NOVA MOVIMENTAÇÃO ENTRE OS PRO

SALA D'ÁGUA SE REALIZA A ASSEMBLEIA OFICIAL.



FORA TEMER

#

GOLPE DAMNEMOS SÃO OS AT





**Outubro**

**2016**

**IMPRENSA  
INCLUINDO CN  
ESTADÃO, FOLHA  
GLOBO.**

**A BANDA DE ROCK  
QUE ESTAVA LOGO  
AO LADO RECOLHI**

**INSTRUMENTOS  
TINHAM ACABADO  
DE TOCAR. DEPOIS**

**AO LONGO DA  
JORNADA**

"Lixo comunista", "Vai tomar banho!". A covardia desse campo é muito irritante, pois se escudam atrás de policiais.

**TRUMP** Sobre votos (nu...  
**"OCUPAR E RESI...** les para dar um belo centro sentar o crim...  
do dia da e...

**2016**

**VI... QUE ELE**



NOVEMBRO

2016



MOVIMENTO QUER? PREVIAS

“Viver e lutar” com um rince é ma... chance inédita e  
ontinua...  
do neoliberalismo (que é a mesma cr...  
e acaba de...  
estariam ávidos por solução deste t...  
ra seu chefe de gabinete...  
Lula esta se preparando p...





MBL VemPraRua M M monarquistas militaristas M  
MAS 2019 DEZEMBRO  
MULHERES MULHERES MULHERES MULHERES MULHERES

AUTONOMISTAS AUTOOMISTAS VERMELHO VERDE AMARELO  
ISENTÃO COU CO... NISTA LIBEA LIBERAL POLICIA  
GUARDA MUNICIPAL P2 MULTIDÃO MULTIDÃO "/  
12 3 4 5 6 7 2018 2017 2015 2016  
EXÉRCITO BRASILEIRO Exército Brasileiro Brasi  
Golpe gol... CRISE Crise crise pe  
Presença aut... icalistas sindicat  
socialista DES mobilização MOBI  
NACIONAL NACIO... de amarelo bandei  
Guarda Municipal DEMOCRACIA commi  
petraha pestis... ultidão 2013 12  
12 13 14 15 16 IMPEACHMEN  
Lula convocação C... BERNARDO  
Bernardo Sete par... os trabalh... ab  
DO DOS TRABALGAD... DOREM O TRAF...  
ANTI CAPITALISTA anti... italista  
Capitalismo CAPITAL...  
Temer Fora Fora For...  
ABCDEFGHIJKLMN... PQRSTU... ZYYY



TARIFA ZERO PRA GERA

matar o pai

é evidente que a superação vai ser necessária, mas nesse momento acho que

de las...  
AGORA PR CONCENTRAÇÃO  
Fui a um debate... debate...  
ela se...  
está ac...  
contra...  
ado's online, monarquistas e carças







UM DIÁRIO *das*  
RUAS



2017

Gavin Adams



**Um Diário das Ruas**

**2017**

**Gavin Adams**

**São Paulo - 2018**

## **Um Diário das Ruas 2017**

**Escrito ao longo de 2017 e ilustrado por Gavin Adams em outubro de 2018**

### **Licença Creative Commons:**

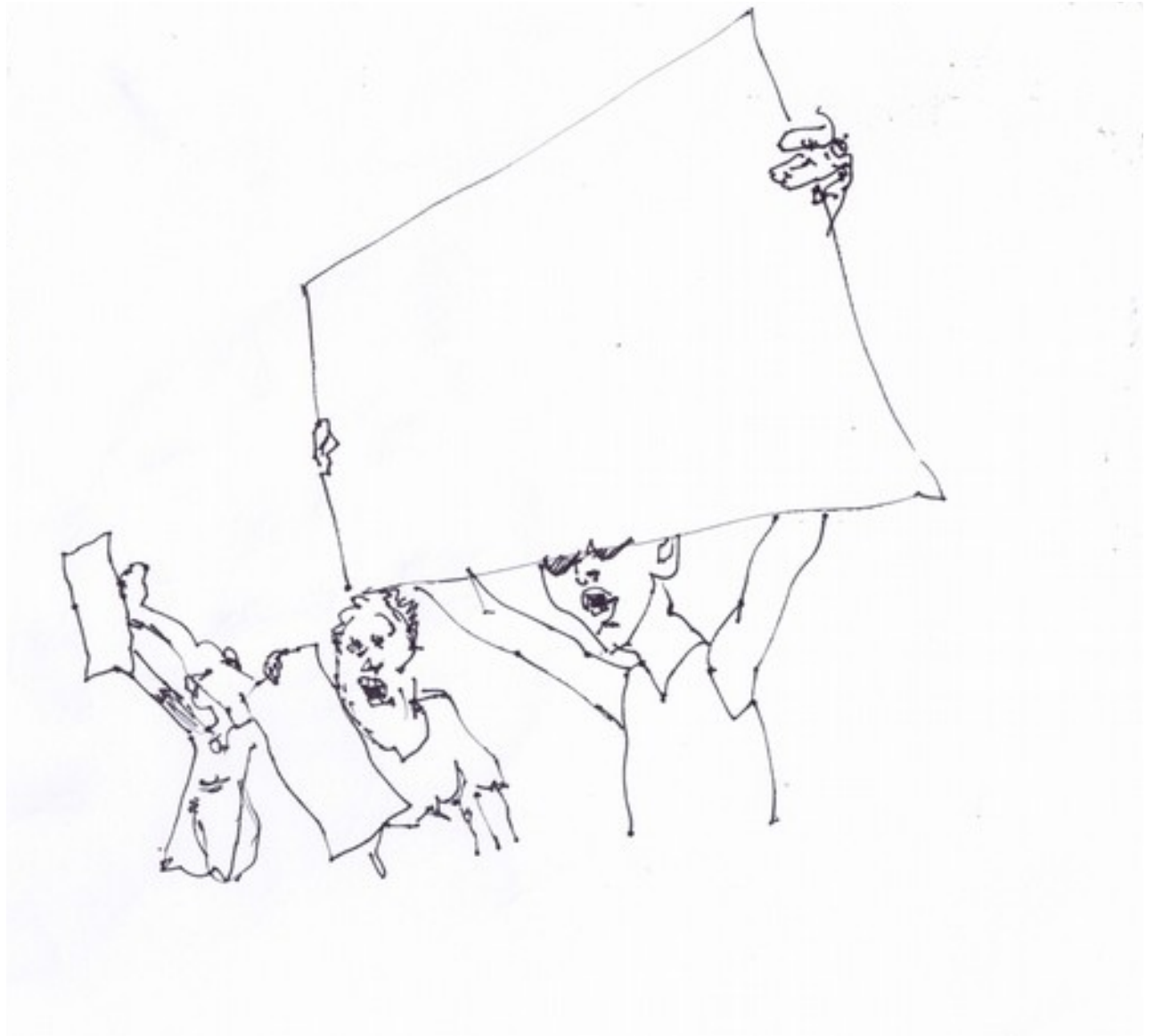
Reprodução e distribuição permitidas com citação

Uso comercial vetado

### **Créditos das imagens fotográficas utilizadas nas colagens:**

Alice Vergueiro

Marcos Muzi

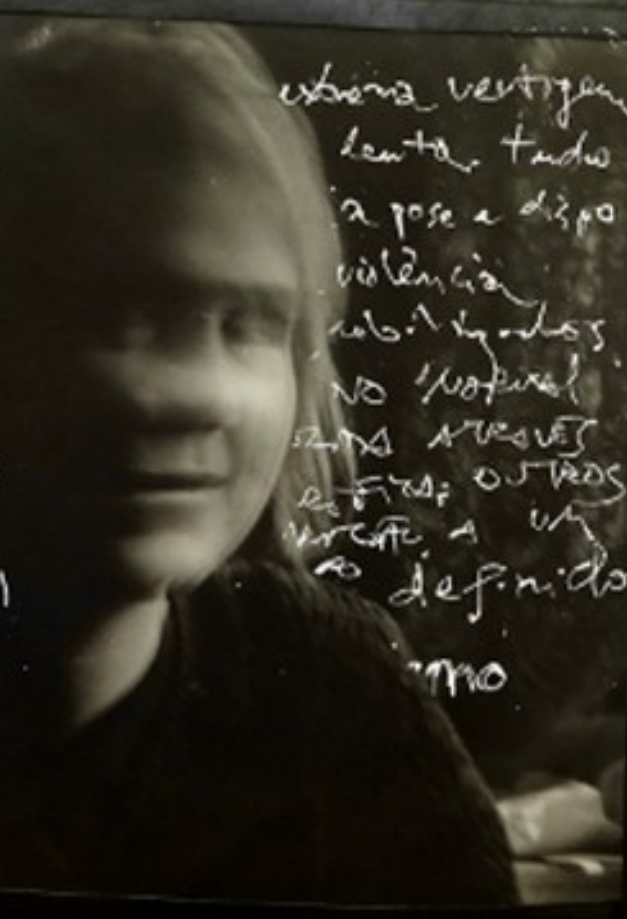


## APRESENTAÇÃO

under the sign of Saturn + under the sign of saturn

Sob o signo de Saturno + Sob o signo de Saturno

mas nem tudo  
é criação  
que o evento  
separador será  
o impedimento  
das eleições.  
**PARA A ESQUERDA  
INSTITUCIONAL.**  
Sim, esta semana  
a maré é baixa,  
o último dia de  
ano (12/31/17)



extrema vertigem  
lenta, tudo  
a pose a dispo  
violência  
absoluta  
NO NATURAL  
2018 APROVEIT  
E FIM: OUTROS  
VOCÊ A UM  
definido  
2018

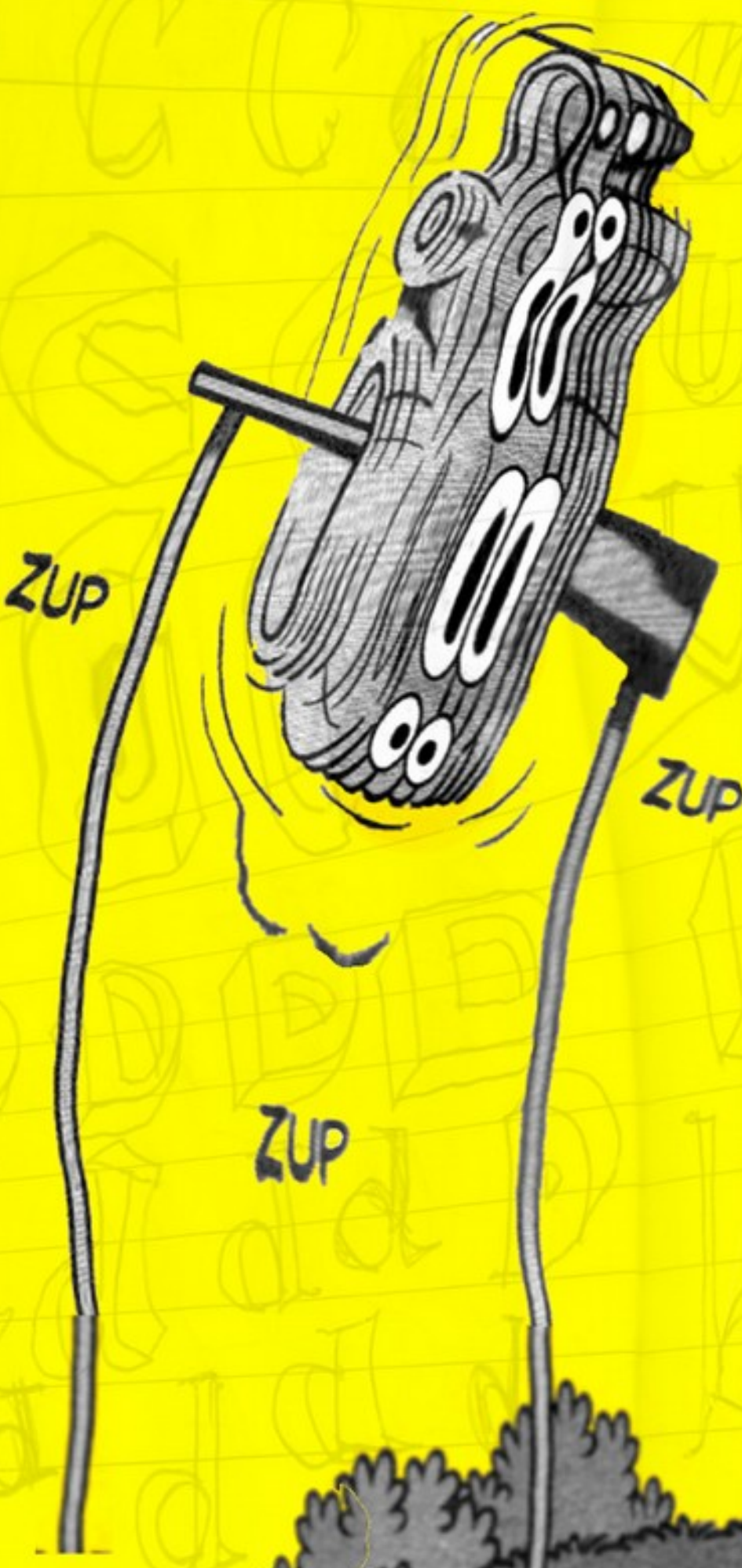
under the sign of Saturn + under the sign of Saturn



Quis lançar esta parte do Diário de 2017 logo antes dos resultados do segundo turno das eleições de **2018**. Já editei e lancei em PDF o Diário correspondente aos anos de 2015 e 2016. Espero, ainda neste ano de 2018, lançar o Diário do ano mesmo de 2018.

Assim, ao escrever estas linhas, eu não sei o que será do **FUTURO**, e a angústia atual é dilacerante. A sensação de perigo real é esmagadora e paralisante. Neste momento, depois do primeiro turno, há **INTENSA** atividade de engajamento de todo mundo do meu mundo na defesa do campo democrático.





Mas não está claro se **RODAMOS** em círculos ou se avançamos na resistência ao fascismo (apareceu essa discussão se é mesmo fascismo ou mera preguiça conceitual).

A guerra **HÍBRIDA** informacional do inimigo é envolvente e parece cancelar as vias argumentativas normais de uma disputa política. A desinformação é tamanha e de tal escala que nos sentimos em um **TSUNAMI** onde a verdade gera seu próprio contrário no momento mesmo de sua enunciação. A polarização e emotivismo do embate impede a discussão política e mantém tudo no nível da opinião.

O candidato Bolsonaro, por outro lado, se posiciona acima de tudo isso e aparece como quem vai impor a **ORDEM** contra a bagunça da corrupção (e implicitamente vai acabar com a putaria do fake news). Como alertou um companheiro, ele tergiversa e polemiza sobre tudo, exceto sobre o tema da **CORRUPÇÃO**, onde ele se coloca como a única força capaz de levar a cabo o combate aos corruptos.

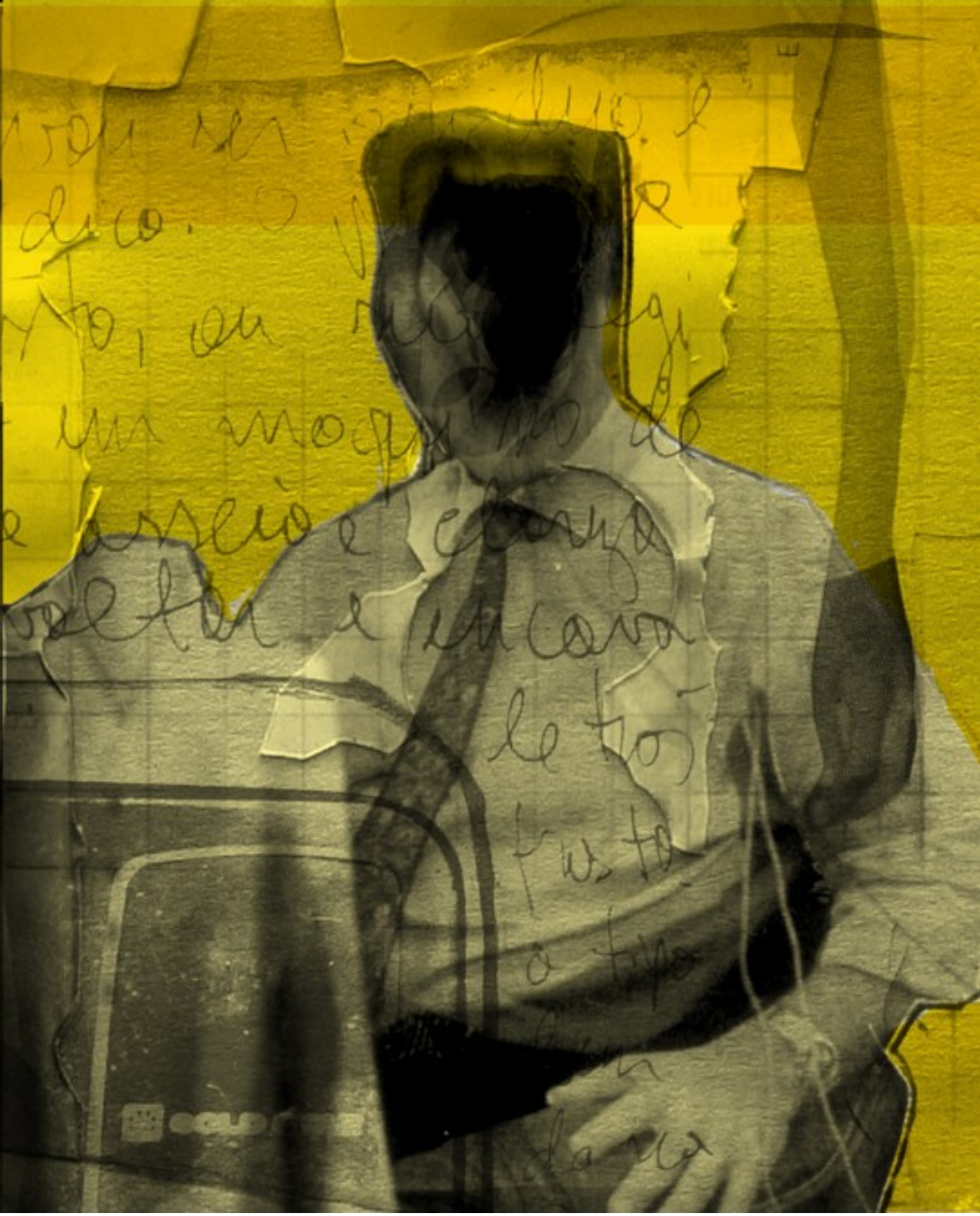






O PT está amarrado ao **ALVO** desta ira santa que a extrema-direita logrou levantar contra a institucionalidade.

A esquerda em geral e o **ATIVISMO** também estão amarrados. O dito centro e direita se esfacelaram depois de criar o estado de **EXCEÇÃO** necessária para o avanço da ultra-direita..





É possível reconhecer hoje

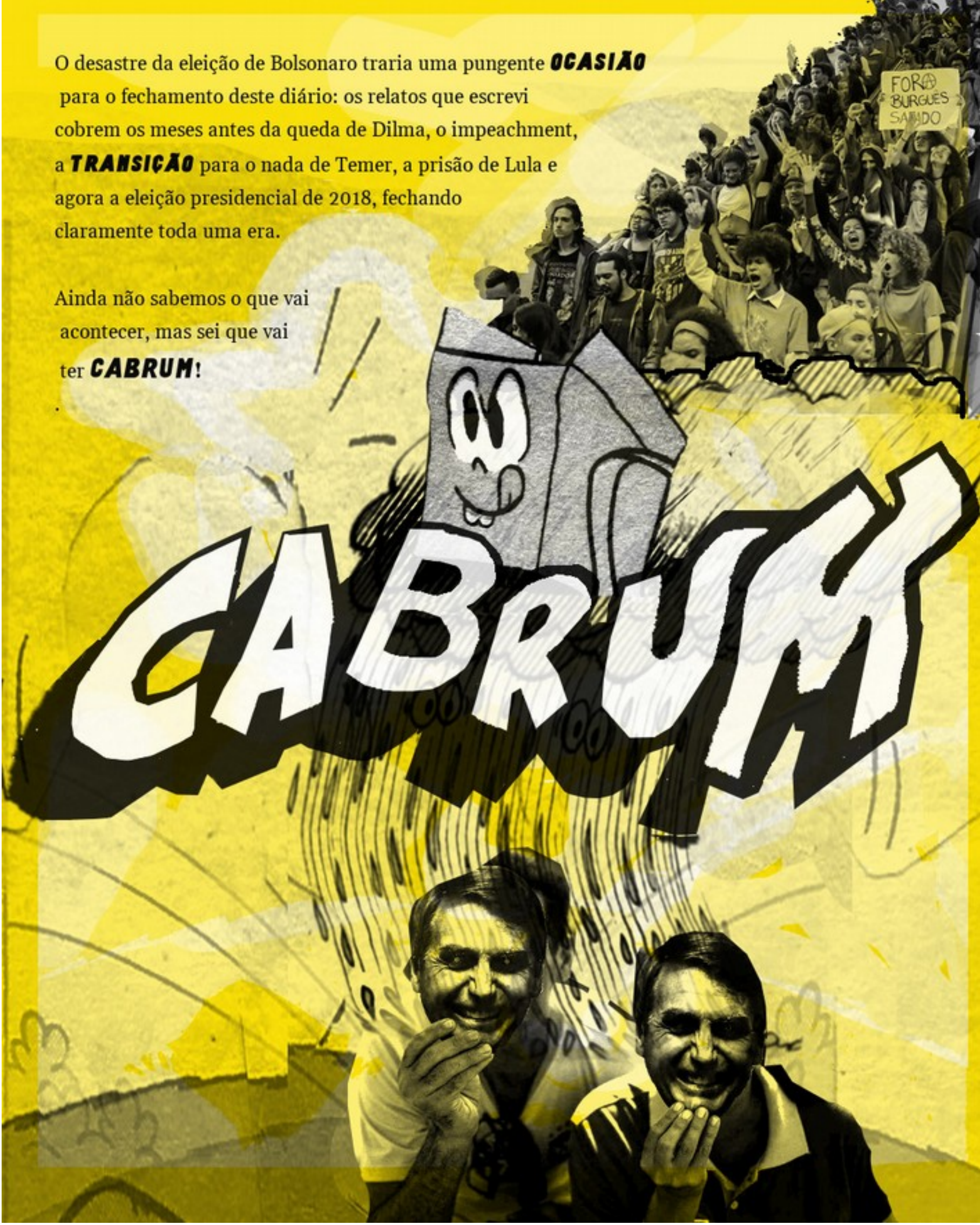


algo como um estado **PRÉ-REVOLUCIONÁRIO** insurrecional: a extrema-direita deu um curto-circuito na sua versão mais centrista, cresce na sombra da hipocrisia e da mentira da democracia burguesa, esgarça os limites desta, cria uma cadeia alimentar paralela e consegue um tipo de **COMUNICAÇÃO** com as massas que independe dos canais tradicionais. Como que surfando na próxima fase histórica, um número relativamente pequeno de militantes altamente organizados (nesse caso, também altamente financiados) conseguiu infiltrar as **BRECHAS** do sistema e vai renovar a opressão **SEQUESTRANDO** as instituições derretidas.



O desastre da eleição de Bolsonaro traria uma pungente **OCASIÃO** para o fechamento deste diário: os relatos que escrevi cobrem os meses antes da queda de Dilma, o impeachment, a **TRANSIÇÃO** para o nada de Temer, a prisão de Lula e agora a eleição presidencial de 2018, fechando claramente toda uma era.

Ainda não sabemos o que vai acontecer, mas sei que vai ter **CABRUM!**





## UM OUTRO PREFÁCIO



Editando este diário do ano de 2017, lembrei como este período foi tenso e difícil. O golpe se consolidava, o

Fora Temer! bombava nas **RUAS** e nos corações, mas não derrubava o dito cujo, e as trapalhadas do comando do golpe e suas reformas - e também na oposição - se avolumavam em público. O campo popular, notadamente o PT, esperava muito das ruas e

ficou meio **PERPLEXO** diante da relativa passividade da sociedade. O cerco a Lula foi intenso e pesado, a ação concertada da imprensa, governo e Judiciário colocou muito fogo sobre o partido, buscando destruí-lo e principalmente

**CANCELAR** o efeito eleitoral do ex-presidente. Mas o povo não se levantou em massa para protegê-lo.



As esquerdas no geral tentavam preencher o **VACUO** deixado pelo partido, propondo pautas e buscando mobilizar os corpos e mentes vacantes deixados pela inabilidade do PT de reconhecer seus erros e crescer na adversidade. Mas ela também teve que enfrentar as ondas conservadoras da doutrina do **CHOQUE** que pareciam se suceder: o governo golpista fazia reformas profundas e “antipopulares” a toque de caixa, e as novas esquerdas não conseguiram dar resposta imediata nas ruas. Ela não logrou ocupar o espaço vacante e ainda é **POTÊNCIA**. O PT, a seu turno, parecia desesperado para sobreviver e sugava toda a energia das forças de luta à sua roda, exigindo apoio incondicional do campo progressista.

A esquerda não-petista não socorreu o PT quando este era perseguido e preso, e o partido mesmo cometeu muitos **ERROS**, incluindo insistir em querer ser aceito de volta ao clube institucional que o rejeitava – ao invés de preparar o caminho para um novo campo **POPULAR**.

**FOFAS  
TEMER**



TEM 6 MESES  
QUE NÃO VOU AO  
FASANO.  
CULPA DA DILMA





## OS MOVIMENTOS

... sociais não mais eram a base e alma do partido, ao mesmo tempo que as lideranças partidárias não se deixaram renovar e nem saíam da frente. A militância petista não ocupou partido e **HACKEOU** suas estruturas, tal como ocorreu na Grã-Bretanha com o Partido Trabalhista, para enorme benefício do movimento popular.

Assim, por muitos períodos, as **RUAS** ficaram muito desmobilizadas e chatas. A militância petista ficou chata e reiterativa. A nova esquerda ainda incipiente e potencial. A esquerda sindical insuportável em seu conservadorismo e crescente obsolescência.

O ano de 2017 parece ter colocado a questão da continuidade e da **RUPTURA**. A nova esquerda estava mais confortável em criticar a continuidade representada pelo PT: a lei antiterrorismo, Belo Monte, a Copa, os ganhos do mercado financeiro, a corrupção, a incapacidade de conter a violência policial, a inclusão pelo consumo, as relações escusas com o agronegócio e as construtoras... uma sombra do PSDB. Já os rupturistas, frequentemente petistas, sublinhavam as diferenças e as apontavam eventos como a Constituição e o Pacto de **1988**, a eleição de Lula, a inclusão dos pobres na economia, o fim da fome, os aeroportos lotados com a Classe C, cotas, Bolsa Família etc.

Todo esse progressismo teria provocado uma outra ruptura, o golpe, com esse **NONE**.



Só o que sabemos hoje é que ***NADA SERÁ COMO ANTES.***





Um  
Diário  
das  
Ruas

2017

# AVANGAR 2017

MESMO TEM  
QUE AS TRAPALHADAS DO GOLPE NATROUXESSEM A DERROCADORA DO ATO ILEGAL DE DEPOSIÇÃO, QUE O PAÍS



**CAÇA A LULA NO ANO DE 2017**  
vitoria de Trump causa movimentos tectonicos por todo o mundo e  
**OS ATOS DO MPI SECUNDARISTAS CONTRA A TRISTEZA DA**  
eram movimentos de resistencia, aeroportos americanos são fechados, ora ativamos  
**PASSAGEM LULA NA CADEIA SECUNDARISTAS**  
o fluxo aereo internacional e afetado. A maior manifestação da história do  
**TRUMP E FRENESI MUDIATICO**  
UA e relizxada por mulheres em todo o país  
**MUITO FORA TEMER! FORA TEMER, TQA, EQOFDPM!**

*Handwritten signature*

## **1 de janeiro 2017 – Taxistas irados na posse de Doria**

Saí no domingo quente e caminhei através da praça da República até o Teatro Municipal.

Lá fui surpreendido.

Uma multidão se aglomerava em frente ao antigo Mappin, hoje Casas Bahia. Grades autoportantes separavam os públicos protestante e atendente. Depois entendi que, no teatro, tinha uma cerimônia do Doria, acho que sua -posse. Fora, estavam aqueles com queixas.

A multidão segregada pelas grades era composta de taxistas, populares, curiosos e ciclistas. Homens agressivos de terno e à paisana gritavam muito (eram taxistas sindicalistas). Demorei-me um pouco e entendi que esse grupo de taxistas hostilizava quem chegava para a cerimônia de posse do prefeito de Uber. Mas tinham um contingente importante da população de rua que apenas estava.

Fiquei um pouco.

A PM é como pernilongo: se você vê um, tem pelo menos 5 no ambiente ao redor. Vi na hora uns 10, mas depois contei uns 30. A GCM tinha uns 20 soldados aparentes.

As faixas dos manifestantes: “Ex-prefeito Haddad, você destruiu as famílias e a história dos taxistas”; “Prefeito Doria, acreditamos em você: nos ajude a recuperar a dignidade da profissão”. Outras faixas pediam ao prefeito Doria reconhecimento da categoria.

Tinha uns 5 homens de terno, muito agressivos, muito vocais. Eles gritavam bastante a cada carro que chegava com convidados. Um deles trouxe o secretário municipal dos transportes. A galera ficou transtornada e fez muito barulho.

Tinha um grupo de uns 15 ciclistas na área. Alguns conversavam com os sindicalistas, mas não captei o teor das conversas. Ficaram um pouco, mas saíram fora pouco depois. É sempre difícil avaliar de fora, mas achei que eles (os ciclistas) eram de classe média baixa.

Ao caminhar em direção à estação Sé do metrô, vi um PM de metralhadora em punho em frente ao hoje Shopping Light. Vi muitos pregadores na praça da Sé.

Tomei o trem em direção à Jabaquara e fui para casa.

## **2 de janeiro – Doria e Trump iniciam jornada**

Repercutiu nas redes mas não na grande imprensa o massacre do ano novo em Campinas. Um homem matou sua ex-esposa, filho e mais 10 pessoas em uma festa de réveillon. O caráter hediondo do crime é claro pela carta que deixou, abertamente misógina. Até para a



Dilma sobrou. O Sensacionalista destacou 14 reações na rede, genuínas, que fazem troça das vítimas ou que apoiam o crime. Tem uma cultura do ódio viva no Brasil.

Doria iniciou o ano com eventos de propaganda, tal como posar de gari (seu uniforme foi ajustado por um alfaiate). A Paulista está tomada de anúncios da campanha “Cidade Linda”, uma suposta iniciativa de recuperação da cidade. Mas é evidente que não há a possibilidade de limpeza e recuperação de todos os bairros da cidade, seu objetivo *não é limpar a cidade*. O objetivo real da campanha é criar um ambiente moral de repressão moral destinada a acalmar e empoderar uma classe média autoritária. As mensagens são imperativos morais que, sem nenhuma fiscalização ou real trabalho público além da varrição por uma estrutura pública enxugada, é apenas uma fantasia: “é lindo não jogar lixo na rua”. A idéia parece ser dar condições de culpar os pobres pela degradação do ambiente urbano, sem nem tentar realmente produzir uma cidade habitável. Oferecer uma posição de separação e poder onde o cidadão de classe médio pode pensar “agora sim as autoridades estão a pressionar essa sujeira que o pobre faz”.

Repercute as rebeliões nas prisões, o Ministro da Justiça cambaleia e governo não tem plano viável. Fala-se muito em novas prisões e mais força contra o tráfico, e nenhuma discussão na grande imprensa sobre os 40% de presos provisórios, isto é, aqueles que aguardam julgamento. A ministra Carmen Lúcia falou em mutirão da Justiça, mas os noticiosos ignoraram. Alguns membros do governo e muita gente na direita clama por mais violência oficial como controle social.

Candidatura Lula parece ter sido lançada de verdade e acende debate de qual a melhor alternativa no momento. Existe um movimento pela anulação dos impeachment. Acho a volta de Dilma impossível e equivocada.

Reparei que não há praticamente nenhum rastro nas ruas e muros da cidade do Fora Dilma. O Fora Temer ainda persiste por aí, inclusive nas costas do banco do ônibus, onde outro dia reconheci minha própria letra, quase apagada.

No cinema, ao fim do filme “Eu, Daniel Blake”, alguém chamou Fora Temer! Gritamos também.

Repercute o posicionamento do PT em relação à ocupação de cargos nas mesas do Congresso. Como tem a segunda maior bancada, o partido tem direito a várias posições importantes (como a vice-presidência do Senado). Mas, para obtê-las, tem que se entender com o PMDB, que tem a maior bancada. Simbolicamente pega muito mal, a bancada do PSOL é contra, e a imprensa joga lenha nessa fogueira.



A imprensa internacional pira com Trump e a transição americana. Olhando assim de longe, dá para pensar questões que no Brasil são muito mais emocionais e que impedem ponderações mais tranquilas: como é que a liberal democracia (os Democratas) legaram um aparato altamente autoritário para livre uso de Trump? O novo presidente vai ter Guantánamo, a rede que prisões secretas, polícias racistas e assassinas e legislação de exceção. Vai ter um aparato repressivo onde o suposto “sistema de pesos e contrapesos” não vai funcionar. A repressão que ele desencadear vai ser *estritamente legal*.

Lula foi a Salvador e discursou no encontro do MST.

## **12 de janeiro – Primeiro ato do MPL**

Saí na estação Consolação do metrô para o primeiro ato do ano do MPL contra o aumento na tarifa. Apesar da tarifa unitária não ter aumentado,, aumentou a integração (a segunda viagem combinada metrô/ônibus). Em outras palavras, aumentou a tarifa para quem mora longe, na periferia. Várias mobilizações já foram feitas em outras partes da cidade e no entorno de São Paulo. A Justiça paulista tem revertido os aumentos de Alckmin, o que dá um gás moral para o movimento mas também esvazia um pouco as mobilizações de rua.

Na estação da Consolação da Linha Verde tinha polícia perto da catraca, e parece que na estação Paulista tinha revista de pertences.

Tinha feito um boneco do Alckmin para o MPL e o trouxe a partir da Vergueiro. Cheguei na Praça do Ciclista às 17h e tinha umas 250 pessoas. A Fanfarra do MAL já estava lá, com seus tambores e metais. Notei que eles ensaiavam palavras de ordem inéditas, o que me deu alegria: “Cansado de pegar busão? Então vem pra rua, pra manifestação!”. Vi 4 jovens do Faísca, ao pé de uma faixa grandona: “Contra o golpe tucano”. Um homem quase todo de vermelho trazia mensagens em sua camiseta e máscara de boca: “Fora Temer, Moro, PMDB e PSDB, traidores”. O faixão preto do MPL estava no chão e lia “Contra os aumentos”. Pirulitos do mesmo movimento traziam as mensagens “Aumento da integração não!”. Vi um jovem com uma camiseta do Groucho Marx, e muitas camisetas negras. Havia também muitos fotógrafos, o L dos Jornalistas Livres e aquele de quem sempre falo. Um jovem recostado à grade lia um livro de Jorge Amado.

No geral achei que naquele momento tinha uma maioria de jovens de 20-30. Achei que quase todos eram de coletivos ou movimento. Havia também secundaristas, além de vários homens e mulheres de uns 40-50 anos, como eu. Tive a impressão, confirmada ao correr da manifestação, que, se por um lado havia muito militante (e não muitos avulsos ou

‘populares’), por outro lado havia uma diversidade notável de agremiações e movimentos, mais do que no fechamentos das mobilizações do Passe Livre do fim de 2016.

Entreguei o boneco para R do MPL e dei um giro. Vi chegar E e M. Acenei e conversamos um pouco. Demos eu e E uma volta no quarteirão contornando pela Santos, só para checar a presença policial. No total, parecia que uns 500 soldados cercavam o local, incluindo as motos da ROCAM, escudeiros e atiradores. Eram 17:30h.

Notei nessa hora que o prédio na Consolação com um grande grafiti colorido em sua empena tinha uma janela onde se lia “Fora Temer!” Não à PEC 55”. Vi moças e moços da Liberdade e Luta (depois vi a faixa deles: “Tarifa Zero, Passe Livre estudantil, transporte público, gratuito e para todos”), além de camisetas da UJC e do Juntos: “Organização e integração”. A faixa destes moças e moços dizia: “Para eles: + salário. Para nós: + tarifa. #ocuparasruas”. Notei a presença da UJR e do PCR, além de uma camiseta da UNE. Vi também uns 5 moças e moços da Batucada 13, que são da Juventude do PT. Estavam ativos e à vontade. Tinha bandeiras da CSP Conlutas, do PSTU e MRT. Estes também traziam uma faixa: “Estatização dos transportes sob o controle dos trabalhadores”. Vi a companheira A e nos cumprimentamos.

Às 18h fui com E dar um giro pela estação Paulista e vimos muitos seguranças e PMs acintosamente posicionados na entrada. Ele me contou que havia também um ato no Largo de Pinheiros, em memória dos mortos da cratera. Durante as obras de construção da estação Faria Lima, alguns anos atrás, abriu um buracão de repente e engoliu 7 pessoas, incluindo operários, um motoboy e uma senhorinha que morava no local e caminhava em direção à sua casa. Namorei J que trabalhava no prédio em frente, chamado Passareli. Ela contou que lembrava desse dia, quando temiam o desabamento deste edifício de uns 30 andares, logo na boca da cratera. Olhavam tudo de cima, a partir do prédio.

O trânsito na Paulista corria normal, apesar do inchamento do ato. Vi uma bandeira verde da ANEL, uma do PSOL. Confirmei a presença de muitas camisetas negras, além de uma vermelha soviética CCCP. Vi a Esquerda Marxista, um jovem do PCB, uma camisa do Corinthians e outra da UEE, e as moças e moços da Unidade Vermelha, muito jovens ao pé de sua bandeira e faixa: “Fora o aumento e a corrupção. Viva a revolução!”

O ato tomou a avenida e se fez um jogral, às 18:30h. Foi lido um manifesto: “o prefeito é um mentiroso. Prometeu que ia congelar a tarifa e não o fez”. Disseram que íamos à sua casa entregar um prêmio ao Doria. Vi nessa hora uma bandeira negra agitada ao vento, além de

outra do MAIS. Notei uma camisa do Juventus e também o fotógrafo A. Vi um moço com a bandeira do arco-íris LGBT nos ombros.

Saímos em direção à Rebouças, que alcançamos virando à esquerda no fim da Paulista. Achei que tinha pelo menos 2 mil pessoas, possivelmente mais. Deixei para contar melhor na avenida. Passamos pelo túnel embaixo do viaduto e ganhamos a Rebouças na altura das Clínicas.

“Vem, vem pra rua em contra o aumento!”.

Caminhava com E e vimos E, que circulava ente os manifestantes, conversando com um e com outro. Anotei a presença de duas batucadas, a Fanfarra do MAL, autonomista, e a 13, das moças e moços do PT.

“Se a tarifa não baixar, a cidade vai parar!”.

Estávamos à frente do ato e vimos a passarela cheia de gente e de fotógrafos, umas 100 pessoas. Vi o pessoal do GAPP dos primeiros socorros. Vi um cartaz “R\$6,80 é osso!”. Vi uma camiseta “Presidente Allende”. Havia muitos skatistas e vários ciclistas no ato. Encontramos cumprimentamos o companheiro N. Uma camiseta dizia “Lutar sempre, Temer jamais”.

Uma vendedora ambulante carregava um isopor com cervejas e gritava, na cadência da palavra de ordem: “Vem, vem comprar cerveja, aqui comigo!”. Ouvi um “Fora Temer!” coletivo, mas não era todo mundo e não durou muito.

A via de subida da Rebouças estava desimpedida e com trânsito normal, incluindo o intenso fluxo de ônibus na faixa exclusiva. A galera gritou: “Ô cobrador, me diz aí, se o seu salário aumentou!”, em outra rima só possível no falar brasileiro. Tanto o SBT quanto repórteres independentes entrevistavam motoristas. Dois moços passageiros, sentados no banco de trás do ônibus, gritavam aos manifestantes: “A favela precisa de ajuda!”.

E nos contou, divertida, que um dos 3 PMs da equipe de filmagem tinha vindo fazer um selfie na frente da faixa do ato!

“Doria patrão, aumenta a integração!”

“Lutar, criar, o poder popular!”

E e eu contamos os manifestantes e achamos que tinha sim umas 3 mil pessoas. Nada mal para o começo do ano, quando a justiça tinha revertido o aumento. Muito melhor do que o

final do ano de 2016. E também achou que tinha uma presença muito variada de organizações e coletivos, bastante significativo.

Tendo ficado para trás do ato, vimos a presença policial que acompanhava a manifestação. Na hora achei super modesta, já que via apenas umas 5 viaturas atrás da multidão, nenhuma tropa à frente ou dos lados. Mas logo vi que o contingente era forte: todas as travessas tinham fileiras de escudos e atiradores.

Vi uma camiseta “Contra o futebol moderno”, e também um casal jovem que tinha pintado o rosto de branco, ela de gatinha e ele de dândi oitocentista. Olhei para a direita e vi a fachada do CREA-SP. No muro, ainda estava a pichação do “House of Caraglio”. Sorri.

“A nossa luta, é todo dia, pois transporte não é mercadoria!” Dentro do restaurante Bovinus, uma família de turistas acho que chineses fotografavam a manifestação, sorrindo nervosamente. Encontrei M e seguimos junto um pouco. Notamos incomodados os dois helicópteros que acintosamente sobrevoavam a manifestação. A galera firme: “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!” A tensão aumentava conforme nos aproximávamos do cruzamento da Brasil com a Rebouças. Muita viatura descendo pela via da esquerda com sirene apitando, motos nervosas acumulando no encontro das avenidas. Parece que o MPL queria seguir pela Faria Lima, mas a PM (ilegalmente) exigiu que virássemos à esquerda na Brasil e parássemos em frente a igreja de Nossa Senhora do Brasil, na esquina da cidade Jardim. Não permitiam seguir em frente para alcançar a rua Colômbia (ou Venezuela?) onde mora Doria.

Conforme chegávamos perto do cruzamento a tensão aumentava. Um grupo grande de avulsos e jornalistas caminhavam à frente da faixa e do corpo principal da manifestação. Duas linhas de PMs, com escudos e atiradores, impediam o avanço ou acesso às vias que não fosse em direção à Cidade Jardim pela Brasil. Apesar da tensão, um casal de jovens negros passou por mim cantando. Ele tocando um mini atabaque, ela sorrindo.

O povo chegou e sentou para um jogral, com os dois helicópteros voando baixo. “A PM não deixa fazer o trajeto que queremos”.

Reconheci nessa hora a bandeira da Ação Antifascista – SP. Vi também uma camiseta negra do St. Pauli, com uma caveira. E me conta que se trata de um time de futebol de Hamburgo, anarquista.

Viramos à esquerda na Brasil e caminhamos em direção à Nossa Senhora do Brasil. Deu para ver que todas as travessas tinham colunas de PMs, de escudos mais atiradores. A

avenida fora esvaziada e estávamos isolados, cercados por todos os lados. R do MPL passou dizendo que “nos cercaram e estamos no meio do Caldeirão de Hamburgo”. Este é o notório cercamento de manifestações, onde a multidão é cercada e confinada dentro de um perímetro de tiro. De fato, estávamos totalmente à mercê da tropa. Chequei os muros da rua e vi que eram todas grades altas: não haveria alternativa se não correr de uma linha de tiro em direção a outra linha de tiro, que é exatamente o objetivo do Caldeirão.

“Vem, vem pra rua vem, contra o aumento!”. Seguíamos. Eram 20h.

Apesar da animação, achei que a manifestação caminhava bem lentamente. Um ciclista tentava argumentar com uma coluna de atiradores em uma travessa: “Não tem bandido, é tudo estudante contra o aumento”. Os helicópteros ainda sobre nós.

Já escurecia e uma fina garoa fria caiu sobre a multidão. Foi chato mas durou pouco. Nessa hora tem um corre-corre e um moço de camiseta cinza passa correndo ao lado e se refugia entre os PMs de uma travessa. Perguntei e me disseram que se tratava de um líder o MBL que se infiltrara na manifestação e transmitia de lá. [*Era o carinho do “Mamãe Falei”, que usa o vídeo para humilhar e filmar as pessoas em manifestações de esquerda. Tem um site*].

Vi isso de coxinha buscar refúgio atrás de PM acontecer muitas vezes, entre elas na Barra Funda. É muito covarde e provoca muita indignação isso de buscar a saia do Estado armado quando a coisa aperta. O MBL busca se posicionar como quem vai desocupar as escolas, mas na real eles sabem apenas correr para a PM quando vão apanhar. São eles que vão defender e legitimar a tortura. O maluco é que eles e outros militaristas sempre atacam a Venezuela, onde a polícia bate em coxinha e o exército reprime a direita. O que vale aqui não vale lá.

Apesar do enorme buxixo, o ato seguiu. Passávamos exatamente pela travessa rua Venezuela quando vi a bolinha de luz projetado nas fachadas: “Craco resiste!”.

Chegamos ao cruzamento da rua Colômbia com a Brasil, em frente a igreja nossa Senhora do Brasil. Estávamos à frente do ato e fomos checar o aparato policial. Dois caveirões do Choque impediam o avanço pela Brasil, com duas colunas em cada via. A rua Colômbia, que depois se torna avenida Europa e depois Cidade Jardim, estava fechada à direita, e também à esquerda, subindo em direção à Paulista. Em poucas palavras, estávamos cercados e não sabíamos bem o que ia acontecer. Um confronto ocasionaria um massacre: estávamos totalmente cercados e sem e nenhum lugar para correr.



Busquei um lugar razoável de estar, de modo a acompanhar o que se passa mas de alguma forma não me expor demais.

Tem um lugar canalha de ficar que é o da imprensa, tipo atrás da linha policial. De lá se vê toda a violência com segurança. No passado, eu ficava dividido entre me proteger e relatar ou compor a multidão e ser solidário na hora da porrada. Mas com o tempo [consegui ler os sinais e buscar lugares de relativa segurança, ainda que por vezes parecer] que a decisão de ter confronto não passa pelo jogral ou outra instância de decisão coletiva. [A impressão que dá é que] quem é de dentro sabe [se vai ter violência], menos eu e todos aqueles que somos corpos avulsos da multidão. Desde então eu não mais fico na linha de frente quando perigo de ter confronto.

A manifestação chegou e se concentrou no cruzamento das avenidas. Enorme tensão. Sentamos e fizemos um jogral. Já estava escuro e os helicópteros impediam o entendimento pleno das palavras, mas ficou a mensagem de resistência: “amanhã vai ser maior!”. Depois disso parece que houve algum tipo de negociação com a PM. De qualquer forma, o acesso à esquerda, subindo em direção à Paulista foi aberto. O ato lentamente se dispersou, mas ainda se cantava “Ei, cuzão, tira a farda e vem na mão!”, e “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”.

Um moço afixou um dos pirulitos do MPL no poste da avenida: “Aumento na integração não!”.

E e eu decidimos seguir de volta para a Rebouças, já que não haveria ônibus pela Augusta. Tomamos uma Seleta e dividimos um beirute na rua Pinheiros.

Tomei um ônibus na Consolação e fui para casa.

### **13 de janeiro**

Quando caminhava de noite para casa na rua Vergueiro, parei de novo para escrever um Fora Temer! No painel publicitário luminoso, na frente e atrás. Um jovem casal passava por lá e a moça aplaudiu.

Tudo está em suspenso e ninguém arrisca previsão. O golpe vai fazendo passar o que consegue ao mesmo tempo que o governo pode cair em breve. As futuras e iminentes delações da Odebrecht e Camargo Correia, mais a de Eduardo Cunha, potencialmente poriam quase todo o atual cenário parlamentar a perder. Não se fala muito se Lula apareceria nas delações, e nunca Dilma. Teve uma história ridícula das câmeras de segurança do Palácio do Planalto, desativadas faz anos. O general Egoyen e a PF,

amplamente divulgados pela Globo, tentaram vincular as figuras de Lula e Dilma a esse fato como se fosse uma forma proposital de evitar o registro de “coisas erradas”.

### **14 de janeiro – Janaína no banheiro**

Repercuta o tweet de Janaína Paschoal a respeito dos banheiros do Ibirapuera. Ela diz que está a controlar o estado de conservação e limpeza dessas instalações e que vai ajudar o prefeito na fiscalização. Em declaração separada, afirmou que não é impichadora oficial e não tem obrigação de higienizar o governo Temer. Um amigo de GP disse que, nas aulas que dá na FADUSP, Janaína enfrenta hostilidade de alunos, que escrevem “golpista” na lousa antes dela entrar.

### **16 de janeiro**

O frenesi Trump continua. Apesar de todas as previsões de possível normalização do futuro presidente, tudo é ainda uma incógnita. Parece que vai haver grande mobilização contra ele no dia de sua posse. A imprensa liberal e de esquerda fica bombando os protestos e rogando praga na cerimônia de Trump.

As rebeliões prisionais continuam. É impressionante como quase nunca se discute na imprensa como solução para o caso a redução dos “presos provisórios”, que é gente que está presa sem ter culpa formada (sem contar aqueles que já cumpriram suas penas e continuam presos).

O PIG fica bombando o nome da ministra Carmen Lúcia, provavelmente como um nome para um mandato tampão pós-Temer. O Ayres Brito aparece como futuro ministro da Justiça.

### **17 de janeiro – Boulos preso**

O Boulos do MTST foi detido hoje tentando intermediar uma desocupação. O Secretário de Segurança Pública afirmou que ele lançara um rojão contra policiais, o que foi repetido em nota da Secretaria. Os policiais que o detiveram fizeram lembrar que ele já vinha participando de outras manifestações e que isso justificava a detenção. Deu um medão de ser ou um aviso contra a resistência e mobilização ou um descontrole institucional onde forças subalternas estão cada vez mais à vontade de emplacar agenda própria.

As previsões de recuperação econômica continuam ruins, apesar de certo controle da inflação e do corte de juros.

Junto com os números da concentração de riqueza no mundo, os do Brasil: 6 homens detêm a metade da riqueza nacional, isto é, tem o mesmo dinheiro que os quase 50% mais pobres. A lista dos mais ricos: o sócio da Ambev, Jorge Paulo Lemann, o dono do banco Safra, Joseph Safra, outros dois sócios da Ambev Marcel Hemann Telles e Carlos Alberto Sicupira, o cofundador do Facebook, Eduardo Saverin, além do herdeiro das Organizações Globo João Roberto Marinho.

Repercute o perdão de Obama a Chelsea Manning. Ela vai ser solta em maio.

### **18 de janeiro**

Doria continua suas ações publicitárias e já teve resposta dos pichadores. A tentativa do prefeito de erradicar a pichação levou pichadores a pichar a ponte estaiada. Bem no alto. Perto do Terminal Bandeira, “Doria, pixo é arte”, diz a intervenção, ao lado de um “Fora Temer”, também pixado.

Temer planeja enviar exército a presídios como parte de plano de contenção das rebeliões prisionais.

Num lance de novela mexicana, o juiz Sérgio Moro escolheu a própria esposa, Rosangela Wolff Moro, para defendê-lo no processo movido pelo ex-presidente Lula contra si, por abuso de autoridade.

X veio ajudar na feitura de um novo boneco para o MPL. Ele me contou que aderiu ao movimento em 2015, através de sua escola, onde estudavam outros militantes. Ao saber que eu me aproximara através dos amigos do CMI, ele disse que sabia do importante papel deste Centro de Midia, especialmente em Florianópolis. Reforçou a importância do registro e da memória nos movimentos sociais.

### **19 de janeiro - Segundo ato do MPL**

Saí da estação Luz em direção ao segundo ato do MPL contra o aumento das passagens. O governo continua perdendo na Justiça e o aumento mesmo está barrado. Mas decidiu-se fazer o ato assim mesmo, ainda que os secundaristas, grandes apoiadores do MPL, estejam de férias.

Chovera bastante durante a tarde e pediram que o boneco que eu tinha feito ficasse em casa, para não estragar. Adicionei a figura do Doria marionete nas mão do Alckmin de papel e cola. Saí pela saída da Linha Amarela às 17:30h e encontrei E na rua. Caminhamos pela estação da CPTM até a rua entre a Estação e o Parque da Luz. Olhei já minha volta. Tinha

umas 100 pessoas, muitos PMs e bastante gente passando pela estação. A via ainda estava livre, os manifestantes na calçada.

Achei que tinha dois grupos principais, um mais de autonomistas, de preto, e outros mais coloridos, de coletivos e partidos: PSTU, ANEL e Faísca. Vi um moço com uma camiseta Fora Temer!. A Fanfarra do MAL já estava lá, do lado negro, tocando seus metais e tambores. O MPL trouxe a sua faixa negra de frente de ato: “Contra os aumentos”. A faixa do PSTU trazia: “Não ao aumento da tarifa”. A faixa verde era da ANEL: “Não ao aumento da tarifa” mais outras mensagens pela estatização do transporte público. Achei que a idade média era de 20 anos, talvez um pouquinho mais.

A presença policial era muito numerosa, contei ao longo da passeata pelo menos uns 250 policiais, incluindo a Força Tática e a cavalaria. Completamente desproporcional.

Vi o fotógrafo de quem falo sempre, além de X, I e R do MPL. Também A que veio cumprimentar. Chegou M e conversamos um pouco. Ele corrigiu minhas linhas do relato da manifestação anterior. Disse que não é verdade que a organização sabe sempre se vai ter confronto e que a dinâmica é mais instável do que massa de manobra *versus* direção. Concordei mas tentei insistir que precisa ter um lugar ou instância onde é possível combinar e saber antes, certamente no contexto de compartilhar a rua com forças de esquerda não-autonomistas. Hoje penso que a esquerda precisa de um protocolo mínimo de convivência na rua. Vai ter que discutir confronto.

M também trouxe a notícia da queda do avião que levava Teori Zavaski. Sua morte não fora ainda confirmada. Falamos um pouco sobre a quem cabe nomear o substituto. Os conectados recebiam as notícias em seus aparatos. Chegaram E e R do CMI.

Enquanto a organização discutia se saíamos ou não (tinha pouca gente), a Fanfarra atacava com as canções *Bella Ciao* e *Tequila*, bem swingados. Um homem de azul dançava junto e vibrava. Vi nessa hora uma bandeira da Ação Antifascista São Paulo e outra verde da ANEL.

Saíram todos da calçada para a rua, e a faixa foi posicionada à frente da multidão.

Fizemos um jogral: “Estamos aqui hoje...”. Relataram brevemente a situação do aumento na Justiça. “Não vamos permitir o novo aumento. Trinta e sete milhões de brasileiros não podem pagar a tarifa no país”. “Entregamos o prêmio ‘Aumento Inovador’ para o coronel da PM, que era o representante do prefeito na ocasião.” “O prefeito mentiu, pois sua promessa de campanha foi a de congelar a tarifa”.

Saímos em seguida, já agora umas 18:30h. Dobramos à direita na Brigadeiro Tobias e caminhamos. A PM seguia em duas colunas, de escudos, flanqueando a manifestação, mais uns outros 150 atrás.

“Se você paga, não deveria, pois o transporte não é mercadoria!” “Vem, vem, vem pra rua vem, contra o aumento!”.

Vim conversando com R, que é professora no Estado. Contou como os alunos sabem que o material que usam é sucateado e obsoleto. Mas contou também que é difícil apresentar qualquer material fora do currículo estrito. Muitos pais reclamam se houver conteúdo crítico. Falamos um pouco do mundo da arte e contei como muito me espanta que a Bienal nunca tenha sido ocupada, a despeito de muitos artistas terem por conteúdo de seus trabalhos a ocupação e ativismo. Parece que ter questões do movimento no portfólio de alguma forma substitui a ação militante concreta por parte dos criadores visuais.

Passamos em frente a sede da Polícia Civil, e muitos funcionários fumavam lá fora. O povo puxou um “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”. Havia uma sutil ironia no ar, já que existe acesa rivalidade entre as polícias civil e militar. Mas não vi muitos sorrisos, não. E contou que o coronel da PM que recebeu o prêmio do MPL em nome do prefeito disse que não ia passar o troféu ao Doria. Ele teria ficado orgulhoso de receber algum tipo de reconhecimento, mesmo do MPL, pois garantiu que ninguém [do estado] mais tinha feito o mesmo. A companheira E especulou que talvez eles achem que o MPL foi que causou a queda de Dilma e gostem do movimento. Eu acho que pode ser que o comando da PM odeie o Passe Livre, mas a soldadesca (que toma ônibus) simpatize. Vá entender.

Vi nessa hora um moço com a camiseta “Refugiados bem-vindos”. Vi também um grupo de moças e moços do GAPP, dos primeiros socorros. Achei curioso o nome de um estabelecimento à frente do qual passávamos, dada a forte presença policial: “Restaurante Garrote. Self-service à vontade com churrasco”.

Dobramos à direita na rua Pedro Issa e ganhamos a avenida Ipiranga.

“Chega de tarifa e de político babaca, a gente tá lutado por uma vida sem catraca!”.

Avançávamos pela avenida, e conversava com E, que apontou os novos prédios da região (e seus altos muros) e também os antigos cinemas desta rota. Ele notou ainda o pequeno Teatro Santa Ana, que é um teatro pornô, um tipo de arte hoje em decadência (o sexo ao vivo no palco).



Notei, na parede à esquerda, um daqueles cartazes muito grandes amarelos com a figura de Jesus. Este tinha sofrido intervenções: o Nazareno ganhou um chapéu azul e teve seus olhos ‘cegados’ com tinta, que escorria um pouco como lágrimas. Alguém fez corar suas bochechas com dois círculos laranjas. Ao lado de seu rosto, a mensagem “Vendo sua memória”. Ao pé da figura, em letra de mão: “Respeita as trava”. Do escrito original do cartaz, só restavam as palavras “nunca estarás sozinho”.

Em outra parede mais adiante, escrito com spray: “arrozfeijãoganjah. Enganjado”. Mais adiante, “Foda-se o sistema”.

Cruzamos a Rio Branco e povo começou a gritar “ai,aiiai,aiiaiiaiiaiiai 3 e 80 é o carai!”. Curiosamente, nesse exato momento passávamos em frente a uma loja cujo nome era “Oitenta Calçados”.

Passamos em frente a uma ocupação da MMU e outra da FLM, que trazia uma faixa ao portão: “Contra a corrupção imobiliária”. Mulheres à janela festejavam a manifestação gritando “Fora Alckmin!”. A galera respondeu.

Cruzamos a São João.

“Pula a catraca gostoso, pular catraca é uma delícia!” Eram 19:20 e a garoa ia e voltava. Ao chegar perto da Praça da República, as calçadas iam enchendo. Eu e E decidimos nos adiantar um pouco e checar a sede da APEOSP junto à praça, para assistir um ato de desagravo ao Guilherme Boulos, que foi detido faz pouco. Esperávamos que ele falasse, mas só tinha umas 50 pessoas e nada do Boulos. Um homem discorria ao microfone, analisando as políticas locais de Alckmin como um laboratório para futuros projetos nacionais.

Ficamos algo desapontados com o evento, não era o que esperávamos. Quando a batucada do MPL passou lá fora, muita gente ouviu, levantou e saiu para ver, incluindo a companheira A que reconheci ao se apressar em ganhar a rua. Saímos também.

Pegamos a rabeira do ato, no ponto onde a faixa fechava o cortejo: “Violência é a tarifa”. Dobramos à esquerda na Itapetininga, onde imediatamente o rumor do povo ganhou mais eco. Os clientes do restaurante que tem mesas na calçada não se animaram, nem a banda que tocava um reggae, ao vivo. Notei nessa hora que o homem de azul nos acompanhara desde a Luz e trazia uma lata na mão, onde batia com energia suas duas baquetas, agora parte da Fanfarra do MAL ele também.

“O transporte está uma bosta, cheira e demora? Tarifa Zero já!” “3,80 é um roubo, tarifa zero para o povo!”

“Mãos ao alto, 3,80 é um assalto!”

“Dança, Doria, dança até o chão, aqui é o povo contra o aumento do busão”.

Passamos em frente ao Teatro Municipal. Na fachada das Casas Bahia, muitos sem-teto deitados em papelões, no chão. Atravessamos o Viaduto do Chá para ganhar a prefeitura, destino final da passeata. A PM se posicionou em frente às grades de proteção em volta da entrada. O ato chegou e depois de um pouco fizemos mais um jogral, que se encerrou com “não vai ter arrego!”. Aí acenderam-se as catracas de papelão, em frente a faixa preta estendida por vários manifestantes.

Vi que o homem de azul, ainda batendo lata, dançava e desafiava os PMs da praça do Patriarca, no meio da Líbero Badaró. A Fanfarra do MAL tocou novamente *Tequila*.

Chegou O, de bicicleta, e conversamos. Ele contou que poucos movimentos sociais estão atentos à segurança digital. Previmos que no pior cenário a atual geração de jovens militantes vai ser varrida por causa de suas pegadas digitais, e que só uma turma seguinte vai evadir a vigilância contemporânea. Ele se dedica à educação para a segurança nas redes, e dá um curso pelo Whatsup. Ele também avalia que há um golpe contra Trump em andamento, promovido pelas agências de segurança americanas. Disse que Snowden vai voltar aos EUA, o que tinha prometido fazer se Chelsea Manning fosse posta em liberdade.

Desci com E pela rua Dr. Falcão Filho e entramos em um pequeno boteco tipo velha escola: iluminação amarela, de gesso no teto e nas sancas, que abrigavam neons esverdeados, mais um balcão preto de apenas 7 lugares e nenhuma mesa. Tomamos umas cachaças, incluindo uma do tio do proprietário. Tentei convencer E a escrever sobre suas vivências autonomistas, que começaram nos anos 80 no seio da socialdemocracia holandesa.

Pagamos, caminhei até a Sé e fui para casa.

## **20 de janeiro – Ato antitrump**

Caminhei pela Paulista a partir da Consolação em busca da rua Augusta. Estava marcado um ato contra a posse de Trump. Tinha recebido uma convocação no ato do MPL ontem e fui checar. Tinha sido chamado pelo PSTU, então achei que não ia bombar. Mas desconfieei que os direitistas pró-Trump pudessem intervir. Fui ver.

Cheguei na hora marcada (17:30h) e absolutamente ninguém além dos passantes e transeuntes. E também dos meninos e meninas do Greenpeace e da Unicef, que abordavam as pessoas em busca de doações e filiações. Parece que esse método deve funcionar, já que muitas organizações recorrem a esse tipo de marketing. Acho estranhíssimo que o contato

com o público seja terceirizado no contexto de organizações que buscam recrutar e mobilizar gente para ações sociais, mas vi com meus olhos uma moça do Greenpeace obter de um jovem seu CPF, endereço e promessa de filiação. Tipo 100% a mais do que o PSTU na mesma tarde e no mesmo lugar.

Fui checar o MASP, às vezes tem coisa lá, e também dar uma olhadela para ver se tinha fascista na área. Nada à vista e retornei pela outra calçada. Quase 18h, vi agora um agito na esquina da Augusta com Paulista, em frente ao Banco Safra. Eram umas 20 pessoas, com uma bandeira do Conlutas CSP, uma do arco-íris LGBT, uma verde da ANEL e outra do MML Mulheres em Luta. Tinham fixado um faixão de plástico às grades em frente ao banco, com os dizeres: “Todos às ruas contra Trump. PSTU LIT QI”. Alguns cartazes feitos à mão: “Todas e todos contra Trump”, “Fora Trump, todos que oprimem – MML” e “Fora Trump racista, machista e xenófobo”. Um moço tinha uma camiseta que trazia: “Antifascista sempre”.

Alguns manifestantes interagem com os vendedores de rua: “Vocês são contra o Doria? Ele quer tirar a gente daqui”, disse uma moça que vendia adornos. O público em geral reconhecia a pauta e por vezes se posicionavam contra ou a favor, mesmo que grande parte dos passantes fosse de trabalhadores dos bancos e escritórios da avenida, pouco simpáticos à marca do PSTU. Muita gente fazia fotos com o celular. Um moço muito arrumado e bonito veio me perguntar “de que veículo você é?”. Disse que era blogueiro, e ele perguntou: “mas contra ou a favor?”. Falei: “eu sou de esquerda”. Ele saiu andando.

Passou um grupo de jovens com lanças e escudos de EVA. Demorei a entender que eram aficionados da luta medieval, e que iam praticar no vão do MASP. Um homem do PSTU ao megafone fazia pontos gerais contra Trump, analisando sua posse do ponto de vista dos trabalhadores. O PSTU faz um esforço muito grande de trazer a questão de classe e a de gênero em paridade.

Fiquei um mais pouco e nada acontecia fora o agitar de bandeiras. Olhei o céu carregado e decidi sair fora.

Eram 18:30h, atravessei a rua, tomei um ônibus e fui para casa.

### **Segundo buraco do Diário**

**Já saí do buraco em que estive ao final do ano passado. Mas acho que abriu outro. O buraco abre sensibilidades de contato com outras amplitudes, de escopo cósmico, mas também aprisiona.**

Eu quero celebrar o copo americano para destilados em botecos. Percebi que vale sempre a pena pedir destilados no dito copo americano. Isso liberta a cachaça do rigor do copinho-dose. O copo americano, frisado, permite que o servidor exceda a dose estritamente definida pelo proprietário do estabelecimento em favor da generosidade dos notívagos e desesperados. Às vezes.

Estou no boteco que faz esquina com a Av. Liberdade e a praça João Mendes. Quase vejo a partir de minha mesa o Fórum, que na juventude invadi nas Peruadas exigindo Justiça. Vejo também as costas da catedral da Sé, e vejo pelo menos um grafite grande malucão numa empena cega. Adoro a Babilônia paulistana.

Vejo agora, no boteco atrás da catedral, a rua. Uma moça de vestido curto negocia sua travessia da avenida, o erotismo indomável do centro à noite inflama a opressão da norma capitalista. A televisão do boteco insiste nos acontecimentos coreografados do esporte. Todo o esporte contemporâneo televisado é reacionário e deve morrer.

A esquerda está dividida. A direita está dividida, e tem pelo menos 5 conspirações em andamento. Tudo é dilacerante... Não foi possível construir redes globais do campo popular fora da internet, que agora está a encolher e se tornar vigiada.

O ódio ao PT não passou, apesar do refresco das férias. Agora já é fevereiro e sinto que vem a onda destruidora da reação. Tenho as piores premonições. Tenho sonhado muito e sempre tem muita gente e questões da organização e resistência. Gente na rua, dormitórios e hotéis têm aparecido muito nos meus sonhos. Ainda que eu saiba, no fundo, que tudo passa e que novos horizontes vão surgir, o esmagamento presente pode ser demais para mim. As instituições derreteram e só há escuridão à frente. Nenhuma pré-figuração ou ganho de subjetividade vai dar conta. Os jovens, eles não tem escolha senão imaginar, agir e sobreviver. Mas talvez isso não me inclua.

O período pré-momesco tem me enchido de tristeza. A imobilidade geral ao nível da rua aliada às manobras palacianas têm dado uma sensação de impotência. Encontrar militantes do PT dá certa desesperança e certo medo, o partido está fechado como um tatu. Com as recentes nomeações de Temer para blindar-se da Lava Jato, deu para perceber que o PT tirou o mico preto e vai ser o único punido. Os delatores pegam penas leves, o PSDB nem o

**PMDB vão cair. A sensação de solidão é enorme. O ódio continua, e há um clima onde não importa que Temer seja corrupto ou que Lula não seja culpado. Já passamos desse ponto. O consenso parece ser que o Brasil optou mesmo pela via autoritária e que o ponto nunca foi a luta contra a corrupção.**

## **22 de janeiro – Morte suspeita do ministro Zavaski**

Repercute a bomba da morte de Teori Zavaski, do STF. Ele era relator da Lava Jato. A imprensa fez pouco das avaliações de assassinato, mas a rede ficou em chamas.

MBL lança nota de “respeito” à memória de Teori, a quem já esbracharam, cercando sua casa e o insultando. Nos sites coxinhas, a campanha “Moro no STF” é forte, mas parece que é ilegal. Alguns memes buscam envolver o PT na suposta queima de arquivo, apesar do ministro ter sido nomeado por Dilma. Vi também uma campanha para nomear Janaína Paschoal no STF! Outro meme relembra algumas decisões contrárias ao golpe de Teori.

Coluna na Folha sugere que a disputa presente estaria entre Moraes, preferido do Planalto, e Moro. Não consigo antecipar cenário pior do que esse (tem sim: agora Ives Gandra filho é candidato).

## **23 de janeiro**

Tenho lido reações dentro dos quadros do PT e em sua militância contra a composição com o PMDB no Congresso, em troca de posições nas mesas. Foi a primeira vez que vi desde o mensalão um posicionamento claro de desobediência à direção e censura de suas posições. Quiçá um começo de transformação do PT.

Doria eleva o embate com os pichadores. Apesar dos protestos deles serem totalmente legítimos, eles também alimentam a polêmica midiática que o prefeito deseja. Ele vai se manter na mídia sempre que possível e se candidatara a governador, tudo passado a impressão de que fez muito. Já ouvi coxinha dizendo que ele já fez mais que o Haddad em toda a sua gestão. A substituição de ação administrativa pela foto na imprensa é o tom geral da estratégia de Doria.

Trump confirma que não vai ser domado pela máquina estatal e continua a ser superficial, truculento e despreparado. Está a desfazer o Obamacare através de canetada. Não é difícil fazer comparações com as conquistas sociais obtidas pelo governo do PT. Parece que muito



pouco está inscrito na arquitetura institucional do Estado de maneira permanente e pode ser varrido por decreto de um governo não eleito.

A grande imprensa diminui a possibilidade de atentado na morte de Zavaski, mas essa versão bomba nas redes. Muitas análises refeitas para contemplar esse novo cenário. Foi um evento que mexeu no cerne do embate Judiciário x Legislativo/Executivo.

LR já tinha dito anos atrás que a Mãos Limpas da Itália só acabou quando os juízes começaram a morrer assassinados.

A crise prisional persiste, mas já saiu das manchetes.

## **25 de janeiro**

Eu ia a dois atos de resistência no aniversário de São Paulo, mas E foi a um deles de manhã e ficou desanimado. Parece que teve protesto contra Doria na Sé e vi nas redes que também houve um protesto contra o aumento da velocidade na Marginal. Acabou que não fui a nenhum evento hoje.

## **26 de janeiro – Meu pau te ama**

Vi, descendo a Cardeal Arcoverde de ônibus, a seguinte pichação: “Doria, meu pau te ama”! Soube que o prefeito declarou que vai recrutar taxistas para reprimir grafiteiros e pichadores. A frase se refere a uma canção, *hit* deste verão, cujo refrão bombou nas bocas jovens.

Havia escrito que só vejo rastros de resistência ao golpe pelas ruas, na forma de pichações e cartazes rotos. Mas vi uma faixa amarela na Consolação, onde era a pizzeria Michelluccio, se não me engano: “Vem Pra Rua 4/12”.

Blogs petistas ficam criticando os deputados do PT e noticiando pela primeira que há revolta na militância contra o acordo da bancada com o PMDB. Lindbergh Farias é contra o acordo que garante certas mesas para o partido, assim como Gleisi e outros. A direção do PT é abertamente questionada e há indícios de recuo.

## **27 de janeiro**

Dona Marisa ainda está no hospital e em coma. Duas mulheres protestam em frente ao hospital e exigem que ela se trate no SUS, que dizem defender.

Trump já começou a realizar várias de suas promessas, incluindo a construção do muro na fronteira com o México e também o recuo de tratados internacionais (TTP). Ele também entrou na polêmica do relato de quantas pessoas tinha em sua posse e nos protestos. Hoje

ele recuou nas acusações judiciais que fez a três jornalistas por causa do conteúdo destes em seus relatos sobre a posse de Trump.

Vi agora nas redes um vídeo da chuva de cadeiras atiradas contra policiais de escudo em Florianópolis... incrível!

<https://www.facebook.com/aburguesiafede/videos/976216265864249/>

## **28 de janeiro – Planos B?**

Teve almoço em casa e conversamos um monte. Todos preocupados, mas novas formulações apareceram. V tinha me emprestado o livro de Paul Mason, que tenta traçar um programa mínimo de transição a partir das forças e estruturas existentes hoje. Achei bom. B veio de BH. Ele estuda, acho, a arquitetura cognitiva construída pela comunicação ativista em rede. Falamos muito de 3D. HP é da tecnopolítica e busca, entre outras coisas, tecnologias de ação coletiva e conhecimento cidadão. R continua atuando nas fronteiras criptográficas e explora a dança salsa. GM é da minha geração mas tem uma presença importante na internet. Escreve fanfiction e trabalha com tradução. Veio E também, com sua longa memória política. T é atuante artista gráfica.

Mas todos reconhecem a gravidade do momento e alguns até pensam em planos B. Tive essa conversa com LR outro dia, que busca, à miúda, alternativas de lugares onde viver. Sua aposentadoria não está longe e ele tem um filho. Discutimos um pouco sobre para onde ir, já que a turbulência está geral e é difícil acertar um lugar tolerante com estrangeiros e que permaneça em paz.

## **29 de janeiro**

Carmen Lúcia vai conseguir homologar as delações em tempo mas resta a questão do sigilo. Se permanecem secretas, propicia o jogo dos vazamentos seletivos. Faz-se certo alarde quanto à viabilidade de Temer no governo, já que é citado muitas vezes.

Cresce a concentração de manifestantes no aeroporto de São Francisco, eles podem fechar o local. As reações à proibição de entrada tiveram enorme repercussão negativa, e as corporações de imprensa divulgaram muito, mas não aqui no Brasil. Vi muito vídeo e notícia de vários pontos da América, muitos aeroportos e locais do país estão tomados de gente. Alguns apontam que as restrições de alguma forma já tinham sido decididas ou implementadas pela gestão Obama. Mas o tema de fato acendeu o ativismo americano. Já

um teste para Trump. Se os protestos aumentarem e aeroportos forem fechados teremos uma bela crise formada.

### **30 de janeiro – Manifestantes americanos fecham o aeroporto de São Francisco**

Os protestos [*contra a proibição de nacionais de certos países muçulmanos entrarem em território americano*] em aeroportos de todo o mundo cresceram bastante. Achei interessante que estão a fechar *hubs* de transporte, isso é bem mais decisivo que uma passeata na rua principal. Vários aeroportos do mundo foram também ocupados. É notável que parte da grande imprensa americana e internacional esteja a favor dos protestos, a repercussão é muito maior. É interessante observar quem vai apostar na normalização de Trump e quem vai conspirar para derrubá-lo. O fiel da balança deve ser as corporações financeiras. Até agora nenhuma mobilização pró-Trump, apesar de “fatos alternativos” postados em apoio, em sites de direita.

Mas por outro lado tem a conta da hipocrisia centrista-esquerdista: o muro contra mexicanos já foi iniciado por Obama, a Europa já constrói seus muros contra refugiados, Guantánamo e a rede de “black sites” não foram desmontados pela democracia liberal.

A imprensa americana e centrista internacional dão a impressão de que a revolta contra o Trump é iminente e que há determinação em resistir. Mas pode ser que na real esse barco já tenha passado e a resistência vai miar e ninguém fora da militância vai se animar – e vai normalizar depois que todo mundo entender que ele não vai sair. Tipo Brasil. Tem também que as elites políticas de todo o mundo agora estão a se reposicionar para navegar esta onda Trump.

Li um comentarista americano que afirma que está em curso um golpe de estado dado por Trump. O bloqueio da entrada de muçulmanos foi um teste. Achei interessante, pois toda essa beligerância não parece buscar um consenso trabalhável, e está queimando pontes. O ponto central é a construção de um aparato de segurança ao largo da burocracia federal e fazer com que as várias forças policiais obedeçam à Casa Branca e não os tribunais.

Não há manifestações visíveis de apoio ou resistência a Trump no Brasil agora. Temos nossos problemas no momento.

Carmen Lúcia homologou as delações, mas manteve o sigilo. Isso dá um fresco ao Planalto e permite a votação da mesa diretora do Congresso. Além de bombar a imprensa que vai ter o privilégio de dar o tom de cada delação e sua repercussão.

Estava escrevendo na padaria quando vi a chegada e prisão de Eike Batista no Rio, de manhã.

A voz do moço gritando “golpista” ressoou de novo na noite da Aclimação. Eram 20:30h.

### **31 de janeiro**

As repercussões das decisões de Trump continuam a reverberar. Sua retórica de campanha não amansou e o extremismo é a regra. Ele pode estar construindo um aparato de segurança privado fora da burocracia federal. FBI parece seu aliado, mas não a CIA. Apesar da confusão da ordem de impedir o ingresso de certos estrangeiros, ele pode ter criado jurisprudência para que forças de segurança não acatem decisões de tribunais mas só obedeçam à presidência.

Não deixa de ser interessante sua estratégia leninista. Avalia que se deixar vencer e normalizar pela burocracia significa não mudar nada, tipo Lula. Mas criar uma esfera indestrutível e inacessível aos contrapesos de costume, a partir da qual Trump aciona um aparato já meio abusivo de medidas de exceção contra o terrorismo equivale a um golpe de estado.

Acho que no pior cenário a sociedade vai aceitar a repressão a grupos minoritários e viajar no crescimento econômico que possa rolar, bombado por grandes obras públicas e pelos empregos gerados pelas vagas abertas pelas expulsões e fugas de latinos, negros, gays, acadêmicos e trans.

Se me recordo da ditadura no Brasil, faz parte de um golpe de estado construir uma estrutura de segurança e repressão que seja para-legal, de modo a esconder o pior da repressão e poupar o cidadão médio de se posicionar. Com o ativismo demonizado, vai demorar para que relatos de abusos repressivos ganhem repercussão.

Destruir parte importante da imprensa será um passo inevitável, mas pode demorar mais. Mas a imprensa impressa não está bem economicamente.

Interessante a resistência do Google, Starbucks e outras corporações, mas o silêncio de Wall Street é ensurdecador. Quem vai decidir a parada é o grande capital financeiro. Acho que as corporações do mundo vão guerrear entre si através dos estados.

Doria teria apagado os tweets onde elogia o agora preso Eike Batista. Circulou na rede uma entrevista em vídeo onde o prefeito canta altas loas ao empresário.

A expectativa das delações é grande.

A bancada do PT não vai apoiar o candidato do PMDB para a presidência da mesa.





JU ISEN E A CARA DA DIREITA BRASILEIRA. MTST ACAMPA NA PAULISTA. POLICIAIS EM LEVANTES SALARIAIS.



# FEVEREIRO

2017

## **2 de fevereiro – Marisa no hospital**

T deu a dica e fui checar a concentração em frente ao hospital Sirio Libanês, onde Dona Marisa estava internada.

Saí na estação Trianon-MASP e descii a Peixoto Gomide em direção ao Hospital. Apesar de ter olhado o mapa antes de sair, tive que perguntar na banca onde era. A moça riu e disse que centenas de pessoas hoje tinham feito a mesma pergunta. Eram 17:45h.

A imprensa tinha noticiado a morte de Marisa e que havia militantes petistas na porta. Dias antes, fora noticiado que duas ou três mulheres vieram hostilizar, cobrando que Marisa tinha que ser tratada no SUS. Elas ficaram na frente com cartazes e gritavam contra a esposa de Lula.

Recentemente busquei as fotos dos protestos durante a Copa em 2014. Baixei várias imagens onde pessoas portavam cartazes com os dizeres “Saúde padrão FIFA”, ou “Eu quero educação padrão FIFA”. Parte da esquerda não petista [Pablo Ortellado] se fiou na premissa de que havia um grande contingente que defendia o serviço público mas que era sensível ao discurso anti-corrupção. Em suma, havia um número grande de pessoas que saíram em 2013 mas que não haviam saído ainda para o Fora Temer nem para o Fora Dilma. Houve furioso zumzum quando autonomistas sugeriram conversar com esse contingente [cozinha] na chave de um discurso anti-corrupção, mesmo que isso significasse tolerar o anti-petismo, configurando uma maneira de atingir grupos que o Fora Temer não conseguia tocar.

Mas as recentes reformas da Previdência, das leis trabalhistas e da Saúde mostraram que ninguém fora da esquerda veio defender os serviços públicos. Os cartazes então eram mentira, não existe cozinha pró-serviço público. Por isso a hipocrisia das manifestantes anti-Marisa.

Descendo a rua, ouvi alguém que gritava “Vai, Lula ladrão!”. Virei a cabeça e vi um homem da rua, de boné, barba cerrada e duas sacolas plásticas nas mãos. Vínhamos caminhando no mesmo passo e segui perto dele. “Vai, Lula bandido! Vai acabar, Lula, acabou!”.

Seguimos pela Peixoto Gomide abaixo, e ele continuava a gritar. Não era uma raiva doída, era mais uma ira santa de profeta descalço. “Viva São Bernardo! Vai São Bernardo! Morreu de manhã, né? Fora, São Bernardo! Vai, Lula ladrão”.

Dobrei à direita na Barata Ribeiro e ele seguiu em frente. Já na primeira à direita ficava a entrada do hospital. Cheguei e olhei em volta.

Tinha ao todo umas 100 pessoas, mais ou menos 50 militantes e curiosos, além de 50 homens e mulheres da imprensa. Contei umas 15 câmeras de todas as emissoras e vários holofotes iluminavam a entrada do hospital. Vi um moço que depois me apontaram como dos Jornalistas Livres.

Vários militantes estavam de pé no local, ou sentados em um banco de 5 assentos do lado de fora do hospital. Alguns vieram de camisa vermelha, uma delas da CUT, outros portavam buttons. A maioria era de mulheres. Quase todas conectadas, checando as notícias em suas telinhas luminosas. Notei que a maior parte era bem da minha geração, entre 50 e 60 anos. Tínhamos uns 15-25 no ano da fundação do PT, e a construção do partido mais ou menos dominou a nossa geração. Ver o Brasil de hoje regredir aproximadamente para o ano de 1954 é destruidor para quem militou no período pós-ditadura.

Na rede, o PIG sugeria que as mazelas de Lula tinham matado Marisa de estresse, enquanto nos blogs petistas a Lava Jato e o golpe eram os culpados. Soube depois que as sedes do STF, PGR e embaixada dos EUA foram pichados com a palavra “assassinos”. Mas uma onda de ódio e malvadeza escoou pelas cloacas da direita, o que fez da navegação pela rede algo doloroso. Lembrei que estava no velho Brasil de 2016 e que o golpe está em curso. Este ano de 2017 vai ser longo.

A militância recebia a notícia de que o velório de Marisa seria no sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo, começando às 20h. Alguns checavam pela internet as rotas mais convenientes para lá.

Uma das mulheres contava como ela tinha estado na posse de Dilma em Brasília e que seu grupo tinha sido escalado para proteger o Palácio do Planalto. Contava que sabia de um grupo de uma igreja, vestidos todos de branco, que tinha ido lá provocar confusão e que, quando o MST chegou e desceram do ônibus seus militantes, esses evangélicos saíram de fininho e sumiram. Outra mulher contava como o delegado que tinha denunciado Aécio Neves foi encontrado enforcado em sua casa. Ela garantia que ele fora executado. De noite, em casa, li que o Jornal Nacional ignorou a delação vazada onde Aécio teria recebido da Odebrecht uma propina por uma obra de 2.1 bilhões. Um outro moço contava como o site Sensacionalista foi comprado pela Veja e agora faz parte de seu time editorial, e que o humorista Danilo Gentili também agora faz parte da equipe.

Notei nessa hora que uma das mulheres trazia nas costas nuas tatuagem que dizia: “Victor, Vinícius, Gabriel, Rafael. Presentes de Deus”.

Já eram umas 19h e muitos funcionários saíam do hospital, certamente uma troca de turno. A segurança estava de prontidão e impedia o acesso ao lobby, mas de outra forma não havia presença policial ostensiva. Muita gente parecia transmitir ao vivo por meio de seus celulares.

Fui dar uma olhada do lado da imprensa. Todo mundo esperando algum fato noticiável. Chegou o Mercadante e isso criou um mini frisson. Já no horário dos noticiários da noite, algumas emissoras transmitiam suas reportagens. Um repórter da Band explicava à câmera o caráter do fluxo de sangue no cérebro de Marisa. A seu lado, fora do alcance da filmagem, notei uma mulher da Globo que eu já vira na coletiva do Lula que infiltrei e também na estação Pedro II, onde ela foi escoraçada pelos manifestantes. Uma outra moça do SBT vestia uma calça jeans apertada, camiseta branca e blazer preto. Muito maquiada, usava sapatos de salto agulha, e também estava de pé em cima de uma caixa. Ela entrou no ar e relatou como Marisa tinha doado seus órgãos, e que isso era um procedimento demorado, o que explicava a delonga na liberação do corpo e seguimento para o velório. Ela relatou também que, mais cedo, durante a tarde, teria havido um confronto entre militantes petistas e manifestantes coxinhas.

Nessa hora notei que o homem da rua, com suas sacolas e boné, assistia à transmissão ao vivo também. Ele falava muito alto: “ó a imprensa! A Marisa está no céu, mas ele continua!”. Retornei ao lado dos militantes e vi Jandira Feghali chegar. Ela foi muito festejada pelo pessoal e a imprensa logo formou um bololô. Ela entrou no hospital.

Tinha um zumzum que Temer viria ao hospital pagar seus respeitos. A militância se dividiu entre aqueles que achavam que não deveriam vaiar, dada a sobriedade da ocasião, e aqueles que favoreciam o apupo. Nessa hora notei um homem de minha idade portando uma bandeira negra, de pé, meio de fora. Estranhei.

Conversei com P e J, militantes que estavam lá. Eram agora umas 19h. Contaram um pouco de suas trajetórias desde os anos 80. J fora médico em São Bernardo. Contou que trabalhou na COSIPA e que atendia os trabalhadores do ABC, muitos deles vivendo em alojamentos precários e que desenvolviam sarna por causa disso. P foi metalúrgico, da Marinha e depois bancário, e agora estuda jornalismo. Defendi a reforma do PT, com o que concordaram, mas insisti que tinha que ser pela pressão da militância. P cacifou o Suplicy como pivô de renovação partidária. Tentei colocar a diferença entre cooptar a meninada que está a fazer política hoje e deixar que eles renovassem a vida do partido. Falamos também da médica do

Sírio Libanês que vazou dados confidenciais da saúde de Marisa em um grupo de Whatsapp. Parece que há comentários bem escrotos nesse grupo de mensagens.

Uma militante veio dizer que a assessoria do ex-presidente, dentro do hospital, tinha revelado que o coração de Marisa ainda batia por conta própria, e que Lula havia ordenado que enquanto isso acontecesse, nenhum aparelho seria desligado. A mulher rogou que ninguém de nós divulgasse isso ainda. Pouco depois, desceu uma médica do hospital e deu um informe, provavelmente de conteúdo idêntico.

Jandira saiu acompanhada de outros políticos, entre eles a Maria do Rosário. Foram muito festejadas. “Lula, guerreiro, do povo brasileiro!”. Pouco depois saiu a caminho de um táxi o Aldo Rabelo, antigo militante do PT, que foi reconhecido e tietado.

Ouvi as conversas ao meu lado, e três militantes se queixavam dos secundaristas e do PSOL. Uma delas, ruiva de longos cabelos, dizia que “o Nassif, o 247, o DCM, a Maria Flor e o Conversa Afiada falam tudo o que tem pra saber”.

Por sua vez, o homem da bandeira negra, de óculos e uns 50 anos, dizia que “o MPL é a quinta coluna do imperialismo”. Dizia que reconheceu no quarto ato contra o aumento da tarifa em 2013 a presença de vários coxinhas, dentre eles o Xico Graziano do PSDB e a “amante do Aécio, aquela bonita de olhos azuis”. Afirmou ainda que vira o “PSTU tentando dominar tudo, o que não podia ser bom”. Estranhei muito aquela figura lá no meio, e afirmei que o MPL era de esquerda e que quem não abraçou a pauta radical foi o Haddad.

Depois de algum tempo de conversa entendi de onde ele vinha, mas isso demandou a paciência de lidar com uma pessoa que não ouvia muito e abusava dos imperativos. Declarou-se anarquista, e contou que fora punk nos anos 80 e que já brigava com carecas, defendendo o que hoje é o LGBT. Lembrava-se de Perseu e Fúlvio Abramo, e ainda de Edgar Leuenroth. Foi bancário e atuou na luta sindical dos anos 80-90. Mas, para ele, o MPL é entreguista, assim como o companheiro P, que citou nominalmente. Elogiou a Ação Antifascista e os Black Blocks, que definiu como a periferia radicalizada. Quando apontei que a AA sempre vai aos atos do MPL, ele disse “tamo junto, mas sempre sai faísca”. Apesar de certa arrogância na denúncia de praticamente toda a esquerda exceto sua pessoa, afirmou que era preciso unir o campo popular em geral e sair de posições isolacionistas. Entendia que algum tipo de partido popular é necessário, apesar de excluir de todo diálogo o PSTU e o Território Livre (“mas respeito o PCO”). Ele cobrava do movimento em geral, e especialmente dos autonomistas, ganhos de organização em cima das mobilizações.



Chegou o deputado Chico Vigilante, e o boato era que viriam juntos mais tarde Temer, Serra, Jucá e Sarney. Uma militante duvidava que Temer tivesse a coragem de vir ao hospital. “O Doria saiu com o carro todo macetado da Praça da Sé. Eu estava lá, eu vi”. Eram mais de 20:30h quando saí rapidinho para comer em algum lugar. Pedi um beirute e me arrependi na hora: muita gordura, a batata frita pálida e triste. Uma Seleta ajudou a descer. Voltei.

Lá pelas 22h ficou claro que a comitiva de Brasília ia chegar. Alguns militantes tinham ido embora, e a imprensa formou um corredor na frente do portão de entrada. A segurança do hospital trouxe várias daquelas grades auto-portantes e fez um corta-gado. Ficamos uns 20 minutos assim, sem saber direito o que ia ocorrer. Um repórter saiu correndo de repente para o outro portão de entrada, o do prédio antigo ao estilo eclético, e a tropa toda saiu atrás dele. Não era nada, e todos retornamos para atrás das grades, entre divertidos e humilhados.

Nessa hora reparei em um moço negro que comia uma pizza que trazia na tradicional caixa hexagonal de papelão. Ele estava sentado, de camisa verde, no canteiro central em frente ao hospital, portanto bem na boca do corredor de repórteres e câmeras. Ele gritava e apontava muito, mas era difícil entender o que dizia.

As mulheres militantes tensionaram a linha separatória, falando muito alto “Temer tem medo de três mulheres, é um assassino”. Bombeiros e seguranças continham o povo atrás das grades. Chegaram os batedores de motocicleta e a van onde estavam os políticos. A multidão acendeu e houve muita gritaria. Os câmeras ficaram desesperados com os colegas que subiam na grade para obter melhores ângulos. Alguns gritavam chorosos: “baixa o celular, gente!”. A porta do veículo se abriu e foram saindo os personagens: Serra, Temer, Jucá, Sarney, Renan e outros.

A galera gritava muito: “assassinos! Golpistas!”. Vi pelo menos uma bolinha de papel cortar os ares e atingir o laquê de alguma cabeça da comitiva. O homem da camisa verde estava radiante e gritava muito com o povo. Os políticos rapidamente passaram pelo corredor, espremidos pelo abraço sério dos seguranças.

Ao fim da passagem, a militância estava muito feliz e se cumprimentava. Uma moça veio dizer “que vocês são exemplares. Vim desanimada mas agora estou contente”. Uma das mulheres veio dizer que tinha três coxinhas no local e que eles estiveram envolvidos na hostilização de Marisa dias antes, e que estava preocupada com a nossa segurança. Ela apontou os três. Dois deles estavam lá perto, de pé, e um deles olhou nos meus olhos

quando eu o fitei. Mas o terceiro era o homem da bandeira negra. Assegurei a companheira que ele era de esquerda e a favor dos trabalhadores. Apenas que ele era anticapitalista e que o socialismo para ele não é possível dentro do capitalismo, mesmo como etapa.

Chegou o ator Sérgio Mamberti, que foi reconhecido e devidamente aplaudido. “Mamberti, tira os assassinos de perto do Lula!”. Chegou depois o Guilherme Boulos com o Bartoré, e também foram saudados: “o nosso herói!”.

Já o moço de verde ainda estava em seu transe, e xingava muito e gesticulava enquanto rodava pelo local. Ninguém dava muita bola, mesmo o jovem bombeiro que ele alugou por um bom tempo. “Morreu tarde! Lula ladrão!”. Depois de um tempo, foi saindo fora, cuspiu na direção do portão do hospital e sumiu.

Nessa hora chegou o fotógrafo de quem sempre falo. Disse que morava lá perto e que viera dar uma checada depois que leu notícias do confronto. Esperamos um pouco a saída da comitiva, mas ela deu um chapéu na imprensa e saiu por outro portão.

Ele contou que está vendo grupos de extrema direita crescer, e também grupos anarquistas. Acha que o confronto entre eles, na rua, será inevitável. Falamos da organicidade entre grupos de direita e as forças de segurança, que ou recrutam carecas diretamente (tropa do braço e segurança do metrô) ou encorajam a formação de turmas para desocupar escolas. Lembrou dos meninos e meninas que foram infiltrados pelo Exército, que são agora alvo de processo político, e também dos supostos “terroristas” das Olimpíadas. Um deles morreu na prisão. Ele acha que 2018 é o tudo ou nada na luta pelo poder. Apontou o contraste entre a repercussão da nomeação de Lula para um ministério de Dilma em 2016 e a criação de três novos ministérios para três investigados da Lava Jato por Temer: o PIG nada diz, nenhuma panela bate e nenhuma palavra do Gilmar Mendes.

Despedimo-nos, saí fora, subi até a Paulista. Eram 23:30h, tomei um ônibus e fui para casa.

#### **4 de fevereiro – Velório de Marisa**

Peguei a linha azul do metrô para ir ao Jabaquara tomar um ônibus para São Bernardo e checar o velório de Dona Marisa.

No caminho lembrei de ter lido sobre o filme “Polícia Federal – A Lei é para Todos”, que está sendo rodado e retrata os bastidores das investigações da Operação Lava Jato. A fita teve as suas gravações canceladas poucos dias após a prisão do empresário Eike Batista, pela Polícia Federal. Eike era um dos investidores do longa!

Sem luz de manhã, não pude checar o mapa do transporte a partir do terminal Jabaquara, mas fui assim mesmo e perguntei pelo caminho. Tomei o tróleibus 288 e segui em direção ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Eram 12h. Demorou quase uma hora até o terminal São Bernardo.

Percorrer a periferia sempre nos faz lembrar sua imensidão. Passamos por Diadema, e, no terminal Piraporinha, entrou um vendedor ambulante no coletivo meio cheio. Ele se declarou um obreiro da Clínica Leão de Judá e que estava vendendo um CD com a coletânea “Louvores ao Rei”. Ele deixava um CD na mão de cada um dos passageiros, enquanto os ditos louvores tocavam a partir de um som dentro de sua mochila. Falou um pouco de sua vida, mas minha simpatia por sua atitude guerreira foi temperada pelos dizeres de sua camiseta: “Para internação ligue 9xxxxxx”.

Coincidentemente, nesse momento cruzávamos a rodovia e entrávamos em São Bernardo, visivelmente mais rica que suas vizinhas. Muito prédio novo, muro alto e grade de vidro. Claramente domínio da classe média. Desci equivocadamente no terminal São Bernardo ao invés do seguinte, em Ferrazópolis, e decidi tomar um táxi até meu destino. O taxista me deu um jornal que o PSDB estava a distribuir pela cidade naquele dia. Era um documento de 10 páginas atacando a administração do PT em São Bernardo. O rádio tocava “Chega de Saudade”, na versão samba acho que de Beth Carvalho.

Desci na esquina da rua João Basso, na altura da padaria Assembleia II. Tinha muita gente chegando e dei uma olhada em volta. Eram 13:15h.

Vi uma fila muito longa descendo a Travessa Monteiro Lobato e, dado que a hora já era meio avançada, decidi pegar o fim da fila para conseguir entrar. A espera ia ser longa, deu para ver pela quantidade de gente. Era notável a diversidade de rostos e corpos, muitas famílias, gente de toda a idade. Estava lá sim a minha geração e aquela cujas lutam redundaram no PT, mas todas as outras também. Vi muitas camisas vermelhas, de todas as tinturas, várias da CUT, uma do Palmeiras, uma dos Santos, outra da APEOSP. Um grupo de moços tinha um bandeirão do PT, e vi também camisetas da FLM. No geral poucos militantes e muitos locais. Muitas rodas de conversa. O clima geral era de certa sobriedade, mas com marcada descontração.

Ao fim da fila, uma equipe da Agência PT entrevistava pessoas. Um grupo de mulheres negras na minha frente deram seu depoimento. Uma delas contou que encontrara Lula em sua segunda eleição, quando ele veio à cidade para votar. Disse que levava sua filha no colo aos comícios sindicais dos anos 80, e a dita filha estava na minha frente, uma moça de uns

30 anos. Esta filha tinha cursado uma faculdade graças ao ProUni. “O Lula é povão. Guardo ainda uma toalhinha branca do Lula”, disse. Revelou ainda que a mãe de Marisa era benzedeira e que já tinha se benzido com ela.

Caminhando com a fila, vi que uma casa ao lado trazia a placa “Casa de Umbanda Sete Flechas. Artigos religiosos em geral”. Vi passar o L dos Jornalistas Livres e uma outra fotógrafa veio registrar o grupo à minha frente, além de vários outros. Muita gente mesmo registrava as cenas com seus celulares, e devem ter postado um monte nas redes.

Fiquei impressionado com o caráter territorial do evento. As pessoas apontavam e cumprimentavam vizinhos e conhecidos. Visivelmente, morar perto e lutar nos mesmos locais de trabalho forjou um tipo de sociabilidade muito importante. Hoje debate-se que a regra não é mais trabalhar junto no mesmo chão de fábrica, e que a rede separou os produtores e os isolou. O que será o sindicalismo do precariado e dos trabalhadores autônomos ainda está em aberto, e a coincidência com comunidades territorializadas no mesmo lugar geográfico pode não estar disponível.

“Não vou dar carteirada para entrar não, vou ficar aqui na fila” disse a certa altura a moça que trabalhara no sindicato. Chegou uma amiga e, no decorrer da conversa, ela revelou ser do Movimento Negro. Dizia que o prefeito Grana de Diadema era o “branco mais negro que eu já vi, nos apoiou muito em Diadema”. Falaram muito dos médicos que trocaram mensagens de ódio desejando a morte de Marisa. Li hoje que um deles foi despedido pela Unimed onde trabalhava, mas a imprensa petista pede mais. Um procurador de Minas Gerais também postou mensagem, desta vez no Facebook, cobrando pressa na morte de Marisa. Curiosamente, uma das mulheres disse que um dos médicos envolvidos era judeu, e que ela não confiava em judeus.

A fila chegou à esquina e lá tinha um agito ao redor do ex-ministro José Eduardo Cardozo, entrevistado pela TVT. “Sempre achei esse homem lindo!”, exclamou uma das mulheres. Vi na mesma esquina o fotógrafo Ricardo Stuckert com seu assistente. Dobramos a esquina na João Basso e lentamente evoluímos para a frente do Sindicato, e acabamos por atravessar a grade do portão. A moça à minha frente identificou e cumprimentou de longe o prefeito Grana de Diadema, para quem já tinha trabalhado, ela me contou. Também revelou que trabalhou em várias gestões do sindicato e que se lembrava de Lula ainda como diretor da associação.

Eram 13:30h e conversamos um pouco mais. A fila serpenteava debaixo do prédio antes do ingresso no saguão do térreo. Como as voltas da serpente humana estavam bem rentes, deu

para ver de perto os rostos das pessoas muitas vezes. Lembrei da queixa da ausência “do povo” das manifestações do Não Vai Ter Golpe e Fora Temer. De alguma forma as dores do parto da industrialização do Brasil vieram dar aqui. Em termos estritos de renda, acho que a maior parte desta comunidade entra e sai da classe média ao sabor dos índices e planos econômicos. Mas a transição do imigrante pobre vindo dos rincões do Brasil em trabalhador urbano sindicalizado perfaz um esforço enorme de auto-transformação, testemunhado pela história deste sindicato e pelas pessoas desta fila.

Por fim, entramos no saguão e subimos de escada até o terceiro andar. Antes de entrar no salão principal, vi muitas coroas de flores encostadas às paredes, com mensagens: “Homenagem do governo do México”, “Homenagem da Revolução Socialista (Posadista)” e muitas outras. Passou a fotógrafa A e nos cumprimentamos rapidamente.

Entramos no salão lotado, e o calor e cheiro de flores atingiu-me em cheio. Uma enorme imagem dominava o ambiente, que era uma foto noturna de Marisa e Lula. Ao lado, uma tela de projeção com imagens das greves dos anos 1980. Uma barreira de câmeras servia de cerca para um espaço no meio do salão, onde havia muita gente parada conversando. A fila mesmo contornava esse quadrado central e passava ao lado do caixão. No total, avalei umas 600 pessoas lá dentro.

Reconheci várias pessoas, algumas delas militantes de ontem, da frente do hospital. Tinha também diversas personalidades do PT. Vi nessa hora uma coroa com a mensagem: “Nossos sentimentos. Movimento Toda Poderosa Corinthiana”. Eram 14:30h.

Passei do lado do corpo, que estava deitado embaixo do véu costumeiro nessas situações, e adornado pela bandeira do Brasil e outra do PT. Muita gente tocava as mãos e testa de Marisa. Eu não. A fila andava rápida, instada pelos organizadores: havia muita gente lá fora. Virando logo depois do caixão à direita encontrei S dos Jornalistas Livres, com crachá de imprensa. Saí da fila de saída e encostei para conversar. Ele contou que o movimento era intenso desde as 7 horas da manhã. Lamentou a fragmentação atual da esquerda e colocou a urgência do diálogo. Contou de seu trabalho na CdL e do potencial do envolvimento de artistas no movimento. Falou de trabalho que realizaram na Cracolândia. Cobrei de nós artistas a ocupação da Bienal ao invés de fazer trabalho artístico sobre as ocupações secundaristas.

Chegou Lula e foi muito aplaudido. Visivelmente emocionado, tomou seu lugar ao lado do caixão. O povo puxa “Lula, guerreiro, do povo brasileiro!”, e “Marisa, guerreira, da pátria brasileira!”. Muitos gritos “Força, Lula!” e alguns “Assassinos!”. Li depois que uma equipe



da Globo fora expulsa do evento. “Marisa, presente, na luta hoje e sempre!”, gritava a multidão. Vi uma bandeira do PT e outra da Frente Brasil Popular. A canção “Segura na mão de deus” foi cantada por uns bons 5 minutos. É um clássico do cancionário cristão. Muito celular ao alto nessa hora.

Falou o atual diretor do sindicato, o Vagner. Depois passou um vídeo sobre Marisa, com depoimentos e trechos de entrevistas passadas. Aí falou o bispo D. Angélico. Sua fala foi muito combativa, dando boas-vindas a todas as religiões e também aos ateus. Falou da crise do capitalismo liberal e condenou a concentração de renda mundial que faz de 8 homens detentores de 90% da renda global. Alertou para as ameaças das reformas trabalhistas e da previdência. Foi corrigido pelo povo quando disse “atrás de todo grande homem tem uma grande mulher”. A galera gritava “ao lado! Ao lado!”. O bispo acatou a correção e refez a frase. Ao final, puxou um “o povo, unido, jamais será vencido!”. A multidão engatou e fez coro.

Nessa hora reparei numa coroa de flores lá na frente: “Homenagem do Zeca Pagodinho”. Vi a seu pé o hoje rabino que estudou comigo na universidade, nos idos dos anos 80. Acho que ele se chama Leoni. Vi um grupo do Coletivo Democracia Corinthiana.

Uma moça, católica, declamou um poema de homenagem. Há certa impositação da voz muito peculiar de alguns sacerdotes do catolicismo. Os pastores evangélicos são muito mais fluídos em seu domínio das ferramentas de comunicação. Curiosa essa persistência.

Depois rolou um pai nosso, liderado pelo bispo. Ele pediu às pessoas que erguessem as mão em oração. Todo mundo atendeu. Eu, meio constrangido, ergui o punho esquerdo. Aí falou brevemente uma mãe de santo, a Vera de Oxum. Ela estava muito emocionada e falou pouco, mas puxou vigoroso canto afro-brasileiro, creio que em iorubá. Chorou ao final, foi emocionante. O padre Lancelote foi o orador seguinte, mas foi super breve e na mosca. Chamou “Quem luta vive sempre! Marisa sempre!”, o povo abraçou a figura e ele encerrou assim sua intervenção. Rui Falcão falou em seguida, e, se não foi empolgante, ao menos foi correto e breve.

Por fim, Lula falou. Disse que tinha vindo decidido a não discursar, pois achou que não ia conseguir não chorar. Falou primeiro do salão onde estávamos. Disse que fez muita reunião e assembleia no local, “aqui casei com Dona Marisa”. “Aqui aprendi a falar e a não ter medo do microfone”.

“Tenho consciência de que minha trajetória só foi possível por causa deste sindicato”. “Eu sou consequência da consciência dos trabalhadores. Quando ela sobe, eu subo. Quando ela está fraca, eu fico fraco”.

É um velho truque populista se colocar em relação orgânica com uma audiência que de outra forma é atomizada e massificada. Mas, na tradição populista latinoamericana, me parece, é mais prevalente a figura do caudilho, do estancieiro ou do militar populistas. De alguma forma, a fala, cadência e vocabulário do Lula era idênticos aos daqueles que estiveram na fila comigo. Recordei-me de T, ativista espanhol do 15M e hoje ligado à administração municipal de Barcelona. Falava-me da emoção de testemunhar o carisma da prefeita Ada Colau, que “fala com a voz de quem vem de baixo”. Essa diferença dela com o político tradicional aparecia no seu discurso e em sua maneira de tratar as pessoas e, finalmente, na maneira de tratar com o poder. Compreendi o que ele dizia, mas tive que pensar nas ambiguidades do poder popular face às estruturas do poder institucional, assim como nas coruscantes críticas que ouço atualmente em relação aos limites de Lula e do PT. O companheiro T descrevia o momento campanha, e não o momento administração. Quero muito ouvir os companheiros podemistas daqui a 10 anos, e pago uma cerveja a cada vez que eu ouvir a frase “veja bem companheiro, fizemos o que foi possível”.

Ciro Gomes, nesse sentido, é mais ou menos o oposto de Lula. Um amigo petista já apontara como ele “é loiro no nordeste, e tem uma confiança e segurança de seu privilégio que nunca vai aceitar que um juiz subalterno de primeira instância da província ou um escroto fazendeiro do STF lhe venha intimidar”. Ciro é o populista de esquerda latinoamericano clássico.

Mesmo se fizemos pouco de uma classe trabalhadora industrial que aceitou ver seu sindicato apelegar-se e se distanciar das bases, mesmo se comprarmos a tese de que a conquista de posições de consumo dentro do capitalismo afastou a classe trabalhadora de sua vocação revolucionária, o fenômeno PT foi notável. Hoje encontra-se em lamentável posição, descolado do que já foi sua maior força e muito vulnerável.

Preciso dizer que Lula enalteceu Marisa por seu papel como esposa “que me liberou para ser o que eu sou”. Ele reiterou essa posição de várias maneiras, e, se ele e o partido acatam hoje as posições de igualdade de gênero em todas as situações, foi e é ainda um longo caminho a percorrer na esquerda. A relação deles, aqui de longe onde eu estou, parece ter se baseado em diferença bem tradicional.

De qualquer forma, Lula é um mestre da comunicação ao microfone. Ele joga mil figuras de intimidade dentro de um discurso político de grandes pinceladas. Me peguei saboreando ainda horas depois uma imagem que me agarrou: ele contou que, por causa da luta, acabou não estando presente nos partos de Marisa. Disse que lhe contaram do nascimento de seu último filho quando estava em um congresso de petroleiros em Salvador. Foi avisado às 9 da manhã. Contou que foi ao bar do hotel onde estava, de manhã mesmo, e tomou um Dreher sozinho ao balcão em celebração do nascimento. Eu, que já me embriaguei do mesmo conhaque com coca-cola em incontáveis muquifos solitários de São Paulo, fiquei tocado com a singeleza da confissão de Lula. O *mesmo* Dreher. Eis a relação populista estabelecida.

Notei que dois dos seguranças do sindicato que impediam o acesso à área do caixão tinham atitudes distintas. Um era negro de uns 40 anos, e o outro um bojudo branco de 30 anos. Um deles se emocionava e chorava com a fala de Lula por trás de seus óculos escuros. Ergueu o punho várias vezes e fitou muito o chão. O outro era mais pragmático e ficava a checar seu celular.

Lula disse que o “casamento é o maior exercício de democracia”, dadas as negociações e cessões envolvidas. Lembrou de Regineta, a mãe de Marisa e quem, como a filha, se levantava sempre às 5 da manhã. Disse que Marisa sempre lhe dizia: “Lembra de onde você vem e para onde você vai voltar”. Contou ainda que tinha certeza que os cozinheiros e garçons dos palácios de Brasília nunca tinham recebido pedidos como os de Marisa, que ordenava pé de frango cozido para a janta. Ela, que começou a trabalhar aos 11 anos de idade como doméstica, como babá. Vi a plateia vibrar em aplauso com a menção do pé de frango.

Contou que escolhera um vestido vermelho para Marisa no seu enterro, “para mostrar que não tenho medo de vermelho enquanto estiver vivo e não vou ter medo de vermelho quando estiver morto”. Disse também que tinha posto uma estrelinha vermelha do PT na roupa dela.

Contou ainda que Marisa morreu triste e perseguida: “Os facínoras ainda vão ter que ter a humildade de um dia lhe pedir desculpas pelo o que fizeram a ela”. “Companheira Marisa, adeus, o seu Lulinha Paz e Amor vai ficar aqui para brigar por você”. Acabou chorando muito e a galera toda levantou a voz num “Marisa, guerreira, da pátria brasileira!”, e, ainda, “Olê, Olê, Olê, Olá, Lula, Lula!”. O bispo tomou a palavra e pediu “Lula, descanse, pois o Brasil precisa muito de você”. A multidão pira e aplaude.

O ato foi concluído e o locutor pediu a todos que saíssem e deixassem a família conseguir um momento sozinha com o corpo. Parte do povo de fato foi escoando em direção à saída, mas muita gente ficava e se aproximava do caixão. Eram 15:30h e estava muito quente. Acabei escorrendo para fora, descendo a escada lentamente com o povo. Lá em baixo, umas 200 pessoas esperavam a saída do féretro, junto à saída de veículos. O locutor final tinha pedido muitas vezes que as pessoas e imprensa não fossem ao cemitério, ocasião reservada à família, mas vi muita gente indo para lá. Reparei que o portão de saída do sindicato, onde o povo se aglomerava, era em frente a um prédio chamado “The Place”, com grades altas e guarita.

Demorei-me um pouco na frente da entrada principal, e vi o Haddad dando entrevista e tietado por muitas pessoas. Eram uns 500 corpos no total. Muitos gritos “Fora Temer!” e “Assassinos!”. Fiquei uns 20 minutos e encontrei uma moça que estivera no hospital ontem. Ela disse que tinha medo da falta de segurança do pessoal do PT. Contou que temia pela segurança do Lula, já que a sua morte, mesmo que pela mão de um maluco sem filiação, resolveria todos os problemas da direita e do golpe. Concordei e saí para dar um giro final.

Tinha fome e buscava um restaurante popular com tomada elétrica para que pudesse também escrever. Achei uns três, mas todos com fila. Aí fui ao terminal Ferrazópolis e tomei um tróleibus para Jabaquara. Embarquei o trem do metrô e escrevi estas linhas num boteco da rua Paraíso.

Tomei uma ou duas Seletas e fui para casa.

## **5 de fevereiro – Bati boca na Cardeal**

Hoje de manhã eu me envolvi em um bate-boca no ônibus que descia a Cardeal Arcoverde. Ia tranquilo para a casa de minha mãe e nem ouvia as conversas dos passageiros na curta viagem entre a Dr. Arnaldo e a Joaquim Antunes.

Mas aí o motorista do coletivo interferiu na conversa de duas senhoras, perguntando se elas se referiam à ex-primeira dama. Os três passaram a injuriá-la, afirmando que ela “roubou muito”. Já tinha me prometido não interferir em discussões desse tipo, mas não me contive. Depois de ver o corpo de Marisa no caixão, e sabendo que ela nunca se envolveu em política institucional, doeu muito testemunhar um ódio genérico e malicioso a colocá-la como criminosa. Disse que “ela ficou em casa cuidando dos filhos” e que não tinha ocupado nenhum cargo. A discussão escalou e gritei muito com as senhoras e o motorista, apontando o dedo: “você vai morrer amanhã numa cama de hospital, de boca aberta, e eu vou respeitar. Mas vocês vão arder no inferno”. Desci eventualmente, mas ficou marcado

em mim que queixar-se do ódio recorrente hoje em dia não é mumunha de petralha. Fiquei péssimo o dia todo, esperando o pior para Brasil.

Lembrei do stress de 2016 e de estar na mira da máquina conservadora. Dá muito medo de estar sozinho, pois a maior parte da esquerda não está junta e parte dela vai ficar de lado achando que vai se safar do massacre se ficar quietinha ou calada quando o Estado destruir o partido. Um erro estratégico enorme é negar apoio à via da representação (legislativo e partidos). A crítica da representação hoje é crucial e tem que ser feita, mas ficar de lado enquanto concurseiros evangélicos se aliam à polícia para destruir o que afinal é uma arena reciclável (o Congresso), além do maior partido de esquerda das Américas, parece-me que equivale a permitir a formação do estado de exceção permanente que vai sufocar a todos.

O ano de 2018 vai demandar uma definição das contradições do tabuleiro atual, e a anulação de Lula é condição primeira. Inabilitado eleitoralmente, preso ou morto, é condição necessária para 2018, com eleição ou não. O golpe não criou índices econômicos favoráveis e nem vai, já que o neoliberalismo global já completou quase uma década de austeridade sem induzir crescimento, e muito menos crescimento com emprego. Os mesmos 10 anos seriam necessários aqui, mas o novo contexto Trump (desregulamentação + repressão ao dissenso) vai ganhar força contra os liberais “moderados” (PSDB), que apostaram que apenas a remoção e destruição do PT bastaria para um retorno aos tempos áureos do neoliberalismo. Eles legitimaram e bombaram forças radicais marginais que agora vieram ao centro: Revoltados Online, Lava Jato, Militaristas, carecas e Bolsonaro. Todos vieram à Paulista e ganharam respeitabilidade.

## **6 de fevereiro – Greve policial no Espírito Santo e politização das polícias**

Moraes parece que vai ser mesmo indicado ao STF. Ele será o revisor da Lava Jato. Especula-se que ele foi escalado para “estancar a sangria” e domar o processo. Blogs petistas colocam as restrições que Dallagnol teria a ele. A esquerda espera recrudescimento. Alguns vão defender Lula como trincheira da resistência de toda a esquerda. Outros vão ficar em casa comendo pipoca. Nesta noite úmida, acho que todos vamos acabar na prisão.

Vi na tela do boteco, quase sem som, as chamadas do Jornal Nacional: a confirmação de Moraes para o STF e a situação dramática do Espírito Santo. As famílias continuam a bloquear delegacias e quartéis, e a violência, tiroteios e saques nas cidades aparecem animadas em vídeo. Fala-se em mais de 70 mortes na cidade e na mobilização de tropas federais e do exército. É difícil julgar as consequências políticas desses protestos. No passado, a esquerda (Partido Comunista) tinha acumulado militância entre os militares e



marinheiros, especialmente os de baixa patente. Movimentações basistas de segmentos armados radicalizados, nos anos 60, tiveram ressonância no embate político geral para o lado da esquerda. A revolta dos marinheiros em 1964 não tem paralelo hoje: homens do mar de baixa patente se revoltaram. Os fuzileiros navais enviados para reprimir os revoltosos, reunidos dentro de um sindicato no Rio de Janeiro, depuseram suas armas na rua e se juntaram aos amotinados. Nenhum deles foi punido pelo chefe supremo das forças armadas que era Jango Goularte. Isso fez tremer todo o oficialato das FFAA, que declararam que o presidente quebrara a espinha dorsal do corpo militar, a hierarquia, e que, assim, estavam autorizados a restaurar a ordem institucional com um golpe contra seu chefe constitucional.

Por um lado, esses policiais de hoje são funcionários públicos indignados com a má qualidade da administração. Mas, por outro, são os agentes que reprimem e agredem movimentos sociais que pedem exatamente o que estão a pedir agora. Há a questão do governo federal que nega ajuda aos estados insolventes, o que poderia dar um caráter “Fora Temer!” ao movimento. Mas, no atual clima de polarização e ódio, creio que estes agentes de segurança sejam presa fácil de demagogos que constroem a frente policial/judicial/evangélica. Isto é, o precariado da indústria da violência, pública e privada, vai encontrar alinhamento com a extrema direita no embate contra a direita.

Se estiver correta a avaliação de que o embate que define o Brasil hoje é a direita contra a extrema direita, dentro do cenário definido pela polarização Judiciário/Polícias contra Legislativo/Neoliberalismo, a receita neoliberal de sucatação dos serviços públicos vai gerar reação de forças de segurança institucional que poderão se aliar aos procuradores e juízes concursados (irados com a desativação da Lava Jato pelo consórcio PMDB/PSDB) e ativistas evangélicos em todos os níveis – além do exército radicalizado. Nada disso é certo ainda, mas positivamente acredito que está nas cartas.

## **8 de fevereiro – Manifestantes da Polícia Civil invadem o Congresso. Nomeação de proteção para Moreira Franco.**

Um juiz sustou a nomeação de Moreira Franco ao cargo de Ministro. Ficou na garganta a desnomeação de Lula em 2016 e o auê que se fez ao redor do fato. Gilmar Mendes então afirmou que seria o mesmo que nomear um prisioneiro da Papuda. Disse em sessão que era uma barbárie admitir uma nomeação assim, e todo mundo tomou as gravações ilegais (que nada provavam) como evidência de obstrução de justiça. As forças do golpe mobilizaram suas bases, e o governador estadual fechou toda a Paulista para os coxinhas, que vieram

acorrer encorajados pela Globo. Se não me engano, foi nessa noite que surgiu o acampamento da FIESP que durou meses. Hoje, nem um ai, nem uma panela, nem um grito indignado. Como disse Juca Kfoury, “aveludaram-se as panelas”.

Moro marcou audiência com Lula no dia da missa de sétimo dia de Marisa. Ontem vi Reinaldo Azevedo xingando muito quem postava mensagem de ódio contra Marisa. Poucas semanas atrás ele lamentava que a demonização de Lula tenha levado à elevação de seus índices de popularidade. Então não dá para saber se é um respeito genuíno (e muito hipócrita) ou apenas um aviso táctico.

Cunha envolveu Temer na corrupção em seus depoimentos. Gilmar já pediu que as prisões preventivas sejam desescaladas. O mesmo Reinaldo Azevedo desacreditou a necessidade de manter Cunha preso. O Congresso tenta tirar poder do TSE de cassar partidos. A nomeação de Moraes para ao STF repercute mal na imprensa de oposição, mas os jornalões que já pediram sua renúncia hoje se calam e avalizam a indicação. Há um abaixo-assinado que chega a mais de 100 mil assinaturas, lançado pelo centro Acadêmico XI de Agosto, contra a condução de Moraes ao STF. Para os blogs petistas, há um claro movimento de abafar a Lava Jato tal como ela está.

Vi hoje uns vídeos no youtube afirmando que Marisa está viva e teria fugido do Brasil. Há análises de fotos do caixão “provando” que trata-se de uma sócia ou de um manequim. Villa frisou em áudio que o exército foi ovacionado no Espírito Santo, como um aviso a ministro Jungmann. Tem muito vídeo de policiais e direitistas falando contra a imprensa vendida e chamando um levante nacional.

Vi agora que a polícia civil invadiu a Câmara dos Deputados em Brasília contra a PEC da Previdência: uns 170 manifestantes, contados do vídeo, cantando “Se a PEC passar, a polícia vai parar!”. Piro com cenários que articulam um levante prisional geral e as greves das polícias.

Intuí agora que a continuação ou fechamento da Lava Jato necessita da prisão de Lula. Cunha ser solto e tucanos e Temer se safarem seria inaceitável sem Lula pelo menos inabilitado, e no auê se salvam todos. Se o Judiciário ganha e consegue indiciar Aécio, Temer, Cunha, Serra e Alckmin, nenhuma prisão destes será possível sem a contrapartida na prisão de Lula. Mas o processo contra o ex-presidente, o do triplex, vai mal. Nenhuma das 27 testemunhas de acusação implicou Lula, inclusive aquelas cujas delações vazadas afirmavam o contrário. FHC, testemunha da defesa, inocentou Lula de recebimento de

favores na gerência de seu acervo presidencial e do recebimento de propina na forma de reformas no triplex do Guarujá.

### **9 de fevereiro – Cunha preso ameaça e Rio de Janeiro acende. A solidão do esquerdista institucional.**

Um editorial do Estadão quer por fim aos abusos da Lava Jato, estranhando que aqueles que deveriam ter levantado a voz contra os excessos não o fizeram. Continua dizendo que a operação é boa e necessária, mas que as tiranias nascem assim. Criticou as 10 medidas contra a corrupção e o Dallagnol pessoalmente. Diz que nem todas as doações empresariais devem ser consideradas propina.

Essa guinada é incrível e só pode ser a operação Abafa Jato. Acho que parte do golpe decidiu manter Temer, que está passando as reformas, e terminar ou pelo menos controlar a Lava Jato. O editorial critica o Judiciário como um todo e defende o Congresso. Esse reposicionamento de elites contra os procuradores e juízes pode radicalizar o judiciário. Imagino agora que se acenda o embate final entre Direita x Extrema Direita. Cunha ataca Moro em artigo publicado pela Folha e parece jogar o tudo ou nada para sair da cadeia: ou me soltam ou ponho o governo abaixo. Outros comentaristas que operaram o golpe estão a desacreditar o governo (incluindo o Noblat, que sublinhou a beleza e elegância do Temer no passado recente. A validação de Temer na época do impeachment incluiu a infame coletiva do presidente Golpista a repórteres selecionados do PIG). Janot, por sua vez, inicia investigação da obstrução de Justiça contra Jucá, Machado e Sarney, meses depois da divulgação dos áudios, onde o golpe e o fim da Lava Jato (e até o assassinato de Teori) estão desenhados.

Tanto o artigo de Cunha quanto o editorial do Estadão contém defesas da legalidade e do devido processo legal que poderiam ter saído da defesa de Lula.

Mônica Bérghamo dá que o Vem Pra Rua está indignado com a corrupção do governo Temer e discute chamar protestos. Vai ver muito interessante ver como as pautas serão formuladas e as divisões e rachas desse campo. Quero ver ele e o MBL e ROL resolverem suas contradições em público.

PHA traz a notícia que a sede da Rede Gazeta, afiliada da TV Globo, na Ilha de Monte Belo, em Vitória, foi atingida por quatro tiros durante a madrugada. Também o mesmo site noticia:

“Vendo kit contra a corrupção: Camisa da CBF, pato inflável, máscara do japonês da PF, uma colher de madeira e uma panela pra bater a massa de coxinhas idiotas que foram pra Paulista dizer que eram milhões de Cunhas, que agora apoiam Temer, e que agora estão decepcionados!

Obs: As vendas estão fracas! Preço: 1,99”

Uma juíza sustou a nomeação de Moreira Franco. Efeito sanfona.

Em Vitória, o presidente de sindicato dos Rodoviários, que trabalhava de cobrador, foi morto a tiros. O Rio de Janeiro também está tenso com protestos e com a batalha jurídica envolvendo o governador Pezão. O TRE ordenou novas eleições no estado, mas o governador recorreu. Parece que no Rio o movimento social está mais próximo das lutas de resistência. No ES eu não sei e temo a formação da frente fim-do-mundo: policiais e procuradores e evangélicos

Saí na estação São Bento do metrô e encontrei JdeA, que é professor. Bebemos uma e outra no Centro Velho e conversamos sobre o Brasil atual. Falamos um monte de tudo, mas retive alguns pontos, que escrevi horas depois: o Brasil está de novo na periferia, e as lutas principais estarão em outros palcos (e torcer para que a bola não caia no nosso campo). Trump é o herói, o indivíduo ideal de Ayn Rand. A Alemanha está a repatriar sua reserva de ouro, que estava nos EUA. Isso só pode significar que se prepara para a guerra. O investidor Soros faz o mesmo, e também a China. As tradições cooperativas da Itália do pós-guerra organizadas pelo Partido Comunista redundaram em ganhos de nível de vida ainda atuantes no país hoje. A esquerda precisa de projeto econômico para o país. Defender o público é a resistência possível no contexto atual. O capitalismo parece evoluir para um estado automatizado pós-trabalho onde o pobre nem é trabalhador nem consumidor, isto é, o pobre é totalmente dispensável e deve ser exterminado. Amigos coxinhas de JdeA afirmam que a nomeação de Moraes para o STF foi a gota d'água e que estão a se rebelar. Lembramos que nós avisamos sobre o caráter real da Lava Jato, avisamos muito. E coxinha não acreditou, e também parte da esquerda que surfou suposto “caráter republicano” da operação. Avisamos, avisamos, avisamos, avisamos... Teve quem ficou em casa trolando petista e teve quem saiu na rua e resistiu.

Andei até a Sé, tomei o metrô e fui para casa.

## **10 de fevereiro – Tensão: levante policial/cozinha/evangélico?**

Repercutem as reações contra a nomeação de Moraes. A imprensa de esquerda fica bombando o episódio da “sabatina informal” no Love Boat como o fim da picada [*teria havido uma reunião de caciques do Congresso com o futuro ministro em um barco de luxo, com prostitutas, uma sabatina informal antes do rito estrito*]. A notícia no Estadão impresso do mesmo fato foi anódina. O plágio de Moraes teria sido reportado pelos Jornalistas Livres antes da Folha, que não informou a origem [*depois ficou confirmado o plágio na tese do ministro, mas nenhuma consequência adveio do fato*].

O clima está super tenso e é difícil analisar. Acho ainda que tem um embate geral do Judiciário+Polícias+Evangélicos contra Executivo+Legislativo. Janot/Moro/Dallagnol lutando contra o abafamento da Lava Jato urdido por Temer/Moraes/Maia/PIG. Tem gente dizendo que o caos é só um pretexto para intervenção militar.

Recordo-me quando da não-nomeação de Lula, quando os cozinhas tomaram a Paulista. A PF tinha ameaçado renúncias em massa contra uma substituição de sua chefia pelo ministro da justiça que não fosse orgânica. Temi nesse dia que contingentes da PF se demitissem, pegassem armas e viaturas e fossem à Paulista, onde seriam recebidos em festa.

Imagino agora um chamado geral de levante contra os executivos estaduais e a corrupção dos legislativos, onde cozinhas vão às portas dos batalhões formar milícias pró-Moro. O exército será o fiel da balança: poderá reprimir os grevistas ou poderá se juntar a eles.

O MBL invadiu um gabinete de uma vereadora do PT de São Paulo com celulares e agressões, pois lá estava em reunião particular o Lindbergh Farias. Depois, o MBL chamou a GCM para averiguar uma “ocorrência” no dito gabinete.

## **11 de fevereiro**

Mistura do previsível e do imprevisível. O script dos fatos de hoje foi anunciado pelo Jucá nos famosos áudios vazados.

Festa da M: muito legal, super recepção e muitos amigos. Vários são da área jurídica e falamos muito do Moraes, do Doria e das coisas.

## **12 de fevereiro – Atos anti-Moraes: cozinha e esquerda**

Saí na estação Trianon-MASP para ver um ato contra a nomeação de Moraes, chamado no Facebook por um grupo chamado Direita Unida. Tinha umas mil confirmações de presença.



Fiquei interessado em saber como a consolidação de Temer e do velho PMDB no poder vem impactando a direita e ver quais as discussões e pautas do momento nesse campo. Eram 10h.

Vi uma fila imensa logo na saída, mas era algum evento no edifício Asahi, acho que ligado a algum youtuber. Em frente ao MASP, ninguém com cara de protesto. Além dos passantes normais de domingo, um grupo de uns 50 moços de bicicleta tinham se reunido lá. Esperava E, que se demorava, e decidi dar uma volta.

Na esquina da Augusta, vi uma concentração carnavalesca, umas 50 pessoas ao redor de um emissor de som. Algumas camisetas do grupo: “Primeiramente, a cidade é nossa”, “Ministério dos Cortes Sociais”, e outra “Ministério das Viagens Sem Volta”. Havia algo de levemente estranho naquele ajuntamento, em contaste com as mensagens políticas. Depois, E apontou o estandarte do grupo e matou a charada: “é um bloco para crianças, veja o nome”. Era o bloco “Baixinho Augusta: apavora mas não assusta. Desde 2017”. De fato, tinha muitos jovens casais com seus bebês.

Ao lado, funcionava a usual ginástica aeróbica do Santander. Tem algo de evangélico nesse tipo de exercício: o sorriso fixo da louvação, a coreografia militarizada e reiteração dos gestos do oficiante. Não é à toa que o Padre Marcelo era instrutor de ginástica antes de ser padre e seu primeiro CD chamar-se precisamente “Aeróbica com Deus”.

Pouco depois chegou E e demos juntos mais um giro, pois nada acontecia em frente ao MASP. Ele apontou que Doria removeu os vendedores ambulantes da avenida, muitos deles hippies que vendiam artesanato.

Certos de que o tal ato não ia ocorrer, agora umas 11h, despedimo-nos e combinamos de nos encontrar lá de novo às 16h. Havia um outro ato anti-Moraes, desta vez chamado pela esquerda. Parece que eram pessoas avulsas e não movimentos ou coletivos.

Li hoje um artigo que sustenta que quem quer o fim da Lava Jato é... a Lava Jato! O autor acha que a escolha de Moraes contempla tanto a Moro quanto a Temer e ao golpe, e que assim será possível direcionar a operação para um único desfecho comum: a prisão de Lula. O tratamento servil que Moro dispensou a FHC em seu testemunho é prova que o PSDB não tem nada a temer e que a operação nunca vai chegar a eles. Melhor para todo mundo se acabar logo.

Moreira foi mantido em seu novo cargo pelo STF, mas sem foro privilegiado. Jeitinho que teria caído bem para Lula também.

Voltei às 16h e caminhei a partir da Consolação em direção ao Museu. A avenida agora bem mais cheia. O bloco na esquina da Augusta já tinha saído, mas a ginástica continuava. Em frente ao MASP, muita gente, mas não identifiquei de pronto os manifestantes.

Vi um hipnotista que, no meio de uma roda de curiosos, hipnotizava duas adolescentes. Olhei um pouco mas logo cansei.

Saí fora e vi, ao lado, um cartaz preso a uma bicicleta: “Um STF sob medida para o PSDB/PMDB”. Reconheci o homem do chapéu que vi outras vezes em movidas de rua. Eram umas 5 pessoas ao todo naquele momento, alguns com camisetas Fora Temer! Um menino adolescente trazia uma bandeira do PT às costas, por cima de sua camisa da CBF. Cartazes impressos em folhas de A4 traziam mensagens do tipo: “STF com moral, e não com Moraes”. Uma senhora tinha uma faixa verde e amarela “Fora Temer!”. Achei que eram na maioria homens e mulheres de 40-50, além de um outro jovem.

Foram chegando mais pessoas, e deu para notar que há certa ressonância diferente hoje na chamada Fora Temer!. Mas logo colou um senhor com camisa de bandeira do Espírito Santo e hostilizou o grupo. Pouco depois um coxinha jovem de camisa azul dentro da calça veio gritar também. O pessoal foi confrontar e teve muito bate-boca. O coxinha jovem cantava a música do “Chora petista, bolivariano, a roubalheira do PT está acabando”. Aos poucos, os coxinhas foram empurrados para a ilha central e depois mais para mais longe. Tudo durou uns 20 minutos e deu uma acendida no protesto. Juntou mais gente e agora éramos uns 50.

Mas não foi edificante. As discussões gritadas eram diálogos de surdos. “O Moro vai prender o Lula”, “Vocês votaram no Temer”, “Comunista!”. “Fora Temer!”, “Golpista!”.

Tive a sensação de que, apesar do noticiário atual, a polarização do ano passado não se reconfigurou em novas pautas. Por um lado está claro que o PT tirou o mico preto e vai ser o único atingido pela Lava Jato. Até o PIG estranha as penas leves dos delatores. Mas, por outro lado, o campo petista parece não ter conseguido ainda evoluir na avaliação e formulação de novas posições. O partido e sua militância são como um tatu enrolado, paralisado em auto-defesa. Está parado no modo reiteração.

Isso tudo me veio como um raio quando um menino de 14 anos, coxinha, discutia com um grupo de senhoras petistas. Ele era muito esperto e seu coleguinha filmava tudo ao celular. Ele conseguia, à maneira Pânico na TV, confundir e driblar os argumentos delas. Ele era muito impertinente e suas pegadinhas era primárias. Ele dizia: “vocês doutrina as crianças”. Uma senhora respondeu: “mas os seus pais também te doutrina”. Ele: “Mas eu

não tenho pais! Sou adotado!”. E por aí foi. Mas me deu tristeza de ver que nossos argumentos estão tão gastos e previsíveis que até um pré-adolescente dá olé na militância. O menino certamente postou os vídeos que fez.

Desejo muito que essa fase passe logo, está insuportável.

Em frente ao MASP, reunidas as pessoas de novo, tentaram queimar uma bandeira dos EUA, mas o tecido não ardeu.

Chegou E e fomos tomar uma Seleta e água com gás num boteco da Pamplona. Eram 17h. Na esquina, um grupo militarista tinha um microfone e irradiavam um locutor que pregava a intervenção militar. Ele defendia a “intervenção popular”, que era um conceito proposto por um jurista X, que citou. Esta ação popular deveria preparar a intervenção militar propriamente dita. Mas ele mesmo lamentou que o exército “não se mexe”. Outro locutor dizia que só há uma religião verdadeira, que é o cristianismo. Dizia também “que está tudo arreventado pela corrupção”.

Retornamos ao MASP às 18h havia novas pessoas. Reconheci o médico J, que estive em frente ao Sírio Libanês. Conversei um pouco com as pessoas lá. Uma delas era C, que trabalha na indústria do telemarketing. Contava das condições insalubres e cruéis desse tipo de trabalho. Dizia que o assédio moral era intenso, a força de trabalho muito jovem e precarizada. Contou que há mais de um milhão de empregados no telemarketing e uma rotatividade muito grande. Ela era do sindicato que tentava proteger esses trabalhadores e trabalhadoras. O sindicato, SITETEL, reúne empregados de 19 empresas. Ela afirma que Trump é proprietário de 20 empresas de call-center no Brasil. Falava da dificuldade de organizar nesse ramo. Perguntei como era organizar gente tão jovem e atomizada pelo trabalho. Ela, que tinha uns 40 anos, dizia que era difícil, e que a meninada tem poucas referências fora de sua bolha de consumo. Contou também que trabalhou muitos anos com o Hélio Bicudo e que mais de 3.500 ONGs fecharam no Brasil devido à crise na Europa e nos EUA.

Fizemos uma roda final e decidimos não mais voltar à Paulista e marcar de reunir na Praça da Sé, no domingo próximo. Parece que o PT está chamando paralisação geral nos dias 8 e 9 de março.

Sáimos pela avenida em direção ao metrô. Despedi-me de E caminhei um pouco mais em direção à Consolação. Um manifestante solitário empunhava uma faixa, sozinho na via, com os misteriosos dizeres:

“O coronel Osires da aeronáutica orientou na TV: não investigar o incêndio da Kiss”.

Tomei o metrô e fui embora.

### **13 de fevereiro – O caso do celular de Marcela Temer**

Vi na TV do boteco Temer afirmar que afastará ministros denunciados na Lava Jato. A manchete escondia os provisos: não vale delação e só a denúncia formal dos acusados.

Parte da PM volta ao trabalho no Espírito Santo. A crise em si não sumirá. Avaliações narram que o estado é um laboratório do projeto Temer: usar a crise para desmontar o estado. O governador do estado é de feitio privatista e pró-empresário, punitivista em relação a demandas sociais (reprimidas inclusive pela mesmíssima PM).

No Rio, continua o bloqueio de quartéis e o governo acaba de enviar tropas do exército para fazer a segurança.

Repercute a duvidosa proibição pelo governo da publicação pela imprensa de detalhes do processo movido por Marcela Temer contra um hacker. Parece que haveria mensagem comprometedor a Temer no celular de sua esposa. Caiu muito mal o que equivale a censura. Mas o apoio da Folha e do Globo a Temer não diminui.

Saiu no Valor uma pesquisa que acusa a presença daquilo que chama de “saudade” dos tempos de Lula. Nas chamadas classes D e E, existe a lembrança de dias melhores em termos econômicos associado à figura do ex-presidente, mesmo quando a imensa maioria não se opôs ao impeachment.

### **15 de fevereiro**

A Folha de São Paulo publicou editorial onde diz que Gilmar Mendes errou ao barrar Lula de ser alçado ao ministério por Dilma, e que a presente decisão de Celso Mello é correta, preservando Moreira Franco. É de dar muita raiva esse descaramento, pois o começo do fim foi justamente esse episódio, quando os coxinhas saíram às ruas (a Paulista fechada pela PM de ponta a ponta), instados pelas gravações ilegais das conversas telefônicas de Lula e Dilma.

### **16 de fevereiro**

O MTST ocupou a frente da Secretaria da Presidência de República em São Paulo, em frente a estação Consolação do metrô. Muita gente estava lá e eles querem permanecer no local por tempo indeterminado. Boulos foi preso recentemente por Moraes, e o movimento teme ser alvo de repressão. Achei legal eles ocuparem um lugar público.

## **17 de fevereiro – Acampamento do MTST na Paulista**

Saí na estação Consolação para uma visita ao acampamento do MTST. Levei umas garrafas de água e pacotes de biscoito para doar. Eles precisam muito de apoio: água, qualquer alimento, papel higiênico, colchões e cobertores.

Dei um giro pelo lugar. Difícil avaliar quantas pessoas eram sem-teto, já que o número de passantes era muito grande às 16h. Achei que umas 150 pessoas do movimento estavam lá, com barracas na Paulista e também gente nas calçadas da Augusta e em frente ao Conjunto Nacional.

Achei a presença boa, incontornável para o tráfego o local. Muita lona preta, viga de bambu, ambulantes e transeuntes, amontados da Augusta até em frente ao Hotel Meliã.

Uma bandeirona vermelha do MTST cobria a estrutura de vidro que protege a saída do metrô: “Aqui é a periferia revolucionária: fogo no pavio. MTST”. Tinha uma cozinha na esquina com a Augusta, onde deixei a água e biscoitos. Notei que havia 7 pessoas cozinhando, e 3 delas eram homens. No geral, muitas famílias, com jovens mas não crianças. Recorte clássico da militância do MTST. Vi camisetas e bonés da CUT, MST e do próprio MTST. Também uma camisa azul do Corinthians.

Um batuque meio improvisado cantava palavras de ordem quando cheguei: “Temer jamais, estamos nas ruas por direitos sociais”. “A periferia chegou, ôôôô”, “Não tem arrego, ou vem a nossa casa não vai ter sossego”. Além do clássico “Pisa ligeiro, pisa ligeiro, SNPCAFNAOF!”. Cantaram também um versão do Trem das Onze, de Adoniran, além do “Aqui é tudo louco, louco por moradia, quem não conhece a noite fria?”.

Encontrei E, que me falou que ontem teve encontro dos artistas, que planejam marcar uma manifestação para o Teatro Municipal para a semana.

Presença policial discreta do lado, com uma viatura da Polícia Comunitária, mas forte na entrada da Secretaria.

Ao lado da faixa “MTST Moradia Já”, uma roda de capoeira se formou com umas 50 pessoas, e assistíamos às evoluções daqueles que vinham participar ao centro. Todos batiam palmas e um maluco tinha virado uma lixeira que percutia como tambor. “Levanta povo, cativoiro já acabou”, cantavam.

Uma pequena fanfarrinha de uns 10 secundaristas se aglomerava na esquina em frente ao Conjunto Nacional. Pareciam ser militantes de partidos e não autonomistas.



Dei um último giro antes de sair ao som de uma cumbia que era irradiada pelo DJ no acampamento. Sorri, tomei um ônibus e fui para casa.

Repercute a decisão da Justiça: usar balas de borracha contra protestos agora dependerá do “bom critério” da PM de SP. Também o discurso anti-Moraes na outorga do Prêmio Camões, de Raduan Nassar. Houver certo tumulto durante a réplica do Ministro Freire, que ainda soltou uma nota muito escrota. STF estuda libertar Cunha para proteger Temer. Revelado que o Planalto pagou youtubers para elogiar a reforma do ensino, inclusive um jovem de discurso ofensivo e anti-democrático.

**19 de fevereiro – MTST e âlta de Lula em pesquisas** Estive com T no acampamento do MTST na Paulista. Esta ocupação por tempo indeterminado pode ser a mais significativa ação política do movimento social. Estar na rua em ocupação permanente deveria mobilizar toda a esquerda, ela pode ser uma cabeça de ponte importante nas mobilizações de 2017. No meio da presente incerteza, senti-me seguro ali. Teve assembléia de tarde, mas só fui mais de noite. Tinha muita gente, disse E, que acompanhou pelo streaming.

Deixamos as doações que trouxéramos e desejamos a eles “boa luta”. Notei que hoje tinha muito espagete empilhado.

Na cozinha acabei conversando com um moço da Zona Leste. Disse que estava passando e veio dar uma olhada. No geral era simpático aos movimentos populares, mas não à política. No correr da conversa, entendi que ele via a imprensa como transparente e portanto aceitava os “indícios” de culpa como suficientes: repetia que o sítio de Atibaia é do Lula, que Dilma foi deposta por corrupção etc.

Saí fora meio desanimado da conversa e olhei em volta. O som do rap tomava o ambiente. Estimei umas 200 pessoas. Jovens e muitas senhoras se misturavam no acampamento. Vi novas barracas, umas 20. Havia um certo ar de carnaval já no ar, muitos adolescentes passando fantasiados.

Vi vários cartazes: “Quer conhecer o nosso movimento e luta? Colabore com a nossa luta e venha lutar conosco”. “Acampamento 001 Temer”, “Residencial no000 Minha Casa Minha Vida. Apoio: Temer MTST”, “Ocupação Anastácio”, “Aceitamos doações MTST”, “Ocupação Esperança Vermelha”. Vi uma bandeira “Copa do Povo” e outra “Faixa de Gaza. Revolucionários do Brasil”..

Vi que o Boulos estava lá, e também L dos JL. Uma mulher falava ao microfone como parte de um debate sobre o feminismo e movimento. Falava da divisão do trabalho e da invisibilização da opressão.

A seguir, no mesmo local, teve uma oficina de dança com várias militantes, incluindo dois homens. Camisetas estavam à venda numa mesa, sob uma faixa que dizia: “Ser intelectual de esquerda é lutar para mudar esta realidade. Frente de Intelectuais de Esquerda, lutando pela democracia no Brasil”.

Vi pessoas com camisetas do PCB, da Frente Povo Sem Medo e do Botafogo. Uma bandeira da UJS. Uma outra camiseta amarela com o desenho de uma galinha: “Frango é meu ovo!”

Um batuque ao lado se formou e várias cirandas e palavras de ordem foram entoadas por uns 60 pessoas.

Eram 18h quando tomamos o metrô e fomos para casa.

Repercuta a pesquisa que dá vantagem significativa de Lula em todos os cenários. O PIGNÃO deu grande atenção, mas apareceu de outras formas. Uma delas é a briga entre Reinaldo Azevedo e Joice Hasselmann. Mais ou menos representam a briga da direita com a extrema direita. A primeira está numa de normalização e aceitação da blindagem de Temer, chamando seus colegas de “direita xucra”. A segunda segue radicalizada e Morista. As trocas de agressões são constrangedoras e fortes.

Trump /Lula: li sobre essa comparação no Estadão. Os dois descritos como “populistas”, um termo muito em voga nos veículos liberais e de centro. O fenômeno Trump está embaralhando a direita, que fica dividida entre repúdio e apoio, pois ele encerrou o consenso neoliberal e é mais nacionalista, isolacionista e interventor na economia. Para a esquerda, ele claramente é filho da hegemonia neoliberal colapsada. Sanders teria barrado Trump, a esquerda teria barrado o fascismo, mas ela foi atacada como movimento social e partidário. Os movimentos *occupy*, os sindicatos, ocupações e protestos anti-globalização, que eram os mensageiros da insatisfação que Trump hoje capitaliza, foram duramente reprimidos e dizimados com políticas de flexibilização do trabalho e erosão da solidariedade como valor de organização social.

A revista Veja traz Humberto Costa, deputado do PT que demanda auto-crítica do partido, dizendo que este tem que abandonar a narrativa do golpe e apresentar propostas concretas para ajudar o Brasil. De amargar. O PT e mesmo Lula têm emitido sinais bem ambíguos,

ora contra o golpe, ora na linha conciliação e aprovação das reformas. A candidatura do Lula pode bem vir a ser um conchavão-abafa. Deprimente.

O jogo de futebol entre o Atlético e o Coritiba não se realizou. Eles haviam recusado os termos da transmissão da Globo e acertado uma outra transmissão por Youtube. A Federação Paranaense de Futebol não autorizou o juiz a iniciar a partida, e só jogadores se deram as mãos e saíram apludidos pela torcida.

## **20 de fevereiro – Juristas contra Moraes**

Saí para o ato dos Juristas contra a nomeação de Moraes no Território Livre em frente a Faculdade de Direito da USP, no Largo S. Francisco. Eram 17h quando saí da estação Sé e fui encontrar T. Conversamos e nos despedimos.

Eram 18h quando saí para o ato no Largo.

Cheguei e vi que era ainda cedo e havia poucas pessoas lá, umas 10 , que pareciam estudantes, ao redor de uma mesa de plástico com camisetas Fora Temer!. Saí e tomei uma cerveja num boteco deserto de alguma rua do entorno. Vi na tela do lugar duas propagandas sobre a educação, uma do governo federal e outra de algum FUNASESC ou equivalente. Nas duas, figuravam jovens sorridentes, confiantes e lindos.

Lembrei que M relatou que os blocos este ano apresentam um nível de descontrole e resistência interessantes. Foliões impediram a ação repressora da polícia em cima de camelôs não cadastrados. Depois, E diminuiu este fato, mas R me contou que o bloco do Baixo Augusta preparou uma surpresa aos milhares de corpos dançantes que lá acorreram, descendo a Consolação: um enorme grafite ilegal que cobria uma empena cega foi desvelada com fogos de artifício na chegada da multidão. Li no Estadão que a prefeitura foi “surpreendida” com o grande número de foliões. Isso equivale a admitir que o poder não controla o povo na rua. Eu sempre duvido do poder transformador do carnaval, mas tem sim energias contagiantes eletrizando multidões nas ruas de São Paulo, a mais coxinhas das cidades.

Eram 18:30h quando retornei ao ato dos juristas. Vi um carroceiro que puxava seu veículo pela rua São Francisco na altura em ela se torna a rua Cristóvão Colombo, bem em frente ao Largo. Sua carroça carregava um aparelho sonoro que irradiava um Racionais bem alto, que se espalhava pela noite da Babilônia brasileira.

Já havia umas 150 pessoas, e misturei-me ao povo. Achei que no geral tinha muito estudante de 20-25, mas também pessoas dos dois gêneros entre 40 e 50. Ao final, achei que o número total de manifestantes chegou a 250.

A, filho de JdeA veio me cumprimentar e falamos do seu recente ingresso na faculdade. Busquei valorizar o fato da faculdade estar no centro da cidade e também o fato de que a FADUSP tem um recorte muito mais representativo do Brasil que o Butantã.

Dois de seus recentes amigos se juntaram à conversa, e fiquei bem impressionado com a lucidez de seus diagnósticos. Falamos dos méritos e deméritos da social-democracia. O moço defendia a greve geral como a única forma pauta relevante no contexto atual. Tentei levantar a discussão de que a produção do valor no capitalismo mudou de lugar e agora está na cidade como um todo, e não na só fábrica. Ele até acomodou que a “luta urbana” é importante, mas não pareceu entusiasmado com a formulação. Ela e eles tinham entre 20 e 25 anos.

Contei a eles como eu e JdeA tínhamos estado presentes na votação da emenda Dante de Oliveira que instituía as Diretas em 1984, na praça da Sé. E também como o então Secretário da Segurança de SP, Michel Temer, tinha mandado a polícia invadir o Território Livre da faculdade, o que não ocorria desde os anos da ditadura Vargas, para reprimir o ato na manhã seguinte, também pelas diretas. Fora chamado pelo centro acadêmico XI de Agosto, contra o acordo PMDB/PDS (ditadura/oposição consentida) que resultou em Tancredo Neves.

Contei dos grupos tentavam cooptar calouros como eu em 1984. A Opus Dei era muito ativa e acabei indo estudar num “grupo de estudos” deles, na Joaquim Antunes, em um prédio que ainda existe. Lembro que desconfiei da natureza desse estudo conjunto quando, na entrada do prédio, vi um enorme e muito sangrento crucifixo que guardava o hall de entrada.

Já o hoje juiz S, ultra-direitista, vinha nos azarar com o discurso “veja bem, nós também somos socialistas. Mas somos nacional-socialistas (nazistas)”. Lembro que ele dizia então que “estamos com a luta palestina contra Israel”. Este eu evitei, mas a Atlética, que era totalmente coxinha, tinha outro brilho particular. Eu, calouro de 19 anos, não deixava de notar que certos corpos atléticos desse meio exerciam fascinantes atrações. Depois, vim a enxergar o meu lugar de outra forma, mas, nesse primeiro ano de 1984, tudo era divino maravilhoso.

Notei que a bolinha de luz estava lá, com as mensagens “STF covarde”, “Fora Temer!”, “Alckmin, inimigo da educação” e “A mídia mente”.

O primeiro orador da noite calorenta tinha cabelos compridos e vestia um terno sóbrio. Falou do parlatório de pedra que dá as costas à rua. Apontou como “o golpe é um processo que ainda não se consumou inteiramente” e que a nomeação de Moraes é apenas uma etapa dessa escalada. “Fora golpistas!”, respondeu a multidão.

A próxima oradora foi Ines Ventura, que elogiou o abaixo-assinado promovido pelo XI de Agosto, que fora entregue com mais de 250 mil assinaturas, uma de 5 iniciativas populares contra a nomeação de Moraes. Ela garantiu que ele é objeto do repúdio do meio jurídico, ainda que muitos advogados tenham medo de expressar isso abertamente, pois sabem que podem vir a ser julgados por ele no STF.

Já Lucia Pastore falou que Moraes deveria ser obrigado a copiar na lousa os autores que plagiou. Sublinhou as discrepâncias e inexatidões de seu Currículo Lattes. Ademais, afirmou que, mesmo que o Lattes tenha sido afinal corrigido, as informações curriculares apresentadas ao Senado contém ainda as incorreções apontadas, o que constitui infração. Ela disse que o Lattes traz a contagem de 69 livros publicados, mas que na verdade são as diferentes edições dos mesmos títulos, contabilizados como novas publicações. Para ela, isso é suficiente para seu impedimento já que não tem notório saber jurídico nem reputação ilibada.

O orador seguinte foi um professor da Casa. Só captei o primeiro nome, Sérgio. Lamentou muito a ausência dos outros mestres da faculdade. Falou do currículo de Moraes e dos Jornalistas Livres que detectaram o plágio do ministro. Apontou inverdades e inconsistências no currículo de Moraes, incluindo o seu pós-doutorado inexistente. Disse que enfrentamos um conluio conservador e que vamos no futuro próximo pagar a conta da armação que está ocorrendo agora em nível federal. Apontou também que, como ministro do STF, Moraes vai julgar uma ação contra si mesmo. Afirmou que era “triste que a OAB não esteja aqui”, que já avalizou-o em declaração. Disse que, em termos de saber jurídico, o ministro Moraes, de carreira meteórica, está mais para Paulo Coelho do que para Raduan Nassar.

Tiago, do Sindicato dos Advogados de São Paulo, trouxe a posição oficial da associação, que repudia a nomeação do ministro. Lamentou a ausência dos advogados no ato, mas que entende o seu medo. Disse que daqui a 20 anos o governo Temer será considerado o pior da



história do Brasil. Este ato, por outro lado, “será lembrado”, e que o futuro saberá que teve gente que lutou.

A bola de luz agora trazia “Não penso, não existo, só assisto”, “Amor sem temer”, e vi também três bandeiras do Educafro, empunhadas por um grupo de mulheres negras. Vi um jovem com a camiseta preta do Levante Popular da Juventude e um button do Santos.

O Tardelli do site Justificando falou em seguida. Ele propôs uma série de perguntas críticas para que fossem feitas na sabatina de Moraes. Raimundo da Frente Brasil Popular apontou como Moraes foi responsável pela repressão ao movimento social, ao Fora Temer e ao MPL, tendo protegido os coxinhas e seu acampamento.

A moça do CA XI de Agosto leu um manifesto, onde a violência estatal da gestão de Moraes era destacada, tendo ele presidido o colapso da segurança pública nacional e as matanças carcerárias. O CA 22 de Agosto, do Direito da PUC, falou em termos correlatos, sublinhando que a PM matou muitos sob seu comando. Em termos similares, o CA do Direito do Mackenzie fez sua declaração.

A bola de luz: “Respeita a rua, a rua tem voz”, e “Cinza não!”. Também “Genocídio gera genocídio”, e “Estado, não se mete no meu útero!”.

A desembargadora Marta, da Unicamp, falou da anti-candidatura de Beatriz Vargas ao STF. Chamou uma frente de esquerdas. Falou Darcy Trigo, dos Advogados Populares de Curitiba, que destacou o papel do Judiciário non golpe. Falou Priscila do DCE-SP. Apontou Moraes como o abafa da Lava Jato.

Uma advogada feminista falou muito bem a seguir, e apontou que, quando Moraes era seu professor, ele já relativizava o uso da tortura na obtenção de informação. Sublinhou como ele estaria no STF até 2043 e que as decisões do STF são súmula vinculante, isto é, irradiam por todo o sistema jurídico. Destacou o papel das mulheres na luta contra o golpe, saudando a “Primavera Feminista”, que legou ao movimento social a mais importante mobilização de rua contra Cunha em 2016.

Bolinha de luz: “Não pise na democracia”. O moço grande do PT que tinha visto no Sírio-Libanês reconheceu-me e cumprimentou-me.

O orador do Educafro, um moço negro, falou e puxou um “Golpistas, fascistas, não passarão!”. A seguir falou uma moça negra, da mesma organização.

Por vezes eu me confronto com o problema de como traduzir de forma concisa e urgente a situação do Brasil e a realidade do golpe para estrangeiros. Nesta noite, no calor do Largo

São Francisco, intuí que a agonia da oradora que nos falava era a mesma, a Ester do Educafro. Percebi como tentava passar que o extermínio e fechamento que outros oradores colocavam no futuro era posto por ela como um presente que já está acontecendo. Eu branco, de classe média, consegui associar sua fala aos impasses do Black Lives Matter, dos EUA. Eles publicaram os vídeos de execuções sumárias incontornavelmente ilegais e cotidianas, e isso sob o mandato de um presidente negro. Mesmo assim, mesmo com a evidência concreta do registros, a mudança estrutural não começou.

Ester falou com muita urgência e força. “Já tive que ver familiar meu morrer, amigo meu morrer”. Falou do genocídio da gente preta agora em andamento, falou das vezes que foram à Secretaria da Segurança de Moraes para exigir a investigação de assassinatos de jovens por policiais. Vê retrocesso em todo o Brasil, e perguntou “o que é que eu digo para minha filha, se os direitos de 1988 não chegaram na periferia?” Distanciar-se das bases é isso aí. “O que as ONGs estão fazendo, o que a Justiça está fazendo?”. Afirmou que “Aqui não teve força para mobilizar os doutores, mas a comunidade está caminhando para a resistência, o sangue vai correr se a situação continuar.”. Disse que era barrada na porta do tribunal, mesmo portando crachá. Ela foi muito aplaudida.

Falaram depois ainda representantes da UNE e GV.

Desta vez perguntei o nome do fotógrafo que sempre vejo, seu nome é R.

Tomei uma no boteco de esquina da João Mendes, tomei o metrô na Sé e fui para casa.

## **21 de fevereiro**

Saí na estação Consolação para uma rápida visita ao acampamento do MTST.

Notícias bem preocupantes de Recife: “Hoje à tarde uma manifestação do MTST na Companhia Estadual de Habitação foi interrompida por uma ação policial sem ordem judicial e terminou com a prisão do advogado do movimento e manifestantes de forma arbitrária.

Participantes idosos, mulheres e crianças foram agredidos/as pela polícia, “balas de borracha” e munição letal foram utilizadas, advogadas/os foram agredidos verbalmente e impedidos de acompanhar a ouvida de testemunhas. Houve pelo menos duas e pessoas atingidas por balas comuns e estão sendo atendidas em hospitais da área.”

Não tive estômago para ver a sabatina de Moraes no Senado. A blindagem do governo está completa. As demandas e denúncias do movimento e da sociedade vão ser canceladas nas instâncias superiores por muitas décadas.

## **22 de fevereiro**

Hoje teve ato dos artistas na frente do Teatro Municipal. Choveu torrencialmente na hora. Lembrei daqueles que dizem às pessoas que nunca saem à rua quando chove: “mas você é feito de açúcar?”. Mesmo assim, não compareci e fui para casa.

**23 de fevereiro – Repressão e limpeza humana na Cracolândia** Ação repressiva da PM na Cracolândia, inclusive com o uso de munição letal. Parece que o uso de balas de metal está sendo tolerado pelos comandos em todo o Brasil. Vi também em um vídeo das mobilizações contra a venda da CEAD no Rio que a PM de lá também está sacando e disparando pistolas contra manifestantes.

Aliás, esse vídeo é bem interessante, mostra os embates do ponto de vista da linha de frente. Faz muito sucesso no campo autonomista. Mas é indisputável que, para além da adrenalina do confronto, os embates diretos não lograram nada: a venda foi aprovada a revolução não chegou mais perto.

### **Buraco no Diário 3**

**Saí de um ato no Largo São Francisco e estou no boteco atrás da catedral. Uma das falas resumiu o meu sentimento do momento. O fechamento é lento mas inexorável. De novo fiquei com a “síndrome da última vez”. A nova esquerda não propriamente emergiu, o estilhaçamento é vertiginoso. Claramente tem um futuro que se furta a acontecer. Eu tenho medo e sei que não haverá porvir para mim.**

**Espero que, a esta altura, você e eu, lendo este diário no futuro, estejamos todos bem. Vai passar. É uma travessia. M gostou da frase “sobreviver e testemunhar”. Li essa chamada no contexto de Auschwitz [*Primo Levi*]. Quando você olha em volta e se vê em um campo de concentração, onde a luta normal é impossível, o que fazer? Sobrevive e testemunha.**

**Enfim, tudo junto e misturado nesta segunda-feira malucona na Babilônia brasileira. Muito calor e incerteza. Neste exato momento, o filho de J me reconhece na mesa do bar, e ele está todo animado com a mesa onde conversa com seus novos colegas do XI de Agosto, o CA da faculdade de direito onde agora estuda. Ele deve ter uns 19 anos.**

**Tem dado pânico. A repressão em Recife sinaliza o pior, e não há saída do projeto de austeridade com repressão ao movimento social. Ouvi agora na tela da padaria o repórter da Globo desejar um dia produtivo e abençoado,**

como que resumindo o projeto em vista: capitalismo como religião mais trabalho forçado, longo e barato.

É muito curioso a minha mãe estar em um processo de perda de memória e demência no atual cenário político. Ela, que foi às ruas na Marcha com a Família e com Deus na década de 1960, não mais consegue compreender a política atual, e isso já tem uns anos. Ela até conseguiu articular um “vencemos” por ocasião do impeachment, instada pelo Estadão que ela lê todos os dias desde que nasceu em 1932. Mas a sua demência e a infantilização e a esclerose geral do país parecem ser perversamente análogas.

Tenho tentado evitar o modo paranóico conspiratório, mas é difícil ficar indiferente ao fechamento que se carrega sobre a cidade e país. Sei que estou hipersensível. Leio bastante na imprensa internacional sobre a “guerra híbrida” e a relativização das notícias através de ações na internet, especialmente ao nível da eleição de Trump e seu atual imbróglio de suas ligações com a Rússia. Os trolls, “fake news”, bolhas informacionais e boataria são sintomas dessa guerra. Tenho sentido em várias listas e fóruns de discussão certo nível de agressividade. Em parte é apenas que ninguém na esquerda parece estar ouvindo, e prevalece a pontificação e o tom de denúncia. Mas em certa lista da qual participo bem de longe, pois ela já está meio moribunda, entrou um personagem muito assustador. Ele conhece bem os discursos e discussões da esquerda, mas leva suas longas discussões para o lado da direita. Chequei o youtube e ele posta vídeos extensamente. Ele faz um tipo de escracho de direita, que é confrontar pessoas ou grupos de esquerda, polemizar, capturar, editar e postar o bullying. Como o Holiday na Câmara e o rapaz do MBL nas manifestações – ou o garoto de 14 anos que relatei no diário. Sua postura é divisionista. Chama-se Sergio Govea. É um hiperativo. Ele polemiza agora com Valter Pomar.

Acho que ele está a ganhar, e há uma onda desse tipo de intervenção da “guerra híbrida” que vai piorar. Doria sacou esta onda internet, o big data e o poder dos vídeos sobre o texto, da imagem sobre o fato.

## **23 de fevereiro**

Serra renunciou, alegando problemas de saúde. Nassif o dá como um político à deriva e em fim de carreira, pesadamente medicado; Osmar Serraglio é ministro da justiça e Moraes

confirmado. Ele é ligado a Cunha e ruralistas. Repercute ainda briga de Reinaldo Azevedo e Joice Hasselman. Parece mesmo que os termos da disputa, fora a baixaria, é de Temeristas/ PSDB contra zelotas e extremistas, ou a direita contra a extrema direita.

## **24 de fevereiro – Carnaval na Cracolândia**

Estava em Pinheiros e encontrei na rua M. Tomamos uma água e conversamos. Ele contou que vai sair em vários blocos, e discorreu sobre as diferenças entre os carnavais do Rio e de São Paulo. Vê o carnaval carioca, mais antigo, como uma espécie de dissolução das identidades num grande coletivo que se espalha pela cidade. Os paulistanos, por sua vez, parece que preservam identidades e cada bloco é específico, sem formar um corpão coletivo. Os foliões percorrem os blocos como compradores em um mercado.

Disse também que Lula prepara um plano B que seria a candidatura de Joaquim Barbosa. João Doria x Barbosa não é um cenário impossível. Pelo menos evita-se o apocalipse Doria x Bolsonaro.

Tomei a linha amarela do metrô em direção à Luz, para checar um bloco que saía na Cracolândia. Saí pela rua Mauá em direção à estação Júlio Prestes às 14h. Passei em frente do pequeno boteco cuja jukebox toca sempre pop amazonense. Um rato vinha pela sarjeta e se enfiou debaixo de um vão de porta. Parecia ter um tumor às costas e isso me perturbou muito.

Uns 10 PMs mais viaturas montavam guarda em frente ao hoje auditório São Paulo. Seguindo pela alameda Cleveland, já se ouvia o batuque na rua Helvétia. Um buquê de odores muito fortes dançava ao vento. Estava muito quente. Dobrei à esquerda e vi que a Cracolândia aumentou muito desde a última vez que vim. Muita barraca nas calçadas.

Logo vi o bloco no meio da rua. A bateria se chamava Coração Valente e vestia abadás laranjas. Além disso, traziam à cabeça capacetes tipo legionário romano, de papel pintado com tinta látex e penachos de nylon. Fiquei feliz que não havia contexto dilmista para o bloco, e me comoveu a valentia desse povo da rua. O ambiente era de alegre desafio, depois dos ataques de ontem.

Tinha umas 200 pessoas no bloco, além de outras tantas mais adiante. A maioria tinha de 20 a 30 anos, mas de outra forma a diversidade era bem grande. Tinha muita população de rua, usuários, alguns universitários, funcionários dos vários programas públicos que atuam no local, travestis... Quase todos fantasiados, todos muito animados. Logo reconheci os fotógrafos A e S.



O carro de som era uma dessas picapes pequenas, com uma casinha montada na garupa. Estavam para sair, e, enquanto isso não acontecia, olhei em volta. Vi um pirata e dois jovens com a roupa antiga de gari, o macacão laranja. Tinham o rosto pintado de branco e boca rasgada do Coringa. Uma outra moça fez um bonecão que tinha os braços abertos, de madeira. Dentro dele, que trazia os dizeres “ADESAF de Braços Abertos”, ela dançava em suas pernas de pau junto ao povo. Uma moça negra de dread segurava um pequeno cartaz “Estou solteira”. Um carroceiro, negro e jovem, trazia o corpo pintado de branco e puxava seu veículo decorado.

Vi um cartaz/pirulito “a melhor tradução entre duas línguas é o beijo”. Outro: “sou sua pessoa amada por três dias”, e atrás “unidos pela separação”. Bandeiras costuradas à mão, feitas de 4 pedaços de tecido branco tosco, traziam mensagens escritas também à mão: “Pela Alegria, é nós. É tiu”, e “Coração Valente”.

A rua de São Paulo têm uma energia muito louca, especialmente aquela da população de rua. É muito fácil de fora romantizar o diferente, mas chorei ali sob o sol forte. No meio da euforia pirante do forte batuque que embalava aqueles corpos magros e morenos, no rodopio dos travestis, no passinho do jovem tímido, na alegria alucinada do descamisado, pisando o lixo e a serpentina sobre o asfalto quente, senti-me seguro e acolhido. Que BRICs que nada, quando o sonho desaba, somos essa gente, e eles são eu.

Passou um palhaço de branco e de cartola, que, ao ver-me de caderninho na mão, falou: “Vai anotando tudo aí!”.

Sáimos pela Helvetia e cortamos o buchicho da esquina com a Alameda Dino Bueno. O cortejo momesco cruzou aquela densa mistura de mercado com narcódromo. Diversos objetos tristes depositados no chão estavam à venda: tomadas, uma havaiana quebrada, bijuterias, DVDs, isqueiros e, curiosamente, três livros do Oswald de Andrade, incluindo “O Rei da vela”.

Um plástico publicitário, pendurado na calçada, trazia: “Parcelamos compras até 12x. Entre e confira as condições”. Uma moça veio me falar que só via assombração, “parece halloween”. Busquei dizer a ela que tinha gente legal lá e que não corria perigo.

Viramos à direita na Barão de Piracicaba. Muita gente olhava o bloco a partir das janelas de um hotel de fachada rosa. A placa de um estabelecimento: “Pereira. Foto vídeo chaveiro”.

S contou que estivera ontem no local, mas depois do ataque policial. Ele teve seu celular roubado hoje, mas recuperou-o depois de conversar com os locais, a quem conhece por trabalhar na área.

Alcançamos o Largo Coração de Jesus. Um moço distribuía camisinhas, enquanto o carroceiro do corpo branqueado dançava sobre seu veículo empunhado uma tesourona de poda. A moça de shortinho a seu lado trazia uma cabeça masculina de manequim, que brandia como uma sans-culotte purpurinada. Os funcionários do Liceu Sagrado Coração, em frente ao qual passávamos, filmavam tudo com seus celulares, atrás das grossas grades do prédio antigo. Sorriam.

O microfone era meio aberto, já que o batuque dava conta da banda sonora. Então muita gente pegava e cantava para a galera. Este moço usou a voz dos antigos cantores do rádio para entoar um velho samba: “Acorda Maria bonita, levanta e vai fazer o café, que o dia já está raiando e a polícia já está de pé”.

Notei a faixa negra que abria o cortejo: “Contra todas as violências”.

Eram 15:30h quando abandonei o local e a festa, que prosseguiu. No metrô Luz, vi um cartaz onde um segurança vestido igual a um PM, de boina negra, dizia: “Vandalismo é crime”.

Entreí no trem e fui para casa.

Repercute a denúncia de José Yunes, que envolve Padilha em esquema de corrupção, e Temer também. A imprensa petista fica dizendo que o governo Temer está chegando ao fim, e que comentaristas como Noblat e Merval, da Globo já estão rifando o presidente. A queda de Temer daria mais uma reviravolta no cenário institucional.

## **25 de fevereiro – Agitação classista policial em Recife**

Li que ontem houve uma manifestação de PMs e suas esposas no Recife. Eles também pedem melhores condições de trabalho e salários. Muitas esposas de PMs presentes à passeata vestiam camiseta de apoio ao deputado federal carioca Jair Bolsonaro (PSC-RJ). No cenário direita x extrema direita poderia estar a se desenhar um confronto PMs estaduais x Exército Nacional? Uma entrevista no Estadão traz que um filho de Bolsonaro atuou intensamente junto aos policiais grevistas no Espírito Santo. Ajudou a organizá-los e a dar suporte para as famílias.

## **26 de fevereiro**

O Anonymous vazou documentos contábeis sobre Yunes, Temer e Marinho da Globo.

## **27 de fevereiro – Ju Isen é a cara da direita**

Repercute a aparição carnavalesca da musa do impeachment, a Juliana Isen. Ela ficou famosa em 2016 por comparecer às manifestações coxinhas nua ou semi-nua. No carnaval deste ano, ela se fantasiou apenas com pintura corporal, com as cores da bandeira do Brasil. A repórter a convenceu a dobrar os joelhos e agachar-se, fazendo florir seu ânus verde-amarelo: a cara da direita brasileira.

## **28 de fevereiro – Caminhei no carnaval**

Compilando as notas de 5 dias de carnaval na rua, emendando dias distintos em uma só narrativa, tudo muito misturado na névoa da folia:

“Como por milagre, Rei Momo esfriou as crises, As conspirações foram esquecidas no frenesi do carnaval. Com os bailes, os desfiles e muita animação nas ruas e nos clubes.”

Assim resume o carnaval de 1964 o noticiário do disco do colaboracionista Jornal do Brasil. Ao longo da quase 10 anos, o Jornal do Brasil lançava um disco LP com o resumo das notícias do ano. É o que hoje chamamos de “retrospectiva”. Não exatamente um lugar de oposição ao golpe, o JB deixa transparecer interessantes tensões entre carnaval e resistência. Por um lado, esta curiosa mistura de alienação e expressão do momesco incontrolável. A movimentação que redundaria no golpe de março foi “suspensa” no período do carnaval, segundo a locução.

Hoje, a greve branca dos policiais de Recife continuava, e os filhos Bolsonaro foram lá prestar apoio. A possibilidade de um levante de polícias estaduais, talvez ao estilo da República Velha, pode contecer.

Uma nota mais sóbria, anterior ao carnaval mas ainda em 1964, no mesmo disco, narra que “No Rio, morria o Rei Momo Nelson Nobre, após ter participado de um almoço no clube Tenentes do Diabo”.

O centro de São Paulo fica mais anárquico e feliz com os blocos. Apesar do forte formato show/micareta, foram destampadas inúmeras irrupções promissoras no carnaval de 2017. Jovem e espaço público combinam, é muito bonito ver no metrô gente fantasiada e a caminho ou de regresso de eventos carnavalescos. Em vários momentos rolava um Fora Temer!, o grito favorito do verão.

Cheguei na rua Vitorino Camilo na Barra Funda para o cordão local, mas não conhecia ninguém e me constrangi: claramente não estava bêbado o suficiente. Segui para Santa Cecília e não achei nada. Fui para o Arouche e peguei um grande cordão chegando. O povo era bem diverso e divertido, mas por alguma razão estranha não dançava muito.

Ao percorrer a Mourato Coelho em busca do Bloco Bastardo, que já havia deixado o local, pensei que do carnaval nada resta. Tinha alguma serpentina e algum confete no asfalto silente. De resto, só vendedores ambulantes cansados. Nessa hora duvidei do poder transformador do carnaval fora do transe, nenhum traço fica das subjetivações operadas após a saída do bloco.

Desci a Arthur Azevedo e cheguei na Fradique Coutinho, onde achei o Bloco Bastardo. Muita gente, umas 2 mil pessoas. Não conhecia ninguém e vaguei um pouco. Um axé dos anos 1980 (Faraóóó) tocava mas só uma moça negra e bonita dançava com genuína alegria. Viajei um pouco na letra amalucada da canção e observei o entorno. Vi um Japonês da Federal, um cartaz “Ó ó o gás!” e outro “Fora Temer!”. A moça de vestidinho preto trazia um sulfite colado ao corpo: “o movimento é sexy”. Dois coletes se referiam à situação no Espírito Santo: #soses. Outro colete trazia: “Procura um hostel ideal?” Atrás vinha um endereço e telefone. Vi vários adesivos “Sambando na cara do machismo”.

Sáimos pela rua Pinheiros e as marchinhas eram bem clássicas. O carnaval proporciona uma espécie de presente perpétuo, um tempo ahistórico de perene cadência. Aquela da cueca que virou pano de prato me fez recordar que via várias cuecas samba-canção, e também aquela que a calça baixa deixa parecer a faixa elástica. A samba-canção foi totalmente rejeitada nos anos 60-70, e a cueca dita “slip”, aquela ao estilo sunga, dominou o mercado. Recordo-me de ver, ainda pré-adolescente, a enorme publicidade das cuecas MASH, onde o então ainda jovem goleiro Émerson Leão reclinava nos outdoors da cidade apenas de cueca. Ele me olhava nos olhos.

Achei M no cordão da bateria, de chapéu palheta levemente deformado por chuva anterior, suado e feliz. “Isso é que é coletivo”, exultou. Vi uma camiseta “Se eu não lembro eu não fiz”.

Também este bloco cantou “Acorda Maria bonita, levanta e vai fazer o café, que a manhã já vem raiando e a polícia já está de pé”. Tocou depois uma marcha-rancho, que é meu estilo preferido de canção carnavalesco. “Confete, pedacinho colorido de saudades, aiaiaiai, ao ter ver na minha fantasia que usei, confesso que chorei”. “As Pastorinhas, pra consolo da

Lua...”, “Se você fosse sincera...”, “Sa-as-as-ricando...”: adoro as marchinhas dos anos 30 e 40.

Descemos a Cardeal e achei que umas 3 mil pessoas faziam a folia. Passamos pela praça Benedito Calixto e tinha um estabelecimento chamado “Lanchonete Kiloucura”. Uns sete homens estavam na calçada e ouviam um som alto, lambadas baianas dos anos 80: “eu quero enfiar uma no céu da sua boca”. Fiquei um pouco para ouvir, mas notei que eles assediavam toda moça mais vulnerável que passasse. Fiquei perturbado e saí fora.

Era bonito ver os jovens dançando e pulando. Vi muita garrafa da Catuaba Selvagem, e também de vinho barato. Ressacas homéricas certamente assolarão os jovens corpos amanhã.

Na rua Pires da Mota vi uma moça gritando muito, contida por duas mulheres. Uma delas batia em seu rosto. Parei para impedir a violência e entendi que a agressora era a mãe dela. Intervi mas vi que a moça estava meio em surto, e entendi que as duas mulheres tentavam contê-la e trazê-la para casa. Hesitei muito e disse a elas que agora buscava ajudar as três e não só a moça, como fiz de primeira, mas falhei em achar um jeito de intervir de forma benigna. Disse “não consigo ajudar, vou sair fora, ok?”. Sai caminhando. Notei depois, do ônibus, as revistas da banca de jornal, e fiquei alarmado com o conteúdo fascista: Iluminatti, Templários, Santo Sudário e Medo. Tudo muito fascista.

Cheguei cedo demais ao Bloco Bastardo na Mourato Coelho em Pinheiros, e fiquei ouvindo as marchinhas de carnaval e sua genial simplicidade, de pé. Lembrei do conto de Machado de Assis, onde o compositor de maxixes aspira compor como Bach e sofre por não conseguir. No final, como de outras vezes, lhe saem melodias geniais, mas no formato popular do maxixe, o que acaba por lamentar depois dos prazeres do surto criativo. A marcha de carnaval é pouco complexa, mas acertar a medida exata é difícil.

Encontrei V, com sua camiseta vermelha do MTST. Falamos de hackers, hipsters, e fascistas. Ele falou de Steve Bannon e seu documentário. Bannon é uma espécie de leninista de direita.

Cheguei em Santa Cecília e a rua Imaculada Conceição estava animada. Muita gente apertada e suando no calor de fevereiro, a bateria a toda, alguns instrumentistas seminus com pintura corporal. Achei mais legal que Pinheiros. Vi uma camiseta, cuja mensagem era uma frase de Helio Oiticica, “Seja marginal, seja herói”, mas que era contaminada pelo complemento: “Itaú Cultural”. Notei o Edifício Tchaikovsky ao lado. Encontrei alguém com quem discuti o encontro PCC/MTST. Vi o Fidel em efígie, pensei que fumar no meio da



multidão é escroto, muito Fora Temer! - “ai, aiaiai, aiaiaiaiaiaiai se empurrar o Temer cai!”. Na Veiga Filho vi a PM enquadrar dois meninos na moto. Tinham suas pistolas na mão e eram acintosamente repressivos, guardando a moçada que, pensei então, na real era de classe média e socialmente branca.

Na Paulista, num canto da praça Osvaldo Cruz, vi um moço branco de cabeça raspada que treinava luta com seu reflexo na agência bancária. Achei bizarro, um misto de exibicionismo e violência.

Andei da estação Bresser até a concentração do Peixe Seco, na Praça Ciro Pontes, na Mooca. Cheguei cedo e esperei E no bar ao lado. Ele chegou depois de uma Seleta com guaraná. Seguimos com o povo que festejava no trajeto de um rio agora subterrâneo, o Caçambuca. Este bloco busca os cursos dos rio que ainda existem sob o asfalto e os demarcam. Um carrinho deixaria escorrer tinta azul pelo pista nos locais onde em baixo estava a água.

Chegou E e saímos com o pessoal pela rua Taguari. Vi uma moça com uma camiseta “#Fora Temer” e um moço com a camisa do Juventus. A trilha era legal, incluindo o Pancadão do Volume Morto, uma composição do Peixe Seco. Ando pouco por esses lados e achei muito interessante. Motéis antigos com palmeiras no acesso de entrada, conjuntos habitacionais populares habitados pela classe média, prédios novos com grades e guaritas (um deles chamado “Leonardo da Vinci”)...

Tudo se esfumou numa nuvem etílica, mas me recordo de cumprimentar D na bateria, de admirar A de longe, reparar no povo nas janelas, do Fuscão Preto que de alguma maneira ressou pelso ares, de parar no Boteco do Japa para uma continuadeira, e termos achado a nascente o rio buscado.

As anotações ficaram incompreensíveis a partir deste ponto, e lembro menos ainda.

Exigi que E me apresentasse a A, e me recordo um pouco do percurso de volta. Paramos na padaria Chic da Mooca, onde uma explosão fez a luz apagar. Era um transformador da rua. Chovia muito, e na real choveu a maior parte do tempo.

De alguma forma cheguei em casa e o carnaval acabou.

# MARÇO 2017



MUITA ANTI

...CULPAÇÃO COM A

CONTRA REFORMA DA PREVIDÊNCIA

...TA DA ODEBRECHT, A LIBERDADE DOSSAUS VAO

TRABALHADORES DA CUPONGES ASOCIATIVA

...R. A IMPRENSA PETISTA FICA ROTANDO NEDA

GOVERNO NA

ESPELOS AP

...A NAO FIG

CULTURA DO PETROBR

golpe sem

UNIFICOU, UNIFICOU, FC



## **1 de março**

Via agora o vídeo da reportagem do Jornal Nacional sobre as manifestações Fora Temer pelo Brasil. Nem teve um grande evento, apenas cataram pequenas manifestações aqui e lá. A imprensa de esquerda avalia que a Globo já abandona o governo que derreteria com as delações da Odebrecht. As revelações de José Yunes envolvendo homens muito próximos a Temer, como Padilha, têm repercutido nos últimos dias. Fala-se muito também na condenação de Lula, dada como certa, mas que ocorreria bem no meio da campanha eleitoral de 2018. E tem também o infame filme da Polícia Federal vindo aí, aposto que seu lançamento será bem estudado.

## **2 de março -**

A política está totalmente dominada pela expectativa da revelação dos nomes de políticos que constam das delações. Alguns nomes parecem visados, mas no geral prevalece o sigilo.

A blindagem de alto escalão do PSDB e PMDB está em pleno curso. Mesmo que haja nomes importantes na lista, pode demorar 4 anos para irem a julgamento. MTST obteve vitória em Brasília e manteve o programa Minha Casa Minha Vida. Levantam o acampamento na Paulista.

## **3 de março – A China lê Chico Bento**

Estive no apartamento do amigo L que mora no centro. Ele contou que vira um bloco de carnaval Hare Krishna e outro evangélico passando pela São João. Ele trabalha com o Maurício de Souza e conta que o Chico Bento é muito popular e vende muito na China, mas o Chico antigo, não o jovem das revistinhas de hoje. Conta que o governo chinês não queria publicação americana ou européia. Conta também que um colega seu do Maurício migrou para o circuito das palestras corporativas motivacionais e faz bons ganhos nesse campo.

## **4 de março – São Paulo em rede nos 1950s**

Fui com R ver um filme brasileiro de 1957, *Absolutamente Certo*. O enredo conta a história de um linotipista – que sabe toda a lista telefônica de cor – resolve entrar para um concurso milionário de perguntas e respostas na televisão. Lembrei-me de M, de Fritz Lang, no momento em que os criminosos ocupam o prédio e manejam os alarmes. São Paulo começava a se organizar em rede (telefônica) e o moço do filme memorizava a lista. O filme se trata da modernização da informação em nível municipal, na contradição rede/lista. Gostei muito.

## **8 de março – Marchas Feminista e APEOESP**

Saí na estação Consolação e dei uma passada no acampamento do MTST que ainda está na esquina com a Augusta. A ocupação estava em plena atividade, cheia inclusive de muitos jovens dando apoio. Na “sala de eventos” havia um debate, e este moço maquiado falava sobre carnaval e revolução. Dizia que um bloco em movimento tem o poder de mobilização e contágio, e que assim constituía uma espécie de veículo de combate.

J me contou que os secundaristas foram levados para lá e debateram também com o movimento.

Ia caminhando em direção à Consolação para ir à Praça da Sé quando vejo este grupo de uns 50 adolescentes na Praça do Ciclista. Eram secundaristas.

As manifestações de hoje têm um caráter meio particular. São duas manifestações separadas. Tradicionalmente as marchas do 8 de março, em ocasião do dia internacional das mulheres, são organizadas pela Marcha Mundial de Mulheres, que é mais petista e Pcdob. Mas estas incorporaram a pauta da CUT contra Previdência e o indicativo de greve no dia 15 de março. Rola que a APEOESP, dos professores, entrou em greve hoje. Oitenta por cento da categoria é de mulheres. Sua assembléia foi marcada para a Paulista, enquanto a Marcha chamou a concentração para a Sé. Outras mulheres que não aceitaram a pauta da Previdência sobreposta à pauta feminista internacional e marcaram ato para o MASP.

Apesar disso, a vontade de convergência prevaleceu no encontro entre as duas passeatas originando em dois lugares. Muito melhor que o ano passado, quando a passeata rachou em dois quando saiu.

Eram 15:15h e eu ia primeiro à Sé para depois subir. Mas o grupo de secundaristas chamou minha atenção. Eram uns 50 jovens reunidos. Carregavam mensagens contra a reforma da Previdência e falavam em greve geral. Vi uma bandeira vermelha e negra, um cartaz “Lutar sem Temer” e “Nenhum direito a menos”, além de mensagens de apoio à greve dos professores.

Eu era o único adulto e o meu caderninho chamou a atenção de um deles, que veio perguntar quem eu era. Tentamos achar um campo comum de contato, o que aconteceu mais ou menos com os JL.

Saímos em passeata em direção ao MASP às 15:30h. Recebi um panfleto deles e notei que alguns motoristas apoiavam. “Vem, vem, vem pra rua vem, contra a reforma!”. A ocupação do MTST festeja a passagens das meninas e meninos na altura da Augusta.

“Não vai ter reforma, vai ter luta!”, “PL,PL, QNPCAF não atíça o formigueiro!”, “É barricada, greve geral, é ação direta que derruba o capital!” e “Atenção, escuta, a sua luta é nossa luta” foram algumas das palavras de ordem.

Achei muito legal acompanhar essa energia logo no começo das manifestações do dia, tão cheio de promessa. Mas a assembléia da APEOSP no MASP tinha um carro de som grande, onde discursava uma sindicalista. Assim, os secundaristas, que chegavam gigantes cantando “O professor, é meu amigo, mexeu com ele mexeu comigo!”, ao invés de incendiarem as aproximadamente 3 mil pessoas presentes, foram abafadas pelo som e murcharam.

Avaliei que a maioria das pessoas eram mulheres de uns 25-45. Vi balões da APEOSP, CNT. Vi bandeiras ou camisetas do PSTU, UMES, UJS, POR 4, CSP Paulista, o PCO com sua barraquinha e um pixuleco do Alckmin. Cartaz e uma faixa: “Reformas transviadas em açoites” e “Paramos pela Educação e pela Vida das Mulheres”. Vi o fotógrafo R.

Achei o clima legal mas decidi manter o plano de ir à Sé. Tomei o metrô e fui dar na praça às 16:15h. Já dentro da estação vi grupos de mulheres com cartazes e vestidas da cor roxa.

A praça em si estava cheia, talvez umas 4 mil pessoas. Minha primeira impressão foi que não havia muita diferença na composição das duas manifestações. Curiosamente, foi combinado que não haveria carro de som na Sé, o que dava a esta manifestação um ar de “nova esquerda”, um lugar onde se conversa muito e dá para ir caminhado de batuque em batuque, um clima mais de carnaval. Já no MASP, onde se concentravam os movimentos mais independentes em relação às instituições e ao ex-governo, incluindo autonomistas, prevalecia o carro de som e a assistência passiva. Os insiders me disseram depois que havia sim nuances importantes, como por exemplo o tom dos discursos, aqueles que pendiam mais para a luta das mulheres e outros que sublinhavam a pauta institucional mais partidária e trabalhista.

Vi uma camiseta da CUT e um balão da SINTESP, dos profissionais de ensino. Estava lá também uma barraca do PCO, e também uma bandeira do PSOL e outra do MAIS, ainda outra da Nova Organização Socialista. Presentes em corpos ou em imagem: MTD (trabalhadores desempregados), Mulheres do PT, Juventude e Revolução, UJS, Pcdob, MDM (moradia), Levante Popular da Juventude, CMP, Mulheres Químicas do ABC, MST, MTST, Frente Brasil Popular, ULCM (moradia), UBM (mulheres), além dos Bancários de São Paulo. Vi algumas dilmistas também: defendem o cancelamento do impeachment e reinstauração imediata de Dilma.



Vi um faixão no chão. Era um grupo da resistência indígena com desenhos de uma caravela e um corpo indígena. O texto trazia: “Vida Terra Demarcação Justiça: Invasão”, referindo-se ao chamado Descobrimento.

Vi A com uma colega do Arrua. Ela avalia que o carnaval foi muito interessante em termos da resistência, e que os blocos lograram canalizar uma voz de protesto nas ruas de maneira importante. Falamos um pouco da situação geral e ela contou que o MTST conseguira obter do governo garantias em relação à continuação do programa Minha Casa Minha Vida, assim desfazendo o acampamento depois de assembléia.

Voltei à estação do metrô para ir ao MASP. Eram quase 17h e, dentro da estação, vi uns 15 policiais uniformizados: eram da banda da PM e se preparavam para tocar dentro da estação. Achei bizarro.

Saí ao MASP e olhei em volta: tinha crescido e parte do ato estava saindo em passeata. O carro de som da APEOESP chamava o povo a caminhar para o centro da cidade, mas um grupo de umas mil ou duas mil pessoas ficaram: eram mulheres independentes e autonomistas, que tinham recusado a pauta da Marcha MM na Sé, mas que também não morriam de amores pela APEOSEP, conhecidamente ligada ao PT. Mesmo assim, todos os grupos no final convergiram para um encontro no centro. Fiquei para ver as independentes.

Vi imediatamente um cartaz: “O goleiro Bruno é a sociedade brasileira”. O jogador foi solto recentemente e vai continuar a jogar. Vi uma bandeira da APROFEM e uma camiseta com o A anarquista. Cartazes com “Globo golpista”, o estandarte “#nemumaamenos”, duas bandeiras vermelhas e negras da LDE, uma roxa e negra, mais outra palestina. Uma grande faixa negra trazia: “Sem governo nem patrão. Greve Geral. 1917. Viva a Revolução”. Vi bandeira da LSR Luta Socialismo e Revolução, e ainda mais uma com o A anarquista.

Achei que este grupo era um pouco mais jovem e mais combativo do que as professoras. Havia uma linha de uns 30 PMs de escudo fechando a via do lado da Consolação. Nessa hora vi duas moças de shortinho apertado e visual piriguete entrevistando um homem idoso na calçada. Eram da Band, filmando matéria. Não ouvi nada, mas achei hostil ao movimento.

Encontrei AdeA, que é presidente do sindicato dos advogados. Disse que ele é o advogado da APEOESP e que estava acompanhando a manifestação. Aguardava, como a PM, que esta secção do ato afinal se movimentasse para seguir junto. Ele estava tranquilo. Vi o S dos JL. As duas moças da Band vieram entrevistar AdeA.

Às 17:15h sai a passeata independente em direção ao Paraíso. Mas antes teve um jogral com uma mensagem de autonomia e foco na luta feminista. Uma moça pediu às presentes que não “saíssem gritando loucamente Fora Temer!”. De fato o grito “nem uma a menos” predominou no trajeto, ainda que o FT! Tenha figurado também.

Caminhando pela Paulista, avalei umas 5 mil pessoas. Havia um intervalo entre este grupo e a passeata maior adiante. Olhava alguns cartazes e mensagens: “Machismo a gente mata todo o dia”, “Vulva a Revolução!”, “Eu não vim de sua costela, você é que veio do meu útero”.

Palavras de ordem: “Nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!”, “Ei, buguês, a culpa é de vocês!” (em frente a FIESP), umas cantavam “Fascistas, fascistas, não passarão!” enquanto outras entoavam “Fascistas, golpistas, não passarão!”. Também, “Segura, segura seu machista! A América Latina será toda feminista!”, “Ai, aiaiai, aiaiaiaiaiaiai se empurrar o Temer cai”, “Por todas nós”, “Você aí parado, também é explorado!”.

Dois PMs filmavam a passeata, sem identificação.

Chegamos à esquina com a Brigadeiro e nos demoramos um pouco lá. Aglomerou com gente que passava pelo local e inchou um pouco. Acabamos por descer a avenida. Fui para a frente da passeata e observei o povo todo passar quase em frente ao Extra.

Vi algumas moças sem camiseta e sem sutiã. Algumas pintadas, outras não. Muitas mães com filhos e filhas pequenos, alguns homens jovens ou não, umas moças de rosto oculto. Vi um Chaves magro e seco. Vi um cartaz “coletivo Equipe”, outro “Não quero flores, quero direitos!”, “Meu senso crítico não é TPM!”, “Aceita as trans!”, “Eu sou quem eu quero ser”, “Pela legalização do aborto”, “Contra a Reforma da Previdência”, “Livre Leve Juntas”, “Meu útero é laico”, enquanto uma faixa anunciava a presença das “Filhas da PUC” e outra das “Mulheres contra Temer”. Outra faixa trazia: “Capoeiristas pelo fim da violência contra as mulheres”.

Ouvi a chamada “realiza o amor, realiza o amor”, mas depois achei que era “legaliza o aborto, legaliza o aborto”. Mais: “Ai que absurdo, eu quero o fim da cultura do estupro”, “Vem, vem, vem pra rua vem, contra o fascismo!”. Passam um ou dois batuques, animados. O clima era bem de festa. Vi uma camisa do Corinthians e outra do PSOL.

Uma moça no prédio às minhas costas batia panela animada com o movimento. As dúvidas quanto à sua filiação (cozinha?) foram dissipadas quando ela entrou e trouxe à vista um

panão vermelho. A galera embaixo comemorou muito. O final do povo em passeata já estava visível e segui caminhando.

Embaixo do viaduto do Bixiga, o clássico “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”. Pouco depois, um jogral. Dava para ver a rabeira da passeata à rente e decidi ir conferir. Destaquei-me das independentes e desci a Brigadeiro a passo largo.

Ouvi nessa hora uma senhora dizer à outra: “o dia das mulheres não é o dia das mães”.

Logo alcancei a passeata que saíra com a APEOESP. Curiosamente, a primeira bandeira que vi era a anarquista vermelha e negra da LDE. Depois, uma da Frente Brasil Sem Medo, uma da UNE e outra da Conspiração Socialista. Uma camiseta da Dilma Coração Valente, uma camisa do Santos.

Encontrei S e M, que relataram vários casos de agressão de gênero e racista no contexto da USP e GV. Trocamos impressões da situação política e do ataque policial no campus Butantã. Segui meio apressado. Vi o Gianazzi no carro de som, que competia com os batiques do rés do chão. Um faixão, da Marcha Mundial das Mulheres, trazia: “Mulheres em movimento mudam a marcha do mundo”.

Viramos à esquerda na rua Maria Paula e segui até o cruzamento da São Luís, no antigo Diário Popular. A passeata que saíra da Sé tinha já se fundido com a que desceu a Brigadeiro, e muita gente aglomerada pela Xavier de Toledo até o Municipal. Muita conversa e vontade de ficar junto. Era difícil contar o povo, mas avalei um total de 30 talvez 40 mil pessoas no total.

Ouvi mais FT!s agora, e vi uma bandeira do UNEAFRO, e outra da UBM. Reconheci E, que ajudava na segurança da passeata. Suplicy caminhava pela rua, abraçado e objeto de muitos selfies.

Encontrei J e conversamos um pouco. Segui pelo Viaduto do Chá e esperei o passeatão chegar à prefeitura. “Ô Doria, pode correr, que a mulherada vai te botar pra correr!”. Vi e saudei a fotógrafa A. Eram 18:45h.

A caminho do metrô, ouvi ainda muitos ecos da movimentação que ora se espalhava por todo o centro. Desci à plataforma e fui para casa.

## **10 de março**

Saí na estação Liberdade para encontrar GP no pequeno Kitaro. Conversamos sobre Doria e seu estilo publicitário de gestão, sua relação com a cidade. Falamos um monte sobre o que

seria a nova esquerda e como certa crítica feminista, por exemplo, releu o marxismo. A percepção de que a luta identitária se faz à expensa da luta laborista ou classista é meio prevalente no geral. A certa altura o vizinho de balcão se envolve na conversa. Baiano, ele defendia que ACM Neto era um nome presidenciável e que ele havia logrado quebrar a máfia do PT. Era também torcedor fanático do Bahia FC, como E, que estava conosco com sua noiva. Tentei impedir GP de discutir sobre o legado do PT com esse moço baiano. Eu não tenho aguentado o nível e agressividade das discussões.

Saí fora pela Estação São Joaquim e passei em casa antes de ir a uma festa de cúmbia no centro. Saí tarde e fui para casa.

### **11 de março**

Saiu numa coluna da Folha que o MBL está envolvido na disseminação de notícias falsas através de um site. O jornalista Dimenstein conta isso em sua coluna e acusa o vereador Holiday de difamá-lo com mentiras. R me contou que uma ex-militante do MBL denunciou publicamente as atividades do grupo.

### **12 de maio – Plano B do 1%**

Encontrei R no Kintaro. Ele disse que jantou com um casal amigo seu, muito rico. Ela é herdeira milionária, e o marido fez muito dinheiro no mercado global. Este está perplexo com o fracasso do neoliberalismo e da globalização. Eles têm um plano B que é ir residir na Nova Zelândia.

### **13 de março**

Muita antecipação com a lista da Odebrecht, a qualquer momento vai sair. A imprensa petista fica botando medo que o governo não resiste, pressionado como está pelos *affairs* Yunes e Padilha. Parece que Lula não figura, e Dilma só fracamente em uma delação. Mas deve sobrar alegação para todo o lado, pois assim cada um individualiza seu inimigo e martela essa tecla. Se a lista derrubar o governo, mil outras conspirações vão se precipitar, inclusive aquela relativa à sucessão de Temer.

Corre a discussão agora se caixa 2 é crime ou não. Gilmar Mendes agora diz que não é, depois de sustentar o contrário contra o PT no contexto do Mensalão (Carmen Lúcia também). Mendes fica também dizendo que sem reforma política não há eleições em 2018. No TSE, o mesmo ministro fica dizendo que o julgamento das contas da chapa Dilma-Temer tem que levar em consideração “a estabilidade do país”. Blindagem com outro nome.

## **14 de março – Listados do Janot**

Saiu agora de noite alguns nomes da lista de Janot: Eliseu Padilha, Aloysio Nunes, José Serra, os ministros Moreira Franco, Bruno Araújo e Gilberto Kassab; também há pedidos de investigação contra Romero Jucá, Eunício Oliveira, presidente do Senado, e Edison Lobão, todos do PMDB, assim como o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM), e Aécio Neves. Os nomes de Dilma, Lula e Mantega também aparecem, mas serão remetidos a instâncias inferiores. O Estadão celebrou essa presença de Lula e Dilma, mas a Folha deu mais importância ao atual ministério.

Lula depôs hoje na Lava Jato sobre sua suposta obstrução de justiça. Vi na internet, muito bom a sua intervenção. Pode ser uma questão de torcida, mas achei que se saiu muito bem, passando o recado e respondendo a todas as acusações, que dá para ver são as mais genéricas baseadas na delação de Delcídio. Vi depois nas redes que Reinaldo Azevedo (e os comentários de seus leitores) que Lula foi muito bem e que não parece haver qualquer prova além da declaração de Delcídio.

Teve ato da Frente Unificada da Cultura, contra o congelamento da verba municipal de cultura.

## **15 de março – Grande manifestação contra a reforma da Previdência e Arrastão dos Blocos**

Entrei na estação Vergueiro em busca do Arrastão dos Blocos e da manifestação contra a reforma da Previdência em frente ao MASP. Eram 15h e a plataforma estava bem vazia. O trem demorou e estavam com velocidade reduzida.

De manhã foram chegando as notícias de movimentações em todo o Brasil. Em Santos teve repressão aos estivadores, mas no geral foi calmo. Achei que não iríamos conseguir trancar a produção, mas a adesão parece que foi bem boa. Terminais fechados em São Paulo, metrô quase todo parado, nada mal, muita movimentação pelo interior do estado e várias capitais do Brasil.

Contaram nas redes que cinco mil motoboys fecharam a 23 de Maio. Relataram também apoio de passantes e gente feliz com a mobilização e com a greve – saiu parece que no Valor também uma reportagem nesse sentido.

Ainda no metrô vi um grupo de 7 mulheres que falavam da Previdência e do número de anos necessários para obtenção da aposentadoria. As pessoas têm feito as contas e se assustado. Elas tiravam da bolsa aqueles coletes leves com o logotipo da central sindical



CTB. Uma delas fez um nó para cintar de maneira mais justa o colete, desenhando-o ao corpo.

Saí na estação Consolação e caminhei até a Praça do Ciclista, onde esperava encontrar o Arrastão dos Blocos em concentração. Vi de longe uma aglomeração de uns 200 jovens. Misturei-me a eles e observei. Achei todos muito universitários, de 20-30 anos. Quase a metade deles tinham um adesivo “Fora Zago”. Alguns corpos mais da minha idade reforçaram o ambiente acadêmico. De fato, vi um faixa do DCE Livre USP: “Não à reforma da Previdência. Fora Temer!”. Tinha um batuque e boa animação. Muitos passantes fotografavam do outro lado da rua.

Vi uma camiseta do “Juntos. Organiza sua indignação”, outra do PCB, e da Juventude e Revolução. Uma faixa no chão fazia ler “ECA-USP contra a reforma da Previdência”. Alguns moços e moças traziam um papel sulfite A4 às costas. Neles escreveram a idade com a qual eles vão se aposentar pelas novas regras: 71, 79, 74. Um cartaz trazia “Pai, afasta de mim essa reforma”. Vi bandeira do PSOL e mais camisetas: MST, “Povo sem medo” roxa e uma laranja do RUA.

“Nas praças, nas ruas, quem disse que sumiu? Aqui está presente o movimento estudantil!”, cantava a palavra de ordem.

A essa altura já estava claro que não se tratava do Arrastão. Fiquei triste, pois tinha as melhores lembranças do bloco durante a campanha contra o impeachment.

Logo vi duas moças com um estandarte de carnaval enrolado. Perguntei pelo Arrastão e elas disseram que ia ter sim, mas um pouco mais tarde.

O local até ia enchendo, mas fui checar o MASP, agora 15:45h. De longe dava para ver os balões ao ar. A avenida já estava fechada ao tráfego, e só as transversais tinham fluxo ainda. Caminhei e vi que os bancos estavam todos fechados por causa da greve. Vários grupos se reuniam em punhados, concentrando para depois seguir ao MASP. A Secretaria da Presidência da República estava guardada por uns 10 PMs de escudo. Ouvi apitos e vuvuzelas, mas depois vi que eram vendedores que vendiam estes produtos. Pouca gente ou ninguém comprava – eram verde-amarelos.

Tinha movimentação na Frei Caneca e fui checar. Vi umas 200 pessoas ao redor de um carro de som. As faixas traziam: “A reforma da Previdência só é boa para os banqueiros” e “Diga não à militarização e terceirização do SAMU”. Era o SINDISE, sindicato dos trabalhadores da Saúde. O orador falava do vídeo que Doria lançou para atrair

investimentos de Dubai, oferecendo a privatização de serviços como o Funerário e também a base de dados do Bilhete Único. Fiquei um pouco e saí fora.

Na esquina, os vendedores de vuvuzela agora gritavam “Fora Temer!”. Uma mulher hostilizava muito os grupos que acorriam ao MASP, gritando “Vai pra Cuba!”. A maioria ria e deixava quieto – ou então puxava um Fora Temer! Que ressoou pela avenida.

Cheguei ao MASP e vi os balões dos sindicatos e centrais: CUT, CTB, Mulheres em Luta – CSP Conlutas, FETAM-CUT, CNM-CUT, CSB e Intersindical. Tinha um carro de som do Conlutas quase à altura da rua Peixoto Gomide, e o carro principal da CUT na esquina com a Casa Branca.

Vi uma faixa: “Pare agora ou morra de trabalhar”, e outra grande do Conlutas “Judiciário Federal em luta!”. Outras ainda: “Servidores Federais de São Paulo/CST”; Vi uma bandeira do PSTU, da UGT, da UPES e outra do PSOL.

Já tinha umas 2 mil pessoas lá, e notei uma grande comoção lá na frente. Fui perguntar e disseram que era um moço do MBL. Deve ser o mesmo que sempre vem em manifestações de esquerda e trola os manifestantes para postar na rede. Ele foi expulso da manifestação.

Dei um giro para registrar os presentes, dentre eles inúmeros sindicatos e centrais: SINTRAMOG, Eletricitários de São Paulo, FACESP, SINDIDEMA, CONTAC, FENATEMA (meio ambiente), Químicos do ABC, FITMETAL, além do MMRC (moradia), assentamentos do MST e MTST, Pcdob, ULCM (cortiços) e FLM (moradia).

Alguns cartazes: “A aula hoje é na rua”, #caiforatemer, “Fora Temer, Fora Moro, Estamos em uma ditadura”. Um cartaz trazia “Desobediência Civil. Fora corruptos”. Este era um homem que destoava um pouco. Não parecia militante, e poderia ser mesmo alguém que tenha saído contra Dilma e agora estava nas ruas de novo. Uma faixa: “Isso não é reforma, é destruição”.

Muita gente chegando, muitos grupos e alguns batuques. Encontrei A e sua amiga. Conversamos um pouco e no geral ele tem tido medo. Ele não pôs fé nas mobilizações do dia de hoje e estava cético quanto ao futuro. Ele é de minha geração, mas manteve sua melena longa, grisalha, que penteia ao estilo He-Man. Vi mais adiante a fotógrafa A, a quem cumprimentei. Vi os meninos e meninas do Movimento dos Atingidos por Barragens, com um pano azul que já vira em outras manifestações. Eles fazem uma espécie de ciranda com o panão azul servindo de curso d’água. Passou um grupo de bancários, com dois bonecos (uma loira e um pirata), megafone e sirene. Suas camisetas: “Só a luta te garante”.

Tinha perto um batuque animado, onde um senhor de barba branca fazia evoluções radicais em sua cadeira de rodas. Levava uma bandeira do Pcdob. Estavam perto ou fazendo a batucada: UNE, Juventude do PT, UP Unidade Popular pelo Socialismo, e também a UDB União da Diversidade Brasileira.

“Fascistas, golpistas, não passarão!” cantaram animados.

Uma camiseta trazia “A Casa Grande surta quando a senzala aprende a ler”. Outra, escrita a mão com canetão: “Lutar pelo presente sem Temer futuro”. Ainda: “Lutar sempre, Temer Jamais”.

Vi uma bandeira do PT. Vi um drone no ar.

A essa altura, arrisquei uma avaliação do público presente. Muitos militantes, sindicalistas, mulheres e professores, como esperado. Muitos jovens também, mas achei que tinha sim um número expressivo de avulsos. É difícil evadir o desejo de ver o que queremos, mas tentei atentar para o potencial de espalhamento da mobilização para fora da bolha da esquerda. Apesar de poucos comprarem as vuvuzelas verdeamarelas, havia algumas bandeiras e camisas do Brasil. Tentei contar quantas bandeiras vi no mastro ou sobre ombros ao longo do dia, e acho que foram umas 15. Achei muito significativo que algumas faixas e cartazes pediam a punição da corrupção, que é bom ver voltar à pauta pública da esquerda. O PT apareceu pouco, e a pauta ajudava a diversidade de forças.

Achei significativo que o carro do Conlutas abrigasse oradores que falavam contra a pelegagem sindical e cobravam renovação e combatividade das direções sindicais. O formato carro de som ainda não foi superado no geral, e agora que o som de um único microfone pode ser interligado a vários carros, a tendência à centralização do discurso é grande. Mas o tamanho do ato foi tal que era possível ficar longe da gritaria.

Avaliei que vi todo o espectro da esquerda presente, incluindo um belo grupo de anarquistas e autonomistas, que pela primeira vez em anos os vi como eu gostaria: todos juntos com bandeiras desfraldadas dando destaque à sua presença, claramente se posicionando dentro da luta mas com suas especificidades.

Eram 16:30h e caminhava de novo em direção à Consolação. Muita gente chegando, e vi N do MMRC com uma bandeira. Parei e cumprimentei-o, mas como ele já conversava com uma moça, eu me despedi em seguida. Uma secundarista discursava no carro de som do Conlutas.

Encontrei M de bicicleta e caminhamos juntos. Vi um cartaz “Acorda professor!”, onde a letra O do acorda era uma forca! Outro: “Embu das Artes na Luta!”. Uma camiseta: “#apoieaeducação”, e outra vermelha “Movimento Socialista Alternativo” e “#ocupatudo”. Cartaz: “Lute ou morra trabalhando”. Bandeira: “Ação Antifascista de São Paulo” e outra “OASL Organização Anarquista Socialista e Libertária”. Tinha um moço de camisa negra que segurava um mastro alto e vazio. “Esse aí é tão anarquista que veio sem a bandeira!” brincou M.

Na Augusta vimos uma camisa do Santos, um bandeirão colorido do LGBT, uma da SINDATEMA (meio ambiente) com a face de Che Guevara, uma da campanha da Dilma e outra da “FNL Frente Nacional de Luta – Campo e Cidade”. Cartazes traziam: “Cadê os paneleiros agora?”, “Sistema Totalmente Falido”, “Temer, vou reformar a sua cara”, “Abaixo o golpe e não à prisão de Lula”, “Cultura contra o golpe”,

Não tinha nada ainda na Praça dos Ciclistas, ainda sem Arrastão. Eram 17h e retornei em direção ao MASP. Foi nessa hora que vi o grupo de anarquistas e suas bandeiras negras, vermelhas e roxas, talvez umas 300 pessoas. Bandeiras da Ação Antifascista de São Paulo, LDE, uma roxa e negra, duas vermelhas e negras, uma com o A anarquista, uma camiseta “Refugiados são bem-vindos”. Uma faixa negra “Sem governo nem patrão 1917 Viva a Revolução. Greve Geral”. Ao lado, o faixão “MTST – Capão Redondo”, “Ocupação Jaraguá”.

No vão do MASP, muita gente já. No total achei que já tinha umas 40 mil pessoas, mas era muito difícil avaliar. O carro de som irradiava a canção do Vandré, Caminhando e Cantando (Pra não dizer que não falei de flores) numa onda de reggae. Depois tocou Cazusa, “Que país é este?”.

Encontrei R e conversamos. Ele trabalha como autônomo mas não está sem serviço. Contou de seu carnaval que foi bom mas que ele estava de luto. Achei ele moderadamente otimista, ou pelo menos não pareceu contaminado com o medo do porvir.

Saí para a rua e vi uma camiseta “A revolução é negra”, bandeira do UNIAFRO Brasil, um cartaz dos petroleiros da Petrobras: “Privatizar faz mal à saúde”. Presentes os bancários do ABC.

Às 17:30h tento passar para o outro lado do carro de som, escorrendo pela esquina da Casa Branca. Recebi no caminho um panfleto “Excursões para Foz do Iguaçu e Paraguai”. Vi cartazes Fora Temer com o logo da Globo e outro do Sindicato dos Farmacêuticos.

O outro lado estava muito cheio de gente também. Um pessoal da FLM fazia um trenzinho que cortava a multidão, cantando. Vi o faixão do MTST “Fogo no Pavio”. Ao lado do Super Dogão Prensado havia um grupo de adolescentes da UEE e outros jovens da SEDIN (educadores da primeira infância), do SINDAC (agentes comunitários) e do SINSSP (servidores).

Fui até a FIESP, que estava guardada por 15 PMs de escudos. Segui até a Gazeta e no caminho vi uma faixa “Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias de São Paulo”. A camiseta “Apoio o MTST. Morar=Direito”. Reconheci um petista que já vira antes, desta vez com bandeira do Brasil sobre os ombros. Vi uma camiseta negra “Cinema contra o golpe”, outra “Educa, transforma e inclui”, “É hora de derrotar o golpe” e mais duas camisetas da CBF. Uma faixa imensa no chão fazia ler: “Rede Globo e MBL estão contra o povo”.

Eram 17:45h e cheguei até a Brigadeiro e dei meia volta. A Avenida estava fechada desde a praça Osvaldo Cruz. Passei pela Casa Branca de novo e mergulhei no povo. Passei pelo carro de som do Conlutas que continuava combativo, enquanto o carro principal da CUT tentava puxar “um jogral” a partir do palanque. Não consegui levantar a massa. Obviamente o jogral não é uma maneira de bombar o palanque, mas sim uma prática coletiva que implica em certa horizontalidade. Senti muita falta do Arrastão dos Blocos, este sim daria o tom certo. Mesmo o carro da Conlutas, de discurso mais combativo, insistia na retórica gritada do militante.

Lá pela Peixoto Gomide vi a APEOSEP chegar da República. Muita gente embaixo de uns 5 balões e batuque: “Olê, olê olê olá, eu quero aposentar!”. A multidão de professores tinha muitos jovens e mulheres, ao redor dos 20-30. Eles estão em greve em São Paulo. Vi junto deles uma bateria da Esquerda Marxista e uma bandeira e militantes do Faísca: “Aliança Revolucionária da Juventude com a Classe Operária”. Vi cartazes da APROFEM e SINPAF.

Cartaz: “Coxinha: bandeira do Japão não é símbolo comunista, ok?”. Faixa: “Iguais na luta, diferentes na vida. Juventude nas ruas em defesa de direitos”. Um casal trazia dois pirulitos: “Não temos tempo de Temer a morte”. Não resisti, parei os dois e disse a eles: “É preciso estar atento e forte!”. Sorriram.

O local já estava cheio. Depois falaram em 80, 100 e até 200 mil. Achei que 100 mil era provavelmente uma boa aproximação.

Agora na Ministro Rocha Azevedo, vi o Arrastão! Eles tinham partido tarde mas vinham muito animados! Vieram dançando desde a Praça do Ciclista. Imediatamente juntei-me a eles, no exato momento em que uma moça gritava ao microfone “Arrastão dos blocos, a



gente queima a rosca e queima o filme!”. Vinham com uns 7 estandartes, dos quais só consegui ler o do “Bloco da Liberdade”, “Cordão Jamelão”, e um “Temer Golpista”. Tinha um carrinho de som e uma alegoria, um certo pássaro misterioso.

A banda entrou de Bella Ciao, que um moço cantou em tolerável italiano, na versão comunista:

“Mi seppellire lassù in montagna O bella ciao, bella ciao, bella ciao ciao ciao Mi seppellire lassù in montagna Sotto l’ombra di un bel fior”

Logo depois um maluco emendou uma versão Fora Temer! Desta canção, que imediatamente contagiou a galera. Vi nessa hora o Nabil Bonduki com uma camiseta “Diretas Já” e também o G dos ciclistas. Pareciam felizes.

Logo entendi a estratégia do Arrastão: avançar em cunha pela massa abrindo caminho e arrastando (!) o povo atrás de si, se possível cancelando os carros de som pelos quais passávamos. Achei lindo.

“Arrastão dos blocos, nem um passo atrás. Folia da democracia, golpe nunca mais” O contraste com o clima do carro de som reinante era evidente, e conforme avançávamos negociando passagem por entre vendedores ambulantes e faixas políticas, o rosto das pessoas se transformava e abriam-se em sorriso. Era tudo o que aquele ato precisava, uma irrupção carnavalesca.

Sou muito cético quanto aos resultados de luta do carnaval, mas o que ficou evidente era que só os blocos tinham legitimidade de chamar as palavras de ordem, inclusive o Fora Temer! Nenhum orador no carro de som, incluindo o Conlutas, conseguiu eletrizar o povo como o Arrastão. Quem acolheu e cultivou o grito que está na garganta de todo mundo foram os blocos e não os sindicatos. Foi muito bonito ver a mistura de bandeiras e faixas atrás do Arrastão, muito mais ecumênico e diverso, e a multidão respondendo feliz às marchinhas no asfalto.

“Tira seu ódio, vem vestir a fantasia. Desce do Moro, rala o Cunha até o chão. Justiça mercenária, Congresso obscuro, se eles se acham macho, nosso grelo é duro!”

Vi o Z no bloco, e W atrás da grade. Cumprimentei cada um e sorrimos juntos. Reconheci o moço do trompete como integrante da Fanfarra do Mal. Uma travesti muito jovem dançava na frente da faixa com uma bandeira da CUT. Vi um cartaz “Quem não luta rasteja”. Vi uma bandeira do PDT, e vi D, autonomista, a quem cumprimentei efusivamente. Tinha visto D

em pelo menos duas baterias durante o carnaval. Vi uma camisa do Juventus e depois outra do Corinthians. Vi uma bandeira do Chile.

Passamos pelo carro de som da APEOSP, que estava em pleno modo discurso. O bloco parou na frente e chamou um Fora Temer!, que foi assumido por toda a massa no chão, mas não pelo orador. Eles estranharam um pouco, mas acabaram por esperar mais ou menos o bloco passar. Sucesso.

“Quando o bloco vai pra rua, a massa loka gruda atrás. Não tem coxinha, pato, nem flé mignon: tem bandeiras coloridas, nheco nheco no baphon!”.

Passamos pelo carro de som das Dilmistas. Fiquei surpreso de ver esse grupo meio marginal (quem hoje defende a volta de Dilma?) com um poderoso carro de som. Sua pauta é tecnicamente correta (reversão do golpe e restituição de Dilma a seu cargo) mas é politicamente inviável e equivocada (o STF tem que reverter a votação). Não foram sensíveis ao bloco e não saíram da sela.

Avançamos em festa até a quase frente do MASP, e não foi mais possível romper a massa. O carro da Conlutas não respondeu e acabou abafando o Arrastão. Estava muito quente na avenida, um aperto sem fim. Ficamos ainda uns 20 minutos lá, entre o Conlutas e o carro oficial, e as chamadas do Bloco ecoavam nas pessoas, que gritavam felizes conosco. A legitimidade da luta hoje precisa se dar no carnaval.

Eram umas 18h quando o bloco virou para voltar por onde tinha vindo. Fiquei um pouco por lá e observei o entorno.

Vi uma faixa “Prisão para todos os corruptos”. De novo achei notável que a pauta contra a corrupção esteja voltando à esquerda. Só pode ser saudável. Outra: “Que os ricos paguem pela crise”, que era do grupo POEMA. Vi uma bandeira da UJC e um pixuleco alado do Alckmin. Vi o Chaves magro dançando com algum batuque. Passou o Unidade Vermelha. No prédio mais perto da Peixoto, a bolinha de luz voltava a exibir suas mensagens: “Fora Temer! E “Quem paga o pacto?”. Vi o Gianazzi do PSOL e uma camiseta com a bandeira de Angola. Vi a bandeira do Coletivo Democracia Corinthiana.

Saí fora do aperto e pela altura da Peixoto consegui respirar e ouvir o Boulos falar, a partir de um alto-falante que captava o carro de som principal. Foi um discurso combativo. “Vamos tomar o Congresso” no dia da votação da Previdência. “A rua vai continuar sendo nossa!”, prometeu. Ecoando o Arrastão, declarou “Nem um passo atrás!”.

Sentei na calçada para esperar o Lula falar. Recebi um livreto da CSP Conlutas que explicava a reforma da Previdência, mas dentro tinha um santinho da Assembléia de Deus do Alto do Russo, Perus, que perguntava: “Qual é o seu valor?”.

Vi um maluco fantasiado que vi em inúmeras manifestações coxinhas: um moço negro que vestia uma fantasia completa de Tio Sam, de listras vermelhas, brancas e azuis, com cartola. Empunhava uma bandeira do Brasil. Achei incrível que ele estivesse ali. A ambiguidade de sua fantasia (celebração? Submissão?) não caía naturalmente na vibe das pautas do local. Será que ele simboliza um campo que foi contra a corrupção e agora busca saídas de oposição a Temer? Será possível que a ficha vai cair?

Nessa hora anunciaram a fala de Lula. Eu estava na frente das Lojas Marisa. As 5 senhoras do carro das Dilmistas não perceberam (o lugar do locutor ao microfone no alto do carro de som é insensível ao chão) e continuaram a gritar. Eu e muitos no asfalto agitávamos as mãos, indicando que queríamos ouvir essa outra fala. Demorou mas acabaram por interromper suas arengas.

No geral, achei um discurso trabalhista e menos de candidato. Confesso que perdi o interesse depois de um pouco e fui caminhar. Vi que o carro do Conlutas não parou sua difusão. Segui para o MASP, para perto do carro de som. Ouvi a chamada para que todos acessem ao ato de Lula de inauguração da transposição do Rio São Francisco.

Vi o PCO presente, e uma bandeira do Círculo Palmarino. Eram 19:45h quando Lula terminou e tornei a caminhar em direção à Consolação. À altura da Peixoto Gomide, o Arrastão voltava! Incansável, ele insistia na irrupção e voltava a fazer a draga foliã. Já meio fim de festa, exultei que eles estivessem na rua quando outros se recolhiam. Lembrei de uma performance do artista alemão Joseph Beuys, que, na Alemanha ainda comunista, saiu varrendo a avenida central logo depois do desfile oficial do Primeiro de Maio. Assim vi o Arrastão dos Blocos, depois que as celebridades se foram.

Encontrei J, que fui abraçar. Ela curiosamente estranhava a passagem do bloco e seu clima. Achei que ela não está bem. Encontrei também P, que não via há muito. Conversamos um pouco. Segui com o Arrastão.

Vi outra camisa do Juventus, e uma faixa que dizia “O pré-sal é do Brasil”, assinada pelos Geólogos do Brasil. Um moço me bermuda e camiseta negra trazia tatuado à batata da perna: “Young and Free”.

Eram 20h e vi com alegria que uma senhora dilmista dançava conosco no Arrastão. Notei nessa hora que o moço de vestido muito mal ajambrado e peruca torta era na verdade uma fantasia de Dilma. Respeitei.

Chegamos à frente da FIESP e os PMs aumentaram em número (agora 50) e em tensão. “Quanto o Skaf recebeu de propina?” gritava um, e a multidão entoou “Golpistas, fascistas, não passarão!”. Achei que éramos 1.500 foliões. Levaram a faixa do Arrastão para a frente dos PMs. Voou uma garrafinha de água, mas o tensionamento foi light. Seguimos depois de uns 10 minutos. Vi que o Tio Sam negro posava para um moço tirar fotos.

Sáímos e nessa hora vi A, do antigo coletivo Coringa, que não via há muito tempo. Brigamos no passado, mas não me lembro mais como foi. Abraçamos um ao outro. Ele apontava o Arrastão e gritava “Nisso eu acredito!”. Sorri e assenti.

Caminhei com G dos ciclistas às 20hs e ele avaliou que há uma divisão na direita. Disse que o VempraRua abandonou o anti-petismo e busca se aproximar da oposição a Temer (contei que o VPR tentou se aproximar da esquerda não-petista e isso deu um bafon mega nas redes canhotas). O MBL, que aposta no governo Temer e faz seu trabalho sujo (apoiar Doria com mentiras, falar bem das reformas e dar porrada em secundarista), escolheu o caminho do discurso do ódio anticomunista. G julga que a lista de Janot vai preservar Temer. Ele comparou a esquerda ao goleiro na hora do pênalti. As chances são desfavoráveis, mas é preciso mergulhar mesmo assim do lado que julgarmos melhor. Diz que o PT errou e está errando em tudo, e que somos nós na rua que vamos ditar o rumo. “O PT não soube achar seu papel no pós-impeachment. O Lula sim. Talvez ele sobreviva, mas o PT não vai.”

Mais adiante, perto da Augusta, reencontrei o fotógrafo R, que acompanhava um pequeno contingente da PM que se movimentava a marcha acelerada ao lado do Arrastão, agora retornando em direção à Consolação. Ele me contou que o Choque estava nervoso e pedindo confronto. Ele disse que testemunhou repressão a bombas e tiros em cima dos autonomistas e secundaristas que tinham ido fechar a avenida 9 de Julho na altura do Túnel uma hora antes. Não teve negociação.

O Arrastão começou a dispersar, depois de parar uma meia hora na esquina da Augusta, então com umas duas mil pessoas. A tropa de uns 100 PMs vigiava, mas, fora a coluna de uns 12 soldados, não foi hostil. Eram 20:30h.

Vi uma pichação “O Itaú rouba todo dia” e uma camiseta “Walk in Love”. Cansado, busquei a estação Consolação e descii à plataforma. No trem, dois seguranças confiscaram a latinha de coca-cola da passageira.

Desci no Paraíso e fui para casa.

### **16 de março**

Assisti na TV da padaria, sem som, alguma inserção eleitoral: falavam do trabalhador empreendedor, pediam menos governo, defendiam o empreendedorismo. “O Brasil foi construído por homens e mulheres que fecharam as senzalas e abriram os portos”. No fim era alguma coisa chamada “Renovação do PSL”.

Repercute o bafon do Holiday e a desfeita do radialista D’Annunzio em seu programa de rádio. O vereador foi maltratado ao vivo. Eu não ouvi. Reinaldo Azevedo falou da direita xucra, que está a bombar o Lula com sua ignorância. Estou achando que existe uma tensão dentro do consórcio da direita. Repercute a agressão de Vereador Camilo Cristóforo (PSB) à vereadora Isa Penna, do PSOL. Está registrado na câmera de segurança o momento em que ele a agride verbalmente, na Câmara.

### **17 de março – Direita nas ondas do rádio**

Reinaldo Azevedo condena a declaração de Dallagnol, que deu a data e o resultado do processo contra Lula. Ele tem adotado a linha de “conter excessos” do Judiciário, agora que o PSDB está envolvido na Lava Jato. A Operação Carne Fraca repercute. A operação é grande e atinge todo um setor em cheio. O ministro da Justiça Serraglio é citado como chefe de esquema. Comentaristas temem a maneira como essas operações são feitas, em termos de seus resultados econômicos. Em outros países, a diretoria é punida mas a empresa é preservada, especialmente se for estratégica (como a Siemens na Alemanha). Muitos apontam como esse tipo de ação demolidora abre caminho para empresas estrangeiras tomarem mercados nacionais e correspondem à agenda de contenção do crescimento do Brasil em termos de atuação mundial.

T contou que no sábado um homem se suicidou na rampa do Congresso em Brasília, contra a Reforma da Previdência. Vi as fotos.

Li a coluna de Reinaldo Azevedo e ele está à toda contra a PF e os desmandos do Judiciário. Condena o fato de que Moro publicou um vídeo onde agradece o apoio popular. Condena o espetáculo midiático que a operação Carne Fraca ofereceu, as mentiras, meias-verdades e indícios fracos apresentados. Condenou Dallagnol por ter antecipado a condenação de Lula. Tudo isso é justo, mas nada disso valeu quando o alvo era o PT. Este mesmo Reinaldo tripudiou Lula e a esquerda, e se calou quando o mesmo Moro publicou um vídeo agradecendo as mobilizações pró-impeachment em 2016. A condução coercitiva foi



comemorada pela direita e pela imprensa, não houve nenhuma condenação do jornalismo de guerra que ele pratica. Até as Propostas contra a Corrupção do MP foram criticadas nos comentários. Moro conseguiu se valer de seu poder de juiz para cometer uma arbitrariedade, com o agravante de agir de forma triplamente ilegal: decretar a condução coercitiva de quem não se negou a depor; obrigar uma pessoa a abrir mão de seu sigilo de fonte e agir contra uma pessoa com quem mantém uma disputa jurídica. Foi vingança pessoal.

A operação está dividindo muito fortemente a direita. Tem gente assustada, especialmente tucanos e burguesia industrial. Agora têm medo do judiciário politizado e a política militante. Na esquerda também tem quem ache que é uma boa oportunidade de rediscutir toda a cadeia produtiva alimentar e o próprio projeto desenvolvimentista. Outros lamentam a destruição de um setor estratégico que vai ser tomado por empresas estrangeiras (vários países, incluindo a União Européia, barraram a carne brasileira). Apontam que só empresas nacionais foram alvo das denúncias, e não o McDonald's, por exemplo.

Um jovem foi morto por arma de fogo da PM do Pernambuco num protesto local.

## **20 de março**

Liderança do MST no Pará foi morto por homens armados dentro do hospital onde estava internado.

## **21 de março – Moro achaca jornalista**

O blogueiro Eduardo Guimarães foi conduzido coercitivamente a depor em Curitiba, a mando de Sérgio Moro. O juiz quer saber da fonte da notícia de uma outra condução coercitiva, de Lula, noticiada em março. Moro não reconheceu a condição de jornalista do blogueiro. Como Moro escreveu em seu artigo sobre as Mãos Limpas na Itália, a imprensa é aliada essencial no processo. Dizer que vazamento é crime no caso de Guimarães será monstruoso.

Repercute a operação Carne Seca e os bloqueios internacionais da carne brasileira no mercado global. Vários jornais do PIG estão agora contra esse tipo de ação da PF. O Estado condena a espetacularização da operação policial. “Ficou a impressão de uma operação executada apenas por escuta telefônica, e sem qualquer informação precisa da extensão das fraudes”, diz O Globo. Aumenta a sensação de que o monstro vai comer seus ciadores. Quero ver isso valer para a anunciada prisão de Lula.

Pensei hoje que o Brasil está sendo desglobalizado à força. Sérgio Moro desprezou a Mônica Bérghamo e explicou sua ação contra Eduardo Guimarães no site O Antagonista. Ele e seus aliados vão chutar o balde e não vai vencer a putaria de sempre. A burguesia industrial vai perder e ela deveria ter apoiado a socialdemocracia.

#### **Buraco no Diário 4**

**Saí pelas ruas do centro, próximo à Sé e sua catedral. Enorme tristeza me toma. Estou muito triste com o endurecimento do regime e com a vida em geral. O pânico tem até baixado, mas cresceu esta profunda melancolia em mim. Estou no boteco que dá para os fundos da catedral. O moço jovem que é garçom disse que eu fiz lembrar a ele o Steve Jobs: barba, óculos e computador...**

**Caminhei pela cidade e deu uma forma diferente do “última vez”. Não foi uma fome de sentir a cidade. É uma despedida do poeta de sua própria terra. Isto é, os jovens e o povo não têm alternativa senão ser otimistas e brigar por seu futuro. Mas eu não, eu não vou tolerar a escuridão. Vai ser muito chato e ter muito sangue.**

**Sonhei muito, e faz um ano que sonho com multidão e manifestação, missão a cumprir e cidade, e com os balões tipo sindicais atado aos quais vôo sobre uma paisagem rural.**

#### **22 de março – Cai-cai**

A imprensa de esquerda acha que Temer está nas últimas: a votação da Previdência ficou para o segundo semestre e retiraram os servidores públicos dela, a da terceirização foi adiada, o ministro Serraglio sofre pressões imensas (apesar de blindado pela imprensa) e Temer não estancou a Lava Jato. A chapa Dilma-Temer deve ser cassada pelo TSE.

Um discurso duro de Gilmar Mendes contra a ação da PF e da Lava Jato o coloca, ainda segundo os “blogues sujos”, o coloca como candidato à eleição indireta pelo Congresso. Mendes: *“É uma caça de escândalo, uma vocação para a espetacularização. A imprensa dá pouca relevância ao fato de que, quando praticado por funcionário público, vazamento é conhecido como crime. Mais grave ainda é esta prática ocorrer dentro da estrutura da PGR isso é constrangedor”*. E foi ele que barrou a nomeação de Lula baseado em... áudios vazados e ilegalmente obtidos!

Janot reage e diz que Mendes sofre de “decrepitude moral” e de “disenteria verbal”. Bafon supremo.

Dallagnol declarou ao Boechat que o PSDB não era da bancada de apoio ao governo do PT, portanto não é alvo das investigações da Lava Jato...!

Nos blogs de direita circula o rumo que a apreensão do celular e material de E Guimarães é para envolver Lula e obstrução de Justiça e destruição de provas, por ocasião de sua condução coercitiva.

### **23 de março - Bomba nuclear trabalhista**

A Lei da Terceirização total passou ontem no Congresso. Caiu a ficha da enormidade disso. Destrói a CLT e precariza de forma terminal o trabalho em todas as categorias.

Marcus Melo intitulou o esquema de “trilema brasileiro”. É uma espécie de dilema de três possibilidades, em que, para a permanência de duas delas, é obrigatório abrir mão de uma. E as possibilidades são o governo Temer, a Lava Jato e as reformas econômicas. Existe alguma dúvida de que o governo atual prefere as reformas à Lava Jato?

O site O Antagonista recebeu vazamento informando sobre o conteúdo das comunicações de Eduardo Guimarães... Moro recua e retira o nome da fonte de Guimarães do processo. As reações de jornalistas e juristas foi grande.

### **25 de março**

CUT desmente manchete da Folha dizendo que as centrais sindicais negociavam apoio à reforma trabalhista. Foi só a Força sindical.

### **26 de março – Ato em apoio à Lava Jato**

Saí na estação Brigadeiro para ir ao ato pró-Lava Jato da Paulista. Eram 13:45h e estava sol.

O ato era aguardado com grande expectativa no cenário político, já que seria uma espécie de medidor do humor das classes médias e da direita em geral. Há muitas contradições no antes convergente consórcio que levou ao golpe, e apostei que isso apareceria na avenida, explicitamente como conflito ou então como ausência.

Há evidente descontentamento no geral, mas resta saber se isso vai ser canalizado na tubulação discursiva existente ou se vai extravasar em redemoinhos mais incontrolláveis. A pauta da Previdência é uma pauta dessas: estava ausente das chamadas e poderia explodir na avenida, assim como o Fora Temer! Teve um zumzum nas redes de esquerda para ir lá gritar FT!

No metrô, não vi nenhuma camisa verdeamarela, e achei que significativo. Até na Estação Trianon-MASP não havia nada disso. Era cedo ainda, é verdade, mas em 2016 já dava para sentir a avenida pulsando lá de baixo, cedinho.

Lá fora, o sol estava forte e o céu límpido. A avenida meio cheia, mas eram os recreantes normais de domingo. Ouvi um ou dois carros de som e um batuque, mas a via estava desimpedida e poucas camisas verdeamarelas também no asfalto.

Parece que o Vem Pra Rua se negou a seguir a proposta de não levar caminhão de som para a avenida. O objetivo era “despersonalizar” o protesto, “como foi em 2013, com todo mundo no chão”, li no jornal. Achei curiosíssimo que eles também tenham crítica do carro de som. O MBL considerou mesmo seguir em passeata até o Largo da Batata, mas desistiu em cima da hora.

Caminhei em direção à Consolação e logo vi o maluco do Tio Sam brasileiro. Desta vez seu paletó era metade branco e azul e metade verdeamarelo. Caminhava com imenso bandeirão do Brasil à procura de quem o fotografasse.

Nessa hora ouço alguém chamar meu nome, e era G. Ela contou que tinha vindo à Paulista desavisada quanto à manifestação e se chocou com o que viu. Com pouca gente, de fato, estavam à vista, naquele trecho, os militaristas e católicos ultra-reacionários. Ela relatou das pequenas mas importantes recentes mobilizações contra a Previdência e das mulheres em Ubatuba. Combinamos de irmos todos à peça de teatro do AI-5 e nos despedimos.

Cheguei perto de um carro de som dos militaristas, que trazia sua faixa: “O neóbio é nosso”. Muito estridente, tocava música muito alto. Fui para perto do batuque, que dava um ar mais humano à tarde quente, e vi que eles eram da Casper Líbero, uns 15 jovens de 20-25.

Encontrei o fotógrafo R, que conversava com dois colegas. Ele disse “quanta gente esquisita!”. De fato, o perfil era bem restrito: gente fantasiada de milico, alguns ternos fechados, idosos de bermuda, camisa amarela e óculos escuros. Poucos ou nenhum jovem ainda. Pedi que R avaliasse o tamanho que teria o ato de hoje, e, com um muxoxo, ele disse que não ia bombar.

Segui adiante e passei por um outro carro de som, vazio mas muito estridente. Pelas caixas estouradas urrava um Cazuza rouco e agressivo. Uma faixa dizia: “Polícia Federal, Orgulho Nacional”. Caminhei mais e vi o carro do MBL. Apesar de não ser 14h ainda, toda a liderança já estava lá. Falava o Renan Santos, e logo em seguida o Kataguri pegou o

microfone. Fiquei muito impressionado de não haver gente ouvindo, só umas 30 pessoas, 20 das quais militantes de camisa azul.

Segui adiante, pois queria encontrar LR para um café. Voltaria depois para checar essa garotada. Notei que a FIESP tinha seu placar luminoso aceso, por trás da vitrine que já foi estourada em outra ocasião pelo movimento popular.

Aguardava LR chegar na esquina da Pamplona, onde tinha um carro de som. Aproveitei e tentei resumir o clima geral do ato até então. O recorte era bem coxinha: homens e mulheres brancos de 40-60 anos, pouquíssimos jovens, algum pouco lumpesinato e ninguém daqueles que colaram no Fora Dilma, quem eu descreveria como uma classe C, talvez uma periferia que absorveu o discurso empreendedorista paulista e que se vê como o oposto de Lula.

O clima geral era de tristeza, só cara fechada. Ouvi uma senhora reclamar “onde estão os brasileiros?”. Outro orador, um pouco mais tarde, também cobrou: “onde está a nação evangélica? Onde estão os evangélicos do Brasil?”. No geral as pautas eram corretamente enunciadas em cartazes e faixas – contra a lista fechada, a anistia ao caixa 2, o foro privilegiado, o financiamento público de campanha e o apoio à Lava Jato. Mas estas são pautas da luta política parlamentar, e pouco falavam das urgências das pessoas na vida. A pauta da Previdência é muito mais forte.

E havia a contradição maior que divide a direita. Se Moro trabalha, Temer cai e as reformas não avançam. Para Temer ficar e passar as reformas, Moro precisa parar. Em outras palavras: ser a favor da Lava Jato implica no Fora Temer! Por isso achei que as palavras de ordem de hoje pareciam estar envelhecidas e diziam respeito a uma outra luta já passada. “Somos um gigante”, “a voz das ruas”, “vamos mudar o Brasil” conjuravam um fantasma cansado e apagado.

Achei que a direita está onde a esquerda petista esteve em 2016, onde tinha que defender Dilma, mesmo repudiando suas políticas, uma posição difícil de sustentar em público.

Só que o carro de som tocou nessa hora uma canção que eu nunca tinha ouvido antes. A letra contemplava uma pauta de alguns movimentos, que é pelo relaxamento do controle do porte de armas. A melodia era a mesma da tétrica “Chora Petista”, composta pela Banda Loka Liberal:

*Chora Bandido e Meliante*

*Com uma arma eu te pego no flagrante Abre teu olho, ô Marginal*



*Com cidadão armado, o crime se dá mal*

*Olê Olê, Olê Olê Quero uma arma para poder me defender*

*Olê Olê, Olê Olê*

*Quero uma arma para poder me defender*

Cercado daquela gente, oprimido pelo carro de som, murchei um pouco recordando-me da maldade e violência implícitas nessa mensagem, quando lida na chave da guerra de classes. Em 2016, eu me arrepiava quando ouvia a multidão de 50 mil pessoas cantando:

*Chora petista, bolivariano, a roubalheira do PT tá acabando*

*Tua conduta é imoral, fere os princípios da CF [Constituição Federal] nacional*

*Olê, olê, Olê, olê, Tamo na rua pra derrubar o PT,*

*Olê, olê, Olê, olê, Tamo na rua pra derrubar o PT*

O maluco era, depois de ouvir isso na rua, voltar para casa e ler esquerdistas usando frases como “é preciso matar o Lula”, “enterrar o PT”. É óbvio que a superação do PT é uma urgência, mas a escolha das palavras é muito infeliz. Em situação de normalidade democrática, não haveria problema. Mas na anomia reinante, ouvindo a extrema direita exigir armas para si na exata cadência do “vamos derrubar o PT” ao mesmo tempo que na esquerda se exige o óbito de Lula, é de dar calafrios.

Sempre fico muito feliz quando converso com amigos autonomistas e estes relatam-me como atuam e disputam na base dos sindicatos, como dos bancários, por exemplo, ou como fazem assembléias dentro das assembléias da APEOESP, abrindo uma roda de discussão fora da mesa diretora, no chão com a base dos professores e professoras. Mas fico perturbado quando me contam que autonomistas tomaram carros de som de movimentos populares em plena avenida ou que foram fazer ação direta em passeatas de cuja organização não participaram.

Encontrei LR e tomamos um café. Ele contou um pouco de Portugal e da sobrevivência improvável de um governo progressista por lá. Ele avalia que não é possível para eles conduzir uma política econômica de esquerda, mas que por outro lado estão a evitar a hecatombe pior. Disse que a Europa está aliviada com as eleições holandesas, e que não ocorreu o tsunami fascista. Conversamos sobre os rumos da esquerda no Brasil, os méritos e deméritos de Ciro e da candidatura Lula. Este já afirmou que está disposto a “ir até o fim” na resistência, mas existe a avaliação que, se apertar mesmo, o exílio e condução da resistência a partir de fora é uma opção. LR disse também que houve um seminário sobre a

Lava jato no PT, e que muitas falas interessantes foram feitas. Avaliamos que o PT tem errado muito, e que Lula tem achado seu papel no novo cenário, mas o PT não. Lamentei a atuação de Rui Falcão, mas LR disse que ou é ele ou é o estilhaçamento terminal da legenda.

No geral a esquerda não conseguiu ocupar o espaço deixado pelo PT. O PSOL não cresceu para herdar o espaço agora vago, nem a próxima esquerda se organizou o suficiente. O partido voltou a crescer um pouco agora por causa deste vácuo. Ainda não há alternativa de massa ao PT.

Fomos caminhar juntos pela avenida e passamos pelo carro de som contra o desarmamento. Um orador dizia que “é preciso pegar as crianças e explicar para elas o que está acontecendo. Cuidado, eles vão para a escola e caem na esquerda”. Curiosamente, a diminuta platéia que ouvia era toda mais velha, de uns 50 anos em média.

Seguimos em direção à Consolação e chegamos ao carro de som do Vem Pra Rua. Havia umas boas 1.500 pessoas, achei. Contornamos pelas barracas do lado do parque e paramos para escutar um pouco.

“Lista fechada é golpe!” gritava o orador. LR notou no correr do ato que havia pouca explicação das pautas e muita palavra de ordem: “eu vim de graça!” e “hoje, eu tô feliz, eu vim pra rua pra mudar o meu país!”. O tom geral foi anti-política, e o alvo preferencial era o Congresso, mas não o Planalto. A vibração era bem baixa. Um terço das pessoas tinha camisa amarela ou da CBF. Mas o baixo número de assistentes reforçava o abafamento operado pelo carro de som. Achei que havia uma tensão por parte dos organizadores em não permitir nenhum descontrole tipo Fora Temer!.

Ao nosso lado, um pouco mais à frente, estavam de pé uns três senhores e duas senhoras na casa dos 60 anos, batendo panela. A seus pés, tinham depositado mais panelas e colheres de pau para que as pessoas pegassem e fizessem barulho junto com eles. Mas eles recortavam triste figura, rosto sombrio e sem sorriso, de gestos mecânicos e repetitivos, como se fossem cativos que sobraram ao fim de uma fraca feira de escravos ou autômatos de um decadente circo mecânico. Um de bandeira do Brasil aos ombros, chapéu de mateiro e olhar perdido, a outra de bermuda, óculos escuros, boné e boca ricta. Ninguém vinha juntar-se a eles, e a melancólica panelagem perfazia um fiel retrato dos resultados das mobilizações que redundaram no golpe.

Só que de repente chegaram uns 5 meninos e uma menina, de uns 18 anos no máximo. Eles pegaram as panelas e batiam com energia. Reconheci um ou dois dos meninos, negros, das

mobilizações secundaristas. Logo ficou claro para mim que eles iam zoar os paneleiros. Começaram a entoar, enquanto faziam dancinha na frente do triste grupo: “Fora Temer!”. Eu e LR ficamos jubilantes, compreendendo que eram secundaristas ativistas que tinham vindo ao ato brincar.

Os gritos acenderam o entorno, e gente vinha olhar o que era aquilo. Os paneleiros meio sem entender e sem forças de negar palco aos meninos e menina. Os garotos foram testando provocações: “Fora Capez!”, depois “Fora Alckmin!”, “Fora Renan!”, “ai,aiaiaiaiaiaiaiaia, se empurrar a reforma cai!”, “Fora JBS!”. E também uma outra chamada, que não entendi toda, e que já ouvira nas jornadas da Gaviões da Fiel do ano passado: “Não sou deputado, não roubo merenda...”. Mas o “Fora Doria!” foi demais, os paneleiros reclamaram. Também não aceitaram o “Fora Bolsonaro!”.

Ficaram algum tempo lá e depois vieram conversar com a gente. Pediram o vídeo que LR tinha feito e este o enviou na hora. Eles nos contaram que o espião do exército, o Balta Nunes, que infiltrou e emboscou aquele grupo de manifestantes que se encontraram no Centro Cultural São Paulo para ir ao ato Fora Temer em 2016, estava lá no ato! Mostraram a foto que tinham feito, e de fato era ele, de boné.

Seguimos atrás deles um pouco mais, mas acabamos por nos separar. Reparei que o casarão da esquina da rua Ministro Rocha Azevedo, recentemente reformado e pintado pela Nike, estava aberto. Grades e seguranças cercavam o local, e uma máquina produzia nuvens de bolhas de sabão em frente a fachada colorida.

Vi uma camiseta laranja do Partido Novo. Vi um cartaz “Não à lista fechada e ao caixa 2”. Em frente a Frei Caneca tinha um carro de som que irradiava a fala do que eu achei que era um candidato. Estava meio vazio até Peixoto Gomide. Vi e fomos checar um faixão afixado numa grade: “Não à Reforma da Previdência”. Era de um tal “MAS Movimento Acorda Sociedade” e um “Grupo de Estudos Previdenciários”. Ao lado, uma bandeira grande do Brasil e uma banda de rock que nada tinha ver com eles. Vi pichado na floreira rente ao chão um rato e Fora Temer!, já antigo.

Eram 15:30 e 5 skatistas adolescentes usavam a calçada para suas evoluções. Voltando em direção ao MASP vimos o carro do Nas Ruas, que tinha junto a si um enorme pixuleco do Lula presidiário. Uma faixa presa ao carro trazia o rosto de Moro e os dizeres “Armas pela vida. Lista fechada não”. Nessa hora passou o faixão verdeamarelo portado por várias pessoas. Ele só é legível do alto. Perguntei a uma das moças que segurava o tecido e ela disse que a mensagem era “Fim do Foro Privilegiado”. Um amigo nos reconheceu e disse

que estava fazendo pesquisa, mas temia não preencher sua cota, pois o ato estava vazio e precisava falar com as pessoas longe do carro de som, para conseguir conversar. Contou que a ausência de jovens poderia ser explicada parcialmente pelo Lolapalooza. Disse que tinha mais gente lá do que na Paulista. Há vídeos que correm as redes mostrando as multidões gritando “Fora Temer!” nesse festival musical. É difícil julgar o quão recorrente foi isso lá em Interlagos.

Vi uma camiseta “Mexeu com Moro e com a Polícia Federal, mexeu com o povo”. Vi pixulequinhos do Lula presidiário e do Super Moro. Vi um cartaz “Apoio a Lava Jato”, e outro “Pelo direito de andar armado”. Vi uma camisa do Grêmio.

Vi também várias máscaras de papel do Moro e de Lula zumbi. Depois outras do Dallagnol. Muita gente usava as ditas máscaras viradas para trás, o que era mais confortável. Só que eu às vezes me sentia olhado e, quando buscava ver quem me fitava, dava com estes rostos duros rosqueados em ogros estranhíssimos e disformes, antes de eu perceber que eram corpos normais vistos de costas.

Tentei avaliar o número de pessoas lá. Era muito difícil contar do chão, e depois vi diferentes números citados na imprensa. Ouvi Kataguirí contar 50 mil, um claro exagero. O PIG não deu números muito precisos, mas falou em 15 mil. Achei que no total uns 20 mil não era absurdo.

Encontramos E, que nos acompanhou de volta ao carro do VPR. Falava Chequer, líder do movimento. Atrás de nós, havia um “Varal da Corrupção”. As pessoas escreviam num papel quem elas achavam que era corrupto. Dentre outros, vi os nomes de Lula, Dilma, Janot, Sarney, Barros, JBS, Renan. Vi um cartaz “Moro- acredito”, e outro “Dez Medidas Contra a Corrupção”. Ainda mais um “Fora Foro, Força Moro!”. Vi o moço da cadeira de rodas, que fora abalroado por dois coxinhas que se atracavam com um antifa, e que dera ao chão, no ato pró-Trump. Hoje ele tinha um lenço do Corinthians à cabeça.

Falava do alto do carro o advogado Modesto Carvalhosa, que falou duramente contra o Congresso e a política, defendendo a compilação de uma lista negra de políticos que não merecem voto em 2018. Miguel Reale tinha falado momentos antes, e umas 4 mil pessoas assistiam. Chequer reiterou a lista negra e anunciou que tinham feito uma parceria com o site [politicos.org](http://politicos.org), que abrigava a tal lista.

Vi uma camisa do Palmeiras, e um cartaz “Vai Moro”. Notei uma camiseta “MORO num país abençoado por deus”, e uma camiseta “Meu partido é o Brasil”, e outra “República de Curitiba, aqui se cumpre a lei”.

Eram 16h e ainda tinha gente chegando, e vi que a média de idade baixara uns anos a menos, e vi também que a mistura étnica escurecera um pouco. LR se despediu e segui com E em direção à FIESP. Passamos pela esquina da Casa Branca e vi um grupo do Partido Novo, de laranja. Sua mensagem: “Seja Novo, queremos um novo Brasil”. Outra: “Quero um governo ficha limpa”.

Notei nessa hora um cartaz bem curioso, que vi em várias mãos: era uma sacola de papel, dessas de loja, azul com impresso branco, do MBL: “Fim do Foro Privilegiado”. A sacola era sustentada por um cabo de vassoura. Outros cartazes: “Corrupção mata” e outro “Moralize já: 3 poderes”, onde o A era aquele anarquista, dentro do círculo. Estranhei o personagem que o segurava, um homem de 40, coxinha.

Na estrutura de vidro que envolve a saída da estação Trianon-MASP (uma das 4), tinha um “Mural dos Recados da Democracia”, que era composto daqueles papeizinhos amarelos adesivos. As pessoas escreviam nos papéis e colavam no vidro. Tinha um monte deles já. Algumas mensagens: “Lula na cadeia”, “Lula vai tomar no cu”, “Apoio a Lava Jato”, “Ditadura militar já”, “Não à urna eletrônica”, “Olavo tem razão”, “Fora PT”, “Xô urubu”. Mas tinha um ou dois “Fora Temer”. Notei que um dos participantes vestia uma camisa que dizia “Vote Lava Jato”, mas tinha o brasão do Corinthians no meio, com os remos e bandeira paulista.

Segui com E em busca de uma Seleta, e no caminho vimos os cartazes “Sou mais Moro”, “Falta emprego saúde, educação, só não falta corrupção”, “Os políticos do Brasil são mais sujos que os rios de água doce”. Notei o explícito “Não à reforma da Previdência”. Uma senhorinha de uns 60 anos segurava este cartaz, sentada na floreira da calçada.

Na esquina da Pamplona estava o carro do “Movimento Liberal Acorda Brasil”, do “Avança Brasil” e da “Associação dos Médicos do Brasil”. O carro trazia uma faixa com o rosto de Lula atrás das grades, com os dizeres “Lula e PT, o Brasil não precisa de vocês”. Nesse exato momento tremulavam uns 8 pavilhões do Brasil imperial, e falava um senhor de blazer azul abotoado ao lado. Foi E que matou a charada. Ele era o herdeiro do trono brasileiro e ficamos para ouvir. Argumentava que a República não deu certo, e que o caos no Brasil fora instalado em 1889, quando caiu a monarquia. Disse ainda que “a nossa bandeira jamais será vermelha”, e que a estrela vermelha do comunismo e do PT não seria mais tolerada. “Já tivemos o socialismo do governo do PT”, mas “assim como dissemos ‘Tchau Querida’, dizemos agora ‘Tchau passado corrupto’”.



Segui com E para checar o trecho até a Brigadeiro antes de sentar no boteco. Vimos apenas um pedinte que se locomovia em um carrinho de madeira, rente ao chão, que ele movimentava tracionando o veículo à mão. Trazia um cartaz suplicante e seu semblante era atormentado.

Passamos pelo carro do MBL e ficamos para ouvir um pouco. Vi nessa hora um revelador cartaz “Lei do Abuso de Autoridade agora não”. Falou o Holiday. O discurso do MBL, ao contrário do Vem Pra Rua, ainda é muito anti-petista e do ódio. Eles aderiram ao governo Temer e operam na sombra do DEM. Eles têm enorme dificuldade em explicar para a sua base porque eles foram buscar Temer e aceitaram a tarefa de fazer as reformas do governo mais palatáveis. Eles foram às escolas ocupadas hostilizar e atacar os secundaristas. O ódio ao PT desvia a atenção destes fatos.

Holiday atacou o legado do governo do PT. Mas afirmou que não importa o partido ou o governo, eles estarão nas ruas contra os políticos que mantêm seus privilégios a qualquer custo. Lembrei que nesta mesma avenida, apenas meses atrás, ouvi deles que “nós não somos usados pelos políticos, nós os usamos”. Diziam que “Maia é um amigo nosso que está fazendo um bom trabalho”.

Se eu fosse coxinha, estaria muito confuso.

Holiday continuou dizendo que, na Câmara Municipal, falou contra a bancada do PT, que vinha à tribuna reclamar do golpe. Para aplauso do público presente, falou que “o lugar de Lula é na cadeia”, e que o PT, pela sua nefasta história, deve ser “extinto desta república”. “Petista não sai às ruas de forma natural, eles saem sempre enganados”.

Notei nessa hora um moço de megafone, perto do palanque, que tentava furar o discurso de Holiday. Uma senhora diminuta trazia uma pequena faixa plástica, ao alto: “Intervenção Militar Já”. Farejei o zumzum e fiquei por perto. Eram militaristas, um jovem parrudo de camisa da CBF e uma teen de camiseta branca cortada a revelar-lhe o umbigo, com os dizeres escritos à caneta: “Somos família, deus e pátria”. Não conseguiam muita repercussão, o megafone não conseguia abafar o som do carro. Mas veio sim gente confrontar. Eles discutiam com elas e estavam pedindo briga. Tocaram no megafone uma marcha militar, que era aquela do “Cisne branco”, da Marinha brasileira. A moça gritava “cadê o caixa 2, Holiday?”, “Fora Holiday!”, “Fora esquerda, fora PMDB, fora todos!”.

Os provocadores acabaram desistindo e se foram. Eram 16:30 e vi uma camisa do São Paulo FC e outra do Corinthians. Seguimos adiante e passamos pelo carro estridente que antes irradiava Cazuzza. Em cima do carro, intensamente tomado pelo rock agressivo irradiado

pelo veículo, um moço de bandeira brasileira aos ombros dançava sozinho. Ele era um jovem de uns 30 anos, cabelo loiro meio longo preso por um lenço verdeamarelo. Eu já tinha visto essa figura na manifestação pró-Trump em 2016. Hoje, ele parecia um animal autista enclausurado dentro de uma jaula pública e tormentosa. No carro, as faixas “Polícia Federal, orgulho nacional” e “Brasília está muito longe para decidir. Autonomia aos estados e municípios. Movimento Federalista”.

Avançamos até encontrar o último carro, militarista, na esquina da Joaquim Eugênio de Lima. Faixas: “O neóbio é nosso. Presidente, acabe com este contrabando”, “Intervenção cívica constitucional já”, “Junta governamental transição democrática”, “O Brasil é uma ditadura do crime”, tudo isso assinado pela “UND, União Nacionalista Democrática”.

O orador chamava para uma celebração no dia 31 de março, no vão do MASP. Prometeu um “bolo de 31 metros” em homenagem à data. Vi o estandarte preso ao carro. No meio do brasão, os dizeres: “Pela luta patriótica, pela defesa do Brasil. Verde oliva”. Depois dele falar, tocou umas daquelas marchas militares que estão apenas a um punhado de purpurina de soar como agrídoces marchas-rancho de carnavais perdidos que não voltam mais – desde que se descarte a letra. Vi do outro lado do carro as faixas: “Fora todos lesa-pátria, fechamento do Congresso, fim do Foro de São Paulo”. Vi cartazes no meio do povo: “SOS FFAA”, “Fora comunismo e Socialismo” e “Fora políticos de nossa pátria. Vamos honrar o exército brasileiro que vai ocupar este lugar”.

Eram 16:40h e ainda buscávamos a Seleta. Sabíamos que na Pamplona haveria um boteco aberto, e para lá fomos E e eu. Passamos de novo pelo carro do MBL. Falava outra liderança, e tomava o discurso do velho contra o novo, apresentando o PT como o velho. Dizia que era preciso superar Lula e o PT: “O Brasil venceu o PT”.

Não ficamos e avançamos. Vi um grupo com camisetas “Direita São Paulo”. Ouvi ainda um orador afirmar que “o último ativo moral que resta é a Lava Jato”. Quando passamos pelo carro monarquista, notei que tinha uma faixa que explicitava a ligação do “Avança Brasil” com a Maçonaria. Vi um cartaz “O STF é o maior risco da Lava Jato”.

Quebramos à esquerda e achamos o boteco. Ele é popular e barato, mas tinha coxinha sentado junto à vitrine de salgados fritos e marrons. Uma mesa junto a nós foi ocupada por 4 PMs uniformizados. Mas ficamos na nossa, logo embaixo da tela que exibia um SPFC x Santos. Tomamos duas Boazinhas cada um, mais uma Sprite de lata para hidratar. A Globo mostrou imagens aéreas do MASP no intervalo do jogo, onde se via os vazios indisfarçáveis da avenida.

Saímos pelas 17:30 e o clima já era de fim de festa. O hino nacional tocava muito alto na esquina da Pamplona. Vi uma faixa “Reduzir despesas sim, aumentar impostos não”. Algum orador cortava o ar com “no dia 4 de abril pode fazer o churrasco e abrir a champagne, no dia 4 de abril o sapo barbudo vai ser preso”. A caminho do MASP, vi uma camiseta “Eu não quero viver em outro país, eu quero viver em outro Brasil”. Um cartaz “Não voto por indicação (lista fechada). Não é democracia”, e outro “Sai Foro entra Moro”. Ainda “Político sujo se lava a jato”. Vi o faixão verdeamarelo de 20 metros recolhido.

O carro do VPR, em frente ao MASP, ainda continha locutores, especificamente o Chequer. Falava contra a lógica do financiamento público das campanhas. Dizia que os partidos têm que ser financiados por seus seguidores. Elogiou o Partido Novo, que recusa-se a usar o fundo partidário e guarda esse dinheiro no banco. Nessa hora Chequer pediu ao povo presente “que fizesse barulho pelo fim do financiamento público de partidos”, pois estavam a filmar um vídeo “para mandar para todos os deputados”. O povo obedeceu.

Em seguida falou a Regina Duarte, apresentada com seu antigo epíteto de “a namoradinha do Brasil”. Ela falou que teve medo no passado, mas que agora não tinha mais porque ela tinha a nós, o povo presente. “Quando eu disse que tinha medo eu estava só”. A massa gritou com ela “acabou o medo! Acabou o medo!”. Mas o som deste carro era meio abafado pelo som do carro vizinho, do Nas Ruas. A cacofonia do ato como um todo estava presente aqui também. Achei opressivo ao público.

Chequer por fim agradeceu a PM pelo ato pacífico “sem nenhuma ocorrência, sem vandalismo”. Caminhei em direção à Consolação e vi uma camiseta “Fora Dilma e leve o PT com você”, e ainda outra “Nas ruas contra a corrupção”. Um cartaz trazia “Não às eleições indiretas, nenhum dinheiro do povo para pagar campanhas políticas. Queremos voto distrital”.

Eram 18h e passei pelo carro do Nas Ruas e falava uma ativista boliviana contra Evo Morales. A avenida estava bem esvaziada agora. Na frente do Center 3, um Capitão América conversava com uma espécie de Robocop.

Descia à plataforma na estação Consolação quando, descendo a escada rolante, vi uma camisa da CBF onde atrás se lia: “Brasil líquido e certo”. No trem, encontrei A, que retornava de uma jornada com o MTST no Capão. Ao contrário de certos críticos que reclamam do PT “não mais pisar o barro na periferia”, ela de fato vai nas quebradas e não fica em casa trolando petista. Cansada, trocou breve idéia comigo.

Saí do metrô e fui para casa.

## **27 de março – Ato dos trabalhadores da cultura**

Saí na estação República para o Grande Ato pelo Descongelamento da Cultura. Estava marcado para as 15h. Percorri a Barão de Itapetininga e acorri ao Teatro Municipal, local da manifestação.

Fiquei surpreendido de ver já um bom número de pessoas, e fiquei muito grato pelo clima do encontro: uma banda tocava música e muitos dançavam em frente de uma pequena arquibancada, num clima de carnaval. Marcavam uma presença bem potente no meio da cidade ainda ativa no meio da tarde. Depois do show de horrores do ato coxinha de ontem na Paulista, fiquei emocionado com essa nossa turma. Achei que tinha pelo menos 500 pessoas, talvez mil.

Mas estavam todos meio esmagados na calçada em frente ao antigo Mappin, hoje Casas Bahia. Olhei em volta e notei que todo o Teatro estava cercado com as grades de conter gado da PM. Depois vimos que de noite teve alguma cerimônia lá dentro, com autoridades. O espaço restante era bem pequeno, mas estava completamente tomado de gente diversa e interessante. Olhei em volta e vi que a imensa maioria era de jovens, de uns 20-30 anos. Alguns fantasiados ou maquiados, muitos moços de vestido, gente do circo, do teatro, da dança, das artes plásticas. Vi um Mário de Andrade, de branco, chapéu e óculos, bem parecido com seu “original”. Vi o Chaves magro de outras manifestações, e achei ele mais feliz hoje. Vi um Carlitos de nariz de palhaço, preto.

Tinha muita faixa e cartaz com a pauta principal, que é pelo Descongelamento do orçamento da Cultura, que não chega a 1% do gasto total da cidade. Mas também vi inúmeras mensagens contra a desativação do programa Piá Vocacional e outros programas municipais. Subitamente centenas de profissionais estão sem trabalho e crianças sem atividade artística.

“Descongela a cultura! Por uma arte pública”, trazia um cartaz, e outro “Nenhum direito a menos!”. Vi uma camiseta da Dilma Coração Valente, e ainda “Eu sou a vida, eu não sou a morte, essa é a minha sorte, essa é a minha sina”. Uma faixa “#contraodesmontedacultura”.

Imediatamente vi e cumprimentei o fotógrafo R. Vi o Z, que tanto puxou o Arrastão dos Blocos. Vestia um macacão preto e óculos escuros, além de um chapéu duro de peão, vermelho. Abracei-o e perguntei se as geniais marchinhas do Arrastão eram dele. Apenas disse, misteriosamente, que tinha um dedo seu nelas.

Fiquei ouvindo a música, que agora era uma ciranda que todos cantavam ao som do batuque: “a sala está cheia, minha gente, como eu entro agora?”. Vi de longe M, que era dos coletivos de arte dos anos 2000 e que tinha encontrado no Largo da Batata num Não Vai Ter Golpe de 2016. Ela acenou e sorriu. Vi e cumprimentei FK e F da companhia de teatro com quem trabalhei anos atrás. Eles são do teatro político, numa linha mais marxista. Vi uma equipe da TVT. Notei que agora tinha mais adolescentes também.

Encontrei G, que não via há muitos anos. Ela é do teatro e trabalhamos juntos na virada do século. Tinha visto G na Paulista num Não Vai Ter Golpe, e então trocamos informações sobre os concursos públicos disponíveis. Pelo jeito, ela conseguiu uma posição concursada nos programas municipais de cultura, mas agora está sem emprego. Ela veio ao ato com colegas do trabalho.

Passaram umas dez pessoas totalmente pintadas de cinza, e também chegaram 7 geladeiras empurradas em carrinho. Depois compreendi porque. Vi também um estandarte fitado, onde um cartaz pedia “Escreva nas fitas o que Doria não poderá congelar jamais”. Vi outro estandarte da Cia Arte Húmus. Um cartaz avisava: “Perigo Globo: risco de dano ao cérebro”, e outro dizia “Brasil, um país de todos os roubos”. Uma lousa informava “Cultura não é mercadoria”. Outro: “A cultura é cultivo, para fazer tem que estar vivo”. Ainda outro: “Congelaram a cultura e a carne apodreceu”. Uma camiseta: “Desobedecer sempre, reverenciar jamais”.

A banda tocava, com um batuque muito animado, a canção-tema do ato. A esta altura, a galera já dominava o refrão da marcha. Achei no total que as formulações foram bem felizes: juntou carnaval com crítica da forma mercadoria. Pelo menos os oradores insistiram em se nomear “trabalhadores da cultura”.

“Escute aqui, senhor João Doria Acaso sabe Vossa Senhoria Que Cultura não é mercadoria Embora gere renda, gere emprego Gere vida e alegria Cultura não é mercadoria Cultura está acima de partido, de governos”

Passou um menino da rua cheirando cola no saquinho plástico. Notei que a presença policial era discreta mas presente. Variou entre 15 e 40 soldados, além de viaturas sortidas. Vi uma van do IOPE Operações Especiais estacionada ao lado do teatro.

“É pão e é poesia É a alma de um povo, sua alforria Sampa sempre foi das artes, das vanguardas, a antropofagia”



Um homem de uns 50 anos, branco e de óculos, caminhava meio rapidamente à minha frente e resmungava. Andei atrás dele e notei que ele se incomodava muito com as pessoas presentes, rosnando ao caminhar. Ouvi ele gritar “Tem que pegar o Guilherme Boulos e por ele na madeira, tem que dar madeira nele”. Não me contive e gritei atrás “e merendeiro também! Tem que pegar o Alckmin e dar choque!”. Ele ficou meio surpreso e saiu fora. Fiquei melancólico ao pensar que, num futuro cenário pesadelo, nada me restará senão também eu me esconder em público e resmungar clandestino das pessoas à minha volta, a quem não conseguirei perdoar ou mesmo entender.

“Cultura é riqueza, mas não é privatizável. Não é mercadoria” Dava para ouvir uma manifestação grande em frente a prefeitura. Fui lá checar. Eram 16h.

No cruzamento da Xavier de Toledo, onde tem a faixa de pedestre bem grande e onde no passado atuava o guarda Luisinho, encontrei F. Ela também era dos coletivos de arte que se envolveram com o movimento social. Ela contou que trabalhou 5 anos para o Piá Vocacional mas que agora estava sem trabalho. Ela disse que o desmonte da arte pública é duro e deliberado: “perdemos tudo”. A privatização-choque está em pleno curso na gestão Doria. Ela está apavorada e diz ter se radicalizado. Lamentou muito que os artistas apenas falam mas não ocupam nada. Ela disse que no ato passado eles chegaram a entrar no saguão do Teatro. Eu disse que sozinho não íamos conseguir nada, e que era preciso colar no movimento social. Tentei argumentar que hoje sofríamos a falta de lucidez dos coletivos dos anos 2000, pois estes foram fazer carreira e inserção, mas não movimento. Hoje nos falta movimento mas abundam vídeos e publicações sobre mobilização social que circulam no mercado da arte.

Atravessei o Viaduto do Chá e cheguei na frente da Prefeitura. Tinha um carro de som, e tinha pelo menos umas 6 mil pessoas, a maioria mulheres (exceto no carro de som). Era uma assembléia dos professores e professoras, que estão em greve. Vi 4 balões da SINPEEM. Vi bandeiras do PSTU, PSOL, da APROFEM, da POR 4, da “Mulheres em Luta CSP”, uma amarela da “Resistência e Luta” e outra verde da ANEL. Vi um cartaz “Não caia no golpe”, um ou dois “Fora Temer!”, “Quem não tem voto caça com golpe”, “Não à PEC”, “Vamos cortar a carne podre do Congresso” e uma bandeira escrita à mão: “Quem luta, educa”. Uma faixa pedia “Convocação dos aprovados”. Um pirulito trazia um patinho de cartolina amarela, onde se lia “Quem paga é o trabalhador”.

Vi o Gianazzi e também o Ivan Valente, que tirava selfies com fãs. Recebi de seu grupo um belo panfleto com informações de sua atuação parlamentar. Vi uma camisa do Corinthians.

A assembléia parecia estar terminando e saí para retornar ao ato dos artistas. O carro de som dos professores começou a irradiar o som de uma banda. Tocavam Legião Urbana. Atravessei o Viaduto do Chá sob o céu nublado e abafado de São Paulo ao som da inflexão melancólica do Renato Russo cover: “Tenho andado distraído, impaciente e indeciso, e ainda estou confuso”. O coração contraiu.

Posicionei-me para ver o encontro dos atos dos professores e dos trabalhadores da cultura, que ia acontecer na esquina da Xavier com o Viaduto, já que o ato dos primeiros ia caminhar até a Praça da República. A PM bloqueava a passagem, e não estava claro se temiam o encontro das duas multidões.

“Nosso cortejo, nossa luta e trajetória Em defesa de arte pública, obrigatória Nesse momento vai fincar um monumento E gritar: Descongele, já, o orçamento!”

Nessa hora um homem de boné, bermuda e mochila, de uns 30 anos e branco, desfez a linha de grades e entrou no espaço vazio guardado pela GCM em frente ao Teatro. Ele queria atravessar o espaço e ganhar a Barão de Itapetininga sem dar a grande volta a que era obrigado. Três policiais imediatamente barraram sua passagem, e ele brigou muito com eles. Outros quatro soldados da GCM vieram contê-lo, e ele acabou – sem retornar de onde viera – por passar pela grade um pouco mais adiante e juntar-se à multidão.

O que chamou minha atenção era que ele se parecia muito com outros numerosos homens que vi caminhando pela cidade esta noite (e outras passadas). Homens meio jovens, que não são a população da rua miserável, mas são trabalhadores híper precarizados, que até têm carteira de trabalho, se cuidam e se barbeiam, mas não conseguem pagar aluguel e ficam orbitando entre a rua, o albergue e o cortiço. Impactado pelo clima de desmonte do trabalho público da cultura, pensei que seremos todos assim no futuro próximo: trabalhadores disponíveis, nômades, sem carreira, sem aposentadoria e sem teto, perambulando pela cidade ao cair do dia com todos os nossos parcos pertences acondicionados em uma mochila preta de nylon, cujo zíper emperra no meio.

Vi o ato dos professores lentamente avançar pelo viaduto. Os quatro balões do sindicato vinham baixos para evitar contato com os cabos elétricos que alimentam os hoje pouco numerosos ônibus elétricos. Vi uma bandeira “Luta Educador: em defesa da educação pública”, e uma faixa na frente da passeata: “Contra a Reforma da Previdência. SINPEEM na luta”. Vi bandeiras do MAIS e da CTB. Notei que tinha já visto hoje duas camisetas com o rosto desenhado de Malcolm X. Um cartaz clamava: “Tira a mão da minha velhice”.

Com a aproximação do carro de som, os discursos dos dois atos se misturavam em ecos múltiplos no ar da cidade. Há um momento em que as palavras ainda não são distinguíveis, mas os sons humanos são mixados em samples de pirante cadência pela máquina/cidade, que mói e redistribui a informação sonora, que por sua vez rebate nas fachadas e empenas, num beatbox afásico e gigante.

O orador do lado dos artistas bradava que “a minha cidade não tem medo do playboy de plantão”. O carro de som sindical irradiava “a educação e a cultura andam juntos”.

Os professores e professoras acabaram passando pelo Teatro, mas não houve a mescla carnavalesca e incontrolável que eu fantasiara para o momento. Chico César tocava nessa hora em que passou o carro de som, que, se por um lado insistiu em não baixar seu volume sonoro, pelo menos saudou muito o movimento da cultura, e indicou pelo nome os programas municipais que foram cortados. O ato dos artistas respondeu bem ao longo dos 5 ou 10 minutos que demorou para passar os professores.

Eram 16:45 e ainda dava para ver a rabeira do ato sindicalista quando os artistas posicionaram o seu cortejo na esquina da Xavier de Toledo com o Viaduto. Logo na frente, as 7 geladeiras onde figurava pichada a palavra “Kultura”, uma letra em cada porta. Um cacho de fotógrafos registrava tudo. Logo atrás das geladeiras, as dez pessoas pintadas de cinza, uma referência ao estado ideal da cidade para Doria. Atrás destes enigmáticos e solenes corpos, postaram-se as pessoas vestidas de branco com guarda-chuvas vermelhos. Traziam lousas penduradas ao pescoço com nomes de personalidades da cultura: Plínio Marcos, Gabriel Garcia Marquez, Cacilda Becker. Intuí que eram algo como “espíritos” de artistas falecidos que guardavam a nós, vivos, a partir do além. Atrás delas vinham as caveiras e esqueletos, alguns na perna de pau. A seguir, moças portando uma faixa “Bibliotecárias em luta”, mais 5 jovens com uma camiseta laranja “Q tal dança?”. Recordei-me que prestei um concurso para o ingresso na biblioteca da FFLCH em 1987, mas fui reprovado no exame de datilografia. Ponderei o que teria sido de minha vida se tivesse passado.

Em seguida tinha a ala dos “pacientes”, que eram pessoas de branco, mas machucadas. Uma daquelas araras de roupa portava saquinhos hospitalares de soro ou de sangue, etiquetados “Descongela já”. Depois eram outras pessoas de branco, sérias, que traziam ao peito um bloco de gelo. Olhei melhor e vi que em todos eles havia encrustado um coração. O gelo ia derretendo. Dois bonecões gigantes estavam presentes também, um era Paulo Freire e outro não soube dizer, talvez um Antônio Cândido ou mesmo Ariano Suassuna. A seguir

entrou o carro de som, e atrás o pessoal da dança. Eram uns 50 corpos que faziam coreografias dessas de atrair gente para vir dançar atrás. Em seguida a bateria/maracatu, que era o Baque Atitude, onde o Mario de Andrade dançava, chocalho à mão, com as mulheres e moços de vestido branco.

Vi que o Gianazzi e o Ivan Valente tinha ficado conosco. O Suplicy estava lá também, dando entrevista. O Paulo Freire veio e pousou sua mão imensa de espuma sobre a cabeça do Suplicy, afagando o vereador, que sorriu. Notei uma moça muito jovem que cruzava a avenida com sua mãe, as duas de camisa floral estampada. “Ué, carnaval?”, perguntou a filha. Vi uma bandeirona vermelha do “Estudo de Cena”, e também 7 máscaras do Doria trançando entre os foliões. Vi uma camiseta laranja do coletivo Rua, outra das Mães de Maio e ainda uma que trazia “No ano passado eu morri, mas este ano eu não morro”. O cartaz “Cultura congelada, desumanidade desenfreada”.

Estava na calçada quando veio me abraçar um dos secundas de ontem. No seu moletom, escreveu com spray “Punk Forever”.

Sáimos e contornamos o Teatro por trás, sob uma garoa que agora caía sobre nós. A multidão já estava quase decorando a letra toda, cantado com a banda que não parara um só instante. Logo ao entrar no Paissandu, depois de passar pelo Praça das Artes, paramos para fazer uma foto com as geladeiras. Vi uma moça com uma bandeira negra e lenço vermelho cobrindo sua boca. Vi uma camiseta com “unknown places, unusual people”. Um moço jovem de barba suave passou com uma bandejinha de gelo cheia.

O cortejo parou em frente a Secretaria da Cultura, na Galeria Olido. Mario de Andrade subiu numa geladeira, e também uma moça de vermelho. Um cuspidor de fogo ameaçava incendiar o prédio fechado com seu bafo de chamas. Um esqueleto espargia neve sobre uma moça de coração gelado. Notei que dois PMs filmavam a manifestação. Outro deles, mais jovem e com braçadeira “Trânsito”, tirou fotos com seu celular. Pessoas às janelas do prédio da Secretaria também faziam suas fotos lá de cima.

Vi um cartaz “Cia Grama Verde: e nóix da Perifa, como fica?”, e uma camiseta negra trazia “Kebrada Cultural”, e outra “Rexistir”. Um homem da rua passou perguntando “mas não é o Lula?”. Uma faixa pedia “Pela lei do fomento à periferia” e outra grande “Fora Temer!”. Uma outra faixa vertical foi colocada desde o terceiro andar do prédio na esquina, não sei bem quem lá dentro amarrou lá em cima: “Descongela Já!”. Um moço com a camiseta “Gentileza gera Gentileza” portava uma bandeira negra com os dizeres “Cultura Incendiária”. Faixa: “Somos trabalhadores, temos nossos direitos, faça valer o edital 2015”.

Com o povo sentado na frente da Secretaria, falava ao microfone a moça de vermelho. Falou contra o secretário Sturm e puxou poderosa vaia contra ele. “Fora Sturm!” Fora Sturm!”, gritava o povo. Alguns forçavam a homofonia com “estrume”. Em uníssono também “Esse é um ato sem perdão!”.

Notei nessa hora que o cartaz do Cine Olido, dentro do prédio da Secretaria da Cultura, anunciava o filme “De Punhos Cerrados”.

Falou o Mario de Andrade. A certa altura, declamou parte de um poema seu, o “Ode ao Burguês”:

“Eu insulto o burgês! O burguês-níquel, o burguês-burguês! A digestão bem feita de São Paulo! O homem-curva! O homem-nádegas! O homem que sendo francês, brasileiro, italiano, é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!

(...)

Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio! Morte ao burguês de gíolhos,  
cheirando religião e que não crê em Deus!

Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!

Ódio fundamento, sem perdão!

Fora! Fu! Fora o bom burguês!... Evoé!”

Sentei na fachada ao lado da Galeria do Rock e pouco depois sentou ao meu lado o Chico César. Ele foi celebrado com muito carinho por muita gente. Logo saímos subindo a São João, passando assim pela frente da ocupação da FLM, cujas crianças piraram com o carnaval, e também pelo Rei do Mate que vende salgados veganos, além das duas lojas de LP.

Notei nessa hora que dois rapazes se ligavam por um cabo meio elástico, que, amarrado a seus corpos, lhes saía pelas costas. Eles ficavam arremetendo em direções opostas, um puxando o outro para trás. Ficaram assim por todo o percurso.

Eram 18:15h e tanto a banda quanto a bateria não desanimavam. K veio falar comigo e contou que fazia parte do projeto que trouxe um mapa do Brasil feito de barras verticais, perfazendo uma grade. As pessoas seguravam a grade e davam depoimentos para uma câmera de vídeo. K foi minha aluna de artes em Itaquera. Passaram J e M do teatro.

Na Praça da República, paramos para mais fotos. Tinha mais gente nas calçadas, e tudo era belo na luz amarela do centro. Alguém jogava papel picado do alto do prédio da APEOESP, e o povo comemorou muito. Notei que a bolinha de luz estava entre nós e iluminava



fachadas e também as costas das pessoas: “em caso de dor, dance!” e “não acredite em tudo o que lê”. Passou J, que conheci em frente ao Sírio Libanês, mas ele não parou. Vi uma camiseta do Chapolim, e também umas três professoras do ato sindicalista que vibravam com a galera na rua. Vi um cartaz “Parque Augusta Verde. Prédio Não”. Vi três de muitos outros ciclistas, além de uns 4 skatistas. Vi uma camiseta preta “SENAC IV Turma Técnico em Artes Dramáticas”.

Subimos a São Luís, agora noite fechada, e paramos no cruzamentão em frente ao antigo Diário Popular. No lado posto À Biblioteca Mario de Andrade estava o Jaraguá Center Outlet. O primeiro e segundo andar do prédio estavam iluminados e eram ocupados pela Megadança, cujos alunos dançarinos realizavam seus movimentos coordenados. O letreiro de LED informava: “MEGADANÇA, venha fazer uma aula experimental”. A janela era grande, do chão ao teto, e víamos bem o que se passava lá dentro. A batida do batuque cá fora parecia embalar os giros e piruetas dos moços e moças lá dentro.

Só que, no primeiro andar, umas 7 moças começaram a dançar um Street Dance bem perto da vitrine, de frente para a rua, no exato momento que o pessoal da dança dobrava a esquina. Eles piraram nas moças e dançaram todos juntos por uns 10 minutos, frente a frente, cada um na sua banda sonora, separados apenas pela vidraça.

As bibliotecárias puseram sua faixa “Em defesa das bibliotecas públicas” no portão da Mario de Andrade da Xavier de Toledo. A bolinha de luz apareceu com a mensagem “Greve Geral” sobre o pano. Vi um cartaz “Exploração não tem perdão”, e um adesivo “CONEC Confederação das Entidades Negras”. Uma camiseta “Salve seu Zé Pilintra”. Um moço agitava sua bandeira do Santos. Sua camisa era o uniforme do time, acrescido das palavras “Fora Temer!”.

G parou e veio cumprimentar-me. Conversamos um monte e ele falou um pouco dos ciclistas. Entendi que no geral estão de prontidão, e que o recente episódio do recapeamento de uma ciclovia por uma subprefeitura serviu para sinalizar a rapidez e potência de resposta deles. Ele avalia que há várias maneiras efetivas de reagir a ameaças, e que envolver a imprensa e fazer auê é uma delas. Avalia que o desmonte da cultura está muito abrupto e possivelmente ineptamente dosado pelo prefeito. Tentamos avaliar qual a real força de Doria como candidato à presidência. G contrastou o número de corpos hoje e no domingo na Paulista, claramente uma mobilização importante para nós. Avaliei que éramos uns 10 mil hoje, talvez um pouco menos. Lamentamos a recente atuação do PT e também o fato dos outros setores da esquerda não terem crescido nesse vácuo.

Veio um amigo dele, de boné do MST e peruca chanel rosa. G se despediu e fui até as grades que ainda cercavam o Teatro Municipal. O povo já passava por lá e vaiava muito os homens de terno que entravam no recinto ou que, na qualidade de valets e seguranças, distribuíam-se pela escadaria, calçada e via asfaltada. A multidão puxava um “Fora Doria!” e depois uma mulher veio e gritou com muita raiva “Um dia é da caça e outro do caçador!”.

A passeata seguiu e chegou em frente a Prefeitura, que estava cercada por grades. Um PM filmava lá de dentro, e estavam de pé uns 6 GCMs mais um gerente de terno. A bolinha de luz ganhou a fachada com “Fora Temer!” e “Fora Doria!”. As geladeiras foram alinhadas em frente ao prédio. As pessoas de branco e coração empedrado no gelo arrancam seus colares gelados e seguram-nos ao alto.

Na Praça Patriarca, umas 20 motos e duas viaturas, com uns 30 soldados. Não era acintoso ou ameaçador.

Um grupo de jovens dentre os quais estava um que vestia um macacão negro com os dizeres “Contra Regra”, projetaram dizeres de grandes dimensões: “Grande Ato dos Trabalhadores da Cultura” e “Descongela a Cultura!”. Vi o S dos JL e um moço com uma camiseta com o rosto de Mussum. Uma oradora chamou um FT! E falou um pouco, antes de apresentar um vídeo que podia ser visto na fachada. Era de uma geleira derretendo, mas era longo e achei que caiu meio mal. Disse também que deixariam as geladeiras na calçada “como um monumento”. O povo não ia embora, e as falações iam ficando meio cansativas. Parou a falação e rolou uma ciranda, por um bom tempo. Depois o povo engatou numa cantilena meio solene, um pouco como um cantochão, a capella. Eu achei meio chato, mas a galera abraçou a proposta e ficou cantando um monte.

A moça da bandeira negra e lenço no rosto gritava muito: “Cadê a ação direta?”, “Ciranda cirandinha não faz revolução!”, “Vão ouvir Tropicália!”. Colaram umas sete pessoas que concordavam com ela. Um ou outro veio discutir, mas o povo no geral ficou na cantilena.

Por um lado esses moços autonomistas indicavam os limites das mobilizações de rua sem tensão: logo a luta simbólica satura seus canais e sair na rua deixa de provocar efeitos e não responde à grandeza da atrocidade que é perder o emprego na crise, agora sem aposentadoria. Por outro lado, como é que 7 pessoas dentre 10 mil, naquele momento e não na organização do ato que mobilizou toda essa gente, conduziriam um confronto que produziria nada além do frisson da adrenalina individual?

De qualquer forma, saí com a cantilena ainda em curso, despedi-me de R, andei até a estação Sé, peguei o metrô e fui para casa.

### **30 de março**

Luciano Huck se lançou à presidência. Parece que FHC apóia.

Cunha foi condenado a 15 anos de prisão, em velocidade recorde. Comenta-se que ele foi boi de piranha para prender Lula, assim como a multa de bilhões cobrada do PP é apenas ensaio para matar o PT com dívidas.

### **31 de março – Mais um ato da esquerda**

Saí na estação Trianon-MASP do metrô para o grande ato contra a reforma da Previdência às 14:45h. As mobilizações têm crescido dentro da esquerda, que está assustada com a violência da agenda conservadora que tem feito passar medidas no Congresso: congelamento dos investimentos públicos, terceirização etc. Também o campo popular busca se colocar em posição de capitalizar o que vê como o inevitável desencanto com o governo Temer. Tem uma greve geral marcada para o dia 28 de abril.

O MASP já estava cheio com a assembléia da APEOESP, que estava em greve. Calculei umas duas ou três mil pessoas. Dei um giro no vão livre.

Vi uns 25 balões grandes: APEOESP, CTB, CNTE, CUT-FBP, Sindicato dos Químicos, SEDIN, FETAM-CUT, SINDISEP (Auditoria Pública), CMN-CUT, e ainda um pixuleco alado do Alckmin. Vi bandeiras da Intersindical, PSTU, Círculo Palmarino, Frente Povo Sem Medo, MAIS, Luta Educativa, CTB, 15 de Outubro, Luta Popular e Sindical LPS, e ainda uma bandeira negra com o A anarquista. Camisetas do PCO, PSOL, uma “Lutar Sempre, Temer Jamais”, outra “Somos todos Lusa” (!?), ainda outra da Democracia Corinthiana. Vi que os cartazes em geral eram contra a reforma da Previdência, contra o desmonte da educação e contra a violência sobre a mulher. Uma faixa: “Partido da Causa Operária: revolução jovem, operária e socialismo”.

Um secundarista veio perguntar o que estava fazendo, e eu disse que era cronista e que fazia anotações no caderninho para redigir depois. Vi militantes vendendo o jornal Causa Operária, eles sempre estão presentes, e desta vez também pessolistas que vendiam o jornal Opinião.

O carro de som irradiava a assembléia que estava em pleno curso, com muitos Fora Temer! E Fora Alckmin!. Alguns batuques já faziam soar seus instrumentos, inclusive o da UJS. Vi o Ivan Valente percorrendo a multidão, sempre solicitado e festejado. Vi uma moça que, como eu, tinha um caderno à mão, onde escrevia. Vi uma barraca de camisetas do MTST.

O povo já ocupava uma faixa da avenida e crescia em número com as pessoas que vinham chegando. Vi uns homens com uma faixa grande “Vencedores Vence Dores” no canteiro central da avenida. Chamou-me a atenção uma vendedora ambulante. Era travesti e seu isopor vinha decorado com as cores do arco-íris. Um pessoal da UNE e UPES chegou com suas bandeiras, Um cartaz avisava “No meu cu não, Temer!”. Uma camiseta trazia “Raul Seixas. Sociedade Alternativa”, e outra “Não sei, só se foi assim” e ainda uma da APROFEM. Vi um homem com a bandeira do Brasil aos ombros. Passou a bateria da Juventude do PT, e vi uma bandeira “Mulheres. Democracia”. Vi uma bandeira do Brasil.

Notei nessa hora o grande cartaz amarelo do Jesus, que sempre é renovado e está na mesma parede há uns três anos pelo menos. Desta vez, JC tinha ganhado longos cílios, rouge na bochecha e um batom nos lábios.

Eram 15:30h e o povo tomou a avenida. Encontrei o fotógrafo R e confirmei que havia concentração na Praça Patriarca: eram os professores municipais, que também estão em greve. Decidi checar e tomei o metrô para descer na Sé.

Caminhei até a frente da Prefeitura e logo vi o povo reunido. Estavam em assembléia também, e me parece que votavam continuar a greve ou não. Eram umas 5 mil pessoas no Viaduto do Chá. Vi os balões da APROFEM e do SINPEEN. Vi bandeiras do PSOL, PSTU, MAIS e “Quem Educa, Luta”. Vi uma faixa “Tire as mãos de nossos direitos. Fora Temer!”. Predominavam as camisetas azuis da APROFEM. A maioria das pessoas eram mulheres, acho que de uns 25-45. Achei o perfil bem parecido com a Paulista, apenas as pautas eram mais específicas sobre a educação.

Na praça, presença policial discreta e não ameaçadora.

Busquei cortar a manifestação e cruzar o viaduto, mas estava muito cheio e tive que atravessar o Vale do Anhangabaú a pé. Desci a Líbero Badaró e passei por baixo do viaduto em busca da escadaria do lado do antigo prédio da Light. Passei por umas 8 barracas com um povo da rua. No meio do vão, uma mini-arena de luta-livre. Um cartaz informava “Pela conquista do Campeonato Paulista de MMA”. O som do carro sindical aqui chegava truncado e abstrato.

Já em cima do Chá, vi um jovem com uma camiseta “40 anos depois, Carlos Marighella Vive”, e outra ainda “Educação, nossa maior rebeldia”. Vi também uma camisa da CBF “Ronaldinho 10”. Um moço vestia uma saia escocesa e um boné. Outro homem escrevia com giz no asfalto da via, grandão “Fora canalhas, não à reforma da Aposentadoria”. Cartaz: “Fora golpistas, eleições gerais já!” e outro “Por meus filhos e meu neto”. Faixão:

“Malandramente, lá vem o presidente: PEC 281” e outra “Greve geral, explorador passa mal”. Uma bandeira amarela “Resistência e Luta”, e outra, roxa, “CSP Mulheres em Luta”.

A assembléia prosseguia com a notícia de que a APEOSEP tinha votado pelo fim da greve, e os professores municipais aqui fizeram o mesmo. Ao encerrar o ato, o carro de som tocou “Não pare na pista”, de Raul Seixas. Desci o Chá sob o vento frio e, mais uma vez, ouvia sons da adolescência. Na Barão de Itapetininga, vi um boliviano com um cartaz que dizia “Escrevo seu nome num grão de arroz, na hora”. Retornei pelo Viaduto para ganhar a estação Sé e retornar à Paulista.

Eram 17:15h quando saí na FIESP, que estava guardada por 7 viaturas e 10 motocicletas. Muita gente chegando e cantando contra a reforma. Vi bandeiras do PCB, da Unidade Classista e da UJC. Chegando no MASP vi que a passeata estava saindo, ou pelo menos o carro da APEOESP. Depois percebi que não teve saída muito unificada, e cada tribo saiu com seus pares. Quis chegar na dianteira da manifestação e apertei o passo.

Achei que tinha aumentado a diversidade dos manifestantes, mais jovens agora, talvez o 20-40 predominasse agora. Caminhando pela avenida, vi uma bandeira do Pcdob, uma da Liberdade e Luta, e outra “Dilma Fica!”, uma camiseta da Petrobrás “Privatização faz mal à saúde”, outra da Unicamp, uma do MRT, outra “Pão e Rosas”, uma do Sindicato dos Metroviários, uma do MTST e ainda uma do PSOL. Vi as meninas e meninos do Faísca com sua bandeirona e batuque. Tinha uma faixa do PSTN contra a Reforma da Previdência, e um pirulito de um grupo de mulheres que dizia “Tudo junto misturado”.

Segui até a Praça do Ciclista e vi o Arrastão dos Blocos. Isso me deixou muito feliz, mas notei que era uma versão mini, pouquinha gente em volta. Depois soube que os autonomistas tinham se concentrado lá na praça, e de fato vi a rabeira de seu cortejo saindo na frente da passeata. Na praça, vi B e G do Arrua, a quem cumprimentei.

Decidi abandonar o Arrastão depois de cumprimentar C e sair pela direita na Consolação, acompanhando os autonomistas. Observei o entorno e vi uma bandeira do Brasil e uma camisa da CBF. Vi um balão da CUT-CONTAG, bandeiras da CMP (Central de Movimentos Populares), da Juventude e Revolução, da SSPV que é dos Servidores públicos de Vinhedo, do Movimento de Moradia, da SINPRO ABC (professores?). Vi também um cartaz críptico, um rébus, que misturava desenho e texto. Decifrei assim: “Terra das flores e dos morangos. Atibaia, Lula 2018”. Notei um chaveiro do Corinthians na mochila de um moço.

Vi um cartaz “Cajamar não se acovarda”, e outra “#foraglobosta”. Vi outra bandeira do Brasil. Vi uma faixa “Morrer de trabalhar”.



Um dos carros anunciou 40 mil pessoas. Achei possível. O mesmo locutor afirmou que a média de tempo empregado do trabalhador por ano é de 9 meses. No cálculo da Previdência, assim, a cada 4 anos de trabalho o brasileiro médio deve adicionar um ano na conta de sua aposentadoria.

Olhei mais de perto os autonomistas, agora já passado o Cine Belas Artes. Formavam um belo grupo na avenida. Vi umas 10 bandeiras negras ou negras e vermelhas. A maioria já tinha visto antes: a LDE, uma ou duas negras com o clássico A anarquista. Vi a bandeira da Ação Anti-Fascista SP. O faixão negro “Sem governo e sem patrão. Greve Geral e Revolução 1917” estava lá. “Fascistas, fascistas, não passarão!”, gritavam no gentil declive da Consolação, ainda antes do cemitério.

À altura da rua Sergipe, deu para olhar para trás e ver toda a gente que vem a partir quase da Paulista. Estava muito cheio. Vi nessa hora o Carneiro de pé no canteiro central. Acenei. Vi uma bandeira do PT, outra do MTD, uma do Balaio e uma faixa do MTST: “é pra criar, o poder popular!”, que também é uma palavra de ordem muito cantada por toda a esquerda.

Vi uma camisa do Juventus, o que ainda muito me intriga, depois de todos esses anos de rua. O povo chamando o Fora Temer!. Uma faixa do CEUPES-USP. Vi uma bandeira do Brasil onde a palavra “ordem”, do dístico, estava rasurada e em cima escrito “nenhum direito a menos”. Vi uma bandeira do arco-íris LGBT.

“Vem, vem, vem pra rua vem, contra a Reforma!” ecoava na Consolação. Vi uma bandeira “Socialismo ou Barbárie”, outra do Juntos, que é do PSOL. Faixa: “FEUSP contra a Reforma da Previdência e Terceirização”.

Eram quase 18h quando cheguei ao Cemitério da Consolação. Vi que tinha 10 motos da PM, 4 viaturas e uns 30 soldados defronte o muro. Notei a pichação no muro da necrópole: “o Estado é um golpe”.

À altura da rua Sergipe, que é onde termina o cemitério, decidi parar e subir num canteiro central e deixar toda a passeata passar. Queria avaliar o número total de manifestantes e dar uma sentida na composição geral deste público protestador. Mas, ao subir no canteiro de concreto, os autonomistas saíram da via onde estávamos e passaram a descer pela via da Consolação que sobe em direção à Rebouças, enfrentando o trânsito intenso que fluía na direção contrária. Era uma ação que subia a temperatura política da passeata.

Decidi que era mais interessante acompanhar esse tensionamento, mesmo que isso significasse perder aquele olhar geral na massa toda. Eles fecharam o cruzamento da

Sergipe e causaram certa confusão. Gritavam “Ocupa tudo!”, e “É barricada, greve geral, é ação direta que derruba o capital!”. “Morra Temer!”, cantava esse grupo. É uma maneira de ser contra o Temer mas não participar da lulolatria. “Não leve a mal, eu estou cansado de campanha eleitoral!”, completaram.

Curiosamente, no repentino aumento da temperatura proporcionada pela iniciativa dos autonomistas, vi um maluco com a bandeira da Frente Brasil Popular e outro com a bandeira da CMP (Central dos Movimentos Populares). Achei malucão que o viés confrontacional do foda-se autonomista possa arrastar militantes aprisionados em formatos mais burocráticos. Mas não pude deixar de contar um a um os autonomistas, que não eram mais do que 150 no máximo.

Perguntei a R se ele estava sabendo de alguma pauta de confronto com a polícia. Ele disse que sentia que a PM tinha ordens de não intervir ou reprimir, pois estavam muito distantes. Avaliou que as chances de repressão eram baixas.

Em frente a entrada do Mackenzie ainda na Consolação, o grupo gritou “se você paga, não deveria, pois educação não é mercadoria!”. Foi nesse ponto que achei bom a manifestação ter sido marcada para mais cedo e assim chacoalhar mais a cidade. Era muito poderoso estar causando na hora do *rush* e não às 20h, quando não mais tem ninguém. Mas também não pude deixar de notar que esse valente contingente autonomista era quase que todo branco, masculino. Um pesquisador atento certamente acusaria a presença, dentre os autonomistas, de jovens de 20-30 anos. Uns 80% de homens e 90% de brancos, talvez uma esmagadora maioria de universitários. O pesquisador interessado teria também auferido a renda familiar média desses manifestantes, talvez em contraste com o chamado “Ô motorista, ô cobrador, diz aí se seu salário aumentou!”. Novamente notei que certas rimas da luta só são possíveis no português do Brasil.

Já no cruzamento da Maria Antônia, eu continuava a acompanhar os autonomistas. Notei as duas colagens do Pelé, nas paredes: em uma ele abraçava o Salvador Dali, e em outra ele abraçava Muhamed Ali, o boxeador.

Uma mulher veio me perguntar “o que você escreve tanto aí?”. Expliquei-me com a figura do cronista, ela aceitou e sorriu.

O “1,2,3, 4, 5 mil, lugar de fascista é na ponta do fuzil!” dos autonomistas se misturava ao “Fora Temer!” da esquerda mais institucional. Eu tinha entendido que o destino final da manifestação era a Praça da República, mas a massa seguiu pelo finalzinho da Consolação pela Xavier de Toledo em direção ao Teatro Municipal.

Notei que agora tinha um helicóptero acima de nós, e que o povo cantava um anacrônico mas quiçá saudoso “Não vai ter golpe!”.

Ao descer a Xavier, quase no Teatro, notei um zumzum na rua 7 de abril. Colei lá e vi um ajuntamento de gente em frente a uma entrada de prédio. Tentei entender o que estava acontecendo. Havia vários manifestantes da CUT que claramente tinham escorrido da passeata. Mas notei muitos homens fortes, gente de combate mesmo, de enfrentamento, que pareciam indicar uma pauta oculta de tensionamento máximo. Fiquei ouriçado com uma possível agenda de confronto ou ocupação que a movida geral parecia proporcionar. Busquei entender, e fui informado que, dentro do dito prédio, ocorria um assembléia da CUT, o que explicava a presença dos homens muito bojudos. Relaxei e busquei o fluxo geral na Xavier.

Acompanhei a massa até o lado do Teatro Municipal, ainda seguindo os autonomistas e anarquistas. Passado o Viaduto do Chá, mas ainda ao lado do Teatro, um moço de boné vermelho me veio perguntar “O que é isso?” Aí eu achei que tinha que justificar os autonomistas no meio da passeata mais institucional. Então eu falei “bem, eles são autonomistas, eles são de esquerda mas não são petistas ou lulistas...eles são anticapitalistas...”. Só que aí ele disse “Não não, o que é esse edifício aqui?”. Saquei que ele se referia ao Teatro Municipal, e que ele estava em algum outro circuito onde era importante identificar os prédios públicos à nossa volta. Eu disse “Esse aqui é o Teatro Municipal, ali em frente é a Prefeitura”, apontando. O moço se satisfez e eu também. Ele saiu fora e a passeata seguiu em direção ao Largo do Paissandú.

Eram 18:30h quando passamos pelo Largo subindo a São João, dobramos à esquerda na Ipiranga. Notei que havia duas viaturas da PM, 15 motocicletas e uns 30 soldados. Estava escuro e a iluminação pública amarela prevalecia na noite urbana. Fomos chegando à Praça da República, o destino final da movida. Fiquei um pouco de pé num canteiro da praça para observar a multidão.

Vi um cartaz na mão de uma moça jovem: “Brasil, mostra a sua cara, porque se o Cazusa estivesse aqui, tantos anos depois, veria que está a mesma merda, mas agora é em HD”. Eu sorri e ela também. Vi outra bandeira do Brasil. Cartaz: “Alckmin, exterminador do futuro”, com o rosto do governador robotizado. Chegou G com o filho e conversamos um pouco.

Iam chegando os grupos e formando bolinhos, e os ambulantes que tinham acompanhado os manifestantes puderam servir seus clientes parados no asfalto. Pareceu que a passeata se destacou em vários bolos, pois quando achei que tinha acabado o fluxo, chegava muita

gente mais. Vi nessa hora uma bandeira que nunca tinha visto: era azul e trazia as letras “URE”. Iam ocorrendo grupos: a Juventude do MTST com sua bateria, a CUT, os autonomistas...

Nessa hora pensei que tinha sido muito bonita a manifestação, e que todas as forças de esquerda de São Paulo tinham ocorrido à rua. Pus alguma fé na Greve Geral do dia 28 de abril. A solidão diminuiu um pouco e alegrei-me na pauta comum. Depois falaram em 70 mil pessoas. Pode ser. Não consegui contar, mas 50 mil parece um bom número.

Pensando em encerrar o dia, cortei pela 7 de Abril em direção à Praça da Sé. Cheguei até o local da assembléia da CUT, ainda cheia de militantes. Nessa hora vi que a Xavier de Toledo estava lotada de manifestantes, que ainda afluíam em direção ao Paissandu. Reacendi o ânimo e subi a Xavier no contrafluxo. “Não sou bobo não, greve geral não se faz com eleição!”, cantava esse povo. Acho que era um contingente do PSTU, e vi também uma bandeira do “Espaço Socialista”. Uma faixa: “Prisão a todos os corruptos”. Vi uma camisa do Palmeiras e notei que a bolinha de luz estava lá na passeata: “A mídia mente”. Um cartaz convidava “Bora lá defender nosso futuro”.

Uma moça com camiseta do PT me parou no finalzinho da Consolação perto do cruzamentão da São Luiz e perguntou se ainda dava tempo de alcançar a passeata. Disfarçando um sorriso irônico e tentando não ler narrativas gerais nesse encontro particular, encorajei-a a correr e juntar-se à multidão.

Entrei num boteco, pedi uma Seleta, escrevi um pouco e fui para casa.

# A B R I L



Pense num pokemon difícil de se capturar

A GLOBO EXPLORA AS DELAÇÕES QUE ENVOLVEM LULA E DILMA. ME FALARAM (O E) QUE A CONTA DE 30 MILHÕES SUPOSTAMENTE PARA LULA NÃO FOI MOVIMENTADA. O EL PAIS ACHA QUE MORO TEM MAIS MUNIÇÃO PARA UMA ACUSAÇÃO, MAS A DEFESA DE LULA APONTA QUE NÃO HÁ CRIME RELATADO NAS **DELAÇÕES**. PARECE QUE AS ACUSAÇÕES CONTRA FHC PRESCREVERIAM SE FOSSEM FORMALIZADAS, ENTÃO NÃO VAI ACONTECER. TEMER PARECE IR FICANDO, APESAR DAS MUITAS DENÚNCIAS CONTRA SI E SEUS MINISTROS. A PREVISÃO GERAL É QUE A VOTAÇÃO DAS **REFORMAS** FICA MAIS REMOTA, MAS AINDA HÁ CONFUSÃO. AS AVALIAÇÕES QUASE TODAS DÃO COMO MORTO O NÚCLEO POLÍTICO ATUAL, E AVENTAM-SE NOVAS CANDIDATURAS. MARINA REAPARECEU NO CENÁRIO, CIRO AINDA OPÇÃO DE PEQUENA EXPRESSÃO NO CASO DA AUSÊNCIA DE LULA. DÓRIA AINDA É A COQUELUCHE DA DIREITA, E O ESTADÃO ADOTOU-O. **BOLSONARO** ATE VEM SUBINDO NA PREFERÊNCIA, MAS AINDA LONGE DE SER O LÍDER ALTERNATIVO. AVALIA-SE QUE, POR UM LADO, O CANDIDATO VAI SER ALGUÉM NOVO E DE FORA. MAS, POR OUTRO, NÃO HÁ ELEIÇÃO SEM MÁQUINA PARTIDÁRIA, ENTÃO A FUTURA CAMPANHA DEVE SER PROTAGONIZADA POR QUEM PARECE OUTSIDER MAS É AVALIZADO PELO SISTEMA PARTIDÁRIO. SAIU PESQUISA DA CUT DANDO QUE LULA SE ELEGE NO PRIMEIRO TURNO. DISCUTE-SE MUITO A SUA **CANDIDATURA**, MAS ACHO QUE SUA PRIORIDADE É COM SUA DEFESA, E ESSES ANÚNCIOS SÃO MAIS PARA AUMENTAR O CUSTO POLÍTICO DE SUA EVENTUAL PRISÃO. SUA REJEIÇÃO É TAMBÉM MUITO GRANDE (45%) E NEM IMAGINO COMO ELE GOVERNARIA UM PAÍS DIVIDIDO E EM CRISE. ERAH COBERTAS PELA LEGISLAÇÃO



## **1 de abril – Cordão da Mentira**

Cheguei ao MASP pelo metrô para ir ao Cordão da Mentira. Eram 17h. Acho interessante este evento, que reúne vários grupos da esquerda sem partidizar a questão, bem na onda “próxima esquerda”. Eles conseguem discutir e mobilizar em torno da memória da resistência ao golpe de 1964, da violência policial na periferia, do racismo institucional e do extermínio da juventude negra.

Achei que tinha umas mil pessoas ao redor do carro de som. Logo vi F da companhia de teatro K no alto do carro. Consegui chamar sua atenção e nos acenamos. Notei muitos jovens negros, uns 200, ao redor dos 20 anos. O mix geral era variado, desde senhoras de 60 até um ou outro secundarista. Alípio Freire falava no instante em que cheguei. Ele é um antigo militante da esquerda. O povo fechava uma das vias da Paulista.

Vi o S dos JL, o R do CMI e a moça do DAR. Vi uma camiseta do MTST. Vi uma bandeira da UNIAFRO. Vi uma camiseta “Pelo fim do terrorismo de Estado”.

Vi vários estandartes e pirulitos com retratos de vítimas da ditadura de 64 e jovens negros recentemente assassinados. O carro trazia uma faixa “Nossos mortos têm voz”, que é das Mães de Maio. Elas são muito presentes no Cordão, e elas trazem sempre uma mensagem de urgência: o extermínio da resistência já começou e as periferias vêm gritar em atos deste tipo. As falas das mães são sempre eletrizantes. Uma delas falava contra a atuação criminosa da PM nas periferias no microfone do carro de som, que estava realmente alto e penetrante. Depois de uma fala muito combativa, ela puxou o “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”. E isso bem na frente do parque, onde se concentram os PMs e tem uma base fixa deles. Outra faixa trazia “País da Mentira”, além de uma outra ainda “O Estado violenta as mulheres todos os dias”.

Chegou E e ficamos juntos. Acho que ele vestia uma camiseta negra com o retrato de Kafka. Soubemos que havia um outro ato em frente a delegacia da rua Tutóia, notório centro de tortura nos anos 1970. Estranhemos duas manifestações competindo no mesmo horário, mas a vida é assim. A programação do dia foi extensa, com vários atos pela cidade. Mas era muito visível que havia menos gente do que o esperado.

Notamos uns 15 atores de jalecos brancos, com galões de líquido vermelho. Estavam na frente do ato. Uma mulher deu um depoimento ao microfone, dizendo que a recente chacina que ocorreu na cidade foi vingança contra a morte de um PM na praça Clóvis.

Eram 17:30 e a passeata saiu em direção à Consolação. Na frente, uma faixa “Não mexam com as Mães de Maio, porque elas não andam sós!”.

Notei dois moços de perna de pau se sobressaindo sobre a multidão. Os dois tinham um copo à mão. Mas um deles portava o combustível para suas labaredas assopradas e o outro apenas bebia da latinha de cerveja.

Um vigoroso batuque nos animava, além do carro de som, cujo alto-falante estava virado para trás, castigando quem vinha caminhando atrás. O companheiro N nos viu e nos abraçou.

Os atores lavavam o chão da avenida com o sangue dos baldes e galões. Vi a fotógrafa A. Notei que dois moços tinham objetos preso aos cabelos. Um deles tinha um pente vermelho, atrás, e segurava uma das faixas. O outro era ambulante e amarrara saquinhos vazios de seus produtos na cabeleira. Os dois eram negros.

Paramos algumas vezes, para a leitura de manifesto. Nessa hora, um homem com a camisa do América F.C. gritou muito com os locutores do carro. “Filhos da puta! Vagabundos!”. Achei estranhíssimo aquela figura, mas não consegui decidir se era um provocador ou apenas uma alma da rua.

Vi um menino fantasiado de boxeador ensanguentado, com uma bandeira do Brasil. Outro moço jogava malabares. Vi FK, a quem cumprimentei. Ele estava feliz. Vi E do CMI, transmitindo em streaming. Vi que o Suplicy caminhava entre nós, e que a bolinha de luz também se projetava nas fachadas e corpos: “Temer jamais!” e “Craco resiste!”.

Paramos à altura da Augusta e um manifesto foi lido. Nessa hora colou um homem branco que gritava “onde está escrito na Constituição que todo mundo tem direito à casa?”. De novo, achei difícil julgar as intenções dessa figura. Hoje eu acho que uma pessoa que conheci nos atos é um P2. Contou lá longe uma história breve mas verossímil, num dia X. Mas ele nunca me cumprimentou depois e aparece em atos que não são compatíveis com a história original.

Um moço negro na perna de pau tomou o microfone e começou a cantar um belo samba, que eu ainda não conhecia, sobre um ativista negro do passado de São Paulo.

**Rua da Glória** (Aloysio Letra)

Estou enterrado na rua da glória

Lembre de mim se passar por aqui

Sou fato oculto da tua história

Mais veja ainda estou aqui

Mais veja...

São Paulo meu, esse não mais um outro adeus Dias e dias se foram sei.

Paulicéia desvairada me acordou.

Na voz dos meus, desfilo esse lamento.

Pranto de outros tempos.

Quando a corda se rompeu.

Lembrança de tempos inglórios.

Que um dia se quis esquecer.

História de negros despertos.

Que um dia ainda hão de rever.

Não caia na velha armadilha.

Fazer poesia pra luz da cidade.

Se lembre pagaram com sangue pra ter liberdade.

Lembre que estou!

Estou enterrado na rua da Glória

Lembre de mim se passar por aqui

Sou fato oculto da tua história

Mais veja ainda estou aqui

Sou chaga no esquecimento.

Ferida que teima a sangrar.

Ninguém silencia o lamento.

A vela não vai se apagar.

Não caia na velha armadilha.

Cantar melodia pra cor da cidade

Se lembre pagaram com sangue pra ter liberdade Lembre que estou!

Estou enterrado na rua da Glória

Lembre de mim se passar por aqui

Sou fato oculto da tua história

Mas veja, ainda estou aqui

É difícil invocar a alegria com um pauta como a do Cordão, mas no geral eles conseguem. Mesmo assim, eu caí na melancolia e fiquei achando que na real nós também éramos como os rostos fantasmagóricos dos cartazes e faixas à nossa volta na fria noite paulistana: pessoas das lutas perdidas no tempo, atravessando em direção ao futuro como rostos perplexos grudados no papel, enquadrados pela data de nossa morte.

Três seguranças e um bombeiro de um prédio comercial da avenida riam e faziam troça do movimento. Mas vi um deles, mulato, num momento de desguardo, bater o pé e balançar o corpo na cadência da canção.

Paramos na altura da Bela Cintra, e os moços do teatro lavaram com muito sangue a ilha de pedestres. Uma moça tocava um berrante de gado. Alguns motoristas parados nas transversais vieram hostilizar.

Eu e E ficamos sabendo que a passeata voltaria à FIESP pela mesma avenida Paulista. Decidimos ir tomar uma Boazinha imediatamente. Achamos um bar popular. Conversamos.

Depois, peguei o metrô e fui para casa.

## **2 de abril**

Li em algum lugar que o golpe tem uma Assembléia Constituinte nas mãos: a maioria de 2/3 garante ao governo a possibilidade de rever o pacto de 1988 e impor reformas que nunca passariam pelo crivo popular democrático. O Brexit está tendo o mesmo efeito, assim como Trump: ao fazer receder as regulações do Mercado Comum, a direita e extrema direita estão a martelar um estado corporativo mínimo: neoliberalismo com repressão através da guerra interna.

#### **4 de abril**

O STE iniciou o processo de julgamento da chapa Dilma-Temer. Parece que a procrastinação vai vencer, pois nem Temer nem Dilma nem Gilmar Mendes querem esse julgamento expedito. Temer, para muitas forças, é o “menor dos males”.

#### **5 de abril**

Estava no Glicério e busquei uma manifestação dos Catadores na região. Não achei, andei até a Sé e fui para casa.

#### **7 de abril**

Repercute na esquerda e na direita uma pesquisa sobre a economia e ideologia da periferia de São Paulo, que estaria a recusar tanto o Estado como a política laborista, abraçando formas liberais.

O mundo em choque com o bombardeio americano de base aérea na Síria. Tensão escalou muito.

#### **9 de abril – Bolsonaro na Hebraica**

Mil coisinhas e factóides, muita notícia de Brasília, muita reunião mas pouca rua. Cunha teria ameaçado contar o que sabe e destruir o mundo, Doria não é tão bem avaliado em pesquisa Datafolha, repercute a palestra de Bolsonaro na Hebraica do Rio de Janeiro, Temer recua na Previdência e busca maneiras de lidar com sua base diminuída, Renan agora é contra Temer...

MBL tem intensificado ataques contra vereadores de esquerda e tem ido a escolas “checar os níveis de doutrinação” operado pelos professores. Até o Secretário Estadual da Educação reclamou deles.

**11 de abril – Delação de Marcelo Odebrecht** Marcelo Odebrecht deu depoimento na Lava Jato e implicou Lula e Dilma. O depoimento foi transmitido ao vivo pelo site de direita O Antagonista. Moro disse que não é possível coibir vazamentos.

A lista de Fachin saiu em coluna do Estadão, e inclui 9 ministros de Temer, três governadores e mais de um terço do senado. Gente de todos os partidos grandes, incluindo mais de 20 do PT, inclusive Lindbergh Farias e Maria do Rosário. Serra e Aécio estão lá. Resta saber quantos realmente serão julgados e presos.



## **12 de abril?**

Fui ao Tapera e vi um filme recente, brasileiro. As anotações legíveis que fiz foram: trabalho, empreendedorismo, lobisomem, precariedade e terror.

## **13 de abril – Delações e demolições**

Continua repercutindo o depoimento de Marcelo Odebrecht, agora liberado para a mídia. Tem um pouco para todos. Temer fica implicado, assim como Aécio, FHC, Serra e outros do PMDB. As reformas devem sofrer com esse novo clima. Lula e Dilma foram também citados. O esquema tinha mais de 30 anos e era eucumênico. Cada parte da imprensa e blogs sublinham as acusações dos inimigos. A Globo deu destaque a Dilma, os sites de direita a Lula, blogs petralhas falam muito do governo e PSDB. Alguns comentaristas apontam como faltam peças-chave nesse tabuleiro: o Judiciário e os bancos. Nenhum esquema desse tamanho funcionaria sem o trabalho dos dois.

Todo o auê agora está temperado pelo fato do STF ser muito lento, e que Janot é quem vai decidir qual investigação avança e qual espera até a prescrição. Além disso, faz mais de dois anos que a primeira lista de nomes de Lava Jato foi enviada ao STF por Janot. E apenas cinco dos 50 políticos citados foram formalmente acusados. Mas o estrago feito é que essencialmente inviabiliza candidaturas. Folha diz que há um acordo entre Lula, FHC e Temer para salvar a política parlamentar. Temem um vácuo a ser ocupado por judicialismo ou aventureiro.

## **14 de abril**

Saiu no Intercept que o governo está distribuindo verbas publicitárias em troca de apoio editorial à Reforma da Previdência. O dinheiro é dado aos deputados da base para que gastem com seus veículos próprios.

## **18 de abril – Conjuntura**

Ainda repercute muito a lista de Fachin. A Globo explora as delações que envolvem Lula e Dilma. Me falaram (o E) que a conta de 30 milhões supostamente para Lula não foi movimentada. O El País acha que Moro tem mais munição para uma acusação, mas a defesa de Lula aponta que não há crime relatado nas delações. Parece que as acusações contra FHC prescreveriam se fossem formalizadas, então não vai acontecer.

Temer parece ir ficando, apesar das muitas denúncias contra si e seus ministros. A previsão geral é que a votação das reformas fica mais remota, mas ainda há confusão. As avaliações quase todas dão como morto o núcleo político atual, e aventam-se novas candidaturas.

Marina reapareceu no cenário, Ciro ainda opção de pequena expressão no caso da ausência de Lula. Doria ainda é a coqueluche da direita, e o Estadão adotou-o. Bolsonaro até vem subindo na preferência, mas ainda longe de ser o líder alternativo. Avalia-se que, por um lado, o candidato vai ser alguém novo e de fora. Mas, por outro, não há eleição sem máquina partidária, então a futura campanha deve ser protagonizada por quem parece outsider mas é avalizado pelo sistema partidário.

Saiu pesquisa da CUT dando que Lula se elege no primeiro turno. Discute-se muito a sua candidatura, mas acho que sua prioridade é com sua defesa, e esses anúncios são mais para aumentar o custo político de sua eventual prisão. Sua rejeição é também muito grande (45%) e nem imagino como ele governaria um país dividido e em crise.

Na Grã-Bretanha, a primeira-ministra chamou eleições para junho. O chamado Hard Brexit está servindo de desculpa para o desmonte de proteções sociais e de serviços públicos, ao não regular situações que eram cobertas pela legislação europeia.

Saiu na imprensa que policiais civis que protestavam em frente ao Congresso quebraram vidraças e foram reprimidos por outros policiais de serviço.

### Conversa de refugiados

Desci a 13 de maio a pé para ir ao Al Jannah: era o lançamento de um livro, o “Conversa de Refugiados”, que B. Brecht escreveu no exílio. Cheguei meio cedo e encontrei M, que participava da organização do evento. Encontrei S, que não via faz tempo. Ela disse que um ator que eu conhecia tinha ido a um país de que agora não me lembro, e disse que o adido cultural ‘seguia meu trabalho’. Não consegui imaginar o que poderia ser isso.

O livro é bem interessante, precisamente dois refugiados alemães que se encontram no exílio e conversam. Guerra, patriotismo, humor e desespero: tudo isso parece nos divertidos diálogos. Um ator e uma atriz leram trechos do livro ao microfone. “A ordem é o desperdício organizado”.

Encontrei um figura cujo pai vendia jogadores de futebol ao Japão. Ele estava aprendendo japonês.

Saí quando acabou a leitura e andei para casa.

### Buraco no Diário 5

**Da mesa do boteco vi uma propaganda do PSDB na tela da TV sem som (que ninguém assiste). Eles justificam apoiar o governo para “melhorar a imagem do Brasil lá fora a atrair investimentos”. O slogan é algo como “fazendo o**

que tem que ser feito”, curiosamente parecido com o mote do Haddad em São Paulo. Vi uma chamada para o Jornal Nacional e havia uma tomada aérea do sítio de Atibaia.

O clima político está cada vez pior. As delações da Odebrecht servem de material para o desmonte da democracia representativa. Ainda acho que se persegue Lula, mas no Estadão li hoje de sua suposta mesada desde os tempos do sindicalismo no ABC, dada pela Odebrecht. O escroto do J Nêumane Pinto escreveu asqueroso artigo nesse sentido.

A sensação de golpe dentro do golpe está muito esmagadora. A esquerda perde em todos os cenários.

Tenho estado desanimado e sem vontade. Há muito pouco em termos de alternativas, só coisas pontuais. O fechamento geral é lento mas inexorável. O sistema político de pé desde a redemocratização de 1988 está em ruínas. Curiosamente, o mote autonomista “que se vayan todos” se cumpriu. Só que o que vem pela frente é pior. O futuro é inviável e sabemos disso. A classe média vai se segurar, quem tiver uma renda ou propriedade monetável vai se segurar, mas eu não. O extermínio pela PM ou pela Previdência une os desvalidos e os “bóias-frilas”.

## **21 de abril – Mais delações**

Repercute a delação de Pinheiro da OAS. Ele diz que Lula teria pedido a ele que destruísse provas das propinas pagas ao PT pela empresa. Disse também que o sítio é mesmo de Lula. A delação foi vazada antes mesmo de acontecer, pelo Antagonista e pelo jornal Valor. Pinheiro teve uma delação anterior sua anulada. Nela, ele inocentava Lula. Parece que o tudo ou nada vem agora em maio, por ocasião do depoimento em Curitiba. A Globo e Veja estão em intensa campanha contra o ex-presidente, que aparece crescendo na preferência dos eleitores, ainda que sua rejeição seja todavia muito alta.

## **22 de abril – Rafael Braga foi preso**

Editorial de o Globo faz a narrativa do “chefe” e sublinha a tese do “domínio do fato”, já que não há prova nenhuma a favor das afirmações de Pinheiro. Está chegando a hora. O advogado de Lula, Batocchio, sai da equipe de defesa.

Rafael Braga, um catador carioca que foi preso em 2013 por porte de pinho-sol, foi condenado a 11 de prisão por conta de suposto envolvimento no tráfico.

Hoje, na pequena gráfica perto de casa, quando aguardava uma impressão, um jovem que era professor na FMU se falou da greve geral do dia 28. Mas ele dizia, irônico, que os professores tinham decidido aderir por causa da iminente perda, por parte de algumas universidades, do status de organização filantrópica. Intervi e disse que o motivo era a reforma da Previdência. E perguntei se ele tinha feito a conta de sua aposentadoria. Ele meio que desconversou, mas falou que seus colegas que fizeram doutorado tinham mais de 30 anos e só agora começavam a contribuir com a Previdência. Caí em mim e pensei em minha situação.

### **?? de abril**

Acho que é feriado e almoço em um boteco na Vergueiro perto da estação Ana Rosa. Dois PMS almoçam perto de mim, mas não dou bola. Tenho a sensação de que tudo desabou. Tento acompanhar o que creio ser a nova esquerda e navegar novas ondas do futuro. Mas a sensação de cerco é muito grande, a imprensa, Veja e Globo jogam muito sujo, e não há imprensa independente o suficiente para se contrapor. A dobradinha imprensa/Lava Jato é destruidora. Reli recentemente o artigo de Sergio Moro e o papel da imprensa de fato é crucial na condenação extra-judicial dos acusados.

Ao pensar que as esquerdas precisam muito agora preparar a clandestinidade, bizarramente passou um grupo de uns 100 ciclistas, todos com cestas de flores ao guidão. Foi muito estranho, os PMs ainda comiam perto de mim e notaram os passantes.

Saí fora e fui para casa.

### **23 de abril**

A Globo e o PIG está investindo pesado na culpabilização de Lula e Dilma. As ditas provas de que o ex-presidente é proprietário do apartamento em Guarujá e de que teria pedido a Leo Pinheiro que destruísse evidência nada mais são que registros de pagamento de pedágio e datas de telefonemas. Assusta muito o tamanho da operação mata-Lula, e ver a engrenagem girando dá medo. Parece que é o tudo ou nada do golpe. Temer é delatado mas poupado, assim como tucanos. A esquerda parece meio paralisada, apesar da Greve Geral parecer que vai ser boa. Já comprei passagens para Curitiba.

### **24 de abril – Vigília por Rafael Braga**

Moro adiou o depoimento de Lula para o dia 10. Especulam-se as razões: receio do movimento social que vai para lá, maior tempo para novas delações, para novas provas.

Saí na estação Trianon-MASP para o ato-vigília por Rafael Braga, que foi preso em 2013 por porte de Pinho Sol. Vi de imediato umas 200 pessoas no vão, jovens de 20-30, um mix de negros e brancos. Havia um mini-carro de som. Vi o fotógrafo R, e de pois L e L. Dei um giro e anotei algumas mensagens.

Vi muita camiseta preta, além de outras com as mensagens “Pelo fim do genocídio da juventude negra”, “Vidas negras importam”, “Public Enemy” e do Levante Popular da Juventude. Vi uma bandeira da Jamaica e os cartazes: “A justiça não é cega, é racista”, “Todo prisioneiro é político”, “#libertem rafaelbraga”. As Mães de Maio traziam uma faixa “Contra o terrorismo de Estado. Memória, verdade, justiça e liberdade”. Uma outra faixa, amarela, era da Anistia internacional, e ainda outra “abaixo a opressão, pelo fim das prisões”.

Um moço negro andava de perna de pau. O Mário de Andrade estava presente. Chegou o E.

Às 19h, o povo ocupou a avenida. Fizemos um jogral: “Não aceitaremos nenhum encarceramento. Pelo fim do encarceramento em massa”. Entidades presentes que eu vi: UNIAFRO, Parque Augusta, Agenda Preta. Vi de novo uma senhora com um críptico cartaz: “ O Cel. Osires da Silva da Aeronáutica na TV orientou: ‘não investiguem o desastre na boate Kiss”.

Um orador perguntava: “O que fazer de efetivo? O juiz que decidiu que o repórter que perdeu o olho colocou a si mesmo em risco é o mesmo que condenou Braga”. Lembrou Amarildo e outros. Outro orador disse “Preso político e preso comum a esquerda não diferencia, ela não pode fazer isso”. Outra chamou a greve geral do dia 28.

Eram 19h e vi a fotógrafa A em cima do carro. Vi camisetas da UJC e “Refugiados bem-vindos”. Palavras de ordem: “Não acabou, tem que acabar, eu quero OFDPM!” e “Povo bem unido é povo negro e forte, que não teme a luta, que não teme a morte”, “Por menos que se conte a história, não te esqueço, meu povo. Se Palmares não vive mais, faremos Palmares de novo!” e “Rafael Braga, presente!”.

Um secundarista veio me cumprimentar. Fizemos um minuto de silêncio pelos mortos pela PM: Claudia Ferreira, Luana, Amarildo, Douglas, BG. Depois, saímos me passeata pela avenida em direção à Consolação.

Vi JT e conversamos um pouco. Vi uns 5 jovens manchados de vermelho que circulavam entre nós. Já E me disse que havia muita atividade na periferia. M estava lá e nos cumprimentamos. O povo cantava “Foi, foi a UPP, que matou o Amarildo e o BG” e

“Fascistas, racistas, não passarão!”. Vi uma camiseta “Conspiração Socialista”, e outra “Fora Temer o Diretas Já!”.

Eram 21:30h quando cruzamos a Augusta ao som de Rcionais e chegamos à Secretaria da Presidência da República. Chegou o carro de som e ouxa as palavras de ordem “NA,TQA,EQOFDPM!” . O orador anuncia que uma performance dos secundaristas ia acontecer, e os moços manchados de vermelho fizeram sua intervenção. Vi um cartaz: “Entenda que você é preto e favelado, o sistema quer te ver no caixão lacrado”, e outro “Eu quero ver quando Zumbi chegar”.

Acabou o ato, peguei o metrô e fui para casa.

## **25 de abril**

A PM agride manifestação de indígenas em Brasília e faz uma estranhíssima busca por armas de fogo em acampamento indígena. MST teve militantes torturados e mortos.

Nos sites de direita, corre um zumzum que o PT quer promover tumulto e ameaçar o juiz Moro em Curitiba durante o depoimento. Intensa campanha também contra a aprovação da Lei do Abuso de Autoridade, que impõe limites a certos instrumentos usados na Lava Jato e garante certas liberdades constitucionais. Os sites petistas repercutem muito o apoio da CNBB e de certos bispos às manifestações contra a Previdência. O STF adiou a decisão sobre a soltura de Dirceu, que teoricamente deveria estar em liberdade, já que foi condenado apenas em primeira instância.

A grave situação na Venezuela traz muitas ironias e inversões em relação ao Brasil. Temer pede eleições diretas já para Caracas, mas não no Brasil. A direita comemora enfrentamentos de rua por lá mas fazem o discurso da baderna internamente contra as mobilizações sociais.

Vi na tela do boteco a imagem veiculada pelo Jornal Nacional, que mostrava a chegada de algum acusado da Lava Jato a alguma instituição federal. A seu lado, o famoso Japonês da Federal, que foi condenado por corrupção e contrabando.

## **28 de abril – Greve Geral Nacional**

Hoje foi dia de greve geral.

Levantei em Santa Cecília ao som de sirenes e um helicóptero. Chequei as notícias e vi que havia já várias ações por todo o país. Em São Paulo, parece que o metrô fechou mesmo e também os ônibus. A Consolação e o acesso ao aeroporto de Guarulhos foram fechados,



além da Marginal Tietê. Houve ação da PM e bombas foram lançadas. Li no jornal que #BrasilEmGreve é o segundo tema mais comentado no mundo, no Twitter nesta manhã. Doria voltou atrás e disse que só vai dar R\$20 reais a quem pegar um Uber para vir trabalhar, ao invés de cobrir a viagem toda de Uber, como prometera. Essa promessa valia para os servidores públicos, mas parece que a planilha de reserva vazou na rede e muita gente avulsa marcou sua viagem, inviabilizando a manobra. A amiga M participou de ocupações pela área central ontem à noite, parte do Abril Vermelho.

O dia prometia e resolvi sair cedo para dar uma sentida no clima antes das manifestações da tarde. Na rua das Palmeiras, o ambiente era de feriado, as ruas vazias. Pouca gente mesmo, para São Paulo. Muito comércio fechado, assim como a estação do metrô.

Entrei na padaria que tinha sintonizado sua TV na rede Globo e vi parte das notícias. Mostravam o terminal Grajaú fechado e vazio. Falavam que em Guarulhos os aeroviários não pararam e que os serviços estavam normais. Mostraram o bloqueio na Anhanguera com pneus queimados. A locutora tentou apontar o perigo de um pneu em chamas que “quase atingiu um carro”. Disseram que os portões da USP já tinham sido liberados, mas que o trânsito no Butantã e região ficou caótico. Depois me disseram que a PM entrou na universidade e reprimiu duramente os manifestantes. Em Itaquera e Tatuapé, as duas principais avenidas foram fechadas. Mostraram também paralisações em várias capitais do Brasil. Aí mostraram uma vista aérea com 4 ônibus parados pela PM, que fazia uma vistoria contra “ônibus piratas” na BR40. Mas dava para notar que os policiais fizeram descer dos veículos gente que portava bandeiras vermelhas. Não deu para saber o que era na real.

Saí em direção ao Largo do Arouche. Caminhando pela rua do Arouche em direção à praça da República, vi um par de cartazes, ainda frescos: um deles chamava a Greve Geral de hoje, mas o outro logo ao lado trazia o rosto de Lula: “Lula na prisão. Traidor da classe operária”. O cartaz era assinado pelo Território Livre.

Subi a rua do Arouche e admirei-me de ver todas as lojas fechadas. Um ou outro bar ou padaria estavam abertos, mas no geral parecia domingo. O acesso desta rua para o metrô estava fechado, mas a entrada perto da Ipiranga estava aberta. Desci para checar lá dentro. A linha Amarela estava funcionando, e cinco funcionários do metrô, mais dois seguranças, operavam as catracas. De outra forma, todo o metrô fechou, e também a CPTM.

Desci a 7 de Abril e o comércio também estava majoritariamente fechado. Os bancos todos cerrados, com faixas na fachada. A faixa no Banco do Brasil trazia uma mensagem: “Temermente. Reaja agora ou morra trabalhando”. Descendo a rua, notei a movimentação de 8

motos da PM na rua Marconi, que é transversal, à esquerda. Avancei até a Xavier de Toledo ao som do EL Tchan, irradiado por um carro de som. Era uma concentração de sindicatos ligados à Força Sindical: Sindificio (Sindicato dos Trabalhadores em Edifícios e Condomínios) e FENATEC (Federação Nacional dos Trabalhadores em Edifícios e Condomínios). Eram uns 200 homens e mulheres com bandeiras, meio desanimados. Estavam bem na esquina mas não bloqueavam nenhuma via.

Observei um pouco e segui em direção ao Teatro Municipal. Vi, ainda na Xavier, um orelhão destruído e restos de algo que ardera até virar cinza, no asfalto. O Shopping Light estava totalmente fechado, e também as Casas Bahia. Havia um pequeno contingente policial em frente ao Teatro. Na esquina com a Barão de Itapetininga, um grupo de uns 30 Sem-teto gritavam e dançavam na calçada. “Polícia é pra ladrão, abaixo a repressão!” e “Fora Temer!”. Tinha alguma imprensa no local e fiquei para ver. Entendi que os Sem-Teto eram de uma ocupação ali pertinho, na rua Marconi, e estavam tensionando o centro. Depois vi vários lixos em chamas e restos de barricadas em várias ruas da região central. Ali mesmo, dois orelhões desfolhados pendiam abatidos.

O clima era mesmo de certo descontrole, tipo insurreição: eram muitas ações em muitos pontos do país e da cidade, e o tensionamento dos Sem-Teto garantia que o comércio não tinha coragem de abrir. Se havia um dia para sair em revolta, arregaçando, este dia era hoje. A polícia estava muito solicitada e as ações espalhadas por toda a cidade. O pouco povo na rua, sem ter muito para onde ir, colava perto. Alguns passantes ainda gritavam “Fora Temer!”. Os 10 funcionários do Dr. Consulta, que tem um janelão no primeiro andar do edifício na esquina com a Barão, checavam seus aparatos eletrônicos e conferiam a movimentação lá em baixo. Uma travesti jovem veio perguntar o que eu escrevia e contou que ela morava na Brasilândia, mas que dormira na casa de uma amiga e portanto conseguiu estar lá. Comentamos como a cidade estava vazia.

A presença policial na escadaria do Teatro variava conforme as viaturas e soldados chegavam e saíam: motos, atiradores, escudos e capacetes... Os Sem-Teto causando: “Vai perifa!”. Tiravam selfies em grupo e gritavam para os PMs: “ei você fardado, vem pro nosso lado!”.

Aí, um grupo de 7 PM de escudo, incluindo um atirador, aproximaram-se do grupo, em formação de ataque. Os manifestantes se afastaram um pouco, descendo a Barão por alguns metros. Notei que um deles, um oficial, trazia uma câmera presa ao peito. A PM atacou e deteve 3 jovens negros, um deles uma moça. Deram um enquadro escroto, empurrando-

lhês a cara na parede e dando de cassetete nas costas. Estavam bem embaixo da ocupação, na esquina com a Marconi. Os Sem-Teto se ataçaram e ficaram em volta gritando, agora umas 100 pessoas. “Covardes!”, “Opressão!”, “Fora Temer!”, “Polícia é pro Temer!”. Os PMs formaram um cordão ao redor dos detidos e ficaram assim. Logo depois chegaram reforços.

Chegou um caminhão da Prefeitura com dez funcionários, que recolheu o entulho deixado pelo escavamento de um cano sob o calçadão. Uma moça jovem veio perguntar o que acontecia e expliquei. Ela disse ser a favor da greve, já que era empregada e trabalhava “em casa de família”. Concordamos que era agora ou nunca em termos da defesa dos direitos.

Ainda na tensão do cercamento dos Sem-Teto, encontrei o fotógrafo A, que conversava com um militante da moradia, que nos contou como eles tinham, logo de manhã, fechado a Ipiranga com a São João. Já A tinha fotografado a ação de bloqueio de uma avenida na periferia, de manhã. Perguntei como ele avaliava o dia até então, e ele, mal-humorado, disse que “não tem nada o que avaliar, tem que ficar atento”. Ele contou também que já é reconhecido pelos PMs onde vai fotografar. Disse que a Tropa do Braço foi rebatizada Comando de Operações Especiais e que um certo PM japonês, lá presente, “luta kung-fu, foi meu colega quando eu treinava também”. Quando um grupo de mulheres Sem-Teto ao lado começou a cantar “Caminhando e cantando...”, ele, autonomista, irritou-se e gritou “essa não!”.

Nessa hora chegaram muitos PMs e 5 motocicletas se posicionaram para empurrar os Sem-Teto do local, que logo caminharam para o meio do quarteirão, descendo a Barão na direção da República. Chegaram até a esquina da D. José de Barros. O clima inicial não era feroz, tanto que, quando a primeira bomba foi lançada, pela mão de um PM, quicando baixinho pelo chão fazendo toc-toc-toc, um Sem-teto que andava sem olhar para trás nem notou que o artefato parara bem embaixo dele. Curioso e surpreso, pois não notara a ação policial, abaixou-se para pegar o artefato na mão. A bomba literalmente explodiu-lhe na cara, envolvendo-o numa esfera de concussão. Ele até saiu andando, mas visivelmente abalado.

A partir daí virou um gato-e-rato. O pessoal correu e se espalhou, os PMs atrás, de moto e a pé. Dei a volta pela 7 de Abril até o ponto inicial, pois não achei mais ninguém. De volta à ocupação, os detidos tinham sido levados. Mas havia uma aglomeração onde umas três pessoas discutiam com um grupo de Sem-Teto. O tom era agressivo, e tinha um senhor, um moço de boné e barba, um homem de uniforme de porteiro, todos gritando com o pessoal da ocupação em frente. Foram lentamente acuados para a porta de um prédio, e de repente saiu uma mulher desse edifício e empurrou um homem da rua, de cobertor às costas. A

confusão se instalou com chutes e sopapos. Os homens foram empurrados para dentro do prédio e encerrou o episódio.

Desci a Marconi e segui pela Barão de Itapetininga até a República. Notei novamente os dois cartazes, um deles pedindo a prisão de Lula. Havia lixo espalhado pela Barão, e muitas viaturas e motos da PM percorrendo o centro. Na Praça, reparei que o relógio luminoso na calçada trazia: “Rodízio liberado. Zona Azul liberada. Qualidade do ar: Boa”.

Voltei ao Teatro Municipal e vi um maluco vestido todo de branco, incluindo sua cartola. Ele era um senhor negro, e trazia duas bandeiras, uma do Brasil e outra da APEOESP. Parei para conversar e ele me disse que “o dia hoje é de guerrilha, tem que fazer tudo espalhado para não deixar pegar”. Encontrei o fotógrafo R, que me contou ter ido fotografar o bloqueio do Terminal Rodoviário do Tietê. Contou como o bloqueio foi arrojado, já que impediram os ônibus vindos de fora do Estado de entrar no terminal. A PM chegou arregaçando e dissolveu o bloqueio. Perguntei quais manifestações ele ia cobrir, e ele disse que talvez os anarquistas na Sé e depois o Largo da Batata.

Eram 10:30h quando segui pelo Viaduto do Chá para alcançar o Terminal Bandeira. Passei pela Praça do Patriarca e vi que tinha uma mulher ao microfone que discursava em alto volume, no estilo da velha retórica esquerdista. Mas a praça estava deserta, e ela, sozinha. Perto, um moço vendia o jornal Causa Operária. Subi a Líbero Badaró e descii pela rua do Ouvidor para ganhar a passarela e ver o terminal de cima. De fato, não havia um único veículo no asfalto. Dava para ouvir o aviso automático informando os senhores usuários que “as atividades do terminal estavam paralisadas”. Segui em direção à Ladeira da Memória para checar a ocupação cultural dos Sem-Teto que tinha sido realizada na noite anterior. É um espaço cercado, bem ao pé da Ladeira, à minha esquerda. Tinha umas 25 pessoas no local, e elas estavam limpando a área e podando as árvores. Presas às grades, faixas com os dizeres CMP, FLM e Pace.

Subi a Ladeira e a Força ainda estava na esquina da 7 de Abril. Contornei pelo Teatro e descii novamente a Barão de Itapetininga. Ainda tinha uma certa aglomeração à porta da ocupação da Marconi. Nessa hora vi um grupo de uns 5 jovens, que não eram da ocupação, descendo a rua, e uma moça gritava “Eu quero trabalhar! Eu quero trabalhar! Preciso fechar minha meta!”. Fui assim lembrado que já há um grande contingente de trabalhadores que é precarizado e autonomizado, fora do alcance da CLT. O grupo entrou na Drogasil, que tinha uma porta aberta. “Tá tudo pegando fogo hoje!”, disse um moço, já lá dentro.

Busquei o Largo do Paissandu para chegar à Santa Ifigênia. Vi adolescentes que conversavam na calçada na frente da Galeria do Rock, cujo portão estava cerrado. O caminhão que tinha visto antes agora recolhia lixo e restos de orelhões lá no Largo, acompanhados de um oficial da PM.

Notei algum lixo queimando e restos de barricadas, especialmente em frente a ocupação que te na esquina da avenida Rio Branco, onde tem um prédio da MLSM. Vi dois jovens franciscanos à caráter, batinas marrons e tonsura romana, passando ao meu lado. Chegando à Santa Ifigênia pela Antônio de Godói, vi que a maioria das lojas estava aberta. Achei que seria o caso, já que a região trabalha muito com empreendedorismo e precarismo extremos, incluindo o contrabando e tráfico de mercadorias ilegais. Mas de outro forma não havia consumidores, estava tudo bem vazio.

Eram 10:45h quando tomei a Timbiras para voltar ao Centro. Dobrei na São João e, ao chegar à esquina com a Ipiranga, vi chegando a passeata do pessoal da Força, que tinha deixado a 7 de Abril. Segui com o cortejo, composto de umas 300 pessoas e carro de som, que virou à esquerda em direção à Praça da República, pela Ipiranga.

A faixa de frente de ato trazia “Chega de morte! Segurança no trabalho é vida”. Um caixão de papelão era levado pelos manifestantes. Anotei as bandeiras adicionais do Sindicato dos Costureiros de Osasco e São Paulo e da FETIMCCCOVESP, além de uma do Brasil. Muita gente de apito, e o orador descascava o governo federal. “Temer é um bandido”. Não pude deixar de pensar que alguém então precisa avisar o Paulinho da Força, que não apenas ativamente apoiou o golpe mas viabilizou o governo Temer.

Chegamos à Praça da República e deixei a passeata em busca do Largo Santa Cecília, onde esperava ver uma concentração de estudantes e professores. Parei em uma padaria no Arouche para ver, na tela de TV, a Globo noticiar duas operações da PF. Chegando ao Largo de Santa Cecília, logo vi uma multidão que assistia a uma roda de capoeira, umas 200 pessoas no total. Tinha gente de todas as idades, desde crianças pequenas até pais e professores. Um faixa preso à grade trazia: “Estudantes em apoio à Greve Geral”. Um cartaz dizia “Minha professora vai se aposentar com 87 anos”, e outro “Boicote ao Uber e 99 Taxi”, além do já clássico “FT!”. Um maluco prendeu uma cartolina a uma tampa de privada aberta, que atou a um cabo de vassoura. A mensagem: “As privadas também estão em greve!”

Encontrei M e E. M contou que o SINPRO só aderiu à Greve Geral por pressão deles, da base. Fiquei sabendo que estes estudantes do Equipe tinham fechado a Consolação, a

Angélica e chegaram à avenida Pacaembu, antes de alcançarem o Largo. Foram reprimidos pela PM, que lançou bombas. Vi e cumprimentei LK, e também MF. S estava lá e ia dar uma aula pública no local. Ela disse “tem um P2 aqui que tem a sua cara”. Eu contei que é normal ter manifestante que se assuste comigo, pois o caderninho na mão parece coisa de fiscal. Mas ela garantiu que era um policial de fato, uma outra pessoa.

Conversei com dois moços e um adolescente que não conhecia. Eles contaram que várias capitais do Brasil tinham parado, inclusive Natal. O jovem contou que era de direita mas que veio para a esquerda, ainda que não gostasse dos termos e se sentisse reduzido nesse binômio. Um dos moços disse que se declarar humanista e não de direita ou esquerda, embute um viés progressista, já que o humanismo foi gerado na esquerda.

Encontrei R e M. R reconheceu e apontou R, que fui cumprimentar. Ele disse que estava lá com a companheira e enteada. Combinamos de nos encontrar na Praça dos Arcos, destino final (antes da Batata) daquele encontro – mas não nos vimos mais nesse dia. Notei nessa hora um homem deitado no chão, desacordado, negro.

Sáimos E e R do local e retornamos às 14h em direção ao Viaduto do Chá, onde haveria uma assembléia dos professores em frente a Prefeitura. M se juntou a nós e caminhamos pelo Arouche e subimos em direção à República. Tinha mais comércio aberto, mas nenhum cliente parecia ter chegado ao centro. Na Praça, um Caveirão da PM.

Cortamos a República e de novo percorri a Barão de Itapetininga. Chegamos ao Chá e atravessamos o viaduto até a Prefeitura. Eram 14:30h e já havia um carro de som, mas muito pouca gente. Tinha dois balões da SINPEEM, dos professores das escolas públicas municipais, além da curiosa faixa “Doria, ajude o Alckmin a refletir! Contra o ICMS sobre a carne”. No carro, as faixas “Contra a reforma da Previdência e do SampaPrev”. Ficou claro que ainda ia demorar para começar qualquer coisa lá e decidimos ir à Praça da Sé checar a concentração dos anarquistas. O plano inicial era depois subir até a Paulista e ver o PSTU no MASP, e de lá seguir para a Praça dos Arcos e então seguir ao Largo da Batata.

Ao cruzarmos a Praça do Patriarca, notamos que alguém tinha adesivado a placa azul, rebatizando o lugar de Praça da Matriarca. Quando descíamos a rua Direita, um grupo de homens fazia certa algazarra e estourava bombas de São João, cujas detonações ecoavam pelo corredor estreito. Achei que eram cutistas, mas poderiam ser provocadores de direita também.

Na escadaria da Sé, menos gente do que eu esperava. Era meio cedo, é verdade, mas só tinha uns 100 manifestantes. Mas logo encontrei P, E e o fotógrafo R. Dei um alô e olhei em



volta. Um moço vestia uma camiseta laranja com os dizeres “Seja gari, seja herói”, do Círculo Laranja. Um homem lia o Metrô News, cuja manchete canalha dizia “PM vai reprimir protestos”. Chegaram 3 bandeiras negras e vermelhas, uma toda negra e outra com o A anarquista, e ainda outra roxa e negra. Vi camisetas “Nenhum direito a menos”, que eram do SINPRO.

Fomos almoçar e L contou que presenciou a recente prisão de Boulos. Quem o deteve não foi a polícia que fazia a desocupação, mas o COE. Ela e M falaram do cenário da luta por moradia.

Retornamos à Sé e havia agora umas 300 ou mais pessoas, achei que a maioria jovem de 25-30, talvez uns 60% de homens, quiçá uma maioria de universitários. Muita camiseta negra. Vi um bandeirão da Ação Antifascista de São Paulo, e um secundarista negro trazia escrito no moletom “Make America Gay Again”. Vi o grupo de Primeiros Socorros, o GAPP. Vi um faixão quadrado de pano negro onde fora pintado um enorme gato branco. Vi uma bandeira do Corinthians onde fora escrito a spray o A anarquista, em vermelho. Encontrei M, que disse que tinha andado até lá desde a Celso Garcia. Relatou que a avenida estava vazia e que um ou outro ônibus circulava, mas estes também vinham vazios.

Um jogral foi realizado com a leitura de um manifesto. Rafael Braga foi lembrado, o catador carioca que foi condenado recentemente a 11 anos de prisão, depois de detido por porte do desinfetante pinho sol em 2013. Pediram “uma sociedade para além do capital”. A presença policial era bem discreta, uma unidade da Polícia Comunitária.

Algumas palavras de ordem: “é barricada, greve geral, ação direta que derruba o capital”; “123,45 mil, lugar de fascista é na ponta do fuzil”; “olê, olê olê olê olê, Rafael Braga!”.

Fiquei sabendo que havia uma questão do itinerário em discussão naquele ato. A idéia era chegar à Praça dos Arcos e encontrar os estudantes e professores que não eram da APEOESP ou SINPEEM, e com eles descer à Batata. Mas outro grupo queria percorrer a Paulista e só então chegar aos Arcos. Tinha a questão do resgate de companheiros em perigo naquele momento, no centro. A demora em sair me fez considerar o plano inicial de checar o PSTU no MASP, afinal, foram os metroviários os responsáveis por grande parte da paralisação nos transportes. Mas achei que subir a Brigadeiro a pé ia ser chato, sem passeata.

Ponderei nessa hora que estava meio desapontado com os atos até agora. Esperava muito mais gente no Chá e na Sé. A maior greve geral das últimas décadas em andamento e não mais que 350 autonomistas saíram às ruas, e menos professores sindicalizados ainda.

Saímos finalmente às 16h da Praça, sem carro de som, dobrando à esquerda na rua Direita. Um moço pichou o A anarquista em cima de “Direita”, na placa da rua. O comércio estava todo fechado, e o som das palavras de ordem ecoava pelo estreito corredor de prédios:

“Nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!” “O povo, unido, não precisa de partido”

“Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!” “Ordem e progresso é coisa de fascista, queremos liberdade, igualdade e justiça!” Desaguamos na Praça do Patriarca e nos deparamos com a assembléia dos professores da SINPEEM. Ela tinha enchido muito e havia umas duas mil pessoas ao redor do carro de som, bem em frente a prefeitura. A passeata anarquista decidiu seguir assim mesmo e cortar através da manifestação dos professores. Na hora deu um medinho de sair faísca, mas os professores no geral saudavam a gente, e mesmo o carro de som percebeu e saudou os autonomistas. O orador pediu uma salva de palmas para a passeata que passava no meio deles e chamou a unidade dos trabalhadores. Esse excelente encontro foi levemente apagado pelas palavras finais do orador, quando já tínhamos passado mas ainda estávamos sobre o viaduto: “quem é da nossa assembléia fica por aqui, não queremos problemas de segurança e de polícia”. Vi, no chão, escrito a giz, “Não às reformas e Diretas Já!”.

Passou G, que parou e conversou comigo um pouco. Ele é autonomista da base bancária, e disse que vinha da Zona Leste depois de fazer agitação nos bairros da Zona Sul. Disse que houve quatro atos separados na região e um unificado, e que acabara de chegar ao centro.

Um helicóptero sobrevoava a multidão.

Subimos a Xavier de Toledo até o cruzamentão em frente ao antigo Diário Popular, e subimos a Consolação. Muitas viaturas atrás, de luz piscando, mas nenhuma afronta por parte da PM. Conectada a seu aparato, E nos informou que a passeata dos professores e estudantes já havia deixado a Praça dos Arcos, o que lamentamos.

Em frente ao Mackenzie, gritaram “Ei, burguês, a culpa é de vocês!”. Depois: “Não vai ter reforma, vai ter luta!”, “Polícia, fascista, melhor que não exista!”, “Alerta, alerta, alerta antifascista!”, “Unificou, unificou, estudante, funcionário e professor!” e “Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga não atíça o formigueiro!”.

Notei que o Anchieta de azulejo da escola estava de novo pichado, desta vez com a cor rosa. Do outro lado da rua, reparei que tinha um daqueles cartazes grandões, amarelos, com o

busto de Jesus, que são sempre e periodicamente recolados, no mesmo lugar. No muro do cemitério, foi escrito “Reforma o caralho” e “Golpe é guerra”.

Chegou a notícia que o Largo da Batata estava cheio. Fiquei feliz. Soube depois que um forte contingente de motoboys se manifestou na Paulista.

Eram 17:15 quando nos adiantamos para checar a praça do Ciclista e usar o banheiro de algum boteco antes que a visão da passeata fizesse o estabelecimento fechar. Quando pagava a água com gás que comprei, o caixa disse “agora é que o bambu vai gemer!”. Um caveirão da PM estava estacionado na praça, com soldados mascarados e armados à volta. Passou uma bicicleta, uma espécie de triciclo com um bandeirão escrito “Tira a mão da minha velhice. Fora canalhas! Diretas Já!”.

Descemos a Paulista um pouco mais para checar de longe alguma manifestação que tivesse sobrado. Logo encontramos a passeata do PSTU vindo em nossa direção. Mas, ao invés de buscar descer a Rebouças, a passeata deu a volta à altura da Bela Cintra e retornava no sentido Paraíso. Achei bizarro e pensei que estavam a boicotar a concentração no Largo da Batata, o que seria ridículo. Mas parece que foram ao escritório da Presidência e depois desceram à Batata.

Olhei os cartazes e faixas: “Onde estiver o poder haverá resistência”, “Reforma não, revolução sim!”. Vi bandeiras do PSTU, da CSP-Conlutas, CGTB e uma do Brasil. Conteí por cima umas duas ou três mil pessoas. Três balões da CSP flutuavam sobre o carro de som, que carregava estridente orador. Eram 17:25h e quatro helicópteros sobrevoavam a região. Vi um casal de velhinhos. A companheira E me disse outro dia que são antigos anarquistas, mãe e filho, e que sempre comparecem às manifestações autonomistas que passem pela região da Paulista.

Retornamos à Consolação e nos reunimos aos autonomistas, já quase na passarela da Rebouças. Passamos por um hostel muito bizarro. Chama-se Okupe, e traz pintado nos muros retratos de Frida Khalo, Ayrton Senna, e de Mandela com Michael Jackson. Vi um cartaz amarrado ao poste “Mãe Oxum. Faz ótima amarração de seu amor”. Seguia um número de telefone e “Pagamento após resultado”. Pichação: “Fora Temer machista”, e, bem mais para baixo, o meu ainda favorito “House of Caraglio”.

Descemos até a avenida Brasil, com as seguintes palavras de ordem, dentre outras: “Ei, polícia, maconha é uma delícia!”

“Chega de chacina, eu quero o fim da PM assassina!” “Poder, poder, poder para o povo, pra fazer um mundo novo!” Eram 18h e temi perder a saída do povo do Largo da Batata, pois a passeata avançava meio lenta. Cortamos então pela rua Pinheiros em marcha acelerada, deixando os anarquistas para trás. Vários restaurantes estavam abertos, mas a rua estava no geral estava vazia.

Chegamos ao Largo em pouco tempo, e deu para ver imediatamente que estava muito cheio. A sensação de potencial desperdiçado se evaporou quando vi a multidão reunida e feliz, num dia em que não havia transporte público. O carro de som estava perto da saída da estação Faria Lima, mas tinha tanta gente em volta que só foi possível contornar por trás do bicicletário. Tentei contar, mas foi impossível avaliar. O carro de som falou em 70 mil, mas uma conta mais realista teria dado umas 50 mil. Só uma foto no El Pais Brasil deu conta da grandeza do ato, foi muito bom.

Dei uma olhada em volta e tentei identificar grupos e organizações lá presentes. Vi balões do SINPRO, APEOESP, Intersindical. Muita faixa de assentamento do MTST: Chico Mendes, Palestina etc. Vi bandeiras ou faixas do PCB, Faísca, MRT, Nossa Classe, POR4, da Frente Povo Sem Medo, da Frente Brasil Popular, CMP (moradia), MST, MTST, Pão e Rosas, LPS Luta Pelo socialismo, Unidade Classista, uma colorida LGBT, Pcdob, PCR, PSOL, UNIAFRO, uma negra e vermelha, uma do PT e outra da CUT. Vi um bandeira do Levante Popular da Juventude e seu batuque também. T disse que viu o pessoal da Frente Única da Cultura, mas não o Arrastão dos Blocos. O povo da dança sim, que movimentava seus corpos no Largo. Vi camisetas com “Fora Temer golpista. Globosta”. Cartazes com “Livre negociação não”, “Os corruptos não decidirão nosso futuro”, e também o estandarte laranja do coletivo RUA: “Fora Temer! Em defesa de nosso futuro”.

Em um canto da massa tinha um lugar onde era possível tirar fotos com uma cartolina onde um furo tinha sido rasgado. A pessoa enfiava a cara ali e se deixava fotografar com a face cercada dos dizeres: “Selfie politizado. Fora Temer!”. Li no chão, pichado, os dizeres “Coloque o seu ódio do PT na gaveta e Veja o que sobra”.

Uns moços começaram a brigar e temi pelo tumulto que isso poderia gerar. Tentei separar, tentando avaliar se era briga política ou pessoal. Rolou que era pessoal, e no fim se socaram e eu desisti.

Falaram alguns oradores no carro, entre eles o Boulos: “O recado foi dado! Greve no sambódromo? Ao redor do pato inflável? Não! Reclamam que a manifestação atrapalha? Atrapalha mesmo, que aguentem!”. Emendou que este era “o maior ato do país hoje”.

Vimos a faixa se posicionar para sair e também nos colocamos na via de saída. Eram 19h. Encontrei S, CN, S – que se revelou ser a mãe do M, a M e depois o próprio T. Ao começarmos a caminhar, S me contou um pouco sobre o impacto da reforma das leis do trabalho sobre o Judiciário Trabalhista. Parte dos procuradores, mais progressistas, estão a alertar que as reformas trabalhistas não são assim tão simples. Íamos na frente da faixa para fugir ao alcance do carro de som.

Seguimos com a multidão ao longo da Pedrosa de Moraes e chegamos ao Habibs. Essa rede é bem canalha, não só no modo como trata seus funcionários (e sua comida apenas tolerável), mas também pelo fato de ter apoiado o golpe com a campanha “Fome de mudança” e “Quero meu país de volta”, em 2016. Um dos impressos que publicou trazia a mensagem “O Brasil parou e nem é carnaval”, uma mensagem curiosamente atual nesse dia 28 de abril. O dono da empresa posou com uma bandeira do Brasil, para a revista Istoé Dinheiro, se posicionando contra o governo Dilma. Mas os seguranças de uma loja Habib’s agrediram recentemente o menor de idade João Vítor, que veio a falecer por causa dos ferimentos recebidos. Há um vídeo. A multidão, e depois o carro de som, puxou o canto “Habib’s golpista e assassino! João Vítor presente, hoje e sempre!”.

Vi passar L e L dos Jornalistas Livres, e também o Lindbergh Farias, que foi instado a segurar uma faixa que dizia “Contra o fechamento da farmácia popular no Brasil”, para uma foto. O Suplicy falou no carro. Outro locutor informou que havia 6 manifestantes detidos hoje. Vi um boneco vampiro, muito bom. Nessa hora veio me cumprimentar A, que é do Nova Pasta, um coletivo de arte que conheci nos anos 2000. Não lembrava dele e fui meio genérico. Vi uma bandeira do Brasil. Vi uma faixa “As cadeias estão lotadas e os bandidos estão soltos”. Uma camiseta: “A Petrobrás é nossa”. Duas palavras de ordem, entre muitas, repetidas:

“Temer, seu safado, você já é aposentado!”

“Temer, salafrário, tira a mão do meu salário!” Nessa hora o som anunciou: “Atenção, o Carlos perdeu o celular, e também o senador Lindbergh Farias. Quem achar por favor trazer ao carro de som”.

Eram 19:35h quando finalmente chegamos à Praça Panamericana. No geral detesto esse percurso até a casa do Temer – o caminho é longo, residencial, vazio, escuro, ermo e sem nenhum impacto sobre a cidade. Hoje achei que a personalização do presidente fazia sentido, mas lembrei que, uma vez que chegássemos ao nosso destino, nada mais restaria

senão percorrer de novo a pé todo o longo caminho até a Batata, açoitado pela polícia, ao longo do único acesso que é a avenida Pedroso de Moraes.

Na praça, vi o piloto do drone que nos sobrevoava. Vi o Suplicy caminhar entre nós, a todo o momento solicitado para fotos e beijos. Vi um manifestante com uma camisa da CBF e ainda uma bandeira colorida do LGBT. Caminhamos mais ainda até a Praça Pero Vaz, onde o carro de som parou. Virando à esquerda e, percorrendo um quarteirão, chegava-se à grade da polícia que impedia o acesso à praça Conde de Barcelos, que é onde reside Temer.

O Boulos dizia que iam encerrar o ato lá mesmo na avenida Fonseca de Rodrigues, que é a continuação da Pedroso de Moraes depois da Panamericana. Mas parte da multidão escorria pelos lados e foi até a grade da Conde de Barcelos. Na hora achei covardia da direção do MTST, que não foi até o fim. Mas depois da repressão, achei que o carro de som fora bem posicionado, e, principalmente, a direção não desautorizou o tensionamento junto à grade, o que às vezes é o caso.

Seguimos até a grade e notei que havia duas viaturas e duas fileiras de soldados de escudos, com uns 10 soldados em cada uma, atrás do gradil. O povo chegou em massa e ficou entoando palavras de ordem, entre elas a “Deixa passar, a revolta popular!”. Muitas vezes esse canto precede confronto, mas nem o povo rompia o cerco nem a PM atacava. Alguém lançou um rojão na direção da praça, aumentando a tensão em muitos graus. Mas não houve reação. A coisa toda durou uns 20 minutos, e parecia arrefecer. Encontrei B, M e J, que disse que a base estava a desobedecer a direção e que isso era bom. Saímos de perto de uma árvore e ficamos encostados em um muro, ainda rente às grades, de modo a evitar o fluxo principal de corpos tropeçantes se houvesse agressão e corre-corre.

O povo cantou de muito “Fora Temer!”, “Pisa ligeiro, pisa ligeiro, SNPCAFNAOF!” e “Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM!”, e ainda a nova “Policial, vem pra cá, se você quer se aposentar!”.

Eram 20h quando chegaram umas 10 viaturas com mais de 20 soldados na praça atrás das grades. Era claro que ia ter ataque policial. Dito e feito: 5 bombas foram lançadas contra a multidão, e também gás lacrimogênio. O povo saiu fora correndo, mas não em pânico total. Foi possível caminhar correndinho e retornar para a praça, onde havia árvores que nos protegiam. A tropa se posicionou em frente às grades, onde estivéramos, e depois de um pouco começou a atirar. Conteí mais 5 detonações e pelo menos três bombas de gás. Tinha manifestante que ia enfrentar, e tocavam fogo no lixo ou em folhas de palmeira que repousavam no chão. Vi uma bandeira negra com o A anarquista e vários mascarados indo



para a linha de frente. Um deles vestia um moletom escrito St. Pauli. Outro maluco tinha trazido sua cuíca e enchia a praça escura com seu som dolente.

O carro de som encerrou o ato, mas também pediu resistência. T me contou que grupos de Sem Teto se protegiam junto ao carro, e que foi possível ir saindo fora organizadamente. Depois de mais 5 detonações e mais gás, a coluna avança, varrendo a praça. Dois rojões lançados do lado libertário estouraram sobre a linha policial.

Fomos saindo da praça e atravessamos a avenida, incertos de onde ir. Acabamos por tomar a Dr Alberto Seabra, que é travessa da avenida Fonseca de Rodrigues. Conteí mais dez detonações. Viramos à direita na rua Alberto Faria e seguimos até a São Gualter, e por fim alcançar a Praça Panamericana na altura do Pão de Açúcar.

Eram 20:45h e o cheiro de gás era muito forte na praça. Vimos uma agência Drive Through do Itaú destruída. Tentamos sintonizar M e aguardamos junto ao mercado.

Depois da varredura principal, que é ordeira e rigidamente coreografada, tem a fase da caça e agressão, onde as unidades policiais têm liberdade de buscar e agredir manifestantes aleatoriamente. R, que veio de bike e ficou mais atrás da passeata, relatou depois como viu as motos da ROCAM saírem motivadas à agressão. Ele contou como viu o caveirão da PM, que é um castelo sobre rodas, abafar uma pequena barricada de lixo em chamas. Relatou que viu o veículo se aproximar, esguichar água por baixo do carro em cima do fogo e também soltar uma espuma que corria pelas rodas até o chão. Essa espuma acabou por se transformar em bolhas de sabão e ganhar o ar da avenida. Por fim, uma pá mecânica apareceu que retirou o entulho restante do asfalto.

Percorremos a Pedroso de volta ao Largo. Vimos muitas vidraças quebradas, incluindo pelo menos dois bancos perto do Habibs. A vidraça desse restaurante foi pichada, mas estava inteira. Notei as pichações “Mate seu patrão” e várias pilhas de lixo queimando ao longo do caminho. Uma viatura da PM, estacionada, escondia um soldado que às vezes atirava bombas em passantes. Vimos uma repórter ser hostilizada por manifestantes indignados. O cheiro de gás era muito forte em vários momentos.

Chegando mais próximos ao Largo, muitos jovens gritavam “Fora Temer!” e um deles insistia que devíamos andar pela rua e não pela calçada, mesmo que alguns carros já percorressem as vias. Acabamos envolvidos por jovens de no máximo 20 anos que formavam uma corrente, lado a lado, de braços dados, bloqueando a passagem dos carros atrás. Eles estavam muito energizados e gritavam palavras de ordem e saltitavam excitados

pela avenida. Meus pobres pezinhos já pediam arrego, mas saltitei eu também, de braço dado com energética adolescente.

O Largo estava cheio de gente e as baladas de luz neon e karaokê de forró da avenida estavam lotados e em plena atividade. Vimos uns meninos quebrar as vidraças da agência do Bradesco na esquina com o finzinho da Cardeal que chega na Euzébio Matoso até a frente ao Shopping Eldorado. Buscamos um bar para tomar uma e sentar, e achamos um desses caidões na margem esquerda da Batata. Tomamos várias com um anarco-sindicalista com quem discutimos os méritos e deméritos da ação direta individual.

A certa altura chegou um caveirão que fazia chover sobre o Largo um enorme jato de pimenta. Bombas de gás e de concussão fizeram correr toda a multidão de umas mil pessoas para fora do Largo. Atiradores, em pelo menos duas colunas de 20 soldados, completaram o serviço. O boteco onde estávamos baixou a porta de alumínio por alguns minutos. Depois, tudo passou. Vimos na tela da TV a ação dos ciclistas na avenida Paulista, que ocorria naquele momento.

Sáímos às 22:45h e notamos que já havia trabalhadores no Bradesco recolhendo os estilhaços. Conversamos com eles e nos contaram que eles são de uma empresa que limpa e põe um tapume na agência, imediatamente após a destruição. Mas o vidro novo só chegaria em uma semana. Disseram que no centro é pior, toda hora tem que consertar vidraça. Perguntamos se eles eram funcionários do banco, mas disseram que não, eram terceirizados. R comentou que era contra isso precisamente que se protestava ao quebrar as vidraças. O funcionário sorriu e disse “pois é, não adianta mais ser pacífico, né?”.

Tomei o metrô na estação Faria Lima e fui para casa.

**29 de abril – Repercussões da Greve Geral** As análises no geral são boas da greve, que realmente foi nacional e paralisou muitas capitais e cidades menores. Foi um super ponto positivo para o campo popular e demonstra força. Foi notável a amplitude do arco que se dedicou ao movimento, desde a Igreja Católica até os anarquistas. A sensação foi que as reivindicações saíram do âmbito mais restrito do Não Vai Ter Golpe e movimento sindical para ganhar outros apoiadores. A classe média vê agora que a corrupção é generalizada e não criação do PT, e que o golpe destruiu a condição de assalariado. A grande imprensa nacional se portou da maneira mais escrota possível, e tenta diminuir a greve. Até a ombudsman da Folha criticou a posição editorial da Folha e da imprensa em geral.

Outros acontecimentos: a polícia invadiu o sindicato dos bancários sem ordem judicial. Tem foto. Em Goiânia, o estudante Mateus Ferreira foi agredido com um cassetete no rosto por um PM, descrito na folha de São Paulo com “homem com farda de PM”. Mateus foi para a UTI e está em coma. Repercute muito a pesquisa da DataFolha. Dentre outras sondagens, Lula está na frente em quase todos os cenários possíveis. A Veja fez enquete online na sexta sobre a greve geral. Deu apoio à greve em mais de 80%, para embaraço da revista que atacara o movimento paredista em seu editorial. O juiz Moro confiscou presentes de Lula. Sondagem da FGV revela que a greve geral foi o item mais comentado na história da internet no Brasil. Repercute a repressão aos indígenas protestando em Brasília. O desmonte da Funai e seu loteamento político é escandaloso. Um ataque a índios por homens brancos armados, ruralistas, no Norte do País. Projeto de lei do presidente da bancada ruralista, deputado Nilson Leitão (PSDB-MT), permite que as empresas não paguem seus funcionários apenas com salário, mas também mediante “remuneração de qualquer espécie”, como oferta de moradia e alimentação: escravidão além da metáfora.

Três militantes do MTST foram presos sob falsas acusações.

Rodou pela internet um apanhado de manchetes da mídia internacional sobre a greve geral, contrastadas com a mídia nacional:

Reuters: “Cities paralyzed by nationwide strike against austerity” Al-Jazeera “Anti-Temer strike paralyzes major cities in Brazil”.

Deutsche Welle: “Brazil braces for nationwide strike demonstrations” BBC: “Brazil hit by first general strike in two decades” Wall Street Journal: “Brazil General Strike Disrupts Transportation” France 24h: “Le Brésil paralysé par une grève générale contre l’austérité” El País: “Una huelga general desafía las reformas del Gobierno brasileño” O Globo: “Greve não terá impacto na reforma da Previdência, avalia Planalto” Folha: “Greve é fracasso na avaliação do governo”



Fui a **CURITIBA** acompanhar a concentração em defesa de **LULA**. Vazaram os



EU TENTAVA ESCREVER O **SONHO** QUE TINHA ACABADO DE TER. ALGO SINISTRO IMPEDIA MINHA MÃO DE MARCAR O PAPEL QUE EU SEGURAVA ANGUSTIADO. FIQUEI MINUTOS ASSIM, DE MÃO **TORTA** COM O ESFORÇO, ATÉ QUE PERCEBI ESTAR NUM SONHO. ACORDEI E **ESCREVI** TUDO NO CADERNINHO, IMEDIATAMENTE, AINDA NO ESCURO. MAS, DE MANHÃ, NÃO ENTENDI NADA DO GARRANCHO RESULTANTE E **ESQUECI** TUDO.



áudios da **JBS** com grande repercussão. Grande manifestação em **BRASÍLIA**

## **1 de maio – Atos pela cidade**

Entrei a pé na Paulista à altura da Praça Oswaldo Cruz às 12h. Cheguei cedo para ver se havia alguma tensão no ar. A prefeitura tinha proibido o ato da CUT na avenida, mas o sindicato conseguira uma liminar de um outro juiz e ficou o impasse. A última que ouvira era que chegou-se a um acordo. O ato mesmo era na República mas haveria concentração com carro de som na Paulista, e depois passeata pela Consolação.

Deu para ver imediatamente um grupo de pessoas na esquina da praça, entrando na Paulista. Eram umas 100 pessoas decoradas com umas 50 bandeiras e três balões da CTB. Eram da SEDIN, que é do sindicato dos trabalhadores da educação infantil. Mais perto de mim, uns 7 jovens com bandeira do Pcdob e da UJS.

O povo da educação começou a caminhar e juntei-me a eles. Iam animados e deram a impressão (equivocada) de que a avenida já estava em festa. De qualquer forma, seguimos pela avenida com muitas palavras de ordem:

“Vagabundo é o Doria!”

“Temer seu safado, você já é aposentado!”

“CTB, a luta é pra valer!”

“Eu tô na rua, na resistência, contra a reforma da Previdência” “Vem, vem, vem pra rua vem, contra a Reforma!”

A faixa da frente fazia ler: “Resistência e luta na defesa dos direitos sociais e trabalhistas”. À frente desta, 8 pessoas vestidas de diferentes profissões: gari, músico, enfermeira, empregada, executivo, e encanador, dando um ar levemente erótico à passeata. A maioria dos manifestantes vestia um avental leve com a mensagem “SEDIN na luta, Temer jamais”. Um homem trazia um cartaz às costas: “Esperando a aposentadoria aos 77 anos”. Vi uma camisa do Corinthians entre os manifestantes. Vi o fotógrafo R, mas ele não me viu.

A passeata vai removendo os cones que estavam na pista da direita, deixando-os de lado. No relógio luminoso, a mensagem “#sempreSenna, Herói do Brasil”.

A avenida estava fechada para o feriado, e havia o fluxo normal dos pedestres e ciclistas. Algumas pessoas comemoravam e aplaudiam, mas outros não. A passeata em si tinha uma estreita maioria de mulheres, e o “etnômetro” acusava mais negros e negras, entre 25 e 35 anos mais ou menos.



Chegando à esquina da Brigadeiro, já era possível ver os balões vermelhos em frente ao MASP. Em frente a Gazeta, um menino de uns 7 anos brincava sobre a saída de ar do metrô. O ar quente fazia subir pedaços de pano vermelho que o menino jogava ao ar. Ao pé do duto de ventilação, no concreto, vi pichado: “Luta mulher”.

Ao avançarmos, passamos por um homem que demonstrava suas habilidades no cálculo matemático. Tinha uma lousa branca com uma calculadora montada na calçada. Uma mulher manifestante gritou para ele: “Faz o cálculo direitinho aí, não tem rombo na Previdência não”. Os moços e moças que faziam bolhas de sabão imensas na calçada comemoraram nossa presença e um deles veio encher bolas brilhantes em frente a passeata.

Na frente da FIESP, passamos ao lado de 4 garis parados junto a seus instrumentos de trabalho. Traziam o rosto inescrutável, fechado. Mas outra mulher mais adiante sorria e comemorava.

Chegando ao MASP, vi pouca gente e estranhei. Era cedo ainda, mas não tinha carro de som nem aglomeração. Havia um som móvel, onde um homem informou que a concentração mesmo era na altura da Haddock Lobo. Mesmo assim, no local tinha 12 balões: Sindicato dos Bancários, dos Químicos, SEESP (enfermeiros), mais bandeiras dos movimentos de moradia MMPT e MMC. Vi uma faixa “Pelo retorno da democracia, pois sem liberdade nada se cria. Fora Temer, fora golpistas”.

Segui pela avenida em direção à Consolação e passei pelo homem deficiente que se locomove em um carrinho baixo movido por uma manivela. Um cartaz informava “Preciso muito de sua ajuda. Qualquer quantia será bem-vinda. Deus te ajude”. Perto da calçada, 7 militantes com avental do CTB tiravam uma selfie com o moço que toca um violino elétrico – a canção que executava era “Ana Julia”.

Na esquina da Augusta tinha duas faixas: “Derrotar o golpe, anular o impeachment. PCO” e “Partido da Causa Operária. Revolução, governo operário e socialismo. #Fora Temer e Congresso Nacional”

Cheguei na esquina da Haddock Lobo e vi um grande carro de som da CUT. Havia balões da CTB, APEOESP, CUT, Frente Brasil Popular, Intersindical. Apesar da música que o carro irradiava – Buena Vista social Club – um grupo da Juventude do PT tocava sua percussão. Uma moça do batuque trazia a bandeira colorida do LGBT aos ombros. Vi bandeiras da CUT, CMP, Frente Brasil Sem Medo, camisetas da Juventude e Revolução, ULCM e JPT.



Achei tudo chato e vazio. O contraste com a energia da Greve Geral era muito grande. Apesar de esperado que o dia fosse menos enérgico que a sexta dia 28, tinha pouca paciência com o formato dominante, uniforme e uniformizado. Além disso, a CUT recuou no embate com a Prefeitura. Doria havia proibido a manifestação na Paulista. Houve acordo e a central fez uma concentração na avenida e o show na República, saindo em passeata pela Consolação. Depois de sexta, teria sido o caso de enfrentar o prefeito.

O amigo E tinha informado pelo telefone que tinha “uns punks no Municipal”, isto é, um ato anarquista na escadaria do Teatro. Fui checar. Tomei um ônibus na Consolação e notei uma pichação “Vagabundo é quem não luta”, ao lado de um A anarquista.

Na Xavier de Toledo, vi que um cartaz que trazia “Unir as esquerdas”. Era assinado pelo PT e estava colado em cima daquele vermelho do Território Livre que pedia a prisão de Lula. Em frente ao Teatro, quase ninguém. Um ou outro moço de preto, mas nada visivelmente político. Achei um cartaz colado num poste, chamando aquela manifestação. Trazia algumas imagens clássicas do anarquismo do início do século XX, meio Art Nouveau.

Em frente ao Teatro, havia um calhambeque dourado, com motorista, um coroa branco e uma mulher, como ele, de certa idade. As pessoas vinham olhar e fotografar, e, quando dois curiosos embarcaram no automóvel e este saiu em passeio tocando sua buzina (a rigor, o nome específico é *klaxon*), não pude deixar de lembrar da expressão “taxi-partido”. A figura se referia aos infinitos rachas de partidos marxistas, particularmente trotskistas, que geravam partidos e facções que literalmente cabem dentro de um táxi. Assim me pareceu a manifestação que não via. Havia mais gente no calhambeque do coxinha que a celebrar o Primeiro de Maio anarco-punk. Fui alertado depois que essa manifestação fora chamada às pressas na última hora, e por isso não bombou.

Saí para a Praça da República, sem checar a Sé onde, depois fiquei sabendo, ocorreu a concentração e ato das esquerdas não-cutistas, isto é, PSOL e (no ano passado) e MTST. Lá na República, os dois carros de som já estavam lá, mas, ao invés de trabalhadores, vi uns 100 PMs concentrados, de boina.

Peguei um Jardim Boa Vista para voltar à Paulista. Eu fora avisado por E que a CET dificultava o ato na Paulista e resolvi voltar imediatamente e ver o que se passava. Eram 13:45h quando cheguei na Praça do Ciclista. Nada de excepcional. Avancei até o carro de som da CUT na Haddock ao som do axé do Ilê. Uns cartazes escritos à mão, presos à grade na praça, traziam: “Sangue na veia sim, sangue na via não”, “Ciclovía é vida” e “Ciclorrota é

derrota”. Referiam-se à proposta de Doria de substituir as ciclovias pelas ciclorrotas, onde as bikes compartilham o espaço com os veículos.

Achei que a frente do carro estava agora mais cheio, tipo umas mil ou 2 mil pessoas. Fui até a esquina da Augusta e encontrei R, que me contou que a CET não deixara um carro de som da CUT entrar na avenida, mas nada mais além disso. Vimos o moço do MBL, que tem o canal no youtube “Mamãe Falei”. Ele entrevista pessoas em manifestações de esquerda e faz pegadinhas para humilhar e desmoralizar, não distante do que faz o Castor num contexto autonomista. O coxinha vinha acompanhado de dois seguranças, que fontes autonomistas depois identificaram cabalmente como neonazistas. Ele veio filmar eu e R, mas viramos a cara e recusamos engajamento. Ele fica sempre perto da PM e corre para as suas saias quando é confrontado. O carro de som tocava o axé do “Faraó”, da Banda Mel.

Segui em direção do Paraíso, e notei a faixa “Nenhum direito a menos” da Ação Petista. Vi uma camiseta da UJR, do PCR, do MIVM, UP, da Marcha Mundial de Mulheres, do PSOL e também outra da Ação Petista: “Lula já! Com Constituinte pra mudar”. Vi bandeiras do Movimento Luta de Classes, do Balaio e uma da Dilma. Tinha uma banca da Petrobrás, que vendia camisetas. O vermelho do Bradesco nos guarda-sóis das ciclovias dava a impressão que toda a avenida era tomada de trabalhadores, mas não era o caso. Um senhor trazia um cartaz: “Hoje sou um dos aposentados pelo INSS. Amanhã poderá ser você.”

Voltei para a Bela Cintra e vi o Wagner da CUT e Boulos do MTST, envolvidos por uma apertada roda de jornalistas, na calçada. Guilherme falou dos presos políticos do MTST, detidos durante a Greve Geral. Chegou E e fomos checar a Praça dos Arcos, no fim da Paulista. A Fanfarrinha Clandestina ia tocar lá. Chegamos e achamos umas 25 pessoas. Uma faixa negra no chão trazia “Greve Geral até o fim do capital”. Estava lá E que me atualizou de eventos no dia 28, a partir do ponto de vista autonomista. Ficamos um pouco e ouvimos “Bella Ciao”, “When the saints” e outros clássicos da luta internacional.

Eram 16h quando saiu a passeata da Paulista. Acorremos à esquina da Consolação e nos juntamos, eu, E e R. Na dúvida se descíamos com eles, fomos persuadidos pela presença das mulheres do Ilú Obá, que saíam à frente com seu batuque. Vi junto um grupo do MST e outros movimentos populares, que procuravam como nós se afastar do carro de som. Vi o S dos JL, um grupo da Consulta Popular, um homem com chapéu de cangaceiro, e uma moça com a camiseta “Lute como uma mina”. O ambulante gritava “água, cerveja e Fora Temer!”. Um cartaz trazia “Doria riquinho, esnobe e demagogo. Fora Doria”. Vi uma bandeira do

Brasil, um do Espírito Santo e um homem da rua que carregava um cobertor e tinha uma mochila com o brasão da Prefeitura de Barueri. No muro, “Doria inimigo da cidade”.

À altura do cemitério, vimos um carro parado e o discurso do orador se radicalizava. Parece que ocorreu o seguinte: proibidos de mover o carro de som da Paulista para a República, a CUT subiu um carro pela Consolação para acompanhar a passeata a partir lá de cima. Mas a PM bloqueou o carro, sequestrando as chaves e documentos do veículo, trancando o motorista para fora. A tensão aumentou e depois de certa hesitação a passeata seguiu, mas invadindo a via que sobe, então aberta para o trânsito. “Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM!” foi muito cantado. No muro do cemitério, estava pichado “Rafael Braga Livre”.

Em frente ao Mackenzie, ainda na Consolação, uma mulher desafiava a massa com um pixulequinho do Lula. A galera ficou irada e xingava muito. Já no cruzamento da Maria Antônia, um grupo de uns 20 anarquistas, ao redor do panão preto do gato branco que tinha visto no dia 28, provocavam os manifestantes: “nem coxinha nem PT, trabalhador, estamos com você!”. Achei muito delicada essa provocação, já que a passeata acabava de ser atacada pela PM.

Chegamos à Praça da República pela Ipiranga e não ficamos para ver os shows. Fomos até a São João e achamos um bar de esquina. Tomamos várias enquanto escurecia o fim de dia paulistano. Ouvíamos o som do show, ao longe.

Tomei o metrô e fui para casa.

### **3 de abril – Pipocam violências**

STF deu liberdade José Dirceu, preso ilegalmente sem provas, em primeira instância. Derrota para Moro. Gilmar Mendes desempatou o voto, indicando que a facção Mendes/Temer/PSDB ganhou um tento contra Janto/Moro/Dallagnol/Evangélicos/Coxinhas. O fato relaxa a pressão que pode ser exercida pelos procuradores em cima daqueles presos preventivamente, como Cunha e Pallocci.

O companheiro do Al Jannah, Hasan, foi preso na Paulista ontem durante um ato contra a nova Lei de Migração, de Aloísio Nunes. A história não está totalmente clara no momento. Alguns dos manifestantes vestiam camisetas pela intervenção militar e de apoio a Bolsonaro. A PM chegou e prendeu os migrantes. Site Direita São Paulo divulgou

transmissão de dentro da delegacia, onde militantes de extrema-direita são testemunhas contra os companheiros. O mesmo site está em polvorosa contra a libertação de José Dirceu. Em outro vídeo um moço afirma que dois apoiadores lá fora foram presos como agressores, e tiveram que provar que não estiveram na manifestação.

Agora à noite pode ser que um levante coxinha esteja em andamento. Tem que ficar esperto nas ruas. A temperatura vai subir agora que os coxinhos vão ficar muito putos com o abafamento da Lava Jato, que chega nos tucanos.

Agentes penitenciários do Brasil inteiro ocuparam o prédio do Ministério da Justiça, em BSB, pela equiparação de sua aposentadoria com os casos especiais da PM. Talvez tenham percebido que a direita (PSDB/PMDB/Temer/Mendes/FHC) estão agora numas de desinflar a Lava Jato e vão tentar um levante geral.

Aécio Neves (PSDB) depôs, nesta terça (2), na Polícia Federal sobre o esquema de corrupção em Furnas, sem alarde da grande mídia.

Repercute o caso dos índios atacados por ruralistas. O ministro da Justiça, Osmar Serraglio, afirmou que as vítimas não eram índios de verdade. Dois deles tiveram suas mãos decepadas. O ministro já recebeu mais de uma centena de ruralistas em reuniões, desde que tomou posse a 55 dias atrás. Um deputado do PT apresentou documentos históricos do século 18, pertencentes à Coroa Portuguesa, comprovando que os índios Gamela são os legítimos proprietários da área que hoje reivindicam no estado do Maranhão.

O Rio de Janeiro explode em um conflito descrito na imprensa como guerra de facções. Os ataques e queima de ônibus teriam sido motivadas por ação policial.

### **18 de abril – Conversa de refugiados**

Desci a 13 de maio a pé para ir ao Al Jannah: era o lançamento de um livro, o “Conversa de Refugiados”, que B. Brecht escreveu no exílio. Cheguei meio cedo e encontrei M, que participava da organização do evento. Encontrei S, que não via faz tempo. Ela disse que um ator que eu conhecia tinha ido a um país de que agora não me lembro, e disse que o adido cultural ‘seguia meu trabalho’. Não consegui imaginar o que poderia ser isso.

O livro é bem interessante, precisamente dois refugiados alemães que se encontram no exílio e conversam. Guerra, patriotismo, humor e desespero: tudo isso parece nos divertidos diálogos. Um ator e uma atriz leram trechos do livro ao microfone. “A ordem é o desperdício organizado”.

Encontrei um figura cujo pai vendia jogadores de futebol ao Japão. Ele estava aprendendo japonês.

Saí quando acabou a leitura e andei para casa.

#### **4 de maio – Jorra o arbítrio**

Lula consegue derrubar exigência de Moro de que esteja presente em todas as oitivas de testemunhas, o que fora exigido pelo juiz. A avaliação geral com a soltura de Dirceu é que tanto Cunha quanto Pallocci tinham delações por demais explosivas, envolvendo os bancos e judiciário, então a Lava Jato parece estar sendo contida. Repercute vídeo da GCM agredindo e humilhando morador de rua. A cena é horrível e vai ao encontro do relaxamento institucional que estamos vivendo. Policiais estão muito à vontade para agredir e atuar for de seus mandatos – e em consonância com o discurso do ódio adotado pelo Doria e tantos outros. A prefeitura lançou nlta condenando a ação. O site 247 deu que a prefeitura multou Dirceu pela má conservação da calçada em frente a consultoria do petista. Será possível?

Na TV do boteco, vejo o Datena dizer que “soltam o Dirceu, soltam a mulher do Cabral” e isso influencia o bandido comum que acha que pode cometer crimes sem medo de punição. Ele continua seu discurso fazendo a mesma aproximação com um estupro coletivo por três menores. Soltar o Dirceu “é bonito dizer que é tecnicamente legal”, mas é justo? Gritava ele na tela. Ele reiterou muito esta mensagem nos intervalos entre notícias de crimes escabrosos. A questão da primeira e segunda instâncias não são mencionados. O dinheiro do caixa 2 de políticos “pode com certeza” lavar dinheiro para o PCC e o Comando Vermelho.

Parece que o Gilmar Mendes foi escrachado por manifestantes que foram para a frente de seu instituto. O embate direita e seu filho cão raivoso a extrema direita est[a em curso. A base coxinha vai se sublevar, acho.

#### **5 de maio - Cryptorave**

Saí na estação Tiradentes do metrô para ir à Cryptorave deste ano. Choveu muito de repente e fiquei de pé encharcado. No vagão, notei na tela do monitor um anúncio da Banda dos Seguranças do Metrô. Dois Carecas uniformizados de preto, um deles de óculos escuros, tocavam um instrumento na fotografia que ilustrava algum evento. A humanização e heroicização de forças repressivas parece estar na moda.

O evento era na Casa do Povo, no Bom Retiro, uma antiga associação cujas origens remontam à esquerda judaica. O evento reúne um recorte muito interessante de programadores, ativistas e movimentos sociais. Vem gente de todo o Brasil, e, apesar da maioria ser jovem (20-30), há lugar para veteranos. Mas o tom é dado por quem é nativo da internet e das redes, especialmente aqueles que não são apenas usuários do Facebook ou Whatsapp, mas que tentam compreender e mapear as redes com um viés libertário. Nem super conheço este ambiente, mas sei que a discussão está muito além do ciber-utopismo, e questões urgentes da vigilância, da privacidade, liberdade na sociedade digitalizada e aprimoramento dos movimentos sociais são tópicos ardentes. Não se coloca muito o recorte esquerda/direita, mas há uma crítica implícita e por vezes explícita do Estado, como também das corporações e do capitalismo como um todo. Snowden e Assange são, de forma geral, deste ambiente. As pessoas na Cryptorave estavam extremamente sensíveis aos acontecimentos atuais, mas tendem a tomar um viés mais de longo prazo, onde a alternância de administrações governistas não decanta necessariamente em conquistas estruturais.

Encontrei muito conhecidos e amigos, G, M, J, HP, E, R, E e outros, mas a maioria eu nunca tinha visto, o que eu achei bom. Grande parte era de mulheres, e o “etnômetro” não acusava predominantemente o homem jovem branco de classe média, o que poderia ser esperado num ambiente “geek” ou “techie”.

Cheguei a tempo da palestra keynote. M colou e nos contou um pouco das movimentações da luta indígena em Brasília, das manifestações reprimidas, do ataque e mutilação, e também da exoneração do diretor da Funai, que, apesar de pastor e da cota partidária da base aliada de Temer, pelo menos obstruiu as pressões ruralistas – e por isso foi defenestrado.

James Bamford fez sua fala, e mostrou em termos gerais como opera a NSA, mostrando alguns slides confidenciais liberados por Snowden. Ele mostrou como a NSA espiona o Brasil e toda a América Latina (e o mundo), dentro da política de coletar toda a informação de todo o fluxo global para depois analisar e detectar ameaças reais ou supostas. Eles escutam qualquer aparato, em qualquer lugar e em qualquer lugar do mundo, incluindo celulares, todos os e-mails, todas as buscas do youtube. Contou que foi a Brasília durante o governo Dilma e a convenceu a tomar certas medidas de proteção, como por exemplo construir um cabo submarino de fibra óptica que liga o Brasil a Lisboa, ao invés de continuar usando o cabo que leva a Miami, que carrega todo o fluxo informacional da América do Sul, e onde é coletada e analisada. Mostrou como grandes eventos como a Copa



do Mundo e as Olimpíadas são usadas pela NSA para implantar spyware que permanece após o evento, o que dá acesso a todas as comunicações de presidentes e funcionários federais [*e assim podem assessorar a Lava Jato*]. Comentou como, apesar de suas promessas, esse aparato todo não impediu o 11 de Setembro, o atentado a Boston e na real falhou miseravelmente em prever e prevenir qualquer ataque terrorista nos EUA. Disse que o NSA rotineiramente usa esse aparato para monitorar e escutar comunicações de cidadãos americanos, o que é ilegal.

No saguão conversei com esta ativista americana que está a trabalhar com um coletivo brasileiro, no Rio. Ela disse que eles coletam e publicam vídeos de abuso policial. Ela relatou que, apesar dos governos do Rio e São Paulo terem adquirido sistemas de vigilância muito caros e complexos, não há pessoal treinado suficiente para fazê-los funcionarem a contento. Mas ela revelou que é normal que policiais retirem informações do sistema, que também espiona o Facebook, e, fora do expediente, saem achacando e ameaçando pessoas. Além disso, é normal que PMs criem perfis falsos no facebook, onde buscam associar ativistas ao crime organizado, postando fotos de traficantes nos supostos perfis.

Ela contou também que o diagnóstico geral de que os confrontos de rua vão aumentar muito, e que isso já está a acontecer nos EUA. Disse que grupos fascistas pegam avião para concentrar em áreas liberais (de esquerda) e promover motins de rua.

Numa mesa de bar próxima ao evento rolou uma conversa acerca de sonhos. Eu disse que venho sonhando muito, no último ano, com multidões, conflagrações e cenários complexos de embate. Ela disse que ela também, além de sua filha de 4 anos. Essa moça contou como um pesquisador coletou relatos de sonhos das pessoas na Europa logo antes da Segunda Guerra Mundial. Parece que então as pessoas também sonhavam um monte com luta e conflagração. Talvez estejamos de alguma forma sonhando o futuro próximo no Brasil também. Recentemente R achou e me passou o filme “Nervos”, alemão de 1919. O filme é muito maluco, falando de uma sociedade esgarçada psicologicamente que se desfaz em assassinatos e motins de rua.

De volta à Cryptorave, uma fala de R e G tentou pensar uma espécie de turismo permanente no Brasil hostil. Questionaram de quanto vale a criptografia em aparatos eletrônicos, tal como proposto por Bamford, quando se tem uma arma de um policial apontada para a cabeça, exigindo a senha de acesso ao celular. Discorreram sobre muitos aspectos do ambiente hostil que deve prevalecer no Brasil, no futuro próximo. Mas insistiram também numa atitude de não-entrevamento, de recusar a lógica do sacrifício.

Saí com HP à 1 da manhã para rua e tomei um taxi para casa.

### **Buraco no Diário 6**

**Todas as pessoas à minha volta estão desesperançadas, deprimidas ou com medo. Eu tenho tido sonhos estranhíssimos, sempre muita gente, de novo casas e quartos cheios de gente, rua e conflito. Parece que o confronto final está se desenhando, e nenhum cenário adiante é positivo. Somente o presente indefinido e incerto ainda não encerra toda a dor e sangue que o futuro promete. Nos últimos dias tenho sido separado do mundo por um véu pesado. Difícil realizar qualquer coisa com horizonte além de duas semanas. A concentração está dispersa e o coração oprimido. A tensão é de baixa vibração, mas está insuportável e parece que as pessoas vão se aliviar com o desastre, que pelo menos virá acabar om a incerteza do momento. Li que a Primeira Guerra foi celebrada com alívio e alegria pelas pessoas, que não mais suportavam a lenta morte da Belle Epoque.**

### **6 de maio - Marcha da Maconha**

Vim da Consolação e fui ao MASP para a Marcha da Maconha. Eram 16hs e cheguei ao museu. Vi uma bela multidão, umas 5 mil pessoas. Os manifestantes já ocupavam uma via da avenida, e a faixa de trás do ato era a de abertura do ano passado: “Fogo na bomba e paz na quebrada. A maconha é mato e o Estado mata. Se a gente se unir, a guerra às drogas vai cair”. Encontrei E e observamos o entorno. Vi jovens de 15 a 30 mais ou menos. É notável que a Marcha da Maconha consiga mobilizar um perfil que todas as forças de esquerda disputam mas não conseguem trazer às ruas: o jovem de periferia. Muita meninada da quebrada, manos e minas, em grandes números. O clima era de descontração e segurança, e muita gente consumia maconha, desxavando e acendendo grandes baseados com desenvoltura. Vi algumas barracas em baixo do prédio do MASP, vendendo panos, acessórios, comida e bebida. Alguns ambulantes vendiam cerveja, brigadeiros espaciais e água. Muitos skatistas e várias bicicletas. Um moço do MPL veio cumprimentar e conversamos um pouco. Passou o D, de trombone na mão, procurando a fanfarra com quem ia tocar.

Não tinha carro de som.

A certa altura, começou uma contagem regressiva em voz alta, culminando com o acendimento coletivo de inúmeros beques e aclamação geral. A Marcha saiu às 16:20h,

como programado. Deu para ver que tinha muita gente, na hora parecia mais de 15 mil. Mas muitos manifestantes iam ficando meio para trás e dos lados, dificultando a contagem.

Vi uma bandeira da Jamaica, outra negra com os dizeres “Legalize Já”, outra “É de lei”. Vi as faixas “Guerra às drogas? Racismo e repressão. Fim da PM. Legalização das drogas. Faísca”, e outra “Faísca, anticapitalismo e revolução”, e também “Sociedade 21. Era de Aquário. Pelo fim dos Cânticos Fundamentalistas”. Vi um rasta de camisa da CBF, um rapaz com a camisa do Corinthians, outro com uma do MST, ainda outro com uma camiseta negra “Esqueitistas da Fumaça”, um moço magro com chapéu de mago, e outro moço de agasalho do Coritiba F.C. Um outro jovem tinha feito uma grande folha de cannabis, de espuma, que vestia como uma enorme tiara. A moça a seu lado carregava um baseado gigante, de 1.5m. Vi pichado em um banco “A proibição é a pior droga”.

Esperamos um pouco e saímos quando o MASP esvaziava um pouco. Muita gente parecia ir ficando para trás ou pelos lados. Apesar de não ter um carro de som, alguns sound systems pequenos com música acompanhavam a marcha, quase sempre tocando um reggae. Uma mulher de uns 50 anos veio nos dizer que “Legal ter gente da nossa idade aqui!”. Vi um corpo fantasiado de gorila coroadado.

Saímos com a multidão. Vimos o Ivan Valente, acenamos e ele sorriu e acenou de volta. Vi cartazes com “Frita um bife e bate papo”, “A Craco resiste”, “Quando vão legalizar a vida do negro no Brasil?”, “Mateus 15 7-20” (chequei depois o capítulo 15 e ele de fato contém versículos interessantes: “O que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca”), “Libertem a Maria” e outro “Geladinho de caipirinha”. Um moço distribuía sedinhas da aLeda. Vi um maluco que tinha uma espécie de marionete cujas pernas eram as pernas do artista, e o rosto do boneco ficava na virilha, muito lisérgico. Ele foi muito fotografado.

Aquele trecho da manifestação estava meio silencioso, e dois moços gritavam, reclamando: “Vamos acordar, tá todo mundo triste!”. A partir da FIESP, caminhamos mais para a frente da passeata e ouvi as palavras de ordem: “Ei, ROCAM, eu conheço a tua irmã” e “Ei, polícia, maconha é uma delícia!”, para os policiais nas motocicletas, e ainda “Chega de prensado, eu quero plantar meu próprio baseado”.

Encontramos J caminhado à altura do McDonald’s, que viera a São Paulo para Cryptorave.

Vi uma camiseta “Não me enrole que eu não sou seus becks”. Vi o estandarte do Bloco Feminista, outro que trazia “Ventre Livre, Cabeça Feita”, o Bonde do Rafael Braga e batuque, e as faixas “Nenhum jardineiro preso”, “Pelo fim do encarceramento em massa”,

“Cultive seus direitos. Associação de Cannabis Saúde”. Vi uma bandeira da Marcha Mundial de Mulheres. Vi uma camisa da CBF e outra do Palmeiras.

Chegamos à frente do ato. A faixa de abertura trazia “Quebre as correntes, plante as sementes”. Um saxofonista fantasiado de super-herói de lycra colorida tocava seu instrumento à frente da faixa. Quando o ato passou em frente a academia Smartfit, três homens bombados filmavam a marcha a partir da janelona do primeiro andar. A galera percebeu e mandou “Marombeiro, também é maconheiro!”. Depois “1,2,3,4,5 mil, vamos legalizar a maconha no Brasil!”.

Paramos na esquina da Brigadeiro para observar melhor a torrente que começava a descer a avenida em direção ao centro. Deu para ver que estava muito grande, não parava de passar gente. Avaliamos em pelo menos 30 mil pessoas, talvez 40 mil. Da esquina, vimos passar cartazes como “abaixo os lobistas da indústria farmacêutica”, “Quem usa não abusa, e quem não usa não acusa”. Passaram duas baterias em batuque e uma faixa “Legaliza a cura. Rio Claro SP”.

Eu e E fomos muito fotografados, certamente como prova da extensão etária do ato. Tinha muito adolescente. Passaram e pararam para conversar R e M, além do fotógrafo R e C com seu trompete. Vimos o Capilé. Não havia praticamente polícia, só as motos adiante do ato. O clima era de total relaxamento e alegria.

Eram 17:30h quando seguimos com a rabeira da passeata. Vi penduradas no viaduto da 13 de Maio duas faixas: “Bucetas Ingovernáveis” e “Pelo fim das grades”. Vi uma bandeira LGBT nos ombros de uma moça, uma camiseta cicloativista, as faixas “Legalize. Luana Barbosa presente” “LBGTS pela legalização. RUA”.

Fomos descendo a avenida lotada em direção à frente do ato. Vi a fotógrafa A, a Fanfarra do MAL/Clandestina, e um homem da rua que, de sacola preta com latas nas mãos, entoava também “legaliza!”. Agora mais à frente, o pessoal estava ainda animado e cantava:

“Foi a UPP, que matou a Cláudia, Amarildo e o BG!” “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!” “Ei, ROCAM, eu fumo é de manhã!”

“Que coincidência, não tem polícia, não tem violência!” E um rápido “Fora Temer!”

Eram 18:15h quando chegamos ao pé da Brigadeiro, perto do Serviço Funerário Municipal. O destino do ato era a Praça da Sé. Observamos a avenida lotada e seguimos adiante.

Na Sé, achamos um boteco de esquina com excelente visão da escadaria e, tomando uma Boazinha, vimos o pessoal chegar e encher a praça. A polícia estava presente em números

baixíssimos, e a praça tomou ares de balada. O som do reggae dominava o ambiente, vindo de várias fontes. Não teve discurso final nem carro de som, mas muita conversa. Muitos ainda fumavam livremente no espaço seguro que se formara. A faixa “Bucetas Ingovernáveis” estava amarrada na porta central da catedral, muito bem enquadrada pelo arco gótico que fecha em cunha. Percorremos o espaço e conversamos com L, que foi uma das organizadoras. Falamos de como jovens de periferia têm ocorrido às Marchas. Ela contou como a organização não proibia nenhuma mensagem, mas que cantavam palavras de ordem libertárias por cima de eventuais “Fora Temer!” que irromperam.

Eram 21:30h quando tomei o metrô na Sé. No vagão da linha azul, vi um moço que escrevia em um caderninho. Vi o título “Lucienne – Marcelo”. Perguntei o que era, mostrando a minha caderneta, e ele disse que escrevia ficção. Disse que escrevia muito no transporte público, pois seus pais separados e namorada moravam em lugares distintos e distantes da cidade. Contou que estava a escrever um grande romance.

Desci na estação Paraíso e fui para casa.

## **7 de maio**

Vi no youtube uma propaganda da Chevrolet que homenageia quem “leva o país nas costas”, o agronegócio. Ataca quem “aponta o dedo” e, na imagem, acusa aqueles que falam de desmatamento.

Vi vários vídeos da direita e extrema-direita comemorando o interrogatório do Lula, incluindo o Revoltados Online e o Villas. O nível do ódio é extremo.

## **9 de maio – Depoimento de Lula: passeata em Curitiba**

Desci na estação Tietê para chegar à rodoviária e tomar um ônibus rumo a Curitiba. Na plataforma, a tela que anunciava os horários e destinos de cada ônibus na baía tinha também um grande espaço para notícias. No tempo em que passei ali sentado, vi uma notícia positiva do Doria e duas negativas do Lula, mais ou menos a cada cinco minutos. Depois da desconfortável viagem, cheguei à Rodoviária de Curitiba às 15:30h. Ao estacionar, duas senhoras de Curitiba começaram a descascar os “vagabundos” do PT e da esquerda. A palavra “vagabundo” tem aparecido muito em xingamentos políticos a partir da direita. Lembro-me que, na ditadura, durante minha infância e adolescência, a expressão “parasita” era muito usada, especialmente “parasita social”. Mas na plataforma vi duas mulheres de lenços vermelhos ao pescoço e jeitão de petistas.

Estava acomodado meio perto do centro, não longe da Rodoviária, mas não conhecia quase nada da cidade. Achei que ia topar com grupos de militantes com bandeiras em grandes números, mas não foi o caso. Tinha a programação da Frente Brasil Popular, mas não consegui estabelecer onde as pessoas estariam reunidas. Na casa onde eu estava, vimos na internet que a polícia estava fechando certos acessos. FK me contou que ele tinha visto lá pertinho uma ordem unida do exército, com uns 800 soldados, ontem. Contaram-me que o Paraná tem tradição de forte repressão. O atual prefeito parece que, como parte de uma campanha passada, deu à polícia o poder de aplicar o bafômetro em pedestres, que então ganhavam pulseiras coloridas compulsórias conforme seu grau de alcoolização!

Achei que tudo o que eu via aqui em Curitiba era uma grande coreografia, das duas partes: a ninguém interessava um embate, e a FBP e o PT quase nunca confrontam o poder. O governo precisa ser visto mobilizando equipamento e barrando as mobilizações, e a Frente precisa ser vista fazendo auê. Mas o depoimento de Lula deve transcorrer em tranquilidade.

Dei um giro pela cidade a partir das 17h. Andei muito, perseguindo alguma aglomeração. Busquei o Centro Cívico, que eu achava ser um edifício ou lugar específico. Perguntei a uma mulher onde era, e ela disse “Centro Cívico é tudo aqui em volta”, isto é, é o bairro. “Onde você vai?”, ela perguntou. “Er, ao acampamento do PT?”, respondi. Ela torceu a boca e deu ombros. Perguntei a um taxista onde havia acampamento e ele me falou que estavam na Rodoviária, de onde eu tinha vindo.

Andei tudo de volta, e, aproveitei para tentar remarcar minha passagem para São Paulo. Eu estava numa fila e um funcionário da Rodoviária passou dizendo que “os ônibus vão mudar o trajeto porque o pessoal está saindo em passeata”. Perguntei onde estavam e ele falou “lá atrás”. Andei um montão ainda até chegar no acampamento do MST. Achei uma brecha numa grade e peguei a passeata saindo. Juntei-me a eles. Caminhamos pelo lado da grade do terreno onde estavam acampados: muitas barracas e ônibus. Achei que tinha umas 5 mil pessoas. Carregavam bandeiras do MST, da FBP e também tochas. O ar cheirava a querosene.

Já estava escuro quando contornamos o galpão do Correio, tendo à nossa direita a fábrica “Swedish Match”. A passeata era arranjada em 3 filas longas indianas, organizadas por militantes que tinham aventais vermelhos com o escrito “Disciplina MST”. Apesar do formato rígido, as pessoas a meu lado conversavam e riam como que numa excursão de escola. A maioria parecia ser militante de assentamento, homens e mulheres de uns 20-30. Vi um senhor com sua bicicleta e bandeira LGBT aos ombros. Tinha muitos fotógrafos e



jornalistas orbitando à roda das colunas. Passaram dois jovens com uma bandeira da UJS aos ombros.

Fiquei um tempo na fila e depois resolvi sair para ver a frente do ato.

O povo cantava palavras de ordem, a princípio meio desanimados: “Sem feminismo, não há socialismo!”

“MST, a luta é pra valer!”

“Se a gente não planta, a cidade não janta!”

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro, SNPCAFNAOF!”

“Pátria livre, venceremos!”

“Fora Temer!”

“Lutar, construir, a reforma agrária popular!”

“Lula, guerreiro, do povo brasileiro!”

Havia pouca polícia e notei algumas pichações pelo caminho: “Pula a catraca!”

“É justo se rebelar”

“Que os ricos paguem pela crise”

“Fora Temer!”

“A luta das mulheres vai além do seu papo de Don Juan” Uma faixa na grade de uma igreja: “Oração das mil ave-marias. Dia 13 maio. 13Hs” Cruzamos a 7 de Setembro e quase na esquina notei um grupo de sete moças de pé no portão de uma casa, achei que pudessem ser prostitutas. Elas não reagiram à passeata. Havia também gente às janelas e nos pontos de ônibus, que nesta cidade são tubos de acrílico. Ouviam mudos os gritos de “o povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”. Muitos lojistas à porta de seus estabelecimentos olhavam, sérios.

Tinha chegado à frente do ato, e uma faixa estava virada para a calçada: “Trabalhador unido por terra, teto e trabalho”. Outra trazia “Diretas Já!”, e ainda outra “#Foratemer”, onde a letra O era o logo da Globo. O povo da frente cantava “se o povo se unir, a burguesia não vai resistir” e “a verdade é dura, a Rede Globo apoiou a ditadura!”. Também:

“Fala, Baiana, fala mais alto, desce do morro e ocupa o planalto!”.

Notei um maluco na bicicleta com um volante de carro e uma placa: “UBER. 0,50 centavos o KM”.

Já no centro, mais gente vinha celebrar a passeata: a moça de sorriso encantado, o casal na mesa de plástico vermelha e outros. Notei nessa hora um escritório de advogados com a mais bizarra fachada: o lugar se chamava Advocacia Tributária, mas o A inicial fora encerrado dentro de um círculo, à maneira anarquista. Além disso, uma bandeira do Brasil foi pintada em preto e branco, dando ao arranjo o improvável look de um escritório Black Block.

Viramos à direita na Marechal Floriano e ganhamos a praça Tiradentes. Já havia um povo lá, umas 600 pessoas, que acendeu quando chegamos. A passeata fez a volta olímpica na praça, sob o aplauso da multidão, estacionando na escadaria da catedral. Estava programado um ato inter-religioso.

Olhei em volta. Achei que eram homens e mulheres de uns 30-40 anos, mas tinha também um expressivo grupo de velhos militantes, tipo de uns 50-60 anos. Muitos tinham camisetas com “Somos todos contra o fim da aposentadoria” e outra trazia “Defender a Petrobrás é defender o Brasil”. Vi uma bandeira LGBT, uma do PT, outra do Pcdob, do Levante Popular da Juventude (com um grupo de jovens, de 15-20 anos). Encontrei os blogueiros R e MF. Eles me atualizaram sobre as notícias. Contaram do fechamento do Instituto Lula, e também que Janot tinha pedido o impeachment de Gilmar Mendes (na verdade o impedimento era só no caso de Eike Batista). Também que o Congresso estava a votar a Previdência e que Brasília estava sob estado de sítio. O senador Requião teria sido impedido de chegar ao Congresso. “Tem um cheiro super forte de AI-5 no ar”, completou MF.

A essa hora tinha umas 5 ou 6 mil pessoas. O pequeno palco abrigava uma banda, que agora cantava “Caminhando e cantando”. O clima geral era relaxado e alegre. Vi bandeiras da Frente da Resistência Democrática e outra do Brasil, uma camiseta “Mexeu com Lula mexeu comigo”, “não ao trabalho infantil” e outra da Força Sindical “Campanha Salarial 2016-2017 Força Paraná”, um cartaz “Juiz parcial nem pra gandula serve” e um estandarte “Fora Temer!” em pano colorido. Uma oradora, a certa altura, falou do Rafael Braga.

Um jovem moço negro, o D, veio falar comigo e perguntou o que eu estava escrevendo. Disse que era blogueiro, e ele se animou e ofereceu o seu perfil. Disse que era militante petista de Brasília e que estava na reconstrução do partido na capital. Afirmou que fora o artífice do processo que “juntou os anarquistas com a CUT” na cidade. Perguntei da Greve

Geral e ele disse que a cidade foi ocupada por forças policiais e militares, mas que conseguiram fazer muitos piquetes e bloqueios.

Eram 21h, eu estava meio triste e não fiquei para ver o ato inter-religioso. Dei um giro pelo entorno e vi umas 4 viaturas e uns 20 soldados da PM. Vi numa calçada transversal uma fila de latões de lixo sobre rodas. Os garis que os operavam estavam sentados nos portais, comendo seu lanche, quietos. Entrei num restaurante popular, cujo proprietário era chinês e que tinha música ao vivo. Depois de pedir um PF, percebi que o lugar era um prostíbulo. A comida era honesta e o feijão tinha um leve bafo de gengibre.

Tomei um táxi e fui para casa.

### **10 de maio – Grande ato em Curitiba**

Levantei depois de um sono cheio de sonhos muito loucos. Dei uma checada nas notícias e vi alguns incidentes sobre os quais soube mais no correr do dia. Resolvi não ir ao acampamento primeiro, mas sim tomar um café na rua e ir ao encontro dos blogueiros no centro. Julguei que lá teria acesso às novidades da hora. Sabia que duas manifestações estavam marcadas, uma da FBP e outra de coxinhas, mas não sabia bem onde.

Saí para a rua às 8h e dobrei na rua Marechal Deodoro, que levava diretamente ao centro. Buscava algum café ou lugar de lanches onde tivesse tomada, internet, uma tela de TV e um bom café. Depois de andar muito e não achar nenhum estabelecimento desse tipo, entendi que no fundo buscava uma padaria paulistana. Acabei achando uma doceria árabe onde a única tomada ficava no alto, fora do alcance de meu cabo. Escrevi um pouco mas não havia internet.

Na rua passou o blogueiro R, que ia ao Sindicato dos Engenheiros, onde ocorreria o debate/conversa dos blogueiros pela liberdade de imprensa. Ele acenou e disse que estava a caminho. Na praça em frente, a Santos Andrade, ia ocorrer a manifestação esquerdista. Tinha trombado com o local meio sem querer.

O palco já estava montado e havia mesmo uma banda passando o som. Tocavam o Calisbento, do Milton Nascimento. Já tinha umas 150 pessoas, algumas bandeiras do PT e do Brasil, e 2 balões da CUT “estacionados”. Deu 10:15h e fui checar a “Conversa entre jornalistas, blogueiros e comunicadores”, organizado pelo Barão de Itararé. Subi, só, os 22 andares e entrei no auditório. Enquanto esperava, ouvi algumas conversas e falei eu mesmo com algumas pessoas.

Fiquei sabendo que Lula já estava na cidade, acompanhado de várias pessoas do partido. Também que o acampamento do MST fora atacado por rojões morteiros durante a noite. Alguém falou que eram uns 80 direitistas, que, a partir de certa distância, alvejaram os Sem-Terra. Falou-se muito da presença policial pela cidade e perto do acampamento. Fiquei sabendo que a manifestação anti-Lula seria no Museu Niemeyer, conhecido como o Museu do Olho.

Lá de cima dava para ver os movimentos chegando à praça, que era bem à vista. O evento mesmo só começou mais de 11h, e tinha um total de umas 80 pessoas. A maioria tinha de uns 45-60 anos, além de um punhado de jovens de 20-30. Uma moça do PT pediu que reproduzíssemos um cartaz com #lulaeuconfio. “O feed dos coxinhas está na frente e precisamos ultrapassar. Eles têm 520 robôs e precisamos compensar”, ela pediu. Uma mulher tinha uma camiseta vermelha com “A jararaca está viva”.

A conversa toda foi meio muito rápida e eu não vi tudo, estava carregando o computador na sala ao lado. Estavam presentes a Laura Capriglione, o Rovai, a Maria Frô, o Capilé, um moço da Carta Capital e Eduardo Guimarães. Laura foi otimista e na energia da Greve Geral, mas Maria Frô foi pessimista e catastrofista. Capilé insistiu no ativismo otimista, na luta das redes e na idéia de que a curva de indignação com a situação geral (Temer) está aumentando. O moço da Carta Capital disse que não adianta ficar demonizando a Globo se não se constrói alternativa. Não dá para “amar quem se odeia”, isto é, assinar a Folha e se indignar com suas posições. Falou também que todo o político que hoje fala mal da Globo, se eleito em 2018, vai primeiro nessa mesma emissora dar declaração. O Eduardo Guimarães, discorreu sobre as semelhanças do processo atual com o crescimento do fascismo na Alemanha. Já outro moço, R, deu uma nota mais urgente dizendo que “já tem luta na rua”, e relatou de embates com carecas. Pediu uma Frente Única contra o Fascismo.

Uma senhora do lado de fora do auditório estava indignada com o evento, dizendo que “a esquerda fica discutindo o próprio umbigo. Qual é o sentido deste evento em um dia como esse?”. Vi com ela, em seu celular, a chegada de Lula no prédio da Justiça Federal. Estava cercado da bancada parlamentar do PT mais Dilma e outros apoiadores.

O presidente da CUT Wagner chegou e fez uma breve fala com os presentes. Os blogueiros na real estavam loucos para ir para a rua, mas ficaram com ele um pouco mais. Eu descii antes e chequei a praça.

Já estava cheinho, chutaria umas 10 mil pessoas de todas idades e tipos: sem-teto, sem-terra, sindicalistas, professores, ativistas, jovens, batuqueiros, bancários... O orador ao microfone discursava enquanto eu olhava em volta.

Vi as faixas “Militância do Espírito Santo em defesa do Estado de Direito”; “Lula Preso no Coração do Povo”, “Todo apoio a Lula”, “O Sindimetal de Pernambuco contra a terceirização e precarização do trabalho. Reaja!”, “Quero votar para presidente. Fora Temer! UJS” e “Lula 2018”. Uma faixa vermelha trazia “Partido da Causa Operária. Revolução, Governo Operário e Socialismo”. Outra faixa grande trazia “Basta de convicção, queremos provas”. Mais atrás do povo, numa grade, as faixas “Michel Temer traidor (judas). Golpista sujo. Sua hora vai chegar NADP”, “Aécio golpista, devolva o dinheiro de Furnas. NADP”, “Sou de Curitiba, recebo com amor os visitantes. Sejam bem-vindos. Trabalhadores e trabalhadoras do Paraná” e “Juizes de merda, Tucanalha. NADP”, com os rostos de Gilmar Mendes e Moro.

Vi bandeiras da CUT, PT, Pcdob, várias coloridas do LGBT, Juventude do PT, PCO, UJS, UNE, UBES, FRD Frente de Resistência Democrática, União dos Movimentos Populares, CMP, uma ou duas brasileiras, aos ombros ou desfraldada, “Somos fortes, somos CUT”, “Mulheres do PT”, “MNCR Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis”, “FETEC Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito”. Vi também o estandarte do “Coletivo Pan-Africano. Unidade Africana”.

Vi seis balões da CUT. Vi camisetas do “Gran Polo Patriota” com a efígie de Chaves, uma do Fidel, outra com o rosto de Lula “O cara está voltando”, “Reforma da Previdência é golpe”, duas “Não vai ter golpe”(!). Vi uma camisa do Corinthians.

Vi cartazes como “Se é luta, quem é o juiz?”, “Já viu juiz inimigo do réu?”, “Sérgio Moro seu abestado, não foi o Lula que roubou o Banestado”, “Dilma volta!”

Vi duas batucadas, uma da Juventude do MST e outra da UJS (esta com jovens de 15 a 20 anos), bem animadas. Tinha uma barraca “Terceirização tem limites”. Um carrinho: “Pipoca. Bastante bacon. Bastante coco”.

Benedita da Silva falou, pedindo Diretas Já, e também o Vicentinho e muitos ativistas de movimentos. Fiquei um tempo, e achei a festa boa, o número de pessoas razoável. Tinha já entendido que não haveria concentração perto do tribunal, e que seria aquilo até a provável visita de Lula. Não haveria confronto nem encontro de torcidas. Entendi que seria aquilo mesmo, sem maiores surpresas até a tarde.

O clima não era tenso, mas a atitude era de resistência. Então era também de reiteração e defesa, nenhuma elaboração mais interessante. O PT e seus militantes estão habitualmente nesse lugar da repetição. Reconheci, no correr desta visita a Curitiba, muitas posições e argumentos que giram à roda do PT atualmente: pânico, melancolia, defesa aguerrida, certa solidão – além de vontade de luta e uma sensação que certa travessia precisa ser feita. A incerteza reina, mas a defesa de Lula é um ponto bem marcado no quadro geral de indefinições. Não senti a cidade receptiva, e nada ali existia fora da bolha petista. Sabia também que a luta principal será nas redes sociais, da interpretação e edição dos vazamentos que certamente tomará a internet a partir de hoje. Restava esperar.

Decidi ir encontrar a manifestação coxinha, preenchendo as horas que faltavam. Eram umas 14:30h quando comecei a caminhar em direção ao Museu do Olho. Ainda no centro, um trio de tiozinhos fala alto “Bando de ladrão safado!”, referindo-se aos manifestantes. No caminho encontro o blogueiro R, a quem pergunto se algum site de direita ia irradiar ao vivo o depoimento. Disse “eles não ousariam”.

Tomei o caminho até o Centro Cívico e perguntei pelo museu. Acabei por achar o lugar. De fato, o pixuleco estava armado lá, rodeado de umas 120 pessoas. Eram homens e mulheres, entre 30 e 60, mas poucos de 40. Achei que era o perfil coxinha clássico. As falas ao microfone eram duras, e notei que quase todos os carros buzonavam ao passar pela frente. Um moço negro e alto tinha duas máscaras do Lula zumbi, uma de cada lado de seu rosto. Vi muitas bandeiras do Brasil e o verde-amarelo predominava. O pixuleco estava meio torto mas imponente: Lula presidiário com bola de ferro, onde ia escrito “Passando o Brasil a limpo”. Atrás do boneco, “PT nunca mais” e “Movimento Brasil”.

“Cambada de vagabundos, querem implantar o comunismo no Brasil”. Esse tom anticomunista é bem caro à certa extrema-direita. Algumas forças da direita já abandonaram esse discurso em favor do discurso mais geral da moralidade e da anticorrupção. Mas eles não.

Alguns cartazes: “Lava Jato, eu apóio” e “Não mexa com as 10 medidas”. Um barbante trazia pendurados moletons onde se lia “Moro República de Curitiba”, e também pixulecos pequenos de inflar. Uma faixa “Resistência Popular SM. Estamos atentos” e “Lula, a República de Curitiba te espera de grades abertas”, “SOS FFAA”, “Fora seu bosta, basta!”. Outro: “Sem foro, sem choro... com Moro”.

As camisetas tinham mensagens como “Caçador de corruptos” e “Meu partido é o Brasil”. Um adesivo afirmava “PQP STF”.



Os oradores se revezavam ao microfone. Um dizia “o socialismo só dá certo na prisão: todo mundo come a mesma coisa e dorme na mesma cela”. “Quero perguntar aos juristas do PT, aqueles juristas da USP e da Federal daqui, por quê foram presos o Pallocci, o Vaccari e o Dirceu?”. “Estamos aqui desde 3 da manhã, isto é, aqueles que podem, pois os outros estão trabalhando”. “Prefiro ser coxinha honesto que mortadela corrupta, estragada”. “Eles são os parasitas da sociedade”. “O silêncio é dos bois, vamos fazer barulho!”. “Lula é a personificação do mal”. “Polícia Federal, orgulho nacional”, “

As palavras de ordem eram mais interessantes: “Se vem bater, vai apanhar, porque você vai arregar!”, “Viva a PM”, “Aha, uhu, o Brasil é nosso!”, “Nossa bandeira, jamais será vermelha!”, “Lula cachaceiro, devolve o meu dinheiro!”. “Lula, vai morar no caveirão!”. “Moro, Moro!”.

Garoava já há quase uma hora. Uma senhora parou do outro lado da calçada com um megafone e começou pregar: “Esta chuva está lavando o coração dos patriotas e do povo brasileiro”, “Lutem para acabar com os sindicatos e a CUT”. Ela trazia um cartaz “Sem recuar, sem cair, sem Temer. Apoiamos a Lava Jato. Somos todos Moro”.

Fiquei quase uma hora e cansei da reiteração e agressividade. Entendi que não ia aumentar nem eles tinham acesso ao depoimento. Saí quando começaram a cantar “Chora petista, bolivariano, a roubalheira do PT está acabando...”.

Caminhei de volta, e no caminho fui parado por um moço que perguntava onde era o Tribunal. Disse ser um jornalista de outro estado e que não sabia onde era nada. Disse que eu também, mas dei a dica de onde estavam os coxinhas, dizendo a ele que não se incomodasse em ir ao Tribunal, pois estava tudo bloqueado. Notei que a rua onde estávamos se chamava Lysímaco Ferreira da Costa.

Cheguei na praça às 16h. Estava mais cheia. Anotei alguns novos cartazes e faixas: “Eldorado 100% Lula”, “Sindiágua MG FNU CUT – Federação Nacional dos Urbanitários”. Bandeiras da UNE e da UBES. A oradora, do Pcdob, falava do ‘envenenamento em massa’ realizado pela Rede Globo. Notei o maluco da bike-Uber pedalando na rua. A energia estava mais vibrante, a dúvida se Lula viria ou não ainda no ar.

Achei um café com tomada pertinho e fui escrever. Muita gente entrava e saía do pequeno estabelecimento. Ainda tinha pelo menos duas horas até o fim do ato, e nem era garantido que Lula viesse. Às 16:30h alguém na mesa ao lado disse que “O Moro acabou de perguntar e agora é o Ministério Público”. Ouvi que seus advogados o orientaram a não vir falar no ato, pelo perigo de configurar crime eleitoral (comício eleitoral). Houve uma discussão

acerca da dimensão política de não vir ao ato. Um pequeno tumulto ocorreu lá fora, mas era o vereador Suplicy que chegava. Na mesa ao lado sentou M, amigo de MO. Conversamos um pouco.

Saí às 18:30h para a praça. Estava bem cheio agora, e falava o Lindbergh Farias quando cheguei. Estava incendiado e fazia fala radical, para ele. Anotei novas mensagens e faixas. Uma bandeira dizia “Para Todos. Construindo um novo Brasil”. Faixa: “Tirem as mãos de Lula. Liberdade para Vaccari, Zé Dirceu e Pallocci. Ação Petista”, “Fora Temer, Moro. Volta Dilma, eleita pelo povo”. Vi a bandeirona do “Coletivo Democracia Corinthiana”, uma da APEOSEP e outra do PT Belford Roxo. Um cartaz: “Perigo, Rede Esgoto. Mente e aliena”. Vi uma bandeira amarela do Kizomba e o estandarte colorido Fora Temer de ontem. “Lula é meu amigo, mexeu com ele mexeu comigo”, uma faixa. Um cartaz trazia “A Lava Jato é partidária e destruidora de empregos”. Notei nesse momento que a estátua de bronze sobre o alto pedestal na praça, braço em riste, sustentava agora uma bandeira de plástico do Pcdob.

Boulos tomou o microfone e atacou a Globo: “logo eles vem falar de corrupção, eles que devem milhões à Previdência”. “Somos a favor da investigação da corrupção”, mas não da mentira. “Se um juiz num jogo de futebol veste a camisa de um dos times e vai marcar gol”, não vale. “Dizemos não à justiça seletiva”. Disse que o ato era um “espetáculo da resistência democrática” e que “estamos do lado certo da história”.

Depois de Boulos, uma das “animadoras” do ato anunciou que tinham conseguido que o #moroperseguelula chegasse ao quarto lugar mundial no tweeter. Pedia que as pessoas reforçassem para que se chegasse ao primeiro ou segundo lugares. Ela apresentou a próxima oradora dizendo que “se tem um bolsonaro na sala de aula, tem também muitas Anas Julias”. Disse que o vídeo dessa secundarista alcançou 12 milhões de acessos. Falou então a própria, e sua fala foi vibrante e inspiradora, cheia de mensagens de luta e de futuro, dizendo que “este ato é um recado para a burguesia do Brasil”. “O recado é que continuaremos a lutar todos os dias”. Vi nessa hora uns balõezinhos vermelhos em forma de coração. Ela foi muito aplaudida.

Falou o presidente do PCO, que disse haver 50 mil pessoas na praça. Não consegui contar, mas tinha bastante. Pela lei dos dois terços – os organizadores sempre vão aumentar em um terço os números – daria na real uns 30 mil, o que era bastante bom. Disse também “vamos por estes coxinhas pra correr”, e a multidão respondeu com um longo “Golpistas, fascistas, não passarão!”. Disse ainda “não queremos construir a revolução e o socialismo

sobre os escombros do PT”. Frisou muito a Greve Geral como ferramenta de mudança social.

Rui Falcão falou em seguida, dizendo que “todos esperamos notícias de Lula, mas as notícias são contraditórias. Ora é uma pausa, ora dizem que terminou.” “Eles querem cansar vocês e esvaziar o ato”.

Nessa hora notei que o grande edifício helenizante na frente do qual estávamos era a Universidade do Paraná. Invejei profundamente os universitários locais que vêm ao centro da cidade todos os dias. Em contraste, a localização da USP só pode ser comparada a uma laqueadura uterina ou vasectomia, cortando a relação dos estudantes com a cidade. Rui ainda disse que “a República de Curitiba está aqui, lá no tribunal está a Monarquia de Curitiba”. Ele recebeu um aplauso apenas morno, o que eu achei justo.

A locutora/animadora disse que Lula tinha terminado o depoimento e estava livre. A multidão pirou e puxou um “olê, olê olê olá. Lula, Lula!”. Falou em seguida o Stédile, cuja figura vejo sempre vejo como uma mistura de cientista vilão e professor alemão. Sua fala foi boa, achei. Afirmou que “Esta praça hoje é o vestiário da luta de classes”. Achei curiosíssimo. Ele completou: “Estamos no jogo trabalhador x burguesia, e estamos no vestiário. Aguardamos a chegada do treinador, que é o Lula”. “Precisamos desafiar o domínio do capital no Brasil”. Disse que ele e 500 pessoas acompanharam o Lula ao depoimento. Afirmou que avisaram a PF “respeitem o Lula, se não os 50 mil virão até aqui”. Disse que Temer deve renunciar e “ir à Miami, onde os filhos da puta do mundo vão”. A moça animadora falou ao seu ouvido e Stédile disse em seguida: “Fui corrigido: as prostitutas não têm nada a ver com isso! Corrijo e digo que Miami é o lugar que os canalhas de todo o mundo vão!”. Disse que estão a trabalhar em um plano de emergência para o Brasil.

“Ô Lula, eu vim aqui só pra te ver”, cantava a multidão na praça. Um helicóptero voava muito baixo. Falou em seguida o Wagner da CUT. Retive de sua fala a promessa de ocupar Brasília nos dias 17 e 24, e também a promessa de uma Greve Geral em Junho caso não berrassem as reformas.

Lá pelas 19h chegou a notícia que Lula estava a caminho, e a galera pirou. A locutora disse que o ato na praça já completara 8 horas de duração. Lá pelas 19:30h a presença de Lula era anunciada. O palco foi preparado (esvaziado).

Lula e Dilma chegaram ao palco, e a vibração foi geral. Muitos fogos, agitação e bandeira tremulando. O longo dia aflorava nesse instante, e o alívio de ver Lula em pessoa era

enorme. Para a sensibilidade que pira no modo “a última vez” - a última vez que ouço Lula ao vivo, a última vez em que é possível fazer um ato anti-governo, a última vez que será possível ser de esquerda em público – a energia era incrível. Eu frequentemente sou refém dessa sensibilidade.

O “Volta Dilma” foi muito entoadado. Eu acho essa pauta impossível e regressiva, mas no âmbito do PT ela existe e mobiliza. Muitos celulares ao alto nessa hora em que ela falava. Até que ela falou bem, apesar dos devaneios e pensamentos sem ponto final. Mas falou pouco e animou a galera, melhor que o Rui Falcão.

Aí falou Lula. É tedioso afirmar sua familiaridade com a fala pública. Demorou uns cinco minutos antes que pudesse falar de verdade: muitos fogos, tietagem e palavras de ordem. “Lula, guerreiro, do povo brasileiro”.

Começou agradecendo muito a solidariedade, e, na real, fez só isso em toda a sua fala. Frisou as 9 horas de ato deste dia. Entre outras coisas, relatou que disse ao Moro que o jornal Nacional produziu nos últimos 12 meses 18 horas de noticiário negativo sobre ele. Disse que “são 12 jogos de futebol entre o Barcelona e o Real Madrid”. No melhor estilo populista, afirmou que “a minha relação com vocês é de companheiros de luta”. Disse que, no depoimento, “eu achava que iam me mostrar alguma escritura, algum documento, algum recibo de pagamento meu, depois de 2 anos de investigação” que o ligasse ao apartamento no Guarujá. “Eu quero ser julgado por provas e não por suposições”. Reafirmou que “se tem um ser humano em busca da verdade, este ser humano sou eu”. “Se eu estiver mentido para vocês, eu quero que um ônibus venha e me atropеле”.

É notável que ele aposte tanto em público em sua total inocência. Bastaria uma prova cabal para esta relação do líder perseguido desabar. Ou Lula está desesperado e jogou o coringa que tinha na mão ou de fato é completamente inocente de ilegalidades *strictu sensu*.

Afirmou que está “com muita vontade ser candidato à presidência da República” - “mas quero só que me respeitem, como eu respeito a eles”.

O ato se encerrou com muito aplauso, fogos e gritaria. Já estava saindo fora quando ele tomou de novo a palavra e falou de Ana Júlia. Ele disse que ela havia afirmado a ele que ia se filiar ao PT por causa daquilo que vinham fazendo a ele. Lula disse que “você não precisa se filiar ao PT para eu gostar de você. Basta ser quem você é e fazer a sua luta”. Falou contra a Escola Sem Partido, propostas de “fascistas”.

Ela chorou muito e disse que este era um momento importante, etc, e que temos que construir uma educação pública de qualidade. Ela conseguiu articular um mínimo em uma situação de emoção. A imprensa cercou.

Saí fora e fui escrever num boteco meio sebooso. Tinha uma tela de TV e vi parte do Jornal Nacional. A matéria do dia foi canalha, pois só mostrava muita movimentação policial e também deu um close muito fechado na manifestação coxinha, isto é, mostrou uma única apessoa. O ato esquerdista da praça não teve imagem, e um mapa sacana dava a entender uma simetria das manifestações contra e a favor. Ao final da matéria, mostraram um repórter ao vivo que mostrou muito rapidamente a praça agora vazia. Espero que outra imprensa mostre as imagens impressionantes do ato.

A seguir, trechos do depoimento foram mostrados. Apesar do enquadramento desfavorável ao depoente, achei que seleção deles não teve nenhum impacto. Nada novo, só material para memes.

Três moças muito maquiadas me perguntaram se tinha ido tudo bem. Disse a elas que Lula estava livre. Eu as vi depois na rua, trabalhando e solicitando clientes, de pé na calçada. Internamente, desejei tudo de bom a elas e segui meu caminho.

Tomei um táxi e fui para casa, esperando poder voltar a São Paulo ainda hoje.

## **12 de maio – Cerco a Lula**

***Sonhei que estava dentro de um submarino nuclear, submerso. Inicialmente, estava com duas outras pessoas que acabaram morrendo, e seus corpos ficaram pelo chão. Fiquei sozinho muitos meses, e eu morei lá, até que a energia foi acabando e eu isolado lá dentro no escuro.***

As guerra das versões está em pleno andamento. Edições do depoimento de Lula estão nas redes e jornais. Uma avaliação parcial diria que não houve bala de prata e nenhuma prova, nova ou velha. Se o objetivo era humilhar Lula e desmoralizar a esquerda, falhou. Ele não foi preso. Foi possível selecionar falas fortes e boas de Lula, colocando a estratégia de defesa de forma contundente. Vê-lo impedir que Moro o interrompesse, uma vozinha off-screen contra a presença rouca de Lula, foi incrível para a torcida. O PIG buscou jogar que Lula colocou tudo na conta de Marisa, falecida, portanto fora do alcance da verificação. Até ontem, não havia muitas análises ainda, teve mais animação de torcida. Sei que os petitas e grande parte da esquerda está feliz com o resultado. Não que a condenação não seja quase certa, mas o custo político disso está aumentado, e também de uma possível prisão. Vi hoje

que as manchetes na banca de jornal dão que João Santana, o marqueteiro, afirma que Lula sabia de toda a propina. A celeridade deste novo episódio pode indicar que o depoimento não surtiu o efeito desejado pelo golpe.

Os depoimentos ainda sem provas dos marqueteiros Santana, liberados por Fachin, repercutem hoje. Petistas ainda estão na afirmação da vitória em Curitiba, e, de fato, nenhum veículo do PIG elogiou o juiz Moro. Tem um excelente cartum de Laerte a respeito do depoimento. Mas tenho certeza que na direita a versão é diferente. Parece que a Globo ou outro veículo disseminou vídeo onde intervenções gráficas sublinham supostos gestos que denotam mentiras de Lula.

Reinaldo Azevedo e Mainardi brigam por causa de opinião acerca do procedimento legal adotado no depoimento. A campanha contra Lula é tão grande que está depressivamente claro que eles só tem uma saída que é condenar Lula, seja qual for o procedimento necessário. Repercute a criminalização dos acadêmicos na CPI da funai – isso e o cercamento policial do Congresso para votação no dia do depoimento, tudo indica forte repressão por vir, vai espirrar em toda a esquerda. Parece que os surtos e irrupções autoritários estão cada vez mais frequentes. Gilmar Mendes e Celso Mello trocam insultos. Repercute a capa da Veja que traz Marisa e sua “dupla morte”. O PIG e nota dos procuradores repisam que Lula teria se escudado atrás de sua morte. Roda na internet que o magazine Marisa lançou campanha escrota surfando no ódio: “ a culpa não é da Marisa” diz a peça publicitária. Difícil saber se é verdade. Alguém assistiu todo o depoimento e contou as vezes que Lula e Moro citam Marisa: 90% das citações são do juiz.

Morreu Antonio Cândido.

Ocorreu um ciber-ataque em todo mundo, de proporções gigantescas. Parece que foram hackers que roubaram ferramentas digitais da NSA, que explorava esse defeito no Windows, que fazia seus sistemas vulneráveis a ataques. A NSA sabia e não avisou o Windows nem ninguém. Trump demitiu o chefe do FBI, Comey, para total surpresa do establishment americano.

### **13 de maio**

Vários eventos pela cidade relacionados à data, que é a da abolição da escravatura. Teve também uma marcha antifascista na Sé. Eu não fui em nenhuma.



O Globo diz que e-mail de Monica Santana seria suficiente para prender Dilma, o que foi pedido por Merval no Globo. Repercutiu nas redes o caso da babá de Temer, que ganha 5 mil como assessora do Gabinete de Informação.

### **15 de maio**

*Sonhei com muita gente, as multidões de 2013. Estava nas ruas no meio de um mar de pessoas, como a segunda-feira de junho, com gente também de coletivos de arte. Tinha também uma espécie de festival pop japonês, com atividades como cosplay e concurso de coreografia de grupo. No dia seguinte eu conferia o evento num jornal que era em japonês. Depois estava numa casa onde já morei, mas cujo jardim tinha inundado e a água formava uma torrente. Era forte mas eu não corria perigo.*

### **16 de maio – Atos antifa e fascista: confronto**

*Sonhei que estava no fim de um longo governo Temer. Eu estava em um apartamento e tinha um ataque de pânico que virava um surto psicótico. Eu sentia a ansiedade do começo aumentando, e quebrava o apartamento. Só quando tentava falar e pedir ajuda percebi que não conseguia articular nada, bem do jeito que acontece em sonhos. Mas compreendi que era um surto quando finalmente consegui articular as palavras de socorro ao telefone, mas a voz do outro lado não reagia como eu esperava, e parecia que estava a me manipular. Ela parecia saber aquilo pelo qual eu passava e jogava com isso, ficando em silêncio ou ficava perguntando coisas. Tinha um apartamento ao lado e corri para lá, onde tinha gente. Ao final eram amigos que me protegeram, e acabei por voltar a mim no meio deles. Dentre eles estava MO, que me disse “muito bom aquele Matisse”, que eu sabia de alguma forma ser este diário. Mas a voz ao telefone me perturbou muito. Acordei muito agitado e suado no meio da noite.*

Eram 18h quando saí na estação Brigadeiro para dois atos na Paulista: um antifascista e outro fascista. O movimento Direita São Paulo tinha chamado uma manifestação em frente a Casper Líbero contra a nova lei de imigração que está para ser aprovada. O ato antifa fora chamado para impedi-los de se reunir em frente a faculdade. Na semana passada, uma bomba foi lançada contra os direitistas, então achei que poderia ter confronto.

Passei primeiro pela Casper, mas vi muito pouca gente com cara de manifestante e caminhei até o Shopping Cidade de São Paulo, onde os fascistas estariam reunidos.

Chegando lá, vi uns 40 manifestantes com uma faixa, protegidos por uns 30 PMs. Nesse momento, achei que eram principalmente homens de 25-30, mais alguns de 50. Depois ficou mais diverso, incluindo um grupo de senhoras de 60-70 que chegaram depois.

A faixa principal do ato trazia “Por amor à Terra de Santa cruz, pela soberania nacional e proteção de nossas fronteiras, vamos defender o povo cristão desta nação”. Esse texto vinha acompanhado de um retrato de corpo inteiro de um cavaleiro Templário cruzado e era assinado pela Liga Cristã do Brasil. Mais tarde algum orador disse que essa organização foi fundada por um soldado libanês cristão, que “combatia o islã em seu país”. Várias bandeiras e muitas camisetas exibiam as cores e logo da liga. Outras muitas camisetas traziam “Direita São Paulo”. Vi umas 5 bandeiras do Brasil.

Um cartaz: “Cidadania não se negocia – Brasil em Primeiro lugar! #Veta Temer!”.

Um orador dizia ao microfone “Não precisamos de lei de imigração, precisamos de saúde, segurança e educação”. Afirmava também que “a definição de democracia aqui no Brasil é diferente lá no Oriente Médio”. Aí começou a tocar a cançoneta “Eu te amo meu Brasil”, que é dos anos 70 e que foi muito veiculada, uma espécie de hino da ditadura. A letra é meio bizarra, referindo-se também às mulheres brasileiras: “No carnaval os gringos querem vê-las, num colossal desfile multicolor. A mão de Deus abençoou, em terras brasileiras vou plantar amor”.

Fiquei mais um pouco e encontrei o fotógrafo R, que me contou da manifestação anarquista de ontem. Disse que foram umas mil pessoas, e que saíram em passeata a partir da Sé até a República pela Ipiranga, onde foram reprimidos após ação direta.

O orador chamou “um viva bem alto à PM do Brasil”. Depois disso, duas músicas foram irradiadas, cada uma de fonte diferente, sobrepondo-se no ar noturno de maneira muito curiosa. Uma era um rap contra os direitos humanos, na narrativa de que esquerdista defende bandido. Só que a outra era “Aquarela” de Toquinho, que é toda suave e fofinha. Saí de lá ao som desta colisão musical.

Dei uma checada na Gazeta e vi que tinha chegado mais gente. Um moço falava ao megafone: “Fora fascistas e bem-vindos refugiados no Brasil”. Recebi um manifesto do Núcleo Anarquista da USP. Eram uns 30 jovens, e uma coluna de 10 PMs com escudos estavam ao lado. Uns dois seguranças da Casper andavam por perto. Dois oficiais da PM vieram conversar com as meninas e meninos.

Nada acontecia e voltei à concentração fascista, às 19h. Tinha enchido um pouco mais, e as pessoas conversavam na calçada. Achei que tinha chegado um contingente de jovens fortes. Vi uma camiseta “Intervenção Militar Já – Vamos chamar as FFAA para limpar o Brasil”. Ouço uma conversa entre dois homens. Falavam da situação econômica e das “200 mil empresas que fecharam”. “Eles vão comprar todo o ferro, cadê a soberania?”.

Já o orador afirmava que “o pessoal muçulmano antifa quer vir pegar a gente, eles não se cansam de apanhar. Vamos fazer o cordão de isolamento aqui”.

Nessa hora passam duas moças adolescentes, de uns 13-14 anos, falando muito alto “Fora Temer!”. Elas passaram muito perto dos fascistas, sem perceber que a concentração não era de esquerda.

Alternei entre a Gazeta e os fascistas. Os anarquistas tiveram um pico de 60 pessoas. Uma oradora dizia que “o principal objetivo tinha sido atingido, que era impedir a presença dos fascistas aqui”.

Um homem que fumava lá perto veio me dizer “as besteiras que sou obrigado a ouvir...”. Não engajei e saí fora. Mas ele achou outro homem e eles riram muito do grupo de manifestantes. Notei que eles se vestiam de maneira quase idêntica: calça jeans, camisa listradinha clara, social formal, e mocassim. Fumavam.

Depois de um tempo, o ato anarquista se dispersou e não houve confronto. Entoaram ainda “Fascistas, fascistas, não passarão!”.

Já do lado coxinha o ato continuou, e os oradores se sucediam. Notei certas gradações de opinião na oposição à lei de imigração. Alguns eram francamente racistas e anti-islamistas, na linha da guerra de civilizações. Outros eram mais sensíveis ao papel da imigração na formação do brasileiro, dizendo que “não eram contra a imigração em si, mas só contra terroristas”. Apareceu muito um discurso contra o multiculturalismo e da supremacia necessária do cristianismo no Brasil. Um orador jovem dizia que “não somos xenófobos”, e que ele mesmo tinha sido imigrante em outro país. Disse que era contra os imigrantes “que vêm fazer algazarra e estuprar e matar”, os “black blocks e petistas com bandeira da Palestina”. “Não permitiremos que mentirosos esquerdistas, criminosos, venham aqui nos destruir”. Afirmou depois que o multiculturalismo e a imposição de culturas diferentes era ruim, pois a harmonização de culturas diferentes em um mesmo país demandava novas leis, e “quanto mais leis, mais Estado”. Disse que somos “ratinhos de laboratório de sua engenharia social”.

Vi uma camiseta “Bolsonaro presidente”. Um cartaz trazia “Legado do PT: não à islamização!”. Vi uma faixa “Marcha pela soberania nacional: Direita São Paulo”.

Saímos em passeata pela avenida lá pelas 19:30h, ao som do grito “não, não, não, à lei de imigração”, que achei soava como “Lady Migração”. Uns 20 PMs mais viaturas acompanhavam o cortejo, que seguia em direção à Consolação. Estimei em 150 pessoas.

A certa altura houve discussão com dois jovens, que seguiam ao lado dos manifestantes. Alguns gritavam “Mídia Ninja! Casperzinho!”. Não entendi bem. Já outra passante, da calçada, hostilizou a passeata gritando “você precisam de um psiquiatra!”. Alguns manifestantes vieram confrontar, e formou um bololô. Ela era valente e encarou todo mundo. A imprensa presente voou em cima. A partir do vão do MASP, alguns jovens vaiavam ou gritavam “fascistas!”.

Vi um cartaz “Jesus cristo nosso rei!”, e, a certa altura um orador chamou e a massa cantou “Viva cristo rei!”. E ainda: “Deus, pátria e família!”, e “Jesus!”. Nessa hora passávamos pela Universidade Anhembi. No hall lia-se a mensagem “Bem-vindos a uma universidade de fronteiras e mente abertas”. Já em frente ao Banco Safra, uma linha de 10 seguranças, de terno e cassetetes à mão, guardavam o banco. Achei bizarro uma força de segurança particular ter armas brancas assim acintosamente. Lembrei que o dono do Safra é investigado pela Operação Zelotes.

Vi um cartaz “Comunismo não. FFAA”, uma faixa “Greve Geral Intervenção” e uma bandeira de Israel. À altura da saída da estação Consolação, a passeata parou e o orador falou sobre a bomba que foi lançada sobre a manifestação deles na semana passada. Falou que desfiava “os esquerdistas de piercing no nariz e as meninas de sainha curta acima do joelho de ir à Síria”, para ver se eles são aceitos.

Disse também que “depois da bomba da semana passada eu sei que os imigrantes são terroristas”. “O 2 de maio é a data do primeiro atentado de São Paulo, de terroristas estrangeiros”.

No geral o ataque contra eles deu um super gás ao movimento fascista. Eles são insignificantes e minoritários, mas a bomba fez com que recebessem muito apoio, que era visível hoje. Muita segurança, muitos P2 acompanhando a passeata pela calçada. Fiquei muito triste de ouvir o discurso amalucado, xenófobo, marginal e fascista dessa gente agora plenamente justificado por uma ação direta individual e espontânea. Toda a esquerda agora corre perigo adicional ao se tornar alvo legítimo de fascistas. A Cryptorave, graças à essa ação, esteve sob enorme risco ao ficar vinculada àquilo que a lei define como ato terrorista.

A manifestação seguiu até a frente da Igreja de São Luís, onde fizeram uma foto. As falções continuaram, e uma delas chamava “Viva a PM”, e “Herói fardado para a batalha”. Nessa hora passou um ônibus Terminal Pirituba, onde um casal de jovens mostrava o dedo médio aos manifestantes. O povo percebeu e foi tirar satisfação: “vai pra Cuba!” e muitos apupos. A cena durou uns 5 minutos.

A manifestação não acabava, e pirei que os seguranças e carecas iam acabar por fixar minha presença lá. Eles ainda rezaram três pais-nossos. Eu saí fora ao som de “Deus, pátria e família”.

Tomei o metrô e fui para casa.

### **17 de maio – Ato espontâneo anti-Temer: áudios da JBS**

***Sonhei que estava numa calçada cheia de gente sentada à mesas de boteco. A discussão geral era sobre e-mails, criptografia, segurança e senhas.***

E-mails que recebi:

S: “Na qualidade de infiltrado na direita relativamente pensante, não estou vendo muita euforia no que tange ao processo do triplex, haja vista que efetivamente não existem provas que possam levar a condenação.

Os operadores do direito que tenho conversado pensam da mesma maneira, e, eu para encher o saco assevero: “uma condenação injusta e sem provas será a ressurreição da cascavel”. Como disse anteriormente, o processo do triplex é manifestamente midiático e nos leva ao imaginário de opulência e poder, porque esse processo especificamente é direcionado a massa de manobra para influenciar o eleitorado petista pobre e ignorante que não tem a menor idéia do que é offshore, Pasadena, tráfico de influência etc.. O eleitorado de esquerda não pobre e pensante já fez o seu julgamento antes mesmo dos processos. Afinal a classe baixa tem idéia o que é uma faxina num triplex ou o desentupimento de um vaso sanitário nesses imóveis. Argumento que nada disso deterá a popularidade do Lula e uso como paradigma o Maluf, que se tornou um anão político não pelos seus feitos, mas pelo achatamento dos discos da coluna vertebral, que a todos acomete.”

G: “A direita que eu tenho ouvido também se alinha com a direita a que o S se refere. O cacife deles está no assassinato de Celso Daniel e na investigação sobre o elo do diretor do Diário do Grande ABC com Lula e Zé Dirceu.”

Saiu a bomba agora no Jornal Nacional. [*Eram as gravações feitas pelo dono da JBS que mostram claramente o envolvimento de Temer em atos criminosos*]. Vi só depois de alguns minutos na internet, e tinha estranhado o Fora Temer! Que ouvi na vizinhança – acompanhado de um toque de trompete. Chequei na rede e vi uma convocatória na Paulista. Decidi ir ver.

Eram quase 21:30h quando saí na estação Trianon-MASP e ganhei a rua. Fui chegando ao Museu e vi umas 500 pessoas já lá, dos dois lados da avenida mas com fluxo ainda fluindo. Notei que a FIESP estava acesa, com “Dia Mundial da Hipertensão” iluminando a noite.

O pessoal estava bem animado, achei que jovens de 30-40. Cantavam “A verdade é dura, a Rede Globo apoiou a ditadura!” quando eu chegava. Quinze PMs estavam alinhados debaixo do vão, mas sem escudos e de boina. Vi bandeiras amarelas do CST-PSOL, da CMP Central dos Movimentos Populares, da Frente Povo Sem Medo, do MAIS, do JUNTOS, do MRT, do Pão e Rosas, uma do LGBT e outra do PT sobre os ombros de uma moça. Vi um moço com um avental vermelho do MTST. Vi o Boulos chegar e falar ao telefone, e depois o Capilé.

Vi muitos adesivos e cartazes Fora Temer!, além de Diretas Já!. Chegou um faixação branco Fora Temer!. Vi uma camiseta da UNE e outra “Construindo uma saída pela esquerda”.

Notei que muitos carros passavam buzinando, o que não via acontecer há pelo menos 2 anos. Encontrei E, que estava dando um depoimento aos Jls, junto com a Laura Capriglione. Perguntei a ele o que achava que ia acontecer, e ele avaliou que o mais provável era que Maia não assumisse e que o STF vai tomar as rédeas. Disse também que a prisão de Lula também está nas cartas de maneira mais urgente. Ele mostrou em seu aparato que Ciro foi condenado esta tarde por ter chamado Temer de “ladrão fisiológico”. Laura disse que a situação de Temer é diferente da de Lula, já que há provas irrefutáveis contra o atual presidente. Por telefone, L avaliou em conversa comigo que a saída Carmem Lúcia é o plano do golpe, o que inclusive prepararia sua candidatura para 2018. Disse que a linha da Globo é de que Diretas Já é inconstitucional.

Ouvi várias palavras de ordem e chamadas, além dos inúmeros Fts e Djs: “Renuncia!”

“Ai, aiaiaiaiaiaia, aiaiai, se empurrar o Temer cai” “Vem, vem, vem pra rua vem, contra os golpistas!” “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim do governo Temer já” “Aqui, está, o povo sem medo, sem medo de lutar!” Eram quase 22h quando fechamos toda a avenida.



Encontrei T, cujo pai é ex-militar. Contou que este dizia que em outros tempos haveria tanques na rua. Perguntei se sabia algo da condução coercitiva de Lula e da suposta intervenção de um oficial da Aeronáutica que teria impedido o transporte do ex-presidente, mas ele disse que não sabe nada e tem certeza que nem o Lula sabe. Perguntei sobre a posição dos autonomistas mas ele disse que não tinha muito uma linha ou consenso entre eles. Disse que no passado o CMI tinha um papel assim, mas que hoje nem mesmo as “personalidades” do movimento tinham muita corréncia na rua. Achou que em algum ato maior poderia ter ação BB.

Veio falar comigo o moço da bandeira anarquista que conheci em frente ao Sírio Libanês. Disse que o careca que estava lá no hospital era o mesmo que fazia a segurança do moço coxinha do Mamãe Falei, um canal de internet. Contou que eles “quase apanham do PCO, que não é bunda-mole não”. Ele avaliou que agora ia ter “movimento de massa”.

A rua foi enchendo e dei um giro até a FIESP checar se havia movimentação coxinha. Nada vi e retornei. Achei que agora, umas 22:30h, tinha umas 4 mil, talvez 5 mil pessoas. Vi o batuque da UJS. Achei que no geral havia mais avulsos, os grupos e coletivos não pareciam estar lá em peso. Ouvi a conversa de dois moços: “a direita liberal não está organizada, mas a extrema sim”. Fiquei sabendo que houve repressão em Brasília à concentração em frente ao Planalto.

Encontrei E que avaliou que o lance de hoje foi de dentro. Acha que a conciliação deve ser o mote daqui para a frente, buscando envolver todos os partidos e também Lula, de rédea curta, ameaçados que estão pelo Judiciário. Comentou que historicamente a extrema direita não rompe com o sistema e deve compor um pizzão autoritário mas normalizante. Ponderei que a alternância neoliberalismo/socialdemocracia pode ter se rompido, como Trump demonstra, liberando um Cromwell nacional apoiado por evangélicos e PMs estaduais. Chegou HP e conversamos.

Vi que a bolinha de luz estava de novo entre nós, com Fora Temer! E outras mensagens. Vi as bandeiras da Juventude e Revolução, Faísca, MST, da ULCM, uma do Brasil, além de uma bolsa “ônibus sem catraca”.

Saímos em passeata pela avenida, na direção Consolação. Chegaram A, J, M, G, M, T e o fotógrafo R. Fiquei sabendo que o MBL tem agora a campanha “Renuncia Temer”, para ser diferente do Fora Temer. E também que a Globo está falando em um “nome de conciliação nacional”. Falamos um pouco dos boatos que estão fervendo na internet, envolvendo personagens como o filho de Lula e o recém-libertado José Dirceu.

Chegamos na frente do escritório da Presidência da República e lá ficamos. Teve um jogral e no geral ficamos gritando palavras de ordem e conversando. No geral quem é mais petista tem a sensação de que foi uma vitória do movimento popular e está muito contente. Vi muita gente nessa toada, muitos jovens. De fato, as reformas foram barradas e achar um substituto que consiga fazer passá-las vai ser difícil. A combinação Diretas Já com Lula é o sonho de redenção do partido, mas não está necessariamente dado. E resta saber se Lula não se contentará em não ser preso e não concorrer. Sem ele, o PT pouco tem.

Mas todo mundo concordava que não era possível prever o futuro próximo.

“Quem não pula é golpista!”

“Diretas Já!”

“Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar” “Golpistas, fascistas, não passarão!”

Uma moça de maiô e botas rodava a baiana no asfalto. Fui comprar água e vi uma pichação “Fora Temer e Volta Belchior!”.

A PM veio mover o ato com uma coluna de uns 12 homens, com o fluxo de trânsito atrás. Nervosas negociações se iniciaram, entre o comandante e manifestantes, que se arrastam por muitos minutos tensos. O pessoal não quis arredar o pé e gritou muito, irados. Era por volta da meia noite e éramos apenas umas 600 pessoas. A coisa durou até mais de uma hora da manhã, quando eu desisti de esperar e decidi sair fora.

Tomei um táxi e fui para casa.

## **18 de maio – Repercussões das gravações: ato na Paulista**

Fervem os canais noticiosos, mas muita especulação no ar. A questão do modo da eleição que certamente deve suceder a queda de Temer, ainda por vir mas dada como certa por todos, domina as discussões. Existe a possibilidade de ser direta, a depender de aprovação de uma PEC no Congresso – ou da impugnação da chapa Dilma-Temer. A via indireta, congressual, parece ser a preferida das facções do golpe. Algumas outras questões tomaram importância agora, tais como a natureza republicana da Lava Jato e o papel da Rede Globo nesse último lance dramático. Por um lado a Lava Jato finalmente atingiu o “outro lado” e equilibra um pouco seu viés anti-PT. Mas, igualmente, é notável a diferença da qualidade da investigação profissional que gerou as gravações atuais e a tosqueira que são as acusações contra Lula, claramente persecutórias no formato em que foram feitas. Li agora que a JBS sabia que Moro não daria importância às delações que queria fazer, então buscou um

procurador de Brasília. Moro já tinha protegido Temer ao vetar algumas das perguntas que Cunha fez da cadeia ao presidente. Então teria sido a própria JBS que teria vazado as delações à imprensa, e a Globo se viu na possibilidade de perder o furo e ficar mal com seu terceiro maior anunciante.

O 247 noticiou que manifestantes impedem a saída de caminhões que deixavam a sede do PMDB em Brasília. O amigo E disse que amiga sua relatou que viu hoje 8 caminhões do exército cheio de soldados a caminho de São Paulo a partir de Cotia. O esperado pronunciamento de Temer não produziu a renúncia, mas a fritura é tamanha que certamente não sobreviverá. A Folha e Estadão tentam amenizar o impacto da notícia.

Fui ao ato pela renúncia de Temer na Paulista hoje. Parece que foi chamada pelos Jornalistas Livres e a Mídia Ninja. Cheguei com a avenida já fechada, e tinha um carro de som. Achei que tinha umas 3 mil pessoas, o vão cheio mais uma via da avenida em frente ao MASP. Eram jovens de 20-30 anos, quase todos com jeitão de militante. Encontrei T e conversamos.

Um moço orador descascava Lula e dizia que tinha este que ser preso. Gente no asfalto chiou, gritando “Lula, guerreiro, do povo brasileiro”. Ele continuou a denunciar o ex-presidente, assim como os outros dois oradores seguintes. Notei que o carro de som era do PSTU. O tom anti-petista era repetido em várias mensagens. Anotei algumas faixas, a começar pela do carro: “Fora Temer! Sindicato dos Metroviários”. Outras: “Fora Temer! Aécio e Lula na prisão”, “Greve Geral pra barrar a reforma da Previdência. Fora todos os corruptos!”, “Fora Temer já, por uma nova Greve Geral. CST-PSOL”, “Prisão a todos os corruptos – PSOL”, “Acabou, Temer! Eleições gerais já. Fora Congresso corrupto. JUNTOS”, “Urgente: greve geral até derrubar Temer e os ataques e impor uma constituinte. MRT. Esquerda Diário”, “Quer desafiar? Vai sair perdendo. #Fora Temer. Rede Emancipa”, “Aposentadoria fica, Temer sai. Levante Popular da Juventude”, “Fora Temer, o povo deve decidir”, “#Fora Temer e o Congresso Nacional”, “Fora Temer! Diretas Já! Que o povo decida! RUA”. A faixa da frente do ato trazia “Fora Temer! Diretas Já!”.

Vi bandeiras do PSOL, MAIS, LL, MRT, Faísca, PT, Levante Popular da Juventude, MTST (que trouxe pouquinha gente), uma grandona da Frente Povo Sem Medo, PCR, Juventude e Revolução, UNE, UBES, Movimento Luta de Classes, UP Unidade Popular pelo Socialismo, UJR, NOS Nova Organização Socialista, Movimento de Mulheres Olga Benário, PSTU, UJS. Vi uma camiseta do Território Livre.

Apesar dos bons números, considerando a chuva, achei bem sectário, isto é, os grupos estavam fechados em si e competiam por espaço sonoro. O carro com som estourado não ajudava. Encontrei R, R, E e E. Ela avaliou que nada fora aprendido desde 2013, isto é, a manifestação como uma relação massa/palanque ainda predomina na esquerda partidária. Não apenas o som era opressor em sua desigualdade, mas a guerra de slogans impedia o que é mais legal em um ato: vir conversar e se encontrar. Perguntei se houvera chamada autonomista e parece que não houve nada muito forte.

Eram umas 19:30h quando dois terços do ato saiu em passeata, mas muita gente ficou embaixo do vão. Não entendi bem, mas acho que cada facção foi procurar seu espaço. O carro de som do PSTU não acompanhou, mas recolheu-se a uma rua transversal. A passeata caminhou até a Secretaria da Previdência e ficou lá. Juntei-me a eles e fiquei uns 20 minutos. Um jogral, muito Fora Temer!, mas nada de mais – exceto o “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”. A PM mesmo tinha uns 30 soldados e umas 4 viaturas. Nenhuma palavra de ordem mais nova ou interessante.

Vi uma faixa “Comitês de base para a construção da Greve Geral”, outra “Tomar Brasília”. Vi um cartaz “Quem tem Cunha tem medo” e uma bandeira das Brigadas Populares, e outra da Dilma, e ainda uma do Brasil, uma do PT e outra da JPT. Vi uma faixa do “C.A. XI de Agosto. Diretas Já!”. Vi uma camiseta do POEMA.

Chovia mais e encontramos o fotógrafo R. A janela térrea do hotel Melia Paulista, logo ao lado da Secretaria da Presidência, mostrava dois homens sentados em sofás, checando seus aparatos. Na janela do segundo andar, um homem corria em uma esteira, de frente para a rua, fazendo uso de seu celular.

Retornei ao MASP e ainda tinha gente lá. Vi uma bandeira LGBT, uma do MST e outra da UJC. Três moços e moças fizeram um Fora Temer de letras luminosas, de LED. Era bonito.

Vi uma faixa autonomista “Eleições são uma farsa! Somos ingovernáveis”. Gritavam “eleição é farsa, não muda nada não, o povo vem pra rua pra fazer revolução!” e “Ações Diretas Já!”, e ainda “Lula, o Lula não é peão, é pelego e faz conchavo com o patrão”.

No geral foi bom ver o movimento crescer desde ontem, mas achei chato e desse jeito não vai atrair as pessoas soltas que não são militantes. Proibir carro de som é crucial nesse sentido. Domingo promete mais, mas vai ser difícil fazer com que o PT não use o movimento para impulsionar Lula. Veremos.

Fiquei ainda uns minutos perto do MASP. Chovia, caminhei, comi um negócio e fui para casa.

## **19 de maio**

Folha e Estadão segurando a barra de Temer. Globo aposta tudo na derrubada. Eliane Catanhede garante que delações da JBS envolvem Dilma e Lula. Ninguém sabe o que vai acontecer, mas o primeiro golpe colapsou, e o que vem agora está totalmente indeterminado.

## **20 de maio – Desorganização do Golpe [na real não]**

Continua a indeterminação. Temer não renunciou e as facções vão se realinhando. O Estadão e Folha vão segurar Temer, e FHC e PSDB recuaram e agora não pedem a renúncia do presidente. O MBL também retirou sua campanha, e o VPR desmarcou seu ato no domingo. A esquerda tem para si o domínio da rua no momento. A demora na renúncia até é bom para o campo popular, pois dá para construir a rua com mais força para as Diretas Já e uma eventual Greve Geral, evitando o tapetão indiretas. Mas o fato é que há um racha irreversível no golpe e precisa ser explorado. Gilmar Mendes está envolvido nas delações, operando em favor do PSDB. A Lava Jato rachou, a diferença nos métodos, alvos e resultados entre Brasília e Curitiba é gritante. Ficou claro que há corrupção no Judiciário e dentro da Lava Jato. Assim, cai por terra o argumento de que agora está provado que a Lava Jato não é parcial e é republicana, já que a operação é corrupta também. As motivações da Globo não estão totalmente claras, e também de Janot. Foi comentado também que a JBS vai sair no lucro, safando-se de ser destruída, e ainda vai conseguir um acordo com as autoridades americanas. Os donos não serão presos, a multa é pequena – e comenta-se que o dinheiro levantado com a especulação de dólares, cuja compra foi feita logo antes da publicação das denúncias, é quatro vezes superior à multa de 225 milhões.

Tem petista comemorando muito. De fato, várias injúrias ficaram desacreditadas: o chefe do esquema não era o Lula, seu suposto enriquecimento é pífio comparado aos valores delatados, a corrupção é sistêmica, a Lava Jato de Curitiba é medieval e usa de métodos ilegais. Caiu muito mal o fato de Moro ter recusado várias perguntas de Cunha a Temer, blindando o presidente – e também ter favorecido Aécio, muitas vezes citado nas delações. É hilariante ver coxinhas agora escreverem “é preciso investigar as investigações”, “delação não é prova”, “não pode haver pré-julgamento”, “pra quê tanto ódio?”. Aécio agora tem muitos ex-amigos que apagam suas fotos com o senador, e a infame camiseta “Eu não tenho

culpa, eu votei no Aécio” agora é escondida. Aécio merecia prisão preventiva, nos termos correntes da Lava Jato. Delcídio foi preso por muito menos.

Mas a delação da JBS inclui os nomes de Lula e Dilma, resta saber se há provas. Não é certo que o PT vá ficar de fora desse bololô, e além disso tem a declaração o Pallocci.

No boteco, escrevendo estas linhas, senti pela primeira vez que a conversa radical escrota e coxinha como a da mesa ao lado, que inclui gritos de apoio a Bolsonaro, perdeu a força. O garçom do lugar vota no Lula, e sua breve contribuição à conversa foi bem interessante. Uma hora passou uma inserção televisiva do PT, com uma fala de Lula. A mesa ao lado xingava, mas a mensagem otimista de crescimento e do “o povo é a solução” vai falar muito mais à população em geral, achei. O colapso do governo Temer e o racha no golpe desorganizou o discurso de ódio da direita, que não mais explica o Brasil.

## **21 de maio – Diretas Já entram na pauta política**

***Eu tentava escrever o sonho que tinha acabado de ter. Algo sinistro impedia minha mão de marcar o papel que eu segurava angustiado. Fiquei minutos assim, de mão torta com o esforço, até que percebi estar num sonho. Acordei e escrevi tudo no caderninho, imediatamente, ainda no escuro. Mas, de manhã, não entendi nada do garrancho resultante e esqueci tudo.***

A tropa de choque da PM entrou na Cracolândia, numa operação conjunta da prefeitura e governo do estado. Prendeu e reprimiu dezenas de moradores da rua. Neste momento também estavam acontecendo eventos da Virada Cultura pelo Centro de SP, num contraste revelador. Doria, ao mesmo tempo, afirmou que “a cultura é lazer”. Hotéis e estruturas de apoio aos programas de acolhimento de usuários, do programa Braços Abertos, foram invadidos e desmontados. Mais de 900 agentes da Polícia Civil, Militar, Guarda Municipal iniciaram a ação. 38 pessoas foram presas e Doria declarou com a convicção dos desinformados que “a Cracolândia acabou”. Sem que os usuários tivessem sido cadastrados, anunciou a destruição dos hotéis da região que abrigavam usuários de droga. Foram cumpridos 70 mandados de busca e apreensão. Tratores destruíram barracos e policiais expulsavam usuários que tentavam se esconder em sacos de lixo.

O governo Temer reduz em 40%o orçamento d PF. A Polícia Federal se vê asfíxiada pela falta de recursos e com menos profissionais dedicados às investigações de corrupção da operação Lava Jato.



Cheguei à avenida Paulista pela Consolação para checar o ato pelas Diretas Já!, chamado pela Frente Brasil Popular e pela Frente Brasil Sem medo. Eram 15:15h e encontrei MO na esquina da Augusta. Já chovia um tanto, e cobrimos nossas cabeças. Caminhamos até o MASP e demos um giro na frente do Museu. Já havia umas mil pessoas. Um total de 4 carros de som estavam estacionados na avenida, com o som bem alto. O conteúdo eram as falas de várias lideranças, no modo clássico sindical/militante.

Encontramos a companheira A debaixo do vão. Ela vestia uma camiseta do MTST. Demos uma olhada mais para trás, e vimos uns 3 batiques, ao mais animado era o da UJS. Esperávamos ver também uma concentração do pessoal da bruxa Skyhawk, que é uma ativista americana que veio liderar um circuito MASP-Augusta-Roosevelt-Oficina. Não vimos ninguém.

MO e eu decidimos tomar uma na Augusta e depois voltar. Ele me contou um pouco sobre o atual mercado editorial brasileiro e sobre novos conteúdos à roda de Eduardo Coutinho, sobre quem já escreveu e coordenou importante livro. Discutimos bastante o cenário político atual. As Diretas são a única saída possível para a esquerda, com ou sem candidatura Lula.

Lá pelas 16:30h, desceu um grupo de umas 40 pessoas ao som de um tambor, no geral jovens de 20-30 anos, quase todos brancos de classe média. Cantavam um cântico e pareciam mais felizes com a chuva do que os militantes ao redor do MASP. Um faixa fechava o cortejo, que, dobrada, deixava ver apenas a palavra MAGIA.

Subimos até a Paulista embaixo de renitente chuva. Vi bonés da CUT e camisetas do PSOL. Vimos um contingente de umas 30 pessoas com faixas “MST Taboão da Serra”. Vi bandeiras da FLM Frente de Luta por Moradia e da Força Sindical. Ao chegar mais perto do MASP, ouvimos Ivan Valente fazer breve falação.

Em frente ao Museu e embaixo do vão avalei que havia umas 3 mil pessoas. Um orador afirmou que éramos 50 mil, mas era uma clara hipérbole. Cinco mil talvez. Chovia bastante e só os militantes mais aguerridos enfrentavam o clima. Uma grande faixa roxa trazia “Mulheres do MST. Contra a reforma da Previdência”. Tinha 4 carros de som, três deles interligados e um apagado, que era do CST Conlutas (PSTU). Este último trazia uma enorme faixa “Fora Temer, Fora Todos Eles!”. Outro faixao grande, negro, trazia “Fora Temer e suas reformas. Eleições Diretas. MAIS”, e ainda mais uma “LSR Fora Temer e Eleições Gerais Já! PSOL CIT.org PSOL”. Vi bandeiras da CUT, da União dos Movimentos

de Moradia e da Intersindical. Vi balões da CUT, CONTAC, NCST e Sindicatos dos Químicos.

No carro de som, faixas da Força Sindical, “Nenhum direito a menos” da Frente Brasil Popular e da Frente Povo Sem Medo. Vi um cartaz “Liberdade para tod@s @s prisioneir@s palestin@s”.

Encontramos T e chegamos mais perto do carro principal. Falaram vários petistas, e depois o Boulos. Falou do racha no golpe e da necessidade de explorar este corte.

Ficamos um pouco mas achamos tudo chato e chapa branca. Chovia muito e fomos checar o vão. Fora do alcance imediato do carro de som, um batuque animava a galera. Vi tremulando as bandeiras da UP Unidade Popular, Levante Popular da Juventude, PCB, Pcdob e um estandarte Ritmo da Luta.

Vi uma travesti de vestido preto curto. Vi uma bandeira do Sindicato dos Psicólogos de São Paulo.

Caminhamos em direção à Consolação e vimos o carro do Arrastão dos Blocos na esquina da Peixoto Gomide. Os valentes foliões cantavam seu hino sob a chuva inclemente. Encontramos G dos ciclistas segurando a faixa “Fora Temer!”. Ele contou que tinham vindo a partir da Praça dos Ciclistas. Disse que o UNIAFRO tinha-os visto e colado junto.

Eram 17:20h quando me despedi de MO, que seguiu para casa. Avaliei que a chuva tinha de fato arruinado uma concentração mais interessante. Trata-se apenas das primeiras tentativas, o potencial de mobilização é muito grande. Mas também achei que será preciso superar os formatos de manifestação caros à esquerda institucional, tipo o carro de som. Formar fóruns de escuta é infinitamente mais importante do que colocar púlpitos de pregação. A juventude dos partidos precisa passar isso para a direção, eles sabem disso.

Encharcado, busquei um transporte e fui para casa.

### **23 de maio – Quem com ferro fere...**

***Sonhei que era parte de um grupo guerrilheiro e fazíamos luta urbana. Combatíamos uma outra formação direitista com bombas e violência. Mas, no final, tinha uma virada, um de nossos líderes era infiltrado deles.***

Repercutiu muito o grampo de Reinaldo Azevedo, em conversa com a irmã de Aécio, divulgado pelos procuradores. O Intercept divulgou nota da Procuradoria que afirma que Fachin foi o responsável. Ele está colhendo os frutos que semeou, inclusive o ódio que

fomentou quando Lula foi grampeado ilegalmente. Mas trata-se de uma violação incrível do direito ao sigilo de fonte, uma retaliação clara contra certas posições críticas à atuação da Lava Jato e Moro, e também daquilo que ele chama de “direita chucra”. Parece que a coisa está realmente em chamas, esta guerra dentro do golpe. Esse nível de radicalidade só pode estourar em coisa ruim.

A demolição de imóveis na Cracolândia com três sem-teto dentro também repercutiu. Há quem atribua a repentina má onda contra Doria a Alckmin, que conseguiu blindagem contra as acusações contra si recentemente e se ressentiria de seu pupilo.

## **24 de maio – Grande Manifestação em Brasília**

Cheguei ao cruzamento central da cidade de Brasília a pé às 13:15h. O Shopping Conjunto Nacional estava à minha esquerda quando entrei e percorri o viaduto sobre o Eixo Monumental. Fui surpreendido pela multidão que já escoava pela avenida embaixo de mim. Esperava alcançar o Estádio Mané Garrincha para a concentração, mas a torrente era tal que fiquei para olhar. Tinha tanta gente que não deve ter cabido no estacionamento e acabou tudo espirrando pela avenida, iniciando a passeata antes do horário previsto de início, que era 14h.

Era muito bonito de ver, e centenas de grupos, centrais e sindicatos caminhavam sob o forte sol, dos dois lados do viaduto. Muita bandeira, faixa e cartaz. Era uma verdadeira salada de frutas composta de inúmeras associações de trabalhadores. Tinha vários carros de som, e, nesse segmento em particular, predominavam os aventais amarelos da NCST. Muitos manifestantes sindicalistas estavam lá em cima do viaduto olhando a multidão também. Desci para a avenida e decidi caminhar um pouco em sentido contrário, na direção do estádio, para checar a passeata.

Logo vi os Policiais Penitenciários, acho que carcereiros, de preto, talvez uns 300. São da Força Sindical e fiquei muito interessado em ver como se comportavam e que discurso adotavam. Vi a faixa “A reforma da Previdência é o fim da aposentadoria dos policiais”. Notei alguns dos numerosos balões da manifestação: CUT, CTB e CNTI. As centrais tinham trazido muita gente que vestia seus aventais e tremulava suas bandeiras. Eram muitos corpos em movimento.

Tentei anotar os nomes dos sindicatos cujas faixas, camisetas ou bandeiras eu encontrava, mas eram tantos que capturei apenas algumas siglas. Alguns tinham nomes bem curiosos, e na hora achei que poderiam compor a prateleira de remédios de uma farmacopéia laborista: APRASC, STICMA, ENESSO, FASUBRA, SINTRATECOB.

Outras associações presentes ali naquele trecho: SINTHOTESB, SINDIRETA – DF, CSPB, CONTRATUTH, SINDUS, INTERSINDICAL, UGT, CTB, CONTAC, FORÇA SINDICAL, CGTB, MST, CSP-CONLUTAS, FSCM. Vi um grupo de uns 15 jovens negros com uma bandeira Quilombo. Bandeiras do Povo Sem Medo, das Brigadas Populares. Vi bandeiras do Brasil (umas seis), da Juventude do PT, do Pernambuco e Paraíba. Um moço vestia a camiseta com o rosto de Lula: “O cara está voltando!”.

Ao caminhar, vi os vários carros de som. Alguns tinham nomes como “Chumbo Grosso” e “Trio Laser”. Quando tem muita gente, o carro de som fica menos agressivo, e é possível buscar espaços mais vazios de discurso. O rumor geral das vozes era um oceano vivo. Mas os oradores estavam no modo sindical clássico. Apesar disso, o clima geral era de festa e carnaval. Um dos carros, inclusive, de Minas, trazia uns meninos que faziam um funk vocal, com beatbox e tudo. Naturalmente, muito Fora Temer e Diretas Já!. Uma outra palavra de ordem dizia “ô deputado, presta atenção, se você vota sim, a gente vota não!”. Um senhor de pé, parado na calçada, tinha um cartaz: “Precisa-se de presidente, governador e deputado para trabalhar na saúde, educação, segurança. Povo paga bem! Sem corruptos”. Um cartaz trazia “Liberte Rafael Braga”.

Decidi voltar e caminhar na direção do fluxo. Passamos ao lado da Rodoviária e um orador anunciou 100 mil manifestantes. Outro mais adiante afirmou que a Globo tinha contado 25 mil (a PM deu 35 ao fim do dia). A contagem final na imprensa de esquerda deu um teto de 200 mil. Acho que 150 mil é uma boa estimativa. Foi chamada de “a maior marcha da história” da esquerda em Brasília. Muita gente buscava refúgio debaixo da sombra das poucas árvores ao longo da avenida. Um orador em um carro de som rogou aos “companheiros de amarelo sentados na sombra, por favor venham para a luta companheiros!”. Vi enfermeiras, aeroportuários, e depois os estivadores do Rio com suas camisetas “113 anos de luta e resistência”. Ao lado deles, os “Arrumadores de Itajaí”, com bandeira. Vi uma bandeira com o rosto do Che e “Juntos na Luta”, uma do Pcdob, da FENTECT, da FETRHOTEL, do CONEN, e outra do SINTUFF. Uma camiseta do Levante Popular da Juventude.

Tinha muitos balões na passeata, contei mais de 100. Vi uma faixa “Volta Dilma – Anula o golpe”. Vi uma camiseta “Sou mais favela”, uma outra “Greve de 2006 – eu participei”, e uma bandeira do Rio Grande do Sul. Vi uma moça indígena de cocar.

As palavras de ordem eram as clássicas e esperadas FT! E DJ!, além de “Golpistas, fascistas, não passarão”. Teve muita chamada para a Greve Geral, que desta vez quer ser de 48 horas.

O nome de Lula não foi chamado até onde ouvi. Fiquei de olho nas bandeiras do Brasil que eu via. Acho que até então umas 12, quase sempre aos ombros. Parei de contar nos 50.

Entramos na Esplanada. Seguindo pela avenida, pela via da esquerda, notei um dragão inflável que estava sendo enchido. Ele tinha uns 10 metros e possuía três cabeças. Pude ver apenas duas das palavras que nomeavam cada uma delas: “juros” e “desemprego”. Mais adiante, uma pipa gigante, ainda no chão, com as cores LGBT e uma cauda que trazia um Fora Temer. Vi o Sindicato de Padeiros de São Paulo, uma bandeira do SINDUTE, uma do PSTU. Um ambulante vendia adesivos de unha no asfalto, muito buscado por manifestantes. Vi o Ivan Valente do PSOL e finalmente alcancei os policiais penitenciários que vira do viaduto.

Ia chegando mais perto do fim da Esplanada, onde acabam os ministérios, tendo passado vários carros de som. Deu para ver gente voltando, e dava para perceber alguma atividade lá na frente e sentir um cheiro de gás lacrimogênio. Um helicóptero da PM sobrevoava o local. A partir daqui, coletei uma infinidade de pequenos eventos que só mais tarde compilei em um retrato narrativo mais coerente. Do nível do chão, era difícil ter uma visão mais geral. Nas muitas reportagens que vi depois, foi muito fácil colar os fragmentos de maneira maliciosa.

Vi três carros de som, que eram os que estava mais perto da barreira policial. Dois deles vinham perpendiculares à barreira policial, que bloqueava o acesso ao Congresso. Eles acompanhavam a multidão que vinha pela via da esquerda na Esplanada. Estavam parados a uns 500 metros da PM. O outro carro tinha chegado antes, creio, e estava paralelo à barreira policial, mais do lado da via da direita da avenida. Era o carro de som da Pública. Os carros mais próximos eram um do PSTU CONLUTAS e o outro da CUT/UGT/CTB/CSB. Um outro da Força ficou lá trás.

Pareceu de começo que o PSTU estava chamando o povo para o confronto, e que a CUT pelegava. Mas depois percebi que o pau já estava comendo e os três carros estavam pedindo e participando da defesa à agressão policial. No geral estes três carros participaram da resistência e buscaram sensibilizar a PM, dizendo “voltem suas bombas para trás, contra Temer e o Congresso”. Além disso, faziam as chamadas de concentração e encorajavam a formação defensiva e de confronto. No geral desgosto de carros de som, mas, debaixo da fuzilaria, não apenas eles proporcionam uma barreira física eficaz, como também ofereciam uma visão geral estratégica importante.

É importante aqui sublinhar que a ação repressiva policial NÃO FOI RESPOSTA A VANDALISMO. Nenhum prédio tinha sido tocado quando as bombas e balas começaram a chover. A ação foi claramente de dispersão geral e não de contenção de indivíduos violentos. Pelo menos um manifestante foi baleado com munição viva, de arma de fogo. Vi depois na televisão que havia uma fileira de PMs no começo da Esplanada que pretendia revistar uma a uma 150 mil pessoas. O povo avançou e furou a coluna. A PM reagiu então e depois. Não pude confirmar isso com ninguém, mas certamente não se tratou de vandalismo disparando a repressão.

Assim, cheguei ao fim da Esplanada em plena conflagração. Eram umas 14:15h talvez. Escorri pela direita, em direção à linha de frente. Colei atrás dos policiais penitenciários, que claramente estavam prontos para a briga, atraídos pelo confronto. Mas um megafone avisou-lhes que obedecessem à liderança e não brigassem. Segui então uma bandeira do MAIS que ia à linha de frente.

Vi melhor a linha de confronto. Um gradil separava os muitos PMs. Contei ali, à vista, uns 500. Mas depois na TV vi mais de 500 à espera atrás de um edifício. Tinha cavalaria, uma dúzia deles. Uns 200 soldados de escudo, capacete e cassetete, com atiradores. Estes estavam bloqueando a via asfaltada, portanto à minha esquerda era o foco do embate. O gramado fora reservado para a manifestação, e o espaço atrás das grades, guardado pela PM, nos era proibido. Os primeiros 100 metros de gramado em frente a grade era área de risco e de contato com projéteis.

O dia todo pode ser resumido como um vai e vem do povo contra a barreira, seguido depois de uma lenta varredura pela PM do espaço da esplanada em direção ao estádio, de onde viéramos. Ao lado disso, a certa altura, uma meninada foi progressivamente atacando os ministérios, protegendo-se com barricadas para ir segurando a PM enquanto trabalhavam todos os edifícios até o fim da Esplanada.

Então o povo ia chegando e enchendo o espaço. Quando juntava massa crítica, estourava uma onda que ia quebrar na linha de frente. Acabavam por recuar, depois de mais ou menos resistência. Então tinha várias zonas dentro da manifestação sob ataque. O fogo do confronto na frente, uma linha intermediária e uma zona de retaguarda, onde as pessoas sentavam-se sobre a relva ou conversavam em grupos. As zonas se expandiram e contraíram ao sabor do embate. Mas a ação da PM não fazia muita distinção e frequentemente atacava todas as zonas, redesenhando subitamente o mapa da refrega.



Andei um pouco pela zona intermediária e vi uma bandeira trazia “UERJ em luta”. Uma meninada do JUNTOS vieram de amarelo e de escudos feitos de câmara de pneu de caminhão e foram para a linha de frente. Vi uma leva de pessoas com bandeiras do PCB e da Unidade Classista. Muitos autonomistas presentes, inclusive Black Blocks que tiveram destaque depois. Vi um palhaço de nariz vermelho. Trazia um cartaz onde se lia “Não sou palhaço, não bati panela”. Um homem se fantasiara de vampiro grisalho e vestia uma faixa presidencial. Ele sorriu para mim.

Achei a coisa toda meio surreal, uma mistura de “fog of war” com carnaval veneziano sob o gás lacrimogênio. Os três carros de som irradiando vozes iradas que descascavam a ação da polícia, chamando a insurreição. As nuvens de gás varrendo a multidão. Gente em modo combate, outras relaxadas conversando, outras cuspidando e vomitando com o lacrimogênio e pimenta, de joelhos na grama. Acabei por lembrar de filmes como Kagemusha e outros filmes de guerra. Aqui do chão dava para ver grupos de bandeiras percorrendo o campo aberto por cima da cabeça das pessoas, indicando concentrações e dispersões de corpos. Tem algo de medieval nos embates de rua. Aqui, no espraiamento da Esplanada, era quase um xadrez.

E, bem nessa hora, uma banda, no carro da Pública perto de onde eu estava, começou a tocar “Será?” do Legião Urbana. “Será só imaginação? Será que nada vai acontecer? Será que é tudo isso em vão? Será que vamos conseguir vencer?”. Não posso dizer que sou fã do Legião, mas esta canção, no meio das bombas e gritos, bandeiras e palavras de ordem, no meio do Planalto Central do Brasil, comoveu. Que vida louca, eu com 50 anos e cabelos grisalhos ouvindo uma canção da adolescência perdida aqui nos campos da luta social. Nessa hora eu ainda era o jovem tímido esperando a vez de um futuro melhor, hoje cercado de meninas e meninos que iam confrontar a polícia e seus projéteis. A distância entre o país dos anos 1980 e esse Brasil do quase AI-5 colapsando em um motim sindical em frente ao Congresso Nacional.

Eram 14:30h quando a cavalaria atacou. Eram uns 15 enormes cavalos cavalgando pelo gramado. Nessa hora tive medo. Uma coluna de soldados paramentados pode ser vencida na corrida. Mas a velocidade e inércia geradas por um grupo de cavaleiros é muito potente. Lembro-me dos motins contra o imposto individual na Inglaterra, o chamado poll-tax. Uma manifestação grande foi reprimida pela polícia, incluindo uma carga de cavalaria e seus longos bastões. Uma moça foi atropelada pela tropa montada e se machucou muito.

Então eu corri. O orador no carro de som ficou revoltado e gritou muito contra a cavalaria. Só que aí a carga de cavalos hesitou e parou. O povo se voltara contra os cavalos! Vi umas 2 mil pessoas correndo na direção da cavalaria gritando “pega eles! Fascistas!”. De onde eu estava vi também várias bandeiras tremulando nervosas voando em direção ao foco. A cavalaria recuou e se recolheu. Exultamos todos. Foi lindo.

Nessa exata hora encontrei G do Arrua, o único conhecido que vi hoje. Conversamos um pouco. As bombas e balas de borracha continuavam a voar em nossa direção. Alguns atiravam pedras contra a polícia, às vezes algum rojão, mas a palavra “confronto” não é exata. Trata-se de tiro ao alvo, de agressão e repressão violenta. Não pude deixar de lembrar dos atos do MPL em São Paulo. A operação policial era idêntica: repressão ao direito de manifestação, cercamento, provocação, perseguição pós-ato e atos ilegais como uso de arma de fogo, acompanhados de cobertura maliciosa da imprensa que fazia petistas... apoiar a ação policial! Lembro-me que ouvia então dos autonomistas “quando a PM bater em vocês amanhã, nós também vamos ficar de lado olhando”. Hoje, estavam junto. Aliás, acho que vi todas as centrais, partidos, grupos, coletivos e fracções de esquerda que conheço atuantes dos dias de hoje.

Os dois carros de som que estavam ao lado vieram junto do carro da Pública, e formaram uma barreira contra os projéteis da polícia, paralela à grade. A massa não parava de chegar, e novas ondas arremetiam contra o rochedo policial. Um menino negro avisava aos amigos “cuidado quando ouvir tiro, eu fui atingido por essa bala de borracha”, mostrando o projétil, chamado eufemisticamente de “elastômetro”. Vi duas bandeiras LGBT, uma da UJC. Vi uma camiseta com o rosto de Malcolm X, com o texto “Não há capitalismo sem racismo”, e outra camiseta com o Mandela. Vi uma bandeira do NOS, uma da ANEL. A banda tocou Cazuzá, “Que país é esse?”, mas não me tocou. Não gosto muito dele. De qualquer forma, se no futuro a história atual do Brasil for encenada como um musical, esta será sem dúvida a trilha sonora escolhida para a cena.

O carro de som cobrou do comandante o respeito ao acordo firmado entre eles, de poder ocupar o gramado. O oficial responsável pela operação foi chamado pelo nome muitas vezes. “Somos mais de 50 mil trabalhadores aqui, respeito! Exijo respeito!”. Teve uma hora quando a polícia atirava contra as pessoas no carro de som, o que não vinha fazendo. A certa altura, a multidão gritou em uníssono, umas 5 mil pessoas: “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”. Vi banheiros químicos sendo rolados no chão para servirem de barricada contra os tiros. Alguns dos moços e moças que empurravam os banheiros de plástico eram muito jovens, tipo 16 anos. De repente, ao observar esses

adolescentes vestidos à maneira pós-punk, com camisetas negras e keffiyas palestinas, rolando enormes cubos de plástico pelo gramado ensolarado, achei que estava dentro de uma mistura de Teletubies com Mad Max.

Uma moça do MTST distribuía uma máscara de boca. Pouco adiantava. No geral, é sempre possível observar onde detona a bomba de gás e sentir o vento. Muitos chutam o artefato de volta. Ficar de olho na direção da nuvem e se esquivar dá resultados. Mas nem sempre o vento colabora, e há nuvens invisíveis que te envolvem num aquário ardente. O rosto queima e os olhos e nariz ardem muito. Dá um desespero. Mas tem é que sair da nuvem e deixar queimar: arde mas passa, e não esfregar os olhos. Água não adianta. Duas ou três vezes saí correndo, gritando. Passou.

O gás foi muito usado, por mais de três horas. Muito agressivo. Um moço contou que o helicóptero da polícia não apenas atirava as bombas, mas também usava de suas hélices para espalhar o gás. Passei a reparar e acho que é verdade. Muita gente passou mal com a pimenta e lacrimogênio.

A essa altura, manifestantes começaram a usar escudos. Valia tudo: uma placa “Nada temos a Temer”, uma placa redonda de trânsito E, até mesmo as faixas de pano. O orador no carro de som surtou “Vocês não vão impedir este ato! Quando a PM quer aumento vocês vão quebrar o Congresso! PM, fique quieta, recue! Vocês não têm a autoridade, vocês não têm o direito!”. Falou depois o deputado Vicentinho, o único orador de partido que ouvi, e rogou à PM que parasse a agressão. O povo cantava: “não adiante reprimir, o seu governo vai cair!”.

Vi nessa hora o estandarte laranja do Rua, uma bandeira “Tribo UFRJ”, uma negra com o A anarquista, uma da LJR, uma vermelha e negra, “GT Antiracismo” da CUT, uma bandeira do sindicato dos Caravaneiros, uma de Minas Gerais, da LSR, UBES, UNE, Kizomba, Liga Operária, Enegrecer e FASUBRA. Vi uma camiseta “Morro do Timbó, Baixa do Sapateiro” e outra vermelha “Ajax Futsal”. Olhei para trás e vi balões até a altura do viaduto da Rodoviária. Vi também duas colunas de fumaça negra à nossa direita, contras as quais um drone branco se destacava. Depois vi que os fumos originavam de uns banheiros químicos e de um ministério cujo térreo ardia.

Perguntei a um senhor a hora e eram 15:20h. Percorria agora a zona de retaguarda. Muitos jovens e coletivos, sentados e de pé. Certas agremiações são nacionais, e dava para notar que uns cuidavam dos outros e construía intimidade na manifestação. Este é um espaço muito importante, o do encontro, que o carro de som (e a polícia) não deixa formar. A rua é

educativa nesse ponto também, e “permanecer nas ruas” precisa significar formar fóruns de escuta e conversa. O púlpito precisa ser evitado.

Vi um pessoal do Território Livre, da ADUSP e ANDES. Vi uma bandeira autonomista RECC, uma da JCA, uma do Faísca, do PSOL e outra do MTST. Vi um moço com a camisa do Santos FC onde pichara “Fora Temer!”, e outra camiseta “MLPS Vidreiros”. Muita camiseta preta também. Vi um batuque do Faísca e o pessoal do Arrua e do Levante popular da Juventude, alguns muito jovens, de 15-20.

No geral da manifestação, achei muito diversa a composição das pessoas, e as idades iam dos 20 aos 50, bem equilibrado homem/mulher. Encontrei T, que disse que vira o Boulos.

Um orador num carro de som disse “somos todos filhos de Zumbi”. Depois anunciou que havia um homem baleado ali perto, e pedia socorro aos bombeiros. Disse que ele fora atingido por arma de fogo na boca, o que foi confirmado depois na imprensa. O ato insistia em continuar, com diversas falas acontecendo sob o fogo cruzado. Daí subiu um policial civil que elevou o tom das falas mais ainda. Ele falou duramente contra a ação policial, dirigindo-se diretamente aos PMs: “É covardia, o que que é isso, meu irmão? É por isso que o Brasil está nesse estado. Vocês estão fudendo com nós. Mire naqueles que estão atrás de vocês! A família da PM está sendo defendida aqui, respeita porra! Respeito! Cadê a disciplina militar? Cadê o comandante da PM?”.

Vi essa atitude combativa quando policiais civis e penitenciários aplaudiam a ação de black blocks e demonstravam respeito à meninada que fazia barricada e enfrentava a chuva de balas e bombas. A esta altura, Black Blocks e manifestantes sortidos avançavam pouco a pouco em direção à linha de atiradores, e tentavam atingir os policiais com pedras e, vez ou outra, rojões. Muita gente atrás dos carros.

Uma hora a banda começou a tocar o hino nacional em ritmo de rock. Foi bizarro, agora a linha de frente contava com várias barricadas e o pau comia. Eram 16h e, apesar de muita gente espalhada e insistindo em ficar e realizar o ato, os oradores começaram a desescalar o evento. A PM vinha avançando em varredura e já não havia nenhum manifestante entre a grade e os carros de som, que por vezes ficavam totalmente envolvidos por fumaça tóxica. Os tiros vinham dos dois lados, além da frente do ato. Três helicópteros sobrevoavam o local e atiravam bombas na manifestação. Em outro lugar da manifestação, cães foram usados também. Um moço teve sua mão dilacerada por uma bomba da polícia. A imprensa noticiou erroneamente que foi um rojão que tentava soltar.

A bomba de gás nem assusta muito, o pior é a de concussão. Uma moça relatou depois que havia bombas que, ao explodir, abriam buracos no chão. Mas quando o gentil arco do artefato cruza o ar em sua direção, não dá para saber se é de gás ou de explosão. Ele rola na grama graciosamente, como um lançamento sinistro. Mas o pior mesmo é a bala de borracha, que zune à altura dos olhos.

Fomos saindo e, mesmo virados de costas, a fuzilaria continuava sobre nós. Um orador no carro de som dizia que “estamos saindo deste ato com muito orgulho!”, e chamou a Greve Geral. Vi uma faixa da “INTRATEL”, cujo símbolo era um desses emojis da carinha sorridente, com um headphone. Deve ser dos trabalhadores do telemarketing. Vi um pessoal do SINDIPOL, que é da polícia civil. Vi uma camiseta com toda a letra do “Gita”, do Raul Seixas. Um moço da Força sindical ajoelhou perto, cuspidando e tossindo muito. Um grupo de policiais penitenciários fazia um sorridente selfie de grupo no meio do gramado agora meio vazio. Vi um grupo de petroleiros também fazendo sua selfie coletiva.

Voltamos pelo lado dos Ministérios e vimos o estrago. O da Fazenda queimou bem, os outros menos. Nos edifícios estragados, vi as seguintes pichações, dentre outras: “Desgraça Punk”, “Não ao silêncio”, “Greve Geral”, “Morte à Burguesia”, “Porcos Safados”, “Favela vive!” com o A anarquista.

Chegamos ao Museu Nacional, já na extremidade da Esplanada. Ouvimos umas mulheres gritando “vaza, vaza!”. Vimos então uma coluna de 40 PMs enquadrar três desavisados adolescentes que pichavam “Fora Temer!” na parede do museu. Juntou gente (tinha muito manifestante) gritando “Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM!” e “Fora Temer!”.

Vimos a Força Nacional no caminho de volta, mas não o exército. Vários grupos de PMs estavam localizados em diferentes pontos da cidade. Depois vieram notícias da covarde atuação que é usual: a perseguição de grupos pequenos de manifestantes, alvos de todo o tipo de agressão.

Subimos ao CONIC para uma merecida cerveja. A caminho do lugar, uma mulher cutista estava contando que sua irmã telefonara dizendo que Temer tinha decretado estado de sítio. Disse que ela chorava ao telefone. Assustamos um pouco, mas esperei para ver o que era, os boatos crepitam em manifestação de rua. Achamos um boteco repleto de sindicalistas, e também o G, que estava numa mesa ao lado. Ele esclareceu que de fato era um decreto presidencial chamando o exército a manter a ordem, mas com limite de data e circunscrito a Brasília. Depois, o decreto foi anulado, dadas as críticas que recebeu. Mas uma linha importante foi cruzada e tenho certeza que, em outro ambiente político, de maior

consenso ao redor de um presidente autoritário, a medida passaria por legal. O STF não peitaria e ficaria por isso mesmo.

Vimos na tela dos botecos o programa do Datena, que mostrou uns Bbs batendo em policiais, o que foi muito comemorado. Vimos imagens do Rio de Janeiro. Quando passou um grupo de 7 PMs, patrulhando aquele espaço onde estávamos, a galera explodiu em “Fora Temer!” e “Diretas Já!”. Os PMs voltaram e olharam com cara fechada por um tempo e depois saíram.

Lavamos o leite de magnésia do rosto, terminamos a cerveja e caminhamos para casa.

Vimos as notícias do dia depois. A PM do Pará fez 9 mortos em despejo. Vimos os seis tiros disparados por um PM na cidade de Brasília. Essas irrupções de violência parecem convidar coordenação tenebrosa. Vimos as repercussões da Cracolândia, incluindo uma ocupação de secretaria municipal. O ato espontâneo da Paulista. Vimos o tumulto nos trâmites das reformas, o empurra-empurra e tapetão no Congresso. O JN comprando o discurso do caos e a necessidade da intervenção das Forças Armadas. O JN defendeu Reinaldo Azevedo de uma maneira que não fez por ocasião da divulgação do grampo de Lula e Dilma ou no caso de Eduardo Guimarães.

## **25 de maio – Repercussões de Brasília**

As repercussões do ato na imprensa focaram as depredações e o decreto autorizando a intervenção militar. Houve confusão acerca de quem teria pedido especificamente a presença do exército. Maia, Jungman e o governador do DF dizem que não foram eles. O decreto foi afinal cancelado. Um vídeo de policial penitenciário sobre a violência policial: [https://www.facebook.com/SistemaPrisionalOFICIAL/videos/2304250296465906/?hc\\_ref=NEWSFEED](https://www.facebook.com/SistemaPrisionalOFICIAL/videos/2304250296465906/?hc_ref=NEWSFEED).

Rodou nas redes um vídeo que mostra policiais de escudo e capacete depredando umas vidraças, como se fosse no Brasil, mas não é.

A Veja agora ataca a Lava Jato e reclama do vazamento das gravações, afirmando incrivelmente que foram ilegais as divulgações dos grampos da presidente deposta Dilma Rousseff com o ex-presidente Lula, repassados pelo juiz Sergio Moro ao Jornal Nacional, da Globo; Veja também condenou a publicidade dada a conversas entre a ex-primeira-dama Marisa Letícia e seus filhos; segundo a Abril, o Brasil mergulhou num Estado Policial;

Em São Paulo, a Internação compulsória daqueles usuários que foram expulsos da Cracolândia, e de fato para qualquer um, foi conseguida pela prefeitura.



**28 de maio**

*Sonhei que estava numa cidade em estado de assembléia. Como se vários pontos tivessem sido ocupados e estavam cheios de gente. Em um deles, acho que numa escola, levanta uma mulher mais velha e diz que tínhamos que sair do modo melancolia e abraçar a alegria. Ela mesma “tinha tido um ano maravilhoso” [mas todos sabíamos que o ano tinha sido difícil para todo mundo]. Mas aí uma moça nova disse “eu estou morando aqui”. Ela era artista e fazia uma performance que era ficar sentada numa calçada do edifício, como uma sem-teto ou pedinte. A chave de seu trabalho ali era a dor e o sacrifício. Em outra parte do sonho um moço negro relatava que se viu cercado de policiais, daqueles norte-americanos de filme, e, de água pela cintura, foi esculachado por 5 deles. Aí veio M e me disse que tinha um sonho para eu anotar. Disse “eu sonhei com aquele nosso rolo”.*

**29 de maio**

*Sonhei que caminhava por uma cidade cheia de gente nas ruas. Entrei em um casarão antigo que era a “Casa Lênin”. Era uma mistura de labirinto e teatro. Tinha gente dentro também, inclusive estava em andamento um desses programas de TV que são um jogo. Saí e caí numa rua estreita, uma ladeira lotada de pessoas. Eram militantes do MTST, sentados na calçada e asfalto. Cheguei num estúdio onde D reclamava que “o SESC fica pedindo projeto e depois nos deixa na indefinição”. F reclamou que tinha tarefa do MTST “bem na hora do discurso do Subcomandante Marcos”. H contou que um chefe dela tinha agido de modo que nosso trabalho, comissionado por ela, ia ficar prejudicado.*

**30 de maio – Ato em Copacabana**

*Sonhei que toda a cidade estava conflagrada e o povo na rua. Tinha uma fila de gente que achei ser uma passeata do MST, que normalmente faz passeata assim. No transporte público lotado, a moçada improvisava sambas com novas letras.*

Saí na estação Siqueira Campos do metrô em Copacabana. Estava marcada uma manifestação Diretas Já, Fora Temer! E contra as reformas.

Eram 12:15h e tinha bastante gente a caminho da praia. Vi uma placa numa banca de jornal “Empréstimo até 90 anos. INSS, Federal, Militar”. Muitos idosos pela rua, achei que muito mais que em São Paulo. Um deles estava a caminho do ato, e vestia um boné e uma camiseta vermelhos. Esta trazia um texto “El deseo”.

Na avenida atlântica, vi quatro balões da CUT e um do Sinpro. Já tinha umas 5 mil pessoas, achei. Muita bandeira da CUT e da CSB, uma do PCBdoB, uma da UNE, da UJS, dos Bancários da CUT RJ, uma da CTB, duas do Brasil, do PSOL, da Frente Brasil Popular, da CUT Juventude, do NOS, CST PSOL, “Combate Classista e pela base”, do PDT, uma da Petrobrás, um estandarte “Nada deve parecer natural. Bertold Brecht”, outro “Volta Dilma” meio colagem.

Os dilmistas estavam presentes também com uma faixa “Volta Dilma. Democracia”. Só que ela estava amarrada no pescoço da estátua de um soldado que cai, atingido por uma bala. A escultura de bronze homenageia soldados rebeldes dos anos 1920, os 18 do Forte. Só que a amarração fazia parecer que a faixa era o que trazia o soldado ao chão, meio torto no contrapé. A outra extremidade da faixa estava atada a uma placa “Ciclista respeita o sinal”.

O clima era bem relaxado, muitas selfies e bate-papos. Estava meio frio, com uma insistente névoa que encobria o sol. A primeira impressão foi que ia ser um ato chapa-branca, muito FBP e menos diversa do que eu tinha imaginado. Não ousei acionar o “etnômetro”, que é notoriamente falível e não parecia ser relevante aqui. Mas achei que tinha muitos velhos militantes de 45-60, além de jovens de 20-30.

Vi o deputado Molon, muito solicitado para selfies. Também vi Jandira Feghali com uma camiseta “Diretas Já!”. Vi uma faixa “Globo Golpista”, uma camiseta da Mafalda que gritava “Diretas Já!”, outra das Brigadas Populares, outra bandeira do Brasil, um boneco do Temer com faixa presidencial onde se lia “golpista”. A mensagem “Nenhum direito a menos” encontrou muitas plataformas: faixas, cartazes, camisetas etc. Vi uma banca que vendia camisetas, e os seguintes personagens figuravam nelas: Frida Khalo, Rosa Luxemburgo, Lênin, Mafalda.

Vi uma faixa “Diretas Já – mandato do vereador Reimon”. Vi muito material com desenhos de Henfil, incluindo a caricatura de Teotônio Villela, relacionados às Diretas Já de 1984. Villela foi um dos poucos conservadores democratas que criticavam o regime militar. Figuras como ele, Ulysses Guimarães e mesmo Tancredo Neves foram cruciais na busca de legitimidade para os primeiros passos da campanha das Diretas e o fim do regime militar. Notei depois que os desenhos eram do “mandato coletivo vereador Flávio Serafim”.

Saí e voltei às 13:15h. Tinha dado uma enchida. Vi chegar um faixão segurado por uma dúzia de pessoas. Trazia “Direta Já! Meu cu é laico. #Vai ter luta. Grelo Duro”. Vi bandeiras do PT, Frente Povo Sem Medo, do MST, da Juventude do PT, da Unidade Classista, um bandeirão do JUNTOS. Uma camiseta trazia “Quero me aposentar antes de morrer”. Um cartaz “Globo Golpe Moro”. Um moço vestia um chapéu carnavalesco que lhe dava um bico de pássaro e fazia rodear sua cabeça de plumas. Segurava um cartaz com “Porque o Michel é Cunha”. Vi uma faixa vermelha “Somente a greve geral pode barrar as reformas que retiram os direitos dos trabalhadores”.

Tocou o Cordão da Bola Preta, e vi o Lindbergh Farias. Também o Capilé. Vi o Wagner Moura chegar, provocando um frisson. Um orador chamou os blocos do Rio pelo nome um a um, e afirmou que “lutamos por uma vida menos vagabunda”. Vi mais três bandeiras do Brasil e uma camisa da CBF. Vi o bandeirão laranja do “RUA juventude anticapitalista”, e uma outra menos que trazia “KIZOMBA Por uma nova cultura política”. Uma camiseta com o rosto de Marighela e outra do Flamengo, e outra ainda com “Spinoza & Marx & Sartre & Foucault”. Uma quarta com São Jorge Guerreiro.

Tinha uns 40 PMs que, se pesadamente armados, não pareciam hostis. Bem a seu lado tocou o tempo inteiro um batuque do PT. Uma hora acenderam uma fumaça vermelha que submergiu completamente os PMs. Vi uma camiseta negra onde, nas costas, se lia “2013 – Eu fui”. Achei lindo e fui checar, achando que se tratava das Jornadas de Junho. Mas na frente lia-se “Rock’n’Rio – 2013”. Um orador pediu a Frente de Esquerda e disse que “Meninos mimados não pode reger o Brasil”. Vi chegarem o Otto e Martinália. Vi 5 petroleiros da FUP com seus jalecos laranjas.

Ao lado, um moço vendia panos de chão com o rosto de Temer e a legenda “Golpista”. Comprei um. Um cartaz trazia “Eu temo, tu temes, ele Temer. Nós teimamos, vós teimais e eles tremem”. Vi um adesivo “Escola sem mordança – SINPRO Rio”. Vi uma camiseta “Eu tenho brilho nos zóio”. Uma bandeira e um balão do Sindicato dos Comerciários.

Falou o Boulos e ele lembrou que as Diretas em 1984 começaram com um modesto comício na Praça Charles Miller, em frente ao estádio do Pacaembu, ainda no ano de 1983. Se a emenda foi afinal rejeitada no Congresso, o movimento foi vitorioso. Freixo falou em seguida, dizendo que “é preciso garantir as eleições em 2018, e que pior que ter duas eleições no mesmo ano [2017] é passar 21 anos sem poder votar”. Passaram duas mulheres ao lado perguntando de onde eram as pessoas. Elas diziam que só tinha gente de fora, pois “em Copa só tem coxinha, não veio ninguém”.

Depois falou Wagner Moura, bem articulado. É sempre curioso como o personagem por vezes gruda no ator. Achei curioso que o Capitão Nascimento estivesse no carro de som da esquerda. Outro dia vi no Youtube um vídeo intitulado “ator do Tropa de Elite comenta os acontecimentos”. E de fato um homem, que deve ter sido ator no filme, falava sobre a atualidade. Seu discurso era policialesco e militarista, muito bronco. Mas deu para ver que ele chamou a mensagem fundamental do filme (a violência é virtuosa e as milícias são formas não corruptas de vencer o crime) para sua nova persona, a de comentarista. Em seguida falou Douglas Belchior, que imediatamente chamou a libertação de Rafael Braga.

Até aqui o ato vinha bem na pegada sindical. Achei pouco diverso e não muito cheio. Apesar do clima de carnaval ser um bálsamo depois das bombas de Brasília, lamentei que, ao contrário da Capital Federal, não estava presente toda a esquerda. Além disso, o som era meio ruim. Esperava um palco, mas tínhamos um carro de som, de microfone meio estourado. Pensei se as falas gritadas de sindicalistas e ativistas não deriva deste fato técnico. Pois, quando falavam pessoas fora desta chave gritada, num tom de voz mais ameno, não se entendia nada. Os numerosos músicos que se apresentaram no dia sofreram com isso.

A música começou a tocar e o ato mudou um pouco de caráter. Eram 15h e a grossa névoa não ia embora, dando a estranha sensação de que éramos uma ilha cercada de vácuo por todos os lados. Chegou a garoar levemente. Achei que tinha agora umas 8 a 10 mil pessoas. As bandeiras sindicais foram embora e mais jovens acorriam ao asfalto. Fui com T sentar na areia e de lá observamos um pouco. Vários artistas se revezaram ao microfone ou cantaram juntos grandes e pequenos sambas. Fiquei muito admirado da canção paulistana “Trem das Onze” ser parte agora do cancionário do samba e de ouvi-la em plena Copacabana. O povo cantava junto.

Vi da areia da praia uns bandeirões do “FIST Chega de remoções e despejos” e uma faixa “Greve geral pela reforma política”. Vi uma bandeira LGBT, outra do MAIS, do DCE UFRJ. Um cartaz “Leilão do petróleo é roubo”, e outro “Temer Impala. Seems we only go backwards”. Esta última me recordo ter visto em frente a casa de Temer em São Paulo, ainda antes do impeachment. Vi uma camisa da CBF e duas bandeiras do Brasil, daqui. Vi uma camiseta que era um desenho do Belchior, mas onde só apareciam seu bigode e seu cabelo, e outra vermelha onde estava escrito “Lula Sim”.

Um moço branco de uns 25 anos vagava pelo povo sentado na areia, de fones de ouvido e olhar distante. Parecia totalmente alienado àquilo que ocorria à sua volta. Em sua camiseta

lia-se “London Rocks”. No carro de som, uma oradora puxou “as bicha, as gay, as trava e sapatão, estamos tudo junto pra fazer revolução!”. A certa altura alguém cantou “Apesar de você”, do Chico e a galera cantou muito junto. Em seguida cantaram Mano Brown e Rappin Hood. Uma ambulante negra era daquelas fãs que sabe toda a letra e cantava junto cada palavra. Os dois depois cantaram uma canção cuja base era o Caetano em Odara.

Voltamos ao asfalto e vi mais três bandeiras do Brasil e duas camisas da CBF. Um maluco se fantasiara de Hitler escoteiro e trançava a multidão. O câmera e repórter da Bandeirantes foram hostilizados pelos manifestantes. Cantaram Criolo e Maria Gadu. Afinal chegou Caetano e começou com “Podres Poderes”, seguida do “Índio” e de “Sem Lenço Sem Documento”.

Da rua dava para ver que um apartamento que dava frente para o mar tinha colocado um abandeira do Brasil na janela. Mas, na hora que começou a cantar Caetano, 4 coxinhas ficaram assistindo. Alguns dos apartamentos em volta, incluindo um de esquina, curtiam e celebravam conosco. A maioria das janelas permaneceu apagada. Já estava escuro, era por volta de 17:30h.

O clima tinha mudado completamente e também o número de pessoas cresceu muito. O Caetano sinalizou uma abertura do movimento para fora da bolha petista anti-golpe. As Diretas só vão ter relevância se souberem se abrir ao diferente e ao centro. T disse que ficou marcado que a presença dele e de Milton marcam não um saudosismo mas uma memória da luta, uma luta passada que gerou aquelas canções.

Chegou de surpresa Milton Nascimento, que foi muito aplaudido. Cantou “Coração de Estudante”, aquela do “toda forma de amor vale a pena” e a outra dos “foi nos bailes da vida”. Caetano voltou a cantar e foi de “Divino Maravilhoso”, que tem aquele refrão poderoso: “É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte”. Repetiram o refrão um monte, o povo cantou junto. Cantou ainda “Força Estranha” e aquela do refrão “eta,eta,eta, eta”. Ele chamou Fora Temer! Algumas vezes. Tinha muito mais gente agora, e não consegui avaliar mais. A imprensa de esquerda deu 50 mil ou 100 mil, o que achei um exagero, mas é possível que 50 mil pessoas tenham passado por lá ao longo do dia, as pessoas mudaram muito.

O show continuou depois de Caetano terminar, mas não fiquei. Tomei o metrô na Siqueira Campos, onde a multidão ainda gritava muito Fora Temer! E Diretas Já! Nas escadas e plataformas.

Tomei um BRT e fui para casa.

### **31 de maio – Secretaria da Cultura Ocupada**

O delegado que abriu o caso sobre a morte de Fachin foi assassinado em uma casa noturna. Os movimentos culturais da cidade de SP, organizados na FUC, Frente Única da Cultura, convocaram a primeira Audiência Cidadã da Cultura . Eu não fui, mas E foi.

Ato na Cracolândia. Secretaria da Cultura ocupada. Editorial do Estadão ataca a Lava Jato, condenando as delações premiadas e prisões preventivas, em favor de Temer. A Folha de São Paulo parece abandonar Temer.





2017

**PLOF**

O metrô já estava cheio de jovens fantasiados e de gente **energizada**. A cidade como um todo (pelo menos o centro) fica transformada com a Parada, e vibra uma eletricidade muito interessante no ar. Apesar da **gritante** comercialização e normalização pelo consumo da Parada, ainda há algum tipo de projeto de **liberdade** por conquistar presente no evento.



## **1 de junho**

Saí **da** da Estação da Luz para ir ao Largo General Osório para uma aula pública sobre a Cracolândia. A ação de repressão aos usuários calou fundo na esquerda e mobilizou bastante gente. Quando cheguei, tinha um grupo de uns 7 jovens que ensaiavam uma peça ao ar livre. O diretor era um moço negro. Vi umas 30 pessoas ao redor do mobiliário da pracinha, que se compõe de uns bancos e uma mesa de pingue-pongue. Falava ao microfone um moço do Instituto da Defesa do Direito de Defesa. Fazia uma fala jurídica, alertando para a progressiva perda de direitos e criminalização da reivindicação social.

Encontrei a fotógrafa A e também E, que me fala que há concentração em frente ao prédio da Secretaria da Cultura, o Olido. Um andar do prédio ainda está ocupado e ela disse que precisam de apoio. Chegaram E e K. Conversamos um pouco e fui para a Arouche checar a concentração dos artistas.

Vi umas 300 pessoas lá na frente, na maioria jovens ao redor dos 30 anos. Busquei algum rosto conhecido e logo vi S, que acabara de conhecer na Casa do Povo no dia anterior. Conversamos um pouco e dei uma olhada no ajuntamento.

O portão do prédio estava fechado, com dois policiais em guarda. Logo em frente, seis mulheres tocavam atabaques e outros tipos de tambores, animando uma espécie de capoeira/ciranda. Junto a elas, uma faixa, no chão, trazia: “A secretaria da cultura manipula informação e quer acabar com a lei de fomento à dança e tantos outros projetos de formação artística. Fora Sturm! Fora Lara! Fomento é lei!”. Vi os cartazes “Fora Sturm #baquebolado”, “Fora Sturm, um secretário que não dialoga”.

Achei a concentração boa, sem carro de som, batuque e muita dança. Não acompanhei o processo, mas parece que hoje mesmo desocuparam o andar da secretaria onde estavam. Não esperei a concentração acabar, tomei um metrô e fui para casa.

## **2 de junho**

***Sonhei que saía de uma manifestação ou fábrica. Era dia de pagamento e fui comer em uma lanchonete lotada de gente. Consegui pedir um cheese-salada e saí para comer na praça em frente. A praça era composta pedaços deslizantes, praças móveis que vinham de outros lugares da cidade para estacionar lá durante a noite. Sentado numa mesa pesada de madeira, vi que uns carecas começaram a quebrar coisas e a brigar. Tentei sair fora por uma lateral mas fui confrontado por vários deles: eles tinham planejado a***

***coisa e cercado a praça. Eu estava carregado de coisas na mão e vestia um casaco aberto fácil de agarrar enquanto caminhava pelo beco cheio de escadas. Um dos carecas eu consegui evadir na moral, olhando nos olhos e andando forte, mas o outro mais adiante conseguiu me bater com um bastão. Saí fora mas o gancho de uma armadilha deles conseguiu me rasgar a roupa, e acabei apanhando mais à frente. Mas aí trombei com uns antifas, primeiro duas moças que me acolheram e depois outra gente. Eles desceram o beco e foram confrontar os carecas. Fui também e peguei no chão uma corrente que fiz girar sobre minha cabeça, mas eu me atrapalhava e não conseguia atingir ninguém, só meu próprio cocoruto. Aí decidi usar a corrente para esganar um careca que parecia menos gangster e mais um líder. Envolvi seu pescoço nos elos de ferro e apertei. Surpreendi-me de como era fácil matar. Depois de um pouco, ele caiu com o pescoço marcado pela corrente.***

Repercute o avanço de Corbyn nas pesquisas eleitorais. Algumas dão apenas 1% de diferença com os Conservadores. Parece que ele conseguiu acessar seus eleitores para além da máquina partidária e midiática. No Brasil, a esquerda nova parece estar sem saída, sem inscrição partidária ou institucional. O derretimento das instituições brasileiras e o estado de sítio contra o PT fazem com que haja muita reiteração e púlpito, inclusive dentro da esquerda não-petista, que parece ter evoluído pouco além do desejo de “matar o pai”. Por vezes há muito desânimo na esquerda toda, pois mesmo a candidatura de Lula, improvável, traria enormes problemas no campo popular, desde a governabilidade com 45% de rejeição até a sua plataforma, que não vai ser de esquerda, mas sim de conciliação e meramente desenvolvimentista.

Governo Temer se mantém, em meio à guerra entre Gilmar Mendes/Temer/Aécio contra Janot/Moro/PF, e parece que há certa acomodação entre as forças do golpe. Os lances estão sendo feitos, mas a urgência da crise parece estar sendo retardada pela falta de opções no caso de vacância da presidência. O PSDB é no momento o fiador de Temer, já que, sem seus deputados e senadores, o governo colapsaria no Congresso.

Repercute na imprensa internacional o manifesto de diplomatas do Itamaraty contra o uso da força em manifestações políticas.

#### **4 de junho – Ato pelas Diretas Já**

Desci a Cardeal a pé para o grande ato pelas Diretas Já, chamado pela Frente Brasil Sem Medo, mas onde a tônica eram os artistas. Eram 13h quando cheguei no Largo da Batata em Pinheiros.

O ato prometia encher, mas ainda só tinha umas mil pessoas. O sol estava forte e o cimento que pavimenta a praça piorava a situação. Dei um giro e vi que já tinha muitos jovens presentes, de 15-25, cuja presença permaneceu ao longo da manifestação.

A moça ao microfone era do Arrastão dos Blocos. As ondas sonoras não prometiam muito, pois o som estava meio estridente, estourado. Enquanto ela cantava “sexo oral, pelo fim do capital, sexo anal, pelo fim do capital, sexo lateral, pelo fim do capital, assexual pelo fim do capital”, vi as bandeiras do MTST, CUT, CMP, Frente Brasil Sem Medo, MAIS, PDT, JPT, PSOL, CUT. O PCO chegou com 12 bandeiras e uma faixa “Derrotar o golpe!”, e outro grupo portava uma “Vidreiros SP-CUT Diretas Já!”. Vi cartazes “Fora Sturm”, “Fora Temer e Diretas Já!”. Vi uma camiseta do PT, outra “Quanto mais lâmpada, mais rua”, “Vai ter luta” com o rosto de Lula e ainda “Respeita as mina, não é não”. O sistema de som da manifestação tocava a “Dança do Patinho”, um funk saboroso. Passou uma moça com “Diretas Já!” escrito na testa a canetão.

Um grupo de mulheres parecia ser o Ilú, em pleno batuque. Uma mulher imprimia panos de chão e capachos com a frase “Entre sem Temer”, além do pano de chão com o rosto do atual presidente. Uma faixa trazia “RUA por uma cidade colorida”, e um cartaz “Dilma Neles!”. Vi um senhor de saias. Vi o Capilé. Vi uma barraca da FUP dos petroleiros.

Nessa hora, uma banda começou a tocar “Tropicália”. Olhei em volta e contemplei o povo ao redor ao som do “monumento não tem porta, a entrada é uma rua antiga estreita e torta”. Lembrei de ouvir esta faixa adolescente e curtir o tom misterioso de seriado de televisão, o contraste do refrão carnavalesco, uma espécie de radiografia do Brasil e da luta como um episódio televisivo de mistério e ficção científica. Hoje pensei que os tempos atuais, estranhos, pediam alguma interpretação nesse nível.

Havia muito militante e jovens de 30, a galera das artes criativas. O número alto de jovens era anotável, mas não sei se tinha furado a bolha. Avaliei no final que seríamos ao todo uns 15 a vinte mil.

Vi o S dos Jornalistas Livres. Um moço vendia Lps de MPB. Vi camisetas “Derrubar o golpe”, “Diretas Já! Direita Nunca”, uma banca do PSOL. Vi um bandeirão do Sindicato dos

Bancários e Funcionários”, da “Frente de Mulheres pela Democracia com Dilma”, e outra da UNE.

Atrás do palco, uma máquina com o cartaz “camisinhas aqui”.

Apesar da tônica ser a música, falou uma economista. Muito “Fora Temer!” e “Diretas Já!”. Falou o Boulos, sempre enérgico. Muita gente chegando.

Dei um giro e, próximo ao carrinho de som do Arrastão dos Blocos (a chamada pipoqueira), estavam vários estandartes: Bloco Cacique Jaraguá, Bloco Carnavalesco Macaco Cansado, Bloco Bastardo, Bloco Frevo da Vila, Bloco Carnavalesco Não Tô Bem, Bloco Agora Vai, Jegue Eletrônico, Saia de Chita, Bloco da Abolição – Bixiga, o Bloco Vai Quem Quer.

Vi o pessoal do bairro onde já morei com a faixa “Pompéia Sem Medo”, outra “Butantã na Luta”, o pessoal do Levante Popular da Juventude, a bandeira da Juventude Socialista do PDT e outra da CTB. Uma camiseta verde trazia: “Casa Grande surta quando a Senzala aprende a ler”, outra estava silkada “Tchau, querido”.

Encontrei P com seu chapéu e conversamos. Ele dizia que hoje não estava valendo os acordos da Fundação Cobra Coral. Perguntei o que era e ele disse que se tratava de um acordo do PSDB de São Paulo com os caciques da chuva, pois em manifestação coxinha só fazia sol, e a oposição tinha que aturar chuvas e trovoadas!

Notei uma camiseta do PSOL: “Não recebo um real, estou na rua por um ideal”. Outra do LSR trazia “Antifascista Sempre”, uma da CBF e outra do Pcdob.

Eram 14hs quando encontrei D, autonomista. Conversamos sobre 2013. Um sindicalista no palanque chamou Greve Geral. Vi o pessoal dos primeiros socorros, o GAPP. Um anarquista afirmava que as estações Paulista e Faria Lima estavam fechadas para pretensas “obras” e que os ônibus também hoje circulavam de forma limitada. Vi o V.

Estava muito quente, Simoninha cantava no palco quando vi uma tenda onde se vendia um capacho “Entre Sem Temer”. Vi uma faixa “Estudar e Lutar Sem Temer: Cursinho Popular do Capão”, e outra “Junto na Luta” do SINTAEMA (trabalhadores da água, esgotos e meio ambiente de São Paulo). Vi uma camisa do São Paulo FC, uma camiseta “The future is female”, outra do Sinpro “Nenhum Direito a Menos”, e ainda outra “Um dia pode mudar tudo”. Uma bandeira do MRT “Fora Temer, Fora Moro”. Vi um cartaz com o Aécio atrás das grades, que trazia “Entra, Temer!”.

Eram 15:30h e continuava a olhar o entorno. Havia muitas faixas e cartazes feitos À mão. Vi a bandeira do Coletivo Democracia Corintiana, outra da campanha Haddad/Chalita, duas

outrês do Brasil, uma colorida LGBT, uma da Intersindical e outra da UJS. Uma camiseta do PCB, outra com o rosto do Marighella, outra do Corinthians.

Perto do carrinho do Arrastão dos Blocos, muita gente cantando “Ei, você aí, Temer tem que sair, Temer tem que sair”.

Aproveitei a deixa às 17h e saí fora eu, antes do término oficial. Tomei o metrô e fui para casa.

## **5 de junho**

Greve geral marcada pelas centrais sindicais para 30 de junho.

## **6 de junho**

*Sonhei que fazia uma imersão xamânica, dentro de uma mansão e mas também na cidade. Tinha lá J, a G, H e muitos outros. Nada acontecia de começo, mas a coisa ia escalando sozinha para um frenesi sem controle. T aparecia mas não ficava nem me dava atenção. Percorri muitos espaços da mansão, encontrando várias pessoas em diferentes situações, e em alguns deles tinha um cachorro bravo e depois um tamanduá. No fim, sem muito interesse mais, aguardava com os outros uma conversa de fechamento. Alguns davam dicas do que se esperava que fossem os resultados e como se apresentar para ser “aprovado” na atividade. Eu estava meio machucado e com fome. Acabou que a conversa final foi num ônibus em movimento e eu falei que antes tinha estado num cruzeiro xamânico onde eu aprendera a sonhar, e que agora eu tinha sonhado aquela atividade xamânica (mas o ônibus e fechamento eram reais). Nas despedidas o xamã estava exausto e reclamou que tudo aquilo era muito desgastante.*

*Dormi de novo e sonhei que estava em outro casarão, talvez uma escola. Tinha uma grande reunião, ou era festa da escola. A certa altura estamos em uma arquibancada no quintal e mais pessoas chegam, e temos que sentar mais apertado para acomodá-los. As pessoas percebem uma movimentação no vizinho, e aparece uma atiradora da PM, com um fuzil na mão. Ela é sorridente e afirma que não há perigo. O evento parece acabar a certa altura e ajudo a fechar a casa. Verifico todas as janelas e portas, dizendo a uma senhora “em casa que é grande sempre fica uma janela aberta”. Num quarto, a janela está de fato aberta e vou fechar. Vejo lá fora, no escuro, um PM que*



*grita e atira. Depois do clarão azulado, caio atingido e fico em choque. O policial agora está sem uniforme, meio disfarçado de civil/mendigo. Ele vem falar umas coisas e perguntar sobre a reunião, pedindo que eu me torne informante, pois “você não gosta dessas coisas de religião, né?”. A certa altura tenho sede e ele me oferece um copo de leite, mas eu apenas molhos os lábios. Pergunto com o que eu fora atingido, e ele não fala. Depois de um tanto ele vai embora enquanto eu levanto, e, do outro lado da rua, ele ainda me atinge no pescoço com uma bala de borracha. Retorno à porta principal do casarão e um grupo de umas 15 pessoas está na calçada, incluindo a PM sorridente e também uma outra policial, muito jovem e pouco à vontade. Pergunto “Você vai contar para seu filho o que você fez hoje?”.*

### **7 de junho – Corbyn na Grã-Bretanha**

Repercute o julgamento de Temer/Dilma no TSE. Muitos petistas, os dilmistas, não querem a condenação da chapa, pois isso tiraria de Dilma a posição de pessoa proba injustiçada, de não ter nenhuma. Não aceitam queimar Dilma para pegar Temer. No geral não querem também as Diretas Já, que percebem como reconhecimento do golpe. Exigem a anulação do impeachment para impedir a inscrição institucional legitimadora do golpe.

Acompanhamos com muita atenção as eleições na Grã-Bretanha. Corbyn teve um crescimento de última hora, mas tudo foi embaralhado pelo segundo atentado. De qualquer modo, parece que não vai ser o massacre que decimaria o Labour. Apesar de depender do voto jovem, Corbyn consolidou sua posição dentro do partido e provou ser alternativa viável, o que não estava dado dois meses atrás. Sanders, Melanchon e Podemos podem constituir um começo de uma reação às novas configurações da política.

### **8 de junho**

Acompanhei passo a passo a eleição britânica e fiquei muito feliz com o crescimento de Corbyn e os resultados excepcionais que alcançou. A mensagem para toda a esquerda é que a rebeldia e crítica ao neoliberalismo e seus dogmas são possíveis e o caminho adiante. Conseguir conectar a vida política com essa energia que está dispersa nas várias resistências é a chave hoje. Intuo que precisamos entender melhor como a organização Momentum, que não é uma facção do partido, conseguiu fazer essa conexão entre militância e o projeto Corbyn, fora da máquina partidária e contra a bancada parlamentar.

Temer também se recusa a responder as perguntas da PF, enviadas em questionário.

## **9 de junho – Gilmar defende Temer**

Gilmar Mendes livra Temer no TSE e causa muita polêmica. Muita gente indignada e revoltada com a parcialidade da Justiça... o que já era sabido por petistas. A atuação de Mendes foi escrota, à altura de seu caráter repulsivo e bandido. Ele alegou o exato contrário de decisões suas passadas. Dilmistas estão contentes que ela foi inocentada. Há uma guerra aberta agora entre Janot/Moro/PF e Temer/Mendes/PSDB. Blogs afirmam que Temer manda o serviço secreto investigar Fachin e castiga a JBS cortando dinheiro do BNDES emprestado à empresa. Parece que vai ser difícil derrubar o arqui-operador Temer. Talvez a rua passe a ser relevante de novo. Alguns temem uma guinada autoritária do presidente, que lançaria a cartada fechamento para derrotar adversários e se colocar como a única alternativa para a continuação das reformas, o único que conseguirá barrar a rua.

## **10 de junho**

Carmen Lucia solta dura nota contra a suposta mobilização do serviço secreto contra Fachin. Os blogs estão apostando na escalada do embate JudiciárioxExecutivo/Legislativo. A Veja deu capa dessa guerra, e o Globo deu editorial em primeira página contra o TSE.

## **11 de junho – Mulheres no Arouche por Diretas**

Saí da Estação República para o Ato das mulheres pelas Diretas no Arouche. Parece que fora chamado pela Marcha Mundial das Mulheres e pela Frente Brasil Popular, que são mais petistas. Eram por volta das 13:30h.

Vim pela Bento Freitas e vi alguns inferninhos abertos, punhados de imigrantes e um ou outro travesti. Ao chegar no Largo, vi o palco montado e o povo na frente. Uma moça negra cantava ao microfone. Achei meio vazio, talvez umas 2 mil pessoas. Achei que a maioria era de mulheres de 20 a 30 anos, mas com uma presença importante de mulheres de 50-60.

Dei um giro e vi bandeiras da CTB, PT, Pcdob do Levante Popular da Juventude e um estandarte do MAIS. Vi uma faixa “Diretas Já! Fora Temer!”, “Legalizar o aborto. Somos todas clandestinas”. Vi a moça que aplicava o silkscreen do rosto de Temer no pano de chão. Um cartaz: “Mulheres sem Temer”.

Logo notei uma mesa de dilmistas. Uma bandeira trazia “Dilma vai voltar”. Um cartaz rogava “Ministros do Supremo! Mexam-se! Vocês vão sujar suas biografias?”. Outro chamava para ato em frente ao STF em Brasília, data em que será julgado o mérito do impeachment contra Dilma. Outros painéis feitos à mão traziam várias fotos de Dilma, com os dizeres “Dilma família, avó dedicada”; a legenda “As únicas pedaladas que ela dá na vida”

acompanhava uma foto da presidenta de bicicleta; “A misoginia pode destruir reputações”; duas fotos traziam o infame adesivo para a entrada de gasolina de automóvel, legendadas “adesivo misógino colocado na boca do tanque de combustível simulando um estupro. Machismo banalizando crime hediondo”; uma foto de um moço em um *stand* de tiro ao alvo: “Agente da PF praticando tiro com a imagem da presidenta Dilma”; a capa da Istoé de 2016 com a manchete “As explosões nervosas da presidente”;

Uma das mulheres dilmistas veio falar comigo e disse que tinha ido a Brasília para um ato do STF. Disse que tinha mais de 2 mil policiais, mas menos de 200 manifestantes. Afirmou que há uma guerra aberta em Brasília e que muita gente está morrendo. Apontou a morte do ministro Zavaski como exemplo, dizendo que o socorro ao avião deixou a moça morrer e não acudiu-a, além da morte dos dois delegados recentemente assassinados. Falou da moça Richstoffen, que matou os pais de como a própria mãe havia levado a jovem ao Ibirapuera acompanhar o irmãozinho, quando este aprendia a operar o aviãozinho que havia ganhado de presente. Ali a moça conheceu o menino que a levou ao crime.

Falaram ou cantaram muitas outras mulheres, na maioria jovens e negras. Falou Maria Rita Khel. Falou contra a PM e a permanência da tortura nas delegacias, declarou apoio ao MST e rogou à Primeira Dama “sai dessa, Marcela!”.

Entendi que de manhã tinha ocorrido mais uma ação na Cracolândia, muito violenta. A tensão estava meio alta, e parece que a prefeitura quis proibir o ato. O som do carro não era bom, e mesmo as canções caíam meio esfolantes. Acho que a pauta Diretas Já é boa, mas algumas organizações, tais como a Frente Brasil Popular e mesmo a Marcha Mundial de Mulheres estão com um problema de legitimidade. Isso verdade de toda a esquerda, e parece que o formato de manifestação ode ter a ver. As falas eram no geral no tom agressivo de costume.

Vi uma camiseta “Fervo também é luta”, outra da ULCM (moradia), uma faixa “, uma faixa “Anular o impeachment é anular o golpe”, outra “Greve Geral! JUNTAS pelos direitos! #Fora Temer! JUNTOS.com.br”; e ainda “Estudante: RUA em defesa de nosso futuro”. Vi bandeiras do PSOL, da Frente Brasil Popular, várias coloridas do LGBT e uma do Brasil. Um cartaz trazia “Democracia#partido feminista”, e outro “Menos para os bancos e mais para as pessoas!”. Cjegou T.

Uma banca vendia camisetas com os retratos de Frida Khalo, Rosa Luxemburgo, Lênin, Mujica, Che, Mafalda, e os dizeres “Lutar Sempre, Temer Jamais” e “Mátria livre!”.

Meio desanimado, saí por volta das 15h.

### **13 de junho – Onguismo gospel**

Estava com T em um bar da Rego Freitas e o garçom afirmou que a Vanessa Camargo estava quebrada após tomar emprestado 12 milhões para lançar-se na indústria do entretenimento. Disse que ele divide uma kitchenete com um diretor de TV que já foi da Globo e que negocia com a Record a venda de seu programa Talento Gospel. Este teria ajudado a negociar o contrato com Vanessa, que ganha 5 mil reais por programa que vai ao ar. Evangélico, disse que está terminando seu mestrado em psicologia e cristianismo, e que busca juntar educação e religião. Acredita na transformação social e quer voltar ao Norte, de onde vem, para abrir uma ONG e fazer trabalho social.

### **14 de junho - “Eu sei o seu IP”**

Me contaram que a apresentadora Ana Maria Braga, em um de seus programas diários, vestia outro dia uma camiseta que trazia: “Eu sei o seu IP”. Paranoia?

Caminhava pela Avenida Rio Branco e entrei na Timbiras em direção à República. Tinha acabado de falar com um moço que tem um negócio na região da Santa Efigênia, que reclamava do aumento da violência depois da dispersão da Cracolândia.

Na esquina, vi um homem conversar com um PM, dizendo que fora atacado por um morador de rua, que tinha tentado roubar seu colete. Disse que tinha acabado de acontecer. Descreveu o agressor como “um negão de camisa vermelha”. O PM saiu pela calçada de arma na mão, seguido por uma viatura. Nessa hora, pensei que todos os homens negros com camisa remotamente vermelha do lugar agora corriam perigo de vida.

Saí fora e fui para casa.

### **15 de junho – Militaristas no Paissandu?**

Caminhava pelo Largo do Arouche e notei um grupo de uns 15 meninos e uma moça. Eles estavam em formação e marchavam ao lado da Igreja dos Homens Pretos. Achei estranho e fui checar.

Um senhor negro de uns 50 anos, porte atlético e rosto severo, supervisionava seu subordinado, de boina, que organizava e fazia marchar o grupo de meninos e menina. Eles vestiam camisetas negras e calças sortidas. Gritavam ao marchar, como se vê nos filmes de treinamento de recrutas. Fiquei muto alarmado com a cena, e não sabia o que me chamava mais a atenção: o militarismo aberto do evento, a incompetência crônica da marcha, a idade dos moços (17-20 anos). Fiquei realmente chocado que uma milícia fascista estivesse à

vontade o suficiente para treinar em praça pública. Observei um pouco de longe e resolvi chegar perto para checar suas camisetas, que traziam alguma insígnia.

Meu alívio foi apenas parcial. Eram de uma academia preparatória para o ingresso na PM. Achei isso melhor do que um *fascio* assim tão acintoso, mas depois pensei que a distância entre polícia e gangue não é tão grande.

Saí fora e segui meu caminho.

### **16 de junho – Derretimento**

Tudo meio chato e pouca coisa na rua. O cai-não-cai de Temer ocupa todo o noticiário. Segue o racha na imprensa, e o PSDB fica por vezes apoiando e por vezes ameaçando sair fora. A urgência das reformas não passou para o golpe, mas não se sabe se Temer vai realizá-las. Ele deve seguir por algum tempo onde está devido a seu apoio no Congresso, mas Janot e o Judiciário prometem petardos contra ele. Parece que há uma guerra de gangues em andamento. As instituições em pleno derretimento. As acusações contra Temer e Aécio em muito superam aquelas feitas contra Dilma e Lula, mas nada parece adiantar. Dallagnol em plena campanha.

### **17 de junho – Marcha das Mulheres**

Saí da Estação Anhangabaú para ir à Praça Roosevelt, para a Marcha das Mulheres Lésbicas, Trans e Bissexuais. Acontece sempre um dia antes da Parada Gay. No geral esta é mais politizada e menos muvuca. Menor, ela propicia mais trocas e elaboração política do que pular ao som de um carro na avenida.

Eram 14:45h quando cheguei pela Consolação e vi pouca gente. Eram umas 50 ou 60 pessoas, na sua maioria mulheres de 15-30 anos. Dei um giro e notei a senhora anarquista que por vezes vejo com seu filho em passeatas autonomistas. Vi muitos skatistas. Encontrei L dos JL e comentamos sobre a calmaria atual em São Paulo. Concordamos que o cenário atual privilegia lances de luta institucional e a rua está apagada, pelo me nos em São Paulo. Anotamos, porém, as importantes concentrações pró-Diretas Já em BH e Salvador, sem mencionar São Paulo.

Notei umas mulheres de camiseta amarela, por volta de 5 moças. Elas distribuíaam panfletos. Na camiseta, os dizeres “Sorria! Jesus te aceita”. Achei curioso elas panfletarem exatamente este público LGBT e fui conversar. Falei com duas pastoras da Igreja Contemporânea, que aceita fiéis de qualquer orientação sexual. Elas tinham uns 30 anos. Perguntei como era esse debate dentro das igrejas existentes, e elas disseram que há muita

resistência ainda. Disseram que muitos jovens se ressentem disso e não querem sair de suas comunidades por causa da orientação sexual. Disseram que umas poucas igrejas, como a Batista, iniciaram esse debate internamente. Mas que eles, que conversavam comigo, preferiram sair e fundar sua própria igreja. Quando apontei que nenhuma fala de Jesus condena a homossexualidade, ela citou o episódio do centurião. Jesus é abordado por um centurião que roga pela cura de seu servo, que está doente. A moça falou que no texto grego, a palavra usada para servo é “paísse”, o que denota um servo sexual, comum no mundo romano. Isto é, ele e o centurião são um casal homossexual. Assim, Jesus, ao realizar a cura do servo, sacramentou uniões de amor, independentes das suas orientações. Citações na bíblia contra as mulheres e contra a homossexualidade são dos apóstolos, especialmente de São Paulo, que atuou mais de uma geração depois de Jesus (ele mesmo nunca conheceu J e operou uma rebelião contra a igreja – sinagoga - de Pedro, em Jerusalém, este sim apóstolo que conheceu Jesus e foi objeto da primeira piada da cristandade – tecnicamente um trocadilho [*Petros/Petra*: Mateus 16:18]). Chequei depois a citação, Mateus 8:5-13 e Lucas 7:1-10, e de fato há essa discussão acerca da nomenclatura do servo.

Busquei um boteco para escrever um pouco e esperar encher. No caminho, vi na pracinha da Nestor Pestana um grupo de uns 30 jovens de 20 anos, ao redor de uma faixa gigante do arco-íris. Um moço grande de barba rala vestia uma camiseta “Mães por Direitos”.

Voltei depois de uma Seleta ou duas e notei que o espaço – o exato local da notória e agora demolida casa noturna Kilt – enchera bem, com umas 600 pessoas, a esmagadora maioria de mulheres, algo entre 25 e 35 anos de idade, mas tinha algumas senhoras de uns 50-60. No caminho, vira uma pixação “No meu passo, coragem nas ruas. Liberdade”. Uma câmera da TV dos Trabalhadores estava presente e entrevistava manifestantes.

Eram 16h. Vi poucas faixas e bandeiras, mas vi muitas camisetas: “Você não precisa ser lésbica para ser contra a lesbofobia”; outra “Sou preta, sou sapata, sou foda!”; “Lute como uma garota!”; “Lutar sempre, Temer jamais”; “Girls bite back”; “Preta, gorda, periférica”; “Quanto menos lâmpadas, mais rua”; “Fervo também é luta!”; “Lord of the Lesbians”; “Marcha das Mulheres Negras de 2015”; “GRL PWR”; “Ousadia Poder Loucura”; “Everything connects”; “Eu, mulher negra”. Já outras duas traziam, “PT”, e a outra os rostos ladeados de Marx, Engels, Lênin e Trotsky. Vi dois moços do LSR vendendo o jornal “Ofensiva”.

Na roda central, rolava uma amistosa batalha de Mcs. Meninas se alternavam ao microfone, apoiadas em uma base sonora gravada e mandavam falas percussivas. O rap fez retornar o



texto longo à música pop, o que é muito bom. Nas rodas de impro, a liberdade da poesia intuitiva permite elaborações muito interessantes sobre as lutas e questões da galera. Os temas eram sugeridos na hora pelo público.

Vi um cartaz roto na parede “Não me venha com indiretas!”. Vi cartazes escritos à mão “Chupar xoxota é uma coisa linda”; “Sapatão, cola velcro, caminhoneira, lésbica”; “Primavera Bissexual”. Mais de uma bandeira do arco-íris aos ombros. Outra bandeira trazia “Liga Brasileira de Lésbicas”.

Vi faixas, no chão ou eretas: “Mulheres na ativa”, “Luanas e Kátias, quantas mais? Resistência”, “Racismo, sexismo e especismo não é uma questão de opinião”, “Fora Temer e as reformas! Por um Stonewall na educação. Coletivo da diversidade de gênero e sexualidade da Faculdade de Educação da USP”, “Lésbicas radicais contra o Estado racista e machista”.

A concentração saiu afinal em passeata pela Nestor Pestana. Estimei umas mil pessoas. Cantavam palavras de ordem: “Como a Luana, tem mais de mil, eu quero o fim da polícia no Brasil!” e outras.

Na Nestor Pestana tem uma igreja Batista, bem em frente a ACM. Rolou que estava ocorrendo um casamento, com carro antigo estacionado em frente e tudo. Eu tinha caminhado à frente do ato e vi que os noivos se posicionavam na escadaria do templo para uma foto com papai e mamãe, e todos os convidados. Só que nessa exata hora chegaram as lésbicas e bissexuais e trans, gritando sobre os prazeres do sexo oral em cadência militante. Quando a marcha percebeu o que rolava, pararam a passeata e fizeram um auê, para o infinito embaraço do vovô da noiva, que não sabia onde enfiar a cara. As mulheres sentaram no asfalto e fizeram aquele canto que começa com “êêêêê...” e todo mundo levanta bem na hora que cantam “eu sou sapatão”, seguido de algo que não entendi, para finalizar com “eu vou beijar na boca pra fazer revolução!”. Depois de uns 10 minutos de muita gritaria, a noiva interagiu com a passeata, o que gerou enorme alegria entre as meninas na rua.

Acabamos por seguir em frente, parece que em direção ao destino final que era a Praça da República. Elas cantavam uma cadência muito envolvente, ao som das palavras “se o mundo fosse cheio, cheio de sapatão, então seria a Revolução, a Revolução das Sapatão!”.

Saí fora nessa hora da Nestor para encontrar H em frente a Secretaria da Educação, lá perto. No caminho, vi uma mulher com uma camiseta “Feminism is the radical notion that women are people”.

Em frente da padaria perto do oneroso Bar da Dona Onça, no Copan, trombei com um grupo de umas 20 pessoas negras. Rolou que era um casamento também, com noiva, noivo e padrinhos de smoking branco, fazendo fotos no local. Hesitei, mas não fiquei para ver como seria mais um encontro das moças lésbicas com uma cerimônia heterossexual de matrimônio, só que desta vez da gente negra.

Cheguei na República e observei o entorno. Perto de mim, passou uma trans, que era moradora de rua, que cantava muito alto “Hoje é domingo, pé de cachimbo, pau no cu do mindingo!”.

Chegou H fomos tomar um café. Falamos do estado atual da esquerda e das dificuldades de construir alternativas, acossada pela ortodoxia partidária e pelo desmanche pós-moderno (minha formulação).

Tomei o metrô e fui para casa, antes de conferir uma noite de guitarradas paraenses. Dancei muito.

### **18 de junho – Parada LGBT Fora Temer!**

Saí da estação Brigadeiro para dar uma olhada na Parada do Orgulho LGBT da Paulista. Eram 14:30h e não pretendia ficar muito, mas sempre vale dar uma checada. Quis atentar para manifestações políticas e de credo que pudessem emergir. O tema geral foi justamente a intolerância religiosa. Esperava ver, como no ano passado, e como na marcha das Lésbicas, jovens evangélicos “obrando” nesse meio.

O metrô já estava cheio de jovens fantasiados e de gente energizada. A cidade como um todo (pelo menos o centro) fica transformada com a Parada, e vibra uma eletricidade muito interessante no ar. Apesar da gritante comercialização e normalização pelo consumo da Parada, ainda há algum tipo de projeto de liberdade por conquistar presente no evento.

Na rua, muita de gente de todos os tipos: desde mães com seus bebês até drags demoníacas. Lamentei ter deixado para sair meio tarde, pois a muvuca geral já reinava, o que diminui a potência das vozes diversas. Aqui onde estava, a multidão ainda meio esparsa rodeava os carros de som. Olhando em volta, me peguei desejando que toda manifestação de esquerda e greve geral fossem assim: cada um veste uma fantasia, faz uma coreô, caminha abraçada com os amigos, se maquia e se produz. Cada um se inscreve como mensagem e não há muita separação pregador/rebanho. Até a qualidade do som dos carros era muito melhor do que nos atos sindicais ou das Frentes Brasis Popular e Sem Medo. Dava para dançar. Pouca faixa, mas muita presença. A esquerda precisa aprender com elas.

Alguns carros de som traziam muita gente à volta e estrangulavam a passagem. Achei inicialmente que seria possível caminhar pela Paulista até a Consolação, mas a massa impedia a passagem. Tentei contornar pela Carlos do Pinhal, mas me enfiei num apertão antes que deu medinho. Acabei cruzando para a Santos, por onde foi possível avançar sem problema.

Muitas, mas muitas selfies mesmo: sozinha, em grupo, feliz, na fissura, no agarro, na pose, no riso, na máscara.... Certamente este formato definirá visualmente o início do século XXI.

No caminho, vi uns cartazes junto a um carro de som. Traziam “Vote LBGTS em 2018! Unidos somos mais fortes!”. Outro, colorido, trazia um mapa do Brasil com os dizeres “Golpe e Progresso. Menos 64 e mais 69”. Avançando agora pela Santos, vi muita gente desgarrada da massa que vinha também buscar acesso pela alameda. Vi que um moço distribuía bandeiras de plástico coloridas, com o número 99. Compreendi que era uma empresadetáxi, concorrente da Uber, que fazia sua publicidade.

Uns moços mexeram comigo, gritando “ô caubói! Olha aqui, ô caubói!”. Eu na verdade tinha investido no look gangster dos anos 40, mais Bogart e menos Bruno e Marrone, mas, paciência, a vida é assim! Fiquei feliz.

Cheguei na Consolação esquina com Paulista, e, no geral, estava mais respirável. No tapume de uma construção vi o cartaz que chamava pela Greve Geral, assinado por Faísca, Pão e Rosas, MRT, Nossa Classe.

Na ausência de faixas e bandeiras, percebi que as camisetas falavam mais alto. Anotei algumas: “Não maltrate o bêbado. Encaminhe-o ao bar mais próximo”, dizia uma, enquanto um moço hipster, de barba, trazia “Ask me about my beard”. Dois moços seguravam dois cartazes que diziam “Assexuais existem!” e “Nós não fodemos você, ao contrário do governo!”.

Em frente do cine Belas Artes, estava o carro de som da central sindical UGT. Achei curioso que uma central tivesse investido na Parada. No geral apóio, mas quero ver é quando uma trans for presidente da CUT, UGT ou Força, e não apenas figuração do GT Diversidade.

Agora com mais espaço na Consolação, queimei um que havia trazido. Eram 15:30h e desci a avenida feliz ao som dos diversos carros que cruzei. O reggae, reggaeton, poperô, techno e funk me varreram como ondas sônicas no meio da avenida que tantas vezes já percorrera em diversos graus de tensão e perigo. Cada carro com sua tribo que venerava com dança o seu som.

Fiquei muito tocado com um grupo de 4 meninas de uns 12 anos, que vi correndo e rindo, abraçadas, de braços estendidos como as asas de um avião. Achei incrível que elas tenham intuído, à sua maneira, uma coisa que eu mesmo já notara nas incontáveis vezes que desci a Consolação dentro de um ônibus: a avenida desce em platôs e declives exatamente como faz um avião ao aterrissar. À altura da igreja, já quase no centro, a aeronave imaginária toca o solo e desliza na pista até a Xavier de Toledo. Teve um dia em que eu percorri todo o trajeto desde a Paulista até o fim, em algum bumba da vida, sem pegar nenhum sinal fechado. É lindo que o movimento social proporcione aos jovens a segurança do espaço público para ficar longe dos pais. Apesar das muitas faíscas daquele roçar de corpos que é a Parada, era muito evidente que mulheres jovens podiam estar completamente à vontade e em segurança, ao contrário de um ajuntamento análogo como o carnaval ou uma micareta.

Fui descendo a avenida a pé, e vi uma mulher e um homem, com um visual meio coxinha, agitarem uma bandeira do Brasil. Vi quando uma moça num carro de som brandir seu cartaz impresso “LGBT sem Temer #Diretas Já!” na cara deles. Outro cartaz, feito mão, trazia “Bring back the 90’s!”. Um moço, sem camisa, escrevera em seu corpo: “eu sou hétero e apoio lésbicas”.

Notei que havia muitos tipos de corpos, associados a muitos tipos de modos de vida. Alguns corpos se afofam, outros se endurecem, outros se esfolam, outros se recobrem, outros se desnudam. Há uma variedade muito grande de projetos afetivos e respectivas inscrições corporais. Fiquei muito impressionado com uma trans bem jovem, ferida, que se exibia meio agressiva para um outro moço que trilhava a via mais suave de corpo fofinho. Há muitas avenidas nesse campo.

Desci feliz até a igreja da Consolação, onde alcancei o primeiro carro de som do cortejo. Uma trans colorida falava ao microfone, e ela falava algo como “nenhuma religião vai ser lei”. Ela disse “meu nome é Tchaca e me sigam, estou no Instagram. Vai ser legal compartilhar com vocês este momento”.

O cortejo ia entrar na Rego Freitas e consegui cruzar em direção à Ipiranga antes que o carro de som e o povo bloqueassem a passagem. Notei que uma travesti muito atraente engajava, dançando e rindo, o grupo de moços jovens e fortes que manejavam o cordão de frente. Segui até a República e deixei para trás aquele faiscamento erótico cheio de meneios. Logo antes de alcançar a praça, uma trans que também era moradora de rua, sentada na calçada, interpelou-me: “Não tem nada pra nós? Tem gente que não tem dinheiro para ir à

Paulista, sabe?”. Fiquei meio sem jeito, alertado para a complexidade das políticas do corpo dentro da realidade social da cidade.

Tomei o metrô República e vi no trem um adesivo colado na parede: “Diretas Já! Lute pelos direitos e liberdade de amar. UNA União Nacional LGBT”. Desci na linha Azul e fui para casa.

R me contou depois que houve muito Fora Temer! E posições políticas de resistência, ali onde estive com seus amigos. Os jornais deram isso também. Fiquei feliz.

**19 de junho – Lendo as atrocidades na internet** Repercute o fato de Dallagnol receber até 40 mil reais por palestras que dá. Ele se justificou dizendo que o dinheiro ganho vai para um fundo destinado a cobrir despesas decorrentes da Lava Jato e da luta contra a corrupção. Estranhíssimo e potencialmente ilegal.

A imprensa petista (Nassif) está dando que FHC pede agora eleições diretas e finalmente quer que o PSDB deixe o governo, abrindo espaço para uma acordo de salvação nacional com Lula. Aécio estaria prestes a ser preso. Uma entrevista de Joesley à revista Época, na sexta, jogou muita gasolina na pira de Temer – e do Partido dos Trabalhadores, pois afirmou que “a corrupção estrutural começou com o PT”.

O clima geral está bem tenso e desanimador. Mesmo coxinha está desnorteado, e a sensação de que um drama doméstico de grandes proporções está em curso atrás das portas fechadas de Brasília, e que a nós só resta ficar em casa lendo as atrocidades na internet.

Segundo a reportagem, Julio Semeghini (secretário de Governo), André Sturm (secretário de Cultura) e Bruno Covas (vice-prefeito) participaram de um esquema para favorecer a Ambev em uma licitação milionária de patrocínio do carnaval paulistano; Repercutem as doações arranjadas por Doria, que envolvem isenção fiscal para as empresas doadoras.

Esperando em casa Brasília ferver e resolver suas pendências. Já dá para ver que logo o fogo se volta contra Lula e a esquerda. O episódio de Míriam Leitão, que escreveu ter sido agredida por petistas em avião (contestado por muitas testemunhas), mais certas delações feitas ou prometidas, são prefigurações da pressão que virá, que será ainda como bafon na imprensa a partir de declarações. O PT entra na Justiça para que Dallagnol revele sua lista de clientes e esclareça suas atividades como palestrante.

**20 de junho**

[anotações parcialmente danificadas]

Saí na Sé para o ato das centrais sindicais contra as reformas, por direitos e pelas Diretas Já! Eram 17:30h e caía fina garoa.

Logo vi o carro de som instalado em frente à escadaria da catedral. Eram umas 400 pessoas em um clássico ato sindical: balões das centrais, carro de som com volume alto com microfone monopolizado e militantes paramentados. Abaixo vou listar as organizações que vi representadas por suas expressões gráficas.

O que mais me chamou a atenção foi que vi muitas mulheres sindicalistas dançarem ao som do forró que irradiava do carro de som. Muitos dos parceiros eram moradores de rua presentes na praça. Os pregadores evangélicos estavam mais lá em baixo, como de costume. Mas os descamisados e destituídos da cidade orbitavam ao redor do marco zero, o que também é costumeiro nesta babilônia tropical. Homens de barba, rosto magro, mochila puída e bermudão, achando no fundo de seus corações algum parco consolo na cadência naquela sanfona daquele forró na praça, relembrada de algum baile mais feliz, perdida para aquela garoa que insistia em cair sobre nós. Estes, naquele momento, acharam nas sindicalistas pares de dança sob a chuva paulistana.

O ato em si era meio desanimado e derrotado, mas as interações incontrolláveis do centro de São Paulo davam alguma luz ao evento – luz desesperada, é verdade, mas luz mesmo assim. Assim é a praça da Sé.

As falas dos oradores no carro de som achei insignificantes e intercambiáveis no atual momento político. Todas gritadas, agressivas e fora do real. [*Anotei o nome Jandira, pode ser que a Feghalli tenha falado*]. Achei maior troca simbólica entre sindicato e trabalhadores na inesperada pungência do sertanejo ao ar livre: “Eu sou o desprezado que você desprezou”.

Acho que vi uns 8 jovens de 16 anos dançarem a música ao estilo funk.

Avaliei que as pessoas formavam uma proporção de 60/40% de homens e mulheres, ao redor dos 30-40 anos – mais uns jovens de 20. Contei umas 500 pessoas agora 18:30h.

Os discursos todos na pauta: Diretas Já!, Golpe, Fora Temer!

Vi os balões da APEOESP, dos Químicos, dos Bancários, do SINPRO. Vi as bandeiras da Frente Brasil Popular, da Intersindical, do PSOL, do JSIJNDISAUDE-SP, CUT, CMP (Moradia), ULCM (cortiços e moradia).

Vi cartazes Fora Temer!, do Partido Revolucionário POR4, do PT. Um brocjhhe do Lula 2018. Um cartaz à mão: “Desobediência civil. Contra a corrupção”.



Vi bandeiras do MDM (moradia), Pcdob, Combate Classista e pela Nase, Marcha Mundial das Mulheres, BALAIO, SINESP, SINASEFE, e a bandeira negra do Levante Popular da Juventude.

Vi uma camiseta com “**Se não há justiça** para o povo, que não haja paz para o governo.. Emiliano Zapata” - com um bigodão desenhado. E outra “Ninguém vai conseguir apagar esta estrela” [do PT], além da “The luxury of the few”.

Vi 16 PMs e duas viaturas no local.

Peguei o metrô e fui para casa.

## **21 de junho**

A derrota [do governo] de ontem no Senado [na reforma trabalhista] é muito comemorada na esquerda institucional. Trata-se de uma derrota no Congresso, indicando que a maioria que segurava o presidente pode estar ruindo, e que as reformas podem afinal não passar mais.

O Nassif está dando como a Globo está sendo investigada pelo FBI por corrupção na compra de direitos de transmissão da FIFA e CBF. O escândalo estourou na Espanha e repercute na imprensa europeia, mas não aqui. Nassif relaciona o avanço das investigações com a vertiginosa guinada da emissora ao se colocar contra Temer.

## **23 de junho**

[anotações perdidas]

## **25 de junho**

Uma colunista do Estadão sugeriu que as Forças Armadas estão atentas e prontas a intervir.

## **26 de junho**

Pesquisa Datafolha sugere que Lula lidera em quase todos os cenários, exceto contra Moro (e Marina, empatado). O juiz não é candidato, mas certamente será pressionado. Bolsonaro sobe, mas as direitas ainda estão sem candidato. O PSDB encolheu e pode morrer como se encontra hoje. Até Dori a encolheu.

Palocci recebe pena de 12 anos, e sua delação está sendo cuidadosamente preparada “para poupar o sistema financeiro”, conforme Mônica Bérghamo.

## **28 de junho – Domina Brasília**

Repercute a denúncia contra Temer, e a condenação de Lula é esperada.

Me chamou muito a atenção na Venezuela o recente ataque contra o governo. Usaram um equipamento da polícia, o helicóptero. No vídeo/manifesto, o grupo se declara “uma coalizão de policiais, militares e civis”. Em outro vídeo parece que ele, o líder, falou em compromisso com a “verdade de cristo”. Essa é a coalizão que tenho visto nas manifestações de direita. Vi também notícias que afirmam que o ataque foi encenado pelo governo.

No Brasil, só microlances de política brasiliense. Mil manobras e conversas e denúncias. Está difícil acompanhar. Temer não cai, fustigado por parte da mídia (Globo) e defendido pelo Estadão. A sucessora de Janot foi nomeada e parece que porá limites à Lava Jato, como condenações baseadas apenas em delações. Nassif afirma que o TR4 está barrando esse tipo de condenação e que, sendo esse o caso de Lula, o ex-presidente está com menor chance de ser condenado, pelo triplex pelo menos. O jornalista prevê que Temer vai conseguir ficar até 2018. Renan renunciou à liderança do PMDB no Senado.

Sonhei um sonho muito longo e perturbado. Eu ia nuns lugares que eram em São Paulo, incluindo umas festas malucas. Numa delas tinha uma projeção interativa, onde o espectador dançava e o filme acompanhava. O filme era um desenho de animação, e a cada espectador correspondia um personagem, que eram negros americanos que dançavam com muito swing. Chegaram uns meninos negros, brasileiros, e dançaram interagindo com seus avatares. Foi muito bom de ver. Parecia que eu estava hospedado em uma casa com mais gente. Em uma delas eu tirava as calças por alguma razão, e ficava de cueca. As pessoas notaram mas eu não me constrangi. Tinha uma rua cheia de gente e nela um táxi fazia molecagens, fechando os outros veículos no quase congestionamento. Mas no final eu tomava esse táxi e seguíamos pela rua. Aí uns 3 meninos chegaram a pé e começaram a atirar no motorista do carro ao lado com um revólver. O atirador era muito jovem, uns 14 anos, e estava agoniado. Uns outros homens tentavam fazê-lo atirar mais, e também empurraram uma arma para dentro de nosso táxi, ordenando que ou o motorista ou o passageiro da frente pegassem a pistola e executassem o alvo deles. Acordei muito perturbado.

## **30 de junho – Greve Geral**

Acordei de manhã chequei as notícias. Esta greve não vai ser geral como a outra. A Força sindical recuou, e as mobilizações não foram intensas por parte das Centrais. Ontem até vi

uma panfletagem na praça da Sé, mas pouco fora isso. Em São Paulo, os metroviários e motoristas de ônibus não aderiram, o que tirou muito da força do movimento. Mas já vi que houve muitas manifestações e principalmente trancamentos de rodovias. Do Brasil afora, vêm notícias de paralisações e fechamentos.

Eram 7:30h e saí por Santa Cecília para dar um giro pela cidade. Quis checar as ocupações do centro, que na greve passada levantaram barricadas antes de buscar as concentrações das 11h (Força sindical), 14h (Autonomistas) e 16h (Frente Brasil Sem Medo e CUT).

Saí pelo bairro e as ruas tinham trânsito normal, com ônibus circulando. Ouvi um helicóptero no ar. O Bradesco do Largo Santa Cecília estava fechado. Segui adiante em direção à Consolação e, agora debaixo do Minhocão, tinha a rua Jaguaribe à minha direita e o Arouche à minha esquerda. Ia seguindo pelo Largo quando ouvi uns apitos. Olhei e vi um grupo de manifestantes, com cartazes, caminhando de onde eu tinha vindo. Fui olhar. Eram uns 30 trabalhadores da construção civil.

Um carroceiro ao meu lado foi muito irônico ao comentar “olha a greve geral!”. De fato a normalidade do dia era acachapante, e o grupo tinha apenas 30 pessoas desanimadas. Apesar disso, fiquei feliz que tão cedo já houvesse alguma gente na rua. Juntei-me a eles e caminhamos pela calçada.

Eram todos homens de 20-30 anos, com super jeito de migrantes internos do Brasil. Portavam cartazes do SINTRACON, que é o sindicato da construção civil. Os apitos que muitos deles tinham eram daqueles de silvo sem bolinha. No frio da sombra jogada pelo Minhocão, cercado de pedreiros da Força Sindical, curti ser envolvido pelo som do que soava como maritacas dissonantes e sozinhas.

Chegamos ao acesso à Consolação e entramos na avenida, agora com um carrinho de som que irradiava um forró de letra militante. Dobramos à direita na rua Maria Antônia e paramos lá. Éramos uns 300 agora e fizemos a concentração. O ato mesmo era às 11h, em frente ao Ministério do Trabalho. Abriram uma faixa “Em defesa dos direitos já conquistados”.

Fiquei um pouco e ouvi uma ou duas falas. Um sindicalista explicou de forma bem didática e viva pontos da reforma trabalhista do governo. Falou muito dos gatos, que são os recrutadores de mão-de-obra que frequentemente fraudam e prejudicam os trabalhadores. Ele mostrou como as reformas premiam e beneficiam os gatos e empresas. Falou como o parcelamento das férias diminui para 15 os 30 dias atuais.

Eram 8:30h quando saí fora para descer a Xavier de Toledo e checar os calçados do centro. Reparei num cartaz antigo com o rosto da curda Leila Khaled ao mesmo tempo que ouvia o breganejo que saía da caixa de som de um açougue.

O entorno do Teatro estava normal. Desci a Barão de Itapetininga e, como sempre, os desempregados faziam fila ou buscavam os anúncios de emprego. Os antigos homem-sanduíche, que tanto impressionaram gringos em visita, hoje vestem aventais brilhantes com os dizeres “Compro Ouro/Dólar”, “Advogado Trabalhista” e “Curriculum R\$2”. O novo normal: precariedade, contrabando e litígio trabalhista.

Saindo pela República, vi um homem grisalho de chapéu com uma bandeira roxa do PSOL. Vi também uma dúzia de PMs da Cavalaria, com seus animais. Pela primeira vez notei que estes agora têm viseiras transparentes de proteção.

Parei num boteco em frente ao Copan e vi na tela de TV que Ana Maria Braga me informaria “das manifestações de protesto em São Paulo”. Achei bizarro, em vivo contraste com a cobertura da Greve Geral de março. As inserções noticiosas subsequentes informavam de protestos e trancamentos, incluindo o ato do MTST em Congonhas (mas não nomearam o movimento).

Saí na rua para localizar o ato, que tinha andado até o Ministério do Trabalho, conforme dissera um orador da manhã. Não me recordava bem onde seria e acabei perguntando num posto de atendimento ao turista na Praça da República. As duas moças do balcão souberam me dizer o endereço do Ministério: “quando o pessoal pergunta a gente informa a rua Martins Fontes”. Perguntei a elas se elas sabiam de alguma manifestação por lá. Elas disseram que não, mas o guarda, negro de uns 35, sentado dentro do cubículo conosco, sabia e confirmou a concentração.

Caminhei até lá e de fato vi os manifestantes. Tinha 7 balões e um carro de som grande, onde sindicalistas se revezavam ao microfone. Os balões eram da Força Sindical, CSP-Lutas e NCST. Achei que tinha umas 300 pessoas. Não estava muito animado, e na real era francamente desapontador para uma greve geral. Vi bandeiras da CTB, CGTB, Força, CSB, SINDISAUDESP, SINDITEL, CNTQ, uma grandona do PSTU, do Sindicato das Costureiras, do Sindicato dos Eletricitários, um grupo de uns 15 moças e moços da UMES, com uma faixa “Greve Geral! Fora Temer! Nenhum direito a menos!”. Outras faixas da manifestação: “Temer: não mexa nos meus direitos. Metalúrgicos de Guarulhos e região”; “Greve Geral pra barrar a reforma da Previdência! Fora Temer, Fora Todos os Corruptos. PSTU”; “O homem do pato sumiu e os amigos dele estão presos”; “Com essas reformas quem paga o pato é você trabalhador!”. Uma fixa enorme estava no chão, de uns 5x20 metros. Trazia

mensagem em português e inglês, contra o Congresso corrupto, Temer e as reformas. Não dava para ler bem.

Vi uma camisa do Corinthians e outra da UBES. Vi uma mulher de minha idade com um caderninho, caneta e celular. Vi uma moça do PSTU panfletando os manifestantes e outra mulher tinha uma bandeira da “Federação das Mulheres de São Paulo”.

Eram 11:40h quando chegou uma passeata e carro de som da UGT, atravessando o cruzamento a partir da São Luís. Eram umas 700 pessoas, quase todas de camiseta igual. Passou um transeunte com as mãos nos ouvidos, tentando isolar o estridente discurso que tomava todo o entorno. Vi passar bandeiras do SINDIFICIO, Padeiros de São Paulo, Comerciários, de SP, CONASCON. Vi uma faixa trazia: “Joalheiros unidos em defesa das leis trabalhistas e da Previdência. #Nenhum direito a menos”. Vi uma bandeira da SIEMACO que trazia como ilustração quatro esculturas que já vi num jardim em frente à estação Marechal Deodoro. As estátuas parecem de bronze e personificam quatro trabalhadores manuais ou de serviços: jardineiro, copeira, etc. É possível reconhecer o projeto tipo “monumento à pessoa comum” no trabalho de arte. Mas o resultado final é estranho e a locação improvável. Apareceu na bandeira.

Fiquei um pouco mas deu para ver que não ia ter nenhuma novidade ou pico de energia. Preferi sair para escrever um pouco e aguardar a concentração dos anarquistas na Sé.

No restaurante popular da Consolação vi na tela sem som que o Jornal Hoje deu muita cobertura aos protestos, mesmo os pequenos, ainda que a Força Sindical aparecesse mais. Não apareceram bandeiras da CUT ou MTST. São “protestos contra o governo federal”.

Eram 15h quando cheguei ao Marco Zero. Vi umas 100 pessoas e 7 PMs com uma viatura.

Vi duas bandeiras negras e vermelhas, uma outra com o A anarquista. Fui informado que os Sem-Teto do centro fecharam a Ipiranga com a São João de manhã, às 7h. Houve uma espécie de confronto e a polícia, inicialmente só cavalaria, levou duas pessoas depois da chegada de reforços.

Na praça da Sé, vi uma faixa “Greve Geral pela liberdade da classe trabalhadora contra as reformas”, e outra “Greve Geral Revolucionária LSOC LDF”. Vi os fotógrafos A e R, conversamos um pouco. No geral achei fraca a manifestação e não fiquei muito.

Achei meio fraco e logo tomei a Rua Boa Vista, onde tem o impostômetro acho que da Associação Comercial, indicando mais de um trilhão em impostos cobrados até a presente data. Os sindicatos por vezes ameaçam fazer um sonogômetro, que mede a sonegação de impostos dos comerciantes em nível nacional também.

Na mesma rua, tinha uma ocupação do movimento de moradia na Secretaria Estadual de Habitação. Quando cheguei, estavam a desmontar o acampamento, e uma mulher dava instruções pelo microfone. Eram umas 700 pessoas. Recolhiam-se as bandeiras e barracas, os fiscais de presença compilavam as listas de presença.

Fui ao MASP de metrô para o ato da Frente Povo Sem Medo e CUT.

Logo de cara vejo 25 balões: CUT, FEPESP, APEOESP, CTB, APROFEM, CNM, SINDEEM, SINPRO, CNTE. Tinha umas 600 pessoas no local. Achei o povo diverso, uns 60/40 de homens e mulheres. Um carro de som provia a trilha sonora.

Dei o giro arqueológico pelo vão e anotei algumas bandeiras: Kizomba, Liberdade e Luta, CUT, CTB, Círculo Palmarino, APEOSEP Jundiaí, uma do Brasil, PCdoB, e vi também uma barraca do PCO. Vi as camisetas “Mães de Maio”, “Antifascista Sempre”, “PT Ninguém vai apagar nossa estrela”, um rosto do Che, “Lutar Sempre, Temer Jamais”, da Frente Povo Sem Medo, da UJR, “Conquistas vêm quando há luta”, “Lula 2018”, “Jovem Negro Vivo”, “Mexeu comig@ mexeu com tod@s”, “Emancipa. Educação Popular”, “Juntos”, “Conspiração Socialista”, o rosto de Marighella, uma camisa do Corinthians.

No meio da multidão estava deitado no chão um homem sem-teto, embrulhado em seu cobertor cinza. Parecia desacordado. Vi uma equipe da imprensa. O povo já pressionava a tomada da avenida.

Vi um homem que segurava o cartaz “Eu não gosto do Doria, ele compra votos para ser prefeito”. Vi uma faixa no chão “#Foratemer e o Congresso Nacional”. Um homem de cartola verde e amarela trazia um cartaz “Fora Temer! Fora seu rato!”

Um homem sem-teto vibrava com aquele samba que fala do Quilombo dos Palmares, e dançava enquanto escovava os dentes no meio do povo. Uma mulher vestia uma beca acadêmica e trazia um cartaz “Seu filho vai se aposentar? Pergunte-me como. Professores em luta”

Uma barraca vendia camisetas, dentre elas imagens de Che, Frida Khalo, Rosa Luxemburgo, Pagu, Mafalda, A graúna do Henfil, Mujica, Lenin, Malcolm X. Uma delas trazia “Boas meninas vão para o céu, as outras vão à luta!”, e outra “Lugar de mulher é na revolução”.

Continuei a caminhar e vi bandeiras da “EIG Unindo Mulheres Evangélicas pela Vida, Paz e Justiça”, da UPES, UNE, UEE, outra do Brasil, ULCM (moradia), Ocupação Terra Prometida (MTST), um rosto do Che com “SINTAEMA” (meio ambiente), UP Unidade Popular pelo Socialismo.



Às 16:25h o povo tomou a avenida com Fora Temer! e interromperam o trânsito naquela via.

Vi um agasalho do Palmeiras e as camisetas “E agora, José?”, “Só a luta te garante”, “Exploração não tem perdão”, “Contra a privatização da cidade de São Paulo”, “Fora Zago – DCE USP”.

Vi o faixão “Partido da Causa Operária. Revolução, Governo Operário, Comunismo” e outra “Fora Temer e Diretas Já”. Vi bandeiras do SINASSEFE-SP, ADUFABC-ANDES, do PSOL, Marcha Mundial de Mulheres, JPT, MAIS, Químicos Unificados, PCB, Coletivo LGBT Comunista, , UJC, Coletivo Classista Feminino Classista – Ana Montenegro, Unidade Classista, MDM (moradia).

Vi um moço com camisa do Chapolim, camisetas com “Everything for your pleasure”, “A educação é nossa maior luta”, “Diga não ao golpe”, uma do PT. Vi os estandartes do RUA e da Liberdade e Luta.

Vi também um moço vestido de super-herói, de lycra, capa e monociclo. Vi um camelô trans com seu isopor colorido.

O MTST se posicionou à frente do povo na Paulista, à altura da Peixoto Gomide. A polícia estava presente mas discreta, com uns 6 soldados na escadaria do Museu. No carro de som a modinha “O presidente comeu o vice-presidente, que comeu o gerente, que comeu o supervisor.... Comeu, comeu, comeu, quem sobrou fui eu”. Depois uma das bandas chama a bateria da UJS para tocar junto com eles, ali do chão. Até que deu certo, pois frequentemente o batuque é legal mas colide com o som do carro.

Uma última rodada de faixas e bandeiras rendeu o faixão “Greve Geral contra as Reformas. Pompéia Sem Medo”, uma faixa “Volta Dilma” e um cartaz “Prisão para os corruptos dos três poderes”, outro “Quem tem medo de Aécio Neves?”, uma camiseta “Auditoria Pública da Dívida”, uma bandeira da Juventude e Revolução, outra do Brasil, e uma da ADUNIFESP.

Tinha um outro carro, este do PSTU/CONLUTAS-CSP na altura da Min. Rocha Azevedo. Os oradores descascavam a CUT e Força Sindical por terem recuado de fazer a Greve realmente Geral, votando contra a paralização dos metroviários. Isso tirou muito da força do movimento em São Paulo. Tinha umas 150 pessoas lá.

Vi chegar o bloco autonomista, que tinha vindo da Sé, com Fanfarra do MAL. Abria a faixa “Não às Reformas da Previdência e Trabalhista. Enfrentamento – CEL” e “Não calarão a educação”. Cinco bandeiras negras e vermelhas. Presentes a OASL (Organização Anarquista pelo Socialismo Libertário) e RAIZ. Pararam na altura da Peixoto Gomide.

Encontrei S, que me falou que um grupo de secundaristas autonomistas chegou no carro de som da CUT e foram convidados a falar. Em cima do carro, eles fizeram um jogral, mas que criticava a central sindical na votação dos metroviários. Ela riu muito.

Vi a Erundina e notei três helicópteros no ar. Recebi um panfleto do POEMA Por uma Economia das Maiorias

Vi uma fumaça negra se erguer no céu para o lado da FIESP. Fui olhar. Quando cheguei, quase 17:30h, havia muito fumo, uma mancha preta no chão e um cheiro forte de plástico queimado - e a galera comemorando em volta. Era uma cópia do pato da FIESP que o pessoal trouxe e queimou no asfalto em frente à Federação. Um moço de chocalho dançava à maneira indígena ao redor do fogo baixo, vestido de branco. Em seu corpo, estava escrito “Aldeia de Xivea”. O clima estava mais legal,

Os discursos estavam rolando mas não os ouvia. Notei que a Paulista agora estava toda fechada. Notei uma camisa do Juventus e uma bandeira do FAISCA Nossa Classe.

Encontrei o S dos JL e conversamos. Contou-me que 9 autonomistas tinham sido presos hoje. Segui até a Rebouças seguindo o povo que tinha saído em passeata. Na esquina, o carro do Arrastão dos Blocos estava lá, com festa ao redor. Fiquei feliz. Ouvi um pouco e descii com a frente do ato, que agora passava em frente ao cinema Belas Artes. O clima estava mais legal nesse trecho. Seguiu com o Arrastão e acenei para C.

Fui descendo e conversando com F. Tinha um pessoal do MTST, uma bandeira do CONAM, da SINTEFRAMO, outra “Movimento Luta de Classes”, o batuque da Levante Popular da Juventude, uma faixa do MAIS e outra “Socialismo ou Barbárie”, o RUA com seu estandarte laranja. Uma camiseta trazia “Can’t be adult today”. Os autonomistas puxavam a palavra de ordem “Eleição é uma farsa, somos ingovernáveis”. Vi uma faixa “Volta Dilma” e uma bandeira do Brasil.

Achei que reconhecia um P2.

Na altura do Sujinho, uns 50 autonomistas foram para a via que sobe, que estava aberta ao trânsito. Tensionavam a polícia, que estava discreta. Esta se sentiu acionada e 10 motos desceram em busca do foco. Até a Maria Antonia, parecia que havia alguma disposição de enfrentamento: “Ciranda cirandinha não faz revolução”. Logo antes, uma vidraça de for a de um prédio do Mackenzie estourou, bem na frente de 7 seguranças da universidade.

A passeata foi para a Praça da República e a dispersão começou a se dar. Eu estava exausto e desapontado com o dia fraco.

Tomei o metrô no Anhangabaú e fui para casa.



SEMPRE PENSAVA COMO FECHAR O DIÁRIO, E ACHAVA



2017

ACHA QUE CAMINHAMOS PARA UM  
AUTORITARIO, TEM UMA PRESENÇA  
DEFESA de Lula e  
NÃO PRECISA DE FECHAR O  
INFINITA DE VIL RESISTÊNCIAS E  
A CRISE COMO NORMAL INFINITO E  
Rafael Diogo e  
batalha da Cracolândia

ARIA TODA UMA ERA. HOJE NEM ACHO QUE ELE VA SER PRESO, NINGUÉM SABE, MAS PELO JEITO



### **3 de julho – Aécio solto**

Bololô: Aécio solto, sua irmã também, assim com o homem da mala Loures. Temer vai se mantendo, e a nomeação da nova procuradora, depois de protestos iniciais dos procuradores de Curitiba, se consolida, encerrando a era Janot. O STF tem agora súbitos ataques de garantismo e moderação nas ações penais. Não está claro se a operação pizza já começou.

### **6 de julho**

Novas delações, com a de Cunha prestes a aparecer. Jogo continua de cartas marcadas e há preparações para que Maia assuma a presidência se necessário.

Saiu que a força-tarefa da PF que exclusivamente toca a Lava Jato foi fechada, por falta de verba e remanejada dentro da Polícia. Parece ser o estancamento da sangria que de fato aconteceu. Quero ver painelero reclamar agora. O Vemprarua marcou manifestação uns dias atrás, mas só para agosto. Pelo jeito a Lava Jato vai acabar sem levante coxinha. Todos os soldados do Moro ficaram em casa com medo de bater panela. Parece que o acordão vai ganhar, que a direita não deixou a extrema emergir.

Tem gente na esquerda que acha que caminhamos para um fechamento mais geral e autoritário, tipo uma presença militar forte. Outros acham que não, que não precisa, hoje a crise é o novo normal, não precisa de fechamento: teremos esta narrativa infinita de mil resistências e pulsões de violência estatal. Tudo ambíguo e agonizante. Hoje parece prevalecer a crise como normal infinito e total.

### **12 de julho – Secundaristas, e condenação de Lula**

Estive na prefeitura no ato contra a redução das horas do passe estudantil e também na Paulista para o ato de apoio a Lula, que foi condenado hoje pelo Moro.

Saí da estação Sé do metrô por volta das 15h para o ato estudantil em frente à Prefeitura. Logo vi a presença da PM e GCM, um total de 14 viaturas. Um helicóptero sobrevoava a manifestação.

Vi uns 100 manifestantes, e parecia que estavam separados em dois grupos, os autonomistas e os partidários, que tinham um som. Vi dentre estes as bandeiras da UNE, UPES, UJC, Liberdade e Luta, PCdoB, PCB, PT Movimento Correnteza, FENET, Juventude e Revolução. Achei os fotógrafos A e A. Perguntei a eles se os estudantes iam depois à Paulista, mas não parecia haver consenso sobre isso. A manifestação estava bem dividida entre os grupos rivais. Vi uma bandeira vermelha e negra do LIDE.

Vi o faixao “Tarifa Zero pra Geral” e “Por uma vida sem catracas”. Vi uma camiseta “Sempre antifascista”, outra “Con el socialismo podemos”, um cartaz “Passe Livre é meu direito” e outro “Governo tucano, governo ladrão, roubou minha merenda e quer roubar o meu busão!”. Tinha o estandarte do RUA “Em defesa de nosso futuro”. Vi os companheiros A, E, E e F, do campo autonomista. Vi um adesivo “APEOESP Fora Temer!”.

Vi um atirador de fuzil na mão, via a Tropa do Braço perto do Municipal, e mais 15 motos da PM.

Algumas palavras de ordem:

“Ih, fudeu, estudante apareceu!”

“Doria cuzão, cuzão, nunca anda de busão!”

“Não tem arrego, tira o meu passe e acaba o seu sossego!”

“Êêêêêê to boladão, não vou deixar o Doria tirar o passe livre não!”

“Nas ruas, nas praças, quem disse que sumiu?, aqui está presente o movimento estudantil!”

“Acabou a paz, mexeu comigo, mexeu com satanás – olha o capeta!”

“Boi boi boi, boi da cara preta, se não rolar o passe livre a gente pula a roleta”

“Ei, Doria, vai tomar polícia, que no cu, eugaranto, é uma delícia”

Uns 150 autonomistas tomaram a rua com sua faixa e fizeram um jogral, meio separados. Chamam para aluta sem negociação. Os batuques da esquerda partidária não parou muito não. Eram 16:30h e o som sentiu a competição e conclamou que todos ficassem juntos, abrindo também o microfone.

Revela-me E que estava em curso uma disputa se a manifestação ia sair ou não.

Notei uma faixa “Tirem o bico do meu passe livre. UNE” e demais entidades, e outra “Secundaristas pedem passagem. Passe Livre fica. UPES”. Um cartaz: “Paz na Terra e pau no cu do Doria”. Vi bandeiras da UMES e ANPG (pós-graduandos). Vi uma camiseta “Eu amo VC” e outra “Lute como uma mina”. Vi as bandeiras “do Levante Popular da Juventude e da Frente Brasil Popular”.

As falas ficam chatas e nada acontece. Decidi subir até a Paulista. Um transeunte passa com uma camiseta “Bolsonaro Presidente 2018”.

Cheguei às 17:30 no MASP e vi umas 200 pessoas (depois chegaram a 600) ao redor do carro de som e um batuque da UJS. Um faixao trazia: “Em defesa de Lula, do PT e do Movimento sindical e Popular. Ação Petista”. Vi aventais da CUT e bandeiras do PT, de

Lula, das Mulheres do PT, do MMC (moradia). Fiquei um pouco mas fui atraído pelos fogos de artifício que espoucavam do lado da FIESP.

Fui até lá e vi umas 30 pessoas, muitos homens de 40-60. Alguns tinham champagne, em claro sinal de comemoração. Vi bandeiras do Brasil e um cartaz “Somos Lava Jato”, outro “Deltan, estamos aqui”, “Buzine: Lava Jato”. “Lula condenado!”, gritavam. Vi vários pixulequinhos, os infláveis com a figura do Lula.

Um senhor de uns 55 anos fala ao telefone: “No Bar Brahma tem chopp de graça” e “O pessoal vai soltar fogos na frente do Diretório do PT”, e ainda “Os comunistas da Folha estão tudo chorando” e o “Lindbergh Farias deu entrevista chorando”.

Retornei ao MASP às 18h, e logo vi uma bandeira da Democracia Conrinthiana”. Notei muitos velhos militantes caminhando com ar muito preocupado. A galera gritava “Lula, guerreiro, do povo brasileiro”, “Brasil, urgente, Lula presidente!”, “Golpistas, fascistas, não passarão!”, “Fora Temer!”.

Às 18:40h vejo o Boulos dando entrevista, mas ainda não via ninguém conhecido. O batuque continua, mas a coisa não é realmente de massa, fico um pouco chateado.

Vejo um ciclista levantar sua bicicleta branca, ele vestido de balaclava. Ouço o chamado “Diretas Já!”, e “Ô, seu Sergio Moro, vai se fuder, o militante não tem medo de você!” e “ôôôô, o o Lula vai voltar”.

Eram 19h quando passei na FIESP de novo. O grupo todo, umas 100 pessoas, avançavam em direção ao MASP, e pararam na linha de policiais que separava os dois atos. Cantavam “Moro, Moro” e o hino nacional. Vi um cartaz “Foro de São Paulo é uma organização criminosa”.

Saí fora e tomei o metrô, perturbado e triste.

A última semana foi difícil afetivamente e perdi a vontade. Fiz anotações mas não consegui redigir no computador.

Os dois atos foram chatos, inclusive o terceiro ato coxinha em frente à FIESP. Fiz notas e talvez escreva o diário, mas tudo está pesado e penoso. Tenho estado desconcentrado e disperso. Tudo parece imóvel.

Sempre pensava como fechar o diário, e achava que a prisão de Lula encerraria toda uma era. Hoje nem acho que ele vá ser preso, ninguém sabe, mas pelo jeito fechou aqui o diário. Prenuncio muita dor, briga na esquerda e possivelmente a venezualização do Brasil. O que seria uma candidatura Lula nem ousou pensar. A esquerda está sem projeto, toda ela, e não



adianta ficar em casa reclamando que “o Lula roubou meu pirulito e me impede de ser feliz”. Sai do Face e vai construir a luta. Porra.

Saiu o trailer do filme da Lava Jato, no dia da condenação do Lula. Apesar de certa alegria de já estarmos no abafamento da Lava Jato, em tempos pós-Aécio, o ódio que presenciei em frente da FIESP me renova a sensação de que o colapso do centro liberal bombou uma galera do mal, à direita. Já indiquei no diário.

Então não tem fechamento literário do diário ainda.

### **13 ou 14 ou 15 de junho**

***Sonhei um sonho maluco e violento, onde no final eu confrontava um sócio meu. Eu o desafiava ao mesmo tempo que eu me dizia que, necessariamente, eu era mais genuíno do que ele, pois ele na real era uma versão de como eu me via há uns 10 anos atrás. Eu sabia ser diferente hoje. Eu o feri no rosto. Ele era mais belo do que eu sou hoje, mas ele sangrou, eu não.***

Vejo na tela do boteco, ao som de uma coletânea de um forró anódino e comercial, o Jornal Nacional. Sem som das vozes, aparece mais o tempo de fala. Vi o Jornal da Band nas mesmas circunstâncias enquanto lia o Guardian e Intercept no computador. A Band deu algum tempo de fala ao Lula. Tudo dá desânimo e é escroto, a Globo tem que morrer. Vejo agora que o JN deu 1m:45s de fala do Lula, seguidos de uns 5 min de cenhos franzidos de Bonner e a outra locutora, mais repórter e fachada do STE. Mais o especialista.

### **18 de julho – Restrições à tarifa do transporte: ato**

Cheguei de metrô na Praça do Ciclista para o ato dos secundaristas contras as novas restrições ao Passe Estudantil, às 17h. Dois atos simultâneos foram chamados, um pelo MPL e o coletivo Secundaristas em Luta. O outro, no MASP, foi da UNE, UBES, UEE-SP, UPES e Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG). Eles depois convergiram e seguiram para a Prefeitura no centro da cidade. Desanimado, eu não segui com eles.

No MASP, logo vi uns 100 jovens. Vi as faixas “Passe Livre Fica!”, “Tira o bico do meu Passe Livre” (com um tucano desenhado), “Estudantes contra o fim da aposentadoria”, “A cidade é nossa”. Tocava um reggae de Bob Marley. Vi bandeiras da UEE, UNE, Juventude e Revolução, UPES e UJS.

Chequei a praça às 17:45h. Vi umas 300 pessoas com as bandeiras da FENET (Federação dos Estudantes do Ensino Técnico), da UJR, da LIDE, uma da LL, da ORL (Organização Resistência Libertária), uma verde e negra, da ANEL, e outra negra com o A anarquista. Tinha uma fanfarra e batuque.

Vi as faixas “Não aos cortes do Passe Livre. Fora Doria” e “RUA. Em defesa de nosso futuro”.

Fiquei pouco, tomei o metrô e fui embora.

## **20 de julho – Ato em defesa de Lula**

Desci do ônibus na esquina da Paulista com Brigadeiro para o ato em defesa de Lula no MASP. Eram 17h e eu tinha acabado de testemunhar uma senhora no ponto da Praça Osvaldo Cruz que gritava com ódio contra o ex-presidente. Um helicóptero sobrevoava a avenida e dava para ver, a partir do Shopping Cida de de São Paulo, o carro de som e os balões em frente ao Museu. Tinha muito transeunte nas calçadas e a FIESP era guardada por 10 PMs.

Cheguei ao local e a via já estava fechada. Contei umas mil pessoas naquele momento. Achei o perfil bem militante, homens e mulheres de 30-40, trabalhadores e quadros partidários.

Vi os balões da APEOESP, CNTE, PT, CUT-SP, Bancários de SP, CNM, que pareciam uma barragem anti-aérea. Contei 12 deles. Vi bandeirões da UGT, CTB, Lula e uma do Brasil.

As faixas declaravam apoio ao ex-presidente: “Eleição sem Lula é fraude, Lula presidente com Constituinte para revogar as medidas golpistas. Ação Petista”. O mesmo slogan – eleição Lula é fraude – constava do faixao verde e amarelo, horizontal, de uns 50 x 3 m. Já uma camiseta trazia “Bote no peito uma estrela, não tenha medo ou pudor. PARATODXS”.

Encontrei E e N. Conversamos e concordamos que o ato era bem Frente Brasil Popular, e o pouco empenho dos manifestantes aparecia nos rostos. A urgência dessa pauta ainda não saiu da bolha petista. Um batuque da UJS animava um pouco o ambiente. “Ninguém que eu conheço veio”, disse E. Era também o meu caso.

Vi bandeiras do PCO, do Partido Operário Revolucionário, PCdoB, quatro do Brasil, do MMPT (moradia), UNE, Levante Popular da Juventude, a colorida LGBT, UNIAFRO, Metalúrgicos do ABC, do MTST e Frente Povo Sem Medo, do MST e da Marcha Mundial de Mulheres.

Mais pelas 18h estava enchendo, e oradores falavam ao microfone. O modo gritado predominava, e nada interessante foi dito. Alguém falou em “ruptura”, mas no geral cumprimento de tabela. Fiquei anotando os cartazes e faixas: “O pré-sal é nosso! Fora canalhas entreguistas!”; vários Fora Temer! e Diretas Já!, “Nenhum direito a menos”, um faixao vermelho “Partido da Causa Operária”. Alguns assentamentos do MTST trouxeram faixas com seus nomes.

Ouvi Lindbergh Farias discursar, e chamou Moro de “fantoche da Rede Globo”. Oradores do PCO e Gleisi Hofman falaram também.

Eram 19:30h quando fui embora, desanimado. Tinha umas 5 mil pessoas. Tomei o metrô e fui para casa.

### **31 de julho – Ato por Rafael Braga: negrxs no centro**

Saí pela estação do metrô da Sé para o ato pela libertação de Rafael Braga, que foi preso durante as manifestações de junho de 2013 e depois condenado a 11 anos por porte de drogas. Eram 18:30h e já estava escuro quando cheguei pelo Viaduto do Chá. De longe ouvia-se um reggae, que não era da manifestação, mas de um grupo de jovens bem em frente ao Teatro Municipal. Já havia falas na concentração por Braga e os sons se misturavam no ar noturno.

Logo vi E, que saudei, e fui olhar as faixas e bandeiras. A faixa que depois abriria a passeata trazia “Liberdade para Rafael Braga. Fim do encarceramento e genocídio da população negra. Quilombo Raça e Classe”. Só três bandeiras, uma da ANEL, outra do Levante Popular da Juventude e depois uma do “Movimento Nacional Quilombo, Raça e Classe. CSP-Conlutas”. Muito depois, na Cracolândia, vi uma da “Ação Antifascista de São Paulo”.

Quando há poucas bandeiras e faixas, geralmente tem mais camisetas com mensagens. Anotei algumas: “Eu conheci Deus e ela é negra”, “Movimento Cultural das Periferias”, “Antifascista sempre”, “Foco na missão”, “#mudaaê”, “Sex Pistols”, uma da escola de samba Camisa Verde e Branco, uma do Barcelona, “Instituto Federal de Ciência e Tecnologia”, e uma última “Aquilombe-se”. Encontrei E e conversamos um pouco, comentando a baixa em mobilização desde a segunda greve geral. Depois vi P e cumprimentamo-nos.

A concentração atingiu umas mil pessoas, e pelo menos metade era negra. Muitos jovens de 16-25, mas também outros de 35-45. As falas focaram o racismo e algumas eram críticas da idéia de encarceramento. O contraste entre a condenação de Rafael Braga e a soltura do filho do desembargador recentemente flagrado com muitos quilos de maconha foi sublinhado mais de uma vez. Aécio e o helicoca também foram mencionados. A violência e racismo da PM foram muito lembrados. Sempre fica uma sensação de urgência quando ouço a gente preta falar publicamente. Eles já estão a sentir o que em outros lugares chamamos de “fechamento” ou de capitalismo de extermínio ainda por vir.

Saímos em passeata às 19h com destino à Cracolândia e não ao Tribunal de Justiça, como antes previsto. A PM estava em plena ação de varredura nessa parte da Luz e os movimentos decidiram ir até lá apoiar e proteger o povo da rua.

Contornamos o Teatro até o Paissandu e seguimos pela São João. Caminhei ao lado de E, e notamos que a passeata tinha um clima muito particular. O carro de som era pequeno e pouco potente. As pessoas conversavam muito e no geral não tinha muita palavra de ordem. A sensação de que o clima era novo e distinto de outras movidas foi reforçada pelas falas ao estilo do rap. Essa forma discursiva meio melodia meio declamação foi bastante usada. Isso permitiu que não apenas que se superasse as gritarias ao modo sindicalista, mas também que muitos pontos mais sutis da questão negra fossem colocadas, graças às possibilidades poéticas deste tipo de oração, para além da reiteração das palavras de ordem. Os movimentos de esquerda precisam ouvir e praticar mais esse tipo de fala pública.

Mas palavras de ordem as tivemos: “Rafael Braga, tem mais de mil, queremos o fim da PM no Brasil!”, “Por menos que conte a história, eu não te esqueço meu povo, se Palmares não há mais, faremos Palmares de novo!”, “Povo negro unido, povo negro forte, que não teme a luta, que não teme a morte!”.

Entre o Paissandu e a esquina da Ipiranga tinha uma feirinha de calçada, uma pequena muvuca de umas 100 pessoas que vendiam todo tipo de coisas: celulares, cintos, relógios, bugigangas, ventiladores... Muitos deles responderam fala cantada insurgente irradiada pelo carrinho de som. Nunca tinha visto aquela feira antes.

Cruzamos a Ipiranga e avançamos. Havia apenas uma viatura da PM atrás, mais umas motos da CET.

Dobramos na Barão de Limeira e percebi o moço sem camisa que levava um chocalho indígena que agitava sem parar. Seguimos até a Duque de Caxias que ganhamos à direita. Avançamos até a Praça Princesa Isabel, em cuja esquina tinha uma viatura de policiamento comunitário. Um automóvel da PM parou ao lado e desceu um atirador de fuzil, que postou-se na calçada para ameaçar a passeata.

Cruzamos a Rio Branco e aproximamo-nos da praça Júlio Prestes ao som de um vigoroso “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”. Chegamos junto à praça, em frente à antiga estação de trem e hoje Sala São Paulo. Na praça Júlio Prestes, estava o povo do Fluxo, que tinha sido expulso de seus acampamentos da alameda Cleveland e rua Helvetia. A passeata parou e combinamos o que fazer: ir até o pessoal do Fluxo e viabilizar que eles voltassem ao acampamento e recolhessem seus pertences. Rogaram muito que não se tirassem fotos ou vídeos do pessoal local.

Vi o vereador Suplicy indo negociar com a PM, e também o Douglas Belchior. A passeata avançou gritando “Que hipocrisia, a guerra contra as drogas mata preto todo dia!”. Dobramos à esquerda na Cleveland e avançamos ao largo de duas fileiras de viaturas e

soldados. Paramos na praça e ficamos a uns 50 metros do pessoal do Fluxo, do outro lado da mesma praça. Uma coluna de atiradores veio se colocar na esquina.

As viaturas aos poucos iam se retirando (GCM e PM), e também os caminhões da prefeitura que recolhiam os pertences do povo da rua no acampamento principal, que é na esquina da Helvetia com a Cleveland. Notei que os veículos traziam o logo de alguma empresa ou programa municipal: *Inova*. Certos mantras do neoliberalismo ecoaram em minha cabeça de maneira perversa: meritocracia, inovação, competição...

Encontrei a fotógrafa A, que me deu uma geral do rolê. Vimos um drone voando baixo, que só podia ser da PM. Sabemos que é possível derrubar esse tipo de aeronave, e me falaram que quem opera esse drone para a PM é um civil terceirizado.

Eram 20h horas. Estávamos ao redor do carro de som e várias pessoas falaram, às vezes discursos, às vezes a fala percussiva da poesia preta. Muitas delas eram dirigidas diretamente à polícia presente. Abriram o microfone aos moradores da Cracolândia também. Amarildo foi lembrado: onde está?

Liberar o microfone é sempre meio arriscado para a organização, algo semelhante aos fóruns abertos da internet onde às vezes gruda um troll totalmente “off-topic”, que domina a fala, por vezes insistindo em mensagem dissonante. O povo da rua por vezes traz essa vibe anárquica e louca de pautas alucinadas.

Rolou que um homem da rua cantou ao microfone por vários minutos uma cançoneta cristã. Parecia um hino evangélico, e me fez recordar as ladainhas rurais dos rincões do Brasil. Ninguém o interrompeu e ele até ganhou alguns aplausos. Achei ótimo a organização ter assumido o risco e achei mesmo que vai ser necessário, num contexto mais amplo, dialogar com os evangélicos de esquerda.

Interessante tensão rolou quando o Suplicy tomou o microfone. Ele não é conhecido por sua concisão e brevidade, e logo um par de manifestantes começou a gritar “branco sai, preto fica!”. Achei interessante, pois este é tanto o título de um filme muito legal sobre Brasília, como é uma ordem policial que ecoa desde o Brasil colonial, indicando quem vai apanhar e quem vai para casa sem hematomas. O vereador até acolheu a ordem e se calou pouco depois, mas pensei um pouco sobre os dilemas da especificidade/universalidade.

Eu não sou negro e tenho mais de 50 anos, mas consigo notar que certas elaborações dos novos movimentos driblam dilemas da esquerda institucional e estão sendo formuladas nos âmbitos feminista, LGBT e da gente preta. Já aponte como a fala do rap renova a enfadonha fala sindicalista/partidária, e cria uma cultura da fala poética e militante, abrindo espaço para formulações bem complexas no âmbito do encontro na rua. Por

exemplo, uma moça preta brincou com os anagramas dos nomes de Doria e Geraldo (Alckmin): ODIAR e DEGOLAR. O dia que Boulos alcançar essa dimensão de poesia eu me filio ao MTST.

Achei que ir à Cracolândia defender o povo da rua nunca seria uma pauta da CUT hoje, por exemplo. Reconhecer a Cracolândia como uma frente de combate anticapitalista é pauta dos novos movimentos, e estes estão realmente a se opor a Doria.

Um segundo morador de rua do local fez sua fala também, quase uma hora depois. Ele tinha dificuldade em falar, e suas palavras eram também um choro infinito, uma dor sem tamanho que apagava a separação entre a lamúria e a confissão. Foi muito comovente seu grito *de profundis*.

Ficamos ao lado do acampamento do povo da rua para que estes viessem buscar o que restava de seus pertences. No ponto da vida em que se encontram os moradores da Cracolândia, é difícil para o gari – e muito menos para o policial - distinguir o que é lixo e o que é um pertence. Assim, aqui, o higienismo é particularmente cruel e desumano.

Ficamos lá um bom tempo, tendo a polícia e carros de limpeza retrocedido. Sabíamos não ter resolvido a questão e que, quando saíssemos, voltariam a PM e garis. Mas achei forte este apoio explícito do movimento em favor de Rafael Braga ter feito este link e ter vindo em defesa dos pretos da rua.

Eram 21h quando saí fora, a despeito dos apelos da organização que urgia ficarmos mais até que todos os moradores do território pudessem ter recolhido seus pertences. No caminho para a Luz, vi uma câmera e equipe da Globo no local.

Peguei o metrô e fui para casa.

.....

Vejo na padaria onde escrevo estas linhas, no dia seguinte, o SP TV sem som, afogado por um breganejo genérico. A legenda na tela diz “novamente tensão na Cracolândia”. A cena era idêntica à de ontem e de vários outros dias: a PM ataca e varre as pessoas, passam os carros-pipa, passam os garis recolhendo pertences (incluindo os cobertores doados pela prefeitura) do povo e eles têm que passar a noite fria à mercê de soldados com cheque em branco para agredir. É guerra, e a Globo é cúmplice deste verdadeiro campo de concentração.



HOJE FAZ UM ANO DO **GOLPE**.

ERAM 17H QUANDO SAI DA ESTAÇÃO TRIANON-MASP DO METRÔ PARA O ATO CONTRA A ANULAÇÃO DA DEMARCAÇÃO DAS **TERRAS GUARANI** NO JARACUA EM SÃO PAULO.

A SECRETARIA DA PRESIDÊNCIA FORA OCUPADA DE MANHÃ PELOS GUARANI. TODO O ANDAR TERREO ESTAVA TOMADO POR INDÍGENAS E HAVIA UMA REZA EM ANDAMENTO QUE SÓ TERMINOU 24 HORAS DEPOIS.

CHEGUEI NO MASP E O VÃO ESTAVA JÁ CHEIO. LOGO ENCONTREI E, E UMA **DANÇA INDÍGENA** ESTAVA EM PLENO ANDAMENTO. CONTEI UMAS MIL PESSOAS LA, INCLUINDO UM CONTINGENTE GUARANI DO RIO GRANDE DO SUL, SEGUNDO DICEM ME E VI

O Rio está em chamas. A Cryptorave foi legal

2017

ALGUMAS FAIXAS JÁ NO CHÃO: **"TARIFA ZERO PRA GERAL!"**, **"CONTRA OS AUMENTOS"**, UMA VERMELHA DO REVIDE **"CONTRA OS CORTES NO PASSE LIVRE"** E **"BURGUÊS, BANCA MEU BUSÃO!"**. VI UMA **BANDEIRA VERMELHA E NEGRA**, E MAIS UMAS 3 **"PULA A CATRACA"**; AINDA: UMA DO PSTU E OUTRA DA ANEL. ESTAVA FRIO E NÃO VI MUITAS CAMISETAS, COBERTAS QUE ESTAVAM PELOS CASACOS E ABRIGOS. UMA DELAS TRAZIA **"PASSE LIVRE"** E OUTRA **"RAGE AGAINST THE MACHINE"**. VI UNS CARTAZES ESCRITOS A MÃO: **"TRANSPORTE PÚBLICO NÃO É MERCADORIA"** E **"DÓRIA, LADRÃO, DEVOLVE O MEU BUSÃO!"**. VI TAMBÉM UM BONECO COM O ROSTO DO DÓRIA.

AS 18H CHEGARAM 4 CATRACAS DE ISOPOR. NA ATUAL BAIXA GERAL DE MOBILIZAÇÃO PÚBLICA, É NOTÁVEL A INSISTÊNCIA DAS MENINAS E MENINOS DE IR AS RUAS. MESMO NESTE FIM DE TARDE FRIO, MESMO NESTE BRASIL EM DERRETIMENTO, UMA CERTA ENERGIA INDOMÁVEL TOMAVA A JUVENTUDE AO REDOR DO **MARCO ZERO** DA CIDADE. TEM UMA HORA QUE AS PASSEATAS COMEÇAM A REPETIR E A REPERCUSSÃO MUITAS VEZES SÓ SE DÁ NAS BOLHAS DA REDE, MAS PELO MENOS EM TERMOS DE FORMAÇÃO E DE CONSTRUÇÃO DE CONFIANÇA MÚTUA, PARECE QUE ESTÁ VALENDO A PENA PARA ESSAS GERAÇÕES PERCORRER AS VIAS DA CIDADE. A MAIORIA TINHA ENTRE 15 E 25 ANOS. VI UMA MOÇA DE PURPURINA NO ROSTO, E UM OUTRO MENINO MANEJAVA CANETA E **CADERNINHO**, SENTADO NA ESCADARIA DA CATEDRAL. DEI

## **1 de agosto**

O centro da cidade está triste e violento. Muita gente na rua, muita polícia e pobreza. Não tenho mais o prazer benjaminiano de percorrer as ruas da cidade como antes.

## **2 de Agosto – Votação no Congresso da denúncia de Janot contra Temer**

Cheguei às 15h para a concentração chamada para a frente do escritório da Presidência na Paulista, que acompanhou a votação. Na escada do metrô, vi dois meninos negros tocando seus violinos por dinheiro. Pensei que agora, no contexto de desmonte, teremos inúmeros trabalhadores Sem-Projeto, mendigando pelas calçadas da cidade.

Tinha uma certa multidão em frente ao Escritório da Presidência, guardada por 15 PMs de escudo. Duas telinhas mostravam a movimentação no plenário em Brasília. Assistiam mais ou menos 100 pessoas, animadas por um batuque da UJS. Vi os fotógrafos A e R, e mais três equipes de imprensa com suas câmeras.

Vi bandeiras da CTB, CMP, Marcha Mundial das Mulheres, Movimentos dos Atingidos por Barreiras. Vi as camisetas “DJ!”, “Abaixo a ditadura, Moro na cadeia”, “CUT Socialista e Democrática”, uma do Levante popular da Juventude.

O ato tinha crescido para umas 200 pessoas, mas fui a um boteco tomar Boazinha com guaraná. Acompanhei pela internet sem som, mas não me comovi muito: o resultado já era esperado.

Passei na manifestação de novo às 21:45h, tinha umas 50 pessoas ainda acompanhando os últimos momentos. Do ônibus, vi um animado ajuntamento de pessoas na calçada, mas era uma roda de capoeira. Desci do ônibus e caminhei até minha casa.

## **3 de agosto – Passeata dos secundaristas pelo transporte**

Cheguei a pé pela Teodoro ao Largo da Batata para o ato dos Secundaristas contra as restrições ao Passe Estudantil. Eram 15h e vi, estacionados perto, umas 60 motos e 50 viaturas, e um total de uns 60 PMs. Mais adiante, uma viatura da GCM. Vi só umas 30 pessoas, quase todos jovens de 15-25.

Logo vi o fotógrafo R, que me contou das agressões que sofrera no metrô no dia 18 de julho. Tinha-o visto no noticiário a partir de uma tela de padaria, sem som. Ele contou detalhes de repetida agressão por parte de seguranças do metrô, por ocasião de um catracaço. Ele foi agredido 4 vezes por três seguranças, mas um em especial o socou no rosto e o feriu mais de uma vez. R foi à delegacia fazer denúncia e BO, e também foi encaminhado ao IML. Não foi bem tratado no geral, mas o delegado parecia já conhecer o segurança. No geral, mesmo sendo da imprensa, foi classificado como criminoso por sua aparência e sofreu por isso.



Comentamos como os seguranças do metrô são mal treinados, não têm cadeia de comando claro e improvisam muito.

Aos poucos foram chegando mais pessoas e dei um giro. Encontrei E, que reparou como o mobiliário instalado pelo grupo de usuários que essencialmente revitalizou essa placa de cimento que é o Largo, foi retirado por Doria.

Fui informado por outras vias que a tendência mundial é de esvaziamento da socialdemocracia/neoliberalismo, mas também de crescimento do fascismo e do autonomismo/anarquismo. Não obstante, a galera não está super confiante que os ganhos da esquerda libertária estão redundando em ganhos de organização. Mas o acirramento do combate antifas/fascistas está em plena combustão nas ruas de São Paulo. Fiquei sabendo que há duas semanas um nazi foi morto por punks. O noticiário do *mainstream*, como sempre, é ambíguo em relação a esta luta, mas o confronto real não é.

Esperei a manifestação encher e acabei encontrando M, A, A, JT, M, R, E, S, V, a fotógrafa A e depois E. Todos mais velhos do que a média do local, pelo menos duas gerações de ativistas presentes apoiando e aprendendo com a meninada. No geral temos um carinho e esperança muito grande pelos e nos secundaristas. A questão da documentação da luta, da memória e transmissão de conhecimento intergeracional apareceram nas conversas. A esclerose da esquerda institucional é tida como dada. A companheira A falou como o Slam, a “batalha” de falas na cadência do Rap têm aparecido em vários pontos da luta jovem e pode estar vindo a ser uma importante plataforma de fala pública. Hoje teve um evento de Slam na Favela do Moinho, quem foi relatou que foi poderoso.

Eram 17h e fiz um inventário das bandeiras e faixas do local. Poucos eram os cartazes, e as bandeiras eram quase todas da esquerda mais institucional: UNE, UEE, UPES, UBES, “Movimento Nacional Quilombos, Raça e Classe CSP-CONLUTAS”, ANEL e PSTU. Mas vi também uma bandeira anarquista vermelha e negra, duas anarco-feministas (roxa e negra - LDM). Vi faixas, estendidas ou ainda ao chão: “O Passe Livre não é mercadoria. Fenet [Federação Nacional das Escolas Técnicas]”; “Contra os cortes no Passe”; “Burguês, ladrão, banca o meu busão!”; “Não aos cortes no passe. Fora Doria playboy. Revide”; “Passe Livre fica!”, que era da UNE e demais entidades institucionais; e a faixa que veio a fechar a passeata trazia “Por uma vida sem catracas”.

Um cartaz de mão: “Movimento Voz Ativa: Passe Livre fica!”. Outro colado na mesa de ping-pong: “Cuidado: estudante organizado, perigo para o estado”. Uma camiseta da UJS, e outra “Meat is murder”. Um moletom: “Libertação animal, libertação humana”.

Eram ainda 18h e vi uma cena muito peculiar: um trio de soldados da GCM enquadrava um menino negro. Parecia que ele era mudo, e a gesticulação entre eles era intensa. Lembrei de vídeos da guerra no Iraque, onde soldados americanos tentam se fazer entender aos locais que não falavam inglês. O moço foi liberado.

O lado autonomista estava bem animado, e muitas palavras de ordem ecoaram pela praça. O absoluto clássico de todas as lutas, dos secundas até o MTST:

“Pisa ligeiro pisa ligeiro, se não pode com a formiga não atíça o formigueiro!”

Ainda:

“Ih, fudeu, estudante apareceu!”

“Acabou a paz, mexeu com estudante, mexeu com sataná! Olha o capeta!”

“Autonomia, autogestão, é nós por nós defendendo a educação!”

“É barricada, greve geral, é ação direta que derruba o capital!”

“Não vai ter corte, vai ter luta!”

“Quem não pula quer tarifa!” - este acompanhado dos saltos que eu já não consigo acompanhar!

Mais chamadas, depois na avenida:

“Doria, recua, o estudante está na rua!”

“Deixa passar, a revolta popular!”

“Boi boi boi, boi da cara preta, se não tiver passe livre a gente pula a roleta!”

Mais de um companheiro anotou que eram as meninas que puxavam as formulações coletivas. As meninas claramente já estão na crista do movimento. Abraça, escuta e engrossa com teu corpo a movida das meninas, irmão!

Vi um corre-corre e era o Artur do Val, um provocador do MBL que estavam sendo corrido pelos antifas. Ele grava em manifestações de esquerda e faz pegadinhas e edições maliciosas para humilhar as pessoas em seu canal de youtube. Normalmente ele sai correndo para a PM, que sempre o colhe – por vezes leva um segurança, que é nazista. Só que dessa vez ele foi atingido algumas vezes, e correu para a GCM. Mas o sargento ficou puto com ele e deu uma bronca nele. A PM teve que vir e escoltá-lo para fora do ato.

Eram umas 18:30h quando saímos pela avenida. Atrás da passeata contei 5 soldados da PM e umas 5 viaturas. À frente, umas 4 viaturas e umas 20 motos. Uma fileira de motociclistas armados, no começo, apertou muito a gente, acho que querendo livrar uma faixa à direita

na via. Foi escroto e opressor. Mas acabaram por sair fora e compor a frente do ato. Mas a garotada não perdoou: “Sem hipocrisia, a polícia mata pobre todo dia!” e “Não acabou, TQA, EQOFDPM!”

Nessa hora vi uma moça linda, jovem e negra, em cima de um patinete elétrico. Ela percorria as bordas da passeata e dialogava com manifestantes, BBs, PMs, motoristas de ônibus, motoristas de carros particulares e a galera em geral. Achei linda a sua mobilidade ágil e sua energia: firme, acolhedora, generosa, militante, protetora, combativa, juvenil e de esperança: é tudo o que a esquerda precisa neste momento. Quem a conheça saúda-a da parte deste velho militante: vai aí, moça! Somos muitos ao teu redor!

Eram 19h e a passeata demorou um pouco a se arrumar de verdade, agora à altura da Arthur de Azevedo. Contei umas 500 pessoas no total. O objetivo inicial era ir até a mansão de Doria no Jardim Europa, mas a PM não deixou e impôs um limite na Avenida Cidade Jardim. Os secundaristas pretendiam entregar um Troféu Corte Inovador ao Doria.

Seguimos pela Faria Lima até o cruzamento com a Rebouças, onde sentamos no asfalto e fizemos um jogral. Duas catracas foram queimadas e muita foto, selfies e outras foram tiradas nessa hora. Uma mulher que passava começou a hostilizar a meninada, gritando “Vai estudar!”. Só que eles revidaram gritando de volta exatamente o mesmo: “Vai estudar!”, como que dizendo que ela precisava entender melhor o que eles propunham. Foi bonito.

Seguimos adiante sem muita novidade, ao som de “Trabalhador, presta atenção, a nossa luta é por educação!”, “Do passe livre, não abro mão, é meu direito, é pela educação!”. Ao passarmos pelo pesadamente guardado Shopping Iguatemi, cantaram “Ei, burguês, a culpa é de vocês!” e “Doria, ladrão, devolve o meu ônibus”. Alguns de spray na mão deixavam mensagens nas bancas e muros: “lucro = roubo”.

Ainda: “Nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!”, “Rafael Braga, tem mais de mil, eu quero o fim da PM no Brasil!”, “Ô motorista, ô cobrador, me diz aí se seu salário aumentou!”, “Poder para o povo, poder do povo pra fazer um mundo novo”.

Chegamos à esquina da Faria Lima com a Cidade Jardim e sentados para fazer um jogral com a leitura do manifesto. Anunciaram que iriam entregar o troféu ao comandante Cunha da PM, já que não podiam chegar até a casa de Doria. Eu ouvia ao longe muita buzina de carro.

Eram 20h e o ato foi encerrado (“amanhã vai ser maior!”) e o povo foi dispersando. Vi um certo número de manifestantes que ia descendo a Cidade Jardim na direção da Marginal. Acompanhei de longe e notei que a polícia, que tinha cercado a concentração final, não

vinha seguindo atrás. Essas duzentas pessoas, mais ou menos, fecharam a via e trancaram o trânsito. Um grupo de umas dez motos da PM até conseguiu chegar a eles mas não hostilizou. O pessoal virou à direita para alcançar a estação do trem Cidade Jardim. Estava claro que iam praticar um catraço. Corri para ver os primeiros jovens ultrapassar a barreira, logo seguidos de uma onda incontável e alegre de secundaristas que gritavam muito, submergindo as catracas. Os três funcionários presentes assistiam impotentes, mas um deles filmava a cena com seu tablet.

Os jovens tomaram a plataforma cantando “Se você paga, não deveria, porque transporte não é mercadoria!”. Quando o trem chegou, entraram todos no mesmo vagão com enorme ruído. Eu fui no carro do lado, e pensei que já vi muito trem lotado na vida, mas nenhum com essa energia.

A multidão se esparramou pela estação Pinheiros, correndo pelas escadas e corredores. Um homem de meia idade e camisa da Argentina gritava muito, irado, talvez contra Temer, um usuário contagiado pela tensão trazida pelas meninas e meninos. Notei que ele tinha uma perna mecânica.

Buscávamos a estação de metrô, e ao percorrer as muitas escadas rolantes, alguém disparou um extintor de incêndio, que imediatamente levantou uma bruma seca que encheu o profundo poço central. Por alguns segundos, vi corpos jovens aparecendo e desaparecendo na névoa branca, enquanto cantavam “Ih, fudeu,, estudante apareceu!”, ao som de um batuque selvagem.

Já havia alguns seguranças correndo em volta do povo, mas nada podiam fazer. A segurança não é onipresente e não pode fazer face a este número de pessoas.

Entramos todos no trem em direção à Luz. Notei um homem sério dentro do vagão, que depois revelou-se um agente de segurança à paisana. A maioria das pessoas desceu na estação Fradique Coutinho. Uns 15 seguranças tinham vindo conosco no trem e desceram também. Alguém tentou acionar um extintor mas foi contida pelos seguranças, que agem com muita truculência e perdem a calma muito facilmente. Teve empurra-empurra e subimos ao saguão atrás das catracas, umas 150 pessoas. Teve um jogral, cantaram “Fascistas, fascistas, não passarão!”. Mas a tensão baixou e descemos novamente para seguir viagem até a Paulista/Consolação.

Saí para a rua, tomei um ônibus e fui para casa.

#### **4 de agosto – Um Fora Temer autonomista no MASP**

Saí da estação Trianon-MASP às 18h para um ato Fora Temer, só que desta vez chamado por um grupo autonomista, a Ação Popular. Parece ser algo novo, pois ninguém ontem



parecia saber quem eram. Mas acabei reconhecendo algumas pessoas de outros rolês, incluindo alguns secundas de ontem. Tinha só umas 30 pessoas e dei um giro pelo vão do museu.

Lá perto, ainda embaixo do MASP, tinha um grupo de umas 100 pessoas que homenageavam Mayara Amaral, que foi recentemente assassinada por seu namorado. Ela era música e amigos e parentes faziam uma celebração pública de sua vida.

Contei uns 20 sem-teto deitados no chão do lugar, com ou sem barracas. Logo vi o fotógrafo R. Aos poucos, o ato autonomista encheu um pouco mais, chegando a uns 100 no final. Achei muito interessante a pauta Fora Temer! ter sido assumida por gente deste campo, mas não pude deixar de pensar que é um pouco tarde para esta chamada. A indignação geral com a podridão da política institucional de fato existe, como afirmam, e também parece que o PT e outras esquerdas abandonaram as Diretas e FT! em favor de lutar em 2018. Então, de repente, depois de se recusar a atender esta chamada por meses a fio, a pauta ficou interessante para eles. Mas a baixa adesão lança desafios para a viabilidade desta movida.

Eram 18:30h quando fiz o inventário das bandeiras e faixas. Vi uma bandeira negra e outra roxa com o A anarquista, e mais tarde 2 negras com o dito A. Um ou outro papelão escrito “Fora Temer!”.

Vi dois policiais da Força Tática falarem com o grupo. Não ouvia bem, mas um deles falou algo do código penal, e “eu tenho mestrado em direito, eu sei”. Pensei que a questão fosse a chamada deste ato na rede, que continha frases mais belicosas que maliciosamente poderiam ser retiradas do contexto das chamadas políticas e enquadradas como incitação à violência. Mas parece que rolou aquela atitude que é muito cara à polícia: eles tranquilizam ameaçando. “O ato vai acontecer, mas eu vou zelar pela segurança”.

Um homem de minha idade veio perguntar se o ato ia sair em passeata. Disse que eu não tinha como saber, e saquei que era um P2. Cabelo curto, casaco de couro, sem amigos, eu tive certeza de que já o vira em outras mobilizações na Paulista. Até poderia ser um coxinha local, morador, mas jabuti não sobe em árvore!

Também recebi um panfleto de um grupo muito maluco, que mistura uma estética anarquista com uma salada de pautas de resistência. Acho que se chamam Resistência Brasil. São nacionalistas e patriotas, e “anticapitalistas de direita”, mas todo o resto é de esquerda libertária: anti-estatal, municipalista, armas para o povo... Muito bizarro. Fui informado que eles estão organizados nacionalmente (e mundialmente). Achei um péssimo augúrio.

O grupo que chamara o ato se reuniu em roda e tentaram decidir o que fazer: ficar ou sair em passeata. Discutiam o que fazer quando uma moça falou comigo. P relatou que estivera no México por vários meses e que voltara ao Brasil fazia pouco. Relatou de sua angústia com as mobilizações de esquerda dos meses recentes e de como é preciso reinventar tudo de novo. Mesmo este ato algo novidadeiro – anarquistas abraçando o Fora Temer! - lhe parecia mais do mesmo. Ela disse que tinha chorado na avenida em uma passeata e que desde então estava em busca de outras configurações de luta e resistência. Fiquei muito tocado com a sua intensidade e acabei por desistir de seguir com este ato.

Eles desceram a Augusta até a Roosevelt, mas eu tomei o metrô e fui para casa.

### **7 de agosto**

Passei a relatar sonhos no diário depois de saber que há quem estude os sonhos das pessoas logo antes da Segunda Guerra Mundial. Depois de um intervalo de umas quatro semanas, voltei a sonhar com multidões, conflagração e luta.

***Sonhei que estava em um assentamento ou terreno ocupado. Tinha muita gente lá, alguns de bermuda vermelha e sem camisa, de havaiana ou descalços. Tinha um prédio grande que era algum tipo de escola ou universidade. Tinha acabado alguma reunião e muitos outros professores se aglomeravam tentando descer as escadas. Um homem estava muito agitado e nervoso, parecia que ia surtar. Resolvi tomar o elevador e outra moça veio junto. Mas o elevador estava descontrolado e andava também de lado, em velocidade vertiginosa, ao longo do andar: não era possível saber onde íamos. As placas do chão do elevador se soltaram e abriram várias brechas sob nossos pés. Eu não tive coragem de olhar para baixo e enxergar o fundo do poço. A moça teve.***

### **8 de agosto – Mais sonhos [de outrem]**

Ouvi na linha Azul do metrô uma senhora que conversava ao telefone: “Não te contei ainda o meu sonho. Tinha um almoço, e toda a família estava lá. Estava também o Baltazar, mas ele estava todo solícito e paparicava a mulher, você precisava ver. Ia buscar comida, fazia o prato... Eu disse a ela ‘nossa, como ele está gentil!’. Aí ela disse ‘é que ele me traiu, por isso está assim. Ele me colocou chifres e agora quer compensar’. Mas a gente sabe, né, no sonho é assim. Eu percebi que na realidade, é ela: é ela que está colocando chifre nele na vida real, o sonho revelou para mim”.

.....

Vi na tela do boteco, sem som mas com legenda, propaganda do governo federal: “Meu nome é Sebastião, São Sebastião do Rio de Janeiro” As imagens eram cartões postais da cidade mais tanques e soldados do exército na rua, seguidos do *hashtag* “rioedefendo”. Deu a sensação de que vai fechar tudo. No local, um funkão contemporâneo e mesas repletas de jovens estudantes que nem viram a mensagem. A tela daí virou futebol e gols da rodada européia.

## **9 de agosto – Indígenas no MASP**

Índigenas e Movimentos estudantis e sociais, além de trabalhadores da Cultura, ocuparam a Câmara Municipal de São Paulo nesta quarta-feira 9 contra o desmonte de políticas públicas que a gestão de João Doria (PSDB). NO MASP, um ato dos indígenas.

Lembro pouco deste ato. Anotei que havia um congestionamento de vendedores ambulantes e uma canção que dizia “ando devagar porque já tive pressa”. Eram 15:30h e várias tribos vinham chegando e ocupando o espaço com suas danças e cantorias, incluindo uma rabeça e violão. Uma faixa dominava o ambiente: “STF, nossa história não começou em 1988”, e outra “Guarani resiste”. Uma camiseta: “A causa indígena é de todos nós”, e outra “Na luta pela retomada da terra” e ainda “Demarcação Já!”. Vi uma camisa do Corinthians. Muitos pintavam seus rostos ali na hora.

Encontrei E, D e M. Este último voltou de Cuba e contava um pouco de suas percepções do lugar. Deu uma geral do movimento indígena também. Disse que a FUNAI está em momento crítico.

Às 18h fecham a Paulista, mas senti de novo, depois de um pouco, que as movimentações de rua não têm surtido efeito. Mas tinham muita conversa e encontro.

Saí fora e fui para casa.

## **11 de agosto**

Scheguei às 15:30h para um ato dos secundas na praça do Ciclista. Pouca gente quando cheguei, mas encheu mais perto das 16:30h, chegando a umas 300 pessoas. Vi bandeiras da ANEL e do PSTU. Tinha autonomistas também. Vi as faixas “Tarifa Zero pra geral”, “Contra os cortes no passe” e “Por uma vida sem catracas”.

Contei 15 PMs e seis motocicletas.

Saí fora às 17:30h, peguei um ônibus e fui para casa.

**17 de agosto**

*Sonhei que eu e T passeávamos de mãos dadas por um beco de ensolarado de Barcelona. A certa altura, voltei-me e chorei forte sobre o ombro dela. Entendi que era uma despedida. Acordei emocionado.*

**18 de agosto**

*Sonhei que tinha uma turma de pessoas e fazíamos um passeio, era férias. T (M) me infernizava e gritei com ele. Mas ele devolveu o meu discurso na forma de nhenhehém e eu caí em mim e me curei de minha raiva dele.*

**19 de agosto**

*Sonhei que eu tinha uma espécie de pousada e que eu acolhia visitas sortidas e excursões de chineses. O lugar era grande e tinha rampas para escorregar de andar para andar, tipo a Fábrica de Willy Wonka. Acabara de construir a casa, mas, às vezes, de repente, enchia de gente. A certa altura, vi S pelada, desfazendo a mala que trouxera para a minha pousada, em um quarto reservado. Conversamos – ela estava radiante! Foi lindo. Numa festa da pousada, uma moça e um moço mais mais jovens, ao mesmo tempo, flertavam muito comigo, fiquei feliz.*

**20 de agosto**

*Sonhei com uma cidade conflagrada. Eu vestia uniforme de combate e a luta era espalhada e esporádica, descentrada como em uma guerra civil. Ou cheia de espera e de vazio, seguidos de epasmos de pânico e descontrole, tal como o garçonato ou a prostituição de rua. Foi um sonho longo, mas só me recordei, ao acordar, que no final eu perdia meu fuzil e passava muito tempo desprotegido, procurando me armar. Era São Paulo.*

**23 de agosto**

*Sonhei que viajava deitado em cima de um trem em movimento, com lençóis e cobertores, e de lá via o nascer do sol no horizonte. O veículo se transformava ao passarmos por uma cidade antiga, com uma favela medieval. A cidade no final parecia Barcelona e tinha uma manifestação grande numa larga avenida. Tinha companheiros antifas, mas também uma galera muito estranha, tipo Cavaleiros de Cristo, com máscaras, túnicas e meio zumbis.*

*Saiu a passeata, e, curiosamente, a frente do ato era composta de companheiros conduzindo a pé cavalos pela rédea. Caímos em uma cilada da polícia que atirava sobre nós. No corre-corre, fui cercado com um grupo de uns 5 manifestantes, e os policiais lançaram uma bomba no meio de nosso grupo só para ver a gente ficar saltitando em pânico.*

*Passou perto um moço civil, a quem as pessoas rogavam “alcaide! Alcaide!”. Mas o moço não dizia nada nem interferia, só indicando com o rosto que a situação era grave e que era melhor sair fora.*

#### **24 de agosto - Tarifa zero pra a geral!**

Saí na estação Sé às 17h para uma manifestação dos secundaristas contra os cortes no passe estudantil. Logo vi E sentado na escadaria. Havia umas 200 pessoas, mas muitos eram sem-teto e transeuntes ou passantes. Vimos o fotógrafo A, e depois o fotógrafo R.

Algumas faixas já no chão: “Tarifa zero pra a geral!”, “Contra os aumentos”, uma vermelha do Revide “Contra os cortes no passe livre” e “Burguês, banca meu busão!”. Vi uma bandeira vermelha e negra, e mais umas 3 “Pula a catraca”; ainda: uma do PSTU e outra da ANEL. Estava frio e não vi muitas camisetas, cobertas que estavam pelos casacos e abrigos. Uma delas trazia “Passe Livre” e outra “Rage against the machine”. Vi uns cartazes escritos à mão: “Transporte público não é mercadoria” e “Doria, ladrão, devolve o meu busão!”. Vi também um boneco com o rosto do Doria. Às 18h chegaram 4 catracas de isopor.

Na atual baixa geral de mobilização pública, é notável a insistência das meninas e meninos de ir às ruas. Mesmo neste fim de tarde frio, mesmo neste Brasil em derretimento, uma certa energia indomável tomava a juventude ao redor do marco zero da cidade. Tem uma hora que as passeatas começam a repetir e a repercussão muitas vezes só se dá nas bolhas da rede, mas pelo menos em termos de formação e de construção de confiança mútua, parece que está valendo a pena para essas gerações percorrer as vias da cidade. A maioria tinha entre 15 e 25 anos.

Vi uma moça de purpurina no rosto, e um outro menino manjava caneta e caderninho, sentado na escadaria da catedral. Dei uma olhada por cima de seu ombro e vi que ele desenhava com uma bic azul uma mulher nua cuja cabeça explodia em plumas e paetês, ao lado de um caminho que levava a um portal lisérgico. Ele devia ter uns 18 anos.

Não sabíamos qual o destino da passeata, e, como nesse ambiente não há lideranças hierárquicas, o itinerário é decidido na hora. Na roda de fotógrafos, a reclamação geral era a da luz ruim do lugar naquela hora. “Na Paulista que é bom, é super bem iluminado”.

Chegou um contingente que vinha da Santa Ifigênia, e todos cantaram, recebendo-os: “Ih, fudeu, estudante apareceu!”. Pouco depois, às 18:20h, a passeata se aprumou e tomou a via lateral em direção à rua João Mendes. Fecharam o trânsito ali mesmo e sentaram para fazer um jogral. Um manifesto foi lido e repetido pelos manifestantes, que incluiu menção à redução da merenda escolar. Um homem da rua fazia seu próprio texto, diferente do jogral. Muito do povo da rua colou junto, com sua energia anárquica e off-topic. Colou também um homem de uns 45 anos, camisa de gola e manga curta, bojudo. P2 na certa. Acompanhou toda a manifestação. Às vezes me incomoda eu também ter o perfil de policial paisano: homem, 50 anos, barba e careca, calça social.

A passeata tomou seu caminho rumo à João Mendes, virando à esquerda, contornando as costas da catedral, depois de afirmarem em jogral “os ricos não dominarão a cidade!”. contei uns 300 jovens.

A passeata parou em frente ao Palácio da Justiça, em frente ao Fórum, onde foi lido um manifesto pela libertação de Rafael Braga. O asfalto foi pichado “Libertem Rafael Braga”, e também umas 5 garrafas de Pinho Sol foram aspergidas na calçada do Tribunal, em referência ao desinfetante que Braga carregava na hora de seu flagrante e que contou como porte de substância perigosa. Seis PMs mais seis homens indistintos de terno olhavam tudo acontecer a partir do portão de saída de automóveis. Ficou um cheiro forte no ar enquanto ecoava pelo ar escuro da noite paulistana: “olê, olê, olê olá, Rafael, Braga”, “Justiça fascista!” e “Rafael Braga, tem mais de mil, eu quero o fim da PM no Brasil!”.

Seguimos e o moço do CMI disse que tinha encerrado o streaming ao vivo que fazia, pois a luz não era suficiente. Encontramos M, que nos saudou e tirou uma foto “da dupla”. Passamos pela frente dos Bombeiros e dobramos à esquerda na rua Janita Garibaldi, que vira Roberto Simonsen até chegar no Pátio do Colégio.

No caminho, notei que a passeata ia bem organizada: uma corrente de uns 40 moças e moços de braços dados protegendo a faixa de frente, o faixão sustentado por umas 10 pessoas ao nível do chão, o povo atrás, com batuque de três, uma outra faixa levada acima das cabeças, mais povo e a faixa de fechamento, com os dizeres voltados para fora. Alguns iam na frente do ato garantindo e corrigindo a posição da faixa, outros faziam a ligação entre as diferentes seções do ato em movimento. Outros caminhavam pelas calçadas panfletando transeuntes e cidadãos em geral. A presença da polícia bem discreta, com 3 viaturas atrás.

As palavras de ordem não foram inéditas, mas bem variadas, desde as consagradas até as menos entoadas:



“Pisa ligeiro, pisa ligeiro, se não pode com a formiga não atça o formigueiro”

“Doria, ladrão, roubou minha condução!”

“Passe livre não é esmola, o filho do prefeito vai de Uber pra escola!”

“Trabalhador, preste atenção, a nossa luta é pelo passe do busão!”

“3 e 80, ninguém aguenta!”

“Mãos ao alto, 3,80 é um assalto!”

“Eta eta eta eta eta, se não tiver passe livre vamos pular a roleta!”

“Se você paga, não deveria, pois transporte não é mercadoria!”

“Acabou a paz, mexeu com estudante, mexeu com Satanás - olha o capeta!”

Quando chegamos ao Pátio do Colégio, os fotógrafos ficaram em polvorosa com a excelente luz local. Cortamos o espaço cheio do povo da rua deitado no chão frio, e percorremos a rua Boa Vista, que sempre recompensa o manifestante com poderoso eco:

“Nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!”

“Tarifa zero quando? Tarifa zero já! Só vai mudar quando o povo controlar!”

“O transporte está uma bosta, está cheio e demora!”

“Doria, recua, o estudante está na rua!”

“1 2 3, 4 5 mil, lugar de fascista é na ponta do fuzil!”

“Olê, olê olê olá, o estudante está chegando e o bicho vai pegar!”

“Quem não pula quer tarifa!”

“Estudante organizado, perigo pro Estado”

“Ei, burguês, a culpa é de vocês!”

Cruzamos o Largo São Bento, com seu equipamento de convivência bem frequentado. Dobramos à esquerda na Líbero Badaró e os trabalhadores da Atento, telemarketing, que fumavam na calçada comemoraram a meninada. Ao chegar à Praça do Patriarca, deu para notar que a presença policial que nos aguardava era muito maior, incluindo umas 10 viaturas da GCM e uns 30 soldados de cara fechada, atrás das grades cercando a prefeitura.

O que foi lindo é que a passeata não parou na frente da Prefeitura, mas passou direto pela Líbero em direção ao Largo São Francisco, cantando “Ei, Doria, vai tomar polícia; pois no

cu, eu garanto, é uma delícia!”. Foi muito legal ver o aparato tomar um chapéu da meninada, surpreendida pela manobra.

Contornamos a Faculdade e descemos a rua Riachuelo:

“Autonomia, auto-gestão, é nós por nós pela educação!”

Uma janela estendeu uma bandeira com Fora Temer e a passeata vibrou. Metade gritava “Fora Temer!”, mas a outra preferia “Fora Todos!”.

Chegamos à 23 de Maio e fechamos a via. As faixas bloqueavam o trânsito e impediam a circulação. O povo encheu as pistas. Eram 19:25. A comoção foi grande, esta artéria ainda estava bem carregada de veículos. A polícia parecia ter sido pega de surpresa e demorou a se organizar.

Ficamos lá quase uma hora. Houve bastante tensão com motoqueiros e alguns carros. A comoção foi grande. A certa altura, as catracas foram queimadas e os estudantes ficaram pulando as estruturas em chamas, sempre ocasião para fotos dramáticas. Teve jogral e muita conversa. Eu e E cumprimentamos M, que frequentemente vemos em atos. Comentamos dos limites da manifestação de rua e do problema o pouco tempo que os secundaristas têm de se politizar, só três anos antes de dispersar-se pelo Brasil via ENEM. M reclamou que falta os hackers juntarem com o movimento social, e que o teatro é uma forma excelente de fazer a luta. Eu e E garantimos que isso já acontece, mas talvez não na escala necessária.

De uma janela alguém atirou vários ovos que explodiam sobre nós. O E me disse que era uma ocupação dos Sem-Teto.

Afinal a passeata seguiu e subimos a Dr Falcão para ganhar a Patriarca. Notei que a presença policial agora era bem numerosa, com escudos e atiradores nas paralelas. O ato foi até a frente da prefeitura, ainda com a GCM de prontidão, fizeram um jogral final: “o passe é livre, a cidade é livre!”. O boneco de Doria foi queimado, e ardeu muito vivo recostado à grade.

Eu e E esperamos um pouco a lenta dispersão, aguardando para ver se havia sinal de catracaço, como é usual nesse tipo de manifestação. Como nada acontecia, buscamos um bar para uma Boazinha. No caminho vimos a forte presença policial. Depois, em casa, vi que houve repressão a grupos menores, inclusive dentro de um ônibus.

Tomamos duas e fui para casa.

**25 de agosto**

***Sonhei que um cara ficava muito puto comigo porque T lhe havia dado um relógio que tinha meu nome gravado. Apesar de censurar T por ter feito uma desfeita deste naipe, eu não quis engajar com o cara e dizia “meu, resolve com ela, eu não tenho nada com isso!”. Foi malucão.***

**26 de agosto – Vamos! - e Cryptorave**

Peguei o metrô para ir ao encontro do Vamos!, que é um movimento chamado principalmente pelo MTST, algo inspirado no Podemos espanhol: não é um partido, não é vertical, algo entre uma plataforma de pautas, um fórum de discussão e assembleia permanente. Não há escassez de cínicos que criticam a iniciativa, mas é notável que ela tenha acontecido. Pelo menos parte da esquerda compreende a necessidade de repensar a relação movimento/instituição, o que certamente não se dá no âmbito da candidatura Lula. O painel de discussão online do Vamos não encorajava muito, para mim pela presença de Vagner presidente da CUT. Preferia ver a oposição operária de esquerda, mas, enfim, vamos lá!

Na viagem de trem, tinha um moço que fazia rimas em troca de trocados. Além do aumento da população de rua alarmante que se vê na superfície, aumentou muito o número de vendedores no metrô, antes relativamente preservado do comércio ambulante. Hoje temos muitos vendedores de hand-spinners, chocolates, fones de ouvido e até mesmo uma lente grande angular para ipad, que é uma gota de acrílico cristalino.

Este moço rimava sua poesia falada ao som de uma base de rap, e era bem esperto. Começou com “Primeiramente Fora Temer”, uma expressão consagrada das mobilizações de 2016, só comparável ao “grelo duro” da ligação de Lula. Ele era bom e produziu uns 5 sorrisos com sua lábia, e até ganhou um trocado. Disse que era de um coletivo.

Saí na estação Faria Lima às 15h e tinha pouquíssima gente. Vi as barracas montadas, mas vi que ia demorar a começar. Encontrei A, que está envolvido com a turma que revitalizou a equivocada reforma oficial do Largo da Batata, criando e instalando novos equipamentos de convivência. A iniciativa foi um sucesso, conseguiram transformar uma placa de cimento em espaço de convivência real. Naquele momento, estavam a reparar e restaurar os bancos que criaram, já que a subprefeitura se negou a fazê-lo.

A contou que o atual projeto da subprefeitura é desmontar tudo isso e escrotizar o espaço. Ao invés dos confortáveis e inventivos assentos e bancos, mesas toscas de metal foram instaladas no local. Ele me contou que o diálogo com o subprefeito é nulo e que este se filiou ao MBL recentemente, e que o desmonte é ideológico e provavelmente visa dificultar a

concentração de pessoas no local. Falamos do cenário político institucional e das eleições de 2018, parlamentarismo e das trevas que desceram sobre o Brasil.

Fui checar a Cryptoparty na Simão Álvares. Esta era uma versão “pocket” do eventão que teve na Casa do Povo em 5 de maio. Oficinas e palestras sobre segurança na rede, criptografia, software livre, TOR e pautas tecnopolíticas em geral. Esta é a galera hacker que está colada no movimento social, e o evento cresce a cada edição. Encontrei M, E, E, R, R e D. Este último trouxe o cachorro e crê que há uma disputa a fazer na camada informacional, que inclui mas não se esgota nas redes sociais, que a esquerda não está fazendo. O imaginar o futuro não está acontecendo nos partidos mas está nessa camada. Ele vê a internet hoje como um território semelhante à América dos Descobrimentos, quando os conquistadores (hoje corporações) davam espelinhos em troca da terra. Os índios somos nós.

Soube lá que o governo alemão fechou o Indymedia local, que aqui é o CMI. São redes noticiosas alternativas à grande mídia que relatam movimentações e ações dos movimentos social e autonomistas. Parece que, para ser visto combatendo o fascismo, o “centro” precisa atacar também a “extrema esquerda”.

Vi umas duas palestras, uma delas de Sergio Amadeu. Achei que tinha umas 200 pessoas quando estive lá, e, ao contrário do esperado, havia uma saudável presença feminina e negra equilibrando o contingente branco classe média de 25-35 anos.

Retornei ao Largo da Batata e o evento do Vamos! estava mais cheio e interessante. Quando cheguei, o vereador Suplicy falava.

Vi umas mil pessoas no total, mas o mais legal não estava nas falas das lideranças. Vi a fotógrafa A. Vi bandeiras do MAIS, o estandarte laranja do RUA, uma da CUT, outra do Povo Sem Medo – Pompéia. Uma faixa “São Paulo não está à venda, plebiscito já!”. Vi camisetas do PSOL, MLB, Copa do Povo – MTST, UJC (comunista), Corinthians, MST, “Mais escolas menos prisões”.

No geral achei meio branco de classe média, tipo a galera do bem, mas zona oeste 25-40 anos, contrastados com alguns militantes do MTST e indígenas.

Vi uma banca que vendia camisetas com as imagens de Frida Khalo, Mafalda, Pagu, Rosa Luxemburgo, Che, Pepe Mujica, Marx, Malcolm X, a Graúna do Henfil, textos como “Ocupa tudo!”, uma sentença do Grande Sertão: veredas do Rosa, “Viver é lutar!”, “Lutar Sempre, Temer Jamais!”, “Lugar de mulher é na Revolução!”. Dois moços vendiam o jornal “A Causa operária”.

Na tenda principal os falantes estavam em um palco, claramente delimitados da platéia: Sakamoto, Boulos, Suplicy, Sonia Guajajara, Freixo e a moça negra cujo nome evadiu o registro nas plataformas online e que não consegui obter na hora.

A fala do Suplicy, que ouvi ao movimentar-me pelo ambiente, foi combativa etc., mas não pude deixar de notar que o que tinha de novo era a galera LGBTQ que promovia atividade interativa (a Gaymada) ao mesmo tempo que obtinha assinaturas para um abaixo-assinado. Eram uns 100 corpos divertidos de todos os sexos interagindo sem hostilizar as falas ao lado, mas também sem formar platéia para liderança. Achei esta convivência mais potente do que as formulações dos oradores “premium” da tenda principal. A última vez que vi coisa assim foi em 2013.

De forma semelhante mas um pouco menos potente, existia a barraca do samba, ainda aguardando o fim das falas para começar suas atividades. Eram sambistas da luta que já tinham armado seus microfones, mas esperavam a deixa para começar a festa. Seu cartaz trazia “Vem que Vamos”. Outros cartazes homenageavam o bairro do Bixiga, “Salve São Jorge” e “Tem que manjar dos paranauê”. Esta última gíria – saber dos paranauê – certamente deriva de um clássico vinil de capoeira, do Camafeu de Oxossi. A faixa que inicia “Paranauê, paranauê paraná” é um absoluto clássico da capoeira. Já quem ouvia o antigo “Show de Rádio” da Jovem Pan, vai se lembrar de outro LP da mesma época (anos 70) com “Bonbongira jagungoguê, aiê, orerê..”, que é do Joãozinho da Goméia. Enfim, fabuloso que esta palavra – paranauê - tenha ganhado as bocas jovens do país.

Passei no ateliê de AF, que é lá pertinho. Ele faz brinquedos científicos para museus de ciência. Ele estava lá com A e B, a quem contava como, em 1984, tinha concorrido em uma chapa anarquista/surrealista ao DCE da USP, ele então da Física. Era o *Deliriosk*, que marcou a renovação da política estudantil contra os partidos hegemônicos da época (PCB e PCdoB). Chegaram em segundo contra a Libelu da época. O ano de 1984 foi o ano das Diretas, ainda durante a ditadura, e as forças de oposição explodiam em multiplicidades promissoras, apenas dois anos depois da fundação do PT, quando este era ainda uma frente ampla de oposições e promessas do porvir. Oposição criativa, ousadia nas formulações de futuro, impacto das novas tecnologias (vídeo caseiro, xerox colorido e os inícios do PC), tudo isso abrindo novas e excitantes fronteiras de política e de comunicação. Parte disso floresceu na incrível campanha de 1989, com a “Rede Povo” etc., parte feneceu no comércio (Fernando Meireles).

Conversamos um pouco e saí fora, para Santa Cecília. O assunto lá com D, J, R, B e A foi o Vamos, o fardo da juventude que é taxada de “alienada” e “o futuro da esquerda” ao mesmo

tempo, cumbia em relação à salsa, a depressão e militância de hoje, acolhimento e cura na esquerda... Conversamos e dançamos cumbia.

Tomei o metrô e fui para casa.

## **29 de agosto**

Repercute ainda a delação do ex-advogado da Odebrecht Rodrigo Tacla Duran, investigado na Lava Jato, acusa o advogado Carlos Zucolotto Júnior, amigo de Moro, de vender favores na operação, como a redução de penas e multas. Moro defendeu enfaticamente seu amigo nos jornais.

Ontem houve o pré-lançamento do filme “A lei é para todos”, em Curitiba, com a presença de juízes e procuradores, além de membros da força-tarefa, o juiz Sergio Moro e Marcelo Bretas estiveram no evento. A fonte é o 247.

## **30 de agosto – Ocupação da Secretaria da Presidência pelos Guarani**

Hoje faz um ano do golpe.

Eram 17h quando saí da estação Trianon-MASP do metrô para o Ato contra a anulação da demarcação das terras Guarani no Jaraguá em São Paulo.

A Secretaria da Presidência fora ocupada de manhã pelos Guarani. Todo o andar térreo estava tomado por indígenas e havia uma reza em andamento que só terminou 24 horas depois.

Cheguei no MASP e o vão estava já cheio. Logo encontrei E, e uma dança indígena estava em pleno andamento. Conteí umas mil pessoas lá, incluindo um contingente Guarani do Rio Grande do Sul, segundo disse-me E. Vi as faixas “O Jaraguá é Guarani!”, “Juntos Somos Mais Fortes”, “Devolva nossa terra, Temer” e “O povo Guarani existe e resiste”.

Fomos checar a ocupação na Presidência. No caminho, vi pichado em um totem de sinalização: “Fora Temer, Fora Doria, Viva Grafite”.

Umás 500 ou 600 pessoas se aglomeravam na frente e dentro da Secretaria. Vi o fotógrafo R, M e também muitas famílias, crianças e mães, gente de todas as idades. Apesar da presença de muitos apoiadores, a maioria era indígena. Muitos de pintura facial ou corporal, cocares e adornos, arcos, flechas e pelo menos um empunhava maçudo tacape. Notei também muitos cachimbos sendo fumados, tabacos de vários e fortes aromas.

Os fotógrafos estavam em festa, já que os trajes figuravam perfeitos personagens para imagens esplêndidas. “Tem algo de zoológico” comentou E. Era verdade, mas manifestação é para isso mesmo, e a pintura de guerra visa o encantamento do inimigo também. De



qualquer forma, era bonito ver tantos indígenas em plena Paulista, em frente ao hotel que faz parede com a Secretaria.

Não havia bandeiras e poucas faixas. Um Guarani trazia uma foto de Alckmin espetada em sua flecha. Vi camisetas “A causa indígena é de todos”, “Keep Calm and Go to Trindade” e “Jaraguá é Guarani”. A Globo chegou com repórter e câmera.

Às 17:30h umas 300 pessoas tomaram a avenida com a faixa “Demarcação Sim, Despejo Não!”. Gritos soavam na noite paulistana, agradavelmente amena depois de muitos dias de frio. A idéia era ir buscar o ato no MASP e retornar à Secretaria com o povo todo.

A presença da polícia era discreta, e 5 motos saíram de onde estavam estacionadas e tomaram a frente.

Caminhamos lentamente atrás das faixas. Vi um cartaz “Comunidade da EMEI Carolina de Jesus apoia os indígenas. #Somos todos Guarani”. Algumas palavras de ordem; “Jaraguá é Guarani!”, “Demarcação Já!”, “Fora Temer!”.

A Paulista ainda tinha muitos transeuntes, e achei que a recepção no geral era amistosa. Um grupo de 4 meninos negros, porém, foi mais ambíguo. Eles levavam cartolinas com carcaças de celulares coladas com durex. Eles riam irônicos e apregoavam seu serviço “assistência técnica!”. Vi um Guarani com uma camisa do Palmeiras. Encontramos M e conversamos um pouco.

Chegamos à altura da loja Marisa, que tem uma enorme tela eletrônica. Nela uma modelo muito produzida e maquiada tinha nas mãos cabides com roupas. O mote da campanha era “De mulher para mulher”. Olhei as indumentárias indígenas à minha volta e meditei sobre como toda a moda é arbitrária. O povo cantava “Jaraguá é Guarani!” enquanto a moça branca na tela rodopiava com diferentes figurinos, muito maluco.

Chegamos ao MASP às 18:15h e trocamos de via. O povo que estava no vão saiu e ganhou o asfalto. Formamos uma bela multidão, que avalei em 2 mil ou talvez 3 mil pessoas. Vi novas faixas: “Respeten los derechos de los pueblos indigenas de Brasil y del mundo, demarcación yá”, “Anistia Internacional” e “Todo sonho coletivo disputa um lugar”. Vi cartazes “O governo é provisório, nossos direitos são originários!”, “Pelo fim do genocídio e etnocídio”. Vi E conversar com um “comunista palmeirense”, creio que ele é do *Porcomunas*.

Vi 5 camisetas “Atreva-se a mudar o mundo”, duas diferentes da Frida Khalo, uma “Korn, the serenity of suffering”, outra com letras góticas “Feminism”, uma “James Brown Funk Soul”, outra “Poder para o Povo Preto”, um moletom “Antifascista e outro com “Ação

Antifascista São Paulo”, uma camisa do Corinthians “Democracia 1982”. Ainda uma “Adrenalina Paintball”.

Na rabeira do ato, colou uma caminhonete com um boneco inflável de 3 metros, que era um índio fumando um cachimbo. Na frente, uma pequena bateria, creio que chamada “Macunaimada”. Notei que na banca, alguém tinha desenhado chifres e dentes afiados na imagem de Gilmar Mendes, capa da Veja.

Vi um Guarani com uma camiseta “Índios Kaimbé. Somos Raízes Kaimbé. Salão de cabeleireiro Cristal. Bar Cantinho do Norte.” Vi um camiseta da central sindical CTB.

Encontramos AT e D, que comentaram como era possível que o governo despejasse um povo que vivia na região do Jaraguá há 15 mil anos! Vi o ativista do Parque Augusta D e o S dos JL. S reclamou de quem fica em casa trolando quem sai na rua e tenta fazer a luta. “Não tô vendo ninguém aqui”. Vi E do CMI fazendo um streaming.

A passeata no geral foi muito diferente das usuais da esquerda. Não apenas o carro de som estava ausente, mas também a condução da marcha parecia anárquica e espasmódica. Muito chocalho, muita roda de dança, muito fotógrafo alucinado. De repente parávamos para uma dança interminável, às vezes as faixas eram realocadas no espaço, às vezes eram os grupos que se recolocavam no corpo da passeata. M e D comentaram como “não dá para mandar nos indígenas, o tempo deles é outro” e que era assim mesmo.

Depois de muitas paradas e avanços, chegamos à Secretaria da Presidência. Todo o fluxo da Paulista estava fechado, só as transversais continuavam abertas. A Augusta fechada, e a esquina desta com Paulista estava em festa com o povo parado, conversando e dançando. Na Secretaria, a reza continuava forte. Vi cartazes: “Clodiodi tombou, muitos se levantarão!”, “Parque Augusta”, “Contra o Marco Temporal”. E a faixa “A América não foi descoberta, ela foi invadida e saqueada”. Eram 19:15h.

Eu e E fizemos um pit-stop para uma Seleta e retornamos às 20:30h. O povo continuava lá, agora informados de que o ministro havia recebido a delegação Guarani mal. A reza dentro da Secretaria continuava forte.

Conversamos um pouco mais e tomei o metrô e fui para casa.

Sonhei que aviões militares e naves espaciais muito loucas despejavam material genético e caixas de ferramentas que se transformava em corpos orgânicos humanos e material para colonizar um lugar., era uma espécie de game de verdade. Fizemos uma cidade mas era difícil dizer se éramos felizes ou não, depois tinha um trilho de trem e um acidente. Nossos corpos eram diferentes e mais dobráveis que o usual humano, mas não era claro se existia seleção natural por morte ou não.

2017

# SETEMBRO



ESTAVA NO BOTEQUIM MONTI CARLO QUANDO VI UM MOCO COM UNIFORME ACERTEILO (AO PAULO), CALÇA PRETA E GUEPI DEPOIS



ERAM 20:20H E SEGUIAMOS PELA REGO FREITAS, TODAS AS 15 MIL PESSOAS. MUITAS JANELAS CELEBRAVAM NOSSA PASSAGEM, E TAMBÉM AS TRAVESTIS DA ESQUINA DA MAJOR SERTÓRIO. ELAS SÃO APLAUDIDAS E MUITOS VÃO FAZER SELFIES COM ELAS.

UM JOGAL É FEITO NA ESQUINA DA GENERAL JARDIM, ONDE RAFAEL BRAGA FOI LEMBRADO. O ORADOR NOS LEMBROU QUE "EM 2014 BARRAMOS ESTE MESMO PROJETO". ENTRAMOS NA LARGO DO AROUCHE AO SOM DE "AS BI, AS GAY, AS TRANS E SAPATÃO, TUDO ORGANIZADA PRA FAZER A REVOLUÇÃO!" E "QUEM NÃO PULA QUER A CURAI".

NOTEI QUE AS DUAS TRAVESTIS DA MAJOR SERTÓRIO VIREAM CONOSCO E ESTAVAM LÁ. OS AFRICANOS NO BAR DA SANTA ISABEL OLHAVAM TUDO EM SILÊNCIO. O POVO CANTOU MUITO "NÃO ACABOU, TEM QUE ACABAR, EQOFPDI", LOGO AO LADO DO VEÍCULO DA

BASE COMUNITARIA COM 10 PMS.

VISITEI L E ELE ESTÁ BEM PESSIMISTA, NÃO VÊ SAÍDA BOA NENHUMA PARA A CRISE (SEM ACOMPANHAR COM A QUE UM SONZÃO EXPLODIU NO AR FRESCO DA PRAÇA. VI QUE UM AMBULANTE QUE EMPURRAVA SEU ISOPOR USAVA UMA CAMISETA DO SINPRO. PENSEI QUE ELE PODIA TER

VISITEI L E ELE ESTÁ BEM PESSIMISTA, NÃO VÊ SAÍDA BOA NENHUMA PARA A CRISE (SEM ACOMPANHAR COM A QUE

UM SONZÃO EXPLODIU NO AR FRESCO DA PRAÇA. VI QUE UM AMBULANTE QUE

EMPURRAVA SEU ISOPOR USAVA UMA CAMISETA DO SINPRO. PENSEI QUE ELE PODIA TER

### **1 de setembro - Paramilitares**

Vi 12 meninos de uns 20 anos em roda no Centro Cultural São Paulo. Pertinho da saída do metrô Vergueiro. Eles cantavam aquelas canções/bordões militares, cadenciados e rimados. Algumas eram do BOPE. Ficaram uns 15 minutos.

### **3 de setembro - Paramilitar**

Estava no boteco Monte Carlo escrevendo quando vi um moço de uns 30 anos vestido com um uniforme ao estilo militar: camisa cáqui (como a antiga da PM de São Paulo), calça preta e quéri americano. Eram 18h.

Depois ele foi embora e o lugar encheu de jovens negros, uns 30, certamente do evento de Slam na Casa das Rosas lá perto. Fiquei aliviado, mas a paramilitarização da direita no geral está em pleno curso.

### **4 de setembro**

Saí na estação República e fui ao Tapera para ver o filme “Era o Hotel Cambridge”, seguido de debate com alguns dos realizadores. Achei o filme bom. E estava lá, tomamos uma e fui para casa.

### **7 de setembro**

Saí da estação Anhangabaú às 16h para o ato dos autonomistas no Teatro Municipal. Lgo vi o fotógrafos R, A, e A. Também conversei com E, E, R e L. Chegou a ter umas 100 pessoas, incluindo uma moça que veio com a filha pequena, as duas fantasiadas de bruxa. Vi bandeiras negras e vermelhas, e outra com o A anarquista. Uma faixa “Autonomia”. As camisetas estavam mais interessantes: EZLN, Joy Division, “Refugiados Bem-vindos”, “Antifascistas de São Paulo” e um jovem Harrison Ford de arma em riste.

A presença da PM era discreta, 3 viaturas e 15 soldados. Fiquei até as 16h-17h e saí fora.

### **8 de setembro – Finalmente sai o filme antilula**

Fui assistir o filme “Polícia Federal – a lei é para todos”. Seu lançamento foi muito antecipado. Ninguém sabe quem são seus financiadores. Resolvi assistir o filme no cine Pátio Higienópolis, esperando ver reações do lado coxinha, já que as mobilizações de direita estão ainda mais escassas que as da esquerda.

Paguei uma meia de R\$17 para a sessão das 19h. Uma rápida olhada no platéia indicava uma presença importante de idosos, mais casais mais jovens. Conteí 100 pessoas.

Foi interessante pois os filmes publicitários atendiam precisamente os grupos presentes: a Prevent Senior, que é um plano de saúde para pessoas mais velhas, e pelo menos dois filmes

longos do mercado imobiliário. Um deles era arrojado, da GAFISA, tentando vender a região do centro em termos mais genéricos: “os jovens já estão mudando para o centro”, “a segurança está mudando”, muito sobre a diversidade da região central. Entrevistavam dois proprietários de restaurantes (Bar da Onça e da Casa do Porco) e um fotógrafo. Ponto central: “diversidade”. Já o outro filme era mais específico, um conjunto já pronto – o “Jardim das Perdizes”. Mote principal: localização e segurança - “é possível morar em São Paulo com segurança”.

O filme em si é convencional e chato. A narrativa geral é a evolução das investigações da Lava Jato, do ponto de vista da PF. O que pareceu despertar interesse era reconhecer na tela eventos jornalísticos: o japonês da Federal, o hipster da Federal, a mulher do Moro (“ela é mesmo bonita!”), os áudios da Dilma e do Lula e coisas assim.

O viés é bem propagandista e anti-petista, e a premissa principal é idêntica à do filme *Tropa de Elite*: a polícia é virtuosa e todos os paisanos são corruptos; a polícia vê tudo, prende e “eles soltam”; a violência é virtuosa: “o problema é a caneta”. A aliança que eu vi nas manifestações coxinhas estava desenhada também no filme: Polícia-Judiciário-Jesus.

Dava muita vontade de gritar “então prende o Aécio!” nas numerosas vezes em que se dizia “ninguém está acima da lei” ou “queremos ajudar o Brasil”. As ilegalidades da operação passam em branco, e indício passa por prova – o crime de Lula é ter feito palestra em países (todos os citados são de esquerda), a empreiteira ganha obra e o BNDES libera a grana.

A escrotice do cantor Roger aparece quando “Inútil” é cantada numa festa-karaokê dos policiais. Isso me fez recordar do fim da ditadura nos anos 80. Assistia na TV um programa de música pop. Assim como o audiovisual, a música estava em plena ebulição com artistas como Titãs, Rumo, Roger, Arrigo Barnabé, João Gordo, IRA!, Lobão, e outros muitos. O programa focava nessa nova música, e dois comentaristas conversavam sobre os vídeos que assistíamos. Se me recordo bem, eram o Maurício Kubrusly e o Ramos Tinhorão. Kubrusly era mais jovem e a favor da nova música, e elogiava justamente a canção *Inútil*. Tinhorão não gostou, ele mais conservador, do PCB e mais na linha da música nacional de raiz e desconfiado do pop em geral. Eles ficaram discutindo muito o fato de que o clip era bem tosco, e em umas das cenas um dos integrantes da banda mordida uma coxinha, de pé ao balcão, e cuspiu sem engolir. Kubrusly fazia uma defesa na linha da sensibilidade punk, que se tratava de uma brincadeira sem maiores consequências para a música, que, naqueles anos pré-Diretas, expressava uma frustração e desconforto com o poder. Tinhorão sustentava que aquilo era parte integral do projeto estético de Roger, que era de niilismo conservador. Nem entro no mérito da discussão, mas é interessante que Roger tenha se



revelado um coxinha. Às vezes tento separar rebeldia de ressentimento, revolta de recalque, mas nem sempre dá certo.

O filme alcança uma espécie de clímax com a condução coercitiva de Lula. Ele é apresentado como chefe geral de toda a corrupção e só aparece em seu apartamento. O filme está à vontade para mostrar o Moro proibindo a filmagem que de fato é feita por ordem do delegado. Os movimentos sociais – MST, MTST e CUT – são apresentados como ameaças à ordem e que iriam conflagrar o país.

Enfim, o depoimento de Congonhas não elucida o mistério de porque Lula não foi levado a Curitiba (aparece desde o começo que “é para sua segurança” o interrogatório no aeroporto). E também não faz jus ao interrogatório como foi de fato conduzido. A íntegra do depoimento está disponível na internet, e é leitura muito incrível. Os diálogos são surreais, e Lula, ao contrário do filme, está bem humorado e faz muitas de suas tiradas.

O filme acaba depois do depoimento e tem um teaser da sequência, o A Lei é para todos 2: aparece o homem da mala de Temer. Risos na platéia. Os créditos são acompanhados de vídeos rápidos, do noticiário: Lindbergh Farias falando contra a Lava Jato, Lula e a sentença da “jararaca”, Dallagnol e outros.

Três pessoas saíram no meio do filme. No geral achei as reações menos entusiasmadas do que eu esperava. Teve aplauso no final, e as conversas eram de aprovação durante a saída. Mas não foi a apoteose coxinha que eu tanto temera em 2016.

Saí do shopping, tomei um ônibus e fui para casa.

## **12 de setembro – Depoimento de Lula em Curitiba**

Cheguei no Largo do Pará em Campinas às 20h para o transporte com destino a Curitiba para acompanhar o depoimento do Lula. Houve pouca mobilização no geral, ao contrário do primeiro depoimento em maio. Acabei achando um ônibus que era dividido entre o PCO e o PT – mas saía de Campinas. Cheguei e logo confirmei meu nome na lista. Demoramos a sair, e parte da concentração pré-embarque se deu num boteco do outro lado da rua: o bar da Márcia. Tomava uma Meia Lua e dei uma rápida avaliada no jeitão das pessoas. Homens e mulheres de 40-50, principalmente, todos militantes. No bar, a conversa arriscou tomar um rumo que é bem típico de partido – a discussão política vira quem foi para qual cargo. Mas no geral não foi esse o teor das conversas durante a viagem. Havia certo clima de amistosa rivalidade entre o PCO e os petistas.

Mas não sentia a energia grandona e a urgência da primeira viagem à Curitiba. Ninguém parecia esperar uma prisão de Lula, mas E confidenciou-me que acreditava no pior, avaliando que o PT ficou confiante demais com as recentes caravanas.



Observei algumas camisetas: uma do rosto do Che, outra com o nome do Lula, MST, PCO, Mulheres pelas Diretas Já - UBM, APEOESP, uma da Petrobrás. Bandeiras, até o momento, só do PCO.

Sáímos às 21:30h e notei que praticamente todo mundo tinha um aparato eletrônico móvel. Recarregá-los durante a viagem foi uma questão. De resto, foi muito animado e parecia excursão de escola. Distribuíram um pão com mortadela (!) e um pirulito, café, água, Domecq. As rodas se formaram e rolou muita discussão. Fiquei mais na minha escutando e ouvi várias avaliações do noticiário atual. No geral se detecta que é preciso renovar com a juventude, mas isso mais em nível de sindicato e partido, menos de movimento. Dinheiro para pagar o ônibus foi arrecadado, e fotos foram tiradas. As conversas se estenderam por algumas horas. O ônibus era convencional e portanto desconfortável, e tive dificuldade em descansar ou dormir. A gritaria continuou mesmo com a luz apagada e dormi muito pouco.

Numa parada, outros dois ônibus a caminho de Curitiba estacionaram também, e as pessoas fizeram muita festa.

Chegamos em Curitiba lá pelas 5h da manhã, ainda escuro. Era o mesmo local onde tinha sido montado o acampamento do MTST da outra vez, mas hoje não havia ninguém. Depois chegaram mais ônibus, um total de 15 veículos. Decidimos aguardar antes de caminhar até a praça. Deu para dormir um pouco mais. Ao descer para partir, notei que uns 300 militantes estavam no local, muitos do MST.

Sáímos lá pelas 9h e fizemos o mesmo percurso que eu tinha feito de noite com os então acampados, seguindo pela Conselheiro Laurindo até a praça do Paço Municipal, que é a Generoso Marques. Éramos 40. No caminho, conversamos sobre as passeatas do MTST, sempre longas e energéticas, frequentemente terminando em lugares ermos e sem transporte. “Bom mesmo é fazer a Paulista e descer a Consolação até a República: daí tem saída para todas as zonas da cidade”, disse E. Comentamos de 2013 e da segunda-feira monstro, cuja mobilização de rua saiu do Largo da Batata mas trancou todo o transporte público da cidade. Quem foi para a Ponte Estaiada ou Palácio do Governo teve que andar muito. No geral vi que respeitam as jornadas de junho, mas incomodam-se com a insistência na horizontalidade e proibição de faixas e carros de som. Atribuem à falta de direção a captura das mobilizações pela direita.

De outra forma, todas as avaliações políticas do PCO parecem passar pelo imperialismo e pelo cenário global, atentando para o papel das duas burguesias, a nacional e financeira. O companheiro E me fez recordar do filme *Queimada*, que é justamente um resumo desse ponto de vista.

Chegamos ao nosso destino – em frente ao Paço Municipal - e de imediato vi o maluco da “bicicleta Uber. 1 km= 1R\$”. Vi o carro de som posicionado e algumas bandeiras e faixas. Vi que ia ser meio pequeno. O depoimento começaria só às 15h, e Lula deveria discursar por voltas das 17:30h.

Estava calor, olhei em volta e vi umas 300 pessoas. O PCO representado com muitos militantes, uma banca, duas faixonas e algumas bandeiras. Uma faixona, ao chão, trazia “Lula 2018. Eleição sem Lula é fraude!”, outra “PCO”, outra “Fora Temer Golpista”, ainda “Anular o impeachment”. Vi bandeiras da CUT, PT, do Brasil, da FUP (Petroleiros) e APEOESP. Vi um cartazinho colado no pedestal da estátua: “Fora Temer, Fora Moro, Diretas Já!”, e outro que trazia a imagem de Aécio e um Moro grávido, enlaçados em amoroso abraço. Dizia Aécio: “Ele só fala grosso com o PT!”.

Fui buscar algo de comer, e ainda da praça vi um grande cartaz com o rosto que eu acho ser de um jovem Leminsky: “Confira: tudo o que respira conspira”.

Tinha ainda meu adesivo contra a prisão de Lula no peito, e um jovem de 20 anos veio me abordar na calçada. Perguntou por figuras da liderança da CUT local, e afirmou ser sobrinho do Lombardi, que inventou L de Lula que se faz com um mão, desde 1989. Insistiu que eu deixasse contato, e disse que era estudante de direito na Universidade do Paraná. Despistei e só deixei o endereço do blog no milharal. Achei estranhíssimo, tirei meu adesivo e coleí em um poste.

Caminhei um tanto e incluí um almoço no intervalo. Eram 15h quando retornei à praça e avalei a presença de uns mil manifestantes. Desta vez vi uns 30 PMs, mais 6 policiais vestidos com uniforme camuflado para floresta, com chapéu caçador. Algumas novas faixas: de pé agora estava a grandona do PCO: “Partido da Causa Operária. Revolução Governo Operário e Comunismo”. Outra menor “STF acovardado é sócio do golpe. NADP”. Outra, na barraca da Juventude do PT: o rosto do poeta Leminsky com os dizeres “Sentado não tem sentido”. Ainda: “Lula presidente com Constituinte”. Um cartaz de cartolina vermelha recortado em forma de coração trazia escrito em dourado: “Lula é o cara”.

Vi as bandeiras: UNE, LGBT, CMP (moradia), FECESC (comerciários de Santa Catarina), União dos Movimentos de Moradia de São Paulo, União dos Atingidos por Barragens, com batuque; “Kizomba, por uma nova cultura política”; MST, FRD e outra do Brasil, no carro de som.

Vi as camisetas da UNE, uma estrelada com o rosto de Lula com “o cara está voltando”, “é hora de derrotar o golpe”, “UBES, Não à prisão de Lula”, “#naovaitergolpe, vai ter luta!”, uma da graúna do Henfil “Diretas Já!”, “A casa grande surta quando a senzala aprende a

ler”, MST, “não ao pacote”, “exploração não tem perdão”, “Volta Dilma”, uma camisa da CBF, outra do Atlético Mineiro, uma do Corinthians, uma do grupo “Dead Kennedys”, outra “Sem medo de ser feliz”, ainda “PT DZ Centro”, uma com o rosto e nome de Marighella, “Defender a Petrobrás é defender o Brasil”, “#fora temer” e “Coração Valente” com o rosto da jovem Dilma. Vi um boné da Contag.

Vi uns 15 seguranças vestidos todos de preto, camisas, calças e paletós, suando muito sob o sol direto que os castigava, de pé, cercando o carro de som, que tinha um nome: “Tremendão”.

Conversei com E, que deve ser um pouco mais velha do que eu. Ela tinha vindo no ônibus do PCO e compreendi que estava próxima deles. Comentou que assistira os vídeos de análise de conjuntura de 2013 e que ficara impressionada com a qualidade da análise. Insisti na necessidade de fazer movimento e de se preparar para a clandestinidade, não usar facebook etc. Ela se assustou um pouco e eu sublinhei dizendo que a juventude vem nos alertando disso faz algum tempo, e que é preciso ouvir os jovens e o movimento social.

Vi uma camiseta “100% Lula”, outra “O Brasil precisa voltar a ser feliz”, “Comandante Fidel Castro”, ainda outra “Privatizar faz mal ao Brasil. Petrobrás”, uma bandeira da Frente Brasil Popular”, outra do “SINTRAUTO” e ainda da UJS. Vi o rosto de Frida Khalo tatuada numa coxa muito branca de uma moça. Vi uma barraca do SISMUC, dos servidores municipais de Curitiba.

O carro de som alternava oradores e música. Para sensibilidades mais autonomistas, era um ato clássico e convencional de adoração a Lula: separação carro de som/platéia, esmagamento da diversidade, militantes de base realizando a tarefa de estar lá etc. Era certo que havia uma seriedade militante que era vir proteger Lula, e que certa determinação de luta sem prazer apareceu muito, e até respeitei isso. A lulolatria era ingrediente inescapável hoje e talvez questionável para quem disputa a hipótese populista/personalista, mas a mobilização era verdadeira.

Os locutores, por exemplo, cortavam os batuques que estavam no meio da massa, propondo uma alternância entre as falas e os batuques, isto é, apagando a energia pelo monopólio da fala.

Eder Sader falava quando chegou uma marcha de “2 mil trabalhadores rurais”. Fui checar e de fato tinha uns mil, com estandartes e batuque do Levante Popular da Juventude. Vi chegar uma bandeira da Via Campesina, uma do LPJ, de Cuba, do PT e outras do MST. Estandartes: “A segurança pública será humana e justa”, “Respeitarás a soberania das nações” e “Dez mandamentos da Frente Brasil Popular”.

Vi o Lindbergh Farias, muito solicitado pra selfies.

Vi um tubarão de azul prateado se soltar da mão da menina e ganhar os ares, subitamente brilhante e coruscante em laranjas faíscas contra o último azul do céu, ao ser atingido pelo sol em pleno ar, fora da área de sombras lançadas pelos prédios. Subiu até sumir.

Nessa hora notei um drone voando sob a multidão.

Às 17h horas noticiaram o fim do depoimento e o público vibrou. A presença de Lula foi prometida para as 18h. Uma série de oradores seguiram, e também canções. As falações incluíram Requião, Gleisi Hoffman, moças da UNE, advogados de Lula, Vagner Freitas da CUT, o líder do PCO. Mas depois do anúncio da iminência da fala de Lula, todos os oradores ficaram chatos e obrigatórios. Demorou mais de uma hora até que todos os faladores chapa-branca perorassem. Fiquei impaciente e mal-humorado. Talvez seja esse outro problema do populismo: tudo que não é o chefe fica chato.

Lula finalmente tomou o microfone, pouco antes das 19h. Os organizadores tinham anunciados 7 mil presentes, mas acho que 3 ou 4 era mais verdadeiro. Muita gente de base, de 20 a 50 anos, bem equilibrado em termos de gênero.

Testemunhei então algo extraordinário, que encheu-me de péssimos augúrios para o devir. Pelo menos dois helicópteros voavam agora muito baixo e faziam enorme ruído, abafando a fala do Lula. Aí notei que um deles, muito próximo, carregava uma placa luminosa, suspensa, onde passavam as letras da esquerda para a direita, voltado para baixo, para nós na rua. Era muito acintoso e as letras brilhavam no ar escuro. Tentei ler as mensagens, mas o helicóptero fazia lentos círculos no ar, dificultando a leitura. Mas com o tempo, sob a voz rouca de Lula, fui compondo as mensagens ao mesmo tempo que torcia o pescoço: “Cadeia para todos os corruptos, todos os ladrões. Tirem as mãos de nosso país.” Um coração se desenhava no grid depois das palavras “Polícia Federal”, “Ministério Público e todos envolvidos na Lava Jato. A hora dos corruptos vai chegar”. Era extraordinário o artifício da placa luminosa suspensa, eu nunca tinha visto nada parecido. Os dois helicópteros voavam muito baixo e atrapalhavam a falação de Lula, um claro ato de sabotagem. Quando ele acabou, a placa luminosa foi-se embora.

Que aliança tornara isso possível? O PSDB e PMDB com seus governadores e prefeitos, teriam bloqueado as rodovias, ordenado revistas policiais e coisas assim. Uma placa luminosa, possivelmente com streaming ao vivo, é fruto de uma vontade muito além do comum brasileiro, e de uma imaginação do mal que prenuncia as piores baixarias, jamais vistas neste país. Fiquei aterrado.

Entendi pouco do que Lula falou. Falou forte, com som aumentado, guerreiro e com discurso de candidato. Reafirmou sua inocência, disse que jamais mentiria a nós, o povo. Contou que sonhara em transformar o país, deu vários exemplos desses sonhos benignos e afirmou que era por isso que as elites não o toleravam.

Na saída dos carros com o ex-presidente, havia uma multidão de fotógrafos e admiradores, mas pelo menos duas mulheres empunhavam seus celulares e gritavam “ladrão!”. Ainda impactado pela sabotagem realizada num espaço militar que é o aéreo, observei que um helicóptero voava ainda muito baixo, e a presença policial era numerosa sob o ruído opressor. Senti a cidade hostil e tenebrosa.

Andei até a rodoviária, tomei um ônibus e fui para casa.

### **17 de setembro – Ato na ocupação do MTST em São Bernardo do Campo**

Encontrei E na plataforma da linha Azul do metrô às 15h para seguirmos a São Bernardo ver o ato na nova ocupação do MTST. É enorme e o ato foi chamado em protesto contra um disparo de arma de fogo que atingiu um sem-teto no braço. A arma foi acionada a partir dos prédios de classe média bem ao lado.

Seguimos até o Jabaquara para tomar um tróleibus 288. No metrô, E falou um pouco da ocupação do Pico do Jaraguá pelos guarani, agora encerrada. Ele notou a camiseta de um passageiro, que trazia um macaco estilizado.

Nem esperamos muito pelo trólei e já deslizávamos pela rua dos Comerciários em direção a Diadema e depois São Bernardo. O veículo acabou enchendo e um ambulante anunciou suas balas de goma e amendoim torrado, um real o pacote. Olhamos por quase uma hora a paisagem local, mais pobre em Diadema e mais rica em São Bernardo. Na passagem entre os dois municípios, uma pracinha com uma pirâmide maçônica. Dentro de São Bernardo, muita publicidade oficial municipal na forma de outdoors, placas e faixas. Mas vi uma pichação no muro “Queremos Bom Prato no restaurante do Museu. Bom Prato!”.

Descemos na avenida Faria Lima e, guiados pelo Google, cortamos uma zona residencial para alcançar o acampamento. Cortamos pela rua do Cruzeiro, e notei que a rua Clarice Lispector era uma modesta rua sem saída, tributária da Cruzeiro. Percorremos o viaduto Mario Covas ao longo e por cima das rodovias. Uma névoa fazia baixo o teto de visibilidade, e estava notavelmente mais frio.

Eram 17:15h quando caminhamos ao largo dos guindastes estacionados em um terreno vizinho à ocupação. Subimos a ladeira e chegamos à entrada do acampamento. Ao pé de dois íngremes acessos estavam uns 10 ambulantes vendendo churrasco, cerveja,

refrigerantes e salgadinhos, com seus braseiros, isopores e sacolas. Muita gente chegando e um certo clima de festa, uma excitação meio difusa nas pessoas de lá.

Subimos o barranco e ganhamos o acampamento passando por baixo de uma bandeira vermelha do MTST. Era enorme o lugar, muitas e muitas barracas de lona preta e madeirame leve, cordas e plásticos. Alguns com nomes escritos em papelão, com telefone de contato.

A ocupação me lembrou um acampamento romano: avenidas regulares e algumas bandeiras tremulando. Subimos o aclive e vi um tendão com os dizeres “MTST a luta é pra valer!”, e outra “Lutando no presente cuidamos do futuro” e ainda “Fé na luta, venceremos, unidos somos mais fortes”.

Achei que tinha umas 5 mil pessoas no local. Vi uma camiseta amarela do PSOL num jovem de classe média, mas a quase total maioria das pessoas eram homens e mulheres de todas as idades, pobres e pretos. Predominava a bermuda e boné para homens, e shortinho e regata para as mulheres. Não vi faixa ou bandeira (exceto uma verde/amarela) no ato inteiro. Vi camisas do Palmeiras, Corinthians, Gaviões e do Grêmio, mas nenhuma política – o mais perto foi uma “Legião Urbana Dois” e outra: “Willian: a parceria é forte, a curtição é loca, a amizade é eterna”.

O ar estava bem seco e a grama raquítica era pisada junto com um pó vermelho. O carro de som da CUT chegou e foi aplaudido quando um bandeirão do MTST foi desfraldado e pendurado na grade, e também quando o som foi ligado.

Vimos O Boulos subir no carro de som, e também o petista Paulo Teixeira, o Zaratinni, o Suplicy, aplaudido este. Uma moça chamava palavras de ordem: “MTST, a luta é pra valer!”. Vi ao todo umas 4 bandeiras do Brasil presas a mastros improvisados, assim como uma camiseta do MTST. Vi a fotógrafa A descendo do carro de som.

Falou primeiro o Boulos, e a sua fala foi boa. Naquele abertão em aclive, diante de agora umas 10 mil pessoas, a declamação ao estilo sindical fazia sentido. Depois E me deu a dica: as pessoas na ocupação são em sua maioria população em geral, e não militantes. Assim, sua fala sublinhou muito os “guerreiros e guerreiras”, o sonho de ter um teto, os sacrifícios por vir e a justiça da luta. Falou muito mal do prefeito, que se recusou a negociar com o movimento. Falou contra o atirador da véspera, mas insistiu que a melhor vingança era continuar a luta. Falou que não se devia dar atenção àqueles que condenavam a ocupação. “Mesmo aquele vizinho que deve 3 meses de aluguel fala mal”. A fala foi bem motivacional: “os incomodados que se mudem, nós viemos para ficar!”. Ele anunciou 6.500 famílias no local.



Era fácil, de fora, fazer pouco das falas meio pregadoras. O cenário todo convidava a metáforas bíblicas: graças a Sebastião Salgado e ao cinema mundial, as aproximações com o Sermão da Montanha e a travessia do povo Hebreu eram imediatas. Os rostos duros cheio de esperança, a expectativa da primeira ocupação, o salto cidadão-militante, as barracas rasgadas e o pó pisado, tudo isso conspirava para, aos olhos do literato ou do videografista, sacralizar a luta e conjurar a entidade “o povo”. Mas a energia era de verdade, e ver 10 mil pessoas entoarem com alegria e desafio “Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga não atíça o formigueiro” era muito belo e falava direto ao coração.

Falou em seguida o advogado do MTST, e sua fala foi compreensivelmente menos inflamada. Falei com E e concordamos que esperar o Suplicy falar não valia a pena, e que o melhor era negociar o caminho para casa. Ainda demos uma volta geral no acampamento e conversamos um pouco com alguns ocupantes. Caminhamos pela multidão enquanto falava um moço da juventude do MTST, que chamou o dia de luta nacional para terça-feira dia 19. Depois falou o Pastor Hélio. Desta vez a fala era religiosa mesmo, mas com um viés social. Tomou um violão e cantou a canção “Minha pequena luz eu vou deixar brilhar”. Já era escuro.

Acho que, por um lado, o diálogo com o evangelismo vai ser inevitável, e achar quem seja de esquerda nesse campo é boa meta; por outro, há boas entradas para a compreensão da luta social na bíblia. Na teologia, é normal separar o deus do novo testamento, este de amor, e o do velho testamento, vingativo e punitivo. Mas Jesus separou a vida religiosa da vida econômica (a César o que é de César, e a deus o que é de deus). Moisés não. Moisés define a escravidão do povo hebreu no Egito através da subjugação do trabalho à produção nacional egípcia. A luta e redenção sociais são bem exploráveis aqui, como sabiam os escravos americanos, que se identificavam com o cativo no Egito. O blues tem marcada tradição nesse sentido, incluindo a deliciosa “Let My People Go”, que é Moisés interpelando o faraó por seu povo.

Já estava escuro quando fomos esperar o ônibus na rodovia para retornar a São Paulo. Eram umas 18:30h. Muita polícia passando pela rua, motos e viaturas. Descemos na Faria Lima, tomamos um veículo até o Jabaquara e de lá eu fui ao Monte Carlo. Tomei uma e escrevi um pouco.

Saí de lá e fui para casa.

## **18 de setembro - Conjuntura**

Resumão desde maio 2017, quando deixei de escrever muito assiduamente. As mobilizações em baixa, a tensão alta e a polarização cada vez pior.

General Mourão, MTST, Gilmar e afilhado, STF mudo, Temer vence o Fora Temer, Janot saiu com trapalhada em depois flecha grossa, a delação do pallocci, economia derrapa, perigo de rebeldia geral, Geddel foi preso e malas de dinheiro 50 milhões achados em um apartamento seu e próximos a Temer delatados ou detidos. STJ deu prisão domiciliar a Rafael Braga. Doria e largo da batata. MBL se legitimou junto ao PSDB e se organizou. Exposição de arte proibida em Poá e juiz censura peça teatral em Jundiaí do SESC por motivos religiosos. Escola sem partido no congresso, A Justiça Federal do Distrito Federal proferiu, na última sexta-feira (15), uma decisão liminar que abre caminho para a chamada “cura gay”, os 18 meninos e meninas do CCJ estão sendo processados, e o cap. Baltasar Severina é citado no processo, apesar de ter liderado a prisão, e ainda foi promovido a major, Maria Dodge empossada, ninguém sabe bem o que ela representa, mas possivelmente rigorosa na forma dos processos da Lava Jato. Aécio ficou fora de investigações, a despeito do acinte das gravações, a delação da JBS não pode ser anulada, o acordo com Joesley pode ser desfeito, Doria continua viajando muito, Moro e sua esposa e seu amigo, Greg Newsome, Lula continua na frente nas pesquisas, mas com rejeição altíssima, mas o único viável, avança-se parlamentarismo, as caravanas foram um sucesso “Saiu da defensividade para travar uma guerra mental, na fluidez de um terreno em que ele tem o domínio e que os seus inimigos não o conhecem e onde não sabem se mover. “Nassif, mas dão a impressão errada de que Lula e o PT vão sobreviver para lutar e que há apoio suficiente para salvar os dois, os Guaranis ocuparam o Pico do Jaraguá e desligaram as antenas de transmissão do topo e seguem mobilizados contra medidas que têm os prejudicados, saiu na imprensa que uma universidade americana tem grupo que afirma poder identificar homossexualidade a partir de retrato fotográfico; o estudo foi feito a partir de imagens de site de namoro. PSDB dividido quanto ao apoio a Temer: Aécistas e velhas lideranças no geral a favor, mas “cabeças pretas” contra, os jovens.

## **19 de setembro**

Caminhava pelo Largo do Paissandu às 13h e vi umas 150 pessoas reunidas. Eram homens e algumas mulheres, todos negros. Observei e entendi que era uma manifestação acerca de uma pauta de Biafra, o país africano. Vi cartazes em inglês “Biafra Raising”, “Referendum”, “Freedom” e também “Nós precisamos de ajuda”. Uma camiseta explicitava “I am Biafran”. Tinha uma bandeira do Brasil.

Um homem tocava um instrumento musical, tipo uma kalimba, e alguns cantavam. Quando distribuíram camisetas, formou-se uma muvuca. Uma mulher africana disse em português: “não se briga não, é assim mesmo”.

Segui um pouco quando saíram em passeata em direção à Santa Ifigênia. Eles cantavam ao caminhar, e notei uma bandeira de Israel entre eles. Uma travesti, brasileira, na calçada, dançava ao som da música.

Saí fora e segui meu caminho.

## **22 de setembro – Audiência dos 18 ativistas presos em São Paulo**

Saí da estação Barra Funda para caminhar até o Forum Criminal para o julgamento dos meninos que foram emboscados pelo exército e PM a caminho de uma manifestação Fora Temer. Eram 14h.

Parei para uma água e vi na tela do boteco o programa Balanço Geral, na Record. Mostravam ao vivo uma ação contra traficantes na Rocinha. Muito tiroteio e tensão, e já era o quarto dia de violência. A locução era de crítica às condições do equipamento da polícia, onde o helicóptero deles não estava no ar por falta de manutenção, segundo o locutor.

Cheguei ao Forum e vi umas 35 pessoas. Logo reconheci C e A. Eram pais e jovens. O clima estava tenso, pois testemunhas não estavam conseguindo entrar, e a sentença poderia sair naquele dia mesmo. A conversa no geral era a respeito do significado daquela ação judicial, talvez sinais de um fechamento ou um ensaio para ver como a sociedade reagiria a um repressão deste naipe.

Dei um giro e olhei em volta. Uma mulher negra distribuía panfletos religiosos, mas não era ligada ao movimento de proteção aos meninos e meninas. Vi camisetas do Che, de Frida Khalo, uma “Vidas Negras Importam”, outra “Armaram para os 18” e “Protestar não é crime”. Uma faixa trazia “Somos estudantes e não bandidos”, com um A anarquista. No chão, meio apagado, uma antiga pichação: “Fora PM”.

Vi o Suplicy chegar, e também uma equipe da TVT. Em seguida, chega o Mário de Andrade, isto é, o ator que se veste como ele, roupa branca e chapéu. Já éramos umas 100 pessoas. Era uma mistura de pais e jovens, de 15-25 e 50-60.

Vi um cartaz “Liberdade para os 18”, outros, sempre à mão, “Chispa golpista”, “A história se repete, a resistência também”, “Lutar não é crime”, “Volta democracia”, “Contra a criminalização da juventude”, “Contra a criminalização do movimento estudantil”, “Abaixo a lei Anti-Terrorismo de Dilma-PT”.

Vi camisetas UJC, Esquerda Marxista, Liberdade e Luta: “Liberdade é a nova meta, a luta é o novo método”. Vi uma outra “Vale da Revolução, 17 de setembro de 1971, Santuário dos Mártires. Pintada Bahia”. Vi as faixas “Solidariedade aos 18”, “Anistia Internacional” e “Protestar não é crime!”.

Algumas palavras de ordem: “São 30 anos de ditadura, e a repressão continua”, e “Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM!”.

Chega o carro de som portátil (a “pipoqueira”), que se muda para o canteiro central após intervenção de 3 Pms. De lá, o som chega grande até nós na calçada. C começa a locução e temos algumas falas, dentre elas uma senhora que estava na PUC quando da invasão da universidade sob o comando de Erasmo Dias, durante a ditadura. O Mário de Andrade (Paschoal da Conceição) falou também ao microfone, “estamos rediscutindo o que já era indiscutível”.

Vi pichado no chão a estêncial “Lula na cadeia” e “O PT rouba você”, quiçá grafados naquele dia da CUTxCoxinhas. Ao microfone, M interpelou a todos: “como é que este ato não está lotado?”. Chamou a atenção que este processo era um balão de ensaio da reação, que testava o quanto poderia forçar a sociedade sem reação significativa.

Às 15:30h chegou E, ao mesmo tempo que a batucada “Unidos da Madrugada” começou a tocar e vi G do Arrua.

Vai ter ato na PUC, mas vamos ao MASP para um ato LGBT contra a patologização da homossexualidade.

Tomamos eu e E o ônibus Ana Rosa e chegamos cedo à Paulista, 17h, depois de comer na Barra Funda. O clima era bem diferente. A pipoqueira era exatamente a mesma, com o mesmo C no rolê, mas a moçada tinha uma pegada diferente. A pauta da “cura gay” pegou na veia do movimento LGBT e teve um apelo de resistência muito amplo. Ainda eram apenas 500 pessoas no vão do MASP, mas dava para ver que ia bombar. Apesar da presença de partidos e facções, era evidente que a festa era da comunidade e do movimento LGBT, transbordando inclusive esta sigla. Muitos jovens e muitos tipos de corpos insurgentes. Dois muito jovens DJ’s tinham dominado a pipoqueira e tocavam a partir de um laptopp uma seleção de poperôs e reggaetons, depois de bombar a pista com um remix de “You can touch this”, o que me transportou aos idos dos anos 1990.

Muitas mensagens em cartazes escritos à mão, faixas e camisetas: “Meu cu, minhas regras”, “Não sou doente, estamos em marcha contra todas as violências”, “É permitido ser o que se é”, “Eat me, pizza!”, “Máximo respeito”, “Bicha” onde o A era o anarquista, “Máximo Respeito”. Muitas bandeiras coloridas do LGBTQ.

Estavam presentes movimentos de esquerda também. Vi bandeiras e camisetas da ANEL, UJS, PSTU-CSP Conlutas, camisetas do Levante Popular da Juventude, do Afronte!, “Lutar sempre, Temer jamais!”, “Diversidade Sexual, Secretaria LGBT – SINTUSP”, “#Fora Temer”, e a “Revolta da Lampada”. Um ambulante que vendia bandanas e lenços trazia um

cartaz que anunciava “Temos purpurina”. Outro cartaz: “No Brasil, LGBT é um escândalo, quando na verdade o escândalo é a desigualdade social”.

Vi as faixas: “Doença é o capitalismo. Esquerda Diário”, “Não vem com cura que eu não tô doente!”. Tinha uma roda masi central onde algumas pessoas dançavam à vista de todos, muito legal. Tinha um batuque também. Uma equipe da rede Globo foi hostilizada e expulsa do local. Um manifestante ainda tentou defender e segurra a galera, mas outro homem gritava muito “não nos transformarão em arianos!”.

Enquanto esperávamos encher para poder sair na avenida, tocaram “I Will Survive” e “It’s Raining Men”, o que acendeu a galera.

Dei outro giro e vi os cartazes: “Psicologia não cura gay, a psicologia ajuda a curar preconceito”, “Doente é o capital, caralho!”, “Gaga come to Brazil!”, “Não acredito que estou protestando contra a cura gay em 2017”.

Vi as faixas “Amor sem Temer”, “Doente é o capitalismo, LGBTS na rua pra viver sem Temer” do RUA, uma do Coletivo LGBT Comunista “Metroviários contra a LGBTfobia e em defesa das LGBTS!”, uma gigante “Fora Temer!”, “LGBT não é doença” do sindicato dos metroviários, “Abaixo a cura gay, doente é o capitalismo, LGBTS pela greve geral. ANEL”, “Tomar a s ruas contra LGBTS. Vamos à luta!” e ainda “Anulação Já da cura gay MRT, Pão e Rosas, Faísca”.

Achei que agora tinha umas duas a três mil pessoas. Vi as camisetas “Não precisa de remédio, precisa de xoxota!”, “Yes we cannabis”, “Vamos à luta!”, uma da CBF e outra do Barcelona FC. Vi o estandarte laranja do RUA, as bandeiras do PSOL, MRT, “Juventude por mais direitos”, “Mães pela diversidade sexual”.

As falas foram curtas e combativas. “Alguém é doente aqui?” perguntava um orador ao microfone. Completou: “É no Brasil inteiro!” e ainda “Doente é o Bolsonaro”. Rafael Braga foi lembrado. Preparavam a ocupação da avenida, o que ocorreu às 18:30h, com vários batuques e grupos.

E provocou, olhando À sua volta: “é de esquerda este ato?”. Achamos que havia muitas tribos e diversidade de looks ali.

Vi uma camiseta “Gaga is God”, outra “Nossa Classe”, “Põe a cara no PSOL”,

Anotei os cartazes”Amor, combustível da Revolução”, “Vaza com seu ódio que queremos passar com nosso amor”, “Desobediência civil, for a corruptos”, “Cure seu ódio”, “Curem a corrupção do Congresso Nacional”, e “Meu cu é laico”.

Vi uma bandeira “Punk Skate”, com o A anarquista e “Ação Antifascista SP”.

Logo antes de sair, às 18:45h a PM atacou a frente da manifestação com cassetetes e derrubou no chão 3 manifestantes. Foi meio rápido, mas acho que eles tinham como alvo os autonomistas que tinham tomado a frente do ato, mas na via sentido Paraíso, que estava até então aberta. A faixa de frente trazia “A única doença que precisa ser curada é o fascismo”.

O povo em volta ficou revoltado e encarou os PMs, cantando “Vem, vem, vem pra rua vem contra o fascismo” e o “Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM”. Arrastaram os 3 moços para a calçada, e muita gente confrontava. Puxei fora o V, que se arriscava muito, indignado, gritando junto aos policiais “Vocês não podem fazer isso!”. Formou-se um cordão de uns 20 Pms para segurar a galera e choveu pedra e garrfas em cima. Ficaram uns dez minutos lá, e o povo irado em volta. Foi muito tenso.

Uma drag queen veio e se deitou na frente da fileira de escudos, fazendo pose de diva. Ela foi muito fotografada. Outros beijavam a centímetros dos policiais armados.

Eram 19:45h quando a passeata, agora umas 10 mil pessoas saiu e o confronto desescalando. Todos cantavam “Machistas, fascistas, não passarão!” ap som dos batuques. Um povo ainda tentava ocupar a outra via, fechando o cruzamento avenida com a Peixoto Gomide, mas meio espontaneamente. Gritavam “Ocupar e resistir!”. Outro gritava “Vai ter bicha na Paulista sim!”, e depois mais um “PM, aceita que eu sou puta, aceita que eu sou linda e gata”.

Cruzamos a Rocha Azevedo e avançamos até a Augusta. Dobramos à esquerda e descemos a rua ao som de “Eu chupo pau, chupo buceta, e quando eu morrer vou vhuvar até o capeta!” e “Eu beijo homem, beijo mulher, eu beijo é quem eu quiser!”. Teve “Fora Temer!” e um minuto de vaia para Bolsonaro. Este foi lembrado depois com “ei Bolsonaro, vai tomar no cu que é bom!”.

A Augusta estava agora lotada dos dois lados. Gosto de descê-la em passeata, o impacto é sempre, o som ecoa e o entorno reage. De frente à FAM, gritavam “Quem não desce é golpísta!”.

Vi uma faixa “LGBT não é doença, USP na luta” e uma camiseta com o rosto de Edgar Allan Poe.

Vi 15 Pms descendo pela calçada a passo acelerado e segui a tropa. Um moço vai atrás junto e grita “ei seu guarda, você tem que me proteger! Protege nós!” Paramos em um boteco caidão onde um jovem de uns 30 anos de boné e um senhorzinhos hostilizavam os manifestantes e ficavam de pé no umbral. O potencial briga era grande, pois parece que eles tinham agrdido alguém. Nada adveio daí e segui adiante.



Mais para baixo, são 6 Pms que estão acudados com um portão corrediço de alumínio atrás. A galera xinga muito e chovem algumas pedras, copos e garrafas. Algumas pessoas gritam “Sem violência”. Ficou um pouco e a coisa desescala. Segui com o povo até a Caio Prado e dali até o cruzamento com a Consolação. Dali vejo um projeção e m uma empena ao lado do posto de gasolina: “Fora Temer” e “O amor é lindo, porra!”, “Homofobia é doença”.

Eram 20:20h e seguíamos pela Rego Freitas, todas as 15 mil pessoas. Muitas janelas celebravam nossa passagem, e também as travestis da esquina da Major Sertório. Elas são aplaudidas e muitos vão fazer selfies com elas.

Um jogral é feito na esquina da General Jardim, onde rafael Braga foi lembrado. O orador nos lembrou que “em 2014 barramos este mesmo projeto”.

Entramos na Largo do Arouche ao som de “As bi, as gay, as trans e sapatão, t’ tudo organizada pra fazer a revolução!” e “quem não pula quer a cura!”. Notei que as duas travestis da Major Sertório viream conosco e estavam lá. Os africanos no bar da Santa Isabel olhavam tudo em silêncio. O povo cantou muito “Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM!”, logo ao lado do veículo da Base Comunitária com 10 PMs.

Um sonzão explodiu no ar fresco da praça. Vi que um ambulante que empurrava seu isopor usava uma camiseta do SINPRO. Pensei que ele podia ter sido professor e hoje estava na batalha.

Um beijaço encerrou o ato, que marcou outra manifestação para a sexta-feira. Um “Fora Doria” encerrou tudo. O povo ficou para a festa.

Eram 20:50h quando eu vi uma bandeira do LGBT Comunista e também 10 viaturas da polícia.

Tomei o metrô e fui para casa.

# O ATUALISMO

2017

## INTERVENÇÃO



"FECHAMENTO DO CONGRESSO". "FORA FORO DE SÃO PAULO". "INTERVENÇÃO PARA SALVAR NOSSA NAÇÃO".

## **1 de outubro – Presença militar crescente**

Encontrei V e tomamos um café e cachaça. Ele está preocupado com novos desenvolvimentos: uma reunião da UNE dentro de um ateliê e um debate dentro do Mundo Pensante (Descolonizar a esquerda), que é uma casa noturna, foram visitados pela polícia que perguntavam o que estava a acontecer. No caso da UNE, um policial disse “não pode ter reunião da UNE não, a UNE é contra o Estado”. Ele relatou que outro companheiro, T, afirma que a intervenção militar é pauta das FFAA e que está para ocorrer, questão de mês. O objetivo seria forçar uma eleição indireta no Congresso para empossar Maia. O novo regime seria nitidamente anti-esquerda. Este ambiente já estaria sendo sentido pelas PMs, que consolidaram sua politização. Repercutiram muito as declarações do general Mourão, que defendeu a intervenção militar e não foi disciplinado nem por Villas-Boas nem pelo ministro Jungmann. O general Leal Pujol declarou que o povo deve se manifestar pela intervenção para que ela aconteça.

A clandestinidade vai ser uma realidade para muitos da esquerda, e a infiltração e vigilância do movimento popular é tal que a repressão vai calar fundo.

Discutimos a questão do nacionalismo militar, se esta ainda é uma posição importante no exército. A natureza da guerra mudou desde os anos 60 e o exército não é mais uma pirâmide de cristal. Muitos comentadores de esquerda ainda acreditam que há algum benefício na intervenção militar nacionalista, pois esta barraria entregas estratégicas a estrangeiros. V avalia que o agronegócio, que tem 50% do Congresso, bancaria um regime militar nacionalista.

Aécio foi afastado pelo STF de seu mandato e confinado à sua casa de noite. Mas a ordem não é constitucional e só adicionou à bagunça. o STF decide que professores das escolas públicas podem promover uma crença específica em sala de aula; o projeto Escola Sem Partido passa a ser aprovado em algumas cidades. Tudo derrete em câmera lenta, nenhuma instituição está livre de contradições, desprestígio e paralisia.

Pesquisa Datafolha traz liderança de Lula em qualquer cenário contra qualquer candidato, incluindo Sergio Moro. Os petistas exultam, o preço da exclusão de Lula aumenta, mas acho que é tudo uma quimera: não vai ter levante popular se Lula for afastado ou mesmo preso. As caravanas no nordeste foram muito acertadas. Temer segue parece que indestrutível, sobreviveu ao tsunami da primeira denúncia e os áudios da JBS, comprando votos a bilhão de reais. Nem a crise, o desemprego, nada que normalmente derruba governo faz-lo cair. Janot, cujo mandato acabou, deixou uma segunda denúncia que pode ameaçá-lo, mas pode ser que fique até 2018. Temer derrotou o Fora Temer!



## **2 de outubro – Suicídio do reitor da UFSC**

Visitei L e ele está bem pessimista, não vê saída boa nenhuma para a crise está alarmado com a questão militar. relatei o que tinha lido e ouvido a resepito. acredita que os níveis de violência vão aumentar e que viu na fala de Mourão o exército comprometido com o desmonte e com a destruição do campo da esquerda. Até M, que fez pesquisa para o PT precisa apresentar provas de seus serviços a uma PF hostil. A situação geral é de descontrole e não parece haver força política protagonista com projeto ou estatura para segurar o rojão. O crime organizado cresce no país e pode tornar o Brasil um narcoestado, como o México. O agronegócio é o fiador do poder e vai continuar a sustentá-lo agora – e derrubá-lo. Não há previsão possível, toda a análise hoje está limitada pela indeterminação. O vácuo é gigantesco e abarca a tudo. O consórcio do golpe está dividido, e a incompetência de seus protagonistas é lapidar. Mesmo quem separa a esquerda entre os melancólicos e os adventistas não consegue desenhar um futuro próximo claro. Cada um defende o seu. L lembrou que depois de 64 foi assim, parte da esquerda lamentava a traição do povo a Jango, enquanto outra foi fazer política pequena nos sindicatos, comunidades de bases, nos bairros. Quando a ditadura baixou, emergiu a onda que fez o PT e além.

Repercute muito na imprensa alternativa o suicídio do reitor preso pela Lava Jato, Luiz Carlos Cancellier. Não aguentou a humilhação que sofreu e deixou nota culpando o espalhafato na imprensa e o tratamento da polícia. A grande imprensa não deu destaque e enviou a notícia.

## **3 de outubro**

Repercute a pesquisa Datafolha que perguntou “Lula deve ser preso?”. Deu 52%. Há uma celeuma acerca de uma performance que envolvia um homem nu. Alguém filmou um trecho onde uma criança toca o pé do artista e as redes sociais ferveram. Doria falou contra o MAM, mas o secretário Sturm publicamente defendeu o museu.

## **5 de outubro**

Vi do ônibus passeata dos trabalhadores do SUS saindo do vão do MASP. Eram da Força Sindical e seguiam um carro de som com orador. Eram umas 300 pessoas.

## **7 de outubro - “Ameaça Bolsonaro”**

Li hoje um artigo no Estadão de um general da reserva, Luiz Eduardo Rocha Paiva, que abertamente advoga a intervenção das FFAA na política e limpar as pessoas indesejáveis de Brasília. Cita os movimentos “pseudosociais” como inimigos. É francamente antiesquerda. Cada vez mais fica claro que caminhamos para um fechamento e tutela militar. A esquerda está mapeada, infiltrada e geoposicionada. Vai ser uma varredura forte, e, se por um lado

renova e explode o impasse atual, talvez os jovens mesmo vão ter que rever as estratégias insurreccionais e abraçar um basismo gradualista.

A Veja deu capa com a “ameaça Bolsonaro”.

Mobilizações em super baixa. O MTST fez um protesto contra Temer. Amanhã tem Marcha pela Ciência.

### **Buraco no Diário 7**

**Andar pela cidade não dá mais nenhuma alegria. A melancolia se abate sobre tudo. Já nem mais tenho a sensação “da última vez”. A cidade já está triste como seria sob o fechamento. A escuridão vem se intensificando, a criminalização da esquerda também, e o assunto militares agora é pauta – os generais agora são “players”. A nova esquerda tem quase a obrigação de ser otimista, mas vai demorar um pouco para fazer a diferença. A Grã-Bretanha dá grande esperança, mas por aqui só retrocesso.**

### **11 de outubro – Casa do filho de Lula invadida**

Repercute a busca e apreensão da polícia civil na casa do filho de Lula. As afirmações da polícia são contraditórias sobre a natureza da operação. Teria sido provocada por uma denúncia anônima de uso de drogas na residência dele. Não acharam nenhuma droga ou armas, mas levaram laptops e outros documentos. Alckmin afastou o delegado responsável pela ação. Ainda não divulgaram o mandado. A imprensa alternativa petista est[a em polvorosa.

O factóide da semana são os recibos do aluguel do apartamento alugado (ou não) por Lula. Os originais serão entregues depois de uma perícia privada ter sido feita pela defesa. Pedem a presença do perito quando da entrega.

So suicídio do reitor ainda repercute. O mérito do afastamento de Aécio (e congressistas em geral) de seu cargo sem aval do Congresso é julgado hoje pelo STF. Deu que o Congresso tem que dar o aval (6x5). Temer quer extraditar Cesare Battisti. O almirante Othon Bastos foi libertado or razões médicas depois de 2 anos de cadeia.

### **12 de outubro – Marcha cristão intervencionista**

Saí do metrô Trianon-MASP às 14:30h para ganhar uma Paulista quente e cheia de sol. Fui a um ato de intervencionistas militares em frente a Gazeta e Top Center. Era a Segunda “Marcha Cristã pelo Brasil”.

Segui três senhoras de verde e amarelo e roupa de camuflagem a partir do trem. Chegamos ao Top Center e vi umas 60 pessoas, homens e mulheres de uns 50-60, além de um grupo de jovens. Vi bandeiras do Brasil, umns cartazes de plástico e de cartolina: Nossa Senhora Aparecida, “Comunismo Não”, “SOS FFAA”. Muita camisa da CBF, camuflada e também camisetas negras com óculos escuros. Vi seis motos da PM e uns sete soldados.

Tinha umas 3 faixas no chão (o povo estava na calçada): “Intervenção Militar Já”, “Deus Pátria e Família, Intervenção Militar Já. Prisão para os traidores lesa-pátria” e “Marcha Cristão pelo Brasil”.

Mais para a Gazeta tinha um grupo de uns 40 jovens de 15-20 anos. Eram da Associação dos Jovens Estudantes pela Paz Mundial e contra o Comunismo”. Eles distribuía um panfleto de um seminário sobre o celibato e abstinência sexual. Acho que eram do Rev. Moon.

Encontrei o fotógrafo R e conversamos um pouco. Parecia que ia ser um ato mais restrito. O padre que liderava o evento já tem aparecido em outras manifestações de direita. O ambiente era mais católico, a despeito dos jovens protestantes que vi lá perto. Achei que eles teriam dificuldades em expandir sua pauta. O povo passante no geral ignorava. Pensei que ia ser chato.

Dei um giro e anotei mais mensagens, em camisetas, faixas e cartazes:

“N. S. Aparecida proteja a Terra de Santa Cruz”

“Artigo 1º SOS FFAA”

“Fechamento do Congresso”

“Fora Foro de São Paulo”

“Intervenção para Salvar Nossa Nação”

“Gal. Mourão, o poder emana do povo. Intervenção Já”

“Policial, você não ganha por entrevista, não ofereça matéria a quem só critica seu trabalho. Repúdio à Band, Globo e Record”

“O Brasil não será Cuba”

“STF organização criminosa”

“Fora Temer! Intervenção Já!”

“Prisão de toda a classe política”



Anotei o faixão que dava o tom do ato: “II Marcha Cristã pelo Brasil! Intervenção Militar”. Vi mais cartazes pela intervenção e um Fora Temer! E ainda “Prisão de toda a classe política!”. Uma outra faixa trazia “Povo unido jamais será vencido”.

Achei que tinha certa tensão no ar. Os jovens eram disciplinados e eu conseguia enxergá-los como estudantes celibatários. Mas o tom do ato era muito mais para Glauber Rocha e seu Terra em Transe, uma mistura de patriarcado escravista e eclesiástico. O chamado “A nossa bandeira jamais será vermelha!”, por exemplo, parecia mais uma pauta dos reacionários católicos do que os protestantes mais globalistas. Como a camiseta “Eu apóio o gal. Mourão” ou aquela com um padrão de camuflagem militar: estas eram um pouco específicas demais para o moonistas.

Às 15h chega um carro de som, onde o padre e seu rebanho alternavam-se ao microfone.

*[as anotações param aqui. Mas recordo-me que os jovens protestantes foram embora, e que o padre insistia no caráter pan-cristão do ato, a despeito “dos protestantes que não ficaram para lutar”. Acho que eles saíram em passeata pela Pauista, mas não fiquei para ver]*

### **?? de outubro – jovens católicos na Sé**

Passava pelo centro da cidade e vi muitos jovens católicos na Praça da Sé. Tinha um palco montado e um locutor profissional conduzia os trabalhos. Era um encontro grande, umas 2 mil pessoas, muitos grupos diferentes com suas camisetas e faixas. A idade média parecia ser mais ou menos 20 anos. Tinha uma certa pegada social e descontração. A hierarquia apareceu na fala do padre, mas mesmo assim achei o ambiente mais respirável e progressista.

Fiquei um pouco, tomei o metrô e fui para casa.

### **15 de outubro**

Estou meio de plantão para esta segunda (16 de outubro) para ver se a estória dos recibos do Lula vão redundar em prisão. Os Jornalistas Livres levantaram esta bola mas parece que não repercutiu muito no movimento. Mas vou acordar cedo e monitorar a internet. Está tudo tão volátil que não dá para saber.

### **16 de outubro**

Nada rolou. Acordei às 5h e monitorei pela internet.

Repercuta a perseguição dos seguidores do comediante Gentili, que mandou-os “enquadrar” sites que criticassem seu filme recém-lançado. Vazaram celulares de jornalistas de um site de crítica de cinema que agora são ameaçados.

### **19 de outubro – Ato contra a Ração Humana de Doria; depois contra a censura, dos artistas**

Repercuta a salvação de Aécio. Nada se abaterá sobre os tucanos. Gilmar Mendes acumulou mais de 30 mensagens de whatsapp com Aécio ao longo de um mês, incluindo o dia de sua denúncia. A entrega do petróleo brasileiro continua. Atrocidades e retrocessos se avolumam. Boatos na rede afirmam que Doria desistiu de sua candidatura. A história da ração humana pegou muito mal. Temer sancionou o afrouxamento da definição e fiscalização do trabalho escravo, mas a justiça barrou. Gilmar Mendes, em deboche, disse que ele também é submetido a condições estafantes de trabalho. Lula está em caravana por Minas Gerais.

Estava no ônibus na Paulista em direção ao MASP e ouvi uma discussão no ônibus. Um homem de uns 40 anos falava alto que na ditadura era melhor e uma mulher não concordou. Ele então argumentou que estávamos era agora em uma ditadura, pois as liberdades individuais não estão garantidas: “eu não posso portar arma! Hoje só bandido tem”. Ele era intolerante e algo maníaco, eu me segurei e não intervi.

Desci no MASP para o ato contra a ração humana do prefeito Doria, a dita Farinata. Eram 18:30 e vi umas 100 pessoas. Muitas crianças e mães, alguns pais, acho que mais ao redor dos 30 anos. Muito vestido estampado e alguns panos na cabeça, um tanto classe média da Zona Oeste, achei. No chão sob o museu, uma toalha e uma cesta de frutas e vegetais. Um cartaz informava: “Comida saudável para todos”. Outros: “Quero orgânicos na merenda”, “Mais horta, mais terra, mais vida”, “Alimento saudável nas escolas” e “A gente quer comida de verdade”. Um menino pequeno batia panela.

Vi o Gianazzi e certas mensagens off-topic começaram a parecer: protestavam contra a censura, e alguém distribuía panfletos “Fora Temer! Fora Moro!” e outro vestia uma camiseta “estou com Lula”. Depois entendi melhor, pois eles cresceram e formaram uma manifestação separada. Por ora, as crianças do grupo brincavam ao centro e a certa altura começaram falas ao microfone. As mensagens eram contra Doria e uma moça falou “Precisamos sair da defensiva e propor o orgânico!”.

Apesar deste protesto contra Doria ter crescido para umas 200 pessoas, esta outra manifestação em gestação começou a engrossar. Vi uns 15 fotógrafos na área. Notei um grupo de uns 20 jovens do MTST que ouviam atentamente uma moça que lhes falava sobre

pedofilia. Só depois entendi que o movimento estava oferecendo segurança à manifestação contra a censura da exposição no MASP, que é sobre a sexualidade na arte. O MBL vinha falando de maneira bem estridente numa pauta moralista, contra a diversidade e outros temas caros à esquerda. Seus críticos dizem que o MBL busca desviar a atenção do fato de que eles não eram contra a corrupção e que estão a apoiar o governo Temer e tomando cargos dentro da estrutura podre que antes criticavam.

Dei um giro e vi cartazes: “Sem medo de censura”, “A história da sexualidade é a história da humanidade, conheça a sua história – vá ao MASP”. Uma faixa trazia “Posso votar aos 16, po casar com 16, posso ver esta mostra com 16”, outra “Amor à arte é amor ao próximo” e “Censura nunca mais”. A camiseta: “#342arts #todospelaarte #censura nunca mais”.

Chegou E e disse que tinha estado em frente a Prefeitura, onde ocorreu uma aula pública.

Deu para contar as pessoas do segundo ato até agora, e eram umas 150 pessoas, na maioria homens e mulheres de 40 anos. Nunca tinha visto ninguém em outras manifestações. Alguns jovens estavam lá, mas os achei meio deslocados e solitários. Tudo era meio comportado, apesar de cartazes mais mordazes: “Pinto não pode”, acompanhado de uma imagem de um pênis meio borrado.

Encontrei a fotógrafa A e ela tinha matado a charada. Este ato fora convocado pelas galerias de arte “toda a SP Arte”. Por isso a idade média mais alta e certo ar de vernissage.

O ato contra a Ração Humana fez um jogral e decidiu seguir pela Paulista até a Praça do Ciclista. Gritavam: “Ô Doria, presta atenção, que o meu filho não vai comer a sua ração”. A essa altura, muita gente do ato contra a censura também foi para a rua, e tudo ficou misturado por um tempo.

Eram 19:45 quando os bebês em seus carrinhos e os pais saíram em passeata, e os galeristas ficaram. Vi a E, e depois R. Vi o Nuno Ramos que dava entrevista na calçada. Alguém distribuía flores “Em nome da arte”.

“Aqui, está, o povo sem medo, sem medo de censura”. O pessoal do MTST fazia sentir sua presença, inclusive em híbridos como “Ô, eu sou artista eu sô, eu sou artista eu sô, e ninguém vai me segurar”, além do obrigatório “Fora Temer!”. Cartazes: “Arte não é crime, censura não” e “Tortura nunca mais, censura nunca mais”.

Já eram umas 300 pessoas no ato, mas uma fila organizava as pessoas para entrarem na vernissage da exposição. Não havia PM ao redor. Tinha uma camiseta do ato, que muitos vestiam. Mas, ao passar pela revista para entrar na vernissage, tanta gente tirava a dita camiseta que achei que a segurança o brigava a remoção. Mas não, era a galera mesmo que achava feio entrar assim. Apesar de boicote à vernissage não estar na pauta da resistência,

não pude deixar de confirmar que muitos artistas tratam do movimento social em seus conteúdos, teses e vídeos, mas não se enxergam eles mesmas como movimento social. O ato acabou quando abriu a vernissage.

Fiquei um pouco mais, tomei o metrô e saí fora.

### **25 de outubro – Senado livra Temer, militares monitorarão “fake news”**

O senado vota o pedido de arquivamento das investigações contra Temer. Vejo na tela do boteco, ao som do sertanejo universitário. Apesar das telas espalhadas pelo bairro, a indiferença e apatia das pessoas é geral. A expectativa é que seja arquivado, mesmo que isso faça de Temer um zumbi político. O MTST deve estar em frente a Secretaria da Presidência, na Paulista. Vi a chamada mas não fui.

Corre na rede que o Tribunal Superior Eleitoral convocou o Ministério da Defesa e as Forças Armadas para "monitorar" possíveis notícias falsas durante as eleições do próximo ano. A parceria foi fechada entre os golpistas Gilmar Mendes, presidente do TSE, Raul Jungmann, ministro da Defesa e o general Sérgio Etchegoyen, chefe do Gabinete de Segurança Institucional.

O Teatro Oficina mobiliza-se depois que a justiça autorizou Silvio Santos a construir no entorno do teatro, o que vai ‘encaixotar’ o prédio.

Vi agora que Temer escapou.

### **27 de outubro**

Catalunha declarou independência unilateral, depois da “colisão de trens em câmera lenta” invasão de seminário sobre a Revolução Russa na universidade. Repercute chamada para a resposta a protesto com tra palestra de Butler.

### **30 de outubro – Quase show na ocupação do MTST**

Tomei o metrô até Jabaquara às 17h, esperei o terceiro tróleibus sair e consegui assento. Depois um outro até Ferrazópolis. De lá, tomei um táxi até o acampamento do MTST para o show de Caetano e outros no acampamento. O motorista contou que tinha sido caminhoneiro até ontem, e que hoje era seu primeiro dia no taxi. Ele era de São Bernardo.

Cheguei às 19h no acampamento, ainda claro. Nove viaturas da polícia filtravam o acesso. Uma faixa trazia: “Território da Resistência Ocupação Povo Sem Medo. São Bernardo”. Ao pé do barranco da entrada, ainda muitos ambulantes com seus isopores.

Lá dentro, um tendão era o camarim, muita gente em volta. Segui morro acima e cheguei ao lado de um palanque. Não vi carro de som. Avaliei umas quinze mil pessoas, quase todos sem-teto. Não vi bandeiras de partido.

Vi uma comoção subindo o barranco e eram os convidados, que acorreram ao pequeno palco/palanque de cima. Vi de imediato o Boulos, o Caetano, Letícia Sabatella e a Sonia Braga. Presentes também Marina Person, Criollo e Aline Moraes, esta muito celebrada. “Linda, linda!” era entoado pela multidão. Sonia Braga também recebeu o elogio. Vi no palco o Freixo, a Capilé e Paula Lavigne.

Boulos falou primeiro e explicou que a prefeitura do PSDB não permitiu o show acontecer. Puxou palavras de ordem. O som era meio baixo. Falaram também os outros convidados, no geral condenando a proibição do show e chamando para a caminhada do dia seguinte. Quando Criollo pegou o microfone, o povo cantou: “aqui está, o Criollo sem medo, sem medo de lutar”. Caetano falou um pouco, muito baixo e fora da vista do povo. Letícia Sabatella, ao falar, devolveu o elogio da multidão: “lindos são vocês, por ensinarem à sociedade como se organizar”. O Suplicy chegou.

A Sonia Braga, de boné e mochila, tomou o microfone. Logo tira a mochila e solta o cabelo. Eu nem gostei muito do filme “Aquarius”, mas tenho ainda em acesa lembrança a Sonia Braga do Vila Sésamo, que vi muito quando pré-adolescente. O soltar do cabelo foi emocionante e não guardei sua fala. Aline Moraes foi muito celebrada, e disse “vamos continuar, vocês me deram muita vontade de lutar”.

Um acampado ao meu lado gritava muito emocionado “Buenas noches, Aline! Te amo muito!”. Boulos anunciou a presença de Suplicy e disse que ele ia passar a noite no acampamento para sair de manhã em marcha com o povo. A presença de Emicida foi anunciada e ele falou um pouco, cantou/falou em cadência, chamando a certa altura um “Aqui está, o povo sem medo, sem medo de lutar”. Disse “a casa é o básico, não é um sonho” e “ou é pra todo mundo ou não é pra ninguém”.

Anunciaram o fim do ato lá pelas 19:45h e fui buscar alojamento para a marcha da manhã, marcada para 6h. Na saída do acampamento, 12 viaturas e 15 soldados da Polícia Municipal, com atiradores.



# NOVA MEMBRO



FOI MEIO PEQUENO,  
MAS ELA FOI TAMBÉM HOSTILIZADA NO AEROPORTO DE CONGONHAS.

Cheguei às 14:45h para o ato dos intervencionistas militares na Paulista. Era feriado e a avenida fechada ao trânsito. Como de costume, bastante gente passeando, e vi dois carros de SOM dos militaristas. Cheguei no exato momento em que um faixaõ grande, verde-amarelo com os dizeres "intervenção já", era conduzido. Passei por manifestantes que seguravam o pano de modo que ele avançava paralelo ao asfalto.



## **1 de novembro – Grande Marcha do MTST – de São Bernardo ao Palácio do Governo**

Cheguei às 5:30h no acampamento do MTST para a grande marcha até o Palácio do Governo em São Paulo.

Já ouvia um batuque ao subir o morro, o acampamento ainda envolvido pelo escuro. O povo já ia desperto, iluminado por luzinhas de natal e pelos celulares junto ao rosto. Muitas mulheres, tanto jovens quanto senhoras. Vi umas poucas bandeiras vermelhas do MTST e ainda nenhuma de partido. Vi uma faixa: “Só queremos um lar”.

Boulos chegou ao microfone no mesmo palco de ontem e chamou vários religiosos para afazer uso da palavra, “para que esta marcha seja abençoada”: Padre Paulo, Pastor Fábio, Pastor Hélio, Padre Moraes. Foi pouco surpreendente que a caminhada do povo hebreu fosse lembrada por quase todos os religiosos, e “tenho certeza que Jesus caminha entre vocês hoje” foi formulado mais de uma vez. Fizeram paralelo da história social com as histórias da bíblia. “Ressucita-me lutando contra a miséria do cotidiano”.

Um pastor puxou o canto “Minha pequena luz vou deixar brilhar”, que é fácil e todos cantaram. Acenderam-se os celulares dos manifestantes nessa hora, ainda no escuro, e a bela imagem foi muito fotografada, umas 5 mil luzinhas azuis tremulando na madrugada tépida.

Eram quase 6h e começou a clarear. O orador puxou um Pai Nosso coletivo, de mãos ao alto. Meio contrangido, utilizei o truque de erguer o punho cerrado e mantê-lo assim por toda a oração.

Aí o Suplicy falou, e como de costume alongou-se. Ele é muito querido, passou a noite lá, mas pelamordedeus alguém dá um toque no companheiro! Disse que ouviu do rabino Sobel que a palavra justiça social é a expressão mais repetida da bíblia. E para meu desespero, ele se pôs a cantar *Blowing in the Wind* – *todas* as estrofes, em inglês!

Um helicóptero sobrevoou o local e provocou reações. Alguns acampados estenderam uma faixa para o piloto ver: “MTST, a luta é pra valer!”. Notei dois drones no ar, e também as placas ou bandeiras dos diversos setores do acampamento, ao redor dos quais cada um deveria acorrer de acordo com a localização de sua barraca. Vi uma equipe da TVT e uns jovens com a camiseta amarela do PSOL, além de um estandarte do Afronte!.

Boulos fez a penúltima exortação motivacional, afirmando que se tratava de uma prova de resistência: “a marcha será lembrada por vocês, quando estiverem dentro de sua casa”. Falou então o moço Josué, que tratou da logística da marcha.

O povo começou a aglomerar no acesso à rodovia e eram mais de 7h quando a marcha de fato ensaiou sair. Mas umas viaturas da polícia barravam a marcha e houve certa tensão até que foram removidas, o Boulos ficou puto. Vi escrito em uma viatura: “Crack, é possível vencer”. Tinha umas 25 motos com policiais logo ao lado.

Eram 7:15h quando o povo escorreu pela rodovia, organizados em filas de 4, segundo seus grupos. Distribuía-se bonés e alguém soltava fogos de artifício. Cada grupo tinha uma faixa, e eu estava em uma fila do G1 de onde se lia, em uma faixa: “Deixe o mundo mudar você e poderá mudar o mundo”. Vi o ônibus de apoio, com água e assentos para o descanso de quem não aguentasse.

O clima era alegre e parecia uma excursão de escola. Eu tentava conceber o tamanho da caminhada pela frente, sem muita noção da distância. Muita palavra de ordem: “Quem são vocês? Somos Sem-Teto!”; “O povo, na rua, prefeito, a culpa é sua!”; “Prefeito, presta atenção, agora em São Bernardo tem ocupação!”; “Nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!” e muito “Fora Temer!”. Nos demoramos no asfalto esperando que todo o povo se arrumasse em quatro colunas. Alguns carros – e um ônibus – apoiavam buzinando pela pista oposta, mas outros hostilizavam e gritaram “vai trabalhar!”. Notei três helicópteros no ar. Vi uma equipe da Globo com câmera. Ouvi um batuque lá trás.

A disciplina das colunas era apenas inicial. Não dava para conversar e logo os corpos se misturaram ao caminhar. Alguns estavam preparados para a caminhada, de boné e mochila, como eu. Mas outros vinham de havaiana e cabeça descoberta. Era difícil estimar o número de pessoas, mas achei que pelo menos 10 mil pessoas.

Finalmente saímos caminhando e o carro de som estava perto, com a locução no modo clássico gritado. O povo cantava “A nossa luta, é todo o dia, somos Sem-Teto lutando por moradia”. Cruzamos a avenida Max Mangels Senior e passamos na frente de várias fábricas na rodovia até chegar aos prédios residenciais.

Eram mais de 8:30h quando chegamos à divisa de Diadema: “Aqui tem um bando de louco, louco por moradia” e “Aquele que acha pouco não conhece a noite fria!”. As colunas já se desmanchavam e me afastei do G1, com quem tinha saído. Parei e observei o fluxo um pouco. Faixas: “Se não há paz para o povo não há paz para o governo”; “G6 Não temeremos o governo”. Passou o batuque do G7, o bandeirão de carregar horizontal roxo do MTST, passou o estandarte do Afronte!, uma bandeira “Eu acredito”, um cartaz “não queremos baixaria, queremos moradia!”, outro “Se tu lutas, tu conquistas”.

Tomamos a avenida Piraporinha até o Terminal de mesmo nome. Já caminhávamos a quase uma hora e ainda estávamos em Diadema. O povo na rua recebia bem. Alguém no

sétimo andar do Hospital Municipal de Diadema agitava um par de calças azuis, apoiando os manifestantes. Um dos Sem-Teto pegou um microfone de loja e puxou palavras de ordem. Vi uma senhora que passou mal e foi socorrida. Acompanhava agora o G13 e ouvi o carro de som irradiar “Apesar de Você”, do Chico, seguido de uma seleção de sambas, incluindo o Bezerra.

Tomamos a avenida Fabio Esquivel e vi uma moça passar mal no G11. Eram 9:45h. Notei que dentre as camisas de futebol prevaleciam as do Corinthians e do São Paulo, mas vi pelo menos duas do Palmeiras. Minhas notas dizem que vi um carrinho de trem fantasma, mas não me recordo o que seja. As pessoas já acorriam aos bares do caminho para usar o banheiro e comprar água. Fiz o mesmo.

Notei a arquitetura informal das residências de Diadema que via da rua, e anotei os nomes “Bar do Barba” e “Pizzaria C Q Skolhe”. De um colégio chamado Vieira Filho, um grupo de uns trinta alunos gritava “Fora PT!”. Tinham uns 12 anos.

Passamos pelo Terminal Diadema e pensei que o tamanho do esforço da marcha era insano, mas vi que o impacto na cidade era muito importante. Descer a Consolação não teria provocado o mesmo impacto aqui na periferia.

O batuque subiu no carro de som e animou a galera, lá pelas 11hs. A certa altura a palavra de ordem que sempre me constrange: “quem não pula é governo, quem não pula é governo!”. Nunca consigo acompanhar os pulos da moçada, meu ciático já protestando.

Chegamos à avenida Cupecê e ao centro de Diadema. Paramos em uma praça onde um carro de cada G trazia o almoço. Os papezinhos de presença eram distribuídos aos manifestantes. Os almoços variavam, desde sanduíches até baião de dois. Eu fiquei constrangido de colar em uma fila qualquer sem ser acampado e comi o que tinha trazido na mochila, sentado na calçada. O pé já ardia e me deitei na grama com gosto. Muita gente espalhada pelas ruas e calçadas, visivelmente cansadas. Conversei com uma senhora e sua filha e ela contou que era moradora de Diadema e que estava no centro quando viu a movimentação. Veio apoiar.

Foi difícil levantar e sair pela tarde quente de um mormaço abafado, e alguns já ficaram por lá mesmo. Eram 13:30h quando a marcha se formou novamente e saímos em caminhada. As memórias a esta altura se esfumaram em um transe ambulante, e pouco lembro de detalhes. Recordo-me de bandeiras do MTST, uma da Associação dxs Geógrafxs, algumas do Brasil. Muita gente mesmo filmava a marcha com seus celulares e aparatos, da calçada. Vi L dos Jornalistas Livres. Vi os operários de uma obra imensa comemorarem e acenarem para a gente.

Tomamos a avenida Vereador J de Luca e pelas 14h entramos em São Paulo. Deu para notar pelos prédios, pela frieza das pessoas na rua e pela presença da PM, acintosamente posicionada embaixo do Viaduto Washington Luis. Tomamos a Vicente Rao e, bizarramente, havia na sarjeta inúmeras moedas de 10 centavos, deixadas em fila, por muitas dezenas de metros.

Vi a ponte Estaiada de longe e desanimei ao pensar o quanto faltava ainda. O pessoal conversava muito, mas todo mundo reclamava do cansaço. Cruzamos a Santo Amaro, tomamos a Roque Petroni.

O povo não se intimidou e cantava “Aqui, está, o povo sem medo, sem medo de lutar”, muito “Fora Temer!” e o clássico “Pisa ligeiro, pisa ligeiro, SNPCAFNAOF!”.

Eram 15:15 quando passamos em frente ao Shopping Morumbi. Dobramos à direita na Chucri Zaidan e chegamos à esquina da avenida Morumbi e ao pé da ponte de mesmo nome. Lá encontramos a outra passeata que nos aguardava. Foi bonito ver um montão de gente, talvez umas 5 mil pessoas, que nos saudaram. Vi bandeiras do PSOL, do Brasil, do MAIS, de outras ocupações do MTST: Dandara, Chico Mendes, Palestina.

Passando a ponte e subindo o começo da avenida Morumbi, olhei para trás e vi a poderosa marcha que vinha atrás: muito bonito. O povo acendeu e teve muita animação: o fim estava próximo. Uma senhora perguntou-me se faltava muito, e eu disse que não, tentando não lembrar que a subida da Morumbi é puxada e não acaba nunca.

Muito muro, arame farpado, guarita e casarão nesta via – e também placas de “vende-se”. Ouvei alguém falar: “parece casa mal-assombrada”. Tinha também uma concessionária onde um casal ignorava a maré humana de quase 20 mil pessoas e conversava com um vendedor junto a um carrão, atrás da vitrine. Algumas pessoas no ponto de ônibus, possivelmente empregados do arredor, esperavam inutilmente seus ônibus. Vi uma placa “Pai Joaquim. Tenha amor a seus pés. Previsões para 2016”. Achei que falava de meus pobres pezinhos. Eram 15:45h. Vi uma faixa “Pompéia Sem Medo”.

Chegamos finalmente à Capela do Morumbi, que sinaliza o fim da subida. Paramos para esperar o resto da marcha. Descemos então até o Palácio, e o povo aglomerou na frente do portão e puxou palavras de ordem: “Quem são vocês? Somos Sem-Teto. Não entendi. Somos Sem-Teto. Mais uma vez... Somos Sem-Teto!”.

Busquei a mureta de pedra e sentei-me ao lado de um churrasqueiro. Pensei o que fazer enquanto mirava as equipes de reportagem que faziam suas matérias. O céu esteve nublado por todo o caminho, e o mormaço do dia agora dava lugar a uma brisa que prometia esfriar. Boulos exortava o povo do carro de som e exigia uma audiência com o governador. Eu

meditava que a marcha fora um sucesso, talvez 20 mil pessoas na frente do Palácio, uma notável demonstração de força, o esforço militante verdadeiramente de escala bíblica. Pensei que o tamanho ciclópico da marcha ajudaria na construção da determinação do movimento. Mas não pude deixar de pensar como é que toda essa gente ia voltar para casa, e desejei que o movimento tivesse fretado transporte para todos. Eram 16:45h e apenas iniciava-se o embate da audiência com as autoridades.

Como era evidente que não haveria ônibus para lugar nenhum a partir do Palácio, decidi alcançar a estação de trem Morumbi a pé, refazendo a avenida Morumbi, desta vez descendo. Ignorei o meu corpo que clamava por respiro e eventualmente cheguei junto ao rio. Notei a PM armada de fuzil, guardando a estação do trem.

Tomei o trem até o Terminal Pinheiros, peguei o metrô e fui para casa.

### **3 de novembro (?)**

Caminhava pelo centro no domingo e fui atraído pelo som de um batuque muito ponta firme. Atravessei o Viaduto do Chá em direção ao ajuntamento de onde o som emanava. Encontrei na Praça do Patriarca, rebatizada na placa de “Praça da Matriarca”, umas 300 pessoas participando do que achei ser um ensaio público do Ilú Obá. A percussão era toda feminina, também as cantoras, e uns poucos homens na dança. Quase todas eram negras, mas não só.

O som era poderoso e fiquei para ouvir, ecoando pelas vias vazias daquela tarde. Um homem negro, que adivinhei um migrante brasileiro, gritava “a paz de Jah para ti”. Outro negro de mochila nas costas vibrava com as vibrações e sorria, parecendo compreender a evolução ritual do encontro. Depois ele saiu pela 15 de Novembro pulando feliz como uma criança, visivelmente transformado pelos ritmos que sabia ler.

Segui-o pela rua calçada até a Sé e tomei o metrô e fui para casa.

### **7 de novembro – Judith Butler no SESC**

Teve manifestação contra e a favor de Judith Butler, que veio ao SESC Pompéia para palestra. Eu não fui, mas teve queima de efígie dela como bruxa pela direita, em frente ao SESC. Foi meio pequeno, mas ela foi também hostilizada no aeroporto de Congonhas.

O E acompanhou alguma coisa no centro do Dia Nacional de Paralisação, que era a Greve Geral que não rolou afinal. Eu não fui.

Está repercutindo na imprensa de esquerda as delações que apontam a corrupção na FIFA e o envolvimento de conglomerados de comunicação como a Globo e a Fox. O PIG não dá nada, mas trata-se da polícia americana. Talvez isso venha ainda a constranger a Globo, que

possivelmente perde seu poder de intervir no jogo do poder. A recente deflação da candidatura de Luciano Huck pode ser sinal disso.

### **13 de novembro - Ato contra aborto MASP**

*[as notas ficaram meio ilegíveis e a narrativa meio prejudicada]*

Cheguei às 17:45h para o ato das mulheres contra a proibição do aborto. Tinha já umas 400 pessoas, a maioria mulheres jovens. Depois, na passeata, estimei umas 5 mil no total. Havia um microfone mas não havia caro de som, o que permitia as vozes ficarem mais diversas. Muitos cartazes e faixas feitas à mão,

Embaixo do vão, uma grande roda tinha ao centro oradoras e performers. As pessoas ouviam, gritavam e cantavam. Se tinha um centro a manifestação, este era ele. Mas era um centro a mais no ato todo. Dei um giro e documentar as primeiras bandeiras e faixas que vi.

No caminhão tinha visto uns segundos com uma bandeira do MAIS+. Vi também o fotógrafo R. Anotei bandeiras da UNE e das Diretas Já!. A faixa “Todas contra a PEC. Mulheres Sem Medo”, outra com “PEC 181 não, pela vida das mulheres”, o estandarte rosa “União Brasileira de Mulheres”, uma camiseta do RUA.

O pessoal cantava palavras de ordem como “se cuida, se cuida seu machista, que a América Latina será toda feminista”. Tinha muita energia no ar.

Vi o cartaz “Ensinem os homens a não estuprar – é crime”, com o A anarquista. Outro: “Não é uma questão moral, é uma política de saúde pública”. A camiseta do Pão e Rosas trazia “Chega de milhares de mortas pelo machismo e pelo capitalismo”.

Vi uma equipe da TVT com sua câmera. Eles tem estado muito presentes nas manifestações. Encontrei J, e ela disse ter esperado mais pessoas aqui hoje. A manifestação não estava mal, mas os movimentos precisam de movidas massivas e indiscutíveis. É notável que as mulheres consigam mobilizar dessa forma, e por vezes perfazem as linhas de resistência mais resilientes.

Cortou o ar: “legalizar o aborto, direito ao nosso corpo”, “machistas, fascistas, não passarão!”. E “Nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!” Vi a camiseta “Feminism is about everyone”, os cartazes “Sim à vida, não à PEC” e “Deputados e pastores estupradores não” e ainda “Libertação Animal = Libertação Humana”. Vi as bandeiras do coletivo Faísca, do Movimento de Mulheres Olga Benário”, do LSR, outra do MRT e a faixa roxa “Todas contra a PEC 181. Pela vida das mulheres!”, e a amarela “Estupro é crime. Aborto em caso de estupro é direito. #todascontrapec181. JUNTAS”.



Chegou e achamos A. Conversamos um pouco e segui com E ao som de “Feminismo é revolução, feminismo e revolução”. Vi as bandeiras LGBTQ colorida, uma das Mulheres em Luta-Conlutas, da Intersindical, outra da SINTRAJUD-CSP PSTU, a camiseta “Radicalizar nas ações e nas idéias”.

A presença da PM era discreta mas assertiva. Vieram uns oficiais negociar com três moças. Saímos em passeata lá pelas 18:30h.

Anotei as faixas “Direito ao aborto legalizado, seguro e gratuito já. Pão e Rosas” e outra “MAIS PSOL, Todos contra a PEC181. Pela vida das mulheres, não ao retrocesso”, os cartazes “Respeita as mina, as mana e as mona” e “Sua liberdade termina onde começa meu corpo”, “O estado é laico e meu útero também”, “Meu útero é do tamanho de um punho em riste” e “A nossa luta é todas somos mulheres e não mercadoria”.

Vi o D que por vezes traz seu trombone para tocar na fanfarra. As falas se akternavam ao microfone e e energia estava boa, animada.

Vi as faixas “Trbalhadores do Judiciário pelos direitos das mulheres” e “Pompéia Sem Medo da Diferença, do Debate, da Arte, da Liberdade, do Fascismo”. Bandeiras da Unidade Popular, do PT e uma que trazia “O golpe é contra as mulheres”. Vi um button “Fora Temer!”.

Vi um esttandarte do MAIS e E me disse que eles tinham saído do PSTU e ingressado no PSOL recentemente. Vimos o fotógrafo S e também P com seu chapéu. Os batuques a toda, caminhando pela avenida.

Achei que a maioria de mulheres tinha entre 15-30 ou 50-60. A polícia presente mas discreta. Quinze motocicletas abriam a passagem.

Uma banda de 10 flautistas andinos na calçada fazim curioso contra ponto ao ato. Tínhamos o Baquemulher e um outro batuque acho que do Ilú, elas aparecem sempre.

Vi a faixa da Marha Mundial das Mulheres “Legalizar o aborto. Somos todas clandestinas”, e outra que dizia “AFRONTA os retrocessos”. Anotei as bandeiras “da CTB, do Balaio, da MMM, do Coletivo Classista Feminista Ana Montenegro, UNIAFRO, CUT, PSTU

Vi os cartazes “A causa do estupro é: a) álcool b) a roupa c) o estuprador”, esta última alternativa aassinalada; outros “Aorte o machismo”, “Mulher Ativista Resiste”, “Meu corpo não é dinheiro na Suíça para ser da sua conta”, “Estuprador não é pai”, “Bruxas, deusas e ciborgues unidas”.

Chegamos à esquina da Consolação e uma coluna de 30 PMs com escudos fazia sua presença ostensiva. Descemos a avenida, já escuro.

Vi os estandartes “Articulação das Mulheres Brasileiras” e outro “Vulva e Revolução”. Bandeiras: Povo Sem Medo, uma toda negra e outra vermelho e negra, uma do Movimento Mulheres em Luta. Estava na frente do ato agora, e a presença autonomista era mais forte. A faixa que abria o ato trazia “Anarcofeminismo contra a PEC181. Nenhum direito a menos”.

Algumas palavras de ordem então:

“Sem hipocrisia, a polícia é machista todo dia!”

“Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM!”

“1,2,3,4 5 mil, lugar de fascista é na ponta do fuzil”

Anotei os cartazes “Ricas pagam, pobres morrem: todas sofrem”

“Aqui estão as mulheres sem medo, sem medo de lutar”

“Eu beijo homem, beijo mulher, eu beijo que eu quiser!”

Anotei os cartazes “Meu corpo, minhas regras”, “Lute como uma garota!”, e uma camiseta do PCO. Um helicóptero voava sobre nós. Eram 20:30h.

Passando pela Casa amarela, ocupada por artistas, festejamos. Chegamos ao Teatro Municipala e eu e E decidimos tomar uma. Comemos um beirute também num boteco perto, de onde se ouvia os batuques das mulheres ainda descendo a Xavier de Toledo.

Peguei um metrô e fui para casa.

### **15 de novembro – Ato militarista na Paulista**

Cheguei às 14:45h para o ato dos intervencionistas militares na Paulista. Era feriado e a avenida fechada ao trânsito. Como de costume, bastante gente passeando, e vi dois carros de som dos militaristas.

Cheguei no exato momento em que um faixão grande, verde-amarelo com os dizeres “intervenção já”, era conduzido apressado por manifestante, que seguravam o pano de modo que ele avançava paralelo ao asfalto. Fiquei para ver e vi uma mistura do usual da avenida com mensagens radicais: um grupo de pessoas dançava rock’n’roll ao estilo “soltinho”, inclusive dois homens sem-teto que visivelmente se divertiam. Vi três moços, dois de uns 20 e um de uns 10 anos, posarem em posição de sentido, de uniforme e óculos escuros. Outros sons chegavam a meus ouvidos, jazz e rock, mas predominavam as vozes do carro de som. Muita canção militar e patriótica.

Logo vi as faixas: “Military Intervention”, outra “A família brasileira pede socorro às forças armadas. Salvem nossas crianças! Intervenção Militar Já!”, “We don’t want Communism. SOS FFAA”, e outras três ou quatro “Intervenção Militar Já”.

Anotei os cartazes “Quero meu país de volta”, “Fora islamismo e Foro de São Paulo” e “Não queremos ditadura, queremos intervenção militar já!”.

A certa altura abriram o microfone ao nível do asfalto e as pessoas vinham dizer, lendo um papel: “Eu sou fulano e ordeno a deposição e prisão de toda a classe política criminosa. Intervenção militar já!”. Algum orador fez uma fala contra Aécio, e uma mulher veio gritar ao microfone que Sarney tinha morrido. Emendou “que o diabo o caaregue, é bom ver vagabundo comunista amontoado, vai encontrar Satanás!”. Depois chequei e é claro que não era verdade. Mas o mix de idéias meio estapafúrdias era grande, e achei que estavam em um transe autista onde a fakenews imperava.

Olhei em volta e achei que o perfil geral era de homens e mulheres de 40-60 anos. Calculei que o máximo de manifestantes que eu cheguei a ver era de 400 ou 500 pessoas. Os passantes não davam muita bola, mas sua presença era bem marcada. No geral muita reiteração e asserção.

Fui ao outro carro lá perto e ouvi um padre que já vira em outras manifestações militaristas. Ele falava como a esquerda incentiva a pedofilia, zoofilia e aberrações. Uma faixa no carro: “Deposição e prisão de toda a classe política criminosa”, e outra “Intervenção militar, com o rosto do Gal. Mourão”.

Vi bandeiras do Brasil e da “Liga Cristã Mundial”, mais a faixa “O exército vermelho só vai parar quando der de cara com o exército verde-oliva”. Cartaz: “O analfabeto que virou milionário” com a foto de Lula atrás das grades, e a camiseta “Missão dada é missão cumprida”. Vi o moço da cadeira de rodas que já vira em outras manifestações. Vi os paneleiros de também já vira antes, eles com penlas e colheres no chão junto a uma faixa “Intervenção Já!”. A idéia era que as pessoas tomassem as painéis e fizessem ruído. O que ninguém fazia.

Sentei cansado no calçada e pensei que este nível de radicalização e irracionalidade não capilariza na sociedade, mas ao mesmo tempo parece ser uma reserva que pode mobilizar em situação de paralisia de outros atores.

Vi subir um enorme boneco inflável do Gal. Mourão (10 m), vestido de uniforme e faixa presidencial: “O Brasil acima de tudo”. Ouvi o hino nacional mais de uma vez e as perorações que gravitavam ao redor da família, deus e pátria: “somos o povo de deus, vamos salvar o Brasil”, e “político bom é político morto!”. Vi a faixa “Homenagem aos

verdadeiros heróis da pátria”, vi o Marcelo Reis dos Revoltados Online e uma bandeira de São Paulo. Vi uma camiseta “Bolsonaro Presidente”.

Saí fora, tomei o metrô e fui para casa.

## **16 de novembro**

Sonho da companheira A:

*Na noite passada, talvez na anterior, tive um sonho muito vivo com Caetano Veloso. Eu adoro sonhar com diálogos e ultimamente esses sonhos tem se digitalizado e aparecem pra mim em forma de texto. Isso quer dizer que eu tenho sonhado com palavras escritas e meu sonho frequentemente é como uma leitura em uma plataforma digital. Aos poucos, nos tornamos ciborgues. Subjetivamente. Oniricamente.*

*Mas com Caetano era mesmo uma conversa presente. Nós dois conversávamos numa mesa, talvez um bar, um jantar, não sei bem. Ele me dizia que é "maravilhoso e brutal" - me lembro bem desses adjetivos (meus sonhos são sempre muito adjetivados)- "o fato de que exista um parque industrial decadente, no meio da floresta amazônica de Pernambuco, encarando os também decadentes canaviais".*

*Ele terminava a fala dele com "isso tudo poderia ser uma cena de um filme. Todas as coisas importantes se passam como um filme".*

*Eu acordei e pensei "que bonita essa imagem do Caetano". Mas era meu inconsciente fazendo associações livres de elementos que me atravessam - o que se sonha em períodos revolucionários? Como são os sonhos de prisioneiros, os sonhos de tempos de crise? Aliás, o novo show do caetano com seus filhos cristãos é uma pancada de Brasil, dos sonhos interrompidos e das associações livres que vem brotando nessa terra que tudo dá: os filhos da tropicalia são meninos evangélicos. E isso bem que poderia se passar como um filme.*

## **20 de novembro**

**[anotações danificadas fazem deste relato meio incompleto]**

Cheguei para o ato do dia da Consciência Negra no MASP. Era o fim do dia e a manifestação tinha sido chamada por mulheres negras. Tinha muitos jovens, a maioria negras e negros.

Logo encontrei E, e depois C. Este me falava como o golpe foi muito bem dado e que trevas se anunciam adiante. Ele acha que o momento é de fazer movimento e que a expressão institucional disso vai aparecer quando for o tempo. Lembrou do lema “Formar é informar”, onde luta e educação são a mesma coisa.

O ato estava bem diverso e vi muitos coletivos e grupos que não conhecia, ao lado de outros mais consagrados. Tinha um carro de som e muitas mulheres pretas e homens pretos faziam suas falas. O tom geral parecia ser de luta e de enfrentamento, ou pelo menos de impaciência. Do ponto de vista de movimentos como esses, a institucionalidade é desconfortável e mesmo deletéria. A urgência com a defesa de direitos é grande, e a morte figura sempre.

As faixas também traziam mensagens mais radicais do que de costume:

“Miscigenação também é genocídio”

“Atacar os orixás é atacar o povo preto”

“Foda-se a supremacia branca”

“A escravidão não acabou, não temos o que comemorar”

Dei um giro e de imediato vi bandeiras do Círculo Palmarino, da APEOESP, POR4 (Quarta Internacional), CMP (moradia), a bandeira do Panafricanismo, de Cuba, da UNIAFRO Brasil, da CNAB – Congresso Nacional Afrobrasileiro, o estandarte do AFRONTE. Vi camisetas da Frente Alternativa Preta, do RUA, da Unificação das Lutas de Cortiços e de Moradia.

Outras faixas traziam “JUNTOS. Periferia e o Centro! Vidas Negras importam” ‘ “AFRONTE os retrocessos. Os racistas abrem as asas e o povo preto cerra os punhos!”. As bandeiras LGBTQ, da UJS.

No carro de som, que foi batizado “Jesus”, “30 nos da Comissão de Igualdade Racial. UNEGRO. União dos Negros pela Igualdade”. No chão, os cartazes e faixas “Quilombação – Coletivo de Ativistas Antiracistas: a democracia não chegou para o povo preto”, Frente Alternativa Preta, “Basta do extermínio da juventude negra – convergência negra. Unidade contra o racismo”, “Juventude quer viver. Mais escolas menos prisões”, “Coordenação Nacional das Entidades Negras – CONEN”, além da CUT e da NCST-Nova Central Sindical dos Trabalhadores, e do Levante Popular da Juventude.

Alguns dos oradores eram jovens e falaram ao estilo que acho que vai revolucionar o discurso político público: o slam. Esta é uma forma preta de rimar e cadenciar a voz que recoloca os gritos da tradição branca sindical. Abre espaço para a poesia e para a elaboração sutil ou forte, conforme a mensagem. Uma moça fez sua falação e mandou muito bem, um discurso divertido e mordaz contra o cristianismo. Foi muito aplaudida. Outra moça preta

recitou em cima de uma voz de beatbox, enquanto uma terceira fazia a tradução simultânea na linguagem de sinais! Foi uma mistura de rap e samba muito interessante.

A PM veio querendo impedir a saída do carro em passeata, mas saímos todos pela avenida. Chovia um tanto. Vi o moço da perna-de-pau caminhando a nosso lado. A Batucada Popular Carlos Marighella estava lá com seus tambores.

Vi camisetas com o rosto de Angela Davies, da Marcha Mundial das Mulheres, do PT, uma do Quilombo Vermelho, “Hoje conheci deus, e ela é negra!”. Uma faixa da Democracia Corinthiana, outra “Comunicação Pública #ecoisade preto”.

Encontrei J e falamos do Chile e da Grã-Bretanha, novos atores e os futuros da luta. Vi o Ivan Valente, o Orlando Silva, o Jamil Murad. O homem com sua sacola gritava “Olha a capa de chuva!”.

Notei ainda no carro ou à sua roda as faixas, bandeiras ou cartazes: Frente Popular Brasil Sem Medo” Movimento Negro Unificado, Educafro, Intersindical, “Em defesa do Estado laico. Contra o racismo religioso”, PSOL, Rede Emancipa, “Sou Corinthians até debaixo d’água”.

Descemos a Augusta [*e não há mais notas*].

## **23 de novembro**

Repercutem os comentários da atriz negra Tais Araujo, que afirmou existir o racismo no Brasil e que ela e seu filho eram vítimas. O presidente da EBC (instituição que está em greve) postou memes irônicos contra ela e também Villa falou contra a atriz.

## **24 de novembro - Huck**

Luciano Huck desiste de concorrer à presidência. Ainda está saindo na zona do boato, mas parece confirmado por duas fontes: Dimenstein e Monica Bérghamo. Alckmin parece se consolidar, depois das desistências de LH e Doria.

PO posta mensagem no facebook dizendo que foi conduzido coercitivamente a depor no inquérito dos 18 do CCSP, ligados à armação do espião Balta Nunes sobre os meninos manifestantes.



# DEZEMBRO

2017



DISSE QUE O **PROTAGONISMO** DO PC CHINÊS É TOTAL E ESTRATÉGICO NO CAMPO GLOBAL, E QUE SUBMETE TODOS OS CONTEXTOS LOCAIS À GEOPOLÍTICA CHINESA. HÁ PONTOS DE TENSÃO EM VÁRIOS PONTOS DA REPÚBLICA CHINESA, NOTAVELMENTE NO PROCESSO DE INCORPORAÇÃO DAS ANTIGAS COLÔNIAS. DISSE QUE O ATUAL PRESIDENTE TEM PODERES **EXTRAORDINÁRIOS**, SÓ COMPARÁVEIS A MAO ZEDONG. SUAS ANÁLISES MAIS OU MENOS CONVERGEM COM AS DO COMPANHEIRO C, COM QUEM TOMEI UM TRACO OUTRO DIA. ESTE RELATAVA COMO UMA GERAÇÃO DE **TRABALHADORES** FOI SACRIFICADA PELO PC

## **4 de dezembro**

Nessa madrugada invadiram e destruíram o centro de referencia LGBT na rua Visconde do Ouro Preto. Vandalizaram as instalações, inundaram a casa. equipamentos foram roubados, cabos de computadores cortados e documentos rasgados e sujos com as fezes e urina. A secretaria de alunos do curso de Letras da Universidade de São Paulo (USP) recebeu um e-mail anônimo com uma ameaça de um atentado no prédio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Ameaçou matar a bala “esquerdistas, feministas e travestis”.

MTST no MASP [*perdi as notas*]

## **6 de dezembro**

Repercute a condução coercitiva do reitor da UFMG e outros funcionários da universidade. A ação policial seguiu os moldes da Lava Jato: prisões sem investigação, detenções de muitas pessoas e cobertura da imprensa. As acusações envolvem um memorial da anistia política no Brasil e fala de desvio de verbas que teriam ocorrido na forma de bolsas par estudantes.

Seria muito interessante relembrar quem dizia até pouco que “a condução coercitiva acontece todo dia na periferia, é que agora chegou em você” agora vê que a continuidade da socialdemocracia com o golpe não é suave e que algum tipo de ruptura ocorreu sim, e que muitos ficaram em casa afirmando que era muito cedo para julgar se a Lava Jato era republicana ou não. A insistência do golpe chegou a encher o saco, mas fica cada vez mais difícil ignorar a ruptura.

## **18 dezembro – Vi a Argentina**

Vi pela internet as imagens ao vivo do enfrentamento em frente ao Congresso argentino. Foi muito violento, a coisa pega por lá. São contra a reforma da Previdência governamental, que passou na votação. Quem conhece disse que não foi autonomista ou Black Block, mas grupos trotskistas.

## **19 de dezembro**

Gilmar Mendes decretou o fim da condução coercitiva, mas ainda vai ainda a plenário. Ele também propôs uma PEC que cria a figura do Primeiro-Ministro, num regime semipresidencialista.

Continua a repercutir a marcação da data do julgamento da segunda instância de Lula. O PT procura mobilizar muita gente, incluindo parece Mujica e Bonovox para ir a Porto Alegre, onde será passada a sentença.



## **23 de dezembro – Lula à frente nas pesquisas**

A inauguração do campo de futebol Doutor Sócrates na Escola Nacional Florestan Fernandes, em Guararema (SP), reuniu Lula, Chico Buarque e Mano Brown. O boato da participação de Maradona não se confirmou.

A imprensa petista comemora muito os números das pesquisas de preferência eleitoral, que mostram o ex-presidente na frente de todos os candidatos. Apesar de rejeição relativamente alta ainda, parece que as caravanas obtiveram sucesso: seu perfil saiu do noticiário exclusivamente negativo (apesar do boicote do PIG), aumentando o custo político de seu impedimento eventual. Para o PT tudo isso é reconhecimento geral de que houve um golpe e que o impeachment foi um erro. Não sei dizer se esta leitura é correta, acho um pouco fantasiosa, mas sua liderança nas preferências é real.

Repercutem ainda a prisão de Paulo Maluf e suas tentativas de relaxamento das condições da sua detenção, devido à sua idade e estado de saúde.

## **24 de dezembro – O modelo chinês**

Conversei com FF que contou um pouco de suas impressões da China, que já visitou 4 vezes. Disse que o protagonismo do PC chinês é total e estratégico no campo global, e que submete todos os contextos locais à geopolítica chinesa. Há pontos de tensão em vários pontos da república chinesa, notavelmente no processo de incorporação das antigas colônias. Disse que o atual presidente tem poderes extraordinários, só comparáveis a Mao Zedong. Suas análises mais ou menos convergiram com as do companheiro C, com quem tomei um trago outro dia. Este relatava como uma geração de trabalhadores foi sacrificada pelo PC de modo a realizar o que FF descreve como um crescimento e industrialização e modernização só vagamente comparáveis à Inglaterra do século XIX e aos EUA do pós-guerra.

Perguntei a ele como o Brasil, pré- e pós- golpe se posicionavam em relação a um cenário de hegemonia chinesa.

Tentei passar a H, que é de minha geração, a necessidade de não sucumbir à melancolia e acreditar na juventude. Ela é do cenário universitário, onde o encontro com a juventude organizada e avulsa não é necessariamente o melhor colocado. Ela é de uma Federal mas da área técnica.

## **27 de dezembro**

O típico desta semana entre o natal e ano novo: muita coisa fechada, mas tem gente trabalhando e os botecos estão abertos. Classe média saiu da cidade depois das refeições familiares.

Tem amigo desejando um 2018 razoável, parece mais realista e honesto, porque feliz e bom talvez não combinem. O ano de 2017 não foi bom, cheio de percalços. Mais do que nunca, estamos na situação descrita pelo chavão: o velho já morreu, mas o novo não nasceu ainda.

Li outro dia o início do diário, e de certa forma permanece o abismo entre a “velha” e “nova” esquerda a que me referi então. Por um lado, pelo menos agora os petistas não são mais caçados nas ruas e saíram do noticiário diário (o assédio não terminou, mas a bola da vez é o PMDB, e também Lula, mas não todos os dias). O ano de 2016 foi para mim o ano do pânico.

Mas temos que admitir que o PT não se renova e nem sai da frente. A escolha de Gleisi Hofman para a liderança foi infeliz pois continuísta e mumificante. A militância não ocupou o partido e hackeou suas estruturas, como ocorreu na Inglaterra. A perseguição jurídica ao Lula prolonga uma situação onde a renovação tão necessária na esquerda tem que esperar a resolução do imbroglio. De outra forma, fica a coisa como pauta prioritária, e esta é regressiva e defensiva. Precisamos de projeto e de ser a favor de reformas, reformas de esquerda e populares.

Assim, as ruas estão desmobilizadas e chatas. A militância petista está chata. O que está legal e estimulante são os saraus, as listas de discussão, o teatro, alguma arte, a dança, os afetos e reuniões (algumas delas). Há uma espécie de volta às bases, ao básico, ao baseado. O momento é claramente de construção dos movimentos, e não dos partidos. Há uma capilarização da política em direção ao cotidiano, que é possível ler como perda e fragmentação, mas isso é redutor e paralisante. Dentro de algumas organizações há estimulante discussão e prática acerca da natureza do poder, da resistência, da igualdade construída todos os dias, a reimaginação da revolução.

Parece-me que no Brasil há uma discussão prática e outra mais teórica na questão nova e velha esquerdas. Quando relatei à companheira E que eu tenho dois tipos de amigos – aqueles que acham que estamos rumando ao fechamento e ao estado de exceção, e aqueles para quem este é o novo normal, não vai ter fechamento propriamente mas mais convulsões e pulsões, o precário e o incerto como base – ela riu e disse: “os que acham que vai fechar são velhos e petistas, não é”. Achei redutor mas não deixa de ser verdade. Um debate atual é sobre a natureza da continuidade e da ruptura.

A nova esquerda está mais confortável com a idéia da continuidade do PT: a lei antiterrorismo, Belo Monte, a Copa, ganhos do mercado financeiro, corrupção, incapacidade de conter a violência policial, relações com o agronegócio e as construtoras... Já os rupturistas sublinham as diferenças e as apontam como a razão do golpe: inclusão dos pobres na economia, fim da fome, aeroportos lotados, inclusão pelo consumo, fim da

miséria, cotas raciais e sociais. O golpe teria acontecido por causa das rupturas e não pelo continuísmo.

Isso cria uma faísca em relação a Lula. Os analistas da continuidade acham que a pauta da corrupção é sistêmica e que a nova esquerda deve se afastar da de qualquer compromisso com ela e nunca tentar justificar (“não era só eu”, “havia um bem maior” etc.), inclusive ficando em casa quando a Lava Jato opera suas maquinações e prende preventivamente. Já os rupturistas estão atentos aos abusos da PF e Procuradoria e vêem um embate dentro do Estado que opera progressivo judicialização e criminalização da política, para prejuízo de toda a esquerda.

Em suma: defender Lula é ou não é uma pauta de toda a esquerda? Faz ou não faz diferença se tem prova ou não. E se isso impede a análise do que foi a relação do PT com as corporações.

## **29 de dezembro**

Tomei um café com M e G, que moram no México e estão de passagem. A conversa foi boa, mas a angústia é grande. Ela é dos amigos que teme fechamento e que defender o PT e Lula é a tarefa central da esquerda. Coloquei argumentos mais à esquerda e um viés de renovação, de sair da defensiva. Estão também bem preocupados com a situação da aposentadoria, que em parte envolve uma universidade federal aqui. G contou que as reformas de Temer já foram feitas no México e que agora, com o isolacionismo de Trump, toda uma economia atrelada aos EUA está a desmoronar, e toda uma cultura de dependência (o envio de dinheiro a partir de trabalhadores mexicanos nos Estados Unidos é a segunda força econômica do país) vai desabar. A violência dos cartéis da droga complica tudo.

Eles me contaram que, na guerra aos cartéis, as Forças Armadas se aliam taticamente a cartéis, na clássica abordagem “dividir para conquistar”. Mas resulta que cada uma das Forças tem seu grupo preferido, e elas agora guerream entre si através dos grupos criminosos.

# ISTOÉ



🕒 10.nov.17 - 18h00

## Lula deve morrer

Mario Vitor Rodrigues



Pelo bem do País, Lula deve morrer. Eis uma verdade incontestável. Digo, se Luiz Inácio ainda é encarado por boa parte da sociedade como o prócer a ser seguido, se continua sendo capaz de liderar pesquisas e inspirar militantes Brasil a fora, então Lula precisa morrer.





Continua: 2018

**Bônus !**

**Todas as vinhetas dos meses de 2017, juntas:**

# VANGUARDIA 2017

MESMO TEM



**CAÇA A LULA NO ANO DE 2017**  
vitoria de Trump causa movimentos tectonicos por todo o mundo e  
**OS ATOS DO MPI SECUNDARISTAS CONTRA A TRISTEZA DA**  
eram movimentos de resistencia, aeroportos americanos são fechados, ora ativistas  
**PASSAGEM LULA NA CADEIA SECUNDARISTAS**  
o fluxo aereo internacional e afetado. A maior manifestação da história do  
**TRUMP E FRENESI MUDIATICO**  
UA e relizxada por mulheres em todo o país  
**MUITO FORA TEMER! FORA TEMER, TQA, EQOOFDPM!**

AS TRAPALHADAS DO GOLPE NATROUXESSEM A DERROCA DO ATO ILEGAL DE DEPOSICAO, QUE O PAIS I





JU ISEN E A CARA DA DIREITA BRASILEIRA. MTST ACAMPA NA PAULISTA. POLICIA... EM LEVANTES SALARIAIS.



# FEVEREIRO

2017



# MARÇO 2017



...MUITA ANTI



CONTRA REFORMA DA PREVIDÊNCIA

TA DA ODEBRECHT, A LIBERDADE MOSSATE VCI

TRABALHADORES DA CUPONS ASPTIAVRIA

R. A IMPRENSA PETISTA FICA ROTANDO NEDA

GOVERNO NA

ES PELOS AP

FEZ ARIA POS EN

TA A NUNTO TR

U. E A NAO FIG

CULTURA PETROBRA

golpe sem

UNIFICOU, UNIFICOU, FC





# ABRIL



Pense num pokemon difícil de se capturar

A GLOBO EXPLORA AS DELAÇÕES QUE ENVOLVEM LULA E DILMA. ME FALARAM (O E) QUE A CONTA DE 30 MILHÕES SUPOSTAMENTE PARA LULA NÃO FOI MOVIMENTADA. O EL PAIS ACHA QUE MORO TEM MAIS MUNIÇÃO PARA UMA ACUSAÇÃO, MAS A DEFESA DE LULA APONTA QUE NÃO HÁ CRIME RELATADO NAS **DELAÇÕES**. PARECE QUE AS ACUSAÇÕES CONTRA FHC PRESCREVERIAM SE FOSSEM FORMALIZADAS, ENTÃO NÃO VAI ACONTECER. TEMER PARECE IR FICANDO, APESAR DAS MUITAS DENÚNCIAS CONTRA SI E SEUS MINISTROS. A PREVISÃO GERAL É QUE A VOTAÇÃO DAS **REFORMAS** FICA MAIS REMOTA, MAS AINDA HÁ CONFUSÃO. AS AVALIAÇÕES QUASE TODAS DÃO COMO MORTO O NÚCLEO POLÍTICO ATUAL, E AVENTAM-SE NOVAS CANDIDATURAS. MARINA REAPARECEU NO CENÁRIO, CIRO AINDA OPÇÃO DE PEQUENA EXPRESSÃO NO CASO DA AUSÊNCIA DE LULA. DÓRIA AINDA É A COQUELUCE DA DIREITA, E O ESTADÃO ADOTOU-O. **BOLSONARO** ATÉ VEM SUBINDO NA PREFERÊNCIA, MAS AINDA LONGE DE SER O LÍDER ALTERNATIVO. AVALIA-SE QUE, POR UM LADO, O CANDIDATO VAI SER ALGUÉM NOVO E DE FORA. MAS, POR OUTRO, NÃO HÁ ELEIÇÃO SEM MÁQUINA PARTIDÁRIA, ENTÃO A FUTURA CAMPANHA DEVE SER PROTAGONIZADA POR QUEM PARECE OUTSIDER MAS É AVALIZADO PELO SISTEMA PARTIDÁRIO. SAIU PESQUISA DA CUT DANDO QUE LULA SE ELEGE NO PRIMEIRO TURNO. DISCUTE-SE MUITO A SUA **CANDIDATURA**, MAS ACHO QUE SUA PRIORIDADE É COM SUA DEFESA, E ESSES ANÚNCIOS SÃO MAIS PARA AUMENTAR O CUSTO POLÍTICO DE SUA EVENTUAL PRISÃO. SUA REJEIÇÃO É TAMBÉM MUITO GRANDE (45%) E NEM IMAGINO COMO ELE GOVERNARIA UM PAÍS DIVIDIDO E EM CRISE. ERAH COBERTAS PELA LEGISLAÇÃO



Fui a **CURITIBA** acompanhar a concentração em defesa de **LULA**. Vazaram os



EU TENTAVA ESCREVER O **SONHO** QUE TINHA ACABADO DE TER. ALGO SINISTRO IMPEDIA MINHA MÃO DE MARCAR O PAPEL QUE EU SEGURAVA ANGUSTIADO. FIQUEI MINUTOS ASSIM, DE MÃO **TORTA** COM O ESFORÇO, ATÉ QUE PERCEBI ESTAR NUM SONHO. ACORDEI E **ESCREVI** TUDO NO CADERNINHO, IMEDIATAMENTE, AINDA NO ESCURO. MAS, DE MANHÃ, NÃO ENTENDI NADA DO GARRANCHO RESULTANTE E **ESQUECI** TUDO.



Áudios da **JBS** com grande repercussão. Grande manifestação em **BRASÍLIA**





O metrô já estava cheio de jovens fantasiados e de gente **energizada**. A cidade como um todo (pelo menos o centro) fica transformada com a Parada, e vibra uma eletricidade muito interessante no ar. Apesar da **gritante** comercialização e normalização pelo consumo da Parada, ainda há algum tipo de projeto de liberdade por conquistar presente no evento.



SEMPRE PENSAVA COMO FECHAR O DIÁRIO, E ACHAVA



2017

ACHA QUE CAMINHAMOS PARA UM  
AUTORITARIO, E PRECISA DE UMA PRESENÇA  
DEFESA de Lula e  
NÃO PRECISA DE FECHA  
INFINITA DE VIL RESISTENCIAS E  
ATAQUE AMBICION E AGONIANTE.  
A CRISE COMO NORMAL INFINITO E

batalha da Cracolândia

ARIA TODA UMA ERA. HOJE NEM ACHO QUE ELE VA SER PRESO, NINGUÉM SABE, MAS PELO JEITO



HOJE FAZ UM ANO DO **GOLPE**.

ERAM 17H QUANDO SAÍ DA ESTACÃO TRIANON-MASP DO METRÔ PARA O ATO CONTRA A ANULAÇÃO DA DEMARCAÇÃO DAS **TERRAS GUARANI** NO JARAGUA EM SÃO PAULO.

A SECRETARIA DA PRESIDÊNCIA FORA OCUPADA DE MANHÃ PELOS GUARANI. TODO O ANDAR TERREO ESTAVA TOMADO POR INDÍGENAS E HAVIA UMA REZA EM ANDAMENTO QUE SÓ TERMINOU 24 HORAS DEPOIS.

CHEGUEI NO MASP E O VÃO ESTAVA JÁ CHEIO. LOGO ENCONTREI E, E UMA **DANÇA**

**INDÍGENA** ESTAVA EM PLENO ANDAMENTO. CONTEI UMAS MIL PESSOAS LA, INCLUINDO UM CONTINGENTE GUARANI DO RIO GRANDE DO SUL, SEGUNDO DICEM ME E VI

O Rio está em chamas. A Cryptorave foi legal

2017

ALGUMAS FAIXAS JÁ NO CHÃO: "TARIFA ZERO PRA GERAL!", "CONTRA OS AUMENTOS", UMA VERMELHA DO REVIDE "CONTRA OS CORTES NO PASSE LIVRE" E "BURGUÊS, BANCA MEU BUSÃO!". VI UMA BANDEIRA VERMELHA E NEGRA, E MAIS UMAS 3 "PULA A CATRACA"; AINDA: UMA DO PSTU E OUTRA DA ANEL. ESTAVA FRIO E NÃO VI MUITAS CAMISETAS, COBERTAS QUE ESTAVAM PELOS CASACOS E ABRIGOS. UMA DELAS TRAZIA "PASSE LIVRE" E OUTRA "RAGE AGAINST THE MACHINE". VI UNS CARTAZES ESCRITOS A MÃO: "TRANSPORTE PÚBLICO NÃO É MERCADORIA" E "DÓRIA, LADRÃO, DEVOLVE O MEU BUSÃO!". VI TAMBÉM UM BONECO COM O ROSTO DO DÓRIA.

AS 18H CHEGARAM 4 CATRACAS DE ISOPOR. NA ATUAL BAIXA GERAL DE MOBILIZAÇÃO PÚBLICA, É NOTÁVEL A INSISTÊNCIA DAS MENINAS E MENINOS DE IR AS RUAS. MESMO NESTE FIM DE TARDE FRIO, MESMO NESTE BRASIL EM DERRETIMENTO, UMA CERTA ENERGIA INDOMÁVEL TOMAVA A JUVENTUDE AO REDOR DO **MARCO ZERO** DA CIDADE. TEM UMA HORA QUE AS PASSEATAS COMEÇAM A REPETIR E A REPERCUSSÃO MUITAS VEZES SÓ SE DÁ NAS BOLHAS DA REDE, MAS PELO MENOS EM TERMOS DE FORMAÇÃO E DE CONSTRUÇÃO DE CONFIANÇA MÚTUA, PARECE QUE ESTÁ VALENDO A PENA PARA ESSAS GERAÇÕES PERCORRER AS VIAS DA CIDADE. A MAIORIA TINHA ENTRE 15 E 25 ANOS. VI UMA MOÇA DE PURPURINA NO ROSTO, E UM OUTRO MENINO MANEJAVA CANETA E **CADERNINHO**, SENTADO NA ESCADARIA DA CATEDRAL. DEI



# SETEMBRO



ESTAVA NO BOTEQUIM MONTI CARLO QUANDO VI UM MACO COM UNIFORME DE ESTILO (AO PAULO), CALÇA PRETA E QUEPI DEPOIS



ERAM 20:20H E SEGUÍAMOS PELA REGO FREITAS, TODAS AS 15 MIL PESSOAS. MUITAS JANELAS CELEBRAVAM NOSSA PASSAGEM, E TAMBÉM AS TRAVESTIS DA ESQUINA DA MAJOR SERTÓRIO. ELAS SÃO APLAUDIDAS E MUITOS VÃO FAZER SELFIES COM ELAS.

UM JOGAL É FEITO NA ESQUINA DA GENERAL JARDIM, ONDE RAFAEL BRAGA FOI LEMBRADO. O ORADOR NOS LEMBROU QUE "EM 2014 BARRAMOS ESTE MESMO PROJETO". ENTRAMOS NA LARGO DO AROUCHE AO SOM DE "AS BI, AS CAY, AS TRANS E SAPATÃO, TUDO ORGANIZADA PRA FAZER A REVOLUÇÃO!" E "QUEM NÃO PULA QUER A CURAI".

NOTEI QUE AS DUAS TRAVESTIS DA MAJOR SERTÓRIO VIREAM CONOSCO E ESTAVAM LÁ. OS AFRICANOS NO BAR DA SANTA ISABEL OLHAVAM TUDO EM SILÊNCIO. O POVO CANTOU MUITO "NÃO ACABOU, TEM QUE ACABAR, EQOFDPMI", LOGO AO LADO DO VEÍCULO DA

BASE COMUNITÁRIA COM 10 PMS.

UM SONZÃO EXPLODIU NO AR FRESCO DA PRAÇA. VI QUE UM AMBULANTE QUE EMPURRAVA SEU ISOPOR USAVA UMA CAMISETA DO SINPRO. PENSEI QUE ELE PODIA TER

VISITEI L E ELE ESTÁ SEM PESSIMISTA, NÃO VÊ SAÍDA BOA NENHUMA PARA A CRÍSE (SEM ALMOÇO COM A SUE



# O ATUALISMO

2017

## INTERVENÇÃO



"FECHAMENTO DO CONGRESSO". "FORA FORO DE SÃO PAULO". "INTERVENÇÃO PARA SALVAR NOSSA NAÇÃO".



# NOSSA MEMÓRIA



FOI MEIO PEQUENO,  
MAS ELA FOI TAMBÉM HOSTILIZADA NO AEROPORTO DE CONGONHAS.

Cheguei às 14:45h para o ato dos intervencionistas militares na Paulista. Era feriado e a avenida fechada ao trânsito. Como de costume, bastante gente passeando, e vi dois carros de SOM dos militaristas. Cheguei no exato momento em que um faixaõ grande, verde-amarelo com os dizeres "intervenção já", era conduzido. Passei por manifestantes que seguravam o pano de modo que ele avançava paralelo ao asfalto.



# DEZEMBRO

2017



DISSE QUE O **PROTAGONISMO** DO PC CHINÊS É TOTAL E ESTRATÉGICO NO CAMPO GLOBAL, E QUE SUBMETE TODOS OS CONTEXTOS LOCAIS À GEOPOLÍTICA CHINESA. HA PONTOS DE TENSÃO EM VÁRIOS PONTOS DA REPÚBLICA CHINESA, NOTAVELMENTE NO PROCESSO DE INCORPORAÇÃO DAS ANTIGAS COLÔNIAS. DISSE QUE O ATUAL PRESIDENTE TEM PODERES **EXTRAORDINÁRIOS**, SÓ COMPARÁVEIS A MAO ZEDONG. SUAS ANÁLISES MAIS OU MENOS CONVERGIRAM COM AS DO COMPANHEIRO C, COM QUEM TOMEI UM TRAGO OUTRO DIA. ESTE RELATAVA COMO UMA GERAÇÃO DE **TRABALHADORES** FOI SACRIFICADA PELO PC







um  
Diário  
das  
RUAS  
2018

Gavin Adams





**Um Diário das Ruas 2018**

(até o 2º turno)

Gavin Adams

São Paulo - 2018



## **Um Diário das Ruas 2018 (até o 2º turno)**

Escrito e ilustrado por Gavin Adams em novembro de 2018

Licença Creative Commons:

Reprodução e distribuição permitidas com citação

Uso comercial vetado

Créditos das imagens fotográficas utilizadas nas colagens:

Alice Vergueiro

Marcos Muzi











## Apresentação

Esta é a última e terceira parte dos Diários que iniciei em dezembro de 2015 e que encerro agora em dezembro de 2018. Ao todo, são mais de **35 MESES** de observação e escrita. Julguei que o dia da votação e apuração do segundo turno das eleições, que consagraram Jair Bolsonaro presidente, seria um bom fecho para uma era que poderá, em retrospecto, ser entendida como a preparação de um outro regime que ainda não conhecemos. Assim, desejo encerrar o Diário das Ruas e iniciar um outro texto, talvez em formato visual mais **ARROJADO**, a partir das anotações feitas já agora sob um novo devir.

Revendo o volume para divulgação, reparei que as minhas colagens são algo angustiadas e **RETORCIDAS**. A iconografia da nova esquerda prefere imagens mais coletivas, prefigurativas e ilustrativas do comum ou do coletivo em ação, de preferência no espaço público – com sorrisos. Achei meio tarde para refletir e incorporar isso, mas pelo menos consegui evitar o evitar um visual mais bolchevique que faz o uso preferencial das cores preta e vermelha. Usei o **PRETO E AMARELO**.





# DESFAÇO



Hoje sabemos quem ganhou a **ELEIÇÃO**, mas a posse ainda está semanas futuro adentro. Depois do choque, muito choro e **PERPLEXIDADE**, e também muita apontação de dedo. A virada não aconteceu e a **DERROTA** foi acachapante.



Temos hoje mil **DIAGNÓSTICOS** e análises, alguns úteis, outros não. Há muitas incertezas quanto ao futuro governo Bolsonaro, pois há importante novidade na nova administração.

Os **CONTRAPESOS** republicanos de costume, para o bem e para o mal, foram contornados pela campanha e parece que também pela equipe de governo: Bolsonaro conversa com

bancadas mas não com as **LIDERANÇAS** partidárias, pôs um general para lidar com o Congresso e o juiz Moro para “dar uma prensa” nos deputados e senadores, consolidando uma legislação de **ORDEM** social duríssima para impedir a oposição de protestar nas ruas.





A primeira impressão é de que os militares vão tocar a **INFRAESTRUTURA**, os evangélicos a educação,, e o clã Bolsonaro vai fazer a guerra cultural contra a esquerda.



Os personagens **CARICATOS**, despreparados e corruptos abundam nomeados nos ministérios e empresas públicas. Há grandes contradições dentro do governo, como **MILITARES X LIBERAIS**, alto clero militar x tropa, família Bolsonaro x técnicos etc.

Há quem vibre com as cabeçadas em Brasília, achando que tudo vai ruir dentro de seis meses ou um ano. Depois de Trump, não acho que vá ser o caso, o **CAOS** pode bem ser o modus operandi normal, mas a figura do general Mourão como garantia da ordem (o "autogolpe") no caso de um Bolsonaro incompetente parece estar nas cartas.





Há no momento uma discussão se já estamos ou não em uma **DITADURA**.

Nesses termos acho que é meio estéril o debate, mas onde fica o limiar de fato não está claro. Mas tudo está preparado, e uma forte legitimação legalista para atos **REPRESSIVOS** vai ser operada. Já durante a campanha tivemos um aperitivo da guerra de versões e contrainformação da nova guerra política. Meias verdades, definições fluidas e mentira **DESLAVADA** vão propiciar o ambiente para o arbítrio legal.

Recordo-me de que o golpe de 1964 foi legal, ele seguiu os ritos e foi chancelado pelo STF (tem a questão da **VACÂNCIA** da presidência, se Jango estava no Brasil ou não. Darcy Ribeiro disse que ele estava sim). Hitler não quebrou nenhuma lei alemã, todos os seus atos executivos foram dentro da legalidade propiciada por um Legislativo e um Judiciário **MALEAVEIS**.

Está claro que vai ser preciso **REIMAGINAR** o socialismo e a esquerda. O underground deve bombar.

Talvez a rua seja por demais **PERIGOSA** por uns tempos. As universidades e escolas vão incandescer em conflitos. Dá para sacar que o PT deve ser proscrito e posto na **ILEGALIDADE**.



Uma estranha **SIMETRIA** acossou a imprensa e liberais:  
a centroesquerda moderada  
direita de Bolsonaro, e a violência da  
**TORCIDAS**, e um era o

de Haddad era espelhada à extrema  
direita era normalizada como “briga de  
outro “de **SINAL TROCADO**”.



um **FALSO ESPELHO** que esconde a  
transição liberalismo-fascismo.





Tenho ouvido todas as discussões à minha volta com paciência, e isso de **REIMAGINAR** o socialismo é sério, precisa de complexidade e liberdade de pensamento. A militância do PT de fato está chata e reiterativa, mas é o Lula quem está **PRESO** ilegalmente, não eu. Ainda.

E para dialogar é preciso estar vivo! Só a campanha deixou **3 ÓBITOS**. Demandar de centristas garantias democráticas claras **AGORA** é legítimo e, para nós, urgente. Não adianta depois dizer que publicou receitas de bolo contra a censura! Aí eu já morri. O Bolsonaro já avisou que **VAI MATAR**. O Mal prevalece quando os bons ficam em casa.

Conversava com J outro dia dizendo que tem que manter abertos os canais, vamos precisar desse **DIALOGO** com quem pensa diferente. Mas dá um medão de saber que a sociedade vai tolerar uma repressão e vai virar a cara quando **JORRAR** sangue. Vi isso muito em manifestação coxinha, nas **SELFIES** com policiais, no discurso do ódio e na procura de um bode expiatório.

Testemunhamos hoje a suave passagem entre o **LIBERALISMO** e o fascismo. O governo de extrema direita coloca em delicada situação nossos amigos liberais que não são bolsonaristas, mas que são **ANTIPETISTAS**. Eles abriram a caixa de Pandora e soltaram o esgoto que os derrubou também. Sabemos que muitos liberais democratas foram à **PAULISTA** de verde e amarelo com o MBL, o Bolsonaro, os militaristas e os monarquistas, legitimando o **FASCISMO**.



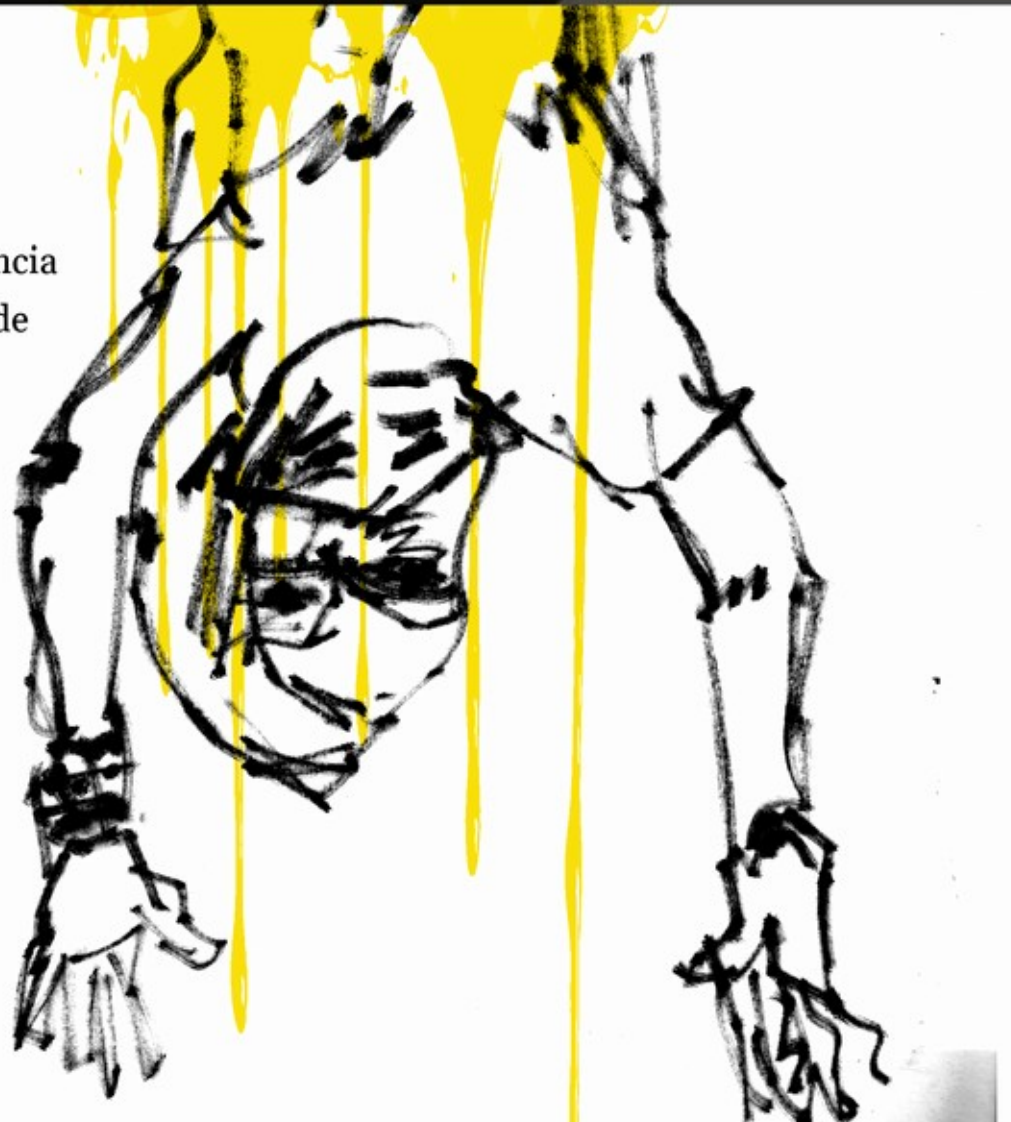
DIREITA   
SÃO PAULO 



# BLOCO PORÃO DO DOPS 2018

E a política econômica da **EXTREMA DIREITA** vai contemplar a agenda deles, liberais: privatização da Petrobrás, Pré-Sal, Previdência etc. Eu espero que eles tenham a integridade de associar isso à correspondente pauta de confronto e **AGRESSÃO** nas áreas culturais e sociais. Espero que digam a seus chefes e clientes: “Eu não vou participar da venda ou do negocio X porque um amigo meu professor está no **HOSPITAL** quebrado pelo MBL, e o outro na prisão declarado **TERRORISTA**. Não vou me beneficiar de um governo que é antidemocrático e não permite a oposição, mesmo que atenda meus interesses!”

Esta é a **INTEGRIDADE** que eu espero de um liberal democrata.





Para ser claro: ser contra **BOLSONARO** só depois que ele não conseguir aprovar a privatização da Previdência

**NÃO VALE!**

**É MELHOR**

**JAIR**

**SE EXPLICANDO**



**#Caixa2doBolsonaro**





Apesar de certa depressão e **DESÂNIMO**, eu estou numas de  
“**O ÚLTIMO VERÃO DO AMOR**”, já que a cidade está  
fervendo, como que aproveitando as **DERRADEIRAS**  
liberdades da nossa curta e relativa democracia. É legal que toda a  
esquerda, a despeito das faíscas interpretativas, esteja junta:

**“NINGUÉM SOLTA DA MÃO DE NINGUÉM!”.**



## **Um Diário das Ruas 2018 (até o 2º turno)**





# Atibaia

2018



...a senhora em pé no banco do canteiro central, segurando um cartaz de letras purpurinadas...

...Herodes, Quem crucificar mais um inocente". Vi o curioso cartaz no formato criptografado...

...do morango e que apóia Lula. Vi Lindbergh Farias no meio de um grupo que o tietava e fazia selfies...

...uma senhora com o rosto pintado de vermelho. Vi uma senhorinha em pé no banco do canteiro...

...uma bandeira com o nome "A MENOS", um A anarquista e outra que só tinha o nome "A MENOS". Vi uma senhora em pé no banco do canteiro...

...traziam purpurinadas: "A farsa se repete, Herodes, Caifás e Pilatos. Quem crucificar mais um inocente". Vi o curioso cartaz no formato criptografado...

...desenhos se misturavam para dizer que Atibaia é a terra do Herodes, Caifás e Pilatos. Vi Lindbergh Farias no meio de um grupo que o tietava e fazia selfies...

...uma caneta e um pedaço de papel. Vi um maluco que vestia uma máscara branca e segurava um pedaço de papel...

...como uma múmia ou o Homem Invisível, de Óculos Escuros. Vi o curioso cartaz no formato criptografado...

...de vários skatistas. Estávamos parados, eu no viaduto que corre por cima dos trilhos que dá acesso ao telefone "bem, estamos aqui parados esperando apanhar da polícia". Muita incerteza...

...apanhar da polícia". Muita incerteza. Fui andando pelo corredor e vi uma entrada da Estação Brás à direita. Uns 20 jovens, depois de gritando "vamos tomar a estação!". Um grupo até conseguiu entrar, mas logo depois as portas foram fechadas. Havia um pequeno contingente policial perto da entrada...

...que não se mexeu. Fiquei um pouco por lá mas depois de um tempo onde convergia a passeata. Muita polícia cercando. Depois de um tempo o próximo ato, dia 17, em frente à casa do Dória começou a lenta dispersão, grupos se formando e deixando a estação. Só que a estação estava fechada e tinha duas pessoas buscando transporte. Fui para casa e depois de chegar e gritar "Abram as portas" aumentou e chegaram 25 soldados, com escudos e tomaram a estação.



PEDALADA



ÁREAS NÃO



## **5 de janeiro**

Li a capa da Folha numa banca na Sé e vi que o MDB buscava flexibilizar a Constituição para poder remanejar orçamentos além dos limites da “regra de ouro”. Isto é, para poder dar uma “pedalada” nas contas.

A greve de policiais no Rio Grande do Norte se estende e se agrava. Houve mais rebeliões em presídios brasileiros.

O PT acirra a mobilização digital e presencial para a sentença no dia 24. O PIG também aumenta o fogo da fervura.

## **10 de janeiro**

A novela política do momento é a nomeação ou não da nova ministra do trabalho, Cristiane Brasil, que é filha do deputado Jefferson. Ela no passado foi acionada por uma dívida trabalhista, um chofer que trabalhou sem carteira. O pagamento da dívida foi através de uma assessora. A justiça barrou duas vezes.

Repercute ainda acusações que a Folha de São Paulo faz a Bolsonaro, acerca de uso indevido de verba parlamentar. Por outro lado, a Globo parece ter reavivado a candidatura de Luciano Huck.

## **11 de janeiro**

Saí da estação Sé do metrô às 17h, acompanhado de E para ir ao Teatro Municipal para o ato do MPL. O companheiro E tinha visto na internet fotos da presença policial na área, muito forte. Ele comentou isso com umas moças e moços do Liberdade e Luta, ainda na Sé, esperando o sinal na calçada. Censurei-o por botar medo na meninada, mas eles riram, à vontade e sem medo. Tinha chovido muito durante a tarde, mas achei que ia secar agora.

Descíamos a rua Direita e um homem caminhava e gritava bem atrás de nós. “Quem tem força no engenho é boi! Eh, boi!”. Em dia de ato parece que a cidade libera uma energia muito louca na população do centro. O moço era agressivo e vinha bem atrás, fiquei pirando que ele pudesse ser um provocador.

Quando chegamos ao Patriarca começou a chover e buscamos abrigo na marquise da loja de roupas em frente à Prefeitura. Desanimamos, achando que ia matar a manifestação. Lembrei de anos anteriores, quando a temporada de chuvas também coincidiu com as jornadas emepelistas.

Passou o pior da chuva e fomos ao Teatro. Muita PM nas cercanias, viaturas, motocicletas e escudeiros. Uma grade cercava todo o teatro e impedia acesso às escadarias. A linha policial, de uns 60 soldados, estava encharcada atrás da cerca. Notamos que a GCM está de uniforme novo, estilo militar verde-oliva. Bizarro para uma guarda civil.

Logo vi a fotógrafa A e o fotógrafo A, e depois o também fotógrafo R. Nos cumprimentamos. Dei um giro e senti o clima. Eram umas 700 pessoas e quase todos jovens. A avaliação final de E foi que tinha uma geração de 20-30, outra de 50-60, mas que os de 30-40 estavam ausentes. Mas notei com alegria que havia gente veterana das lutas que estava dando apoio e ajudando na organização. Tinha uma fanfarra já tocando, e também um batuque.

Vi relativamente poucas bandeiras: Unidade Classista, UJC, Faísca, PSTU, LSR. Outras da UNE, UEE, UJS, o estandarte laranja do RUA. Os atos contra os aumentos da tarifa frequentemente se dividem em esquerda institucional (partidos e facções), autonomistas e anarquistas (às vezes referido como Bloco Negro) e o MPL mesmo. Nem sempre a comunicação é boa entre os grupos. Os institucionais no geral têm material impresso e os autonomistas escrevem mensagens à mão.

Então havia também bandeiras negras e da Ação Antifascista São Paulo, e muita camiseta preta, com alguns panos no rosto. Os autonomistas caminharam à frente do ato durante quase todo o percurso. Vi um guarda-chuva colorido das cores LGBT.

Vi uma camisa do Corinthians e outra do Palmeiras. Vi a faixa “4 Reais não dá!”, que era a faixa da frente, grandona. Outra trazia: “Fim da Repressão. Todo apoio aos trabalhadores argentinos. LIT-QI Liga Internacional dos Trabalhadores PSTU”.

As camisetas estavam mais interessantes: “Lute como uma garota”, “Marcha da Maconha”, “Movimento Cultural Hermelino Matarazzo”, MPL, um Lobo-Mau de canga, Black Panther Party, CCCP, “Gracias Hermanos”.

Vi M na frente do ato, e depois E. R do CMI fazia o *streaming* ao vivo. S dos JL estava lá também, assim como R, amigo de E. Vi que uma moça do MPL conversava com três PMs no meio da galera.

Eram 18h quando a marcha se aprumou e foi feito um jogral. Leram o manifesto que era repetido pelos manifestantes sentados na rua. A chuva tinha passado e o tempo estava agradável. Durante o jogral, um homem da rua gritava muito alto: “Luis Inácio

Lula da Silva!”, abrindo os braços perto daqueles que liam o manifesto. De começo a organização do ato tentou conter a distração, mas logo ficou claro que não ia adiantar nada e deixaram ele se expressar. No comecinho achei que poderia ser um provocador, já que tinha muita PM em volta, mas depois achei que era essa energia que a multidão libera nas pessoas.

O ato seguiu pelo viaduto do Chá e vi uma equipe da PM filmando o movimento. A presença policial era muito numerosa, contei uns 500 soldados mais viaturas de todos os tipos. Vi um drone.

Anotei alguns cartazes: “Doria Patrão”, “Tarifa Zero”, “Aumento Não!”, “R4 no busão não”, “Se a tarifa não baixar a cidade vai parar!”, um raro “Fora Temer” e um misterioso “Eu votei no cinza”. Vi as bandeiras MEPR, PCB, Nossa Classe, Juntos, Balaio, EMANCIPA (Educação Popular), #MAIS, Território Livre, Juventude e Revolução, ANEL, Liberdade e Luta, Território Livre, CCSP PSTU-Conlutas. E lembrou que o MTST tinha lançado uma boa nota de apoio onde prometiam presença no ato, mas não víamos nenhum militante dos Sem-Teto.

As palavras de ordem misturavam novas e antigas cantilenas:

“Se você paga, não deveria, pois transporte não é mercadoria”

“Ih, fudeu, estudante apareceu!”

“Mãos ao alto! Quatro conto é um assalto!”

“Doria, otário, abaixo o empresário!”

Dobramos à direita na Libero Badaró e ganhamos o Largo S. Francisco. Caminhava com R que avaliava como o calendário eleitoral vai afetar a movimentação contra a tarifa, já que a esquerda institucional tende a importar pautas partidárias para dentro do movimento, provocando um descompasso da rua com o gabinete.

Notei nas paredes uns cartazes que comandavam: “Profane”. Ao lado, um A4 xerocado buscava o paradeiro de um moço e um menino desaparecidos.

Seguimos até o Fórum João Mendes e anotei mais faixas: “R\$4 Não. DCE-USP”, “Não ao aumento da tarifa. Fora todos eles. PSTU” com os rostos de Doria e Alckmin, “Faísca contra a privatização do metrô e o aumento da tarifa. O Transporte não está à venda. Esquerda Diário”, outras da “União da Juventude Comunista UJC”, uma da LL, uma do vereador (?) Nildo do PSOL. O faixão do MPL que fechava o ato: “Por uma



vida sem catracas”.

Vi uma camiseta com o rosto de Lênin, outra do Território Livre, uma “Mães de Maio”, uma regata “Camisa Verde e Branco”, enquanto outra avisava: “Not all it seems”.

Descemos a rua Anita Garibaldi, a Rangel Pestana, passando em frente ao quartel dos Bombeiros.

Vimos M e J, que avaliaram o número de manifestantes em 2 mil. Achava isso também, mas a organização e as redes falaram em 9 mil e até 20 mil pessoas.

“Quatro no ônibus, quatro no metrô, aumentou a tarifa e seu salário abaixou!”

“Criar, criar, o poder popular!”

“Você aí parado, também é explorado!”

“Pula sai do chão, contra o aumento do ônibus!”

“Quem não pula quer tarifa!”

Viramos à esquerda na Bitencourt Rodrigues e notei que a Droga Raia estava aberta, mas o centro já meio vazio. Algumas vidraças de banco eram grafitadas. Vi outra equipe de policiais filmando.

Na descida para o Terminal D. Pedro, a manifestação parou e os blocos institucional e autonomista se separaram. Ficamos um tempo sem caminhar, a coisa meio tensa, já que o terminal é um ponto fulcral muito sensível. Em outras ocasiões, já se tentou tomar o terminal. Deu para ver que a manifestação estava gordinha, achei belo. A PM vinha ladeando a manifestação, uns 30 soldados de cada lado. Uma das colunas tinha escudos e atirador.

Fiquei mais na frente do ato, perto da fileiras de escudos de madeira, tipo uns 15 tapumes formando uma barreira na frente de uns 300 manifestantes. Gritava-se muito “Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM!” e “É barricada, greve geral, é ação direta que derruba o capital!”, e ainda “1,2,3,4,5 mil, lugar de fascista é na ponta do fuzil”.

Vi nessa hora o homem que gritava seu “Luis inácio Lula da Silva”, ainda irado e urrando, tensionando os policiais.

Afinal seguimos ao som de “Vem, vem, pra rua vem, contra o aumento!” e “Doria, vai tomar no cu”. Eu vi uma camiseta “Poder ao Povo”, mas outra trazia

“#bradescomusic”, nas costas. Encontrei D e F, trocamos uma idéia rápida e tensa.

Viramos à direita na Gal. Carneiro, beirando então a praça Rageb Chofhi para passar em frente ao terminal, tomando novamente a direita. O lugar ainda meio cheio, o impacto da manifestação foi ótimo. Pessoas filmavam nas janelas, tinha panfleto na rua e três moças da “Rosa Palmeirão – Casa das Primas” sorriam do balcão. Os manifestantes comemoraram. Do terminal, muita gente nas grades olhando para a gente.

Encontrei M que disse ter esperado a manifestação lá no terminal. Contou que a polícia previamente esvaziou o quanto pôde o lugar. Avaliou que o tamanho da manifestação estava bom, se levada em conta a intensa chuva da tarde.

Paramos de novo e achei tenso, não estava claro o que ia acontecer. Estávamos cercados, e o destino final era o Largo da Concórdia no Brás. Mas os blocos estavam separados, e eu não sabia se corríamos perigo. “Se a tarifa não baixar, o pau vai quebrar!”, “Ô motorista, ô cobrador, me fala se seu salário aumentou!” e “Chega de tarifa e de político babaca, a gente tá na rua por uma vida sem catraca!”.

Afinal seguimos sem maiores incidentes e tomamos o viaduto à esquerda para o Brás. Eram 19:30h. No viaduto, um morador de rua gritava, sozinho “1,2,3,4,5,6, eu estou velho outra vez!”. Vi um helicóptero, que mais ou menos ficou conosco até o fim. Seguimos pela Rangel Pestana até a esquina da Caetano Pinto. Lá fizemos um jogral (“vamos pular todas as catracas de nosso caminho”) e uma catraca foi queimada. Já estava escurecendo e o lugar estava bem deserto.

“Ei, Doria, vai tomar polícia, pois no cu, eu garanto, é uma delícia!”

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro, se não pode com a formiga não atça o formigueiro”

Teve uma comoção nessa hora que interpretei assim: os autonomistas tensionavam uma coluna policial, com atiradores e escudos. Um objeto atingiu um policial, o que provocou a formação de combate da coluna e o aumento da tensão. O bololô se formou.

Depois, uma advogada feminista, M, me falou que viu pessoalmente que o objeto era uma bomba da própria polícia. Ela viu o projétil se aproximar em arco e atingir o rosto do policial. “Escreve aí que não foi pedra de manifestante”. Tudo durou uns 20 a 30 minutos.

Acabou que a passeata seguiu pela outra via (“Deixa passar, a revolta popular!”) enquanto os BB faziam sua barreira de escudos/tapume. Um camelô passou em sentido contrário, mercadoria recolhida e sound system tocando forró. A escuridão e vazio do lugar me deixava muito tenso, a presença policial era ainda numerosa e estávamos sozinhos, cercados.

Vi uma camiseta do Sendero Luminoso, e notei um maluco que vestia uma máscara branca que envolvia toda sua cabeça, como uma múmia ou o Homem Invisível, de óculos. Notei vários skatistas. Estávamos parados, eu no viaduto que corre por cima dos trilhos que saem da Estação Brás. Um moço dizia ao telefone “bem, estamos aqui parados esperando apanhar da polícia”. Muita incerteza.

Avançando pelo viaduto, tem uma entrada da Estação Brás à direita. Uns 20 jovens, depois uns 100, correram para os portões gritando “vamos tomar a estação!”. Um grupo até conseguiu entrar, incluindo fotógrafos, mas as portas foram fechadas. Havia um pequeno contingente policial perto de uma viatura, que não se mexeu. Fiquei um pouco por lá mas depois busquei o Largo, para onde convergia a passeata. Muita polícia cercando.

Fizemos um jogral final, e foi anunciado o próximo ato, dia 17, em frente à casa do Doria. “Amanhã vai ser maior!”. Começou a lenta dispersão, grupos se formando e deixando a praça. Só que a entrada para a estação estava fechada e tinha duas mil pessoas buscando transporte. Fui para lá e vejo a gente chegando e gritar “Abre aí!”. A tensão aumentou e chegaram 25 soldados, com câmera de filmar. Chegaram os BBs com seus escudos e tomaram posição.

Eram 20:30h e uma linha de policiais encarava a multidão. Muita gritaria: “Deixa passar, a revolta popular!”, “Não tem arrego!”. O lugar era meio fechado, muito fácil de cercar e ruim de correr. Fui para cima do viaduto onde conseguia ver bem o que acontecia. A certa altura a polícia disparou bombas de concussão e de gás. O corre-corre seguiu e o lugar brilhou com o clarão das explosões, a luz branca no centro de um anel de fumaça. Contei 11 detonações iniciais. Apesar do muito gás, não houve carga de cassetetes. Toda a tropa em todas as cercanias começou a se mover para dispersar a multidão do Largo, mas não vi, de onde estava no viaduto, ela bater.

Essa hora da dispersão é uma das mais perigosas: você está dentro de um perímetro armado, sozinho ou em pequenos grupos, caminhando meio a esmo pela escuridão, já que os portões da estação permaneciam fechados. No caminho de volta, vi muitas

viaturas, motos e policiais percorrendo a vizinhança. Sempre há relatos de violência, sendo esta a hora da “vingança” do policial exausto ou nervoso.

Fui achar o metrô, mas a grade estava fechada. Discuti com o segurança, que filmava a pequena multidão do lado de fora, indignada com o impedimento. Outras entradas eram longe e nada garantia que estariam abertas.

Calculei que o melhor era esperar o pior, e decidi caminhar até a Sé de uma vez, ao invés de zanzar pela região em busca de acesso. Ainda perguntei a um senhor e a uma senhora pela situação da estação, os dois no ponto de ônibus, mas não confiei que havia alternativa.

No caminho de volta, vi o homem do “Luis Inácio Lula da Silva”, aplacado e em paz.

Caminhei até a Sé, tomei o metrô e fui para casa.

## **17 de janeiro**

Saí da estação Consolação para pegar um ônibus e descer a Augusta em direção à concentração do ato do MPL, marcado para a rua Itália, onde é a residência do Dória. Esperei um tempinho pelo ônibus que afinal chegou e me deixou na altura da rua Áustria. A Augusta muda de nome duas vezes antes de cruzar a Faria Lima lá em baixo. Onde desci, era a Avenida Europa.

Fui caminhando sem saber ao certo onde era o ponto de encontro, já que era altamente improvável que a polícia permitisse acesso à rua Itália. Notei ao caminhar que todas as travessas estavam pesadamente guardadas. Vi um grupo de 5 policiais enquadrarem um jovem negro de uns 15 anos. Estavam defronte uma série de concessionárias de alto luxo. Em termos de ambientação, a cena era exemplar.

Ponderei se marcar um lugar incerto de concentração era uma tática para espalhar a polícia e confundir a repressão. A presença policial era bem forte e ostensiva.

Peguei a direita na rua Itália e cheguei à cerca que impedia o acesso, na altura da rua Escócia. Notei dois caveirões e variada fauna policialesca: ROCAM, CHOQUE, viaturas, GCM... Vi a fotógrafa A que chegara cedo, antes do bloqueio, e assim fez imagens lá de dentro da rua. Conversamos sobre [*a futura manifestação em*] Porto Alegre e a sentença de Lula, e também sobre o ato na Paulista no mesmo dia 26.

Fui buscar um lugar provável de concentração e no caminho encontrei dois jovens que também estavam à procura da galera. Ele disse ser do Levante Popular da Juventude,

e que se aproximara deste grupo indo a manifestações. Tinha cursado escola construtivista e seu pai era fundador do PT em Osasco.

Cheguei à esquina da Cidade Jardim com a Faria Lima descendo a rua Escócia, e o pessoal estava lá, já fechando o cruzamento. Muita polícia em volta, cercando totalmente a manifestação. Alguém falou em 3 mil homens ao todo. A certa hora desceram uns soldados de balaclava, com cara de poucos amigos, com escudos e atiradores. Alguns não tinham identificação e quase todos a escondiam com a coronha de suas armas ou com o escudo. A mensagem clara era que eles tinham cheque em branco para agredir, pois nunca ninguém seria pessoalmente responsabilizado.

Eram 17:50 e logo vi os fotógrafos A e R. Este último me falou que uma moça e dois meninos tinham sido enquadrados pela polícia, que os fotografaram e ameaçaram, dizendo que se os encontrassem mais tarde na rua os prenderiam. Vi uma moça do MPL negociando com a PM, que pedia a eles que pelo menos saíssem do cruzamento. O movimento não atendeu.

Vi chegar um grupo de autonomistas pela calçada, talvez tivessem vindo do Largo da Batata. Chegaram gritando palavras de ordem, umas 200 pessoas. Ao todo calculei umas 700 pessoas no local, e acho que chegou a mais de mil depois. Bem equilibrado entre moças e moços. Mas politicamente era pouca gente, menos que na manifestação passada. Talvez a questão do local da concentração tenha influenciado, mas o legal teria sido crescer.

Dei o giro arqueológico e anotei faixas e bandeiras:

O faixão negro “Por uma vida sem catracas” era do MPL e fechou a manifestação. A da frente era “4 reais não dá!”. Vi muita camiseta do Passe Livre, uma do Território Livre e uma única “Fora Temer!”. Outra faixa trazia “Doria R\$4 ninguém suporta. Aumento não. Juntos.com.br”. Ainda: “Contra o aumento. Contra os cortes nas linhas. DEC-USP. 4,00 nunca”; “Juventude contra o aumento da tarifa. UJS”; “Tira o bico do meu passe livre! UEE, UNE, UPES, AIPG”. Outra faixa: “Unificar as lutas contra o aumento e a privatização do metrô. Esquerda Diário, Nossa Classe, Faísca”.

Vi bandeiras do EMANCIPA (educação popular), PCB, DCE-Livre da USP, UJS, UNE, DE-FATEC, UEE, Juventude e Revolução, ANEL, PSTU. Uma da Ação Antifascista de São Paulo e outra roxa e negra. Vi camisetas das “Mulheres do PSOL”, “Nossa maior rebeldia é a educação”,



Vi duas equipes de cinegrafistas da PM. Chegou um helicóptero.

Começou uma roda de fala livre no meio das avenidas, e muitos moços e moças falaram, sem megafone ou microfone. A maioria era mensagem de luta, e achei que uma das coisas mais preciosas da manifestação de rua é o fórum coletivo de fala e escuta. Um ou outro aproximaram suas falas do Slam.

Encontrei G dos ciclistas e conversamos um pouco. Ele usava uma camiseta do Arrastão dos Blocos. Ele contou que para este ato ele tentara formar um “Black Byke”, ou seja, uma linha de ciclistas que protegiam o fim da passeata, impedindo as viaturas que acompanham o ato de pressionar os manifestantes, garantindo que a cadência será aquela da multidão. G falou também que a defesa de Lula está entre as tarefas históricas de importância, e que, se uma linha mais autonomista não dá atenção à sorte do ex-presidente, a grande parte da esquerda interessa o desfecho de um processo de perseguição política levado à margem da lei.

Encontrei M da universidade e nos cumprimentamos. Encontrei B que é de esquerda e maneja aparatos burocráticos públicos ou semi-públicos. Encontrei a companheira A e trocamos votos de um 2018 possível. O companheiro A veio me cumprimentar, mas, de visual novo, não reconheci-o de pronto.

Às 18:50h finalmente tomamos posição para sair em direção ao Largo da Batata. Tinha muito transeunte passando pelos lados e o MPL panfletava o fluxo. Estenderam a faixa de frente e a marcha se aprumou atrás. A Fanfarra do MAL vinha logo atrás da faixa. Depois de um pouco de caminhada, organizou-se a frente do ato: um cordão humano protegia e dava visibilidade à faixa de frente (essencialmente impedindo que fotógrafos afoitos apagassem a mensagem formando um bololô de corpos encapacetados). Ladeando esta cadeia humana estavam os escudos de madeira, uns 6 ou 7 de cada lado. Assim, um retângulo relativamente vazio se formava defronte à faixa, desenhado por corpos humanos, preservando a mensagem principal do ato.

Um manifesto do MPL foi lido (“A PM e o prefeito impedem-nos de concentrar, fechando o acesso”, e de novo um homem da rua pirou na sua paisagem interna sem ligar com a leitura coletiva da mensagem. Agora sim os batuques se colocavam, e, logo antes de sair, rolou uma briga em frente à faixa, mas eu não soube dizer do que ou de quem se tratava. Durou uns 10 minutos.

O povo saiu em marcha, “Vem, vem, vem pra rua vem, contra o aumento!”. Duas

colunas de policiais do Choque, de balaclava e escudos ladearam a passeata dos dois lados. Mas, durante o trajeto, eles não cercaram perfeitamente os dois lados, foi difícil entender a ação. Eram 60 de um lado, 40 do outro.

Em movimento:

“Se você paga, não deveria, pois o transporte não é mercadoria”

“Doria, cuzão, nunca anda de busão!”

“Doria seu arrombado, você só anda de blindado!”.

A marcha seguia animada. Notei nessa hora um moço com a camiseta do PT, outra da . Vi uma camiseta da “Esquerda Marxista”, uma da máscara de Guy Fawkes do filme “V de Vingança”, com os dizeres “Disobey”, uma do Balaio, “UNE Oposição de Esquerda”, outra do MST, outra ainda avisava “Minor Threat”, outra “Mães de Maio”, “Socialismo e Liberdade”, e ainda outra da Juventude do PT.

Vi uma equipe da Gazeta e a moça que fazia *streaming* ao vivo do CMI. Notei a faixa “Tarifa Zero + estatização . Transporte público e gratuito para todos”. Contei 50 motocicletas da PM na frente da manifestação.

O trânsito ia normal na via da Faria Lima em direção ao Itaim, e o povo do nosso lado cantava “Ô motorista, ô cobrador, me diz aí se seu salário aumentou!”. Mais:

“O povo não é otário, aumenta a tarifa mas não aumenta o salário!”

“Se a tarifa não baixar, o pau vai quebrar!”

Uma moça do MPL acho que fazia um *streaming* ao vivo, e chegava na cara dos policiais mascarados da coluna e irradiava: “sem identificação e mascarados, o GAEP nos ladeia”. “Vamos discutir a legalidade no Brasil, vamos discutir o direito à manifestação!”. Eram 19:20h e estávamos em frente ao Shopping Iguatemi. Admirei a coragem da garota, pois ela tensionava uma tropa do mal, durante uns 15 a 20 minutos que eu vi.

“Eeeeeeeeu tô boladão, não vou deixar o Doria aumentar o meu busão!”, cantava a meninada enquanto transeuntes caminhavam na calçada entre os manifestantes e a coluna mascarada da PM. Calculei que uns 1.200 policiais nos cercavam. Contei 18 viaturas atrás da manifestação.

As duas equipes de vídeo da PM estavam cada uma em um lado, e a primeira filmava

muito a frente do ato e as atividades de coordenação, enquanto a segunda buscava panoramas mais gerais dos manifestantes. Fiquei atrás de uma delas por um tempo, mas sem grandes revelações: a captura de imagens é burocrática e pré-programada. Busquei em vão uma estética diferente da vigilância na captura.

Eram 19:30h e vi o Ivan Valente na calçada enquanto rasgava o ar “ei, burguês, a culpa é de vocês!”. Pensei que a atitude relaxada da fala brasileira em relação a plurais libera pequenas jóias em termos de palavras de ordem.

Parei numa farmácia e comprei um medicamento, ao som de “Poder popular, poder para o povo, poder do povo, pra fazer um mundo novo”.

Notei que a Fanfarra hoje tinha uma cuíca, o que adicionou uma nota pungente ao batuque e metais. Reconheci B. Vi que o “Black Byke” tinha rolado, uns 10 ciclistas protegiam e fechavam o cortejo.

Paramos na esquina da Rebouças com a Faria lima. Ao sentarmos no asfalto, notei o memorial de uma bicicleta branca atada a uns dois metros do chão. Eram 19:45h e a moça do MPL leu o manifesto do dia lendo o texto ao celular. Queimaram as duas catracas ao som da fanfarra e o povo ficou pulando-as ainda por algum tempo. Ouvi o eco do povo repetindo em jogral o manifesto, rebatendo distante nos prédio vizinhos: “continuaremos pulando as catracas e pegando caronas, 4 reais não dá!”.

Um homem de uns 30 anos, de bermuda, passou e disse aos policiais: “Vocês são do caralho!”. Fiquei atrás das colunas da PM e tentava julgar se estavam eriçadas ou entediadas. Vi um drone. Já a meninada cantou “Você aí fardado, também é explorado!”.

Vi uma bandeira do Levante Popular da Juventude e outra da Frente Brasil Popular.

De repente notei que aquela sensação de olfato aguçado tinha voltado. Cheirava o querosene que incandesceu as catracas de cartolina, cheirava no ar o que eu achava ser vinagre – e eu temia que uma galera já soubesse e eu não que ia ter gás lacrimogênio.

Mas saímos em paz às 20h em caminhada “Mãos para o alto, 4 reais é um assalto!”, e notei um totem luminoso no canteiro central que parecia informar o número de ciclistas que tinha usado a ciclovia local neste dia.

Chegamos ao Largo da Batata e notei a forte presença policial, mas estava cheio de usuário s também. O tráfego era intenso. A estação do metrô tinha uma entrada

aberta, mas era vigiada. Dois caveirões nos aguardavam, mais 15 viaturas e muitos soldados. A meninada não se intimidou e cantou forte: “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da policia militar!” e “Sem hipocrisia, a PM mata pobre todo dia!”.

Muitos passantes filmavam com seus celulares. Paramos ainda na Faria Lima, na altura dos bares da Batata. Um manifesto foi lido em jogral. Um novo ato foi anunciado para 26 de janeiro, na esquina da Ipiranga com a São João. “Se a tarifa não baixar, a cidade vai parar!”.

O ato foi encerrado, mas a dispersão foi muito lenta e as pessoas foram ficando por lá. A entrada do metrô era restrita, o que ia afetar o derrame para dentro do sistema. Fiquei na área por um tempo. Ouvi a Fanfarras do MAL tocar o “Bela Ciao”, e muita gente dançou junto. As faixas e bandeiras eram recolhidas, e vi um ou dois relâmpagos cortarem o céu...

Fiquei a pensar se ia rolar um catracaço, o que é usual, mas achei que hoje era melhor não. Quando vi um povo escorrer em direção à marginal, corri junto. Muito ônibus e carros na rua.

Vi a agência do Bradesco com sua vidraça estilhaçada na calçada. Na esquina encontrei C e E, e parei para conversar. Eles me perguntaram como estava a situação. Eles riram da vidraça quebrada e perguntaram: “De novo?!”. Não segui adiante e fui a um boteco vazio para escrever e esperar, mas depois saí e encontrei J, que assistia a um maracatu na praça. Conversamos sobre a manifestação e ela contou que havia PMs também em andares de prédios ao longo do caminho.

Peguei um ônibus e fui para casa.

## **20 janeiro**

Ofensiva do exército turco sobre a cidade de Afrin, em Rojava. [*Este enclave sírio é governado por grupos autonomistas com ampla participação feminina, em bases horizontalistas e coletivas. É uma experiência importante de governo autônomo e militarmente eficaz, muito valorizada por parte da nova esquerda, notadamente autonomistas e anarquistas. O Zapatismo também é muito valorizado entre eles. A ofensiva repercutiu em círculos daqui.*]

## **22 de janeiro**

A sede da Globo [no Rio] ocupada por jovens, diz o site 247.

## 23 de janeiro

Pegamos o aeromóvel, baldeamos para o trem e descemos na estação Mercado no centro de Porto Alegre.

Eram quase 20:30h e estávamos na cidade para o julgamento de Lula. Ainda tinha esperança de pegar o fim da manifestação no centro da cidade, e se possível ouvir Lula.

Nos aparatos eletrônicos dos companheiros, chegava a notícia de que havia gente do MBL em frente ao hotel onde Lula ficava, o que o Estadão irradiou pela rede. Contaram-me também que Lula não ia assistir julgamento aqui em POA, mas sim no Sindicato em São Bernardo.

Percebi que o esquema em que eu viera ia me fazer perder todos os eventos: chegamos tarde demais hoje para o ato, e amanhã sairíamos cedo demais para o fim do julgamento, mas tarde demais para os atos de São Paulo. Fiquei de mau humor.

Sáímos da estação e o calor bateu, e vi gente entrando para tomar o trem. Na rua, muita gente e um cheiro de peixe. Estava bem atrás do carro de som, mas a multidão já se dispersava. Fui ver o que restava.

Logo reconheci as bandeiras do PT local, que trazem a estrela amarela e não branca como em SP. Achei muito notável que aqui o PT aparece muito mais do que em São Paulo. Já é raro ver bandeiras ou camisetas do partido na capital paulistana, talvez exceção feita à Juventude do PT. Mas aqui tinha uma abertura e orgulho que já não via há tempos em São Paulo.

Achei que ainda estavam lá umas 3 ou 4 mil pessoas. O clima era pós-coital, deu para sentir que o ato fora energizante. Tinha uma boa mistura de jovens, militantes e senhoras e senhores.

Muita bandeira do MST, PCdoB, PCO, CUT, APEOESP e PT. Um helicóptero sobrevoava o local e vi um grupo de uns 20 indígnas com seus cocares e calções. Vi mais de uma camisa do Grêmio, o que achei notável, esperava mais do Internacional.

O ato estava em desmorte, o carro de som já ia silente. Notei nele a faixa “[campones@s](#) pela liberdade”. Os ambulantes recolhiam seus isopores ou tentavam esgotar seus estoques.

Dei um giro para capturar algumas faixas e mensagens. A frase “Eleição sem Lula é fraude” figurava em cartazes impressos. Outro trazia “Quem não deve não Temer”.



Uma bandeira azul (?) do PT e outra colorida LGBT. Vi um tendão e faixaõ gigantes do PCO.

Um bonecõ de 4 metros de Antonio Conselheiro estava estacionado numa travessa. Ao lado o estandarte: “Viva Antonio Conselheiro, Viva Lula!”. Uma faixa: “Em defesa da democracia, fascistas não passarõ. É nós aqui travez”.

Uma moça ria irõnica dizendo que a Globo noticiara 3 mil pessoas no ato. Outras pessoas me disseram depois que 30, 50 ou até 70 mil pessoas estiveram lá.

Vi uma senhorinha em pé no banco do canteiro central, segurando um cartaz de letras purpurinadas: “A farsa se repete, Herodes, Caifás e Pilatos. Querem crucificar mais um inocente”. Vi o curioso cartaz no formato criptografado tipo “rebus”, onde letras e desenhos se misturavam para dizer que Atibaia é a terra do morango e que apõia Lula. Vi Lindbergh Farias no meio de um grupo que o tietava e fazia selfies.

Vi uma camiseta com rosto de Salvador Allende, e outra que trazia “Diversas mas não dispersas”, e uma bandeira do MLST. Notei um anúncio que soava muito curioso no contexto do julgamento de Lula: “Promoção – Sua Liga da Justiça Ruffles”.

Vi uma pichação “Nenhum Guarani a menos”, um A anarquista e outra que só pode ser pré-histórica: “Não vai ter golpe”.

Seguimos em busca de um lugar para tomar cerveja e achamos um bar local. A maioria das pessoas no grupo eram do jurídico do PT. Assim, a conversa era meio interna. Frequentemente quem é de tendência ou partido não conversa de política, mas sim de quem ocupa qual cargo ou brigou com quem. Achei que notava uma desconfiança com o movimento social, mesmo um certo desprezo. Faziam pouco do acampamento do MST na cidade. Duvidou-se que 2013 foi uma movimentação de esquerda. A despeito da extrema simpatia pessoal dos que falavam.

Mas alguma conversa foi saborosa: fiquei sabendo como uma colega deles agora namora Chico Buarque, e conheci detalhes de como o enlace ocorreu. Vários deles se lembraram com saudade do passado Fórum Social Mundial naquela cidade e do dia em que os pelados tomaram o acampamento da juventude e saíram em pêlo pelas ruas de Porto Alegre. Fiquei sabendo de alguns que falaram no ato de hoje: Olívio Dutra, Tarso Genro, Boulos, Dilma, Lula.

Fiquei angustiado de passar no acampamento do MST e saí fora umas 21h. Um pessoal

da que vinha de lá, na rua, me falou que estava “um clima de Fórum Social”.

Vi muitos jovens, grupos e ônibus estacionados no caminho para lá. Passei ao lado da Federação Gaucha de Futebol e cheguei.

Tive as melhores impressões quando entrei: vinha saindo uma moça morena de cocar, tinha uma tendinha de som que tocava excelente MPB contemporânea, e na frente um outro sound system, de cumbia, que era do “Muy Vaguitos Sound System”. Vibrei.

Logo colou um maluco que recitou para mim versos de sua autoria, falando da luz e da escuridão, com um espetinho da mão. O cheiro de churrasco era intenso, com muitos jovens trançando pela semi-escuridão. Vi à média distância o que achei ser um monumento modernista, mas que depois percebi ser o palco: uma caixa de cimento imensa envolvida por ferragens coloridas.

Dei um giro pelo acampamento e havia muita movimentação. Gente dormindo, cozinhas a toda, muvucas de breganejo. Vi uma faixa que troçava do número 3: “Alô LavaJato, nós temos o triplex: 183, 195 e 171. #democraciagemista”. Vi uma roda de jovens cantando ao som de pandeiro.

Pensei na questão da escala. Atingir escala nacional exige certos ajustes de logística que acabam por afetar a política cotidiana.

Voltei à entrada do acampamento e dancei cumbia com um grupo de jovens. Depois, deitei na grama e percebi que meu entusiasmo se dissipara um pouco: grande parte das barracas era de parlamentares ou de tendências do partido, muita bandeira da Dilma e na real o acampamento todo era meio improvisado. Depois fiquei sabendo que muitas das barracas que estavam funcionando eram do parque e também restos de eventos passados. Havia lonas do Gatorade e FIFA FanFest, além de barracas como o “Churros do Alemão” (com mumu), “Entrevero do Pão” e a “Barraca do Gianecchini”.

No geral, achei que era consistente com a desescalação da concentração na cidade que a Frente Brasil Popular realizara de última hora: era melhor não vir a Porto Alegre mas engrossar atos nas capitais.

De novo me peguei pensando na noite de hoje, protegido por inúmeros jovens acampados, deitado na relva da noite quente, olhando o céu quase estrelado, cercado da música brasileira, que este poderia ser o último verão do amor antes do cataclismo. Pensei novamente como tenho amigos que acham que estamos à beira de uma ruptura

autoritária e outros que julgam que a crise é o novo normal, que a incerteza, precariedade e ambiguidade serão a norma daqui por diante, mas sem tanques na rua.

Pensei como o PT tem se comportado de maneira pequena face a grandeza do momento, que mesmo a defesa de Lula vira um jeito de nada mudar. Fiquei muito impactado com os militantes com quem viera, vai ser difícil avançar questões nas fileiras do PT. É muito infeliz que Lula seja perseguido, pois a esta altura deveríamos estar realizando novos caminhos para a esquerda. Meditei que estamos prisioneiros do binarismo, não só Temer/Lula, mas também Estado/Não-Estado.

Por outro lado, ponderei os erros do PT agora e antes. Depois formulei como um vazio as suas ações, aqui e em São Paulo: luta sem ruptura, barulho sem mordida. Isso ainda vai fazer com que as pessoas fiquem em casa mesmo quando Lula for preso. O PT precisa tomar consciência logo, para o bem do Brasil.

Fiquei ainda mais um pouco quando começou a tocar um remix do Tim Maia Racionais (“We´re gonna rule the world”), mas afinal cansei dos raps subsequentes (a cumbia não voltou) e fui embora.

## **24 de janeiro**

Acordei cedinho e fui checar o acampamento, achando que ia ter caminhada até o TRF4. Mas rolou que não, já havia uma cerca da polícia e forte presença da segurança: cavalaria, cães, escudos e atiradores. O Tribunal estava isolado por um largo perímetro pesadamente guardado. Eram 6h da manhã. Já havia um afluxo de pessoas e o boatos ferviam: ouvia falar de gente que achava que ia ter confusão.

Dentro do acampamento, um grupo grande curtia um axé muito alto, certamente tinham passado a noite em claro. De outra forma, as pessoas despertando e se preparando. No alto-falante do acampamento, mensagens de bom dia e músicas nativistas à gaucha: “eu saí da terra mas a terra não saiu de mim”.

Encontrei a fotógrafa A e ela me contou de sua pernoitada no chão do acampamento. Ela contou o que achava da movida como um todo, e conversamos um tanto no asfalto esquentando. Depois saí em busca de um café da manhã e vi parte do julgamento pela TV. Vi que opositores do ex-presidente tinham erguido um pixuleco de Lula presidiário em um barco no rio Guaíba. Quando falou Zanin, rolou um aplauso e a pergunta: “onde está a prova?”.

Retornei ao acampamento lá pelas 10h e ao chegar vi que o moço do MBL que tem o site de direita “Mamãe falei” estava sendo escorraçado do local. Tinha mais gente e o sol era inclemente.

Logo na entrada um homem segurava um cartaz um cartaz: “Não vou ao enterro do Moro, pois quem enterra merda é gato”. No geral, muita camiseta do PT e do Lula, mas uma outra avisava: “Raiva Mata”.

Trombei com C e A de São Paulo, eternos guerreiros. Vi algumas pessoas com a cuia de chimarrão nas mãos. Vi camisetas do Kizomba, “JAE Juventude Articulação de Esquerda”, Intersindical, várias da Graúna do Henfil, uma do Ratos do Porão, Diretas Já, do “Movimentos dos Atingidos por Barragem”, “Mulheres de Minas com Lula”, “Petralhas: vamos invadir sua praia”, uma da Manuela do PCdoB, “Direito não se reduz, se amplia”, “Afro Brasil”, “A jararaca está viva e pronta para a festa”.

Fui até a grade e vi o contingente policial. O carro de som da CUT estava logo ao lado e sua arenga não descansava. Apesar do boné vermelho que eu trazia à cabeça, não aguentava o calor e busquei sombra. No caminho vi bandeiras da CONAM, CTB, AMES-RJ, Marcha Mundial das Mulheres, várias do PDT e algumas com adesivos do Brizola, umas três do Brasil e uma de um certo “Movimento Popular Pátria Grande”. Vi ainda uma bandeira do Uruguai.

Vi as faixas: “Lula Triplex do Povo: 2002, 2018 e 2006”, “TRF, Segunda fase do golpe”, “Contra o estado de exceção”, “Lula, as Ilhas estão com você” e uma faixa trazida por umas 10 senhoras e senhores: “1964 contra a ditadura, 2018 pela democracia. Velha Guarda”. Vi o balão da APEOESP.

Vi um bololô e era Jandira Feghali que falava no centro de um punhado de gente. Vi um batuque da CUT e outro da UJS. Vi os petroleiros da FUP em seus jalecos laranjas.

Vi os cartazes “SITRAMICO-SINTRAPOSTOS: Neoescravidão. Cadê a prova contra Lula?”. Outra: “O golpe continua”. Outros: “Lula ladrão, roubou meu coração”, e “Rede Golpe de Televisão”.

Achei uma sombra de árvore onde perto estava um carro cujo rádio irradiava o julgamento. Ouvi a fala do desembargador Gebran. Ouvi rumores que haveria um pedido de vista, mas tinha certeza que a condenação era certa. Fiquei um bom tempo lá. A certa altura, uma mulher dilmista passou e fez sua arenga, pela anulação do golpe etc.

Segui uma equipe da Band que era hostilizada e teve que deixar o local sob apupos.

Às 13h dei um outro giro. Vi o Lindbergh Farias de novo, novamente ao centro de uma muvuca, tietado. Vi uma bandeira grande “Tribo UFRJ”. Vi as camisetas com o rosto de Rosa Luxemburgo, Che, “Hoje eu vou dar PT”, “Golpe só de capoeira”. À venda, presas à grade, camisas das escolas de samba do Rio de Janeiro.

O banheiro químico tinha papel, e às 12h tinha filas nas cozinhas para o almoço.

Fui ao caminhão da CUT, que não tinha parado de gritar desde as 8 da manhã. Ouvi um argentino muito radical, e sua fala destoava do cauteloso discurso petista: todas as outras falas eram de indignação, mas não de enfrentamento. Um dos oradores chegou a declarar: “Se prenderem Lula, todos devemos todos irmos às delegacias e dizer ‘prendam-me primeiro’”. Gleisi Hoffman falou e desapontou a um só tempo.

Vi faixas: “Moro juiz imoral e parcial”, “Lawfare, cadê a prova?”, “Fascistas não passarão. Comitê Catarina”. As camisetas: “Organismo”, “Normal para a gente”, “Mortadela ou caviar: Esquerda sem Estereótipos”, a Mafalda com várias falas, “#desacato10anos”, do Levante Popular da Juventude. Um moço negro numa cadeira de rodas trazia na camiseta: “Haddad, eu acredito”.

Vi bandeiras da UNE, Movimento Negro Unificado, “Autonomia CAT – Misiones”, UBES, Juventude e Revolução.

Vi um moço de saia de estampa indiana e uma fenda que se lhe fazia ver as coxas.

Busquei um relógio e eram 14:45h. A animação das pessoas era admirável, o sol ainda torrefazendo, mas eu tinha que iniciar operações de desengate e sair fora. Na caminhada a pé ainda ouvi de um motorista que me gritou em plena avenida Borges de Medeiros: “A casa caiu!”.

Soube em Guarulhos depois pelos companheiros conectados que o placar tinha sido 3x0. Era tarde demais para ir à República onde tinha havido um ato, seguida de passeata à Paulista, que também perdi.

Meditamos depois eu e a companheira A que neste dia houve muito drama mas sem ruptura. Ela tinha estado nos atos de São Paulo e relatou suas impressões. O novo vai brotar em outro lugar, a despeito da gravidade do cenário que vivemos hoje. Molecagens escrotas de amigos na esquerda rolaram nas redes, como se o destino de Lula não lhes dissesse respeito. Ainda está em jogo se vai ser preciso fechamento geral



ou a crise permanente.

Escrevia um pouco numa mesa do aeroporto e vi o Lindbergh Farias, desta rodeado de assessores, sem tietagem.

Depois do metrô, caminhei e cheguei em casa.

## **25 de janeiro**

Passando pela Luz, vi que um abrigo para sem-tetos da prefeitura fechou. Muita gente do lado de fora, pelas calçadas.

## **26 de janeiro**

Passei pela praça do Ciclista para ver a saída de uma Bicletada, mas vi pouca gente. Eram 19:45h. Li que a casa de um integrante do Levante Popular da Juventude foi invadida pela polícia que revirou a casa sem mandado e pichou uma parede (“perdeu kkk”). Os jovens que estavam lá ficaram 9 horas no camburão e sofreram abusos. Ontem houve a detenção de 26 militantes desse movimento em Porto Alegre no dia do julgamento do ex-presidente Lula.

## **30 de janeiro**

Vi o notório video da ministra do trabalho na tela do boteco [*ela fala, aparentemente bêbada, rodeada de homens num barco*]. É realmente grosseiro, desqualificando o direito do trabalhador de acionar a justiça trabalhista. Sua nomeação ainda está pendente. O colunista Reinaldo Azevedo escreveu contra condenação de Lula. Temer esteve no programa do Ratinho (já fez uma aparição no Sílvio Santos, onde tentou explicar a Previdência. Foi muito bizarro, desde sua maquiagem até o diálogo duro e torto entre os dois. Ao final, Temer saiu do palco ao som de *Besame Mucho*. Quem me mostrou foi D, no youtube). Temer também negocia com o Google para campanha pela Previdência. A idéia seria afinar os algoritmos para gerar oferta de notícias favoráveis à presente reforma.

Corre pelas redes texto que afirma que a Globo prepara grande esquema digital nas redes para alavancar uma candidatura de sua preferência. Imagino algo na linha do Cambridge Analytica ou os trolls russos. Recentemente a Globo pediu que as pessoas enviassem vídeos com propostas para o Brasil. E isso se soma ao fato de que o Exército brasileiro e a PF vão monitorar as redes contra o fake news, segundo acordo celebrado com o TSE.

### **31 de janeiro**

Saí da estação Consolação do metrô em busca do ato dos autonomistas contra o aumento da tarifa. Eram 17:30h. Fui checar a Praça do Ciclista e tinha só umas 8 pessoas. Fui então conferir uma movimentação do MTST em frente ao Conjunto Nacional, na mesma avenida Paulista, que estava fechada desde a Augusta até o MASP.

Topei com o fotógrafo A. Reparei pichado no viaduto “Quero flores no seu caminho”. Desci até o Center 3 e olhei em volta: além dos muitos transeuntes, umas 3 mil pessoas, bem do perfil do MTST: homens e mulheres sem-teto, a maioria talvez de 30-40, com algumas crianças e adolescentes. Não vi bandeiras de partido, mas uma faixa grandona e roxa, no chão : “Frente Povo Sem Medo”. Fora isso, faixas com os nomes de ocupações presentes: Dandara, Maria Bonita, Chico Mendes, Faixa de Gaza, Esperança Vermelha, Povo Sem Medo do Capão, Portal do Povo, Che Guevara, Silvério, Nova Pinheirinho do Embu, Novo sonho. Vi uma faixa “O povo unido jamais será vencido, Taboão da Serra”. Vi uma camiseta “Parabéns Família do MTST”

De um lado, 11 viaturas e uns 15 soldados com atiradores, e do outro, 4 viaturas e uns 15 PMs. A entrada do Center 3 estava fechada e uns 60 policiais guardavam o portão. Como estava sol, tinha muito povo aglomerado junto aos policiais, logo ao lado do banco Santander, cuja placa luminosa trazia: “O que a gente pode fazer por você hoje? Quer aproveitar os benefícios mas não tem cartão? Solicite o seu agora”.

O clima era meio de espera, não tinha falas nem som amplificado. Eram 18h e fui checar os autonomistas. Vi L que não é mais do JL. contei umas 10 pessoas, e o fotógrafo R que contou que o movimento do Passe Livre tinha rachado e que a esquerda institucional tinha brigado com autonomistas, explicando o bate-boca que eu tinha visto no ato do MPL na Faria Lima. Hoje, o Bloco Autonomista tinha chamado um ato separado do MPL, que fazia uma aula pública no Paissandu.

Contou também que o MTST tinha vindo ocupar o escritório da Caixa em protesto à atual política habitacional do governo federal. Disse que tinham tentado invadir mas que não conseguiram.

Chegou a autonomista J e disse que tinha polícia e cavalaria na Consolação, a postos. Contou que ela e outros autonomistas são frequentemente seguidos pela polícia e que ela agora é visada em manifestações. “Eles estão procurando um jeito de prender legalmente”, qualquer que seja o motivo.





# AE V E R E I R O

2018





### **3 de fevereiro – missa de um ano da morte de Marisa**

Foi marcado um churrasco em frente ao triplex do Guarujá, supostamente de Lula. Vi depois parte do vídeo, a idéia foi ótima, pois uma juíza do DF permitiu à OAS que incluísse o imóvel como passivo da empresa em processo. Moro está sob alguma pressão depois de justificar ao auxílio moradia como complementação de salário que não aumentou. Há uma discussão geral sobre os privilégios do Judiciário, que a imprensa em geral parece comprar. Há memes a respeito, dentre eles um que diz, com a imagem da esposa de Moro “Eu Moro com ele, mas recebo a graninha”, e outro que diz “Não dê auxílio moradia a um juiz, ensine-o a pescar”.

Peguei o metrô até a estação Jabaquara e tomei o elétrico 288 até o Terminal Ferrazópolis para ir à missa de um ano da morte de Marisa Letícia. Eram 17h quando embarquei. Na estação Paraíso vi uma enorme multidão de jovens foliões que animavam a estação. Meu vagão ia quente e abafado de tanta gente fantasiada na linha Azul.

Desci em Ferrazópolis e subi a João Basso e alcancei o Sindicato dos Metalúrgicos. Chovia e o dia era meio triste. Consegui me cadastrar e ganhei um crachá: “Gavin Blogue Urucum”. Subi ao terceiro andar e cheguei ao saguão. Estava meio vazio ainda, às 18h. As cadeiras de plástico preto estavam no geral vazias, mas todas com o guia impresso da missa, um A4.

Senti e observei que uma mesa ia ser o altar da missa. As flores, decoração e extensão do guia impresso me fizeram julgar que ia ser missa mesmo, com todas as fases. Temi que fosse só isso, seria chato.

Olhei em volta e vi vários fotógrafos e sindicalistas, algumas camisetas do PT e outra “Eleição sem Lula é Fraude”. Um moço ao violão testava o som cantando Sampa de Caetano Veloso. Vi o Stuckert de terno preto.

Ia enchendo aos poucos vi o Lindbergh Farias, depois o Haddad, o JV, e acho que o Chalita. A certa altura chega o Lula e o bololô se forma. Muitas selfies com as celebridades políticas presentes.

Achei que havia um equilíbrio entre o número de homens e mulheres, e que a idade média parecia variar entre 40 e 50. Calculei no total, umas mil pessoas, quando encheu. Muitos abraços e beijos.



Às 19h começou a “Missa da Esperança”. Quem oficiava era o D. Angélico, que oficiara o velório há um ano atrás. Depois das introduções, subiu ao tablado o Haddad para a primeira leitura do evangelho, seguido de uma moça que fez a segunda leitura, que era de uma passagem mais ou menos lisérgica do Apocalipse (“a Nova Jerusalém paramentada como uma noiva”).

D. Angélico falou mais longamente sobre os tempos da luta sindical sob a ditadura, sobre Marisa e seu papel. Teologicamente, sua mensagem principal era a vitória da vida sobre a morte, o renascer junto ao pai e obter vida eterna pela passagem desta vida para outra. Padrão desse tipo de missa. Disse que ela tinha apenas mudado de endereço. Disse também que Marisa era vítima, que a sua saúde fora abalada pela perseguição.

A certa altura contou uma anedota. Um missionário perguntou em uma classe de catequese para crianças: “Quem quer ir para o céu?”. Todas as crianças levantam a mão. “Quem quer ir hoje?”, pergunta o missionário. Nenhuma mão se levantou...

D. Angélico falou diretamente a Lula, pediu que tenha cuidado com sua saúde, pediu a proteção de deus a ele.

Meditei sobre a relação religião-movimento: por um lado a comunidade dos irmãos e irmãs é potente, e a extensão natural do deus de amor ao deus da liberdade solidária é bastante conversável. Mas a figura do pai presidindo sobre a igualdade de seus filhos é mais complicada. Unidade, diferença e identidade precisam ser trabalhados mais ainda no campo espiritual tradicional.

Deu-se a comunhão, e, enquanto isso, as pessoas relaxaram e conversaram entre si. O Suplicy, que não tinha visto chegar, subiu ao tablado e falava a D. Angélico, sentados os dois. O padre ouvia o vereador com perfeita paciência. Vi uma senhora com o jaleco da FUP (Petroleiros) e um cinegrafista com uma camisa do Corinthians, onde atrás lia-se “Dia 15 vote 2”. Vi Aldo Rebelo, Celso Amorim, Boulos. Recebi uma rosa branca no celofane transparente.

Lula subiu ao tablado e falou ao microfone. Lembrou emocionado da vida com Marisa e com o sindicato. Disse que era “fácil falar da morte em abstrato, mas na nossa família era difícil”. Disse que “se há céu, a Marisa certamente está lá”. Chorava e sua voz embargava quando imaginava que ela lhe dizia, como sua mãe fizera: “ô baixinho, a luta continua, viu?”. Relatou sua prisão em 1980, o terror que a imprensa tocou ao

início de seu primeiro mandato e lembrou que não pôde experimentar a normalidade dos casais com Marisa devido às demandas do movimento. Disse que “faço hora-extra no mundo pois vivi mais do que minha mãe e meu pai”. “Não estou acima da lei”, mas que “sou inocente então para mim é só uma questão de tempo”. Ironizou ainda “o Moro colocou o triplex em leilão e não me perguntou nada”. Por fim, depois de aplaudido e interrompido pelo povo cantando, encerrou: “O povo pobre vai voltar a ter acesso aos bens que produz”.

Lula encerrou sua fala e o evento acabou. Esperei um pouco ainda, mas as pessoas que se conheciam se abraçavam e se falavam. Eu não conhecia ninguém e não fiquei para o beija-mão.

Eram 20:30h quando alcancei o Terminal Ferrazópolis, tomei o 288 e fui para casa.

### **11 de fevereiro – alguns blocos**

Hoje é domingo de carnaval e estive na rua. Não fui ainda a nenhum bloco específico, mas dei um giro pelo centro. J conta que na sexta, o Ilu saiu e ela esteve lá. Disse que viu muita gente de muitas “bolhas da esquerda”. De fato, muitos amigos me falaram que iam. Mas tinha outro compromisso e achei que ia encher monstruosamente, o que foi o caso.

A região do Paraíso estava bem lotada, assim como a 23 de Maio, onde há shows e chegada de blocos. O metrô estava lotado de foliões, a linha amarela e a verde, ao redor das 16h.

Teve aniversário da G e HP estava de volta. Conversei com o deleuziano F e ele me contou como trabalha com a comunicação de CEOs e empresários. Ele também se referiu aos blocos de carnaval como “máquinas de desinscrição”.

Os bafons da semana incluem o chefe da PF Segovia que garantiu em público que um processo contra Temer será arquivado. Pegou mal no magistério e na PF. Também a inegibilidade de Lula foi tema da semana. Apesar de sua provável prisão, o ministro Fux antecipa julgamento e diz que o caso de Lula sequer chegaria ao plenário do STF. A imprensa petista diz que o consórcio do golpe está a oferecer a Lula sua liberdade em troca da desistência de sua candidatura.

A grande imprensa continua suas repercussões do auxílio-moradia que é pago a qualquer magistrado, sem considerar se o beneficiado tem imóvel próprio ou é

alugado. O STF reconheceu o direito quilombola. Bolsonaro foi aplaudido de pé por uma audiência de empresários quando prometeu “metralhar a Rocinha” para combater o tráfico. A possível candidatura de Luciano Huck volta às manchetes, enquanto a de Doria a governador no PSDB é torpedeada.

## **12 de fevereiro – Vampirão na avenida e blocos de São Paulo**

Repercute muito nas redes o desfile da Paraíso da Tuiuti, no Rio de Janeiro. Seu tema foi a continuação da escravidão hoje e trouxe críticas às reformas trabalhistas. Destaques foram o presidente vampiro, o “vampiro neoliberalista”, com faixa presidencial e tudo; os “manifestoches”, foliões vestidos de pato da FIESP manipulados por mãos gigantes; paineleiros com camisas da CBF. O comentário da Globo na hora foi hilário, tentando disfarçar o explícito das imagens que víamos. Um grupo de uns mil foliões entrou no aeroporto Santos Dumont gritando contra Temer e Crivella.

O 247 dá uma foto de uma faixa em uma ponte próxima à Rocinha: "STF, se prender Lula o morro vai descer".

Saí à rua e achei que a região da 23 de Maio e Paraíso estavam menos cheias do que ontem, quando a avenida e estação do metrô estavam totalmente tomadas por foliões. Não tomei o metrô em direção ao meu destino em Pinheiros, preferindo a superfície: tomei um ônibus Perdizes e depois o Socorro 856R descendo a Cardeal. No caminho, vi umas 3 camisas da CBF e muitos foliões, mas nada como ontem.

Desci a Arthur de Azevedo a pé depois do meu rolê e vi muita gente fantasiada percorrendo as vias do bairro. Eram 16h. Cheguei na esquina da Simão Álvares com a Teodoro Sampaio e fiquei para ver a aglomeração. Logo percebi que era o “Bloco 77 os Originais do Punk. Ocupe a cidade”.

Era muito interessante: um batuque com guitarra elétrica de punk, uma síntese bastante paulistana. Vi muitos jovens ao redor dos 30 anos, muita camiseta preta, várias de ícones punk: Dead Kennedys, Inocentes etc. A certa altura, o carro irradiou ao vivo a canção “Pânico em SP” e outros hinos do punk ao som da batucada. Calculei umas mil e quinhentas pessoas, no geral aparentemente de classe média.

Vi de imediato uma faixa pequena que dizia “É carnaval, mas foi golpe, com o Supremo com tudo”. De outra forma, nenhuma bandeira ou faixa. Vi uma camiseta “Bloco 77, 1977-2017. Não aceitamos Racistas, Fascistas ou Homofóbicos”.

Vi o cortejo cruzar a Teodoro Sampaio e parei ao lado de um poste para ver todo mundo passar. O locutor perguntava ao povo se eles sabiam quem era o “Picolé de Xixi”. A galera respondeu com “Alckmin, vai tomar no cu” e depois “Doria, vai tomar no cu”.

Deixei todo mundo passar e busquei o Largo da Batata. No geral tinha achado as pessoas do Bloco 77 meio alegres mas não felizes. Talvez seja só meu mau-humor, mas não achei as pessoas radiantes, meio que buscando uma alegria que não estava dentro delas.

Cheguei na Batata descendo a Cardeal e não pude deixar de notar no caminho os catadores com imensos sacos plásticos cheios de latinhas. O consumo de alumínio estava no último, estes catadores fazendo limpeza parcial da folia. Lembrei de Joseph Beuys e sua performance varrendo a rua depois do desfile de Primeiro de Maio. Alguns ambulantes que vendiam bebidas eram cadastrados (vestiam o abadá da Skol), mas outros não, arriscavam.

No Largo da Batata, outra multidão. Achei mais jovem (15-25), mais classe C ou precariado: muito funk, pagode e até o memorável “Rebolation” de outras eras. Não havia um palco mas tinha um som dominante. Todo o espaço era cercado de tapumes de modo a privilegiar o “Espaço Skol”, que tinha entrada controlada.

O sol estava forte e eu meditava sobre a diferença entre os dois espaços (Punk-Funk), pensando sobre a evolução carnaval-insurreição-revolução.

Busquei um boteco que eu sabia ser meio vazio. Ele é seboso e tem uma tela com som alto na Globo, mas sempre tem mesa para sentar, não importa quão cheio esteja o Largo. Acertei e pedi um Dreher com coca-cola. Escrevi um pouco no caderninho.

De minha mesa, ouvia o som principal e via parte dos tapumes que cercavam a Batata. Via também o trânsito na Teodoro Sampaio logo depois que ela deixa de ser a Pais Leme. Mais de uma vez vi moços dançando e rebolando no meio do trânsito pesado, carros e ônibus passando rente a seus corpos.

Vários foliões, um gari e dois policiais vieram usar o banheiro do lugar.

Lembrei de F na sexta, ele português, que disse que o Brasil incorpora o outro pelo canibalismo. Isso é legal mas apaga o conflito, a oposição que por vezes é necessária para criar mudança. Achei interessante. Foi ele que ontem chamou os blocos de

“máquinas de desinscrever”. Malucão. Pensei na purpurina e confete pisados nos locais onde o carnaval tinha sido e pensei nessa falta de rastro, na falta de inscrição por onde o bloco passara.

Notei também que a campanha anti-assédio estava bem presente com o lema “Não é não”. Vi vários adesivos e decalques, não só em mulheres.

Notei que a Globo irradiava uma novela antiga, e pensei no presente perpétuo que é a televisão, onde o entretenimento sempre gera o apagamento da história. Pensei no carnaval e sua folia perpétua, reciclando sempre antigas melodias de carnaval (“Mamãe eu quero” tem mais de 60 anos).

Uma jovem de 20 anos veio me perguntar o que eu escrevia e relatei ser uma espécie de cronista das movimentações de rua. Ela se ligou e disse que tinha amigos à esquerda, mas também do MBL. Ela dizia que o Bolsonaro representa o novo, e que o MBL tinha gente legal. Para ela, o Lula é o velho. Ela conhecia e se interessava por Manuela do PCdoB. Não confrontei e busquei encorajar a sua curiosidade: “ouça todo mundo, mas ouça a esquerda também”. Citei o diário que escrevo e fiquei feliz que logo localizamos o site Urucum em seu celular. Falei algo na linha mais genérica da esquerda como diversidade.

Ela acabou por sair fora com suas amigas, que não tinham nenhum interesse em nossa conversa, e deixou contato.

Saí fora às 18:15h e subi a Teodoro e cheguei na esquina desta com a Simão Álvares. Lá tinha chegado o cortejo que eu vira passar antes. O carro de som ainda irradiava, mas o clima era mais de dispersão. Confirmei o recorte 30 anos de classe média, em contraste com o popular na Batata. Achei que continuava meio sério, ninguém se abandonava à cadência da rua.

Ouvi a canção “Hey Ho, Let’s Go”, igual a uma camiseta que tenho. Vi uma bandeira em alemão “Antifaschische Aktion”, que já vi em outras manifestações. Todo mundo cantou junto “Eu me importo pela paz em todo o mundo”. Vi um cartaz “Barrinhas Veganas” e notei que o vendedor tinha máquina de cartão.

Tomei o metrô na estação Fradique e confirmei o que já tinha visto mais vezes hoje: o metrô desliga escadas rolantes que sobem e usam de outras formas de controlar o fluxo. O ponto não é que se exijam procedimentos excepcionais em circunstâncias excepcionais, mas sim que a falta de funcionários é terceirizada ao usuário na



arquitetura do fluxo nas estações. O lucro tem que ser mantido, o conforto do usuário não. Os procedimentos de exceção são agora os procedimentos normais: grades improvisadas, desligamentos de escadas etc.

O vagão do trem estava bem cheio, mas nada como ontem. O mesmo na estação Paraíso, intenso movimento mas sem a aglomeração extrema de ontem. A região da Vergueiro, igualmente, na superfície, estava ok, onde ontem dominava o esmagamento. Vi um moço com uma placa “Seda R\$1,50”.

Parei num boteco para uma seleta com guaraná e notei que a tela ainda irradiava algum conteúdo antigo da Rede Globo. Vi na tela a avenida S. Luís e República lotadas de foliões. Também a frente do Teatro Municipal ganhou vista érea de grande aglomeração.

Dois PMs, um homem e uma mulher, vieram usar o banheiro.

Paguei e segui a pé para casa.

### **13 de fevereiro – um email**

Mensagem de F:

*Legal, Gavin, sua crônica de hoje é melancólica e singela, muito bela!*

*Gostei muito, na crônica anterior (Porto Alegre) das pinturas que Vc colocou como imagem. Achei-as melhor que o texto, um texto perdido de alguém que perdeu todos os timings, mas também expressivo de uma esquerda perdida, em dia de golpe fatal contra Lula, o PT e o melhor que a esquerda conquistara no período anterior, um período que fica cada dia mais distante do presente, veja o exemplo da menina de hoje no bar, Bolsonaro é mais "novo" do que Lula, o MBL também é "legal", etc...*

*Foi pena que no dia 24 vc perdeu o ato da República, foi interessante apesar de tudo, depois subir até a Paulista e "reocupar" o vão do MASP foi bastante energizante, mas nem precisava, pois os coxinhos já tinham sumido há tempo...*

*Também estou bastante deprimido. Nos posts anteriores sobre as manifestações do MPL contra os 4 reais do Doria, vi realmente as Jornadas de Junho desmancharem-se no ar sem apelo, se a esquerda partidária me*

*irrita pela sua recusa em encarar a derrota e sua parcela de responsabilidade nela (e responder com alternativas reais de mobilização e enfrentamento, e não meras bravatas retóricas), a esquerda autonomista idem, pela incapacidade de renovar seus rituais, pela cegueira deliberada diante da tragédia maior que acontece para além da cena ônibus-metrô-Doria-Alckmin-4 reais. E pela derrota igualmente óbvia e anunciada...*

*Grande abraço, nos vemos logo, F.*

Estava no boteco Monte Carlo ao fim do dia e estava meio cheio de foliões. Um moço de um grupo de 4 amigos foi conversar com um PM que comia uma coxinha (!). Os amigos pareciam preocupados e saíram fora. Uma moça do grupo foi até ele e o arrastou para fora do lugar. Um garçom lamentou depois que ele “tinha ido procurar confusão”.

### **15 de fevereiro**

Encontrei G no Monte Carlo e ele disse que um conhecido seu ligado ao STF afirma que a prisão de Lula é certa, e que ele vai cumprir pena. Disse que fica preso mesmo pelo menos até o fim da eleição. Lembrou que uma reportagem da Isto É mostrou fotos da cela supostamente reservada para Lula.

### **16 de fevereiro – exército no Rio**

O Governo de Michel Temer decidiu por decretar intervenção militar na segurança pública do Rio de Janeiro. Desta forma, o Exército, na figura do general interventor, assume a segurança pública do Estado, com comando sobre as polícias, bombeiros e área de inteligência, inclusive com poder de prisão de seus membros.

Repercute a segunda desistência de Luciano Huck. O PHA fica dizendo que se o candidato do Lula passar ao segundo turno vai ter “arrastão” e não vai ter eleição, pois a presente intervenção no Rio é passo inicial da intervenção geral. Outros indicam a situação na Venezuela como oportunidade de protagonismo dos militares e um evento (invasão desse país) grave assim poderia adiar as eleições.

### **17 de fevereiro – cenários da intervenção**

Análises da intervenção. Não está super claro, mas a preocupação é grande. Jogada de Temer para desviar foco e aprofundar o golpe num cenário onde direita está sem candidato, e a aparente “revolta popular” teria por sintoma o desfile da Tuiuti, movido

a “bomba semiótica”. O plano seguiria com a ampliação do escopo da intervenção, ganhando mais poderes do Estado. Fracasso da guerra às drogas, ninguém acha que isso vai chegar perto de resolver o problema ou derrotar o tráfico. Alguns falam da mexicanização do Brasil. Analistas avaliam as relações entre exército e polícias, que não são necessariamente convergentes. Cria um Ministério da Segurança Pública para atuar em todos os estados. Situação da violência no Rio é melhor que em 5 outros estados e não cresceu atipicamente neste ano. A Globo tocou terror.

### **18 de fevereiro**

O Vampirão da Tuiuti desfilou sem a faixa presidencial, a imprensa petista garante que por ordem do Planalto. Continuam as repercussões da intervenção no Rio de Janeiro, mas no Estadão impresso pouco destaque e posição editorial neutra. Só dois comentários curtos contra. Fica mais claro que o ato pretende influenciar as eleições, reforçando a mão governista na disputa, roubando votos de Bolsonaro e da pauta da segurança pública. Há certas incompetências evidentes, como a inconstitucionalidade do ato, mas um perigo é a tendência da coisa crescer, isto é, o exército pedir mais armas e poderes, já que resolver não vai. Mas não há consenso na direita e mesmo dentro das FFAA. Todavia, a aprovação popular parece que atinge 80%.

### **19 de fevereiro**

Eram 16:30h quando entrei a pé na avenida Paulista para o ato contra a Reforma da Previdência. O dia todo foi de mobilizações nacionais. De manhã vi na internet as imagens de rodovias fechadas com pneus em chamas. Havia uma prometida greve do transporte em São Paulo, que parece não ter vingado no centro urbano. Mas várias categorias pararam, incluindo os bancários. No Rio houve movimentação.

Vinha no sentido Consolação e vi a FIESP guardada por 10 PMs e duas motos.

Cheguei ao MASP e vi que, devido à garoa, todos os manifestantes tinham buscado abrigo no vão do edifício, inclusive os quase 20 balões que foram “estacionados” debaixo da grande laje. Esperava ver E, e dei um giro para sentir o clima.

Achei mais cheio do que eu imaginara, e o perfil era bem sindical: homens e mulheres de 30-50, a maioria identificada por camiseta, avental ou bandeira de sindicato ou central. Era bem Frente Brasil Popular. O carro de som já irradiava, mas ainda não tinha orador.

No geral o ato foi bem chato, pois não saiu em passeata e não foi mais do que uma série de discursos gritados.

Mesmo assim, fui fazer a ronda arqueológica e anotei o que pude de faixas e bandeiras.

Os balões: APROFEM, APEOESP, Sindicato dos Químicos, CONTAC-CUT, Sedin (educação), CNM-CUT, SEESP, CSP-Conlutas, CTB, FETESP, CNTE, Bancários, e um curioso balão onde o retrato do Valdevan Noventa, candidato à eleição do sindicato ligado aos transportes, figurava sorridente ao alto.

Vi bandeiras da CUT, CTB, Faísca, Mulheres em Luta CSP, ANEL, CSP-Conlutas, MTST, UJR, APEOESP, UGT, MAIS, RAIZ, UCCM (moradia), Partido Operário Revolucionário POR4, União da Juventude Revolucionária, Unidade Popular pelo Socialismo UP, Nossa Classe, PCB, Pcdob, Emancipa (educação popular), LGBT, “Movimento dos Atingidos por Barragens”, uma da Palestina e outra da Juventude do PT e “Dilma Fica”. Vi o estandarte “Comitê do Teatro, ativistas em defesa da democracia e de Lula ser candidato”.

No geral, os grupos mais jovens e combativos tendem a fazer seus materiais à mão. Em termos bem gerais dá para usar isso de termômetro de ossificação: quanto mais impressos, mais distante da base está a direção. Além disso, quem vem fantasiado, quem traz mensagens surpreendentes no geral são pessoas avulsas da sociedade em geral. Hoje vi pouca gente assim.

Vi as faixas “Intervenção sai, aposentadoria fica, #xôvampiro, #foratemer. RUA”, “Reforma da Previdência é o novo golpe #MAIS, NOS construindo o PSOL”, “PSTU Greve Geral para barrar a reforma da Previdência. Fora Temer! Fora todos os corruptos” e tinha uma foto do Vampirão da Tuiuti, “AFRONTA Não à reforma da Previdência”, “Valdevan Noventa, Sindicato dos Motoristas e Trabalhadores do Transporte Urbano rodoviário” com o mesmo atrás da faixa, “MRT Não à Reforma da Previdência, pelo direito do povo decidir em quem vai votar. FAÍSCA, Pão e Rosas”, “Que as centrais chamem a Greve Geral já, abaixo a intervenção no Rio! Nossa Classe, Quilombo Vermelho e Esquerda Diária”, “Greve Geral Bancários em luta!”, “Previdência fica, Temer sai! Contra a intervenção no Rio de Janeiro. Combate. Vamos à luta CST-PSOL” e ainda “Com Lula contra o desmonte de Doria e Temer à Previdência. Debate Cutista da SINDIPEEM”.

Acabei por encontrar E e demos um rolê. Às 14:45h o povo saiu na avenida, fechando o

trânsito de uma via. Até aqui o carro de som tocava sambas. Achei lindo quando tocaram o samba-enredo da Paraíso da Tuiuti! O povo abraçou e cantava junto.

Depois do giro inicial, havia pouca novidade, e quando os oradores começaram a discursar, E ficou indignado e reclamamos muito desse formato de manifestação. O carro de som dominante esmaga o militante e simpatizante. É precioso encontrar gente na rua e conversar com pessoas de outras constelações que só vemos em manifestações. Mas o carro de som e a retórica gritada ao modo sindicalista exaure e oprime. A relação púlpito-rebanho fica muito desenhada, e hoje a reiteração/repetição foi maçante. Para o líder alienado de sua base, é uma oportunidade de “falar às bases”, mas para as bases tudo é uma tarefa a ser cumprida e não um encontro em festa. G dos ciclistas sublinhou que todo mundo se encantou com a Tuiuti, mas as centrais sindicais e lideranças não conseguem propiciar ou incorporar o carnavalesco em seus atos. Tipo precisava ter um vampirão no carro de som falando ao povo. Precisava ter trazido os “guerreiros da CLT” para o ato, porra, as fantasias estão aí!

Já escrevi neste diário como a fala da gente preta, o Slam, combina poesia e fina elaboração política, capilaridade e análise. O Slam precisa se tornar a forma dominante nos atos de esquerda.

Tentei atentar para as camisetas, que normalmente são mais interessantes do que as faixas. Vi uma do “Ra-tá-tá Futebol Clube, Comunidade Heliópolis”, outra “Fatal Urban”, “Não ao golpe de 16” feito à mão com estêncil, Marcha da Maconha, “Quem não se move não sente as correntes que o prendem. Rosa Luxemburgo”, e as mais prosaicas do Mandela, outra dos Sex Pistols, uma “Mulheres em luta”, “Educadores pelo Socialismo”, uma com a imagem de Zumbi, Território Livre, Conspiração Socialista.

Anotei os cartazes: “Historiadores pela democracia contra a ‘deforma’ da Previdência! Fora Temer!”, “Não somos engrenagens, não quero morrer de trabalhar”, “Fora Globo e leve o PSDB junto!”, “Cadeia para todos os corruptos”, “Doria quer cortar seu salário”, “Povo Sem Medo Capão”, e “O MASP foi feito por uma mulher” e “Eu sou a dama de paus”, estes dois últimos colados no barracão que o museu ergueu no vão. Vi o cartaz no chão, no asfalto “Cadê a prova?”.

Eu e E vimos e cumprimentamos A da Fanfarra Clandestina, e reconheci a fotógrafa A em cima do carro de som. Depois vimos o fotógrafo A também. Recebi um panfleto que me convidava a me filiar ao PT e “participar dessa mudança”.



Às 17:15h fechamos a outra via da avenida, e depois chegaram uns 5 mil profissionais da educação municipal, que tinham caminhado desde a Prefeitura. Vi o Plínio Jr., o Gianazzi, 3 bandeiras do Brasil e um passarinho ou pato de papel com “#vempraluta” escrito. Notei que o Jesus gigante com fundo amarelo que está sempre no tapume do prédio ao lado do MASP estava coberto dos cartazes “Não à prisão de Lula”, onde ele figura com cara brava e gesto assertivo.

Agora E estava bem cansado das orações gritadas e achou que elas tinham algo de orgiástico, de gozo histórico conseguido em público. O que mais brochou e revoltou foi que a segunda via da avenida foi ocupada mas a direção não deixou sair. Parece que a avaliação era de que não havia gente suficiente para passeata. Virou só sermão.

Caminhamos até a frente do que teria sido a passeata e vimos um ônibus do exército. Tinha gente em volta meio revoltada e um moço de uniforme estava à porta. O povo colou e começou a hostilizar, parecia uma provocação muito acintosa por parte das FFAA, dada a situação no Rio de Janeiro. Um homem de microfone não identificado foi expulso do local, ele a pé no asfalto. Afinal o ônibus deu ré e saiu fora. Mas parece ao final que era uma banda que vinha participar de um evento no Tribunal de Justiça, em frente do qual tinham estacionado. Um homem nos seus 50 gritava “eu tive a perna quebrada por eles nas greves do ABC, eu quando jovem teria posto fogo!”.

Encontramos M, D e G, e conversamos um pouco sobre o Brasil e sobre como o movimento na Argentina resistiu à reforma da Previdência mais fortemente. Recordamos da transmissão ao vivo dos embates em frente ao Congresso argentino durante a votação e como parecia que os movimentos iam conseguir ocupar o edifício e impedir a votação. Não foi o caso no final, mas ficou a impressão que quando as centrais querem, resistem, e hoje não foi nada disso.

No total, avaliamos algo entre 10 e 15 mil pessoas ao todo. Era meio difícil calcular, pois não saímos em passeata, o que facilita a contagem.

Eram 18:45h quando saímos fora. Tomamos Seleta uma e fui para casa.

## **21 de fevereiro**

Conversei com L e ele está apreensivo. Avalia que não tem mais ninguém no comando [do golpe] e que o derretimento é total. Alguns comentaristas afirmam que faltam poucos passos para um golpe e ninguém vai se opor se o tivermos. L contou disse que hoje há um verniz jurídico para questões como o comentado mandado de busca

coletivo [*instrumento jurídico aventado para facilitar a ação dos militares nos morros do Rio de Janeiro*]. Hoje é possível obter um, não há impedimento do estado democrático.

O movimento social sabe que será vítima destes atalhos e da política de segurança. Discute-se em parte da esquerda a questão da continuidade e ruptura. Parte das pessoas sublinha como a redemocratização de 1988 não redundou em interrupção ou remoção do aparato de repressão, quando muito canalizou sua ação de maneira um pouco diferente. Outros atentam para a ruptura do pacto da Nova República e as novas formas iminentes e atuais de arbítrio. Temer quer imunidade total e vai fazer qualquer coisa por isso, inclusive melar as eleições. Ninguém garante hoje que as teremos. Está super claro que a esquerda não pode participar com chance, se não, haverá golpe mesmo.

L acredita que Lula não vai ser preso, dada a ação de Sepúlveda Pertence em defesa do ex-presidente e movimentações atuais do STF. L contou que conhecidos seus de Heliópolis relatam um surto de domínio do PCC. Vários pactos em vários lugares estão sendo quebrado e refeitos, desde o tráfico até as elites. Não há projeto de Brasil de ninguém, as elites parece que não tem força de impedir a absorção pelo poder chinês. Parece cada um por si e todos agem como se não houvesse amanhã.

A candidatura de Boulos está ainda sem definição, mas gente no PSOL se ressentem de ser de fora [*seu ingresso no partido e decorrente candidatura não foi consenso na agremiação e criou desconforto*].

Vi hoje excelente cartum da Laerte: “Aperfeiçoando as instituições”. Sob este título, ele ilustra o “Mandado de busca e apreensão coletivos, a condução coercitiva em massa, o campo de concentração cautelar e a vala comum premiada”.

Hoje a Tropa de Choque, a mando da Prefeitura de São Paulo, despejou sem ordem judicial, as famílias da Ocupação dos Queixadas, localizada na divisa de Cajamar e Perus.

Lula lançou sua candidatura mas não saiu nada no PIG.

## **22 de fevereiro**

Li hoje comentários que questionam a faixa “STF Se o Lula for preso o morro vai descer”, que apareceu no Rio durante o carnaval. De fato ela foi muito estranha, mas

ganhou repercussão na mídia progressista que não foi investigar quem a colocou, que pode ter sido até a direita. A esta altura, fica claro que o morro NÃO vai descer se Lula for preso.

Hoje teve evento do PT na Casa de Portugal, com Lula. Não fui.

### **23 de fevereiro**

Parece que haverá paralisação dos juízes federais contra o fim do auxílio-moradia e outros penduricalhos no dia 15 de março. O STF vai julgar sobre o benefício no dia 22 de março.

### **26 de fevereiro**

Repercute o caso Paulo Preto, cujas contas ocultas na Suíça foram tornadas públicas. Ele era o operador do esquema das empresas em São Paulo para o PSDB. Talvez por isso, a casa de Jacques Wagner do PT foi invadida pela PF.







ZUP

# MARELLE FRANKO

2018



### 3 de março

Eram quase 18h quando cheguei à Casa das Caldeiras para a Conferência Cidadã, como ficou intitulado o lançamento da pré-candidatura de Boulos e Sonia Guajajara para a presidência.

Desci do ônibus da avenida Matarazzo e passei pelo portão. Já tinha muita gente lá fora, a maioria formada em duas filas enormes. Dei um giro pelo local e senti o clima. Logo vi B, G e A, que, safas, estavam na fila que ia andar primeiro. Engordei a fila lateralmente e juntei-me a elas. Perguntei do processo que levou à escolha de Boulos em detrimento de um nome do partido, e A me disse que o presente processo (conferência mas não prévias) fora acertado internamente. As objeções à candidatura de Boulos dentro do PSOL são muitas mas pelo jeito minoritárias. Por um lado sua filiação e candidatura são manobras políticas que alijaram os fundadores do PSOL; por outro lado trouxe o que mais faltava ao partido que é o movimento popular. A aliança Sem-Teto e Indígenas é das mais alvissareiras, algo que o PT no momento não consegue realizar. Uma nova fase começa no PSOL, talvez uma que faça uma enorme diferença para a esquerda. Ainda que sua candidatura não deva ser vencedora, acho que talvez ele seja o adversário real de Bolsonaro: o *outsider* radical que só fala a verdade que ninguém tem coragem de enunciar, o quebra-tudo que não vai temporizar e atrair o voto jovem de protesto que até agora o Bolsonaro consegue atrair. Avalio que obter 10% dos votos já qualifica o PSOL a pleitear, junto a Ciro, por exemplo, o ministério da Habitação ou alguma forte inflexão do possível governo do cearense à esquerda (vai ser preciso alguém fazer isso).

Avaliei que havia umas 2 a 3 mil pessoas esperando para entrar, e que era um bom número para o evento. Vi uma bandeira do PSOL, outra do Raiz, muitas camisetas e alguma faixa que acusavam a presença de vários outros grupos: AFRONTE, EDUCAFRO, MAIS, LSR, MTST, UJC... Vi muitos grupos de Sem-teto e de indígenas. A base estava presente. Vi mais de uma pessoa que vendia o jornal “Ofensiva Socialista”.

A fila andou e passamos ao lado de um telão lá fora, mas descemos um escada e entramos no prédio principal. Logo lá embaixo, os Acadêmicos do Baixo Augusta tocavam um animado batuque, e uma banca vendia camisetas. Anotei os retratos de Frida Khalo, Mafalda, Mujica, Angela Davis, Che, além de mensagens como “É proibido proibir” e “Lutar Sempre, Temer Jamais”.

O local do palco era pequeno e os poucos assentos já tomados. Buscamos um lugar e me descolei das meninas. Achei M, B e J, com quem conversei. M e B, do movimento indígena, avalizavam a candidatura de Guajajara, dando-lhe legitimidade. Avaliam que o momento é de construir a longo prazo, já que não haverá espaço para pautas de esquerda, com nenhum candidato viável de nosso campo. B disse que acha que Lula já negocia com o poder, e que isso explica uma mudança no tom de suas declarações públicas.

O assento que achei era atrás da coluna e eu não via o palco. O som estava meio ruim naquele ponto, um pouco baixo. Não ouvi distintamente o que se falava, mas conseguia mais ou menos ver o que se passava na tela instalada perto – isto é, tanto quanto possível entrever a imagem por entre mil corpos que paravam no corredor.

O companheiro E viu o *streaming* e disse que achou muito profissional e que foi lindo .

Vi dali sentado o Caetano cantar Qualquer Coisa, logo no começo (19h), e também o controverso vídeo de Lula abençoando Boulos, o que zangou uma parte do PSOL que teme a ptização do partido, agora aberto a lulismos vistos na pessoas de Boulos. Mas eu achei simpático. Muitos veem o Boulos, para o bem e para o mal, como um jovem Lula hoje. Mas outros na esquerda preferiam que fosse uma mulher candidata, e o Boulos vice, o que daria maior tensão.

Mas fiquei muito feliz de ouvir de vários oradores e faladores pautarem um programa anticapitalista e libertário (Henrique Vieira, Laerte, Jupiara Castro, Jean Wyllis, Boaventura Santos, Tarso Genro, Wagner Moura, Freixo, Laura Carvalho, Raquel Rolnik, Nabil Bonduki, Ivan Valente, Frei Betto, Gregório Duvivier, ativistas do movimento negro, feminista, indígena, popular, jovens) uma plataforma de esquerda para frente, não defensiva, de proposição e futuro. Achei potente.

(Será interessante saber quem dos citados, daqui a 20 ou 30 anos, ainda serão relevantes para a construção da memória destes tempos ardentes que vivemos agora).

Coisas como taxar a riqueza, falar do Estado de sítio, proclamar claramente contra a intervenção no Rio, falar do controle social do judiciário, do genocídio da gente preta...Tudo isso foi enunciado claramente, o que foi bom de ouvir.

Ana Júlia falou, e Erundina, a seu turno, foi ovacionada (não falou).

Falou Sonia Guajajara, a vice, depois de cantoria e chocalhos dos povos originais

animarem o palanque e a galera. Logo depois cantou Caetano, “Um Índio”. Sonia colocou um cocar na cabeça dele, e Boulos uma bandeira do MTST sobre seus ombros. O cantor parecia assim um menestrel tropical da Ópera de Manaus, um cafuso cantador no turbilhão das forças tormentosas do Brasil, um Caruso alugado e paramentado, carnavalesco rei das rimas nos prédios e nas matas ameríndias. Foram lidas duas cartas alternadamente, uma de famílias Sem-Teto e outra das famílias indígenas.

Afinal falou o Boulos, voz potente mas algo menos estridente do que quando perora ao ar livre. A meu ver, tinha consciência da situação em que ganhou a candidatura no partido, e celebrou a bancada do PSOL, “a mais combativa do país”, ao mesmo tempo que dizia que “não vai parar no Lula, vai pegar a todos nós”. Falou contra a melancolia e sobre a nova aliança que vai renovar a esquerda: movimento popular, jovens, Sem-Teto, indígenas e trabalhadores urbanos.

O povo respondia com “Brasil, pra frente, Boulos presidente!” e “Pisa ligeiro, pisa ligeiro, QNPCAFNAOF!”, e muita chamada “Aqui, está, o povo sem medo, sem medo de lutar!”.

Anotei uma bandeiras da UJS, Frente Povo Sem Medo, uma colorida LGBT. Vi uma camisa do Juventus, outra do Black Panther Party

Uma moça veio me perguntar “Você está feliz, moço?”. Na hora me veio com um trovão que eu estava de cenho franzido e algo angustiado o tempo todo. Aquela moça viu e me deu o toque. Preciso abraçar mais o mundo, estou de fora torcendo a mão de ansiedade...

Decidi sair fora, enquanto Caetano e Gadu cantavam “Podres Poderes” no pequeno palco enquanto uns 5 indígenas faziam pajelança no meio da audiência... Olhei lá fora do edifício e calculei que umas 4 mil pessoas no total geral estavam no evento. Apesar de não gostar muito da Casa das Caldeiras, uma pústula gentrificadora no meio da especulação, achei legal ter vindo. Soube depois que repercutiu bem na rede o evento. Menos mal.

Saí na avenida Matarazzo e tomei um ônibus e fui opara casa.

## **7 de março – Rolezinho contra os cortes nos ônibus – MPL**

Eram 17:30h quando cheguei ao Municipal a partir da estação Sé para o ato do MPL.

Tinha chovido muito durante a tarde e ainda caía alguma água do céu.

Cheguei ao local e vi muita polícia em volta, 7 motos, 4 viaturas e 20 PMs no Shopping Light, mais 12 motos e 9 viaturas e uma dúzia de policiais em frente ao Teatro. Passou um contingente da Cavalaria, mas me disseram que era uma patrulha normal.

Os cortes de ônibus são radicais e dificultam a movimentação pela cidade. Dentre as muitas linhas a ser canceladas, está o Lapa 856R, que, como outras linhas, permitem o corte transversal de um sistema excessivamente organizado como uma aranha – todas as linhas saem do centro em direção à periferia e é difícil andar “à moda do caranguejo” entre bairros.

Os manifestantes, muito poucos: uns 15 jovens apenas no local. Às 17:45h abrem a faixa de frente, grandona: “Não corta o meu busão”. Uma valente militante panfleta os passantes, e sua personalidade aberta arranca reações dos transeuntes.

Uma sem-teto, sentada no chão da esquina, agachada embaixo da vitrine das Casas Bahia, gritava muito sem esperança.

Um trio de PMs foi negociar com o ato e ouvi “sem bastão e sem mascarado” da boca do coronel. Havia muitos fotógrafos em volta, incluindo R.

Vi as camisetas “Refugiados bem-vindos”, “Pixinguinha – Choro Nacional”, MPL, e outra ainda que era vestida pelo cinegrafista da equipe do SBT presente: “Rebel”.

Colou um sem-teto, negro, de mochila nas costas. Falou um monte contra os partidos, o que caiu bem com a meninada. Chegou E e seguimos juntos.

Éramos agora umas 35 pessoas e a sem-teto das Casas Bahia agora assediava um PM. Lembrei de quando pequeno eu queria ser carteiro: ficar o dia todo na rua e saber os endereços da cidade. Achava o máximo. O trabalho do policial poderia ser igual nesse sentido [*estar na cidade o dia todo, interagir com o povo etc*], mas em cima do deslocamento tem coisas escrotas.

Às 18:30h o ato se posicionou na esquina da Xavier para sair. Tudo acabou demorando um pouco, e CET e PM negociando com o MPL. Ali, muita palavra de ordem: “Doria, cuzão, vai tirar o meu busão!”, “Vem, vem, vem pra rua vem, contra os cortes!”, “Mãos para o alto, 4 conto é um assalto!”, “Chega de polícia, e de político babaca, a gente está lutando por uma vida sem catraca!”, “Que contradição, tem grana pra polícia mas não tem pra educação!”, “Deixa passara, a revolta popular!”.

Uma moça gritava para os policiais que no cercavam: “Ajuda nós, policial! Você também toma ônibus!”.

Afinal ganhamos o viaduto do Chá, e paramos um tanto em frente à prefeitura. Era notável que desta vez realmente tinha mais polícia que manifestantes. Éramos cercados por 20 motos pela frente e pelos lados; 8 viaturas atrás; mais duas colunas de dez pelos lados.

Esse arranjo era desconfortável para todos: o gás carbônico nos oprimia, e a passagem pela rua Direita foi desafiadora para as motos, com muitos carroceiros recolhendo embalagens e transeuntes no caminho. O som na rua Direita ficou amplificado e deu um gás para a meninada.

Em uma parada da passeata nesta rua, uma melodia super techno, vindo de uma loja, inundava a manifestação, e as luzes amalucadas das motos e viaturas, girando afoitas na noite escura, nos iluminavam em improvável *rave* improvisada no coração da cidade. Durou um certo tempo e eu curti o evento raro.

Seguimos até a praça da Sé às 19:15h e dobramos à esquerda para o Pátio do Colégio e a rua Boa Vista. O povo cantava “Se o busão ele cortar, o pau vai quebrar!”, e “Trabalhador, presta atenção, o João Doria vai cortar o seu busão!”.

É sempre maluco ver uma passeata mais radical passar na presença de muitos sem-teto. O potencial é explosivo, mas na real houve pouca interação.

Paramos na rua Boa Vista, em frente a SPTRANS e fizemos um jogral. Fiquei sabendo que são 250 linhas que vão ser cortadas.

Na frente do Girondino: “Ei, burguês, a culpa é de vocês!”.

Depois disso, a passeata acabou no largo de São Bento, e fizeram uma roda de discussão. A presença policial diminuiu (o metrô estava fechado parcialmente) e o clima relaxou.

Admirei a valentia da meninada, mas o alcance do MPL está muito baixo. As tensões do transporte continuam, mas a relevância do movimento precisa ser avaliada. Algumas pessoas formulam que “o MPL murchou, mas o MBL bombou”...

Encontrei J e fui para casa.



## **8 de março – Marcha Mundial das Mulheres**

Cheguei na praça Oswaldo Cruz, no fim da Paulista às 16:30h para a Marcha Mundial das Mulheres. A praça estava meio cheia e foi difícil contar quantas pessoas havia. Estava claro que a maioria esmagadora era de mulheres. No geral, naquele momento, tudo tinha uma cara bem Frente Brasil Popular: a MMM (Marcha Mundial de Mulheres), a CUT com bandeiras e camisetas roxas, CTB e algum PT... Há um outro contingente feminista que não é ligado ao PT ou à FBPopular, e que se ressentia das pautas partidárias que veem a MMM importar às manifestações. Já houve racha na Paulista em anos anteriores, com um grupo saindo para um lado e outro na direção oposta. Ao final vi mais tarde que um contingente grande chegou depois, com bandeiras e faixas autonomistas e de partidos não petistas (PSTU, coletivos anarco-feministas etc.).

De manhã, no Rio, mulheres do MST ocuparam o parque gráfico da Globo, e em São Paulo mulheres ocuparam fábricas do grupo Riachuelo. Teve outras ações pelo país, incluindo marchas em todos os estados brasileiros. Na Espanha, houve adesão massiva à Greve Feminista, com enormes marchas e boicotes em várias cidades.

No geral, mesmo no campo FBPopular, achei que as faixas e cartazes estavam feitos principalmente à mão, o que frequentemente denota protagonismo da base que não é seguradora de bandeira impressa. Ao longo da manifestação, vi muitas faixas de pano estampado, o que dava uma delicadeza e beleza às mensagens escritas, um frescor da severidade da tipografia digital das faixas de plástico. Da mesma forma, muitos estandartes, à moda de Olinda ou do bloco de carnaval, faziam humanizar os grupos: “Espaço Cultural Marighella” (que se fazia acompanhar de uma bateria), “LSR Nossas vidas importam”, “Mulheres Trabalhadoras pelo Poder Popular, Nenhum Direito a Menos”, “Pompéia Sem Medo”, “UJS Feminista”, MDM (moradia), “Afronte – Mulheres sem medo”, “Articulação de Mulheres Brasileiras”, “Feminismo Liberta – CIM Centro de Informação da Mulher”, “Amorim Lima Escola de Luta”, “Ocupação Tereza de Benguela – MTST”, “Batucada 13 – Juventude Petista”. Algumas faixas eram assim também de pano, algumas com letras costuradas.

O carro de som iniciou a transmissão e teve uma fala bem interessante, contrastando expressões comuns da língua portuguesa e suas definições: “aventureiro – desbravador, descobridor; aventureira – puta; homem público – homem de destaque na sociedade; mulher pública – puta; cachorro – o melhor amigo do homem; cadela –

puta; puto – homem bravo; puta – puta” e assim por diante.

Encontrei V, com quem conversei um pouco sobre a situação atual. Ele lembrou que, apesar da provável prisão de Lula, a situação é diferente de 2016, quando então corríamos muito mais perigo e a prisão dele teria sido o sinal para a repressão geral. Nesse sentido vencemos, vencemos uma direita organizada e militante, o PT não foi destruído e a esquerda não sumiu das ruas. A prisão de Lula hoje vai detonar outros processos mais imprevisíveis que em 2016. Falamos sobre a necessidade aqui de uma organização como a do [movimento] Momentum, de apoio ao líder de esquerda do Partido Trabalhista J Corbyn, que conseguiu superar a máquina partidária engessada e tomar o partido. Conversamos sobre o PSOL e de como este não cresceu com o decréscimo do PT, e que acaba de ser transformado com o ingresso de Boulos e do MTST. V acredita que é necessário organizar um grande encontro de apoio a Lula, internacional, trazendo Corbyn, Melanchon, Mujica e muitos outros, dando uma panorâmica de como a esquerda em outros países conseguiu avanços significativos.

Nos separamos e fui para a frente do ato. Parece que rolava certa rivalidade em quem ia encabeçar o ato. A faixa de abertura do ato sempre aparece mais na imprensa e dá o tom da movida. Os grupos não petistas/MMM tinham tomado a frente e por isso houve certa faísca no rearranjo de forças no asfalto. Eram 17:30h.

Dei um giro e anotei bandeiras: MRT, muitas roxas da CUT, SINTRAJUD, #MAIS, PSOL, MMM, CSP Conlutas, CTB, FAÍSCA, Pão e Rosas, PCB, P:CdoB, UBM (União Brasileira de Mulheres), Balaio, SINASEFE-SP, Socialismo ou Barbárie, Coletivo LGBT Comunista, Movimento de Mulheres Olga Benário, Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro, Emancipa (educação popular), UP Unidade Popular pelo Socialismo, UMPS União dos Movimentos populares de Saúde, Frente Brasil Popular, MST, PT, UNE, PCO, MUHAB (moradia) e uma da “Marcha das Mulheres Negras 2015”.

Afinal saímos em passeata lá pelas 18h. O carro de som ia na frente de tudo, com um som muito estridente e falas muito gritadas. Fiquei mais atrás. O carro era meio pequeno e não atrapalhava demais quem ficava mais distante. Era do Sindicato dos Radialistas de São Paulo, e cortou a manifestação até toma a frente do ato. A fotógrafa A comentou que as passeatas e manifestações da esquerda precisam mudar o uso do som. O carro de som privilegia a fala individual e oficial, por isso é a favorita de dirigentes. O bom é que ele alcança muito longe, mas esmaga a militância que está perto. Assim, dava para ouvir longe na Paulista os temas da marcha, o que nem

sempre é o caso em manifestações autonomistas. Mas tudo o que está perto perde a diversidade e fica só de ouvinte do oficial.

O legal é quando tem gente fantasiada e que faz seu próprio cartaz: uma vampira cutista se destacava na massa, de roxo e rosto branco. Outro maluco, bancário, veio de cartola e capa. Um boneco do Bolsonaro foi feito pelo JUNTAS!, carregando um cartaz que trazia: “Cunha já foi! Bolsonaro sua hora vai chegar!”

Dentre os cartazes: “Seu pau não é o centro do universo”, “Tu misoginia me seca la vagina”, “Sou livre, sou louca, sou luta, sou minha”, “Contra a direita, independente do PT”, “Tira teu terço de meu útero”, “Mulheres sem medo de lutar”, “MASP Trabalhadores da Cultura”, “Das ruas não sairemos”, “Luta e substantivo feminino”, “Não queremos flores, queremos respeito”, “O racismo aprisiona. Feministas contra a militarização”, “Basta de feminicídio” e “MMM contra o trabalho precarizado e terceirizado”. Chamou-me a atenção um grupo de Mulheres Católicas pelo Direito de Escolher, com os cartazes: “Até Maria foi consultada para ser mãe de deus” e “Católicas em defesa do Estado Laico”.

Era notável não apenas o número de pessoas na rua, mais do que a esquerda institucional tem conseguido mobilizar, mas a diversidade de grupos e seu alcance geográfico: havia mulheres do ABC, da Zona Leste, Zona Oeste, Itaquacetuba etc. E cada grupo com sua faixa:

“Artesãs em defesa da previdência – AMESOL”, “Capoeiristas pelo fim da violência contra as mulheres”, “Unidade de Oposição APEOESP Osasco. Professor@s em luta contra o machismo e a violência. Nenhum direito a menos”, “Trabalhadoras do Judiciário Federal pelos direitos das mulheres”, “Pão e Rosas: Paralisação internacional de mulheres por um plano emergencial contra a violência. Aborto legal, seguro e gratuito”, bancários “Todas em defesa da igualdade dos direitos e da democracia. Autonomia, democracia, igualdade e direitos”. “MMM Diretas Já – FBP”, “Mulheres #ocupaopoder contra o machismo”, “Mulheres sem medo de lutar”, “Abaixo a intervenção militar do RJ, guerra às drogas e o encarceramento de mulheres. Contra os ataques de Temer às trabalhadoras. Frente Feminista de Esquerda”,

A mulherada seguia animada, especialmente ao redor dos batuques. Ouvi as palavras de ordem “Ô Temer, eu não me engano, o seu nariz é de tucano”, “eu beijo homem, beijo mulher, a boca é minha e eu beijo quem eu quiser!”, “Capitalismo, não quero não, sou feminista pra fazer revolução”, “Ó abre alas que eu quero passar, eu sou da luta e

quero passar” e alguns chamados contra Doria.

Fiquei para que o fim da marcha chegasse até mim e vi o cordão dos capoeiristas fechando a passeata, com seus 10 berimbaus. Sons de outros batuques e palavras de ordem se misturavam à percussão dos berimbaus, e as luzes das 3 viaturas e oito motos da PM atrás davam um ar muito surreal à cena.

Vi depois uma mulher com um megafone e um cartaz “Fora misoginia, volta Dilma”. Era uma solitária dilmista que arengava as manifestantes. Depois vi um grupo delas em frente a Justiça Federal. “Apenas 5 votos revertem o golpe”. Já anotei aqui como acho essa pauta minoritária e equivocada. Mas as dilmistas (ali todas mulheres) são aguerridas e querem a volta da presidenta e anulação do impeachment, tal como anotado no cartaz: “Só a volta de Dilma recupera a democracia”

Cruzamos a Brigadeiro e estimei pelo menos 4 mil pessoas, talvez mais. No final achei que umas 10 mil manifestantes estiveram na Paulista. Cinco mulheres vestidas de cangaceiras portavam garruchas e rifles cenográficos: eram do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculo e Diversão do Estado de São Paulo. Faziam bela figura.

Encontrei P, que cumprimentei, e depois J e J. Vi o fotógrafo R.

Às 19h chegamos à FIESP, onde o povo parou e cantou muitas palavras de ordem: “Ei, FIESP, vai tomar no cu!”, “Golpistas, machistas, não passarão!”, “Nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!”, “Mulher contra o capital, mulher contra o machismo, mulher contra o capitalismo neoliberal”, “Estou na trincheira, vim pra lutar, o ABC veio aqui representar” e “Temer, capacho, escuta o que eu falo, a mulher está na rua e não vão pagar o pato!”. No telão da Federação, jovens concentrados e sérios em salas de aula e arenas de esporte.

Uns 15 PMs guardavam o portão fechado. No geral da avenida, o impacto era bom: muitos transeuntes e gente nas lojas. Achei que a presença era bem colocada, todo mundo sabia que eram as mulheres. Não havendo carro de som super dominante, as faixas e bandeiras faziam a comunicação principal, já que nem toda a palavra de ordem é super clara. Em atos autonomistas, já notei que essa comunicação com o entorno é fraca, ausentes as bandeiras e carro de som (que por sua vez afasta o ouvinte pela estridência do discurso) e o frequente cercamento da PM.

Seguimos e a chuva intermitente não abafava a animação. Vi as camisetas “No place for homophobia, fascism, sexism, racism, hate”, “Conspiração socialista”, “Mulheres

sem medo de lutar”, “Lute como uma garota”. Apareciam em inúmeras plataformas os rostos de Mafalda, Rosa Luxemburgo, Angela Davis, Frida Khalo.

Fechei o registro das faixas: “A vida das mulheres importa, intervenção é farsa. Direitos ficam, Temer sai. #PSOL”, “JUNTAS! Mulheres contra os poderosos de todo o mundo. #nemumaa menos #nenhumdireitoa menos”, “Secretaria de Mulheres do SINTUSP. Por uma mobilização dos trabalhadores, independente do PT para combater a direita. Abaixo as reformas! Fora as tropas do RJ. Nem uma a menos. Contra a PEC 181. Aborto legal já”, “Coletivo Feminista da ECA-USP”, “Basta de violência contra os que vivem com HIV/AIDS. AHF”, “Em defesa da democracia CUT”, “Pela revogação da reforma trabalhista”, “Justiça para Jenni”, “Eu me importo. Liliane Costa”, “Mulheres de Ubatuba contra a violência em defesa da aposentadoria. Fora Temer! Volta democracia”, “Obstetriz, parteira e parceira da mulher”, “Frente de Mulheres do ABC”, “8M Greve de Mulheres nas ruas contra as reformas e a violência machista! CST-PSOL”, “CA XI de Agosto pelas Mulheres” e “Secretaria Municipal de Mulheres do PT”.

Notei alguns grupos de apoio a Lula, como o “Comitê Mooca por Lula” e “Mulheres em defesa dos direitos e da Democracia. Eleição sem Lula é fraude. Comitê de defesa da democracia. Av. Paulista, Quarteirão da Saúde”.

Notei também que a fila para entrar na estação Brigadeiro do metrô chegava até a avenida. Achei curioso como a estrutura da entrada, de cimento e vidro, formava um redoma que abrigava os usuários. Pensei nas redes e nas bolhas.

Vi um grupo de 6 mulheres que tocavam flautas de pan, música andina, vestidas à caráter. Uma faixa informava “Mulheres imigrantes. Equipe de Base Warmis. Convergência das Culturas”. Moças de tochas sopravam enormes labaredas no asfalto e foram muito aplaudidas. J contou que elas acabaram por interagir com as cangaceiras na rua, depois de certa competição inicial.

Eram 19h e o carro de som ficava impedindo a marcha para irradiar falas de lideranças, o que era meio chato. Mas falou Leci Brandão, que falou bem, e depois uma liderança indígena. Acabamos por caminhar até o MASP, onde já havia um ato da APEOESP, com seus balões (e da CUT, CNTE e um pixuleco flutuante de Alckmin). As manifestações se juntaram e caminhamos todos até a Secretaria da Presidência da República, na esquina com a rua Augusta.

Foi legal, mas também foi o triunfo das pautas partidárias. Mas a marcha não rachou e



todos acorreram à esquina com a Augusta, e o local se encheu de muitos ruídos, de festa e de vozes. O carro continuou pequeno e não atrapalhou muito mais. Mas a comunicação dos sindicatos e partidos precisa mudar muito rapidamente.

Olhei de cima de uma peça de mobiliário urbano e vi que estava bem cheio, mais de 10 mil provavelmente. Eram quase 20h quando fui sair fora, e vi um cartaz “Contra a globalização do silicone, globalizemos a rebeldia feminista”.

Saí e fui achar um boteco para escrever.

## **12 de março**

Está ficando claro que a estratégia é isolar Lula na prisão e não permitir sua participação no processo, mantendo-o preso por todo o período eleitoral. Além disso o ministro Fux e outras agências do estado estão preparando ações contra o *fake news*. Isso pode significar que blogs de esquerda sejam perseguidos. Nesse contexto foi publicada a pesquisa de Pablo Ortellado e outros [*sobre a disseminação das notícias falsas*]. O 247 polemiza de maneira escrota mas o Rovai é mais cuidadoso e aponta algumas questões. A maior dela é que a pesquisa parece ter separada a imprensa em isenta e fake news. Do lado fake ficaram juntos o Nassif e o 247, e do lado isento Estadão e Folha (não sei da Veja). A greve dos juizes contra o fim do auxílio-moradia parece que ocorreu, mas sem repercussão muito grande. A hipocrisia é gritante, já que afirmam que querer o fim do auxílio é perseguir quem combate a corrupção.

14 de março

Hoje a vereadora carioca do PSOL Marielle Franco foi executada dentro de um carro com seu motorista Anderson. [*Sinais claros de execução. Ela investigava a ação da PM nos morros e defendia também todas as vítimas da violência, incluindo as mães e viúvas de policiais mortos. Seu assassinato envia um macabro sinal à militância. Uma onda de fake news logo após inundou a rede: ela foi esposa de traficante etc.*]

## **15 de março – Professores Municipais e Marielle Franco**

Saí da estação Sé do metrô às 13:30h para ir à Câmara Municipal de São Paulo para o ato dos professores contra a previdência de Doria. Depois, seguiria ao ato em homenagem a Marielle Franco, executada no Rio ontem, no MASP, 17h.

Já na estação Sé deu para ver muitas mulheres em grupos, com camisetas ou bandeiras de associações. Clima mais de festa. Andei pela Maria Paula fechada e já de

longe vi os balões das centrais e sindicatos. O carro de som estava à toda. Vi no caminho uns 8 moças e moços que vestiam aventais brancos e o corpo sujo de tinta vermelha, envolvidos por correntes. Uma moça levava uma lousa onde se lia “Eu uso livro você usa arma”. Outro trazia uma rosa.

Ontem, durante a sessão dos vereadores, o povo ocupou partes do prédio e do plenário, onde houve golpes de cassetetes e correu sangue. A PM também reprimiu. Repercutiu bastante nas redes. Então tinha muita eletricidade no ar. Achei que havia pouca polícia em volta, mas fui alertado depois que o choque estava do lado. Além disso, os portões da Câmara foram soldados para impedir acesso.

Uma certa nuvem negra me dominava, estava solitário e queria ver gente conhecida na rua. Foi bom sair e não ficar em casa surfando as redes. A morte de Marielle calou fundo e a vulnerabilidade de toda a resistência ficou evidente.

Enquanto esperava encontrar E, dei um giro pela manifestação. De fato o carro de som dominava o centro, mas a concentração estava grande o suficiente para evitar o pior dos gritos. A grande maioria era de mulheres, diria que de 25-40 anos. Apesar dos balões e 2 carros de som indicarem a forte presença sindical, vi muitos cartazes e faixas feitas à mão, inclusive com nomes de escolas. Até um boneco-morcego tinha, em cima de um pau com os dizeres “Constituição? Justiça para quem?”

Os balões no local: APROFEM, FETAM, SINPEEM, SEDIN.

Encontrei M conversamos sobre a situação atual. Comentamos como havia um certo ar de catarse no ar, as pessoas querendo estar juntas, mas que permanece a questão de como transformar ganhos de mobilização em ganhos de organização. Ele anotou como uma dinâmica de redes que são os picos, os surtos de interesse, seguidos de esquecimento e desvio de atenção pela próxima atrocidade. Assim, apesar da intensa atividade na rede e repercussões da repressão aos professores e a execução de Marielle, era melhor esperar um pouco antes de avaliar se a bolha tinha sido furada ou se houve um ponto de inflexão e transbordamento. É preciso escalar a resistência, mas para isso precisa de massa crítica. Revidar dentro da lei é um dilema da esquerda institucional, enquanto os insurrecionais estão mais prontos a apostar na ruptura, que, para eles, já ocorreu e que é evidente que o abrigo da lei não vai proteger ninguém.

Chegou E e ele me deu uma atualização das notícias da rede e confirmação do ato no MASP. Parece que a coisa foi meio espontânea, talvez a partir de um chamado do

PSOL. Ele me informou que lá na Câmara só havia uma sessão fechada, sem votação. Ele disse também que o metrô estava repleto de manifestantes, e que a estação Anhangabaú estava praticamente fechada de tanta gente.

O calor era intenso e achei que o comparecimento era bom, mas que havia uma certa contradição. A energia geral era boa, as falas eram combativas - mas não de enfrentamento. Muita indignação, muito discurso contra a ação da polícia ontem, mas todos sabíamos que no fundo não representávamos qualquer ameaça. Excetuada a situação de gerar imagens na TV e nas redes, de gerar conversa entre professores de várias unidades diferentes, ou talvez perfurar com o som do carro as paredes do plenário, o fato era que estávamos todos de pé e de braços cruzados. Parecia que o momento pedia mais, mas que aquele formato de mobilização não dava conta (li depois que o prefeito retirou o plano de previdência em questão, o que contradiz o que acabei de escrever). A resistência precisa escalar, mas não está claro ainda exatamente como. Um moço autonomista colocava a questão desse jeito, dizendo que se não tiver revide agora não haverá limite para a repressão.

Mesmo assim dei um giro e anotei as bandeiras que vi: CUT, SINDSESP, EMANCIPA educação popular, umas 3 vermelhas e negras indicando a presença de autonomistas, UJS, PSTU-CSP Mulheres em Luta, CSP-Conlutas, Movimento Nacional Quilombo Raça e Classe, Faísca, Pão e Rosas, Movimento Socialista Alternativo, Marcha Mundial das Mulheres.

Alguém escreveu à giz no chão: “Professores em luta. Hoje a aula é de cidadania e o asfalto é a lousa!” e “Sem luta não há vitória”.

Vi uma equipe de cinegrafistas da PM registrando o evento. Anotei as faixas presas às grades: “Estamos em greve”, “Abaixo a reforma da previdência”, “Arquitetos da PMSP em greve”, “Auditoria na Previdência”, “Educadores sem medo de lutar. Abaixo o SAMPAPREV #MAIS PSOL”. No geral eram das entidades presentes com mensagens da pauta. Ainda: “Doria para, por amor a SP”!, “E quando, sem condições, ninguém quiser ser professor?” e “Meninos mimados não devem reger a nação”.

Era difícil avaliar o número de manifestantes, mas era grande. Perguntei ao moço do drone o quanto ele achava que tinha, mas ele disse apenas 5 mil. Achei que eram uns 15, talvez tenha chegado a 20 mil. Eram 15h e havia muita gente chegando.

Vimos D do MPL e H das antigas. Encontramos G dos ciclistas e conversamos

bastante. Ele tem contato com jovens em seu trabalho e contou um pouco do cenário nas quebradas. Também estava preocupado e emocionado com os acontecimentos. Relatou um pouco do estado atual do movimento ciclista. Falamos também dos dilemas legalistas e insurrecionais da esquerda, dos limites da forma coletivos. O companheiro E relatou como muitos secundaristas estão em depressão depois das ocupações, pois eles moveram o mundo mas não depois tiveram que voltar à mesma sala de aula, sem mudança. Disse ele que também os militantes do MPL foram forte e emocionalmente impactados pela onda de 2013. Ele também nos lembrou que o estudante Edson Luiz foi morto pela ditadura em 1968, quase exatos 50 anos atrás neste dia 15 de março.

Os cartazes traziam as mensagens mais interessantes e orgânicas: “19% que tiro foi esse?”, “Ô prefeito, pode atirar, educador está na rua pra lutar”, “Que saúde é essa? Olha a bomba!”, “Em professor não se bate nem com uma flor”, “Marielle Franco Presente” com dois corações com lágrimas de glitter. Um outro trazia uma fusão de rostos de Doria e Temer, com os dizeres “Eles querem acabar com sua aposentadoria”. Já um carro trazia “Foi deus que me deu”.

Algumas, mas não muitas, palavras de ordem forma entoadas. Aprendi uma nova cadência para o “Fora Doria” e fiquei feliz de ver que gritos de secundaristas tinham sido apropriados pelos professores: “Não tem arrego!”. Os secundaristas presentes cantaram: “O professor é meu amigo, mexeu com ele mexeu comigo”. Além disso, toda a multidão gritou “Fora Holiday!” e “Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM!”.

O pai de secundarista que conhecemos em outra manifestação estava lá e o cumprimentamos. Chegou H e conversamos. Ele tem um termo analítico para a situação atual: narco-estado militarizado. A nossa situação é grave e certos arranjos tenebrosos estão a se alinhar. Ele avaliou que existe uma força feminina mais de prontidão, um nervo sensível que está pulsando desde o 13 de março, agravado pela repressão de ontem e a execução no Rio. Ele também contou que crê que a educação pública pode estar experimentando uma nova fase de mobilização graças à crise econômica que fez com que muitas famílias de classe média colocassem seus filhos na escola pública.

O E se encantou com uma moça de uns 18 anos que lia O Capital ali na rua, cercada de seus colegas do Movimento Socialista Alternativo, e fez H fotografá-los.

Vi as camisetas do Juventus, Corinthians, do PSOL, da Rosa Luxemburgo, da

Conspiração Socialista, “Feminism is about everyone”, “Educar, a nossa maior rebeldia”, “Gentileza Gera Gentileza”, e “Segurança da Princesa”.

Eram 17:30h e decidimos subir para o MASP. Os professores tinham tirado sair em passeata até lá também, mas não quisemos esperar. Buscamos eu, G, E, e H um ônibus na Augusta. Paramos num boteco onde vimos o Datena dar cobertura – não hostil – às manifestações do Rio e São Paulo.

Seguimos a pé.

Ato por Marielle Franco no MASP:

Chegamos E, H e G da Augusta pelas 18h e deu para ver que já estava bem cheio. O vão tomado, e também uma via da avenida. Era bem diferente da manifestação dos professores. Obviamente nenhum sindicato com carro de som e balão, mas o tom era mais circunspecto e emocionado. Parecia ser também mais de classe média, mas a presença da gente preta era notável, e a maioria era de mulheres. Achei que tinha muita gente mesmo que não é militante e arrisquei uma aproximação com 2013, o que foi depois ecoado por alguns amigos. Havia uma sensação de transbordamento, uma vontade de estar junto, algum negócio que era grande e não tinha forma ainda. Depois, a passeata saiu orgânica sem anfitrião puxando.

Logo fui ver uma roda no centro do vão do MASP, onde um microfone expandia muitas falas se sucediam. Muita indignação, revolta e comoção. Vi umas moças negras de tambores mais de lado, e a companheira J relatou depois que era do Ilú e que o som e seus corpos foram emocionantes. Havia muito poder naquele círculo, um vulcão de um magma que emergia aos pulsos e borbotões, numa espécie de reiteração mágica de feroz enunciação. Lembrei de assembleias de guerreiros antes da batalha, ou de performances feministas que já vi, de apelos urgentes da gente negra em inúmeros fóruns passados. Pela primeira vez senti de verdade que o grito renitente do “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!” irradiava uma pauta que agora sim o Brasil ia entender e abraçar, a partir do vão do MASP, naquelas vozes, naquela multidão.

Li certo pânico geral também, foi uma ficha pesada que caiu, apenas confirmada pelas notícias subsequentes ao longo da noite e do dia seguinte: a munição usada é original e exclusivamente pela PF e é igual à usada na chacina de Osasco em São Paulo em 2015. Isso pode indicar, como diz H, que há um tráfico de munição e armas nas polícias que



supre uma rede nacional paramilitar. O narco-estado militarizado relatado por H funcionaria assim.

A cobertura da grande imprensa também tem sido escrota, numa tentativa, em outras circunstâncias, cômica, de se apropriar do fato e dar um verniz pró-segurança. O mais repulsivo é Temer, o Marun e o interventor Braga usarem o evento para reafirmar a necessidade da intervenção. Para isso funcionar, é claro, a execução tem que ser realizada pelo tráfico e não pela polícia ou milicianos. Assim, os criminosos são chamados pela imprensa de “bandidos”, e apenas aos poucos vaza que o mais provável é que sejam milicianos, como dito pelo policial civil chefe da investigação. Vi na TV da padaria uma homenagem escrota e higienizada a Marielle do Video Show na Globo.

Mas certamente furou o barco de Temer, que pretendia capitalizar na “sensação de segurança”. Mesmo que o envolvimento das forças de segurança não seja confirmado, é um gol contra muito espetacular contra a intervenção. Ele pretendia comemorar o aniversário de um mês da intervenção com um "balanço positivo", foi aconselhado a cancelar a festa, diante da reação negativa da população

Encontrei o amigo F, que não via há muito tempo. Relatou sua emoção também e a percepção de que uma linha foi cruzada, agora ou antes, mas que não vai ter ponto preciso de virada. Disse que é preciso colocar as mulheres à frente e apoiá-las, aprendendo no caminho. Disse que está trabalhando em uma animação para crianças sobre a cultura do medo.

Vi a J, J, N, M de novo, S, E. Havia relativamente poucas bandeiras: LGBT, PSOL, PCR, MTST, EDUCAFRO, APEOESP, MAIS, MRT, a Pan Africana (faixas de vermelho, negro e verde), Esquerda Marxista, Coletivo de Mulheres Olga Benário, FAÍSCA, Nossa Classe, PSTU, ANEL, Frente Antifascista São Paulo, Marcha Mundial das Mulheres, o estandarte do AFRONTE, do PSOL roxa, Unidos para Lutar, PDT, EDUCAFRO.

Às 19:40h o povo fechou a segunda via da avenida, o ato inchando. Muita conversa e encontros. Alguém projetou na fachada do MASP um contagem regressiva para “um minuto de aplauso para Marielle”. A galera comprou total a ideia e fizemos um belo período de palmas e gritos para ela.

Vi com E, numa tela de TV montada sobre uma carroça onde se lia “Gentileza gera gentileza”, o Jornal da Globo reportava a execução de Marielle como de autoria de “bandidos”. Fomos até a FIESP (a avenida fechada a esta altura) e nada havia além do

sapo inflável que é o mascote da nova campanha da federação contra os juros altos – o sucessor do infame pato. Retornamos.

Tinha muito transeunte passando, a presença visível da polícia discreta, e tive que temperar meu detector de tremores do tipo 2013 [*eu achava que poderia transbordar*] pela relativa indiferença dos passantes. Amigos relataram que a mensagem não chegou muito “à maioria” ou o povo em geral. O potencial de espalhamento ainda precisa vencer o discurso oficial e contaminar a sociedade.

Olhei algumas das muitas faixas, quase todas feitas à mão, como os cartazes: “Nossas vidas importam PSOL CWI-CIT”, “Luto e luta por Marielle Franco #MAIS PSOL”, “Quem matou Marielle? Abaixo a intervenção no RJ! Frente Feminista de Esquerda”, “Parem de nos matar, não é um pedido, é uma ordem! Marielle presente”, “Marielle e Anderson. Presente, agora e sempre. RUA”, “Greve 8 M. Contra a violência machista e retirada de direitos”.

Vi uma moça que trouxera seu violino e tocava no asfalto com amigos à sua volta.

Eu e E buscamos a frente do povo que ia inchando a rua e subimos em um canteiro central logo na frente do ato. Queríamos ver toda a passeata, do começo ao fim. Íamos descer a Consolação até a Praça Roosevelt. Foi muito bonito. Deu para sentir que a coisa tinha inchado para muita gente mesmo. A passeata em movimento é mais fácil de arriscar um número de pessoas: a rua dá uma certa uniformidade. Pelo menos 50 mil no local, mas certamente menos que 100 mil.

A frente do ato era formada por jovens negros e negras, de braços dados na frente de uma bandeira Pan Africanista. Entoavam “brancos, racistas, não passarão!” e “Primeiramente a raça! Primeiramente os pretos”. Depois vi alguns autonomistas e bandeiras roxas do PSOL. Passou P e cumprimentamo-nos.

Passou muita gente, e fiquei de olho nos cartazes à mão, quase sempre mais orgânicos: “Desobediência militar”, “A violência que dói é a mesma que desencadeia nossas vozes”, “Quem policia a polícia?”, o estandarte “Chega de feminicídio e estupros”, “Quantos mais vão precisar morrer para essa guerra acabar? Marielle Franco”, “Esquerda Unida Antifa”, “Essa história contada assim por cima, a verdade não rima”, “Desobediência civil para corruptos”, “E quem nos protege da polícia?”, “Pelo fim das execuções policiais”, “Nem um minuto de silêncio vale uma vida inteira de luta”. “Viver muito é privilégio de branco”. Um maluco recortou uma janela na cartolina,

mostrando seu rosto. A legenda perguntava: “Serei o próximo?”.

Vimos os jovens que liam o Capital em frente a Câmara lá também, caminhando com o povo. De longe vimos os balões das centrais sindicais chegando lá atrás. Foi muito legal que eles tenham vindo até nós, e deu uma engrossada boa no ato.

Teve “Fora Temer!” e muito “NA,TQA, EQOFDPM!” nas palavras de ordem. Também: “Aqui está, o povo sem medo, sem medo de lutar!”, “ô Marielle, tem mais de mil, eu quero o fim da polícia no Brasil!”, algum “Fora Temer!” e “Chega de chacina, eu quero o fim da polícia assassina!”.

Encontramos LR que relatou como se sente, também preocupado. Disse que tinha visto no noticiário e que as locutoras mulheres, dentre elas uma negra, estavam transtornadas com as notícias que tinham relatado, inclusive a execução. Uma senhora, acho que moradora do entorno, conversou com a gente mas não consegui entender exatamente o que ela queria dizer e temi que fosse uma coxinha local.

Na esquina da Augusta com Paulista tinha um improvisado altar, bem no meio do asfalto, com velas e cartazes capengas, incluindo um singelo montinho de pedras, em homenagem a Marielle.

Em frente ao Conjunto Nacional, uma banca teve sua publicidade retificada: Um cartaz luminoso que trazia “Uma breve história da humanidade: Sapiens” foi reescrita à spray como: “Uma breve história de Marielle Franco”.

Encontrei A e notei um helicóptero no céu.

Depois de bastante tempo, chegaram os professores, valentes caminhadores. Vi o A, conversamos brevemente. Eram 19:40. J me achou, e, logo depois, com E e TB ciclista, viramos à direita para descer a Consolação. Apesar de energizados pela marcha, estávamos cansados e respiramos fundo.

Conversamos sobre os ciclistas, a situação geral e sobre este diário. Vi as faixas “Frente Alternativa Preta”, “Basta de crimes policiais, fora intervenção federal. Marielle presente. Quilombo Vermelho, MRT e Pão e Rosas”, “Coletivo Feminista ECA-USP”, outra com o distintivo do Palmeiras (talvez o Porcomunas), uma bandeira do Coletivo Democracia Corinthiana. Um estandarte “Vulva a Revolução” fazia evoluções no meio do povo.

Vi várias camisetas interessantes: Fidel, o rosto do Lula, “Lute como uma garota”,

Black Panther Party, Direito-USP, uma camisa de futebol da DDR República Democrática Alemã (Alemanha Oriental), da Portuguesa de Desportos (!), do PCO.

Chegamos ao cruzamento da Consolação com Maria Antonia. H sublinhou que este é um ponto aceso de manifestação. Frequentemente a polícia intervém aqui. Em parte por ser perto do Mackienze, em parte por ser um portão para o centro da cidade. Esperamos um pouco para ver o que ia acontecer, pois alguns manifestantes fecharam totalmente o cruzamento, quando a manifestação vinha pela via de descida da Consolação apenas.

Quando paramos, olhei em volta e dei um giro. Notei que os jovens negros ainda abriam a passeata, cantando “poder para o povo preto”. Vi D. O povo cantava “Ei burguesia, aqui é quem tá na rua é a periferia!”. Uma faixa branca grandona que vinha sendo trazida ao alto foi colocada no chão sob aplausos: “onde estão os negros?”.

Na empena do prédio ao lado do posto de gasolina da esquina da Caio Prado, alguém projetava mensagens de apoio. A galera vibra, as letras ficaram grandonas na paisagem.

Eram 21hs quando o ato seguiu e deu uma rachada, alguns grupos ficaram na escadaria e outros seguiram. A via na frente da escadaria da Praça Roosevelt foi ocupada. Fiquei uma meia hora a mais e desencanei. Tinha sido belo e eu estava exausto. A PM estava ausente e achei que a dispersão sem mais ia rolar.

Fui a um boteco, comecei a escrever e tomei o metrô para casa.

## **16 de março**

Teve lançamento do livro do Lula, pertinho de casa mas não fui.

## **18 de março – Ato por Marielle MASP**

Cheguei às 14:30h na Paulista a partir da Consolação para ir ao ato por Marielle Franco no MASP. Estava muito calor e caminhei até lá sob forte sol. Usei meu boné vermelho que apenas 12 meses atrás atraía agressões na rua. A avenida estava cheia. Como era ainda bem cedo, na frente do museu estavam apenas umas 100 pessoas. Uns 5 jovens negros pintavam cartazes no chão. Decidi dar uma volta e retornar mais tarde. Vi duas bandeiras do PSTU. Vi algumas moças do Ilú mais para a frente na avenida.

Na esquina da FIESP vi 5 senhorinhas intervencionistas na calçada. Tinham faixas no chão e um microfone. As faixas traziam “Todo o poder emana do povo. Desobediência

civil”, “Povo sem partido, intervenção do povo”, “STF Renovação geral já”. Notei que havia uma bicicleta deles com muitos adesivos de veganismo, além da bandeira do Brasil. Enterrado no canteiro, um mastro com a bandeira de Israel. Depois lembrei dessas senhoras intervencionistas no meio do ato por Marielle e o contraste entre os dois eventos não podia ser maior: o ato por Marielle foi grande, a forte toque de percussão africana, juventude. Aqui, o raquítico estertor de uma classe média baixa radicalizada no cripto-fascismo.

Voltei ao MASP às 15:30h. No caminho, vi um cartaz da edição da semana da revista Veja, onde Marielle era capa. A chamada era que ela tinha sido morta por uma violência meio genérica, “um crime encomendado”. No decorrer do dia muitas pessoas vieram me falar da apropriação redutora e domesticadora que a imprensa vem fazendo da execução.

Cheguei logo na saída da passeata. Achava ainda meio vazio e estava decepcionado que não estava massivo e incontrolável. Mas ainda sim tinha um clima festivo e um número razoável de pessoas. Aumentou no caminho e acho que no final teve umas 2-3 mil pessoas.

Uma linha de jovens negros de braços dados abria a manifestação, na frente de uma bandeira pan-africanista. Quem puxava era a Frente Negra pela Memória de Marielle. Ao lado um estandarte “Negros Anticapitalistas. RUA”. Vi logo atrás mais gente e o Suplicy e o padre Lancelotti. O vereador ensaiava seus passos em dancinha simpática. A seguir dançarinxs do Ilú Obá, cercados de linha humana protetora, faziam suas evoluções na avenida, logo na frente da poderosa bateria do mesmo grupo. Depois seguia o povo com cartazes, faixas e bandeiras. Destas últimas, poucas, vi do PSOL (roxa e amarela), do Território Livre, o que eu acho ser da facção Negação da Negação, uma vermelha e negra, uma colorida LGBT e outra de um certo MLS Movimento de Luta pelo Socialismo.

Encontrei E e ele disse que havia movimentação no Rio também, lá dentro da favela da Maré. Refletimos sobre a composição do ato de hoje. A maioria era de mulheres, mas não esmagadoramente, talvez 60-40%. Havia muitos negros, mas boa parte era branca e de classe média.

Encontramos A que estava meio decepcionado com os números de manifestantes presentes, e ele disse que era essencial ganhar a batalha pelo significado da morte de Marielle, pois a grande imprensa já se apropriava do fato e fazia valer a sua versão.



Anotei alguns cartazes, todos feitos à mão: “Vidas negras importam”, “Luto é verbo”, “Obrigado Marielle”, “Ocupa as ruas pra acabar com o genocídio”, “Não à intervenção militar”, “Manas, não recuem”, “Marielle presente, sapatonas em luta!”.

Achamos M e ele avaliou que, a julgar pela análise do tráfego nas redes, o fenômeno Marielle tinha passado seu pico e estava caindo em termos de citações. Ele anotou que na quinta-feira apenas 7% do tráfego era desfavorável a Marielle, mas que essa diferença já tinha sido equilibrada nos dias subsequentes, ainda que a maioria dos comentários e posts tenha sido ainda pró-Marielle. O transbordamento que parecia possível na quinta-feira parece que não ocorreu. Ele lamentou e disse que entende a impaciência do movimento negro com a esquerda branca, pois quando aquela precisa massificar, a outra fica em casa. Também avaliei que tem muito jovem negro se radicalizando frente a paralisia da esquerda institucional.

Pensei muito no depoimento do ex-empregado do Cambridge Analytica, que é uma empresa que manipula as redes para ganhos de percepção, inclusive de produção resultados eleitorais. A entrevista-bomba saiu no Guardian e ganhou as páginas da imprensa internacional. Essencialmente eles conseguiram, através da varredura, leitura e análise de 50 milhões de páginas do Facebook, não apenas individualizar mensagens eleitorais para votantes específicos, mas também cercar estes indivíduos de informações que manipulam suas emoções e percepções através de performance passada: eles sabem o que te faz sair de casa, o que te assusta, o que te acalma. Tudo isso analisando (ilegalmente) seus *likes* e página no face. Aqui, o MBL teve contato com eles.

Anotei as poucas faixas que via: “Marielle e Anderson, Presentes! Agora e sempre!. RUA”, “Quem matou Marielle? JUNTOS!”, “Marielle presente. #vidasnegrasimportam, #8M, #nãovãonoscalar. Coletivo adelinas”, “Parem de nos matar!”.

Passamos pelo Conjunto Nacional e paramos na esquina da Augusta. Já estava bem maior e o impacto nos passante na avenida era grande. Cantamos “Fora Temer!” e “Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM!”. As oradoras com o microfone na frente do ato faziam falações, e às vezes em competição com o potente batuque do Ilú.

Encontrei S, que vestia uma camisa “Salve-se quem quiser”. Vi os fotógrafos A e R, e também G do MPL. Ainda MF, a quem perguntei se este era o novo normal ou se era um ponto de ruptura. Ela duvidou da ruptura e disse que a batalha pelo significado da morte de Marielle parecia perdida, pois até seu primo super reacionário postara

mensagens em memória de Marielle.

Vi uma camisa da Democracia Corinthiana, uma da UBES e outra que trazia “Respeita as mana, as mina e as mona”.

Dobramos à direita para descer a Augusta, o que me fez muito feliz. O som da passeata bombou no eco dos prédios e as palavras de ordem ganharam nova dimensão: “Chega de chacina, eu quero o fim da PM assassina”, “Marielle vive, e viverá, pois a mulher preta não pára de lutar!”, “Pisa ligeiro, pisa leigeiro, se não pode com a formiga NAOF!”, “Polícia, fascista, é melhor que não exista!”, “Por Marielle eu digo não, não à intervenção!”, “Foi, foi a UPP, que matou a Claudia, o Amarildo e o BG!”

Em frente ao clube de comédia *Comedians*, o povo parou e baldes de tinta vermelha foram aspergidos na calçada e espalhadas com vassouras. A oradora falou de [*um certo*] comediante que tinha rido de nossas mortes. Ficamos um tempo lá, com falas e batuque. Seguimos.

Chegaram J, G, A e P, depois H e G e M.

Descemos toda a rua até a Praça Roosevelt, onde a escadaria ao lado da delegacia foi lavada de sangue simbólico. Falas finais fecharam o ato, e o Ilú fez um fechamento de ouro, quando as palmas dos manifestantes caíram como gentil orvalho sobre todos. Eram 17:45h.

Alguns avaliaram que faltou certa comunicação visual básica à passeata, tipo faixa de frente e outros indicadores. Quase todos com quem falei esperavam um pouco mais em termos de comparecimento, afinal a urgência é agora intransferível. Alguns esperam que o ato de terça, chamado pelos movimentos sociais e pela Frente Brasil Sem Medo, seja maior. Mas o sentimento de impotência e resignação parece assombrar todo o meu entorno. Terça pode ser legal, mas a iminência de ruptura viria de hoje e não da CUT.

Tomamos uma, tomei o metrô e fui para casa.

## **19 de março – normalização da execução**

A:

O JN de sábado foi primoroso: muita sensibilidade em torno da figura da Marielle, mas usando um vocabulário vazio, despolitizado, fazendo da luta da Marielle uma ‘luta pela paz’, ‘mais uma vítima do desgoverno do rio de

janeiro’, etc. Na sequencia, os militares na vila Kennedy ‘levando cidadania’ pras pessoas, vacina de febre amarela, carteira de identidade. Eles são a paz.

Chegou a notícia pelas redes que um avião despejou agrotóxicos sobre o acampamento Helenira Rezende do MST em Marabá-PA.

Força Sindical e o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo realizaram um ato em repúdio ao assassinato da vereadora Marielle Franco [*eu não fui*]. O protesto, que começou às 06h30, começou na Rua São Leopoldo, no Belenzinho, Zona Leste de São Paulo. Mano Brown e Liniker fizeram um show surpresa no Capão Redondo, na Zona Sul.

## **20 de março – nova manifestação dos professores e ato por Marielle**

Saí da Estação Sé para o ato dos professores em frente a Câmara Municipal. Eram 15h horas ainda na estação deu para ver duas mulheres com cartazes, certamente indo para o ato: “Em professor não se bate nem com uma flor” e a Mafalda gritando “Cansei! É greve!”

De manhã tinha tido uma manifestação de mães e crianças pela educação e contra as reformas de Doria. Passou em *streaming* e E viu. Disse que foi legal. Também na calçada na frente da Câmara estavam os acampados, que devem ter passado a noite lá. Ao meio dia teve missa de sétimo dia de Marielle no Largo São Francisco. Não pude ir.

Cheguei pela rua Maria Paula e deu para ver que tinha bastante gente, um pouco menos que na quarta, mas ainda assim bem expressivo. Entrei na massa e dei um giro.

Achei que os manifestantes eram do mesmo perfil que da semana passada: 90% de mulheres entre 30-50 anos. Tinha três carros de som e parecia que dois competiam pelo campo sonoro. Uma assembleia estava em curso e a continuidade da greve foi aprovada por aclamação. Parece que esta agora envolve mais categorias de funcionários públicos.

O sol estava quente e dei uma rodada arqueológica de mensagens escritas. Havia hoje mais material impresso de centrais e sindicatos, principalmente da Educação.

Vi balões da SEDIN, APROFEM, SINPEEM, SINDSESP, FETAM, CUT, SINESP e outro de um personagem completamente novo: o SINDIGUARDAS-SP.

Os cartazes à mão eram mais interessantes: “GCMs, vocês não podem fazer greve, mas suas famílias podem”, “Vereadores: comecem a reforma por seus privilégios”, “Sr.

Prefeito: cadê? O leite das crianças? As linhas de ônibus? As AMAS? O respeito?”, “Plano de carreira: criado por Paulo Freire, destruído pelo Doria. Não à SAMPAPREV”, “Fora SAMPAPREV. Novo Postalís. ANIS”, “CEI Jardim das Vertentes”. Alguns impressos: “Não à contribuição 14%-19% para a Previdência”.

Passei pela frente da Câmara e vi as barracas do acampamento. Algumas eram toldos, e uma delas era uma oficina de cartazes “Venha explorar sua arte aqui. Venha expressar sua insatisfação produzindo seu cartaz”. Quinze soldados da GCM, com atirador e escudos guardavam o portão fechado. Uma tela com transmissão da sessão do plenário tinha sido instalada e competia com o som dos carros. Uma “cantora de jazz” tomou o microfone e cantou uma versão daquele samba de Zumbi, com uma letra adaptada ao contexto local.

Vi as bandeiras da CUT, CTB, ANEL, Vermelhas e negras, CSP-Conlutas, Liberdade e Luta, POR4, uma do Brasil.

Dei uma geral nas faixas, impressas e manuscritas: “Tem tanta coisa errada com a PL621 que não cabe em uma faixa”, “Não à PL621/16”, “Educação de qualidade criança prioridade”, SINESP, “Se aí não tem recuo, aqui não tem arrego!”, “Pelo extermínio da PL621/16. #retiradajá”, uma “SINDIGUARDAS Contra o desmonte da Previdência Municipal. Não à PL621/16”, SEESP engenheiros, “Habitação em greve”, “Resistir e lutar! 30 anos SINDSEP.

Às 15:30h os vereadores suspenderam a sessão e os locutores nos carros cantaram vitória. O povo ficou feliz e comemorou. Também fizeram uma votação e tiraram de ir à Prefeitura, mas não à Paulista. Fiquei decepcionado, pois esperava o apoio. É verdade que Marielle tinha sido homenageada em algumas falas, mas achei que precisava mais. Igualmente, houve quem se incomodou com a chegada do carro de som e os balões no ato da Marielle na semana passada, que era mais de luto e menos de gritaria.

Ameaçava chover e dei um último giro de anotações: as faixas “Mais respeito por favor”, “Liberdade e Luta”, “ABRAPSO contra a violência de Estado e em luta pelos Direitos Humanos #nemumaamenos”. Os cartazes: “Saúde pela retirada da PL621”, “Dediquei minha vida à educação e agora eu estou doente e nas mãos dos políticos, quero garantir nossa aposentadoria digna e não o SAMPAPREV”, “Onde está a democracia? Onde estão as negociações? Abaixo a tirania”, “Vereadores: a greve é culpa de vocês. Retirem já a PL 621/16. Queremos trabalhar”. Vi um adesivo “Doria é

lixo”.

Começou a chover forte e busquei abrigo num boteco. Trovoava e relampejava, achei que ia dispersar geral. Mas de dentro do boteco, escrevendo, vi o povo passar na rua, guerreiro e encharcado pelo dilúvio que chicoteava os manifestantes. A chuva me acovardou e eu ainda estava amuado que eles não estivessem a caminho do MASP. O locutor cantava a melodia da marchinha Aurora: “Se você fosse sincero, ôôôô, João Doria...”. Eu fiquei e aguardei antes de ir até a Sé e subir para a Paulista.

Cheguei no MASP às 17:30h encharcado, a chuva não tinha diminuído. Tinha um pessoal já lá, mas claramente o tempo tinha atrapalhado. Achei que éramos umas 500 pessoas. Bizarramente, havia muita polícia lá embaixo no vão. Contei 4 viaturas, 22 motos e uns 30 policiais. Acho que a força policial estava também se abrigando da chuva, e de fato parte deles sumiu depois. Vi a fotógrafa A.

A maioria das pessoas parecia ser do MTST, e vi pouca gente de classe média que normalmente acorre a atos de esquerda. E àquela altura havia poucas bandeiras. Chegou o carro de som, uma camioneta com palquinho e tudo, nunca tinha visto. Uma faixa no chão trazia “Religiosos e religiosas por memória, justiça e liberdade. Marielle e Anderson vivem”. Percebi depois que se tratava de um ato inter-religioso. Enquanto montavam tudo, dei um giro.

Vi uma moça que carregava o cartaz que tinha feito: “A facção está no palácio. #Marielle presente: não vão nos calar”. Vi uma bandeira do MTST e depois chegou o faixão roxo da Frente Brasil Sem Medo que eles às vezes trazem. Depois chegou uma faixa “Tomar as ruas por Marielle. Fora intervenção. Investigação independente. FAÍSCA, Pão e Rosas, Quilombo Vermelho”.

O ato acabou por começar perto das 18h e várias religiões estavam lá representadas, mas alguns religiosos estavam presos no trânsito infernal que a chuva tinha produzido e chegaram depois. Não retive nenhum dos nomes dos oradores, mas o mais interessante foi o representante das religiões de matriz africana. Ele contou uma história de Exu, como ele teimava em se reconstituir depois de cortado em pedaços, numa situação envolvendo outros orixás. Aí resolveu-se que os pedaços de Exu fossem colocados em todas as coisas vivas, e assim temos a capacidade de nos juntar e restituir seu poder na ação. Disse também que Marielle é agora nossa ancestral.

As falas foram no geral bem-intencionadas e emotivas, mas cansei logo. Os cristãos em



particular foram enfadonhos e repetitivos. Notei que ninguém falava mais claramente da autoria da execução, da violência de Estado. Achei irônico que simbolicamente, os assassinos de Marielle estavam lá também: os 64 soldados da PM e suas 15 motos; mas ninguém falou contra eles.

Assim, dei mais um giro e anotei mais algumas mensagens, agora que o povo contava umas mil pessoas. Vi os estandartes de algumas ocupações do MTST: Chico Mendes II, Carlos Marighella, Portal do Povo, Copa do Povo, e uma bandeira negra com o A anarquista, uma do MAIS, “Juventude Vai à Luta”, LSR e outra ainda da Transição Socialista. Vi uma camiseta da UBES, “Território Livre”, AFRONTE, “Keep calm and study”, “Mamados F.C. Padaria Garoa”, “Femme & Fierce”, “Eu sou Corinthians, eu sou fiel. Juiz de Fora”.

Saí fora às 18:45h, chovia muito ainda. Tomei um ônibus e fui para casa.

## **21 de março – ato por Marielle no Largo S. Francisco**

Saí da estação Sé às 17h para ir ao Largo São Francisco no ato por Marielle convocado pelo Centro Acadêmico XI de Agosto. Ainda restava uma esperançazinha que fosse massificar, mas não foi o caso.

Esta foi uma das muitas atividades de hoje pela cidade, relatadas por E: um ato idêntico na PUC, uma palestra sobre o trabalho de um arquiteto brasileiro negro do século XVIII, um ato anti-bolsonaro no MASP, e um encontro sobre a democracia na internet, do qual M participou. Os professores municipais estão em campanhas de marchas pela cidade, e amanhã vai ter mais uma.

Tinha pouca gente quando cheguei ao Largo, mas a camioneta de som já tinha chegado e tocava Ivan Lins e Raul Seixas (“nós não vamos pagar nada!”). Pela primeira vez em meses achei a qualidade do som boa. Entrei na Faculdade para ver a feira de livros. Fiquei sabendo que haveria um debate conjunto hoje ainda, depois do ato, com o MTST e movimentos negros, no auditório do primeiro andar.

Aos poucos as pessoas foram chegando para o ato, incluindo E e R. Vi bandeiras da ADUSP, CSP-Conlutas, Mulheres em Luta CSP, PSTU, “Movimento Nacional Quilombo, Raça e Classe”, do SINTRAJUD e uma que eu tinha achado ser da Negação da Negação que na verdade é da Transição Socialista. Vi uma camiseta do RUA, do Levante popular da Juventude e do Território Livre. Vi um moço com uma camisa do Palmeiras, número 10 Ademir da Guia e outra da Democracia Corinthiana. Vi o

estandarte do AFRONTE.

Dez PMs com 10 motos vigiavam o movimento.

O ato começou bem, e de imediato achei que as falas contemplavam o ponto essencial: o Estado matou Marielle e a intervenção é parte disso. Falaram professores e alunos, e também gente do movimento negro e MTST. Depois do tom religioso de ontem, foi mais legal ouvir formulações mais de resistência. Por outro lado, parece que a onda Marielle está passando e prevaleceu sua normalização. Dá para ver que tem uma juventude negra se radicalizando, impaciente com a esquerda branca. Ainda tem gente que se vê fora da linha de tiro e não se agonia com a situação. Alguns oradores falaram da necessidade de ocupar e disputar o espaço narrativo acerca da execução e da luta por direitos humanos.

Vi A e S, conversamos um pouco. Um amigo de E disse que o episódio Marielle era equivalente ao do Riocentro, um atentado fracassado de militares de direita que sinalizou o começo do fim da ditadura. Achei exagerado mas entendi o ponto. Vi falar ao microfone o FS, a quem não via há muitos anos e que nesse mesmo Largo fora espancado pela polícia de Michel Temer, então secretário de segurança estadual, no dia seguinte da derrota das Diretas Já em 1984.

Na rede, E viu que o ato do MASP estava pequeno mas com *muita* polícia em volta. Mostrou também a foto do manifestante da caravana de Lula no Sul sendo chicoteado por um ruralista.

Notamos que havia, naquele ato, na maioria, jovens de 20-25 e também homens e mulheres de 40-60 anos.

Vi faixas “ANDES Sindicato Nacional CSP-Conlutas”, “Marielle Presente”, uma grandona “Nos 130 anos da falsa abolição, Mulheres Negras não param de lutar! Basta de violência e racismo. Reparação já!”, “Na luta dos trabalhadores e trabalhadoras da cidade e do campo, construir a revolução brasileira. Comitê do Nildo vereador PSOL” e “Não ao SAMPAPREV. Contra os governos e patrões. Reviravolta e MML. Fora Temer e Fora Doria”.

Insisti e fomos a um bar local antes de acabar o ato, E e R. Ao sairmos às 20:15h em direção ao metrô, trombamos com uma passeata do MTST contra a política de transporte de Doria, em frente ao Largo. Eram uns mil e duzentos Sem-Teto, que estavam a caminho da Câmara Municipal. Vi uma faixa “Tarifa sobe e o ônibus some”.

Achamos notável que o MTST esteja encampando esta pauta, pode ser que esta bombe por causa disso. Acompanhamos o cortejo até o viaduto sobre o Terminal Bandeira e os deixamos.

Tomei o metrô e fui para casa.

## **22 de março – a direita da chibata**

Estadão pede o fim da Lava Jato, explicitamente, e agora com pruridos acerca de prisão preventiva etc.... O papa Francisco ligou para a irmã de Marielle dias atrás. A caravana de Lula segue pelo Sul, com alguns protestos contra, da direita. Viralizou a foto do ruralista chicoteando um manifestante. Repercute ainda a ocupação da Nestlé por 600 mulheres em favor da água como bem comum.

## **23 de março**

Repercute a decisão do STF de aceitar o Habeas Corpus de Lula ontem. Petistas comemoram a segurança de que Lula não será preso até a nova sessão no dia 4 de abril. A Lava Jato e PIG se frustraram. Mas tudo continua no ar, a vitória é significativa mas não garante nada. Ontem teve uma reunião na cidade com vários grupo do movimento negro para discutir a situação e ações.

Hoje teve lançamento do livro de E.

## **24 de março – o Mecanismo**

Hoje tem reunião de preparação do encontro-festival dos 5 anos de junho de 2013, lançamento do Achille Mbembe, tem a Feira Plana, o 5º Ato Unificado Ditadura Nunca Mais (na rua Tutóia). [*Não fui a nenhum desses eventos*]

Polícia civil abre investigação contra MBL a respeito da divulgação de vídeos fake news sobre Marielle.

Repercute a série da Netflix *O Mecanismo*, que seria a história Lava Jato.

De R:

A série sobre a LavaJato que estreou na Netflix, além de ser ruim no último, acabou de me deixar estupefato pelo grau de manipulação. Colocaram o “estancar a sangria” na boca do Lula. Tou pasmo.

Já Marina Silva escreveu um artigo onde usa o nome de Marielle para dar um gás

a seu projeto de “desmontar o Mecanismo”.

## **25 de março - premonições**

Estive com G e G, e conversamos muito. Falamos também na situação do Brasil. Os dois estão preocupados. Reconhecemos o colapso das instituições no Brasil e a deriva em que estamos. G é mais ligada ao PSOL e ainda é bem crítica do PT, mas de alguma forma, como disse G, hoje em dia está claro o que é a esquerda – tudo aquilo que não é a direita. Hoje em dia os direitistas falam coisas que eram tabu faz poucos anos. A sensação é de que tem uma violência emergindo.

## **26 de março - violências**

Notícias de ataques à Caravana de Lula parecem aumentar, mas não no PIG. Contou-me E que as reações à série do Netflix ainda fervem a rede. Ele também passou no prédio do Jockey Club e viu o protesto dos professores municipais, na rua Boa Vista.

Repercute a morte de cinco jovens assassinados, em Maricá, vítimas da ação de milicianos, e outros mais Brasil afora.

Um ato de vigília por Lula em frente ao Tribunal de Justiça na avenida Paulista teve início hoje, mas dado o resultado do STF, foi pouca gente. Vi a foto com umas 10 pessoas.

## **27 de março – tiro contra a caravana de Lula**

A Câmara Municipal de São Paulo retirou, por 120 dias, o Projeto de Lei (PL) 621, sobre a reforma da previdência dos servidores da cidade. Teve manifestação de novo em frente a Câmara, mas eu não fui. O prefeito Doria vai deixar o cargo para disputar o governo de São Paulo.

As agressões à caravana de Lula continuam, desta vez com um tiro contra o ônibus do ex-presidente.

## **28 de março**

Agora repercute o atentado contra Lula no PIG. Alguns comentários iniciais escrotos e no contexto atual, incendiários: Alckmin afirmou que o “PT colhe o que plantou”, e Eliane Catanhede disse que a caravana foi “uma provocação”. Estranhamente, ameaças ao ministro Fachin foram descobertas e alardeadas ao mesmo tempo.

Hoje teve o ato final em Curitiba, apesar das agressões. Boulos e Manuela foram à

manifestação e discursaram. Tudo foi bem.

Encontrei HP e ele está preocupado. Voltou do exterior faz pouco e sentiu como a situação degradou desde que fora embora.

Noblat, jornalista da Globo, diz que em Brasília fala-se da não realização de eleições este ano, dada a situação tensa e incerta. Miriam Leitão, da Globo também afirma que os tempos nunca estiveram tão graves.

O movimento negro fechou hoje de manhã a Radial Leste. Em cima dos pneus em chamas no asfalto, uma enorme faixa preta trazia: “Estado Assassino. Perdemos muito, inclusive o Medo. Marielle Vive. #Black Lives Matter”.

## **29 de março**

Repercute a prisão de vários auxiliares e amigos de Temer. Estão ligadas à história da corrupção no porto de Santos. O presidente está isolado e agora as avaliações giram em torno do que será que acontece em caso de renúncia ou prisão.

## **30 de março**

De P:

Está todo mundo curtindo o feriado, mas o jogo está sendo jogado a todo vapor. O MBL foi acusado pelo Globo de violar as políticas do Facebook, ao utilizar um aplicativo por meio do qual fazia postagens automáticas nos perfis de usuários. Agora, com a possibilidade de ver sua página do Facebook derrubada (como já aconteceu com uma página irmã, do Ceticismo Político), o MBL dá um xeque, mostrando que Alckmin também teria utilizado expediente irregular. O movimento quer evidenciar assim que se quiser ser coerente, o Facebook terá que cancelar não apenas a página do MBL, como também a do Alckmin. Os desdobramentos políticos dessa crise começam a ficar grandes demais.

El Pais deu que na cobertura na rede do ataque à caravana de Lula, os boatos são base de 6 das 10 notícias mais compartilhadas. A secretaria de segurança do Paraná mentiu seguidamente em suas declarações, como informando que Lula teria tomado um helicóptero ou que os veículos foram alvejados em parada, sugerindo a forja de disparos.



De M:

O boato de que os tiros contra os ônibus da caravana de Lula no Paraná teriam sido uma armação do PT já somam pelo menos 600 mil compartilhamentos no Facebook. Arrisco que a imensa maior parte do vasto e diverso campo antipetista hoje deve acreditar nesta versão dos fatos, apesar da completa falta de provas que a sustente.

1) Jornalista dentro no ônibus entrega PT "Foi tudo armação os tiros":

Pensa Brasil - 286 mil compartilhamentos

<https://pensabrasil.com/jornalista-dentro-no-onibus-entrega-pt-foi-tudo-armacao-os-tiros/>

2) Lula estava em helicóptero quando identificaram tiro em ônibus. PT tenta desmentir Secretaria de Segurança do Paraná:

Imprensa Viva - 88 mil compartilhamentos

<http://www.imprensaviva.com/2018/03/lula-estava-em-helicoptero-quando.html>

3) Autoridades desconfiam dos tiros no ônibus de Lula, diz site

O Diário Nacional - 78 mil compartilhamentos:

<http://odiarionacional.org/2018/03/28/autoridades-desconfiam-dos-tiros-no-onibus-de-lula-diz-site/>

4) Tiros nos ônibus de Lula - Policiais experientes não descartam a hipótese de armação

Imprensa Viva - 78 mil compartilhamentos:

<http://www.imprensaviva.com/2018/03/tiros-nos-onibus-de-lula-policiais.html>

5) Delegado Alertou Para Falso Atentado Contra Lula Que Estaria Sendo Articulado Pelo MST

Notícias Brasil Online - 65 mil compartilhamentos:

<https://www.noticiasbrasilonline.com.br/delegado-alertou-para-falso-atentado-contra-lula-que-estaria-sendo-articulado-pelo-mst/>

**31 de março – Atos intervencionista militar, antifa e um quase Desbunde**

Eram 11:30h e estava na linha Verde do metrô para ir checar as manifestações do dia. Tinha três atos programados: a dos militaristas intervencionistas, uma do Desbunde e outra antifa. Todas as três estavam marcadas para o mesmo local e hora (13h), e o potencial de conflito era grande. Busquei chegar cedo para ver como se daria a disputa por território.

Logo no trem vi quatro homens de preto, 30-40 anos e achei que fossem de direita. De fato desceram comigo na estação Trianon-MASP e foram para o vão. No caminho, um senhorzinho roto, sem teto, gritava muito no canteiro central.

Logo de cara deu para ver que os militaristas tinham já ocupado o lugar: dois carros de som estavam estacionados na rua em frente ao Museu, já irradiando som. Achei que naquele momento havia umas 500 pessoas. O carro de som tocava canções patrióticas e muito hino nacional também. A canção “Eu te amo, meu Brasil”, dos Incríveis, dos anos 70, tocou muito.

O motivo ostensivo deste ato foi a celebração dos 54 anos do golpe de 1964. No geral da manifestação, achei que os manifestantes não eram mais numerosos do que em ocasiões anteriores, nem o contato com os transeuntes parecia significativo. Eles na real são meio minoritários. Eu e E notamos que não houve menção a Bolsonaro em todo o ato que tenhamos visto ou ouvido. Parecia mais uma ato de lançamento da candidatura do Gal. Mourão, esse sim muito citado como contendor ao Planalto. Achei tudo organizado e com mais faixas que de costume, acho que eles investiram no evento. Além dos dois carros em frente ao MASP, havia mais um em frente a Gazeta. Dois jovens conduziram os trabalhos ao microfone, muito competentes.

Dei um giro pelo local e pude ver muitas bandeiras do Brasil, a maioria sobre os ombros das pessoas. Predominavam os homens e mulheres de 40-60 anos, de verde-amarelo. Poucos jovens, exceto talvez uns de 30 anos que faziam a segurança. Achei mais ou menos equilibrado em termos de gênero. Curiosamente, a presença de negros era notável, quase todos com jeito de ex-soldados. Contei pelos menos uns 50 paramilitares que faziam a segurança, de gorro e camiseta pretos. Mais tarde eles foram referidos como “o pessoal dos paraquedistas”.

Vi camisetas de várias divisões e grupos militares. Algumas delas com mensagens: “Reagrupar é nosso lema”, “Pronto Emprego Humanitário Granito Montanhismo”. Vi as camisetas e bandeiras amarelas do Liga Mundial Cristã, que geralmente vem a eventos intervencionistas.

Muita faixa: “Patriota em ação pela intervenção. Ladrões fora do poder. Intervenção constitucional e depois novas eleições”, “O clima irregular está acabando com o Brasil”, “União salva nossa pátria, nossa vida”. Uma delas trazia os retratos de todos os presidente militares do ciclo de 1964, com os dizeres: “Intervenção cívico-militar. 54 aniversário da contra-revolução democrática de 1964” e “Levante Nacional contra a Corrupção e a Violência”, “Intervenção Cívico-militar, solução para o Brasil”. Tinha faixas grandonas nas grades centrais da avenida e também uma que era estendida ao longo da faixa de pedestres para que os carros a vissem. Alguns motoristas buzinavam em apoio.

Vi um adesivo: “Intervenção ou morte! Decidiu já? Bandidos no poder matam”.

Os cartazes eram todos similares: “SOS FFAA”, “Militarização de todas as escolas no território nacional”, “O povo exige faxina nos três poderes já!”, “Intervenção Militar Já”.

No barracão do MASP, ainda estavam os muito cartazes de esquerda e feministas. Mas tinha pelo menos três adesivo de Bolsonaro, um deles da “Direita SP”. O MBL e VPR estavam ausentes, só vi uma camiseta.

A certa altura, o segundo carro iniciou a irradiar som, uma MPB swingada. Isso se chocou com o “Eu te amo meu Brasil” do primeiro carro, e colorida e estridente cacofonia se instalou. No alto do primeiro carro estava uma mulher que vejo sempre: fardada, cabelo muito curto, botas e boina. Ela segurava um mastro com bandeira brasileira e marchava no mesmo lugar ao som da massa sonora empastelada que incluía os versos “mulatas brotam cheias de calor”. Esta improvável chacrete com seu mastro de dança, a batida militar, os velinhos de verde-amarelo batendo o pezinho lá embaixo me fizeram pensar que este poderia ser um tétrico filme do filho perturbado de Felini e Glauber Rocha.

Passada a epifania do transe (um dos carros desligou seu som), fui dar uma olhada na FIESP e esperar E. A avenida estava toda fechada, da Consolação até pelo menos a Brigadeiro, aberta apenas para o trânsito transversal. Às 13:15h o ato tomou as duas vias da avenida.

Vi um senhor que vestia um capacete constitucionalista de 1932, na rua. Mais tarde ele falou no carro de som, e disse que trabalhara no DOPS com o delegado Fleury durante a ditadura e que sentia orgulho de sua luta. Disse que escoltara muitos prisioneiros

políticos que hoje estavam “por aí mentindo”. Disse que o DOPS tinham 200 sindicalistas colaboradores, incluindo o Lula.

Chegou E e ouvimos alguns oradores. Achei as falas mais focadas, várias contra Temer e o derretimento das instituições. Eles esperam a deposição do presidente para abrir a porta da intervenção. Um deles afirmava que “estamos marchando sobre o Planalto e é questão de horas!”. Discursos genéricos contra a corrupção e alguns esboços de programa econômico nacionalista. Muita fala de deus e de justiça em termos religiosos: “somos contra os demônios! O demônio tem raiva do Brasil porque foi Osvaldo Aranha que arquitetou a formação do Estado de Israel”. Perdemos a fala do Gal. Assis, mas vimos ele sair escoltado pelos camisas-pretas.

Tentamos achar alguém do ato antifa ou do Desbunde, mas não achamos. A PM muito discreta. Vi uma bandeira de Israel e o velho sem-teto agora tinha um cartaz de papelão na mão e estava mais calmo.

Anotei mais faixas: “Socialistas e comunistas, chega de atrapalhar – Intervenção Cívico Militar”, “Forças Armadas, Polícia Civil, Polícia Militar, Polícia Federal. Salve os heróis do Brasil”, “FFAA libertem o Brasil do comunismo. Somos todos Mourão”, “Polícia Federal, orgulho da nação”, “Viva a Polícia Militar”, “Fim da quadrilha só com intervenção”, “O poder emana do povo, exigimos intervenção”, “Stop promoting Islam in Brazil”, “Brasil para brasileiros, fora socialistas e comunistas”, e uma faixa monarquista.

Cartazes: “Forças Armadas, as gerações futuras precisam de vocês como exemplos e referência”, “Lula ladrão na cadeia”, “Somos 100% Mourão”.

Eram 14:40h quando encontramos a fotógrafa A e com ela achamos onde estavam os antifas: logo ao lado do carro da Gazeta, na esquina da Pamplona. O carro de som intervencionista tinha mais ou menos 200 pessoas à sua volta, e alguns oradores já tinham falado em frente ao MASP. Trazia uma bandeira do Brasil e outra de São Paulo. As faixas: “Brasil ditadura do crime”, “Fora classe política traidora do Brasil”. Outra trazia “O neóbio é nosso! Presidente chega de contrabando”. O carro parecia ser da UND União Nacionalista Democrática.

Os antifas faziam muito barulho da esquina, e muitos intervencionistas vieram confrontar. Teve certo empurra-empurra, com a massa de transeuntes passando ao lado, os carros passando no meio, e um sopapo que eu vi. Os antifas eram uns 20, com

bandeira vermelho e negro, e gritavam energeticamente. Um fascista gritava “Não acabou, não vai acabar, eu apóio a polícia militar!”. Ao que o povo respondia “1,2,3,4,5 mil, lugar de fascista é na ponta do fuzil!”. A PM ficou inquieta e vieram dois atiradores e reforços. No carro de som, o orador gritava “Somos soldados de cristo!”. Vi depois que a direita jogou ovos nos antifas e a PM não os impediu.

Às 15h a coisa se acalmou e E disse que o Desbunde tinha sido remarcado para as 16h no mesmo local. Fomos até lá, mas só vimos um grupo de pessoas trocando figurinhas da Copa.

Um orador no carro de som afirmava que Bolsonaro tinha sido cassado pelo STF e impedido de concorrer às eleições, o que tinha o intuito de bombar Ciro Gomes. Cada um na sua bolha...

Eram 16h, segui a pé e fui para casa.





ABRIL

2018



## **2 de abril – tremeu o chão da Paulista**

Tremores de terra na Paulista e centro de São Paulo forçam evacuação de prédios. Repercute o jejum que Deltan Dallagnol vai fazer pela condenação de Lula. Teve ato da Frente Antifascista no Circo Voador no Rio, com presença de Lula. A empresa Sky libera seus funcionários sem diminuição de salário para irem ao ato contra Lula. O general da reserva Luiz Gonzaga Schroeder teria afirmado ao Estadão que as forças armadas deveriam tomar armas se o habeas corpus de Lula não cair.

### **Buraco 8 do Diário**

**Sentado no boteco escrevendo este diário, tenho de novo o sentimento da “última vez”. Daqui a dois dias teremos o julgamento do Habeas Corpus de Lula. Fora um pedido de vista, qualquer resultado vai ser explosivo. Tem manifestação do MBL e VPR marcadas, não sei bem se vai encher. Mas penso cada vez mais em redes de proteção e estratégias de exposição pública. Tudo é incerto e sombrio. Receio o clima de linchamento do ano passado e de 2016.**

**Tenho sonhado muito intensamente, mas não com multidão ou polícia. Mas durmo mal.**

## **3 de abril – Ato da direita na Paulista**

Percorri a Paulista a pé desde a praça Oswaldo Cruz. Fui checar o ato pela condenação de Lula, que fora intensamente chamado por grupos como VemPraRua, MBL, Direita São Paulo, Movimento Endireita São Paulo. Eram quase 18h e tinha chovido a tarde toda. A CET começava a fechar vias da avenida e desviar o trânsito. OS carros de som se posicionavam e se preparavam para a noite.

Era difícil calcular quanta gente tinha lá no total, mas achei a quantidade expressiva. Tinha bem menos que os 100 mil do impeachment, achei que umas 30 mil seria justo. Não foi o dilúvio que temia mas não dá para ignorar a força deste contingente.

Cheguei no MASP e já havia umas mil pessoas, ali ainda sem carro de som. Estavam animados, com algumas câmeras presentes. Muito verde-amarelo, camisas da CBF e bandeiras do Brasil aos ombros. Achei equilibrado em termos de gênero, e a idade principal parecia estar entre 40-60, um perfil mais coxinha, branco de classe média-média e alta. Mas vi depois mais jovens sim.

Muitos ambulantes com bandeiras, faixas de cabeça e pixulecos de Lula e de Moro. No

geral, a coisa era monotemática e reiterativa, mas achei a mensagem central forte: ninguém está acima da lei e contra a corrupção. Achei no começo que tinha pouca faixa e cartaz feitos à mão, mas no final apareceram mais.

Alguns deles: “STF, para que serve? Prisão de Lula já”, “Sou professora e a APEOESP não me representa. Fora PT”, “Ministra Weber, está nas suas mãos”, “Roubem que nós garante! STF”, “Ministra Carmen Lucia resiste!”, “Prisão para condenados em segunda instância”, “Queremos eleições limpas”, “Prisão sem Lula é fraude”. Um cartaz era surpreendente: “Não à reforma da previdência, trabalhista, terceirização”.

Um menino negro de mochila enfrentou um orador e foi muito hostilizado e teve que sair.

Eram quatro ou cinco carros de som, do VPR, MBL, Direita São Paulo e Avança Brasil.

Achava tudo meio chato e opressivo. Fiquei muito surpreso de ter sentido no ar, pela primeira vez em uma manifestação coxinha, um cheiro de maconha!

Vi o Partido Novo com bandeiras e camisetas laranjas, mais sua faixa “A lei é igual para todos”. Muitas camisetas do Bolsonaro Presidente, além de “Sou + Moro”, e “Meu partido é o Brasil”.

“Lula, ladrão, seu lugar é na prisão!” e “A nossa bandeira jamais será vermelha” e “Eu sou brasileiro, com muito orgulho e muito amor” foram muito entoadas.

Na altura da rua Itapeva estava o carro do Avança Brasil. Sua faixa “Fora corruptos! #Lula na cadeia”. Em frente à FIESP, o carro do “Movimento Endireita Brasil” com sua faixa “Fora PT”. O veículo no alto trazia um pedalinho de verdade com figura de cisne, montado em cima do caminhão. Estava escrito “Fora Dilma”. Do outro lado do mesmo carro, um bizarro manequim de Lula presidiário, de pernas cruzadas, com cabeção de papiê-machê, de cabelo todo preto. Trazia um pixulequinho dele mesmo no colo, o que figurava uma perturbadora *Pietà*. No asfalto ao lado do carro, um homem com a máscara de plástico do Lula e roupa de presidiário fazia poses para quem quisesse tirar uma selfie com ele atrás de grades.

Vi uma camiseta “Acorda Brasil”.

Na altura da Pamplona, o carro da VemPraRua, com as faixas “Força Lava Jato” e “Democracia Sempre Justiça Já”. Já estavam a irradiar e o orador era jovem e bom. Perto vi as faixas “Fim da impunidade do judiciário” e “Condenação em 2ª instância,

tem que manter isso”.

Vi uma bandeira monarquista e o estandarte do Instituto Plínio Correa de Oliveira, que é a antiga TFP. Vi um cartaz com a figura de Gilmar Mendes: “Lacaio, comparsa, escória, toga suja quadrilheiro”.

O mais tétrico de todos os carros era o do MBL, que irradiava aquela música do “Chora petista, bolivariano, a roubalheira do PT está acabando. Sua conduta é imoral, fere os princípios da CF [Constituição Federal] nacional...”, com tambores militares e coro masculino. Muito alto. Já anotei que eles têm outra versão da mesma canção, onde pedem a liberação do porte de armas. Os oradores deste carro eram muito radicais e anti-esquerdistas. Falaram mal da Globo, que foi vaiada.

Já existe sim um fascismo que já está nas ruas: grupos de direita que roubam símbolos da esquerda, grupos paramilitares, discurso contra a política, discurso do ódio, inimigo interno etc...

Vi as camisetas “O Brasil tem jeito” e curiosamente uma “Tropicalismo”. Vi uma bandeira de São Paulo gigante. Recebi um panfleto contra o voto eletrônico.

Vi um carro com palco em cima (#NasRuas), na esquina da Peixoto, mas ainda vazio. Eram 18:45h. Logo cheguei ao carro do Direita Brasil, cujo nome era “Bordoada”. Sua faixa trazia “Abaixo a corrupção!”. Este era o último carro de todos, e notei que toda a Paulista estava fechada, da Augusta à Brigadeiro.

Voltei em direção à Consolação e vi uma gangue de umas 50 motos chegarem no local. Vi uma máscara de papel do juiz Moro. Vi as faixas “Foro de São Paulo organização criminosa” e “Justiça e Paz”.

Vi a camiseta “Las putas insistimos que los politicos no son nuestros hijos!”. Vi os cartazes “STF chega de proteção, quero Lula na prisão” e “Gilmar Vendido, traidor da pátria”.

Vi um único militarista, sozinho com uma caixa de som que irradiava canções militares.

Nessa hora, já umas 19h, vi uma faixa vermelha que me chamou a atenção: “Lula na Prisão. Fora Temer”. Eram cinco jovens, três deles no batuque, com camisetas vermelhas da Transição Socialista, a antiga Negação da Negação. Estavam em plena campanha pela prisão de Lula. Fui conversar e uma moça disse que estavam

“disputando narrativas”. Estava incrédulo e apontei que o orador ao lado acabava de dizer que era preciso esmagar socialistas e comunistas, mas ela disse que “isso é o que Trotsky faria”. Lembrei a ela que ele nunca se aliou a fascistas, mas depois deixei quieto e eles seguiram. Pelo menos um coxinha vibrou muito com eles.

Notei que a FIESP estava acesa com cores nacionais. Vi uma camiseta “Acabooooo PT”, um cartaz “Beiçola canalha do STF”, uma faixa “Intervenção Militar Já” e outra “STF não nos decepcione”.

Vi um maluco com máscara do Guy Fawkes e avental com as cores da Itália. Ele arrumou duas caixas de pizza num mastro, onde escreveu: “Supremo Pizzaria Federal”. Eram 20h e não consegui ficar mais. Tinha muita gente chegando ainda.

Descia com E a Rafael de Barros para ir ao Monte Carlo e vimos um carroceiro. Trazia uma grande bandeira do Brasil e um cartaz “Fora STF”. Chamava seus três cachorros e para um deles disse “sobre aqui, Lula!”.

Tomamos uma e fui para casa.

....

Vi depois em casa que William Bonner encerrou a edição com uma notícia em tom de ameaça aos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF): ele leu, ao vivo, dois tuítes do general Villas Bôas, comandante do Exército Brasileiro, em que repudiava a “impunidade” e dizia que o Exército está “atento às suas missões institucionais”. O gal. Paulo Chagas falou claramente de Lula e do STF, ameaçando ação militar. Sites de direita comemorando e falando em levante. A esquerda em polvorosa.

#### **4 de abril – Lula condenado**

Acabo de assistir em casa o voto da ministra Rosa Weber, fechando o placar contra Lula, que deve ser preso amanhã ou depois. Saí para rua, que está em sua normalidade esmagadora. Os jovens estudantes da universidade ao lado vêm beber sua cerveja e conversar alto. Eu estou muito triste. Rola agora um boato que M Aurélio Ribeiro vai pedir vistas do processo... nada sei mais, nada mais acredito...

#### **5 de abril**

A prisão de Lula foi decretada para amanhã e ele tem que se apresentar em Curitiba até as 17h.



## **6 de abril – Ato de proteção a Lula em SBC**

Teve convocação geral para ir a São Bernardo, ao Sindicato dos Metalúrgicos, desde ontem à noite. Não fui passar a noite, esperando uma posição mais específica do que estava acontecendo. De manhã li que a posição era resistir à prisão e ficar no sindicato. Saí de casa às 10h correndo e deixei o café pela metade na xícara e fui de metrô ao Jabaquara pegar o elétrico 288 para Ferrazópolis. Chegando no terminal, vi dois helicópteros ao longe, sobrevoando o sindicato. Percebi que mais gente no ônibus ia apoiar Lula e conversamos. Confirmei que a posição é resistir a prisão.

Atravessei a passarela e já vi a aglomeração na ladeira da rua João Basso. Já dava para ouvir o carro de som e vi muita camisa vermelha. Não estava super cheio, mas razoável para a hora: umas 5 mil pessoas. Dei um giro. Eram 12h.

A maioria era militante e sindicalista, homens e mulheres de 40-60 anos. Mas depois chegaram mais jovens dos movimentos e facções e equilibrou. Todo mundo meio sério.

Estava meio angustiado e incerto do que poderia ocorrer. Era meio cedo mas não consegui ficar em casa. Era melhor estar lá e ver acontecer com mais gente em volta. A hipotética cartada de não se entregar embaralhava o jogo e aumentava a temperatura política. Para mim, era um enorme alívio que alguma resistência ia ter. Mas não estava claro ainda se a PF viria buscá-lo ou não.

O carro de som trazia muitos oradores, mas àquela altura muitos homens brancos, e o estilo sindical predominava na oratória. Dei um giro e vi os acampados do MTST, na calçada do estacionamento. Eram os mais animados e se protegiam do forte sol amarrando panos às grades. Um deles era estampado com princesas da Disney. Um batuque do Levante Popular da Juventude aliviou o ambiente e trouxe alguma humanidade ao evento.

O rosto e nome de Lula estavam em toda a parte. Vi uma camiseta do Malcolm X, da Frida Khalo, Coletivo de Mulheres Olga Benário, “Tô com Lula”, uma roxa do PSOL, PCO, Coletivo Democracia Corinthiana e outra da Mafalda “Fora Temer!”. Vi umas três camisas do Corinthians, uma do SPFC e outra do Santos. Os petroleiros com seus jalecos laranjas.

Encontrei G e avaliamos o que poderia acontecer. Não sabíamos nada e eu continuava nervoso. Alguns oradores de movimento estavam bem inflamados e radicais, e achava que o pessoal estava mesmo disposto a lutar com a polícia. Eu mesmo achava que Lula

ia preferir se entregar sem confronto, e não seria a primeira vez que o PT faz chamado como se fosse a revolução e depois fica apenas no gogó.

Um maluco passou com um abacaxi nas mãos com a legenda: “Este é o troféu do Moro”. Outro moço trazia na camiseta “Life begins where your comfort zone ends”. A Erundina falou, e falou bem, muito bem recebida pela galera que a ovacionou.

Entendi que a espera seria meio longa, ainda 13h e nada aconteceria até as 17h. Caminhei no meio do povo, fui almoçar em um restaurante que não estivesse super lotado, observei as pessoas e decidi deitar numa faixa de uns 50 metros que tomava todo o asfalto da rua João Lotto. Era um “Lula” gigante escritos com as frases “Moro imoral, Juiz parcial, Fora Temer!”.

De barriga para cima, sentia o asfalto quente atravessando a minha camisa até as minhas costas e a brisa fresca que começava a soprar. Fechei os olhos e os sons se equalizaram de modo peculiar sem imagem: os dois helicópteros agora ocupavam bandas sonoras diferentes, um de cada lado, cada um com sua cadência de explosões contínuas. A voz dos oradores tinha que virar a esquina para me atingir, e isso adicionava reverberações interessantes. As inúmeras conversas ao redor, o escroto que gritou “olha a polícia federal chegando!”, o rumor do corpo humano em grandes quantidades.... Tudo isso absorvi num misto de entrega e espera, nervoso demais para relaxar mas sensível o suficiente para sentir o comum e o público. Fiquei um tempo assim.

Viajei de novo na onda da “última vez”. Olhava o céu de São Bernardo do Campo, ao lado do sindicato dos metalúrgicos, cercado de falas e imagens que faziam paralelo entre os anos 1980 e hoje. Tento muito me libertar da melancolia geracional que me assalta, mas esta sensação de fim de ciclo é potente, para o bem e para o mal. Preferia estar no meio de um levante popular nacional, mas enfim, é o que tinha para hoje.

Levantei e reparei que os dois prédios da rua são chamados “The Place” e “The Life”.

Andei e encontrei V. Trocamos impressões sobre o dia, e achamos que resistir à prisão era significativo e que um ou dois dias poderia criar uma repercussão internacional importante. Ou, menos provável, algum tipo de espalhamento da desobediência, um levante nacional agora que se via Lula resistindo. Alto risco, pouco provável. Mas, aqui de tarde no ABC, ainda nas cartas. Ele disse que os advogados e familiares aconselhavam a entrega, mas que o movimento pedia radicalização e resistência.

Ouvi a Erundina falar, ela foi muito aplaudida. Muita gente falou, mas guardei na memória somente uma moça negra do Rap, o Boulos, Ivan Valente, Manuela, a outra moça negra que cantou “Estava dormindo, Kangoma me chamou. Disse levanta povo que cativoiro já acabou”. Muitos outros passaram em branco.

Vi a J e ela disse que vira o JT. Chegou um carro de som da CUT e dos metalúrgicos com uma mensagem muito radical de resistência e desobediência. Chegaram cantando “Uh, ABC!”.

Encontrei W e M. Ela disse que a PF não viria hoje e que Alckmin tinha oferecido apoio policial à PF. Disse que a água tinha sido cortada no sindicato, e de fato vi um carro pipa veio abastecer o prédio. Ela disse também que o prédio do sindicato estava cheio de escudeiros da CUT e que a ordem era “se tiver gente fora é melhor, mas se não tiver a gente garante a segurança”. Cumprimentei R, e depois passaram FK e F.

Eram quase 17h, limite para a apresentação de Lula à PF e teve uma contagem regressiva.... “5,4,3,2,1, êêê”. Teve muita celebração e um super alívio que não tinha polícia de prontidão e que a resistência do PT (finalmente) era um pouco menos retórica e algum tipo de enfrentamento tinha sido colocado.

O Lula pareceu nas janelas e foi muito ovacionado, e também muito fotografado pelo Stucker, seu fotógrafo oficial, em perfeita simbiose.

Um moço com um laser de bolso dirigia o seu raio em direção ao helicóptero da Globo. Este era uma de três aeronaves que faziam muito barulho e atrapalhavam o ato. A Globo foi muito xingada de várias formas, e muitas vezes a galera toda cantou: “O povo não é bobo, abaixo a rede Glbo”, “Ei, Globo, vai tomar no cu”.

Depois que ficou claro que, ao contrário do que se falava no zumzum da multidão, Lula não ia falar, eu saí fora para o Terminal Ferrazópolis. Notei no caminho que a presença tinha inchado e que o cruzamento da João Basso com a Marechal Deodoro tinha virado uma balada, muita gente de pé no local.

A última camiseta que eu vi antes de cruzar a passarela para o Terminal Ferrazópolis foi “O cara está voltando!”.

Deixando por último a rodada arqueológica, registro aqui as bandeiras, faixas e palavras de ordem.

Bandeiras: PCO, Coletivo Butantã na Luta, PT, CUT, UNE, UJS, PCdoB, SEDIM, PCO,

MTST, MST, UPES, Levante Popular da Juventude, Juventude do PT, CTB, UPES, Marcha Mundial das Mulheres, uma do Uruguai, PCB, DCE-USP, Juntos na Luta, Sintaema, PSOL amarela, uma Palestina, PCR, POR 4, CMP Central dos Movimentos Populares, #MAIS, uma LGBT, uma do Brasil, Esquerda Marxista, Liberdade e Luta, UJR, DCE-FATEC.

Tinha os balões da APEOESP, CNM-CUT. A camiseta “Marcha Zumbi + 10”, “Mulheres Negras de Minas com Lula” e “TLS PSOL”.

As faixas: “Companheiro Lula, aconteça o que acontecer eu nunca te abandonarei. Serra Car” que é o estacionamento ao lado do sindicato, “Eleição sem Lula é fraude”, “MTST”, “Globo corrupta e racista” e “Enquanto um Brasil destila o ódio, o mundo clama Lula o nobel da paz”, “DCE-FATEC”, “Casa Rosada: Eleição sem lula é fraude!”.

Já os cartazes traziam: “Moro, no tribunal da história, o réu condenado é você!”, “Não podem prender um sonho!”, “Das ruas não sairemos”, “A democracia e o Brasil estão de luto!”.

Todas as tradicionais palavras de ordem foram entoadas: “Olê, olêolê olá...”, “Não tem arrego, Lula é do povo brasileiro!”, “

Tomei o elétrico, o metrô e fui para casa.

## **7 de abril – Prisão de Lula**

A tensão na atmosfera noticiosa hoje, sábado, estava no máximo, pois Lula estava em desobediência aberta a um comando judicial. Decidi então ir para a missão em homenagem a D. Marisa de manhã e ver o que rolava. Invariavelmente as missas são chatas, mas é preciso ser generoso com o movimento social no Brasil.

Fui para a estação Jabaquara do metrô de manhã e tomei o elétrico 288 para Ferrazópolis. De lá, um pulo para o sindicato. De longe deu para ver a aglomeração. Eu tinha muita expectativa do número de pessoas que afluíam, pois menos que uma multidão seria uma derrota.

Calculei por cima umas 5 mil pessoas, o que achei suficiente mas não o necessário para um levante. A composição geral era a mesma de ontem. Vi mais vans e carrinhos de comida do que ontem, no esteio do empreendedorismo pós-CLT.

O carro de som continuava lá, e achei ótimo que a música era dos Racionais e sambas clássicos. Três helicópteros voluptuosamente atrapalhavam a harmonia sonora, era

muito pentelho.

O carro de som estava cheio de gente, sindicalistas e religiosos. Sendo esta uma missa católica, dominavam os padres. Estava lá o Dom Angélico, que é muito progressista e que acompanha as lutas do ABC há muito tempo. Mas o rito em si era muito virar a outra face, sacrifício, o cordeiro de deus etc, e a galera logo abaixo dele, perto do carro, ficava gritando por resistência.

O povo estava mais eletrizado pela possibilidade de resistir e foda-se, que venham nos pegar. Mas o ato-missa apresentava essa face do Meigo Nazareno, o que não caía bem com a galera jovem e incendiária. O obrigatório Pai Nosso foi vocalizado, mas me pareceu tão pouco e tão tarde.

Interromperam várias vezes a fala de Dom Angélico, que teve que lidar com a situação da massa em revolta. Dilma também falou, e foi muito ovacionada. Entendo que o petista tenha a obrigação de saudá-la, mas eu comigo tenho que foi um alívio não ter mais que defendê-la. Passou, não foi presa, seja feliz. Por isso, ouvi ela recitar a oração de São Francisco “fazei-me instrumento de tua paz” sem reclamar, mas sem emoção.

A missa contou com som ao vivo, que foi composto principalmente de sambas, e todas as canções foram escolhidas pelo próprio Lula, “nosso diretor musical”. Eu achei o playlist bom e inspirador, mas eu tenho 50 anos. Dentre as canções, “Maria, Maria”, do Milton Nascimento. Como indiquei em outras páginas deste diário, hoje esta canção é meio brega e o hino das tiazinhas e tiozinhos, mas quando ela irrompeu nos anos 80 era vibrante e diferente de tudo o que havia (Blitz, Roger e Lobão).

Muitos falaram, mas a mais esperada era a fala de Lula, que daria o tom do dia: confronto ou conciliação. Quando ele apareceu em cima do carro, altas ovações.

Tinha um povo muito combativo e pronto ao confronto. Não apenas o “Lula, guerreiro, do povo brasileiro”, mas “não se entrega! Não se entrega!”. Olhei em volta e achei que um cenário Allende não seria absurdo. Mas não tinha tudo isso de gente, mas a galera seguia combativa.

Curiosamente, me acalmou um camisa do Juventus que vi na multidão.

Lula homenageou muitos de seus colegas e companheiros, do sindicato ao Pcdob. Incluiu Ivan Valente, Haddaad, Dilma, Celso Amorim, Suplicy, o governador do Piauí, Stédile. Muito se falou depois que Lula parece ter ungido a Boulos como seu sucessor



ao invés de Haddad. Nem acho ruim, mas na luta intestina das hierarquias, o tom do elogio a Manuela, Boulos e Haddad teve consequências institucionais. A unção do candidato a governador Marinho, por exemplo, piedosamente, foi apenas nominal. Se Lula se reconhece em Boulos, há algum tipo de esperança em algum lugar.

Os três helicópteros voavam muito baixo e atrapalhavam a compreensão do que se falava.

Lula falou muito da situação atual e da injustiça de sua prisão. Ele revelou que ia se entregar, para o desgosto de muitos ali. Afirmou ser vítima de injustiça, disse que o apartamento no Guarujá não é seu e que a Justiça deixa criminoso “fazer pixuleco”. Afirmou ser perseguido pela imprensa, por Dallagnol e seu Power Point: “cadê a prova?” Falou da morte antecipada de Marisa. “Não sou contra a Lava Jato” mas sim contra “guerra aos pobres”.

Revelou então que ia atender ao mandado de prisão. O povo lá protestou imediatamente. Mas ele disse que “eu não sou um ser humano, sou uma idéia”, e que “meu coração baterá em todos os seus corações, todos vocês se chamarão de Lula de agora em diante, milhões de lulas”. “Vou de cabeça erguida, até porque minha mãe me fez de pescoço curto que era para não baixar a cabeça”. “Quanto mais dias eu ficar preso tanto mais Lulas vai ter”.

Ele foi muito ovacionado quando desceu do carro, e parte da galera indignada, que gritava “Lula é a gente, Lula não se rende!”.

Enquanto os músicos do carro de som cantavam “Amanhã vai ser outro dia” do Chico, sentei no panão no asfalto e chorei. Tudo era derrota e fechamento. Não confiei que o povo tivesse acorrido em socorro, só tinha facção e militante. Nada seria como Allende, e sim como Jango.

Fiquei um pouco mais, eram 13h, almocei em um restaurante local onde vistas aéreas dos detestáveis helicópteros da Globo eram transmitidas, mas sem menção à prisão de Lula.

Acabei indo para casa.

Depois vi que o povo bloqueou o carro de Lula quando ia se entregar. Vi as imagens de como ele foi carregado pelo povo e abraçado coletivamente uma última vez. Lamentei não ter ficado as quatro ou cinco horas a mais, mas paciência: vi pelas imprensas. A

foto aérea do moço jovem Proner percorreu o mundo, e compreendi que esta fora uma virada genial: ao esgarçar os prazos, ao sair no braços da galera, as imagens produzidas foram de apoteose e celebração. As pífias imagens da chegada em Curitiba não competem em drama com aquelas de São Bernardo. Os semiotistas todos concordam!

Lembro-me de quando dava aula de inglês a um banqueiro do Bradesco, e ele conhecia o Moro. Ele reclamou muito quando as imagens que passaram na televisão da prisão de José Dirceu foram as dele de punho erguido e o povo cantando “Dirceu, guerreiro do povo brasileiro”. Imagino o que tenha sido o efeito do duelo mexicano entre Lula e Moro. Internacionalmente a foto do jovem Proner bombou, aquela do abraço coletivo visto de cima, mas foi ignorada pela mídia nacional.

Para o registro arqueológico. Além das bandeiras de ontem, vi uma bandeira do CONAM, outra do RUA, uma camiseta da Juventude e Revolução,

Ademais, houve 37 intervenções em rodovias federais, o MST fechou estradas. Em casa exausto, não fui a Curitiba. Parece que houve repressão forte aos petistas lá congregados. Coxinhas soltaram fogos de artifício. Mas agora tem um acampamento de apoio ao Lula junto à PF, e parece que o ex-presidente ouve todos os dias, de manhã e ao anoitecer: “Bom dia, presidente!” e “Boa noite, presidente!”

Vi uma foto muito escrota do cafetão dono do prostíbulo Bahamas. Ele cobria a boca de sua empregada com a mão, ela seminua, ele vestido de presidiário. Ao fundo, retratos de Mouro e Carmem Lúcia, tudo isso com a cerveja de graça que ele prometera no evento da prisão de Lula. O MST ocupou fazenda sua depois no dia 17.

Fiquei muito desanimado muitos dias, mas o povo fez postos na rua de escrita de cartas para Lula, e tentam romper o isolamento (ele está em uma solitária) com visitas. Algum tipo de coisa será.

O MTST ocupou o triplex do Guarujá: foi genial, pois forçou a questão: de quem é o imóvel? Quem vai pedir a reintegração de posse? “Se é do Lula é nosso!”. Além disso, desmentiram sites noticiosos que traziam imagens luxuosas do interior: não há reforma milionárias, não há móveis ou cozinha, era tudo mentira.

## **11 de abril – ato Lula Livre**

Saí da estação Sé às 17h para o Ato Lula Livre, chamado pela CUT e outros. O escadão

da catedral estava cheio, umas 400 pessoas, homens e mulheres de 40-50 anos. Muitos balões no ar: Bancários, CNM-CUT.

A pegada era mais sindical e Frente Brasil Popular, como era de se esperar. O clima era emocionado, mas não pude deixar de notar que a mobilização não fora massiva. O medo, por parte da direita, de um levante popular no caso da prisão de Lula não se concretizou. Não dá para não culpar o PT também, já que se afastou da militância e o povo cansou de ser chamado para a rua para resistir e depois o partido negociar sozinho no gabinete. A segunda Greve Geral foi assim, a CUT votou contra a paralisação no sindicato dos metroviários, setor crucial no paro. É que a CUT tinha negociado com Temer certas vantagens na reforma sindical.

Furar a bolha militante é importante nessa hora, mas atos desse tipo não estão surtindo efeito: o Brasil vai ficar olhando.

Até anotei as entidades e bandeiras presentes, mas só me lembro do morador de rua alucinado, negro, com uma camiseta e bermuda, gritando muito.

“Ô Sérgio Moro, você vai ver, a história vai condenar você!”, gritava o povo lá reunido.

Camisetas, bandeiras ou faixas: PCdoB, Marcha Mundial das Mulheres, CTB, Intersindical, PT, PCO, CMP (moradia), APEOESP, MTST, Corinthians, #Fora Temer, Balaio, Ação Petista, Frente Povo Sem Medo, Levante popular da Juventude, UNE

Mensagens: “Fora Globo corrupta!”, “Eleição sem Lula é fraude!”, “Só a luta te garante”.

No geral, todo mundo preocupado. Ouvi a palavra “fascismo” muitas vezes. A prisão dele era um limite que muitos achavam que não ia ser ultrapassado.

Às 17:50h saímos pela rua Direita com destino à Praça da República e achei que vi mais movimentos mais interessantes ali representados: LGBT, UniNegro, uma camiseta do Che, uma faixa “Casa Primeiro”, “Albergue não é moradia”.

Chegamos na Praça e tinha um palco. Achei legal estar cercado de gente nesse momento, mas temi pelo futuro. Sofremos um gol.

Fiquei triste, descí à plataforma da estação República e busquei minha casa.

## **16 de abril**

Repercute ainda o vídeo feito dentro do triplex do Guarujá. Malfeito, sem reformas e

um gol “a favor da luta semiótica e simbólica”. Várias visitas a Lula são impedidas (incluindo do Esquivel) e há um cabo de guerra em curso: o PIG quer fazer esquecer Lula, a militância não quer deixar.

### **17 de abril – o tempo passou**

Hoje, 17 de abril, pela primeira vez desde os loucos tempos do Fora Temer!, escrevi na publicidade luminosa do ponto de ônibus: “Lula Livre”. Este ponto de ônibus é no caminho entre o boteco e minha casa, e tem uma universidade pertinho. Escrevi muito Fora Temer! neste local, mas tinha parado desde que o vampiro de fato vencera o povo. Um menino viu tudo do ônibus ao lado, e me mostrou o dedo médio. Fiquei feliz. Com outros amigos, estamos escrevendo e passando papel-moeda com “Lula Livre”.

Faz dez dias da prisão de Lula e até agora só consegui ficar em silêncio. O baque foi grande, mas se pensarmos a situação não é como eu antecipara anos atrás. É verdade que uma página perigosa foi virada, e estamos cada vez mais em derretimento institucional, e Marielle foi morta apenas outro dia. Os prognósticos são os piores em termos de domínio da direita e esmagamento de direitos. O cenário eleitoral traz quase só desastre e no mínimo a construção por fora vai ser longa.

Mas, para bem e para o mal, o PT não acabou e o Lula não foi neutralizado. Algumas reformas não passaram e há vibrante – se minoritária – nova esquerda em florescimento. Dois anos atrás, a prisão de Lula poderia ter sinalizado uma ofensiva letal assassina geral de uma direita unida. Hoje, existimos.

É verdade que a insistência do PT na candidatura de Lula atrapalha a esquerda a e formulação de projetos progressistas. Interessa-me hoje discussões que distinguem Lula candidato de Lula Livre. A segunda é libertadora, a primeira não. HP diagnosticou com agudeza o momento: está claro que vamos precisar diminuir o sublinhar de diferenças e achar convergências, num sentido amplo e generoso que vai precisar prescindir de afirmações egoístas. HP insiste na formação de redes de proteção. Eu chamo o mesmo de preparação para a clandestinidade (garantir pelo menos no privado o que o público não permita), mas seria mais preparar a cidadania do futuro agora do que se esconder da gente humana. Precisamos de dispositivos de viver em comum que gerem os resultados positivos que não necessariamente apenas frutificarão no futuro, mas que nos permitam sobreviver bem agora.

Morreu Paul Singer, um fundador do PT. Muitos amigos tiveram contato com ele e

lamentam a perda. Teve velório na Raposo mas eu não fui. Aécio foi feito réu, mas Alckmin não. Li uma análise que apontava a Lava Jato como a grande eleitora desta eleição. Fico ainda lendo e ouvindo que não vai ter eleição. Com Lula preso, não vejo porque não, mas Bolsonaro continua na frente, apesar do impacto relativo que Barbosa e Marina acusaram nas pesquisas.

### **19 de abril – descalabro carioca**

De muitos cantos vêm notícias de companheiros, de minha geração para baixo, que a situação está muito estragada profissionalmente. Os companheiros do Rio contam histórias arrepiantes de classe média levada às ruas, acadêmicos descendendo a posições subalternas para garantir algum. Essa nova ordem de demolição social do trabalho chegou pra ficar, e o Rio de Janeiro é apenas o laboratório. Peguei uma carona de volta da Unicamp e uma acadêmica muito melhor posicionada do que eu estava assustada com o porvir. Quem tem filhos tem mais medo.

Eu olho em volta e só vejo horror. O movimento vai sobreviver, mas os companheiros não. Quem tem renda ou é herdeiro, está ok.

### **20 de abril**

Estive no A onde estavam várias outras pessoas, como seu filho L e uma outra figura A. Bebemos muito e rolou muita discussão, havia quem sustentasse posições de direita. Deu certa preguiça e me peguei me inflamando.

Repercute ainda a mensagem que Gleisi Hoffman gravou na TV AL-Jazeera. A senadora Ana Amelia a acusou de chamar o Estado Islâmico para vir defender Lula. Mas a Procuradoria-Geral da República instaurou procedimento preliminar. Quem iniciou tudo foi o deputado bolsonarista, Major Olímpio, que acionou a PGR. Como imagem de guerra semiótica, trata-se de um prato cheio para a direita, Gleisi falando de Lula cercada de caracteres árabes. Sabe-se que a fake news viaja mais rápido e mais longe que o desmentido esclarecedor. Difícil fazer política hoje. Talvez seja a sociedade do espetáculo, talvez o simulacro, talvez o colapso das hierarquias, talvez a barbárie.

### **21 de abril**

Lula continua preso e há uma campanha que busca furar o ostracismo a que o PIG quer submeter Lula. Desde factóides a relatos de quem o visita (advogados) e inúmeras tentativas de visita que são barradas: Boff, Esquivel, governadores etc. Ele está em



solitária mas parece que ele ouve o acampamento que lá se instalou na rua. Até o grito da vencedora do BBB, Gleice, bombou nas redes e se fala em sua candidatura pelo PT. Tem foto dela com o Lula. [*Gleice, ao vencer o BBB e celebrar ao vivo sua vitória, saudou Lula em rede nacional*]

Repercute muito na esquerda a entrevista de Dirceu na Folha, e é de fato impressionante. Ele fala da vida na prisão.

## **24 de abril**

A Justiça tira da alçada de Moro o processo do sítio de Atibaia. A imprensa petista fica dando pistas de que Lula vai poder concorrer (declarações de Gilmar Mendes e Fux, por exemplo)... mas na real não dá para saber. Continua a campanha de forçar a recusa de visitas. A PF alegou que já gastou com Lula 100 mil reais e quer sua transferência.

Chomsky aderiu à campanha Lula Livre. Tenho escrito Lula Livre por aí, mas ainda sou o único que tenha visto. O Fora Temer! puxou mais gente. Veremos.

### **Buraco 9 do Diário**

**Sei que sou um morto que anda. Amigos meus de minha geração estão atônitos e desesperados. Não há cenário onde haja conforto. A cidade não mais me traz alegria, o centro é triste e pobre, a Paulista odiosa, nada do Brasil me anima: nem o marginal, o pequeno e o incipiente, que tanto encanta quem tem renda ou está seguro a observar. Não ter tido filhos – mas ter andado entre a gente jovem – foi talvez meu maior acerto. Colecionar botecos caidões é tudo o que resta da vida deste artista. Fazer arte no mercado, como empreendedor é escroto e reacionário.**

**Mas só vejo desastre na esquerda, e o meu projeto de vida parece ter esgotado: busquei ser malucão e diferente, e pronto para um fim antecipado. Nada mais me conforta, nem o centro da cidade, pouco a música. As pessoas me cansam e já entendi que nada do que eu seja vai ser útil no futuro.**

**O encarceramento de Lula fechou um ciclo, M até me perguntou se eu escrevia ainda o diário depois da prisão. Era uma boa pergunta. Talvez deva parar, mas me prometi viver até o segundo turno, por mais brochante que seja. Só para garantir que mudou o ciclo e que o antigo não vai formar o futuro.**

**Lula preso fecha um ciclo, as novas esquerdas incipientes mas florescentes fecham um ciclo, o futuro obviamente vazio da minha presença fecha um ciclo. Não estou ressentido, mas estou desanimado. Essa luta longa, focada na juventude sem necessariamente diálogo com minha geração...**

**Já entramos em maio e estou numa montanha russa emocional.**

Nesta 5ª feira (26 de abril), por exemplo, os indígenas realizaram uma manifestação na Esplanada dos Ministérios, para cobrar a demarcação de terras pelo governo federal. Segundo os organizadores, cerca de 2,5 mil pessoas participaram do ato.

O Acampamento Terra Livre é considerada a maior mobilização indígena do Brasil.

*[Alguns amigos apontam o exemplo dos indígenas e quilombolas, que já vivem o fim do mundo há 500 anos, quando se fala do desalento da luta hoje. Eles sempre apontam para o longo fôlego da luta. Não deixa de ser verdade.]*

## **28 de abril**

Acampamento pró-Lula em Curitiba foi alvejado de madrugada por tiros, fazendo dois feridos. Um deles está no hospital com um bala no pescoço. Inicialmente PIG ignora.

Na madrugada de ontem, o Movimento de Cicloativistas de São Paulo ocupou a Avenida Paulista contra as ações e declarações do prefeito Bruno Covas e lançou um manifesto; o tucano disse que “as ciclovias foram lançadas de forma aleatória na cidade, como orégano em pizza”;

Expectativa com a delação de Pallocci.





# Maió



2018



## **1 de maio – dia do trabalho pela cidade**

Eram quase 14h quando descia a Consolação de ônibus, em busca das comemorações de 1º de Maio. Logo na esquina com a Consolação eu vi um figura vestido de Tio Sam. Desci na Ipiranga antes de ir à praça da República e entrei num boteco. Ouvi uma conversa de dois jornalistas. Diziam que a manifestação da Força Sindical no Campo de Bagatelle tinha 10 mil pessoas. E que na República só mil. Esta era da CUT.

Tinha pensado muito em ir a Curitiba, mas não me animei.

Encontrei G, que também viera ao centro para as manifestações.

Os primeiros de maio têm sido cada vez menos interessantes. Apesar da urgência do momento, as centrais sindicais não conseguem mobilizar suas bases e isso aparece. A Força Sindical sorteia carros. E hoje a CUT estava na pauta Lula Livre, e concentrou todos os esforços em fazer um ato grande em Curitiba. Então esperava pouco de hoje.

Na República, umas 3 mil pessoas, mas a animação não era muito grande. O formato bem tradicional, com o carro de som (“Padilhão”) e alguma música ao vivo. A maioria das pessoas eram militantes, e os aventais da CUT predominavam. Os balões clássicos dos sindicatos e centrais da CUT.

Achei que tinha pouca classe média e certamente pouco material feito à mão. As mensagens eram bem da pauta petista: Lula Livre, Fora Temer, Marielle e Previdência. Um panão grande, com um quepe militar trazia: “TV Golpe”.

Olhei em volta e vi o rosto de Lula em toda a parte: bexigas vermelhas, camisetas, cartazes e faixas. Pensei no cenário eleitoral e desanimei. Todo esse esforço parece desperdiçado, havia uma espécie de ansiedade coletiva para impedir que esqueçamos de Lula. Ainda leio comentaristas indignados que o povo não se levanta, que não há mobilização. Mas não adianta culpar o mensageiro. Pensava tudo isso enquanto alguns Lulas me olhavam nos olhos, outros para o lado, e alguns sorriam para o céu.

Saí para dar uma olhada na Praça da Sé. Talvez tivesse alguma movimentação autonomista.

Passei pelo Paissandu e vi os escombros do prédio incendiado. Ainda tinha fumaça e muita atividade em volta. Da São João, atrás da linha de segurança, vi que o prédio escondia uma mensagem publicitária pintada à mão, provavelmente dos anos 50: “Beber Caracú é beber saúde”.



Tinha gente fazendo foto com seus celulares, e um homem da rua caminhava entre as pessoas gritando: “Vai tirar o selfzinho? Vem tirar com a minha família, olha que bonitinho. É o que eu tenho. Vai fazer um selfzinho do seu cuzinho? Faz aí um selfzinho do seu cuzinho bonitinho!”.

Conversei com um homem de mochila nas costas e ele afirmou que o incêndio fora provocado por autoridades, que fazem o mesmo com favelas.

O desastre causou dedos de acusação de culpa apontando em todas as direções. Há uma forte tendência de criminalização dos movimentos de moradia e o cenário da luta das ocupações no centro deve mudar.

Saí fora e fui para a Sé, mas só vi pregadores.

Eram 14:45h, tomei o metrô e fui para casa.

## **2 de maio**

Nas últimas semanas, os tribunais superiores – STF (Supremo Tribunal Federal) e Superior Tribunal de Justiça (STJ) – resolveram enfrentar, finalmente, o juiz Sérgio Moro. Este reage e desobedece. Depois da prisão de Lula, o interesse em manter a Lava Jato diminuiu muito.

Uma amiga disse que o MLSM, Movimento de Luta Social por Moradia, que tinha ocupado o prédio que se incendiou, é um não-movimento. Grileiros urbanos com tudo o que vem de ruim... coação aos moradores, descaso ec.

## **4 de maio**

O acampamento em Curitiba foi vandalizado por um homem que é delegado da PF. A juíza que impede as visitas a Lula permitiu a entrada de repórteres e fotógrafos da Veja, que publicou matéria.

## **6 de maio**

Vejo na tela da TV, sem som, no boteco neste domingo: o Caetano de hoje cantando, com a legenda “é proibido proibir”, na Globo. Ele sorri.

## **8 de maio**

Joaquim Barbosa desiste da candidatura. Tudo volta ao caos anterior. Boulos fala muito bem no Roda Viva, atraindo elogios da esquerda – exceto dos deleuzianos.

## 10 de maio

Ouço pela quarta vez no som do boteco onde venho escrever a versão funk de *Bella Ciao*. A letra em português é difícil de entender, mas acho que não é revolucionária. Mas pode haver um potencial de contaminação de versões, onde dançaremos ao som da enunciação anarquista que reclama do trabalho em condições insalubres [hoje em contraste com o combate à dengue], quando os insetos assaltam os trabalhadores no seu labor:

*E fra gli insetti e le zanzare  
o bella ciao bella ciao bella ciao ciao ciao  
e fra gli insetti e le zanzare  
un dur lavor mi tocca far.*

Talvez o significante luta migre, talvez não, tudo é troca capitalista, hoje. Como saber?

*[essa discussão sobre o teor de desrespeito à luta ou não da nova versão funk (que de fato é chula) ferveu nas redes, me foi relatado. As posições foram variadas mas algo previsíveis. A canção ganha ainda outro impulso com uma versão feminista que aparece nas ruas]*

## 16 de maio

Tudo igual e tudo parado. A candidatura Lula paralisa a esquerda e tranca do debate.

Ele vai ficar preso até depois das eleições, o ministro Tofolli já indicou. O STE é de Gilmar Mendes, que já descartou a possibilidade da candidatura Lula. Teremos sorte se tiver alguém progressista no segundo turno. Alckmin derrete e parece mesmo que só Bolsonaro navega as pesquisas com chances.

A candidatura de Boulos é mais interessante e abriga questões mais contemporâneas, que o Lula não conseguiria abarcar: discutir o desenvolvimentismo, meio ambiente, direitos e minorias.

Meu desânimo é cósmico, não saberei me reinventar profissionalmente e nem quero. Cada vez mais acho que tem que ir fazer teatro, audiovisual, poesia, dança, pois vai demorar para a política institucional deixar de ser deprimente. Os capítulos do golpe vão se sucedendo, tudo vai ser longo, penoso e difícil. Esta eleição vai ser escrota e a normalização que trará será falsa e espúria, mas informará toda a política dos próximos 10 anos.

Tenho encontrado muita gente de minha geração e um pouco abaixo em pânico com o trabalho e o desemprego. Bicos e precarização prevalecem em todo o lugar. Parece que um estado narco-militar é mesmo o futuro, e que a natureza do trabalho está mudando e a esquerda laborista vai ter que se reformar. Vai doer.

O Maurício de Souza lançou uma revistinha de encomenda das Forças Armadas em que a turma da Mônica explica aspectos de atividades das Forças Armadas.

Foi o lançamento da campanha da Samia, do PSOL. Não fui.

## **24 de maio**

Prossegue a greve dos caminhoneiros, com muito impacto. Parece mesmo que a crise chegou na distribuição de combustíveis e que há menos tráfego na rua. Aeroportos fecham ou ameaçam fechar, há um certo alarmismo do ar. Uns temem que Temer caia para uma junta militar, outros temem que ele chame um estado de emergência para não cair... *[essa paralisação dos caminhoneiros pegou o mundo político de surpresa. Era um movimento descentralizado, gerido por whatsapp e autonomista em espírito, isto é, não reconhecia os três ou quatro sindicatos que existem na categoria. Isso fazia com que as avaliações sobre a movimentação fossem múltiplas e conflitantes entre si.]*

## **25 de maio – apoio aos caminhoneiros**

Hoje testemunhamos talvez a maior perda de oportunidade política dos últimos 3 anos. Em outras palavras, uma brochada monstro hoje de noite, dadas as tensões e brechas do dia.

Fui para a Paulista a pé, esperando grande quantidade de gente. A tarde tinha sido tensa, com sucessivos desenvolvimentos que entravam em território ainda não explorado no Brasil: envolvimento militar, a base dos caminhoneiros (parece que principalmente os autônomos) desobedecendo o acordo feito em Brasília por entidades, e muita discussão na esquerda se era greve ou locaute, se era um movimento de esquerda ou de direita. Os argumentos ferveram nas redes e acabei por achar que se trata de uma situação mista – trabalhadores junto com patrões – onde havia ainda uma disputa pela alma do movimento. Oportunistas intervencionistas militares estenderam e fotografaram suas faixas, o Partido Novo foi visto panfletando filas de carros nos postos de gasolina. A imprensa muito “neutra”, sem acionar o *template* “a greve atrapalha quem trabalha”. A direita (PMDB-PSDB) paralisada sem

saber o que fazer. A Globo aparentemente rifando Temer. A extrema direita farejou a brecha e tentou colocar seu apoio como um chamado “contra o pagamento de impostos” e pela privatização da Petrobrás. A FUP, dos petroleiros, marcou greve para daqui a um mês, um erro estratégico estratosférico: se marcasse para hoje ou amanhã, conseguia mudar a pauta geral do movimento para a defesa da sociedade contra o mercado, e ainda provocar uma adesão em massa de outras categorias.

Os professores particulares estão em greve em São Paulo, uma greve muito boa e interessante, as vans de transporte escolar fecharam a Paulista nos dois sentidos hoje de tarde, e, além disso, 200 motoboys acorreram à mesma avenida pela 23 de Maio em apoio aos caminhoneiros. Ontem o MST doou comida e cozinhou para os caminhoneiros parados na Dutra em SP, dialogando com os caminhoneiros, enfim, disputando. Por causa da greve dos caminhoneiros, o McDonald de Sorocaba não recebeu estoque de pães e serviu lanche no pão francês. Quando li que os policiais rodoviários federais tinham apoiado os caminhoneiros (o que foi apenas parcialmente verdade), achei que a porteira tinha estourado e que adesões poderiam ser massivas e rizômicas. Achei que a pauta era nova, não-petista, com capilaridade na sociedade e alto potencial de espalhamento. A Frente Brasil Popular lançou nota de apoio, e a CUT, o Bóulos, também a Frente Brasil Sem Medo marcou manifestação, assim como os ciclistas, autonomistas e professores. Achei que a esquerda ia sair toda, potencialmente com o conjunto da sociedade.

Não foi bem assim, pelo menos não na Paulista.

Eram 17:30h quando comecei a andar na Praça Oswaldo Cruz, do lado do Paraíso. O trânsito já era desviado desde ali, o que me deixou desconfiado e temeroso. A PM só fecha a avenida toda antecipadamente para os coxins. Tinha uma chamada do Direita SP para a frente da Gazeta em apoio aos caminhoneiros e contra o pagamento de impostos.

Passei na frente e vi, aliviado, que não tinha ninguém. Fiquei feliz com o fiasco deles, ainda sem saber como estava o MASP. Ainda pensando “para que lado vai sair este levante?”, alcancei o MASP. A avenida estava vazia, e num boteco vi a televisão na Globo: ‘helicóptero do exército levam tropas a rodovias’. Vi um pixo numa floreira da avenida: “intervenção”.

Cheguei umas 18:15 e não tinha ninguém. É verdade que a Frente Brasil Sem Medo tinha chamado para as 19h, mas havia outras chamadas para 18h. Achei estranhíssimo

e fui esperar num boteco. Lá vi a Globo reportar a coletiva de imprensa do governo: a mensagem era que metade das interdições tinham sido desfeitas e que o movimento ia perdendo força. As Operações de Garantia da Lei e da Ordem (Op GLO) valiam para todo o território nacional. Vinte empresários foram chamados a responder por possível locaute e ganhos de lucro com a movimentação.

Voltei ao MASP e vi umas 200 pessoas: bandeiras do PSTU, uma vermelha e negra dos autonomistas, umas três faixas – e uma bandeira do PSOL. Uma bandeira do MTST repousava sobre instrumentos de percussão deitados ao chão. “Justiça para Marielle” vinha em uma bandeira do PSOL, e outra era do CONLUTAS-CSP. Duas mulheres panfletavam transeuntes.

Não consegui esconder de mim mesmo o desapontamento. Se havia um dia para a insurreição e para a luta em novas configurações, este dia era hoje. Achei que a classe média tinha sido sensibilizada e que aqueles fora do radar da esquerda acorreriam às ruas – o apoio em geral aos caminhoneiros parece meio geral – e que haveria um embate entre narrativas diversas. O escalonamento deste movimento para uma greve geral estava dentro do possível. A FUP tinha que ter mudado a pauta. Agora, enquanto assisto ao JN no boteco da Vergueiro, penso como o noticiário teria mudado, e a contaminação pela esquerda poderia ter acontecido.

O que ficou claro com essa greve dos caminhoneiros, complexa e de difícil redução (patrão ou trabalhador?), é que os precarizados estão em revolta – vide motoboys e motoristas de uber, professores. Seria uma oportunidade de ouro de abraçar novos atores. Além disso, ficou evidente que é a radicalidade que vai desemperrar o Brasil e a esquerda. O tipo de enfrentamento que os caminhoneiros fizeram, nenhum PT faria – e parece que nenhum sindicato também. A greve geral, este sonho que parecia distante, de repente poderia acontecer na multiplicidade e fora das pautas institucionais. É preciso nos acostumarmos que tais pautas fora do tabuleiro podem ser as decisivas, ainda que seja verdade que o fascismo e fechamento possam vir também fora do campinho desenhado.

Também me chamou a atenção como os serviços essenciais estão hoje na mão de serviços terceirizados. É preciso falar com os precários e autônomos. Eles fecharam o país.

Fui à Praça do Ciclista em busca da mobilização chamada por eles, mas só vi três deles – e cinco motos da PM. Fiquei triste.



Busquei um ponto de ônibus de volta para casa, desgostoso. Depois li que o pessoal do MASP saiu em passeata até a sede da Petrobrás. Amuado e desapontado com a esquerda, acenei para um “Metrô Paraíso”. Antes de embarcar, um morador de rua passou gritando: “Eu tenho gasolina! Vinte e cinco reais o litro! Sem fila!”

Eram 19:15 e fui para casa.

De FM

*Me parece que temos 3 campos aí, não sei se vocês concordam:*

*1) de modo bem geral, o nosso campo batendo no golpe, na toada do "viu a consequência de você bater panela", "olha o que que aconteceu depois do golpe". Ao mesmo tempo politizando no sentido de explicar o por que da crise e do preço exorbitante dos combustíveis (criticando o livre mercado, a política de preços do Temer e do Pedro Parente e o processo de privatização da Petrobras);*

*2) uma camada grande da classe média que apoiou o golpe e perdeu a narrativa. Apoiam a greve porque são diretamente atingidos pelos preços do combustível, mas não entram em debates, porque não podem defender o Temer. Ou seja, estão na defensiva;*

*3) e um pequeno e barulhento setor que está se mobilizando para disputar a narrativa a partir da retórica de que isso se dá por conta da corrupção "dos políticos", apontando no sentido de radicalizar pela direita por uma intervenção militar.*

*Me parece que nossa disputa está centrada mais com esse terceiro campo.*

*Tendo a achar que o pior cenário é fazer como o segundo campo e "assistir pela TV", sem apontar as causas disso e sem tentar disputar. Receosos de que não estamos no controle. Ontem o MST doou comida e cozinhou para os caminhoneiros parados na Dutra em SP, dialogando com os caminhoneiros, enfim, disputando. Talvez seja por aí.*

*Os sindicatos tradicionais parecem engessados, não conseguem aproveitar o momento para articular paralisações. A FUP parou ontem e aponta uma greve nacional para.... junho apenas.*

*Seria importantíssimo se os petroleiros parassem. Iria ter um impacto*

*enorme e conseguiríamos disputar o sentido política disso sem "depende" dos caminhoneiros, podendo intervir e interpelar as pautas deles, com uma segurança maior de que não é "patronal" ou algo organizado para termos uma intervenção militar.*

*Enfim, algumas breves reflexões. É verdade também que fica difícil fazer qualquer análise mais precisa porque falta informação. A crítica dos caminhoneiros ao acordo dos sindicatos parece corroborar com a questão espontânea da paralisação.*

De TR:

*O diálogo do presente com o espectro de junho de 2013 ao menos em dois grandes pontos, em que pese as diferenças cruciais, a greve dos caminhoneiros faz soprar os ventos abertos pelas jornadas de junho:*

*1) nenhum dispositivo conseguiu segurar a insurgência cidadã dos caminhoneiros: nem patrão, nem governo, nem sindicato, nem associação, nem mídia, nem polícia, nem partidos de direita ou de esquerda, nem nada. Insurgida, em grande parte, de modo espontâneo pelas redes sociais, sobretudo o whatsapp, a despeito de qualquer instituição, ganhou o apoio massivo da população. Movimento, portanto, emergido da base, arrastando toda burocracia institucional, com certo caráter horizontal. Com elementos heterogêneos e contraditórios, claro.*

*2) a dificuldade extrema de grande parte da esquerda em aceitar a realidade dos fatos. Ou, para dizer em outra chave interpretativa, a demonstração cabal - e eterna -, desde de 2013 pelo menos, de seu divórcio com as ruas em troca do casamento institucional burguês (outra demonstração cabal e eterna foi o esvaziamento das ruas na apoteótica prisão do São Sebastião e sua própria rendição). E, como consequência, a falta de resposta à altura para a insurgência tanto em junho de 2013 como agora em 2018, além da repressão, claro. Não é coincidência, portanto, o desejo atual do PT e da maioria de sua militância com a repressão à greve dos caminhoneiros a partir da caracterização de um suposto locaute. Temer deve estar feliz com esse aliado novamente. O discurso da Gleisi Hoffmann no senado foi acalentador ao MDB e ao governo "golpista", certamente,*

*assim como o PT e seus militantes devem estar felizes com a liberação da força nacional para a repressão dos caminhoneiros, seguinte o roteiro de 2013. Enfim, tanto na insurgência de 2013 como a de agora a realidade desfaz a olho nu o aparente rio que parece nos dividir na conjuntura brasileira atual: PSDB/MDB ("golpistas") vs PT (o povo e a classe trabalhadora). E, simultaneamente, traz à tona o verdadeiro rio submerso pelos diversos dispositivos que realmente deve comandar a vida política: as ruas.*

*As diferenças com junho não são menos interessantes:*

*1) Junho de 2013 só alcançou o amplo apoio da população depois das repressões, e os custos daquela insurgência na vida cotidiana, embora pesados, eram muito menores comparado ao de agora. A greve dos caminhoneiros teve amplo apoio da população desde o início - possibilidade aberta justamente pelos ventos de junho, é certo - a despeito, no entanto, dos grandes custos de desabastecimento geral. Em 2013, os setores majoritários na rua eram jovens e jovens trabalhadores. Hoje é uma categoria crucial da classe trabalhadora e importantíssima para o mercado.*

*2) em junho de 2013 toda, TODA, a esquerda ficou perdida e perplexa: do PT ao PSOL e PSTU. Agora não: PSTU saiu apoiando a greve, PSOL também com algumas contradições. Os movimentos sociais e sindicatos que essas organizações atuam já estão se mobilizando para não apenas se solidarizarem com os caminhoneiros como para se inserirem na mobilização, como a Conlutas e a frente Povo sem medo.*

*Para finalizar, uma lição importantíssima que vem dos ventos de junho de 2013 emaranhado com os ventos de agora:*

*Para a classe trabalhadora e a juventude triunfarem, não basta mais apenas enfrentar e derrotar os patrões e os governos, tem também que passar por cima das direções burocráticas dos sindicatos e entidades, passando por cima, para isso, dos próprios aparatos institucionais e suas regras burocráticas, e, por fim, não menos importante, passando por cima do maior aparato institucional de esquerda hoje. Não é coincidência,*

*portanto, que o PT é o partido no espectro da esquerda que mais tentou e tenta matar junho de 2013, e agora começa a tentar matar o maio de 2018. É o que me parece dizer as ruas de 2013 e 2018.*

*Junho de 2013 pretende sobreviver, vejamos agora como se dará os desdobramentos de seu encontro com 2018, ou, para ser mais exato, se esse encontro se completará, porque - como disse o Paulo Arantes no título do seu ensaio seminal - "depois de junho a paz será total".'*

Enquanto isso, fogo na Cracolândia, bombas e helicópteros: ação da PM.

## **26 de maio**

Saí do metrô Trianon-MASP às 16h para ir à Marcha da Maconha. Já no trem tinha muito jovem, todos alegres. Saindo na calçada deu para sentir a marofa, em frente ao prédio da FIESP. De lá deu para ver que encheu bastante, um total de 50 mil. Depois M falou como esse tipo de manifestação é exatamente o que faltava: muita paz e rebeldia, gente feliz na rua, massiva. O movimento dos caminhoneiros não arrefeceu e continua incendiando as redes.

A grande maioria era de jovens entre 20 e 30, mas tinha uma notável presença teen. Até umas famílias tinha. É sempre curioso como a Marcha, politizada, puxa o público que toda a esquerda gostaria de ter: a periferia vem em peso, as mulheres e negros. É curioso que este tipo de manifestação consegue combinar as pautas com o futuro das pautas. Não apenas pedem a legalização, mas também realizam a legalização ao fumar a céu aberto.

Fim da violência policial, crítica à política carcerária, saúde, liberdades individuais: todas essas pautas estavam nas faixas e na boca do povo. Vi faixas no chão: “Toda prisão é uma prisão política”;

Dei um giro.

Muita gente fumando, muitas selfies e um ambulante vendia chapéus de bruxa pintados. Um faixa gigante, quase em frente a unidade móvel da PM trazia: “Legaliza Já”. Vi uma ou duas bandeiras do Brasil e uma da Jamaica, mas nenhuma bandeira de partido ou central, só alguns coletivos jovens: Bloco Feminista, RUA, Faísca, Juntos! Tudo sem carro de som unificante, então tinha espaço para conversar e trazer a própria música...

Tentei buscar um rosto conhecido. Quando chegou 16:20h, o povo gritou muito e fumaram todos juntos. Em baixo do vão do MASP, vi grande fumaréu tomar o espaço acima das cabeças. Todo mundo (umas 40 mil pessoas, gritavam juntas: “Ei, polícia, maconha é uma delícia”. Depois, já na avenida, o povo puxou outra: “Ei, maconha, polícia é uma vergonha!”).

A linha de frente se formou para sair em caminhada. Fui para a frente do ato e encontrei a fotógrafa A, e conversamos sobre a situação. Passaram E, R e F, nos cumprimentamos. Achei E, que umas moças acharam parecido com a personagem Magneto: riam e apontavam. Além de nós, tinha outros “velhos” na manifestação.

Um cartaz trazia: “A maconha traz perda de memória e outros males que eu esqueci! KKKKKK!”, outro “Mais um que planta, menos um que compra!”. A faixa de abertura trazia “Marcha da maconha - 10 anos queimando tudo!”.

Testemunhei pelo menos duas menções à mobilização dos caminhoneiros: o grito “Olha que vergonha, a gasolina está mais cara que a maconha!” e um faixão dos Juntos! que trazia: “Maconheiros com Caminhoneiros!”.

Encontrei M a conversamos. Ele comentou como a presente paralisação pode ser uma espécie de Junho de 2013 às avessas: hoje a mobilização começou na direita mas pode se tornar massiva de esquerda. Achamos que lentamente a esquerda está acordando para isso. Trata-se de um fato novo na política brasileira, e podemos estar a testemunhar a primeira revolta pejetista do país (PJ – a *pessoa jurídica* que o trabalhador autônomo é obrigado a assumir hoje). M apontou como a precarização e destruição de direitos trabalhistas chegou a tal ponto que os trabalhadores não têm nenhuma institucionalidade, e o governo não consegue achar com quem negociar. Os petroleiros precisam entrar em greve o quanto antes para arrancar a pauta intervencionista e propor questões de matriz energética, domínio público da riqueza etc.

A marcha avançava pela avenida e às 17h estava em frente a Gazeta. Com E, na esquina da Brigadeiro, observei alguns cartazes: “Fuma, Temer!”, “Por uma nova lei das drogas”, “Cone Trufas Roots”, a faixa “Pelo fim do estado policial. Associação dos familiares e amigos de presos”.

Outra faixa revelava o esforço que a esquerda mais tradicional está fazendo para incorporar novas pautas: “Legalizar todas as drogas sob controle operário”.



Camisetas diversas, incluindo camisas do Palmeiras e da Democracia Corinthiana. M disse que viu a Elizete e o Ivan Valente do PSOL. Vimos a Fanfarra Clandestina passar tocando seus metais e percussão: “*When the saints come marching in*”.

O povo cantava “Vem, vem, vem pra rua vem, fumar maconha!” e “Ei usuário, sai fora do armário!”.

Descemos com a rabeira da passeata e chegamos ao viaduto da 13 de maio. Estendido na grade, ao alto, “Bucetas ingovernáveis”. Ficamos parados um pouco mais e passou o S. Achei ele um pouco pessimista com a mobilização dos caminhoneiros e ele parece esperar o pior. Respeitei.

Eu e E deixamos a passeata alcançar a Sé e subimos a 13 de maio em busca de uma Seleta. Eu estava feliz e confortado que existe uma luta na rua a ser feita, já tem gente nelas, e que novos atores precisam ser respeitados.

## **27 de maio – Contra-Marcha da Maconha**

Passei na Paulista para uma Contra-Marcha da Maconha, e também para checar mobilizações intervencionistas. O dia estava meio frio, mas gostosamente ensolarado às 14h.

Logo em frente ao MASP vi uma passeata chegar. Eram os intervencionistas militares, com faixa de frente e tudo. Faziam um certo auê, de verde/amarelo, eram umas 200 pessoas. Achei curioso ser quase o mesmo número da esquerda na sexta. O que me assustou um pouco é que tinha mais jovens, ainda que acompanhados de suas famílias. Estava um pouco mais diverso que os encontros desse tipo no passado. A capilarização desta pauta militarista não está fora do baralho.

Alguns cartazes: “Fora corruptos”, “intervenção já”. Bandeiras do Brasil. Observei o entorno e as pessoas em suas bicicletas e grupos familiares olhavam algo surpresos. Nenhum apoio explícito, mas nenhuma hostilidade.

Cheguei à Gazeta para a manifestação do PROERD, que era anti-maconha. Só tinha uns 30 rapazes bojudos – e depois chegou o Frota. Ele foi alvo de muitas selfies, inclusive de policiais que usavam seus smartphones. Duas faixas definiam as pautas: “Racionalize já. Direita SP” e “Marcha do PROERD. Direita SP”.

Encontrei o fotógrafo R e conversamos sobre a situação.

Mas não fiquei muito. Caminhei e ainda vi uma reunião de professores em greve na

calçada, umas 20 pessoas com algumas famílias.

Agora no Fantástico que assisto sem som no boteco, vejo matérias sobre bloqueios e um longo pronunciamento do Temer. A Federação Nacional dos Policiais Federais (Fenapef) declarou apoio à greve dos caminhoneiros. Alguns petroleiros anteciparam a greve para segunda-feira.

Amanhã, segunda-feira, é um dia decisivo.

Caminhei e cheguei até minha casa.

Teve um panelaço grande no centro, perto da casa de A. Alguns blogs noticiaram manifestações semelhantes na cidade.

## **28 de maio – repercussões dos caminhoneiros + atos**

Vans escolares na Consolação. Não dá para saber bem como anda o movimento dos caminhoneiros ainda. A bolsa caiu e também as ações da Petrobrás, o dólar subiu.

De S:

A minha leitura é a seguinte: As transportadoras estavam sem lucro no frete em razão do aumento do preço dos combustíveis, e com a ajuda do MBL organizaram o locaute, todavia não previram a possibilidade do watszap e muito menos calcularam que muitos caminhoneiros são donos do seu próprio negócio e trabalham de maneira “agregada”. O movimento acéfalo passou a reunir inúmeras reivindicações difusas (abaixo a carga tributária, abaixo o pedágio, pela intervenção militar, abaixo Temer etc.), agora 11 horas do dia 28/05/18, os bloqueios permanecem em diversos pontos do Brasil, as vans na cidade de São Paulo iniciaram movimentação, assim como os taxistas, enfim todos tentando morder o que puder de um governo fraco e corrupto.

Ao que sei os petroleiros entrarão em greve no dia 20/05, e, portanto, caso os caminhoneiros retornem não terão como buscar combustível nas refinarias. O movimento teve início com a extrema direita e agora já está na esquerda. Eu não arrisco mais palpite algum.

De G:

Não sei como começou a manifestação das/dos motoristas de transporte escolar hoje cedo, prevista para as 8h. Por volta das 10h, eu estava pedalando

na Paulista e acompanhei vans escolares, que ainda estavam chegando por ali, estacionarem uma atrás da outra. Eu estava feliz por testemunhar isso, por uma longa extensão, até começarem a descer motoristas enroladas e enrolados em bandeiras do Brasil, ou vestindo a camisa da CBF, tocando vuvuzelas. Na frente de ato, já na altura do MASP, tudo verde-amarelo, hino nacional e três cartazes em maior evidência: "Somos patriotas", "Intervenção militar já" e "Governo corrupto". Motoristas aglomeradas/aglomerados na ciclovia, não na rua, para os carros passarem. Chego em casa, entro no computador, e vejo que, mais cedo, havia páginas de luta, de esquerda, convocando as pessoas para somarem nesse mesmo ato. Sei que nem todas/todos no ato defendiam intervenção militar ou falavam "fora Temer" apenas como se ele fosse uma herança da Dilma, e não o cara que traiu um projeto político e deu um golpe. Mas algo deu ruim, muito ruim mesmo."

Da lista na rede:

Ontem fui logo cedo com um jovem amigo caminhoneiro a vários pontos de concentração na Dutra, altura de queimados e Seropédica. Conversei com vários caminhoneiros e fica nítido a falta de comando e a limitação da compreensão do que se desenrola. O sentimento do caminhoneiro é legítimo e sua determinação lembra o brio da classe trabalhadora que quando em marcha não teme consequências, porém a falta de consciência de classe e a aparente proximidade dos interesses do caminhoneiro com o dos capitalistas do transporte dá a eles a impressão de lutarem uma mesma causa. Aqui começa a cagada. Como não é uma greve e sim uma mobilização contra o governo, não emergem os antagonismos entre o dono de um caminhão e o dono de 100, ambos querem a baixa do combustível, do pedágio e o aumento do frete. Logo a capacidade logística do capitalista se impõe, mediante o revezamento de funcionários nos bloqueios através de vans, fornecimento de alimentos em geral e mobilização. O núcleo da concentração em Seropédica foi cooptado pelo movimento bolsonarista e embora não tenha ressonância ideológica na amplitude do movimento, eles foram espertos em usar a cabeceira da estrada como propaganda, afinal quem passa vê as bandeiras do Brasil e as faixas pedindo intervenção Militar. Neste núcleo da estrada estão aqueles tipos meio milicianos e empresários com suas grandes pickups deixando claro que aquela pretensa vanguarda não é de caminhoneiros

simplesmente. A cabeceira da estrada é uma forte propaganda. Ali me senti numa festa da máfia. Já com os caminhoneiros acampados fora desse núcleo, eu percebi o pensamento nobre do trabalhador e o quanto eles tem boa fé. Enfim é uma categoria sui generis e que exige uma análise específica mas que não pode ser deixada sem disputa, sem jogar luz na contradição entre o real interesse do trabalhador e do empresário. Superar a discussão superficial que não deixa emergir esta é contradição fundamental e para isso é preciso arrastar a discussão para o papel da Petrobras (o que não quer a mídia, nem governo e nem capitalistas do transporte) e para essa politização os Petroleiros já deviam estar em greve. É daí que sai a politização desse movimento até agora estritamente setorial.

Eu saí às 18h da estação Brigadeiro para o ato dos petroleiros pela Petrobrás e contra o aumento dos combustíveis. Tinha expectativas boas, já que finalmente eles estavam em greve e saindo às ruas. Mas tinha pouca gente, achei que eram umas 100. Algumas bandeiras e faixas presas às grades, mas deu para ver que não ia ser massivo. Fiquei um pouco e ouvi a fala de um outro sindicalista, mas achei ruim. Duas mulheres tinham pequenos cartazes com “Saudade da Dilma, R\$40 o botijão de gás”. Achei bonitinho mas equivocado como pauta para uma campanha para ganhar corações e mentes do povo em geral. As faixas mais ao ponto: “Custos nacionais, preços internacionais? Muda isso Petrobrás!”.

Achei que ia ter algo coxinha na avenida e fui olhar o MASP. De fato, tinha um auê intervencionista militar. R me contou que eles estiveram lá quase o dia todo, inclusive quando as vans escolares vieram de manhã e estacionaram em duas filas. As vans eram diversas em opiniões e posições políticas, mas os intervencionistas têm sabido aparecer mais na foto.

Aqui no MASP, estavam muito animados, tipo uma energia pré-revolucionária. Muito apito e vuvuzela, gritaria e palavras de ordem. Uma presença boa em termos de manifestação. Muita bandeira do Brasil, verde e amarelo, e intervenção escrito por todos os lados.

Eram ao todo uns 600, e traziam um faixa com o qual fechavam a faixa de pedestre no sinal vermelho. Já ocupavam duas faixas da avenida, mas o fluxo continuava. Notei que havia muitos jovens, e que não eram os coxinhas de terceira idade que já tinha visto antes. Dava para ver que tinha vários grupos distintos, mas a pauta única dava a

impressão de convergência de propósitos.

Foi muito curioso como certas pautas foram incorporadas. Algumas eram esperadas, mas o “Fora Temer” ouvi bastante. “Vem, vem, vem, pra rua vem, contra o governo!”. Muita fala contra a corrupção, mas tinha um orador, jovenzinho, que dizia que “este é o governo do anticristo, manipulado pelo demônio”. Numa pauta mais insurrecional, a palavra de ordem: “Não é só um, é todos eles, abaixo os três poderes!”.

Vi quem parecia ser um líder falar ao megafone que intencionavam acampar lá. R me disse que querem fazer “um ato por dia”.

Fui sentar na mureta do mirante que dá para a 9 de julho e não pude deixar de pensar no contraste entre os dois atos. A extrema direita está sabendo canalizar esta energia e colar nos caminhoneiros. A esquerda continua fazendo comício pró-Lula e vai perder esse bonde. Achei que os intervencionistas estão capilarizando a aumentando sua base. Eles podem sair por cima e vai ter um levante popular.

Voltei e vi uns cartazes “Ato Popular”, “Não é só pelo diesel”, “Eu trouxe a minha família”, “Somos o povo que não teme o governo”.

Saí fora às 19h para ir checar os petroleiros. Tinha mais gente, agora umas 300. O formato era comício e pouco animado, não era de incendiar a população, era mais do mesmo. Vi bandeiras da CUT, Marcha Mundial das Mulheres, CTB, CUT, PT, FBP e outra de um grupo COMBATE classista e pela base.

Encontrei R no caminho e ele avalia que tem um ciclo da esquerda se fechando, e que vai demorar a voltar.

De volta ao MASP, continuava a energia, e já tomavam mais espaço na avenida. A PM apenas olhava. “O povo, unido, jamais será vencido!” e “Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”.

Um casal que passava no canteiro central confrontou os manifestantes e provocou muita comoção, com empurra-empurra, uns 30 homens contra eles. Eles foram corajosos e não fugiram. Ele talvez fosse argentino. A PM não se mexeu.

Às 19h chegou o carro de som dos Patriotas. O carro de som fez o que sempre faz: achatou a manifestação. Por um lado deu potência para as mensagens, mas separou liderança de manifestante. Depois de um pouco, o ato espalhou em dois, e acabou o ar de festa.



Fiquei um pouco e ouvi alguns oradores. Um falou contra a Copa, outro contra o Kassab, dizendo que ele ia derrubar a internet para impedir a intervenção. Outro ainda afirmou que “socialismo é uma palavra bonita para comunismo, todo comunista é socialista”. Tinha mensagem contra o voto eletrônico.

Às 20:30h começou a dispersar, recolheram o faixão. O carro de som continuou e um orador ainda disse: “Recebi notícia de fonte segura: a intervenção militar vai acontecer ainda hoje, de madrugada!”.

Quando passei pela frente da FIESP, vi que eles levantaram um acampamento lá. Isto é, uma única barraca.

Tomei o ônibus e fui para casa.

## **29 de maio – Greve e passeata dos professores particulares**

Saí às 16:30h da estação Santa Cruz do metrô para checar uma concentração dos professores particulares em greve. É notável esta movimentação, já que é notoriamente difícil mobilizar neste campo. O sindicato deles, a Sinpro, não é muito combativo.

De tarde tinha visto o acampamento intervencionista de uma barraca na Paulista, quase na frente da FIESP. Talvez o momento revolucionário deles tenha passado: declaração do gal. Vilas Boas desautorizava esse movimento, e os caminhoneiros começavam a sofrer uma operação abafa da imprensa, ao mesmo tempo que o exército era usado na repressão.

Vi na TV do boteco muitas explosões de violência em bloqueios e concentrações de caminhões. O programa era alarmista (Datena), mas um historiador poderá no futuro chamar o conjunto dos embates por todo Brasil de um levante popular. A polícia e o exército começaram a remoção dos caminhoneiros das estradas à força, e houve reação em alguns pontos. Como as populações locais acabaram por estabelecer excelentes relações com os caminhoneiros parados, houve resistência esparsa mas notável.

O Brasil nesse clima e eu esperava uma boa mobilização dos professores. Mas, na saída do metrô, em frente ao colégio Arquidiocesano, vi umas 150 pessoas, muitos alunos, com alguns cartazes. Tentei reprimir a decepção anotando a precisão das mensagens nos cartazes: “Sem direitos, sem aula”; “Trabalho intermitente não”. O clima era muito amistoso mas de nenhuma forma massivo.

Saí fora pensando na compra que compraria no supermercado Pastorinho da Domingos de Moraes quando notei que no cruzamento da avenida com a Borges Lagoa tinha uma muvuca. Apressei o passo e de longe vi uma multidão que desaguava na avenida. Eram os professores que vinham de uma assembleia no sindicato. Fiquei felicíssimo com a multidão, era muita gente. Avaliei em umas 5-10 mil pessoas.

Juntei-me ao fluxo e logo encontrei S. Ela disse que a vitória fora parcial, já que conseguiram que o sindicato patronal acatasse a convenção coletiva, contra as reformas de Temer, mas seria por um ano apenas, e não por dois como vinha sendo o caso. Mas sua maior preocupação era a com a reação das escolas: listas negras de demissão, pressão interna, assédio. Os amigos e conhecidos que encontrei na passeata se dividiam entre os que achavam um bom resultado e aqueles que esperavam mais. De longe, achei incrível o feito de assegurar uma vitória, ainda que parcial. V, que encontrei depois, estava também dividida, e falou também da repressão que está por vir. Ela comparou o momento atual da greve dos caminhoneiros com o final de 2013, quando as pautas se fragmentaram e perderam a força.

Vínhamos descendo a Domingos de Moraes em direção ao destino final, que era o MASP. Muita animação e batuque. Um número grande de alunos veio apoiar, e ouvi muita buzina na pista do lado em apoio ao movimento. Encontrei D e falamos sobre o movimento e sobre a situação do Brasil. Pensamos que poderíamos estar em plena revolta pejetista. Encontrei uma moça que é amiga de HP mas cujo nome me escapou.

Achei que a maioria era de mulheres, e chutei a banda etária entre 25 e 35 anos. Vi F fotografando. Vi um moço que tocava “Bella Ciao” ao saxofone. Vi dois policiais na calçada junto a uma viatura. Eles usavam o uniforme tipo “selva”, incluindo o chapéu mole de floresta. Eram da PM. De outra forma, a presença da polícia era até aqui discreta. Vi bandeiras vermelhas e negras. Vi S, que não me viu.

Fiquei muito feliz de estar lá, uma massiva demonstração de trabalhadores precários, inclusive apoiando os caminhoneiros, em contraste com o apoio distante e burocrático das centrais sindicais e partidos de esquerda.

Passamos pela Vila Mariana e por Ana Rosa. Uma faixa de abertura trazia: “Educação é um ato político”, e outra “Educação não é mercadoria”. Vi umas duas bandeiras do Brasil. O batuque vinha embalado e potente.

“Vem, vem, vem pra rua vem, com os professores!”

“Que contradição, Escola Sem Partido é a escola do patrão!”

Achei excelente uma palavra de ordem criada para acompanhar uma outra que é tradicional:

“A professora, é minha amiga, mexeu com ela chamou pra briga”, que complementa

“O professor, é meu amigo, mexeu com ele mexeu comigo!”.

Eram mais de 17:30h quando chegamos na boca da Paulista, na praça Oswaldo Cruz. A passeata parou e fizemos um jogral. A questão era que “quem nos espera na Paulista são os intervencionistas e precisamos decidir o que fazer”. De fato, ainda ontem eu tinha visto que uns 500 militaristas tinham ocupado o MASP, e havia o acampamento na FIESP também. Apesar de nossa superioridade numérica, seria um confronto muito feio, os fascistas muito prontos para a briga. Além disso, a PM invariavelmente defende os coxinhas e bate na esquerda. A galera decidiu seguir aos gritos “não à intervenção!”. A energia era combativa e festiva, mas os fascistas sabem brigar e achei que precisávamos reforçar a vanguarda. Encontrei N, que estava receoso como eu. Um homem da rua, de muletas, gritava “A gasolina acabou, o Brasil parou!”.

A PM estava agora bem agitada e vinha negociar conosco ao caminharmos. Fiquei bem tenso, mas no fim o acampamento tinha apenas 6 pessoas, e passamos na outra pista. Um deles olhava o povo e dizia: “Se tiver alguém do Lula eu toco fogo!”. Depois falou, “Ah, são os estudantes endemoninhados!”.

O povo gritou muito “Não, não à intervenção!”. A PM fez uma linha de viaturas e soldados separando os dois grupos, e na frente da FIESP vi mais 20 soldados à disposição – com um atirador. O carro de som Patriotas estava lá, tocando o hino nacional. O povo nosso: “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar!”.

No MASP não havia ninguém hostil e o povo concentrou. Não esperei dispersar, e, quando saía em direção ao Paraíso, vi que o carro de som do sindicato dos professores ficou preso atrás das viaturas que fechavam o ato, a mais ou menos uma quadra de distância dos professores. Alguma liderança fazia um discurso, mas estava longe do povo que estava mais adiante. Achei bom: era hora de conversar e estar junto, de batuque e de abraço.

Peguei um ônibus Ana Rosa e fui para casa.

### **30 de maio – Petroleiros na Paulista**

Saí da Estação Brigadeiro para ir ao ato em apoio aos petroleiros que entraram em greve. Eram 18h e busquei o prédio da Petrobrás no número 901. A greve foi declarada ilegal e há multa. Logo vi o povo e instantaneamente vi que não seria diferente da última manifestação: umas 100 pessoas apenas, com bandeiras e faixas. Um pequeno consolo apareceu na forma de mensagens pedindo greve geral e declarações de apoio aos caminhoneiros. Tinham um pequeno carro de som. Desanimado, de pé na calçada, pensei nos acontecimentos do dia.

A paralisação nacional dos caminhoneiros continuava, e a imprensa estava em forte modo normalização, noticiando o fim do movimento. Ainda era difícil saber o que de fato acontecia, muita notícia desencontrada e fake news. Parece que as refinarias amanheceram fechadas, e as primeiras imagens de repressão aos bloqueios e manifestações começaram a circular. Houve alguma radicalização em alguns pontos, com apoio dos povos que moram ao lado dos pontos de concentração dos caminhoneiros. O El País disse que a PF investiga sabotagem a uma linha férrea em Bauru (SP) e duas torres de transmissão de energia.

Há ainda muito debate na esquerda acerca da natureza da paralisação. Uns usam a palavra locaute para caracterizar interesses patronais envolvidos e apontam assustados as chamadas intervencionistas que aparecem em certos pontos de concentração de caminhoneiros. Outros ainda indicam como esse tipo de desordem só pode ser planejada para provocar o adiamento das eleições. Apesar de não ser uma avaliação absurda, seu resultado é... Fica Temer! Não querer arriscar o desabamento da institucionalidade é uma coisa, segurar o golpe é outra (sei lá). Conforme vai ficando mais claro que, mesmo que o começo do movimento tenha havido participação patronal, há um descontrole e energia basistas que devem ser abraçados – é o que outra parte da esquerda acha. A Greve Geral seria um jeito de apoiar os caminhoneiros, espalhar a luta e trazer as pautas para a esquerda, anulando os militaristas e golpistas. Por isso a greve dos petroleiro é importante – mas esta veio tarde. Há fracionamento ainda na análise das condições laborais dos caminhoneiros: trabalhadores ou pequenos proprietários? Precarizados ou pequeno-burgueses? Para outra parte da esquerda ainda, a luta não é mais institucional, mas é logística: o local da produção não é mais o ponto de estrangulamento do capitalismo, mas a circulação é. Este é o segundo levante popular geral em 5 anos, e a esquerda institucional ficou de fora das duas. Claramente é preciso repensar!

Quem foi conversar com os caminhoneiros nos bloqueios trouxe histórias interessantes de diversidade e certas nuances na politização dos motoristas, e mesmo o chamado da intervenção precisa ser posta em contexto.

Encontrei e abracei C, e rimos nervosos quando eu disse que “O Brasil está foda”. Apesar de achar as pautas acertadas - “Fora Parente”, “Fora Temer”, política pública de energia – decidi sair fora do ato e olhar a avenida lá para baixo.

Fiquei muito feliz de ver que o acampamento militarista não estava mais em frente da FIESP, e talvez eles tenham sentido que o pico revolucionário deles passou: o povo não saiu para as ruas em massa e preferiu abastecer onde possível, e a declaração do gal. Vilas Boas deve ter causado certo impacto. Há quem diga que o exército ficou insatisfeito com a maneira pela qual foi chamado por Temer, que proibiu o uso da força, temendo um novo 2013. Li também que o alto oficialato é contra a greve, mas eles temem que os soldados adiram aos paredistas, insubordinando-se.

De qualquer forma, tinha uns 6 intervencionistas perto do sapo verde inflável da FIESP, mais policiais. Segui adiante pela calçada.

Chegando perto do MASP vi uma boa multidão lá no vão e na rua: gelei. Achei que poderiam ser os intervencionistas, em grande número, que tinham conseguido reunir mais gente – o que explicaria a ausência da barraca. Eram umas mil ou duas mil pessoas.

Cheguei perto e para meu imenso alívio era o pessoal do MTST. Fiquei radiante e me misturei ao povo. As ocupações com suas faixas presentes, Anastácia, Dandara, Marielle Franco, Rosa Luxemburgo, Taboão da Serra. A companheira A disse que a base do MTST é muito a favor dos caminhoneiros. Muitas bandeiras do movimento e as faixas: “não à intervenção”. Vi um grupo de senhoras que seguravam um painel bordado: “Bordando Democracia. Linhas São Paulo”. Vi um moço com camisa da CBF, além de duas bandeiras do Brasil – e uma LGBT sobre os ombros de um homem.

Foi enchendo aos poucos até que às 18:45h ouvimos um rumor e era um outro grupo do MTST chegando: uma passeata de umas 1.5 mil pessoas. Foi muito bonito eles chegando e se misturando a quem já estava lá. Cantavam “Marielle presente, agora e sempre!”, com batuque. Foram muito comemorados e ficou aquela massa no vão, vazando para a avenida. Uma fileira de 15 PMs tentavam circunscrever a massa.

Entendi que iríamos encontrar os petroleiros.



Saímos às 19h todos para ir encontrar os petroleiros, ao todos umas 7 mil pessoas. Palavras de ordem clássicas: “Pisa ligeiro, PL, SNPCFNAOF!”, “Golpistas, fascistas, não passarão!” em frente a FIESP. Da Campinas dava para ver o povo em frente a Petrobrás e era bonito, uma barreira de gente, faixas e bandeiras.

Dentre nós vi bandeiras da LSR, PCB e UJC, além do estandarte do RUA.

Avançamos pela FIESP, pelo Shopping Cidade de São Paulo. Ainda havia transeuntes, e o batuque e a presença corporal da multidão provocava belo impacto. Em frente à lanchonete Puppy’s, tinha a usual concentração de jovens consumidores. A maioria ficou meio pasma, mas um terço deles celebrou conosco.

Encontrei o casal que tinha peitado os intervencionistas na ilha central em frente ao MASP outro dia. Fui falar com eles e ela contou que os fascistas alucinaram quando ela falou “você podem fazer uma manifestação dessas por causa da democracia”. Os fachos surtaram e chutaram o moço, chamando-os de “comunista”. O moço disse que “até é o caso que ela seja, mas o que ela falou não era de nenhum modo comunista!”. Parabenizei-os e segui.

Colou em mim um moço de uns 20 anos. No começo achei que era provocador coxinha, já que fazia perguntas capciosas e estava imbuído de uma atitude “moral” e “patriótica”. Conversamos muito, ele certamente de direita, mas ao mesmo tempo um tanto sem discurso em relação ao futuro. Disse que estava lá porque “sempre vou onde o assunto é o Brasil”. Mas tomei como um sinal que os eventos recentes recolocam a polarização dos últimos anos. Em outras palavras, se não for explicitamente salvar o PT, existe um espaço para pautas de esquerda na sociedade hoje.

As duas multidões se encontraram no meio da avenida, foi bonito. Os petroleiros tinham sua pipoqueira, que o carro de som meio pequeno, e isso achatava um pouco a festa. Boulos falou brevemente, e chamou “intervenção popular!”. Talvez seja possível resignificar essa chamada da direita. Falou por Marielle, Lula Livre e contra Parente e Temer.

Todas as pessoas agora se dirigiram ao número 500 da mesma avenida, onde havia outro prédio da Petrobrás. O carrinho de som continuava a irradiar, e fiquei mais longe. Vi as bandeiras da UPES, UNE e UBES, Intersindical, FBP, PCO, Juntos!, UJS, CUT, MDM, Unidade Classista, um cartaz Lula Livre, a faixa “Redução dos preços já! Intervenção não”.

Quando chegamos, a avenida vazia, pensei no esgotamento das formas usuais de protesto. A passeata, o ato, todos são importantes, mas deu a impressão de estar posando para produzir um evento visual na rede.

Afastei-me do carrinho de som, e já emendei uma caminhada para casa. Olhei para trás e vi o povo. Segui pela avenida e ouvia os gritos, os apitos, as vuvuzelas... achei bonito.

Eram 19:40h, caminhei e fui para casa.

### **31 de maio – ausente com Jesus**

Teve a Marcha para Jesus. De novo não fui, apesar de achar importante ir checar e ver quais são as pautas públicas dos evangélicos. Mas acaba que fico sabendo só no dia e dá preguiça. Os petroleiros deixaram a greve, declarada ilegal. Vi na internet um vídeo de intervencionistas na Paulista, umas 150 pessoas.

No youtube tem pelo menos um canal de caminhoneiros, dá para acompanhar parte da movimentação. Alguns parecem genuínos, mas tem outros suspeitos. Dizem que estão em Brasília, 50 mil deles. Falam mal do Chorão, o líder de um dos sindicatos. Falam em intervenção, falam contra Ciro Gomes e o PSOL.

Das redes:

Matéria do jornal [Correio do Povo](#), de Porto Alegre: boatos nas redes sociais, na última segunda-feira (28), sobre a presença de militares no bairro Várzea Grande, na saída de Gramado para Três Coroas, conclamavam a população para o início de uma intervenção militar, que “começaria à meia-noite” e que “precisava da população nas ruas para ser bem-sucedida “. O jornal informa ainda que um número significativo de pessoas saiu de casa e ocupou a rodovia ERS 115 em apoio à suposta intervenção. Mas fora um engano, os militares estavam lá para desempenhar tarefa cartográfica.



# JUNHO

OS PETROLEIROS  
2018 Vi na internet um vídeo de

intervencionistas na Paulista, umas  
DEIXARAM A GREVE,

150 pessoas.

PT

DECLARADA ILEGAL  
No youtube tem pelo menos um canal

de caminhoneiros, dá para

acompanhar parte da movimentação.

MARIELE AINDA SEM SOLUÇÃO. A ELEIÇÃO

DOMINA A PAUTA.

TEVE O PESSOAL DO TEA

TRO E UMA MANIFESTAÇÃO FEMINISTA:

PERDI AS DUAS.

O PAPA MANDOU TERÇO DE PRES

ENTE PARA LULA. A IMPRENSA NÃO APENAS

NÃO DEU NADA DE INÍCIO CO

MO NOTICIOU DEPOIS QUE ERA UMA ARMAÇÃO

DO PT, JÁ QUE O PORTADOR DO PRESENTE

NÃO FOI RECONHECIDO COMO ÍNTIMO DE

FRANCISCO. (DEPOIS O PAPA ENVIOU BILHETE DE

PUNHO PRÓPRIO, CONFIRMANDO QUE TINHA DE

FATIGADO O PRESENTE, MAS O PIG NÃO DEU

ISSO NEM SE RETRATOU. O BOECHAY FOI

ESPECIALMENTE ESCROTO NA

DESLEGITIMAÇÃO DO PRESENTE).

A FOGO LENTO CONTINUA A MOVIMENTAÇÃO DOS

CAMINHONEIROS, OS SITES AINDA TENTANDO

EMPLACAR UMA GREVE. PODE SER

QUE ESTES SIES SEJAM DA ESTRUTURA

MOBILIZADA PELOS MILITARISTAS.

TEVE GREVE GERAL NA ARGENTINA, ISSO SIM É

OPOSIÇÃO!

REPERCUTE A MORTE DO ESTUDANTE MARCOS



## **1 de junho**

Pedro Parente caiu. Canais de caminhoneiros meio confusos mas buscando focar em Brasília, para concentrar no domingo. Fala-se muito em intervenção militar.

## **2 de junho**

Teve um ato pró-Petrobrás da FBP no MASP, mas não fui. Achei que ia ser pequeno e desanimado.

## **3 de junho – Parada LGBT**

Teve a Parada do Orgulho LGBTQ. Não fui, mas desejei tudo de bom. Fico ouvindo a comunicação de rádio de caminhoneiro na internet. Muita informação desencontrada, mas são 23:30h falam de Limeira, com incêndio de lotéricas, ônibus, e nossa Caixa. Não está claro se isso tudo está ligado à paralisação ou ao PCC. Muita chamada para intervenção, eles ainda estão grudados no movimento paredista. Mas uma mulher chamou intervenção popular.

## **4 de junho**

A nova paralisação de caminhoneiros parece que não foi grande, mas ônibus incendiados em Minas Gerais, e uma delegacia, sugerem algum tipo de levante prisional no estado. Talvez guerra de facções. Tudo o que nos falta é um levante prisional...

## **5 de junho – ainda os caminhoneiros e jovem paramilitar**

No esteio da greve dos caminhoneiros e dos motins das facções criminosas em Minas Gerais, muitos, mas muitos amigos meus estão perguntando uns aos outros: “mas o que é que está acontecendo afinal?”.

Vi no boteco da Vergueiro um jovem entrar com duas moças. Ele vestia um uniforme completo militar, botas e farda de camuflagem verde. Mas o único distintivo é uma bandeira do Brasil de plástico no antebraço. Seu corte de cabelo é “réco”, mas não parece ser aquela violência capilar que caracteriza o recruta: acho que ele é paramilitar.

## **26 de junho – o terço de Francisco**

A Lava Jato perde algumas batalhas no STF. Fala-se que Lula pode ganhar prisão domiciliar – mas “não sou pombo-correio”, diz ele. Dirceu foi solto hoje, ganhou

habeas-corpus. Realmente a prisão é só para a eleição. Carmen Lúcia manobra. Gleisi é inocentada pelo STF. Blogs petistas são muito destaque aos passos jurídicos da defesa de Lula. PSDB consistentemente blindado e Gilmar Mendes está aceitando agora habeas corpus. Mariele ainda sem solução. A eleição domina a pauta.

Teve o pessoal do Teatro e uma manifestação feminista: perdi as duas.

O papa mandou terço de presente para Lula. A imprensa não apenas não deu nada de início como noticiou depois que era uma armação do PT, já que o portador do presente não foi reconhecido como íntimo de Francisco. [*Depois o papa enviou bilhete de punho próprio, confirmando que tinha de fato dado o presente, mas o PIG não deu isso nem se retratou. O Boechat foi especialmente escroto na deslegitimação do presente*].

A fogo lento continua a movimentação dos caminhoneiros, os sites ainda tentando emplacar uma greve. Pode ser que estes sites sejam da estrutura mobilizada pelos militaristas.

Teve Greve geral na Argentina, isso sim é oposição!

Repercute a morte do estudante Marcos Vinícius, 14 anos, no Rio, ainda de uniforme, pela polícia na favela da Maré.

A Copa do mundo é objeto de grande indiferença. As pessoas demonstram pouco interesse no geral, mesmo pelos jogos do Brasil. Pode ser que, agora que sabemos da corrupção, do custo social e do esquema das construtoras, dá preguiça.





# Julho

2018

**A** DIREITA ACHA TAMBÉM QUE O JUDICIÁRIO FOI DESMORALIZADO, MAS PELA "CHICANA" DO PT. NÃO É PELA NE  
DESPACHO ILEGAL DE MORO MAS MUITO DA DECISÃO COLEGIADA CONTRA A DECISÃO MONOCRÁTICA, ALÉM DE COLOCAR A  
COISA COMO UM "CONFLITO DE COMPETÊNCIAS". DIREITA ACHA TAMBÉM QUE O JUDICIÁRIO FOI DESMORALIZADO PELA  
PELA "CHICANA" DO PT. NÃO SE FALA NO DESPACHO ILEGAL DE MORO MAS MUITO DA DECISÃO COLEGIADA CONTRA  
DECISÃO MONOCRÁTICA, ALÉM DE COLOCAR A COISA COMO UM "CONFLITO DE COMPETÊNCIAS".



## **4 julho**

Desde o início da intervenção militar, 444 civis foram mortos pela polícia

## **6 de julho**

Ganhei R\$65 no bolão com a derrota e eliminação do Brasil na Copa.

## **8 de julho – Lula quase solto**

Hoje foi um dia que começou tranquilo e acabou em chamuscas políticas. Afinal, restaram apenas cinzas, mas muitos dedos foram queimados e certamente a lei e “os ritos” do judiciário foram afrontados no afã de cancelar o mandado de soltura. Não foi um 7 x 1, mas Lula voltou ao noticiário, o discurso de “ninguém está acima da lei” foi alvejado e aderna como justificativa de sua prisão. Foi um susto no golpe que teve que se abrir e a máscara caiu. Como isso vai reverberar na opinião pública está em aberto, mas pelo menos o mundo jurídico vai ter que se posicionar. [*L disse que Gleisi e Lula estavam já no elevador descendo para sair quando foram finalmente barrados*].

Fui de manhã à Paulista para a manifestação dos cientistas, logo antes das 12h, em frente ao Moreira Sales na Paulista. Um grupo de cientistas mais engajados entendeu que a defesa da ciência no Brasil depende de informar o Legislativo das questões da inovação científica e, assim, estão construindo candidaturas para o Congresso Nacional. Para isso, associaram-se a um partido nanico, chamado Partido Pátria Livre. O nome é infeliz (“quem hoje se define assim?”) e não há muito consenso a respeito de exatamente o que eles buscam. Lembro-me deles numa manifestação autonomista, onde um material deles misturava autonomismo com nacionalismo, dando brecha para a luta armada, meio loução. Tem companheiro que me garante que eles são de esquerda, mas nacionalistas [*Parece que eles são o antigo MR8*]. Mas enfim, os cientistas acharam um casulo que permite candidaturas e fizeram um acordo. Seria legal que pelo menos um ou dois se elessem, para no mínimo participar de grupos de trabalho etc no Congresso.

Achei muito legal que o A tenha levado suas instalações científicas para a manifestação. Ele e T conversavam com o povo que acorria às instalações. O pessoal curtiu muito, ficou curioso e interagiu de formas que eu não via há tempos em manifestação. A aproximação lúdica dos fenômenos naturais merece atenção no contexto da manifestação política no público.

Tinha uma banda com cordas e trombone, até tinha um modesto megafone. Eu achava que os cientistas eram meio velhos e num estágio muito inicial da organização, mas o tom era bem horizontal e amistoso, sem carro de som, e no fim achei que estavam abertos a novas formas de enunciação política. Uns quatro bonecões, à moda de Olinda, deslizavam pela multidão: Paulo Freire, Albert Einstein, Albert Sabin e Nise de Oliveira. Uns 20 jovens de macacão branco decorado a spray cantavam e dançavam. Vi uma bandeira da Associação dos Pós-Graduandos.

O ato fora chamado pela SBPC e pelos “Cientistas Engajados”, e tinha umas 300 pessoas, num bom equilíbrio homem/mulher, talvez entre 25 e 50, sem contar os filhos. Os jovens de macacão cantavam “O que será que será” de Chico Buarque, com inserções do homem ao microfone: “não tenha medo do pensamento livre” e “a natureza não pode ser enganada”. Além disso, homenagearam o recentemente falecido Ernesto Hamburger. Tinha alguma pouca imprensa filmando.

Saí fora às 12:30h no momento que a marcha ia sair em passeata na direção do Paraíso. Eu fui checar uma festa julina na Barra Funda, onde um grupo de teatro articulava a vizinhança e tocava a atividade.

No caminho, lembrei do sonho que tinha tido de manhã:

*Eu estava com minha mãe em um estádio onde o Brasil ia jogar. Até achamos dois lugares para sentar, mas achei que iríamos ser desalojados por aqueles que tinham comprado ingresso (nós não) e fomos voltar para casa. O caminho era uma orla meio como a orla do Rio, mas com escadarias de Odessa como no filme Encouraçado Potemkin. O Brasil perdeu o jogo, e nós, ainda a caminho de casa, na areia da praia, vimos a polícia/exército fumigando as ruas com enormes nuvens de gás branco tóxico na avenida acima, atirando e agredindo.*

Almocei na rua em Santa Cecília e vi, numa padaria com um café com leite, no meio da tarde, a Globo News noticiando o embate judicial do dia. O desembargador de plantão (o Judiciário está em férias) Favre aceitou um Habeas Corpus e mandou soltar Lula, o que disparou alarmes por todo o sistema. Moro, de férias em Portugal, despachou contra, mas ele não tinha, como primeira instância, poder para impedir uma ação de desembargador. Favre reiterou a soltura (“O cumprimento do alvará de soltura não requer maiores dificuldades e deve ser efetivado por qualquer agente federal”), e agora foi a vez de Gebran, do TRF-4, relator do processo, se manifestar contra a soltura. Alta tensão, e o pessoal da Globo News estava em pânico.

Saí para a festa julina na Barão de Campinas e encontrei H, que estava lá fotografando. Conversamos bastante do momento atual e das tarefas urgentes. Como eu, ele se sente mais humilde agora frente às urgências do momento e mais ciente de que a construção tem que se dar no concreto, com o que temos e com o que é possível. Se proteger é fundamental nos tempos vindouros. Realizar comunidades e campos de troca no real constituem a luta hoje.

Chegaram F e F, que são do teatro e me atualizaram de sua situação. Também E veio caminhando rua abaixo ao nosso encontro, e ainda G, M e G. F vinha com fones de ouvido para acompanhar a situação de Lula no noticiário. Falamos a respeito da situação, todos eletrizados pelo bafon do dia. Quando E informou que havia mobilização na Paulista, peguei o metrô para lá.

Cheguei às 18:15h no MASP, e vi que já tinha um povo lá. Eram umas 100 pessoas, de 25 a 50 nos mais ou menos. Tinha uma faixa grande “#Lulalivre”. Fechavam duas a três pistas da Paulista, e estavam animados. Tinha uma bandeira do PT, mas fora isso, nada mais de panos políticos.

Dei um giro e vi muitos jovens, talvez uns mil, na parte de trás do MASP, mais perto da beirada. Acho que eles eram do Hip Hop e não tinham nada a ver com a manifestação. Tinha ainda muitos passantes e transeuntes pelas calçadas, inclusive anéis de gente ao redor de bandas de calçada. O trânsito no asfalto já tinha sido franqueado aos carros, mas as calçadas estavam ainda cheias de pessoas. Vi um cartaz que trazia “Hipnose grátis. Experimente aqui”. Achei curioso.

Passaram uns 20 coxinhas com bandeiras dos EUA, do Brasil e de Israel. Causaram poucas reações.

Perguntei a um moço com a camisa vermelha com o brasão da CBF à esquerda e a foice e martelo à direita, quais eram as últimas, mas tudo estava igual. Tentei buscar algum boteco com internet, mas não consegui conectar. Passei pela FIESP e vi que os coxinhas lá eram militaristas pela intervenção.

A noite política acabou com a decisão do presidente do TRF, Thompson Flores, onde Lula permanece preso e o processo retorna a Gebran. Tudo cinzas, mas as faíscas súbitas queimaram dedos e retinas. Testemunhei muitas conversas alheias em espaços públicos e os acontecimentos dominavam as mesas. Contra ou a favor, me pareceu que o tom era de cinismo frente a legalidade e o Judiciário.



É cedo ainda para julgar, talvez nada vingue, mas, para quem está perdendo e na prisão, essa chama, se efêmera, espoucou brilhante no céu escuro do presente: a lei é arbitrária, o estado depende do consenso e basta um chute para tremer toda a estrutura. Se empurrar o poder cai. O analista híper-cínico dirá que o PT sabia que não ia dar em nada e (de novo) fez um auê, chamando a militância sem apostar na ruptura de fato. Não acho incorreto nem seria a primeira vez que o partido agiu assim.

Mas enfim, num presente magro, qualquer chama alumia o caminho.

## **9 de julho**

De F:

Minha impressão se confirma a cada jogada: o PT não quer a queda de Temer, fala em Golpe mas não age contra o governo golpista e as instituições que derrubaram Dilma e prenderam Lula.

Age como se ainda estivéssemos num Estado de Direito. Veja bem: Thompson Flores, em janeiro passado, pouco antes da condenação do Lula em P. Alegre, foi a Brasília "pedir garantias" à Carmen Lucia. Mas quem ele encontrou secretamente antes, almoçando inclusive com essa figura? Não saiu na mídia, mas um amigo diplomata me confirmou com certeza absoluta. Thompson foi se entrevistar na verdade com o General Etchegoyen!!! Precisa algo mais para se entender a natureza articulada, anti-popular e profundamente autoritária do Golpe?...

Somente uma mobilização de massas nacional e prolongada seria capaz de reverter o quadro. Não vejo sinais disso no horizonte até aqui. O PT continua o martiriológio lulista mas evita a todo custo e não parte para o confronto...

## **10 de julho**

As redes fervem com com as repercussões dos acontecimentos de ontem. A imprensa petista e a esquerda em geral reclamam da desmoralização do Judiciário e apontam muito a quebra de disciplina e de hierarquia por parte de Moro e Gebran. A direita acha também que o Judiciário foi desmoralizado, mas pela "chicana" do PT. Não se fala no despacho ilegal de Moro mas muito da decisão colegiada contra a decisão

monocrática, além de colocar a coisa como um “conflito de competências”. A PF também teria se insubordinado, já que deveria ter soltado Lula imediatamente. O Globo afirma que Jungmann e Moro ligaram pessoalmente para a PF ordenando que não se soltasse o prisioneiro. O desembargador Rogério Favreto está sendo alvo de um massacre, com divulgação de seus telefones pelas redes sociais, disseminação da imagem de sua família e até um general da reserva insuflando as pessoas a agredirem-no.

Mais uma vez faz falta o PT ter legitimidade e poder de mobilização para prolongar ao máximo o impasse político.

## **24 de julho – manobras eleitorais**

Repercute o fechamento de alianças eleitorais de Alckmin , que juntou os partido do dito centrão e conseguiu muito tempo de TV, o maior de todos. Em contraste, Marina está sem tempo, e Bolsonaro tem muito pouco, segundos. E este ainda não tem vice, e Janaína Paschoal é cogitada e agitado o noticiário. Dá vontade de que essa dupla realmente saia em campanha, pois seria uma espécie de piada pronta no Circo Brasil. Há certa divisão nas análises de Bolsonaro como um perigo fascista iminente ou ser apenas um espantalho que agora Alckmin e o PIG deverão esmagar. Mas Bolsonaro é o único na direita que tem algum tipo de capilarização popular, ainda que seja através da internet. Alckmin tem enormes dificuldades como um nome nacional.

O PT continua com a posição de que Lula é o candidato e não há Plano B. A relação do PT com o Ciro é explosiva e a recusa de discutir abertamente um plano alternativo à candidatura de Lula, que todo mundo sabe não poderá concorrer, atrasa e esgarça as coligações e alianças normais desta hora. Hoje, com outros também, acho que a esquerda tem que sair unida, talvez com Ciro e Haddad, ou Ciro e Manuela.

## **27 de julho – Facebook fecha páginas do MBL**

Hoje teve a Marcha das Mulheres Negras em São Paulo. Eu não fui. Terminou na Praça Roosevelt.

O Facebook mudou sua política e agora busca conter as ditas fake news. Eles suspenderam quase 200 páginas que tinham perfis falsos ou cujos donos eram falsos. Isso atingiu o coração do MBL e o Revoltados Online, que basicamente são fábricas de boatos e capitalizam a dispersão de memes e notícias de direita. Eles estão enfurecidos e perceberam o estrago, indo à sede do Facebook para acampar e protestar. Apesar do

problema da censura na internet ser de fato controverso, com as ditas “agências de checagem” montadas pela própria imprensa agirem com claro viés (vide o caso do terço dado de presente pelo papa ao Lula), parece que o Facebook desta vez não exatamente censurou o conteúdo, mas sim a estrutura de distribuição. A deliciosa ironia é que o Facebook é uma empresa privada, e o MBL, que se esconde atrás do liberalismo, quer que o estado intervenha.

O Nassif escreveu:

Cenas do estado de exceção defendido pelo Ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal (STF):

1. A Polícia Federal arma uma investigação contra o chefe de gabinete do ex-reitor da Universidade Federal de Santa Catarina porque, em um evento em protesto com a invasão do campus pela PF, ele deu uma entrevista tendo ao fundo um cartaz de críticas à operação.
2. PF da Força Tarefa da Lava Jato montam uma indústria da indenização. Qualquer crítica respondem com um processo, julgado por um juiz federal de Curitiba que invariavelmente termina em condenações pecuniárias do crítico.
3. Um procurador Estadual do Ministério Público do Rio de Janeiro entra no presídio, sem comunicação prévia, vai à cela do ex-governador Sérgio Cabral e dá uma carteirada gratuita, meramente para mostrar poder. O ex-governador reage e é enviado para uma solitária.
4. Um delegado da PF aparece no Fantástico com a suspeita de ter denunciado uma faxineira por roubo de chocolate. O G1 solta uma matéria informativa. Alguns blogs repetem, Explodem condenações e multas superiores a R\$ 10 mil para os blogs que noticiaram.
5. No interior, espoucam notícias de promotores se comportando como autoridades maiores e promovendo perseguições políticas, como é o caso de São João da Boa Vista.”

Ocorreu o show Lula Livre no Rio. Eu não fui. Parece que foi grande, umas 40 mil pessoas. Chico Buarque e Gilberto Gil estiveram lá e cantaram juntos o “Cálice”.

Apareceu na imprensa estrangeira mas nenhum jornalão daqui deu o fato.

A participação de Bolsonaro no Roda Viva foi muito comentada, na direita e na esquerda. Por um lado, apareceu o tosco despreparado que ele é. Mas ao mesmo tempo conseguiu emplacar sua narrativa “outsider”, lembrando ao jornalista da Globo que o próprio Marinho, em 1964, apoiou a ditadura em editorial de 1964.

Os intervencionistas militares estão ainda ativos, e fecharam a Fernão Dias por uma hora ou duas no final do dia. Eles estão apostando muito no caminhoneiros e parece que entenderam que controlar o fluxo é controlar o sistema [*a paralisação dos caminhoneiros foi acabando aos poucos*]. Ainda não conseguiram a capilaridade de que precisam, mas estão trabalhando.

Alckmin é o candidato da vez da imprensa. Muita cobertura favorável.



# Agosto

A IDEOLOGIA  
DE GÊNERO  
nas escolas  
DESTRUIRÁ  
a  
FAMÍLIA

HOJE, OS DOIS

DISCURSOS QUE

Toda a campanha está meio chata,

MOBILIZAM

AS MASSAS DE ALGUMA MANEIRA SÃO

nenhuma ideia ou posição nova, fora do

O LULISMO E

cliché. Assistir aos debates é ouvir o

O BOLSONARISMO...

mesmo de sempre. Resta acompanhar as  
manobras e contramanobras jurídicas.

O POVO ESTÁ  
CANSADO  
DE TOMAR



A UNO PASSES UNA DECLARACION DIZENDO QUE LULA DEVE CONCURRER AS ELEIÇÕES  
POIS NÃO PERDE SEUS DIREITOS POLÍTICOS.

OGOLPENÃOVAIACEITAROPTDENOVO.TUDOINCERTO.



### **3 de agosto**

Repercute muito forte entre a militância o acordo com o PSB e o corte da candidatura de Marília Arraes do PT no Maranhão. Tem gente muito enfurecida com isso, pois enfraquece o discurso anti-golpe e cancela um movimento de base importante, uma candidatura que saiu da militância. A direção nacional está muito distante das bases, e errou muito a mão. Ciro foi de fato isolado, mas o preço é muito alto. Está claro que o PT não queria a unidade das esquerdas, mas vai lutar para manter sua hegemonia, mesmo que isso custe o esfacelamento desse campo. Parece que todos na direção nacional creem que não há chances de vitória e estão a se salvar para dentro das instituições, abandonando a militância na rua.

Fui ao MASP para o ato contra os cortes no orçamento da CAPES. Uma carta do ministério anunciou falta de recursos e antecipou suspensões e cancelamentos de quase todas as bolsas e financiamentos. Deu um pânico geral entre os acadêmicos e universitários. Fui checar.

Saí da estação MASP-Trianon e cheguei no vão do museu. Tinha umas 600 pessoas, mulheres e homens de 30-50. O clima era bem sóbrio, sem carro de som. Muitas faixas e cartazes, mas acabou que não vi ninguém que eu conhecia – o que estranhei, pois inúmeros destes são acadêmicos. O Ivan Valente estava lá, e depois o Gianazzi. Depois de alguns minutos de concentração, saímos à rua para ir até o escritório da Presidência.

Faixas: “Em defesa da ciência. APG-USP”, “ABRAPSO”, “CEUPES-USP”, Fora Temer!” e uma dos “Cientistas Engajados”.

Debaixo da chuva, palavras de ordem e persistência, mas achei meio solitário e duvidei que a sociedade saia em socorro do conhecimento científico.

“Pode chover, pode molhar, estamos na rua pra ciência não acabar!”, e “Vem, vem, vem pra rua vem, pela ciência!”.

Achei que tinha umas mil pessoas quando chegamos à rua Augusta. Vi bandeiras da UEE, Território Livre, Faísca, ANPG. Fizemos um jogral.

Melancólico e sem esperança, saí fora e fui tomar uma Seleta - e voltei para casa.

### **4 de agosto – definição da candidatura de Lula**

A convenção do PT que sacralizou a candidatura de Lula foi estendida até domingo

para acolher a indefinição da escolha do vice. L diz que “três decisões assombram o PT: troca o candidato logo para construir o poste; retarda ao máximo para garantir impacto e transferência automática; não troca, fode tudo, e Brasil vai para o abismo cavado pelos golpistas... acredite... essas três possibilidades estão na mesa.”

Tudo está em aberto, e mil boatos fervem nas redes. As escolhas feitas até segunda são de grandeza histórica e vão definir alguns rumos da eleição. Corremos perigo imenso, e parece que estamos por um triz. Talvez a eleição não resolva nada e apenas inicie outra crise. Ninguém é favorito, e tudo pode acontecer.

*[LR me contou que a indefinição e hesitação da direção do PT era tamanha que a Gleisi Hoffman ligou para M, no domingo à noite, trinta minutos antes do encerramento do prazo, perguntando o que eles tinham que fazer...!]*

### **8 de agosto – ato pró-aborto**

Fui à Praça do Ciclista checar a manifestação das mulheres pró-aborto em frente ao Consulado Argentino. Cheguei 18:40h e já vi uns 30 PMs.

Vi umas 2 mil mulheres, jovens no geral, com muitos cartazes e faixas. O evento era para marcar a votação da lei do aborto na argentina e estava acontecendo em várias cidades do mundo. Muita energia e cantos: “ou legaliza, ou não vai ter sossego!”. Tinha uma presença grande independentes e coletivos autônomos, mas várias entidades estavam representadas: ANEL, Pão e Rosas, MRT, Nossa Classe, PSTU, Faísca, UJC, PCB, o AFRONTE e seu estandarte.

Não tinha carro de som e era possível conversar e ouvir o batuque das moças de tambores de plástico e PET. Um faixão acusava a presenças do “Coletivo Feminista de Argentinxs de SP”.

Mensagens: “Mulheres mortas, não vamos aceitar”, “Nossas vidas importam”, “Aborto seguro, legal e de gratuito para não morrer!”, “Façamos como as argentinas e pela legalização do aborto no Brasil”. Vi uma camiseta “Marielle Presidenta”, e uma bandeira da Marcha Mundial das Mulheres.

Chegou E, e quando as mulheres saíram em passeata, saímos fora em busca de uma Seleta. Eu estava desanimado e melancólico.

Aí tomei um ônibus e fui para casa.

## Buraco 10 do Diário

Estou muito desanimado e sem esperança. A situação é muito volátil e dá para perceber que as alternativas são escassas e todas meio catastróficas. O melhor cenário para mim – algum tipo de frente de esquerda vitoriosa – criaria uma crise enorme no país. A vitória de Alckmin seria a morte lenta, um neoliberalismo tardio que só vai ser implementado com violência. Mas mesmo uma frente de esquerda não parece trazer dentro de si muitos elementos de 2013. Manuela do PCdoB é de certa forma um avanço, mas só o PSOL parece mais aberto a mudanças estruturais (e ainda assim hesita, como atesta a companheira A, que ajuda a escrever o programa do PSOL).

De toda forma, é evidente que não há futuro para mim. Então até acho que a solução extrema de levar a candidatura Lula até o fim, provocar um crise insolúvel e ir para as barricadas não me é absurdo. Mas precisa ser de esquerda e não da burocracia do partido.

Estou num boteco, um sábado à noite. Me prometi sobreviver até as eleições e um pouco depois. Parece que vai ser possível. Mas o Brasil está em tal estado de crise econômica, que erupções incontroláveis podem acontecer. Parece que nenhum programa político-econômico pode acontecer sem violência estatal. O crescimento mundial da direita é bem assustador.

Na real, o futuro sumiu.

### 10 de agosto – o que dizem os levantamentos

Fui a um jantar na casa de LR e M estava lá. Ela disse que fez uma pesquisa *quali* grande em todo o Brasil e que detecta um clima de luto pelo futuro perdido. Diz que Lula tem um eleitorado cativo e fiel, mas que a transferência não é dada. “Dá licença que eu vou lá pegar meu futuro de volta”, teria sido dito por uma senhora. Ela acha que Haddad não tem as características que constituem a fidelidade a Lula: ele não é irmão, não fala como nós. Ele é branco e de classe média, um uspiano até o talo. Ela diz que só 8 a 10 por cento do eleitorado de Lula votaria no Bolsonaro. M diz que todas as chapas estão brancas e sulistas. A crise está pegando muito pesado entre o povo. Ela está confiante que Bolsonaro não cresce mais, e que Alckmin tem mais chances. Todos achamos que se o PT ganhar talvez não leve. J Wagner teria desistido de ser candidato

pois sabe que seria imediatamente acusado pela Lava Jato. Ela diz que o Boulos seria muito mais atraente ao povo em geral do que Haddad. Lula gosta muito dele, e vice-versa. Disse que quando do velório de Marisa, uma vez acabada a cerimônia, Boulos e Lula ficaram sozinhos com uma garrafa de uísque, que secaram. L diz que a Bolsa caiu dias atrás porque as investigações da Lava Jato em São Paulo chegaram no Alckmin e o mercado sabe disso.

### **13 de agosto – ataque especulativo à Turquia**

Repercute a proposta de aumento de salários do STF, que teria efeito cascata por todo o território nacional. Li que Haddad vai colocar nome de Lula no seu registro, para que apareça na cédula. [*Era boato e não ocorreu. Mas Gleisi de fato incorporou o nome ao seu e ao ser chamada à tribuna, no Congresso, faz “Lula” ser pronunciado.*]

Tem crise econômica na Turquia, com ataque especulativo contra sua moeda. Não está claro se é um ataque político externo ou incompetência econômica interna. A imprensa europeia teme contaminação para dentro do continente. Parece que a Espanha tem muitos ativos com instituições turcas.

### **15 de agosto – funk do Bella Ciao**

Repercute o registro da candidatura em Brasília, um ato que reuniu muita gente. A editora Abril entra em falência, demite muitos funcionários e é agora uma massa falida à espera de comprador.

Ouvi o Haddad falar e temi pela transferência massiva dos votos de Lula. Até entendo as demandas contraditórias que há sobre ele, mas ele precisa ser guerreiro. Ele é um professor universitário, muito claro e didático, mas não quem vai levar a luta a ferro e fogo. [*Lula seria o vencedor incontestado das eleições. Ele aparece consistentemente na liderança em todos os cenários. Ele teria feito a diferença nos debates.*]

Toda a campanha está meio chata, nenhuma ideia ou posição nova, fora do clichê. Assistir aos debates é ouvir o mesmo de sempre. Resta acompanhar as manobras e contramanobras jurídicas. O golpe não vai aceitar o PT de novo. Tudo incerto.

Segue a repercussão do bloqueio de contas de figuras da extrema direita pelo Facebook e twitter, notadamente o demagogo e agitador Alex Jones do Infowars. Por aqui, foi a página do FB de Olavo de Carvalho que foi fechada. Dá vontade de simplesmente dizer “bem feito”, mas sabemos que vai virar contra a esquerda depois. Quando e esse

Bolsonaro vencer, essa gente vai se vingar, e os amigos liberais vão se fuder.

Estou no boteco e ouço pela enésima vez a versão funk do *Bella Ciao*, que se apropria da melodia sem nada dever às letras originais de luta. No geral aceito a versão, pois eu aceitei a versão funk do hino nacional (<https://www.youtube.com/watch?v=TuZ3hXA1E4Q>). Lamento o rebaixamento das mensagens de luta e organização, lamento o pop que tudo digere e tira o ferrão. Mas é assim.

## **20 de agosto**

A ONU passou uma declaração dizendo que Lula deve concorrer às eleições, pois não perde seus direitos políticos, já que não correram ainda todas as instâncias. Deu uma bela celeuma. Guerra de versões, fake news dizendo que a Comissão dos Direitos Humanos não é órgão da ONU, questões sobre a natureza vinculante da declaração, um só bololô. Lula se mantém no noticiário e dominando as eleições até agora.

Das redes:

Mas é o editorial da Folha o texto mais preocupante. Em seu tom que faz lembrar a retórica anticomunista daqueles que apoiaram por tantos anos a Ditadura Militar, o texto diz que se ganhar a eleição, o PT pode se tornar uma ameaça à democracia. A Folha não somente coloca Lula e o PT como inimigos a serem obliterados de maneira genérica, como fazem seus pares, ela acusa a campanha petista de ser em si uma ameaça à democracia.

## **21 de agosto - conjuntura**

Boaventura Santos:

Ou seja, as condições que permitiram ao PT ser a esquerda hegemônica no período anterior deixaram de existir. Faria, pois, sentido que a hegemonia fosse reconstruída sem alianças com a direita e, pelo contrário, com alianças construídas horizontalmente com outras forças de esquerda e centro-esquerda. Em vez disso, impera o taticismo da sobrevivência partidária no próximo ciclo político, mesmo que isso implique desperdiçar a oportunidade de eleger um Presidente da República que estanque a vertigem de exclusão e repressão que se abateu sobre as maiorias empobrecidas e racializadas. Esta posição é, no entanto, mais complexa que o puro taticismo. Constitui o cerne da identidade política que Lula da Silva costurou para o PT nas últimas



décadas. O fato de estar agora preso faz com que Lula a Silva seja agora mais do que nunca o fiador dessa identidade. O pós-lulismo e o lulismo não podem coexistir. De algum modo, o PT está refém do Lula e o Lula está refém ... do Lula.

## **22 de agosto – Lulismo e pós-lulismo: discussões sobre 2013**

Hoje saiu a pesquisa da Datafolha que confirma o crescimento de Lula: 39%. Isso deu enorme gás ao PT, que também comemorou a baixa performance de Alckmin. Bolsonaro continua no mesmo, ainda que Marina tenha crescido um pouco. O período de propaganda está prestes a começar, e o Pt lançou nas redes o seu vídeo. O partido tem agora o enorme desafio de fazer colar em Haddad seu montante de votos. Não consigo achar em nenhum lugar, nem mesmo com M, os números que indiquem claramente a taxa de transferência de votos de Lula a Haddad.

Estamos na segunda parte da aposta de alto risco de Lula, que era esgarçar ao máximo a sua candidatura e manter seu nome nos noticiários, e se possível fazer crescer sua parcela da intenção de votos. Isso aconteceu, inclusive ajudado pelo episódio da ONU. O recorte de seus votantes é a mais favorável, que são os setores onde Bolsonaro vai ter dificuldade em crescer: mulheres, pobres. Um curioso fenômeno que se discutido é o apoio de Lula entre os jovens de 16-25. Eles já não são a geração de 2013 exatamente. De uma lista, compilação de várias vozes:

Em junho de 2013 os muito jovens só conheciam o PT do governo, agora estamos chegando a um tempo em que nenhum muito jovem lembra do PT como partido da ordem. Com o ritmo das coisas também ninguém lembra do Haddad na prefeitura nem consegue entender que o PSOL seja partido da oposição ao PT.

*O conceito de jovens geralmente está ligado à juventude universitária que, estatisticamente inclusive, é uma minoria. A rejeição e agora o crescimento da popularidade do PT entre jovens nunca teve a ver com ódio, objeção de princípio ou nada do tipo, nem essa adesão implica em engajamento. É a resposta à situação do país. Hoje, os dois discursos que mobilizam as massas de alguma maneira são o Lulismo e o Bolsonarismo.*

Eu acho que a suposta "bagunça" sobre juventude e junho de 2013 é que aqueles que não quiseram apagar junho, em geral, forçaram um certo

antipetismo ali nas análises até como forma de produzi-lo.

*Junho era pós-PT, pós-Lula, não anti.*

Sim, muita projeção de desejo na realidade...

Inclusive do petismo oficial, que ajudou a colar em Junho um antipetismo para não se renovar.

*Justamente porque não estava nem aí para Lula, era pós Lula. uma explosão social que não era mobilizada pelo campo liderado pelo Lula, nem contra ele.*

*E "pós" também porque condicionada pelas transformações (e permanências) geradas pelo lulismo...*

Depende, junho de 2013 era o movimento que moveu o "petismo", mas naquele momento, Haddad e Dilma eram os atores que, por ironia, negavam o movimento que em último caso, os causou. Mas nesse sentido que era pós-PT, porque era absolutamente a despeito, além embora também em virtude de.

Falei exatamente isso agora, numa discussão com petistas que estão falando que o PT está bem vivo, apesar dos nossos diagnósticos de que ele foi atropelado por junho. Eu acho que tudo isso mostra a força do lulismo. No limite, o PT hoje é o lulismo. Mas com o golpe, a prisão, os absurdos da lava jato e do governo temer, o lulismo adquiriu também um potencial antissistêmico. Luta de classes é luta de classes.

E eles não têm uma Thatcher ou um Pinochet pra conseguir, de uma forma ou outra, cravar o funcionamento desse projeto de merda.

A PGR já acusou Haddad de improbidade e o cenário deverá ser o mais acirrado. O golpe não vai aceitar o crescimento de Haddad e sua inclusão no segundo turno. Vão fazer de tudo. Se chegar ao segundo turno, vai ficar mais difícil para a direita, pois ele é inaceitável para muita gente. Mais fácil é melar as eleições ou cassar o PT, cassar o Haddad, impugnar a chapa e foda-se. A falta de comando do golpe e a relativa fragmentação da direita e derretimento do PSDB pode ser útil à esquerda, mas também deixa aventureiros tentarem absurdos, sejam jurídicos ou criminosos. A tensão é grande. Recordo-me de F, que me falou que conversara com um operador do mercado financeiro, que não estava preocupado. Dizia que o único cenário que o

mercado temia “é PT x Bolsonaro”.

Bolsonaro tem imensa rejeição e não sai do lugar faz meses. Tem conseguido apoio de alguns empresários. Quem o impede de crescer são as mulheres. Ele não consegue atrair este eleitorado. Para esquerdistas que fazem pouco do movimento feminista, eis a prova do contrário: são elas que vão impedir o fascismo.

Um eventual governo Haddad, porém, não traz bons augúrios. Seria fraco e governaria sitiado, com um Congresso pouco renovado. Incapaz de costurar as alianças com interesses contrários e exclusivos, como fez Lula, Fazer uma guinada à esquerda e governar com os movimentos sociais, ou pelo menos preparar a resistência para quando for derrubado, não está muito no DNA dele. Boulos faria.

Em suma, não há cenário de estabilização econômica sem repressão e fechamento social, e mesmo assim pode demorar uns dois a três anos para a coisa começar a melhorar.

## **24 de agosto – resolução da ONU**

Saí da estação Vergueiro do metrô e vi um cartazão colado no painel de publicidade: “Com supremo, com tudo” em cima de um detalhe da famosa foto de Aécio e Moro, bem estourada com pontinhos de *offset*. Não estava assinado.

Na estação Faria Lima do metrô recebi um panfleto de Samia e Isa Penna.

## **29 de agosto**

Um eleitor de Jair Bolsonaro apontou uma arma de fogo contra uma colaboradora da campanha de Guilherme Boulos e Sônia Guajajara, candidatos a presidente e vice pelo PSOL, na tarde desta segunda (29), em São Paulo.

Assisti outro dia diferentes pronunciamentos de 5 juízes do STF, em aulas e em diferentes processos, defendendo a obrigatoriedade da obediência a acordos internacionais. Isto é, aceitando que a diretiva da ONU em favor da participação de Lula no processo eleitoral vale no Brasil. [*O PT tentava fazer repercutir a condição irregular de Lula prisioneiro, em contraste com a diretiva/recomendação da ONU. O ponto central da argumentação era a obrigatoriedade ou não das cortes brasileiras acatarem a resolução.*]





# Mulheres contra o coiso, o

pedalao, e um enorme alívio, mudou o clima de

apreensão que vinha dominando a esquerda. Ontem o candidato afirmou que não reconheceria resultado que não fosse sua vitória. Mas parece está em crise: a revista *Veja* <sup>que sua campanha</sup> ~~está em crise~~ do processo que uma sua ex-



*Se fizesse minha existência, ou*

Resistência

SELEÇÃO

2018

FACADA



## **2 de setembro – incêndio no Museu**

Hoje o Museu Nacional queimou inteirinho, perdendo acervo valioso e insubstituível. Já pesquisei lá as fotografias 3D brasileiras do século XIX (estereoscopias) lá durante o doutorado. A perda é alucinante.

## **4 de setembro – efeitos da estratégia de Lula candidato**

Ontem teve ato no MASP pró-museus, não pude ir. Mas não foi super grande, e parece que rolou muita panfletagem eleitoral. Nas redes rola muita atribuição de culpa pelo desastre, incluindo a esquerda como bode expiatório.

Faltam 33 dias para a eleição e a candidatura de Lula ainda está sub judice e o PT insiste no esgarçamento da via legal. A transmissão de votos a Haddad fica cada vez mais periclitante. Li hoje um artigo que ataca a tática vigente da direção do PT. Claro que não é o primeiro, mas há muita incerteza em relação a como conduzir a luta eleitoral. Ricardo Kotscho acha que estava errado e a direção do PT certa, mas hoje Fornazieri atacou a aposta na via judicial em vez da mobilização popular. Breve teremos pesquisas que vão acusar a exposição televisiva das campanhas, o que é a última etapa da campanha eleitoral.

Vi na padaria algumas peças eleitorais. A do PT está ok, mas faltava mesmo Lula dominando o discurso. O Judiciário está pesando contra, proibindo certos conteúdos e dificultando a exposição da figura do Lula. O PIG segue com um espesso muro do silêncio e o MP fica abrindo processo contra Haddad, usando o mesmo evento. Alckmin tem boa produção em seus programas, mas fica ridículo tentando se passar por uma pessoa humana. No geral, nada inspirador, mesmo o micro-Boulos que acertou na criatividade.

Meu desânimo é meio grande, a incerteza é indescritível de tão vasta. A possibilidade de um erro estratégico de consequências enormes ainda está no horizonte. Na bolha petista, tudo é Lula e posições morais que não vão redundar em números na urna. Mas tem dado medo.

## **5 de setembro**

Eu:

oi L

o dólar subiu, a datafolha e ibope escondem os resultados... e a última fase da campanha já começou. Estaria mais feliz se a maldita transferência de votos fosse mais certa. A 30 dias não enxergo bem qual comunicação em nível massivo e nacional realizaria a mágica. Alguma informação de dentro vc sabe?

L:

O foco é garantir os votos PT, ou seja, ao invés de conversar com os inimigos, a estratégia é conversar com os amigos, mais do que suficiente para segundo turno. parece que isso vem dando certo...

Porém.... algo de podre no reino tropical... algo em articulação parece que caminha... tipo Bolsonaro... vc viu a enquadrada no Alckimin hoje [*da imprensa*]? logo agora? ou pode ser uma fumaça para inviabilizar Haddad via justiça em seguida....

tenso....”

De fato o enquadro do Alckmin pode indicar guinada à direita com Bolsonaro, inevitavelmente. Ou então melação da eleição e seu adiamento indeterminado. O golpe está defronte um impasse, e só opções de força desesperadas poderiam interromper o sucesso do Lula.

Evidente também o racha no golpe e o protagonismo do Ministério Público, que faz três acusações contra Haddad e agora contra Alckmin. Eles vazaram as acusações para a imprensa, no estilo Lava Jato, eventos antigos com nova roupagem. O Partido do Judiciário está jogando pesado.

A PM Kátia da Silva Sastre, que ficou famosa ao matar um ladrão em frente a uma escola em Suzano, na Grande São Paulo, em maio deste ano, divulgou o vídeo da ação nas suas redes sociais; a gravação divulgada tem, inclusive, legenda; ela é candidata a deputada federal pelo PR. A curta intervenção do PSTU é a mais interessante: REBELIÃO, o que o Brasil precisa é de rebelião.

A pesquisa do Vox Populi, mais confiável, vai sair na semana que vem.

Trompetista escracha as Lojas Americanas em Porto Alegre! As Americanas deram espaço para o discurso de ódio quando vendia camisetas anti-Lula.

## **6 de setembro – atentado contra Bolsonaro**

Arde agora no noticiário e nas redes o atentado contra Jair Bolsonaro. Ele foi esfaqueado em Juiz de fora, na rua em frente a Riachuelo. A tensão é enorme e a botaria corre solta. Neste momento, espera-se uma possível escalada de violência no geral. As consequências para a campanha não estão claras, mas pode ter aberto um vale tudo e talvez até um cancelamento da eleição.

A imprensa muito ruim em seus comentários e hipocrisia. Todo mundo agora é contra a polarização e contra o discurso do ódio.

[*Análise de fluxo d*]as redes:

O atentado sofrido pelo candidato à presidência da república Jair Bolsonaro teve grande repercussão nas redes sociais. Teorias conspiratórias circularam tanto na direita -- que viu no atentado a prova de que as elites de esquerda não admitiriam sua eleição -- quanto na esquerda -- que tentam mostrar que o atentado foi armado ou muito menos grave do que está sendo noticiado (diversas comparações com o caso da bolinha de papel atirada contra o Serra na campanha de 2010). Parte da direita aproveitou o caso para enaltecer a imagem do candidato -- muitas mensagens do tipo "Força Bolsonaro" associadas à bandeira nacional e a fotos do candidato hospitalizado -- e associar o acusado à esquerda. Na esquerda, o discurso de que "violência não se combate com violência", mais predominante, disputou espaço com publicações com o tom "colheu o que plantou".

Seguem as postagens mais compartilhadas entre as páginas que monitoramos de direita e de esquerda.

O caso levanta mil questões, tais como a liberação do porte de armas e o incitamento ao ódio. Dias atrás o candidato falava do palanque de “metralhar a petralhada”. Nada disso é lembrado na grande imprensa, que o apresenta como vítima de extremismo e exemplo de conduta democrática. A morte de Marielle, sobre a qual Bolsonaro se recusou comentar, o atentado à bala ao ônibus da caravana de Lula, nada disso foi lembrado, e o o clima de ódio agora não tem filho, ninguém quer assumir.”

A caracterização do agressor (Adélio Bispo de Oliveira) é crucial e alvo de muitas

hipóteses. Ele foi filiado ao PSOL e tem passagem pela polícia, mas um site que pode ser fake o retrata como meio maluco, adepto das teorias da conspiração maçônica e com posts sobre Dallagnol e outros contra os políticos em geral. Mas a Band News diminuiu seu conteúdo anti-política e deu destaque a uma montagem do brasão nacional e a foice e martelo, além de fotos [*ao lado de gente com*] com camisetas de Lula Livre. Pode significar que colocá-lo como esquerdista será o tom oficial, para justificar repressão. A Globo está desesperada em “pacificar” o país e deu muito destaque a declarações de lideranças institucionais.

O vice de Bolsonaro, o gal. Mourão, já culpou o PT de realizar o ataque. Sites de direita dizem que houve reunião de militares preocupados com a situação.

O candidato ganha assim grande projeção e simpatia, com mais espaço na TV em forma de noticiário. Os outros candidatos, especialmente Alckmin, terão que moderar seus ataques ao deputado.

## **7 de setembro**

Lendo coisas que indicam um novo cenário, de disputa final do tudo-ou-nada já no primeiro turno. No Estadão está sugerido que o mercado financeiro poderia se jogar todo com Bolsonaro se este crescer, Alckmin estacionar e Haddad não crescer o suficiente – tudo isso seria uma forma de barrar o efeito Lula sem com o menos risco possível.

No Monte Carlo, um boteco perto de casa onde colam uns facho-coxinhas, uns homens de 50-60 anos. O lugar é eclético e portanto abriga este tipo de escroto também. Diálogo na mesa ao lado, hoje ainda: "Viu só o cara que bateu no Bolsonaro? Ele estudou pedagogia, fez campanha para a Dilma e é militante do PT". Achei malucão que a primeira acusação fosse ser pedagogo!

## **10 de setembro – repercussões da facada**

A esperada pesquisa da Datafolha, a primeira depois do atentado: combustão de Alckmin, queda de Marina, Haddad subindo por conta própria e Ciro parece herdar algum voto lulista. Bozonazi meio na mesma, com aumento de rejeição.

O atentado foi merecido mas grave, e me impressionou que o fluxo nas redes afirmando que foi um atentado fake foi quase maior do que o apoio que ele recebeu.

Lembro-me da morte de Marisa e das "investigações" que provavam que era um manequim no caixão em São Bernardo e que ela estava em Miami esperando o Lula!

A tensão bem insuportável com muito protagonismo militar. O atentado já foi atribuído ao "Foro de São Paulo" pelo coordenador da campanha de Bolsonaro, e o gal Mourão parece que vai assumir a face pública da campanha. Ele afirmou, em relação ao atentado, que "nós é que somos os profissionais da violência".

### **11 de setembro – pesquisas e presença militar**

Fui tomar um café com L e conversamos. Avalia que o golpe está sem comando e que isso aumenta o perigo. Duvida, como muitos, que a versão oficial do atentado corresponde à verdade dos fatos. A indefinição é tão grande que fica difícil arriscar prognósticos. Mas disse que MR relatou que a transferência dos votos de Lula a Haddad é boa, tanto nos votos lulistas "fortes" quanto nos "fracos".

Quando caminhava de volta para casa, na avenida Paulista, vi um músico de minha idade, chapéu puído e triste figura, sentado em um banquinho, de violão elétrico em punho, atrás de um cartaz que fizera: "Será que eu almoço hoje?". Ao caminharmos pela calçada, ele cantava e tocava a canção do Vandrê, "Caminhando e Cantando", e meio que parou na parte dos "soldados armados ou não". Pensei: cá comigo "será que ele sou eu amanhã?".

Mais adiante, vi uns cartazes com os rostos de dois lutadores da esquerda, escritos assim "marighELLA e mariELLE". Outro cartaz: "A revolução não será televisionada, mas o golpe está sendo".

Impactos do Datafolha: voto Lula tem boa transferência inicial. O que eu acho que o Haddad deve fazer quando eleito: reformas imediatas, investir nas mulheres, novos atores e (criptografia para o movimento social). Vai ter que isolar radicais de extrema-direita. Precisa peitar e ganhar. Não vai dar para evitar conflito.

Diário de Suzano:

Parte da Operação Anhanguera 2018, que é um exercício de adestramento em Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), o patrulhamento reúne uma tropa de 600 membros e será realizado em diversos pontos da cidade indicados pela Polícia Militar, como a estrada dos Fernandes, a rodovia Índio



Tibiriçá (SP-31) e bairros com índices de criminalidade, por exemplo.

Em sua primeira atuação direta na cidade de Suzano, o Exército explica que a atividade tem o objetivo de capacitar as tropas participantes a operar dentro de um ambiente de cooperação e coordenação com múltiplas agências da sociedade, bem como exercitar a ação de comando e a capacidade de liderança em todos os níveis.

Além da atuação no setor da Segurança, os militares também vão promover um trabalho cívico social na Escola Municipal Professora Célia Pereira de Lima, no Jardim Cacique. Segundo o secretário municipal de Educação, o professor Leandro Bassini, os soldados vão realizar durante a semana manutenção na unidade de ensino, mas a rotina dos alunos não será afetada.”

M, nas redes:

As últimas pesquisas do Ibope, do Datafolha e da Pactual todas indicam estagnação do Alckmin, declínio da Marina e ascensão do Bolsonaro e do Haddad. Até aqui parece que todo o tempo de TV que o Alckmin conquistou prometendo sabe-se lá o que para o centrão tem tido bem menos efeito do que a presença nas redes sociais do Bolsonaro e do PT.

Talvez seja cedo para esse tipo de análise, mas me parece que não se trata meramente de uma diferença de meio. O que está em disputa é, de um lado, o modelo vitorioso em 2002 voltado para o marketing, a construção de uma imagem que possa ser vendida (o Lulinha paz e amor ou o Alckmin eficiente) e, de outro, o modelo do engajamento. As redes estão refletindo o formato das relações sociais que minha geração abraçou: aquela do engajamento, do empreendimento. Não basta votar, é preciso produzir discursos, compartilhar matérias, repassar correntes, endossar posições, participar de atos, vestir a camisa. A polarização da esfera pública, e sua conseqüente deterioração, veio junto tanto de sua expansão quanto desse caráter ativo que reflete as relações de trabalho flexíveis. Sai de cena a intermediação paternalista dos meios de comunicação que despejam no público os consensos de uma classe esclarecida, entra o embate engajado e popular entre aqueles que tem ideias muito distintas sobre como "mudar tudo isso que tá aí".

Meu palpite para essa eleição é que a aposta no eleitor passivo que, sem alarde, vota naquele candidato cuja imagem produzida por um marketeiro profissional ele intimamente se identifica será engolida por essa máquina barulhenta de produzir discursos prontos contra um inimigo maior a ser combatido pela força.

Vi o vídeo do Haddad e do tiririca. O do palhaço é incrível, onde imita a queda do Neymar numa linguagem meme ou vine, o vídeo de internet. Já o de Haddad, onde a dificuldade com seu nome é trabalhada de maneira divertida e também com elementos da linguagem radical do vídeo de curta duração das redes.

Já a campanha de Bolsonaro lançou um vídeo de um grupo de jovens de Fortaleza que dançam uma coreografia parecida com aquela outra do impeachment [*mas com o gesto do revólver*]. A música é a canção de Roger, a antiga “A gente somos inútil!”. É muito bizarro.

Já o Boulos lançou seu programa na forma de receitas, “50 Receitas de Boulos”. O material é bom até. O programa é o melhor de todos os candidatos e incorporou muitas pautas novas e horizontalizantes.

### **13 de setembro – constituinte de notáveis: o Brasileiro não sabe votar 2.0**

Gal. Mourão dizendo que a Constituição não precisa ser feita por Assembléia Popular, mas sim por “notáveis”. Papel dos militares cada vez mais visíveis: Ministro Tofolli, que foi empossado hoje [*presidente do STF*], chamou general para ser assessor dele no STF. No Uruguai, em contraste, um general foi preso por dar opinião política acerca da política econômica.

A pesquisa Vox Populi indica que já há crescimento do Haddad, (22%), Bolsonaro nos 18% e Ciro e Marina ao redor dos 10%.

### **15 de setembro – Haddad na Globo e um vice à solta**

Repercute a sabatina de Haddad no Jornal Nacional. Ele se saiu muito bem. Vi depois no youtube e achei que ele conseguiu virar a agressividade dos entrevistadores e não se deixou ficar no canto do ringue. No geral ele foi elogiado e deu muita confiança para os militantes e apoiadores. Ele destacou ao vivo as “confissões” de Tasso Jereissati, que em entrevista ao Estadão havia listado três ou quatro erros do PSDB, incluindo ter

disputado o resultado da eleição [de 2014] e ter feito posição irresponsável ao governo do PT, com Cunha e suas pautas-bomba.

Atacaram e derrubaram a página das mulheres contra Bolsonaro. Vi ser grande a manifestação e pode ser decisiva no atual cenário de incerteza e instabilidade.

Haddad vem subindo nas pesquisas e parece que a transferência está em curso e ainda não atingiu seu teto. Ciro ainda tem chances no momento.

Lula está impedido de aparecer na propaganda do Haddad, apesar de figurar no material eleitoral dos outros candidatos.

Análise no Intercept:

O vice, General Mourão, sem o aval de Bolsonaro e do PSL, honrou seu DNA golpista e entrou com um pedido no TSE para poder participar dos debates em seu lugar. Aproveitou também para propor uma nova Constituição que não seja feita por uma Assembléia Constituinte, mas por “notáveis” escolhidos sabe-se lá por quem.” A imprensa em geral relata racha e alguma desorientação no campo da campanha bolsonarista.

Presença dos milicos na imprensa: auto-golpe do Mourão, e agora essa do Bolsonaro ter dito que uma vitória do PT configuraria fraude eleitoral, pois Lula teria um arranjo com o Judiciário. Uma entrevista da jornalista Lo Prete com um general da reserva General Rocha Paiva. Vi a mesa redonda agora e é aterrador a naturalidade com que a tutela militar está sendo considerada como legítima. O ex-ministro Carlos Dias, que não é um reacionário, prega uma constituinte exclusiva, e não o congresso constituinte como foi feito em 89 (e o PT votou contra a constituição por causa disso), para evitar que deputado legisle em causa própria e os constituintes independentes tenham mais peso. O general fala de "soldado-cidadão", de constituintes de notáveis e auto-golpe como "idéias a serem trabalhadas". Atacou a Comissão da Verdade por não investigar “os dois lados”.

## **16 de setembro – festival Lula Livre**

Depois de uma ausência de várias semanas da rua, mas ainda escrevendo este diário, voltei ao asfalto para checar um festival Lula livre na Paulista. No geral a rua esteve mesmo muito em baixa nos meses precedentes, o jogo institucional das eleições

dominam as discussões e atividade política. Com a definição da candidatura Haddad, as campanhas mais de massa começam a emergir.

No geral os encontros de campanha são bem monotemáticos e de muita adulação, mas fui assim mesmo, sem esperar muito.

Saí da estação Consolação às 15:45h, e a avenida estava bem cheia, como é costume no domingo. Esperei um pouco por E em frente a um jacaré e privadas infláveis e gigantes. Era o pessoal da Maga Atlântica com campanha.

Um giro de pescoço deu a ver que haviam muita atividade campanha, na forma de bandeiras ou de panfletos. Além do PT e seu festival (na Praça do Ciclista), vi uma barraca da Marina, outra do PCO, o pessoal do Ciro, PSOL também com o Ivan Valente em pessoa, umas 30 bandeiras do Dória. Até tinha uma trupe de uns 30 cabos eleitorais de verde-amarelo, acho que do Meirelles. Mas, no geral, não tinha coxinha ou bolsonarista. Eles estavam recolhidos ou envergonhados.

Vi a faixa e militantes da Democracia Corinthiana.

Assim, o clima estava leve e feliz. Andei até o MASP e tinha o pessoal do Levante Popular da Juventude e seu batuque. Muito jovem, muita alegria. Depois do confinamento das semanas passadas, foi ótimo estar na rua abertamente, cercado de camisetas vermelhas e várias tendências de esquerda.

O batuque tinha uns metais também, e cantavam uma versão do Bella Ciao. Esta canção recentemente ganhou uma versão funk, com letra escrota. Rolou nas redes grande discussão se era degradação de uma canção da luta (anarquista) ou se era apenas uma apropriação legítima. De qualquer forma, esta versão ganhou uma letra fernandista: “A juventude, organizada, vai lutar, vai lutar, vai lutar, luta...”. Quatro estandartes davam um clima de carnaval de rua à aglomeração em frente ao MASP: “Frente Brasil Popular”, “Bloco do Vem Com Lula” e “Haddad e Manu”. Vi o pessoal da UJS. No meio da bufunfa, um cavalete trazendo “Hipnose Grátis”.

Mas um senhorzinho vestia uma camiseta com mensagem pelo voto nulo.

Vi muitas camisas da Seleção vermelhas. Algumas com Lula, outras com a foice e martelo. Vi uma camisa do Guarani FC, pela primeira em 5 anos.

Andei até a FIESP pensando no caráter plebiscitário que esta campanha está tomando.

Golpe/não-golpe, PT/AntiPT, civil/militar... Qualquer resultado vai gerar uma sociedade muito dividida, vai ser difícil governar.

A Federação tinha seu show com DJ, um evento cultural e não político. Tornei para ir à Praça do Ciclista e passei pelo pessoal do CVV, com balões e fitas amarelas. Lembrei de S que relatou que muitos de seus alunos estão deprimidos e suicidas. Vejo isso também na esquerda, o pessoal está angustiado e triste.

Cheguei na Praça às 16:15h e o carro de som a toda. Tinha o nome de Trio Padilhão. Umhas boas 5 mil pessoas, também no clima alegre do resto da avenida. Quando cheguei uma gravação onde Gil cantava “Andar com Fé Eu Vou”. Mais tarde, um grupo tocava ao vivo aqueça combinação do “O negro segura a cabeça com a sua mão e chora” com “Caminhando e Cantando”. O som era meio estridente, o arranjo hesitava entre o frevo, o reggae e o trio elétrico, algo histérico. Achei que tocava um nervo.

Soube depois que Haddad tinha estado lá mais cedo

Peguei duas máscaras do Lula numa barraca e dei um giro. Vi mais de uma camiseta do Ursal, além de duas do Tim Maia 70, com seu rosto el alto contraste.

Encontrei V, que disse estar tentando bombar Ciro contra Bolsonaro, isto é, tentar fazer de Ciro o canal anti-PT. Ele diz que não tem dúvidas quanto à urna, mas teme a reação dos militares.

Chegou E e vimos chegar o batuque do MASP, umas 3 mil pessoas em passeata (dentre as bandeiras, uma do Brasil). Naquele exato momento tocava o Ilu Obá di Min, e foi um encontro legal. Aí trombamos com a professora S, que relatou que pela primeira vez em 14 anos não vai votar nulo. Disse que vai decidir na hora, mas que está tentando salvar os petistas de si mesmos: ela também percebe que lentamente caminhamos para o abismo. Notou que a repressão deverá começar dos “menos perigosos aos mais perigosos”: primeiro os petistas, e depois artistas, intelectuais, secundaristas e autonomistas.

Chegou J que contou sobre um médico psiquiatra cubano que fez um atendimento geral do MST, onde atua. Disse que ele falou que ninguém lá sofre de nenhuma condição ou doença, mas o que grassa é o “conduitismo” [*as pessoas absorvendo a tensão política reinante*].



A presença militar no debate e a legitimação que têm ganhado na imprensa é muito evidente e aterradora. Não há maneira institucional ou democrática de impedir um governo de Haddad. Essa sombra oprime muito.

A caminho do Monte Carlo no Paraíso, cruzamos toda a avenida, E e eu. Vimos dois militantes do Partido Novo, de camiseta laranja.

Já na Gazeta, outro grupo que se dedicava à Hipnose.

Um grupo de jovens de preto, máscaras de Guy Fawkes, marcavam presença na avenida. Suas camisetas traziam: “Anonymous of the Voiceless: animals, environment and health”. Tinha a maior cara de ONG.

Fomos ao Monte Carlos, tomamos umas Seletas e fui para casa.

## **17 de setembro**

Nas redes:

Na semana passada fizemos um debate no Tapera Taperá sobre experiências de luta antiprisão. Lá pelas tantas colou a polícia dizendo que tinha uma ordem de serviço para acompanhar a atividade.

## **18 de setembro – o que rola nas redes: ódio**

De M, que faz pesquisa de fluxo de rede:

“Tudo indica que teremos Bolsonaro e Haddad no segundo turno. Nesse cenário o candidato do PSL levaria sem nenhum esforço todos os votos do campo antipetista -- como indica a última pesquisa do Ibope, um eventual segundo turno com Marina ou Ciro poderia ser diferente. Do outro lado, é provável que haja um alinhamento entre as forças de esquerda, talvez lideradas por esse grupo de mulheres que tentam se articular de maneira supra-partidária ainda no primeiro turno.

Militantes antipetistas e da esquerda estão convencidos de que não há outra saída se não colocar mais fogo nessa fogueira e disputar, não apenas o voto, mas o engajamento de todo mundo que ainda não se posicionou de maneira clara. Pior do que isso, qualquer que seja o desfecho das eleições, os ânimos não vão se arrefecer porque quem quer que saia perdendo não vai se dar por

vencido. Se a esquerda for derrotada no voto, vai denunciar a ascensão do fascismo e deve disputar os rumos políticos nas ruas com mais engajamento. Se o contrário ocorrer, a direita vai denunciar nas redes e nas ruas a corrupção e talvez inclusive questione a validade do voto eletrônico.

Como se já não bastasse esse contexto assustador, importantes lideranças de cada um dos lados têm feito declarações polêmicas, para dizer o mínimo. O vice da chapa do candidato de direita, General Mourão, falou abertamente que um presidente eleito tem o poder de convocar o exército para dar um "auto-golpe" caso seja necessário frear a "anarquia" e falou sobre a possibilidade de uma nova constituinte redigida por uma comissão de notáveis. Do outro lado lideranças petistas têm deixado no ar a possibilidade de Haddad, caso eleito, assinar um indulto ao ex-presidente Lula. Olhando de baixo, é claro que as declarações do general são incomparavelmente mais temerosas do que as dos petistas, mas é preciso fazer o exercício de olhar para essas coisas do ponto de vista dos muitos brasileiros que estão tão apaixonados por sua visão de mundo que estariam dispostos a se engajar para derrotar aqueles que pensam diferentes deles. Desta perspectiva ambas as atitudes contribuem para jogar ainda mais combustível em um contexto social prestes a explodir.

Já nem estou mais tão preocupado com o resultado dessas eleições, o que está me tirando o sono é o dia seguinte.”

Repercutem as reações ao gal. Mourão, que falou contra mães e avós solteiras [*que estas criam filhos desajustados que se juntam ao tráfico*]. Kátia Abreu, Dilma e até a Rachel Scherazade, musa da direita raivosa, repudiaram os comentários.

Comentário das redes: “Os Direitistas denominaram o voto no Bolsonaro de ‘voto inseticida’. Nós podemos pregar o ‘voto exorciza’ e acabar com o Capeta Nazista.”

De um artigo: “No momento atual não há mais espaço econômico nem fiscal para que seja repetida a tática adotada por Lula durante seus dois mandatos. (...) Haddad terá as mãos atadas.”

Do antropólogo De Piero:

“Vamos lembrar que o modus operandi que os teóricos da guerra híbrida à brasileira que estão coordenando a marionete-Bolsonaro têm esse objetivo: produzir desinformação a ponto que não se tenha ideia de onde está partindo o ataque. A facada atingiu esse objetivo. (...) Mas também este é um vácuo que se abriu depois que Bolsonaro foi para o sacrifício, e daí a ironia: como raios um candidato petista fará uma campanha acenando para a burguesia enquanto um candidato da extrema-direita fará uma campanha se dirigindo às classes populares? (...) O ‘caos e anarquia’ estão sendo produzidos justamente por essa equipe que saiu do Exército, e assim eles próprios vão decidir quando onde e como vão consertar a coisa. E, como a tática reside no contraditório, podemos vislumbrar que eles estão começando a ‘formar a culpa’ no colo de uma suposta aliança ‘PT + STF’”

Repercutem muito as acusações de que o Haddad vai indultar Lula. Ele e Lula negam, pois seria admitir culpa. Das redes:

Nos termos previstos na nossa constituição, existem três institutos como forma de extinção da punibilidade: indulto, anistia e Graça. A única forma de perdoar uma única pessoa e ser solto pelas mãos do presidente, sem passar pelo congresso ou Supremo Tribunal, seria a Graça – que não está regulamentada.

### **19 de setembro – Temer youtuber**

Repercutem novo vídeo de Temer onde, desta vez, ele ataca Dória. [*O presidente vem fazendo vídeos onde ataca especificamente certos candidatos, como Alckmin. São bem interessante, diretos e vingativos*]

### **20 de setembro - conjuntura**

De G:

Gostaria de ter algo de positivo a dizer sobre essa disputa, mas acho que, se o segundo turno ficar entre PT e Bolsonaro, qualquer que seja o vencedor não conseguirá terminar o mandato...

O que posso dizer de positivo, depois de assistir à entrevista do Safatle, é que, depois da grande crise (seja um novo impeachment, seja a volta da ditadura),

talvez possamos começar a recriar a esquerda.

M:

Concordo com o Safatle. 2013 foi um marco mesmo e sintoma de que o PT não estava mais absorvendo, como absorvia, uma série de demandas democráticas.

Fui ao ato do TUCA no último dia 10, mais como observador que como apoiador. Saí de lá mais como apoiador. Há muito tempo em que não ia a atos oficiais grandes do PT. O primeiro choque foi ver aquela plateia de cabelos brancos - a militância envelheceu (e eu me incluo nessa). Roberto Schwarz estava lá como convidado do palco e depois me disse que nunca tinha participado de um ato em que os discursos fossem tão fracos. Era uma reunião de intelectuais e artistas mas, de fato, não havia uma ideia, um raciocínio político - era sempre a mesma ladainha da vitimização, sempre levando para o emocional. Acho que, com o passar dos anos e o aumento da burocracia e dos cargos, o PT acentuou uma tendência que já existia desde o começo: uma certa preguiça de pensar, justamente por estar moralmente do lado certo. Ainda assim, havia muita gente jovem. E acho que o Fernando e a Manuela podem ajudar a arejar o partido, apontando para o futuro. O importante agora, acho, é que há uma real chance de a esquerda sair das cordas. Acho que já está saindo, com o Fernando praticamente no segundo turno.

Depois disso, não é possível prever o que acontecerá. Pode haver um novo 2013. Pode haver uma situação parecida com o Chile da Unidade Popular/Allende: a direita engole o resultado da eleição mas no dia seguinte começa a boicotar o governo. E os bolsonaristas já deram um exemplo de como podem mobilizar e PARAR o país na última greve dos caminhoneiros. Nunca antes, em nenhuma greve geral convocada pela esquerda, o país tinha sofrido tanto com uma mobilização social. E no Chile dos anos Allende, um locaute das transportadoras jogou o país no caos, precipitando o golpe. Pode acontecer algo assim aqui, vocês não acham?

## **21 de setembro**

Guerra dos vídeos: circula um vídeo do MBL contra Bolsonaro: “Ele não!”. Mas parece

que é uma montagem não autorizada de um vídeo semelhante mas contra Lula. Da mesma maneira, o vídeo que eu vi com a coreografia do Bolsonaro com a canção “A gente somos inútil era na verdade uma reedição de vídeo de campanha com a nova trilha sonora.

Os desmentidos e difusão maliciosa de conteúdo ambíguo ou falso se misturam em cenário alucinante: “Gente essa coisa de hack do hack e fake do fake e fake do hack e hack do fake é de dar nó em qualquer pessoa! O resultado imediato disso é uma sociedade completamente paranóica”. “A primeira vez que vi o vídeo do Temer pensei que era feito com computação, mas era REAL!”

FHC publica carta em favor de uma única candidatura de centro. Depois disso resultou um uma reunião com os candidatos outros, mas nada resultou da iniciativa. Muito pouco muito tarde.

A PF pediu extensão de prazo para investigar o atentado, o que, no presente clima de desconfiança, já provocou uma avalanche de interpretações conspiratórias. Não ajuda que a PF tenha permitido que a imprensa entrevistasse o autor do atentado a penas 3 dias antes da eleição – ao mesmo tempo que impede o acesso da mesmo imprensa à Lula, mantendo-o incomunicado.

Mas há quem ache que o rumo das investigações sobre Adélio Bispo de Oliveira está dificultando a armação da extrema-direita para as vésperas do segundo turno. O objetivo é inventar uma "trama política" com o objetivo de atingir o PT. Um dos aspectos centrais da armação era a notícia, divulgada com insistência por *O Antagonista* e pelo *Estado de S.Paulo*, era a versão de que haveria uma série de "depósitos suspeitos" na conta bancária de Adélio e que ele teria um "cartão internacional". A investigação nada revelou.

Haddad está subindo e já empata ou ganha por pouco no segundo turno. A onda está por atingir o teto dos votos de Lula, potencialmente a 60%. Meu palpite é 35%-40% no primeiro turno. Há ensaio de abandono de Bolsonaro pelo “mercado” e tentar bombar o *Ciro*. *The Economist* chamou Bolsonaro de ameaça ao Brasil e à América Latina. Um manifesto foi lançado, “Judeus contra Bolsonaro”. Depois do apoio de um jogador do Palmeiras a Bolsonaro, muitas torcidas organizadas manifestaram repúdio. Mulheres lançaram importante mobilização: #elenão.



Fui almoçar com F. Ele disse que está muito preocupado e que um amigo seu diplomata, que tem bom trânsito entre os militares, disse que a turma ao redor de Bolsonaro é linha dura medicista.

## **23 de setembro**

Encontro da lista na casa de A. Muita alegria tensa, quase todos do grupo da “pesquisa militante” ou do “conhecimento ativista”: gente que pesquisa e pensa novas formas de ser e de produzir vidas. É um ótimo lugar de procurar tendências da “nova esquerda” e como avanços teóricos faíscam no movimento social real.

Ouvi no encontro uma tipificação semi-humorística de 5 tipos dentro da esquerda (“da nossa galera”), muito interessante e plausível, da companheira A:

### **1. A esquerda “Adeus, Lênin!”**

Esse é um grupo formado pela maior parte das organizações marxistas existentes hoje. É um grupo que junta trotskistas e stalinistas, a geração de militantes que talvez não tenha superado o trauma da queda do muro e por isso precisa manter "tudo funcionando como se nada tivesse acontecido": centralismo democrático, instancias burocráticas maiores do que a própria organização, carros de som, "bilaterais" para definir as decisões que realmente importam, dirigentes iluminados e a crença em um "proletariado autêntico" que está nas periferias esperando para ser conscientizado por um "bom trabalho de base". Afinal, a despeito de toda a catástrofe, a resposta continua sendo a mesma: conscientizar, arregimentar, "acumular forças" e aí instaurar o socialismo. Não se sabe muito bem o que significa o "socialismo" hoje, mas não tem importância. Essa esquerda foi parte importante na fundação do PT, mas durante muito tempo foi neutralizada pelo novo sindicalismo selvagem e as organizações basistas da igreja. Os sindicalistas foram presos, a igreja católica engolida pelos evangélicos, mas os trotskistas e stalinistas continuam por aí disputando a herança do "socialismo real", defendendo a "disciplina militante" como performance revolucionária e odiando as revoltas "sem nome", os "irresponsáveis desorganizados", as "feministas inconsequentes", o "movimento negro sectário". Tudo que não é a "classe trabalhadora autêntica" é chamado por eles de "pós-moderno".

Ninguém sabe muito bem explicar o que significa isso também. Eles são a maioria hoje no PT, no PSOL, no PC do B, no MTST, no MST.

## 2. A nova esquerda gerencialista estatista

Esse é um grupo formado por uma segunda geração de petistas. Estes já superaram a queda do muro, mas talvez caíram pro lado errado. São "gestores", acreditam que ser de esquerda é formular boas políticas públicas, cresceram nos últimos anos em gabinetes, secretarias, ministérios com suas cerimônias e canapés de salame e uva passa. Tudo isso mas sem a mística do lula. Eles adoram as planilhas e acreditam estar sempre do lado daqueles que "sabem". Dilma e Haddad são dois bons representantes desse setor, mas também Ciro Gomes. Para eles, a "política atrapalha", os movimentos sociais são ingênuos e a maior preocupação é "fazer as contas fecharem". Talvez seja o que alguns chamam de "neoliberalismo progressista". Acreditam que as forças da ordem são úteis para garantir uma boa governabilidade. Odeiam junho de 2013, claro. Assumem a social-democracia como maior utopia. Curtem o desenvolvimentismo.

## 3. A nova esquerda empreendedora

Para esses, o problema da esquerda é sobretudo um problema de "linguagem". É preciso criar novos slogans, marcas, investir em uma identidade visual pop e descolada. "storytelling", "precisamos ter uma narrativa". Faz stories no instagram. Patrocina o post do facebook. Chama os atores da globo. Troca o vermelho pelo lilás, talvez um neon. "Precisamos nos conectar com as novas gerações"; "vamos hackear o sistema". São pequenas empresas que vivem a vida vendendo roteiros e "análises de rede". Se especializaram em "estratégias de rede" e acreditam nos likes como nova forma de medida revolucionária. Esse setor se organiza em torno do sofá da Paula Lavigne - uma dirigente importante dessa agremiação, mas também em torno do Pablo Capilé. "Filhos do tropicalismo", eles acreditam ser. "junho de 2013 foi um grande e apoteótico carnaval". Gostam dos sem-teto porque eles são "tão de verdade". Mas esse setor também agrega novos setores do movimento negro que defendem o "empreendedorismo negro" como forma de sobrevivência e afirmação. Tudo isso passa por uma forte aliança com o mundo-globo e seus programas que vem investindo nas pautas

feministas e do movimento negro. Aqui cabem também os novos "formadores de opinião" ou "digitais influencers", intelectuais que passam seus dias fazendo postagens sobre a conjuntura e recebem muitos likes por isso. É uma esquerda liberal, vamos dizer assim. Gostam de "inovação para a democracia" e acreditam que a participação digital é a grande solução para nossos problemas. Marina está aqui, claro.

#### 4. A nova esquerda radical

Esse setor é uma confluência entre coletivos negros e feministas que basicamente, odeiam a esquerda marxista e inclusive acham que marx era um branco machista europeu. Odeiam intelectuais e "pessoas da academia". Odeiam brancos que vão em lugares de negros. Odeiam homens brancos, especialmente aqueles que se fazem de "desconstruidão". Odeiam partidos políticos. Odeiam tudo que não entendem. Lugar de fala é um conceito fundamental aqui: só debate sobre movimento negro quem é negro, só fala sobre feminismo quem é mulher. Aqui estão as RadFem que acreditam que as mulheres estão ligadas por uma opressão de origem, seríamos a "classe das fêmeas", só que sem as mulheres trans. Aqui estão também os que acham que pessoas brancas não ficam bem cantando Rap e que homens negros não podem namorar mulheres brancas. Gostam de escrachos por via das dúvidas.

#### 5. Os nebulosos autonomismos

É o setor mais nebuloso, afinal qualquer definição política pode ser precipitada e capturada. Aqui juntam-se aqueles que apostaram em Junho, mas também aqueles que se retiraram quando perceberam os verde-amarelos chegando. Esse setor foi atravessado pelos 34 rachas do MPL, pelos processos e prisões dos anarquistas do Rio, pelas ocupações dos secundaristas. Aqui estão aqueles que culpavam o PT pelo golpe, mas também aqueles que, ainda assim, foram às ruas denunciar o golpe. Possuem uma perspectiva revolucionária, ainda que não tenham tido muito sucesso em termos de organização; artistas, intelectuais, aqueles que não confiam no autoritarismo das organizações do primeiro grupo, mas são capazes de fazer alianças com elas. Ou não. Aqui está a geração autonomista do forum social mundial, do CMI, a primeira geração do MPL, zapatistas, órfãos do que seria um autonomismo petista. Junho de 2013 não foi golpista, a história se faz com as

tintas da revolta. Aqui estão aqueles que defendem a micro-política como terreno importante de batalha e que odeiam, sobretudo, os empreendedores da nova esquerda. Gostam de ler, escrever, acreditam na produção de pensamento como arma de resistência e criação. São um pouco confusos e demorados, ainda que apostem na prática como critério da verdade. É o campo libertário, resumindo, com horror ao autoritarismo do primeiro grupo, ao gerencialismo do segundo, à miséria estética despotencializadora do terceiro, tem relação com o quarto mas são muito desconfiados de "identidades fortes" e intransponíveis. São os que tem mais relação com o debate ambiental e indígena, assumem a tarefa de uma política descolonizada mas não abrem mão da herança de marx e do primado das lutas.

## **24 de setembro - Chomsky**

Não tenho ido a atos de campanha, eles em geral são chatos e reiterativos. Mas o ato das mulheres contra Bolsonaro no dia 29 promete – não é eleitoral, mas partidário. Duas de suas organizadoras foram agredidas por apoiadores de Bolsonaro, seu site na internet sofre ataques continuados.

Chomsky esteve no Brasil, e apoiou Lula e as lutas populares aqui. Disse que não vê vontade política no governo dos EUA hoje para apoio de um golpe tipo 64. Crê que preferem “uma solução local”, talvez um regime judicialeco com tutela militar.

## **26 de setembro – agressividade direitista**

Estive no ateliê do A e ele me contou que tem uma marchinha direitista que fala das feministas e cadelas, as duas comendo da tigela [*é o funk do Bolsonaro*]. Vou checar [*transcrevi abaixo*]. Vi-o também atender um dos inúmeros chamados telefônicos de cobrança que recebe todo dia. Ele ouviu com atenção e conversou com a moça ao telefone. Mas ele conseguiu introduzir o assunto do ato do dia 29 e afirma que conseguiu a presença dela na Batata!

Na onda dos fake news anda ao cubo, o clima de pós-verdade foi fortalecido com a repostagem por Carlos Bolsonaro de um post de um adversário de esquerda, onde a foto simula uma vítima de tortura, nua com uma sacola de plástico na cabeça.

No geral, as campanhas têm subido o tom. Alckmin está atrás mas usa muito do seu tempo para atacar tanto o PT quanto Bolsonaro. Usou a Venezuela para aproximar

tanto Lula quanto o capitão de Chaves e a crise de lá. Todo mundo relata como certos bares, escolas e outros lugares públicos estão se tornando redutos de um ou de outro lado.

O candidato da extrema-direita "continua hospitalizado, mas sua indústria de fake news prossegue trabalhando livremente a pleno vapor, fazendo novos adeptos da sua candidatura, sem o prometido combate feito pelo TSE. Na verdade, a Corte Eleitoral, seguindo o exemplo de outras instâncias do Judiciário, só se preocupou em impedir Lula de concorrer";

Estou buscando um vídeo onde uma milícia de uns 15 homens sem camisa e de calça de camuflagem marchavam em Copacabana cantando palavras de ordem em favor de Bolsonaro. *[Achei, é isso mesmo, mas eram uns 50 homens. Outros vídeos, pelo menos dois, mostram tropas de policiais marchando e cantando em apoio a Bolsonaro. Um deles depois vimos que era fake, acho que a da PM do Ceará, que tinha recebido áudio de outro vídeo]*

## **27 de setembro – lista de grupos anti- Bolsonaro**

Vi hoje um vídeo onde fala Safatle: ele diz que há um golpe militar em andamento. Afirma também, de maneira bem interessante e algo além das análises que consigo encontrar por aí, que a esquerda tem que estar pronta para um novo 2013. No momento, os legalistas e continuístas somos nós da esquerda, mas a história parece estar mais na linha da ruptura. A direita Bolsonaro capta e canaliza esse tipo de voto, entre o exausto e o ressentido, o vingador e justiceiro – em outros contextos, seria a energia para tomar o Palácio de Inverno e ocupar os Correios (e não sair de lá). Ele aponta que na Grã-Bretanha o Labour hoje tem um programa em certos aspectos mais avançados que o do PSOL. Como outros, ele parece crer que outro 2013 será inevitável, e que a questão é como sobreviver a ele e se fortalecer.

Recebi nas redes, de um companheiro que se dedica a interpretar fluxos de rede:

*Lista de atos marcados para sábado no Largo da Batata com mais de mil interessados.*

1 Mulheres contra bolsonaro - 222 mil

2 Todos Contra Bolsonaro - 74 mil



- 3 Cachorros contra Bolsonaro - 46 mil
- 3' Capivaras contra Bolsonaro - 42 mil
- 4 Maratonistas da Netflix contra Bolsonaro - 41 mil
- 5 Unicórnios contra Bolsonaro - 38 mil
- 6 Bolsonaro Contra Bolsonaro - 30 mil
- 7 Lactobacilos Vivos contra Bolsonaro - 30 mil
- 8 A Loira do Banheiro contra Bolsonaro - 29 mil
- 9 Educadoras e Educadores contra Bolsonaro - 29 mil
- 10 GATOS PRETOS contra Bolsonaro! - 29 mil
- 10' Todos Os Signos Contra Bolsonaro - 29 mil
- 11 LGBTQ contra Bolsonaro e o Fascismo - 24 mil
- 12 Eleitores de Bolsonaro contra Bolsonaro - 23 mil
- 13 Vila do Chaves contra Bolsonaro - 23 mil
- 14 Tios Do Pavê Contra O Bolsonaro - 21 mil
- 15 Legumes contra Bolsonaro - 21 mil
- 16 Gatos Contra Bolsonaro - 20 mil
- 17 LGBTQI+ em apoio às mulheres contra Bolsonaro - 19 mil
- 18 Negros CONTRA BOLSONARO - 17 mil
- 19 Cutias do Campo de Santana contra Bolsonaro - 17 mil
- 20 URSAL Contra Bolsonaro - 15 mil
- 21 Micróbios, Vírus e Bactérias contra Bolsonaro - 15 mil
- 22 PELOS Animais Contra Bolso.naro - 15 mil
- 23 Cachaceiros Contra Bolsonaro - 13 mil
- 24 Darth Vader Contra Bolsonaro - 13 mil
- 25 Degustadores De Salgados Contra O Bolsonaro - 12 mil
- 26 Cuca contra Bolsonaro - 10 mil
- 27 Servidoras e servidores públicos contra o Bolsonaro - 10 mil
- 28 Passarinho Que Som É Esse Contra Bolsonaro - 10 mil
- 29 Irredutíveis Gauleses Contra Bolsonaro - 10 mil
- 30 Religiosas e Religiosos contra o Bolso.naro - 9 mil
- 31 Amantes de SUSHI contra o Bolsonaro - 9 mil
- 32 Cientistas Contra Bolsonaro! - 8 mil
- 33 Direitos Humanos Contra Bolsonaro - 8 mil

- 34 Postes contra Bolsonaro - 8 mil
- 34' Direitos Humanos Contra Bolsonaro - 8 mil
- 35 Mães e crianças contra o Bolsonaro - 7 mil
- 36 POCS contra Bolsonaro - 7 mil
- 37 Armada Dumbledore Contra Bolsonaro - 7 mil
- 38 Hipsters contra Bolsonaro - 6 mil
- 39 Maconheiros Contra Bolsonaro! - 6 mil
- 40 Artistas Contra Bolsonaro - 6 mil
- 41 Problematizadores De Eventos Contra Bolsonaro Contra Bolsonaro - 6 mil
- 42 Covers de Backstreet Boys Contra Bolsonaro - 5 mil
- 43 Viciados Em Coxinha Contra Bolsonaro - 5 mil
- 44 Fusqueirxs contra Bolsonaro - 4 mil
- 45 Gatos gordos contra Bolsonaro - 4 mil
- 46 Coletivo Democracia Corinthiana contra Bolsonaro - 4 mil
- 47 Escritoras e Escritores Contra Bolsonaro [#elenão](#) - 2,8 mil
- 48 SuperAmigos contra Bolsonaro - 2,7 mil
- 49 Corações partidos contra Bolsonaro! - 2,6 mil
- 50 Mímicos contra Bolsonaro - 2,5 mil
- 51 Deprimidas e Deprimidos contra Bolsonaro - 2,5 mil
- 52 Santistas contra Bolsonaro - 2,2 mil
- 53 DJ e Produtores de musica eletrônica contra o Bolsonaro - 2,2 mil
- 54 Pixadores e Grafiteiros Contra Bolsonaro - 2 mil
- 55 Etevaldo Contra Bolsonaro - 1,9 mil
- 56 DACIOLOvers contra Bolsonaro - 1,9 mil
- 57 Umbandistas Contra Bolsonaro - 1,7 mil
- 58 Potterheads Contra Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado - 1,6 mil
- 59 Bloco autônomo independente contra Bolsonaro - 1,4 mil
- 60 Feministas cristãs contra Bolsonaro - 1,3 mil
- 61 Unifesp Contra Bolsonaro - 1,3 mil
- 62 Ragatanga Contra Bolsonaro - 1,3 mil
- 63 Super Mario World Contra Bolsonaro - 1,3 mil
- 64 Contra filés contra Bolsonaro - 1,2 mil
- 65 Reprovados em Orgânica contra Bolsonaro - 1,2 mil

66 Paulo Freire Contra Bolsonaro - 1,1 mil

67 Bancários e Bancárias Contra Bolsonaro - 1 mil

68 Góticos contra Bolsonaro - 1 mil

69 Alunos Belas Artes contra Bolsonaro - 1 mil

A derrocada do PSDB, que abriu a caixa de Pandora ao questionar o processo democrático e que abriu o esgoto de onde saíram Bolsonaro e o MBL, é também assunto geral. Neste momento, podem perder em São Paulo e Rio Grande do Sul, restando talvez apenas Minas. Muitos golpistas estão sendo castigados pela urna: Marta Suplicy e Cristóvam Buarque. O PSDB e jornais como o Estadão viram sua freguesia pular sem escalas para os braços de Bolsonaro, com cometários cada vez mais ferozes contra qualquer colunista que critica o capitão.

“Ficamos sem um líder e com um adversário a nos ameaçar. A decisão lógica foi o Bolsonaro. Não por nossa culpa, mas dos nossos fracos líderes”, escreveu nesta quinta-feira o ex-tucano Lucelino Laranjeira, sintetizando um pensamento comum a nove entre dez dos velhos leitores do Estadão. A transição liberal-fascista está ocorrendo às claras.

Hoje saiu que um computador vinculado à Polícia Militar do Estado de São Paulo foi utilizado, na última sexta-feira (21), para fazer uma série de alterações no artigo sobre o AI-5 (Ato Institucional Número Cinco) na Wikipédia, amenizando o período de ditadura militar no Brasil. A informação da Wikipédia é que o usuário responsável pelas alterações é ligado à Prodesp (Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo). Após a publicação da reportagem, a SSP-SP (Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo) confirmou ao **R7** que a edição partiu de um dos computadores da Polícia Militar.

Um colunista da Folha buscou questionar o uso do termo fascista para designar Bolsonaro. Isso provocou muita reação na esquerda. É que ele já tomou posições bem ambíguas em relação à luta política no Brasil e a esta altura relativizar as posturas de Bolsonaro é no mínimo provocador. É verdade que o termo é usado preguiçosamente como xingamento, e que é difícil definí-lo e fácil usá-lo incorretamente. Seu poder analítico hoje às vezes parece mais panfletário do que histórico. Não parece haver um consenso até sobre as características definidoras do fascismo histórico (nazismo, franquismo salazarismo etc.), mas o perigo Bolsonaro é de uma ordem que transcende

o autoritarismo local histórico, tipo 64. Trata-se de uma nova aliança que se diferencia o suficiente do mandonismo latinoamericano (autoritarismo) em direção a um regime total de vigilância a repressão (totalitarismo). Ficar na discussão semântica de uma luta, relativizando o perigo do candidato, na autoridade da coluna, dando gás à direita, é de amargar.

Parece claro que mundialmente caminhamos para algum tipo de fascismo 5.0 (como seria uma futura Auschwitz com internet, automação e psiconeurologia?). Como disse J, é inédito que um programa como o de Bolsonaro ganhe uma eleição.

## **29 de setembro – mulheres contra Bolsonaro na Batata**

Hoje teve o grande ato Ele Não! das mulheres contra Bolsonaro. Foi muito lindo e um enorme alívio, mudou o clima de apreensão que vinha dominando a esquerda. Ontem o candidato afirmou que não reconheceria resultado que não fosse sua vitória. Mas parece que sua campanha está em crise: a revista Veja publicou parte do processo que uma sua ex-mulher abriu contra ele. Lá, ela declara que Bolsonaro a agrediu, roubou seu dinheiro e um cofre, além de outros atos. Houve certa repercussão. O gal. Mourão por vezes assume o protagonismo da campanha, por vezes é desautorizado pelo candidato.

Na parede fora da estação Vergueiro, uma pichação: “Mulher, és ingovernável. Ele não! Nenhum deles”. Isso em cima de uns 5 cartazes agora rasgados, onde ainda se lia “Cuspa aqui”. Não dava para ver, mas a imagem a cuspir era o rosto de Bolsonaro.

Saí da estação Faria Lima do metrô às 10h, cedo para o ato chamado para as 15h. Ia ajudar o amigo A a decorar um “pedalão”, que uma máquina que ele projetou e construiu. Ele faz brinquedos e instalações científicos, e seu ateliê é pertinho da Batata.

O pedalão é um veículo impulsionado por 10 pessoas que pedalam correntes de bicicleta. A soma de todas as pedaladas faz o veículo se mover. Um condutor maneja o volante. A queria decorar o pedalão, e teve a idéia de escrever “Ele Não” com flores, em duas grades, uma de cada lado do veículo. Parece uma espécie de protótipo do comunismo - “de cada um conforme sua capacidade”.

Passamos a manhã e início da tarde preparando a peça com mais amigos. M chegou cedo, G mais tarde, além de R, C, R e F, E e outros.

O largo ia enchendo. No começo até achei que não ia encher, mas cada vez mais gente se esparramava na praça. A atmosfera era bem marcadamente “nova esquerda”: sem carro de som dominante (e mais lia-se poesia do que faziam-se discursos esgoelados), muito cartaz feito em casa, fantasias, diversidade, um ambiente calmo, alegre, leve e feliz. Ouvi muitas comparações com a campanha de 1989.

De fato, por não ser um ato de campanha, tudo adquiria um ar de passeio e de liberdade, como uma ocupação. Havia sim várias bandeiras de candidatos, alguns deles vieram pessoalmente (vi a Guajajara e o Boulos, Ivan Valente, a Marina li depois esteve lá), mas o grosso era de pessoas “normais”. A criatividade imperava. Em poucas palavras: era um ato feminino, com pegada de mulher e totalmente apropriada ao momento. Se o fascismo não passar nesta eleição, terão sido as mulheres que o barraram.

Como saí de pedalão, não consegui fazer o censo que sempre faço das faixas, bandeiras e mensagens. Mas lembro de uma faixa “Bucetas Ingovernáveis”, bandeiras do Ciro, do Haddad, da Marina e do Boulos. Uma bandeira vermelha e negra. Muitos trocadilhos, novas formulações, tudo de bom em termos de mensagens e enunciações.

Sáimos pedalando do beco onde termina a Fernão Dias e ganhamos o início da Teodoro Sampaio, ainda antes da Faria Lima. Deu para ver que tinha enchido muito. Avançamos com alguma dificuldade, dada a quantidade de gente. Vínhamos gritando “Ele Não, ele não!” e as pessoas olhavam muito e ficavam felizes.

Depois me falaram que ficamos conhecidos como “A Jardineira”, o que achei legal.

A escrita em flores passava a mensagem imediatamente, e foi muito bacana trazer essa vibe ao movimento. Os pedalantes apoiam-se em uma espécie de balcão, encarando-se em duas filas, frente a frente, como em um bar. Assim, dá para conversar ou ver o povo na rua. M pedalava conosco, depois G, além de M e seu amigo L. Havia revezamento de corpos, então parte do percurso fui a pé ao lado ou atrás, empurrando. Vi algumas pessoas do pedalão, entre elas H, A e F, que veio festejar.

Do alto do veículo, você fica em um contínuo de atenção e sorrisos. Quando descí, dava para ver que o clima geral era mais quieto, e que a passagem da Jardineira causava uma comoção que acabava quando ela seguia em frente.



Uma hora olhei para o povo, eu pedalando na tarde que agora caía, cercado dos companheiros. Me veio certa paz e uma certeza de que não estou sozinho. Há algo indomável que vai persistir. Mas que aquele poderia bem ser o último e belo passeio em liberdade. De novo a síndrome da “última vez”.

Paramos junto a um grupo de mulheres da USP, e elas subiram no pedalão e cantaram muito sua versão de Bella Ciao: “Somos mulheres, a resistência, de um Brasil sem fascismo e sem horror; vamos à luta para derrotar o ódio e pregar o amor”. Era difícil na hora distinguir todas as palavras da letra, e achei que ouvia “pedalador” onde na verdade era “pregar o amor”.

Demos várias voltas no Largo, e ainda demos uma subida para o Pirajá. A maior parte dos consumidores na calçada vibraram, mas uns 5 cozinhas na hamburgueria do lado hostilizaram.

Acabou que boa parte do ato saiu em passeata até a Paulista, mas o pedalão não conseguiria subir a Rebouças: ele é pesado. Recolhemos o veículo muito felizes: encontramos pessoas incríveis, evitamos por ora o discurso do medo e da derrota.

Não consegui avaliar o número de pessoas, mas a imprensa deu entre 50 e 100 mil. Pareceu plausível.

De corpo doído, peguei o metrô e fui para casa.

### **30 de setembro – Ato pró-Bolsonaro**

O ministro do STF Fux cancelou liminar de Lewandowsky que permitia a publicação da entrevista a Lula. É imperativo ao campo do atraso impedir qualquer manifestação de Lula, é preciso apagá-lo da arena. A decisão de Fux é ilegal, tecnicamente viciada. Mas tudo está valendo hoje em dia.

Foi Fux que, na posição de presidente do Tribunal Superior Eleitoral, convocou Polícia Federal, MPF, ABIN para fazer parte de uma comissão de combate às fake news. E declarou que haveria busca e apreensão nos locais suspeitos, evitando a publicação – em uma declaração típica de censura prévia.

Amigo H conseguiu, com outros ativistas, cancelar o contrato de uma empresa que atuava no metrô de São Paulo. Esta tinha instalado câmeras nas portas dos vagões dos trens e assim filmavam os passageiros, enquanto um software associava a cada um um

estado emocional.

O Cabo Daciolo tem chamado a atenção por suas performances nos debates: é pregador, bombeiro, líder grevista e deputado pelo psol no passado. Evitei os debates. Não informam nada, são longos e enfadonhos.

Caminhei às 16h desde a praça Oswaldo Cruz, seguindo em direção à Consolação para checar o ato em favor de Bolsonaro.

Como era domingo, a avenida estava fechada, e desde a Brigadeiro já se viam camisetas da CBF ou verdeamarelas. Camisetas com o rosto de Bolsonaro e com a frase “Meu partido é o Brasil” eram bem comuns lá. Outra trazia “#Ele sim”, e outra ainda “Acabou a palhaçada”. Vi também bandeiras de candidatos, dentre elas de Kim Kataguiri e Joice Hasselmann.

Um homem muito corajoso escrevia no chão, a giz, “Ele nunca, jamais”.

Me impressionou ver um vendedor de camisetas e badulaques verdeamarelos exibir mais de uma bandeira colorida LGBT. Depois, no carro de som à frente, vi também a bandeira estendida, e um ou outro manifestante vestindo as cores. Essa apropriação não apenas aponta para o paradoxo que se vê hoje – homossexuais que apóiam Bolsonaro – mas também a publicação de mensagens de “esquerda” pelo candidato-capitão. Vi um material de “maconheiros com Bolsonaro”, onde se tentava separar o “maconheiro do bem” (que trabalha, tem família) e o “maconheiro vagabundo”.

Não estava muito cheio (no final avalei umas 6 a 10 mil pessoas ao todo), e parei para ver o primeiro carro de som, dos Revoltados Online. Chegou E e nos cumprimentamos. Um enorme pixuleco do Bolsonaro estava do lado do veículo, e bandeiras do Brasil, de Israel e aquela LGBT adornavam o carro. Uma faixa grande trazia: “Unidos somos mais fortes, com Deus somos invencíveis”.

A maioria dos assistentes era de homens, recorte coxinha. Mas tinha jovens e mulheres sim.

A locutora descascava a “ideologia de gênero” e defendia que o Estado não pode ensinar as crianças, o que seria uma tarefa exclusiva da família, evitando assim o contato com a esquerda. “Cadê as mulheres sem mimimi? As feminazis não me representam!”. O povo respondia com “Eu vim de graça!” e “Ele sim!”. Os locutores

devolviam as aclamações com frases como “Sérgio Moro, estamos com você”.

Dei um giro e caminhei em direção à FIESP. Vi muita gente do Partido Novo, militantes voluntários e pagos também. Fiz uma nota mental de marcar na memória que este partido apoiou aberta e claramente o Bolsonaro. E outra para fixar que eu via uma grande quantidade de militantes pagos, de toda a direita. “Eu vim de graça” é apenas retórico.

O carro do VemPRaRua estava vazio, com sua faixa “Tchau queridos”. Vi uma bandeira do império do Brasil desfraldada na rua.

Eram 16h quando ameaçou de chover forte. As nuvens negras vinham do lado da Consolação, ameaçadoras. Voltei ao MASP e vi o carro de som do candidato Fidelix, que discursava contra José Dirceu. Tinha umas 5 mil pessoas ao redor dele e do pixuleco do gal. Mourão, de faixa presidencial. Vi uma camiseta “Eu sou mulher e voto em quem eu quiser”, outra “#PT Não”.

Andei ainda até o derradeiro carro na esquina da Peixoto Gomide, que trazia uma faixa “O Brasil acima de tudo”. O locutor falava contra o regime de Maduro na Venezuela e contra a candidatura Haddad, ao lado de dois pixulecos grandes, um de Bolsonaro e outro de Lula presidiário.

Aí a chuva desabou de verdade e molhou muito. Eu e E nos refugiamos na marquise do Itaú da esquina da Frei Caneca. Observei o povo passar encharcado e ponderei um pouco sobre o ato do dia.

A manifestação toda era meio estranha, essa coisa do candidato ausente foi muito marcante para mim. Parecia que tinha uma coisa do pai ausente, de uma dor misturada com ressentimento e vingança. Por outro lado, vi que a candidatura de Bolsonaro parece ter capilarizado na sociedade para além da bolha coxinha. Vi famílias e mulheres de baixa renda por lá. Uma mãe, de classe trabalhadora, ensinava sua filha, debaixo da marquise ao meu lado: “nós somos de direita, viu?”.

Eu vibrei com a virada do tempo, que efetivamente encerrou as atividades. Muitos homens de camiseta encharcada passavam por nós na calçada, como o exército egípcio afogado pelo Mar Vermelho. Observei uma camiseta preta que trazia o rosto de Enéas. Mas a energia deles tinha certa resiliência, e um maluco ficou uns 10 minutos debaixo

da enxurrada manejando uma bandeira, sozinho no canteiro central da avenida. Acho que era do Partido Novo.

Ensaiei mentalmente puxar um “Eu vim de graça!”, já que a marquise lotada contava com numerosos militantes pagos, mas deixei quieto.

Esperamos ainda uma meia hora, e seguimos ao Center 3, onde aguardamos ainda mais. Tomamos um café num boteco próximo, onde às mesas se falava de Bolsonaro. Avaliei umas 10 mil pessoas ao todo no evento da direita.

Tomei o metrô e fui para casa.

Mais tarde, recebi uma mensagem de M, que estuda o fluxo de redes, avaliando as duas grandes manifestações do final de semana:

Se nas ruas as vozes femininas contrárias ao candidato líder das pesquisas foi muito mais numerosa, nas redes a disputa foi muito mais acirrada. Nas páginas que monitoramos identificamos 35 postagens sobre atos de cada um dos lados com mais de 10 mil compartilhamentos. Postagens sobre atos pró Bolsonaro somaram 865 mil compartilhamentos (53%) enquanto postagens sobre os atos "Ele não" somaram 752 mil compartilhamentos (47%).



# O Trabalho

**TEVE ELEIÇÃO**

**NÃO TEVE VIRADA.**

**TEVE VIOLÊNCIA E TEVE CAIXA 2.**

**2018**

**UMA ONDA DIFÍCIL DE SUPERAR.**

**OS ERROS.**





## **1 de outubro – Moro intervém na eleição**

Lewandowski reverteu a decisão monocrática de Fux, que havia censurado qualquer notícia ou depoimento ou gravação de Lula em feita em qualquer tempo na campanha de Haddad, além de sua entrevista para a Folha. Li o Estadão e nenhuma palavra sobre a liberdade de imprensa violada. [*Gugu Liberato já entrevistou Suzana von Richstofen na prisão em fevereiro de 2015 e tudo bem*]

Moro libera para publicação delação sem provas de Palocci, veremos a repercussão [*O documento não tinha nada de novo nem prova alguma de nada. Até um dos principais procuradores da Lava Jato, Carlos Fernando dos Santos Lima, que criticou dura e abertamente alguns dos acordos de delação premiada celebrados pela PF, incluindo essa do ex-ministro Antônio Palocci. Para ele, a delação de Palocci – que foi negada pelo MPF, mas aceita pela PF – não deveria existir, por falta de provas. "Demoramos meses negociando. Não tinha provas suficientes. Não tinha bons caminhos investigativos", afirmou. Hoje sabemos que provavelmente já havia convite de Bolsonaro para que ele se tornasse ministro*]. Guera das repercussões das manifestações anti e pró- Bolsonaro. [*A extrema direita buscou neutralizar a enorme repercussão nas redes da manifestação das mulheres, que foi muito impressionante através de fake news (afirmando que a foto aérea da Globo na real era do carnaval de 2017, que mulheres nuas profanavam símbolos religiosos etc.). Como a cobertura do PIG foi pífia, os volumes de contrainformação parecem ter obtido sucesso no afogamento digital das mulheres*]. Um colunista da Folha e pesquisador avalizou a manchete da BBC que afirmava que quem estava presente na Batata foi a “elite da esquerda”. Pegou super mal de novo. Enfim.

## **2 de outubro – combater nas redes e nos grupos**

Lewandowsky peita Fux e Toffoli, que tinha cancelado a liminar do primeiro impedindo a entrevista de Lula. Alguns na imprensa até lamentam o “vai e volta”, mas mesmo a Folha não se insurgiu contra a censura. O JN de ontem parece que deu destaque às delações de Palocci e o “consórcio Moro/Globo” vai apoiar Bolsonaro e aumentar ao máximo a rejeição de Haddad para o segundo turno. A insegurança constitucional é grande, espera-se golpes pesados agora, é o tudo ou nada. O Kotscho cobrou de Haddad espírito de luta, vai ser preciso ser maior que um correto administrador nesse momento.

Doria afirmou publicamente que a partir de janeiro a polícia militar de São Paulo vai atirar para matar.

Alguns companheiros estão dedicados a entrar e participar dos grupos de whatsapp para fazer frente àquilo que agora se identifica como ferramenta principal da difusão de mentiras e discurso do ódio. O A relata sua experiência:

Textão sobre minha experiência em grupos de whatsapp que apoiam o BOZO nos últimos dias: a pior possível. Mas fiquei com uma certeza após o Ibope de ontem: analistas estão errando feio por não conhecerem o que ocorre no subterrâneo de muitos grupos de zap que apoiam Bolsonaro.

Desde que começou a campanha eleitoral, alguns amig@s me incluem em grupos de whatsapp a favor de Bolsonaro. Meu celular chegou a ficar até 4 grupos de apoiadores do coiso.

Educadamente pedia pra sair, mas nas últimas semanas fui (re)incluído em três grupos e fiquei em todos com um objetivo: curiosidade sobre o que os move a favor dessa figura do mal.

O que presenciei nesses grupos foi um trabalho aparentemente orquestrado por profissionais de marketing digital. Não posso afirmar se a origem é da cúpula da campanha do candidato, mas ele é o beneficiado direto da disseminação de notícias falsas através de vídeos editados que são muito mais difíceis de vc, por mais esperto que seja, não cair na armadilha da informação errada.

A tática é simples, mas deplorável: vale tudo para ganhar a presidência e os vídeos pelo zap tem sido cruciais, pois vêm dos seus amigos. A TV terá influencia zero nessa campanha.

São grupos grandes (muitos já completos) com objetivo claro de disseminar montagens que parecem ser verdade e, ao que consta na última pesquisa IBOPE, deu certo contra as mulheres que foram as ruas nesse final de semana.

A quantidade de vídeos editados mostrando mulheres com seios de fora no meio da multidão como se fossem no evento de sábado salta os olhos. Isso

juntamente com palavras de baixo calão contra as participantes. “Atenção mulheres! Vcs se sentem representadas por essas “vadias”?” Palavras de um dos administradores do grupo que pedia para repassar o vídeo e a pergunta. Posts bem preparados para o whatsapp.

Num dos vídeos, o evento de sábado foi ligado a um outro acontecimento em que mulheres radicais quebram imagens sacras na visita do papa Francisco ao Brasil. Fato deplorável mas quem vê pensa que aconteceu sábado no evento do #Elenao.

Aos berros, um dos administradores pede para mostrar no grupo da família as tias, as mães, as avós... e mostrar o que a turma do “PT” e “Ciro” querem para o país. Na sequência, a solução seria Bolsonaro com sua frase de impacto: Deus acima de tudo... Quando o filho de Bolsonaro chama as mulheres de esquerda de feias ou outros adjetivos sabe o que faz: coloca gasolina nesses grupos que move a campanha do pai.

A subida de Bolsonaro não se deu, nem de longe, por conta do ataque de Alckmin ou Marina ou Ciro ao Haddad na TV como alguns analistas sugerem. Mas, sim, por cota do ataque orquestrado contra o evento de sábado das mulheres de forma velada nas redes sociais sem deixar rastro: via whatsapp. *[esse dado da pesquisa foi contestado depois. MR afirma que a subida do coiso se deu por causa do apoio da Assembléia de Deus, consolidada no final de semana da manifestação].*

A equipe de Bolsonaro não está numa bolha do algoritmo do facebook ou instagram como a dos demais candidatos, pois eles sabem como furar a bolha e falar para os indecisos. Os candidatos democratas são fracos nas redes sociais e falam para os “convertidos” em suas bolhas algorítmicas. Não foi a toa que, mesmo após o evento de sábado, o candidato do mal cresceu exatamente nas mulheres e nos pobres. Ou os candidatos democratas atuam forte nas redes sociais para falar fora da sua caixa com antídotos contra essa disseminação de vídeos montados via zap e contra essa ação de difamação das mulheres que foram as ruas sábado ou é melhor JÁ IR SE ACOSTUMANDO com Bolsonaro presidente em 2019.

Repercute a declaração alarmante de Tofolli em sua aula no C.A. XI de Agosto: em 1964 não houve golpe. O que houve “não foi nem revolução nem golpe: foi um movimento”.

Estamos no meio de uma explosão de fakenews, um verdadeiro tsunami de contrainformação, é surpreendente e desanimador: Manuela com camiseta “Jesus é travesti”, Marielle associada ao tráfico de drogas, a simples inversão dos fatos (Haddad diz que não vai respeitar o resultado da eleição, PT ameaça 13º salário) até as invenções mais descabidas (mamadeira erótica, políticas de mudança de sexo em massa para crianças).

Muitos falam muito de Guerra Híbrida: a produção do caos informacional como estratégia de guerra. Ibope dá crescimento de Haddad. Confusão total na campanha, parece, o PT tenta contra-atacar com memes e vídeos. Mas toda afirmação gera automaticamente sua negação.

A placa de rua comemorativa de Marielle foi quebrada no Rio por candidato bolsonarista: produziram foto que viralizou nas redes. O discurso do ódio permite que a violência física se dê nas ruas.

Há muita discussão e recriminação sobre o #elenao como causa do crescimento de Bolsonaro, dentro da esquerda. As rachaduras nas esquerdas “identitária” e “classista” por vezes aparecem.

Tofolli impede Lula de falar, de forma final. O empresário Havan fez um evento interno e forçou o apoio dos funcionários a Bolsonaro.

## **5 de outubro**

Saí na rua hoje sexta-feira e entrei em pânico: nas ruas só se fala em Bolsonaro, mas por outro lado a sua campanha está completamente invisível – nada de camisetas, bandeiras ou carreatas, cartazes. Mas as rodas de conversa parecem ser alimentadas pelo whatsapp (avaliou-se depois). Bolsonaro deu uma rara entrevista à Record hoje, e continua a se ausentar dos debates televisivos. Parece que quer fazer da Record a sua Fox News. Ele tem uma presença nas redes, e aparece em vídeo para seus seguidores.

Parece que a esquerda fica dando giros em falso, e a pecha da corrupção pegou forte. Avaliei que nos amarramos a Dilma e agora corremos atrás do prejuízo.

De noite, digitei meio por brincadeira “Bolsonaro” na busca de um site pornográfico e me surpreendi com 31 vídeos, uma mistura estranhíssima de mensagens e linguagens. Como que buscando uma linguagem da violência, sexo e ressentimento, achei que podia identificar elementos para uma estética do neofascismo.

Alguns vídeos eram apenas trechos de aparições do candidato em entrevistas na televisão, sem conteúdo sexual. Nessa linha, um deles era intitulado “Juíza fode vagabundo” e apresentava um trecho do recente depoimento de Lula, onde a juíza o censura por sua atitude no depoimento. Já o “Bolsonaro Homenagem 17” era apenas uma canção da campanha, com foto still do candidato e letra.

Já outros envolviam sexo, mas sem nenhuma conexão explícita com política, a despeito da promessa do título: “Fazendo um boquete antes de ir votar no Bolsonaro”, onde um pênis sem corpo era objeto de sexo oral. E outro onde um corpo feminino recebia o falo em penetração anal, onde a única aproximação com o título “Eleitor de Bolsonaro comendo o cuzinho da militante do PT - Link do Site Oficial do Aumento Peniano Aqui” era uma foto still da moça com camiseta vermelha ao início. Outro tinha o título que prometia “Chupando pau pensando no Bolsonaro - Aprenda Pegar Muita Mulher “, mas era apenas um sexo oral em pênis sem rosto – um número de telefone ao lado do aviso “Seja o rei das mulheres”.

Outro vídeo, completamente padrão em termos da filmografia comercial pornográfica, não fazia qualquer alusão ao candidato, nem no título nem nas falas ou atos – provavelmente somente no tags. Da mesma forma, um outro, “Trabalho de sexo na academia acaba em filosofia” não trazia alusão nem ao sexo nem ao candidato, mas saiu na busca; e também “Creampie na neguinha hoje”, “Amadora tem orgasmos com consolos”, “Esporrada porra branca e cremosa”, ou “borsloskow Pussy de water” e outros três de conteúdo e descrição indiferentes. O filme de animação “Tarzan” figurava inteiro, aparentemente sem nenhuma edição ou montagem. Ao postar os vídeos, as etiquetas referentes ao candidato foram adicionadas, de modo que aparecessem nas buscas com seu nome.

Já uma montagem de 10 minutos usava um filme recente do Batman: “Batsonaro - O Mito das Trevas Ressurge”, onde os rostos de Bolsonaro, Lula, Moro etc são superpostas ao rostos dos atores. Personagens incluem Marx, O Antagonista, Gazeta do Povo e o Brasil.



Vi pelo menos uma montagem com videogames, tipo GTA, onde um avatar de um homem de terno e gravata agride e realiza movimentos de penetração sexual em um outro avatar vagamente hipster, de bandana na cabeça “Bolsonaro comendo o cuzinho do Nando Moura”. Em outros vídeos de game, a simulação sexual nem existe, é só “o mito” agredindo passantes e motoristas.

A aproximação mais explícita de sexo e o bolsonarismo acontecia em vídeos como aquele que trazia um casal em pleno coito. Não se via o homem, que ordenava à mulher que submetia (era esse o caso) que pronunciasse o nome de Bolsonaro. Por cima disso, ele disse: “foda-se a esquerda, é bolsonaro, é a direita, porra!”. Outro era intitulado “Rafael anão 22”, onde figurava um homem negro anão, que era instado a pronunciar o nome do Coiso durante um ato sexual. Não se via o rosto da mulher.

Outro trazia a péssima canção “Políticos do Terceiro Mundo”, de Lorena e Rafaela, ilustrada com cenas do Congresso e STF em Brasília mixadas com cenas de sexo e masturbação, incluindo entre um homem grisalho (levemente parecido com Temer) e moça nova. Outro ainda parecia simular um assédio de um homem sobre uma mulher em local de trabalho, sem som: “Funcionaria de Guaratinguetá loja de celular”.

Talvez o mais explícito em termos de uma estética fascista e digital fossem os seguintes: “bolsonaro porra”, curtinho, apresentando apenas o ponto de vista do homem que colocou uma tira de papel sobre seu membro, escrito “#Bolsonaro 2018”. Um outro trazia a boneca Barbie e um boneco de feltro do Pica-Pau, com título em inglês. O pássaro embebedava a boneca e forçava relações sexuais, sem diálogos abertamente políticos. Mas os tags incluíam “petista sendo fudida”, “transando na escola”, “sexo na balada”, “17 neles”, “prazer na fila do supermercado alabarce”, jair messias bolsonaro”.

Mas a estética mais acabada era obtida na intervenção gráfica feita no filme “Vandaum™: Se Bolsonaro ganhar o sexo vai ser assim”, de 7 segundos. Um casal transa, mas sons de tiros e o brilho de disparos de arma de fogo acompanham o movimento de penetração do homem, como se cada estocada produzisse uma explosão. Sonhos de compensação falocêntrica, violência e sadismo, juntos em um único filme mais profissionalmente acabado.

Finalmente, a busca também trouxe o notório e suposto vídeo de Doria com suas 5

acompanhantes.

Além disso, 4 vídeos eram contra o candidato: “Como fazer Bolsonaro comparecer ao debate presidencial”, anime japonês com os rostos de Lula, Haddad e Bolsonaro toscamente colados sobre os personagens em movimento. Em outros dois vídeos, uma moça chamada Ester Tigresa diz claramente aos seus seguidores e a um homem em cujo colo senta, nua, que não transa com bolsonaristas, e só vai de 13. Em outro, um rapaz fala contra Bolsonaro a partir do ponto de vista do “trabalhador comum”, sem nenhum conteúdo sexual, comendo à mesa um feijão tropeiro.

*[Depois do segundo turno voltei a dar a mesma busca e vi dois vídeos novos: “comemorando vitória do bolsonaro pelada no carro”, onde duas mulheres expõem seus corpos nus para fora de um carro em movimento, em alguma cidade do Brasil. Outro, “Loira cavala rebola comemorando a vitória de Bolsonaro” trazia uma mulher nua, cujo rosto não vemos, dança com uma bandeira do Brasil]*

## **6 de outubro – extrema tensão, segundo ato das mulheres contra o fascismo e teatro dos secundaristas**

Hoje é é véspera da eleição, e as emoções são as mais fortes. Tem o segundo ato das mulheres contra o fascismo, e parece que vai ter segundo turno. Tenho tido muita ansiedade e comido compulsivamente. Vejo gente chorar de medo. Acompanho as notícias ao mesmo tempo que tento não acreditar em nada. Especialmente as pesquisas, é impossível ignorá-las, mas há pelo menos duas excelentes razões para não levá-las em conta: trata-se de uma indústria corrupta e inexata *[depois do segundo turno deu para ver que na verdade o resultado final foi fiel às pesquisas de grandes institutos]*. Durante os primeiros meses do governo Temer, a Datafolha espetacularmente massageou seus números para dar uma porcentagem de apoio ínfima às Diretas Já. Além disso, depois das eleições americanas, é fato que a aferição das escolhas eleitorais podem evadir os radares usuais. Bolsonaro fez uma campanha incomum, não foi a debates, usou muito a rede e não tinha tempo de televisão. Pode muito bem ser que ele esteja ainda mais na frente, ou que o voto ressentido lhe dê o primeiro turno. De qualquer forma, está claro que estamos no limiar de uma mudança muito significativa na maneira de fazer política. Mesmo que Haddad ganhe, nada voltará ser como antes. O cenário terá mudado par sempre, e a necessidade da luta só vai crescer no caso de

Vamos precisar, em qualquer resultado eleitoral, uma nova qualidade de engajamento.

Saí às 16:30h da estação Brigadeiro do metrô para o Segundo Ato das Mulheres Contra o Fascismo. A chamada foi menos massiva do que no sábado passado, não está claro se vai encher. Ali não tinha ninguém além de 10 PMs na esquina. Segui um rapaz que vestia uma saia preta que caminhava na direção do MASP. A avenida estava fechada desde a Campinas, provavelmente até a Augusta.

Logo notei muita bandeira da campanha de Ciro Gomes. Seus militantes estão apostando tudo numa virada de última hora, como depositário dos votos antipetistas que não toleram Bolsonaro. Vi 3 viaturas da polícia. A seguir, vi uns 20 jovens com instrumentos de percussão no meio da rua. Mas eles não tocavam um batoque, ao contrário, eles posavam congelados no asfalto. Já os tinha visto antes. Parecem ser de uma ONG ambientalista, com mensagem anti crueldade contra os animais. Faziam certa presença, o povo parava para ver.

Notei que o formato do ato era mais “nova esquerda”, sem carro de som ou palco central, mais disperso e cheio de rodas. Muitas faixas e cartazes com “Ele não!”, algum “Lula Livre”, bandeiras do PSTU, umas duas do Brasil e outra LGBTQ, e ainda outra do CSP-CONLUTAS – e uma nova, a do GOI, o Grupo Operário Internacionalista.

Não estava super cheio ainda e dei um giro, agora já no MASP. O clima era sóbrio mas não triste. A maioria de mulheres, mas um pouco menos amplo e capilar que o sábado passado na Batata. Como a chamada fora menos massiva, eu não esperava muito mais do que tínhamos, mas a ansiedade do momento tinha considerado que as mulheres tivessem, a partir da semana que passou, detonado um movimento suprapartidário de resistência com reflexos na votação. Mas, talvez até como reflexo da campanha de desinformação de Bolsonaro, houve muita discussão ao redor do enorme ato das mulheres na Batata. Saiu uma pesquisa logo depois, na segunda, onde Bolsonaro teria subido na preferência feminina. Isso acendeu briga na esquerda, onde os “trabalhistas e classistas” acusavam as “identitárias” de deteriorar o voto de esquerda. Que a pesquisa fosse dúbia não se discutiu, o que foi cair na armadilha da direita, pois depois me apontaram que no final de semana o apoio de líderes evangélicos é que tinham desequilibrado a

balança.

Mas segui no giro e vi um banner de plástico da “Ação Judaica Antifascista”, trazendo o retrato de Herzog e a legenda “Herzog Vive”. Vi os cartazes “Machismo não é opinião, é preconceito”, e “Não deixe seu antipetismo eleger um fascista”. “Bala mata fome?”, “A gente quer ter voz ativa pra nosso destino mandar”, um feminista “Nós não somos moeda de troca”. Vi um adesivo do PSTU com o mote de sua campanha: “Rebelião”.

Vi o estandarte “Primavera Feminista Vive”, o do AFRONTE. Vi L e nos cumprimentamos.

A certa altura, foi feito um jogral, que incluiu o chamado “ditadura nunca mais”. Depois, às 17h, saímos em passeata, aos gritos de “Ele não, ele nunca, el jamais” e “1,2,3,4,5 mil o lugar de fascista é na puta que o pariu!”, o que indicava a presença de autonomistas na área. De fato, logo vi a Fanfarra Libertária, depois o D e seu trombone.

Encontrei J e caminhamos juntos um tempo. Ele acha que será histórico se uma pauta como a de Bolsonaro ganhar. Internacionalmente mesmo, é uma agenda radical que recoloca o jogo democrático de forma muito diferente. Falamos de Belo Horizonte em 2013. Ele revelou que o Setúbal do Itaú e o Moreira Salles estavam apoiando Haddad. Chegou B, mas logo saiu fora, perto da esquina da Augusta.

A esta altura, avalei que éramos umas 15 mil pessoas.

Vi os cartazes “Mais direitos, ele não” e “Melhor Jair exorcizando”. Vi uma bandeira do PT e mais 4 do Brasil.

Decidi adiantar-me e ir à esquina da Consolação para ver o ato de ponta a ponta. Já tinha decidido que não ia acompanhar a passeata até o centro, mas que iria assistir a peça “Quando Quebra Queima”, com secundaristas que participaram das ocupações dos anos passados.

À frente vinham os autonomistas, com a mensagem “Se fere minha existência, sou resistência”, acompanhados da fanfarra. Cantavam “Nem recatada, nem é do lar, a mulherada está na rua pra lutar!” e “Se cuida, machista, que a América Latina será toda feminista!”. Junto estavam os Corinthianos Antifascistas.

Depois passou um contingente do Mulheres CONLUTAS, com a faixa “#Ele não #Contra o machismo e a exploração”. O JUNTAS vinha em seguida, com a faixa “As mulheres vão derrotar Bolsonaro #Ele não”.

Marielle era muito lembrada em chamadas e cartazes. Vi uma faixa “UNIFESP contra o fascismo”, e outra “Contra o genocídio”. Vi os cartazes “Há opção contra o ódio. Ciro”, “O Coiso não merece o Brasil”, “As fraquejadas são a melhor resistência”, “A reforma do ensino médio significa cortes no acesso à faculdade”. Passou a faixa “Judias contra Bolsonaro”. Recebi um panfleto intitulado “Um chamado à rebelião!”.

Vi outra bandeira LGBTQ, uma anarquista vermelho e negra, e outra da “Ação Antifascista de São Paulo”.

Ao final da passeata, uns 500 jovens energéticos vinham fechando o ato com gritos de “Viravirou”. Eram moços e moças ciristas que apostavam na tal virada de seu candidato. Faziam um belo auê.

Doze viaturas da PM vinham atrás, com luzes acesas.

Saí fora e busquei o Itaú cultural para assistir a peça. Fiz a fila para obter o ingresso, muito disputados. Tinha ouvido falar muito bem da peça, com a qual estão envolvidos muitos amigos. Ele já haviam se apresentado em outros lugares, e era impossível não reparar nas contradições do lugar. O Itaú é um local organizado e vigiado, com normas de segurança e agentes destacados para zelar por sua observação. Ao final, saímos para a rua e bloqueamos a via com um jogral, e foi onde as contradições do espaço apareceram mais.

A peça em si é anárquica e uma homenagem ao indomável erotismo da juventude em rebeldia, em contraste com as figuras do segurança, do bombeiro residente e da funcionária gerente. Mas, uma vez dentro do recinto, foi muito legal se deixar inundar pelos corpos jovens se lançando no espaço e se arriscando em público. Nessa hora notei que precisava chorar, e chorei um pouco escondido.

A peça era composta de vários *sketches* criados a partir da experiência das ocupações. Tinha a maior cara de criação coletiva, não era um textão-romance, sem moral, sem resolução final. Fiquei muito tocado e achei que o formato



dramático era compatível com a experiência histórica das ocupações. Por vezes acho que esperamos demais desses jovens, que eles salvem a esquerda e façam toda a luta do futuro. Mas vai ser legal estar com eles ao lado sim.

Caminhei pela Paulista e fui para casa.

## **7 de outubro – dia da eleição**

Acordei de um sono leve induzido por dois gins e uma saideira de Seleta horas antes. Eram 8h quando saí de casa para votar e dar um giro pela cidade.

Votei sem nenhuma fila perto da Vergueiro, num bairro de classe média-média. Vi alguns casais de nisseis idosos, vista comum na região, mas nada parecido com milícias coxinhas rondando os postos de votação. Alguns amigos tinham temido coisas assim acontecendo hoje. Dentro do colégio, uma moça vestia uma camiseta preta com “Lute como uma garota”. Sorri e meneei a cabeça. Ela também. Calculei que acharia um boteco aberto para tomar um café. Achei um e assisti Chaves que passava na TV. Escrevi um pouco, lembrando do dia de ontem. Está claro hoje que, não importa o resultado de hoje, a política será diferente para sempre. Neste domingo nublado, ainda não sabemos se o desastre terá acontecido. Se veio o dilúvio e você está no futuro, lamento sua sorte. Mas hoje está em aberto e ninguém sabe. O segundo turno está empatado.

Acabo jogando um jogo meio macabro na rua, que é ficar avaliando quem na rua ou no vagão votarão em Bolsonaro. As redes estão em saturação histórica, mas as pessoas na rua estão no seu normal. Como não uso celular, caminho no branco da informação se estou na rua. A tensão é muito real. Há uma série de aspectos inéditos nessa eleição, e isso traz enorme incerteza: as redes meio cancelaram a televisão e imprensa impressa, e Bolsonaro não participou de nenhum debate e tem grande estrutura nas redes. Steve Bannon é seu consultor. Eu não achei que o atentado fora armado, mas hoje eu não sei mais.

Todas as indicações hoje é que haverá segundo turno, com Haddad e Bolsonaro. Ciro ensaia crescimento, mas é difícil que consiga. À esquerda, resta a esperança que a racionalidade falará mais alto, que quem tem dinheiro vai hesitar em apostar no aventureiro Bolsonaro, que Haddad é confiável e democrata – e honestíssimo. Mas a racionalidade iluminista não é o motor desta eleição. Bolsonaro ocupou o lugar do rebelde antissistema, e o ódio e o caos lhe ajudam. Não parece haver declaração que

seja escabrosa o suficiente para causar reação contra ele. Ontem pois o general Mourão disse que seu neto saiu bem, bonito, pois assim ia branqueando a raça. Parte da incerteza parece vir dessa saturação informacional, onde cada declaração ganha imediatamente seu contrário e seu desmentido. A campanha de Trump foi parecida. Afirmações e desmentidos se sucediam em velocidade vertiginosa. Há evidente raiva anti-institucional nas pessoas em geral. Parte é porque as instituições derreteram e, desde 2013, sabemos obsoletas. Parte é a intensa onda de criminalização do PT e da política em geral, da esquerda em geral, que foi instrumental para trazer corpos às ruas para derrubar Dilma e anular o Lula. De fato, a nossa espada de fogo, o Lula, foi enterrada na prisão e não consegue lançar sua voz no ringue, o que faria grande diferença. A seletividade contra sua atuação é muito evidente e desgasta as já desacreditadas instituições, mas está funcionando para eles. No geral a violência e arbítrio aumentaram. O Nassif fez um levantamento das ações de procuradores no Brasil no últimos 12 meses, e há notável aumento na intensidade, arbítrio e escopo da ação destes servidores. Até no bar da frente o garçom se sentiu à vontade de chutar um morador de rua que revolveia o lixo.

Ao fim do dia, fui à casa de MR para acompanhar a apuração: muita ansiedade entre os presentes, quase todos ligados à pesquisa de opinião. , mas nada além dos trackings que indicavam segundo turno. Cenários possíveis, aventados, análises. M disse que é consenso na direção do PT que Lula vai ser morto na prisão se Bolsonaro vencer. Gleisi diz que tem certeza que vai ser preso.

A ficha foi caindo com mais resultados de boca de urna estaduais. Pânico lento. Gleisi admite que o desastre aconteceu. E a primeira boca de urna indicou o pior: Suplicy fora, Dilma fora, e Witzel no Rio disparado em primeiro. Primeiro medão às 17:45h.

Boca de urna deu enorme alívio e comemoramos. Mas estava apertado. Tudo podia acontecer. Aos poucos o resultado se consolidou e acompanhamos os outros candidatos. Desastre sim, mas alguma resistência pareceu possível com bons nomes. Governo e congresso um pouco mais progressistas do que se esperava.

M confirma que parte da Cambridge Analytica trabalhava para Bolsonaro e também a associação com Steve Bannon. Ela diz que a campanha do Coiso contou com 400 mil robôs repercussores de notícias.

A tensão passou um pouco e tem luta pela frente. Saí de lá algo aliviado.

Dei uma passada na Paulista para checar se havia algo. Durante o fim do dia tinha recebido a mensagem que “Ta rolando treta No minhocão”.

Cheguei pela Casa Branca e tinha muita polícia ao lado do parque. Mas em frente ao MASP não havia ninguém celebrando. Eram 21:40h. Já na frente da FIESP tinha umas 50 pessoas em festa, meio discreta, com pixuleco. Achei muito pouco tendo em vista o feito histórico de Bolsonaro.

Tomei um ônibus e fui para casa.

## **8 de outubro – avaliações na ‘nova esquerda’**

Avaliação P:

O PSOL teve um resultado formidável em um eleição tão difícil. Para a esquerda essa foi uma eleição das mulheres, em especial das mulheres negras. Me parece que se não entendermos isso, não teremos nos dado conta do fundamental.

A direita brasileira se reconfigurou substancialmente. PSDB e MDB reduziram quase a metade as suas bancadas de deputados e o fundamentalista PSL subiu de 8 para 52 deputados se tornando a segunda maior bancada.

Acho que do ponto de vista da comunicação de conteúdos a TV ainda está mais relevante que a rede. Facebook, twitter, whatsapp e etc ainda funcionam mais como redes de reforço do que apresentam tração na conquista de votos. O horário eleitoral na TV e no rádio perdeu relevância por ter sido muito diminuído, mas a TV em si não. Entrevistas, debates e matérias jornalísticas ainda são a forma com que a grande maioria entra em contato com os conteúdos, mesmo que "se informem" pelo whatsapp. Bolsonaro sofreu um atentado que ocupou as manchetes por um período muito relevante em uma eleição tão curta. Entretanto a rede também está decidindo os rumos do país, mas em um lugar ainda pouco comentado. A análise de informação é muitas

vezes mais poderosa do que o patrocínio de conteúdos.

A privacidade é o nosso maior flanco. Com uma operação robusta de análise de big data Bolsonaro consegue criar fake news contra si próprio agradando os mais fundamentalistas, e desmentir prontamente da mesma forma. Ganha dos dois lados e vai se blindando contra o debate de ideias.

Essa guerra só pode ser vencida na rua, com o corpo. Temos que ter uma comunicação de conteúdos que mostre isso e não podemos mais negligenciar o efeito que a análise de dados tem na construção da nossa sociedade.

Vamos em frente até a vitória

Particpei hoje de uma reunião informal de avaliação da eleição, mais do lado “nova esquerda”. A avaliação geral é de que o PT não vai conseguir nem operar nem abrigar as transformações na sociedade e na esquerda que vão precisar ser acionadas para podermos avançar e sobreviver. O que é possível de ser feito? Esta é a pergunta ardente do momento.

Por um lado, o que faremos agora já é preparar as redes do próximo porvir. Há quem avalie que agora ainda nos falta metodologia de irradiação digital piramidal, eles [a direita] já estão fazendo faz tempo. Temos que ter muitos grupos, criar e difundir essa tecnologia. É possível construir o nosso lado. Eles estão adiante na organização, é verdade. Retomar canais de difusão, sair das bolhas.

Outros afirmam que não é o conteúdo que importa tanto e sim o metadado, o que você deixar passar e o que não passa no seu nóculo da rede; A avalanche informacional da direita envolve fake news e perda de parâmetros; a onda Bolsonaro em andamento é essa. Ele repisa muito a corrupção como exclusiva do PT e que vai terminar o trabalho da Lava Jato, o que vai demandar aparar certas arestas do processo judicial.

Contra isso, capitalizar outras coisas nossas, nosso repertório: o voltar a ser feliz é a melhor opção para nós; combater com amor o ódio. Atentar para a fórmula antifa de ocupar, de junho de 2013; da rede que se mobilizou na última semana da reeleição da Dilma que foi algo mais rizomático e menos partidário.

Ser capaz de intrusão no sistema, nos perfis, nos perfis dele, para anular os votos e desmobilizar seus eleitores mais indecisos para ficar em casa. Precisa de material preciso para combates nos whats. De alguma forma de redirecionar a indignação.

A direita é nova e precisamos ter várias abordagens para fazer frente: o racional, o afetivo e o religioso.

Já ganhamos a comunicação da decorrente da morte de Marielle.

Haddad apresentado como Hillary vai perder, precisa ser mais rua e nós vamos ter que mobilizar sem ele;

## **9 de outubro – miou a piada e lista de agressões**

R no Face:

- oi, você que é o Ronaldo?
- não, o Ronaldo morreu.
- nossa, do quê?
- ironia.
- qual?
- um ex ministro da educação candidato num país de iletrados fundamentalistas religiosos.
- fala a verdade.
- ele morreu de fake news.
- pára!
- tá, lembra das eleições de 2018?
- sim.
- ele morreu de desgosto.
- mas ele não viu esperança?
- ele viu dead people.
- puxa. Mas ele lutou?
- igual a todos, mas quando veio o toque de recolher perdeu uns dentes e desanimou.
- rs, agora chega de zoar, cadê a piada do post?



- num tem piada.
- poe, cara, cê tava engraçado ontem, que houve?
- andei de ônibus, ouvi cobradores doutrinando o voto glória deus, ensinando absurdos, senhoras do banco da frente glória deus, prevendo o que vai acontecer com a economia. Me senti abandonado. Não temos chance. Vamos virar o Irã.
- cara, chega, que deprê, vou tomar uma.
- vai lá.
- poe, nem uma piada.
- não tem piada.

G joga vídeo games como o GTA e diz e tem gente com carro customizado com temas do Bolsonaro. Vi um video de uma carreta oferecendo alfafa para os passantes: “quem vota em petista é burro”.

Capturei uma lista de agressões de eleitores do Bolsonaro contra adversários políticos:

.Morte, ameaças e intimidação, o discurso de Bolsonaro inflama radicais (El país): <https://goo.gl/3Ft2LH>

.Capoeirista que havia dito ter votado no PT é morto com 12 facadas por eleitor de Bolsonaro (O dia IG): <https://bit.ly/2y4nMTm>

.Professor é ameaçado de morte por eleitores de Bolsonaro (Época): <https://glo.bo/2INUOvi>

.Jornalista é agredida e ameaçada de estupro por eleitores de Bolsonaro (Correio da Bahia): <https://glo.bo/2ykZUu4>

.Eleitores de Bolsonaro postam fotos com armas nas urnas (Revista Forum): <https://bit.ly/2yqQBIY>

.Irmã de Marielle Franco é agredida verbalmente, com sua filha, por eleitores de Bolsonaro (O Globo): <https://goo.gl/T7FVmP>

.Jovem é agredido por vestir vermelho por eleitores de Bolsonaro (Revista Forum): <https://bit.ly/2C1ZEDM>

.Militante do PT é agredida por eleitor de Bolsonaro (UOL):

<https://bit.ly/2IHKViu>

.Funcionária da campanha de Boulos é ameaçada com arma por simpatizantes de Bolsonaro (O Globo): <https://glo.bo/2MAXodo>

.Cachorro é morto em carreatas por eleitores de Bolsonaro (O Povo):

<https://bit.ly/2QuTxfe>

.Pastor é expulso de igreja evangélica por rejeitar Bolsonaro (Diário do Grande ABC): <https://goo.gl/FfsnkA>

.Diante das agressões estimuladas pelo discurso de ódio que ele dissemina, Bolsonaro diz apenas não controlar apoiadores (UOL):

<https://goo.gl/tpyHR8>

Roger Waters, do antigo grupo Pink Floyd, fez menção em seus shows contra o fascismo e chegou a mencionar Bolsonaro. Em outro, evocou Marielle e o Mestre Moa. [repercutiu muito entre os rockeiros, que no geral apoiam Bolsonaro. Após o segundo turno, um juiz aceitou a denúncia de que o PT deve ser investigado por ter veiculado, através do cantor, conteúdo eleitoral “através da Lei Rouanet”.

Na escola atrás de casa, tenho notado como o nível de agressividade parece ter aumentado nas últimas semanas. Eu escuto todo o recreio e algumas aulas. “Mito, mito” e “Bolsonaro” agora são gritados com mais frequência.

Uma moradora de Porto Alegre que disse ter sido abordada e agredida por três homens por causa de uma camiseta com a frase "Ele não" que ela usava - a referência é ao movimento de mulheres contra o candidato à Presidência Jair Bolsonaro (PSL). O grupo a atingiu com socos e usou um canivete para desenhar uma suástica em sua barriga. O delegado titular da 1ª Delegacia de Porto Alegre, Paulo Jardim, diz que os autores da agressão ainda não foram identificados e o desenho não é um símbolo extremista. "Eu fui olhar o desenho que fizeram na barriga dela. É um símbolo budista, de harmonia, de amor, de paz e de fraternidade. Se tu fores pesquisar no Google, tu vai ver que existe um símbolo budista ali. Essa é a informação", afirmou em entrevista à BBC News Brasil.

Vi o cobrador do ônibus onde eu estava ver um vídeo de 10 minutos em seu iPad. Era sobre o MST e o Boulos. Era odioso. Ele ria bastante.

## ?? de outubro

*[Perdi a data deste evento, que foi um ato chamado pelos antifas, mas com ampla participação. As anotações parecem acabar de repente, devo ter perdido o resto também]*

Saí da estação Trianon-MASP para o ato antifascista. Eram 18:30h. Logo vi a faixa principal: “A eleição é uma farsa, somos ingovernáveis”. Achei que eram na maiorira jovens de 20-30 anos, talvez umas mil e quinhentas pessoas. Não havia bandeiras de partidos. Vi uma LGBT nos ombros de um manifestante.

Dei um giro e vi os cartazes “Nossa história não será por acaso”, e “Esperem sentados pela rendição”. O povo cantava “Ô Bolsonaro, vai se fuder, o meu país não precisa de você!” e “Eu beijo homem, beijo mulher, eu beijo sempre quem eu quiser!” e ainda “Boi boi boi, boi da cara preta, pega o Bolsonaro e devolve pro capeta!”.

A PM estava meio nervosa, e veio perguntar quem era o líder do ato, e foi informada que não tinha. Vi 12 soldados da PM em volta, mais uma equipe de três homens que realizava a filmagem.

O clima era mais autonomista, mas tinha também mensagens que não apareceriam juntas com eles: “Jesus é amor, ele não” e “Meu país não está à venda”, ou ainda “Voto nulo não é protesto”.

Foi enchendo até ter uns 3 mil manifestantes. No atual momento da campanha, passei a entender melhor o ponto de vista insurrecional dos Black Blocks: a política de não-enfrentamento do PT até agora produziu o pior.

Mais palavras de ordem: “1,2,3,4,5, mil, lugar de fascista é na ponta do fuzi!”, “Fascistas, racistas, não passarão!”, “Ele não, e o Doria também não!”, “São 30 anos de ditadura, e a repressão ainda continua!” e “Marielle presente!”.

Um cartaz trazia “Tire o seu ódio do caminho que eu quero passar com meu amor”. Outro “É 13, é melhor se Haddaptar”, “Ele não, Bolsonaro é arregão!” e ainda “O discurso do ódio é dar munição: quem puxa o gatilho é você”. Por último, Acredito nas flores vencendo os canhões”.

Tive de novo um pensamento macabro que era ficar pensando quem das pessoas que me cercavam que estariam vivas dentro de um anos ou dois? Tratei logo de sair dessa

zona e caminhei mais e observei.

Vi uma bandeira vermelha.

“Eu já falei, vou repetir, nessa eleição o Bolsonaro vai cair!”, “Trabalhador, pisa ligeiro, o Bolsonaro quer tomar seu 13º”, “Não acabou, TQA, EQOFDPM!”, “Ele não, ditadura nunca mais!” e “Lula, ladrão, roubou meu coração!”.

Eram 19:15h na esquina da Consolação.

## **11 de outubro**

As Forças Armadas receberam nesta semana doação de 96 blindados usados do exército dos Estados Unidos. Eles serão “modernizados e usados na defesa nacional.”

Teve um ato grande ontem: “Sem medo do fascismo”. Foi grandinho, com Boulos e Gleisi Hoffman. Não fui, mas E foi. Saiu do MASP e foi até a praça Roosevelt.

## **13 de outubro – é filho de quem o Coiso ?**

### **Buraco 11 do Diário**

**Acordei um pouco melhor e compreendi que tinha aceitado o pior. O horizonte fica um pouco mais claro e é possível assim pensar no futuro. Faz parte também não ficar antecipando cenários obsessivamente. A partir deste novo ponto de vista é possível ver a enrascada em que estamos: os diagnósticos da natureza da candidatura de Bolsonaro se multiplicam e são compartilhados a rodo, o que dá um “flooding” de informação massivo, onde todo mundo posta histericamente. Tem muito da alocação de culpa também. O PT e seus erros, não ter assumido a corrupção, o lance ousado de Lula, a falência da socialdemocracia, o “eu te disse” geral da esquerda não-petista. Enfim, leio compulsivamente inúmeros textos por dia, mas as ações concretas não são tão numerosas assim.**

Algumas vozes da direita agora falam (um pouco) contra Bolsonaro, como Miriam Leitão e o Demétrio Magnoli (este escreveu uma carta como se fosse Haddad), até o Villa tem restrições. Nenhum deles, porém, o reconhece como filho. FHC foi a Paris, Ciro se foi para a Europa após seu partido declarar “apoio crítico”. A maioria dos

partidos ou apóia Bolsonaro ou “liberou os filiados”. A imprensa em geral insiste em igualar os dois candidatos e não compra a tese do fascismo ou do perigo democrático. A Folha decidiu não chamá-lo de ]’extrema direita”. A Globo parece em dúvida, já que pode estar perdendo sua supremacia para a Record, que poderia vir a ser como a Fox News é para Trump: a única rede noticiosa com quem ele fala. Do contrário, só publica tweets.

Das reações derrotistas a pior é ficar olhando para as pessoas nas ruas e tentar saber quantas delas apostaram no meu sangue derramar. Minha mãe pôde, até os anos 80, com o Estadão, negar que houve tortura no Brasil. Ela me perguntava: “Mas onde estão os cadáveres? Onde estão os corpos? É mentira comunista”. Isso me calou por algum tempo, mas a Anistia Internacional e outros contaram sim os corpos, só que quando veio à tona, já era tempo do “perdão e esquecimento” de Tancredo Neves.

A fácil transição liberalismo-fascismo está sendo encenada hoje claramente no Brasil. O liberal não tem argumentos contra Bolsonaro, e prefere-o à socialdemocracia, que reduziu em seu antipetismo. Não é verdade que os “extremos se encontram” e que o nazismo e comunismo são parentes. O parentesco claro, hoje demonstrado vivamente, é entre liberalismo e fascismo.

Parece mais claro que o projeto é uma espécie de híperneoliberalismo, com híper-repressão e híper-exploração. O ódio ao pobre, caro ao Brasil mas componente fundamental do neoliberalismo, comporá o que pode tomar a forma de um genocídio mesmo. O Singer escreve como o programa econômico de Bolsonaro (que é bem vagamente descrito) embute uma crise institucional: as privatizações rapidamente trarão sofrimento e perdas econômicas para a população, e a queda em popularidade vai forçar uma solução de força.

Me tem vindo à cabeça que não apenas o pobre se tornou obsoleto, por causa da automação, perdendo seu papel de reserva de mão-de-obra barata que puxa o salário para baixo, mas que eu também estou perdendo minha valia na sociedade: trabalhador da indústria criativa, artista crítico, grilo falante da sociedade, tudo isso pode estar sendo fisicamente destruído. A pejetização é uma forma de genocídio.

O amigo M me tranquilizou outro dia, falando de foco, serenidade e luta. Mas, depois de uma cerveja ou duas, ele admitiu que ele também tem tido ataques de pânico. Saiu no Intercept que as dez mil notícias falsas, mais populares, que contaram com 850 mil compartilhamentos, são a favor de Bolsonaro e contra seus concorrentes.



## **14 de outubro – a direita vai ficar em casa quando a esquerda for levada aos quartéis**

Hoje teve um ato em homenagem ao capoeira Moa do Katendê, morto por um eleitor de Bolsonaro, na Praça da República. Eu não pude ir.

O Nassif aponta “uma espécie de auto-ilusão”, que acredita que depois de num breve período de caos começará o novo tempo da política, no qual tudo será zerado, a democracia voltará a se impor e haverá o início de um novo ciclo democrático.

No Estadão, eles não apenas validam o antipetismo de Bolsonaro como o valor maior que todo o resto apaga, e que de alguma forma as reformas vão passar e um programa mínimo vai passar, com ele domesticado. Mas o custo de um programa de hiperneoliberalismo e desregulamentação vai ser muito alto, e mesmo se melhorar indicadores não deve chegar no povo rápido o suficiente. Bolsonaro é fraco e provavelmente será deposto em favor de uma tutela militar mais dura ou eficiente, mais dentro da racionalidade militar e menos desregulamentadora. O Estadão deu ontem que um grupo de generais se reuniu em Brasília, em um hotel, para redigir “as diretrizes do novo governo”.

A campanha está bizarra. A polarização é grande e episódios de violência são mais de 50. Bolsonaro bomba nas redes e nas conversas, mas de outra forma não se sente a presença física no mundo, seja na forma de adesivos ou bandeiras ou de militantes e apoiadores, corpos. O espaço público normalmente estaria bombando com as mensagens rivais.

Em parte por causa da violência, hesito, como outros, em sair de casa vestindo mensagens explícitas. Essa é uma grande vantagem para Bolsonaro.

Encontrei G na padaria e ela me contou de como pessoas com quem ela convivia, em geral fora da família, vinham se envolvendo com a campanha de Bolsonaro. Contou que seu professor de Tai Chi Chuan no Parque da Aclimação tinha se convertido e buscava envolver seu pai, que agora praticava também com ela. Ela comentou que um certo livro, chamado “O Segredo Quântico”, também tinha seguidores e acabava por propiciar comunidades no whatsapp. Disse que uma amiga grega afirmou que, na Grécia, verdadeira febre ligada a isso tomava a comunidade brasileira.

A certa altura, na padaria onde estávamos, a tela de TV mostrava a apresentação de

Pablo Vittar no Faustão. O dono da padaria, atrás do balcão do caixa, gritou para seu funcionário: “Tá vendo? Essa putaria toda está sendo feita com nosso dinheiro através da Lei Rouanet!”.

Olavo de Carvalho escreveu: “Por tudo isso, é óbvio, é patente e inegável que os representantes do atual esquema de poder não podem aceitar uma derrota de maneira alguma, porque não será só uma derrota, será a sua total destruição enquanto grupos, enquanto organizações e até enquanto indivíduos. Eles não estão lutando pelo poder nem para vencer uma eleição, estão lutando pela sua sobrevivência política, social, econômica e até física.”

Caetano Velloso repudiou a mensagem publicamente.

### **15 de outubro – tensões vistas dentro da campanha Bolsonaro**

Do virtual ministro da educação de Bolsonaro: “Aquele que ameaçar agredir o professor, que dirigiu uma palavra mal dita para o professor, tem de haver repressão. Democrática”. Ainda: “É muito forte a ideia” de se fazer extensa revisão dos currículos e das bibliografias usadas nas escolas para evitar que crianças sejam expostas a “ideologias e conteúdo impróprio”.

As fake news humilham as agências supostamente reguladoras e os institutos de jornais, tamanho o seu volume e influência. Toda a pompa e voz grossa de Fux no anúncio semanas atrás de grupo para regular e rapidamente sustar as notícias falsas, inclusive com a participação de militar, agora soa vazia e pífia.

Jornal argentino publica entrevista com general brasileiro: encarregado de impor o que ele chama de “nova democracia”. Isso consistirá em um programa político ultraconservador e um programa econômico ultraliberal, com os condimentos de uma participação ativa dos militares na vida política e a missão de erradicar a esquerda que “engana a sociedade”. “Como a história do Brasil mostra, sua elite nunca se importou com a nação e só pensou em si mesma. Ficou claro para nós que os partidos do centro não se uniriam para enfrentar a esquerda. Foi certo apostar em Bolsonaro”, disse ele. “O nacionalismo econômico não é mais nosso programa, deixamos isso para o Partido dos Trabalhadores, agora é liberalismo, foi o que dissemos a Bolsonaro, queremos um país o mais livre possível, o que nos coloca radicalmente contra o que o PT diz.”

Essa posição econômica, que contradiz o poder militar tradicional neste país, é a base

do que a nova doutrina define como "nova democracia". Seus pilares são, segundo a fonte, "a luta contra a corrupção, a segurança, o ajuste fiscal, a reforma previdenciária, a melhoria dos transportes e até, porque não, também a questão das mulheres." A esquerda tem um lugar na "nova democracia" com condições. "Há uma esquerda que é boa, mesmo dentro do PT e do Partido Comunista, e que o Brasil deve aproveitar. Mas há outro que incomodou a sociedade com excessivo discurso de correção política, que buscava impor o casamento homossexual no Congresso, questões de gênero... A sociedade não quer isso. Não vamos permitir as propostas que se enganam e se disfarçam de socialismo."

Folha deu ontem: "Há sectarismo e boçalidade de todos os lados". Assim ela normaliza e legitima a extrema direita. [*Seu manual de redação proíbe associar Bolsonaro à "extrema direita"*]

Companheiros que continuam a atuar nas redes e grupos de whatsapp:

Os três dias de observação dos grupos resultaram em 3 constatações:

1 - Há pessoas que conversam nestes grupos, trocam ideias e aceitam argumentar sobre as contradições quando são apontadas de forma razoável, sem ser propaganda (quando eles não veem a pessoas como petista). A maior parte dos argumentos é tosco, simplista, construído para fundamentar a tese. Mas não são raivosos nestas condições.

2 - Qualquer peça de propaganda, claro, é logo rechaçada. E têm gente que entra no grupo pra jogar peça de propaganda da campanha de Haddad (oficial ou disfarçada). São ridicularizados. É perda de tempo. A mais ridicularizada é a que diz que Haddad é casado com a mesma mulher. (Eu também acho ridícula, pois o divórcio é legal no Brasil desde a década de 70 e isso não diz

3 - A capilarização dos grupos cresce de forma exponencial. As pessoas vão criando grupos próprios, mais pequenos, pra se relacionar com os seus. É sempre "este é o link do meu grupo".

De outro companheiro:

O STF irá decidir nesta quarta-feira os contornos do aviso prévio para os protestos sociais.

Lembrando:

- A PGR emitiu um parecer horrível defendendo que o aviso prévio deve ser expresso e formal, ou seja, não vale pela internet. E que seja informado às autoridades: data, hora, local da concentração, trajeto, objetivo do protesto, nome e endereço das lideranças
- O relator, Ministro Marco Aurélio, deu um voto ruim e extremamente superficial.

Ontem, duas notícias falsas bombaram, com milhares de compartilhamentos: a primeira foi feita pelo próprio Olavo de Carvalho em um "tweet" que dizia que no livro do Haddad de 1998 "Em defesa do socialismo" está escrito que para implementar o socialismo é necessário abolir o tabu do incesto e que Haddad prega o sexo entre pais e filhos ("kit gay é fichinha", dizia o Olavo). A segunda era uma foto (sei lá de quando) do Haddad com o Jean Willys, dizendo que ele já tinha sido anunciado como ministro da educação. Os compartilhamentos eram feitos com uma mistura de repulsa e pânico.

Pressão de militares nas redes impondo um resultado só como aceitável, o da vitória de Bolsonaro: se as pesquisas mudarem...

Vários sites de esquerda atacados. El País, Outras Palavras, o GGN sempre.

Correio do Estado (MS): Sobre o agressor de Bispo: "Utilizando perfis falsos em redes sociais na internet, Bispo foi além de prometer "uma revolução" no Brasil comandada pela facção criminosa caso Bolsonaro seja eleito. Também enviou mensagens para líderes petistas dando conselhos de como Fernando Haddad, atualmente no segundo turno da disputa contra o candidato do PSL, pode vencer o pleito."

### **16 de outubro – mais mortes pela mão de bolsonaristas**

Agressão e quase linchamento em Gurujá por bolsonaristas. Cid Gomes faz pesado ataque ao PT, em vídeo, e nega apoio a Haddad. Na França, a líder da extrema direita Ane-Marie Le Pen se distanciou de Bolsonaro, dizendo que lá os costumes são diferentes e seus programas não convergem, isto é, o capitão é muito extremista. Já o ex-chefe da KKK afirmou que ele é sim um dos seus.

A travesti [*Priscila*] foi morta a facadas no centro de São Paulo por apoiador de Bolsonaro.

Estranha polarização. Na esquerda só se fala em fascismo e no perigo, com farto material da imprensa estrangeira falando que Bolsonaro é no mínimo ditador. Relatos de violência nas ruas não fazem eco no PIG e as pessoas parece que não querem saber ou admitir que já está um banho de sangue. Tenho lido muito na imprensa e nas redes um tipo de sentença que começa assim: “o militar X cotado para o ministério Y declarou que...”.

Há uma hipóersaturação de textos de campanha e analíticos, muita opinião e alguma apontação de dedo: “unir os antipetismos contra o Lula e PT”, proposta por parte dos autonomistas par acelerar a derrocada da centro-esquerda e encheu de horror e me fez lembrar como em junho de 2013 vi coxinhas, black blocks e carecas atacando a sede da prefeitura de São Paulo. Tem fotos também. Haddad havia criticado a atuação violenta da polícia contra o MPL e em represália a tropa ficou no quartel e soltou seus provocadores e gangues. Os autonomistas participaram ao seu lado.

Vi, do ônibus na Paulista, uns 4 jovens com bandeira do Pátria Livre, que parece era o antigo MR8, fazendo campanha para o Márcio França na calçada em frente ao MASP.

### **17 de outubro – ameaça ao STF e o câncer de Bolsonaro**

Agora Cid Gomes luta para que suas imagens não sejam utilizadas por Jair Bolsonaro; ele entrou com uma representação no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) pedindo para que se proíba o uso de sua fala na propaganda do candidato de extrema direita. [Não conseguiu e as falas foram usadas].

Deputado eleito pelo PSL no Rio Grande do Norte, o general Eliéser Girão Monteiro Filho defendeu o a prisão de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) responsáveis pela libertação de políticos acusados de corrupção, como o ex-deputado José Dirceu (PT), os ex-governadores Beto Richa (PSDB) do Paraná e Goiás Marconi Perillo (PSDB). De acordo com o militar, “o impeachment de vários ministros” se insere em um “plano de moralização das instituições da República”.

Recebi hje nas redes essa informação. É difícil provar, mas parece uma hipótese razoável, e os links parecem verdadeiros, chequei alguns: Bolsonaro estaria com câncer terminal e estaria sendo mantido em sigilo. Dentre as evidências estaria um vídeo onde o candidato tinha seu abdômen abençoado por dois pastores em um palco de igreja, há uns anos atrás (o vídeo existe), o fato de seu médico chefe ser um



oncologista, questões da facada do atentado, desmaios do candidato em certas ocasiões em 2018, ausência nos debates etc. “Fontes próximas acreditam que ele não tem saúde para terminar um possível mandato.”

A campanha do candidato à Presidência Fernando Haddad (PT) pediu nesta terça-feira (16) que o Ministério Público Eleitoral investigue a visita de ontem do adversário Jair Bolsonaro (PSL) à sede do Bope, já que se trata de um equipamento público e não pode ser envolvido na campanha.

A juíza que protestou contra a fala de Toffoli sobre 1964 - “nem golpe nem revolução, um movimento”, vai ser questionada pela justiça.

Na minha bolha e cercanias, muitas pessoas reagindo mal psiquicamente à situação. Especialmente aqueles nas frentes de risco têm recebido mal as ameaças tão explícitas de Bolsonaro.

Hoje foi publicado o Decreto nº 9.527, de 15 de outubro de 2018, Uma nova agência de segurança (Força-Tarefa de Inteligência) irá “analisar e compartilhar dados e produzir relatórios de inteligência com vistas a subsidiar a elaboração de políticas públicas e a ação governamental no enfrentamento a organizações criminosas que afrontam o Estado brasileiro e as suas instituições”. Diante da perspectiva de invasões de propriedades públicas e privadas durante manifestações, as ações devem ser - tanto no campo quanto na cidade - tipificadas como terrorismo, como propõe Bolsonaro.

A decisão do Tribunal de Justiça de São Paulo de derrubar a condenação de Carlos Alberto Brilhante Ustra por comandar sessões de tortura que levaram ao assassinato do jornalista Luiz Eduardo Merlino em 1971 causou revolta entre seus familiares.

### **18 de outubro – repercussões do escândalo**

De um compa que atua nas redes: parece que a campanha de Bolsonaro sentiu o golpe da acusação e tenta fazer equivaler seu crime a um suposto símile do PT [*isto é, criar grupos de whatsapp como se fossem do PT*]:

Atenção - recebi esta mensagem hoje: Vejam o q ja ta rolando desde cedo!!

Pessoal, estão impulsionando grupos de WhatsApp com lista de pessoas que votam no Haddad como se fossem grupos do PT.

Creio que seja uma vacina contra nossa denúncia de ontem.

Começou ontem.

Os grupos tem o mesmo nome e são sequenciados.

Caso sejam incluídos em algum desses grupos, é ideal que não comentem no grupo nem saiam e levem a informação para os canais de denúncia de fakenews do PT.

Temos que tomar cuidado.

A Folha acaba de noticiar que o Whatsapp está suspendendo números ligados as agências denunciadas pela FolhaSP por dispararem mensagem em massa. [Depois o *Facebook e Twitter também cancelaram contas associadas à disseminação de notícias falsas e discurso do ódio*]

A coletiva de imprensa que seria dada hoje pela presidente de TSE, com seu general, foi adiada para domingo. O que significará isso?

Um video de Joice Hasselman afirma que há uma conspiração da esquerda em andamento, e que circula no exército e polícias. Ela nega que as violências recentes sejam de direita. Diz que um militante petista se disfarçará de bolsonarista para atacar uma figura importante da esquerda.

Pedro Serrano, advogado e professor de Direito Constitucional da PUC-SP, acredita que a criação da Força-Tarefa de Inteligência, que será comandada pelo ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), o general do Exército Sérgio Etchegoyen, tem “constitucionalidade duvidosa”. Para ele, o decreto concede aos órgãos de comando militar uma atividade que está na esfera de atuação das polícias Federal e Civil, o que é “absolutamente contrário à Constituição” brasileira.

## **19 de outubro – guerra cibernética, denúncia da Folha**

Dos companheiros atuando nas redes:

O PT não tem a menor ideia de como se faz campanha por WhatsApp. Cria canais e mais canais e sai distribuindo links. Ora, em canais não há interação, não se troca ideias, só se recebe o que o partido ou seus apoiadores desejam distribuir. Entrei uns canais de "ativismo" ontem e de ativismo não tem nada.

Se só os administradores podem postar, não passa de um canal vertical. Esse é o único ativismo que entendem, sem interação....

Igual Dilma, não sabem criar notícia para além do 'nós x eles'

Outra compa:

ontem passei o dia inteiro em grupos pró-bolsonaro no whatsapp.

é uma experiência interessante e necessária para quem desejar entender o perfil digital individual e social dessa tal nova extrema direita (insanamente anticomunista a ponto de colocar folha de sao paulo, psdb, pt, veja e globo na mesma sacola "esquerdista").

os grupos têm no máximo 200 e poucas pessoas (máximo que cabe) e em geral apenas algumas postam incessantemente como máquinas (identifiquei algumas ações automatizadas) quanto a esses não há diálogo possível, não tem nem como, não param quietos... mas há outras duas camadas, uma de pessoas que interagem de forma menos robótica e mais orgânica, e outra camada dos totalmente mudos, que imagino serem meros espectadores e talvez os potenciais possíveis indecisos que estão nos grupos.

nos que entrei, as pessoas não se conhecem e nem parecem querer se conhecer, são de vários estados e não raro os admins são de números gringos. o fluxo de mensagens é aquele, basicamente memes e mais memes contra o PT e endeusando o mito, sendo vários deles as fakenews que já vimos rolar incansavelmente (camisa da manuela, relógio do haddad, tuit do haddad elogiando maduro...). além disso, novos links/convites para entrar em outros grupos surgem a todo momento, o q demonstra a tal capilaridade da rede no watzapp e tb uma certa estratégia de manter um caos labiríntico q parece necessário para entuchar aquele monte de informação tacanha.

o fato que me sobressaiu é que precisaríamos de umas 20.000 pessoas articuladas, para de fato dar conta de povoar esses grupos bolsonaristas de maneira satisfatória, ao menos afim de levar para lá o contraditório que as bolhas, tão desejadas pela extrema direita (e que a esquerda cultivou, diferentona), esterilizam.

e enfim, não vou conseguir ir além dessa rasa análise agora, mas as fotos que acompanham esse post são exemplos de pérolas de lixo que me deparei, e ficam aqui como exemplo de uma estratégia que sinto ser eficiente: colher incongruências morais, éticas e estéticas da "boca" dos bolsonaristas dentro desses grupos, para que possamos mostrar os prints para indecisos ou bolsonaristas ainda não convictos... uma vez que Bolsonaro não sai de casa e os bolsonaristas tb não (parece que haverão atos de rua daqui 3 dias), temos que ir até a enfermaria deles, que é o whatsapp.

precisamos de muitas e muitas pessoas afins de entrar nesses grupos dispostas a apontar as incoerências, contestar as fakenews, provocar calcanhares de aquiles (edir macedo/religião e legalizar a maconha pra acabar com tráfico, são meus preferidos) pra daí colher os printscreens das pérolas de lixo que virão em resposta.

acredito que se divulgarmos esses printscreens para pessoas em dúvida sobre em quem votar, elas não quererão votar no nazionalista. ao menos tentaremos e encheremos o saco deles tb.

eis alguns links/convites que colhi a partir do momento que fui entrando nos grupos (lembre de desativar as notificações), bora comentar aqui sobre essa ideia que dei e se tiverem outras ideias tb ou outros links, falem, e tb informem em qual grupos entraram pois podemos nos encontrar lá:

### **direita bolsonaro grupo15**

<https://chat.whatsapp.com/KXlFhfumoc9702bxqXkvQ9>

### **bolsonaro brasil**

<https://chat.whatsapp.com/FLf1zCezmMj7gQGpIB8yY8>

### **direita bolsonaro grupo12**

<https://chat.whatsapp.com/JCNzq2c41yGJfIKLxyuGlu>

### **pátria amada**

<https://chat.whatsapp.com/JbnjkPn0vZD5BolQRCjWiz>

**toca dos mitos #17**

<https://chat.whatsapp.com/FpdFwx3khiNDCkqCUWB0IL>

**avancar brasil**

<https://chat.whatsapp.com/KMxlG172EJwCpPL9vaOgN7>

**somos líder**

<https://chat.whatsapp.com/JbnjkPn0vZD5BolQRCjWiz>

**a esperança é 17**

<https://chat.whatsapp.com/DrgB3uHyEUHbtQOzHl8zqC>

**sou brasileiro**

<https://chat.whatsapp.com/GGs8ZMLebc33X0g8QvLo0Z>

**direita muda brasil**

<https://chat.whatsapp.com/CFYead81wmO18sNVNfz92X>

**grupo 100% bolsonaro**

<https://chat.whatsapp.com/E64Y9XqmEY8AX5ZUEJegCt>

Ainda outra:

“Eu saí do fb ha quase um ano e dialogo desde 2015 num grupo de amigos de maioria bolsonarista - o clima é esse ai mesmo q vcs estao descrevendo... mas não tem conversa q demova por causa dessa questão da corrupção. Esse é o fulcro da decisão bolsonarista”

*[Saiu na Folha uma grave denúncia contra Bolsonaro. Ele teria pedido a empresários que pagassem pela atividade de campanha especificamente no whatsapp. Isso configuraria pelo menos dois crimes: caixa 2 e impulsionamento ilegal de conteúdo. O PT reagiu e seu candidato marcou coletiva de imprensa].* Haddad na coletiva: contra a operação de caixa 2 de Bolsonaro, na forma de empresas que pagaram sites de difamação e fake news, valores não declarados. É crime eleitoral passível de impugnação. Posição firme de Haddad: chamou a campanha de Bolsonaro



de organização criminosa, pediu monitoramento internacional, a reparação dos danos à sua própria campanha e impugnação da candidatura do oponente. [*A despeito da fúria discursiva, o TSE só vai julgar depois das eleições, e, na verdade, agora só vai julgar depois do fim do mandato de Bolsonaro*]

Revista Exame: A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) registrou mais de 120 agressões a jornalistas em contexto político partidário e eleitoral este ano. Foram 59 atentados físicos e 64 ocorrências de assédio digital, como o que agora sofre Miriam Leitão [*da campanha de Bolsonaro*].

Tweet do diretor do Datafolha: ““PESQUISAS ELEITORAIS evidenciaram a impulsão [*ilegal*] da onda nos momentos finais. RJ, MG e DF são claros exemplos. Ao se comparar as fotos das vésperas, registradas por Ibope e Datafolha, em comparação com a foto das urnas, o fenômeno é claramente explicitado.” A seguir, no tuíte, o link para a manchete da Folha desta quinta-feira: "Empresários bancam campanha contra PT pelo WhatsApp".

Temperatura política aumentou muito. O PDT vai pedir anulação da eleição. Agora é tudo ou nada, as consequências de agir ou não agir são ambas temerárias e vão provocar mobilizações e deslegitimação do pleito. O TSE até agora não falou nada, mas vai ter que se posicionar. Alguns órgãos estão dando a notícia, como a Exame e a Folha. O Estadão até agora mais reticente, “alegações” etc. Bolsonaro ainda não declarou nada enfático, só “não tenho controle”.

O crime é grave, tem prova, endereço, nomes, datas e testemunhas (do jantar onde Bolsonaro pediu a empresários o dinheiro especificamente para o whatsapp).

Barabara Gancia tuíta que a jornalista que denunciou a caixa 2 de Bolsonaro já sofre ameaças de morte: Patricia Campos Melo.

A campanha de Bolsonaro reagiu, focando no fake news e não no caixa dois. A Globo até agora não deu nenhuma notícia. São 19h, e parece que o Jornal Nacional não vai trazer nada específico. O site da Globo “retirou do ar matéria sobre Caixa 2 do Bolsonaro”. Tenho o printscreen.

Mais um site fora do ar por causa de ataques: Tijolaço

Nas redes hoje de noite: (pode ser fake):

Haverão manifestações comunistas neste final de semana. Organize seu grupo de extermínio. Estejam preparados pois o inimigo ainda que desorganizado também está preparado para derramar nosso sangue libertário.

**\*MORTE AOS COMUNISTAS DO PT\***

Por favor, eu imploro, repasse esta mensagem para todos os grupos que você possui no Whatsapp. **\*TEMOS POUCO TEMPO\***

O plano maligno da esquerda irá libertar os presos políticos e facilitar a entrada de militares VENEZUELANOS em nosso território, travando uma verdadeira batalha sangrenta com nosso exercito que **\*JÁ AFIRMOU LUTAR ATÉ A MORTE\*** pelo verdadeiro povo brasileiro e pelo nosso lider **\*BOLSONARO\***.

## **20 de outubro**

Saí da estação Consolação às 15h para o ato de Haddad. Logo na calçada encontrei um grupo de uns 30 jovens negros. Vi que eram integrantes do coro musical “Black to Black”. Talvez estivesse concentrando para caminhar até o ato. Chequei a Praça dos Ciclistas para ver o Arrastão dos Blocos, mas só tinha umas 20 pessoas lá. Fui ao MASP, onde já estava cheio, o pessoal já tentando entrar no asfalto.

Ouvi de imediato um batuque animado e o grito “Se as mulheres se juntar, o Bolsonaro vai rodar. Se as mulheres se unir, o Bolsonaro vai cair, vai cair, vai cair!”. Vi uma camiseta do Coletivo Democracia Corinthiana. Vi bandeiras do Haddad 13, Levante popular da Juventude, PCdoB, UNIAFRO, PSOL, UJS, PSTU e o estandarte do RUA, e uma bandeira do Brasil.

Tinha carro de som, que trazia a faixa “Mulheres contra Bolsonaro”. Vi cartazes como “Um professor feminista na presidência de um país não é um sonho e sim uma esperança”, “Elas sim!”, “Na rua contra o fascismo”. Vi camisetas do Lula, do Tim Maia, da Marielle. Outra trazia escrito “Mulher e feminista e anticapitalista... uma de nós”.

O ato ia enchendo e dei mais um giro. Vi a Luisa Erundina, muito festejada, foi objeto de várias selfies do povo. Presentes com suas bandeiras: Secretaria Estadual das Mulheres do PT, uma LGBT, do AFRONTE, da Juventude Sem Emdo, MRT e CUT.

As faixas: “Rebelião. Ditadura nunca mais” do PSTU, FEUSP contra o fascismo. Ele não!”, “Nas urnas e nas ruas mulheres contra o fascismo”. [PSOL@resistencia](#)” e o faixão “#Ele não #Ele nunca. Contra o machismo, LGBTfobia e racismo”. Recebi um folheto do PSTU chamando greve geral.

Calculei umas seis mil pessoas, maioria de mulheres, em dois grupões de 25-35 anos e de 50-60. O povo fechou a avenida às 15:30h, com uma batucada de lata, de mulheres, animando o asfalto.

Lembrei de A, que acha que vai virar, pois grandes figuras do PSDB têm se posicionado contra Bolsonaro. Mas não parece que furamos as bolhas em que estamos encerramos. Ainda estamos muito reativos, a pauta é deles. E os democratas de centro e centro-direita se demoram no apoio explícito contra Bolsonaro.

Mas o ambiente aqui na avenida estava bem eclético, desde o PT até autonomistas. Muitos destes estão votando pela primeira vez, cientes da gravidade do momento. Mas os atos de rua não estão decisivamente massivos. Trazemos sempre mais do que a direita, mas parece que a coisa está sendo decidida em outra dimensão. Há também o medo de sair na rua identificado, pois há essa violência bolsonarista difusa na sociedade.

Dei um giro enquanto esperava que a passeata saísse. Anotei o faixão “#Ele não. Derrotar Bolsonaro nas ruas e nas urnas. CST PSOL”. Vi o estandarte do “Liberdade e Luta” e outro com “Legalizar o aborto ADP442 JUNTAS”. Vi os cartazes “Somos fonte revolucionária”, “Ruas, vielas e roçados. Sem violência. Vota Hadda 13”, “Mais livros e menos armas, vota pela educação” e outro “Marcha Mundial das Mulheres”.

Vi as camisetas “Lula Livre”, “Lute como um garota” e “Black Panther Party for Self-Defence”. Ainda “sometimes antisocial, always antifascist”.

As faixas: “Pra derrotar Bolsonaro, o golpismo e as reformas: que a CUT convoque milhares de comitês de luta. MRT”, “SoB Socialismo ou Barbárie PSOL”.

Vi o cartaz impresso como se fosse uma placa de rua, onde se lia “Marielle Franco e Mestre Moa (Esquerda Diário)” e “Privatizar faz mal ao Brasil”. Vi as bandeiras do MST, da CTB, do Santos FC, da UBES e outra vermelha e negra, e ainda uma do GOI Grupo operário Internacionalista. O estandarte “Agora é 13 – MST”. Vi camisetas à

venda por R\$25: “Mulheres sem medo de lutar”.

Encontrei E e conversamos um pouco. Ele lê muita coisa na rede e sempre sabe da programação de resistência. Achei que ele anda meio desanimado e não se entusiasma muito com os fiapos de esperança que às vezes vislumbramos.

Vi o batuque do FAÏSCA, perto do estandarte “A felicidade é uma arma quente”, e outro “Pompéia Sem Medo Sem Vergonha”.

O povo animado cantando “Ele não, e o Doria também não!” e “Pula sai do chão quem é contra a opressão”.

Fomos à frente da passeata ainda imóvel para ver como estava. Abrindo estavam os antifas com suas bandeiras vermelho e negras, e os corinthianos com seu faixão “Coletivo Democracia Corinthiana Dr. Sócrates”. Uma moça veio perguntar primeiro se eu e E éramos estrangeiros, e depois me perguntou na lata se eu era P2, infiltrado. Ri e garanti que não, e nessa hora chegou R, que me abraçou e desfez qualquer dúvida a respeito. Não é incomum eu ser confundido com P2, o perfil deles é bem o meu: homem de 40-50 que anda meio sozinho, observando.

O ato tinha enchido mais e já pressionava as faixas da via que leva ao Paraíso. Percorri a multidão e vi as faixas “Iara Iavvelberg presente”, com sua foto, outra “Mulheres contra Bolsonaro”, “DCE Livre contra Bolsonaro”, “Herzog Vive” e aquela que abria a passeata “Parem de nos matar! Pelo fim do genocídio negro/MMNSP”. Junto a esta faixa estava o Ilu Obá, o grupo de mulheres negras, sempre muito fortes na sua presença pública.

Vi uma bandeira da Ação Antifascista, uma da UNE, uma da UMPS (União do Movimento popular da Saúde), outra do Levante Popular da Juventude, (os estandartes da UBM, um “Estudantes contra Bolsonaro”, outro “Juventude em Disparada”, uma do “Cursinho Popular Carolina de Jesus”, e ainda um da Frente Brasil popular.

Um homem vestido de terno e jeitão de pregador segurava uma constituição brasileira nas mãos e exclamava: “Conheceis a verdade, ela te libertará!”. Vi uma camisa do Juventus, uma “Antifascista sempre” e outra “CCCP”.

Notei três viaturas da P, mais duas motos, e também que o carro de sm estava mudo.

Achei bom. Vi dois helicópteros e um drone.

Vi a fotógrafa A e encontrei L. Eles estava com T e o filho. Conversamos e ele não conseguiu me animar com novidades otimistas. Falamos da necessidade de formar redes de proteção e das incertezas que um governo Bolsonaro abriria. Disse que na FAU estão se formando grupos de auto-defesa, inclusive com instrução de defesa pessoal. Está difícil enxergar uma brecha clara para a candidatura de Haddad decolar. Chegou D e conversamos também. Ele trabalha com programação e escolheu viver longe de São Paulo.

Vi os cartazes “Bolsolão não” e “Bolsonaro é a continuação da violência do governo”.

Um homem negro carregava um cartaz “Exército brasileiro não salvou o Haiti. 30 mil mortes de cólera. Bolsonaro mente”. Um senhor usava uma máscara de papel de Lula. Vi uma camisa do Palmeiras , uma camiseta com Mafalda dizendo “Ele não!”. Vi a faixa com “J! O mito virou fraude. Contra o ódio” e outra “Mulheres e o Povo no Poder. UJS”. Vi o batuque do Pão e Rosas. , a bandeira do Nossa Classe.

As mulheres do Ilú abriram a caminhada com seu batuque e avançamos em direção à FIESP, que foi muito vaiada. Já escurecendo, mais de 17h, era muito forte ser protegido pela sua música e dança. Vi o moço haitiano na frente do do cortejo do Ilú, que agora tinha parado de andar mas tocava ainda. Ele estava sozinho e dançava, meio triste mas na vibe geral. Deu vontade chorar.

Em frente a FIESP, veio chegando o Arrastão dos Blocos cercado de umas 100 pessoas. Foi um encontro legal. Na Federação, um funcionário de camiseta amarela fazia baixar as bandeiras nacionais e do estado., perto do Sapo Verde, ao som do potente batuque e dos gritos “Ele não, Bolsonaro é um fujão” e “Um, dois, Bolsonaro é caixa 2!”.

Notei nessa hora, numa banca de jornal, a capa da Veja “Os generais próximos a Bolsonaro”.

Olhei em volta e vi uma bandeira da UNEGRO, do PCB, PCdoB, da ARC, da FASP, mais três do Brasil, um estandarte “Bloco Carnavalesco João Capota na Alves”, outro “Eles Felizes de Novo”, da “Juventude Manifesta”. Vi as faixas AFRONTE o fascismo. Vote 13 pela democracia”, “Frente Autônoma Antifascista”, e outra da UJC.

Um cartaz avisava: “Não seja cúmplice da barbárie”. Vi N e nos cumprimentamos.



Uma moça que vendia bolos veio conversar, curiosa com meu caderninho. Ela disse que era poeta e que era natural do bairro de Santo Amaro, onde eu também nasci. Ela é mais Largo 13 de Maio e eu mais Borba Gato. Falamos da região e de suas transformações. Já lançou dois livros e prepara o terceiro.

Afinal seguimos pela avenida em direção à Brigadeiro Luis Antonio, agora umas 18:30h. O E saiu fora, com frio. Seguimos virando à esquerda na avenida, em direção ao centro. Logo encontrei R com suas amigas, e seguimos juntos. Conversamos um pouco, e eram pessoas que não eram todas petistas, mas que iam votar no Haddad. Tinham pouco mais de 30 anos e eram das indústrias criativas.

A esta altura achei que éramos uns 15 mil manifestantes. Vi uma figura com a camisa da CBF, uma camiseta “Sou Lula e sou PT”, “Sonhos não se prendem”, “Eu voto no Haddad, me pergunte porque” e outra com a da Frida Khalo.

Notei mais faixas: “Biodiversidade SIM. Ele não. Biologia USP”, “Escola de qualidade: futuro do Brasil”, “Nossa Raiz”, “A Zona Leste Chegou. Vota 13”, além de um faixa gigante “Ele Não!”. Vi os cartazes “Culto de Oração. MASP. O amor vence [e tinha o horário da atividade]”, “Vai se Haddaptando”, “Cientistas contra Bolsonaro”.

O povo cantava “Ô Bolsonaro, você não me engana, tem caixa 2 na sua campanha”, “Ô, o caixa 2 vazou, o caixa 2 vazôôô!” e “Vem, vem, vem pra rua vem, contra o fascismo!”, “Nem um passo atrás, ditadura nunca mais!”, e “Eu vou com ele, eu vou com ela, eu vou com Lula, Haddad e Manuela”. Vi um cartaz “Sr. Cidadão, com quantos kgs de medo se faz uma tradição?”

Tinha me adiantado ao povo para ir ao banheiro em um boteco de esquina. Tinha três homens bolsonaristas no balcão, e quando ouviram o rumor foram ver o que era, e fizeram troça do então pouca gente que vinha descendo. Mas logo depois o cortejo engrossou, e eles se calaram quando passou o Ilú e outros batuques na pegada afro.

Vi um cartaz colado no poste, comparando “Jesus diz/Bolsonaro faz”, e uma faixa das Maes de Maio. Vi o S e nos saudamos.

Chegamos ao hospital Pérola Buyington já escuro, sob a luz amarela da iluminação pública e o som das cirandas ecoando pelas ruas, e também o grito “Não acabou, tem que acabar, EQOFDPM!”.

Vi uma camiseta “Make America Gay Again”.

Chegando lá embaixo, no viaduto, olhei para trás e deu para ver como estava bonito, grandão. Pouca polícia e nenhuma tensão, sempre muito bom. Mas uma equipe da PM filmava tudo.

Eram 20h quando o povo esparramou pela Praça da Sé, lotando a escadaria e o espaço em frente. Tinha um carro de som lá, acho que da FBP. Reparei em um panão vermelho gigante, sustentado por umas 50 pessoas cujas cabeças saíam por perfurações no tecido.

Tinha muitos sem-teto no local.

Ficamos um pouco e buscamos um acerveja na Liberdade. Deposi caminhei e fui para casa.

## **21 de outubro – fake news: TSE, militares e hackers**

Apontação de dedo na esquerda:

D:

Galera que defendia o tal “congresso cidadão”, ou aqueles que estavam preocupados em discutir programa eleitoral em 2016, ao invés de lutar contra o golpe, está contente com o resultado das eleições conduzidas pelos golpistas?

V:

Galera que defendia revolução, está contente com os mais de 50% da população que votam em fascista?

Um moço no Rio agredido com barra de ferro ao panfletar para o Haddad. Moça no paraná que foi estuprada por vestir adesivos da campanha petista. Santa Cecília Sem Medo relata que policiais militares apareceram minutos antes do início de uma reunião realizada na fundcao Lauro Campos na noite desta quinta-feira (18)

Recebi nas listas, de autoria de um certo D:

Querida Rosa Weber.

Nesse momento, com uma ferramenta simples de *social listen*, conseguimos

detectar que a #NasRuascomBolsonaro está com 505.375 citações no Twitter.

Dessas 505 mil citações, quase 79% são RT's.

Deixando de lado os RTs (que também é pratica de robôs primários) fui me aprofundar nas quase 105 mil citações que não foram RT's.

Descobri que 43% dessas 105 mil citações foram feitas por tweets criados após outubro de 2018! Olha que interessante.

Uma simples ferramenta já possibilita saber que temos alguma coisa suspeita!!!

Dai se aplicamos uma outra ferramenta, que pode ser [fakers.statuspeople.com](http://fakers.statuspeople.com), por exemplo, e pegarmos para analisar os perfis que estão nesses 67% que não eram RT's e que não eram perfis criados após outubro de 2018 e olharmos aleatoriamente 200 deles, detectamos que a média de seguidores fakers identificados estão em 62%.

Fiz isso em poucos minutos. Acho que o TSE tem condições via uma ferramenta mais robusta e uma equipe técnica robusta para rapidamente trazer a verdade a tona.

Qualquer coisa estou a disposição para ajudar.

#DemocraciaSempre

O ministro do GSI (Gabinete de Segurança Institucional), Sérgio Etchegoyen, afirmou que as notícias falsas são "o menor dos problemas das eleições" e sempre existiram. Ele declarou que a desinformação é um fenômeno mundial. Ele ressaltou que o processo eleitoral ocorre sem problemas significativos em todo o Brasil e minimizou o risco de notícias falsas influenciarem o processo eleitoral.”

Hoje teve uma roda de conversa e escuta para quem está mal com o ambiente político. Foi em Pompéia mas não fui no final.

**21 de outubro – Bolsonaro (virtualmente) na Paulista**

**Buraco 12 do Diário**

**Hoje entendi que um governo autocrático de Bolsonaro ou seu**

## **substituto militar é inevitável. Aceitei o pior e me senti mais leve.**

Estive na Paulista para os atos Bolsonaro e tenho más notícias: não haverá governo Haddad em nenhuma hipótese; está tudo combinado e não vai ter virada na última semana; o Lula vai morrer na prisão; não vai ter contrapeso democrático ao poder dos militares/juízes – eles queimaram todas as pontes com o PSDB.

Vi agora a declaração do TSE e o PT não pode aceitar o fato e legitimar a fraude. Não há o que salvar, não há o que vai salvar, tipo perder de pouco. Não poderemos vencer a máquina de fake news. E o STF vai ser fechado com um cabo e um soldado!

A manifestação pela democracia ontem foi muito legal, vou escrever uma página separada. Mas já é inútil.

Não quero contaminar que está animado – ou desesperado – mas, caminhando entre as pessoas de verdeamarelo, está tudo enunciado aqui em voz alta: a supremacia militar, a prisão e assassinato políticos, cristianização da cultura brasileira, militarização da vida. Recordo-me de um documentário que assisti há muito tempo, onde se afirmava que Hitler nunca mentiu. De fato, ele avisou tudo o que ia realizar: limpar a contaminação judaica, deter o comunismo, dar glória e sangue para a Alemanha. Da mesma forma hoje e nos últimos anos, o contrato classe média/militares/policiais/juízes/jesus vem sendo celebrado em praça pública.

O TSE julga agora que pode controlar Bolsonaro com a ameaça de requestrar a acusação de crime eleitoral quando necessário. Em todos os cenários a esquerda perde. Não é premonição nem palpite. Tudo isso está enunciado às claras, em público. O contrato já foi fechado entre as partes. Continuar na disputa viciada é aceitar a matança. Estou entre aqueles que acham que o PT precisa sair da disputa e agora já se posicionar contra um Judiciário viciado.

Saí da estação Brigadeiro às 14h depois de ver gente com camisas amarelas na plataforma e gritando “Eu vim de graça!”. Logo vi um casal de jovens negros, de camisa amarela e cara pintada. Pareciam felizes e relaxados.

Logo de cara vi que tinha bastante gente e que ia encher. É sempre difícil julgar números no domingo, pois tem muito transeunte que vem apenas passear.

As mensagens eram todas parecidas: Bolsonaro presidente. Reparei que, ao lado da

camisa da CBF, a que mais era visível era a “Meu partido é o Brasil”. O rosto do candidato figurava em vários estilos gráficos. Também pixulequinhos infláveis traziam a figura do capitão.

Logo cheguei no primeira carro de som (de seis), em frente a Gazeta. Dava para ver de longe uma bandeira dos EUA e outra de Israel. A faixa no carro trazia “Ele sim, PT não”. Vi uma mulher com o cartaz “#PT Não#Ele Sim#Voto em cédula”. Um jovem trazia o cartaz “SP é meu país. MMDC.”

O carro irradiava em volume muito alto um funk da campanha de Bolsonaro: “Bolsonaro presidente, ela fica maluca!”. Achei bizarro quando vi duas loiras coxinhas dançando a melodia na rua.

No chão em frente ao carro, estavam inflando o bonecão. A figura estava de barriga para o chão, então não dava para saber que personagem estava vestindo a faixa presidencial: o coronel ou o general – como na vida real.

A locutora falava com muita energia, pedindo que as pessoas assinassem um abaixo-assinado, pois “Temer assinou um decreto que permite o TSE acionar o exército para garantir as eleições. Queremos que o exército esteja presente nas sessões eleitorais do país para evitar fraudes”. Vi uma fila de umas 50 pessoas esperando para assinar.

Segui adiante e cheguei ao carro de som seguinte, que era de relay (repassava o som de outro carro) e estava vazio. Mas trazia a identificação do VemPraRua. Em frente dele, um bololô de umas 100 pessoas: o Major Olímpio era festejado por tietes no asfalto.

Já o terceiro carro era o oficial do VemPraRua, à altura da Pamplona, ao lado da FIESP. A faixa trazia “Fora PT. PT Não”. Outra, grandona: “O Lula está preso. Babaca. Vocês vão perder”.

Nessa hora o carro irradia a todo volume aquela canção tétrica que me desgosta: “Chora petista, bolivariano, a roubalheira do PT está acabando!”. Um cartaz informava: “TSE Tudo Se Enganando= fraude”.

O locutor, muito animado, dizia “este é um momento muito especial que estamos vivendo no Brasil”. Descascou contra o PT e disse “fake news é o PT!”.

Avancei e vi um faixa no chão “Fora Sharia. Welcome not Islam”. Duas senhoras guardavam o local, uma delas de bandeira de Israel em punho.



O quarto carro de som, do Avança Brasil, estava à altura da rua Itapeva. Sua faixa trazia “#PT nunca mais#PT Não. SP é B17 e D45”. Este carro também começou a irradiar a canção odiosa. Só que agora quatro homens brancos em cima do carro faziam a coreografia da cançoneta, com o gesto do revólver bolsonaresco.

Avancei para o quinto carro de som, do MBL, junto à Casa Branca na quina do MASP. Sua faixa trazia “Bolsonaro, parabéns por unir o país”. Uma grande bandeira de Israel adornava o carro também. Ouvi o Renan Santos falar ao microfone. Ele fez muita questão de falar muito mal do PSDB. Singularizou José Serra, Geraldo Alckmin, Aécio e Fernando Henrique Cardoso para acusar de traição e de inimigos. Colocou-se como sucessor do PSDB e que agora sim o povo brasileiro estava representado: “vamos derrubar os impostores que diziam nos representar”. Demonizou muito o PT e prometeu acabar com o foro privilegiado e com o fundo partidário. Fez recordar das primeiras manifestações do MBL, “aqui mesmo na esquina, faz quatro anos, quando a Dilma ganhou as eleições na fraude”. Ao mesmo tempo, disse que “ia ter sim político falando aqui”, pois eram apoiadores do Bolsonaro.

Nessa hora reparei que muitas vuvuzelas em ação. Muita gente fazendo aquele vagido dolente típico de certa fase do futebol. A avenida toda mugia com a dita coisa.

Vi colado naqueles painéis pretos e altos, com os nomes das ruas da avenida, um cartaz que veio de ontem: “Ele não me representa”, e depois vi outro “Combato teu desejo de censura com a minha completa liberdade”. Na rua, vi um manifestante com um cartaz feito à mão: “Eu sou caixa 2”.

Renan continuava a discursar, e dizia “O PT está forte! Não podemos sair da rua, pois ele vai tentar barrar as reformas”. “Estamos comemorando o começo de outra guerra contra o PT, que vamos conduzir e vamos vencer”.

Segui para junto do sexto carro de som, junto à Peixoto Gomide, do grupo NasRuas. Tinha um telão instalado e era o mais cheio. Sua faixa trazia: “Eu apoio político honesto, e você?”. Outra faixa “Honestidade não é uma virtude, é uma obrigação”. Ao lado, um grande boneco inflável do Lula presidiário. Uma senhora idosa falava ao microfone, e era muito aplaudida. Dizia ter 83 anos e que era contra o PT. Disse que “quatro homens entraram em minha casa com revólver, fizeram meu marido ficar pelado. Isso é coisa do PT, eu não quero. Não quero ter medo, chega! Eu quero vida!”.

O locutor seguinte afirmou que no Brasil morrem 70 mil pessoas por ano e que “o Haddad ainda quer soltar presidiário”. A senhorinha completou ainda “trabalho forçado! Tem que trabalhar para ser sustentado!”. O outro completou “Esse homem fez campanha sozinho, sem dinheiro de empresário, só com o celular e com os filhos. A imprensa inverte tudo! Esse homem é do bem”.

Nessa hora notei como Bolsonaro era o grande ausente de todas as manifestações da campanha. Ele é totalmente virtual, não participou de nenhum comício, e nenhum dos carros de som era de partido.

No Conjunto Nacional nada havia. Dei um giro pela região e retornei à avenida às 16h. Segui em direção ao Paraíso a partir da Augusta.

Aumentou o número de pessoas lá, acho que chegou a 50 mil. Perto dos carros estava muito lotado, mas havia espaço entre eles. Alguém amarrou uma bandeira verdeamarela num duto de ar, e ela desfraldava bonito. Muita gente foi fazer foto e vídeo na frente.

No carro do NasRuas, Regina Duarte, “mulher que não se envolve com Lei Rouanet”, foi anunciada e muito aplaudida. Falou em seguida, ela a “verdadeira mulher brasileira”. Relatou que “o capitão me estendeu a mão e disse ‘vem!’” “Obrigado Sérgio Moro”, gritou, e depois “Viva a Polícia Militar”, a que o povo respondeu em coro “Viva a PM!” por vários segundos. Disse que Bolsonaro era um homem do bem, um soldado treinado por toda a vida para defender o Brasil.

Fiquei pensando na normalidade daquelas pessoas. A normalidade da vida geral naquele domingo, a normalidade do dia e das profissões e afazeres de todo mundo lá. Os jovens lá presentes.... Enfrentarão as exceções dos dias que virão ou ficarão na sua bolha de normalidade, evitando confrontar as mudanças que estão a operar no Brasil.

Vi menos camisas de padrão militar de camuflagem do que julgara. Desta vez não vi bandeira LGBT. Mas vi outro cartaz “Sou Caixa 2”.

Segui pelo asfalto e vi uns meninos que já tinha visto antes: três ou quatro jovens de uns 18 anos de uniforme militar, um inclusive com câmera montada no capacete, de óculos escuros, todos atrás, silentes, de uma faixa que trazia “Sou contra o aborto. Ainda bem que ele está preso em Curitiba”. Um plástico completava a cena, onde a foto

de Lula no DOPS dos anos 1980 aparecia com a legenda “O analfabeto que virou milionário”. Completando, um cartaz “Movimento Direita Piracicaba”.

No carro do MBL, os ataques a Márcio França eram pesados. “Ele não está aqui porque está no palácio do governo conspirando com o PT”. Vamos limpar o governo deste comunista. O “PSBD que saia da frente, a Direita chegou para ficar”. Reparei que o cartaz da véspera “Ele Não”, colado ao painel preto, estava grafitado com a palavra “SIM!”. Um orador de barba pediu uma salva de palmas para o Sérgio Moro e para a Polícia Militar. Disse que “a esquerda sempre entra em confronto com a PM nós não. Nós agradecemos aos heróis de farda”.

Passei pelo carro com dificuldade, havia bastante gente em volta. Do outro lado, perto da FIESP, vi um cartaz “Apoio à Lava Jato, Força Moro!”. No canteiro central, um Homem de Ferro posava com pessoas que faziam selfies. Uma mulher carregava o cartaz que pedia “FFAA fiscalizem a eleição”.

O carro seguinte tinha um orador puxando o “Lula cachaceiro, devolve meu dinheiro!”. Ao lado, uma mesa que angariava assinaturas para um “Projeto de Lei Moralista. Judiciário, Executivo, Legislativo e Ministério Público”. Um homem atrás da mesa levantou a voz com uma senhora que saía fora: “precisa da materialidade da prova! Só acusar, como a Folha faz, não pode!”. Achei que ela deve ter perguntado se o Bolsonaro não havia cometido crime eleitoral. Não fiquei.

Em frente ao carro seguinte, aquele sem ninguém mas com um som alto, havia um grupo de samba. Eram negros e negras, e cantavam animado pagode, sorrindo. Não tinham identificação, não vestiam nada remotamente verdeamarelo, mas eram tão claramente fora do lugar que temi por sua segurança. Mas estavam à vontade e cercados de umas 200 pessoas que cantavam juntas. Achei o público ali meio diferente dos manifestantes, e admirei a coragem, se eram de fato músicos dispostos a mostrar seu trabalho naquele ambiente hostil. Atrás deles, no muro, dava para ver os cartazes que já estavam lá: “A revolução não será televisionada – o golpe já é” e aquele que brinca com os nomes de mariELLE e marighELLa. Fiquei mais feliz.

Continuei e vi um homem com um cartaz “Celso Daniel estará sempre em nossos corações”. No próximo carro, uma faixa “Queremos Haddad-Dilma-Lula e todos do PT atrás das grades”. Passou um jovem, meio nerd, com uma camiseta “MPO Movimento

Pela Ordem”.

Quase na Brigadeiro, o hipnotista que eu às vezes vejo de novo estava operando seus passes para uma pequena multidão de 40 pessoas.

Recebi um panfleto que conclama a formar grupos de proteção ao governo Bolsonaro.

Aliviado com o frescor, sem mais manifestação para ver às 16h, caminhei o resto do caminho para casa.

Nas listas foi relatado que passou um vídeo de Bolsonaro no telão. Vi depois o vídeo na internet. O companheiro E me passou a transcrição:

Nós somos a maioria.

Nós somos o Brasil de verdade.

Juntos com este povo brasileiros construiremos uma nova Nação.

Não têm preço as imagens que vejo agora, da Paulista e de todo o meu querido Brasil.

Perderam ontem, perderam em 2016 e vão perder a semana que vem de novo.

Só que a faxina agora será muito mais ampla.

Essa turma, se quiser que ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós.

Ou vão pra fora ou vão pra cadeia.

Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria.

Nós acreditamos no futuro do nosso Brasil.

E juntos, em equipe, construiremos o futuro que nós merecemos.

Temos o melhor povo do mundo, a melhor terra do planeta, e vamos com essa nova classe política construir realmente aquilo que nos merecemos.

Estou aqui porque acredito em vocês, vocês estão aí porque acreditam no Brasil.

Ninguém vai sair dessa pátria, porque essa pátria é nossa.

Não é dessa gangue, que tem a bandeira vermelha e tem a cabeça lavada.

Sem indicações políticas, faremos um time de ministros que realmente atenderá às necessidades do nosso povo. Podem ter certeza. Vocês podem confiar em nós, porque nós confiamos em vocês.

O Brasil será respeitado lá fora. O Brasil não será mais motivo de chacota junto ao mundo.

Aqui não terá mais lugar para corrupção.

E, seu Lula da Silva, se você estava esperando o Haddad ser presidente pra assinar o decreto de indulto, eu vou te dizer uma coisa: você vai apodrecer na cadeia.

Brevemente você terá Lindbergh Faria pra jogar dominó no xadrez.

Aguarde. O Haddad vai chegar aí também. Mas não será pra visitá-lo, não. Será pra ficar alguns anos ao teu lado.

Já que vocês se amam tanto, vocês vão apodrecer na cadeia. Porque lugar de bandido que rouba o povo é atrás das grades.

Você achava que tava tudo dominado? Não tava não.

Esse povo sempre se levantou, nos momentos mais difíceis da nação, para, exatamente, salvá-la.

Vocês da Paulista, vocês que fazem manifestação em todo o Brasil, vocês estão salvando a nossa pátria.

Não tenho palavras para agradecê-los neste momento. Vocês estão salvando o meu, o seu, o nosso Brasil.

Petralhada, vai tudo vocês pra ponta da praia. Vocês não terão mais vez em nossa pátria porque eu vou cortar todas as mordomias de vocês. Vocês não terão mais ONGs para saciar a fome de mortadela de vocês.

Será uma limpeza nunca vista na história do Brasil.

Vagabundo vai ter que trabalhar. Vai deixar de fazer demagogia junto ao povo brasileiro.



Vocês verão as instituições sendo reconhecidas. Vocês verão umas Forças Armadas ativas, que estarão colaborando com o futuro do Brasil.

Vocês, petralhada, verão uma polícia civil e militar, com retaguarda jurídica pra fazer valer a lei no lombo de vocês.

Bandidos do MST, bandidos do MTST, as ações de vocês serão tipificadas como terrorismo. Vocês não levarão mais o terror ao campo ou a cidade. Ou vocês se enquadram e se submetem às leis ou vão fazer companhia ao cachaceiro lá em Curitiba.

Amigos de todo o Brasil, este momento não tem preço. Juntos, eu disse juntos, nos faremos um Brasil diferente. Meu muito obrigado a todos do Brasil que confiaram o seu voto em mim por ocasião do primeiro turno. Ainda não ganhamos as eleições, mas este grito em nossa garganta será posto pra fora no próximo dia 28.

Conclamamos a todos vocês que continuem mobilizados e participem ativamente por ocasião das eleições do próximo domingo, de forma democrática.

Sem mentiras, sem fake news, sem Folha de São Paulo. Nos ganharemos esta guerra. Queremos a imprensa livre, mas com responsabilidade. A Folha de São Paulo é o maior fake news do Brasil. Vocês não terão mais verba publicitária do governo. Imprensa livre, parabéns; imprensa vendida, meus pêsames.

Somos amantes da liberdade, queremos a democracia e queremos viver em paz. Nós amamos as nossas famílias, nós respeitamos as crianças, nós respeitamos todas as religiões, nós não queremos socialismo, nós queremos distância de ditaduras do mundo todo.

Amigos da Paulista e do Brasil. Meu muito obrigado a todos vocês, e vamos, juntos, trabalhar pra que no próximo domingo aquele grito que está em nossa garganta, que simboliza tudo o que nós somos, seja posto pra fora.

Brasil acima de tudo e Deus acima de todos. À vitória. Valeu. Um abraço, meu Brasil

Das listas:

prá mim isso [*o discurso de Bolsonaro*] significa o óbvio, que eles já detectaram que sargentos, tenentes e capitães, que são os estratos que foram mais expostos à campanha desde 2014, podem dar dor de cabeça. Como? Agora esses caras rifaram o comando e têm lealdade direta ao círculo de Bolsonaro. Foi isso que aconteceu com Chavez. No cálculo do comando, se ele ganha, tudo bem. Se não, fodeu. Podemos dizer que oficialmente a ditadura começou ontem.

Nesse dia recebi um panfleto na avenida:

Essa guerra é nossa!

Bolsonaro terá seu governo sabotado. Os esquerdistas são trapaceiros farão todo o tipo de conspiração e cilada para derrubar seu governo.

Somos nós que temos que garantir aquilo o que queremos, não podemos simplesmente acreditar que basta um presidente honesto, para resolver nossos problemas cabe a nós interagir com o sistema.

Será somente com a formação de grupos, táticas de apoio e prevenção, poderemos eliminar definitivamente o intento de dominação esquerdista.

Para fazer do Brasil um país próspero e feliz do Planeta.

Participe de uma reunião, de idéias, ajude, seja ativo – Ligue (11) 951.287.530  
[www.ohmen.org.br/x9998.htm](http://www.ohmen.org.br/x9998.htm)

## **22 de outubro – Doria pelado, rezando por uma virada, assassinato exemplar**

Na revista Piauí: “Mas o futuro não deve vir pela via do desenvolvimento sustentável, e sim pelas mãos de um youtuber: Jair Messias Bolsonaro. (...) O Brasil é a vanguarda de um novo modo de fazer política, da concretização de um novo programa de verdade que encerra o ciclo histórico do Iluminismo. A destruição do liberalismo global começa aqui.”

Do amigo S, advogado:

## Companheirada

Falarei um pouco mais da tragédia que se avizinha. Eu não costumo ler notícias, mas interpretá-las, e para tanto vislumbro um cenário péssimo não apenas para as esquerdas como o Gavin colocou, mas para o país de um modo geral.

Creio que o Bolsonaro é um títere do ultraliberalismo, mas que ele sequer sabe disso.

Diferentemente do discurso do Trump, que jamais ousou atacar as instituições (congresso, suprema corte e as leis propriamente ditas), o Bolsonaro e seus asseclas primam em fazê-lo, frise-se não é somente o discurso de ódio, mas os discursos contra as Instituições, que reputo ainda mais graves !!!

Em conversa com endinheirados, comerciantes e industriais, procuro saber qual a razão de apoiarem uma figura que não sabe o que fará, que não entende de coisa alguma, não possui um programa claro e nem oratória convincente, e, a resposta é que “o PT não dá mais é só roubalheira”, ainda que eu argumente e mostre publicações e textos, verifico uma total impermeabilidade e de forma rasa justificam que “estão dando um cheque em branco” e as notícias dos jornais são obra de comunistas/marxistas (desclassificam a oposição).

Tento trazê-los a razão lembrando o Collor e o PRN, mas não conseguem fazer a conexão do entusiasmo daquela época para hoje, tudo em vão. Argumentam que o mercado internacional está apoiando, que o dolar está caindo e isso será bom para a entrada de capital no Brasil.

Argumento que dar cheque em branco a quem não conhece e não tem experiência é como bêbado ir com a gatinha ao motel e acordar com um traveco, mas de nada adianta.

Desde o movimento “não é pelos 20 centavos”, o Brasil começou a ser testado pelas redes sociais, o que vem a calhar com a tese do Bannon estar por trás disso, pois o bolsonarista que se preze sofreu um autêntica lavagem cerebral.

O plano dessa turma será a última desindustrialização do Brasil. O

empresariado brasileiro, pouco competitivo internacionalmente e iludido está apoiando e acreditando que o liberalismo os livrará das amarras trabalhistas e fiscais, mas na realidade trará uma desregulamentação irrestrita do mercado, que levará a pequena e média indústria nacional ao desaparecimento. Quando coloco essa minha tese dizem que sou louco, pois é exatamente o contrário. Eu repito, que a confiança externa está calcada no extermínio das leis trabalhistas, uma previdência pífia e a derrubada das taxas de importação para os insumos (bom para a indústria nacional e melhor ainda para a internacional que aqui se instalar, até sufocar o empresariado, ocasião que e seus filhos buscarão empregos nas empresas aqui instaladas, mas com a diferença de uma legislação sem garantias trabalhistas) é o fim.

Noite dos Cristais é uma possibilidade, eu nunca vi um ódio igual destilado pelos watts de direita em relação ao Restaurante Mani, em razão da sócia e funcionários terem exibido o dedo médio em riste e inscrições “ele#não”.

Quando o pequeno e médio empresariado se tocarem que foram enrabados com cerol bem granulado, os algozes decolarão junto com o dinheiro amealhado num Hércules C47.

O STF já está tutelado, e, portanto não desagradará aos desmandos, o congresso renovado com o que há de mais reacionário terá ampla maioria quando se juntar ao centrão.

Em janeiro terá início um autêntico rolo compressor jamais visto para liquidar todas as estatais e um acelerado processo contra os caciques ainda soltos. O PSDB será a nova vítima e o Aécio será o primeiro a entrar no comboio.

Lembrem-se que eles classificam a oposição como inimigos e não adversários políticos.

É tudo muito triste, ainda mais com um respaldo das urnas.

Por último acrescento que os comícios poderiam ser embalados por Richard Wagner, bem mais audíveis com melodias mais sofisticadas que o ritmo de axé!

Hoje a notícia do fim do processo contra os 18 ativistas presos por emboscada

preparada pelo infiltrado do exército “Balta”: “Chegou ao fim o processo judicial que acusava de associação criminosa e corrupção de menores 18 jovens detidos em 4 de setembro de 2016, diante do CCSP (Centro Cultural São Paulo), antes de uma manifestação contra o presidente Michel Temer (MDB), em uma operação policial que um juiz comparou aos crimes da ditadura militar e que envolveu a participação — nunca explicada pelas autoridades — de um capitão de inteligência do Exército, atuando sob identidade falsa e com práticas recorrentes de assédio sexual.”

Facebook excluiu nesta segunda-feira, 22, uma rede de apoio ao candidato da extrema-direita, Jair Bolsonaro, formada por 68 páginas e 43 contas da rede social;

Marina declarou apoio crítico a Haddad.

O companheiro A acha que há sinais de virada, pois viu na Bahia um dos candidatos mais votados do estado, um pastor evangélico, reverter seu voto a Bolsonaro e declarar que vai votar em Haddad, e ainda pediu perdão por repassar fake news. Está muito impressionado que o Bacher, que foi diretor de banco Central de FHC, além do Jabor, declararam voto contra Bolsoanro. Disse também que o comando da PM em São Paulo desautorizou declarações de que haveria relaxamento dos procedimentos de engajamento e uso de armas de fogo por parte da PM. Eu acho que é pouco e tarde. Além disso, o coiso tem os votos do baixo clero das polícias e não vai bastar comunicado de coronel.

Viraliza em ritmo incendiário um vídeo de suposto encontro sexual entre Doria e cinco mulheres. Vi o vídeo e a identificação do ex-prefeito é no mínimo difícil. Isso não impediu a pronta repercussão do trecho, inclusive com montagens que vi onde a locução era de fala de Doria em defesa da família. Um figura que conheci hoje, porém, me garantiu que o video foi feito pela própria campanha do ex-prefeito, cuja equipe teria identificado que tinha um segmento do eleitorado que o rejeitava por ser almofadinha e efeminado... Está difícil de saber a verdade no presente ambiente. Doria respondeu com um vídeo onde fala ao lado de sua mulher, uma situação constrangedora, onde ela não está à vontade e parece péssima.

A companheira A escreveu o seguinte comentário a respeito do vídeo conhecido como “A suruba do Doria”:

Pessoal, aquilo não é suruba. Vamos chamar pelo nome certo. Trata-se de um homem branco pagando para que mulheres encenem um prazer que ele



só sente quando fala de “exterminar adversários”, reparem.

Ali não tem desejo, não tem ação, é apenas uma encenação da masculinidade impotente – como já vínhamos comentando acerca do fascismo. Os homens pagam para expropriar a sexualidade das mulheres no casamento; os homens pagam para que as mulheres encenem um resquício de desejo fora do casamento. “família tradicional brasileira” é uma mentira bem contada para que as mulheres encenem: esposas, prostitutas, as duas operárias da fábrica mais importante do capitalismo: a família heteropatriarcal. Uma oferece trabalho doméstico reprodutivo gratuito, a outra oferece ficção de uma virilidade dominante.

Reich dizia sobre o nazi-fascismo lá no final da década de 1940: “A mulher sexualmente consciente, que se afirma e é reconhecida como tal significaria o colapso completo da ideologia autoritária”.

Aquilo não é um *sex tape*, aquilo é o colapso triste e miserável da masculinidade autoritária que não sabe mais o que fazer com sua impotência e desejo de morte.

No Intercept, uma tentativa de desenhar o campo bolsonarista:

Entre os ricos e os pobres, está todo o restante da população brasileira, os *precarizados*. É aí exatamente que reside o grande imbróglio do eleitor bolsonarista, que engloba desde (A) o simpático motorista de Uber, a vendedora delicada, o porteiro prestativo, o microempresário trabalhador e a manicure festeira – todos indignados com o sistema político frouxo ou com a moral tradicional abalada e também frustrados com a própria situação – até o (B) o fanático, o agressor tomado pela fúria prestes a “se vingar” e a matar um esquerdista, uma pessoa negra, LGBT, uma feminista – os “culpados” pela deterioração do mundo.

A diferença entre A e B existe. Mas a tendência é que ela diminua conforme o cenário se radicaliza. A frustração “contra tudo que está aí”, contra essa “pouca vergonha” (sic) que contamina a política os valores morais, tende a mesclar ambos os perfis em um universo cada vez mais homogêneo. Num piscar de olhos, o grupo A, que interioriza valores das elites abastadas e culpa a “gentalha” por suas frustrações, transforma-se em B.

E, nesta quinta-feira (25), a Justiça Eleitoral determinou a remoção definitiva de uma faixa com os dizeres "Direito UFF Antifascista" da fachada da faculdade. Em nenhum dos casos, as faixas continham inscrição de partidos. Outras universidades foram invadidas por agentes federais sob diversos pretextos para intimidar e remover conteúdos que nada tinham a ver com candidaturas.

Repercutiu muito essa ação coordenada contra as universidades. Forma 17 ações policiais ordenadas por juízes eleitorais em universidades de 9 estados, proibindo até a palavra "fascismo". Por outro lado, não há nenhuma notícia sobre ação contra as empresas que ilegalmente pagaram os disparos ilegais no whatsapp. Boulos: "O Partido da Justiça entrou na coligação do PSL".

Nas listas:

A autora da reportagem, Patrícia Campos Mello, recebeu centenas de mensagens nas redes sociais das quais participa e por e-mail. [...] O WhatsApp de Patrícia foi hackeado. Na invasão, parte de suas mensagens mais recentes foi apagada e seu aparelho enviou mensagens pró-Bolsonaro para alguns dos contatos da agenda telefônica da profissional. Ela recebeu duas ligações telefônicas de número desconhecido nas quais uma voz masculina a ameaçou. As ameaças à jornalista também se alastraram por grupos de apoio ao presidenciável do PSL no WhatsApp. Foram distribuídas mensagens convocando eleitores do capitão reformado para confrontar Patrícia no endereço onde aconteceria um evento que seria moderado por ela, na próxima segunda-feira (29).

ELPAIS:

Esqueça a propaganda eleitoral tradicional na TV e no rádio. Deixe de lado também qualquer necessidade de discursos coerentes e sem contradições. Ao contrário, estimule seus aliados a levantar uma série de polêmicas apenas para que você possa em seguida desmenti-los e desempenhar o papel de apaziguador, paladino "da ordem". Na sequência, apresente mais desinformação. Repasse para dezenas de grupos fechados de Whatsapp, que espalharão para mais centenas, até que a verdade seja uma questão de ponto de vista sem nenhum lastro na realidade. Essa é a estratégia que, segundo o antropólogo Piero Leirner, professor da Universidade Federal de São Carlos e

especialista em estratégia militar, foi colocada em marcha pela campanha do presidenciável Jair Bolsonaro e pode levá-lo ao Planalto nas eleições de domingo.

Saiu na imprensa o que pode ser um aviso intimidador da direita à esquerda universitária. *[Vi a foto depois e de fato o carro está muito perto, a uns 20 metros da aula ao ar livre]*:

Um corpo foi encontrado no início da tarde desta sexta-feira (26) dentro de um carro, com marcas de tiro, em frente à Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Centro do Rio. O 5º BPM (Praça da Harmonia) e a Operação Segurança Presente confirmaram a ocorrência. “No momento em que o cadáver foi descoberto, o local estava tendo uma aula pública sobre o combate à ditadura e ao fascismo, organizada pelo Centro Acadêmico e o Diretório Central dos Estudantes da universidade”. Segundo o Centro Acadêmico da Faculdade, a vítima não era da faculdade.

## **24 de outubro – desanimei no final na Batata**

Estava perto do Largo da Batata no fim do dia e fui checar o ato de encerramento de Haddad. Fui com A e demos um giro. Já estava desanimado e fiquei mais: não estava bombando, tinha muito militante, ia chover e já a virada ainda não tinha tomado figura, a despeito do encorajamento da campanha. O cansaço e estafa de toda a luta já pegava. Talvez a imagem síntese da campanha tenha sido o desabafo de Mano Brown no comício no Rio de Janeiro, quando ele colocou que o PT iria perder pois havia perdido o contato com a quebrada. Este trecho até foi usado na campanha de Bolsonaro (assim como as falas de Cid Gomes), mas nem dá para censurar – é verdade.

Eu já temia o pior, consolando-me na ideia de que a renovação seria forçada por uma derrota – mas isso também implicaria na extinção física do PT e do petismo. Vi recentemente uma fala do Paulo Arantes, que condena o PT por ter escolhido a via do continuísmo e não a do enfrentamento.

Agora parecia ser tarde. Até anotei algumas bandeiras e faixas: PCO, CUT, CBT, MST, Unidade Classista, PSOL, APEOESP, mas logo desisti e fui embora. Fui achar um boteco, bebi e fui para casa.

## **27 de outubro – Arrastão dos Blocos varre o centro**

Hoje caminhei pela alegria e pelo destemor. Cercado de jovens e velhos, cortávamos a névoa do medo e da morbidez como um navio quebra-gelo no oceano congelado, no meio de uma cidade livre e feliz.

O curioso é que essa cidade era São Paulo, era o fim de campanha e algo tinha mudado. Fala-se muito em virada, ainda não está claro se isso é verdade ou mesmo possível. Mas o Arrastão dos Blocos em festa pelas ruas centrais da cidade desencantou o véu do negrume presente e foi possível vislumbrar futuros diferentes.

Logo de manhã vi uma chamada para uma atividade hoje: “Fumar o último beck antes da ditadura. Praça Roosevelt 23:30h”. Achei que eu também estava nesse clima [*da última vez*] e que deveria sair de casa e dar um giro pela cidade, antes do provável desastre amanhã. Reparei que estava com um medo difuso de estar na rua, crendo que de alguma forma corro perigo. Só consigo pensar terminar o Diário para este ano e me ocupo quase só disso.

Tomando café, R me falou que teve ato e passeata dos artistas ontem à noite, saindo do Teatro Municipal. Parece que foi bonito. Eu estava no A, e ele está confiante que figuras do PSDB, como Ricúpero, estão declarando apoio em Haddad e ele acha isso sintomático de uma virada empurrada pelo esclarecimento tardio de figuras democráticas. De fato as pesquisas indicam um estreitamento da vantagem de Bolsonaro. Mas eu acho que não vai dar tempo. De qualquer forma, vejo muita gente confiante ou no mínimo motivada com isso. Eu não, estou pessimista e assustado.

Chequei com E as atividades do dia, e parece que muita gente está em microações de convencimento e virada de voto pela cidade. Tinha o Festival Santa Cecília e o Arrastão dos Blocos na República.

Saí na estação Santa Cecília às 13:30h e já tinha gente no largo. Algumas barracas de quermesse e populares em geral na parte de baixo. Na parte de cima, um grupo musical de jovens se apresentava cantando “Pelos Tabelas” do Chico Buarque. Achei belo estar em Santa Cecília ao som desta canção, nesse dia de hoje. O grupo tinha um estandarte onde se ia “Não deixe seu antipetismo eleger um fascista”. Reparei em três faixas amarradas às grades da igreja: “Agradeço a graça alcançada”, para Santo Expedito e para Nossa Senhora do Carmo.

Eu e E ficamos um pouco. Encontramos B e F. Depois subimos a Fortunato para achar

um PF. No restaurante, enquanto comíamos um parmegiana desapontador, a mesa ao lado falava sobre política: um homem e três mulheres. Todos os clichês e fake news de Bolsonaro eram repetidos, mas algumas inflexões novas me chamaram a atenção. “Todos no PT são terroristas, exceto o Haddad. Ele está no lugar errado.” Reconheciam sua inteligência, e o homem disse “Se o Haddad mandasse o Lula para a puta que pariu, eu dava a ele meu voto.”

Meio perturbado, tentava ler o futuro nas mensagens das camisetas dos passantes que caminhavam rente à nossa mesa, como se fossem um telégrafo sobrenatural: “Paura” e “Merciful Fate”.

Despedi-me de E e fui dar uma volta pelo centro. Trazia um adesivo ao peito e vestia uma camiseta vermelha. Depois de passar pelo largo Santa Cecília, caminhando sozinho, passei a ter receio de usar o adesivo. Tirei e coleí num poste. Mas, depois do Arouche, entrando na República, vi um grupo de jovens que tinham uma mesa e cartazes com “Está na dúvida? Vamos conversar”. Eram os ativistas fazendo as tais microações de convencimento e virada de voto. Achei simpático e fui dar uma força. Uma moça me mostrou um jogo de cartões, onde propostas de governo estavam impressas de um lado, e do lado oposto o candidato correspondente. O jogo se desenvolvia na surpresa de ver as atribuições corretas das e propostas. Me contaram ao longo do dia que as pessoas saíram espontaneamente de casa e estavam indo aos metrô e praças, às vezes sozinhos, às vezes com material caseiro. Conversei um pouco mais e saí em direção à Praça Ramos. Uma moça me adesivou e resolvi que ficaria assim durante todo o dia. Reparei que eram quase todas mulheres nos quatro grupos de conversa que vi pelo centro. Jurei que não ia mais sentir medo naquele dia, como faziam as moças e moços. Eram 14:30h.

Passando pelo Viaduto do Chá encontrei V. Ela disse que estava panfletando ali perto. Contou que, entre os professores, “ninguém está dormindo”. Falou que a campanha de Bolsonaro envia mensagens com “gravem seus professores na sala de aula, e se eles reclamarem, espere só pela surpresinha que eles vão receber”. Segui meu caminho e fui para baixo do viaduto, de onde vinha o som de um batuque. Embaixo, umas 300 mulheres tocavam uma percussão afro. Achei que podia ser um ensaio do Ilú Obá. Fiquei um tempo, envolvido pelo som aumentado pela curva interna do Viaduto. Fiquei mais feliz e sem medo, aquela percussão fala mesmo ao coração, a mim, ali no Vale do Anhangabaú. Notei que uma freira franciscana, de hábito marrom completo, assistia o evento, meio triste.



Saí fora e fui comer um doce. Da janela da casa portuguesa, vi alguns jovens passando e panfletando, conversando e agora uma faixa e bandeira: “Vira virou!”. É curioso como Bolsonaro não tenha nenhuma presença de rua. Sua atividade é totalmente digital. No fundo, ele é um youtuber, um influenciador das redes.

Ao telefone, E chamou para a República. Segui para lá atrás de uma faixa “Vira Virou”, e na esquina da Barão um guitarrista com playback tocava o clássico do Pink Floyd “Another Brick in the Wall”. Na esquina da D. José de Barros, um homem de mochila e cabelo como o meu hostilizou um grupo de moças e moços que faziam as conversas. Um deles gritou a ele, quando se afastava: “Eu não voto em assassino!”.

O agito do Arrastão já estava em andamento quando cheguei à praça. Logo de cara ouvi que cantavam a cançoneta “Segura sua mão na minha, bora fazer juntas o que não dá para fazer sozinha”. Chorei nessa hora, de pé na calçada e caderninho na mão, pois era tudo o que eu precisava ouvir. Já tinha pelo menos 500 pessoas e o clima era de animação. Muita gente voltando de suas atividades de encontro e conversa na rua.

Achei E e demos um giro. Vi algumas bandeiras do Brasil e umas três camisas da CBF. Tinha um faixão gigante do Coletivo Democracia Corinthiana, com o rosto do Doutor Sócrates. Bandeiras LGBT, do MST, o estandarte do Bloco Água Preta. Encontramos MF e seu filho. Ela trazia um cartaz “Contra o opressor vote em professor”. Uma camiseta trazia os “homônimos” do candidato a presidente: “Andrade, Adraike, Alade, Haddad”. Algumas pessoas tinham vindo fantasiadas e sambavam no asfalto.

Saímos ao som do antigo “Ó abre alas, que eu quero passar” em direção ao Largo do Arouche. No caminho, fomos aprendendo o tema do dia: “Bota a cara na janela”, ao que o povo respondia, à maneira de um samba de roda, “Haddad e Manuela!”. “Eu com ele e vou com ela - Haddad e Manuela!”, “Eu até beijava ela - Haddad e Manuela!”. Depois o cantor chamava “Contra a brutalidade” e a resposta do povo: “Haddad, Haddad”; “Pra ter mulher no Jaburu”, “Manu, Manu”, “O povo na universidade”, “Haddad, Haddad”, “Contra todo o tabu”, “Manu, Manu”.

Palavras de ordem: “eu sou da paz, eu sou do amor, estou na rua pra votar em professor!” e “Xô sataná, ditadura nunca mais”.

Ao percorrer a rua Vieira de Carvalho, alguns moradores na janela comemoravam, mas outros não. Um homem de meia idade fazia gestos obscenos para o povo e foi muito vaiado. A maioria do povo na calçada cantava junto, mas vi mais de um homem de

cara fechada e braço cruzado.

Chegamos ao Arouche com muita energia, achei que éramos umas 2 mil pessoas. Já tinha virado carnaval e achei libertador, um verdadeiro exorcismo. Ficou claro que existir é resistir e que ser visto na rua sem medo é capital.

Notei nas janelas dos prédio à roda da praça três bandeiras do Brasil e uma do MST. Um moço, numa janela lateral que dava para o estreito espaço entre dois edifícios, abanava sua bandeira LGBT a partir do que provavelmente era seu banheiro ou lavanderia!

Demos a volta na praça e E viu suas amigas no terceiro andar de um prédio. Acenou e telefonou até que conseguiu se fazer ver na rua. Ele aproveitou e subiu. Vi o estandarte da Banda do Fuxico, do Bloco Mi Ami, Bloco dos Regos Fritos, Bloco do Pequeno Burguês – Zona Norte, uma camiseta “Volta Belchior” e um cartaz “Mantenha a Esquerda Livre”.

Nessa hora souo o hino do Arrastão, que eu acho genial: “Arrastão dos Blocos, nem um passo a trás. Folia da democracia, ditadura nunca mais!”. Cantei junto quando seguíamos pela rua do Arouche de volta à República. Fiquei mais perto do pipoqueira de som e vi o pessoal do Arrastão: C, que vestia um paletó com remendos e um chapéu de sambista onde se lia “VQQ 1981”, o Z ao microfone, o S, e a E na percussão.

Pausamos um pouco e a certa altura gritamos juntos: “Boa tarde presidente Lula!”. Era seu aniversário. Uma das falas afirmou que tinha saído a pesquisa da Vox Populi e que estava empatado! Foi difícil reprimir essa informação com a razão. A pesquisa fora encomendada pelo site 247, que é bem militante em prejuízo da formulação precisa. A Vox Populi tem um viés conhecido. Mas a informação casava tão bem com o momento, quando o dia começava a encolher e a coragem das moças e moços de sair “olho no olho” no esforço da virada, com a evidente benção dos deuses da folia, com o acerto da luta na chave momesca... Era como se o Brasil tivesse entendido nossa angústia e recompensado a ousadia.

Nessa hora o puxador cantou “O Vira” dos Secos e Molhados, com a letra reduzida a uma única palavra: “Vira!”. Nessa alegria, seguimos contornando a Praça da República. Vi o Suplicy, que caminhava conosco no passinho da marcha carnavalesca. Ele foi muito tietado e acho que não teve um momento sem o abraço e selfie das pessoas. P me achou e conversamos. Uma moça bonita com três potinhos na mão

ofereceu purpurina e saí de barba brilhando. Vi uns adesivos do França.

Subimos a Ipiranga e tomamos a Consolação. Encontrei H, F e E, com sua filha. Subimos juntos a avenida. A luz vinha baixando, fazendo contrastar a relativa escuridão da rua com o brilho do céu com suas nuvens laranja. O puxador ao microfone gritou: “Gente, olha só o céu está vermelho!”.

Passou M e conversamos um pouco. Ele estuda fluxo de redes e disse que a atividade do Facebook foi meio igual desde o primeiro turno, mas que a atividade mais intensa se dava no whatsapp, que ele não mede. Perguntei se o fechamento de páginas pelo FB e Twitter tinha afetado a campanha de Bolsonaro e ele disse que era difícil mensurar isso, mas que foram muitas páginas importantes que caíram e que deve ter feito algum estrago. Perguntei se no geral há um bom entendimento dos procedimentos de replicação e impulsionamento digitais da campanha de Bolsonaro por parte da imprensa e ele acha que sim, que tem lido bons artigos em certos sites.

Viramos à direita na rua Maria Antônia. A moça da purpurina aplicou o glitter no rosto de H, que sorria muito. O erotismo do carnaval de rua pegando a galera. Além disso, ele estava muito animado com o formato bloco como uma forma de associação e de encontro, melhor que o comício ou a mera passeata.

Paramos em frente ao prédio da USP. Fizemos muito barulho e depois rolou um jogral: “Hoje estamos aqui acreditando nas lutas de resistência de 500 anos, fazendo festa, fazendo luta, construindo comunidades, existindo, contra quem quer oprimir, expulsar e dominar a nossa gente. Mas nossa gente não se cala e não se para, não se assombra, temos coragem, temos alegria, temos a dor. É com consciência, com o povo na rua, feliz e juntos. Mais do que virar, vamos reconstruir um país, essa democracia que vai muito mal. Sabemos que nossa força ancestral vem dos batuques. Salve Mestre Moa! Salve Marielle! Vamos prosseguir a batalha até a libertação final de nosso povo, com muito amor pela democracia! Não vamos parar!”

Falou depois C e disse que “tiramos o chapéu para a geração de 68 que lutou contra o CCC e a ditadura. Axé! Axé!”.

Seguimos descendo a rua D. Veridiana e o entorno respondia de formas opostas: muita de cara fechada nas janelas, mas muita festa também, especialmente os que pareciam ser pessoas das classes populares e não da classe média alta moradora. Contei umas 5 mil pessoas na rua agora. Descemos em silêncio por causa do hospital e chegamos na

boca do Largo Santa Cecília. Estava bem cheio, e um verdadeiro congestionamento humano trancava a rua. Uma roda de percussão afro já estava lá e os sons se misturaram no ar. Eram 19:30h.

A chuva começou a cair forte e buscamos abrigo. Logo passou e íamos subir a D. Veridiana em busca de um restaurante popular quando destrancou o nó humano e novos blocos e a pipoqueira do Arrastão tomaram o largo. Seguimos com o povo, que agora saía descontrolado em direção ao Arouche.

Nessa hora abandonei toda a precaução e acreditei que tínhamos ficado o suficiente na rua e provocado a irradiação encantatória necessária para a virada. Aquele bloco, na cadência do afoxé, diminuído pela chuva mas corajoso e abertamente sendo feliz nas ruas centrais da cidade, claramente cortava todas as bolhas e vazava para todos os corações de bem do Brasil. A cantilena da pergunta e resposta nos deu espada de fogo que erguemos alto na úmida noite paulistana. Meu coração expandiu no asfalto.

“Cirandeiro, cirandeiro ó, a estrela do Haddad brilha mais do que o sol”.

Paramos em frente a uma sauna do Arouche e um moço falou ao microfone: “Uma vaia para a sauna que financiou ilegalmente as fake news do Bolsonaro!”. Vi a bola de luz na empena de um prédio: “13 Sim!”. Chamou-se a memória de Priscila, uma transexual assassinada por bolsonaristas no centro de São Paulo. Um moço negro tinha aquela placa de rua azul com “rua Marielle Franco/Mestre Moa”. Encontramos G dos ciclistas e do Arrastão. Estava eufórico e dançava muito.

Chegamos na República para o encerramento e lá ficamos um tempo mais, já escuro mas razoavelmente seco. Estava com H e saímos fora logo antes de acabar. Vimos ainda uma faixa negra, grande, que trazia “Viver é uma tarefa urgente! Treta”.

Saímos na noite, encontramos mais amigos, jantamos em Santa Cecília. As pesquisas da noite esfriaram meu entusiasmo um tanto, e a disputa não parece tão acirrada como poderia parecer. Paciência.

Tomei o metrô e fui para casa.

## **28 de outubro – chegou o dia!**

Acordei de manhã de um sonho atribulado e cheio de sonhos. Logo ouvi, ainda na cama, dois vizinhos se encontrando na rua, em frente de minha janela: “17?”. “Bolsonaro na cabeça!”. Fiquei perturbado. Li mais detalhes sobre o assassinato do

moço no Ceará, durante uma passeata do Haddad, por um bolsonarista. Mais um na lista, são três órbitos até agora.

Depois li sobre as pessoas indo votar de livro na mão, muito bonito, se “armar” de livros contra as armas. Várias fotos postadas nas redes.

Votei cedinho e vi muita gente de adesivo ou camisa do Haddad, do PT ou genérico de esquerda. Trabalhei até as 16h e fui para a casa de H acompanhar a apuração. No caminho da estação, um casal no prédio que dá para a escada tinha colocado um cartaz “Ele Não. Fascista”. Na varanda, ele mexia com plantinhas em um vaso e ela dançava com sua camiseta vermelha, onde um coração de lantejoulas brilhava na tarde cinza. Achei corajoso da parte deles, muita gente ia ver aquilo. Acenei e sorri.

Saí na estação Santa Cecília e passei no mercado. Na fila do caixa, um moço de uns 20 anos gritava “Vai votar em quem? Eu, que sou viado, vou votar no Bolsonaro!” Para a moça do caixa disse logo depois: “Eu gosto de chegar causando!”.

A apuração em si foi muito rápida, e nenhuma informação de boca de urna podia ser divulgada antes do fechamento das urnas, o que fez com que o resultado oficial fosse anunciado logo em seguida do da boca de urna. O resultado foi consistente com esta última pesquisa e as da campanha.

Lá fora, certo auê com fogos de artifício. O clima era de tristeza e desânimo: a virada de Haddad não tinha acontecido e a derrota era por margem significativa.

Saí logo às 19:15h quando já estava certo que Bolsonaro vencera e saí em direção à Paulista, para checar a comemoração. A internet noticiava algum tipo de confusão lá.

Na rua, ouvi alguns fogos e gritaria, contra e a favor do Coiso: “acabou o bolsa-família!”. Os oito moradores de rua que passei continuavam seus afazeres, completamente indiferentes aos acontecimentos eleitorais do dia. Já perto do largo, encostado à porta de um boteco aberto, um senhor meio gasto em anos gritava “Cuidado: lésbica e sapatão tá em extinção!”. Achei um mau agouro e apertei o passo.

Já nos barzinhos do Largo Santa Cecília, uns 500 jovens cantavam “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar” e o também consagrado “Aqui está, o povo sem medo, sem medo de lutar”. Tinha uma bandeira do PT, mas só ela. Não fiquei e descí para o metrô.



Na baldeação da República, ouvi um grupo de vozes jovens que gritavam “Haddad! Haddad!”. Vi que eram umas 5 moças adolescentes negras e um rapaz também novo. Não resisti e disse a eles: “Gente, vocês são lindos, mas toma cuidado! A noite é deles e vai ter muita violência. Vai ter luta, mas precisa estar vivo!”. Eles ficaram tocados e me ouviram com atenção. O moço perguntou se eu conhecia o Levante Popular da Juventude, e disse era membro. Uma das moças me abraçou dizendo “Hoje eu conheci um monte de gente linda!”. Nos despedimos e eles seguiram seu caminho, e continuaram gritando pela estação mesmo assim.

De resto, vi uma ou duas camisas amarelas, mas nenhuma comemoração ainda. Desci na estação Consolação e saí em direção ao MASP pelo acesso da avenida Consolação. No ponto de ônibus, umas 40 moças negras esperavam seu transporte, mas tinha uma briga entre elas. Na Paulista a caminho do museu, vi muitos jovens negros caminhando na minha direção, isto é, para longe do MASP. O visual deles era periférico, mas caprichado.

Depois juntei as peças e compreendi o que tinha visto. Marcaram um rolezinho antibolsonaro para o vão do MASP. Mas foram chegando os coxinhos e teve atrito entre os dois grupos. A PM entrevistou e expulsou os jovens da periferia com violência. Agora eles estavam dispersando em direção ao transporte.

Em frente ao museu tinha umas 2 mil pessoas, que depois chegou a umas 5 mil. Tinha pouco coxinha clássico, isto é, senhorinhas e senhorzinhos de 50-60, de classe média média ou alta. Achei que tinha bastante jovem, bastante “classe C”. Talvez o tumulto de mais cedo tenha inibido os idosos e famílias.

Predominava o verdeamarelo, muitas efígies do Bolsonaro, muitas camisas da CBF e outras com mensagens como “Acabou a palhaçada”, “Ju-Jitsu Tiago Silva”, aquela do caveirão-Bolsonaro, “Meu partido é o Brasil”. Vi uma bandeira de Israel e uns carecas soltavam fumaça verdeamarela. Vi pixulecos pequenos do Lula nas mãos das pessoas e à venda. Muito aparato eletrônico: celulares e smartphones.

O único carro de som (o “Gigasom”) era do Revoltados Online, que trazia um faixão “Unidos Somos Mais Fortes” e um bandeirão do Brasil. O som irradiava canções da campanha Bolsonaro. Por vezes, uns gritos: “A nossa bandeira jamais será vermelha!”.

Vi crianças gritando “Chora PT!”, para alegria orgulhosa dos pais. Andei até a FIESP onde havia um outro agito. No caminho, vi um boneco inflável que era uma mortadela.

Vi três viaturas da polícia ao lado. A Federação estava acesa com as cores nacionais em movimento, mas sem mensagem escrita. O sapo inflável repousava atrás das grades.

Na frente da estação do metrô Trianon-MASP, um carro de traseira aberta e som alto tocava um som para umas 700 pessoas em volta. Mas, a partir da Pamplona, já não havia ninguém. O carro nessa hora tocou o reggae da campanha, meio bizarro ver coxinha dançando ao som desse gênero de música. Vi um cartaz “Acabou para o PT”.

Garoava. Eu estava achado tudo meio forçado, sem alegria, no máximo meio histérico. É claro que eu estava predisposto a achar defeito, mas fiquei pensando naquela gente sem tesão, meio paralisada na ausência do líder, filmando a rua para assistir e compartilhar depois, num orgasmo truncado, gozando na miséria da esquerda mas sem conseguir exultar no futuro. Aquelas pessoas pareciam incapazes de fazer da luta alegria, de tornar a sua individualidade uma comunidade, de gozar em público ao invés de se ressentir. Aquelas pessoas, entendi, não eram a militância, não eram a “base”, eles eram a MASSA.

Era muito notável que uma vitória daquele naipe fosse acompanhada de tão pouca vibração e presença nas ruas. É a primeira vez em décadas que a extrema direita ganha uma eleição, a votação foi expressiva... Mas não tinha nenhuma liderança, ninguém da campanha, nem o candidato, MBL, VepraRua, PSL, nem mesmo uma subcelebridade ou um famoso. Como explicar isso?

O contraste com a comemoração de Lula em 2002 era gritante. Muito, mas muito mais gente, o discurso emocionado, a sensação de momento histórico... hoje havia apenas peido.

Muita gente vinha tirar selfies com os policiais da viatura nomeio da rua. Eles deixavam o povo subir nas motos, usar capacetes e abraçavam as pessoas. Um casal queria que seu filho pequeno, de uns 5 anos, tirasse uma foto com os soldados. Mas a criança se intimidou, hesitou e começou a chorar. Os pais insistiram a a foto acabou sendo feita, o guri pacificado. Eu já vi cenas semelhantes de forçação de barra por parte de pais na esquerda também, mas o choro da criança frente aos uniformes me deprimiu muito. Confirmou apenas que todo o filho é prisioneiro político.

Uns 5 meninos de 20 anos puxaram um “Viva a PM! Viva a PM!”, confirmando o contrato bolsonarismo/classe média/judiciário/polícias que deve vigorar a partir de hoje.

Vi uma sinistra figura de terno e máscara látex do presidente Trump. Ele era solicitado para fotos.

Voltei ao MASP e busquei ouvir os oradores, mas som era ruim e entendi pouco: “Bolsonaro ganhou porque o Brasil não idolatra bandido. Desde 2013 que não saímos às ruas, ativistas independentes, fizemos ações contra a ideologia comunista nas universidades”. Um orador, acho eu do Direita São Paulo, afirmou: “Nós derrubamos o PT, temos que unir o Brasil que a esquerda separou, judeus, homossexuais, muçulmanos, somos todos brasileiros”.

Vi um moço de uns 16 anos com a camiseta “Nossa geração vai mudar o Brasil”. Vi um pixulequinho na forma de um martelo, onde se lia “Congresso corrupto”. Vi uma camiseta “Direita São Paulo”.

Uma oradora no carro agora dizia que “temos que ter paciência e ajudar ele. Ele precisa de nossa compreensão, pois para tirar o lixo do PT vamos colocar todo mundo na cadeia”. “Precisamos dar uma enorme salva de palmas para a PM, viva a PM! Temos que agradecer o juiz Sergio Moro”. O povo cantava:

“Ôôô, a esquerda se ferrou!”

“Ôôô, o capitão ganhou!”

“Haddad vai embora, o Brasil não precisa de você, e leva o PT junto com você”.

Depois o carro irradiou a tétrica canção do “Chora petista, bolivariano, a roubalheira do PT está acabando...” Fico sempre muito perturbado com essa música, pois ela é bem paramilitar: celebra a violência, tipifica o inimigo com mentira (“bolivariano”), moraliza a lei etc.

Já entediado e à espera de que alguma coisa acontecesse, fui sentar na murada de trás do vão, que dá vista para o centro. Tinha umas 300 pessoas, jovens, naquele entorno. Alguns deles pareciam ser remanescentes do rolezinho que ainda buscavam sua revanche. Uma hora gritaram “Ele não!”, outra hora puseram fogo numas tábuas. Mas tudo adolescente, pequeno e meio desesperado.

Cada vez mais o ambiente ficava masculino e agressivo. Parecia que todos esperavam por algo que não acontecia, e a frustração aumentava. Certa hora, vi que um homem sem camisa e meio alterado puxava briga com um outro moço. Este evitava o confronto físico mas discutia com ele. De repente chega um outro homem de longe e

deu uma voadora no peito do homem sem camisa. Ele saiu girando pelo ar e foi tropeçar num carrinho de bebê com bebê. Aí teve gente que alucinou e teve uma briga de socos e pontapés. O homem sem camisa agora sangrava da testa mas saiu fora, atrás de um outro moço que o evitava. Segui-os pela multidão e acabou que ele foi detido pela polícia. Uma moça da Rádio Nacional foi falar com ele e disse que ele afirmara ter sido assaltado e ter seu celular furtado – estava revoltado com isso. Mais tarde, vi que ele tinha sido solto e agora puxava briga com um catador de rua.

Fiquei lá trás algum tempo ainda, e tive que ouvir as canções da campanha, incluindo o pancadão:

Dou pra CUT pão com mortadela,  
pras feminista, ração na tigela,  
as mina de direita são as top mais bela,  
enquanto que as de esquerda tem mais pelo que cadela.

Oprimido pelo ambiente e cansado agora, quase 22h, de esperar algum clímax, decidi ir embora.

Tomei o metrô e vi um grupo de uns 50 moços de classe média cantando na plataforma e no vagão. Uma senhora sentada mostrava fotos do dia para sua amiga, no aparato.

Desci mais à frente, caminhei e fui para casa e chorei.

**FIM**

**de Um Diário das Ruas 2018**  
**(até o 2º turno)**



## **Bônus**

**Todas as vinhetas de 2018!**

# Atibaia

2018



...a senhorinha em pé no banco do canteiro central, segurando um cartaz de letras purpurinadas: "A farsa se repete, Herodes, Caifás e Pilatos". Vi o curioso cartaz no formato criptografado com o desenho se misturavam para dizer que Atibaia é a terra de Farias no meio de um grupo que o tietava e fazia **SELFIES**.

...uma camiseta com o nome de Lula no verso, e notei um maluco que vestia uma máscara branca que envolvia toda a cabeça, como uma múmia ou o **HOMEM INVISÍVEL**, de Óculos Escuros. Vi um skatista. Estava nos narizdos, eu no viaduto que corre por cima dos trilhos que dá acesso à Estação Brás. Vi uma mulher falando ao telefone "bem, estamos aqui parados esperando apanhar da polícia". Muita incerteza. Avançando pelo viaduto, vi uma entrada da Estação Brás à direita. Uns 20 jovens, depois de uns minutos para tentar entrar, mas as portas foram fechadas. Havia um pequeno contingente policial perto da entrada, que não se mexeu. Fiquei um pouco por lá mas não me aventurei. Onde convergia a passeata. Muita polícia cercando. O próximo ato, dia 17, em frente à casa do Dória. Começou a lenta dispersão, grupos se formando e deixando o local. Só que a entrada para a estação estava fechada e tinha duas pessoas buscando o transporte. Fui para tentar entrar e gritei "Abriam as portas" e a tensão aumentou e chegaram 25 soldados, com escudos e tom de voz agressivo.



**PEDALADA**





# FUE V EREIRO

2018







ZUP

MARELLE FARANO  
2018





ABRIL

2018



# Maió



2018



# JUNHO

OS PETROLEIROS  
2018 Vi na internet um vídeo de

intervencionistas na Paulista, umas  
DEIXARAM A GREVE,

150 pessoas.

PT

DECLARADA ILEGAL  
No youtube tem pelo menos um canal

de caminhoneiros, dá para

acompanhar parte da movimentação.

MARIELE AINDA SEM SOLUÇÃO. A ELEIÇÃO

DOMINA A PAUTA.

TEVE O PESSOAL DO TEA

TRO E UMA MANIFESTAÇÃO FEMINISTA:

PERDI AS DUAS.

O PAPA MANDOU TERÇO DE PRES

ENTE PARA LULA. A IMPRENSA NÃO APENAS

NÃO DEU NADA DE INÍCIO CO

MO NOTICIOU DEPOIS QUE ERA UMA ARMAÇÃO

DO PT, JÁ QUE O PORTADOR DO PRESENTE

NÃO FOI RECONHECIDO COMO ÍNTIMO DE

FRANCISCO. (DEPOIS O PAPA ENVIOU BILHETE DE

PUNHO PRÓPRIO, CONFIRMANDO QUE TINHA DE

FATIGADO O PRESENTE, MAS O PIG NÃO DEU

ISSO NEM SE RETRATOU. O BOECHAY FOI

ESPECIALMENTE ESCROTO NA

DESLEGITIMAÇÃO DO PRESENTE).

A FOGO LENTO CONTINUA A MOVIMENTAÇÃO DOS

CAMINHONEIROS, OS SITES AINDA TENTANDO

EMPLACAR UMA GREVE. PODE SER

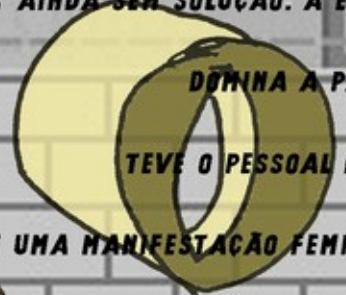
QUE ESTES SIES SEJAM DA ESTRUTURA

MOBILIZADA PELOS MILITARISTAS.

TEVE GREVE GERAL NA ARGENTINA, ISSO SIM É

OPOSIÇÃO!

REPERCUTE A MORTE DO ESTUDANTE MARCOS





# Julho

2018

**A** DIREITA ACHA TAMBÉM QUE O JUDICIÁRIO FOI DESMORALIZADO, MAS PELA "CHICANA" DO PT. NÃO É PELA NO  
DESPACHO ILEGAL DE MORO MAS MUITO DA DECISÃO COLEGIADA CONTRA A DECISÃO MONOCRÁTICA, ALÉM DE COLOCAR  
COISA COMO UM "CONFLITO DE COMPETÊNCIAS". DIREITA ACHA TAMBÉM QUE O JUDICIÁRIO FOI DESMORALIZADO  
PELA "CHICANA" DO PT. NÃO SE FALA NO DESPACHO ILEGAL DE MORO MAS MUITO DA DECISÃO COLEGIADA CONTRA  
DECISÃO MONOCRÁTICA, ALÉM DE COLOCAR A COISA COMO UM "CONFLITO DE COMPETÊNCIAS".



# Agosto

A IDEOLOGIA  
DE GÊNERO  
nas escolas  
DESTRUIRÁ  
a  
FAMÍLIA

O POVO ESTÁ  
CANSADO  
DE TOMAR  
↓

HOJE, OS DOIS

DISCURSOS QUE

Toda a campanha está meio chata,

MOBILIZAM

AS MASSAS DE ALGUMA MANEIRA SÃO

nenhuma ideia ou posição nova, fora do

O LULISMO E

cliché. Assistir aos debates é ouvir o

O BOLSONARISMO...

mesmo de sempre. Resta acompanhar as  
manobras e contramanobras jurídicas.

A UNO PASSOU UNA DECLARACION DIZENDO QUE LULA DEVE CONCURRER AS ELEIÇÕES  
POIS NÃO PERDE SEUS DIREITOS POLÍTICOS.

OGOLPENÃOVAIACEITAROPTDENOVO.TUDOINCERTO.





# Mulheres contra o coiso, o

pedalao, e um enorme alívio, mudou o clima de

apreensão que vinha dominando a esquerda. Ontem o candidato afirmou que não reconheceria resultado que não fosse sua vitória. Mas parece está em crise: a revista *Veja* divulgou um vídeo do processo que uma sua ex-



*Se fizesse minha existência, ou*

Resistência

S

ele não  
OISOU  
2018

FACADA



# O Trabalho

TEVE ELEIÇÃO

NÃO TEVE VIRADA.

TEVE VIOLÊNCIA E TEVE CAIXA 2.

2018

UMA ONDA DIFÍCIL DE SUPERAR.

OS ERROS.

